

BEATO AMADEU DA SILVA

*APOCALYPSIS NOVA* - **NOVA APOCALIPSE**

Edição crítica, fixação do texto, tradução, introdução e notas de  
Domingos Lucas Dias

DISSERTAÇÃO DE DOUTORAMENTO  
EM LITERATURA LATINA  
APRESENTADA À  
UNIVERSIDADE ABERTA

UNIVERSIDADE ABERTA  
LISBOA, 2004



## AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim, olhar para trás e dizer: obrigado, é um sentimento duplamente reconfortante. Porque o trabalho está feito, o dever está cumprido; e porque a gratidão para com aqueles que nos acompanharam na longa caminhada nos reconforta também. E foram multidão aqueles que povoaram a solidão do ir fazendo.

Ao Professor Arnaldo do Espírito Santo, amigo de tão longos anos, sábio mestre, meu paciente orientador, digo apenas: Que Deus te pague!

À minha Universidade, a Universidade Aberta, estou grato por me haver recebido num tempo em que outros se vão. Estou grato por me facilitar a aquisição da maioria das cópias dos manuscritos. Na pessoa da sua Reitora, Sr.<sup>a</sup> Professora Maria José Ferro Tavares, quero dizer-lhe: obrigado! À Professora Maria José Ferro Tavares quero dizer o tão português: Bem haja!

Obrigado também à Sr.<sup>a</sup> Professora Maria Emília Ricardo Marques por haver prontamente assumido a responsabilidade da orientação formal do meu trabalho.

E no âmbito ainda da U.A. devo lembrar as Profs. Isabel Barros Dias e Maria do Rosário Lupi Belo pela sua disponibilidade; à Mestre arquitecta Paula Coelho agradeço disponibilidade e saber nos contactos com a Itália. À Dr.<sup>a</sup> Maria Carolina e à Dr.<sup>a</sup> Paula, do Centro de Documentação, digo: obrigado pelo feito e pela disponibilidade e simpatia.

Sempre hei-de lembrar com a máxima gratidão a atenção e a disponibilidade do saudoso Prof. Sousa Costa, a quem devo atenções, conselhos e ajudas inestimáveis.

A quantos ficaram no anonimato, sobretudo os que vibraram e sofreram comigo e por mim, a esses digo: obrigado.



## ÍNDICE

Introdução	I
O Homem	VII
A OBRA	
<b>I Transmissão</b>	
Os Manuscritos	XV
A Abertura do Livro	XXVIII
<b>II Identificação</b>	
Mediador da Revelação	XXXV
História de uma deturpação	XLIV
<i>Rex liliorum</i>	XLVIII
Conteúdo da obra	LIII
Remissões internas	LXII
Fontes	LXXIII
Autores explicitamente referidos	LXXVII
Notas censórias do manuscrito <i>N</i>	LXXX
Apócrifos	LXXXIX
Legenda Aúrea	CII
Os Clássicos	CVIII
<b>II Linhas de Pensamento</b>	
Revelação	CXII
O Pastor	CXXIX
Perfil	CXXIX
Missão	CXXXIII
O Tempo	CXLI
Conclusão	CXLVI

<i>Primus Raptus</i>	1
<i>Secundus Raptus</i>	13
<i>Tertius Raptus</i>	36
<i>Quarus Raptus</i>	80
<i>Quintus Raptus</i>	142
<i>Sextus Raptus</i>	248
<i>Septimus Raptus</i>	324
<i>Octauus Raptus</i>	390
Apêndice 1	<i>i</i>
Apêndice 2	<i>x</i>
Apêndice 3	<i>xiii</i>
Bibliografia	A

## INTRODUÇÃO

A obra do Beato Amadeu é constituída por duas partes distintas, a *Apocalypsis* propriamente dita, integrada por oito *Raptus*, e os *Sermones*, divididos em *Sermones Ioannis* e *Sermones Domini*.

O presente estudo centra-se exclusivamente na primeira parte, a *Apocalypsis*.

São estes os manuscritos identificados da obra do beato Amadeu:

ARREZO - B Cívica	436	<i>A</i>	
ASSIS - B Conv. S.Franc.	190	<i>B</i>	11/08/1563
BARCELONA - BU	1818	<i>C</i>	
BOLONHA - Archiginnasio	A 155	<i>E</i>	I-VIII (incompl.)
"	A 180	<i>F</i>	I-IV
"	A 190	<i>G</i>	I-VII – 14/071550
" BU	516	<i>H</i>	
CREMONA - B Cívica	A a 2.52	<i>I</i>	08/10/1522
ESCORIAL	H.III.1	<i>J</i>	
TOLEDO - BC	13-21	<i>K</i>	
MADRID - BN	6540	<i>L</i>	I-IV
"	11248	<i>Q</i>	
MILANO - B Trivulziana	402	<i>M</i>	1512
VATICANO Barb.	Barb. lat.475	<i>N</i>	
"	Barb. lat.660	<i>O</i>	
PARIS - BN	lat.9587	<i>P</i>	
ROMA - B Vallicelliana	F.12. 1	<i>R</i>	
VATICANO	Vat. lat 3825	<i>S</i>	
"	Vat. lat. 4671	<i>T</i>	cópia de <i>M</i>
"	Vat. lat. 5680	<i>U</i>	
"	Vat. lat. 9329	<i>V</i>	

Se o número e a dispersão dos exemplares da obra podem ter algum significado, a conjugação de ambos associada à distribuição no tempo mostra, com certeza, a importância atribuída à obra e ao autor.

A acção do Beato Amadeu desenvolveu-se em Itália e particularmente na Lombardia. Fora desta região, a fundação do convento de S. Pedro *in Montorio*, em Roma, deveu-se ao facto de Amadeu ser, até ao fim da sua vida, o confessor do Papa Sisto IV. Não admira, pois, que a maioria dos manuscritos existentes se encontre em Itália, oito na Lombardia e sete em Roma.

À presença da sua obra em Paris não será estranha a admiração que o rei de França, Luís XI, nutria pelo Beato, admiração que se traduziu no encargo por ele assumido com as despesas do funeral de Amadeu.<sup>1</sup>

A significativa presença da obra em Espanha pode ter a ver com duas situações que são, também elas, testemunho da conta em que era tido o seu autor. Por um lado, a oferta da obra (original ou cópia?) do Beato Amadeu feita pelo Provincial dos amadeítas (notícia de 1513)<sup>2</sup> ao cardeal Santa Cruz, que logo a trouxe para Madrid. Por outro, a interferência dos reis católicos junto do papado para que os amadeítas fundassem conventos em Espanha é reveladora do apreço em que era tido o ramo franciscano a que o Beato Amadeu deu vida.<sup>3</sup> Acresce ainda o facto de a irmã do Beato, Santa Beatriz da Silva, gozar de grande veneração junto da rainha de Espanha, Isabel, a católica, que muito contribuiu junto de Roma para a fundação das Concepcionistas.<sup>4</sup>

Estranha é a ausência de qualquer exemplar da obra em Portugal. Sabe-se pela correspondência do P. António Vieira<sup>5</sup> que o 2º Marquês de Gouveia, João da Silva, era proprietário de um exemplar da obra do Beato Amadeu da Silva que, como se deixa ver pelo nome, se situa na linha genealógica ascendente daquele. Vieira obteve do Marquês de Gouveia, seu particular amigo, pela intermediação de D. Rodrigo de Meneses, uma cópia desta obra<sup>6</sup>. Qual o destino de um e outro exemplares? As pesquisas levadas a cabo não conduziram a resultado positivo.

A Casa de Gouveia, unida à Casa dos duques de Aveiro,<sup>7</sup> desapareceu com esta em 1759 e o seu património foi integrado no património da Casa Real.<sup>8</sup> O desenvolvimento

---

<sup>1</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 241

<sup>2</sup> Apêndice do manuscrito da Biblioteca Trivulziana de Milão, *M*, confirmada pelo apêndice do manuscrito de Barcelona, *C*.

<sup>3</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 249/50

<sup>4</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 192/93

<sup>5</sup> Ver cartas X e XVI do vol. II, pág. 26 e 38 respectivamente; *Cartas*, INCM, reimp. de 1977, coord. J.L. AZEVEDO, e Apêndice II, Carta Apologética ao Padre Jácome Iquazafigo, *Proposicion V*, do vol. III, pág. 781.

<sup>6</sup> *Catas* X, XIII, XVI do vol. II.

<sup>7</sup> “[...] O ducado de Aveiro passou para seu irmão, que chegou a inquisidor-mor do Reino. [...] Depois de novos pleitos nas diversas sucessões, foi o título atribuído, em 1752, ao marquês de Gouveia, D. José de

lógico seria que os bens culturais estivessem na Biblioteca da Ajuda. Aqui, segundo amáveis informações de uma responsável, nada existe que se relacione com a obra do Beato Amadeu. Poderiam também encontrar-se hoje na Biblioteca do Tribunal de Contas, enquanto esta Instituição é a herdeira da sua similar do tempo da monarquia. Também aí, segundo informações de responsáveis, nada existe. Hipótese última, que não deixou de ser tentada, era pensar que os duques de Portalegre, situados na linha genealógica da família Silva Meneses ou Meneses da Silva, pudessem guardar um exemplar da obra do seu ilustre antepassado. A tentativa não obteve resposta.

Foram também contactados os serviços culturais da Câmara Municipal de Gouveia e a Biblioteca Municipal de Portalegre, mas sem resultados, apesar da pronta e simpática colaboração de todos.

A cópia do P. António Vieira ficou, com toda a probabilidade, pelo Brasil. Também aí se tentou a pesquisa. Até hoje ainda nada foi encontrado.

De acordo com o apêndice do manuscrito *C*, da Biblioteca Universitária de Barcelona, poderemos falar de mais duas, senão três cópias da obra do Beato Amadeu feitas em Portugal. Também destas nada se sabe, embora se possa entrever neste mesmo apêndice o rasto de pelo menos uma.

São estes, pois, os manuscritos de que há público conhecimento. Com excepção de três, da Biblioteca Apostólica Vaticana, *lat. 3825, 4671 e 5680*, referidos pelo Prof. Sousa Costa no seu *Studio Critico*, pág. 237, os restantes encontram-se referenciados no *Hislampa*<sup>9</sup>, obra de que se partiu para a obtenção das respectivas cópias.

O trabalho de colação, por razões de disponibilidade, teve como ponto de partida o *Vat. lat. 9329*, identificado pela letra *V*, a que faltam os *Sermones*. Seguiu-se o *9587* de *PBN*, identificado como *P*; o *402* da Trivulziana de Milão, designado *M*; os *Barbanti lat. 475 e 660*, designados respectivamente *N* e *O*; da BN Madrid, o *6540*, incompleto, e

---

Mascarenhas, seu 8º duque, que veio a ser o último. Com efeito, preso sob acusação de ter participado no atentado contra o rei D. José I, em 1758, foi executado a 13.6.1759; o título foi extinto.”

JORGE DE MACEDO, *Enciclopédia Verbo*, s.u. Aveiro (Duques de).

<sup>8</sup> O duque de Aveiro, condenado ao suplício, foi desnaturalizado, exautorado das honras e privilégios de português, vassalo e criado do Paço ... As armas da sua casa seriam picadas onde estivessem, as suas casas foram demolidas e arrasadas e os seus bens reverteram para a coroa.

M. E. CORDEIRO FERREIRA, *Dicionário de História de Portugal*, Dir. J. Serrão, vol. IV, s.u. Távora.

<sup>9</sup> DIAS Y DIAS et alii

o 11248, designados *L* e *Q*; do Escorial, o *H.III.1*, designado *J*; da Biblioteca Cívica de Cremona, o *A a 2.52*, designado *I*.

Todos estes foram exhaustivamente tratados. E se o tratamento de *VPMLQ* obedeceu à ordem de aquisição das respectivas cópias, *IJNO* foram objecto de escolha pessoal baseada na garantia que o aparato crítico pode dar.

Os restantes, cuja presença está assinalada, com excepção de *STU*, foram trabalhados mais ou menos extensamente, em função da necessidade de aclaramento de eventuais dificuldades ou na medida em que se tornava necessário fundamentar a presunção de que um texto estava conforme com o modelo já definido. Foi excepção o *Raptus V*, em relação ao qual foram trabalhados, exhaustivamente também, *EGHR*.

Lamentavelmente as cópias *E*, *F* e *G*, de Bolonha-Archiginasio, e a de Madrid, *L*, estão incompletas. De *F* e de *L* restam apenas os 4 primeiros *Raptus*. O texto é interrompido pela ausência dos fólhos de continuação.

*E* apresenta-se constituído apenas pela primeira parte, os *Raptus*. No seu interior, os fólhos compreendidos entre o 16<sup>r</sup> e o 32<sup>v</sup> estão em branco. O texto é interrompido a meio do *VIII Raptus*.

*G* é constituído pelos sete primeiros *Raptus* apenas e, tanto quanto pode avaliar-se, por decisão explícita de quem o copiou. É o único que abre com a formula: *Incipit*, seguida da data: “die 28 + Maii 1550”, sendo o seu *explicit* constituído pelas iniciais do copista *FMP* – “scribebat”, e a palavra *Finis* seguida da data: “die 14 de Iulii 1550”. Sem razão aparente, o texto interrompe-se no início de um fólho do *V Raptus*, ficando em branco os três fólhos seguintes.

*V* é constituído pelos *Raptus* e, aparentemente, nada faz supor que tenha havido extravio da segunda parte.

A situação dos três manuscritos do grupo *STU* é diferente.

Tudo leva a crer que originalmente *S* estivesse completo. O *VIII Raptus* termina-se a dois terços do fólho que hoje é o último, desta maneira: “Finis omnium raptuum”. “Incipiunt speciales reuelationes que non sunt facte in rota, sed priuatim ab angelo Gabriele”. E, no lugar próprio, está o reclamo “Si homines”, que é o início do texto de *Sermones*.

*T* conserva a integralidade.

*U* termina no seu fólio 107r, que corresponde ao final do fólio 75 de *V*, registado no texto impresso que se segue, e que corresponde ao início do *V Raptus*.

Os restantes são constituídos pelas duas partes: *Raptus* de *I* a *VIII*, e *Sermones Ioannis* e *Sermones Domini*.

No *V Raptus* discute-se, entre outras, a heresia de Apolinar<sup>10</sup>, ou seja, a questão da existência da alma humana criada em Cristo, e a actividade de Jesus entre os doze e os trinta anos. Em ambas as situações o autor expõe primeiro a teoria que quer combater e, de seguida, os seus argumentos. Relativamente à primeira questão, expõe a teoria herética de tal forma que, numa primeira leitura, parece pugnar pela sua defesa. Na tentativa provável de livrar a obra do que se terá julgado erro, optaram alguns copistas por suprimir essa passagem. E são sete os manuscritos onde ela falta: *BGIPRSV*. A segunda questão, provavelmente menos teológica, é excluída por apenas quatro deles: *IRTV*. Ultrapassam a dificuldade, resumindo numa frase a posição objecto de crítica.

*H* teve alguma dificuldade em optar. Depois de haver iniciado a cópia da versão integral, procedeu à sua rasura, transcreveu a frase de ligação da versão censurada e retomou o texto integral.

Somente quatro manuscritos estão datados, o *B*, 11/08/1563; o *G*, 14/07/1550; o *I*, 08/10/1522; o *M*, 1512.

*CGMT* estão seguidos de um apêndice. Dos de *CGM*, falar-se-á adiante. O interesse do de *T* reside no facto de, no início, indicar a sua fonte: “Extracta de fine Noua Apocalypsis beati Amadei qui liber inuentus est Mediolani apud socium eius”.

---

<sup>10</sup> Nasceu em Laodiceia por volta de 315. Seu pai, natural de Alexandria, gramático de profissão, ensinou em Beirute e em Laodiceia e foi ordenado sacerdote cerca de 335. Apolinar, professor de retórica, acompanhou o pai como leitor. Afastados do ensino por serem cristãos, dedicaram-se a transpor para os metros clássicos os temas bíblicos.

“Adepto de Niceia numa Síria quase toda ariana, aliado fiel de Atanásio, letrado, defensor da cultura cristã contra Juliano Apóstata, exegeta de renome, Apolinário deixou-se influenciar, sem dúvida inconscientemente, pelas categorias dos seus adversários arianos. [...] Para Apolinário, o ser humano não poderia estar isento de pecado, por causa da fraqueza e da tirania da carne. Para que Cristo existisse sem pecado, seria preciso que uma alma ou um espírito divino viesse nele guiar a carne que assumira para tornar-se semelhante a nós,” (DANIELOU, J / MARROU, H, *Nova História da Igreja* I, Parte II, cap Segundo, 343/4.) O *Logos* divino tomava em Cristo o lugar do espírito humano. Assim, negava a Cristo a plenitude da humanidade. A sua doutrina foi condenada em vários concílios.

O texto é fundamentalmente o mesmo em todos. As diferenças situam-se apenas ao nível da substituição de palavras, da construção da frase, de saltos do “mesmo ao mesmo” ou de adições explicativas.

Não se levou mais longe o trabalho de colação por desnecessário e pela funda convicção de que, salvaguardadas diferenças de pormenor, a convergência registada é garantia de que a obra não terá sofrido desvios de monta no processo de transmissão.

Procurou-se registar todas as divergências, muitas vezes sem significado ao nível do sentido, na esperança de poderem ser úteis na definição de famílias. Não se levaram, apesar de tudo, em conta as divergências gráficas, por se considerarem de pouco significado. A este nível, merecem referência apenas os dois manuscritos da Biblioteca Nacional de Madrid, cuja grafia confirma a origem castelhana da cópia ao trocarem repetidas vezes o v pelo b.

As citações do texto latino no texto da tradução são referenciadas pela indicação do número do fôlio de *V*, por ser a referência mais segura.

Ao traduzir, tentou obedecer-se ao princípio enunciado no próprio texto: “Verba trahenda sunt ad sensum, non sensus ad uerba” (*VII Raptus*, 175).

A análise levada a cabo, onde se pretende que seja sobretudo o autor a falar, procura deixar claro que *Apocalypsis* é uma obra com unidade e coerência; que o seu autor é o Beato Amadeu; que Amadeu era, como se diz no apêndice do códice 190 A, da Biblioteca do Archiginasio de Bolonha, instruído e profundo, como os seus escritos mostram; que lutava por um objectivo, a reforma da Igreja; e que o seu sonho estava tingido de cores milenaristas.

## O HOMEM

A vida do Beato Amadeu constitui um tríptico de que apenas o último painel tem margens regulares, embora as cores sejam igualmente imprecisas. Já fr. Marcos de Lisboa<sup>11</sup>, cronista da Ordem entre 1556 e 1570, como regista o Prof. Sousa Costa<sup>12</sup>, advertia na sua Crónica para as muitas coisas referidas pelos irmãos acerca dele e seus milagres, coisas que omitia por falta de documentos autênticos.

Era filho de Rui Gomes da Silva, da diocese de Coimbra, que foi, provavelmente, escudeiro de D. João I. Foi conselheiro de D. Duarte, depois de haver sido homem da sua casa enquanto Infante. Foi conselheiro de D. Afonso V, foi alcaide-mor de Campo Maior e Ouguela. Tomou parte na conquista de Ceuta<sup>13</sup>, onde foi armado cavaleiro do Infante D. Duarte. Em Ceuta, casou com D. Isabel de Meneses, filha bastarda de D. Pedro de Meneses, conde de Vila Real e primeiro Governador dessa cidade.

Seus pais, casados em 13 de Novembro de 1422, estavam já em Portugal no início de 1427. Nesta data já o pai era alcaide-mor de Campo Maior.<sup>14</sup>

A primeira dúvida que se levanta em torno do Beato é a do lugar do seu nascimento. Desde sempre se aceitou que, quer ele, quer sua irmã, houvessem nascido em Campo Maior. Mas a análise de um documento encontrado junto às ossadas de santa Beatriz fez alterar essa certeza a ponto de, no discurso de canonização da santa, em 03.Out.1976, o papa Paulo VI afirmar que ela nascera em Ceuta em 1424.

São dois os dados que justificam esta conclusão, a idade com que a santa terá morrido, 66 anos, e a data de sua morte, Agosto de 1490.<sup>15</sup>

Ora o Prof. Sousa Costa demonstra que Beatriz vivia ainda em Fevereiro de 1491. Considera, por outro lado, como mais verosímil uma outra cópia do mesmo documento,

---

<sup>11</sup> FR. MARCOS DE LISBOA, *Tercera Parte de las Chronicas de la Ordem de los Frayles Menores*, lib. 6, cap. 30, 179.

<sup>12</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 196.

<sup>13</sup> ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta*, cap. C, 284 – “Ficaram ainda na dita cidade, afora estes que ditos havemos, Rui Gomes da Silva, Pero Vaz de Azevedo e os já ditos Pero Gonçalves e Álvaro Mendes e Luis Vaz da Cunha...”.

<sup>14</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 170/71

<sup>15</sup> idem, 190

datada esta de 1660, em que se afirma que Beatriz morreu com a idade de 65 anos, em Agosto de 1492.<sup>16</sup>

É historicamente seguro que os pais de Amadeu estavam em Portugal em Março de 1427, encontrando-se Rui Gomes da Silva ao serviço da casa do Infante D. Duarte, de que era cavaleiro. Por outro lado, na *Vita del Beato Amadio*<sup>17</sup>, de autor anónimo contemporâneo do santo, reproduzida por Fra Mariano de Firenze<sup>18</sup>, afirma-se que, com a idade de 20 anos, Amadeu tomou parte num combate, sendo ferido num braço. Sabe-se, por carta real de 6 de Maio de 1451, que dois dos filhos de Rui Gomes da Silva, Pero Gomes e João de Meneses, tomaram parte ao lado do rei D. Afonso V na batalha de Alfarrobeira, em 20 de Maio de 1449.

Com o saudoso Prof. Sousa Costa podemos concluir que, no estado actual da pesquisa histórica, a tese que defende o nascimento do Beato Amadeu em Campo Maior, ou noutro lugar de Portugal, em data posterior a 1427 é a que se reveste de mais alta probabilidade.<sup>19</sup>

Nos termos da mesma *Vita*, casado aos dezoito anos com uma donzela da nobreza, não consumou o casamento, porque “cominciò a fare facti di arme com li principi et baroni di Spagna<sup>20</sup>”. Também fr. Marcos de Lisboa afirma que o Beato Amadeu frequentou o palácio real e aí se afeiçoou por alguém, que se supõe fosse D. Leonor, irmã de D. Afonso V, casada em 1452 com Frederico III da Alemanha<sup>21</sup>.

Foi seu nome João da Silva Meneses, ou João Meneses da Silva, embora a *Vita* lhe reconheça somente o nome de *Amadio*.

O segundo painel da sua vida abre com o seu ingresso na Ordem dos eremitas de S. Jerónimo, no mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, em Espanha. Aí, “com grande devoção e servindo os irmãos no desempenho dos serviços mais vis, viveu cerca de dez anos”<sup>22</sup>.

---

<sup>16</sup> *idem*, 190/93

<sup>17</sup> Bib. Ambrosiana de Milão, cod. S.Q.N. III, 19, fl.7 (*Studio Critico*)

<sup>18</sup> FRA MARIANO DI FIRENZA, *Vita del Beato Amadio*, 19-21 (*Studio Critico*, 105).

<sup>19</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 201/202

<sup>20</sup> *idem*

<sup>21</sup> FR. MARCOS, lib. 6, cap. 30, 179.

<sup>22</sup> FRA MARIANO DE FIRENZA, *Vita del Beato Amadio*. (*Studio Critico*, 200).

Confrontando documentos e datas, conclui o Prof. Sousa Costa que a permanência dele em Guadalupe se deve reduzir a pouco mais de um ano.<sup>23</sup>

Havendo adoecido gravemente e havendo sido curado por intervenção de Nossa Senhora, depois de advertido em sonhos por Maria, Francisco e António, decidiu, nos termos da mesma *Vita*, entrar na Ordem dos Frades Menores. Obtida licença escrita, põe-se a caminho de Assis. Estamos em Dezembro de 1452.

A sua caminhada para Assis abre o terceiro painel de sua vida.

Vestiu o hábito dos frades Menores em Ubeda, adoeceu em Génova, passou por Florença e Perúsia. Aqui foi recebido pelo Ministro Geral da Ordem, fr. Ângelo de Perúsia. Estamos em 1453.

Em Assis foi recebido cortesmente pelos frades. Frequentava a Igreja e, durante três anos, auxiliou o sacristão, que o socorria com alimentos e dele recebia favores espirituais. Em 1456 é admitido à profissão, mas a estima de que gozava junto do povo e a agitação provocada pelo movimento daqueles que o procuravam levou os religiosos a tentarem devolvê-lo a Espanha.

De caminho para Roma, é recebido em Brécia pelo Geral da Ordem, que lhe determinou residência no convento de S. Francisco de Milão, onde ficou ao serviço da sacristia. O pouco tempo disponível para a oração levou-o a pedir escusa dessa tarefa.

Aí travou amizade com o duque Francesco Sforza que, com sua mulher, Bianca Maria, passou a protegê-lo.

Procurando sempre mais recolhimento e mais rigorosa observância, passa, em 1457, para Morliano, onde se demorou pouco, porque era importunado por visitas assíduas de gente importante. Foi em Oreno, para onde se transferiu pouco depois, que lhe foram conferidas todas as Ordens. Cantou a primeira Missa no dia da Anunciação de 1459.

Aqui, no convento de Oreno, tomou vida a Congregação que levou o seu nome. Eram duas as linhas de acção traçadas para ela: perfeição individual dos seus membros e eficácia no apostolado.

A sua amizade com a família Sforza funcionou nos dois sentidos. Os Sforza auxiliavam-no no desenvolvimento da sua Congregação, ele era seu intérprete junto da Santa Sé.

---

<sup>23</sup>SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 202.

Foi a intervenção da duquesa Bianca Maria que, em Agosto de 1460, obteve de Pio II autorização para a construção em Castelleona, diocese de Cremona, da casa que haveria de se tornar o centro de irradiação amadeíta.<sup>24</sup>

A virtude de Amadeu e a rigorosa observância da Regra de Francisco de Assis tocavam os fiéis, que junto dele procuravam conselho e conforto, como afirma o Prof. Sousa Costa.<sup>25</sup> Mas tornavam-se igualmente um pólo de atracção para outros religiosos que aspiravam a uma mais funda autenticidade de vida. Oração, contemplação e acção apostólica constituíam como que o lema de Amadeu.

Amado e estimado pelo povo, requestado por personalidades importantes para fundar conventos nas suas áreas de influência, Amadeu tem de lutar com os seus irmãos Conventuais e Observantes. E foi a fundação da igreja de Sancta Maria della Pace, às Portas de Milão, que em 1466 desencadeou a mais acesa tempestade, conforme reza a *Vita del Beato Amadio*, de Fra Mariano di Firenze: “Il che vedendo li frati della famiglia della Observantia, ricorsono al generale Maestro Francesco di Savona, che era allora già facto cardinale ... et condolevonsi di tanta scisma et divisione, che cominciava a nascere infra i secolari per rispetto, che alcuni favorivono la famiglia con detractiōne di frate Amadio et della sua congregatiōne, et alcuni favorivono frate Amadio con diffamatiōne di tanti docti et sancti homini della famiglia...”<sup>26</sup>

Levada a questão ao Geral, decide este a favor de Amadeu, dizendo “che era vero religioso, per che voleva vivere sotto la obedientia del generale et dei provinciali”. Criado, pois, cardeal, Maestro Francesco di Savona, o futuro Sisto IV, “fecesi defensore della congregatiōne di frati Amadio”. Eleito papa em 9 de Agosto de 1471, com o nome de Sisto IV, garante, em carta de Abril de 1472, à duquesa Bianca Maria “la proteziōne del conventino di S. Maria della Pace e dei frati che vi dimoravano”<sup>27</sup>.

A saga fundadora prosseguia. E desenvolveu-se com maior vigor ainda, pois “non molto poi el decto cardinale fu electo Papa, chiamato Sixto IV, et frate Amadio lo venne a visitare, et ottenne molta gratia di lui, et una bolla di potere pigliare sei luoghi. [...] Ma ritenendolo presso di sé papa Sixto, et ellegendolo per suo confessore, li decte la chiese di san Piero in Janiculo o vero in monte aureo directo a la città di Roma.”<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 210

<sup>25</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 209

<sup>26</sup> citado por SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 217.

<sup>27</sup> citado por SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 221

<sup>28</sup> SEVESI, Beato Amadeo, 33-34, in *Studio Critico*, 223

Aqui se inicia a última e provavelmente a mais fecunda fase da sua vida. Custódio para a vida da sua Congregação, recebe privilégios vários e autorização para construir novos conventos.

A sua Congregação não abandona a submissão ao Ministro Geral da Ordem. Apesar de tudo, a intervenção do papa tem de se manifestar de novo para suster os ataques, quer dos Conventuais, quer dos Observantes.

Do seu convento de S. Pedro in Montorio, onde, “in una spelonca sotto el loco dove fu crocifisso san Piero”, permaneceu dez anos “in grande austerità di vita, orationi et contemplationi”, onde “li appariva lo angello Gabriello, et revelolli molte cose circa alla creatione angelica et humana, et ruina delli angeli, et della incarnatione di Christo, et della renovatione della Chiese”<sup>29</sup>, continuou a comandar a expansão da sua Congregação.

Às duas vertentes do ideal da sua Congregação, a espiritual e a apostólica, deverá associar-se uma terceira, a cultural. O testamento de um noviço, de 8 de Fevereiro de 1478, abre os horizontes para esta perspectiva ao registar um conjunto de obras de teologia, direito canónico e filosofia que legava à Congregação. Pertencem, por sinal, na sua maioria, aos autores referidos em *Apocalypsis*: Duns Escoto, Boaventura, Alexandre de Hales, Ricardo de S. Victor, Tomás de Aquino, Agostinho, Jerónimo, etc.<sup>30</sup>

Retido em Roma, Amadeu ansiava por visitar as suas casas na Lombardia. Obtida autorização do Papa, parte “a visitare li suoi conventi et frati, et venuto a Piacenza prese il convento con la chiese novamente facta in honore di san Bernardino, che fu il sextodecimo convento”. Parte para Milão: “et stato alquanti giorni partissi per ritornare a Roma”. No caminho foi atingido pela doença, “li comencio el male del fianco”, sendo obrigado a retornar a S. Maria della Pace. Internado na enfermaria, morre dois meses depois, a 10 de Agosto de 1482<sup>31</sup>.

Com data de 16 de Julho de 1483, os responsáveis pela Igreja de Sancta Maria della Pace rogam ao Papa autorização para poderem celebrar missa diariamente, à meia noite

---

<sup>29</sup> *idem*,

A *Vita del Beato Amaddio*, de Fra Mariano di Firenze é, segundo Sousa Costa, baseada noutra, de autor anónimo da penúltima década *del Quattrocento*: “Nella vita del Beato Amadeo, scritta da Fra Mariano da Firenze e basata su quella stilata in lingua volgare da un suo discepolo nella penultima decade del Quattrocento e quindi subito dopo la morte del santo ...” *Studio Critico*, 108.

<sup>30</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 226

<sup>31</sup> SEVESI, B. Amadeu, 34-35, *Studio Critico*, 235

ou ao meio dia, a fim de satisfazer a incontável multidão dos que diariamente se apinhavam, vindos de todos os lados, à volta do túmulo de Amadeu. Aí, os milagres sucediam-se.

(*o*) De acordo com documentos guardados no Arquivo Estatal de Milão e pertencentes ao convento de Sancta Maria della Pace dessa cidade, a canonização de Amadeu começou a ser tratada em finais do séc. XVI.<sup>32</sup> No documento encontrado junto aos ossos de Santa Beatriz de Silva, quer na sua versão de 1647, quer na de 1660, afirma-se, segundo o mesmo autor, que Amadeu “fue canonizado per santo diez años después que fallecio esta señora doña Beatriz”.

O desenvolvimento da Congregação amadeíta prosseguiu na Lombardia, no resto da Itália e em Espanha. Mas a pressão dos Ministros e dos Capítulos Gerais dos Franciscanos, auxiliada pelos desmandos de algumas casas desta Congregação, contribuiu para que o cardeal protector dos amadeítas, S. Carlos Borromeu, pusesse fim à ousadia da busca de um caminho próprio.

Eram trinta e nove os conventos. Era papa S. Pio V. A bula de integração é de 23 de Janeiro de 1568.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 241

<sup>33</sup> *idem*, 255/56

A OBRA



## **I Transmissão**



## OS MANUSCRITOS

Olhando para o conjunto dos manuscritos, pode estabelecer-se uma primeira distinção entre:

. manuscritos que integram as duas partes da obra do Beato Amadeu, os *Raptus* e os *Sermones*: *ABCHIJKMNOPQ*<sup>34</sup>*RT*.

. manuscritos constituídos apenas pelos *Raptus*: *EFGLSUV*.

Há uma segunda distinção que pode ser feita tendo em conta apenas os *Raptus*:

. manuscritos que integram o conjunto de todos os *Raptus*: *ABCHIJKMNOPQRSTV*;

. manuscritos truncados, que registam apenas uma parte: *EFGLU*.

Pode fazer-se outra divisão, tendo em conta a posição assumida por cada um perante os dois textos<sup>35</sup> de cariz heterodoxo do *V Raptus*:

. os que mantêm a integralidade do texto: *ACEHJKMNOQ*

. os que suprimem as duas passagens: *IRSV*

. os que suprimem só a primeira: *BGP*

. os que suprimem só a segunda: *T*

O manuscrito *G* tem uma posição própria. Fazendo parte do grupo dos que suprimem no *V Raptus* o primeiro texto apenas, deixa de fora o *VIII Raptus* e a parte final do *VII*.

Os manuscritos *FL* estão constituídos apenas pelos quatro primeiros *Raptus*.

O *U* interrompe-se no início do *V Raptus*, no momento em que se dá início ao ritual das núpcias de Maria.

O *K*, da Biblioteca Conventual de Toledo, formará com *MJ* o núcleo mais antigo. Havendo entre eles pequenas divergências, pode dizer-se que os respectivos textos se aproximam do texto estabelecido. Mas *K* apresenta na parte final do *V Raptus*, fólios 65 e 66 r/v, uma curiosidade digna de nota. O texto que se relaciona com a actividade de Cristo entre os doze e os trinta anos, que alguns manuscritos omitem, está registado

---

<sup>34</sup> *Q* apresenta um resumo dos *Sermones*: “Recopilatio brevis sermonum qui ab Angelo Dei his temporibus reuelati fuerunt Beato Amadeo”.

<sup>35</sup> ver V

neste com mão diferente. O final do fólio 64v: “Tunc ego dixi: Mi domine, quomodo ille sanctus et benedictus puer sapientia crescebat coram Deo et hominibus, qui semper fuit sapientia plenus?”

Respondit angelus: Notum id etiam apud uos est. Sapientia illius anime, que uniformis semper fuit, non fuit aucta neque creuit, sed multa per sensus accepit multa que...”, é integralmente repetido no início de 65r pela segunda mão. Esta mesma mão regista o restante texto até final do *Raptus*. A numeração dos fólhos continua-se, registada também com esta mesma mão. Depois do encerramento: “Et sic est finis quinti raptus. Incipit sextus raptus”, encontra-se a metade inferior de um fólio, na mão original, que deveria corresponder ao fólio 65v ou 66r. O *VI Raptus* inicia-se na metade inferior do fólio seguinte, supostamente o 66v, com a mão original e prossegue no 67r. Convém dizer que este manuscrito não usa reclamos.

Não se afigura fácil apontar a razão da presença deste acrescento da segunda mão, que pressupõe um corte na versão anterior, pois a presença de parte de um fólio da versão original e a numeração dos fólhos mostram que esta registava o texto integral. O início do *VI Raptus* a meio do fólio, deixando perceber a presença de texto, faz, pois, supor um corte, uma vez que os *Raptus* se continuam todos na sequência imediata do final do anterior.

A explicação mais plausível afigura-se a que aponta para a supressão intencional da passagem relativa à actividade de Cristo entre os doze e os trinta anos, não sendo de pôr de parte a hipótese de eventual deterioração do suporte material, criando a necessidade de o restaurar posteriormente. O texto repostado está próximo, contrariamente ao texto inicial, da versão de *E*, de Bolonha.

O manuscrito *M* é um dos quatro datados e é, seguramente, dos mais antigos. Como se irá ver à frente, houve forte polémica em torno da abertura da obra do Beato Amadeu. Morto em 1482, a obra só foi “aberta” em 1502. *M* é cópia datada de 1512. É uma cópia muito perfeita, onde os lapsos do copista são poucos e são praticamente todos superados pela mão do revisor. *E*, neste estado primitivo de cópia, parece estar próximo do original, como parecem estar também *JK* e, de algum modo, *V*.

Verifica-se, contudo, que *M* tem, sobretudo nos primeiros *Raptus*, uma sobreposição de notas e comentários marginais, de mãos distintas e, seguramente, de distintas épocas, que se encontram no corpo do texto de *FHNOQ*. As dos *I* e *II Raptus* estão relacionadas com o corpo do texto de *FH*; as seguintes têm reflexo no corpo do texto de *NOQ*

No *I Raptus*, a consonância entre *F* e *M* (texto e notas) é perturbada pela ausência de apenas uma nota. É menos perfeita a consonância em *H*, que regista a ausência de cinco notas. É menor ainda em *Q*, que apenas insere no corpo do texto oito das vinte e uma notas de *M*. *NO* não registam no respectivo texto nenhuma, como se pode ver no quadro seguinte:

*I Raptus*

<i>M</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>F</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
<i>H</i>	X		X	X	X		X	X	X	X	X		X		X	X		X	X		
<i>N</i>																					
<i>O</i>																					
<i>Q</i>	X	X	X	X		X	X	X		X											

O panorama é menos harmonioso no *II Raptus*, onde a correlação das quatro cópias se altera e começa a notar-se a presença de *NO*. Vejamos:

*II Raptus*

<i>M</i>			X		X	X	X	X	X	X		X	
<i>F</i>	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	
<i>H</i>	X	X		X	X	X	X				X	X	
<i>N</i>					X								X
<i>O</i>					X								X
<i>Q</i>		X	X	X	X		X		X	X	X	X	X

*F* regista 10 adições, que coincidem com as notas de *M* (8) em 7 casos, e coincide, também em 7 casos, com *H*. As adições de *H* são 8; coincidem com as notas de *M* seis vezes e coincidem duas com as adições de *NO*. As duas adições de *NO* coincidem uma vez com *M* e as duas com *Q*. *Q*, com 9 adições, coincide seis vezes com as notas de *M* e sempre com o texto de *NO*.

A partir do *III Raptus*, a coincidência entre *M* (texto e notas) e *NO* é quase completa. *Q* mantém a persistência que vem do início.

### III Raptus

<i>M</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>F</i>	X	X											
<i>H</i>													
<i>N</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>O</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
<i>Q</i>	X	X	X						X	X	X	X	X

Parece poder-se concluir que *M*, no seu estado actual, é um manuscrito triforme. A primeira forma é a de *M* inicial, cópia do original, com apenas as notas da mão do revisor, notas que corrigem as falhas do copista.

Este exemplar foi sendo anotado e, a partir dele assim anotado, que constitui o que se poderá designar por *M1*, terá surgido uma versão que integrou as notas no corpo do texto. De *M1* dependem, imediatamente ou, com maior probabilidade, pela mediação de uma cópia cujo paradeiro se desconhece, os manuscritos *N* e *O*.

A versão *M1* passou a registar em nota, sobretudo nos dois primeiros *Raptus*, adições constantes no corpo do texto de *FH*. Surgiu assim uma terceira versão, a que se poderá chamar *M2*.

A versão *M2*, ou seja, o manuscrito da Biblioteca Trivulziana de Milão na sua forma actual, é testemunho de dois movimentos de sentido contrário. No primeiro, exporta as suas notas para o corpo do texto de *NO*. No segundo, importa como notas as divergências encontradas por um qualquer leitor na cópia *F* ou na versão de que *F* e *H* dependem.

Esta terceira versão, ou seja, *M2*, está próxima de *Q*. Da mão de um copista caprichoso, que sistematicamente corrige o texto da fonte, esta cópia denuncia, pela grafia, a sua origem espanhola. Dela está muito próxima *C*, sem os desvios gráficos, contudo. Parece poder afirmar-se que não dependem uma da outra. Não se encontrou, todavia, a cópia que pudesse estabelecer a ponte.

Em torno de *M* organizam-se, pois:

*NO*, que reproduzem globalmente *MI*;

*FH*, cujas adições estão reflectidas em *MI*, dando origem a *M2*.

*QC* estão próximas de *M2* na medida em que as notas de *M* reflectem os respectivos textos, embora em grau diverso, de *FH*.

Convém recordar que, a partir do *III Raptus*, as cópias *FH*, como outras, foram consultadas apenas em casos pontuais.

Dado o facto de Amadeu, como se afirma no apêndice de *M* e aparentemente decorre do texto, ter podido ditar a sua obra, não se poderá falar em autógrafo.

O idiógrafo não foi encontrado. *M*, cronologicamente próximo, representa, juntamente com *JK*, a cópia mais perfeita. O grupo *IRV*, a que com segurança se pode associar *L*, dependerá, em cada um dos seus elementos, de uma cópia que fará a ponte com o idiógrafo. O grupo *BGP* ligar-se-á ao idiógrafo por intermédio de uma outra cópia. *Q*, do séc. XVII, dependerá, como já foi dito, de *M2*.

O quadro seguinte reproduz a correlação de todas as adições verificadas nas primeiras mil notas do aparato crítico do *V Raptus*:

	<i>A</i>	<i>E</i>	<i>G</i>	<i>H</i>	<i>I</i>	<i>J</i>	<i>M</i>	<i>N</i>	<i>O</i>	<i>P</i>	<i>Q</i>	<i>R</i>	<i>V</i>	tot.
<i>A</i>	X	2	6	5	4	2	3	5	7	2	4	3	4	8
<i>E</i>	2	X	1	2	2	1	0	4	1	1	2	0	0	15
<i>G</i>	6	1	X	3	2	2	3	4	7	2	5	2	2	8
<i>H</i>	5	2	3	X	5	3	2	5	4	2	3	3	1	8
<i>I</i>	4	2	2	5	X	2	1	3	5	1	3	16	13	21
<i>J</i>	2	1	2	3	2	X	1	2	1	2	2	1	0	3
<i>M</i>	3	0	3	2	1	1	X	2	3	1	2	1	1	3
<i>N</i>	5	4	4	5	3	2	2	X	4	0	4	2	1	9
<i>O</i>	7	1	7	4	5	1	3	4	X	1	4	4	3	11
<i>P</i>	2	1	2	2	1	2	1	0	1	X	2	1	0	3
<i>Q</i>	4	2	5	3	3	2	2	4	4	2	X	3	1	7
<i>R</i>	3	0	2	3	16	1	1	2	4	1	3	X	13	19
<i>V</i>	4	0	2	1	13	0	1	1	3	0	1	13	X	19

O total indica o número de adições registadas em cada manuscrito. Os restantes algarismos representam a frequência das coincidências entre os vários manuscritos. Por exemplo: o manuscrito *A* tem um total de 8 adições. Duas destas coincidem com adições de *E*; 6 coincidem com adições de *G*; 5 com adições de *H*; 4 com as de *I*, e assim sucessivamente. Outro tanto se passa com as 19 adições de *V*. Quatro delas coincidem com adições de *A*; não há qualquer coincidência entre as adições de *V* e as de *EJP*; há 2 que coincidem com as adições de *G*; há 1 coincidência entre *V* e *HMNQ*; 13 entre *V* e *IR*.

No seguinte, registam-se as omissões verificadas nas primeiras trezentas notas do *V Raptus*.

	<i>A</i>	<i>E</i>	<i>G</i>	<i>H</i>	<i>I</i>	<i>J</i>	<i>M</i>	<i>N</i>	<i>O</i>	<i>P</i>	<i>Q</i>	<i>R</i>	<i>V</i>	Total
<i>A</i>	X	0	1	1	3	0	0	1	2	0	1	3	2	3
<i>E</i>	0	X	0	2	2	0	0	0	0	1	1	2	3	6
<i>G</i>	1	0	X	0	1	0	0	1	1	0	1	1	1	2
<i>H</i>	1	2	0	X	3	0	0	0	1	2	1	5	4	8
<i>I</i>	3	2	1	3	X	0	1	1	2	1	3	10	9	12
<i>J</i>	0	0	0	0	0	X	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>M</i>	0	0	0	0	1	0	X	0	0	0	0	1	1	1
<i>N</i>	1	0	1	0	1	0	0	X	1	0	1	1	1	6
<i>O</i>	2	0	1	1	2	0	0	1	X	0	1	2	1	4
<i>P</i>	0	1	0	2	1	0	0	0	0	X	1	1	2	4
<i>Q</i>	1	1	1	1	3	0	0	1	1	1	X	3	3	10
<i>R</i>	3	2	1	5	10	0	1	1	2	1	3	X	11	15
<i>V</i>	2	3	1	4	9	0	1	1	1	2	3	11	X	22

Foi trabalhado o *V Raptus* por ser o mais extenso e por nele estarem inseridos os dois textos de cariz heterodoxo que obrigaram os copistas a optar. Por estas duas razões, foi em relação a ele que um maior número de manuscritos foi objecto de colação.

Não há referências a *CK* dado o facto de só mais recentemente haverem sido adquiridos.

A leitura destes quadros é meramente indicativa. Não deixa, contudo, de mostrar que os manuscritos *JM* são os mais fidedignos. Poder-se-ia suspeitar que *J*, manuscrito do Escorial, fosse “lo gran thesoro del libro del Beato Amadio, lo quale libro fratre Isaia lo

mando uno sabbato da matina per tempo al cardinale de Santa Croce”, como se afirma no apêndice de *M*. Não passa, apesar disso, de cópia, embora o frontispício reze: “Apocalypsis Sancti Amadei manu propria scripta”.

As adições de *M* são, na sua quase totalidade, adições “in margine”, acrescentadas por mão distinta ao texto inicial.

Deixam os dois quadros ver que a relação de *NO* com *M* se estabelece individualmente e, com toda a probabilidade, pela mediação de uma cópia. *A* de *Q* parece ser directa.

Um e outro dos quadros confirmam a estreita relação entre *IRV*, deixando ver, sobretudo nas omissões, que essa relação se estabelece não directamente, mas por referência a um modelo comum. São manuscritos muito pouco cuidados, sobretudo o *V*. As adições de *R* são predominantemente adições in “margine”.

Mostram, ainda, que *A*, relacionando-se preferencialmente com o grupo *IRV*, tem relações com quase todos os outros.

Mostram também que *E*, acumulando muitas adições e um significativo número de omissões, se afasta bastante do modelo, isolando-se, embora de acordo com o quadro das omissões se aproxime relativamente do grupo *IRV*. A mesma afirmação poderá ser feita em relação a *H*.

Há, contudo, uma certeza que se desprende destes quadros e que confirma a opinião que as várias análises feitas foi formando: é possível indicar tendências, não é possível definir inequivocamente uma relação clara de dependência entre os vários manuscritos.

Caso a merecer interesse é o do manuscrito da Biblioteca Universitária de Barcelona, 1818, designado *C*. Tem em apêndice um conjunto de documentos, de datas várias, que, relacionando-se com a submissão da obra ao veredicto dos inquisidores, traz outras informações importantes. É um manuscrito do séc. XVIII, de acordo com a leitura da caligrafia. É o único que faz referência ao controle da Inquisição, assunto a que se refere a totalidade dos documentos.

O primeiro vem datado de 22 de Agosto de 1539. É cópia do Parecer do “Doctor Francisco de Bargas”, a quem o Cardeal-Arcebispo de Sevilha, “Inquisidor Mayor de España”, havia incumbido de “ler” o manuscrito que fr. António Ortiz submetera à Mesa da Inquisição enquanto era Provincial da Província “de S. Gabriel de Badaxós”.

O segundo vem datado de 21 de Agosto de 1539. É assinado por Fermin Garcia, notário del Secreto, a testemunhar a entrega pessoal pelo “R.º Sr.º Doctor Pe. Dias de la Plaça” a fr. António Ortiz de “un libro scripto de mano que se intitulava del Beato Amadeo, llamado *Apocalypsis Noua*”.

O terceiro, “Echa en Azeyton a 21 de Hebrero de 1543”, está subscrito por “frater Petrus de Alcantara”. Tem vários pontos de interesse.

S. Pedro de Alcântara chegou à Arrábida em finais de 1541, depois de em 1538 haver sucedido a fr. António Ortiz no governo da Província de S. Gabriel, da sua Ordem, na região de Badajoz. Começa o testemunho pela sua identificação e pela afirmação de pertença à Ordem e à Província. Dá “testimonio como vi trasladar el libro supra scripto del Beato Amadeo a fray Antonio Ortiz”. Acrescenta informações várias, que se tornam de grande alcance. Fr. António fez a cópia “de outro libro que traxo prastado de la Provincia de los Angeles, el qual desia avia trahido a aquella Provincia, de Roma, el Cardenal de S.ta Cruz ... el qual libro trasladó fray Antonio Ortiz ella casa de S. Francisco de Beluiz, de la Provincia de S. Gabriel.” Traça o percurso de fr. António até chegar a superior da Província de S. Gabriel, cujo ponto mais saliente é a sua ida, anterior à sua fixação na Província de S. Gabriel, ao Capítulo Geral como “*custos custodum* de la Provincia del Sto Evangelio, que es en las indias de Castilla”. Afirma depois: “...embíe a Sevilla el dicho fr. Antonio a siertos negocios y para que truxesse el libro que el dicho S. Arcebispo avia dicho que lo enviaría.” Refere-se ao “testimonio del Doctor Bargas, el qual yo vi e ley muchas vezes”, afirmando: “esse que estava arriba scripto es sacado del *de uerbo ad uerbum*.”

Os três últimos documentos são portugueses. O primeiro é do duque de Aveiro, o 1º duque de Aveiro, D. João de Lencastre, neto de D. João II, que “pelos finais de 1538 ou princípios de 1539, indo em romaria a Nossa Senhora de Guadalupe, ... ali se encontrou com Fr. Martinho de Santa Maria ... que ardia em desejos de viver vida solitária.” D. João “lhe ofereceu para o efeito a sua serra da Arrábida, que parecia bem acomodada ao intento”, e “em 23 de Fevereiro de 1539 impetrou ... licença do geral da ordem seráfica para fr. Martinho vir habitar a serra...”. Era Geral fr. João Calvo, que em 1542 “incorporou na ordem a ermida com o título de custódia de Santa Maria da Arrábida”.<sup>36</sup>

É datado este documento dos finais de 1542: “Acavose a 13 de Nom.e de 1542”. Declara o duque logo na abertura: “... faço saber aos que este leren que eu mandei

---

<sup>36</sup> ALMEIDA, F. A, *História da Igreja em Portugal*, Vol. II, 181

buscar este livro atrás scripto e o ouve por ua carta do Geral fr. Juão Calvo en que o mandou pedir a esse Padre fr. António Ortiz”. Indica o modo como procedeu para acelerar a respectiva cópia: “O qual libro o fice desencadernar e tresladar a quatro pessoas por ser feito com mais brevedade”. Indica o número de fólhos: “o qual está tresladado em 304 follas”. Busca a segurança da decisão das autoridades em questões doutrinárias nos “dous scriptes destes inquisidores de Castella” e compromete a sua palavra: “E mais do neste mon hafé que vi una carta do dito fr. António Ortiz que escrevió ao Pe. Geral” em que relata todo o processo de submissão da obra à análise da Inquisição e a resposta do arcebispo e Sevilha. E termina: “e segundo o que parece naon echaraon nelle causa porque o naun deve de tornar a seu dono, segun lo acima conten”.

O documento seguinte é de fr. Miguel dos Santos, eremita de Santo Agostinho, no convento de Santa Maria da Graça, em Lisboa. Apresenta-se como “pregador da muito descarecida princesa, a rainha Dona Catherina de Áustria, nostra S.<sup>ma</sup>”. Também ele se protege com a autoridade dos documentos de outros livros. Afirma: “deu mon afé e certifico com os assignados supra scriptos doutro libro que ouve às manos, o qual me emprestou a illus.ma S.<sup>a</sup> dona Anna de Arragon, dama da dita R.ma n.ra S.<sup>a</sup>, a qual o ouve por indústria do doctor Mestre [...]”<sup>37</sup> secreto de S. A.”. Transcrito pela própria mão, na sua cela da Graça, “cabei de os escribir dia de St. Benodato António de Pádua pola manhan, a 13 de Junio de 1577 ano”. Volta a afirmar a concordância do livro com as normas da fé e os bons costumes e considera-o “dino de ser llido para glória de nosso Senhor e consolaçaiõ de quem o lere”.

O último documento, também de fr. Miguel dos Santos, é um relato resumido da passagem da sua cópia pela mesa do Santo Ofício, onde ficou “mas de dies años”. Findo esse tempo, foi devolvido pelo “Padre Maestro Bartolome Ferrara”<sup>38</sup>, reveedo (sic) de

---

<sup>37</sup> Infelizmente não se consegue ler o nome.

<sup>38</sup> fr. Bartolomeu Ferreira foi o responsável pelo parecer favorável à publicação dos Lusíadas, de acordo com o que segue: “Vi por mandado da santa e geral Inquisição estes dez cantos dos Lusíadas de Luiz de Camões, dos valorosos feitos em armas que os portugueses fizeram em Ásia, e Europa, e não achei nelles cousa alguma escandalosa, nem contraria á fé e bons costumes, sómente me pareceu que era necessário advertir os leitores que o autor para encarecer a dificuldade da navegação e entrada dos portugueses na Índia, usa de uma ficção dos deuses dos gentios. E ainda que Santo Agostinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos livros que compoz de Ordine ás musas deusas. Todavia como isto é poesia, e fingimento, e o autor como poeta não pretenda mais que ornar o estylo poético, não tivemos por inconveniente ir esta fabula dos deuses na obra, conhecendo-a por tal, e ficando sempre salva a verdade de nossa santa fé, que todos os deuses dos gentios são demónios. E por isso me pareceu o livro digno de se imprimir, e o autor mostra nelle muito engenho, e muita erudição nas sciências humanas. Em fé do qual assignei aqui. Frei Bartholomeu Ferreira.”

libros y examinado (sic) general por el dicho Santo Officio ... sin condicion ni limitacion alguna ... a donde me fue dado a 14 de Março deste año de 1590”.

No primeiro momento ressalta a relação próxima, pelo menos a nível da Ordem Franciscana, entre os dois lados da fronteira. Os manuscritos e as pessoas iam e vinham aparentemente sem grandes dificuldades. Segue-se uma certeza: a obra do Beato Amadeu suscitava interesse dos dois lados da fronteira quase um século depois da sua morte. E vê-se desenhar um caminho por onde ela foi passando. De Roma é trazida pelo Cardeal Santa Cruz para a Província de los Angeles, nas regiões de Cória e Plasência. Esta informação de S. Pedro de Alcântara está em consonância, como já foi referido e se verá depois, com o apêndice do manuscrito *M*, onde se afirma que o livro do Beato Amadeu foi mandado entregar ao “cardinale di Sancta Croce”. Deste, original ou cópia está por demonstrar, copiou fr. António Ortiz o manuscrito que seria a fonte da cópia mandada fazer pelo Duque de Aveiro. De Roma, passando pela Província de los Angeles, pela Província de S. Gabriel, mais a sul, chegou a Lisboa. Aqui perdeu-se o rasto.

Simultaneamente, ou antes, com trinta e cinco anos de diferença, ficamos a saber que, em Lisboa, um religioso ligado à Casa real faz pessoalmente uma outra cópia a partir de um manuscrito conseguido por uma Dama da rainha e tira os anexos de uma outra cópia. Seriam estas nacionais ou terão vindo de Castela? Não fica dito.

Temos assim que este manuscrito de Barcelona nos dá notícia da existência em Lisboa de, pelo menos, mais duas (ou três?) cópias da obra do Beato Amadeu. Poder-se-ia falar de três (ou quatro?), se ficasse provado que eram nacionais as fontes de que fr. Miguel dos Santos tirou a sua cópia e aquela de que tirou os anexos.

Que relação haverá entre esta cópia de Barcelona e cada uma das anteriormente referidas? Como poderá explicar-se a presença de todos os elementos do apêndice nesta cópia? É preciso atentar nas datas. A cópia de fr. António Ortiz foi-lhe devolvida em Agosto de 1539, três anos depois de a haver feito, como afirma o texto do duque de Aveiro<sup>39</sup>. Com o livro foi-lhe entregue, como se afirma no documento de S. Pedro de Alcântara, o testemunho do Doutor Bargas, que constitui o primeiro documento deste apêndice. A cópia do duque de Aveiro, segundo o testemunho do próprio, “acavose a 13

---

<sup>39</sup> “E mais, doneste mon hafe que vi una carta dito fr. António Ortiz que escrevio ao Pe. Geral en que diz que elle deodito ao Cardeal Arcebispo de Sevilla que a este tempo era inquisidor, em que acabo de três anos lo tornaraon cao diligença...”. (Do apêndice de *C*).

de Nom.e de 1542”. Dela não faria parte o documento de S. Pedro de Alcântara, que é de Fevereiro de 1543. Aliás o próprio duque remete no seu texto para “estas dous scriptes destes inquisidores de Castela”, que são, com toda a probabilidade, o do doutor Francisco Bargas e o do notário. Fr. Miguel dos Santos fez a sua cópia, em 1577, de uma outra acerca da qual se ignora tudo. E, de acordo com o que afirma: “deu mon afé e certificado com os assignados supra scriptos doutro libro que ouve às mãos...”, colheu numa terceira cópia os quatro documentos do apêndice que são anteriores aos seus. Teremos de nos perguntar como se reuniram os documentos de S. Pedro de Alcântara com o do duque de Aveiro para chegarem juntos à mesa de trabalho de Fr. Miguel. Não foi, como já foi afirmado, na cópia do duque de Aveiro. Não parece provável que o testemunho do duque de Aveiro saísse isolado da cópia do seu manuscrito para se integrar numa outra, pois a sua autoridade, em termos eclesiásticos, não seria grande. Mais razoável se afigura que o testemunho de S. Pedro de Alcântara invadisse, pelo peso que já então lhe era reconhecido e pelo valor informativo que o documento continha, uma cópia que contivesse os pareceres anteriores. E essa, com toda a probabilidade, seria uma cópia tirada da mandada fazer pelo duque de Aveiro. Será então que a fonte de fr. Miguel dos Santos ou, mais seguramente, aquela de que tirou os anteriores pareceres, além de nacional, se relacionava, através de vários intermediários embora, com o exemplar trazido de Roma? E que relação pode haver entre a fonte de fr. Miguel dos Santos e aquela de onde retirou os pareceres? E que relação pode haver entre a cópia de fr. Miguel dos Santos e esta de Barcelona? A lógica que aqui nos conduziu parece empurrar-nos para afirmar uma directa relação entre estas. Só nesta linha de evolução poderiam manter-se estes testemunhos. Da relação entre as duas fontes de fr. Miguel parece nada se poder concluir.

Mas aqui levanta-se uma pequena objecção suscitada pela análise do aparato crítico. O manuscrito de Barcelona é, com toda a probabilidade, do séc. XVIII. Relaciona-se muito de perto, em termos de aparato crítico, com outro manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Madrid, o *Q*, que, segundo o *Hislampa*, é do séc. XVII, e cujo texto, mantendo-se fiel à estrutura geral, se desvia significativamente da média do texto dos manuscritos mais antigos ao corrigi-lo muitas vezes. Este, por outro lado, situando-se temporalmente entre o de fr. Miguel dos Santos e o de Barcelona, não regista, como nenhum outro além deste, qualquer referência a pareceres da Inquisição. A relação entre estes dois é objectiva, como objectiva é a não presença de elementos da Inquisição em *Q*. Teremos então de concluir que a fonte de fr. Miguel dos Santos nada tem a ver com a

cópia do duque de Aveiro para podermos estabelecer uma relação directa entre a cópia de fr. Miguel e a de Barcelona? Ou poder-se-á pensar noutra alternativa?

Seja como for, até este momento não estão reunidos os dados que permitam estabelecer inequivocamente as pontes que justifiquem a junção dos diversos pareceres neste manuscrito. A relação de *C* com *Q*, apesar de indirecta, é objectiva, como resulta evidente da leitura do aparato crítico. Mas falta explicar a ausência dos anexos em *Q* e a sua presença em *C*, pois ambos são cópias posteriores aos anexos. As divergências gráficas da troca do *v* pelo *b* apoiadas em divergências do aparato crítico postulam a existência de uma terceira cópia a que ambas se reportam directa ou indirectamente. Mas fica sempre por explicar o problema dos anexos.

Apesar de tudo, parece poder apontar-se para a existência de duas linhas de transmissão textual na península:

1. cópia trazida de Roma pelo Cardeal Santa Cruz, fr. António Ortiz, duque de Aveiro e, directamente ou por um desconhecido intermediário, cópia de que fr. Miguel colheu os anexos. *M*, Milão, e *JK*, Escorial e Toledo, tanto podem ser irmãos entre si e com a cópia do Cardeal Santa Cruz, como haver entre eles uma linha hierárquica de dependência próxima, embora difícil de estabelecer;
2. fonte não identificável de fr. Miguel dos Santos, fr. Miguel dos Santos, *C*, de Barcelona. *Q*, Madrid, cronologicamente situada entre fr. Miguel e Barcelona, está na linha textual destes. Pode afirmar-se que depende de um antepassado comum à fonte de fr. Miguel. Em fr. Miguel se terá dado o encontro das duas linhas, estando nesta a fonte e naquela os anexos.

Qual o destino das cópias referidas em *C*, as nacionais e as de Espanha?

Terá *K* servido de modelo a fr. António Ortiz, podendo ser o exemplar, ou sua cópia directa, trazido de Roma pelo Cardeal Santa Cruz? Ou essa honra poderá caber a *J*, hoje no Escorial? As duas versões têm condições objectivas para assumirem esse papel. Não poderiam ser fonte uma da outra e, nesse caso, ser uma delas a cópia de fr. António Ortiz? A ser assim, o modelo seria *K*, pois em função da grafia parece não se poder adiantar tanto no tempo.

Que relação se poderá estabelecer entre o grupo *JK*, em cujo âmbito talvez se pudesse enquadrar *L*, e o grupo *CQ*? Cria alguma perturbação neste contexto a proximidade do texto corrigido do final do *V Raptus* de *K* com a versão *E*, do Archiginnasio de Bolonha. Como perturbante é também a relação de *Q* com *M2* e *NO*. É

difusa a ideia da existência de mais outro grupo que justificasse esta rede de relações, mas não é inverosímil. Significa isto que em Espanha circulariam outras versões que podiam, a ser encontradas, explicar as interrogações levantadas.

E em Portugal? Será que tudo se perdeu irremediavelmente? Além da cópia que serviu de fonte àquela que Vieira usou, e da cópia do próprio Vieira, que terá acontecido à cópia do duque de Aveiro? E à de fr. Miguel dos Santos?

Será que o fervor dos franciscanos portugueses pelo seu patrício era inferior ao de seus irmãos do outro lado da fronteira? É certo que nenhuma das aludidas cópias nacionais se relaciona com a Ordem Franciscana. Que se passou então para este silêncio?

Há uma conclusão que parece impor-se, apesar de tantas interrogações. Sendo significativa ainda a presença de manuscritos de *Apocalypsis Noua* em Espanha, a sua circulação parece haver sido bem maior do que as cópias actuais deixam entender.

No caso português, talvez nos devamos interrogar sobre a razão pela qual o duque de Aveiro recorreu a uma fonte espanhola. Apenas pela relação de amizade que o ligava aos franciscanos do outro lado da fronteira? Fr. João Calvo, a cujo empenho recorreu, era português e estava em Portugal. Poderá o terramoto explicar tudo? Mas no resto do país nada se encontra também.

Do apêndice de *C* resulta mais outra curiosidade. Nele são unânimes os pareceres da Inquisição, em Espanha e em Portugal: na obra nada existe que se oponha à recta doutrina católica. Como se compreende então que em Itália se houvesse chegado ao extremo de fazer o levantamento de cinquenta censuras (S. Roberto Belarmino), ou de considerar Amadeu “mendax, hypocrita, subdulus” (Jerónimo Vitorino)? Só diferentes perspectivas de leitura o podem justificar.

## A ABERTURA DO LIVRO

O códice 402 da Biblioteca Trivulziana de Milão, *M*, está datado de 1512. Integra as duas partes que compõem a obra do Beato Amadeu, a *Apocalypsis* propriamente dita e os *Sermones*. É seguido de um caderno, escrito a uma só mão, mas com duas penas, cuja cópia deverá ser próxima de 1516.

Este apêndice, da autoria de "fratre Michele da Trecha, de la povera familia del beato et sancto Amadio", inicia-se por uma espécie de diário, feito com extractos de cartas do bispo Georgius Benignus, amadeíta, de origem grega, segundo fr. Miguel.<sup>40</sup>

Especialista em escotismo, como parece decorrer da afirmação de uma das cartas em que confessa ao seu interlocutor: "Lego una lectione di Scoto a dua doctori theologi in secreto", foi o bispo Benignus designado pelo Geral dos amadeítas, "maestro Egidio", para proceder à abertura do Livro do Beato Amadeu. Decorria o ano de 1502.

De acordo com a afirmação de fr. Miguel de Trecha, "queste litere sono copia dele litere che scrisse Zorzo Benigno, re et nomine amico di Dio e de la misericordiose Virgine, greco dela provintia de Valechia, de la terra nominata Argentina." O interlocutor deste é "Ubertino, cittadino de Firenze". O tema das cartas é a abertura do Livro.

---

<sup>40</sup> Juraj Dragisic de seu nome, Georgius Benignus de Salviatis, seu nome latino, arcebispo de Nazaré, nasceu em Srebrenica, Bósnia, por volta de 1445. Em criança esteve refugiado no convento franciscano de Dubrovnik, na sequência da invasão turca da Bósnia, acabando por ingressar aí na Ordem. Continuou seus estudos em Pádua e completou-os em Paris e Oxford. Estimado como padre e professor na corte de Urbino e na de Lourenço de Medicis, defendeu Pico della Mirandola e Savonarola. Foi professor em Florença durante trinta anos. As suas obras *Dialectica Nova* (1488 e 1520), *Septem et septuaginta Nicolai de Mirabilibus reperta Mirabilia* (1497), *Opus de natura caelestium spirituum* (1499) e *Artis dialecticae praeceptae vetera et nova*, foram publicadas em Florença e Veneza.

O seu primeiro encontro com o Beato Amadeu deu-se quando, "venendo lui de Gallia, dal studio, et arivando in Milano, li fo dito como era morto uno sancto homo frate et padre de li poveri frati di Sancta Maria dela Pace da Milano. Et che in quello di che fu sepulto siando nelle gresia in lo cadelecto che lui cioè el Beato Amadio si levava e pareva che volesse usire delo cadelecto con grande alegreza e iubilo" (Apêndice de *M*). Consequentemente, em data anterior à escolha de Amadeu para confessor do papa Sisto, ou seja, em data anterior a 1472.

Morreu na Itália em 1520.

Na primeira, datada de "1502, a di 27 de Maggio", exprime em duas linhas o seu espanto perante "archana, ingentia nuper reperta". E diz: "o quantum cuperem ut ea uideretis, magna, magnalia, secreta mirabilia que cito, cito, cito operabitur Deus in Italia et in Ecclesia sua".

Na segunda, datada de 18 de Junho, sem responder à solicitação, presentida, do seu interlocutor, relativa ao conteúdo das profecias, fala sucintamente de Amadeu, da sua obra, que caracteriza como "uno libro grande como Augustino *De Ciuitate Dei*", da determinação de que se mantivesse "in custodia in fino che idio mandasse uno a chi tocava ad aprirlo". E relata o acontecimento charneira de toda a sua intervenção: "e breuiter certi fratri circha a tre volte tentarono daprirlo. In infra pochi di, subito amalati, morirno."

Situa os factos no tempo: "costui mori al tempo de Sixto". E diz mais: "Questo Libro lo tene Sixto. Tenelo poi etiam Innocentio, ma nesuno di loro fu ardito ad aprirlo per casi intervenuti a quelli fratri."

Cabe ao Cardeal espanhol Santa Cruz, instado "da alchuni", com a autoridade que lhe advinha de ser "protectore de la dita congregacione", a determinação, tomada de comum acordo com o Geral, de mandar abrir o Livro. Foi escolhido para essa tarefa o próprio Georgius Benignus, que declara ao seu interlocutor: "Io in vero hebe non pocha paura". Foi, nesse transe, apoiado por outro bispo da mesma Ordem, espanhol, de nome Morlion, secretário do Cardeal Santa Cruz, que quis ser o primeiro a abrir o Livro. No dia escolhido, dá-se início à cerimónia de abertura com a Missa do Espírito Santo cantada pelo bispo Morlion em S. Pedro in Montorio e, "post secreta, Libri in altari coram Generali et iussu eius a nobis apertus et nobis duobus ad legendum traditus est".

E fr. Miguel de Trecha reforça as afirmações do bispo Benigno com dados da sua vivência: "io fratre Michele da Trecha ... intendo etiam narrare e testificare a corroboracione di questo qualiter fratre Ysaia da Varese mi disse a Milano, in Sancto Angelo, nel 1513, a di 8 de Marzo, como quando fu aperto lo Libro del Beato Amadio fu nel anno del Signore 1502, tra Pascha e l'Ascensa". O bispo Benigno lho confirmou, segundo afirma: "Et io anchora ho per propria bocha del benedecto Benigno". A decisão da escolha partiu, também segundo Benigno, do Geral da Ordem, fr. Egídio.

Fr. Miguel precisa a sua informação. Apenas cinco pessoas estavam presentes na abertura do Livro: "Et a questa aperitura si ritrovareno solamente questi cinque fratri uidelicet...", ou seja, o Geral da Ordem, fr. Egidio da Melia; o bispo Morlion, que

cantou a Missa; o "maestro Zorzo Benigno, el quale fu vero aperitore di questo libro". Estaria consciente de que iria morrer, mas fazia-o por obediência, como relata fr. Miguel: "e per obedientia lo aprese, dicendo lui etiam sapesse di morire: per obedientia lo volio aprire". O quarto foi fr. Isaías, que preparou a mesa e transportou o Livro; o quinto foi fr. Bernardino de Antignato, que narrou os factos a fr. Miguel, "dicendomi che in secreto non era contento si aprisse per non offendere Dio". Tomaram ainda parte na celebração da missa fr. Bernardo, de Milão, como diácono e fr. Tito, de Roma, como subdiácono.

As outras cartas andam em torno do Livro, referindo outros aspectos, como seja, entre outros, o relativo ao papel que na efectivação das profecias se esperava coubesse a Benigno, enquanto originário do Oriente. A criação pelo Pastor que há-de vir de dez cardeais no Oriente é uma das promessas feitas. Fica subliminarmente a ideia de que se esperaria que ele pudesse mesmo ser o Pastor esperado.

Importante e pertinente é a custódia do Livro depois de aberto. Diz o bispo ao seu interlocutor: "Ubertino mio caro, chredetimi che lo Libro originale non lo ha lecto homo che viva, excepto el vescovo mio compagno e poi lo cardinale Sancta Croce. Et hora nisuno lo po legere, excepto la sua signoria et io, in camera sua stando et non altramente, che di fora portare non si po." Nem mesmo aqueles que o guardam o podem ver, pois está encerrado "in la casseta", cuja chave está na posse do Cardeal Santa Cruz.

Pode lê-lo, mas "in camera sua" e por especial deferência, o bispo Benigno "per che gli pare non lo dovere negare a me el quale prima che lui lo lecto tutto. E anche gli pare ch'io qualche cosa ho a essere, almeno uno de quelli cardinali orientali."

Aqui se podem subentender duas coisas, Benigno esperava ser, no mínimo, um dos sete cardeais orientais que o Pastor haverá de criar; mas não excluía a hipótese de ser ele o Pastor escolhido.

O Beato Amadeu morreu em 1482. O livro foi aberto em 1502. O manuscrito de Milão está datado de 1512. O seu apêndice é, pelo menos em parte, de 1516. O autor deste data uma conversa com Francesco Biondo, o secretário do Beato Amadeu, de 10 de Junho de 1515, e uma outra, com o bispo Benigno, de 16 de Janeiro de 1516.

De todos os actores, merece especial atenção Francesco Biondo. É ele quem relata a fr. Miguel o como, o onde e o quanto demorou a escrita da obra do Beato Amadeu: "Fo

scripto tutto de uerbo ad uerbum per bocha de esso beato como lui diceva a misere Francesco Biondo da Modona (sic) e questo fu el suo primo scriptore. E fo scripto esso libro in la crotta grande..." Demorou cerca de um ano a escrevê-lo: "Et fu lo libro scripto tuto in uno anno uel circha, excepto poche cosse nela fine per non trovarse in quelli tempi lui a Roma".

Findo o livro, retorna o Beato Amadeu a Milão: "E quello anno che fu scripto, el Beato Amadio ando a Milano eli con la gratia di Dio fini el corso dela vita sua. E questo fu nel 1482, a di 10 de Augusto."

Estas afirmações estão em consonância com o texto da obra.

"Preparau tibi illum qui omnia, prout ex ore tuo audierit, conscribet..." (I,2). É um dos dados da informação que Amadeu recebe na abertura da Apocalipse.

É na gruta que o secretário começa a passar a escrito o que Amadeu lhe dita depois de regressar do primeiro arrebatamento: "Rediens ad cauernam meam, uocato a Deo preparato mihi scriptore, hec pro futuro pastore, Domino iubente, subito scribi feci" (I,7).

Falando do Pastor, no início do *IV Raptus*, e depois de lhe haver traçado o perfil, é dito: "Ecce dedi tibi faciem eius, obserua et custodi eam. Antequam ipse redeat Romam, tu Mediolanum accedes et ibi diem extremum claudes" (IV,44).

A encerrar o *VII*, recebendo instruções relativas ao cântico que acabava de ouvir, Amadeu recebe outras relacionadas consigo: "Sed post paucos menses hinc discedes, Mediolanum adibis, ibique in Domino obdormies" (VII,176). Situando o *VIII Raptus* no tempo litúrgico, Amadeu acentua mais uma vez a ideia do seu fim próximo: "Vltimus raptus meus postquam cito in Domino me obdormire oportebat, secundum quod angelus sanctus mihi reuelauerat, fuit die triduo ante Ascensionem Domini, die Lune diluculo" (VIII,176). Este último Arrebatamento fecha a reforçar a mesma ideia: "Tu uero ad aliam ciuitatem ibis et tuos oculos ibi cum gratia Dei claudes et letaberis in Deo salutari tuo" (VIII,223).

Embora a cronologia dos *Raptus* não confirme explicitamente a afirmação de que foi de um ano o tempo da composição da obra, não só a não contradiz, como deixa ver a sua plausibilidade. O *VI Raptus* aconteceu no Domingo de Páscoa, como se lê no final: "Dum ego adorarem, angelum non uidi. Et subito uidi me esse in cellula mea et cauerna. Aperui ostium. Fratres comparuerunt, quia dies Dominice Ressionis erat meque in refectorium ad lautiolem solito cibum inuitauerunt et adhuc quasi attonitum et in extasi

positum conduxerunt” (VI,147). Aconteceu poucos dias depois do *V*, como se diz na abertura: “Paucis postmodum reuolutis diebus, iterum raptus sum...” (VI,112). O *V*, por sua vez, aconteceu “transactis pene quindecim diebus” (V,71), como diz na abertura também.

Entre o *III* e o *IV* foi curta a distância, pois assim abre este: “Post certo tempore raptus fui in rotam iterum” (IV,41). Nos três primeiros não se precisam datas nem relações. O *I* começa: “Ego Amadeus fui raptus ex spelunca mea ubi orabam”. O *II* afirma apenas: “Raptus sum alia die...”. O *III* começa: Vna dierum, dum frequenter meditarer, fui raptus...”.

Do “una dierum” do *III* ao “post certo tempore” do *IV* e ao “transactis pene quindecim diebus” do *V* até ao “paucis postmodum reuolutis diebus” do *VI*, que se situa na Páscoa, vai-se precisando o tempo e vai-se enquadrando a acção no tempo litúrgico. O ponto de referência é o Domingo da Ressurreição do Senhor, sendo que o *VII* ocorre na oitava da Páscoa e o *VIII* na Segunda Feira da Ascensão.

Não há, pois, qualquer dado que perturbe a possibilidade de concordância entre a cronologia da obra e a afirmação de Francesco Biondo relativa à morte de Amadeu. O mesmo se poderá dizer do tempo e do modo da composição.

Mais estreita é a relação entre as afirmações contidas nas cartas do bispo Georgius Benignus e *Apocalypsis*, afirmações que, firmado em outros testemunhos, fr. Miguel reforça.

No primeiro encontro de Amadeu com o anjo, ao ser-lhe traçado o plano do que vai acontecer, plano cuja realização começa com ele, recebe uma ordem: “ut omnia diligenter aduertas et in armario tui cordis reponas et conscribas conscriptaque serues et custodias...” (I,2). Logo depois, acrescenta: “sed caue ne tu dixeris ea alicui aut reuelaueris, quia uoluntas Dei est ut, tempore suo, per illum quem ipse uult hec hominibus nota fiant” (I,2).

A dupla ideia da missão de Amadeu e do Pastor é reforçada no início do *III Raptus*: “interim tu istum librum preparabis et claudes usque ad tempus huius pastoris iam a Deo electi” (III,20). O Pastor “magna auctoritate sibi a Deo tradita librum istum aperiet et omnia misteria in eo conscripta omnibus populis aperiet et manifestabit” (III,19). Nem o papa, de que Amadeu é confessor, poderá ter conhecimento dos segredos do Livro, “cui nihil horum reuelles”, é-lhe dito no final do *III Raptus*. É outro modo de marcar bem a distinção entre os dois tempos da Igreja.

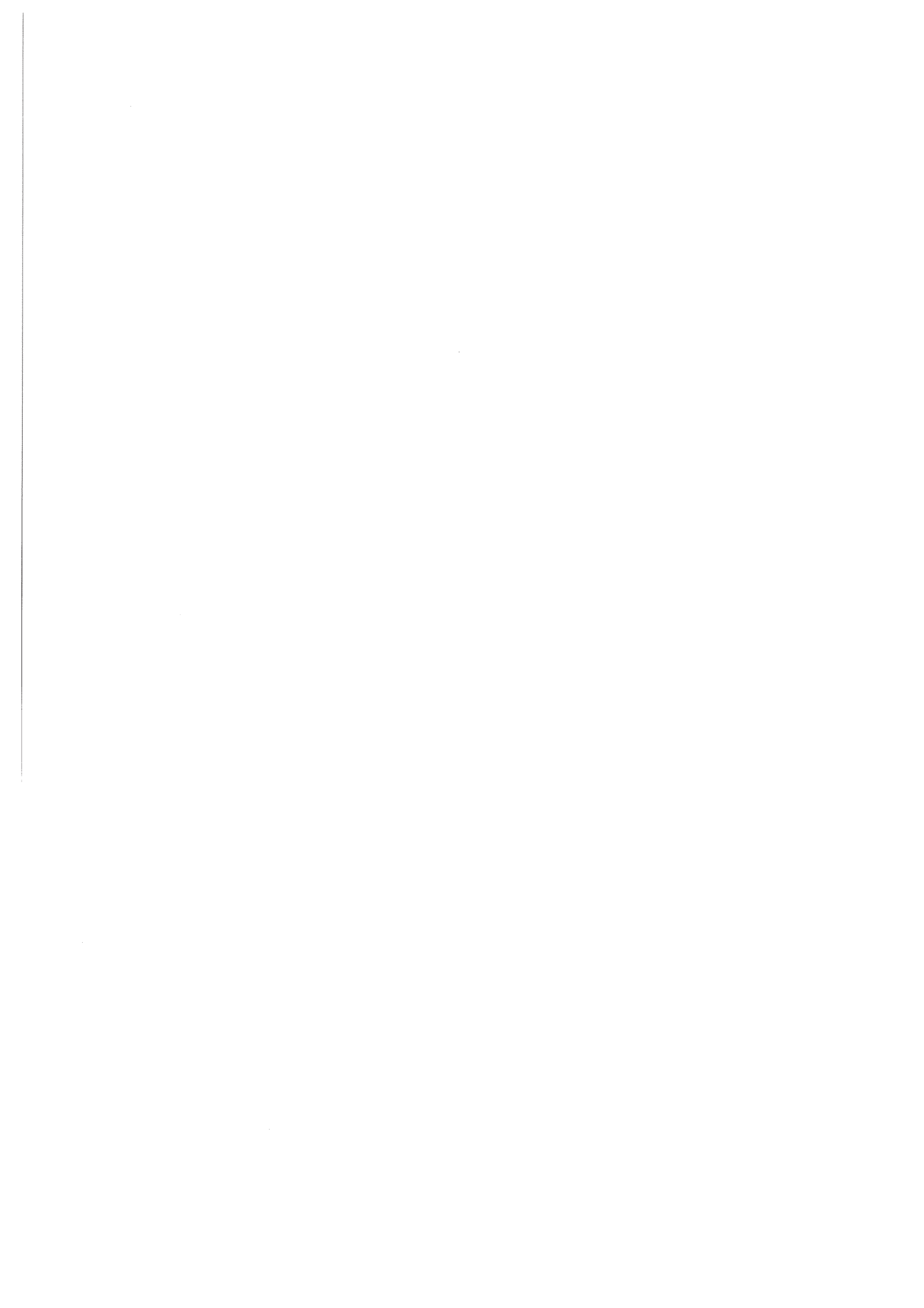
Não tendo obtido resposta quanto ao "quando" do Pastor, no *III Raptus*, Amadeu ouve, no *IV*, a promessa relativa ao "quem": "Iam dicam tibi, quia illud tot precibus meruisti, qui est futurus pastor quem Deus elegit" (IV,41). Depois de lhe haver sido traçado o perfil do Pastor, ouve do anjo a sentença: "Ecce dedi tibi faciem eius, obserua et custodi eam. Antequam ipse redeat Romam, tu Mediolanum accedes et ibi diem extremum claudes. Relinque imaginem hanc una cum libro Rome et, ex parte Dei, precipe sub pena mortis ut nullus librum aperiat usquequo Domino placuerit ut paulatim in lucem ueniant occulta et arcana Dei. Si quis uero ante illud tempus aperire librum presumpserit, dabit debitas penas" (IV,44). E, nos termos do apêndice de *M*, a ameaça acabou por se tornar realidade: "Costui ha fato uno libro grande como Augustino *De Ciuitate Dei*, elquale comando si tenisse in custodia in fino che idio mandesse uno a chi tocava ad aprilo e breuiter certi frati circha a tre volte tentarono daprirlo, in infra pochi di, subito amalati, morirono."

São constantes ao longo da Livro e revestem formas várias as afirmações de que ele se destina ao Pastor que há-de vir, a quem cabe abri-lo e dar a conhecer a todos os segredos nele contidos. É com uma afirmação dessas que a obra encerra: "Hec secreta non sunt dicenda omnibus, sed publicabit ea electus pastor benedictus quem Deus, ut audisti, cito missurus est pro consolatione fidelium et conuersione gentilium. Ab illo enim incipiet promulgatio libri et per illum Deus omnia que dixi perficiet" (VIII,223).

Há, no que acaba de ser dito, dois aspectos a merecerem realce. Um, é a coincidência entre o que decorre do texto de *Apocalypsis* e a história narrada no apêndice, história com duas proveniências. O outro, é o significado da própria história. É ideia corrente, ideia a que o Prof. Sousa Costa deu acolhimento, de que *Apocalypsis Noua* é obra espúria. Terá sido alterada por um grego, especialista em Escoto, no sentido de colher dela dividendos políticos. É evidente a referência, mas pouco seguro parece apresentar-se o resultado, como se irá ver adiante.



## **II Identificação**



## MEDIADOR DA REVELAÇÃO

No plano da obra, o mediador da revelação tem a função de escrever e guardar os segredos que Deus quis partilhar com ele. Regista-se em toda a obra o imperativo “scribe” e o conjuntivo final “ut scribas”.

O mediador é caracterizado em três tempos: nas palavras do anjo, que o apouca; nas suas palavras, em que aceita e reforça o ponto de vista do anjo; no juízo, muito positivo, que o anjo faz do seu próprio conhecimento, em que Amadeu, enquanto autor, se projecta.

Logo no início assim se lhe dirige o anjo: “Audi igitur et aduerte ad uerba oris mei. Te namque tamquam simplicem et idiotam Deus elegit” (I,2).

No *II Raptus*, respondendo a uma questão levantada pelo mediador, o anjo caracteriza-o deste modo: “Accipe hoc, homo Dei et serve simplex” (II,16). Logo depois, respondendo a outra questão, diz-lhe: “Bene constat te esse purum hominem” (II,16).

No *III*, perante a pertinência de uma outra questão, o anjo secundarisa a importância da acção do mediador na decisão de Deus: “Scio te idiotam talia dubia proponere nescire” (III,21). Logo depois, a mesma ideia é reforçada: “Hoc nota, homo Dei, et quamuis tu sis ineptior ad talia, gratia tamen Dei aptior factus es et, ubi intelligere non potes ad plenum, scribe prout tibi a me dicuntur... Tu es Deo in hac re tamquam equus fratri tuo ferens farinam de molendino” (III,24). O próprio mediador, fazendo votos para que possa desempenhar bem a função que lhe é atribuída, acentua a ideia de desvalorização pessoal: “utinam sim bonus asinus ad deferendum tantum bonum” (III,24). Assume a condição de “rude animal”, mas salvaguarda: “cognoui tamen presepe domini mei” (III, 24). Simples, ignorante, mas sabe o que faz e é grato.

Queixando-se de falta de capacidade para reter a informação recebida, ouve a cáustica censura do anjo: “Nonne dixi tibi quia tu es animal deferens hec nutrimenta illi

qui pascet gregem Dei nostri” (III,25)? Mais uma vez aceita o papel, mas valoriza o desempenho: “Fiat, fiat, dum sim asinus alimenta Dei fidelibus deferens” (III,25).

Aceitando a função de mero instrumento sem valor, não deixa de questionar: “Valde placet ista miranda audire. Conscribam ea ut potero. Sed, mi domine, hoc nunc uersatur in corde meo quod explanare ignoro tamquam simplex et idiota” (III,31).

Posição idêntica assume mais à frente: “Idiota sum, domine mi, et numquam scientiam aliquam didici. Tamen...” (III,32).

Apesar da aceitação do apoucamento e da desvalorização pessoal, não quer ficar com dúvidas. Quer claramente saber qual é a relação entre a privação da graça original e o dano. O anjo parece pôr em causa a consciência que ele tem da questão que quer formular e diz-lhe: “O pauper homuntio, intelligisne que dicis? Videris mihi asina Balaam” (III,33). Aceita e acrescenta: “loquor ut pica quedam et certe non percipio” (III,33). Mesmo assim, ou talvez por isso, o plano de Deus cumpre-se, na opinião do anjo, que diz: “sic ordinatum est ut per simplicissimum hominem hec dirigantur illi...” (III,33).

No *V Raptus*, o mediador questiona o anjo sobre a necessidade da alma humana em Cristo, uma vez que a sua carne estava vivificada pela divindade. O anjo pulveriza as pretensões dele: “O homuntio, quis te docuit arguere et ea que patres tui non tenent, sed tenere abhorrent, approbare? Et quia uideo te sicut multos alios rudes...” (V,89).

Depois de haver desenvolvido longa argumentação contrária à existência da alma humana em Cristo, expondo uma teoria que não defende, conclui o anjo: “Vides, animal Dei, si ego pro illa cogitatione tua ... sciuerim adducere tot rationes” (V, pág.154)<sup>41</sup>?

Lamenta-se o intermediário do pouco que foi dito pelos evangelistas sobre a encarnação de Cristo. O anjo chama Lucas e diz-lhe: “Dicito, carissime, huic homini simplici an pretermisisti pulchriora de incarnatione Filii Dei” (V,90).

Que significado pode ter esta desvalorização do intermediário da revelação?

É um processo literário em que estão presentes o “topos” da “humilitas e o do apoucamento e da submissão. São também e sobretudo fórmulas de devoção.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Havendo o manuscrito *V* sido tomado como referência, uma vez que omite as partes do texto relacionadas com o apolinarismo e com a actividade de Cristo entre os 12 e os 30 anos, há necessidade de citar as passagens referentes a estes textos pelas páginas do texto estabelecido.

<sup>42</sup> CURTIUS, *Literatura Europea y Edad Media Latina*, 129

Não parece, todavia, que hajam sido só razões literárias que motivaram o autor.

No início do *IV Raptus*, depois de o anjo haver satisfeito a legítima curiosidade do intermediário, mostrando-lhe em imagem o Pastor prometido, desabafa ele: “... et uisum est mihi quod impossibile esset per illum tot fieri... Et recordatus sum cuiusdam dicti Scripture dicentis: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahe*”<sup>43</sup> (IV,45). E traduz o pensamento subjacente à afirmação da Escritura e ao seu espanto: “Non sunt homines qui talia faciunt, sed tu, Deus, facis omnia. Nos sumus quedam ualde remota instrumenta” (IV,45). A mensagem chegará com tanto maior fidelidade quanto maior for o apagamento do mediador. A desvalorização do intermediário é, acima de tudo, um processo de esvaziamento do humano, para deixar todo o espaço livre para que a mensagem chegue sem distorções.

O mediador da revelação tem o seu nome na obra: “Ego Amadeus...”; viveu um acontecimento: “fui raptus...”; num meio: “ex spelunca mea”; numa situação: “ubi orabam” (I,1). Em simultâneo com o estatuto de personagem na estrutura da obra, tem a função de autor.

Há ao longo da obra um conjunto de circunstâncias que o caracterizam.

À indicação do nome e do acontecimento que desencadeia a acção do livro, segue-se a indicação do lugar: “ex spelunca mea” (I,1). A gruta é o ponto de partida e o ponto de chegada em todos os *Raptus*.

“Rediens ad cauernam meam...” é a formula com que encerra o *I Raptus*.

Deste modo encerra o *Secundus*: “his dictis et auditis reductus sum in locum meum a sanctis angelis qui me hortabantur ut ad socios meos redirem et cibum corporalem sumerem” (II,19).

Mais curta é a frase que encerra o *III*: “tunc in breuissimo tempore me reperi in cauerna mea, fratribus meis ad ostium stantibus meque uocantibus” (III,41). Havia-se iniciado: “una dierum, dum frequenter meditarer, fui raptus...” (III,19).

O *IV* precisa mais o lugar: “his dictis et auditis, uisio disparuit. Et ego cepi esurire et sitire uehementer, reperiendo me in cauerna mea et subterranea cellula mea” (IV,70).

É no meio da oração que no *V* é arrebatado: “...dum iterum orarem in cauerna mea, raptus sum...” (V,70). Aí se encontra depois de passada a visão: “His dictis, subito

---

<sup>43</sup> Lc 3:8; Mt 3:9

reductus sum ad locum unde raptus fueram, multis me expectantibus et quarentibus ubi essem...” (V,112).

O fecho do *VI* precisa mais o ambiente da vivência do mediador: “et subito uidi me esse in cellula mea et cauerna. Aperui ostium. Fratres comparuerunt, quia dies Dominice Ressionis erat, meque in refectorium ad lautiolem solito cibum inuitauerunt et adhuc quasi attonitum et in extasi positum conduxerunt” (VI,147). É uma cela, numa gruta, com uma comunidade.

O momento de oração na gruta é o quadro em que se dá também o arrebatamento no *VII Raptus*: “dum feruenter orarem in cauerna mea...” (VII,147), e no *VIII*: “me itaque in cauerna mea deuotius solito orante...” (VIII,176). É na gruta, entre os seus irmãos, que se acha no final do *VII*: “inuentus sum in spelunca mea. Exceptus sum cum honore et amore a fratribus meis...” (VII,176).

Depois de, no encerramento do *III Raptus*, reforçar a ordem: “scribe – serua”, o anjo ordena: “redeundum est tibi ad cellam tuam et cauernam tuam. Ibi enim te prestolantur fratres tui, et alii te perquirunt. Et papa pro te iam ter misit, cui nil horum reuelles, sed solum dicas...” (III,40). Logo a seguir, no início do *IV Raptus*, o anjo define o papa e marca o laço que a ele une o mediador: “Nunc est pastor quem scis, cum quo pluries locutus es, multorum bonorum et malorum auctor. Sed bona eius et deuotiones uincunt malitiam” (IV,41).

Resta a dúvida sobre se os arrebatamentos de Amadeu são apenas êxtases ou se ele é levado para outro lugar onde não come nem bebe. A linguagem usada é viva, realista e sugere o seu desaparecimento.

Foi na gruta que Amadeu, ditando ou escrevendo, redigiu a *Apocalypsis*, conforme reza o apêndice de *M*: “e fo scripto esso libro in la crotta grande, per che dua crotte erano in questo monte”. Aí viveu com a sua pobre comunidade enquanto a função de confessor e conselheiro de Sisto IV o reteve em Roma.

Simultaneamente, há outra imagem que se pode construir, não do mediador, mas de Amadeu Meneses da Silva, o autor.

Questionado pelo mediador, que punha em causa o raciocínio que Gabriel, expressando o pensamento do autor, desenvolvia, responde-lhe o anjo sorrindo: “Scio dialecticam, scio omnes apparentias rationum et fallacias et responsiones uelatas...” (V, pág.154).

Expõe também em que tempo e de que modo a substância do pão, que havia cedido nos acidentes o lugar ao corpo de Cristo, retorna a esses acidentes quando estes deixam de ser sacramento. Gracejando, explica: “... ut uestrorum philosophorum more loquar, quia et ego opera Aristotelis uestri legi et intellexi antequam scripsisset, et hoc dicens subrisit” (VI,122).

Tratando dos efeitos da presença de um corpo glorioso num lugar, para concluir que pode ou não sentir-se, segundo se apresente de modo quantitativo ou não quantitativo, assim conclui: “Nos ita respondemus, quia studio philosophie multis annis uacuimus, (et hoc dicens subrisit), corpus gloriosum est corpus sensibile” (VI,138).

O anjo discorre sobre a sabedoria enquanto atributo de Deus, e sobre o modo como esta se distingue da entidade Deus. Assumindo uma atitude de humildade, o mediador questiona: “Domine mi, ego numquam audiui theologiam neque didici. Tamen...” (VII,150). Na resposta, o anjo afirma: “Et ego theologiam, diu est, didici et alium modum dicendi bene noui” (VII,150).

Discute-se a trindade das Pessoas e a unidade da natureza em Deus. O mediador afirma: “Domine mi, quamuis non omnia perfecte capiam, hoc tamen intellexi, quod in diuina persona nil est quod non sit deitas et etiam quod persona est Deus et Deus est persona” (VII,165). Segue-se uma longa exposição de teologia trinitária em que se pretender levar mais longe as posições de Agostinho, Tomás e Escoto, que na presença do anjo dão o seu assentimento.

Pela mediação do anjo, Amadeu afirma-se conhecedor da filosofia, leitor de Aristóteles, estudioso por muitos anos da filosofia e da teologia e discute, completando-os, com os luminares dessas disciplinas.

Este desdobramento de Amadeu no desempenho dos papéis de mediador e autor facultava-lhe a possibilidade de mostrar, sem que seja essa a intenção primeira, o seu domínio da filosofia e da teologia. A leitura do padre dominicano *Hieronimus Victurinus Venetus*,<sup>44</sup> que o censura de apolinarista, captou bem este lado do conhecimento de Amadeu ao dizer: “uidere mihi uideor hunc hominem eruditum sane fuisse et acutum quod eius scripta etiam stupidis lectoribus probant multumque temporis impendisse in lectione ueterum Patrum et scholasticorum...”

---

<sup>44</sup> Apêndice de G

À página 226 do *Studio Critico e Documenti inediti sulla vita del Beato Amadeo da Silva nel quinto centenario della morte*, refere-se o Prof. Sousa Costa aos efeitos que sobre o desenvolvimento cultural da Congregação dos Amadeítas teve o já referido testamento de um noviço, que em 18 de Fevereiro de 1478 legou à biblioteca do convento de Santa Maria della Pace de Milano “vari libri de teologia, diritto canonico e filosofia”. Que terá motivado este homem, a quem a vida nos conventos franciscanos não satisfazia e, por isso, procurou aproximar-se do ideal do seu pai Francisco ao seguir o ideal de pobreza estrita, a aceitar aquilo que o próprio Francisco começou por considerar um luxo?

O códice 190 A, da biblioteca do Archiginasio de Bologna, datado de 1550, designado *G*, incorpora um documento em duas cópias, uma no início e outra no fim, que merece especial atenção. É o relato de um dominicano, fr. Hieronimus Victurinus Venetus, “theologus publicus, in Gymnasio Patavino professor, ac vicarius generalis vicarie S. Dominici”, dos seus encontros em Roma, onde se deslocara em serviço da sua vigararia, em casa do bispo Ambrosius Catherinus<sup>45</sup>. Era este, no tempo do papa Júlio III, doutor de nomeada, gozando junto do papa de prestígio e autoridade.

Encontrando-se aí “inter eruditos aliquot qui aderant”, pediu ao bispo Catherinus informações “de Amadei scriptis”. Ouvem, ele e os outros convivas, a história dos amores de Amadeu pela princesa, filha de D. Duarte, a sua decepção amorosa e ingresso na vida religiosa, a referência aos seus progressos nessa vida a ponto de alcançar rapidamente posições de responsabilidade. Mas ficam todos a saber também que “uir tamen idiota erat et litterarum prorsus ignorans”, embora soubesse ler e escrever, “et fortasse nullam latini sermonis cognitionem habebat”.

Apesar deste quadro pouco abonatório da valia intelectual de Amadeu, o sábio bispo conta: “Narravitque mihi notarius illius ... quod dictabat omnia tenens breuiarium apertum in manibus, aspiciens illud ueluti legeret, et ipse notarius scribebat”. E tem o

---

<sup>45</sup> É o nome religioso de Lancelot Politi. Nascido em Siena em 1483, era doutor em leis aos dezasseis anos. Nomeado professor em Siena, teve como alunos o futuro papa Júlio III, Giovanni del Monte, e o famoso Sisto de Siena, judeu converso que, embora amigo do mestre, lhe condenava a doutrina.

Em 1513 entrou na Ordem dominicana em Florença. Foi auto-didata em teologia, o que pode justificar as suas posições pouco ortodoxas. Teve papel de realce no Concílio de Trento, a que foi chamado pelo seu antigo aluno, agora cardeal del Monte, legado papal.

Nomeado bispo em 1546, ia ser elevado a cardeal quando morreu em Nápoles, em 1553.

Historiadores e teólogos consideram-no um génio brilhante, embora excêntrico, mas sempre obediente às orientações da Igreja.

Foi defensor da Imaculada Conceição.

cuidado de frisar que ele próprio obteve a confirmação de quanto afirma do próprio escrivão, “qui ita esse sicut narraui affirmabat et iurabat”.

Mitiga a conclusão que se vê obrigado a tirar com a condicional “si uerum est”. Pois, se é assim, só resta crer na acção do Espírito Santo: “magnum est argumentum quod a Spiritu Sancto hec habuit que scripsit”.

Esta é a posição do bispo *Ambrosius Catherinus*, nas palavras de fr. Jerónimo: “hec Ambrosius Catherinus”.

A posição de fr. Jerónimo funda-se em factos e é implicitamente crítica da do bispo *Catherinus*. Ajuíza a partir da realidade: “Ea propter, ex fructibus, hoc est, ex operibus non que fecit, quoniam de illis non habeo certum et constat testimonium, sed que scripsit siue per se siue per alium ... uidere mihi uideor hunc hominem eruditum sane fuisse et acutum quod eius scripta etiam stupidis lectoribus probant multumque temporis impendisse in lectione ueterum Patrum et scholasticorum...” A obra deixa ver a quem a leia o homem que a escreveu, instruído e profundo.

A generosidade do dominicano não é gratuita. Aceita a obra, reconhece o valor do seu autor, mas ataca demolidoramente: “sed tamen uanum, subdolum, hippocritam et mendacem”. Assim qualifica Amadeu. E explica:

Impostor porque, além de não provar o que afirma, mostra desprezo pelos Padres, que a Igreja venera como órgãos de Deus: “quoniam multa noua tam in doctrina quam circa euentus futuros sine probatione frequenter adducit neglectim aut etiam spretis antiquioribus Patribus quos tamquam Dei organa Ecclesia ueneratur”.

Pérfido porque, sempre que pode, dá acolhimento aos delírios escotistas: “quoniam scoticis deliriis ubi commode potest ... fauet”.

Hipócrita porque inventa grutas, céus, arrebatamentos e, sobretudo, porque usa um estilo de que só os profetas se serviram, factos que cheiram a presunção e desprezo: “quoniam fingit speluncas, celos, raptus. Nam nemo Patrum talem scribendi modum preter prophetas obseruauit...”.

Mentiroso se lhe afigura em relação aos dogmas já que, por um lado, defende, com Apolinário, que em Cristo o *logos* toma o lugar da alma humana; por outro, afirma haver visto o Pastor angélico. E já lá vão cerca de noventa anos e continuamos a esperá-lo.

Amadeu morreu em 10 de Agosto de 1482. A *Apocalypsis Noua* foi dada a conhecer em 1502. O *incipit* de *G* reza assim: “Incipit die 28 Maii 1550”. O *explicit* é: “Finis, die 14 Julii 1550”. O manuscrito *G* foi, pois, copiado 68 anos depois da morte de Amadeu e 48 depois da abertura da sua obra. Tem os fólhos numerados de 1 a 101. A cópia do apêndice, integrada no final, tem a numeração 102, mas é cópia de outra mão. O apêndice, nas suas duas mãos, não é, pois, originariamente, deste manuscrito. Ambas as versões são de mão distinta e ambas são distintas da mão do corpo do manuscrito.

O original das duas mãos deste apêndice terá sido escrito, nas palavras do seu autor, cerca de noventa anos depois da morte de Amadeu – “ab eius obitu effluxerunt paulo minus nonaginta annis”, ou seja, cercas de 1570. Mas esta data aparentemente choca com a afirmação inicial, que situa o encontro em casa do bispo *Catherinus* no pontificado de Júlio III (8 Fev.1550 - 23 Mar.1555), “tunc temporis Pontificem”. Este lapso de tempo, contudo, cabe perfeitamente na distância que vai entre o acontecido e o escrito.

O seu interesse não é afectado pelo facto de não pertencer originariamente ao manuscrito a que está associado. O tema é Amadeu e a sua obra. O interesse reside no facto de, por caminhos distintos, duas personalidades com a projecção destas confirmarem Amadeu como autor da *Apocalypsis*.

Esta afirmação não é um puro acto de fé de quem a faz, mas a certeza de quem declara: “narravitque mihi notarius illius”. E a afirmação relativa ao modo como a obra de Amadeu foi escrita coincide com o relato de fr. Miguel de Trecha, de 1516. E tem tanto maior valor quanto a opinião sobre o autor é extremamente negativa.

Não poderá deixar de se levantar a dúvida quanto à possibilidade de encontro entre um bispo no auge da sua carreira por volta de 1550 e um “notarius” que regista uma obra por volta de 1480. Os setenta anos que separam as duas datas não são, apesar de tudo, razão suficiente para dar consistência à dúvida, já que se não refere o momento desse encontro e não é, materialmente, impossível que as vidas dos dois homens se houvessem sobreposto.

A posição de Jerónimo Vitorino é diferente da do bispo Catarino. Imbuído aparentemente de um espírito mais racionalista, homem já do Renascimento, julga o homem a partir da obra “non que fecit ... sed que scripsit”. A confissão da autoria é clara. As suas adversativas, se por um lado confirmam o seu espírito racionalista “quem et circa euentus futuros sine probatione frequenter adducit”, deixam, por outro, vir ao de cima o preconceito do dominicano tomista contra o franciscano escotista. Preconceito

que lhe não deixa o espírito livre para uma leitura tranquila. É verdade que Amadeu desenvolve, talvez sem uma boa justificação e em demasia, a doutrina de Apolinário. Mas para logo a desmontar e condenar. Há manuscritos que suprimem essa passagem, talvez por considerá-la inútil.

Não há, baseado nesse facto, razões para considerar Amadeu *mendax*. Nem a referência a grutas faz dele um ser estranho. Era, como se viu, a obra mostra e o apêndice de *M* confirma, o lugar onde vivia.

Da leitura do texto resulta clara a convicção de que foi escrito por quem lidava com a filosofia e a teologia com agilidade e destreza. A função do anjo, narrador principal, que tem a preocupação de sublinhar o teor dos seus conhecimentos, dá corpo à figura do autor.

Com esta, coincide a leitura do autor do apêndice do manuscrito G. As suas afirmações corroboram a conclusão do capítulo anterior, ao reconhecer Amadeu como autor de *Apocalypsis Noua*; confirmam a certeza que ressalta da leitura da obra, ao afirmar que Amadeu era instruído e profundo.

## HISTÓRIA DE UMA DETURPAÇÃO

Lê-se na página 239 do *Studio Critico e Documenti Inediti sulla Vita del Beato Amadeo da Silva* do Prof. Sousa Costa: “Comunque, non c’è dubbio che il libro sia stato adulterato da partigiani, il che indusse un autore citato da Cornelio a Lapide ad asserire che ‘Angelus beati Amadei fuit Scotista’.

Barbosa Machado, tratando do Beato Amadeu, afirma: “Compôs um livro de vaticínios acerca do estado futuro da Igreja, que lhe foram por Deus revelados... Contra esta obra, adulterada com diversos erros, compôs o Eminentíssimo cardeal Belarmino<sup>46</sup> cinquenta e sete censuras... E assim, deve ser lida com grande cautela, como prudentemente advertiram os mais insignes cronistas da Ordem Seráfica, devendo ser julgada não como produção do iluminado espírito do Beato Amadeu, mas fantasia fecunda de ficções, como escreveram Cornélio Alapide<sup>47</sup>... Donde claramente se colhe o indiscreto arrojado com que o cardeal Caetano<sup>48</sup> ... e Bzovio ... quiseram manchar a opinião do Beato Amadeu, afirmando ser sua esta obra contaminada com opiniões

---

<sup>46</sup> S. Roberto Belarmino nasceu em 1542 em Montefulciano, entrou na Companhia de Jesus em 1560, foi ordenado sacerdote em 1570. Foi professor e reitor dos Colégios de Roma e de Nápoles. Foi criado cardeal em 1599, estando à frente da diocese de Cápua entre 1602 e 1605, data em que passou a ser conselheiro papal. Morreu em 1621 e foi canonizado em 1630.

<sup>47</sup> Cornelis Cornelissen van den Steen nasceu em 1566 em Bucold, diocese de Liege, Bélgica. Entrou na Companhia de Jesus e frequentou os estudos de humanidades e filosofia em Maastrich e Colónia, fez a filosofia em Lovaina. Ordenado sacerdote em 1595, logo iniciou a docência nesta universidade. Chamado a Roma, é professor do Colégio Romano entre 1616 e 1620, data a partir da qual, por razões de saúde, se dedicou à escrita. Morreu em Roma em 1637 com a idade de 70 anos. Escreveu extensa obra, que é valorizada pelos críticos sob o ponto de vista pastoral, mas olhada com reserva sob o ponto de vista da exegese.

<sup>48</sup> Tomás de Vio Caetano, ou Caetano, 1468/1534, dominicano, mestre em teologia, professor em Pádua, foi eleito Mestre Geral em 1508. Deu início à reforma da Ordem assente em dois pilares – pobreza e estudo. Lutou contra o projecto de Luís XII e de Maximiano de reunir um Concílio contra o papa. Criado cardeal por Leão X em 1517, foi enviado à Alemanha como delegado papal com o intuito de reconduzir Lutero à comunhão da Igreja. A sua pouca maleabilidade e falta de tacto diplomático impediram-lhe o sucesso. Bispo de Gaeta em 1519. Desenvolveu importante labor filosófico e teológico sob a forma de comentários a Aristóteles e S. Tomás, de quem foi um dos mais importantes seguidores. A sua obra deixa ver um comentador inteligente, profundo e sintético.

erróneas e falsos vaticínios. Leiam-se Briceno ... Waddingo, Alva e Samaniego que, com doutíssimas apologias defendem a santificada fama do Beato Amadeu...”.

Fr. Marcos de Lisboa, cronista da Ordem entre 1556 e 1570, foi provavelmente o primeiro a assumir uma posição de denúncia, pois, como diz o Prof. Sousa Costa, “già Fra Marco da Lisbona richiamava l’attenzione dei lettori per il facto che il libro rivelativo dell’*Apocalypsis* è stato totalmente incompreso e deformato da miopi e fantasiosi cervelli, che “iam non sit Amadei, sed eorum qui haec coaceruarunt”<sup>49</sup>.

Tossignano, franciscano e igualmente cronista da Ordem entre 1586/1595, afirma, segundo também o Prof. Sousa Costa: “Scripsit enim ingentem librum, qui fictis imaginibus et commentis fuit a nonnullis corruptus, ut iam Amadei non sit”<sup>50</sup>.

Uma leitura superficial deixa a pairar a ideia de que Tossignano repete Marcos.

Waddingo, (1588/1657), franciscano, cronista da Ordem, “rifiuta tutte e singole le affermazioni di Bzovius sulle 9 eresie, che credeva d’aver trovato nelli ‘Amadei raptus octo’<sup>51</sup>.

E o Prof. Sousa Costa acrescenta: “Sullo stesso ordine di idee si allineò e si pronunciò pure Pietro Rodolfo, António de Vasconcelos, Cornelio a Lapide con altri”. E aponta uma razão: “In verità lo stile delle numerose lettere del Beato ci convince che le rivelazioni dell’*Apocalypsis*, come oggi son conosciute, non possono essere attribuite a Fra Amadeo” (*Studio Critico*, 239).

A obra do Beato Amadeu, tal como hoje se apresenta, não é, segundo estes autores, a obra original. Foi objecto de deturpações vis que visavam orientar para proveito próprio as revelações supostamente feitas ao Beato Amadeu.

Onde está o ponto de apoio para tão ousadas opiniões? Em boa verdade nem se poderá falar em opiniões, pois, sendo vários os autores e distintas as épocas, a opinião é a mesma, repetida, embora, sob formas várias. A fonte parece ter sido fr. Marcos de Lisboa. E a família franciscana foi repetindo e ampliando a ideia.

O texto de Barbosa Machado acima referido é significativo: “E assim, deve ser lida com grande cautela, como prudentemente advertiram os mais insignes cronistas da Ordem Seráfica, devendo ser julgada não como produção do iluminado espírito do Beato Amadeu, mas fantasia fecunda de ficções... [...] Donde claramente se colhe o indiscreto arrojo com que o cardeal Caetano ... e Bzovio ... quiseram manchar a opinião

---

<sup>49</sup> Fr. Marcos de Lisboa, Tercera Parte de las Chronicas, lib. 6, cap. 30, 179. (*Studio Critico*, 239)

<sup>50</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 238

<sup>51</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 239

do Beato Amadeu, afirmando ser sua esta obra contaminada com opiniões erróneas e falsos vaticínios.”

Barbosa Machado, fazendo-se eco do pensamento franciscano, estabelece uma clara distinção entre o modo como os franciscano vêem o problema e o modo como ele é visto pelos analistas das outras Ordens, que ele condena. E, de facto, se exceptuarmos a Lapida, jesuíta, todos os outros sintonizam na ideia da existência de erros na obra, mas nenhum põe em causa a autoria. Vejamos.

As revelações do Beato Amadeu “fecero molto strepito nel secolo XV”, afirma um extracto da História Seráfica que serve de apresentação ao códice 190 A da Biblioteca do Archiginasio de Bologna.

Esta mesma ideia de “strepito” ressalta do apêndice deste mesmo códice, como fica dito no capítulo anterior. O facto de Amadeu e a sua obra serem objecto de discussão, cerca de setenta anos depois da sua morte, num ambiente simultaneamente culto e alheio à família franciscana, é disso sinal evidente. São, apesar disso, distintas as posições dos dois interlocutores.

Ambrósio Catarino é um culto bispo da Cúria. Desvaloriza o homem. Reconhece a obra e vê nela a acção do Espírito Santo.

Jerónimo Victorino é um teólogo dominicano. Reconhece o valor intelectual do homem. Aponta erros doutrinários na obra.

Estas posições são assumidas durante o pontificado de Júlio III (1550/1555)<sup>52</sup>.

S. Roberto Belarmino, jesuíta, “contra esta obra, adulterada com diversos erros, compôs cinquenta e sete censuras”, de acordo com Barbosa Machado.

Bzovio, (1567/1637), dominicano polaco, “a causa dell’*Apocalypsis*, basato su affermazioni falsamente attribuite al Beato, nega la santità di questo, proclamando erético ed impostore...”, diz o Prof. Sousa Costa<sup>53</sup>.

Cornélio a Lapide, jesuíta, contemporâneo de Bzovio, cita, também de acordo com o Prof. Sousa Costa, um autor que considera que “Angelus Beati Amadei fuit Scotista”, desvio apontado já pelo dominicano Jerónimo Victorino<sup>54</sup>.

No que se refere a questões de ortodoxia, a posição das inquisições espanhola e portuguesa difere desta visão negativista. Diz o teólogo “Doctor Francisco de Bargas”, a

---

<sup>52</sup> ver pág. XL/XLI.

<sup>53</sup> SOUSA COSTA, *Studio Critico*, 238.

<sup>54</sup> ver pág. XLI

quem o Inquisidor-Mór de Espanha incumbiu de rever a obra que lhe fora apresentada por fr. António Ortiz: “... fue mi parecer que no allava en el cosa heretica ni repugnante a nuestra fe catholica”. Frei Miguel dos Santos, que submeteu a cópia que transcreveu ao juízo da mesa do Santo Ofício, quando era Inquisidor-Mór o cardeal D. Henrique, diz: “... me le bolvio sin condicion ni limitacion alguna”.

Qual poderá ser a razão de posições tão distantes?

Amadeu morreu com fama de santo. Foi beatificado e chega a dizer-se que foi canonizado.<sup>55</sup> Os de fora olham para a obra sem constrangimentos e fazem dela uma análise pretensamente objectiva. Os erros são incompatíveis com a santidade, que a família franciscana reconhece em Amadeu. Não podendo negar a santidade, os franciscanos negam a autoria da obra, concordando implicitamente com os que a censuram. Afinal o rigor da Inquisição acaba por desmentir a visão de ambas as correntes ao declarar “que no allava en el cosa heretica ni repugnante a nuestra fe catholica”.

Este modo de ajuizar não passa de uma tentativa para encontrar uma justificação para a posição franciscana, pois a que aduz o Prof. Sousa Costa não parece ter grande base. Será que o Cícero das cartas a Ático, com “une phrase rapide, alerte, fort peu ‘cicéronienne’, qui serait plutôt de Sénèque si elle n’était moins affectée”, seria reconhecível em “des périodes interminables des *Pro Milone* ou des *Verrines*”? As suas cartas, continua René Pichon, “révèlent un style absolument différent de celui des œuvres officielles”<sup>56</sup>

Parece, pois, que o argumento da diferença de estilo, o único formalmente apresentado, não terá força suficiente para sustentar a tese da deturpação da obra do Beato Amadeu. Esse argumento aparece mais como movimento instintivo de defesa perante um ataque que, mesmo aos olhos de um leigo, se figura exagerado.

É compreensível esta reacção. Contudo, são de tal peso os testemunhos, quer os do apêndice de *M*, quer o que resulta da consonância apontada entre este apêndice e a obra, quer o da coerência interna da obra, quer o do testemunho registado no apêndice do manuscrito *G*, quer o que resulta da uniformidade de todos os manuscritos, quer ainda o da rede de remissões internas, que a conclusão se apresenta evidente: *Apocalypsis Noua*, tal como hoje o temos, é obra do Beato Amadeu.

---

<sup>55</sup> ver pág. XII

<sup>56</sup> RENÉ PICHON, *Hist. de la Littérature Latine*, 174/75.

## *REX LILIORUM*

Interessante é a questão relativa ao *rex liliorum* levantada no início do *IV Raptus*.

Gabriel vai dar a Amadeu a resposta que lhe havia prometido em III,19. Informa-o de que lhe vai dizer “quis est futurus pastor quem Deus elegit”. Avança-lhe alguns dados de seu perfil. Mas, antes de falar da sua acção, traça, em curtas frases, o perfil do papa actual: “Nunc est pastor ille quem scis”. Traça o perfil de dois outros que hão-de vir “post illum”. Define com mais incisão ainda a situação política que serve de enquadramento a toda a acção.

O papa actual é o “multorum bonorum et malorum auctor”. Mas nele o bem e, sobretudo, a devoção “uincunt malitiam”. O que depois dele virá não se fará notar nem pelo mal nem pelo bem, “ideo eum Deus non dereliquet”. Virá depois Simão Mago, “bos cornupta et taurus non bos”, caracterizado sob três ângulos:

- . “qui constituet in Templo Dei ementes et uedentes;
- . de quo pauci confidere poterunt;
- . cuius temporibus Italia nouo iugo onerabitur”.

Segue-se o desdobramento deste último traço:

- . “cadet et non redibit nouorum uicecomitum domus, nec qui ei succedet tandiu durabit ;
  - . prestabit ille toti Italie ruinam ;
  - . corruet tempore illo nouum Aragonum regnum;
  - . Florentini in aduentu carissimi cuiusdam eorum principis Status sui partem perdent.
- Rixe erunt inter eos et suspiciones;

. Rex liliorum ut fulgur pertransibit et uincet, sine uictoria redibit uixque aufugiet. A quo ductus, ab eo seductus ... Surget a carceribus rex loco eius prudentia fretus, promittet multa, faciet pauca, exiget plurima, in spe cuius plurimi peribunt ;

. Ianuenses dominos multos mutabunt et semper sub dominio erunt”

Salvo diferenças de pormenor, todos os manuscritos registam este mesmo texto. A maioria, cerca de dois terços, acrescenta neste ponto notas marginais que visam identificar as personagens. A sequência dos papas é a histórica: Sisto IV<sup>57</sup>, Inocêncio VIII<sup>58</sup>, Alexandre VI<sup>59</sup>. O “rex liliorum” é Carlos, sendo Luís o seu sucessor. Um dos manuscritos, o *E*, leva mais longe a identificação de Carlos, é Carlos VIII.

Treze dos dezanove manuscritos acrescentam, *ABJMP* em nota marginal, e *CEIQSTUV* no corpo do texto, o seguinte:

“Succedet ovis lunata qui eius comparatione putabitur agnus. Erit quasi non fuerit. Redibit qui nunc est sub alio nomine quod non mentietur. Huius facta maiori fauore ampliabit. Qui cum rugitu sequenti uiam preparabit ad tempora felicia. Hic est uelamen, non dico tibi omnia”.

Dois deles, (*J*, em fólio separado; *V*, no corpo do texto), levam ainda mais longe este desenvolvimento :

“Post istum ueniet remissus, non displicebit. Sequetur ardens sed potius ad malum suis et quasi non sequitur. Sequentis autem uox cum rugitu sequente per totum audietur, longe lateque dilatabitur. Superna miseratione caliginem et eteream et nigras nubes effugabit. Hic initium annorum felicium”.

As notas marginais levam a tentativa de identificação dos papas até Adriano VI<sup>60</sup>. O *C* explícita no corpo do texto os nomes dos papas, ( Sixtus 4, Innocentius 8, Alexander 6, Pius tertius, Julius secundus), dos reis de França, (Carolus est rex francorum, Ludouicus eius successor) e do visconde (Ludouicus).

Não entrando em linha de conta com os acrescentos, cuja intencionalidade se afigura óbvia, fica-se com o texto original. E nele são duas as vertentes.

É natural, até pelo ponto de partida, que se identifiquem os três papas, figuras históricas, com as três situações: “nunc, post, post”. Tanto mais que *Apocalypsis Nova*

---

<sup>57</sup> 1471 - 1484

<sup>58</sup> 1484 - 1492

<sup>59</sup> 1492 - 1503

<sup>60</sup> 1522 - 1523

foi dada a conhecer apenas um ano antes da morte de Alexandre VI, ou seja, dos factos que se pretendem julgar. Mas não será menos provável que estes três tempos representem tão-só, em ambiente apocalíptico, o sentido da marcha para a degradação, com o fim de justificar o aparecimento e a acção reformadora do “pastor electus a Deo”.

Considera-se, pois, não histórica a leitura deste texto. Mas nem por isso a verdade do mesmo seria posta em causa se acaso se reconhecesse um sentido histórico à intencionalidade do autor. Vivendo próximo do papa, mantinha o distanciamento suficiente para lhe permitir ajuizar criteriosamente sobre a instituição e as pessoas.

Susceptível de todas as dúvidas, tendo em conta a História, é a identificação do “rex liliorum”. Alguns manuscritos, nas suas notas, identificam-no: é Carlos. Identificam também o seu sucessor: é Luís. Apenas um, o *E*, como já foi referido, precisa: Carlos VIII, sendo, conseqüentemente, Luís XII o seu sucessor.

Se os nomes propiciam o equívoco, já que a dupla Carlos/Luís se sucede sem interrupção, Carlos VII<sup>61</sup>/Luís XI<sup>62</sup>, Carlos VIII<sup>63</sup>/Luís XII<sup>64</sup>, equívoco reforçado pela leitura dos copistas, maior e mais fundamentado é o equívoco da situação histórica sugerida.

No quadro da confusão política que o texto apresenta, é referida e caracterizada a entrada do “rex liliorum” na Itália. Entra triunfante, “ut fulgur pertransibit et uincet”, e sai derrotado, “sine uictoria redibit uixque aufugiet”. É traído por aquele que o chamou em auxílio, “a quo ductus ab eo seductus”.

Também aqui é curioso o paralelismo das situações. Carlos VIII invadiu a Itália em 1494, respondendo aos apelos, primeiro, de Veneza, que pretendia humilhar a Casa de Aragão, depois, do próprio papado, que em 1486 e em 1489 reitera esse mesmo pedido, com a aliciante, para o jovem rei de França, de fazer de Nápoles o ponto de partida para a cruzada contra o islão ameaçador. Desce triunfante toda a Itália e a 22.2.1495 entra em Nápoles vitorioso<sup>65</sup>.

Entretanto, o papa, que o havia chamado, atrai à sua liga, sob o pretexto da cruzada, todos aqueles a quem as ambições francesas irritavam, ou seja, o rei de Espanha, Maximiliano da Alemanha e o duque de Milão. Isolado, Carlos VIII não teve outra

---

<sup>61</sup> 1422 - 1461

<sup>62</sup> 1461 - 1483

<sup>63</sup> 1491 - 1498

<sup>64</sup> 1498 - 1515

<sup>65</sup> LABANDE, 295-298

coisa a fazer senão voltar para França. E foram grandes as dificuldades para abrir caminho. Foi a humilhação.

Vejamos o que se passou com a dupla Carlos VII/Luís XI.

Em 1454 havia sido assinada entre os vários Estados italianos a paz de Lódi, com a ténue esperança do estabelecimento de uma base de harmonia que permitisse o lançamento de uma cruzada contra o turco que ameaçava, mas não menos como salvaguarda perante o perigo da ameaça francesa.

Os interesses e as inquietudes de cada um minaram desde o princípio a solidez do acordo. Logo a seguir, as ambições do rei de Nápoles sobre Génova atingiram um ponto tal que, pelo tratado de Aix, 1455, os genoveses se entregaram à França. E, quer Veneza, eterna rival de Génova, quer Florença, aliada de Carlos VII, se regozijaram com o desaire de Afonso de Aragão.

No contexto do processo de sucessão em Nápoles, 1458, a revolta popular foi aqui aproveitada pelos senhores feudais, que chamaram em seu auxílio Jean d'Anjou, que governava Génova em nome da França. Ferrant, o sucessor de Afonso VII, foi vencido, mas a vitória de Jean d'Anjou foi estéril, sobretudo porque Génova se havia sublevado.

Os *fuorusceti* genoveses, com o apoio de Milão, acabaram por correr com os franceses em 1461. As tropas francesas de elite vieram em socorro de Jean d'Anjou, mas o renovado apoio dos Sforza e as condições de excessivo calor foram preciosos aliados dos genoveses. As perdas foram grandes para a França e o seu prestígio profundamente abalado. Carlos VII lamentava-se amargamente junto de alguém que se dizia amigo dos franceses<sup>66</sup>.

Qualquer destas situações se enquadra perfeitamente na descrição de *Apocalypsis Noua*. Afigura-se natural a tendência que remete para a situação histórica contemporânea. Aliás a questão do “*rex liliorum*” é suscitada directamente apenas pelo manuscrito *E*, indirectamente pela relação que necessariamente tem de ser feita com os papas. Se fosse Carlos VIII o rei para quem remete o sintagma “*rex liliorum*”, impossível seria poder considerar Amadeu como autor de *Apocalypsis Noua*, uma vez que morreu nove anos antes de aquele ser rei. Se a sucessão dos papas fosse a que resulta de uma leitura histórica do “*nunc, post, post*”, como a que fizeram alguns dos

---

<sup>66</sup> LABANDE, II Parte, cap.VI.

leitores dos manuscritos, não poderia evitar-se a identificação do “*rex liliorum*” com Carlos VIII e, conseqüentemente, iríamos chegar à mesma conclusão.

Mas há um elemento que parece decidir claramente esta questão. O texto do *IV Raptus* continua: “*Surget a carceribus rex loco eius, prudentia fretus, promittet multa, faciet pauca, exiget plurima, in spe cuius plurimi peribunt*”.

O sucessor é Luís, qualquer que fosse o Carlos. Mas a imagem que resulta da leitura deste texto é negativa para ele.

Ambos os Luíses foram afastados pelo respectivo rei. Luís XI “est finalement exilé par son père dans son fief en Dauphiné”<sup>67</sup> na sequência da sua adesão à revolta dos grandes senhores contra o rei. Luís XII, genro de Luís XI, fora, com outros grandes senhores, humilhado pelo sogro e foi por três anos prisioneiro de Carlos VIII por, na Guerra Louca, haver conduzido a revolta feudal contra o rei.

Contudo Luís XII “foi um dos mais queridos monarcas de França, que não deixou de prestigiar, graças a uma administração honesta, benéfica e justiceira”, havendo recebido o título de “Pai do Povo”<sup>68</sup>. Luís XI é pintado pelos seus contemporâneos “comme un tyrane cruel et sans foi, un homme parmi d’autres, un roi dur dans un monde dur, machiavélique avant Machiavel”.<sup>69</sup>

A imagem do Luís que melhor se enquadra na moldura construída por Amadeu é claramente a de Luís XI. Esta convicção é reforçada por um outro elemento do próprio texto de Amadeu : “*Ianuenses dominos multos mutabunt et semper sub dominio erunt*”. A situação histórica em que Génova entra é aquela que foi vivida por Carlos VII. O percurso de Carlos VIII na Itália teve outra direcção e outras motivações.

A certeza de ser Carlos VII o *rex liliorum* a que Amadeu se refere tem conseqüências imediatas. Primeiro, na identificação dos papas levada a cabo pelos leitores dos diversos manuscritos. Essa identificação não está correcta. Segundo, a leitura que se deve fazer do texto de Amadeu quando apresenta a tríplice sucessão dos papas – *nunc, post, post* – não pode ser uma leitura histórica, dada a relação de contemporaneidade entre papas e reis. Terceiro, não sendo por si um argumento a favor da autoria de Amadeu, faz abortar qualquer tentativa que pretendesse apoiar-se no facto de a obra referir situações posteriores à sua morte para lhe contestar a autoria.

---

<sup>67</sup> J. LE GOFF, *in* Dictionnaire du Moyen Âge

<sup>68</sup> A.G.MATTOSO, *in* Enciclopédia Verbo

<sup>69</sup> J. LE GOFF, *in* Dictionnaire de Moyen Âge

## CONTEÚDO DA OBRA

A *Apocalypsis Noua* do Beato Amadeu é uma obra que, situada na circunstância do seu autor, se reporta a um tempo enquadrado pelos limites cronológicos da criação e queda dos anjos e da Assunção de Maria ao Céu. Abre com a afirmação do narrador: “Ego fui raptus ex spelunca mea ... in monticulum ... et in rotam ... (I,1)”. Prossegue com o anjo Gabriel a expor o plano de Deus e a razão deste arrebatamento: Deus decidiu apiedar-se de novo da humanidade, quer purificar o mundo e unir a Igreja. Vai escolher um Pastor segundo o seu coração. Amadeu foi o eleito, “tamquam simplicem et idiotam” (I,2), para receber, pôr por escrito e guardar para esse Pastor os segredos de Deus.

Orientada por esta finalidade, a obra organiza-se em oito capítulos correspondentes a outros tantos arrebatamentos. Prossegue ainda com os *Sermones Ioannis Baptiste ad milites* e os *Sermones Domini*. Mas destes, como já mais do que uma vez foi referido, não se vai tratar.

Amadeu é levado à presença de Deus enquanto está em oração. O ambiente em que se acha tem cores apocalípticas. Num trono elevado estão Cristo e Maria rodeados de anjos e das almas das principais figuras do A.T., de uma lado; estão do outro as almas dos apóstolos; fazendo a ligação entre os dois Testamentos estão João Baptista e José. São muitas, mas inominadas, as almas que lá se encontram ainda.

É neste cenário que Amadeu vai ser instruído pelo anjo Gabriel “de singulis fidei misteriis” (I,2). E primeiramente vai saber que anjos e homens “conciues sumus eiusdem patrie” (I,3), e que nem João Baptista nem Francisco são superiores aos anjos, mas apenas o Homem-Deus e sua Mãe. Numa segunda revelação é elucidado sobre o momento da criação dos anjos, que ocorreu em simultâneo com o Céu Empíreo, e sobre os primeiros quatro dias do processo da criação. De volta à gruta, tem à sua disposição, como lhe havia sido prometido, um secretário que irá passar a escrito tudo quanto ele viu e ouviu. Por decisão de Deus, tudo será religiosamente guardado para o futuro Pastor.

O *II Raptus*, que o manuscrito *P* designa por *Tertia Reuelatio*, acontece num tempo incerto, “*alia die*”. Nele se vai tratar do modo como se processou a queda dos anjos.

Deus aparece aos anjos sob a forma de homem. Informa-os de que quer assumir a natureza humana no ventre de uma mulher e dela nascer. Determina que o homem assumido receba a mesma adoração que o próprio Deus, e a mulher de quem vier a nascer seja anteposta a todos os anjos. E dita a sentença: os que aceitarem esta decisão gozarão da presença de Deus para sempre; os rebeldes serão precipitados no abismo. Lúcifer lidera o grupo dos anjos rebeldes. Desenvolve-se um longo processo dialéctico. Perante a contumácia destes, e na sequência da sua derrota, Deus procede à criação segundo o modo descrito antes, e eles são precipitados no abismo. O homem é criado de imediato, cabendo aos anjos a responsabilidade da criação do corpo, enquanto Deus cria a alma em simultâneo. Transferido para o “*Paradisum Voluptatis*” pelos anjos, aí recebe o homem a companheira, tirada de seu lado.

A felicidade do casal humano provocou Lúcifer, que se apostou em fazê-lo cair. Teve dúvidas e demorou a decidir-se por qual deles começaria a sua tentação, “*et conclusit quod potius speraret uincere mulierem*” (II,13). Escolhida a vítima, preparou a estratégia de ataque. Primeiro conduziu a mulher à vaidade, levando-a a pecar em seu coração: “*Prima itaque temptatio facta mulieri fuit interior et occulta quia titilauit serpens ut mulier extolleretur in corde suo*” (II,13). De seguida, “*multis temptationibus diu iam capta primum muliere deinde et ipso uiro...*” consumou o seu plano, “*... non tamen uolentibus in actum esus illius pomi consentire, tamen, Lucifero instigante, consenserunt*” (II,16).

Discute-se depois a questão do erro, a da imortalidade do homem antes da queda, a da eventual relação entre a imortalidade do homem e a dos anjos, como foi possível ao homem aumentar o conhecimento depois do pecado. Compara-se a sorte do homem depois da queda, a quem foi dada a possibilidade de arrependimento, com a dos anjos, cuja queda foi irremediável.

Encerra este *II Raptus* com Gabriel a explicar a Amadeu o processo psicológico pelo qual Lúcifer tentou o homem. É interessante o desenvolvimento do processo pelo qual Lúcifer se insinua no espírito da mulher. Assiste-se a um duplo movimento. A primeira tentação é interior. Só depois de enredada interiormente é que Lúcifer conduz a mulher à desobediência. Não age directamente no espírito de Eva, “*non mouendo interius ordinatissimas uires suas ipse*”; age sobre as coisas para poder guiar a partir de fora os

seus sentimentos: “sed exhibendo exterius suis sensibus quedam quibus eam commoueret in superbiam et presumptionem sui” (II,18).

O destinatário de toda a revelação é o “pastor electus a Deo”. A ele se destina “quecumque tibi dicuntur a me ex parte Dei nostri” (III,19), afirma o anjo. Para ele se remete no final de cada desenvolvimento. Não admira, pois, que o *III Raptus* abra com Amadeu a querer saber “quando ueniet et quando apparebit”. Receberá algumas informações “de aduentu eius”, ficando para mais tarde o conhecimento do tempo “aduentus eius”. Repete-se o essencial da sua função, que é abrir o Livro, levar ao conhecimento de todos os povos os mistérios nele contidos e ensinar a todos a vontade de Deus. O seu aparecimento será motivo de admiração geral, os que lhe resistirem serão castigados, para exemplo do Ocidente e do Oriente. Dar-se-á em seu tempo a conversão geral, havendo um só rebanho e um só pastor. Será o Pastor ideal.

O livro que Amadeu está incumbido de preparar estará, como o Apocalipse de João, escrito por dentro, porque ensina e trata “de intimis secretis”, e por fora, porque nele se acharão “multa nota omnibus” (III,20).

Este tema é interrompido para se voltar à discussão anterior: como há-de ler-se o Génesis no que respeita à criação de Adão e Eva; a contagem do tempo desde a criação do mundo até Cristo; porque permitiu Deus que o homem caísse; porque não foi dada aos anjos a possibilidade de se arrependem; discute-se a questão do livre arbítrio; como seria a vida no Paraíso se o homem não tivesse caído; afirma-se a certeza da salvação por intermédio do Homem-Deus; discorre-se sobre a natureza do pecado original e sobre os efeitos do pecado de Eva, se apenas ela tivesse pecado; trata-se a questão da predestinação.

Este *Raptus* encerra com mais uma ordem para que Amadeu tudo escreva e conserve, a fim de ser dado a conhecer ao povo cristão, para que se evitem dúvidas nas questões da fé.

Ao receber ordens para regressar à sua cela, Amadeu é informado de que o aguardam os mensageiros do papa, a quem nada deve revelar: “cui nihil horum reuelles”. É uma ordem negativa. Mas recebe também uma positiva: “sed solum dicas”. E é enumerado um conjunto de acções que conformam um programa de acção contrário ao de Sisto IV, com uma excepção: “sicut cepit, Matri Dei honorem debitum tribuat” (III,40). Também este papa era especialmente devoto de Maria.

“Post certo tempore raptus fui in rotam iterum” (IV,41). Assim começa o *IV Raptus*.

Na presença da corte celeste, Amadeu ora para saber “de pastore nouo ac eius tempore et aduentu”. Gabriel fala-lhe dele. Já está em Roma, “iuuenculus, pauperculus, incognitus”. Deus, porém, cuidará dele, sobretudo por causa do seu amor “Genitrici et Matri suauissime”. O seu perfil é traçado por contraposição ao do pastor actual e ao de um daqueles que se lhe hão-de seguir, cuja preocupação máxima se centrará nos bens terrenos.<sup>70</sup> Ele purificará e reformará a Igreja, será “legitimus uerusque uicarius Christi” (IV,42).

Recebida “in similitudine” a imagem do novo Pastor (IV,44), Amadeu recebe também ordem para a guardar em Roma juntamente com o Livro antes de regressar definitivamente a Milão, com ameaça de morte para quem tentar desvendar os segredos.

Retoma de seguida a discussão em torno do pecado original, com distinções várias, que se encaminham para o esclarecimento da magna questão de saber se Maria teve e contraiu esse pecado, ou seja, abre-se o caminho para a afirmação da concepção imaculada de Maria.<sup>71</sup> Coerentemente passa à descrição do modo infável como os anjos intervieram no processo dessa concepção, processo que torna o corpo de Maria em tudo igual ao de Cristo, “nisi in illis accidentibus que mulieri incongrua essent” (IV,54). Foi bela de corpo, não lhe foi recusado conhecimento de qualquer espécie, “nil boni sibi deficiebat” (IV,55). Assiste-se, num enquadramento subsidiário dos *Apócrifos*, à sua entrada no Templo, à vivência de onze anos num ambiente de “ora et labora”, ao dilema suscitado pelo confronto de dois princípios sagrados, o respeito devido ao voto de virgindade que fizera a Deus, e a lei, mais suposta que verdadeira<sup>72</sup>, que impunha o casamento a todos.

O desenvolvimento deste quadro é interrompido para se falar do Céu Empíreo. Retoma-se a questão da relação de prioridade entre anjos e homens para estabelecer a hierarquia entre os santos e colocar Madalena entre os apóstolos e distinguir duas pessoas sob este mesmo nome. Discute-se ainda a questão do mérito e da graça.

E, neste ponto, a visão desaparece e finda o *IV Raptus*.

O *V Raptus* acontece num tempo que começa a ser marcado: “transactis pene quindecim diebus” (V,71). O enquadramento é o mesmo. Anjos e santos louvam a Deus

---

<sup>70</sup> Este poderia ser o perfil de Alexandre VI.

<sup>71</sup> Ver, na pág. CXVI, a referência ao *Leal Conselheiro*.

<sup>72</sup> OTERO, *Liber de Nativitate Mariae*, 238, nota 6.

com um cântico que retoma e resume quanto foi dito antes. Outros são prometidos a Amadeu para serem cantados “tempore nuptiarum Agni et deinceps” (V,72). Mas a razão deste arrebatamento tem um fim preciso: “ut de Verbi incarnatione aliqua tibi reuelentur” (V,72). Acrescenta-se um pormenor que abre para outro horizonte, o da presença dos *Apócrifos* na vida da comunidade cristã: “que non ut dubia aut apocripha, sed tamquam certa a fidelibus teneantur” (V,72).

Gabriel evoca o tempo passado por Maria no Templo e retoma o tema do seu casamento. Resolvido o dilema religioso pela aceitação da vontade de Deus manifestada pelo anjo<sup>73</sup>, dá-se início à escolha do marido segundo um modelo que conjuga os *Apócrifos* com a *Legenda Áurea*; celebra-se a liturgia matrimonial; explica-se de que modo José e Maria eram irmãos.

Segue-se a Anunciação. Maria aceita, mas questiona e leva Gabriel a ter de fazer uma releitura de todo o processo de revolta e condenação dos anjos, e da criação, onde fica claro que Maria estava no pensamento de Deus desde o princípio. Segue-se um conjunto de cânticos que o anjo pretende que Amadeu registre. Descreve-se o processo da concepção de Cristo, que é seguido de um conjunto de outros cânticos; discute-se a existência da alma humana em Cristo, assunto omitido por alguns manuscritos; questiona-se o facto de só Lucas haver tratado, e ao de leve, o tema da encarnação do Verbo. Lucas, que é convidado a explicar-se, dá como razão para isso a muita perfídia de então e liga a divulgação dessas verdades e de outras a serem reveladas “uenture etati” ao tempo em que o Apocalipse de João for compreendido. Sugere-se o modo de celebrar liturgicamente a festa da Anunciação e elogia-se o hábito popular da oração das “trindades”.

Maria, acompanhada por José e os anjos, parte a visitar sua prima, numa viagem entre o milagroso e o natural e, enquanto caminha, ouve da boca de Gabriel o cântico dos primeiros pais a pedirem o perdão de seus pecados. Descreve-se o encontro das duas mães e dos dois filhos e remete-se para o Evangelho no que ao nascimento se refere.

O quadro de desenvolvimento dos temas, desde a concepção de Maria até ao nascimento de Cristo, reflecte, de um modo muito próprio, o quadro definido pelos

---

<sup>73</sup> “Pontifex vero in angustia constitutus animi, cum neque contra scripturam quae dicit: *vovete et redite* (Ps 75:12), votum infringendum putaret, neque morem genti insuetum introducere auderet, praecepit...” OTERO, *Liber de Nativitate Mariae*, VII,2.

*Evangelhos Apócrifos*. A descrição do nascimento de Cristo articula o quadro canónico com as revelações de Santa Brígida<sup>74</sup>. Os *Apócrifos* estão apenas implícitos no porquê e no como da acção de Herodes na questão dos inocentes, nos acontecimentos registados na fuga para o Egipto e na contestação dos *Apócrifos da Infância*, quando Amadeu traça o comportamento e a personalidade de Jesus menino.

Atenção especial merece a discussão de Jesus no Templo com os doutores.

Este Arrebatamento encerra com a discussão relativa à actividade de Jesus entre os doze e os trinta anos. Foram anos passados na Terra ou subiu ao Céu, para junto do Pai? A resposta é deixada à decisão “pastoris electi”, embora seja perceptível a opinião negativa do anjo: “Quid autem de his tenendum est relinquatur determinationi pastoris electi, quamvis agnoscere posses cui ego magis adhereo” (V,112).

Reduzindo quanto acaba de ser dito à harmonia entre o conhecimento de Deus e o livre arbítrio do homem, por um lado, e ao modo como o Verbo se uniu à carne, por outro, o *VI Raptus* anuncia o seu próprio tema e o do *VII Raptus*: “Nunc duo alia difficilima declarare oportet uidelicet de presentia corporis Christi in altari uestro et de misterio Superne Trinitatis”, ou seja, a Eucaristia e a Trindade (VI,112).

Ocorreu este arrebatamento “paucis potmodum reuolutis diebus”, ou seja, como se afirma no encerramento, no domingo de Páscoa. O contexto é o mesmo do *V Raptus*: “et cantica angelorum atque nostri generis sanctorum audiui” (VI,112).

É um longo e profundo trabalho teológico, onde são confrontadas as posições filosófico-teológicas de vários autores, mas onde ressalta a posição essencialista de Duns Escoto. Termina-se por um cântico que resume tudo quanto foi dito, como se afirma no próprio texto: “Tu audisti canticum hoc admirandum in quo huius sacramenti omnia quasi precipua et mirabiliora misteria ponuntur” (VI,145).

Afirma-se no fim, como sempre, a razão desta revelação: “ut ea conscribas ad hoc ut omnes homines magnificent Deum nostrum” (VI,146). Ao sentido implícito de universalismo acrescenta-se o sonho de um tempo de felicidade: “tempore illo felicitate quando apparebit pastor bonus... Venient enim nuptie Agni in quibus exultabitis letitia inenarrabili” (VI,146).

---

<sup>74</sup> BRIGIDA, *Revelationes*, Liber VII, cap 21: – “Visio, quam habuit domina Brigitta, ubi Virgo Maria ostendit ei totum sui partus, qualiter ipsa peperit gloriosum filium suum, sicut ipsa Virgo promiserat eidem domine Brigitte in Roma, antequam iret ad Bethleem per XV annos, ut patet in primo capitulo istius libri ultimi.”

À recomendação final de que tudo deve registar por escrito, o anjo acrescenta a informação da proximidade da morte de Amadeu: “Sed omnibus que Deus disposuit tibi reuelare conscriptis et in uno uolumine redactis, puluis tuus reuertetur in terram suam et spiritus reuertetur ad Deum qui fecit illum” (VI,147).

O *VII Raptus* acontece oito dias depois do *Sextus*, ou seja, “octaua resurrectionis Domini nostri Iesu Christi”.

O enquadramento em que decorre altera-se. É uma composição que reflecte o quadro da vocação de Isaías (Is 6:2-3) e, pela negativa, as representações artísticas da Santíssima Trindade, em que o Pai tem o Filho ao colo: “et uidebam in eodem loco tres personas ... ita quod non tenebat Pater Filium in sinu aut gremio ...” (VI,147).

O tema é suscitado pela leitura da 1ª Epístola de S. João, lida na missa de Domingo da oitava da Páscoa: “*Tres sunt qui testimonium dant in celo*<sup>75</sup> ...”. A finalidade desta revelação hierarquiza-se em três etapas:

- . para que os homens conheçam o mistério;
- . para que o Pastor saiba determinar o que se deve ou não deve crer;
- . para que se afastem disputas e cismas.

É um igualmente longo tratado de teologia trinitária em que são expostas e confrontadas as posições de vários teólogos. Termina-se, também, por um longo poema que resume o conteúdo de toda a exposição. Nele se traça, embora de um modo desenquadrado, o perfil do Pastor.

O *VIII Raptus*, que o manuscrito *V* titula “De Assumptione Virginis Marie”, acontece na segunda feira anterior à Ascensão do Senhor. Tem como tema central a Assunção de Maria e como fonte inspiradora os *Apócrifos Assumpcionistas*, quer directamente, quer pela mediação da *Legenda Áurea*.

O enquadramento volta a ser o inicial. Mas, desta vez, o centro das atenções é Maria, a quem anjos e santos veneram de modo mais prolongado do que o habitual.

Numa espécie de nota prévia, Gabriel justifica: os evangelhos falam pouco de Maria, porque primeiro era preciso dar Cristo a conhecer e, ao falar de uma mulher, corria-se o risco de se não ser levado a sério, pois a mulher era pouco considerada. Com a fé estabelecida no mundo, quis Deus que o papel de Maria passasse a ser reconhecido. E

---

<sup>75</sup> 1 Jo 5:7

quando, por acção das suas preces, Deus vai reconduzir o mundo inteiro ao seu culto, quer que Maria apareça no seu esplendor.

Assim justifica a necessidade de mais esta revelação, que vai reiterar sistemática e ordenadamente quanto sobre Maria foi sendo dito, e dirá ainda coisas novas, sobretudo as relacionadas com a Assunção, corrigindo “multos et uulgatos errores” (VIII,177).

Depois de reafirmar, introduzindo cada afirmação com “firmiter credendum est”, as várias asserções relativas a Maria, refere e contesta a posição que defendia a subida de Cristo ao Céu entre os doze e os trinta anos. Fala da Ascensão em termos canónicos, realçando sobretudo o papel confiado a Maria na instrução de Paulo, Dionísio e Lucas.

Maria fica entregue aos cuidados das irmãs de Lázaro e das outras Marias. Os apóstolos andam na pregação, mas visitam Maria frequentemente. Discute-se e contesta-se a afirmação, colhida provavelmente na *Legenda Áurea*, de que as outras Marias eram filhas de Ana e, conseqüentemente, irmãs da Mãe de Deus. Traçam-se as etapas da vida de Maria e determina-se a sua idade aquando da dormição. Narram-se os preparativos para o seu passamento: a palma trazida do Paraíso por Gabriel, o pedido feito a seu Filho para ter consigo os apóstolos na hora da sua “dormitio”. Contesta-se que Maria houvesse pedido para não encontrar os espíritos das trevas. Refere-se a chegada dos apóstolos junto de Maria e assiste-se aos seus longos discursos de louvor em honra da Virgem. Paulo e Matias são agregados ao colégio apostólico, tomam também eles a palavra. Seguem-se Lucas, Marcos e Dionísio.

O ritual da “dormitio” inicia-se com a celebração da Missa por Pedro, continua-se com o cortejo fúnebre até ao vale de Josafat e a tentativa de agressão por parte dos judeus. O corpo é depositado no sepulcro e a alma desce ao Purgatório, de onde regressa com as almas lá encontradas. Cristo desce ao encontro de sua Mãe e a alma de Maria une-se ao corpo. O cortejo, guiado por Cristo, retorna ao Monte das Oliveiras. Antes de ser levada ao Céu, Maria deixa as mais estranhas lembranças a várias pessoas.

Pretendeu Amadeu, seguindo de perto os *Apócrifos*, definir o modo da Assunção de Maria “et errores euitare”. Com o mesmo espírito se dedica a corrigir as revelações de santa Brígida e de santa Isabel da Hungria, reduzindo para horas os dias que afirmam haver Maria permanecido no sepulcro.

Feito o último sínodo, dividem-se os apóstolos “per totum orbem terrarum”. Por fim, o anjo comunica a Amadeu o Evangelho de Lucas sobre a Assunção.

Numa espécie de epílogo, que o manuscrito V titula “Epilogatio adimplendorum ante et tempore Pastoris”, expõe-se o sonho subjacente a todo o trabalho anterior e os acontecimentos que acompanharão a realização desse sonho:

. Acabaram de ser expostos “misteria magna fidei christiane”; a chegada do novo Pastor constituirá o princípio da renovação e rejuvenescimento da fé e da realização do sonho último do Apocalipse: “Vidi ciuitatem sanctam...”, ou seja, Roma “ad quam Deus transtulit regnum suum”; Roma vai renovar-se “et toti mundo presidebit”; o novo Pastor “assimilabitur Daudid regi”; entre as suas tarefas conta-se a união “unione perpetua” da Igreja Ocidental com a Oriental; com ele chegarão “pax uniuersalis et reformatio” (VIII,222). Com ele colaborarão venezianos e florentinos. Só com o seu advento é que os infiéis serão submetidos. Mas caberá aos “Hiberi” eliminar “abominationem stantem in loco sancto” (VIII,215) e vencer o Filho da Iniquidade e a Besta Voraz surgida do Oriente, como prometeu Cristo antes de retornar ao Céu com sua Mãe.

Com o novo Pastor, que dará início à promulgação deste Livro e por meio de quem Deus realizará tudo o que aqui se acha escrito, surgirá o grande Rei. E então será cumprida a vontade de Deus.

Amadeu faz uma leitura pessoal da doutrina da Igreja com um objectivo escalonado em dois tempos:

. Reforma da Igreja enquanto passo prévio necessário à entrada num tempo feliz, tempo em que Roma assumirá os traços da Jerusalém celeste e presidirá a todo o mundo; em que o Pastor assumirá o papel de David;

. Vencida a divisão na Igreja ocidental, luta pela sua união com a oriental com a convicção de que a entrada nesse tempo da felicidade universal passa pela constituição de um só rebanho e um só pastor.<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Este foi um dos temas fortes do Concílio de Basileia/Ferrara/Florença/Sena, 1431/1443, onde a embaixada portuguesa, presidida pelo Conde de Ourém e integrada, entre outros, pelo bispo do Porto D. Antão Martins de Chaves, por Vasco Fernandes de Lucena, por fr. Gil Lobo e por Diogo Afonso Mangacha, brilhou a grande altura (RUI DE PINA, *Crónica de D. Duarte*, cap. VIII), a ponto de a Cúria lamentar a sua retirada antecipada, “pois o diplomata e os seus companheiros tinham-se distinguido pela sua cultura e pela sua elegância” CORDEIRO FERREIRA, *Dicionário da História de Portugal*. Estes foram alguns dos homens que moldaram a personalidade de D. Afonso V e, provavelmente com um pouco mais de distância, a de João Meneses da Silva, o Beato Amadeu.

## REMISSÕES INTERNAS

Ao longo de toda a obra há uma apertada rede de remissões a nível interno dos capítulos e, mais significativamente ainda, entre capítulos, que ora anunciam matérias de que se irá falar mais à frente, ora evocam matérias já tratadas e que ou não foram bem entendidas ou se retomam para confirmar afirmações actuais, que dão a *Apocalypsis* coerência e coesão e criam uma interdependência das várias partes a que não pode deixar de se atribuir significado.

Apresentando no *IV Raptus* a acção do Pastor como reformador da Igreja, legítimo e autêntico vigário de Cristo, defensor da fé e mestre da revelação contida no Livro - “pastor ... purgabit et reformabit Ecclesiam ... erit ... legitimus uerusque uicarius Christi ... purgabit mundum cunctis erroribus, docebit omnes que sunt adhuc abscondita” (IV,42) - o anjo enumera, embora numa ordem que não segue o plano do Livro, a relação dos temas tratados e a tratar:

“de angelorum creatione et uia;<sup>77</sup> quantum fluxit temporis ab eorum creatione usque ad benedictionem et casum;<sup>78</sup> qua die et quo monticulo uel loco Adam fuerit formatus;<sup>79</sup> qua die in paradysum translatus;<sup>80</sup> quando et ubi et qualiter mulier fuerit creata;<sup>81</sup> qualiter multotiens, a serpente temptata, ipsum uirum temptauit;<sup>82</sup> de Verbi incarnatione;<sup>83</sup> de uera deitate et humanitate Christi;<sup>84</sup> de gloria paradisi;<sup>85</sup> de celi

---

<sup>77</sup> I,5

<sup>78</sup> II,8-10

<sup>79</sup> II,11,22

<sup>80</sup> II,12; III,22

<sup>81</sup> II,13; III,22

<sup>82</sup> II,13-15; III,22

<sup>83</sup> V,85-89, 96-97

<sup>84</sup> V,89-90

<sup>85</sup> IV

empyrii amenissimo situ;<sup>86</sup> de conceptione admirabilis Matris Dei Marie;<sup>87</sup> de illis que fecit Christus a duodecimo anno usque ad trigesimum;<sup>88</sup> de assumptione eiusdem Virginis<sup>89</sup> et quod nullus est ibi in corpore preter Christum et Matrem eius Mariam;<sup>90</sup> de sermonibus Domini in Templo et sinagogis ad phariseos et plebem factis;<sup>91</sup> de sermone Ioannis Baptiste ad Herodem;<sup>92</sup> de his que in carcere fecit et docuit;<sup>93</sup> de Trinitate illa singulari<sup>94</sup> et de sacramento corporis et sanguinis Domini<sup>95</sup> et alia multa in hoc libro scripta a me iterum manifestanda” (IV,42-43).

Nesta apresentação está uma acabada rede de relações entre as várias partes da obra, mas há ainda uma mais fina rede de matérias que cruza internamente os capítulos e relaciona um capítulo com vários outros.

Levado, logo no *I Raptus*, à presença da corte celeste, Amadeu pergunta: “quis est iste tam dignus et celebris cetus et qui sunt isti uiri tam digni tantaque maiestate decorati” (I,2)? Gabriel faz a sua apresentação e remata: “Multi alii et precipui sanctorum sunt hic iuxta te et in circuitu, de quibus erit tempore suo occasio loquendi” (I,3). Esta “ocasio” vai proporcionar-se no decurso da exposição da matéria, especialmente nos VI e VII Arrebatamentos, onde vão surgir os nomes dos principais: Agostinho, Boaventura, Tomás, Escoto, Hilário e a maioria dos Padres da Igreja.

Continuando, no *II Raptus*, a sua exposição sobre a criação, Gabriel faz o relato do processo que conduziu à queda dos anjos. Quando chega ao ponto de dizer que deixara de haver esperança na regeneração de Lúcifer, conclui: “dixitque Deus, fiat lux uidelicet Sol, ut iam diximus”. E acrescenta: “et creato Sole et Celis iam tibi nominatis...” (II,10). Nestas duas referências Gabriel faz a ponte com I,6, onde se descreve o processo da criação do Sol e dos Céus.

Em II,12, Amadeu, instado por Gabriel a expor as suas dúvidas, pergunta: “Dixisti mihi antea septem ex uobis tantum assistere Deo et tres uel quatuor nominasti, nomina

---

<sup>86</sup> IV,44

<sup>87</sup> IV,47, 54-55

<sup>88</sup> V,110-112

<sup>89</sup> VIII,222

<sup>90</sup> IV,50

<sup>91</sup> *Sermones*

<sup>92</sup> *idem*

<sup>93</sup> *idem*

<sup>94</sup> VII

<sup>95</sup> VI

eorum non propalasti. Si possent sciri, manifesta ea”. Gabriel esclarece-o: “septem ex nobis uicinius aliis quibuscumque assistunt sicut et futuro pastore septem super alios assistent” (II,12). A pergunta de Amadeu retoma a questão de I,3, quando Gabriel dá início à segunda revelação e estabelece a relação de prioridade entre anjos e homens. Aí, Gabriel, referindo-se aos sete arcanjos, afirma: “Septem angeli sumus qui genitricem Dei nostri ueneramus, alios omnes uestri generis transcendimus” (I,3). E Amadeu pergunta: “... qui sunt illi septem omnibus maiores?... que sunt nomina uestra” (I,4)? A resposta de Gabriel ficou aí incompleta. Ao completá-la em II, estabelece ainda uma ponte com VIII,222 onde, falando do novo Pastor, diz, entre outras coisas: “inter alios assistent ei septem uiri et prelati dignissimi sicut septem angeli coram Deo astant” (VIII,222).

As dúvidas de Amadeu acima referidas tocavam outro ponto: “scire uelim an aliqua alia anima fuerit creata cum omnibus scientiis seu habitibus cognoscendi omnia quam Ade et Eue”. Perante a resposta do anjo, de que houve apenas uma outra, a da Virgem Maria, Amadeu pergunta: “Et illa Christi”? Dessa falar-se-á depois, diz Gabriel: “de anima illius nil dicimus hic, quia an habuerit animam aliam a deitate uidebitur loco suo contra multos errantes” (II,13). Será em V,89 e seguintes que se vai desenvolver, em duas perspectivas, a questão da alma humana de Cristo.

A primeira consequência do pecado dos primeiros pais, esclarece o anjo em II,18, foi a sua redução à condição natural. Nessa condição, “Deus autem non apparebat eis in forma deitatis, sed in forma qua etiam nobis apparuerat quando nobis mandatum de adorando Filio suo tamquam homine proposuit”. Nesta afirmação, o anjo recupera II,8, onde Deus aparece aos anjos em forma humana para os provar: “Deus igitur, conditor noster, ut nos probaret ... apparuit nobis in forma talis hominis qualem postea assumpsit” (II,8).

O *III Raptus* continua a desenvolver o tema da queda do homem e suas consequências. Mas, no início, introduz a questão do futuro Pastor. Amadeu pergunta: “Domine mi, hic tam preclarus tamque sanctus et bonus pastor quando ueniet et quando apparebit” (III,19). Depois de alguma perturbação, ouve do anjo: “accipe nunc aliqua de aduentu eius. Deinde accipies, si Deo placuerit, etiam tempus aduentus eius”. O “deinde accipies” de III,19 tem a resposta no “nunc dico tibi” de IV,41, pois, no encontro com o

anjo, no início do *IV Raptus*, Amadeu é informado: “Iam dicam tibi ... qui est futurus Pastor”. Depois de ouvir falar dele, “hilaris factus” exclama: “Cito ergo hec fient, angele Dei, ex quo iste natus est et creuit”!? O anjo afirma: “Ideo alias, quando id petebas, subrisi nec tibi dicere uolui ut audius dona Dei inquirereres et perciperes. Nunc dico tibi...”(IV,41).

Intrigado pelo modo como se faz a contagem do tempo no Génesis, Amadeu quer saber se aí se descreve sequencialmente a linha das gerações ou se há saltos. Gabriel confirma-lhe a existência de saltos: “ita fuit uidelicet cum interpollatione” (III,22). Para o fim em vista, encontrar de quem descendia o povo hebreu, era irrelevante o pormenor da fidelidade à linha sequencial: “iccirco non curauit multis in medio premittere quorum uite annos non enumerauit, sicut et aliquid tale iam alias tibi declarauit: *dies enim seculi quis enumerauit*<sup>96</sup>” (III,22)? Quer pela citação, quer pelo contexto, quer pela referência feita a Moisés, “illius prophete quem ibi quasi cornua ferentem uides”, o passo de III,22 remete para I,5 – “Et hoc est quod dixit senex ille, et ostendebat Moysen: *in principio creauit Deus celum et terram*. In principio, hoc est, longe ante omnem diem, neque scitur numerum illius durationis. Ideo scriptum est: *et dies seculi quis enumerabit...* (I,5)”.

Consciente de que o conhecimento do futuro está reservado a Deus, Amadeu volta-se para o passado, “quesiui ab angelo quare Deus permisit ita cadere et noluit eis prebere auxilium ne caderent” (III,22). A resposta é simples, “... Deus et angelum et hominem a principio sue creationis dimisit in manu consilii sui” (III,23). É o livre arbítrio, de que os anjos teriam mais razão de se queixar, “si fas esset conqueri de Deo”, dado não lhes ser possível o arrependimento depois da queda. Contudo, ainda que se arrependessem, de pouco lhes valeria, como de pouco valeria ao homem arrepender-se depois da morte, uma vez que “ad penitentiam fructiferam non sufficit dolere de commissis, sed oportet ut ibi gratia Dei intersit ad hoc ut Deus dolorem acceptet...” Disto se falou já noutro sítio: “de quo alias dixi tibi” (III,22). De facto, depois de em II,11 registar a condenação dos anjos maus, “diuisis igitur spiritibus illis bonis et malis ... mali ... malis et tetrus et obscenis operibus pleni in caliginosum aerem demersi sunt” (II,11), mostra em II,18 como ao homem foi deixado tempo para se arrepender, e conclui: “uide quid actum

---

<sup>96</sup> Ecl 1:2, *Et dies saeculi quis denumaravit*.

fuerit a nostris in paradiso nostro et quid a uestris in paradiso uestro. Sed uestri liberationem meruerunt quia tempus penitentiae extra paradysum positi habuerunt et usque ad mortem expectati fuerunt. Nostri autem, quia mori non poterant, casum pro morte acceperunt” (II,18).

De questão em questão, Amadeu chega à questão da relação de superioridade entre homem e mulher (III,28). O sexo, garante o anjo, não estabelece a diferença entre os espíritos. E recorda: “nonne dixi tibi quod Lucifer diu cogitauit a quo illorum inciperet sue temptationis initia porrigere” (III,28)? Pois disse. E foi em II,13: “a quo illorum inchoabo? Et conclusit quod potius speraret uincere mulierem” (II,13).

Entrando na questão da responsabilidade individual, Amadeu formula a velha questão já levantada por Ezequiel: “*quomodo iustum est ut filiorum dentes obstupescant eo quod pater comedit uiam acerbam*” (III,29)? O anjo expõe a doutrina do contrato não cumprido e, a certa altura, relatando as palavras de Deus, afirma: “uolo tamen aliquo mandato uos probare sicut et hos angelos meos probaui” (III,30). Foi em II,8 que expôs o contrato de Deus com os anjos: “hoc uolo, hoc mando, hoc uobis iubeo. Qui hec fecerint ... Qui uero noluerint obedire huic decreto, cadent a loco isto...” (II,8).

O pecado de Adão separa o homem de Deus. Mas Deus providenciou remédios para o retorno do homem. Os remédios são conhecidos: “merita Christi et motus uoluntatis in Deum aut sacramenti susceptio uel utrumque, de quo alias locuti sumus” (IV,46). Foi em III,35 que esses remédios foram apresentados: “concessit Deus priuatis remedio illo facillimo, quod erat iustitiae illius habitus et qualitas, alia remedia... Et hec remedia penalia uirtutem acceperunt a penna et dolore Christi” (III,35).

Em III,34-35 Gabriel expõe com algum desenvolvimento a questão da existência de duas qualidades na alma, uma das quais se perdeu com o pecado de Adão. Em IV,46 censura Amadeu por não haver sido expedito a escrever o que então lhe fora dito: “et ita intellige que alias tibi dixi et ita nimis confuse scripsisti” (IV,46). Logo a seguir, fala dos efeitos que a perda dessa segunda qualidade tem na alma e afirma: “de qua sepe diximus” (IV,46).

A seguir, expõe a Amadeu os efeitos do pecado de Adão, pecado que, de algum modo, foi a causa da morte de Cristo. Pois, se Adão não tivesse pecado, Cristo não só não morreria como nem teria assumido a carne mortal. Foi esse pecado que levou Deus

a alterar o seu plano inicial e a determinar que Cristo viesse assumir a carne mortal e passível. E conclui: “Ideo dicitur eum propter peccata uestra misisse, non prima intentione, sed secunda” (IV,49). E acrescenta: “de cuius incarnatione alias fiet sermo” (IV,49). Será em V,85-86 que o processo da encarnação aqui referido é exposto.

E o anjo prossegue, tentando delimitar o espaço de definição de pecado original. Afirma em IV,51: “si postremo peccatum originale priuationem illius qualitatis dixeris ... quam qualitatem nos alias diximus uocari secundam qualitatem...” (IV,51). Foi em III,33 que o anjo, ao querer caracterizar o pecado original, afirmou: “dico ergo tibi quod erat concreata, quia in creatione infusa fuit duplex qualitas in anima Ade et uxoris eius. Una uniebatur Deo... Altera uero remanebat...” (III,33).

Amadeu não compreende por que razão Maria não perdeu, na sequência do pecado de Adão, a justiça original. O anjo prepara-se para o esclarecer e recorda-lhe: “iam dixi tibi qualiter Deus prima intentione uoluit ex tali Virgine carnem assumere...” (IV,52). Foi em II,8 que essa informação começou a ser dada quando Deus apareceu aos anjos sob a forma humana: “ut sciatis et agnoscatis me decreuisse et magno consilio firmasse hominis naturam assumere uelle. Voloque homo esse et in utero unius mulieris concipi et ex ea nasci” (II,8). Mas é IV,46 que aqui é invocado: “dictis his de peccato originali, nunc tibi aperiam ueritatem quomodo Maria Genitrix Dei nostri sine ullius peccati labe concepta sit ... Dico tibi Deum prima sui intentione Verbum suum uoluisse ex Virgine tali carnem assumere eamque semper immaculatam fore absque ulla conditione” (IV,46).

Maria nasceu. Foi apresentada no Templo. Aí permaneceu “annis circiter undecim” (IV,60). Era venerada por todos.

A narração da vida de Maria é interrompida para ser retomado outro tema, que havia ficado suspenso. Diz o anjo: “Relinquamus Reginam nostram in domo Domini. Nondum enim locuti sumus de eius desponsatione neque de Verbi Dei in utero eius mirabili conceptione, de quibus alias. Nunc de illa questione dicamus aliquid quam superius proposuisti, de celo empyrio...” (IV,60). Foi em IV,44 que Amadeu suscitou a questão do Céu Empíreo: “postea uero quia fecerat mentionem de celo empyrio ... ego inquirere cepi ... deinde quomodo illud celum empyrium sit congruum et conueniens habitaculum” (IV,44). E é em V,72 e seguintes que vai falar dos esponsais de Maria. Da encarnação começa a falar em V,76.

No desenvolvimento da exposição sobre o Céu Empíreo, o anjo chega à hierarquização relativa de anjos e homens. Inclui as duas Madalenas no nível dos apóstolos. Amadeu pergunta: “et pater meus Franciscus cuius meriti est, si placet dicere scire uellem” (IV,68). O anjo lembra-lhe o que havia dito já: “Ipse quoque dignus fuit cum multis aliis consortio apostolorum, ut alias tibi dixi” (IV,68). Havia sido no *I Raptus* que Gabriel respondera às dúvidas de Amadeu, que lhe perguntava: “Domine mi, ego semper credidi meum patrem beatum Franciscum maiorem esse omnibus angelis. Et contentio fuit quis maior esset, Franciscus an Ioannes Baptista et Petrus apostolus”, dizendo-lhe: “magnus est uir ille. Respice ad latus dextrum et uidebis eum” (I,4).

Depois do cântico inicial com que abre o *V Raptus*, Gabriel retoma a história de Maria: “sed nunc Dominus noster te accersiuit huc ut de Verbi incarnatione aliqua tibi reuelentur... Alias, quando hic eras, narraui tibi Virginis Regine nostre ingressum in Templum Domini ibique manentem” (V, 72). Foi em IV, 56 que iniciou o relato da sua entrada no Templo como oblata: “immaculata Dei Templo oblata et presentata fuit” (IV,56), relato que suspendeu em IV,60: “relinquamus Reginam nostram in domo Domini” (IV,60).

O desenvolvimento da história chega ao momento da Anunciação. Gabriel acaba de revelar a Maria a situação de sua prima Isabel. Maria reconhece que vai ser a mãe do Messias. Quer saber mais e pergunta: “sed oro te ut mihi dicas an uos angeli hoc misterium nunc agnouistis uel antea. Et scio quod tu antea hoc sciuisti. [...] Scire uellem quanto tempore antea et si omnes illud cognoueritis uel solum aliqui uestrum” (V,77). Gabriel responde relatando o momento em que Deus apareceu aos anjos sob a forma humana: “tunc ego aperui quomodo Deus a principio nobis reuelauerat se in utero ipsius uelle humanitatem assumere” (V,77), e lhes dissera: “ut sciatis et agnoscatis me decreuisse ... hominis naturam assumere uelle. Voloque homo esse et in utero unius mulieris concipi et ex ea nasci” (II, 8). Logo a seguir faz a ponte com VII,173: “Psalmum deinde quem nos eternaliter canebamus Deo, tunc Marie reuelauit. Tibi uero ipsum reuelabo quando de Trinitate quedam reserabo” (V,82).

A Anunciação encerra com a encarnação do Verbo no útero de Maria. Amadeu suscita a questão que há-de levá-lo a ser considerado apolinarista: “Domine mi, quid opus fuit anima illi homini qui erat Deus” (V,89)? Esta questão evoca II,13, como ficou visto acima: “de anima illius nihil dicimus hic, quia an habuerit animam aliam a deitate uidebitur loco suo contra multos errantes” (II,13).

Encerrada esta questão com a reafirmação da doutrina da Igreja, Amadeu levanta outra: “multi apud nos credunt paucos angelos sciuisse incarnationem Verbi” (V,89). O anjo chama a atenção de Amadeu para o que lhe havia dito já, “ut iam tibi dixi” (V,89), em II,8 e em V,77.

Lamenta-se Amadeu do pouco desenvolvimento que os Evangelhos dão à Anunciação e à Encarnação. Lucas, que havia sido chamado pelo anjo para responder, enumera um conjunto de temas de que ele próprio se havia ocupado e informa que não puderam ser revelados “quoniam multa perfidia erat in mundo” (V,90). De outros diz: “scripseram et de conceptione atque natiuitate Virginis et ipsius presentatione in Templo et desponsatione” (V,90). Destes falou-se em IV e V. “scripseram de Virginis obitu et assumptione ea que tibi reuelabuntur” (V, 90). Estes constituirão o tema do *VIII Raptus*.

Também os *Sermones Domini* são referidos quando o anjo os invoca como o lugar onde irá desenvolver o tema das visitas que em cada ano Jesus fazia com seus pais a Jerusalém: “et ter in anno ascendebat in Jerusalem et multis diebus ibi morabatur, doctores atque sacerdotes instruens qui credebant in eum, ut tibi dicam in sermonibus Domini” (V,110).<sup>97</sup>

No início do *VI Raptus* o anjo aborda o tema do livre arbítrio, referido já em III,24: “Qualiter Deus futura agnoscat neque tamen uestrum liberum arbitrium ullo pacto impeditur satis tibi ostensum est” (VI,112); evoca ainda a encarnação, referida em V,86-88: “similiter quali modo Verbum carni uestre fuerit unitum abunde diximus” (VI,112); e anuncia os dois temas seguintes: “Nunc duo alia difficillima declarare oportet uidelicet

---

<sup>97</sup> A obra do Beato Amadeu, tal como hoje se apresenta, tem duas partes distintas: *Raptus* e *Sermones*. Decidi centrar a minha atenção exclusivamente nos *Raptus* por entender que eles são um todo, com um sentido a que os *Sermones* nada acrescentam senão complementarmente, como qualquer outra obra do mesmo autor. Estes serão objecto de um tratamento posterior, pois o seu estudo contribuirá para um mais perfeito conhecimento do pensamento do autor.

de presentia corporis Christi in altari uestro”, tema do *VI*; “et de misterio Superne Trinitatis”, tema do *VII*.

Discute-se o milagre da transubstanciação. Amadeu pergunta porque é que o pão não haveria de estar em simultâneo com o corpo de Cristo sob os acidentes do pão. O anjo reconhece quão difícil é para os homens a compreensão deste mistério, uma vez que apenas a sua visão o tornou compreensível aos próprios anjos. Por isso, em cada dia, estes cantam ao Senhor e lhe dão graças. Gabriel promete revelar esse salmo a Amadeu: “quod quidem canticum tibi postea reserabo” (VI,123). E dá-lho a conhecer em VI,143-144.

Em VI,139, tratando dos efeitos da presença de um corpo glorioso num lugar, o anjo evoca o que se passa no Céu Empíreo e remete para o que já havia dito em IV,60-63: “Nam in celo empyreo uidebuntur et erunt in locis suis distinctis neque cum alio corpore, prout dixi quando de illo celo tibi sermonem feci” (VI,139).

Em VII,160, ao tratar das equivalências da essência de Deus, afirma: “equiuale et cognitioni, quia cognoscit eum esse pro tali tempore. Et ulterius aliquibus uult gratiam et gloriam, ut alias diximus quando de prescientia Dei et predestinatione sermonem haberemus” (VII,160). Foi em II,24-25 que essa questão foi tratada.

O *VIII Raptus* é dedicado exclusivamente a Maria. Logo no início assim diz o anjo: “Ideo, dilectissime, te huc aduenisse uoluit ut ea que tibi dixero describas cunctisque hominibus manifestentur a pastore qui uiuit, sed nondum regnat. [...] Et quia de ipsa Virgine multa inepte scribuntur que uera non sunt, et multa uera pretermittuntur, tu nunc iterum nota et que dico de illa animaduerte. [...] Que alio tempore dixi, nunc ex parte repetam et quedam noua maxime de eius assumptione in celum aperiam, excludendo multos et uulgatos errores” (VIII,177). De facto, entre VIII,177 e VIII,180, o anjo faz uma reatualização de quanto de Maria foi dito desde o princípio. Na outra parte, tudo se encaminha para a Assunção de Maria.

Logo no primeiro quadro é afirmada a situação excepcional de Maria: “firmiter credendum est ipsam quam Deus supra omnes, etiam angelos, elegit ... numquam fuisse filiam ire, numquam fuisse aliquo peccato maculatam” (VIII,177). E neste contexto é evocado João Baptista para reforçar a excepcionalidade dessa situação: “etsi forsan aliqui concepti sint amici et parum ante conceptionem purgati, ut diximus de Ioanne

Baptista, nullum tamen est ex filiis Adam ...” (VIII,177). Foi em IV,53 que esta situação foi referida. Amadeu quer saber como foi possível que Adão tivesse perdido a justiça original em relação a todos, porque em relação a todos a havia recebido, e a não tivesse perdido em relação a Maria. Na resposta, o anjo desenvolve o seu raciocínio e afirma: “Genitricem tamen suam numquam toruo oculo axpexit, numquam abhorruit, numquam contempsit, numquam abiecit. Ab eterno denique Ioannem Baptistam ... Deus noluit subiici peccato originali, sed absoluit eum ab illo tunc antequam conciperetur...” (IV,53).

Ao falar da Ascensão do Senhor e do momento em que se despedia dos seus, o anjo realça a atenção que Jesus dispensa às duas Madalenas. Distingue a pecadora da endemoninhada e diz desta: “de hac alias tibi multa dixi” (VIII,183). Esta afirmação remete para IV,67-68, onde as apresenta e as distingue e, em resumo, afirma: “ambe enim fuerunt mulieres sanctissime, quamuis una fuerit publica peccatrix, altera a spiritibus immundis atrociter uexata” (IV,68).

Não deixa de ser interessante lembrar que, do conjunto das remissões antes referidas, vinte e seis se fazem para trás e apenas uma dezena se faz para a frente. As remissões para trás fazem-se para o capítulo imediatamente anterior, fazem-se também dentro do mesmo capítulo e, menos vezes, para capítulos afastados: de II para I, 2 remissões; dentro de II, 1 remissão; de III para I, 1 remissão; de III para II, 3 remissões; de IV para I, 1 remissão; de IV para II, 1 remissão; de IV para III, 3 remissões; dentro de IV, 1 remissão; de V para II, 3 remissões; de V para IV, 2 remissão; dentro de V, 2 remissões; de VI para II, 1 remissão; de VI para IV, 1 remissão; de VI para V, 1 remissão; de VII para II, 1 remissão; de VIII para IV, 2 remissões.

As remissões para a frente são de tipo variado: de I para VIII, 1 remissão; de II para V, 1 remissão; de III para IV, 1 remissão; de IV para V, 2 remissões; de V para VIII, 2 remissões; de VI para VII, 1 remissão; dentro do VI, 1 remissão.

É, como acaba de se ver, apertada a rede de remissões, que tece uma relação de dependência entre as várias partes da obra. Não obsta este facto a que eventualmente seja possível encontrar uma ou outra passagem espúria. Mas é garantia de que *Apocalypsis Noua* tem um fio condutor, tem coerência interna, é uma estrutura integrada, sendo, conseqüentemente, obra de um só autor.

Há uma segunda ideia que se colhe, que os *Sermones Domini* e os *Sermones Joannis Baptiste* são obras autênticas do Beato Amadeu, provavelmente independentes de *Apocalypsis* e, conseqüentemente, escritas antes.

Significa isto que *Apocalypsis Noua* é uma obra cuja escrita obedece a um plano, foi preparada com minúcia e executada nas suas várias partes sem grandes intervalos. Foi, com muita probabilidade, escrita pelo próprio punho de Amadeu. Mas poderá também, como decorre do texto<sup>98</sup> e se afirma nos apêndices de *M* e *G*, ter sido ditada a um secretário, nas circunstâncias aí referidas, como tarefa final do plano preparado e elaborado por Amadeu. Como quer que seja, teremos de admitir que a ambiência, os *raptus*, o *notarius*, não passam de marcas genológicas que não devem ser tomadas à letra.

---

<sup>98</sup> Rediens ad cauernam meam, uocato a Deo preparato mihi scriptore, hec pro futuro pastore, Domino iubente, subito scribi feci. I,7

## AS FONTES

Revelação, em *Apocalypsis Noua*, é, como se verá, uma tomada de posição na controvérsia teológica em busca da ortodoxia. Consequentemente, *Apocalypsis* é um confronto constante de teses e uma sucessão de opções que levam à definição de um caminho próprio.

Neste percurso, que vai da criação e queda dos anjos até à vida de Maria depois da Ascensão de seu Filho, e à sua morte e Assunção, são passados em revista os temas controversos e é explicitamente chamado à colação um significativo número de autores. Ao evocá-los e transcrevê-los, Amadeu não o faz com a precisão necessária, parecendo citá-los de memória, o que faz das citações, muitas vezes, uma evocação de ideias gerais. Por isso, torna-se praticamente impossível localizar qualquer passagem, mesmo quando é explicitamente atribuída a um autor. Veja-se esta, atribuída a Santo Agostinho:

"Non eo est Deus, immo neque eo est quo Pater est ille est, et ostendebat Deum Patrem. Neque ille, ostendebat Filium, eodem est Deus et Filius. Neque ille, ostendebat Spiritum Sanctum, eodem est Deus et Spiritus Sanctus. Sed alio Deus, alio Persona" (VII,154).

Pesquisada toda a Patrologia, foi este o texto de Agostinho mais próximo que se conseguiu encontrar:

"Et si non alio magnus, alio Deus, sed eo magnus quo Deus, quia non aliud illi est magnum esse, aliud Deum esse; consequens est ut nec Deus singulus, sed ea et cum ea deitate quam genuit, ut sic sit Filius deitas Patris, sicut sapientia et uirtus Patris, et sicuti est Verbum et imago Patris. Et quia non aliud illi est esse, aliud Deum esse, ita sit etiam essentia Patris Filius, sicuti est Verbum et imago eius. Ac per hoc etiam excepto eo quod Pater est, non sit aliquid Pater, nisi quia est ei Filius : ut non tantum id quod dicitur Pater, quod manifestum est eum non ad se ipsum, sed ad Filium relatiue dici, et ideo Patrem quia est ei Filius ; sed omnino ut sit quod ad se ipsum est, ideo sit quia genuit essentiam suam"<sup>99</sup>.

---

<sup>99</sup> *De Trinitate*, PL. 42, 931

O texto de Amadeu, se se puder considerar que tem relação com o que este de S. Agostinho representa, não passa de um resumo muito abreviado, espécie de ideia geral.

Veja-se, numa outra perspectiva, esta situação. Lúcifer revolta-se, entra em luta com os anjos fiéis. Deus dá-lhe tempo e exorta-o à conversão. “Poterat enim ante casum conuerti, sed numquam uoluit. Et quamuis sciret Deum errare non posse neque iniuste agere, tamen adeo in sui amore exarsit et odio ac inuidia in hominem quod, iusta uidens et bona, sequi uoluit mala” (II,10).

Não se está perante uma citação explícita, mas não pode deixar de se associar: “iusta uidens et bona, sequi uoluit mala”, ao grito de Medeia: “Video meliora proboque, deteriora sequor”<sup>100</sup>, ou, com menor probabilidade, ao de S. Paulo: *Non enim quod uolo bonum, hoc facio, sed quod nolo malum, hoc ago*<sup>101</sup>.

Tentemos ver como, em termos de fontes, se organiza a obra de Amadeu. Atentemos na sua articulação estrutural.

Com excepção dos *Raptus VI* e *VII*, que tratam, como já mais que uma vez foi referido, do sacramento da Eucaristia e da Santíssima Trindade, a progressão de *Apocalypsis Noua* segue a progressão da História da Salvação, desde a criação e o pecado até à Redenção e retorno ao Paraíso com a Assunção de Maria. Neste plano é enxertado um outro, mais restrito, centrado em Maria, que segue, não os Livros Canónicos, mas os *Apócrifos*. O nascimento de Maria, a sua vivência no Templo até aos esponsais, o nascimento e infância de Cristo, a sua vivência depois da Ascensão de seu Filho, a sua morte e Assunção seguem a par da versão dos *Apócrifos* e são subsidiárias da *Legenda Áurea*. O nascimento de Cristo é, como já foi dito, apresentado segundo a visão de santa Brígida da Suécia.<sup>102</sup>

A presença dos *Apócrifos* será objecto de tratamento próprio. As Escrituras estão omnipresentes quer em citação directa, quer em referências mais ou menos explícitas. Seria fastidioso repetir o que as notas já dizem, embora a presença das Escrituras exceda em muito o âmbito daquilo que é susceptível de ser registado em nota. A Patrística e a teologia ocupam lugar central. Dos clássicos há vestígios.

---

<sup>100</sup> OVIDIO, *Metam.* VII,21

<sup>101</sup> Rom 7:13

<sup>102</sup> BRIGIDA, *Reuelaciones*, Liber VII, caput 21. [WWW.umilta.net/bk7.html](http://WWW.umilta.net/bk7.html)

Como haverá tempo de ver, no espaço dado aos *Apócrifos* não há lugar a qualquer referência nem a autores nem a fontes.

O modo como a obra terá sido construída tem efeitos directos no modo como as fontes são referidas.

A primeira citação explícita é de S. Jerónimo. Gabriel faz a apresentação dos sete arcanjos. De Miguel diz ser a primeira das criaturas, “quo nullus neque hominum neque angelorum dignior” (I,4). Amadeu vivia com a convicção de que João Baptista e os apóstolos eram superiores aos anjos. Gabriel corrige-o, ao dizer-lhe: “satis est uobis ut Genitrix illius Regis nostri, ueri Dei et ueri hominis, sit prelata omnibus angelis” (I,4). E segue a citação: “Quod quidem, ut quidam de hic assistentibus dixit, et ostendebat beatum Ieronimum, de nullo aliorum sanctorum fas est credere...” (I,4).

É este um dos modos como são feitas as citações quando são apresentados os autores. O outro consiste em apresentar uma primeira afirmação, que é seguida de outras, convergentes ou distintas, passa pela contestação e conclui com uma afirmação contrária. Vejamos:

“De creatione nostra uario modo locuti sunt etiam sancti Dei homines. Philosophi nonnulli putauerunt ... non cognoscentes quod ... Sed isti qui Verbi Dei fidem sequuntur, alii putauerunt ..., alii tam tarde ..., alii prima die ... Sed Deus ... hec pastorem suum promulgare uult ...” (I,4-5).

Há outros modos mais expeditos, como este: “multis modis apud uos dicitur, sed ego dico tibi ...” (I,6). Ou este: “dico tibi, frater, quod philosophus habuit magnum dubium ...” (I,6).

Há também afirmações em que não há elemento algum que indique tomada de posição. Contudo uma leitura mais atenta deixa ver essa tomada de posição a favor ou contra. Vejamos.

Fala-se da criação. Amadeu pergunta: “Domine mi, fueruntne illi dies unus post alium” (I,5)? O anjo responde: “fuerunt unus post alium, neque Deus uoluit omnia simul facere cum tamen potuisset. Sicut enim omnia simul uoluit in eternitate et omnia opera sex dierum ex eadem materia produxit, sic poterat omnia simul producere, sed noluit” (I,5). Estas afirmações são formalmente de Amadeu, mas, segundo as indicações de um dos manuscritos, reflectem o pensamento de Dionísio e de S. Tomás de Aquino.

A encerrar a obra da criação do primeiro dia, afirma o anjo: “uide, conserve Dei, quod Deus potuit facere et fecit ut celum inferius moueretur superiori non moto, immo non existente, et quia mirabile est et mirificum illud celum in quo posuit Deus duodecim signa et omnes stellas. Iccirco illud sicut et empyreum uoluit una die solum creare et condere ut ostendat omnia esse ab ipso et quod posset uni sine alio dare esse” (I,6).

As afirmações aqui contidas estarão genericamente em oposição à visão de todos os filósofos e teólogos de então.

Esclareçamos este ponto.

A maioria dos manuscritos compulsados neste trabalho tem notas marginais. Umas são rectificações, outras resumos de conteúdo, outras ainda são comentários de natureza vária ou títulos de parágrafos. Mas há um, o *Barberini Latinus 475*, da *Bibliotheca Apostolica Vaticana*, designado *N*, que a este conjunto bem desenvolvido de notas acrescenta outras, de mão distinta, que se apresentam como uma espécie de análise ao conteúdo da obra. Confrontam criticamente o pensamento de Amadeu com o dos vários autores da Igreja, ora registando os nomes daqueles de quem se repete o pensamento, ora realçando a oposição ou a contradição entre o pensamento de Amadeu e o desses. Parece estar-se perante uma cópia censurada de *Apocalypsis Noua*.

Não deixa de ser significativo que se não registem notas destas na parte do texto que se apoia nos *Apócrifos*.

Perante a dificuldade em identificar obras e autores, em consequência do processo de construção de *Apocalypsis Noua*, temos esta via que, associada ao registo de nomes a que o próprio Amadeu procedeu, nos deixa ver o quadro de pensamento em que ele se movimenta.

### *Autores explicitamente referidos*

Seguindo a ordem de desenvolvimento de *Apocalypsis*, o primeiro autor citado é, pois, S. Jerónimo. E é citado, como já se viu, a propósito da relação de prioridade entre anjos e homens (I,4).

Evocado pelo título que não pelo nome, aparece depois Aristóteles, “philosophus”, por antonomásia, chamado à liça pela dificuldade que teria em compreender os movimentos celestes, na ausência de um ponto fixo: “dico tibi, frater, quod philosophus habuit magnum dubium quomodo possent omnes celi moueri et maxime primum celum quod non est in loco” (I,6).

E é preciso esperar pelo *VI Raptus*, (VI,121), para encontrar o nome de outro autor, João Duns Escoto. A partir daqui, ele e S. Tomás de Aquino serão os nomes mais presentes, quer para serem apoiados, quer para serem rebatidos, quer para serem confrontados um com o outro, quer para Amadeu optar ora por um, ora por outro.

O discurso corre a falar da Eucaristia. Trata-se de saber o que pode acontecer quando os acidentes do pão assumidos pela divindade se alteram. A divindade, necessariamente, não se mantém com eles. Sós, os acidentes não se mantêm. Afirmam uns que retorna sempre a substância do pão. Outros, “inter quos fuit unus doctor Ordinis tui, qui hic est plenus sanctitate, quia primus gladium suum exemit pro immaculata conceptione Virginis Matris et Regine nostre, et ostendebat Ioannem, Scotum nuncupatum, pro quo decertant Scoti et Angli ...” (VI,120), dizem que a substância do pão nunca mais volta.

Esta primeira aparição de Escoto, objecto de uma apresentação excepcional, será complementada mais adiante, ao referi-lo especialmente no grupo daqueles que se esforçaram por realçar as maravilhas do sacramento da Eucaristia e por mostrarem a sua possibilidade: “et quia uestri theologi, maxime iste subtilis, et ostendebat Ioannem Scotum cum diademate beatorum in capite et cum laurea doctorum, conati sunt omnia mirabilia huius sacramenti ostendere esse saltem possibilia ...” (VI,132).

Logo a seguir, enquanto é tratado o processo de substituição da divindade, que vai abandonar os acidentes do pão, por outra substância que a venha substituir, o anjo afirma: “ut uestrorum philosophorum more loquar, quia ego opera Aristotelis uestri legi et intellexi antequam scripsisset, et hoc dicens subrisit ...” (VI,122). Não é uma citação. Deixa, porém, ver os horizontes por onde o pensamento de Amadeu terá andado.

Os atributos de Deus, e estamos já em VII,151, são apenas manifestações de uma única entidade, a divindade. Ao discutir com Amadeu esta questão, o anjo convoca Tomás de Aquino e João Escoto: “et hec dicens, uocauit Thomam Aquinatem et Ioannem Scotum qui ante me simul cum angelo in medio stante steterunt”, e põe-nos em confronto com a posição de Pedro Auréolo: “quod autem elementa remaneant aliquo modo secundum naturam propriam, Petrus Aureolus<sup>103</sup> inter alios apertius probat” (VII,151).

O anjo passa à demonstração da real distinção das Pessoas divinas, apesar de as três partilharem a divindade como realidade comum e única. Convoca para o debate Agostinho: “... uocauit Augustinum et dixit ad Thomam et Scotum: ecce doctor a quo precipue ista accepistis” (VII,154). E associa ao pai do paradigma da teologia latina outros luminares: “et ibi resident multi alii. Et ostendebat Ambrosium, Ieronimum, Gregorium, Anselmum, Boetium, Ricardum, Hilarium”. E não deixa de fora os gregos: “et ostendebat Basilium, Gregorium Nazanzenum, Chrisostomum, Didimum, Athanasium et alios”.

Esta longa relação de nomes, de que resulta uma ideia de continuidade na linha da Tradição, não é representativa, neste ponto, de qualquer conjunto de citações. Havemos, no entanto, de ver que a maioria destes autores nos não-de aparecer ainda. Presentes até final deste *Raptus* vão manter-se Agostinho, Tomás e Escoto. Com eles forma o anjo um conselho onde debate prolongadamente o problema da Trindade.

Mas não se fica por estes a relação de nomes que Amadeu refere.

Expondo o fundamento das relações entre as Pessoas divinas, o anjo conclui: “ubi uides tot notionalia et propria esse in Persona una quot in alia, quod neque Alexander<sup>104</sup> neque Bonaventura neque Thomas neque Scotus, quos hic uides, cogitauerunt dum in carne uiuerent” (VII,158). Aqui há crítica.

---

<sup>103</sup> Pedro Auréolo, *doctor facundus*, +1322, franciscano, mestre de teologia em Paris e arcebispo de Aix-en-Provence, defendeu doutrina que pode ser considerada precursora da de Occam, opondo-se, assim, a S. Tomás e a Duns Escoto.

<sup>104</sup> Alexandre de Hales, *Doctor Irrefragabilis*, 1185-1245, ensinou em Paris até à sua morte, tendo S. Boaventura como aluno. Em 1236 ingressou na Ordem Franciscana. Foi um dos grandes compiladores e sintetizadores da I.M. A sua forma de tratar os problemas teológicos constituiu um claro precedente da *quaestio* escolástica e um esquema das posteriores *Sumas*: apresentação do problema, indicação das objecções, solução e justificação destas.

Daqui até final do *VII Raptus* é referido, mais uma vez, e citado Hilário de Poitiers ainda a propósito das relações entre as Pessoas divinas: “unde quidam ex hic stantibus, et ostendebat Hilarium Pictaviensem, dixit: Pater est maior Filio neque tamen Filius est minor Patre” (VII,163). Tomás e Escoto, interlocutores permanentes, são a certa altura, (VII,170), confrontados pelo anjo com os nominalistas: “uterque enim uestrum remouit genus et speciem a diuinis. De quo pastor iudicabit utrum uos uel nominales in hoc melius dixeritis” (VII,170).

É esta a relação dos nomes constantes em *Apocalypsis Noua*. Excluídos os gregos, todos são confirmados na análise de conteúdo levada a cabo pelo autor das notas do manuscrito *N*, que veremos à frente.

Vejam os agora de que modo Amadeu aborda as fontes quando não indica os nomes.

O modo mais frequente de evocar teorias e autores caracteriza-se pelo recurso ao indefinido. Vejam este exemplo, que se repete até à exaustão ao longo da obra:

“De creatione nostra uario modo locuti sunt etiam sancti Dei homines. Philosophi nonnulli putauerunt nos eternos et nature diuine esse ... Sed isti qui Verbi Dei fidem sequuntur, alii putauerunt nos fuisse creatos ..., alii tam tarde quod post hominem..., alii prima die ...” (I,4).

Vejam os mais este: “Michael igitur non fuit ex choro inferiori princeps omnium factus, ut quidam ex uestris homines fatui putant ... Nam in speciebus, ut nonnulli uestrum opinantur, non est processus in infinitum ... Vestri ergo doctores qui dicunt: Quocumque bono finito dato potest dari maius, non bene dicunt” (IV,66).

É longa a lista de exemplos na linha destes. A repetição seria fastidiosa e inútil.

Só muito dificilmente, ou melhor, só um conhecimento profundo de toda a produção filosófica e teológica poderá permitir a identificação de obras e autores referidos ao longo de *Apocalypsis Noua*.

Esse conhecimento parece havê-lo tido aquele que anotou criticamente o manuscrito *N*.

### *Notas censórias do manuscrito N*

São muitas as notas do manuscrito *N* pelas quais se procura definir a linha de rumo seguida por Amadeu. Mas é irregular a sua distribuição ao longo da obra. Pouco significativo o seu número nos primeiros *Raptus*, totalmente ausente no último, concentra-se sobretudo nos dois de cariz mais vincadamente teológico, o VI e o VII.

Esta distribuição acompanha o evoluir da linha narrativa escriturística, que é entrecruzada pela linha narrativa dos *Apócrifos* e cortada pela inserção dos temas genuinamente teológicos.

Sendo irregular a sua distribuição ao longo da obra, as notas revestem também natureza distinta. Há um conjunto constituído por nomes; no outro manifestam-se opiniões. Naquele há o simples registo do nome de um autor, há nomes associados, há nomes precedidos pela preposição *pro*, há nomes precedidos pela preposição *contra*. As opiniões no segundo revestem formas como: “opinio noua, contra doctores, noua mirabilia, noua et diuersa, doctores in hoc dubii sunt”.

Mas integremos as situações no desenvolvimento da obra.

Respondendo à pergunta de Amadeu relativa à criação dos dias, diz o anjo: “Fuerunt unus post alium neque Deus uoluit omnia facere simul cum tamen potuisset. Sicut enim omnia uoluit in eternitate et omnia opera sex dierum ex eadem materia produxit, sic poterat omnia simul producere, sed noluit” (I,5).

Em nota marginal afirma o censor: “Dionisius et Thomas hanc tradunt opinionem”.

De facto, esta opinião vem já de Agostinho, como nota Pedro Abelardo, ou antes, de um autor desconhecido que se confundiu com Agostinho:

“Quod enim Deus omnia possit, pluribus auctoritatibus comprobatur. Ait enim Aug. in lib. Quaest. Veteris Legis: ‘Omnia quidem potest Deus, sed non facit nisi quod conuenit ueritati eius et iustitiae’. Idem in eodem: ‘Potuit Deus cuncta facere simul...’<sup>105</sup>”

Nota diferente merece a conclusão do anjo relativa à criação dos vários Céus. Diz o texto: “uide, conserue Dei, quod Deus poterat facere et fecit ut celum inferius moueretur superiori non moto, immo non existente, et quia mirabile est et mirificum illud celum in quo posuit Deus duodecim signa et omnes stellas” (I,6).

A nota acrescenta: “Contra omnes philosophos et theologos”.

“Opinio noua” e “opinio noua contra omnes doctores” são notas que acompanham o texto que traduz o sentir do homem relativo ao pecado dos anjos e o conhecimento que os mesmos anjos têm de Deus: “Hoc hominibus etiam ignotum est. Vos dicitis: Angeli peccauerunt, et uerum dicitis, sed cur et qualiter ignoratis. [...] Cognoscebamus Deum distincta cognitione per impressam nobis a principio ipsius similitudinem. Tamen non uidebamus eum” (II,8).

No decurso da descrição do processo de cedência de Eva perante Lúcifer, Amadeu pergunta: “angele Dei, quomodo ante peccatum fuit error? Nam nostri dicunt quod error est effectus et pena a peccato procedens”. O anjo responde: “Non errabant in hoc quod se non incururos mortem putabant, quia id uerum erat quod non incurrerent eam. Sed non aduertebant de morte priuationis gratie seu iustitie neque de necessitate moriendi”.

Considera a nota que esta é uma opinião que está “contra doctores”.

O anjo expõe as consequências do pecado na situação do homem: “amiserunt omnia dona que fuerunt eis promissa”. A Amadeu, que o questiona de que modo perdeu o homem depois do pecado a imortalidade que tivera antes, responde: “bene constat te esse purum hominem qui credis naturam hominis umquam fuisse immortalem”. A imortalidade era dom de Deus concedido ao homem enquanto fiel ao mandato. E acrescenta: “dico tibi plus, quod multi ex uestris non capiunt, nullum etiam angelum immortalem sic esse quin postquam factus est desinere possit, quanto magis uos qui luteas habetis domos et habetis terrenum edificium” (II,16).

---

<sup>105</sup> PL 192, 635

Esta posição, considera o autor das notas censórias, está “contra Thomam et multos”.

Amadeu quer saber porque é que Deus permitiu que o homem fosse tentado, sabendo que cairia. O anjo fala-lhe do conhecimento de Deus, do livre arbítrio do homem, e conclui: “permisit ergo eum cadere in peccatum quia liberum fecit, sed non quia cadere uoluit. Vidit enim futurum tamquam presens nec tamen ideo factum est illud quia Deus uidit, sed quia factum est uel futurum erat Deus uidit” (III,24).

Aqui, consedera a nota, Amadeu está “pro Thoma contra Scotum”.

O anjo continua a desenvolver o seu pensamento e conclui: “cognouit ergo et uidit quia sic erat, non sic factum est quia ipse uidit. Hominem igitur, quia cecidit, uidit cadere, non quia uidit eum casurum iccirco cecidit” (III,24).

Este modo de ver é, de acordo com o autor da nota, de “Anselmus”.

A nota de III,31 parece não passar de eco do próprio texto. Amadeu quer saber quais as consequências do pecado, se fosse cometido por Eva ou por qualquer dos filhos. O anjo, antes de responder, comenta: “Magnus enim est nodus iste apud uos” (III,31).

O terreno é movediço e o analista limita-se a dizer: “doctores in hoc dubii sunt”.

Uma das consequências do pecado é a morte. Sem pecado, o homem não lhe ficaria sujeito: “Deus enim sic pactum fecerat ut si non gustarent de ligno illo numquam morerentur. Poterant enim ex sui natura mori, poterant enim non mori Deo preseruante propter ignorantiam uel potius propter obedientiam illam specialem” (III,38).

Neste ponto Amadeu inova, de acordo com o pensar do censor, que diz: “doctores hoc nesciunt”.

Os que se condenam depois do pecado original teriam nascido se o pecado não tivesse existido? Se não, parece que o seu nascimento depois do pecado só teria justificação na sua condenação. O anjo entende o interesse de Amadeu, mas acrescenta: “... illud est apud uos uix uel nullo modo solubile. Vere admirari potes si Adam non comedente cibum uetitum soli illi nati fuissent qui nunc saluantur, cur propter peccatum eius fecit nasci alios qui, eo stante, nati non fuissent? Quid enim his nasci profuit? Et peccatum Ade, quid saluandis obfuit nisi quod morti et morbis subiecti fuerunt? Archana Dei sunt ista abdita Dei, et que uobis sciri non possunt sunt ista” (III,38).

Considera o censor que as primeiras opiniões estão “contra Scotum, Thomam et alios doctores”. Relativamente à última, considera-a “contra Gregorium”.

“Contra Scotum, Thomam et alios doctores” estão, segundo a mesma fonte, as seguintes posições de Amadeu: “sicut ergo etiam nos angelos omnes simul Deus noster magnus creauit et omnes gratia qua beati esse poteramus ornauit, et damnati angeli ordinati erant ad beatitudinem cum conditione, sic et omnes homines quotquot nascituri essent. Sed uos cogitatis et quidam doctores uestri quod Deus prima intentione uoluit beatum facere hunc et illum precise, alios uero non” (III,40).

Em IV,46 discute-se o pecado original. São apresentadas várias visões. Afirma-se: “qui ergo peccatum originale solum reatum quo obnoxii pene et illius que anime et illius que corporis est facti sunt homines, illi non discernunt inter reatum et culpam aut maculam, sed reatum ipsum culpam et maculam credunt”.

Neste ponto, Amadeu vai na linha de Tomás, segundo o censor, pois regista: “pro Thoma”.

E entende que está “contra Scotum” na seguinte posição: “qui uero illud peccatum uocant legem carnis uel tyranum membrorum non uidentur ab illis primis differre nisi quia primi uidentur reatum in quem homines ceciderunt propter esum illum uocare peccatum originale, illi autem solum legem carnis et fomitem” (IV,46).

Ao tratar do Céu Empíreo, em IV,62, discute-se a questão da visão e da fruição de Deus: “illi ergo soli super Christi Domini mensam comedunt qui uisione illius deitatis reficiuntur. Qui uero illi sic uise amore perfecto adherent et ea fruuntur, super mensam Christi bibunt. Visio illius est cibus, fruitio est potus”.

Considera o censor que esta posição está “contra Thomam”.

Considera “contra Scotum” a seguinte: Visio sola non est alimentum perfectum neque fruitio sola, sed illa duo simul iuncta” (IV,62).

O texto avança e surge a afirmação: “Frustra inter uos altercantur uestri doctores, illi dicentes in uisione Dei beatitudinem existere...”. Neste ponto Amadeu, segundo o censor, acompanha “Thomas”; “... alii uero in fruitione”, aqui segue “Scotum” (IV,62).

Em IV,70 Amadeu expõe as condições de que desfrutará o homem no Céu Empíreo depois da ressurreição. O texto conclui: “ecce dixi tibi, sed non pro te sed pro illo

pastore quem Deus elegit, qui hec subito ut legerit intelliget, quorum multa sunt contra ea que nunc opinantur homines etiam docti”.

O censor afirma: “hic dicuntur nonnulla contra aliquos doctores”.

No momento da Anunciação, Gabriel expõe a Maria as razões pelas quais os anjos fiéis lutaram contra os rebeldes e relata-lhe o desenvolvimento de todo o processo. Eucudiel argumenta com a necessidade da real existência no Universo de todas as possibilidades nele existentes: “dicite mihi, uos qui desipitis, sapere uolentes, nonne ad perfectionem uniuersi pertinet ut omnis combinatio possibilis in eo reperiatur? Hoc negare non potestis. Sunt autem tria: Deus, substantia et accidens” (V,79). Segue-se a argumentação.

O censor considera estas afirmações como “numquam audita”.

A Anunciação conclui-se, a concepção realiza-se, o texto continua: “infudit Deus illi omnes habitus in summo” (V,85). Segue-se uma série de considerações. Esta: “neque uerum est ut semper naturarum diuersarum sint diuerse potentie, neque ut nobilioris nature sit nobilior potentia” (V,85), na perspectiva do censor, está “contra doctores”.

No processo da concepção, chega o momento da união da alma e do corpo à divindade: “illico igitur anima illa nobilissima fuit creata, illico corpori infusa, illico diuinitati unita. Deus enim eam creando infudit et uniuit et uniendo infudit atque infundendo creauit” (V,85).

Segundo o censor, a visão aqui exposta segue a “opinio Scoti”.

Em VI,113, ao tratar-se da consagração, fala-se de quantidade e de acidentes. Na ausência da substância do pão, que se afastou para ceder o lugar à divindade, os acidentes mantêm-se aderentes à quantidade. O anjo aconselha Amadeu a escrever o que ele lhe diz, mesmo que o não entenda. E acrescenta: “scribe quoque dubitationem illam utrum quantitas coloris sit alia res a colore uel sit ipse color suis partibus extensus, quia apud uos aliqui tenent quod quantitas est alia res a substantia et qualitate...”.

O censor objectiva o indefinido: “Thomas”.

Na transubstanciação, o pão deixa de existir. O texto afirma: “dicunt etiam uestri et recte panem in hac conuersione non anihilari, qui tamen totum desiit esse” (VI,115).

Esta posição está em consonância com Escoto: “Scotus”, diz o censor. Mas nem Tomás, nem Escoto, nem Egídio<sup>106</sup> vão ao fundo da questão, quando se trata de saber porque se não destrói: “hic uestri uarie respondent et nesciunt nodum inuenire” (VI,115).

O possessivo esconde, de acordo com a nota, “Thomas, Scotus, Egidius”.

A discussão sobre a relação do corpo de Cristo com a substância do pão, na Eucaristia, progride. Amadeu quer saber porque se destrói o pão quando a sua substância podia manter-se em simultâneo com o corpo de Cristo. O anjo expõe as suas razões e conclui: “propterea ergo Deus sine destructione panis poterat corpus suum ibi ponere simul cum pane, sed rationibus predictis uoluit huic miraculo plura annectere ut posset omnis creatura infinitam Dei uirtutem extollere et sublimare”. E segue a crítica: “Qui ergo dicunt Deum sine conuersione panis non potuisse corpus Christi facere ibi esse, hi purgati una ignorantia retinent aliam” (VI,123).

Quem assim pensa, segundo o censor, é “Thomas et Egidius”.

Cristo, no tempo em que esteve morto, foi homem? Quer saber Amadeu. E expõe as razões da sua dúvida. O anjo responde: “homo integer non est ullus nisi habeat animam et corpus anima humana animatum” (VI,130).

Esta posição do anjo está “contra Magistrum<sup>107</sup> et Hugum<sup>108</sup>”.

E o anjo prossegue glosando Hugo, segundo o censor: “et anima est potior pars hominis et nobilior. Corpus est pars uilior et inferior”. E glosa o Mestre: “Vbi ergo est potior pars hominis ibi est homo, sicut ubi sunt potiores ciues, ibi est ciuitas” (VI,129).

Depois de ouvir o anjo expor as razões da instituição da Eucaristia sob ambas as espécies, Amadeu conclui que é preferível que a comunhão se realize sob ambas, como fazem os gregos. O anjo expõe vantagens e inconvenientes da tradição grega e da latina e conclui: “qui ergo in hoc latinos errare aiunt ipsi errant. Nec greci errant neque latini”.

---

<sup>106</sup> Egídio Romano, 1247/1316, *doctor fundatissimus*, dos eremitas de S.to Agostinho, discípulo e seguidor de S. Tomás. Da sua vastíssima obra merece referência o *De Regimine Principum*, que o Infante D. Pedro traduziu.

<sup>107</sup> *Magister Sententiarum*, Pedro Lombardo, 1100/1160, nascido na Lombardia, estudou em Bolonha e Reims. Em Paris estudou com Hugo de S. Victor. Os seus *Libri Quattuor Sententiarum* tiveram grande influência e foram a base de comentários dos maiores filósofos escolásticos.

<sup>108</sup> Hugo de S. Victor, 1096/1141, nascido em Hastingham, foi abade do Mosteiro de S. Victor. É geralmente considerado um místico.

E prossegue, “contra doctores”, na opinião do censor: “Et certe pastor futurus ordinabit quod quilibet christianus quandoque sumat hoc alimentum sub utraque specie” (VI,131).

Discute-se, em VI,133, “quomodo est possibile ut duo corpora sint simul”. A seguinte posição do anjo: “accidentia enim panis sunt in loco extensa partibus loci et localiter quia occupant locum et circumscripita a loco. Corpus uero Domini est ibi sine modo quantitatio quia non extensum partibus loci sic ut una pars eius respiciat unam partem loci et alia aliam, sed sunt sine respectu ad locum”, é considerada pelo censor como “noua mirabilia”.

A discussão prossegue: “nunc probandum est quod corpus est prius quam sit in loco et separabile a loco, habens aliam existentiam ab existentia loci” (VI,134). E segue-se a prova: “si non esset alia existentia corporis quam loci continentis, sequeretur quod posito corpore poneretur locus illud continens, quod falsum est, quia primum corpus celeste est et tamen non ponitur locus continens illud et ambiens quia tunc non esset primum corpus” (VI,134).

O censor considera: “noua et diuersa”.

Declara o anjo em VI,138: “non possunt itaque duo corpora in uno loco simul esse, quia tunc utrumque impleret totaliter et ita neutrum implet”. E conclui a seguir: “Si ergo corpus gloriosum fuerit cum alio corpore, oportebit unum illorum ibi esse non localiter”. E justifica: “Et hoc erit propria uirtute Dei, non alicuius qualitatis create, ut aliqui somniant”.

O indefinido oculta, segundo o censor, o nome de Ricardo: “contra Ricardum<sup>109</sup>”.

Discute-se agora, em VI,139, “quomodo unum corpus possit esse in pluribus locis”. O anjo conclui: “unde absolute concedendum est diuina uirtute unum corpus in pluribus locis simul esse posse et modo quantitatio et non quantitatio...” E acrescenta: “sequitur quod Deus possit facere ut, manente eodem corpore, multiplicetur presentia eius et repletio. Quando enim replet, tunc est in loco naturaliter et sensibiliter. Quando solum presens est, ut in sacramento, tunc est in loco non localiter neque sensibiliter...”.

---

<sup>109</sup> Ricardo de S. Victor, +1173, discípulo e seguidor de S. Victor, seguiu também a tendência mística. Na sua obra ecoa um agostinianismo anselmiano.

Aqui o anjo assume, de acordo com o censor, uma posição “pro Scoto, contra Thomam”.

Assume posição “contra omnes doctores”, quando afirma: “non immerito mirari potestis quomodo aliqui docti uiri concedunt unum corpus posse esse in pluribus locis non localiter et non posse esse in pluribus locis localiter” (VI,140).

Alinha pela posição de Egídio Romano quando afirma: “quantum ad quartam difficultatem superius satis ostendimus qualis sit conuersio ista, quo bene intellecto, nulla difficultas est intelligere aliquid posse conuerti in preexistens” (VI,140).

Ao tratar da Trindade, em VII,148, afirma o anjo: “dico tibi magnam altercationem inter uestros theologos esse quomodo Deus sit omnino una res in se et tamen in ipso ponitur ueritas, bonitas, sapientia, eternitas, immensitas et plura huiusmodi”.

A discussão, segundo o censor, travou-se entre “Henricum<sup>110</sup>, Thomam et Scotum”.

No desdobramento das linhas da discussão, afirma o anjo: “alii dixerunt illa omnino esse unam rem omnino, sed differre ratione inter se”.

Estes outros são, na mesma linha do censor: “Thomas, Alexander, Henricus et Godophredus<sup>111</sup>”.

Afirma depois: “alii dicunt quod sapientia est aliquid in Deo ante omnem considerationem cuiuscumque intellectus ita quod in re sapientia est alia entitas a natura, et intellectus alia, et uoluntas alia, sed hec omnia sunt una res omnino”.

A este grupo pertencem, segundo o mesmo censor, “Scotus et Franciscus<sup>112</sup>”.

E até final do *VII Raptus* são sistematicamente referidos nas notas S. Tomás e Duns Escoto. Henrique de Gand e S. Boaventura são referidos apenas mais uma vez.

É extensa a lista dos nomes, variado é o rol dos temas, amplo o arco cronológico.

Ampla é, sem dúvida, a cultura filosófico-teológica de Amadeu, reconhecida mesmo por aqueles que parecia pretenderem condená-lo. Amadeu não se limita a repetir. Discute, discorda, opta, traça o seu caminho. Parecendo defender a visão teológica

---

<sup>110</sup> Henrique de Gand, *doctor solemnus*, +1293, grande adversário de S. Tomás. Foi dos poucos filósofos da sua época que não pertenceram a uma Ordem

<sup>111</sup> Godofredo de Fontaines, +1306, admirador de S. Tomás, adversário de Henrique de Gand. Nascido na região de Liege, foi mestre de teologia na Sorbone.

<sup>112</sup> Francisco de Mayronis, *doctor illuminatus*, +1325, franciscano, foi um dos primeiros e mais distintos discípulos de Duns Escoto.

essencialista de Duns Escoto, não tem dúvidas em recusá-la quando isso lhe parece justo, apesar de considerado seguidor dos “scoticis deliriis”.

Este facto não só tira razão ao dominicano Jerónimo Vitorino e ao jesuíta Alapide, que consideram que o anjo de Amadeu “fuit scotista”, como infirma a pretensa ideia de falsificação da obra por um mestre da escola de Escoto.

Preso, na linha de evolução dos acontecimentos, à visão do Génesis, primeiro, e dos *Apócrifos*, a seguir, sabe alicerçar nos Padres e nos doutores da Igreja as suas opções. Nunca se desvia do fito que o guia. A tríade que o orienta, “causa fidei, causa unionis, causa reformationis”, tem um sentido claro. O objectivo principal é a reforma. Os dois outros, importantes, parece não passarem de condições prévias.

Como todos os que pretendem trilhar caminho próprio, iria sentir amargos de boca se a composição de seu livro não houvesse sido uma das suas últimas actividades. O destino da sua pobre Congregação foi sinal do destino que haveria de ter o seu Livro. O sonho que sonhou durante a vida e a consolação que esperava por tantos anseios e canseiras, “ut futura que tu non uidebis in carne mortali constitutus nunc uideas et consolationem propter tot labores tuos et desideria tua sentias”, foram desfeitos em pó quando um outro religioso, num outro país, em outras circunstâncias políticas, desviou a corrente que ele com tanto afincos se esforçou por canalizar segundo os ditames do Espírito.

## *Apócrifos*

Constituindo uma unidade que evolui da criação dos anjos à Assunção de Maria, em razão das fontes, a obra do Beato Amadeu divide-se muito claramente em duas partes.

A segunda, integralmente dependente dos *Apócrifos*, inicia-se em IV,55 com a concepção de Maria; prolonga-se entrecortadamente pelo *IV* e pelo *V Raptus* com a apresentação e vida de Maria no Templo até aos catorze anos, os esponsais com José, a visita a Isabel, o nascimento de Jesus, a visita dos pastores e dos Magos, a fuga e regresso do Egipto e a vida de Jesus até aos doze anos; conclui-se no *VIII Raptus* com a dormição, os funerais, a ressurreição e Assunção de Maria.

O primeiro quadro desta segunda parte reproduz na sua estrutura o *Liber de Natiuitate Mariae*, versão abreviada do *Euangelium Pseudo Mathaei*, dos *Evangelhos Apócrifos*, ou, talvez com mais precisão, o capítulo CXXVII, *De Natiuitate Sancte Marie Virginis*, da obra de Iacopo da Varazze, *Legenda Aurea*, que reproduz aquele.<sup>113</sup>

Amadeu não se perde na história de Joaquim e Ana, que o *Liber de Natiuitate* desenvolve. Pressupõe-na.

Ao despedir-se dos pais, no momento em que vai dar entrada no Templo, Maria agradece-lhes a preocupação e o esforço para a alcançarem de Deus: “multum debeo tibi, pater mi, et non minus tibi, dulcis mater mea. Plurimis enim orationibus et elemosinis me a Deo impetrasti...” (IV,57). Concentra neste tópico toda a história de Joaquim e Ana. Em IV,58, é o príncipe dos sacerdotes que recorda outro passo dessa história: “Nonne patrem suum e Templo eiecimus, sacrificium eius abiecimus eo quod nobis indignus ex eo quod semine careret, qui tamen uxorem haberet uidebatur”?

---

<sup>113</sup> OTERO, *Los Evangelios Apocrifos*, 237: “Fue incluido íntegramente en la *Legenda aurea* de Jacobo de Voragine.”

Esta palavras de Maria são o eco perfeito das do anjo que a anunciava a Ana: “ego enim sum angelus qui preces et eleemosynas uestras obtuli in conspectu Dei” (*Lib. de Natiu.* IV,1). E as do sacerdote resumem II,1 do mesmo: “cumque inter ceteros conciuos suos etiam Ioachim cum oblatione sua uideret, despexit eum et munera sua spreuit, interrogans cur inter foecundos infoecundus ipse stare praesumeret...”.

Reduz ao mínimo o espaço entre a concepção de Maria e a sua apresentação no Templo: “immaculata in utero mansit, immaculata et quasi sine dolore matris ex utero egressa est ... immaculata Dei Templo oblata et presentata fuit...” (IV,56).

Centra exclusivamente em Maria a cena da subida dos degraus do Templo, sem a menor atenção ao número destes e à sua função: “et magna uelocitate corporis et animi sanctitate gradus Templi conscendit” (IV,56).

Em contrapartida, desenvolve ao limite a cena da despedida. Maria assume papel desproporcionado em relação à idade. Expõe as razões que a movem. É oferecida sem que se fique a saber por decisão de quem, mas assume: “ueni ad uos, patres anime mee, ut me timorem Domini doceatis et humilitatem instruatis ut possim iugiter Deo meo seruire et ei grata esse et in ipsius obsequiis assidue permanere et perseuerare” (IV,56). No *Liber de Natiuitate*, a decisão é dos pais e é sua: “hoc facere non posse respondit, dicens se quidem et parentes suos Domini seruitio mancipasse”<sup>114</sup>.

O voto de virgindade é da sua inteira responsabilidade: “uoueo perpetuam Deo coram te, pater, tot testibus hic astantibus, uirginitatem” (IV,56), concordando, neste ponto, com os *Apócrifos*: “et insuper se ipsam Domino uirginitatem uouisse...”<sup>115</sup>. Amadeu divide em dois tempos a decisão relativa ao casamento, que os *Apócrifos* concentram no momento em que Maria perfaz os catorze anos. Esta, como as decisões acima referidas, é deslocada por Amadeu para o momento em que Maria se despedia dos pais, aquando da apresentação no Templo. É no momento em que tudo está preparado para entrar definitivamente no Templo que o príncipe dos sacerdotes levanta a dúvida: “tamen quia uotum uirginitatis nostre nationi et populo Dei inconsuetum emisit, uidetur mihi contra legem Dei egisse, qui sterilibus maledixit” (IV,58). Aqui, é Maria quem soluciona o dilema: “intrem ego in domum Domini lete. Quando tempus nubendi aduenerit, tradetis me uiro, si ita Deus uoluerit, et cui ille uoluerit nubam” (IV,58).

---

<sup>114</sup> OTERO, *Lib. de Nat.* VII,2

<sup>115</sup> OTERO, *Lib. de Nat.* VII,2

No segundo tempo, “cum annus sue etatis quartus decimus uerteretur” (V,72), quando o problema se põe com toda a premência: “tempus iam adest in quo secundum legem Dei nostri te oportet connubio alicui uiro copulari” (V,72), mantendo-se coerente com a decisão inicial, Maria responde: “tu, diu est, nosti intentionem meam et uotum meum quod emisi uirginitatis perpetue. Quia tamen sub potestate Dei sunt omnia opera nostra, uideto, pater, quod agendum sit” (V,72). Nos *Apócrifos*, em discurso indirecto, Maria afirma a sua decisão: “hoc se facere non posse respondit, dicens se quidem et parentes suos Domini seruitio mancipasse, et insuper se ipsam Domino uirginitatem uouisse, quam numquam uiro aliquo commixtionis more cognito uidere uellet”, deixando o príncipe dos sacerdotes em estado de angústia: “Pontifex uero in angustia constitutus animi...”<sup>116</sup>.

A vivência de Maria no Templo é resumida, em *De Natiuitate*, em duas frases: “Virgo autem Domini cum aetatis processu et uirtutibus proficiebat, et iuxta psalmistam pater et mater dereliquerunt eam, Dominus autem assumpsit eam. Quotidie namque ab angelis frequentabatur, quotidie diuina uisione fruebatur, quae eam a malis omnibus custodiebat et bonis omnibus redundare faciebat”<sup>117</sup>.

Repetindo estas ideias, *Apocalypsis* integra-as na descrição de pormenores vários da sua vida no Templo e desenvolve, na linha da versão da *L.A.*, a ideia do *ora et labora* e da *lectio diuina*: “Ibi orationibus sanctisque meditationibus die ac nocte intenta erat manibusque suis laborabat aliasque puellas laborare docebat ... Prophetas legebat, exponebat” (IV,58).

A *L. A.* diz: “Ait autem Ieronimum ... quod beata Virgo hanc regulam sibi statuerat, ut a mane usque ad tertiam orationibus insisteret, a tertia usque ad nonam textrino operi uacari, a nona usque ad uesperas ab oratione non recedebat quousque angelus apparens escam sibi dabat”<sup>118</sup>.

Também os anjos e Deus estão presentes no texto de *Apocalypsis*: “Maria assidue stipata erat multitudine angelorum. [...] Deus quoque ipse trinus sepe Marie apparebat et cum ea loquebatur sicut amicus cum amico suo” (IV,60).

O quadro das núpcias, como já se viu acima, segue a par nas duas versões.

---

<sup>116</sup> OTERO, *Lib. de Nat.* VII,2

<sup>117</sup> OTERO, *Lib. de Nat.* VII,1

<sup>118</sup> *L. A., De Natiu. S. M. Virginis*, 905. Neste ponto a *Legenda* reproduz o *Evangelium Pseudo Matthaei*: “Hanc autem regulam sibi statuerat, ut a mane usque ad horam tertiam orationibus insisteret; a tertia autem usque ad nonam textrino opere se occuparet, a nona uero hora iterum ab oratione non recedebat...” (VI,2).

Em *Apocalypsis*, Maria toma a iniciativa para que o príncipe dos sacerdotes saia do impasse, que não assume contornos tão sérios como no *Lib. de Natiuitate*. Aqui, o sacerdote fica dividido entre a obrigação perante o cumprimento de um voto e o receio perante a introdução de um costume contrário. E ultrapassa o impasse pelo recurso à assembleia dos homens de Jerusalém. Num e noutro caso a resposta é obtida por meio da oração. Da assembleia dos homens, num caso; de Maria e dos sacerdotes, no outro. E vem por uma voz ouvida por toda a assembleia, ou por Gabriel em resposta pessoal ao príncipe dos sacerdotes.

Consistia a decisão em convocar “cunctos de domo et familia Dauid nuptui habiles non coniungatos” (*Lib. de Nat.* VII,4), ou “uniuersos homines carentes uxoribus de tribu Marie” (*Apoc.Noua* V,72), que deveriam “uirgas suas allaturos ad altare”, ou “omnes teneant uirgas siccas in manibus suis”, para ser escolhido aquele “cuiuscumque post allationem uirgula florem germinasset et in cuius cacumine spiritus Domini in specie columbae consedisset” (*Lib. de Nat.*), ou “alicui uiriditatem restituerit” (*Apoc. Noua*).

A reunião é convocada. “Erat inter ceteros Ioseph, homo de domo et familia Dauid grandaeuus” (*Lib. de Nat.* VIII), que se escusou a levar a sua vara ao altar.

“Dum ergo conuocarentur omnes matrimonio soluti, etiam Ioseph fuit uocatus” (*Apoc. Noua* V,73). José não só se não achava digno de receber Maria por esposa, como ele mesmo havia feito voto de virgindade, por isso se recusou a comparecer: “qui uenire renuebat, nam et ipse uir Deo deditus erat et nutu Dei in mente sua numquam uirginitatem suam uiolare proposuerat” (V,73).

Na ausência dos sinais prometidos, fica-se a saber, de um lado, que José não apresentou a sua vara; do outro, que havia faltado à convocatória. Tudo é ultrapassado com a repetição do acto: “Cum enim uirgam suam atullisset et in cacumine eius columba de caelo ueniens consedisset, liquido omnibus patuit ei Virginem desponsandam fore” (*Lib. de Natiu.* VIII,1). “Et dum ita coram sacerdotibus Dei orantibus omnes et ipsi orantes astarent, uenit columba de celo et insedi humero Ioseph dextro et uirga sicca subito floruit et uiridis facta est tota” (*Apoc. Noua* V,73).

Segue-se a celebração dos esponsais: “igitur sponsaliorum iure de more celebrato, ipse quidem in Bethелеem recedit ciuitatem” (*Lib. de Nat.* VIII,2).

“Tunc pontifex gratias agens Domino Deo Israel ... benedixit eos benedictione illius temporis consueta. [...] Accepta itaque utriusque manu dextra a pontifice et coniuncta manu Ioseph manui Marie, accepit ille eam in uxorem et ipsa illum in uirum et annulo suo Ioseph subarrauit eam” (*Apoc. Noua* V,74).

É clara a relação da *Apocalypsis Noua*, do Beato Amadeu da Silva, com o apócrifo da natividade, *De Natiuitate Mariae*, nos pontos estruturais da narrativa. Não pode, contudo, deixar de se levantar uma dúvida de outra natureza. Esta relação é directa ou teve intermediação?

Na introdução ao *Liber de Natiuitate Mariae*, Aurélio de Santos Otero afirma que “fue incluido íntegramente en la *Legenda Aurea* de Jacobo de Voragine”. Não é esta razão que suscite seja que dúvida for. Há, no entanto, em *Apocalypsis* um parêntesis que, no contexto em que se acha, não pode deixar de a suscitar.

A vara de José acaba de florir. A pomba pousa no seu ombro. É levado à presença de Maria para a desposar. As suas dúvidas não resistem às razões dos sacerdotes, que o informam de que “id esse uoluntatis diuine” (V,73). Pede: “dicam antea Marie, sorori mee, duo uerba secrete et subito reuertar ad uos” (V,73). Amadeu sente necessidade de justificar os laços deste parentesco e apresenta resumidamente a linha genealógica de Maria e de José. O contexto e o texto desta justificação são os do *De Natiuitate Sancte Marie Virginis*, da *L.A.*, que Iacopo da Varazze atribui a S. João Damasceno e de que não há sombra no apócrifo em causa.

Há ainda, na linha da apresentação da genealogia de Maria, outro elemento que tem reflexo em *Apocalypsis*, mas agora para ser contestado. Diz assim: “Anna autem tres uiros habuisse dicitur, scilicet Ioachim, Cleopham et Salome. De primo autem uiro, scilicet Ioachim, unam filiam, scilicet Mariam, matrem domini genuit... Mortuo Ioachim accepit Cleopham, fratrem Ioseph et genuit ex eo aliam filiam... Mortuo secundo uiro Anne tertium accepit nomine Salome, ex quo aliam filiam genuit...” (CXXVII . *De Natiuitate Sancte Marie Virginis*, *L.A.* 901/902). Em VIII,188, ao recordar a assistência que as quatro Marias prestavam à Virgem, depois da Ascensão de Cristo, o anjo / Amadeu recorda: “et ille Marie, uidelicet Cleophe et Salome fuerunt sorores Virginis Marie, non autem filie Anne, ut apud uos hodie dicitur”. E passa ao desenvolvimento desta contestação: “Anna solet dici tres concepisse Marias. Non est id uerum”. [...] E conclui: “Cleophas ergo non fuit maritus Anne neque Salome, sed fratres eius et Hismerie, matris Elilsabeth”.

Nem o conteúdo nem o contexto são suficientes para que se possa afirmar inequivocamente que a *L.A.* foi a única fonte de que Amadeu se serviu. Mas não pode haver dúvidas de que dela se serviu.

Nos outros passos relacionados com Maria, ou seja, a Anunciação, a Visitação, o nascimento de João Baptista e a adoração dos pastores, Amadeu não se afasta dos Evangelhos canónicos, posição que explicitamente confirma a propósito do nascimento de João Baptista: “reliqua, dilectissime, ad natiuitatem huius plus quam prophete pertinentia ex Euangelio didicisti” (V,96).

O tema dos *IV* e *V Raptus* é a conceição imaculada de Maria. O do VIII, separado daqueles pelos temas da Eucaristia e da Trindade, é o da sua Assunção ao Céu.

Abre este *Raptus* com a reactualização de quanto foi antes dito sobre Maria. Demora-se na reflexão sobre a Ascensão de Cristo de tal modo que acaba por declarar: “ecce loqui uolentes de obitu et assumptione ad celum Genitricis Dei nostri ut ostenderemus ex parte totam uitam suam, ascensionem Christi Domini interseruimus” (VIII,187). Nesta confissão está registada a definição do tema: óbito, trânsito ou dormição de Maria e sua assunção ao Céu.

Num quadro que vai muito para lá do definido pelos *Apócrifos Assumpcionistas*, Amadeu segue a estrutura destes e introduz elementos actualizados. E parece poder afirmar-se, sem grandes hesitações, que o seu modelo é o *Iohannis Liber de Dormitione Mariae*, mas na versão registada no *codex Ambrosianus L 58*. É este, aliás, o que a *Legenda Aurea* segue, que logo a abrir lhe repete o título<sup>119</sup>. As outras versões têm abordagens distintas, facto que só por si deixa aberto o caminho para afirmar com segurança a dependência de Amadeu relativamente à versão de *Ambrosiano*.

Amadeu entra no tema sintetizando em curta frase o primeiro membro da frase de abertura do *De Assumptione*, sempre na versão do *Ambros. L 58*, que a *L.A.* repete: “et apostolis predicantibus, ipsa domi orabat, legebat, docebat et in lege Domini assidue meditabatur” (*Apoc. Noua*, VIII,188). O *Ambrosiano*, a que a *Legenda* altera apenas

---

<sup>119</sup> OTERO, *Los Evangelios Apócrifos*, 574: “Assumptio Virginis Marie qualiter facta sit, ex quodam libello apocrypho, qui Iohanni euangelistae adscribitur, edocemur” (Título do *Ambrosiano L 58*).  
*L. A., De assumptione B.V.M.*, 779: “Assumptio Virginis Marie qualiter facta sit ex quodam libello apocrypho qui Iohanni euangeliste ascribitur edocetur”.

*plagas por regiones*, diz: “apostolis namque ob praedicationis gratiam diuersas mundi subeuntibus plagas...”.

Amadeu insere neste ponto a história das três filhas de Ana, ou antes, dos seus três maridos, história já abordada. E em VIII,191 dá continuidade à frase de *Ambrosiano / L.A.*, introduzindo variações relativamente aos lugares onde Maria terá vivido. Assim continuam estes: “... uirgo beata et mater nostra in domo iuxta montem Sion posita dicitur remansisse...”.

Amadeu precisa: “morabat in Bethania in domo Marthe, morabat in Magdalo in domo Magdalene, sed rarius, morabat in domo Lazari iuxta Montem Sion frequentius”.

O *Ambrosiano / L. A.* continua: “quae omnia loca Filii sui sancta, locum baptismi, ieiunii, passionis, resurrectionis, quoad uixit, deuotione sedula uisitabat”<sup>120</sup>.

Amadeu multiplica os locais visitados: “Et omnia loca, presertim notabiliora, Filii sui circuibat aliquando, sicut locum ubi Cenam fecerat et maximum sacramentum instituerat, ubi orauerat et guttas sudoris adustas et rubeas ut sanguis guttatim in terram cadere uideretur emiserat, ubi captus et ligatus, derisus, consputus, flagellatus, spinis coronatus fuerat, ubi sibi occurrerat et sincopim passa est, ubi cruci affixus, ubi sepultus et ubi tandem ultimo omnibus apparuit et in celum ascendit (VIII,191).

Segue-se, em conformidade com o enquadramento da *L. A.*, a contabilidade relativa aos anos de Maria. O *Ambrosiano* regista a passagem, que a *Legenda* transcreve integralmente, na sequência do momento em que a alma de Maria se separa do corpo. Vale a pena transcrevê-la para se poder avaliar a alteração introduzida por Amadeu:

“Et secundum quod ait Epiphanius, XXIV annis post ascensionem Filii sui supervixit. Refert autem quod beata Virgo quando Christum concepit erat annorum XIV, et in quinto decimo anno ipsum peperit, et mansit cum eo annis XXXIII, et post mortem Christi supervixit annis XXIV, et secundum hoc, quando obiit erat annorum LXXII. Probabilius tamen videtur, quod alibi legitur, ut duodecim annis Filio suo supervixerit, et sic sexagenaria sit assumpta, sicut ecclesiastica tradit historia”<sup>121</sup>

Amadeu, respeitando o enquadramento da cena, introduz desenvolvimentos explicativos e altera as contas. O ponto de referência passa a ser a Paixão e não a Ascensão de Cristo: “uixit autem post passionem Domini...” Os anos, a partir desse

---

<sup>120</sup> OTERO, 576, nota; *L. A.* 779.

<sup>121</sup> OTERO, 596, nota; *L. A.* 779.

acontecimento, nem são os vinte e quatro da primeira hipótese, nem os doze da segunda, mas sim catorze: “... annis circiter quindecim et quindecim antequam filius eius nasceretur, quem anno quarto decimo conceperat, qui simul iuncti sunt anni triginta. Et triginta tres uixit cum Filio nato. Et sic annos sexaginta tres in uita mortali stetit. Cum Christo tamen antequam nasceretur, gestando ipsum in utero, uixit menses nouem ample, et postquam natus est secum annis triginta tribus et circiter tribus mensibus, quantum uidelicet est interualum inter XXV Decembris et XXV Martii, qui fuerunt dies octoginta nouem, qui tres menses iuncti illis nouem conficiunt menses duodecim. Et ita a conceptione Christi usque ad passionem fluxerunt anni triginta quattuor. Eadem die Dominus conceptus est et mortuus. Tamen in media nocte conceptus, in meridie mortuus. Maria itaque quartodecimo anno et mense septimo concepit Christum. Cum eo in utero et extra uterum existente uixit annis triginta quattuor. Et post ipsum uixit annis quattuordecim, mensibus circiter quinque, qui omnes simul iuncti conficiunt annos sexaginta tres, non tamen completos. Pauci enim dies deficiebant qui non impediunt quin uere possit dici tot annos uixisse” (VIII,191).

Continuando na linha da *Legenda*, que deixa de seguir João Evangelista para reproduzir quase ao pé da letra o Pseudo-Melito<sup>122</sup>, apresentado pela edição da B.A.C. apenas em notas, nos pontos em que diverge, Amadeu entra no quadro da apresentação da palma que o anjo trás do Paraíso, e que é sinal da dormição próxima de Maria. Também aqui é sucinto e introduz uma diferença significativa. O anjo mensageiro deixa de ser o “angelus magni luminis”, do Pseudo-Melito (608, nota 6), ou o “angelus cum multo lumine” (L.A.780), identificado com Miguel, para ser Gabriel : “antequam ergo a uobis migraret, ego Gabriel attuli ramum palme de paradiso Dei, uirentibus foliis, in signum eius uictorie” (VIII,191). A palma deve seguir à frente do féretro. O anjo informa Maria “quia ad infinitum gaudium transferenda erat”.

Neste ponto da descrição, Amadeu, na linha da versão do *Livro de S. João Evangelista* (o Teólogo)<sup>123</sup>, insurge-se contra dois dos três pedidos que a *Legenda* (781), em conformidade com Pseudo-Melito (*Apóc.* 614, nota 11), e, de algum modo, com a versão de João, arcebispo de Tessalónica, afirma ter Maria formulado ao anjo: “sed illud quod apud uos legitur Mariam interrogasse angelum ut sibi suum nomen reuelaret falsum et fictum est. [...] Quod etiam apud uos legitur ipsam rogasse ne in suo

---

<sup>122</sup> Pseudo-Melito Sardensis, autor de um *De Transitu Virginis Mariae*, PG 5,1231-1240.

<sup>123</sup> OTERO, 574-600 - *Trânsito de Maria* ou *Dormição da Santíssima Mãe de Deus*, relato grego do séc. IV-V atribuído ao apóstolo S. João.

exitu ullum spiritum teterrimum uideret, falsum est et derogat tante maiestati” (VIII,192). Amadeu, ou antes, Gabriel apenas reconhece como verdadeiro, de acordo com a maioria das versões, o pedido de Maria para que os apóstolos estivessem presentes no momento da sua partida: “illud ex illis tribus solum uerum est quod Maria tunc gaudio plena dixit...: Fili mi Iesu, cuperem ut adessent omnes apostoli...” (VIII,192).

Os apóstolos, segundo Amadeu, “tempore illo non discesserant totaliter a Iudea, immo sepius congregabantur in Ierusalem” (VIII,192). Segundo todas as outras versões, e também a *Legenda*, todos vêm de partes diversas.

João foi o primeiro a chegar, segundo a unanimidade das versões. Os outros seguiram-no. Amadeu não se demora com os pormenores da chegada. Diz apenas: “qui remotiores erant, angelis eos ducentibus, peruenerunt ita quod una die, una hora, omnes simul ibi affuerunt”. Os que estavam em Jerusalém supõe-se que tenham vindo pelo próprio pé: “qui Hyerosolimis erant accesserunt”. Nas outras versões chegam trazidos por nuvens e acompanhados de trovões.

A grande novidade introduzida por Amadeu reside no conjunto de discursos, um por cada apóstolo e mais um por cada um dos evangelistas, Lucas e Marcos. A oportunidade tanto lhe pode ser oferecida pela versão de São João Evangelista (O Teólogo), onde Pedro convida cada um a dar a Maria as informações que o Espírito lhe sugira, como pela *Legenda*, no cap. CXV, *De Assumptione Beate Virginis Marie*, 781, que reza assim: “Dionysius Pauli apostoli discipulus in libro de diuinis nominibus hoc idem asserit, apostolos scilicet in dormitione uirginis conuenisse et se similiter interfuisse ac unumquemque in laudem Christi et uirginis fecisse sermonem”.

Amadeu aproveita para, em discurso adaptado à personalidade de cada um dos intervenientes, expor muitos pontos de vista doutrinários.

No quadro seguinte, aquele em que a alma se separa do corpo, Amadeu afasta-se destes modelos. Nestes, embora em enquadramentos distintos, é Cristo que desce do Céu para receber a alma de sua Mãe, que é de imediato levada ao Céu. Diz a *Legenda*:

“Circa uero horam noctis tertiam Iesus aduenit cum angelorum ordinibus. [...] Sicque Marie anima de corpore egreditur et in ulnas Filii aduolauit” (782). “Sic in celum gaudens suscipitur et a dextris Filii in trono glorie collocatur” (783). Amadeu tudo faz acontecer em ambiente de celebração eucarística. Maria recebe da mão de Pedro a comunhão, e é também Cristo, mas no sacramento, que procede a essa separação:

“Dominus autem in sacramento corporaliter sibi presens animam ipsius a corpore suo miro modo absque ullo dolore et langore separauit” (VIII,213).

A alma desce primeiro ao Purgatório a libertar as almas que aí se encontravam: “que quidem anima a corpore separata ... ad purgatorium descendit et omnes animas amicorum suorum ... eripuit et secum in ualem Iosaphat, ubi corpus sepultum erat, deduxit” (VIII,213). Vai depois ao Paraíso a confortar Elias e Henoch: “deinde iuit in paradisum terrestrem et confortauit Eliam et Enoch ...”. Amadeu afirma explicitamente: “neque anima Marie celos ascendit ante resurrectionem, sed, ut dixi, uictrix reuersa est in ualem Iosaphat” (VIII,214).

O quadro do funeral e das peripécias causadas pela agressividade dos judeus resume-os Amadeu nesta frase: “et corpus eius non fuit lotum, quia nulla immunditia in illo erat. Sed detulerunt illud cum illis cerimoniais que apud uos scripte sunt, neque oportet eas iterare, cum miraculis illis que scribuntur de temeritate iudeorum” (VIII,213).

A presença dos Apócrifos na vida religiosa da época parece ser evidente, de acordo com esta frase.

O lugar da sepultura de Maria era, segundo a versão de João Evangelista, Getsamani; João, arcebispo de Tessalónica, diz apenas que ficava para o lado direito da cidade; a narração do Pseudo-José de Arimateia indica o vale de Josafat; a mesma indicação é dada pela *L.A.*: “Corpus Virginis Matris in uallem Iosaphat deferte...” (*L.A.* 782). Amadeu, como se viu já, segue a *Legenda* e a versão do Pseudo-José de Arimateia<sup>124</sup>.

Quanto ao tempo de permanência do corpo de Maria no sepulcro, Amadeu segue um caminho próprio, diferente de todas as outras versões. Diz Amadeu em VIII,214: “stetit itaque corpus Marie in sepulcro decem horis et mortuum quindecim horis”. A versão de João Evangelista fala de três dias, ao fim dos quais os apóstolos, que velavam, se aperceberam de que o corpo de Maria havia sido levado ao Céu. João, arcebispo de Tessalónica<sup>125</sup>, segue, com poucas diferenças, a versão anterior. O Pseudo-José de Arimateia diz: “tunc apostoli cum magno honore posuerunt corpus in monumento, flendo et canendo prae nimio amore et dulcedine. Et subito circumfulsit eos lux de caelo

---

<sup>124</sup>OTERO, *De Transitu Beatae Mariae Virginis*, auctore Pseudo-Iosepho ab Arimathea, 640-653.

<sup>125</sup>OTERO, *Dormição de Nossa Senhora, Mãe de Deus e sempre Virgem Maria*, escrita por João, Arcebispo de Tessalónica, 605-639.

et, cadentes in terram, corpus sanctum ab angelis in caelum est assumptus”<sup>126</sup>. E a *L. A.*: “Mariam autem portantes apostoli in monumento posuerunt et iuxta illud ut Dominus iusserat conseruerunt. Tertia autem die ueniens Ihesus cum multitudine angelorum ipsos salutauit dicens: Pax uobis” (*L. A.* 785).

No quadro final, Amadeu segue, mais uma vez, a versão da *L. A.* Nas outras versões, como resulta da leitura do parágrafo que precede, os apóstolos apercebem-se do desaparecimento do corpo de Maria e afirma-se a convicção de que fora levado para o Paraíso. Na *L.A.*, ao fim dos três dias, Cristo desce do Céu, como ficou dito acima, dialoga com os apóstolos. Em *Apocalypsis*, Cristo desce do Céu ao fim das dez horas e saúda, como na *L.A.*, os apóstolos: “circa igitur meridiem illius diei, Dominus Iesus Christus, dimisso celo empyreo et celesti habitaculo, descendit de celis... Et omnes uiderunt Dominum Christum qui adueniens dixit astantibus: Pax omnibus uobis” (VIII,214).

Com desenvolvimentos distintos, mais extenso o de *Apocalypsis*, os elementos fundamentais da história acompanham-se nas duas obras. Com uma variante requerida pelos antecedentes. Segundo a *L. A.*, a alma de Maria havia sido levada ao Céu no momento da morte. Neste ponto, é Miguel que a traz de volta: “quo annuente Michael angelus continuo affuit et Marie animam coram Domino presentauit”.(*L.A.* 785).

O momento decisivo, o do reencontro da alma com o corpo, tem expressão semelhante em *Apocalypsis* e na *L. A.* Aqui, Cristo dirige-se à alma de Maria, que lhe foi apresentada por Miguel: “tunc Saluator locutus est dicens: Surge, proxima mea, columba mea ... templum celeste ut, sicut per coitum labem non sensisti criminis, sic in sepulcro solutionem corporis minime patiaris. Statimque anima ad Marie accessit corpusculum et de tumulo prodiit gloriosum; sicque ad ethereum assumitur thalamum comitante secum multitudine angelorum” (*L. A.* 785/6).

Em *Apocalypsis Noua* estabelece-se o diálogo entre Cristo e a alma da Maria. Nesse diálogo tomam parte os apóstolos, e o diálogo prolonga-se. Por fim, Cristo pergunta aos apóstolos: “quid uobis uidetur de anima illa felici que hac nocte a suo corpore separata fuit”? Os apóstolos respondem, e Cristo diz a Miguel: “associate cum his aliis animam istam quousque iuxta corpus suum fuerit”. Mas imediatamente acrescenta: “Reuniatur

---

<sup>126</sup> OTERO, *De Transitu B. M.V.*, XVI.

corpori innocenti innocens anima. Viuatque in eternum dulcis mater mea. [...] Et de monumento diuina uirtute exiuit” (VIII,216).

O processo da Assunção tem em *Apocalypsis* um desenvolvimento que, indo além de todos, parece não passar de explanação da versão do Pseudo-Melito, de que Santos Otero apresenta um extracto, em nota, no final do *Libro de Juan arc. de Tessalonica*<sup>127</sup>.

No quadro final tem lugar a cena das lembranças deixadas por Maria. Entre estas, está a faixa com que se cingia. O contemplado foi Tomé. De entre os *Apócrifos*, só a versão do Pseudo-José de Arimateia regista esta cena: “tunc beatissimus Thomas ductus est ad montem Oliueti et uidit beatissimum corpus petere caelum. Coepitque clamare et dicere... Tunc zona qua apostoli corpus sanctissimum praecinxerant, beato Thomae de caelo iactata est” (XVII).

A *L. A.* refere-a, mas com pouco entusiasmo: “Thomas autem cum abesset et rediens credere recusaret, subito zonam qua corpus eius precinctum fuerat ab aere recepit illesam...”. Depois de resumir a posição de S. Jerónimo relativa ao crédito a dar a “illud apocryphum de transitu Virginis”, a *Legenda* conclui: “porro multa alia sunt ibi posita potius ad simulationem quam ad ueritatem, ut quod Thomas non affuerit et ueniens dubitauerit et his similia que per se patent que sunt relinquenda potius quam asserenda” (*L. A.* 786). Segundo *Apocalypsis Noua*, Tomé, nesta circunstância, livrou-se do estigma da dúvida: “Thomas, non dubius tunc sed fidelis” (VIII, 218).

Concluído o processo de união entre a alma e o corpo de Maria ressuscitada, reorganiza-se o cortejo de retorno do Vale de Josafat para o Monte das Oliveiras. Em ambiente de exultação, “quasi totum septimum capitulum Canticorum Dominus direxit in matrem suam. [...] Et ipsa ex eodem Libro locuta est respondendo sibi...” (VIII,218). Anjos, almas bem-aventuradas, apóstolos *et alii* seguiam Cristo e sua Mãe, cantando a seu modo. “Et inter alios Thomas, non dubius sed fidelis, clamauit ad Dominam, dicens: Tu ad felicia regna, o mater Dei, progredere. Relinque aliquid pro signo amoris tuis fidelibus”. Maria respondeu, eumerando os presentes e os destinatários. A Tomé diz:

---

<sup>127</sup> “Et ecce subito aduenit Dominus Iesus cum innumerabili exercitu angelorum ... et dixit apostolis: Pax uobis... Tunc Petrus et alii apostoli dixerunt: Domine, praelegisti hanc ancillam ... Sic ergo visum nobis fuerat famulis tuis etiam rectum esse ut sicut tu, devicta morte, regnas in gloria, ita resuscitans matris corpusculum, tu tecum duceres eam laetam in caelum. Tunc Salvator ait: Fiat secundum verbum vestrum. Et praecepit Michaeli archangelo ut animam sanctae Mariae deferret. Et ecce repente Gabriel archangelus revoluit lapidem ab ostio monumenti, et ait Dominus: Surge, amica mea et proxima mea; quae non sensisti corruptionem per viri contactum, non patieris resolutionem corporis in sepulcro. Et statim surrexit Maria de tumulo... Et osculatus eam Dominus recessit, et tradidit eam angelis, ut deferrent eam in paradisum” (639).

“Et tu, Thoma, accipe cinctorium renum meorum. [...] Et accedente illo in montem Oliueti, Maria suis propriis manibus cingulum porrexit Thome et dimisit ei pleno gaudio et gratiarum actione” (VIII,218).

Na estrutura, nos pormenores e no espírito, o tratamento que *Apocalypsis* dá à vida mortal de Maria está intimamente dependente dos *Apócrifos*, como resulta do confronto algo penoso que acaba de ser feito. Mas a importância que Amadeu atribui à literatura apócrifa manifesta-se mais, talvez, em referências que deixam entender a familiaridade com que esta literatura era tratada.

A história do nascimento de Cristo avança, fala da visita dos pastores, fala da adoração dos Magos. Quer progredir. Para tanto, resume: “Sed hec apud uos iam scripta sunt et de ipsorum adoratione, ideo premitto. Similiter et de Domini circuncisione. [...] Quare Herodes et quomodo timuit nec tamen subito pueros occidit<sup>128</sup>, apud uos scriptum reperitur” (V,98).

Segue-se a fuga para o Egito. Nos *Apócrifos* a história é longa. Amadeu remete para eles: “Ioseph cum Maria fugerunt in Egiptum et multa mirabilia in illo itinere fecit puer Iesus, quorum quedam etiam apud uos scripta sunt, ut de arbore cuius fructus Maria colligere uolens se ei inclinante, et de puerulo quodam leproso qui, mox ut lotus fuit in lotura pueri Iesu, sanus factus est... Similiter ubicumque per Egiptum transibant idola Egipti cadebant”.<sup>129</sup>

Mas Amadeu não acompanha cegamente os *Apócrifos*. Reage contra os da Infância: “in tota pueritia nil puerile gessit, quia erat perfectus homo. Et si quando cum pueris conuersabatur, in illa conuersione uirilem maturitatem pretendebat. Nulle fatuitates aut puerilles stultitie erant in eo”.<sup>130</sup>

Também em VIII,213, tratando dos funerais de Maria, Amadeu remete a conclusão da história para os *Apócrifos*: “Sed detulerunt illud cum illis cerimoniais que apud uos iam scripte sunt, neque oportet eas iterare, cum miraculis illis que scibuntur de temeritate iudeorum”.<sup>131</sup>

---

<sup>128</sup> Segundo a nota n.º 57 do *Euangelium Pseudo Matthaei* (OTERO, *Los Evangelios Apocrifos*), seria corrente na Idade Média a opinião de que Herodes se viu forçado a deslocar-se a Roma logo no dia seguinte àquele em que recebeu os Magos. Esta ausência, que terá durado um ano, justificaria a ordem para matar as crianças de dois anos para baixo. É esta, provavelmente, a visão que está subjacente ao “nec tamen subito pueros occidit”.

<sup>129</sup> Ver OTERO, *Euangelium Pseudo Matthaei*

<sup>130</sup> Ver OTERO, *Apócrifos da Infância*

<sup>131</sup> Ver OTERO, *Apócrifos Assumpcionistas, e Legenda Aurea LXV. De Assumptione B. M. Virginis*

## *Legenda Aurea*

No que fica dito, houve também a intenção de mostrar que a ligação de *Apocalypsis* com os *Apócrifos* se fez, em parte, com a mediação da *Legenda Áurea*.

Mas a presença da *L. A.* tem outros contornos.

No decurso da cena da Anunciação, para ser mais persuasivo, o anjo acrescenta mais um dado à sua argumentação. Comenta: “et ut letitiam adderem tante letitie addidi: etiam Elisabeth, cognata tua sterilis et uetula, gestat filiolum...” (V,76).

Este passo parece não passar de eco daquele outro da *L. A.*: “Ideo sterilis cognate conceptus Marie nuntiatur ut, dum miraculum miraculo additur, gaudium gaudio cumuletur”<sup>132</sup>.

Em IV,50, a noção de pecado original é escalpelizada. Todo o raciocínio se move no sentido de mostrar que Maria foi dele isenta. O anjo adverte: “animaduerte tamen fomitem illum non fuisse in Virgine gloriosa cui Deus tantam gratiam dederat ut in ea equalis, immo et maior tranquillitas esset quam in primis parentibus uestris ante peccatum fuerat”. E mostra a sua estupefacção: “et miror de quibusdam doctoribus uestris qui dicunt nullum hominem unquam concupiuisse illam, quamuis esset pulcherrima mulierum”.

Ouçamos a afirmação contestada. Está no capítulo XXXVII da *L. A.* – *De Purificatione Beate Virginis*, 247:

“Adeo autem fuit in matris utero et in aduentu Spiritus Sancti sanctificata et mundata quod non solum aliquod inclinatum ad peccatum in ea penitus non remansit, sed etiam uirtus eius sanctitatis et castitatis usque ad alios extendebatur et transfundebatur ita quod in aliis irradiabat et omnes motus carnalis concupiscentie extinguebat. Vnde

---

<sup>132</sup> IACOPO, *L. A.*, *De Annuntiatione Dominica*, 331.

dicunt Iudei quod cum Maria pulcherrima fuerit a nullo tamen umquam potuit concupisci”.

Os anjos fiéis disputam com os rebeldes. Eucudiel pretende justificar a Incarnação, razão da revolta de Lúcifer. Argumenta: “dicite mihi uos qui desipitis sapere uolentes, nonne ad perfectionem uniuersi pertinet ut omnis combinatio possibilis in eo reperiatur? Hoc negare non potestis. Sunt autem tria: Deus, substantia et accidens. Substantia uero una, incorporea et spiritualis, pura, ut nos angeli sumus. Alia corporea, ut lapides et ligna. Et quia poterat esse substantia partim corporea partim incorporea, ut homo, si hanc substantiam Deus non produxisset, nonne magna perfectio mundo defuisset? Et non satis erat quod tam corporea quam incorporea seorsum fuissent. Sed oportuit ut crearetur illa que simul esset corporea et incorporea” (V,79).

O manuscrito *N* que, como se viu, faz da obra de Amadeu uma leitura crítica, com eventuais fins censórios, regista à margem um enigmático “numquam audita”. Mas a *Legenda*, no seu capítulo VI, *De Natiuitate Domini*, afirma: “Notandum autem quod natiuitas Christi fuit mirabiliter facta... Fuit mirabiliter facta ... tum ex parte modi generandi (66). No desenvolvimento desta ideia afirma: nam, sicut dicit Anselmus, quatuor modis Deus potest hominem facere...”(67). Na subdivisão do raciocínio, continua: “secundo eius natiuitas fuit hodie multipliciter ostensa. Ostensa est enim per omnes gradus creaturarum. Est enim quedam creatura que tantum habet esse, sicut pure corporea; quedam que habet esse et uiuere, sicut uegetabilia; quedam que habet esse, uiuere et sentire, sicut animalia; quedam que habet esse, uiuere, sentire et discernere, sicut homo; quedam que habet esse, uiuere sentire, discernere et intelligere, sicut angelus” (68).

O raciocínio de Amadeu não segue os passos do raciocínio atribuído a Anselmo. Afigura-se, porém, verossímil que se sustente nele. Convém não esquecer o modo de construção de *Apocalypsis*.

Este raciocínio de Anselmo tem uma primeira parte que dá sequência ao “nam, sicut dicit Anselmus”, acima citado: “scilicet sine homine et femina, sicut fecit Adam; de homine sine femina, sicut fecit Euam; de homine et femina, sicut communis probat usus; de femina sine homine, sicut hodie mirabiliter factum est” (67). Amadeu insere esta ideia no cântico que atribui a Adão, aquando da criação de Eva:

"Me Deus fecit stipitem nature humane et sociam dedit mihi

Ex nobis duobus omnes generabuntur, sine patre et matre nemo nascetur  
Sed ut omnis combinatio inueniatur, filius sine patre orietur ex matre  
Ego ex nullo homine prodii, hec a me originem traxit  
Ex duobus omnes alii generabuntur, unum ex femina sine uiro  
Magnum est hoc sacramentum quod Dei cum populo copulationem ostendit"  
(V, 83).

No *VIII Raptus*, o anjo relata a história de Maria após a ascensão de Cristo. Maria recebe Paulo, que é acompanhado por Dionísio. Dialoga com ambos. A Dionísio diz: “Antequam Paulus tibi predicaret, uidi te et uocem tuam audiui quando dixisti Sole obtenebrato preter cursum nature: ‘Aut Deus totius nature conditor patitur aut machina mundi dissoluitur’. Et altare etiam a uobis ignoto Deo constructum uidi neque tamen corpore umquam in Grecia fui”.

Estas palavras traduzem o conteúdo das afirmações feitas nas páginas 1044/45 da *Legenda Aurea*, no seu capítulo CIL – *De Sancto Dionysio et Sociis eius*: “tandem, ut in hystoriis scholasticis legitur, philosophi ad hoc adducti sunt, ut dicerent quia Deus nature patitur. Alibi tamen legitur quod dixerunt: ‘Aut ordo nature peruertitur aut elementa mentiuntur aut deus nature patitur et elementa sibi compatiuntur”.

O mesmo se pode dizer do que *Apocalypsis*, logo a seguir, afirma de Inácio: “Ignatius quoque, feruentissimus zelator euangelice legis et precipuus Ioannis Euangeliste discipulus, nimio desiderio ascensus fuit uidere Genitricem Dei Mariam, ad quam pluries scripsit et ab eadem plures epistulas accepit que sunt cum magna ueneratione legende. Latet in eis diuine uirtutis operatio. Ioannes ad eam frequenter ueniebat et Ignatius eum comitabatur quia non poterat aliud cogitare quam Iesum, Filium Dei et Marie, ita ut in corde eius sculptum Iesu nomen repertum fuit” (VIII,190).

Estas duas ideias, a da correspondência e a do nome de Cristo escrito no coração, encontram-se na *Legenda*, capítulo XXXVI – *De Sancto Ignatio*: “Ignatius fuit discipulus beati Iohannis et episcopus Antiochenus. Hic epistolam ad beatam uirginem direxisse legitur in hec uerba...[...] Beata autem uirgo Dei genitrix Maria in hec uerba sibi respondit... (233). Legitur autem quod beatus Ignatius inter tot tormentorum genera numquam ab inuocatione nominis Ihesu Christi cessabat. Quem cum tortores requirerent cur hoc nomen totiens replicaret, ait: ‘Hoc nomen cordi meo inscriptum habeo et ideo ab eius inuocatione cessare non ualeo’. Post mortem igitur eius illi qui audierant uolentes curiosius experiri, cor eius ab eius corpore auellunt et illum

scindentes per medium totum cor inscriptum hoc nomine, ‘Ihesus Christus’, litteris aureis inueniunt”.

Em contexto muito próprio, desligado de qualquer relação quer com os *Apócrifos*, quer com a *Legenda Aurea*, como é o do *VI Raptus*, que trata o mistério da Eucaristia, ao discutir o modo e as palavras com que Cristo consagrou na Última Ceia, e com que consagraram os apóstolos e consagram os sacerdotes, o anjo explicita o seu raciocínio com recurso a um exemplo: “quemadmodum enim decuit Christum, qui Deus est, dicere: ‘Lazare, ueni foras’ et ‘adolescens, tibi dico, surge’, non decuit ut Ioannes eius uerbis uteretur quando suscitauit Drusianam, sed istis: ‘Excitet te Dominus Iesus Christus’. Et iam excitata a Christo, precepit ut iret domum et sibi refectionem prepararet” (VI,125). A primeira situação é, claro, do Evangelho de S. João (11:43). A segunda é do cap. IX da *Legenda – De Sancto Iohanne Euangelista*. Domiciano, vendo que não conseguia vencer João, nem com o mais cruel dos martírios, relega-o de Éfeso para Patmos. Morto Domiciano, João volta a Éfeso. Ao entrar na cidade, vai ao encontro de um cortejo fúnebre. A multidão ao vê-lo grita: “Sancte Iohannes, ecce Drusianam efferimus que tuis semper monitis obsecundans nos omnes alebat. [...] Tunc iussit feretrum deponi et corpus resolui dicens: ‘Dominus meus Ihesus Christus suscitete te, Drusiana. Surge et uade in domum tuam et para mihi refectionem” (*L. A.*, 88).

No processo da *dormitio Mariae*, *VIII Raptus*, há um momento em que todos os apóstolos se reúnem em torno de Maria. Respeitando a ordem hierárquica, cada um tece os louvores da Virgem, segundo o seu ponto de vista. Há seis intervenções que arrancam do significado do nome do seu autor.

André abre deste modo a sua intervenção: “Pulchra es et decora, Genitrix ueri Dei nostri”. Refere-se depois aos intervenientes que o precederam, Pedro e João, e prossegue: “... ego germanus ipsius, qui decoris nomen gero, de tuo decore, de tua speciositate et formositate et pulchritudine aliquid coram his maioribus fratribus meis dicere curabo” (VIII,194). Tomé, ao evocá-lo na sua intervenção, vai mais longe: “Andreas, uiriliter, Dei uirtutem Mariam Reginam nostram ab omni labe preseruans proclamauit et, decorus, ipsius pulchritudinem summam post Deum ostendit” (VIII,196). A *Legenda* introduz habitualmente os textos relativos à vida dos santos com a explicação do significado do nome. Relativamente ao apóstolo André, começa assim:

“Andreas interpretatur decorus uel respondens uel uirilis ab andor, quod est uir... Fuit ergo decorus in uita, respondens in sapienti doctrina, uirilis in pena et anthropos in gloria”<sup>133</sup>.

Em *Apocalypsis*, Tomé começa o seu discurso citando o salmo 41:8: *Abyssus abyssum inuocat*. Refere-se aos intervenientes que o precederam, e continua: “ego quoque alludam nomini meo. Abyssum enim me uocatis. Et ideo de abyssu diuine predestinationis ... quedam afferam coram uobis” (VIII, 196).

O capítulo V da *Legenda, De Sancto Thoma Apostolo*, começa assim: “Thomas interpretatur abyssus uel geminus, quod et Grece Didimus dicitur... Dicitur ergo abyssus eo quod profunditatem diuinitatis penetrare meruit...” (53).

Também Mateus joga com o significado do seu nome: “dono Christi Domini, o Regina angelorum et hominum, cum festinatione uocatus fui cum publicanus essem et negotiis atque curis huius uite implicitus. Donatoremque consilii euangelici secutus sum, qui me deinde in apostolum elegit et euangelistam” (VIII,200).

Na *Legenda*, o seu nome é explicado nos termos seguintes: “Matheus binomius extitit, scilicet Matheus et Leui. Matheus autem interpretatur donum festinationis uel donator consilii... Fuit enim donum festinationis per festinam conuersionem, donator consilii per salubrem predicationem...” (957, *De Sancto Mathaeo*).

O paralelo das situações mantém-se com Bartolomeu: “filius suspendentis aquas uocor ego”, diz *Apocalypsis* (VIII,201). “Bartholomeus interpretatur filius suspendentis me uel filius suspendentis aquas” (*L.A.* 830).

Continua-se com Matias: “donatus Domino, dona ipsius in Genitrice Domini Dei et Saluatoris nostri Iesu Christi laudare et commendare teneor” (VIII,204).

“Mathias hebraice, latine dicitur donatus Domino uel donatio Domini...”, assim reza a *L. A.* na página 277.

Termina com Barnabé, que cita o salmo 93:19: “*Consolationes tue letificauerunt animam meam*. Barnabas sum, filius consolationis est nomen meum” (VIII,208).

“Barnabas interpretatur filius uenientis uel filius consolationis uel...” Assim abre o capítulo LXXVI, na página 523 da *Legenda Aurea*.

---

<sup>133</sup> IACOPO, L. A., De Sancto Andrea Apostolo, 24.

A presença dos *Apócrifos* é evidente. Clara é a presença da *Legenda Aurea*. Não se pode afirmar que Amadeu tenha tido acesso ao conteúdo dos *Apócrifos* pela via exclusiva da *Legenda*. As relações que foi possível estabelecer com os vários *Apócrifos*, cuja presença se não nota na *Legenda Aurea*, dão, aliás, testemunho de que, seguindo embora muito de perto a *L.A.*, Amadeu conhecia os *Apócrifos*. Como é de admitir que conhecesse as fontes de que a *Legenda* se serviu no caso dos outros temas.

Não é, contudo, fácil decidir se, no caso das etimologias dos nomes, usou apenas a informação da *Legenda* ou colheu os dados directamente na fonte. Vejamos o caso de André. Amadeu caracteriza-o com dois predicados: uirilis, decorus; a *Legenda* afirma sobre ele: “Andreas interpretatur decorus uel respondens uel uirilis ab andor, quod est uir... Fuit ergo decorus in uita, respondens in sapienti doctrina, uirilis in pena et anthropos in gloria”(L.A. 24); Santo Isidoro diz: “Andreas ... secundum hebraeam etymologiam interpretatur decorus siue respondens, sermone autem graeco a uiro uirilis appellatur” (PL 82,288); o autor do *Lexicon nominum hebraicorum* diz: “Andreas uirtus decora, uel coniurationem, uel respondens” (PL 23, 923); e em PL 32, 1253 diz também: “Andreas graece uirilis”; diz ainda em *De nominibus Hebraicis* (PL 23, 839): “Andreas decorus uel respondens”.

Desta leitura colhe-se o sentimento de que Isidoro resume o autor ou autores que o precederam e a *Legenda* reproduz Isidoro. Amadeu, em função do reduzido número de elementos que refere, não permite que se opine com segurança se bebeu na *Legenda* ou directamente nas fontes. Leitura idêntica se pode fazer para quase todos os outros nomes. Veja-se PL 82, 287-289 e 23, 839; 845; 1204. Em relação a estes, porém, não se pode dizer que Isidoro resume os autores anteriores.

A ausência de elementos objectivos não pode impedir que se pense que Amadeu, que seguiu a *Legenda* nas situações já referidas, se tenha servido dela nestes casos.

## *Clássicos*

Destes, como já foi dito, há apenas vestígios.

No decurso da exposição dos seus pontos de vista, à medida que as circunstâncias o possibilitam, o autor colhe na sua memória os ecos dos autores clássicos.

No *VIII Raptus*, quando os apóstolos, reunidos em torno de Maria, cantam os seus louvores, consciente de haver falado muito, André conclui:

“Tu que peccatorum omnium Redemptorem uirgo concepisti, uirgo peperisti, inuiolata semper fuisti, tibi et Filio tuo unico commendatos nos facere uelis ut, que sine peccato semper fuisti, nos et posteros peccatores tua caritate et dilectione complecti digneris. Mihique si prolixior fuerim, senes quippe abundantius quando incipiunt loqui consueuerunt, ignosce Domina, ignosce Regina, ignosce Dei nostri mater suauissima”.

O parêntesis, “senes quippe abundantius quando incipiunt loqui consueuerunt”, é uma espécie de comentário justificativo e tira a sua força não só do facto de ser a constatação de uma realidade social, mas sobretudo de ser o eco que vem de longe, do *De Senectute* de Cícero. Não é, como já se viu em outras circunstâncias, uma citação. É, com toda a probabilidade, a ressonância de leituras feitas ou de comentários ouvidos<sup>134</sup>.

Catão fala aos seus interlocutores do prazer que se pode colher da dedicação às actividades agrícolas. Também ele se queixa de haver ido longe de mais, e conclui: “nam et studio rusticarum rerum prouectus sum, et senectus est natura loquacior, ne ab omnibus eam uitiis uidear uindicare”<sup>135</sup>.

O anjo expõe, no *III Raptus*, as consequências decorrentes da expulsão do homem do Paraíso: "ex hoc loco expulso homine et laboribus et sudoribus subiecto, nasci ceperunt homines inscii, paruuli, debiles, membra paulatim recupearantes et robur suscipientes et

---

<sup>134</sup> CIDADE, H., vol. I, 70/71 e nota 1.

CARVALHO, J., II, 1948-1955, *Sobre a Erudição de Gomes Eanes de Zurara*, (185-339).

<sup>135</sup> CICERO, *De Senectute*, XVI,55

quotidie morientes quia quotidie deficientes. Subito enim ut nascitur deficere incipit. Ideo recte apud uos dictum est: Quotidianus defectus corruptionis est quedam prolixitas mortis".

Neste ponto, Amadeu não segue os clássicos, mas os Padres da Igreja. Transforma em afirmação a interrogação retórica de Gregório Magno: "Ipse enim defectus corruptionis quid est aliud quam quaedam prolixitas mortis?"<sup>136</sup> No mesmo autor poderá ter colhido a afirmação seguinte: "Et alias: Et cum crescimus, uita ipsa decrescit", pois Gregório afirma: "Vita nostra milita, quia ut haec crescendo decrescit."<sup>137</sup> Dada, no entanto, a coincidência perfeita com a afirmação de Séneca, de que a de Gregório soa como eco, parece pode afirmar-se não ter sido Gregório a sua fonte única. Dirigindo-se a Lucílio, Séneca lembra-lhe o que ele, Lucílio, havia afirmado sobre a morte: "Memini te illum locum aliquando tractasse non repente nos in mortem incidere, sed minutatim procedere. Cotidie morimur, cotidie enim demitur aliqua pars uitae, et tunc quoque, cum crescimus, uita decrescit. [...] hunc ipsum quem agimus diem cum morte diuidimus."<sup>138</sup>

Não é só o pensamento, são as palavras de Séneca. É clara a proximidade do ambiente de ambas as situações. É explícita a reprodução da frase "cum crescimus, uita decrescit".

Ao tratar da queda dos anjos e do tempo dado por Deus para que se arrependessem, Gabriel conclui: "Deus autem multifariam Luciferum hortabatur ut a male inceptis desisteret. Expectauit conuersionem. Poterat enim ante casum conuerti, sed numquam uoluit. Et quamuis sciret Deum errare non posse neque iniuste agere, tamen adeo in sui amore exarsit et odio ac inuidia in hominem quod, iusta uidens et bona, sequi uoluit mala" (II, 10).

Aqui, como já foi dito antes, ecoam as palavras de Medeia, nas Metamorfoses de Ovídio: "Video meliora proboque, deteriora sequor".<sup>139</sup>

Será que Amadeu tinha conhecimento directo das obras destes autores? Quase todas as citações se encontram mais ou menos explicitamente nos Padres, mesmo a de Ovídio<sup>140</sup>. A precisão das citações de Séneca e de Cícero permitem-nos supor que o

---

<sup>136</sup> GREGORIUS I, *Homiliae in Euangelia* (PL 76, 1275)

<sup>137</sup> GREGORIUS I, *Moralia* (PL 75, 807)

<sup>138</sup> SENECA, *Epistulae*, Ep. XXIV, De futuri metu; de morte

<sup>139</sup> P. OVIDIUS NASO, *Metamorphoseon*, VII, 21

<sup>140</sup> HELINANDUS FRIGIDI MONTIS (PL 217, 707 e 729)

conhecimento fosse mais próximo. É natural que Amadeu, educado na Corte como expressamente afirma Fr. Marcos de Lisboa nas Crónicas, como várias vezes é referido pelo Prof. Sousa Costa em seu *Studio Critico*, como pressupõe, ainda que sem fundamento, a lenda dos seus amores pela princesa D. Leonor, filha de D. Duarte, e como parece lógico concluir do facto de sua irmã, Santa Beatriz, estar nessa mesma Corte ao serviço de D. Isabel de Portugal, a quem acompanhou para Espanha, é natural, digo, que tivesse contacto directo pelo menos com as obras de pendor moral de Cícero e Séneca, algumas delas traduzidas na Corte e existentes na biblioteca do Paço, biblioteca que D. Duarte criou.<sup>141</sup>

---

<sup>141</sup> NASCIMENTO, A., *As Livrarias dos Príncipes de Avis*.  
REBELO, L.S., *A Conceção do poder em Frenão Lopes*.

### **III Linhas de Pensamento**



## REVELAÇÃO

O título e a introdução de *Apocalypsis Noua* apresentam-se como chave da obra do Beato Amadeu.

O título é duplamente significativo. Qual poderá ser o significado do adjetivo “Noua”? “Noua”, porque a última ou “Noua”, porque diferente? Apocalipse é revelação do que se espera que aconteça. Assim a de João: “Apocalypsis Iesu Christi quam dedit illi Deus palam facere seruis suis quae oportet fieri cito” (Apoc 1:1). Na *Noua Apocalypsis*, Amadeu “desvenda”, “dá a conhecer”, torna “manifesto” o conteúdo da *Antiqua Apocalypsis*: “Apocalypsis Noua sensum habens apertum. Et ea que in Antiqua Apocalypsi erant intus, hic ponuntur foris, hoc est, que erant abscondita sunt manifesta” (I,1). Os dois adjetivos “Noua-Antiqua” são marca cronológica, mas significam igualmente diferenças substantivas no conceito de revelação.

Gabriel apresenta-se como sendo, por natureza e função, o enviado de Deus, “ille qui semper ad reuelandum misteria Verbi Dei fui missus” (I,1). Também aqui vem com uma missão: “nunc ergo quia Dominus noster uult iterum misereri generi humano ... me misit ut de singulis fidei misteriis te doceam” (I,2). Vem, naturalmente, dar cumprimento a uma decisão de Deus.

Deus decidiu apiedar-se mais uma vez do género humano. E este é o ponto de partida, o início de todo o processo. O “nunc ergo” é um marco que divide o tempo. O antes, que se supõe de pecado e erro. O depois, que se pretende de virtude e verdade, já que “Deus uult mundum purgare cunctis erroribus et ad unum gremium ueritatis reducere omnes homines” (I,2). E, mais ainda, “ut multa uana et superflua de fide sua resecentur” (I,2).

Deus apiedou-se do género humano depois do pecado de Adão. E prometeu seu Filho: *inimicitias ponam inter te et mulierem, et semen tuum et semen illius. Ipsa conteret caput tuum* (Gn 3:15). O nascimento de Cristo, cujo anúncio coube também a

Gabriel, é a concretização dessa promessa. Apiedou-se, também, depois do Dilúvio e jurou: *nequaquam ultra maledicam terrae propter homines ... non igitur ultra percutiam omnem animam uiuentem sicut feci* (Gn 8:21). E estabeleceu com o homem um pacto: *Ecce ego statuam pactum meum uobiscum et cum semine uestro post uos* (Gn 9:9).

Ao apiedar-se agora, Deus pretende a superação e não o castigo

No “nunc”, desenvolve-se todo o processo de escolha do agente humano e de definição do âmbito e do conteúdo desta revelação: “uultque hec secreta sua communicare tibi et, ut omnia diligenter aduertas et in armario tui cordis reponas et conscribas conscriptaque serues et custodias” (I,2).

O quadro completa-se com a indicação do destinatário da revelação e com a definição da sua função: “uult ... et Ecclesie sue preficere pastorem quem ipse elegit ut pascat oues suas et nutriat populum suum in iustitia et ueritate” (I,2). O Pastor é o primeiro destinatário da revelação, e esta é o instrumento da sua acção no desempenho da função que lhe é atribuída. A ele se destina o conteúdo da revelação, e só ele o pode dar a conhecer aos homens, a todos os homens. A missão é exclusivamente sua. E nesta ideia se insiste aqui por duas vezes: “... nullique patefacias quousque Deus miserit uirum illum qui librum a te scriptum aperiet” (I,2). E mais à frente: “sed caue ne tu dixeris ea alicui aut reuelaueris quia uoluntas Dei est ut tempore suo per illum quem ipse uult hec hominibus nota fiant” (I,2).

Ao lado do sentido da revelação, do conteúdo da revelação, do destinatário da revelação, há o tempo da revelação, o tempo oportuno, quando a Deus aprouver: “in tempore suo, quando Deo placuerit” (I,2), tempo que está no segredo de Deus.

Esse é um tempo carregado de simbolismo apocalíptico, pois é o tempo “nuptiarum Agni quas diu tota celestis curia desiderauit” (I,2).

Definidas as linhas de pensamento do título e da introdução de *Apocalypsis Noua*, segue-se a tarefa de as rastrear no seu desenvolvimento.

Na introdução está claramente desenhado o quadro formal da revelação nos seus elementos estruturais. Deus, o autor, tem um plano que Gabriel comunica a Amadeu, o mediador que Deus escolhera para fazer chegar o conteúdo da revelação ao Pastor por Deus eleito. O Pastor é o primeiro destinatário, já que o destinatário final são as ovelhas, “que são os doutores, os pregadores, os prelados e todos os bispos e reis” (VIII,182), e o povo, que há-de ser alimentado na justiça e na verdade.

A revelação tem os seus agentes. Ficou já registada a natureza e a função de Gabriel. O Pastor merecerá um tratamento à parte. Amadeu, com quem Deus quer partilhar estes seus segredos, foi escolhido “tamquam simplicem et idiotam” (I,2), para que o poder de Deus saia mais evidenciado. Mas a sua escolha representa também um prémio e uma recompensa, isto é, ver a realização do seu sonho e sentir a compensação por todo o seu esforço: “...ut futura que tu non uidebis in carne mortali constitutus nunc uideas et consolationem propter tot labores tuos et desideria tua sentias...” (I,2).

Num acumular de lugares comuns, em que o tópico da modéstia, próprio da literatura tradicional, se associa ao do apoucamento bíblico<sup>142</sup>, Amadeu, o intermediário, é apresentado como o mais ignorante dos homens, aquele que fala como uma pega, o burro do moleiro que transporta o alimento para os outros, a burra de Balaão que profetiza sem ter consciência disso.

O rebanho, destinatário final da revelação, inclui ovelhas e cordeiros. “Oues enim sunt doctores, predicatorum, prelati et omnes episcopi regesque ac principes qui lacte scientie et lacte exemplaris uite agnos pascunt et nutriunt” (VIII,182). Os cordeiros são aqueles que apenas são ensinados. É curiosa esta hierarquização, que transpõe para a estrutura da Igreja os modelos sociais da época e denuncia a origem social do autor. A aristocracia do saber ombreia aqui com a aristocracia social e política.

Esta estrutura está organizada para receber os segredos de Deus, ou seja, o conteúdo da revelação que o Livro regista. E o Livro contém conhecimentos de dois níveis, pois “de intimis secretis docet et tractat”, por isso “scriptus est intus”, e “etiam multa nota omnibus in eo ponuntur” (III,20), por isso está escrito por fora.

É original esta visão de Amadeu. Das 418 vezes que *intus et foris* aparecem na PL, nenhuma seguramente tem esta perspectiva. Orígenes considera que *intus et foris* simbolizam os dois sentidos, o espiritual e o literal; S. Jerónimo afirma que “*foris*: in historiae littera; *intus*: in intelligentia spirituali”; Primásio diz: “*intus et foris*, utrumque Testamentum”; para S. Gregório, “*intus* per allegoriam; *foris* per historiam”; segundo Julião de Toledo, “*intus*, desiderii; *foris*, factis”; Bruno Astense considera que *intus et foris* simbolizam “duo Testamenta, quia aliter secundum litteram, aliter secundum

---

<sup>142</sup> CURTIUS, *Literatura Europea y Edad Media Latina*, 129.

spiritualem intelligentiam interpretantur”. Segundo Amadeu, a linha divisória dos dois níveis define conteúdos e graus de acesso a esses mesmos conteúdos.

O essencial da revelação é constituído pelos assuntos que ainda não foram revelados à Igreja: “maneamus, uir Dei, in his que nondum fuerunt Ecclesie reuelata” (II,17); pelos assuntos mais secretos, pois aquilo que pode saber-se por meios diferentes desta revelação não constitui segredo que deva ser revelado ao Pastor: “ista non sunt secreta futuro pastori reuelanda” (II,7-8). Só os assuntos mais secretos, de interesse e utilidade para a Igreja, merecem tornar-se objecto desta revelação: “Deus quoque noster uere magnus et magnificus nimis ea solum reuelat seruis suis que illis utilia sunt et expediunt. Cognitio ergo talis nil prodest Ecclesie Dei nisi ad curiositatem” (III,23). Daí que quanto possa saber-se pelo Evangelho (V,96), pelo estudo (VI,140), pelos Apócrifos (V,96, 98) ou sobre que haja concordância (VII,147), deixe de ser objecto desta revelação.

De acordo com a enunciação deste princípio, em que se insiste ao longo da obra, esta revelação apresenta-se fundamentalmente como uma via alternativa nas questões em que filósofos e teólogos têm posições divergentes ou distintas.

Assim, discorrendo sobre a criação dos anjos, diz Gabriel: “philosophi nonnulli putauerunt nos eternos esse et nature diuine... Sed isti qui Verbi Dei fidem sequuntur, alii putauerunt nos fuisse creatos per multa secula... alii tam tarde quod post hominem, alii prima die simul cum celo empyreo. Sed Deus ... hec pastorem suum promulgare uult omnibus populis, nos angelos simul cum celo empyreo fuisse creatos...” (I,5).

Neste ponto, parece seguir a exposição de S. Tomás, em *De productione Angelorum in esse naturae* que, no ponto 2 do Artigo I, afirma: “Praeterea Philosophus dicit, in VIII Metaphys., quod si aliqua substantia sit forma sine materia, statim per se ipsam est ens et unum, et non habet causam quae faciat eam ens et unum”. Ora, os anjos são formas imateriais, mas nem por isso deixam de depender de Deus. Logo, não são eternos. Amadeu sintetiza as matizadas posições dos Padres e Doutores da Igreja em três tópicos: a criação dos anjos é anterior a outra qualquer criação. É a posição dominante no pensamento dos Padres, mas é recusada. A criação dos anjos é posterior à criação do homem. É a posição de S. Victorino, mártir, e de S. Gregório Magno, que é recusada também. É assumida a posição defendida sobretudo por S. Beda e Rabano Mauro, que afirma a simultaneidade da criação dos anjos e do Céu Empíreo.

A Amadeu que quer saber qual foi a luz que primeiro foi criada, responde: “Multis modis apud uos dicitur. Sed ego dico tibi quod fuit Sol iste corporeus...” (I,6).

De facto, em *Genesis* 1:3 fala-se na criação da luz como obra do primeiro dia: *Dixitque Deus: Fiat lux. Et facta est lux.* Em 1:14 fala-se da criação dos dois grandes luminares: *fiant luminaria in firmamento caeli... Fecitque Deus duo lumina magna... Et factum est vespere et mane, dies quartus* (1:19). Os Padres da Igreja discorrem sobre a natureza da primeira luz, distinguindo-a claramente do elemento material que é o Sol, *luminaria magna*. Amadeu, em contrapartida, ignora a primeira luz e afirma ser o Sol a primeira criatura.

O mesmo tipo de resposta recebe quando questiona o anjo sobre a natureza da alma em Cristo: “de anima illius nihil dicimus hic, quia an habuerit animam aliam a deitate uidebitur loco suo contra multos errantes” (II,13)! É a questão suscitada por Apolinar de Laodiceia em reação contra a formulação do Símbolo da Fé de Niceia. Segundo ele, “o *Logos* divino desposava efectivamente uma ‘carne’ humana e uma ‘psique’ humana, mas não um ‘espírito’ humano. O *Logos* divino tomava de facto o lugar do espírito humano. [...] Jesus é inteiramente Deus, com um invólucro humano.”<sup>143</sup>

Continuando o diálogo, agora sobre o pecado original, Amadeu quer saber quais seriam as consequências desse pecado se houvesse sido cometido por Eva ou por algum de seus filhos. O anjo reconhece que a questão é delicada para o normal conhecimento humano, mas tenta esclarecê-la: “Deus inspirauit ut sic dubitares. Magnus enim est nodus iste apud uos. Sed cito scribe et diligenter pastori uenturo tradendum conserua...” (III,31).

Mantendo-se no mesmo tema, Amadeu aborda a questão da predestinação e quer saber se o plano de Deus é depois do pecado o mesmo que era antes, ou se aqueles que se condenam depois do pecado teriam nascido se o pecado não tivesse existido. O anjo considera que isso pertence aos arcanos de Deus, cujo conhecimento nos não é acessível. E afirma depois: “Vos igitur homines in hac re perplexi estis quia creditis quod Deus ab eterno uoluit determinate et sine ulla conditione saluos fieri, quod, ut alias tibi dixi, non est uerum” (III,39). E afirma mais: “sed uos cogitatis et quidam doctores uestri quod Deus prima intentione uoluit beatum facere hunc et illum precise, alios uero non. [...] Nullum, dico tibi, nascitur ut condemnetur...” (III,40).

---

<sup>143</sup> KÜNG, *O Cristianismo, Essência e História*, 191

Adentrando-se mais na questão do pecado original, Amadeu pede ao anjo que o esclareça “*utrum Mater Domini ... illud habuerit peccatum et contraxit*” (IV,44). O anjo diz-lhe: “*de peccato originali uestri doctores uarie locuti sunt. Quidam enim illud reatum esse crediderunt... Alii uero quamdam qualitatem morbidam... Alii dixerunt esse concupiscentiam quandam... Alii postmodum acutius inuestigantes dixerunt illud esse priuationem iustitiae originalis... Sed ... ego tibi dico... Audi nunc et menti imprime...*” (IV,44). E conclui: “*Dictis his de peccato originali, nunc tibi aperiam ueritatem quomodo Maria, Genitrix Dei nostri, sine ullius peccati labe concepta sit, quod apud uos uertitur in dubium*” (IV,46).

É nuclear este tema na obra de Amadeu. E era tema candente na sua época, sendo tema dominante, conforme parece, em sua família. Concepcionistas são as religiosas a que Santa Beatriz, sua irmã, deu origem. O rei de Portugal, D. Duarte, em cuja corte Amadeu foi educado<sup>144</sup>, insere na sua obra *Leal Conselheiro* um capítulo, o XXXV, sobre o mesmo tema: “Do que me parece sobre a concepção de nossa senhora sancta Maria”<sup>145</sup>. O papa Sisto terá estudado a possibilidade de proclamar o dogma da Imaculada Conceição, como explicitamente afirma Amadeu (IV,56).

Discorrendo sobre o Céu Empíreo, conclui o anjo: “*Ecce dixi tibi, sed non pro te, sed pro illo pastore quem Deus elegit, qui hec subito ut legerit intelliget, quorum multa sunt contra ea que nunc opinantur homines etiam docti. [...] Multa hic a uestris adducuntur et multi credunt quedam que dixi impossibilia que tamen ita erunt et sic se habebunt et ille cognoscat ad quem diriguntur*” (V,70).

Ao descrever a Anunciação e o processo de formação do corpo de Cristo, o anjo encerra a descrição com esta afirmação: “*infudit Deus illi omnes habitus in summo, gratiamque siue caritatem dedit tantam quanta dari a Deo potest*”. E conclui: “*Non enim est uerum quod apud uos dicitur ut quocumque finito dato maius illo dari potest, nisi imaginando, non autem in re ipsa. Falsum quoque est ut alterius rationis sit intellectus uester et uoluntas... [...] Neque uerum est ut semper naturarum diuersarum sint diuerse potentie*” (V,85).

---

<sup>144</sup> SOUSA COSTA, *Sudio Critico*, 169.

<sup>145</sup> “Sobre a duvyda que se tem da concepção de nossa senhor sancta Maria, se foy sem pecado original, eu tenho que ssey, por estas quatro razões. [...] Terceira, quando avemos lyvre autoridade pera de nossos senhores ou amygos poder de duas cousas hua creer e afirmar, aa mylhor devemos seer inclinados, pois como assy seja que a igreja nos da lugar que tenhamos que foy concebida sem origynal pecado, ou o contrario, em esta, que segundo o nosso parecer he de mayor prerrogatyua sua e de sues padre e madre, nos devemos afirmar. [...] Porem dereitamente della se diz que foy sem maldiçom de pecado mortal, venyal e original concebida” (137-138).

Enquanto expõe a relação dos acidentes com a substância do pão, ao tratar da transubstanciação, o anjo ordena a Amadeu: “Scribe ut tibi dico quia et si non bene percipis, ille percipiet. Scribe quoque dubitationem illam utrum quantitas coloris sit alia res a colore uel sit ipse color suis partibus coextensus, quia apud uos aliqui tenent quod quantitas est alia res a substantia et qualitate, alii uero quod eadem res sit quantitas cum illa re que dicitur” (VI,113). Logo depois, com a transubstanciação já concretizada, afirma: “nec putes illa accidentia esse in corpore Christi, sed per se sine subiecto existere, de quo uestri philosophi ualde mirantur” (VI,114).

Continuando a discorrer sobre a transubstanciação, afirma ainda: “dicunt etiam uestri et recte panem in hac conuersione non anihilari, qui tamen totus desiit esse. Quomodo ergo non est anihilatus? Hic uestri uarie respondent et nesciunt nodum inuenire. Habeto sic a me et conscribe” (VI,115).

Os acidentes do pão deixam de ser sacramento em determinadas circunstâncias. Uma delas resulta da sua própria deterioração. Neste caso, ou a substância do pão retorna aos acidentes, se estes deixam de ser alimento conveniente apenas para o homem, ou advém a substância daquilo em que o pão se tornaria se se corrompesse de tal modo que perdesse a qualidade de alimento. Na Igreja, as opiniões dividem-se: “Aliqui uestrum, quorum unum fuit pontifex, dixit non ut pontifex, sed ut doctor, in utraque alteratione ... reuerti substantiam panis que abscesserat. Alii uero ... dicunt quod in utraque alteratione subducitur alia substantia et quod substantia panis que desiit numquam reuertitur”. O anjo garante: “Ego dico tibi quod aliquando reuertitur ... aliquando non reuertitur...” (VI,120).

Na opinião de Amadeu, a fórmula da consagração parece encerrar alguma incoerência. Se aquilo em que o celebrante pega quando diz: “Hoc est corpus meum” é o corpo do Cristo, então a consagração está feita antes de a fórmula ser pronunciada. Se é apenas pão, então a fórmula é falsa, porque só é o corpo de Cristo depois de as palavras serem proferidas. Dirigindo-se ao anjo, Amadeu conclui: “Multotiens de hoc dubitavi et aliquos theologos interrogavi et uarie mihi respondent nec nunc recordor”. O anjo expõe-lhe as várias posições dos teólogos, mas avança a sua: “et ego recordor qualiter dicunt neque sum oblitus. Aliqui ex uestris dicunt quod ostendit... Alii uero dicunt idem alio modo... Alii quod omnino non significat nisi... Alii dicunt illa uerba quando proferuntur nihil demonstrare. [...] Audi tu, serue Dei, et que tibi dico conscribe, quia ego interfui cene Domini” (VI,124-125).

No processo da consagração, a substância do pão cede o lugar ao corpo de Cristo. Quando se parte a hóstia, partem-se apenas os acidentes do pão. Esta certeza leva o anjo a afirmar: “Non est uera illa opinio que dicit ibi remanere panem ut prius, et quod Verbum Dei illum panem assumebat sicut assumpsit humanitatem...” (VI,127). Pela mesma razão, diz também o anjo: “Valde errant qui corpus Domini uiuum et mortuum dicunt non fuisse idem corpus”. Por isso se pode afirmar relativamente ao sangue: “Sanguis quoque idem fuit in carne et extra carnem, in corpore et extra corpus et iterum in corpore” (VI,128). Também neste ponto há distintas posições na Igreja: “Vestri hic confligunt an sanguis Christi fuerit unitus deitati. Alii dicunt quod neque existens in corpore neque separatus a corpore fuit unitus. Alii, quod semper fuit unitus. Alii... dixerunt... Illi alii quod...” Mas a posição definitiva é: “Tu scribe uerba mea sic...” (VI,128). Em face de momentos de profunda discussão teológica, esta de saber se o sangue de Cristo esteve todo unido à divindade parece infantil, se não for irónica. E a conclusão vai no mesmo sentido: “Non est inconueniens, quia sic fuit, credere in corpore illo fuisse aliquantulum sanguinis superflui.”

O *VII Raptus* versa, como se viu já, sobre a Santíssima Trindade. Três Pessoas, mas uma única divindade. Uma vez que sobre a existência de Deus e sobre a existência de um único Deus há uniformidade de pontos de vista, “nil tibi de hoc dico”, afirma o anjo. O problema está em “de unitate deitatis”. Em relação a isso, afirma o anjo: “dico tibi magnam altercationem inter uestros theologos esse quomodo Deus sit omnino una res in se et tamen in eo ponuntur ueritas, bonitas...”. As várias posições são expostas e simultaneamente corrigidas: “Aliqui ex hominibus dixerunt illa esse plura nomina... Que opinio falsa est quia... Alii dixerunt illa omnino esse... Que opinio etiam falsa est... Alii dicunt quod sapientia est aliquid in Deo... Sed hec omnia sunt una res omnino” (VII,148-149). E em VII,155 conclui: “Ex his manifesta erit omnibus simplicitas diuine nature, quia omnia attributa erunt una res omnino. Manifesta erit simplicitas personarum, quia in qualibet erit una et eadem res. Manifesta erit personarum distinctio, quia illa unica res...” (VII,155). Segue-se mais uma rectificação às posições doutrinárias dos doutores da Igreja: “Audi nunc, homo Dei, aliqui ex doctoribus uestris dixerunt personas diuinas constitui relationibus, aliqui aliquibus rebus absolutis. Et tu dicito et conscribe personas constitui sola deitate, que res absoluta est” (VII,55).

Na perspectiva do censor de *N*, Amadeu soloca-se aqui “contra omnes doctores”.

Em VII,161, conclui: “ridemus nos angeli, ut loquar modo humano, quando audimus uos homines disputantes et dicentes quod persone constituuntur ex relatione originis et

distinguuntur per illas prout differunt ratione absentie” (VII,161). Dentro do mesmo tema volta a afirmar: “nam quidam ex uestris putant nil aliud esse Patrem quam hoc quod est genuisse, et Filium hoc quod est esse genitum” (VII,162).

Não é fácil saber quem cabe nesta censura.

Relacionando o tempo da Igreja, aquele que vem depois de Deus de novo se apiedar do mundo, com a intervenção de Maria, o anjo afirma que: “Dominus ... uult ut Virginis puritas, sanctitas, gratia, decus, splendor atque magnificentia innotescant”. Seguem-se as revelações relativas a Maria. A maioria destinadas a corrigir erros que circulam: “Et quia de ipsa Virgine multa inepte scribuntur que uera non sunt”; outras para expor verdades omitidas: “et multa uera pretermittuntur, tu iterum nota et que dico de illa animaduerte” (VIII,177). Feitas as revelações, diz o anjo a Amadeu: “Nunc, dilectissime, poteris intelligere et conscribere Matris Domini assumptionem et errores euitare” (VIII,219).

Há neste conjunto de afirmações dois aspectos. Um é a opção filosófico-teológica, em que ressalta o que pode considerar-se a tentativa de definição de uma ortodoxia. O outro é o lado formal, em que se afirma o sentido da autoridade na definição dessa mesma ortodoxia.

O edifício teológico levantado por S. Tomás de Aquino estava abalado, quer pela doutrina de Duns Escoto, quer pelo nominalismo. As Escolas confrontavam-se, os mestres divergiam. A desorientação trazida aos crentes pela existência de dois centros de poder e autoridade na Igreja fez brotar de modo irreprimível o sentimento da necessidade de reforma. “O Concílio de Constança (1414-1418) e o de Basileia (1431-1439)”, diz Owen Chadwick<sup>146</sup>, “reuniram-se, tomaram muitas resoluções e terminaram triunfalmente o conflito no papado. As suas aspirações de reforma na administração e na piedade da Igreja foram travadas por acontecimentos diversos e pelo peso de interesses nacionais e privados. Mas, embora não tivessem alcançado o fim que se tinham proposto, haviam semeado os dentes de dragão que em 1500 estavam a brotar da terra como os guerreiros da lenda”<sup>147</sup>.

Esta ânsia de reforma voltava-se então para o passado, onde procurava seus modelos. “Todos os autores dos finais da Idade Média viam a Igreja primitiva através de óculos

---

<sup>146</sup> CHADWICK, *História da Igreja: 3, A Reforma*.

<sup>147</sup> CHADWICK, *A Reforma*, 20

cor de rosa”<sup>148</sup>. Quando Amadeu procura definir um corpo de doutrina, apoiado na autoridade de Gabriel, é em função de um ideal futuro que actua. A resposta à angústia do seu tempo é dada pela procura de um ideal que se realizará num tempo ideal também. Amadeu cataliza a angústia do seu tempo e projecta-a num sonho futuro. A saudade de Amadeu situa o seu objecto no futuro e não no passado.

Das causas definidas no Concílio de Constança: *causa unionis*, *causa reformationis*, *causa fidei*, é a *causa fidei*, “a causa da proclamação da fé pela Igreja e da administração dos sacramentos”<sup>149</sup> a que ele assume aqui com maior vigor. Definir uma ortodoxia doutrinária e expurgar a fé dos erros correntes é parte fundamental do seu projecto.

Esta Revelação tem, pois, como finalidade expurgar a fé do inútil e do supérfluo<sup>150</sup> e instruir o Pastor para que leve a recta doutrina ao conhecimento de todos: “et quia uoluntas Dei est ut multa uana et superflua de fide sua resecantur et ea que sunt credenda pure et simpliciter credantur, ne misit ut de singulis fidei misteriis te doceam et tu ea conscribi facias. [...] Et pastor ille, quem Deus ipse nouit, cunctis promulgabit. [...] ... quia uoluntas Dei est ut tempore suo per ipsum quem ipse uult hec hominibus nota fient” (I,2), como foi já referido noutros contextos. As primeiras palavras que o anjo dirige a Amadeu no terceiro encontro que tiveram são bem explícitas: “sed ... quecumque tibi dicuntur a me ex parte Domini Dei nostri ... illa tibi reuelauit ut omnia conscribas diligenter et conserues ut sint futuro pastori, cui liber hic seruabitur, in eruditione et sui et aliorum” (III,19). A palavra de Deus é entregue pelo anjo a Amadeu, que a registará e a fará chegar ao Pastor para sua instrução pessoal e para a todos instruir depois.

Esta palavra não será uma novidade absoluta, nem constituirá um corte com a Tradição. Será fundamentalmente a explicitação das verdades contidas na fé tradicional: “necesse enim est ut multa que non sunt in fide uestra manifesta per ipsum manifestentur” (III,20), diz o anjo ao falar do Livro que Amadeu está obrigado a redigir. Havia-lhe dito em II,7: “sed dic mihi quid dubitas in scriptura et docebo te, quia futurum est ut omnes gentes hec sciant”.

---

<sup>148</sup> CHADWICK, 19

<sup>149</sup> KÜNG, *O Cristianismo*, 434

<sup>150</sup> Esta intenção nem sempre encontra realização adequada na obra de Amadeu. Basta lembrar a discussão em torno da consagração, VI,124-125, ou do sangue de Cristo, VI,128.

Na linha do *nunc ergo* da Introdução, que marca o início do tempo em que a piedade de Deus para com a humanidade se vai manifestar, diz o anjo em III,22: “Tempus aduenit in quo Deus mirabilia facturus est, et illuminare in his que fidei sunt uult totum mundum”. O esclarecimento de todos relativamente às questões da fé é o objectivo último desta revelação.

Ao anjo, que discorria sobre o pecado, diz Amadeu: “credo quod tua, Dei angele, sapientia omnia necessaria in negotio peccati dixerit et declarauerit que mihi et forsitan omnibus mei generis fuerunt incognita” (III,32). Amadeu concorda com a exposição do anjo, mas levanta uma pequena dúvida: “quomodo fuissent illi priuati iustitia et tamen non habuissent aliquod malum” (III,32)? O anjo ironiza, mas esclarece: “Sic ordinatum est ut per simplicissimum hominem hec dirigantur illi cui Deus aperiet sensum et intellectum qui ea subito intelliget et transcribet et tempore suo promulgabit ne fideles in tot opinionibus uersentur, sed agnoscant quid in rebus fidei tenendum sit” (III,33).

A formulação desta finalidade repete-se.

Ao preparar a despedida de Amadeu de mais este encontro, o anjo insiste: “sicut iam dixi tibi, conscribe omnia et diligenter conserua ut populo christiano promulgentur ne amplius in tot opinionibus uersentur” (III,40).

Entrou-se no *VI Raptus*. Sem delongas, o anjo rememora rapidamente os temas tratados. Anuncia os temas dos dois próximos *Raptus* e justifica: “ut pastor futurus sciat inter tot uestrorum opiniones quid sentire et quid docere oporteat” (VI,112).

No *VII*, Amadeu encontra-se perante a Santíssima Trindade. Gabriel informa-o da razão dessa visão: “hec uisio ideo tibi monstrata est ut hominibus tua scriptura notum facias misterium absconditum Sanctissime Trinitatis ut pastor futurus sciat determinare quid et qualiter tenendum atque credendum sit et que uestrarum opinionum uera sit, que falsa, ut remoueantur a uobis altercationes et schismata et uarietas opinionum” (VII,147).

Mas há afirmações que, embora de âmbito mais limitado, são mais explícitas ainda e mais dirigidas à finalidade última.

Discute-se a questão do pecado. Fala-se da predestinação. Do mesmo modo que todos os anjos estavam destinados à bem-aventurança, sob condição, mesmo os que caíram, “sic et omnes homines quotquot nascituri erant”. Segue-se a condenação de Tomás e de Escoto, segundo parece, entre outros: “sed uos cogitatis et quidam doctores uestri quod Deus prima intentione uoluit beatum facere hunc et alium precise, alios uero

non”. E surge a razão final de todo o labor: “Que cogitatio remouenda est a cordibus fidelium omnino” (III,40).

O *IV Raptus* dá continuidade à discussão do pecado. Amadeu quer saber “*utrum Mater Domini nostri Iesu Christi illud habuerit peccatum et contraxerit*” (IV,44). O anjo faz o levantamento das posições dos vários doutores e remata: “*sed ne tot opinionibus fideles uersentur, ego tibi multa alias dixi, sed non ad plenum adhuc, audi nunc que tibi dico et conscribe distinctius ...*” (IV,44-45).

A discussão em torno da relação de Maria com o pecado original prossegue, passa pela afirmação explícita da sua isenção: “*hanc Virginem nec antequam nasceretur, nec in conceptu, nec ante conceptum absoluit, sed numquam ut inimicam aut ingratham habuit. Sed absolute uoluit meritis Filii eius ipsam non solum a peccato inexistente purgare, sed neque a peccato in ea mente diuina apprehenso numquam absoluit ac si eam pro aliquo tempore in tali peccato Deus ipse uidisset sicut uidit omnes alios filios ex Adam propagatos*” (IV,48); passa pela condenação das razões contrárias: “*que omnia sunt perabsurda*” (IV,49); pela demonstração *per absurdum*: “*Sic ergo Virgo Regina minus omnium saluata fuisset et minus Saluatori obligata*”; e desemboca no sentido pastoral: “*que absint a fidelium mentibus*” (IV,49).

A resposta de Amadeu tem dois registos. Responde formal e explicitamente à *causa fidei*, definindo um corpo de doutrina, apoiado na autoridade de Gabriel. Simultaneamente, toda a obra é uma resposta tácita a uma outra das questões que dominaram o Concílio de Constança, o conciliarismo. Circunscrita inicialmente às Universidades, a doutrina que defendia a superioridade dos Concílios sobre o Papa começou a ter visibilidade no conflito que opôs o papa Bonifácio VIII<sup>151</sup> a Filipe, o Belo<sup>152</sup>, e ganhou a força máxima no Concílio de Constança, enquanto instrumento único capaz de pôr fim ao Cisma. No Decreto de 6 de Abril de 1415 afirma: “*Toda a gente, seja qual for o seu estado, seja qual for a sua dignidade, mesmo que seja a do papa, é obrigado a obedecer-lhe no tocante à fé, ao fim do supracitado Cisma e à reforma geral desta Igreja de Deus na sua cabeça e nos seus membros.*”<sup>153</sup> Ao construir toda a obra em função do *Pastor uenturus*, Amadeu afirma com toda a clareza a sua oposição à doutrina conciliarista e defende o primado do sucessor de Pedro.

---

<sup>151</sup> 1294 -1303

<sup>152</sup> 1285 - 1314

<sup>153</sup> KÜNG, *Cristianismo*, 435 (cit. Decreto conciliar *Haec Sancta*)

O Pastor, primeiro destinatário da revelação, é o garante da ortodoxia e, conseqüentemente, da fidelidade à Tradição. A solução não se apresenta clara? Remete-se para o futuro, para o Pastor: “similiter et nomen Geniti atque Filii quod an sit uerum discutiet pastor ille”. Não pode, contudo, deixar-se espaço para a dúvida. Por isso Gabriel determina: “Pro nunc sequimini quod te superius dixi, uidelicet aliam rationem esse generationis actiue et passiuæ, aliam paternitatis et filiationis” (VII,163).

A Amadeu é dito logo no início: “conscriptaque serues et custodias nullique patefacias quousque Deus miserit uirum illum qui librum a te conscriptum aperiet...” (I,2). Pois é vontade de Deus “ut tempore suo per ipsum quem ipse uult hec hominibus nota fiant” (I, 2). Por ele terá necessariamente de passar esta revelação que, como se viu, é também uma tentativa de explanação e aclaramento das verdades da fé.

A encerrar a discussão sobre a actividade de Cristo entre os doze e os trinta anos, remata o anjo: “quod autem de his tenendum est relinquatur determinationi pastoris electi qui hec declarabit et alteram harum opinionum reprobabit. Nunc sileo et transeo, quamuis agnoscere posses cui ego magis adhereo” (V,112).<sup>154</sup>

Antes<sup>155</sup>, ao discutir a posição de Apolinar sobre a existência da alma humana criada em Cristo, dizia também o anjo: “Ecclesia, prout dixi, errare non potest. Christus fuit uerus Deus et perfectus Deus, uerus homo et perfectus homo ex anima rationali et humana carne subsistens. [...] Sed si Deus posset uiuificare corpus supplens uicem anime pastor uenturus declarabit. Nunc ita accipe. Noli a maioribus tuis deuiare” (pág.156 do texto traduzido).

Ao tratar da Eucaristia, quando fala da consagração e da transubstanciação, isto é, da cedência de lugar da substância do pão a Cristo, o anjo afirma: “sola quantitas est sine subiecto, omnia alia accidentia sunt in quantitate. Scribe ut tibi dico quia et si tu non bene percipis, ille percipiet. [...] Illam questionem nolo tibi nunc declarare neque que pars sit uera determinare. Sed tempore futuro dabitur pastori illi gratia et sensus quod intelliget hec et multa alia propter que quotidie altercamini” (VI,114).

Continuando a discutir a complexa questão da transubstanciação, diz o anjo: “et an omnibus modis predictis Deus utatur uel tantum unum illorum quando fit hoc

---

<sup>154</sup> É este um tema em relação ao qual não foi possível encontrar fontes. Teólogos vários e de diferentes tendências e Escolas manifestaram surpresa, ao serem abordados, perante a hipótese da subida de Cristo ao Céu durante esse período.

<sup>155</sup> ver pág. V.

sacramentum alias dicetur illi de quo totiens diximus. [...] Tibi credendum est firmiter, quia uerum est, quod Ecclesia tua tibi dicit...” (VI,122)!

Em VI,135 discute-se a possibilidade da presença de dois corpos no mesmo lugar, ambos presentes de modo quantitativo: “sed restat declarare an id possit fieri ut duo corpora sint in uno loco utrumque modo quantitatio...” (VI,135). Depois de várias explicações, a questão é remetida para a decisão do Pastor: “sed an he rationes bene probent, relinquo iudicio illius pastoris in tempore illo” (VI,136).

A linha de fidelidade à Tradição é definitivamente marcada em VII,154. O anjo discute com Tomás e Escoto, que haviam sido convocados para o diálogo, a relação de “produção” das Pessoas divinas a partir do Pai. Convoca entretanto Agostinho e diz aos dois: “Ecce doctor a quo precipue ista accepistis. Et ibi resident multi alii. Et ostendebat Ambrosium, Ieronimum, Gregorium, Anselmum, Boetium, Ricardum, Hilarium. Ex una parte doctores latinos. Et ibi sunt alii ex alia parte. Et ostendebat Basilium, Gregorium Nazanzenum, Chrisostomum, et alios doctores grecos, Didimum, Athanasium et alios”.

O Pastor é figura central na construção de *Apocalypsis Noua* e é o garante da verdade, para ele se encaminha toda a revelação, ele será o garante da fidelidade à Tradição. O realce que lhe é dado afirma implicitamente, mas de forma categórica, o primado do sucessor de Pedro num momento em que os ecos das decisões do Concílio de Constança ainda repercutiam em muitos espíritos.

Mas esta revelação não é uma iluminação. É um processo lento, progressivo, selectivo. Tem em conta o que deve ser revelado, quando deve ser revelado, a quem deve ser revelado.

Em IV,44, como já vimos, o anjo mostra a Amadeu a imagem do Pastor e diz-lhe: “Ecce dedi tibi faciem eius, obserua et custodi eam. [...] Relinque imaginem hanc una cum libro Rome et ex parte Dei precipe sub pena mortis ut nullus librum aperiet usquequo Domino placuerit ut paulatim in lucem ueniant occulta et arcana Dei” (IV,44).

Marca-se aqui um tempo, o da vontade de Deus, “usquequo Domino placuerit”; e um processo, o da progressividade, “ut paulatim in lucem ueniant”; e define-se um conteúdo, “occulta et arcana Dei”.

O sentido da progressividade é desenvolvido no VIII Arrebatamento a propósito da lenta entrada de Maria na vida da Igreja. De Maria “nihil quasi ... euangeliste scripserunt”. Por muitas razões, mas fundamentalmente porque “satis eis uidebatur Christum hominibus annuntiare”. Mas, cristianizado o mundo, “Dominus uoluit sanctos

suos laudibus Matris sue insistere et circa illas occupari”. Consequentemente, “paulatim innotuit hominibus qualiter ... nullum priuilegium a capite illo in corpus nisi per hoc mirabile collum, quod est Virgo Dei Genitrix Maria, descendit. Innotuit conceptio eius ... innotuit ipsius sapientia...” (VIII,176).

Em V,90 o anjo pede a Lucas, como já foi referido, que explique a Amadeu as razões pelas quais não escreveu “pulchriora de incarnatione Filii Dei”. Conhecia-as, escreveu-as, mas “Regi nostro non placuit ut ea tum reuellarentur omnibus”, afirma Lucas. E justifica: “quoniam multa perfidia erat in mundo”. E acrescenta: “reseruata sunt cito uenture etati”. E caracteriza a idade: “quando etiam Apocalypsis Ioannis intelligeretur que clausa est sigillis septem” (V,90).

Há, pois, um tempo para a plenitude da revelação. Mas esta vai acontecendo também à medida que cada um for estando preparado para a receber e em função das necessidades da salvação.

Na sua intervenção junto de Maria, que se prepara para partir deste mundo, depois de enumerar os dons que lhe haviam sido concedidos por Deus, Mateus afirma: “ista dona non statim omnibus propalabuntur, non statim omnibus manifestabuntur. Sed in uariis temporibus, prout Donator Magni Consilii ordinauit, nunc hec, nunc illa reuelabuntur” (VIII,201). Praticamente a encerrar a *Apocalypsis*, diz o anjo: “hec secreta non sunt dicenda omnibus, sed publicabit ea electus pastor benedictus...” (VIII,223). Em VII,151 havia dito: “non sunt omnia simul aperienda ut et illa tempora gaudere possint reuelationibus propriis”. Dirigindo-se a Tomás e a Escoto, em VII,152, diz-lhes: “uterque uestrum hoc dicere uoluit, sed exprimere tunc non potuit” (VII,152).

Cada tempo tem a sua revelação, que estará dependente da evolução do pensamento e se manifesta em função das necessidades da salvação: “noluit Deus omnia simul palam facere, sed tantum ea que necessaria erant ad salutem...” (V,90). Embora tudo esteja destinado a todos num tempo que há-de vir, a cada sector vai chegando, num tempo que lhe é próprio, na medida da sua preparação e em função das necessidades de salvação, aquilo que lhe está destinado.

E esse tempo que há-de vir será o tempo da realização plena desta revelação.

Depois de se referir ao aparecimento do Pastor e à acção deste na Igreja, dirigindo-se a Amadeu, diz o anjo: “O beatos uos qui hec uidebitis! Tu quidem uides nunc in imagine, alii uidebunt in specie” (IV,44). Na Introdução, como já foi visto, já lhe havia

dito: “Dominus ... uultque hec secreta sua communicare tibi et futura que tu non uidebis in carne mortali constitutus, nunc uideas...” (I,2).

O livro que há-de escrever deve ser mantido fechado “quousque Deus miserit uirum illum qui librum a te conscriptum aperiet in tempore suo, quando Deo placuerit” (I,2). Esse tempo, tempo de bem-aventurança, tempo futuro, que está nos desígnios de Deus, o “tempus Nuptiarum Agni”, é o tempo em que “uoluntas Dei est ut tempore suo per illum quem ipse uult hec hominibus nota fiant” (I,2). Nesse tempo, “quando apparebit ille Dei electus pastor, tunc me Gabrielem qui tecum loquor mittet Deus ad confirmandum et propalandum omnia secreta libri huius” (IV,20). Gabriel anuncia, Gabriel confirmará.

Esse será o tempo do aparecimento do Pastor, o tempo da abertura do Livro, o tempo da concretização e da confirmação desta revelação, o tempo sonhado por Deus, o tempo das Núpcias do Cordeiro, tempo do encontro entre o Céu e a Terra, o tempo da plenitude da Igreja. Será um tempo feliz, o feliz tempo do mais feliz dos Pastores, como o anjo afirma ao falar das duas Madalenas: “et tandem, tempore illo felici pastoris felicissimi hec ueritas ostendetur” (VIII,183).

É um tempo que, embora esteja no segredo de Deus, como o apóstolo Pedro faz notar a Amadeu ao repetir-lhe as palavras do Mestre: *non est uestrum nosse tempora uel momenta que Pater posuit in sua potestate*, se espera para breve, nas palavras de Lucas, quando em V,9 informa Amadeu: “reseruata sunt cito uenture etati...”.

É um tempo que terá continuidade, como se depreende das palavras do anjo quando, no início do *V Raptus*, informa Amadeu de que lhe vai entregar alguns hinos: “psalmum quem pater uester Adam post lapsum fecit et hymnum quem Michael nobiscum cecinit quando Lucifer cum suis cecidit, quos cum multis aliis tibi dabo”, para que “tempore Nuptiarum Agni et deinceps decantentur” (V,72).

Para esse tempo é remetido o esclarecimento definitivo da maioria das questões suscitadas por Amadeu e daquelas sobre que não há acordo na Igreja.

Em VI,113, o anjo ordena a Amadeu: “scribe ut tibi dico quia et si tu non bene percipis, ille percipiet”. Logo a seguir, informa-o: “illam questionem nolo tibi declarare neque que pars sit uera determinare”. A compreensão e a superação das dificuldades fica a aguardar a chegada do Pastor: “sed tempore futuro dabitur pastori illi gratia et sensus quod intelliget hoc et multa alia propter quod quotidie altercamini” (VI,114). A mesma ideia é logo reforçada: “sed quomodo id possit fieri postea declarabitur”. E é

repetida em VI,121: “... quod an uerum sit et qualiter uerum sit illi reuelabitur alio tempore cui et alia reuelanda sunt”. E nela se continua a insistir: “et an omnibus modis predictis Deus utatur uel tantum unum illorum ... alias dicetur illi de quo totiens diximus. Et an eodem modo ... tunc declarabitur”. E mais uma vez em VI,137: “Sed an he rationes bene probent, relinquo iudicio illius pastoris in tempore illo”.

Em VII,148, perante a dificuldade que resulta da unidade em Deus e da variedade dos atributos que lhe são referidos, assim conclui o anjo: “illa ergo opinio est obmittenda, que tamen potmodum quomodo possit esse uera declarabitur”.

*Apocalypsis Noua* é, pois, a resposta de Amadeu às angústias doutrinárias e sociais do seu tempo. O seu sentido de revelação e a sua visão de reforma estão em consonância com a sua personalidade. Homem inquieto, insatisfeito com o estado das coisas, decide-se a seguir um caminho mais estreito, mais próximo do de seu Pai S. Francisco. E, entre os Conventuais, a que estava ligado, e os Espirituais, cujo ideal primeiro o atraía, opta pela terceira via, seguir o ideal sem se desvincular da obediência aos Conventuais. Como todo aquele que pretende seguir caminho próprio, foi hostilizado por uns e por outros, mas deixou o seu carácter impresso na História e com a sua Obra alertou muitas consciências.

A ideia de revelação que se depreende do que fica dito parece poder aproximar-se da que a *Constitutio Dogmatica De Diuina Reuelatione*, do Concílio Vaticano II, formula no 2º parágrafo do nº 8 do seu capítulo II:

“Haec quae est ab Apostolis Traditio sub assistentia Spiritus Sancti in Ecclesia proficit: crescit enim tam rerum quam uerborum traditorum perceptio, tum ex contemplatione et studio credentium, qui ea conferunt in corde suo, tum ex intima spiritualium rerum quam experiuntur intelligentia, tum ex praeconio eorum qui cum episcopatus successionem charisma ueritatis certum acceperunt. Ecclesia scilicet, uolentibus saeculis, ad plenitudinem diuinae ueritatis iugiter tendit, donec in ipsa consumentur uerba Dei”.

## O PASTOR

Deus, na sua misericórdia, decide apiedar-se, mais uma vez, do género humano. Pretende livrar o mundo do erro. Quer reconduzir o homem à verdade. Escolheu para isso Amadeu, a quem quer revelar os seus segredos. E escolheu um Pastor para pôr à frente da sua Igreja.

É missão essencial deste apascentar o rebanho e alimentar o povo de Deus na justiça e na verdade. Terá à sua disposição para isso um instrumento, que é o Livro que Amadeu foi incumbido de preparar e cuja abertura só a ele cabe.

Neste plano da obra do Beato Amadeu, além das três causas do Concílio de Constança, está implícita uma outra, contrária à orientação desse Concílio, a afirmação clara do primado do Papa sobre os Concílios.

Tentemos ver como estes elementos se articulam com a figura do Pastor.

O Pastor tem um perfil, tem uma missão, que se realiza num tempo.

### *O perfil*

O primeiro traço que o caracteriza é ser o eleito de Deus: “quem ipse elegit” (I,2), “quem Deus ipse nouit” (I,2), “illum quem ipse uult” (I,2), “pastor quem Deus amat et elegit” (IV,42). Mas também é o “pastor Dei” (I,7), “pastor bonus” (VI,146), “pastor uenturus” (I,3), “legitimus uerusque uicarius Christi” (IV,43), “magnus et electus Dei” (III,19). E é o “preclarus, sanctus et bonus pastor” (III,19). A ele se refere o anjo como “futuro pastori” (III, 19), “pastori uenturo” (III, 31), “Ecclesie totius rectori” (IV,6), “illi quem Dominus presidere Ecclesie sue statuit et ordinauit” (VI,118). No seu quarto encontro com o anjo, Amadeu quer saber “de pastore nouo ac eius tempore et aduentu”

(IV,41). Em VIII,218 é referido como o novo Pastor que vai chegar, “adueniente pastore nouo”.<sup>156</sup>

É para Deus “uirum secundum cor suum” (III,19), revestido “magna auctoritate a Deo sibi tradita” (III,19), é aquele “cui Deus aperiet sensum et intellectum” (III,33), aquele que “omnia ingenio acuto penetrabit acute” (III,31), a quem “dabit Deus ... spiritum et intellectum” (III,37).

É em função dele que Amadeu é incumbido de escrever o Livro: “ut pastor sciat quid sit docturus” (II,8), “ut sint futuro pastori ... in eruditione et sui et aliorum” (III,19). E Amadeu tem consciência disso, pois o anjo diz-lho claramente: “Ecce dixi tibi, sed non pro te, sed pro illo pastore quem Deus elegit, qui hec subito ut legerit intelliget” (IV,70); “tu meruisti hec transcribere et conservare ut pastori electo hec nota sint” (II,12); “nota bene, quia placebit summe illi cuius gratia hec scribuntur” (VI,114); “... quia et ille pro quo hec facimus ea in uestris libris uidebit” (VI,140).

Mas, “qui est futurus pastor quem Deus elegit” (IV,41)?

Para que o perfil do Pastor seja visto com alguma clareza, deve ser olhado em dois tempos: antes de assumir a função e depois de a assumir. É curiosa a forma como Amadeu refere estes dois tempos: “auditis tot mirandis et agnoscendo quod iam erat natus et educatus et a Deo preseruatus longo tempore antequam assumatur ... dixi” (IV,43). Antes de ascender à função, muito tempo antes, “longo tempore antequam”, já era objecto da protecção divina.

Vive em Roma. É jovem, pobre e desconhecido: “nunc est Rome, iuuenulus, pauperulus, incognitus” (IV,41). Os diminutivos reforçam o pendor depreciativo que os radicais traduzem já. Mas é objecto dos cuidados de Deus: “sed Dominus cognouit eum et paulatim prouehit et irrigat”. Também aqui se insiste na ideia de duração e progressividade.

A sua insignificância fará ressaltar o poder de Deus que, ao elevá-lo, tem em conta dois factos, a preocupação dele com a glória de Deus e o seu amor à Virgem: “eleuabit eum Dominus et subleuabit et a peccatis eruet et purgabit quia non tantum fixit mentem in peccata quin Dei honorem habeat pre oculis et eius Genitrici et Matri suauissime semper mente intendat, cuius memoriam semper gerit in corde et eius salutationem,

---

<sup>156</sup> A perspectiva do “Nouus Pastor” terá sido a que mais influenciou Vieira, leitor atento do Beato Amadeu.

quam ego sibi dedi quando Filium Dei annuntiaui et cognata sua compleuit, quasi semper tenet in ore” (IV,41).

Nada nele desperta qualquer atenção. Leva uma vida normal, pois “non latitat nec est absconditum in cauernis” (IV,43). Os que com ele convivem não o reconhecem. Parece que nem ele está consciente da situação: “neque ipse de hoc cogitat”. Os planos são de Deus: “Deus pro illo cogitat” (IV,43). É o “pauperculum et incognitum per quem Deus tot et tanta facturus est” (IV,44). É como o grão de trigo morto na terra, que apenas será reconhecido quando desabrochar. É aquele que “nunc inter uos simpliciter ambulat” (VIII,179), aquele “qui uiuit sed nondum regnat” (VIII,177).

Perante este quadro, que lhe é mostrado “in similitudine”, Amadeu reconhece “quod impossibile esset per illum tot fieri” (IV,44). A desproporção entre a tarefa e o agente é tal, que só a fé na palavra do anjo: “nisi quia credidi sermoni angeli loquentis”, e a lembrança da Escritura: *potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahe*, o levam a reconhecer que “non sunt homines qui talia faciunt, sed tu, Deus, facis omnia” (IV,44).

Para Deus, porém, ele é o *uirum secundum cor suum*<sup>157</sup> (III,19). Por isso o escolheu e o irá pôr a apascentar “gregem populi sui” (III,19); o revestirá “magna auctoritate”, em função da qual “librum istum aperiet”; a todos os povos dará a conhecer “omnia misteria in eo conscripta”; a todos ensinará “uoluntatem Dei sui” (III,19-20). Será escolhido “cum admiratone ac stupore omnium”. Os reis virão todos “ad eum et adorabunt eum et letabuntur”, pois é visto como “pastore tanto tempore a bonis desiderato” (III,20). Terá opositores, *sed Deus confringet caput inimicorum suorum*<sup>158</sup> (III,20). Sob a sua orientação “omnes gentes infidelium ad fidem ueram conuertentur et ei sicut patri obedient” (III,20). Será como que o iniciador de uma nova era, pois “reget omnes gentes in timore Dei ipse et successores eius temporibus multis” (III,20), havendo a partir de então um só rebanho e um só pastor. Neste quadro está claramente reflectida a imagem de David.

Não provocará a ruptura com o passado, pois “canones et antiquas patrum consuetudines obseruabit”; mas corrigirá o que estiver mal: “omnes prauas leges et consuetudines extirpabit”. Inovará: “bonas inseret et plantabit”. Reconduzirá a sua acção ao que é fundamental: “curam habebit magis animarum et spiritualium

---

<sup>157</sup> Act 13:22

<sup>158</sup> Sl 67:22

negotiorum quam temporalium” (III,20). Será, pois, “primogenitus filius Ecclsiæ; legitimus uerusque uicarius Christi”, abençoado “benedictione Iacob” (IV,42).

O seu advento marcará o fim de um tempo de infelicidade e o início de um outro feliz: “o Deus, quando populus christianus nunc tam infelix tanta felicitate perfruetur” (III,20)?

Será o “uerus Trismegistus”, porque “ter ... maximus”: senhor, rei e sumo pontífice, “Dominus erit atque rex potentissimus, pontifex omnium maximus” (VII,175):

Senhor, porque “omnia possidebit et ius in omnibus habebit”;

Rei, porque “omnia gubernabit, reget et pascet, maximus ergo rex erit”;

Pontífice, porque "consecrabit, benedicet et santificabit et pontifex benedictus et sanctus erit" (VII,175).

Será também sinal da presença da Trindade.

Do Pai, pela dignidade régia e de domínio: “dominii dignitate Patri ... assimilari ualebit / Sapientis est regere regia dignitate, sapientiam Patris demonstrabit”.

Do Espírito Santo, pela benção e pelo dom: “omnis benedictio et omne donum Spiritui Sancto est iure attributum / Pastor sapientia sibi celitus concessa lupos arcebit, auctoritate sibi dimissa / Arietes gregis cornibus se petentes mitigabit”.

Do Filho, pela unidade: “Ex omnibus fiet unum ouile sub uno coadunatum pastore / Agnus qui tollit peccata mundi regnabit in eternum et in seculum seculi" (VIII,175).

Eleito de Deus para presidir à sua Igreja, revestido da máxima autoridade, dotado de espírito e inteligência, com a missão de abrir o Livro para ensinar a todos a vontade de Deus, o Pastor será o “pauperculum et incognitum” per meio de quem Deus converterá os infieis e de todos fará um só rebanho sob a orientação de um só Pastor. As suas preocupações serão pastorais e doutrinárias. Dará início a um tempo de felicidade. Será Pastor e Rei. Será o “primogenitus filius Ecclesie”.

Convergem neste quadro duas linhas de orientação. Por um lado, o retrato do Pastor, traçado em parte à imagem de David, é uma réplica do retrato de Pedro traçado por Cristo em VIII,182. Cristo entrega a Pedro, pela segunda vez e na presença de todos, ambas as chaves “ut possis scire, cognoscere et examinare ac etiam sententiam dare, decidere ac declarare”. Pedro é, assim, investido na missão de “docere”: “Gregem meum tibi committo, oues meas tibi do et commendo... Esto earum dominus. Pasce omnes agnos meos... Pasce etiam oues meas. Oues enim sunt doctores, predicatores,

prelati et omnes episcopi regesque ac principes...”; e na de “praesidere”: “esto princeps fratrum tuorum. Incuruentur ante te filii matris tue... Tu ergo non solum dominus propter oues proprias eris, sed etiam rex eris. Et quia quecumque super terram solueris aut ligaueris etiam in celo erit solutus aut ligatus, cuicumque benedixeris erit benedictus, cui maledixeris erit maledictus, consecrabis, benedices, sanctificabis et eos qui hec sub te facient institues et ordinabis”. É a afirmação clara e absoluta do primado de Pedro e do seu sucessor no plano hierárquico e doutrinário.

Partindo do plano de igualdade com Pedro, Amadeu atribui ao Pastor funções que projectam a sua imagem no quadro do “Pastor Angélico” milenarista, pois promoverá a conversão dos infieis: “omnes gentes infidelium ad fidem ueram conuertentur; reconduzirá a humanidade inteira á órbita da Igreja: *ex omnibus fiet unum ouile sub uno coadunatum pastore*<sup>159</sup>; como Pedro, o verdadeiro representante de Cristo, será Pastor e Rei.

### *Missão*

A missão do Pastor está enunciada na Introdução de *Apocalypsis Noua* em linhas gerais e precisa-se ao longo da obra.

O projecto de Deus – “Deus uult iterum misereri generi humano” - tem como etapas fundamentais, no plano doutrinário, a eliminação dos erros – “et uult mundum purgare cunctis erroribus”; no plano pastoral, levar a Igreja a todos os homens – “et ad unum gremium ueritatis reducere omnes homines”. A sua realização é entregue ao Pastor – “et Ecclesie sue preficere pastorem quem ipse elegit” – a quem cabe apascentar as ovelhas e alimentar o povo de Deus na justiça e na verdade – “ut pascat oues suas et nutriat populum suum in iustitia et ueritate”. Desse projecto faz parte ainda a revelação dos segredos de Deus – “uultque hec secreta sua communicare tibi” – segredos que, reunidos em Livro, serão instrumento de acção do Pastor – “qui librum a te conscriptum aperiet in tempore suo”. O conteúdo da revelação, os mistérios da fé – “de singulis fidei misteriis te doceam” – é o instrumento de realização da vontade de Deus – “quia uoluntas Dei est ut multa uana et superflua de fide sua resecentur et ea que sunt credenda pure et simpliciter credantur”. A abertura do Livro, da responsabilidade

---

<sup>159</sup> Jo 11:16

exclusiva do Pastor – “nullique patefacias quousque Deus miserit uirum illum qui librum a te conscriptum aperiet” – constitui o nó da sua missão e é o início do processo de realização do projecto de Deus. Abri-lo é dá-lo a conhecer – “et pastor ille, quem Deus ipse nouit, cunctis promulgabit”.

Ao Pastor, a quem Deus escolheu, está assinalada uma missão com duas vertentes bem precisas. Uma é pastoral, subdividida em três tarefas distintas:

- . unir – “ad unum gremium ueritatis reducere omnes homines;
- . presidir – “et Ecclesie sue preficere pastorem”;
- . apascentar – “ut pascat oues suas”.

A outra é doutrinária, subdividida em:

- . reformar – “uult mundum purgare cunctis erroribus”  
“ut multa uana et superflua de fide sua resecentur”
- . ensinar – “ut nutriat populum suum in iustitia et ueritate”  
“et ea que sunt credenda pure et simpliciter credantur”.

Estas ideias alargam o seu âmbito e aprofundam-se no decurso da obra.

A ideia de união afirma-se em dois registos, no do universalismo e no da união das igrejas grega e latina.

O universalismo está explicitamente afirmado no núcleo onde, em germe, está contida toda a *Apocalypsis*, a Introdução: “et ad unum gremium ueritatis reducere omnes homines” (I,2). Aí se encontram outras formulações menos explícitas: “et pastor ille ... cunctis promulgabit; e ainda: “quia uoluntas Dei est ut, tempore suo, per illum quem ipse uult hec hominibus nota fient” (I,2).

Sem serem significativas as passagens onde se afirma, esta ideia de união perpassa como um sonho, como um desejo, em toda a obra. Perante um problema, perante uma revelação, brota esta ânsia de que a todos se comunique. Na primeira revelação, o anjo afirma que, embora “conciues eiusdem patrie”, na relação de prioridade entre anjos e homens, só o Homem-Deus e sua Mãe são superiores aos anjos. A conclusão deste raciocínio, partindo de um âmbito restrito, encaminha-se, como já vimos, para o universal: “hoc ergo, quia non est notum apud uos, intellige illud et scribe, ut pastor uenturus possit in orbem terrarum promulgare” (I,3).

O momento da criação dos anjos é tema de discussão e discórdia. São muitas e díspares as afirmações. Mas o tema merece ser definitivamente esclarecido. O âmbito

do seu conhecimento deve alargar-se a todos: “sed Deus ... hec pastorem suum promulgare uult omnibus populis” (I,5). Em jeito de conclusão à apresentação pelo anjo do processo da criação, lembra este que o Pastor haverá de afirmar, repetindo o salmo 144: “*Magnus est Deus noster et magnitudinis eius non est finis*”. Esta afirmação, esta ideia, haverá de levá-la ao conhecimento de todos: “et ostendet hec populis et linguis, et omnes laudabunt nomen Domini” (I,7).

Neste movimento de universalismo, encontram-se dois sentidos. Um, centrífugo, do centro, que é a Igreja, para fora: “et omnia misteria in eo scripta omnibus aperiet et manifestabit; docebit omnes gentes uoluntatem Dei sui” (III,19). O outro, já referido, centrípeto, de todos em direcção à Igreja: “omnes gentes infidelium ad fidem ueram conuertentur et ei sicut patri obedient; erit omnium hominum unum ouile et unus pastor” (III,20). Aos dois mundos, como já noutras circunstâncias foi referido, se irá estender a autoridade do Pastor, pois “docebit omnes que sunt adhuc abscondita” (IV,42). Foi “pro consolatione fidelium et conuersione gentilium” que Deus decidiu enviá-lo. Como foi Deus que determinou: “hoc ut promulget toti orbi futurus pastor Deus decreuit” (IV,49).

Menos notada é a presença da ideia da união das Igrejas, mas não deixa de aí se manifestar. Uma das tarefas do Pastor será precisamente a dessa união: “uniet occidentalem Ecclesiam cum orientali unione perpetua” (VIII,222).

A figura do Pastor, o âmbito da sua missão, sobretudo enquanto responsável pela abertura do Livro, e a persistência da ideia do universalismo contêm em si a ideia da união. Roma é a Nova Jerusalém consagrada pelo martírio de Pedro, que ocupa o lugar de Cristo e a quem hão-de suceder perpetuamente outros vigários: “ibi Agnus regnabit” (VIII,198). O Pastor é o novo David, o “uerus filius Ecclesie et pastor omnibus acceptus”. Será dotado de graça e de prudência, todos o ouvirão.

A questão da união era tema muito actual, pois não haviam passado muitos anos sobre a última tentativa, falhada também ela, apesar das circunstâncias, de eliminar os obstáculos que separavam ortodoxos e latinos, no Concílio de Florença, de 1438/1439.<sup>160</sup> Mas era também, na perspectiva de Amadeu, um passo necessário na marcha da Igreja para o “tempo feliz do mais feliz dos Pastores”.

---

<sup>160</sup> KNOWLES, *Nova História da Igreja, II*, cap.26, Roma e Constantinopla (II).

A realização do projecto de Deus pressupõe que à frente da sua Igreja esteja aquele “quem ipse elegit”. Este estatuto especial tem tradução ao longo de *Apocalypsis*, pois toda a construção deste converge em cada revelação, em cada tema, para o Pastor. Este será o “uerus Trismegistus”, que “omnia presidebit, ... omnia gubernabit, reget...” (VII,175). Será aquele “quem presidere Ecclesie sue statuit et ordinavit (VI,118), mencionado como chefe de toda a Igreja – “Ecclesie totius rectori” (IV,50). Será outro David – “Et pastor iste assimilabitur Daudid regi (VIII,218). Ao dizer a Pedro: “esto princeps fratrum tuorum. Incuruentur ante te filii matris tue” (VIII,182), Cristo ordena também ao Pastor que assuma a presidência.

Sendo Pastor, ele é também rei. E a tarefa de presidir tem como correlativa a de apascentar. O “promulgare”, sendo tarefa da área de “presidere”, dá cumprimento à exigência de “pascere”: “ut pastor uenturus ea possit in orbem terrarum promulgare” (I,3); “Hoc ut promulget toti orbi futurus pastor Deus decreuit” (IV,49).

Ensinar é outra das tarefas da sua missão. É tarefa com dois tempos. Se por um lado está ligada a “pascere” enquanto “nutrire – “et nutriat populum suuum” – é o fim para que tendem “pascere” e “docere”, cabendo, consequentemente, na vertente pastoral, “docere” pertence, por outro, à vertente doutrinária. Implica, primeiro, o “scire” e o “intelligere” e só depois o “docere”. A Amadeu é, mais que uma vez, ordenado que escreva e guarde para que o Pastor saiba o que ensinar, e porque entenderá para ensinar: “scribe et conscripta hec custodi, ut pastor sciat quid docturus populum suum” (II,18); e ainda: “scribe prout tibi a me dicuntur, quia ille cui hec mittuntur et propter quem scribuntur clare intelliget et aperte docebit” (III,24).

Referindo-se ao facto de serem os pastores os primeiros a tomarem conhecimento do nascimento de Cristo, o anjo esclarece Amadeu das razões por que assim foi: “Pastoribus precipue annuntiata est, quia pastores Ecclesie Dei secreta scire debent et alios ea docere” (V,97).

O “scire”, que o “docere” implica, tem um campo duplo: “canones et antiquas patrum consuetudines” (III,20), que o Pastor deverá observar, e a revelação contida em *Apocalypsis Noua*: “tu meruisti hec transcribere et conseruare ut pastori a Deo electo hec nota sint” (II,12). Esta revelação tem dois destinatários. O Pastor, que a recebe para proveito próprio: “ut sint futuro pastori, cui liber hic seruabitur, in eruditione et sui...”; e “ut pastor futurus sciat inter tot uestrorum opiniones quid sentire et quid docere oporteat” (VI,112); e o povo, a quem há-de chegar por intermédio do Pastor: “... et aliorum” (III,19).

O Pastor é o intermediário do saber. E é nessa qualidade que é investido na responsabilidade de “abrir” o Livro: “eliget sibi Deus uirum secundum cor suum et ponet eum pascere gregem populi sui qui etiam magna auctoritate sibi a Deo tradita librum istum aperiet...” (III,19). E só a autoridade com que Deus o revestiu lhe vai permitir abrir o Livro, isto é, levar a vontade de Deus ao conhecimento de todos: “... et omnia misteria in eo conscripta omnibus populis aperiet et manifestabit et docebit omnes gentes uoluntatem Dei sui” (III,19).

Directamente implicada com a tarefa de ensinar está a de reformar. Na enunciação do plano de Deus, na Introdução, não há uma referência explícita a esta tarefa. Mas aí, a sucessão de manifestações de vontade atribuídas a Deus encaminha-se para o fim que é, necessariamente, o resultado dessa tarefa essencial: “ut futura que tu non uidebis in carne mortali constitutus nunc uideas et consolationem propter tot labores tuos et desideria tua sentias” (I,2). O ideal sonhado por Amadeu, que, quando o anjo lhe fala do espanto, da admiração, da alegria que acompanharão a eleição do Pastor, o leva a gritar, em choro: “o Deus, quando populus christianus nunc tam infelix tanta felicitate perfruetur” (III,20); que o levou antes, quando perguntava ao anjo: “hic tam preclarus tamque sanctus et bonus pastor quando ueniet et quando aparebit? Quando tantum bonum et tam amplum donum conferet Deus populo suo et fidelibus suis” (III,19), esse ideal é a reforma. Por ela lutou na sua Ordem. E por isso fundou a Congregação que levou o seu nome. Por ela lutou na Igreja. E *Apocalypsis Noua* é o sinal dessa luta. Mas como na Ordem, onde nunca quebrou a linha da obediência hierárquica, também na Igreja a reforma por ele sonhada é a reforma “in capite et in membris”, mas dentro da pirâmide hierárquica tradicional. A ideia da reforma por ele sonhada não se afasta da ideia original incluída no próprio termo, restituir à forma primitiva, e talvez esteja próxima da reforma sonhada e concretizada por João XXIII e traduzida pelo termo refontalização.

No terceiro encontro com o anjo, no início do *III Raptus*, à pergunta de Amadeu: “quando ueniet hic magnus et electus Dei”, o anjo manda-o dirigir a pergunta aos Padres presentes. E é Pedro que lhe responde, repetindo a resposta que Cristo deu aos apóstolos quando o interrogavam sobre se iria restituir o reino de Israel: “*non est uestrum nosse tempora uel momenta*” (Act 1:7). Há, claramente, a intenção de estabelecer um paralelo entre as duas situações, a da fundação da Igreja e a da sua

reforma. Os *tempora uel momenta* que aguardam os apóstolos serão idênticos aos “futura” mostrados a Amadeu e esperados para a Igreja, isto é, fazer retornar a situação actual ao estado primitivo.

A reforma há-de incidir na doutrina: “omnes prauas leges et consuetudines extirpabit...” (III,19), “purgabit mundum cunctis erroribus” (IV,42). A revelação, porém, aponta nos dois sentidos, na eliminação do erro, como fica patente e adiante se afirma – “ut pastor futurus sciat determinare quid et qualiter tenendum atque credendum sit et que uestrarum opinionum uera sit, que falsa, ut remoueantur a uobis altercationes et schismata et uarietas opinionum” (VII,147) - e na afirmação da ortodoxa doutrina: “...bonas inseret et plantabit”(III,19). Ao Pastor dará Deus “spiritum et intellectum” para cumprir essa tarefa: “dabit Deus pastori illi spiritum et intellectum et lucidabit hec mea dicta et in partes et capitula distinguet” (III,37). A ele “cui Deus aperiet sensum et intellectum” caberá compreender, transcrever e promulgar a nova doutrina “ne fideles in tot opinionibus uersentur, sed agnoscant quid in rebus fidei tenendum sit” (III,33). Mas incidirá também na orientação das prioridades do Pastor: “curam habebit magis animarum et spiritualium negotiorum quam temporalium” (III,20). No encerramento do *III Raptus*, no recado enviado ao papa Sisto IV, segue o primeiro esboço de um projecto de reforma: “et papa pro te iam ter misit, cui nihil horum reuelles, sed solum dicas ut, sicut cepit, Matri Dei honorem debitum tribuat, ecclesias restauret, bella secularia dimittat, ecclesie prouideat, de sua carne tantam existimationem non faciat, bella christianis non inferat, legem Dei et mandata uniuersis promulget” (III,40).

A formulação explícita da ideia de reforma doutrinária e pastoral ocorre no *IV Raptus*. No seu quarto arrebatamento, Amadeu está decidido a saber quem é o Pastor: “querenti mihi de pastore nouo ac eius tempore et aduentu ex precordiis oranti angelus Gabriel apparuit coram omnibus dicens: iam dicam tibi ... qui est futurus pastor” (IV,41). Depois de dele falar nos termos já referidos, o anjo apresenta um quadro de degradação, em três tempos, partindo do papa contemporâneo, “multorum bonorum et malorum auctor”, mas em quem “bona eius et deuotiones uincunt malitiam”; passa por aquele “quem creabit ipse, nec calidus in bono nec frigidus in malo”, razão pela qual “Deus eum non dereliquet”; chega a “Simon Magus<sup>161</sup> qui constituet in Templo Dei

---

<sup>161</sup> É de seu nome que se origina o termo simonia, ou seja, o negócio das coisas santas. Mago de grande prestígio na cidade de Samaria, Simão converte-se sob o efeito da pregação de Filipe. Quando Pedro e João aí chegam para impor as mãos aos novos cristãos a fim de lhes ser comunicado o Espírito Santo, Simão pretende obter, a troco de dinheiro, esse mesmo privilégio. Pedro anatematiza-o, censura-lhe a

ementes et uedentes”. Esta visão não reflecte, com certeza, o encadeamento dos papas. É antes uma visão sintetizada da degradação que justifica o surgimento da necessidade de reforma.<sup>162</sup> É da contraposição com Simão Mago e com a sua actuação que a figura do Pastor e a sua actuação saem realçadas. A Esaú, que trocou a primogenitura pelo prato de lentilhas<sup>163</sup>, é comparado Simão Mago, a quem será dado “quod desiderabit ... ut satiet appetitum suum”. O Pastor terá “benedictionem Iacob<sup>164</sup>”, será “primogenitus filius Ecclesie et legitimus uerusque uicarius Christi”. É este o ponto de partida para a sua acção. Porque Deus o ama e o escolheu é que “intrabit in Templum et eiciet foras ementes et uedentes et mensas numulariorum euertet”, ou seja, desmontará o que “Simão Mago” construiu, ele que “constituet in Templo Dei ementes et uedentes et mensas numulariorum”. Mas fará mais, “sanctificabit Templum, purgabit et reformabit Ecclesiam ... purgabit mundum cunctis erroribus, docebit omnes qui sunt adhuc abscondita” (IV,42).

A sua reforma será global, nas estruturas e na doutrina, pastoral e doutrinária, pois “montem Syon uidelicet Ecclesiam Christi in auram montium eriget et de nebulis atque caligine tenebrarum ereptam illustrabit, cuius splendor ex tunc perpetuus erit” (IV,43). Será bem aceite por todos, “et omnes admirabuntur et stupebunt” (IV,42).

A acção reformadora do Pastor suscitará a adesão, a admiração e o espanto geral. Ela será a porta de entrada num tempo de felicidade: “o beatos uos qui hec uidebitis” (IV,44).

Naquilo que o manuscrito *V* designa por “epilogatio adimplendorum ante et tempore pastoris”, as ideias de renovação e de reforma são sublinhadas de maneira vária. A fé, de cujos mistérios acaba de se falar, “renouabitur sicut aquila<sup>165</sup> et reiuuenescet” com a chegada do novo Pastor - “adueniente pastore nouo”. Cumpre-se, então, a visão do Apocalipse de João: “uidi ciuitatem sanctam, Ierusalem nouam descendentem de celo<sup>166</sup>”. A Nova Jerusalém é Roma, “ad quam Deus transtulit regnum suum et sacerdotium, que iterum diebus istis renouabitur et toti mundo presidebit” (VIII,218). O Pastor assume em Roma a função que foi de Daud em Jerusalém: “assimilabitur Daud

---

falta de rectidão de coração. É salvo pelo arrependimento e pela oração dos apóstolos e pela sua, mas nunca terá parte no ministério apostólico (Act 8:9).

<sup>162</sup> Ver o parágrafo relativo ao *Rex Liliorum*

<sup>163</sup> Gn 25:35

<sup>164</sup> *idem* 24:36

<sup>165</sup> Sl 102:5

<sup>166</sup> Apoc 21:2

regi”. E, à imagem dele, “reformabit nouam Ierusalem, hoc est, Romam et Ecclesiam” (VIII,222).

Há mais dois quadros em que a ideia de degradação seguida de um processo de recuperação conduzido por um agente enviado por Deus se repete.

Mateus expõe perante Maria, na véspera do seu passamento, os dons com que Deus a presenteou. Refere o facto de ser progressiva e selectiva a divulgação desses dons. E conclui: “et tandem postquam uenerit dissessio, que per multa secula durabit et tandem consumabitur, et desiuncti coniungentur, miserebitur Dominus populo suo et mittet nouum Agnum qui docebit secreta fidei omnes gentes” (VIII,201).

No momento da Assunção, em contexto de despedida próximo do que João nos dá, Cristo desenha o perfil psicológico daquele que há-de presidir à sua Igreja: “qui mitior et humilior et benignior fuerit, hic toti Ecclesie quandoque presidebit”; garante a conversão do mundo: “totum mundum ad me conuertetis”; adverte para o perigo: “deinde ueniet filius iniquitatis et bestia uorax ab Oriente, cuius uox usque ad gentes punicas protendetur, et auferet magnam partem regni mei”. Mas garante: “sed paulatim ... regnum meum dilatabitur”. Aos “Hiberi” caberá limpar “abominationem stantem in loco sancto: et Hiberi auersi conuersi alios quoque ad me conuertent”. E o próprio Cristo enviará “uicarium reformantem omnia” (VIII,215).

Merece alguma reflexão a identificação dos *Hiberi*. Numa leitura imediata, e dadas as raízes de Amadeu, parece claro estar-se a falar dos habitantes da Península Hibernica, tanto mais que a gesta da Expansão começava a delinear-se. Mas, se atentarmos nos participios *auersi conuersi*, seremos levados a pensar que a realidade que estes traduzem dificilmente se adequa à situação da Península Hibernica. Amadeu redigiu a sua obra, é certo, cerca de onze anos antes da queda do último bastião muçulmano da Península. Nessa época, contudo, já se não poderia considerar que os *Hiberi* estivessem *auersi*. Por outro lado, a gesta expansionista dava, é certo também, os primeiros passos, mas estava longe de poder sugerir tão amplos horizontes. Parece, pois, mais razoável procurar outra explicação. E ela pode estar precisamente no reino que tinha acabado de cair sob a alçada da “Besta voraz”, o de Constantinopla.

Nos *Annales*, Tácito designa Mitridates por hiberno: “... recipiendaeque Armeniae Hiberum Mithridatem deligit...” (*Annalium liber VI*, 33); designa por hiberno o chefe dos albanos, tribo do Cáucaso, mais precisamente da região da Geórgia e do Daguestão:

“accolis Hiberno Albanoque et aliis regibus qui magnitudine nostra proteguntur adversum externa imperia” (*Annalium*, IV,5). *Hiberi*, pois, são também as *Ponticae gentes*, a que se refere Ânio Floro no seu *Bellum Mithridaticum*<sup>167</sup>, e Plínio, em *Naturalis Historia*<sup>168</sup>.

Num contexto de revelação, *Hiberi* poderá ser uma velada referência, pela via menos clara, a Bizâncio acabada de dominar pelo “*filius iniquitatis et bestia vorax*”. A conversão terá então sentido duplo, de retorno à órbita do cristianismo e, simultaneamente, dentro da ideia de unidade, ao seio da única Igreja: um só rebanho e um só pastor. A partir daí, melhor se compreenderá a acção futura de eliminar a “abominação da desolação que reina nos lugares santos”.

É mais coerente, enquadra-se mais no tempo e no espírito de *Apocalypsis Noua* considerar que sob a designação de *hiberi* se esconde a referência à Igreja do Oriente.

A reforma da Igreja nas instituições, na doutrina e nas prioridades é claramente o ponto central da missão do Pastor. Mas a reforma é um meio. Pressupõe o saber, que tem como consequência o ensinar. Pressupõe a autoridade, que se traduz no primado do Pastor. Tem como tarefa importante estender a acção da Igreja a todos, logo, trazer todos para o seu seio. Neste ponto, está em primeiro lugar a união das duas Igrejas. Aponta para um fim, que será atingido quando houver um só rebanho e um só Pastor, o acesso a um tempo de felicidade.

### *Tempo*

“...nullique patefacias quousque Deus miserit uirum illum qui librum a te conscriptum aperiet in tempore suo, quando Deo placuerit. [...] Sed caue ne tu dixeris ea alicui aut reuelaueris, quia uoluntas Dei est ut tempore suo, per illum quem ipse uult, hec hominibus nota sint” (I,2).

Toda a acção prevista em *Apocalypsis* se situa num futuro incerto, que só Deus conhece. É em relação com a tarefa da abertura do Livro que todo o tempo se organiza, o presente da revelação, o futuro perfeito do aparecimento do Pastor e o futuro

---

<sup>167</sup> Liv. I, 40,1: “Ponticae gentes in sinistrum iacent, a Pontico cognominatae mari”.

<sup>168</sup> Liv. XVIII, 101,3

imperfeito da acção de o abrir. O futuro inicia-se, pois, com o aparecimento do Pastor e desenvolve-se com a realização da sua acção.

Esse futuro é incerto para o homem, está na vontade de Deus: “quando Deo placuerit”. Está, como todo o futuro, vedado ao homem: *non est uestrum nosse tempora uel momenta que Pater posuit in sua potestate* (III,19 – Act 1:7). A sua realização, contudo, parece estar próxima, pois, nas palavras do anjo, aquele que há-de vir a ser o Pastor já nasceu: “ut cum uenerit qui iam uenit in mundum, dignior appareat” (II,12). Convém recordar, neste ponto, a distinção antes feita entre os dois tempos do Pastor, antes e no exercício da sua função. Estes dois tempos estão implícitos nos dois tempos do futuro da Introdução, o futuro perfeito “miserit” e o imperfeito “aperiet”.

O “pastor uenturus” (I,3), “iam uenit, sed nondum est pastor” (VII,176); “uiuít, sed nondum regnat” (VIII,177); “ille qui postea sedebit et nunc inter uos incognitus ambulat” (VIII,179), ou, como se diz a finalizar, “cito missurus est”. A citação de Lucas 21:28: *ecce adest redemptio uestra* (I,3), no enquadramento do trono em volta do qual se reúne a assembleia, é mais uma afirmação da certeza de que esse futuro está próximo. Próximo o considera Amadeu quando pergunta ao anjo: “domine mi, uidebo, ut spero, istum electum Dei? Non sum tam senex quod eum uidere non possim”. A resposta do anjo, se parece confirmar a suspeita de Amadeu: “iam uidisti sed non cognouisti”, pulveriza qualquer prognóstico: “et quando uidebitur alienum, tunc erit proximus, quando uidebitur prope, erit longe et quando longe, erit prope” (III,43). A certeza dessa proximidade é uma das primeiras afirmações de *Apocalypsis* quando, ao apresentar os elementos da assembleia que venera Cristo e Maria, o anjo declara: “omnes hi te diligunt et omnes exultant quia uident tempus aduenisse nuptiarum Agni quas diu tota celestis curia desiderauit” (I,2). São duas as informações contidas nesta declaração, a da certeza da proximidade e a da natureza desse futuro: “tempus nuptiarum Agni”.

Se o quando, previsto embora para breve, é incerto, clara parece ser a natureza desse futuro:

- será um tempo de benção. “quando tantum bonum et tam amplum donum conferet Deus populo suo et fidelibus suis”, pergunta ansiosamente Amadeu (III,19);

- será um tempo de felicidade: “o Deus, quando populus christianus nunc tam infelix tanta felicitate perfruetur”, suspira Amadeu (III,20)! Ao falar dos acontecimentos de então, o anjo afirma: “o beatos uos qui hec uidebitis” (IV,44). A ele se refere como “tempore illo felici, quando apparebit pastor bonus” (VI,146). São “tempora illa felicia”

que se regozijarão nos bens do espírito (VII,155); ou “tempore illo felici” em que tudo se esclarecerá (VII,156). Nesse tempo, “tempore illo felici pastoris felicissimi” (VIII,183), se ficará a saber que eram duas as Madalenas, e só a partir dele se tomará conhecimento dos dons concedidos a Maria, dons que “usque ad tempora illa felicia” estarão ocultos;

- será tempo de felicidade contraposto às condições do tempo presente. É depois de ouvir do anjo as explicações relativas à figura do Pastor e à sua acção que Amadeu desabafa, marcando claramente, como se viu na citação acima feita, a distinção dos dois tempos, um agora de infelicidade, “nunc tam infelix”, por oposição a um futuro risonho, “tanta felicitate perfruetur”; porque o Pastor anunciado será o “tam preclarus tamque sanctus et bonus, magnus et electus Dei” (III,19), “tanto tempore a bonis desiderato” (III,19), “uirum secundum cor suum” (III, 19), que Deus escolheu, por oposição ao quadro dos três Pastores (IV,41-42), em que o menos mau é “multorum bonorum et malorum auctor”;

- será o tempo em que os bens do espírito terão a primazia: “hec tibi subtilia sunt. Ea tamen conscribere ut tempora illa felicia oblectentur in bonis animi, quia remittetur delectatio carnis et erunt iterum homines docibiles Dei” (VII,155);

- tempo da pureza definitiva da fé “in quo Deus mirabilia facturus est, et illuminare in his que fidei sunt uult totum mundum” (III,22); “et pacato mundo, promulgabit omnibus uoluntatem Dei et uiuent in puritate fidei cunctis temporibus” (VIII,222);

- tempo em que a missão do Pastor se cumprirá na tarefa “reformare”: “pastor quem Deus amat et elegit ... purgabit mundum cunctis erroribus...”; na tarefa “docere”: “...docebit omnes que sunt adhuc abscondita” (IV,42); e na tarefa “presidere”: “an tamen genuisse dictat relationem paternitatis uel eam precedit, declarabit suo tempore ille qui electus est ad hoc officium” (VII,162);

- será um tempo com dois momentos, o da discussão: “similiter et nomen Geniti atque Filii, quod an sit uerum discutiet pastor ille” (VII,163); “uterque enim uestrum remouit genus et speciem a diuinis. De quo pastor iudicabit utrum uos uel nominales in hoc melius dixeritis. [...] Multa enim illi futuro reseruantur” (VII,170); e o da realização, traduzida no cumprimento da missão “docere”;

- será o tempo da unidade da Igreja, pois o Pastor “uniet occidentalem Ecclesiam cum orientali unione perpetua. Decem cardinales ex orientalibus faciet et duos magnos patriarchatus in occidente” (VIII,222). Esclarecida pela doutrina, unida pela fé, a Igreja atingirá então a sua realização plena: “reseruata sunt cito uenture etati, quando etiam

Apocalypsis Ioannis intelligetur que clausa est sigillis septem” (V,90), pois esse será o tempo das Núpcias do Cordeiro, tempo do reencontro do povo de Deus com o seu Senhor: “omnes hi te diligunt et omnes exultant quia uident tempus aduenisse nuptiarum Agni quas diu tota celestis curia desiderauit” (I,2). Então a Igreja cantará em uníssonos com os anjos: “psalmum quem pater uester Adam post lapsum fecit et hymnum quem Michael nobiscum cecinit, ... quos cum multis aliis tibi dabo ut tempore nuptiarum Agni et deinceps iugiter decantentur” (V,72); “sic ergo nos de uniuersis mirabilibus que fecit Deus ipsum magnificamus et glorificamus. Et tibi hec sunt reuelata ut ea conscribas ad hoc ut omnes homines magnificent Deum nostrum eisdem psalmis et hymnis et canticis quibus nos angeli ipsum magnificamus et in sempiternum magnificabimus” (VI,146);

- será tempo de exaltação da Igreja levada a efeito pelo Pastor “qui montem Syon, uidelicet Ecclesiam Christi, in auram montium eriget et de nebulis atque caligine tenebrarum ereptam illustrabit, cuius splendor ex tunc perpetuus erit” (IV,44).

O anjo encerra desta forma a revelação feita a Amadeu e resume o processo da sua concretização: “Ecce audisti et uidisti misteria magna fidei christiane que, adueniente pastore nouo, renouabitur sicut aquila et reuiuenscet et renouabitur adueniente pastore illo de quo sepius locutus sum. Tunc implebitur illud Apocalypsis: *uidi ciuitatem sanctam, Ierusalem Nouam descendentem de celo a Deo* (VIII,222). Na posse do conhecimento dos supremos mistérios, o Pastor reformará a Igreja e criará as condições para o encontro definitivo: “Venient enim nuptie Agni in quibus exultabitis letitia inenarrabili” (VI,146).

A esse tempo tem-se acesso pela porta da reforma da Igreja na doutrina, nas estruturas e nas prioridades, reforma que implica a criação das condições para que haja um só rebanho e um só Pastor. Pois a “Simão Mago”, o símbolo da máxima degradação da Igreja, o émulo de Esaú, sucede o Pastor, “primogenitus filius Ecclesie, legitimus uerusque uicarius Christi”, a quem Deus dará “benedictionem Iacob”. Ele, “quem Deus amat et elegit, intrabit in Templum et eiciet foras ementes et uedentes et mensas numulariorum euertet et sanctificabit Templum, purgabit et reformabit Ecclesiam” (IV,42). “... assimilabitur Daudid regi quia, sicut ipse renouauit ipsam Ierusalem et in ea fecit arcem et ciuitatem suam, ita iste reformabit nouam Ierusalem, hoc est, Romam et Ecclesiam” (VIII,222). Com ele, “redibit pax uniuersalis et reformatio” (VIII,222).

A reforma da Igreja é o sonho de Amadeu. Está formulado logo na introdução de *Apocalypsis*. É motivo recorrente ao longo da obra. E coincide com a visão de João oportunamente evocada: *uidi ciuitatem sanctam, Ierusalem Nouam, descendentem de celo a Deo* (VIII,221). É um sonho enformado por elementos que o marcam. Enquanto sonho é projectado nesse futuro ideal, incerto, de contornos indefinidos, como acabou de se ver.

O Pastor, eleito de Deus, homem segundo o seu coração, humilde, iniciador de uma nova era, pastor universal, rei e pontífice, ostenta os traços que o aproximam do “pastor angélico” milenarista. Com ele surgirá o grande rei: “cum magno pastore surget rex magnus...” (VIII,223). O aparecimento dos dois, e não é claro se numa só pessoa se em pessoas distintas, dará cumprimento à petição do Pai Nosso: *fiat uoluntas tua* - “... et uoluntas Dei tempore illo perfecte adimplebitur”.

As ideias de Amadeu, neste ponto, parecem carecer de clareza. Ao longo do texto a realeza pertence ao Pastor, que é rei e pontífice. No final, os dois títulos parecem dissociar-se ao ser criada a ideia de serem assumidos por personalidades distintas, na linha, aliás, das sibilinas cristãs e de acordo com o movimento seu contemporâneo segundo o qual cada povo ia fazendo do seu rei o imperador dos últimos dias.<sup>169</sup>

Tempo de felicidade e benção, tempo da primazia dos bens do espírito, tempo do pleno conhecimento, tempo da plenitude da Igreja, tempo da união das duas Igrejas, tempo da conversão dos infieis: “ex omnibus fiet unum ouile sub uno coadunatum pastore” (VII,175), tempo em que Roma será a Nova Jerusalém descida do Céu e o Pastor o novo David, tempo em que Deus desposará o seu povo, pois será o tempo das Núpcias do Cordeiro, será o tempo do sonho em que se dará cumprimento a outra das petições do Pai-Nosso: *adueniat regnum tuum*, ou, na formulação que lhe deu o Padre António Vieira no *Liber Tertius* da *Clavis Prophetarum*, o sonho de Amadeu realizar-se-á com o estabelecimento do reino de Cristo na Terra: “Regnum Christi in Terris consummatum”.

A saudade do futuro que Amadeu nos transmite é o cunho da sua visão milenarista.

---

<sup>169</sup> DELUMEAU, *Mil Anos de Felicidade*, 94-104

## CONCLUSÃO

Constituiu propósito primeiro do trabalho que se apresenta dar a conhecer a obra do Beato Amadeu. Aceite, no momento em que procurava um tema para trabalhar, o desafio de “tornar manifesta” esta obra, tive de começar pelo princípio. E o princípio era saber de quem se tratava. E fiquei surpreendido com tantos juízos negativos. Negativos em relação à pessoa, primeiro, e em relação à obra, depois. Ignorante, quase analfabeto, dedicado a Deus por não haver realizado o sonho de se dedicar a quem amou. Simultaneamente, havia sido confessor e conselheiro de um papa que era nome sonante numa Itália em que o humanismo havia muito que alcançara foros de cidadania. Com uma obra que merecia o muito apreço de alguns, enquanto para outros estaria carregada de erros e nem sequer lhe pertenceria.

Feitas as primeiras leituras enquanto aguardava a recepção das cópias dos manuscritos, foi a estas que dediquei o melhor do tempo e do curto saber de que dispunha. À medida que ia avançando na “leitura” do texto, ia ficando mais perturbado, pois o sentimento que me ia invadindo era de que estava em desacordo com os sábios. O homem que escreveu o que ia lendo não era um ignorante, bem longe disso.

Perante esta realidade, restava-me aceitar a validade da segunda crítica, ou seja, a obra não lhe pertencia ou só lhe pertenceria pouco mais do que o título. A releitura era precisa. E, nas várias leituras que fui fazendo, fui-me dando conta de que algo haveria de estar errado. Foi neste momento que tive a oportunidade de dialogar com o saudoso Prof. Sousa Costa, de quem havia lido o trabalho de participação no Congresso Internacional sobre Bartolomeu Dias e a sua Época. Fiquei a saber que muitos falaram do homem e da obra, mas poucos a leram.

Animado com esta perspectiva, incentivado pelo conselho do meu orientador e apoiado na obra que o Prof. Sousa Costa me facultou, fui tirando as poucas conclusões

que ficaram para trás. Poder-se-á ir muito mais longe, sobretudo no que à integração do homem na época diz respeito e ao seu domínio quer da filosofia, quer da teologia. Considero que são tarefas a serem desenvolvidas, como desenvolvida merece ser a sua visão milenarista. Dado, no entanto, o propósito que me orientou, qual seja, dar a obra a conhecer, pareceu-me que cumpria a missão proposta com o trabalho apresentado.

As conclusões são poucas, mas, do meu ponto de vista, as suficientes para garantirem que Amadeu, ou seja, João da Silva Meneses, não era ignorante. Como foi possível esquecerem-se os que assim o julgam em Portugal de que foi educado numas das cortes mais cultas da Europa de então? Mesmo o Prof. Sousa Costa, ilustre franciscano, que tão longe levou o estudo histórico sobre Amadeu e a sua família? O parágrafo sobre a história da “deturpação” da obra afigura-se-me elucidativo. Devo dizer que o Prof. Sousa Costa reconhecia nunca haver lido *Apocalypsis Noua*, porque a sua linha de acção seguia por outro caminho. Culto e profundo eram os qualificativos que lhe aplicava quando os vi confirmados pelo dominicano que em meados do séc. XVI escreveu o texto que consta do apêndice do códice *G* e que se anexa no final.

Poderão ter razão os que afirmam que a obra foi adulterada? Como justificariam então a confluência de elementos como seja a concordância de todos os manuscritos, a rede de relações internas e o modo como o apêndice do manuscrito *M* nos fala dos cuidados com que a obra era guardada até haver sido dada a conhecer? Como seria possível que num ambiente de tanta exigência se adulterasse uma obra que teve tanto impacto sem haver qualquer rasto dessa aventura ou qualquer eco crítico? Considero que ficou suficientemente mostrado que, com eventuais pequenos acrescentos marginais, a obra tem unidade e coerência, que dificilmente manteria se houvesse sido interpolada.

Que o Beato Amadeu era homem culto, estudioso e profundo e que é o autor da obra que sempre levou o seu nome, foi a conclusão a que cheguei e que apresento. Outras pequenas conclusões, como o lugar do seu nascimento, o haver ou não sido educado na corte, o seu tempo de permanência em Guadalupe, são pormenores históricos que estão já afirmados e me limitei a coligir.

Os seus objectivos ao escrever *Apocalypsis Noua* julgo haverem ficado claros na finalidade primeira reconhecida à obra, a reforma da Igreja. Era este acompanhado por outro não menos importante, que era a união das duas Igrejas, a ocidental e a oriental. Clara me parece haver ficado também a mentalidade que enformava o sentir de Amadeu no sonho de um futuro que começaria com o advento do Pastor. Qual fosse a duração

desse milénio não se procurou especificamente saber, mas ficou suficientemente afirmado que coincidiria com o estabelecimento do reino de Cristo na Terra.

Ponto importante no estudo do homem e da obra era reconhecer as influências que o marcaram. Com o preciosíssimo auxílio das notas do manuscrito *N*, notas que me parece poder-se afirmar serem de S. Roberto Belarmino, pois foi ele, no dizer de Barbosa Machado, que encontrou na obra de Amadeu os tais cinquenta e sete desvios, conseguiu-se compor um painel de nomes de teólogos e filósofos que ocupam todo o espectro da filosofia e da teologia da Igreja. Da análise da obra resultam ainda referências clássicas que, se não foram todas directamente bebidas nas fontes, algumas o terão sido, pois havia na corte condições objectivas para isso. Ponto importante se considera a avassaladora presença dos Apócrifos. Serviam um dos objectivos de Amadeu, falar dos dogmas, que o seriam só mais tarde, da Imaculada Conceição e da Assunção, dado ser claro que, juntamente com a reforma da Igreja, faziam eles parte do objectivo primeiro de Amadeu. Maria ocupa lugar importante em *Apocalypsis*.

Aqui chegado, brota espontânea no meu espírito a prece tantas vezes escutada: que Deus lhe ponha a virtude, que eu da minha parte fiz o que pude.



Jesus, Filho de Maria, Salvador dos homens

NOVA APOCALIPSE

de sentido aberto e em que se dá a conhecer  
quanto na antiga *Apocalipse* estava oculto,  
isto é, aquilo que estava escondido  
torna-se manifesto

## Primus Raptus<sup>1</sup>

Ego<sup>2</sup> Amadeus fui raptus ex spelunca mea ubi orabam in monticulum quemdam et in rotam ubi Deo astabant angeli et anime<sup>3</sup> sanctorum quos colimus et ueneramur. Et dum ibi essem<sup>4</sup>, pauor et tremor<sup>5</sup> me obruit, nesciens uerbum proferre, sed eram quasi homo sine sensu et cognitione. Tunc astitit mihi uir aspectu decorus, facie et ueste rutilans et talibus uerbis me alloquitur: Agnoscis me, serue Dei?

Ad quem ego<sup>6</sup>: Domine mi, numquam amplius in loco isto fui<sup>7</sup>, numquam talem cetum uidi, numquam tantum<sup>8</sup> splendorem sensi, quomodo te cognoscere possum?

At ille: Ego sum Gabriel ille<sup>9</sup> qui semper ad reuelandum<sup>10</sup> misteria Verbi Dei<sup>11</sup> fui<sup>12</sup> missus, cui tu oratione<sup>13</sup> quotidiana te commendas. Ille sum qui Mariam Verbi Dei<sup>14</sup> matrem<sup>15</sup> salutauit, conturbauit et confortauit<sup>16</sup>. Nunc ergo quia Dominus noster [2] uult iterum misereri generi humano et uult mundum purgare<sup>17</sup> cunctis erroribus et ad unum gremium ueritatis reducere omnes homines, et Ecclesie sue preficere pastorem<sup>18</sup> quem ipse elegit ut pascat oues suas et nutriat populum suum in iustitia et ueritate uultque hec secreta sua communicare<sup>19</sup> tibi ut<sup>20</sup> futura que tu non uidebis in carne mortali constitutus nunc<sup>21</sup> uideas<sup>22</sup> et consolationem<sup>23</sup> propter tot labores tuos et desideria tua sentias, et ut omnia diligenter aduertas et in armario tui cordis reponas et conscribas conscriptaque serues et custodias nullique patefacias quousque Deus miserit uirum illum qui librum a te conscriptum aperiet<sup>24</sup> in tempore suo, quando Deo placuerit. Et quia uoluntas Dei est ut multa uana et superflua de fide sua resecentur<sup>25</sup> et<sup>26</sup> ea<sup>27</sup> que sunt credenda pure et

---

<sup>1</sup> Primus Raptus *om. GHJNPV*

<sup>2</sup> Ego *om. J*

<sup>3</sup> anime *HIJLMNOPQRV*, cetus *B*

<sup>4</sup> essem *HIJLMNOPQR*, esse *V*

<sup>5</sup> tremor *HIJKLMNOPQRV*, timor *B*

<sup>6</sup> ego *om. J*

<sup>7</sup> in loco isto fui *om. C*

<sup>8</sup> tantum *HIJLMNRV*, talem *BGEKOPQ*

<sup>9</sup> ille *om. N*

<sup>10</sup> reuelandum *HIJLMNOPRV*, reuelanda *Q*

<sup>11</sup> Dei *om. R*

sum uel *add. C*

<sup>12</sup> fui *om. V*

<sup>13</sup> tu oratione *HIJKLMNORV*, in oratione *CPQ*

<sup>14</sup> Dei *om. N*

<sup>15</sup> matrem *om. R*

<sup>16</sup> salutauit, conturbauit et confortauit *HIKLMNOPQR*, salutauit conturbans et confortans *JV*

<sup>17</sup> purgare *add. N (sup. lin.)*

<sup>18</sup> preficere pastorem *HIJLMNOPQR*, proficere. Pastor *V*

<sup>19</sup> communicare *HIJKLMOPQRV*, manifestare *N (add. in marg. a.m. communicare)*

<sup>20</sup> ut *HIJKLNOQR*, et *MPV*

<sup>21</sup> in spiritu *add. F*, spiritu *add. CQ*

<sup>22</sup> uideas *HIJKLMNPQRV*, audias *O*

<sup>23</sup> sanctificantem *add. C*, animam letificantem *add. HQ*

<sup>24</sup> aperiet *HIJKLMOPQRV*, aperiat *CN*

<sup>25</sup> resecentur *HIJKMNOPQR*, reserentur *L*, resecentur *V*

simpliciter credantur, me misit ut de singulis<sup>28</sup> fidei<sup>29</sup> misteriis te doceam et tu ea conscribi<sup>30</sup> facias. Preparavi tibi illum<sup>31</sup> qui omnia, prout ex<sup>32</sup> ore tuo audierit, conscribet, cuius tempore hec<sup>33</sup> implebuntur<sup>34</sup>. Et pastor ille, quem Deus ipse nouit, cunctis promulgabit. Sed caue ne tu dixeris ea alicui aut reuelaueris, quia uoluntas Dei est ut tempore suo per illum quem ipse uult hec hominibus nota fiant<sup>35</sup>.

Audi igitur et aduerte ad uerba oris mei. Te namque tamquam simplicem et idiotam Deus elegit ut omnes<sup>36</sup> sciant quam magnus est Deus noster<sup>37</sup> et quam potens, qui infirma elegit ut fortia confundat, et idiotas ut<sup>38</sup> sapientes conuertat<sup>39</sup>.

Tunc ego aliquantulum<sup>40</sup> resumpsi uires<sup>41</sup> et ad angelum dixi: O sanctissime angele Dei in quo semper specialem deuotionem habui, gratias imensas ago diuine dispositioni et tuis intercessionibus. Sed ex quo sua<sup>42</sup> infinita miseratione placuit Domino<sup>43</sup> Deo sua misteria<sup>44</sup> mihi pauperculo propalare, dic mihi, rogo<sup>45</sup>, si inueni gratiam coram te, quis est iste tam dignus et celebris cetus et qui sunt isti<sup>46</sup> uiri tam digni tantaque maiestate decorati?

Respondit<sup>47</sup> angelus: Omnes hi<sup>48</sup> te diligunt et omnes exultant quia uident<sup>49</sup> tempus aduenisse nuptiarum Agni quas diu tota celestis curia desiderauit. Illi a latere quasi sinistro seorsum sedentes, antiquitatem et grauitatem ostendentes uultu et gestu, sunt antiqui patres, Adam primus pater hominum, Abel iustus, Noe, Abraham, Moyses, Samuel, Daud rex, Isaias<sup>50</sup>, Ieremias, [3] Daniel et Ezechiel. Ab alio latere quasi dextro est Petrus cum reliquis apostolis. Ille qui inter hos et illos quasi in medio<sup>51</sup> sedet, est Ioannes, precursor Domini, utriusque lateris merita<sup>52</sup> habens et quo nullus nec ante nec post dignior fuit. Et qui iuxta illum sedet est Ioseph, ille qui pater Christi meruit appellari. Multi alii et precipui<sup>53</sup> sanctorum sunt hic iuxta te<sup>54</sup> et in circuitu<sup>55</sup>, de quibus

---

<sup>26</sup> et *HIJLMNOPRV*, ut *Q*

<sup>27</sup> ea *om. C*

<sup>28</sup> singulis *HIJLMNOPQRV*, suis *B*

<sup>29</sup> sue *add. BCEQ*

<sup>30</sup> conscribi *HIJKMNOPQR*, conscribere *LV*

<sup>31</sup> illum *HIJLMNOPRV*, scriptorem *CG* (*O er. scriptorem, add. alias illum*) *Q*

<sup>32</sup> ex *om. V*

<sup>33</sup> hec *om. H*

<sup>34</sup> implebuntur *I(J add. in marg. propalabuntur) KLMOPRV*, propalabuntur *CENQ*  
et cuius tempore hec propalabuntur et implebuntur *add. H (in marg. a.m.)*

<sup>35</sup> nota fiant *HIJKLMNORV*, notificentur *P*, nota faciam *Q*

<sup>36</sup> omnes *om. Q*

<sup>37</sup> noster *om. N*

<sup>38</sup> ut *FHIJLNOPQR*, et *MV*

<sup>39</sup> ut sapientes conuertat *CHIKNOPQR*, ut sapientes conuertant *FJ*, ut sapientes humiliet *L*, et sapientes conuertant *M*, et sapientes conuertat *V*

<sup>40</sup> aliquantulum *HIJMNOPQRV*, aliquantum *L*

<sup>41</sup> resumpsi uires *HIJLMNOPRV*, assumptis uiribus *Q*

<sup>42</sup> sua *om. EV*

<sup>43</sup> Domino *om. ILNOR*

<sup>44</sup> sua misteria *om. B*

<sup>45</sup> rogo *om. CQ*

<sup>46</sup> isti *HIJLMNPQRV*, illi *EO*

<sup>47</sup> Respondit *HIJKLMOPQRV*, Dixit *N*

<sup>48</sup> hi *HIJLMNOPRV*, ii *Q*

<sup>49</sup> uident *HIJKLNOPR*, uidetur *CMQV*

<sup>50</sup> Daud rex, Isaias *om. C*

<sup>51</sup> in medio *om. Q*

<sup>52</sup> merita *HIJLMNOPQRV*, media *B*

<sup>53</sup> precipui *HJKLMNOPRV*, precipue *CBIQ*

<sup>54</sup> hic iuxta te *IJKLMNOPRV*, hunc iuxta *H*, ii iuxta te *Q*

<sup>55</sup> et in circuitu *om. Q*

erit tempore suo occasio loquendi. Sed tu, o frater<sup>56</sup>, suspice<sup>57</sup> superius et Regem simul cum Regina adora.

Suspexi ego et uidi scalam cuius cacumen uidebatur celum tangere, et cum fulgenti diademate uidi Christum Dominum scale innixum. Et scriptura dicebat: "Iterum ueniam ad uos et gaudebit cor uestrum et gaudium uestrum<sup>58</sup> nemo tollet a uobis". Ex alia parte scale scriptum erat: "Apparebit et non mentietur. Si moram tibi facere uidebitur, expecta quia ueniens ueniet". Vidi et Reginam, illius<sup>59</sup> matrem, ipsi Regi innixam, ex cuius ore exhibat scriptura dicens: "Misertus es nostri generis. Festina. Ne tardaueris." Et alia scriptura dirigebatur ad cetum<sup>60</sup> humanum<sup>61</sup> dicens: "Non turbetur cor uestrum, leuate capita uestra, ecce adest redemptio uestra." Vidi quoque in circuitu Regis ac Regine quosdam quos agnoui<sup>62</sup> non<sup>63</sup> esse<sup>64</sup> de<sup>65</sup> genere<sup>66</sup> humano et cogitabam illos esse angelos. Sed mirabar ualde quare<sup>67</sup> ipsi altiores essent omnibus Veteris et Noue Legis patribus.

Et hic incipit prima revelatio<sup>68</sup>.

Sic enim mee admirationi sanctus Gabriel dixit.<sup>69</sup> Noli mirari. Omnes nos, angeli et<sup>70</sup> homines<sup>71</sup>, conciuēs<sup>72</sup> sumus eiusdem patrie. Non tamen omnes homines maiores sunt omnibus angelis neque omnes angeli maiores sunt omnibus hominibus. Sed aliqui de genere uestro maiores<sup>73</sup> sunt omnibus angelis, ut ille Rex Homo et sua mater Regina. Aliqui uestri generis minores<sup>74</sup> sunt omnibus angelis,<sup>75</sup> de quibus dicitur: "Vidi turbam magnam quam dinumerare nemo poterat<sup>76</sup>". Alii sunt nobiscum mixti. Septem<sup>77</sup> angeli sumus qui Genitricem Dei nostri ueneramus, alios omnes uestri generis transcendimus<sup>78</sup>. Hoc ergo, quia non est notum apud uos, intellige illud et scribe, ut pastor uenturus<sup>79</sup> ea possit in orbem terrarum promulgare.

Dixi ego: Domine mi, qui sunt illi<sup>80</sup> septem spiritus omnibus maiores?

Respondit<sup>81</sup>: Sex sursum uides. Si me connumeraueris<sup>82</sup>, septem erimus.

---

<sup>56</sup> o frater *HIJLMNOPQR*, homo frater *V*

<sup>57</sup> suspice *IKLMNOPQR*, suscipe *H(J add. in marg. suspice)*

<sup>58</sup> et gaudium uestrum *add.P (in marg. a.m.)*

<sup>59</sup> illius *HJMNQORV*, ipsius *L*, eius *FP*

<sup>60</sup> cetum *HIJLMNOPQRV*, genus *B*

<sup>61</sup> humanum *HIJKLMOPRV*, hominum *CFNQ*

<sup>62</sup> agnoui *om. B*

<sup>63</sup> non *om. C*

<sup>64</sup> esse *om. G*

<sup>65</sup> de *HIJLMPRV*, ex *BEFGNOQ*

<sup>66</sup> genere *HIJLMNOPRQ*, genero *V*

<sup>67</sup> quare *HIJKLMNOQR*, quia *VP*

<sup>68</sup> Et hic incipit prima revelatio *om. CQV*

<sup>69</sup> Sic enim mee admirationi sanctus Gabriel dixit *om. V*

Tunc angelus Gabriel dixit *E*

<sup>70</sup> uos *add. P*

<sup>71</sup> et *add. N*

<sup>72</sup> conciuēs *HIJKLMNOPRV*, ciues *CQ*

<sup>73</sup> et digniores *add. C*

<sup>74</sup> minores *HIJKLMOPQR*, maiores *NV*

<sup>75</sup> ut ille Rex Homo et sua mater Regina. Aliqui uestri generis minores sunt omnibus angelis, *om. NR*

<sup>76</sup> qui per duodecim milia XII tribuum (nobis *C*)uobis insinuantur in numero determinato tamquam pauciores et prestantiores turba magna (prefiguratur *C*) prefigurati in semine duodecim patriarcharum. *add. CFHQ*

<sup>77</sup> qui per duodecim milia XII tribuum uobis insinuantur in numero determinato tamquam pauciores et prestantiores turba magna prefigurati in semine XII patriarcharum. *add. M (in marg.a.m.)*

<sup>78</sup> transcendimus *HIJKLMNOPRV*, transcendentēs *CQ*

<sup>79</sup> uenturus *om. N*

<sup>80</sup> illi *om. N*

Et ego: Domine [4] mi<sup>83</sup>, que sunt nomina uestra?

Respondit: Primus quem ibi cernis Michael est, quo nullus neque hominum neque angelorum dignior<sup>84</sup>. Ipse est qui cum magno dracone Lucifero<sup>85</sup> confligit illumque superauit. Et ego Gabriel<sup>86</sup> secundus sum. Raphael me sequitur et Vriel Raphaellem et alii eum.<sup>87</sup>

Tunc ego: Ergo neque Ioannes Baptista neque ullus<sup>88</sup> apostolorum equabitur uobis?

Et ille: Satis fuit et ualde satis generi uestro quod Dominus<sup>89</sup> noster se fecerit<sup>90</sup> hominem et non apprehenderit<sup>91</sup> aliquem ex nobis. Satis est uobis ut Genitrix illius Regis nostri, ueri Dei et ueri hominis, sit prelata omnibus angelis.<sup>92</sup> Quod quidem<sup>93</sup>, ut<sup>94</sup> quidam de hic<sup>95</sup> assistentibus dixit", et ostendebat beatum Ieronimum, "de nullo aliorum<sup>96</sup> sanctorum<sup>97</sup> fas est credere ut scilicet<sup>98</sup> sit sublimatus supra merita omnium angelorum et archangelorum<sup>99</sup>, nomine archangeli non intelligendo chorum secundum ascendendo, sed omnes qui dicuntur superiores angeli. Dictum<sup>100</sup> tamen illud non fuit cordibus uestris impressum<sup>101</sup>, nam quottidie sanctos uestros preponitis omnibus nobis<sup>102</sup>.

Et ego dixi: Domine mi, ego<sup>103</sup> semper credidi meum patrem beatum<sup>104</sup> Franciscum maiorem esse omnibus angelis. Et contentio fuit quis maior esset, Franciscus an Ioannes Baptista et Petrus apostolus<sup>105</sup>.

Gabriel<sup>106</sup> respondit<sup>107</sup>: Magnus est uir ille. Respice ad latus dextrum et uidebis eum<sup>108</sup>.

---

<sup>81</sup> Respondit *om. R*

Angelus *add. N*

<sup>82</sup> connumeraueris *HJKLMNPRV*, consideraueris *Q*

<sup>83</sup> Domine mi *om. CQ*

<sup>84</sup> est *add. BCQ*

<sup>85</sup> Lucifero *om. P*

<sup>86</sup> licet similimus illi *add. F(M in marg.a.m.)*

<sup>87</sup> Et ego inspiciebam in primos duos et non poteram inter eos discernere. Angelus (id *add. F*) uidens ait: "Futurum est ut magni et electi inter uos me putabunt Michaele digniorem". Nec mirum quia que parum differunt neque differre uidentur. *add. CFH (M in marg.a.m.)Q*

<sup>88</sup> ullus *HJKLMONPQR*, nullus *V*

<sup>89</sup> Dominus *HJLMNPQV*, Deus *IOR*

<sup>90</sup> fecerit *HJLMNOPQRV*, fecit *B*, faceret *C*

<sup>91</sup> apprehenderit *HJKLMNOPQRV*, apprehendit *B*, apprehenderet *C*

<sup>92</sup> Satis est uobis ut Genitrix illius Regis nostri, ueri Dei et ueri hominis, sit prelata omnibus angelis. *om.*

*G*

<sup>93</sup> quidem *om. CQ*

quod quidem *om. N*

<sup>94</sup> quidem ut *om. V*

<sup>95</sup> hic *HJLMNOPR*, iis *Q*, his *V*

<sup>96</sup> aliorum *HJLMOPQRV*, alio *N*

<sup>97</sup> sanctorum *om. Q*

<sup>98</sup> ut scilicet *IJKLMNOPQRV*, ut supra *B*, quod *E*, *om. G*, ut sanctus *H*

<sup>99</sup> et archangelorum *om. B*, *add. O (sup. lin.a.m.)*

<sup>100</sup> omnes qui dicuntur superiores angeli. Dictum tamen illud *HJKLMNOPQR*, omnes qui dicuntur superiores angeli. Hoc tamen *E*, omnes dicuntur superiores. Angeli dictum tamen *V*

<sup>101</sup> impressum *HJMNOPQV*, expressum *ILR*

<sup>102</sup> preponitis omnibus nobis *LMNOPQ*, preponit in omnibus nobis *V*

<sup>103</sup> ego *om. N*

<sup>104</sup> beatum *HJLMOQRV*, *om. N*, sanctum *P*

<sup>105</sup> quos tamen angelos omnes anteire (credebant *C*) credebam *add. CFH (M in marg.a.m.)Q*

<sup>106</sup> Angelus *add. N*

<sup>107</sup> respondit *HJMNOPQV*, dixit *LR*

<sup>108</sup> eum *HJLMNOPRV*, illum *Q*

Respexi et inter apostolos uidi ipsum<sup>109</sup> et plurimos alios et dixi: Domine mi, nonne duodecim sunt apostoli? Et Paulum et Barnabam, Lucam et Marcum<sup>110</sup> connumerando<sup>111</sup> sexdecim? Ego autem uideo inter illos<sup>112</sup> plurimos alios.

Respondit: Nonne audisti in Euangelio: "Vos qui reliquistis omnia et secuti estis me, sedebitis super sedes duodecim" ? Et centum et mille, quotquot tales fueritis sicut fuerunt<sup>113</sup> tunc illi qui dixerunt<sup>114</sup>: "Ecce<sup>115</sup> relinquimus omnia et secuti sumus te"<sup>116</sup>.

Postquam itaque tremebundus simul ac letus Dominum, Regem nostrum, et Reginam utroque poplite cum maxima reuerentia adorauit, quod subito feci ut ipsum inspexi<sup>117</sup>, dixit<sup>118</sup> angelus: quia cum angelo loqueris, de angelis loquamur. Accipe<sup>119</sup> de nostra creatione secundam reuelationem.

Tunc ego: Accipiam, mi Domine, si dicere placuerit.<sup>120</sup>

De creatione nostra, inquit ille<sup>121</sup>, uario modo<sup>122</sup> locuti sunt etiam sancti Dei homines. Philosophi nonnulli<sup>123</sup> putauerunt nos eternos et nature diuine<sup>124</sup> esse ita quod<sup>125</sup> nullo modo possemus deficere, non cognoscentes<sup>126</sup> solum Deum esse [5] regem<sup>127</sup> seculorum ex se immortalem. Sed isti qui Verbi Dei fidem sequuntur<sup>128</sup>, alii putauerunt nos fuisse<sup>129</sup> creatos per multa secula ante totum mundum sensibilem<sup>130</sup>, alii tam tarde quod post hominem<sup>131</sup>, alii prima die simul<sup>132</sup> cum celo empyrio. Sed Deus<sup>133</sup>, quem illi scale innixum uides, hec pastorem suum promulgare uult omnibus populis nos

---

<sup>109</sup> ipsum *HIJMNOPQRV*, illum *BL*

<sup>110</sup> Marcum *HIJMNOPQRV*, Matheum *L* (*cor. in marg. a. m. Marcum*)

<sup>111</sup> connumerando *HIJKLMNORV*, numerando *C*, *om. E*, connumerabo *P*, numerabo *Q*

<sup>112</sup> illos *HJMNOV*, ipsos *ILR*, istos *P*

<sup>113</sup> fuerunt *HJKMOPQV*, fuerant *BIFLNR*

<sup>114</sup> sicut fuerunt illi qui tunc dixerunt *HIJKLMNOPQR*, sicut fuerunt. Tunc illi dixerunt *V*

<sup>115</sup> nos qui *add. Q*

nos *add. CEO*

<sup>116</sup> et omnes numerati nomine duodecim apostolorum suo modo uocantur *add. C*

et omnes in XII sedibus sedent quia omnes meritis (nuntiis *F*) XII apostolorum suo modo quoaquantur *add.FH* (*M in marg.a.m.*)

et omnes in duodecim sedent quia omnes numerantur nomine duodecim apostolorum suo modo uocantur (*?*) *add. Q*

<sup>117</sup> feci ut ipsum inspexi, dixit *IKLNOMR*, feci cum ipsum inspexi. Dixit *F*, feci ut ipsos inspexi *FH*, feci ut ipsum inspexi. Dixit *P*, feci ut ipsum respexi, dixit *CJQ*, feci, ipsum respexi. Dixit *V*

<sup>118</sup> post ea que et iam dixerat *add. F* (*M in marg. a.m.*)

angelus *om. N*

<sup>119</sup> de angelis loquamur. Accipe *HJKMNOQV*, et de angelis loquimur, accipe *ILR*

<sup>120</sup> De creatione angelorum *add. B* (*G in marg.a.m.*), *add. K in marg.*, 2<sup>a</sup> Reuelatio *add. H* (*in marg. a.m.*), De 2<sup>a</sup> reuelatione Angelorum et creatione *add. L*, Secunda reuelatio *add. EP*

<sup>121</sup> ille *om. V*

<sup>122</sup> uario modo *HIJKLMNOQRV*, in uario *P*

<sup>123</sup> nonnulli *HIJKLMOPQRV*, aliqui *FN*

<sup>124</sup> diuine *HIJKLMOQRV*, diuina *N*, diuinos *P*

<sup>125</sup> ita quod *ILKNOPQRV*, itaque *HJM*

<sup>126</sup> cognoscentes *EGHIJKL* (*M sup. lin.a.m. considerantes*) *NOPQRV*, considerantes *F*

<sup>127</sup> Regem *HIJLMNOPQR*, regimen *V*

<sup>128</sup> sequuntur *HIJLMNOQPR*, sectuntur *V*

<sup>129</sup> fuisse *HIJLMOPQRV*, esse *N*

<sup>130</sup> et omne corporeum *add. FH* (*M in marg. a.m.*) *Q*

<sup>131</sup> alii tam tarde quod post hominem *om. Q*

hominem *HIJLMOPQRV*, creationem *N*

<sup>132</sup> simul *om. Q*

<sup>133</sup> Deus *HIJLMNPQRV*, Dominus *O*

angelos simul cum celo empyrio fuisse creatos per multa seculorum<sup>134</sup> intelligibilia secula<sup>135</sup> ante omnem diem illorum sex dierum, hoc est, ante aliarum rerum productionem et distinctionem<sup>136</sup>. Et hoc est<sup>137</sup> quod dixit senex ille, et ostendebat<sup>138</sup> Moysen: "In principio creauit Deus celum et terram". In principio, hoc est, longe ante omnem diem<sup>139</sup>, neque scitur numerus illius durationis, ideo scriptum est: "Et dies seculi quis enumerabit<sup>140</sup>", creauit Deus<sup>141</sup> celum et celicolas, habitationes et habitatores<sup>142</sup> et terram. Non elementum infimum, sed terram, hoc est, materiam primam. Et ita nos angeli per multa secula, antequam uos homines essetis creati<sup>143</sup>, laudauimus nomen Domini. Vnde scriptum est: Vbi eras tu quando me laudabant astra matutina?

Tunc ego: Nonne omnia<sup>144</sup> opera Dei facta sunt in sex diebus?

Respondit<sup>145</sup>: A principio illo terre et celi<sup>146</sup> creationis, terra, idest materia, stetit et mansit inanis et uacua et super eam erant tenebre idest confusio et chaos, quia et omnia producenda erant in<sup>147</sup> ipsa confusa. Et super eam ferebatur Spiritus Domini, quia uoluntas eius et bonitas erat parata communicare etiam aliis quam nobis angelis ueritatem et bonitatem et esse. Creatio igitur nostra et celi et terre seu abyssi uel aque, hoc est, materie prime, fuit ante<sup>148</sup> omnem diem illorum sex dierum. Quando ergo placuit Deo, dixit: "Fiat lux. Et facta est lux. Et uidit Deus lucem quod esset bona<sup>149</sup>. Diuisitque lucem a tenebris. Appellauit lucem diem et tenebras noctem. Et factum est uespere et mane dies unus". A creatione igitur lucis illius incepit prima dies<sup>150</sup>.

Tunc ego: Domine mi, fueruntne illi dies unus post alium?

Respondit: Fuerunt unus post alium, neque Deus uoluit omnia<sup>151</sup> facere simul, cum tamen potuisset. Sicut enim omnia simul uoluit in eternitate et omnia opera sex dierum<sup>152</sup> ex eadem materia produxit, sic poterat omnia simul producere<sup>153</sup>, sed noluit<sup>154</sup>.

<sup>134</sup> ante totum mundum sensibilem, alii tam tarde quod post hominem, alii prima die simul cum celo empyrio. Sed Deus, quem illi scale innixum uides, hec pastorem suum promulgare uult omnibus populis nos angelos simul cum celo empyrio fuisse creatos per multa seculorum *om. C*

<sup>135</sup> per multa seculorum intelligibilia secula *FGHIJLMNOPQRV*, per multa tempora intellegibilia secula *K*, seculorum curricula *E*

quia tempus non erat *add. F (M in marg.a.m.)*

<sup>136</sup> et distinctionem *om. CQ*

<sup>137</sup> est *om. JV*

<sup>138</sup> ostendebat *HJKLMNPRV*, ostendit *Q*

<sup>139</sup> ac si dixisset primum et ante omnia *add. CF (M in marg.a.m.) Q*  
et ante omnia *add. H*

<sup>140</sup> enumerabit *HILMOPQ*, numerauit *C*, enumerauit *N*, dinumerabit *ERV*, connumerabit *J*, dinumerauit *K*  
ideo scriptum est: "Et dies seculi quis enumerabit". *om. F*

<sup>141</sup> Deus *EGHIJL(M add. in marg. Dii, hoc est, trinus) NOPQRV*, Dii, hoc est, trinus Deus *F*

<sup>142</sup> habitationes et habitatores *HILNORV*, habitationem et habitatorem *M*, habitationem et habitatores *EFJKP*, habitationes et habitantes *Q*

<sup>143</sup> essetis creati *HILMNOPRV*, essetis et alia creati *F*, essetis et alia creata *CQ*

<sup>144</sup> omnia *om. BV*

<sup>145</sup> Respondit *om. C*  
Angelus *add. N*

<sup>146</sup> a principio illo terre et celi *EJKM*, in principio illo nature et celi *B*, a principio illo nostre creationis et celi *C*, a principio illo celi et nostre *HINQR*, a principio illo nature et celi *GO*, a primo illo nostri et celi *L*, a principio ideo tempore et celi *P*, a principio illo tempore et celi *V*

<sup>147</sup> in *HIJLMNOQR*, et *P*, etiam *V*

<sup>148</sup> ante *HIJLMNOPQR*, antequam *M (er. quam) V*

<sup>149</sup> quod uidelicet haberet bonitatem et esse ex causa in seipsa. *add. H*

non quod uidelicet haberet bonitatem et esse extra causam in seipsa *add. F (M in marg.a.m.)*

<sup>150</sup> si ad hanc constructionem attendas *add. H*

<sup>151</sup> omnia *HIJLMNOPQR*, omnino *V*

<sup>152</sup> in eadem materia simul creauit, *add. CF (M in marg.a.m.) Q*

Tunc ego: Que fuit<sup>155</sup> lux illa<sup>156</sup> sic ante alia creata, non possum intelligere?

Respondit: Multis modis apud uos dicitur. [6] Sed ego dico tibi quod fuit Sol iste corporeus qui omnia illuminat et est tamquam oculus mundi<sup>157</sup> et causa precipua rerum generabilium. Et illa die facti sunt omnes celi planetarum et celum quod sub celo empyrio est, quod uos uocatis primum mobile, quia celum empyrium immobile<sup>158</sup> est et firmum ac stabile, domus ac locus<sup>159</sup> includens omnia corpora<sup>160</sup>. Dico tibi, frater, quod philosophus habuit<sup>161</sup> magnum dubium quomodo possent omnes celi moueri et maxime primum celum<sup>162</sup> quod non est in loco.<sup>163</sup> Tu, audi me: non potuissent moueri corpora celestia nisi fuissent<sup>164</sup> in loco<sup>165</sup> in quo essent clausa<sup>166</sup>, ipso in quiete permanente, et ipsum<sup>167</sup> etiam moueri posset<sup>168</sup> si ab alio circumdaretur loco. Eadem die creauit Deus omnia elementa<sup>169</sup>. Solum noluit creare firmamentum, hoc est, celum stellatum neque uoluit<sup>170</sup> creare Lunam neque alias stellas, sed reseruauit creationem illorum<sup>171</sup> pro aliis diebus. Et tunc ex nostris fratribus angelis cuilibet celo dedit proprium motorem<sup>172</sup>. Motus enim est ab uno fratre nostro Sol<sup>173</sup> iste radians illa die<sup>174</sup> absque impulsu firmamenti. Nondum enim erat<sup>175</sup> firmamentum. Et sic primum mobile, quod prophete celum aqueum<sup>176</sup> uocant<sup>177</sup>, non contingebat celos planetarum, sed erat<sup>178</sup> distantia nimis magna inter celos planetarum<sup>179</sup> et celum aqueum<sup>180</sup>. Motus est Sol a primo

---

ex eadem materia simul creauit et *add. H*  
<sup>153</sup> producere *HJMNOQV*, facere *ILR*  
disiunctim *add. C* disiuncte *add. Q*, distincte *add. H*  
<sup>154</sup> ut se uoluntarie et non necessario creaturas producere insinualet. *add. CF (M in marg.a.m.) Q*  
ut se uoluntarie et non necessario creaturas producere et unam sine alia insinualet. *add. H*  
<sup>155</sup> Que fuit *HIJKLMOPQRV*, Qua fuerit *N*  
<sup>156</sup> illa *HIJLMNOQRV*, prima *P*  
<sup>157</sup> mundi *HIJLMNOPRQ*, mundus *V*  
<sup>158</sup> quia celum empyrium immobile *add. O (in marg.a.m.)*  
<sup>159</sup> est *add. CQ*  
<sup>160</sup> corpora *BGHKMNP*, corporea *IJLOQRV*  
<sup>161</sup> philosophus habuit *HIJKLMNPQRV*, philosophis fuit *O*  
<sup>162</sup> primum celum *EFHIJKLMN(O add. celum in marg.a.m.)P(Q add. mobile)RV*, primum mobile *G*  
<sup>163</sup> Moueri autem in loco et in loco non esse non bene conueniunt. *add. FH(M in marg.a.m.)*  
<sup>164</sup> fuissent *HIJMNOQRV*, essent *L*  
<sup>165</sup> hoc est, in alio corpore *add. CFH(M in marg.a.m.) Q*  
<sup>166</sup> clusa *HIJLMNOPRQ*, causa *V*  
<sup>167</sup> ipsum *HIJMNOQRV*, ipse *L*  
<sup>168</sup> posset *HIJLMNOQRV*, possit *P*  
<sup>169</sup> sed *add. V*  
<sup>170</sup> uoluit *HIJMNOQRV*, noluit *L*  
<sup>171</sup> illorum *HIJMNOQRV*, earum *LQ*  
<sup>172</sup> ut inclinationem talium corporum ad talem motum perficerent ueluti siquis graue deorsum aut leue sursum impelleret quasi coadiuuando et dirigendo. *add. F*  
ut inclinationem talium corporum ad talem motum perficeret ueluti siquis graue deorsum aut leuem sursum impelleret quasi readiuuando et dirigendo. *add. H*  
ut inclinationem talium corporum ac talem motum perficerent ueluti siquis graue deorsum aut leuem sursum propelleret quomodo adiuuando et dirigendo. *add. M (in marg.a.m.)*  
<sup>173</sup> Sol *HJLMNOQRV*, sed *I*  
<sup>174</sup> qua factus est *add. E*  
<sup>175</sup> erat *om. V*  
<sup>176</sup> aqueum *HILMNOPQRV*, magnum *J*  
<sup>177</sup> uocant *HIJLMOPQRV*, nominant *N*  
<sup>178</sup> erat *HJMNOQV*, est *ILR*  
<sup>179</sup> sed erat distantia nimis magna inter celos planetarum *om. BGJ*  
<sup>180</sup> Distantia illa non est sine re aliqua inclusa inter ea que distant, in quo theologi uestri non intellexerunt ueram mentem philosophi, ponentes uacuum, de quo fuit sermo. Res illa erat materia extensa de qua firmamentum erat producendum. Vnde postquam celum empyrium fuerat creatum, materia illa implebat omnia que nunc implent elementa et celestia corpora. *add. F(M in marg.a.m.)*

puncto<sup>181</sup> in quo fuit creatus et peruenit ad ultimum illius hemispherii quod est iuxta paradysum uoluptatis. Et sic transiuit ad hemispherium aliud<sup>182</sup>. Et quousque rediit ad punctum creationis, fluxerunt uiginti quattuor<sup>183</sup> hore. Et sic<sup>184</sup> a primo mane, perueniendo ad aliud, transeundo per<sup>185</sup> uesperam, factus est dies primus<sup>186</sup>. In hac prima die<sup>187</sup>, primo creauit Solem cum<sup>188</sup> suo orbe<sup>189</sup>, deinde celum<sup>190</sup> aquarum quod etiam<sup>191</sup> cristalinum uocare consueuistis, deinde celos<sup>192</sup> planetarum cum<sup>193</sup> locis deputatis planetis, postea quattuor elementa ita quod Sol in illo<sup>194</sup> hemispherio paradisi per duodecim horas non fuit uisus. Deinde cepit<sup>195</sup> oriri et tunc incepit alia dies in qua Deus fecit firmamentum, celum uidelicet medium<sup>196</sup> inter celos planetarum et celum aquarum. Et designauit quasi globos omnibus stellis<sup>197</sup> quas tamen tunc perficere noluit.<sup>198</sup>

---

<sup>181</sup> puncto *add. M (sup.lin.)*

<sup>182</sup> aliud *HIJLMNOPQV*, illud *R*

<sup>183</sup> uiginti quattuor *HIJLMNOPQV*, 20 *R*

<sup>184</sup> Et sic *HIJLMNOPRV*, ex hic *CQ*

<sup>185</sup> per uesperam *HIJLMNOPQR*, per uesperas *E*, ad uesperam *V*

<sup>186</sup> Et tunc etiam celi superiores sunt moti quia erant in loco quamuis non proprio quia sub materia extensa ex qua creandus erat locus proprius planeta Saturni. Distantia uero non est sine re aliqua inclusa inter ea que distant, in quo theologi uestri non intellexerunt ueram mentem, philosophi ponentes uacuum, de quo fuit sermo. Res illa erat materia extensa de qua firmamentum erat producendum. Vnde postquam celum empyrium fuerat creatum, materia illa implebat omnia que nunc implement elementa et celestia corpora. *add. H*

Et tunc etiam celi superiores fuerunt moti quia erant in loco quamuis non proprio quia sub materia extensa ex qua creandus erat locus proprius planeta Saturni. *add. F (M in marg.a.m.)*

<sup>187</sup> et non simul, creauit omnia ista sed *add. F (M in marg.a.m.)*

<sup>188</sup> cum *HIJMNOPQRV*, in *L*

<sup>189</sup> tamquam mensuram diei et noctis *add. H (M in marg.a.m.)*

<sup>190</sup> uel celos aquarum. Dicunt enim uestri prophete in plurali numero aque que super celos sunt *add. F*

<sup>191</sup> celum *add. BNQ*

<sup>192</sup> celos *HIJLMNOQRV*, celum *P*

<sup>193</sup> globis et *add. FH (M sup. lin.a.m.)*

<sup>194</sup> illo *HIJLMNOPQR*, quo *JV*

<sup>195</sup> cepit *HIJMNOPQRV*, incepit *L*

<sup>196</sup> celum uidelicet medium *HIJKMNOPQR*, celum, uersus medium *L*

<sup>197</sup> Et tunc etiam celi superiores fuerunt moti quia erant in loco quamuis non proprio quia sub materia extensa ex qua creandus erat locus proprius planete Saturni. Distantia uero non est sine re aliqua inclusa inter ea que distant, in quo theologi uestri non intellexerunt ueram mentem (philosophi ponentis *C*) ibi ponentes uacuum, de quo fiet sermo. Res illa erat materia extensa de qua formam entium erat producendum. Vnde postquam celum empyrium fuerat creatum, materia illa implebat omnia que nunc implement elementa et celestia (corporea *C*) corpora. In hoc uero primo die et non simul creauit omnia ista sed perficere noluit *add. CQ*

Et tunc etiam celi superiores sunt moti quia erant in loco quamuis non proprio quia sub materia extensa ex qua creandus erat locus proprius planeta Saturni. Distantia uero non est sine re aliqua inclusa inter ea que distant, in quo theologi uestri non intellexerunt ueram mentem, philosophi ponentes uacuum, de quo fuit sermo. Res illa erat materia extensa de qua firmamentum erat producendum. Vnde postquam celum empyrium fuerat creatum, materia illa implebat omnia que nunc implement elementa et celestia corpora. *add. H*

<sup>198</sup> Sed successiue in tota secunda die produxit signa duodecim et alias stellas uisu perceptibiles ac imperceptibiles in globis. Itaque globos omnium syderum astrorum uel stellarum non simul produxit sed successiue. *add. H*

Nec hec omnia simul fecit, sed successiue. In tota secunda die produxit signa XII et alias stellas uisu perceptibiles et imperceptibiles in globis suis, ita quod globos omnium siderum, astrorum uel stellarum non simul produxit sed successiue. *add. F*

Nec hec omnia facta sunt successiue in toto. Secunda die produxit signa XII et alias stellas uisu perceptibiles et imperceptibiles in globis suis ita quod globos omnium siderum et astrorum uel stellarum non simul produxit sed successiue. *add. M (in marg.a.m.)*

Vide, conserue Dei, quod Deus poterat facere et fecit ut celum inferius moueretur superiori non moto, immo non existente, et quia mirabile est et mirificum<sup>199</sup> illud celum in quo posuit Deus duodecim signa et omnes stellas. Iccirco illud sicut<sup>200</sup> et empyrium uoluit<sup>201</sup> una die [7] solum<sup>202</sup> creare et condere ut ostendat<sup>203</sup> omnia esse ab ipso et quod posset<sup>204</sup> uni sine alio dare esse<sup>205</sup>. "Magnus est Deus<sup>206</sup> noster et magnitudinis eius non est finis",<sup>207</sup> declarabit pastor Dei et ostendet hec populis et linguis et omnes laudabunt nomen Domini. Noli per firmamentum illum locum intelligere ubi nubes condensantur, quia<sup>208</sup> illud<sup>209</sup> non est celum neque in eo<sup>210</sup> Deus posuit stellas.<sup>211</sup> Sed celum sydereum dicitur firmamentum et ipsum<sup>212</sup> est precipue<sup>213</sup> nominatum celum, quia primum inter uisibilia et altissimum et admirande uirtutis et potestatis<sup>214</sup>.

Tunc ego recordatus sum quod die quarta fecit Deus duo<sup>215</sup> luminaria magna et dixi: Domine mi, nonne quarta die factus est Sol?

Dixit: Quarta die fecit Deus luminaria in firmamento, quod est celum precipuum, ut uirtute sua ad inferiora transfusa preessent his inferioribus et ostenderent<sup>216</sup>, lucendo in nocte et non in die in conspectu Solis, diuisionem diei et noctis et pluribus earum<sup>217</sup> coniunctionibus inter se et cum planetis fierent signa multorum euentium et<sup>218</sup> distinguerent tempora, dies et annos<sup>219</sup>. Nam aliqui dies et anni et aliqua tempora sunt unius conditionis et aliqua alterius<sup>220</sup>. Quarta igitur die<sup>221</sup> facta sunt omnia celestia luminaria preter Solem, qui prima die creatus est, non tantum quia<sup>222</sup> uideatur<sup>223</sup> prestantior<sup>224</sup> aliis luminaribus, sed propter distinctionem diei et noctis et unius diei ab alio. Quando<sup>225</sup> ergo dicitur: "Fecitque Deus duo luminaria magna", non dicit<sup>226</sup> quod

---

<sup>199</sup> mirificum *HIJLMNOPQRV*, magnificum *B*

<sup>200</sup> sicut *om. N*

<sup>201</sup> ante omnem diem *add. FH*

<sup>202</sup> solum *EGHIJKLMNOPQRV*, solem *C*, tota *F*

<sup>203</sup> ut ostendat *HIJKLMNOPRV*, et ostendit *Q*

<sup>204</sup> et quod posset *HIJKLMNOPRV*, potest *E*, et potuit *CQ*

<sup>205</sup> Et iste fuit ordo prius ante tempora (et tempore *F*). Sed (licet *F*) eadem die creauit Solem cum orbe suo, deinde 4or elementa, 3º celos planetarum superiorum et tum moueri quasi in loco proprio existens, quarto celos planetarum inferiorum ad hoc ut ostenderet se posse sine superioribus inferiora et producere et gubernare et quia nisi terra interueniente non fieret diuisio diei et noctis, prius creauit Terram et allia elementa... *add. F (M in marg.a.m.)*

<sup>206</sup> Deus *HIJMNOPRV*, Dominus *LQ*

<sup>207</sup> finis *HIJMNOPQRV*, numerus *L*

<sup>208</sup> in *add.NV*

<sup>209</sup> illud *HIJLMNOPRV*, illum *CQ*

<sup>210</sup> eo *HIJLMOPQRV*, illo *N*

<sup>211</sup> neque firmamentum apud prophetas dicitur supremum celum *add. FH (M in marg.a.m.)*

<sup>212</sup> ipsum *HIJLMNOPRV*, illud *Q*

<sup>213</sup> precipue *HJKLNOPRQ*, precipuum *MV*

<sup>214</sup> potestatis *HIJLMNOPQV*, potestas *R*

<sup>215</sup> duo *add.M (sup. lin.)*

<sup>216</sup> ostenderent *HIJKLMNOQRV*, ostenderet *GP*

<sup>217</sup> earum *HIJKLMNPQRV*, eorum *EO*

<sup>218</sup> et *HIJLMNOQRV*, quod *P*

<sup>219</sup> tempora, dies et annos *HIKLMNOPQRV*, ipsa dies et annos *J*

<sup>220</sup> sunt unius conditionis et aliqua alterius. *IJKLMNOPQRV*, sunt pene consimilis conditionis, aliqua dissimilis *F*, sunt pene similes et unius conditionis et aliqua dissimilis et alterius *H*

<sup>221</sup> non solum omnes stelle sed *add. FH (M in marg.a.m.)*

<sup>222</sup> quia *HIJLMNOPQR*, quod *V*

<sup>223</sup> uideatur *HJKLMNOPQV*, uidetur *C*, uidebatur *EIR*

<sup>224</sup> omnibus *add. N*

<sup>225</sup> alio. Quando *HIJNOPQRV*, alio, quoniam *LM*

<sup>226</sup> dicit *HIJKLMNOPRV*, dixit *CQ*

utrumque fecerit<sup>227</sup> illa die, sed enumerat<sup>228</sup> luminaria facta. Et prima die et quarta die fecit Deus inter alia luminaria duo apud uos homines maiora uisu et notiora necnon et admirabiliora<sup>229</sup>.

Rediens ad cauernam meam, uocato a Deo preparato mihi scriptore,<sup>230</sup> hec pro futuro pastore<sup>231</sup>, Domino iubente, subito scribi feci.<sup>232</sup>

---

<sup>227</sup> fecerit *HIJLMNPRV*, fuerit *E*, fecit *CQ*

<sup>228</sup> enumerat *CHIJKLNOPQRV*, commemorat *FM*

<sup>229</sup> Luminare quidem maius quod preesset diei quia, illo existente super (supra *F*) uos, esset uobis dies, et luminare minus ut preesset nocti, quia (quod *F*) in absentia Solis lumen suum mutuatum diffunderet, et stellas quas omnes quandoque, planetis exceptis, posuit in firmamento celi, hoc est, in celo quod dicitur permanentem (firmamentum *F*) ut luceant super Terram et lumine suo atque influxu continuo preessent toti Terre die et nocte et diuiderent lumen (lucem *F*) a tenebris. Et (quia *F*) dum super (supra *F*) uos lucent, uno modo in uos influunt, dum a uobis absconduntur occidendo, alio uos respiciunt. Et uidit Deus quod omne (illa die *add. F*) sic creatum esset bonum sicut et aliis quia habebat bonitatem et esse in se, eum et intellectum (estra causam *F*) et ea que semper uiderat ut futura tunc uidit (ut existentia *add. F*).  
*add. F (M in marg. a.m.)*

<sup>230</sup> Franciscus Blondus *add. C*

<sup>231</sup> hec pro futuro pastore *om. CNQ*

<sup>232</sup> Finis primus raptus *add. L*

[fl. 1]

## PRIMEIRO ARREBATAMENTO

Eu, Amadeu, fui arrebatado da minha gruta, onde estava em oração, para uma colina e para uma Assembleia onde estavam perante Deus os anjos e as almas dos santos que honramos e veneramos. E, enquanto aí estava, invadiu-me pavor e tremor. Incapaz de proferir palavra, era como um homem incapacitado de sentir e de pensar. Surgiu então à minha frente um varão de aspecto distinto, de face e veste brilhantes, que me dirige estas palavras: Reconheces-me, servo de Deus?

Meu senhor, respondi-lhe, jamais estive neste lugar, nunca vi semelhante Assembleia, nunca me vi envolvido em tão grande magnificência, como posso conhecer-te?

Eu sou Gabriel, retorquiu, aquele que sempre foi mandado a revelar os mistérios do Verbo de Deus, a quem tu te encomendas na tua oração quotidiana. Sou aquele que saudou, conturbou e confortou Maria, a Mãe do Verbo de Deus. Agora, pois, que nosso Senhor **[fl. 2]** quer de novo apiedar-se do género humano e quer purificar o mundo de todos os erros e reconduzir todos os homens ao seio da única verdade e quer pôr à frente da sua Igreja o Pastor por ele escolhido para que apascente as suas ovelhas e alimente o seu povo na justiça e na verdade, quer partilhar contigo estes seus segredos a fim de que vejas agora o futuro que não verás na situação de vida mortal e sintas satisfação de todos os teus trabalhos e anseios, e para que a tudo prestes diligente atenção, o encerres no escrínio do teu coração e o escrevas, preserves o escrito e o guardes e a ninguém o dês a conhecer até que Deus envie o homem que, no tempo oportuno, quando a Deus aprouver, há-de abrir o livro por ti escrito.

E visto ser vontade de Deus que se erradiquem da sua fé muitas coisas vãs e supérfluas e se creia com pureza e simplicidade naquilo em que se deve crer, enviou-me para que te instrua sobre cada um dos mistérios da fé e tu os mandes escrever. Preparei-te quem tudo há-de escrever conforme o ouvir da tua boca, em cujo tempo se hão-de realizar estas coisas. E aquele Pastor, que o próprio Deus conhece, dá-las-á a conhecer a todos. Mas, cuidado, não o digas, nem o reveles a quem quer que seja, pois é vontade de Deus que estas coisas sejam dadas a conhecer aos homens, no tempo próprio, por quem ele pretende. Ouve, pois, e presta atenção às minhas palavras: escolheu-te Deus a ti, enquanto simples e ignorante, para que todos saibam como é grande e poderoso o nosso Deus, que escolheu a fraqueza para confundir a força e os ignorantes para converter os sábios<sup>[1]</sup>.

Reuni então algumas forças e disse ao anjo: Dou infindas graças, santíssimo anjo de Deus a quem sempre dediquei especial devoção, ao plano divino e às tuas intercessões. Contudo, já que aprovou ao Senhor Deus na sua infinita misericórdia mostrar-me a mim, pobrezinho, os seus mistérios, diz-me, peço-te, se achei graça diante de ti, quem é esta tão digna e tão numerosa Assembleia e quem são estes tão dignos varões revestidos de tanta majestade?

Todos estes, respondeu o anjo, te consideram e todos exultam porque vêm chegado o tempo das *Núpcias do Cordeiro*<sup>[2]</sup>, que toda a Corte Celeste desejou durante tanto tempo. Aqueles que se sentam à parte, como que do lado esquerdo, ostentando vetustez e nobreza na face e no porte são os antigos Padres: Adão, o primeiro pai da humanidade, o justo Abel, Noé, Abraão, Moisés, Samuel, o rei David, Isaías, Jeremias, **[fl. 3]** Daniel e Ezequiel. Do outro lado, como se fosse o direito, está Pedro com os restantes apóstolos. Aquele que se senta entre uns e outros, como que no meio, é João, o precursor do Senhor. Desfruta dos méritos de ambos os lados. Não houve, nem antes nem depois, alguém que lhe fosse superior em dignidade. O que se senta ao lado dele é José, aquele que mereceu ser chamado pai de Cristo. Muitos outros e os mais importantes santos estão

aqui, perto e em redor de ti. Deles haverá oportunidade de falar na hora certa. Tu, porém, irmão, eleva o teu olhar e adora ao mesmo tempo o Rei e a Rainha.

Elevei o olhar e vi um trono cujo cimo parecia tocar o Céu. Vi, sentado nele, Cristo, o Senhor, com fulgente diadema. Uma inscrição dizia: *Virei de novo para junto de vós e o vosso coração alegrar-se-á. A vossa alegria ninguém vo-la roubará.*<sup>[3]</sup> Do outro lado do trono estava escrito: *Virá e não mente. Se te parecer que demora, espera porque, de certeza, virá.*<sup>[4]</sup> Vi também a Rainha, sua Mãe, ao lado do próprio Rei, de cuja boca saía uma inscrição que dizia: *Apiedou-se da nossa raça. Apressa-te, não tardes.*<sup>[5]</sup> Uma outra inscrição dirigia-se para a assembleia dos humanos e dizia: *Não se perturbe o vosso coração, levantai a cabeça, eis que a vossa redenção está próxima.*<sup>[6]</sup> Vi também, em torno do Rei e da Rainha, alguns que reconheci não serem da raça humana. Pensava que fossem anjos, mas causava-me muita admiração o facto de serem mais altos que todos os Padres da Nova e da Antiga Lei.

E aqui começa a primeira revelação.

Perante a minha admiração, assim me falou o santo Gabriel: Não te admires. Todos nós, anjos e homens, somos concidadãos da mesma pátria. Porém nem todos os homens são maiores que todos os anjos, nem todos os anjos são maiores que todos os homens, mas alguns da vossa raça são maiores que todos os anjos, como aquele Rei, que é Homem, e a Rainha sua Mãe. Outros são inferiores a todos os anjos. Deles se diz: *Vi uma tão grande multidão que ninguém poderia contar.*<sup>[7]</sup> Outros estão ao mesmo nível que nós. Nós somos sete anjos que veneramos a Mãe do nosso Deus e estamos acima de todos os outros da vossa raça. Pois que isto não é conhecido entre vós, procura entendê-lo e escreve-o, para que o Pastor que há-de vir possa dá-lo a conhecer em toda a Terra.

Meu senhor, perguntei eu, quem são aqueles sete espíritos que a todos superam?

Em cima, respondeu ele, vês seis. Se me contares a mim, seremos sete.

Meu senhor, insisti, **[fl. 4]** quais são os vossos nomes?

O primeiro que aí vês, respondeu, é Miguel. Ninguém, nem homem nem anjo, é mais digno do que ele. É aquele que lutou com o grande dragão Lúcifer e o venceu. Eu, Gabriel, sou o segundo. Segue-me Rafael, a quem segue Uriel, que é seguido pelos outros.

Portanto, adiantei eu, nem João Baptista nem nenhum dos apóstolos se vos iguala?

Muito, muitíssimo representou para a vossa raça, respondeu ele, o facto de nosso Senhor se vir a tornar homem e não assumir nenhum de nós. Basta-vos que a Mãe deste nosso Rei, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, tenha sido preferida a todos os anjos. Facto que, sem dúvida, como disse um dos aí presentes (e mostrava S. Jerónimo), de nenhum outro santo é lícito crer, isto é, que seja exaltado acima dos méritos de todos os anjos e arcanjos, não entendendo pelo nome de arcanjo um coro segundo a linha ascendente, mas todos aqueles que são considerados anjos superiores. Este preceito, contudo, não foi impresso em vossos corações, já que todos os dias antepondes os vossos santos a todos nós.

Meu senhor, disse eu, sempre acreditei que meu pai S. Francisco fosse maior que todos os anjos, tendo-se levantado uma discussão sobre quem seria maior, se Francisco, se João Baptista ou o apóstolo Pedro.

É grande este homem, respondeu Gabriel! Olha à direita e vê-lo-ás.

Olhei e vi-o a ele e a muitos outros no meio dos apóstolos, e disse: Meu senhor, não são doze os apóstolos? Dezasseis, se contarmos Paulo e Barnabé, Lucas e Marcos? Mas eu vejo entre eles muitos outros.

Não ouviste no Evangelho, respondeu: *Vós, que deixastes tudo e me seguistes, estareis sentados sobre doze tronos?*<sup>[8]</sup> E cem e mil, tantos quantos fordes como foram os que então disseram: *Eis que deixámos tudo e te seguimos?*<sup>[9]</sup>

Depois de, com a máxima reverência e de joelhos em terra, adorar, tremendo e ao mesmo tempo alegre, o Rei, nosso Senhor, e a Rainha, o que fiz logo que o vi, disse o anjo: já que falas com um anjo, falemos dos anjos. Recebe a segunda revelação, esta sobre a nossa criação.

Recebê-la-ei, meu Senhor, se te aprouver falar, respondi.

Sobre a nossa criação, disse ele, falaram de modo diferente mesmo santos homens de Deus. Alguns filósofos julgaram que fôssemos eternos e de natureza divina a ponto de não podermos deixar de existir, ignorando que só Deus é senhor [fl. 5] do tempo, imortal por natureza. Mas destes, os que seguem a fé do Verbo de Deus, julgaram uns que nós fomos criados muitos séculos antes de todo o mundo sensível. Outros, tão tarde que só depois do homem. Outros, no primeiro dia, conjuntamente com o Céu Empíreo. Mas Deus, a quem vês sentado naquele trono, quer que seja levado pelo seu Pastor ao conhecimento de todos os homens isto: que nós anjos fomos criados em simultâneo com o Céu Empíreo por muitos e perceptíveis séculos dos séculos antes de qualquer um dos dias daqueles seis dias, ou seja, antes da formação e da diferenciação das outras coisas. É isto o que disse aquele ancião, e apontava Moisés: *No princípio criou Deus o Céu e a Terra.*<sup>[10]</sup> No princípio, isto é, muito antes de qualquer tempo, nem se conhece a medida dessa duração, por isso está escrito: *E os dias do tempo, quem poderá contá-los,*<sup>[11]</sup> criou Deus o Céu e os seus moradores, habitações e habitantes, e a Terra. Não o elemento menos nobre, mas a Terra, isto é, a matéria prima. E, assim, nós anjos louvamos por longos séculos o nome do Senhor antes de vós homens serdes criados. Daí o estar escrito: *Onde estavas tu quando me louvavam os astros da manhã?*<sup>[12]</sup>

Não foi, perguntei eu, toda a obra de Deus realizada em seis dias?

Desde o princípio da criação da Terra e do Céu, respondeu, a Terra, ou seja, a matéria, esteve e manteve-se inane e vazia. Sobre ela permaneciam as trevas, ou seja, a confusão e o caos, pois que tudo quanto havia de produzir-se estava nela amalgamado. Sobre ela pairava o Espírito do Senhor, porque a sua vontade e a sua bondade estavam preparadas para comunicar também a outros que não só a nós anjos a verdade, a bondade e o ser. Por isso a nossa criação e a criação do Céu, da Terra ou do Abismo ou das Águas, isto é, da matéria-prima, aconteceu antes de qualquer um dos dias daqueles seis. Mas quando aprouve a Deus, disse: *Faça-se a luz. E a luz foi feita. E viu Deus*

*que a luz era boa e separou a luz das trevas. À luz chamou dia e às trevas noite. Houve uma tarde e uma manhã. Foi o primeiro dia.*<sup>[13]</sup> O primeiro dia começou a partir da criação dessa luz.

Meu senhor, perguntei eu, foram ou não aqueles dias um depois do outro?

Foram um depois do outro, respondeu, e nem Deus quis tudo fazer ao mesmo tempo, embora o tivesse podido. Assim como tudo quis ao mesmo tempo na Eternidade e realizou em seis dias, a partir da mesma matéria, todas as obras, assim teria podido tudo produzir ao mesmo tempo. Mas não quis.

Não posso entender que luz foi essa, criada assim antes da outra, disse eu.

Entre vós explica-se de muitas maneiras, respondeu. **[fl. 6]** Mas eu digo-te que foi esse Sol material que ilumina tudo e é como que o olho do mundo e a causa principal das coisas susceptíveis de serem geradas. Naquele dia foram criados todos os Céus dos planetas e o Céu que se situa abaixo do Céu Empíreo, a que chamais primeiro Céu Móvel, já que o Céu Empíreo é imóvel, firme e estável, morada e lugar que inclui todos os corpos. Digo-te, irmão, que o filósofo teve grandes dúvidas quanto ao modo como todos os Céus se poderiam mover, sobretudo o Primeiro, que não está num lugar. Ouve-me tu. Não poderiam mover-se os corpos celestes, a menos que se situassem num lugar em que estivessem circunscritos, estando este em quietude contínua. E este poderia também mover-se, se fosse circundado por outro lugar. No mesmo dia Deus criou a totalidade dos elementos, só não quis criar nem o firmamento, isto é, o Céu Estrelado, nem a Lua, nem as outras estrelas, mas reservou a respectiva criação para outros dias. E, então, atribuiu a cada Céu como motor próprio um dos nossos irmãos anjos. Este Sol que brilhou naquele dia sem o impulso do firmamento (o firmamento ainda não existia) foi, pois, movido por um dos nossos irmãos. E, assim, o primeiro Céu Móvel, a que os profetas chamam Céu das Águas, não atingia os Céus dos Planetas, mas era tremendamente grande a distância entre ambos. O Sol pôs-se em movimento do primeiro ponto em que fora

criado e atingiu o extremo daquele hemisfério que está junto do Paraíso das Delícias, passando, assim, a outro hemisfério. E, até ter voltado ao ponto da criação, decorreram vinte e quatro horas. Assim, desde a primeira manhã, passando pela tarde, até ao nascer do Sol seguinte, aconteceu o primeiro dia.

Neste primeiro dia criou primeiro o Sol com a sua órbita, criou depois o Céu das Águas, a que vos habituastes a chamar Cristalino, seguidamente criou o Céu dos Planetas, com lugares assinalados para estes, depois os quatro elementos, de tal modo que naquele hemisfério do Paraíso se não viu o Sol por doze horas. Depois, começou a nascer e iniciou-se então o segundo dia, no qual criou Deus o firmamento, ou seja, o Céu intermédio entre os Céus dos Planetas e o das Águas. E traçou como que o círculo de todas as estrelas que, contudo, não quis criar então.

Vê, servo de Deus como eu, o que Deus podia fazer e o que fez para que o Céu inferior se movesse sem se mover, ou melhor, não existindo, o superior. Vê que é admirável e maravilhoso o Céu em que Deus situou os doze signos e todas as estrelas. Por isso quis criá-lo e formá-lo a ele e ao Céu Empíreo num só dia, [fl. 7] para mostrar que tudo dele depende e que podia dar o ser a um sem o dar a outro. *É grande o nosso Deus e insondável a sua grandeza,*<sup>[14]</sup> declará-lo-á o Pastor de Deus, que dará estas coisas a conhecer a povos e línguas. E todos louvarão o nome do Senhor.

Não entendas por firmamento aquele lugar onde as nuvens se condensam, pois que esse não é o Céu, nem nele pôs Deus as estrelas. Mas chama-se firmamento ao Céu Sideral. É este que precisamente se designa Céu, porque é o primeiro entre as realidades visíveis, é sublime, de admirável força e poder.

Recordei-me então de que no quarto dia fez Deus os dois luminares grandes e disse: Meu senhor, não foi o Sol feito no quarto dia?

No quarto dia, disse o anjo, fez Deus os luminares no firmamento, que é o Céu Superior, a fim de que pela sua força transmitida aos inferiores presidissem a esses mesmos inferiores e mostrassem, brilhando de noite e não de dia perante o Sol, a divisão do dia e da noite e, pelas conjunções

deles entre si e com os planetas, se tornassem sinais de muitos acontecimentos e distinguissem os tempos, os dias e os anos. Pois alguns dias e anos e alguns tempos são de uma criação, outros são de outra.

Portanto, no quarto dia foram criados todos os luminares celestes, excepto o Sol, que foi criado no primeiro dia. Não que pareça superior aos outros luminares, mas por causa da distinção do dia e da noite, e de um dia relativamente a outro. Quando, pois, diz: *criou Deus os dois luminares grandes*<sup>[15]</sup>, não diz que os criou a ambos naquele dia, mas enumera os luminares criados. No primeiro e no quarto dia criou Deus, entre outros luminares, os dois visivelmente maiores para vós homens, os mais notáveis e os mais admiráveis.

Voltando à minha gruta e chamado por Deus o secretário preparado para mim, obedecendo à ordem de Deus, mandei de imediato escrever estas coisas destinadas ao futuro Pastor.

## Secundus Raptus<sup>1</sup>

Raptus sum alia die et inueni me in rota sanctorum cateruatim Deo astantium<sup>2</sup>. Et angelus Gabriel<sup>3</sup> accessit prope me dixitque mihi:

Noli metuere<sup>4</sup>. Inuenisti enim gratiam Dei<sup>5</sup> et hi omnes<sup>6</sup> te diligunt. Bene fecisti conscribendo ea que tibi iam dixeram. Sed dic mihi quid<sup>7</sup> dubitas in scriptura et docebo te, quia futurum est ut omnes gentes hec sciant.

Dixi ego: Quid possum dubitare qui nihil scio? Multotiens tamen<sup>8</sup> cogitauit mecum quomodo aliqui uestrum peccauerunt<sup>9</sup>, quomodo Deo rebellare potuerunt, unde tanta presumptio subreperit<sup>10</sup>.

Angelus dixit: Hoc hominibus [8] etiam ignotum est. Vos dicitis: "Angeli peccauerunt", et uerum dicitis. Sed cur et qualiter ignoratis. Dicam tibi. Scribe et conscripta hec<sup>11</sup> custodi, ut pastor sciat quid sit docturus populum suum. Nos angeli omnes non in paruis et breuibus morulis, ut uos creditis, sed multis temporibus<sup>12</sup> uiatores fuimus. Cognoscebamus Deum distincta cognitione per impressam nobis a principio ipsius similitudinem. Tamen non uidebamus eum. Cognitione<sup>13</sup> illius in similitudine beati<sup>14</sup> eramus, non in se. Ipsum enim cognoscebamus<sup>15</sup> et, ipso agnito<sup>16</sup>, per ipsum omnia alia cognoscebamus. Non ergo, ut homines putant, singulas rerum similitudines habebamus neque plures<sup>17</sup> aut pauciores, sed omnes una Dei similitudine et ipsum et omnia alia intelligebamus<sup>18</sup>, omnes in gratia ipsius eramus et illi seruiebamus. Deus igitur conditor noster, ut nos probaret et probatos aliis declararet, ut<sup>19</sup> humiles exaltaret et superbos humiliaret<sup>20</sup>, audi rem mirabilem, apparuit nobis in

---

<sup>1</sup> Secundus Raptus *HIJKLM* (NO in marg.a.m.) *Q*, Tertia reuelatio *P*, om. *V*

<sup>2</sup> astantium *HMNOP*, assistentium *EFIJKLQV*

<sup>3</sup> angelus Gabriel *HIJLMNOPQ*, angelorum. Gabriel *V*

<sup>4</sup> metuere *HIJKLMOPV*, timere *NQ*

<sup>5</sup> Dei *HIJKLMNOPV*, apud Deum *E*, coram Deo *Q*

<sup>6</sup> omnes *HIJLMNOPQ*, homines *V*

<sup>7</sup> mihi quid *JMV*, mihi siquid *EFGHIKLNOPQ*

<sup>8</sup> dubitauit et *add. Q*

<sup>9</sup> peccauerunt *HIJKLMOPQV*, peccauerint *N*

<sup>10</sup> subreperit *HIJKLMNOPV*, surrexerit *Q*

<sup>11</sup> hec om. *Q*

<sup>12</sup> omnes *add. V*

<sup>13</sup> per impressam nobis a principio ipsius similitudinem. Tamen non uidebamus eum. cognitione om. *I*

<sup>14</sup> naturali beatitudine *add. FH*

<sup>15</sup> cognoscebamus *JKLMOV*, agnoscebamus *FGINP*

<sup>16</sup> Tamen non uidebamus eum. Cognitione illius in similitudine beati eramus, non in se. Ipsum enim cognoscebamus (agnoscebamus *FG*) et, ipso agnito *FGJILMNOPV*

Tamen non uidebamus eum. Cognitione illius in similitudinem beati eramus. In seipsum non cognoscebamus, et ipso agnito *K*

Non tamen uidebamus eum cognitione ipsius intuitiua. In similitudine bene eramus, non tamen ipsum in se ipso cognoscebamus. Et, ipso sic agnito *E*

Tamen uidebamus eum cognitione illius. In similitudine illius, non in se, beati eramus naturali beatitudine. Ipsum quidem agnoscebamus sed, ipso agnito *HQ*

<sup>17</sup> plures *HIJKLMOPQ*, pluries *V*

<sup>18</sup> intelligebamus *IJKMOPQV*, intelligebamus. Cognoscebamus *H*, cognoscebamus *L*

Non ergo, ut homines putant, singulas rerum similitudines habebamus neque plures aut pauciores sed omnes una Dei similitudine et ipsum et omnia alia intelligebamus. om. *N*

<sup>19</sup> ut *HIJKLMNOPQ*, et quod *E*, et *V*

<sup>20</sup> humiliaret *FGHIJKLMNOPQV*, deprimeret *E*

forma talis hominis qualem postea assumpsit. Et nos agnouimus formam in qua nobis apparebat<sup>21</sup> et sciebamus illam non esse formam suam. Tunc dixit nobis: Audite me, angeli mei, audite et percipite que<sup>22</sup> loquor ad uos. Nunquid cognoscitis quis ego sum? Numquid nostis<sup>23</sup> formam et naturam in qua uobis appereo?

Nos diximus: Nouimus<sup>24</sup> te esse Deum conditorem nostrum, nouimus et formam illam esse formam hominis qui nondum creatus est et miramur de tam stupendo commercio, de tamque admirando<sup>25</sup> consortio neque intelligimus quid sibi uelit<sup>26</sup> ista apparitio.

Dixit Deus: Vt sciatis et agnoscatis<sup>27</sup> me decreuisse et magno consilio firmasse hominis naturam assumere uelle. Voloque homo esse et in utero unius mulieris concipi et ex ea nasci.

Et aperuit nobis mentem ita<sup>28</sup> quod percepimus<sup>29</sup> que<sup>30</sup> nobis dicebat. Sed mirabamur quare<sup>31</sup> id<sup>32</sup> facere uellet.

Subdidit<sup>33</sup>: Ero homo ego<sup>34</sup> et homo erit Deus. Et si Deus ergo et uester<sup>35</sup> dominus<sup>36</sup>, uester rex, uester princeps<sup>37</sup>. Et uos omnes subiciemini potestati eius, coletis eum et adorabitis sicut me. Quia ipse et ego una persona erimus, unica adoratione adorabimur a uobis. Illam quoque<sup>38</sup> mulierem quam in matrem elegi preponam omnibus uobis. Erit Regina uestra, honorabitis et coletis eam tamquam Genitricem Dei et Domini uestri. Hoc uolo, hoc mando, hoc uobis iubeo. Qui hec fecerint et facere uoluerint, ostendam eis faciem meam et gaudebunt in aspectu meo in quo est bonum<sup>39</sup> omnis boni in sempiternum. Qui uero noluerint obedire huic de [9] creto cadent a loco isto ad locum tenebrarum et nebularum et<sup>40</sup> caliginum neque donis quibus uestiui uos<sup>41</sup> ulterius potentur<sup>42</sup>, sed gratia mea priuabuntur<sup>43</sup> et in locum detrudentur in quo manere nollent, immo abhorrebunt, et semper amenitatem in qua nunc sunt cupient et nunquam habebunt.

His dictis, uisio illa disparuit. Erant tunc nobiscum multi<sup>44</sup> nobilissimi spiritus, inter quos unus precipuus erat quem uos<sup>45</sup> Luciferum<sup>46</sup> appellatis. Hic primus incepit<sup>47</sup> alios

---

<sup>21</sup> apparebat *HJKMNOPQV*, apparuit *IL*

<sup>22</sup> que *HIJLMNOPV*, quod *Q*

<sup>23</sup> nostis *HIJKLMNOV*, noscitis *P*, cognoscitis *Q*

<sup>24</sup> nouimus *add. L*

<sup>25</sup> admirando *HIJKLMNOPV*, admirabile *Q*

<sup>26</sup> quid sibi uelit *HIJMNOPQV*, quid sit *L*

<sup>27</sup> ut sciatis et agnoscatis *HIJKMNP*, ut sciatis *E*, ut sciatis et cognoscatis *GLOQV*

<sup>28</sup> ita *om. FGJIN*

<sup>29</sup> ita quod percepimus *ILMNOPV*, quod percipimus *FGJK*, qui percepimus *H*, ut perciperemus *Q*

<sup>30</sup> que *HIMNOPQV*, quid *L*

<sup>31</sup> quare *HILMNOPV*, cur *Q*

<sup>32</sup> id *HILMNOPQ*, hic *V*

<sup>33</sup> Subdidit *IKLMNOPQV*, Subdit *EJ*

<sup>34</sup> ego *om. IQ*

<sup>35</sup> uester *ILMNOPQV*, uidetur *J*

<sup>36</sup> Dominus *HIJLMNPQV*, Deus *O*

uester Dominus *om. Q*

<sup>37</sup> Et si Deus ergo et uester dominus, uester rex, uester princeps *FGHIJKLMNOPQV*, Et si Deus ergo et Deus uester, dominus uester, rex uester, princeps uester *E*

<sup>38</sup> quoque *HIMNOPQ*, etiam *E*, ergo *JKLV*

<sup>39</sup> in conspectu *add. V*

<sup>40</sup> nebularum et *om. HV*

<sup>41</sup> uos *JMV*, eos *HILNOQP*

<sup>42</sup> uestiui uos ulterius (amplius *F*) potentur *FHIJLMNOPV*, est unusquisque uestitus potietur *Q*

<sup>43</sup> et similitudine illa qua me distincte cognoscunt et alia per me *add. FH (M in marg. a.m.) Q*

<sup>44</sup> multi *om. Q*

<sup>45</sup> uos *om. P*

alloqui, dicens: Quid uobis uidetur, fratres mei? Iustane<sup>48</sup> sunt<sup>49</sup> mandata Dei nostri? Scitis quid sit homo et quid mulier? Nonne nos longe digniores sumus illis? Nonne genus nostrum superat<sup>50</sup> genus humanum? Que iustitia, que pietas mouit Deum ut homo esse<sup>51</sup> uoluerit et non angelus? Cur homini omnes nos subicere uoluit potius quam uni nostrum? Ecce Michael magnus est. Ecce Gabriel. Et<sup>52</sup> ego quam dignus<sup>53</sup> sim<sup>54</sup> uos uidetis. Noluit unum<sup>55</sup> ex nobis assumere, noluit hanc sumam dignitatem alicui nostrum concedere. Ego eam uellem, ego Deus esse<sup>56</sup> cupio. Valde<sup>57</sup> maior sum homine, uolo ut homo me adoret, non ego hominem<sup>58</sup>. Nunquam consentiam, nunquam adorabo, nunquam tale mandatum iustum putabo, nunquam aliquem eorum<sup>59</sup> qui oppositum sentiunt amabo. Hec sententia mea est, hoc consilium, hoc decretum.

Tunc Michael primum<sup>60</sup>, deinde et ego et plurimi<sup>61</sup> alii ita sibi respondimus<sup>62</sup>: Dignus<sup>63</sup> es, Lucifer, et magnus es, diues et potens es. Sed Deus, qui nos, cum non essemus, creauit, multo dignior<sup>64</sup>, multo maior<sup>65</sup>, multo ditior<sup>66</sup>, multo potentior te est et omnibus nobis. Non licet contra decretum eius decretum facere<sup>67</sup> nec contra consilium consilium facere neque contra sententiam sententiam. Conatur ad<sup>68</sup> impossibilia quicumque contra ipsum quicumque<sup>69</sup> temptat<sup>70</sup>. Deus est, Dominus est, uoluntas eius iustissima est et rectissima<sup>71</sup> et omnipotens, errare non potest. Quicquid uult facere potest. Iudicare et discernere decreta eius uanum et superfluum est. Humiliemus nos sibi, subiciamur non solum homini, sed ligno et lapidi si ipse iusserit, si ipse uoluerit. Illa iusta existimanda sunt que sibi<sup>72</sup> placent. Illud opus pium et bonum quod ipse uult. Esse non possemus<sup>73</sup>, ipso nolente. Quid mihi aufert si mihi non confert quod conferre nulla obligatione tenetur? Quid habemus nisi ab ipso datum et concessum? Inuidere est bonum alienum uidere non posse. Quid habere poterimus boni si ipse noluerit? Certus

---

<sup>46</sup> Luciferum *HIJKLMNO PQ*, Lucifer *V*

<sup>47</sup> incepit *HIJKLMNO PQ*, cepit *E*, incipit *V*

<sup>48</sup> Iustane *HIJKLMNO PQ*, Iniustane *L*

<sup>49</sup> sunt *HIJKLMNO PV*, sint *Q*

<sup>50</sup> omne *add. N*

<sup>51</sup> esse *HIJLMNO PQ*, etiam *V*

<sup>52</sup> et *HIJLMOPQV*, ecce *N*

<sup>53</sup> dignus *HIJLMNO PQ*, dignius *V*

<sup>54</sup> sim *HIJLMOPV*, sum *NQ*

<sup>55</sup> unum *HILMNOPQV*, nullum *GJ*, ullum *EFO*

<sup>56</sup> esse *om. L*

<sup>57</sup> Valde *HIJLMOPQV*, Ego *N*

<sup>58</sup> adorem *add. IL*

<sup>59</sup> eorum *EJKMV*, illorum *HILNO PQ*

<sup>60</sup> primum *HNOQ*, primus *IJKLMPV*

<sup>61</sup> deinde et ego et plurimi *HILMNOV*, denique et plurimi *L*, et ego, deinde plurimi *Q*

<sup>62</sup> respondimus *HJKLMNO PQ*, respondemus *I*

ita sibi respondimus *om. V*

<sup>63</sup> Dignus *HIKLMNO PQ*, Dignius *JV*

<sup>64</sup> est *add. N*

<sup>65</sup> maior *HIJLMNO PV*, excelentior *Q*

<sup>66</sup> ditior *HIJKLMNO P*, doctior *V*, *om. Q*

<sup>67</sup> facere *om. J*

<sup>68</sup> ad *om. Q*

<sup>69</sup> quicumque *HIMNO PQV*, aliquid *EK*, quicquid *GJL*

<sup>70</sup> temptat *JIKMOV*, attemptat *E*, tentat *HNPQ*, intentat *L*

<sup>71</sup> est et rectissima *om. Q*

<sup>72</sup> sibi *HIJKLMO NPV*, illi *Q*

<sup>73</sup> possemus *HIJLMNO PV*, possumus *EKQ*

sum in ipso nec errorem cadere posse<sup>74</sup> nec iniustitiam<sup>75</sup>. Quicquid agit bo [10] num est. Dolere de bono iniquum est. Mitiga te, Lucifer, humilia te, subditus esto Deo tuo."

Sed Lucifer<sup>76</sup> liuore inuidie et odii et presumptionis<sup>77</sup> plenus similia dictis eius replicare cepit, iniustum Deum et iniquum esse protestans neque suasionibus nostris assentiens<sup>78</sup>. In nos quoque odium et iram suam effundere conatus<sup>79</sup> est. Quem multi<sup>80</sup> ex<sup>81</sup> angelis secuti sunt eiusque sententie adhererunt<sup>82</sup>. Plures tamen nobiscum<sup>83</sup> perstiterunt. Facta quoque est inuestigatio cur Deus uoluit<sup>84</sup> hominem tantum exaltare, et quidam afferebant unam rationem et quidam aliam et<sup>85</sup> contutabant<sup>86</sup> eas. Nos, solidi in dilectione et obedientia, dicebamus: Satis est nobis nosse<sup>87</sup> ipsum<sup>88</sup> id uelle, et uelle nisi bonum et rectum non posse<sup>89</sup>. Adoramus Deum Hominem, ueneramur<sup>90</sup> eius Genitricem.

Orta ergo est inter celicolos tempestas ualida<sup>91</sup> et conflictus assiduus. Decertatio continua<sup>92</sup> durauit tempore non paruo<sup>93</sup>, nec tamen adhuc tempus erat.

Plurimi eorum dicebant: Vbi sunt nebule? Vbi caligo? Vbi locus ille in quo<sup>94</sup> nos Deus includere minatur<sup>95</sup>?

Deus autem multifariam Luciferum hortabatur<sup>96</sup> ut a male inceptis desisteret. Expectauit conuersionem. Poterat enim ante casum conuerti, sed numquam uoluit<sup>97</sup>. Et quamuis sciret Deum errare non posse neque iniuste agere, tamen adeo in sui amore<sup>98</sup> exarsit<sup>99</sup> et odio ac inuidia in hominem<sup>100</sup> quod, iusta uidens et bona, sequi uoluit mala. Concupiuit esse Deus eo modo quo et homo nunc est Deus. Videbat id possibile<sup>101</sup> et quasi rationabilius, quia digniorem homine<sup>102</sup> se putabat<sup>103</sup> et natura dignior<sup>104</sup>. Non

---

<sup>74</sup> nec errorem cadere posse nec iustitiam *HJMNOPQV*, errorem cadere non posse nec iustitiam *IKL*

<sup>75</sup> iniustitiam *HIJKLMNOQ*, iniustitia *PV*

<sup>76</sup> Lucifer *om. V*

<sup>77</sup> presumptionis *HIJKLMNOQV*, presumptione *P*

<sup>78</sup> assentiens *HIJLMNOPV*, consentiens *Q*

<sup>79</sup> conatus *HJKMNOPQV*, minatus *IL*

<sup>80</sup> multi *om. V*

<sup>81</sup> ex *HIJLMNOPV*, de *Q*

<sup>82</sup> adhererunt *HIJKLMNOQ*, heserunt *V*

<sup>83</sup> tamen nobiscum *HIJKLMNOQ*, cum nobiscum *V*

<sup>84</sup> uoluit *HIJKLMOPV*, uult *G*, uoluerit *NQ*

<sup>85</sup> ipsi *add. Q*

<sup>86</sup> contutabant *MP*, confutabant *HIJKLNOV*, confundebant *Q*

<sup>87</sup> nosse *HKNO*, nosce *JILMQV*, scire *E*, noscere *P*

<sup>88</sup> Deum *add. Q*

<sup>89</sup> et uelle nisi bonum et rectum non posse *IKLMNOPQ*, et uelle non nisi bonum et rectum *V*

<sup>90</sup> Adoramus...ueneramur *IJKLMNOQV*, Adoremus...ueneremur *H*

<sup>91</sup> prelium uere magnum *add. Q*

<sup>92</sup> solium uere maximum tempus *add. H*

<sup>93</sup> ut uos putatis *add. HQ*

<sup>94</sup> in quo *HIJKMNOPQV*, ubi *L*

<sup>95</sup> minatur *HJKLMNOQV*, minatus est *I*

<sup>96</sup> hortabatur *HIJKLMOPQV*, adhortabatur *N*

<sup>97</sup> numquam uoluit *HIJKLMOPQV*, noluit umquam *N*

<sup>98</sup> amore *IJKLMNOV*, amorem *GHPQ*

<sup>99</sup> de se presumendo *add. FQ*

<sup>100</sup> ad id non aduerteret *add.FH*, ut ad idem non aduerteret *add. Q*

<sup>101</sup> id possibile *HIKLMNOP*, illud possibile *E*, id posse *JV*, impossibile *Q*

<sup>102</sup> homine *HIKLMNPQV*, hominum *O*

<sup>103</sup> et profecto erat *add.H (M in marg. a. m.) NOQ*

<sup>104</sup> et natura dignior *HIJKLMNOQV*, etenim natura dignior *E*, profecto erat natura dignior *F*, Natura enim dignior erat *P*

placuit<sup>105</sup> ut Deus hominem sibi preferret et ita preferret ut ipsius<sup>106</sup> dominum<sup>107</sup> faceret. Hec est<sup>108</sup> illa inuidia per quam intrauit mors in genus humanum et in orbem terrarum.

Videns autem Deus quod tanta peruersitas et prauitas inueniretur in angelis suis, locutus est ad nos dicens: Conuenite in unam dilectionem et in unam obedientiam et subiunctionem. Filii mei omnes estis si mandata mea non contempseritis. Expectaui conuersionem eorum<sup>109</sup> qui auersi<sup>110</sup> sunt. Nunc nihil restat nisi ut<sup>111</sup> sententia detur et premium eternum obedientibus, inobedientibus uero supplicium<sup>112</sup> perpetuum. Ecce iam creare hominem decreui et pro ipsius uita multa alia creaturus sum.

Et dixit nobis: Interrogate Luciferum et socios eius si ad me redire uolunt et suscipiam eos. Sin autem, creato mundo, deiciam eos et repellam ad loca caliginum<sup>113</sup> et tenebrarum.

Michael et ego locuti sumus cum illis, sed nihil ualuit persuasio nostra. Factum est prelium magnum inter nos et illos. Dixitque Deus: "Fiat lux" uidelicet sol, ut iam diximus<sup>114</sup>. Et creato<sup>115</sup> sole et celis<sup>116</sup> iam tibi nominatis<sup>117</sup> et terra ac elementis<sup>118</sup>, ipsa die<sup>119</sup> qua fuit dies et nox diuisa etiam nos fuimus diuisi. Proiecti enim fuerunt, Michaele et nobis aliis pugnantibus et nobis Deo fauente, in hunc aerem caliginosum. Hoc fecit presumptio, hoc inuidia, hoc contemptus<sup>120</sup> mandatorum Dei. Diuisis igitur spiritibus [11] illis bonis et malis sicut et luce<sup>121</sup> a tenebris, boni facti sunt dies et lux perpetua, mali uero nox et tenebre et nubila<sup>122</sup> sempiterna. Non quia naturam<sup>123</sup> mutauerint<sup>124</sup>, sed quia<sup>125</sup> malis et tetris ac obscenis<sup>126</sup> operibus pleni in caliginosum aerem fuerunt demersi.

Creatis igitur omnibus rebus aliis ab homine, nobis angelis cunctis qui remansimus<sup>127</sup> assistentibus seu astantibus, dixit Deus Pater ad Filium suum, qui est Verbum eius et

---

uel saltem uidebat non irrationale et ad similia aduertebat *add. F*, uel saltem id uidebat non irratione et ad similia aduertebat *add. M (in marg. a. m.)*, uel saltem id uidebat non irrationabile. Non ad singula aduertebat *add. H*

<sup>105</sup> ei *add. EQ*

<sup>106</sup> ipsius *HIJKMNOPQ*, ipsum *V*

<sup>107</sup> Dominum *HIJLMNOPV*, hominum *Q*

<sup>108</sup> est *om. JLV*

<sup>109</sup> eorum *HIJLMNOPV*, illorum *Q*

<sup>110</sup> auersi *HIJLMNPQV*, aduersi *O*

<sup>111</sup> ut *om. LV*

<sup>112</sup> eternum et *add. Q*

<sup>113</sup> caliginum *HIJLMNOPV*, caliginis *Q*

<sup>114</sup> diximus *HIJLMNOPV*, dixi *Q*

<sup>115</sup> iam *add. I*

<sup>116</sup> celis *IKMNOPQV*, celo *J*

<sup>117</sup> nominatis *HIJLLMNOPV*, numeratis *Q*

<sup>118</sup> elementis *HIJKLMNOQV*, elementa *P*

<sup>119</sup> die *HJLMNOPQV*, dies *I*

naturali qua fuit dies artificialis et nox diuisa *FH(M in marg.a.m.)Q*,

<sup>120</sup> contemptus *HIJLMNPQV*, contentus *O*

<sup>121</sup> luce *HIJLMOQV*, lucem *NP*

<sup>122</sup> nubila *HIJLMNOPV*, nebula *EQ*

<sup>123</sup> naturam *HIJLMNOPV*, natura *Q*

<sup>124</sup> mutauerint *HIJMNOP*, mutauerunt *EKLQV*

<sup>125</sup> gratia et similitudine qua Deum et alia agnoscebant priuati fuerunt. Talis enim cognitio non erat nisi ex dono particulari (diuino beneplacito *F*) et *add.F (M in marg.a.m.)*

gratia et similitudine qua Deus et alia cognoscebat spoliati fuerunt. Talis enim cognitio non erat nisi ex dono peculiari et *add. Q*

<sup>126</sup> obscenis *HIJKLMNOP*, obscuris *Q*, obsenis *V*

<sup>127</sup> remansimus *IJKLMOPQV*, remanseramus *N*

imago, ac etiam ad Spiritum Sanctum: "Opera nostra talia sunt ut<sup>128</sup> unus sine alio nullo modo<sup>129</sup> operari potest<sup>130</sup>. Tres enim unus Deus sumus. Fecimus omnia huic mundo necessaria. Faciamus iam hominem ad imaginem et similitudinem nostram<sup>131</sup> qui presit omnibus inferioribus, cuius iam typum<sup>132</sup>, o angeli mei, ostendi uobis, quia talem naturam hic Filius meus assummet tempore preordinato. Sed uolo ut et uos erga conciuem uestrum<sup>133</sup> aliqua beneficia faciatis<sup>134</sup> ut eorum obligatione ipse uos amet<sup>135</sup> tanquam benefactores et uos ipsum tanquam aliquo modo opus manuum uestrarum diligatis. Corpus eius formate et quantumcumque<sup>136</sup> uos facere potestis, facite. Que uos non poteritis, nos potentia nostra immensa perficiemus.

Tunc omnes nos a maiori usque ad minimum<sup>137</sup> letati sumus cupientes humanam societatem. Et omnes unanimiter Dei mandatis obtemperare uolebamus<sup>138</sup> et quilibet cupiebat<sup>139</sup> esse primus. Michael prior me est et ipse conflixit cum dracone<sup>140</sup> Lucifero, quamuis et omnes conflixerimus<sup>141</sup>, et rogabat<sup>142</sup> ut ipsum Deus<sup>143</sup> ad hoc opus perficiendum mitteret. Similiter<sup>144</sup> et ego et alii nostrum<sup>145</sup>, unusquisque se offerebat ad iussa explenda<sup>146</sup>. Dixitque Deus: Tres egrediantur<sup>147</sup> de quolibet choro qui nomine omnium uestrum<sup>148</sup> id exequantur.

De choro itaque nostro<sup>149</sup> egressus est Raphael, Saltiel<sup>150</sup> et Vriel et ita de quolibet choro inferiori<sup>151</sup> tres nomine omnium. Et de limo terre illud corpus formauerunt, supplente Deo ubi creature uirtus deficiebat. Factumque atque plasmatum fuit<sup>152</sup> corpus illud ualde pulchrum, bene in organis ac omnibus membris dispositum, temperate complexionis. Sola caro Verbi et Matris sue, quia<sup>153</sup> caro unius eorum est caro alterius, prestantior fuit. Quo<sup>154</sup> corpore plasmato et<sup>155</sup> omnibus organis adiutorio Dei<sup>156</sup> et secundis causis influentibus<sup>157</sup>, Deus superaddidit<sup>158</sup> solus quia in eo nulla creatura

<sup>128</sup> ut *IJLMONPV*, quod *Q*

<sup>129</sup> nullo modo *om. Q*

<sup>130</sup> potest *IJLMOQV*, possit *P*

<sup>131</sup> nostram *ILMNOPQV*, nostrum *J*

<sup>132</sup> typum *FGIJLMNOPQV*, similitudinem *E*

<sup>133</sup> conciuem uestrum *FGHIJLMNOPQV*, eum *E*

<sup>134</sup> aliqua beneficia faciatis *IJLMNPQV*, aliquo beneficio decoretis *O*

<sup>135</sup> amet *IJLMNOPQ*, amat *V*

<sup>136</sup> quantumcumque *LM*, quecumque *IJKNOPQV*

<sup>137</sup> minimum *JIKMNOPQV*, minorem *L*

<sup>138</sup> uolebamus *FGHIJKLMNOPQV*, cupientes *E*

<sup>139</sup> cupiebat *FGHIJKLMNOPQV*, uolebat *E*

<sup>140</sup> dracone *om. Q*

<sup>141</sup> Michael prior me est et ipse conflixit cum dracone Lucifero, quamuis et omnes conflixerimus *om. E*

<sup>142</sup> Deum *add. E*

<sup>143</sup> Deus *om. Q*

<sup>144</sup> Michael, qui est primus, qui cum dracone conflixit *add. E*

<sup>145</sup> nostrum *IJKLMNOPV*, nostrorum *Q*

<sup>146</sup> explenda *ILMNOPQV*, expelenda (*in marg. a.m. explenda*) *J*

<sup>147</sup> egrediantur *ILMNOPQ*, egrediebantur (*in marg. a.m. egrediantur*) *J*, grediantur *V*

<sup>148</sup> uestrum *om. Q*

<sup>149</sup> nostro *IJLMNOQV*, meo *P*

<sup>150</sup> Saltiel *JKLMNOPQV*, Salachiel *I*

<sup>151</sup> inferiori *om. Q*

<sup>152</sup> fuit *IJLMNOP*, est *Q*, *om. V*

<sup>153</sup> quia *IJLMNOPV*, quod *Q*

<sup>154</sup> quo *IJMNOPQV*, quia *L*

<sup>155</sup> in *add. IL*

<sup>156</sup> adiutorio Dei *add. in marg. a. m.K*

<sup>157</sup> perfecto *add. I(M sup. lin. a.m.)NO*, disposito *add. G*, facto *add. L*, bene dispositis *add. Q*

<sup>158</sup> superaddidit *IJKLMNOPQ*, superaddit *V*

ipsum iuuare poterat, spiraculum uite, quia tunc animam creauit ualde nobilem et scientiis omnibus informatam et uniuertit illi corpori iam a nobis facto. Noli ergo credere illam animam simul nobiscum aut simul cum Sole uel Luna, sed post corporis plasmationem fuisse creatam<sup>159</sup> simul et infusam<sup>160</sup> et scientiis omnibus subito ut infusa est decoratam<sup>161</sup>. Adam ipse uidebatur<sup>162</sup> subito uir perfecte etatis. Non [12] fuit sibi opus alio preceptore quam Deo<sup>163</sup>. Subito agnouit Deum, sibi<sup>164</sup> gratias referebat<sup>165</sup> et omnia creata secundum suas species cognoscebat, et ueniebant ad eum omnes fere et animalia perfectiora et quasi domino, iuxta quod poterant, ei<sup>166</sup> applaudebant. Tunc Adam, cognoscens ex se progressuras omnes gentes et considerans homini loquelam esse ualde necessariam, omnibus que in celo sunt<sup>167</sup> et que<sup>168</sup> in elementis et ipsis celis atque elementis nomina imposuit et modum quo sua uota posset quis alteri exprimere ordinauit. Tandem, post aliquod tempus<sup>169</sup>, prestita sibi quasi obedientia a ceteris animalibus, Deus iussit ut ipsum hominem associaremus<sup>170</sup> usque ad paradysum uoluptatis ubi<sup>171</sup>, formata muliere, ut uobis notum est per Scripturam, ex osse Ade, ipse, uidens eam iuuenem quasi sue etatis quoad aspectum, dixit<sup>172</sup>: "Hec<sup>173</sup> nunc<sup>174</sup> os ex ossibus meis et caro de carne mea". Et<sup>175</sup> quia anima illius erat creata simul cum omni intelligentia sicut et<sup>176</sup> ipsius Ade, intellexit subito significationem illorum uerborum et omnium aliorum in paruo et quasi in minimo tempore<sup>177</sup>. Et loquebantur ad inuicem, non sermone aliquo quasi naturali, ut plerique grossi homines putant, sed sermone ipsius hominis bene placito, aliquando cum aliqua ratione inuento<sup>178</sup>, aliquando mere ad placitum<sup>179</sup>. Qui sermo multo tempore solus fuit in orbe terrarum.

His tamquam mirabilibus ualde mihi intellectis, dixi ego: Domine mi, audiui uocem tuam uere admirandam. Occurunt mihi quedam ambigua. Si placet, edissere<sup>180</sup> mihi illa. Ex quo merui<sup>181</sup> tantam gratiam?

Tunc ille<sup>182</sup>: Tu meruisti hec transcribere<sup>183</sup> et conseruare ut pastori a Deo<sup>184</sup> electo hec nota sint<sup>185</sup>, cui etiam<sup>186</sup> alio modo nota fient<sup>187</sup>.

<sup>159</sup> creatam *IJKLMNPQ*, creata *V*

<sup>160</sup> infusam *IJKLMNPQ*, infusa *V*

<sup>161</sup> decoratam *IJLMNPV*, decorata *Q*

et scientiis omnibus subito ut infusa est decoratam *om. EL, add. in marg. a.m. K*

<sup>162</sup> uidebatur *FGHIJLMNOPQV*, fuit *E*

<sup>163</sup> etatis. Non fuit sibi opus alio preceptore quam Deo. *IJKLMNPV*, etatis, nec aliquo preceptore indiguit quam Deo *E*, etatis, et non fuit illi operi alius preceptor quam Deus. *Q*

<sup>164</sup> sibi *IJLMNPV*, sibi que *K*, et ipsi *E*, eique *Q*

<sup>165</sup> referebat *FGHIJKLMNOQV*, agebat *E*

<sup>166</sup> ei *om. N*

<sup>167</sup> sunt *om. P*

<sup>168</sup> que *om. IL*

<sup>169</sup> tempus *JKMNPQV*, dies *IL*

<sup>170</sup> associaremus *IJKLMNPV*, apportaremus *Q*

<sup>171</sup> sopore in Adam immisso *add. F (M in mag. a.m.) Q*

<sup>172</sup> dixit: *IJKLNOPQV*, prorupit: *F (M sup. ras.)*

uerba que sunt magnum misterium *add. HQ*

in hec uerba que sunt magni misterii *add. F (M in marg. a.m.)*

<sup>173</sup> Hec *JKLMNPV*, Hoc *EIHQ*

<sup>174</sup> est *add. IL*

<sup>175</sup> Et *om. I*

<sup>176</sup> et *HIKLN*, ex *MV*, anima *JQ*

<sup>177</sup> minimo tempore *HILMNP*, momento temporis *EJKQ*, momento tempore *V*

<sup>178</sup> inuento *HKMNPQV*, inuenta *IL*

<sup>179</sup> placitum *HKJMNPQV*, beneplacitum *IL*

<sup>180</sup> edissere *IJKMNPQ*, adiscere *F*, ediscere *EHLV*

<sup>181</sup> merui *HIJKLMNPQ*, meriti *V*

<sup>182</sup> Tunc ille *HIJKLMNPV*, responndit Angelus *Q*

Tunc ego: Si alio modo<sup>188</sup> sibi<sup>189</sup> nota fient, quid opus est me conscribere?

Respondit: Ad hoc, ut libri fama prius multis obscure<sup>190</sup> innotescat ut, cum uenerit qui iam uenit in mundum, dignior appareat. Sed tu discere<sup>191</sup> potes que dubitas.

Dixi: Hec sunt, mitissime angele Dei, que propono. Dixisti mihi antea septem ex uobis tantum assistere Deo et tres uel quatuor nominasti, nomina aliorum non propalasti. Si possent<sup>192</sup> sciri<sup>193</sup>, manifesta ea pro mei spirituali<sup>194</sup> consolatione. Deinde uideris<sup>195</sup> dicere<sup>196</sup> omnes assistere Deo et antea dixeras septem tantum assistentes<sup>197</sup>. Deinde quero<sup>198</sup> qualis locutio sit illa: "Faciamus hominem ad imaginem<sup>199</sup> nostram". Potius enim dicere debuisset<sup>200</sup>: "Faciamus hominem imaginem nostram" quam "ad imaginem nostram". Tertio, scire uelim an aliqua alia anima fuerit creata cum omnibus scientiis seu habitibus<sup>201</sup> cognoscendi omnia quam Ade<sup>202</sup> et Eue.

Gabriel locutus est dicens:<sup>203</sup> Septem ex nobis uicinius aliis quibuscumque assistunt sicut et futuro electo<sup>204</sup> septem super alios assistent<sup>205</sup>. Omnes tamen assistunt iugiter, quia<sup>206</sup> omnes assidue cernunt. Illorum septem nomina non enumeravi. Nunc ea cognosce: Michael est primus, ego secundus, Raphael me sequitur<sup>207</sup>, ipsum uero Vriel. Vrielem autem Salthiel<sup>208</sup> et ipsum Euchudiel, [13] septimus est<sup>209</sup> Barchiel<sup>210</sup>.

Quando<sup>211</sup> queris que locutio sit illa<sup>212</sup>: "Faciamus hominem ad imaginem nostram", omnibus expositionibus uestrorum superfluis obmissis<sup>213</sup>, hunc accipe sensum: Faciamus hominem qui sit imago aliquomodo et similitudo nostra.

Ad aliud quod postremum dubitabas<sup>214</sup>, dico tres animas fuisse que create sunt cum omni earum perfectione uidelicet ille due<sup>215</sup> et anima Regine celorum et Domine angelorum.

---

<sup>183</sup> transcribere *HJKLMNPV*, conscribere *Q*

<sup>184</sup> a Deo *HJKLMNPQ*, Dei *V*

<sup>185</sup> nota sint *HJLMNOPQV*, nota fiant *K*

<sup>186</sup> et *add. I*

<sup>187</sup> fient *HJKLMNPV*, fiant *Q*

<sup>188</sup> ista *add. I*

<sup>189</sup> ista sibi *add. M (in marg.a.m.)*

<sup>190</sup> obscure *JIKLMNPV*, obscura *HQ*

<sup>191</sup> discere potes *JKMNPV*, dic *E*, dicere potes *HILQ*

<sup>192</sup> possent *HJJKLMV*, possunt *N*, possint *PQ*

<sup>193</sup> sciri *HJJKLMNPV*, scire *Q*

<sup>194</sup> mei spirituali *HJJKLMNPV*, mea spirituali *F*, mea speciali *Q*

<sup>195</sup> mihi *add. IL*

<sup>196</sup> dicere *om. G*

<sup>197</sup> assistentes *HJKLMNPV*, assistere *GQ*

<sup>198</sup> Deinde quero *HJKLMNQ*, Demum quero *P*, Deinde oro *V*

<sup>199</sup> et similitudinem *add. P*

<sup>200</sup> "Faciamus hominem ad imaginem nostram". Potius enim dicere debuisset. *om.L*

<sup>201</sup> seu habitibus *HJKLMNPQ*, se habentibus *V*

<sup>202</sup> quam Ade *JMP*, ab anima Ade *E*, quam sola Ade *L*, quam anima Ade *FGHIKNQ*, quam Adam *V*

<sup>203</sup> Gabriel locutus est, dicens: *HJKLMPQV*, Respondit Gabriel *E*, Angelus *N*

<sup>204</sup> pastori *add. IL*

<sup>205</sup> sicut et futuro electo septem super alios assistent *om.G*

<sup>206</sup> eum *add. EQ*

<sup>207</sup> sequitur *om.J*

<sup>208</sup> Salthiel *HJKMN*, Salathiel *L*, Sathiel *P*, Saltiel *QV*

<sup>209</sup> septimus est *FGHIJKLMNO PQ (V om.est)*, et post eum *E*

<sup>210</sup> Barchiel *HJLMNQV*, Barachiel *P*

<sup>211</sup> Quando *HJJKMNPV*, Quoniam *L*, Cum *Q*

<sup>212</sup> sit illa *HJLMNOPQV*, fuit illa *K*

<sup>213</sup> obmissis *HJKLMNV*, demissis *Q, om. P*

<sup>214</sup> postremum dubitas *IKMV*, postremo dubitas *EQ*, potremum dubitabas *HJ (M dubitas sub ras.) NP*, postremo dubitabas *L*,

Tunc ego: Et<sup>216</sup> illa Christi?

Respondit: De anima illius nihil dicimus hic, quia an habuerit animam aliam<sup>217</sup> a deitate uidebitur loco suo contra multos errantes<sup>218</sup>.

Tunc ego: Prosequere<sup>219</sup> inchoata, angele optime, et noli aspicere<sup>220</sup> ad<sup>221</sup> ruditatem<sup>222</sup> et temeritatem meam.

Et ille: Non dico tibi omnia quia<sup>223</sup> non oportet. Lege Bibliam et ad illa<sup>224</sup> aduerte que ibi non exprimuntur. Dico tibi quod<sup>225</sup>, formata<sup>226</sup> muliere ualde pulchra, Adam nimio amore dilexit eam quia ex ipso sumpta erat et quia unica<sup>227</sup> sibi similis et quia erat adiutorium similia procreandi ad que suapte natura<sup>228</sup> incitabantur.

Tunc ego: Domine mi, multi de<sup>229</sup> nostris dicunt nullum amorem carnis inter<sup>230</sup> eos fuisse et, si coissent, nullam delectationem experti fuissent<sup>231</sup>.

Ad quod ille: Stultum est sic<sup>232</sup> opinari. Sicut enim homo delectabatur<sup>233</sup> gustu gratia conseruandi seipsum ita oblectatus<sup>234</sup> fuisset uenereis<sup>235</sup> gratia conseruandi genus humanum. Dico tibi, uir Dei, quod forsitan apud uos turpe sonat propter malam uoluntatem hominum et uaria uitia in que incidistis<sup>236</sup>, quod in statu nature a Deo institute et cibus et procreatio posteritatis longe suauior fuisset quam ea que nunc apud uos est. Neque tunc<sup>237</sup> libido dicta<sup>238</sup> facta<sup>239</sup> fuisset talis suauitas neque<sup>240</sup> concupiscentia neque fomes aut lex membrorum, sed sincera suauitas absque<sup>241</sup> ulla<sup>242</sup> rationis perturbatione, immo fuisset cum ipsius rationis non parua corroboracione. Eua igitur mater uestra ualde amabatur a uiro suo, quem ipsa quoque<sup>243</sup> amabat.

Tunc Lucifer uidens utrique eorum esse prohibitum<sup>244</sup> ne<sup>245</sup> de ligno quodam, quod ab euentu infelici appellatum fuit<sup>246</sup> lignum scientie boni et mali, sumerent, de omnibus

---

<sup>215</sup> Ade et Eue *add. Q*

<sup>216</sup> Et illa *FGHIJLMNOPQV*, illa Christi anima *K*, Quid de anima *E*

<sup>217</sup> aliam *JIKLMPV*, sicut eam habent ceteri homines que fuerit alius spiritus *FHQ*

<sup>218</sup> ut pastor declarabit *add. Q*, et pastor declarabit *add. FH*

<sup>219</sup> Prosequere *HIJKLMNOV*, Persequere *EP*

<sup>220</sup> aspicere *HIJKLMNOV*, respicere *P*

<sup>221</sup> ad *om. V*

<sup>222</sup> ruditatem *HIKLMNPQ*, rudicitatem *G*, nuditatem *JV*

<sup>223</sup> quia *HIJLMNPQ*, et *V*

<sup>224</sup> illa *HIJMNPQV*, ea *L*

<sup>225</sup> quod *HIJLMNPV*, quia *Q*

<sup>226</sup> Eua *add. Q*

<sup>227</sup> unica *HIJLMNPV*, erat *Q*

<sup>228</sup> ad que suapte natura *HKLNPQ*, atque suapte natura *I*, atque sua prenatura *J*, atque sua prenatura *MV*

<sup>229</sup> de *HIJLMNOV*, ex *P*

<sup>230</sup> inter *HIJLMNOPQ*, in *V*

<sup>231</sup> experti fuissent *HIJKLMOPQV*, sensissent *N*

<sup>232</sup> sic *HJKMNOPQ*, hoc *V*, ea *IL*

<sup>233</sup> delectabatur *HIJKLMNOPV*, delectatus fuisset *GQ*

<sup>234</sup> oblectatus *HIJKLMNPV*, delectatus *OQ*

<sup>235</sup> actibus *add. V*

<sup>236</sup> incidistis *HIKLMNPQV*, incidisti *J*, incurristis *O*

<sup>237</sup> tunc *HIJLMNPQV*, tamen *GO*

<sup>238</sup> libido dicta *om. E*

<sup>239</sup> facta *om. N*

<sup>240</sup> neque *HIJLMOPQV*, atque *N*

<sup>241</sup> neque concupiscentia neque fomes aut lex membrorum, sed sincera suauitas absque *om. E*  
*add. cum*

<sup>242</sup> uerum *add. Q*

<sup>243</sup> ualde *add. Q*

<sup>244</sup> prohibitum *om. P*

<sup>245</sup> ne *om. JV*

<sup>246</sup> fuit *HIJLMNOPV*, est *Q*

autem aliis<sup>247</sup> uescerentur, accessit in specie serpentis in illum paradysum uoluptatis et considerabat ab exterioribus signis corda eorum et dicebat apud se: "Si unum eorum uicero, utrumque uici<sup>248</sup> nam admodum<sup>249</sup> se diligunt". Et dicebat sibi ipsi: "A quo illorum inchoabo"? Et conclusit quod potius speraret uincere mulierem, qua<sup>250</sup> uicta, facile uinceret<sup>251</sup> uirum. Nulla enim mulier tantum amauit uirum<sup>252</sup> et ipsa tantum<sup>253</sup> fuit amata a uiro quantum<sup>254</sup> Eua Adam et ipse Euam amauit, preter amorem illum insuperabilem qui fuit inter Christum Dominum et Mariam Reginam nostram et uestram, quamuis quando dixi "nostram<sup>255</sup>", utrumque includebatur<sup>256</sup>, quia nos angeli et uos homines sumus conciuues et compatriote et ad unum finem ordinati. Prima itaque temptatio<sup>257</sup> facta mulieri fuit interior et occulta, qua<sup>258</sup> titillauit<sup>259</sup> serpens ut mulier extolleretur in corde suo et de se ipsa presumeret tamquam pulchra et decora. Et in hoc non decipiebatur, quia talis erat. [14] Sed<sup>260</sup> conatus serpentis antiqui erat inducere<sup>261</sup> eam in amorem sui ipsius, quia et ipse<sup>262</sup> eo<sup>263</sup> modo peccare ceperat. Pluribus igitur uicibus et aliquibus<sup>264</sup> diebus studuit eius mentem peruertere, sed non poterat plene. Tandem in hoc obtinuit uictoriam, quia mulier intus in corde suo fuit elata et presumpsit. Tunc diabolus gauisus est et uidens eam iam peccasse et ita errare posse, conatus est eam ducere in errorem et in stultitiam, que est pena peccati et rebellionis Dei. Et una dierum apparuit sibi manifeste iuxta arborem illam uetitam, cuius fructus mulier aspiciebat<sup>265</sup> et considerabat<sup>266</sup>. Et dixit ei:

Quare non imples<sup>267</sup> desideria tua<sup>268</sup>? Quare non comedis de fructu illo suauissimo<sup>269</sup>? Vt quid<sup>270</sup> te affligis? Comede, quid times?

Et illa: Non licet mihi inde<sup>271</sup> sumere. Deus enim precepit nobis de illo solummodo non sumere. De omnibus his que<sup>272</sup> uides uesci possumus<sup>273</sup>. Illud<sup>274</sup> tantum<sup>275</sup> nobis<sup>276</sup> tangere<sup>277</sup> non licet.

<sup>247</sup> aliis *om. Q*

<sup>248</sup> uici *LIMNPV*, uincam *EFGHKO*, uinci *J*, eorum uincam *Q*

<sup>249</sup> admodum *HIJKLMNQP*, mirum modum *E*, ad inuicem *Q*

<sup>250</sup> qua *HJLMNOPQV*, que *I*

<sup>251</sup> uinceret *HIJKLMNQP*, uincere *V*

<sup>252</sup> uirum *om. V*

<sup>253</sup> ipsa tantum *om. Q*

<sup>254</sup> uiro quantum *HIJKLMNQP*, illo quam *Q*

<sup>255</sup> nostram *HIJKLMNQP*, uestram *Q*

<sup>256</sup> includebatur *HIJKLMOPQV*, includebar *N*

<sup>257</sup> temptatio *HIJLMO*, tentatio *KNPQ*, contemplatio *V*

<sup>258</sup> qua *HILMNQ*, quia *J*, quam *O*, quod *V*

<sup>259</sup> titillauit *FGHIJKLMNQP*, tentauit *E*

<sup>260</sup> sed *om. OV*

<sup>261</sup> inducere *om. Q*

<sup>262</sup> ipse *KLIMNOPQV*, ipso *J*

<sup>263</sup> eo *LMQ*, illo *HIJKNOPV*

<sup>264</sup> aliquibus *om. I*

<sup>265</sup> aspiciebat *HJKMNOPQV*, inspiciebat *IL*,

<sup>266</sup> considerabat *HIJKLMNQP*, desiderabat *Q*

<sup>267</sup> imples *HIJKLMNQP*, repleo *O*

<sup>268</sup> desideria tua *HIJKLMNQP*, desiderium tuum *EV*

<sup>269</sup> Cur sumere tardas? *add. M(in marg.a.m.)NO*, Quare sumere tardas? *add. Q*

<sup>270</sup> ut quid *FGHIJKLMNQP*, Et quid *K*, quare *E*

<sup>271</sup> inde *om. P*

<sup>272</sup> que *HIJKNOPQV*, quos *L*

<sup>273</sup> possumus *HIJKLMNQP*, possimus *V*

<sup>274</sup> Illud *HIJKLMNQP*, Illum *Q*

<sup>275</sup> tantum *HJKLMNQP*, tamen *I*

<sup>276</sup> tantum nobis *om. Q*

Tunc ille: Si tu scires cur ita uobis precepit Deus, nunc nunc<sup>278</sup> comederetis et bene esset uobis.

Et mulier: Dic mihi, rogo te<sup>279</sup>, causam huius precepti.

Et ille<sup>280</sup>: Dominus<sup>281</sup> nihil habet excellentius sua scientia quam adeo amat et in illius amore tantum ardet quod nollet ullo pacto ut alius<sup>282</sup> eam haberet. Et quia scit omnem intellectum esse capacem et idoneum ad sciendum quecumque ipse scit, quia nihil est intelligibile quod intellectus non possit intelligere, ipse, uolens hanc excellentiam pro se solo retinere, impediuit omnes alios intellectus ne possint<sup>283</sup> cognoscere omnia, sed quasi pauca. Et quia esus illius ligni<sup>284</sup> multum<sup>285</sup> confert ad sciendum, immo qui illo uesceretur in breui tempore<sup>286</sup> euaderet<sup>287</sup> doctus in omnibus...<sup>288</sup>.

Mulier admirata<sup>289</sup> dixit ei<sup>290</sup>: Dic mihi quis tu sis<sup>291</sup> et quomodo hec nosti?

Lucifer ait<sup>292</sup>: Sum ille qui mane oriebar, qui<sup>293</sup> in deliciis alterius paradisi longe melioris fui et ipso<sup>294</sup> nomine quod mihi remansit dignosci<sup>295</sup> potest<sup>296</sup> excellentia mea. Lucifer sum qui iccirco Deo subici<sup>297</sup> nolui quia me impediabat a cognitione multarum rerum sicut et uos. Nunc crede mihi, si comederitis<sup>298</sup> de ligno illo, tu et socius tuus, eritis quidam dii, omnia<sup>299</sup> cognoscentes<sup>300</sup> bona et mala, utilia et nociua et uiuetis in eternum, quod ipse nollet. Itaque et gratia scientie et gratia uite sempiternae prohibuit uobis Deus esum illius ligni ut parum sciatis et minus uiuatis.

Tunc mulier: Nunquam id facerem uiro meo inconsulto.

Et ille: Comede prius tu et, si probaueris uera esse in te que ego dico<sup>301</sup>, dabis postea de his<sup>302</sup> uiro tuo.

Mulier non consensit<sup>303</sup>, sed uiro suo omnia uerba retulit, qui dixit mulieri:

Caue tibi ab isto<sup>304</sup> quia, sicut ipse celum<sup>305</sup>, sic et nos possemus<sup>306</sup> amittere hunc paradisum.

---

<sup>277</sup> tangere *HJKLMOPQV*, attingere *N*

<sup>278</sup> nunc *om. Q*

<sup>279</sup> te *om. N*

<sup>280</sup> et ille *add. in marg. a. m. K*

<sup>281</sup> Dominus *HJMNOVP*, Deus *EIKLQ*

<sup>282</sup> alius *HJKLMNO PQ*, aliis *V*

<sup>283</sup> possint *HJKLMNO PV*, possit *I*, possent *Q*

<sup>284</sup> uobis *add. M (sup. lin.)*

<sup>285</sup> uobis *add. FNOQ*

<sup>286</sup> in breui tempore *HJKLMOPQV*, breui *N*

<sup>287</sup> euaderet *HJKLMNO PV*, euadere *Q*

<sup>288</sup> ideo uobis prohibuit *add. M (in marg. a. m.) N (O sup. lin. a. m.)*

<sup>289</sup> est et *add. IL*

<sup>290</sup> ei *om. N*

<sup>291</sup> sis *JILNOQ*, scis *HKMPV*

<sup>292</sup> ait *om. N*

<sup>293</sup> qui *HIJLMNO PV*, et *Q*

<sup>294</sup> ipso *HIJLMNO PQ*, ipse *V*

<sup>295</sup> dignosci *HJKLMNO PV*, cognosci *Q*

<sup>296</sup> potest *HJKLMNO PQV*, possit *I*

<sup>297</sup> subici *HIJLMNO PV*, subiri *L*

<sup>298</sup> comederitis *HIJLMOPQV*, comederetis *GKN*

<sup>299</sup> omnia *om. N*

<sup>300</sup> cognoscentes *IKLMNO PQV*, cognoscetis *J*

<sup>301</sup> tibi *add. Q*

<sup>302</sup> de his *HIJLMNO PQ*, *om. E*, de istis *V*

<sup>303</sup> consensit *HJKLMNO PQV*, concessit *I*

<sup>304</sup> isto *HIJLMOPV*, illo *Q*

<sup>305</sup> amisit *add. IL*

<sup>306</sup> possemus *HJKMOPV*, possumus *ILNQ*

Videns iterum Lucifer mulierem solam arborem illam respicientem<sup>307</sup>, dixit: Cur non comedis? Quis te impedit? Sume, sume non cures.

Tunc mulier: Tu Deo fuisti inobediens et amisisti celum. Ego, si mandata eius non seruo<sup>308</sup>, nonne amittam [15] hunc locum et forsitan uitam? Sic enim dixit Deus: "In illa<sup>309</sup> hora qua<sup>310</sup> comederitis<sup>311</sup>, morte moriemini.

Et diabolus ad illam: Nequaquam moriemini<sup>312</sup>. Nam in tali horoscopo et tali<sup>313</sup> aspectu syderum plasmati estis quod per longa secula uiuetis.

Et ostendebat<sup>314</sup> eis<sup>315</sup> per influxum stellarum ea que dixerat<sup>316</sup>. Et uidebatur<sup>317</sup> causa bene<sup>318</sup> assignata. Sed non aduertebant neque ipsa neque uir ad mortem qua morituri erant preuaricantes diuina mandata, quo factum est quod tam ipsa quam uir eius<sup>319</sup> agnouerunt<sup>320</sup> se pro tunc non morituros, iuxta rationes a Lucifero assignatas, que uere erant. Sed non aduertebant Deum posse augere et diminuere dies hominis sua potentia, neque de mortis natura et conditione<sup>321</sup> cogitabant. Nam illa mors erat exilium et<sup>322</sup> gratie Domini et loci concessi<sup>323</sup>. Et ex tunc minus curauerunt de mandato<sup>324</sup>, uidentes<sup>325</sup> penam illam se non incururos<sup>326</sup>, quod super<sup>327</sup> omnia displicuit Deo.

Tunc ego dixi: Angele Dei, quomodo ante peccatum fuit error? Nam nostri<sup>328</sup> dicunt quod error est effectus et pena a peccato procedens<sup>329</sup>.

Et ille respondit: Non errabant in hoc quod se non incururos mortem putabant, quia<sup>330</sup> id uerum erat quod non incurrerent eam. Sed non aduertebant de morte priuationis gratie seu iustitie<sup>331</sup> neque de necessitate moriendi. Dico tibi plus, quod mulier iam peccauerat elatione et uir eius non erat omnino sincerus<sup>332</sup>. Ergo si postmodum errassent, non est mirum, quia et errauit mulier in multis, sed non antequam esset elata, neque Adam antequam incepisset<sup>333</sup> in corde suo complacere<sup>334</sup> uxori ad

<sup>307</sup> respicientem *HIJLMNOPQ*, aspicientem *K*, respicere *E*, respici *G*, aspicere *V*

<sup>308</sup> seruo *HIJKMNOPQV*, egero *L*

<sup>309</sup> illa *om. Q*

<sup>310</sup> In illa hora qua *HIJKLMOPQV*, In qua hora *N*

<sup>311</sup> comederetis *HIJLMNPQV*, comederitis *K*, comodetis *O*

<sup>312</sup> Et diabolus ad illam: "Nequaquam moriemini. *om.L*

<sup>313</sup> horoscopo et tali *om.L*

<sup>314</sup> ostendebat *EGHIJKLMNOPQV*, ostendit *F*

<sup>315</sup> eis *EHJLMV*, ei *IKNOPQ*

<sup>316</sup> que dixerat *HIJKLMNOPV*, que dicebat esse uera *Q*

<sup>317</sup> Et uidebatur *HIKLMOPQ*, Euidebatur *JNV*

<sup>318</sup> bene *HIJKMNOPQV*, bone *L*

<sup>319</sup> eius *HIJKLMNOQV*, suus *P*

<sup>320</sup> diuina mandata, quo factum est quod tam ipsa quam uir eius agnouerunt *HIJLMNOPV*, diuina mandata. Factum est quod tam ipsa quam uir eius agnouerunt *K*, diuina mandata, quod factum est ut tam ipsa quam uir eius agnoscerent *Q*

<sup>321</sup> et conditione *IJLMNOPQV*, et cognitione *H*, et conditione *om. K*

<sup>322</sup> priuatio *add. in marg. a. m. K*

<sup>323</sup> gratie Domini et loci concessi *IJLMNO*, gratie Domini et loci concessi priuatio *EFH*, et priuatio gratie Domini et loci concessi *K*, gratie dominii et loci concessi priuatio *PQ*, gratia Domini et loci concessi *V*

<sup>324</sup> de mandato *om.V*

<sup>325</sup> uidentes *ILMNV*, uidendo *EGJHKOPQ*

<sup>326</sup> incururos *HIJKLMNOPQ*, incurros *V*

<sup>327</sup> super *HJKMNOPQV*, supra *IL*

<sup>328</sup> nostri *HIJKLMNOPV*, mihi *Q*

<sup>329</sup> quod error est effectus et pena a peccato procedens *HIJKLMNOPV*, quod error est effectus peccati quia pena *Q*

<sup>330</sup> quia *ILMNOPQV*, qui *J*

<sup>331</sup> Dei *add. N*, originalis *add.E*

<sup>332</sup> sincerus *HIJKMNOPQV*, ignarus *L*

<sup>333</sup> incepisset *HIKJLMNOPV*, cepisset *Q*

<sup>334</sup> complacere *HIJKLMNOPQ*, placere *V*

esum prouocanti. Subito enim ut uerba eius patienter et cum affectu quodam<sup>335</sup> audire uoluit<sup>336</sup> et Luciferi rationes<sup>337</sup> intelligere peccauit, quamuis nondum in pomi esum<sup>338</sup> consensisset<sup>339</sup>, quia non solum peccatum est uetita<sup>340</sup> facere, sed etiam suadentem<sup>341</sup> talia patienter audire et rationes uelle intelligere. Et eo magis si de mandato minus curet, ex eo quod illud posset impune preterire. Mulier ergo sicut longe ante uirum elata est et peccauit, sic et ante illum errauit et seducta fuit, quando uir adhuc rectus<sup>342</sup> erat et minime<sup>343</sup> seductus. In pluribus etiam fuit mulier seducta<sup>344</sup>, uir in paucis. Iccirco poterat dici non seductus. Mulier<sup>345</sup> in prima<sup>346</sup> temptatione exteriori fuit seducta, quia antea fuerat elata suggestione interiori. Vir non in prima aut secunda, sed postea<sup>347</sup> quinta et sexta. Sepius enim mulier retulit uerba Luciferi et suasit, sed uir constans fuit quousque, uolens<sup>348</sup> complacere uxori, scire uoluit<sup>349</sup> et petiit<sup>350</sup> rationes<sup>351</sup> serpentis de immortalitate et aliis<sup>352</sup> impatiens fuerat<sup>353</sup> neque libenter eam audiebat, immo ne talia diceret reprehendebat. Illa<sup>354</sup> uice quinta<sup>355</sup> cepit audire attente et sexta plene consensit<sup>356</sup>. Non fuit ergo seductus statim sicut nec stantim peccauit.

Ego iterum interrogauit: Mi angele<sup>357</sup>, mihi uidetur quod a<sup>358</sup> principio, quando acceperunt mandatum, ambo errauerunt, nam Deus dicendo: "In quacumque hora<sup>359</sup> [16] comederitis morte<sup>360</sup> moriemini", non intelligebat<sup>361</sup> de morte corporis<sup>362</sup> tunc futura, sed de obligatione ad illam et de morte anime, que<sup>363</sup> fit<sup>364</sup> per priuationem gratie seu iustitie originalis. Et tamen ipsi uidebantur intelligere de morte corporis pro tunc quando fieret transgressio. Ergo errabant.

<sup>335</sup> et cum affectu quodam *om. E*  
audiuit seu *add. Q*

<sup>336</sup> uoluit *FGHIJKLMNOPQV*, cepit *E*

<sup>337</sup> uelle *add. E*

<sup>338</sup> esum *IJKLMNOPV*, esu *HQ*

<sup>339</sup> consensisset *HIJKLMNOPQ*, consensissent *V*

<sup>340</sup> uetita *HIJKLMNOPQ*, uitia *V*

<sup>341</sup> suadentem *HIKLMOP*, suadente *Q*, suadentes *V*

<sup>342</sup> rectus *ILMNOPQV*, erectus *H*

<sup>343</sup> minime *HILMNOQV*, nunc *P*

<sup>344</sup> fuit, quando uir adhuc rectus erat et minime seductus. In pluribus etiam fuit mulier seducta *add. in marg. a. m. K*, quam *add. E*

<sup>345</sup> in paucis. Iccirco poterat dici non seductus. Mulier *om. E*

<sup>346</sup> in prima *ILMNOPQV*, ipsa *J*

<sup>347</sup> in *add. IHLO*

<sup>348</sup> uolens *HIJKLNOPQV*, nolens *M*

<sup>349</sup> uxori, scire uoluit *IJKLMNOQV*, uxori sue, scire uoluit *FH*, uxori sue. Voluit *P*

<sup>350</sup> et petiit *add. in marg. a. m. K*

<sup>351</sup> rationes *HJKLMNOPQV*, rationem *I*

<sup>352</sup> aliis *M*, alias *IJKLNOPQV*, antea enim *E*, alius *H*

<sup>353</sup> fuerat *HIJKLMNOPV*, erat *Q*

<sup>354</sup> reprehendebat. Illa uice *JKMNOQV*, reprehendebat. Vice *E*, reprehendat Illa uice *F*, reprehendebat eam. Vice *H*, reprehendebat. Ille uice *IL*, reprehendebat. Illam uice *P*  
qui *add. V*

<sup>355</sup> consensit *HJKMNOPQ*, consentit *V*, suasit *IL*

<sup>356</sup> Mi angele *om. Q*

<sup>357</sup> a *HIJLMNOPV*, in *Q*

<sup>358</sup> hora *add. in marg. a. m. K*

<sup>359</sup> morte *om. H*

<sup>360</sup> intelligebat *HMOPQ*, intelligebant *IJKLNV*

<sup>361</sup> corporis *om. N*

<sup>362</sup> que *IKLMNOPQV*, quam *J*

<sup>363</sup> fit *HIJKLMNOPQV*, fuit *O*

Respondit Angelus: Accipe hoc<sup>365</sup>, homo Dei et serue<sup>366</sup> simplex, non est errare quando aliquis ignorat<sup>367</sup> uel putat aliquid<sup>368</sup> posse<sup>369</sup> multis modis accipi, quamuis ipse nesciat proprie illud esse intelligendum hoc modo uel illo, sed potius<sup>370</sup> dubitare. Sed ille errat qui dicit et<sup>371</sup> putat aliquid pro certo esse uerum quod<sup>372</sup> tamen est falsum, aut pro certo falsum quod<sup>373</sup> tamen est uerum. Ante peccatum ergo multa poterant ignorari<sup>374</sup> et ignorabantur<sup>375</sup> et dubitari<sup>376</sup> et dubitabantur<sup>377</sup>. Sed nullum falsum putabatur<sup>378</sup> pro certo uerum<sup>379</sup> neque uerum falsum<sup>380</sup>. Illi ergo nouerant<sup>381</sup> illam comminationem in generali, sed ignorabant an precise<sup>382</sup> hac morte uel illa et an subito uel postea essent morituri. Sed non existimabant pro certo unum<sup>383</sup> modum<sup>384</sup>. Et ideo non errabant, sed ignorabant<sup>385</sup> et dubitabant. Nam neque nos angeli neque beati sciunt omnia, qui tamen nunquam peccauimus. Multis temptationibus<sup>386</sup> diu iam capta, primum muliere<sup>387</sup> deinde et<sup>388</sup> ipso uiro, non tamen uolentibus in actum esus<sup>389</sup> illius<sup>390</sup> pomi consentire, tamen<sup>391</sup> Lucifero instigante, consenserunt. Et mulier primo sumpsit, deinde porrexit uiro suo, qui comedit potius ut<sup>392</sup> complaceret quam ut cibum sumeret, immo inglutiuit<sup>393</sup> illum<sup>394</sup> ueluti cibum<sup>395</sup> displicentem. Et sic<sup>396</sup> uterque<sup>397</sup> eorum<sup>398</sup> factus est corpore mortalis, animo<sup>399</sup> uero alienus a Deo. Amiserunt omnia dona<sup>400</sup> que

<sup>365</sup> hoc *HIJKL(M sup.lin.a.m.)OPQV*, hec *FN*

<sup>366</sup> serue *HIJLMNOPV*, serua *Q*

<sup>367</sup> aliquis ignorat *HJMNOQ*, aliquis ignorat aliquid *IL*, quis ignorat *PV*

<sup>368</sup> pro certo esse uerum quod tamen est falsum et *add. Q*

<sup>369</sup> posse *HIJ(K add. in marg. a. m.)LMNOPV*, posset *Q*

<sup>370</sup> potius *HIJKLMNPQV*, possit *GO*  
est *add. Q*

<sup>371</sup> et *HILMOP*, uel *JNQV*

<sup>372</sup> quod *HIKMNPPQV*, quando *L*

<sup>373</sup> quod *HIJKMNOPQV*, quando *L*

<sup>374</sup> ignorari *HJKMNOPQV*, ignorare *IL*

<sup>375</sup> ignorabantur *HJKMNOPV*, ignorabant *ILQ*

<sup>376</sup> dubitari *HJKMNOPV*, dubitare *ILQ*

<sup>377</sup> dubitabantur *HJKMNOPV*, dubitabant *ILQ*

<sup>378</sup> putabatur *HIJKLMNPQV*, putabant *O*

<sup>379</sup> uerum *add. in marg. a. m. K*

<sup>380</sup> Sed nullum falsum putabatur pro certo uerum neque uerum falsum *HIJKLMNOPV*, Sed nullum falsum pro certo uerum neque contra *Q*

<sup>381</sup> nouerant *HIJKLMNOPV*, nouerunt *Q*

<sup>382</sup> de *add. P*

<sup>383</sup> unum *HJKLMNOPV*, hunc *Q*

<sup>384</sup> quia id propter peccatum non quodcumque, sed esus ligni illius, ut alias aperiam, uenit in mundum.  
*add. Q*

<sup>385</sup> an precise hac morte uel illa et an subito uel postea essent morituri. Sed non existimabant pro certo unum modum. Et ideo non errabant, sed ignorabant *om. I*

<sup>386</sup> temptationibus *HIJKLMNOPQ*, temporibus *V*

<sup>387</sup> muliere *HIJKLMNOPQ*, mulier *JV*

<sup>388</sup> et *HIJLMNOQ*, in *V*, *om. P*

<sup>389</sup> esus *HIJKLMNOPQ*, esum *V*

<sup>390</sup> illius *om. Q*

<sup>391</sup> Tamen *JKMV*, Tandem *HILNOPQ*

<sup>392</sup> ei *add. N*

<sup>393</sup> inglutiuit *HIJKLMOPQV*, deglutiuit *N*

<sup>394</sup> illum *JKMNOPQ*, illud *FHILV*

<sup>395</sup> cibum *HIJKLMNOPQV*, cibi *I*

ualde *add. Q*

<sup>396</sup> sic *om. P*

<sup>397</sup> uterque *JKLMNOPQV*, ut quam *H*

<sup>398</sup> eorum *om. L*

<sup>399</sup> animo *JKLMNOPQV*, anima *J*

fuerunt<sup>401</sup> eis<sup>402</sup> promissa: immortalitatem et animalium obedientiam et omnis creature subiectionem. Nil enim eis nocere antea<sup>403</sup> poterat.

Tunc ego: Si homo ante peccatum immortalis erat, quomodo factus est mortalis subito? Et si mutatus fuerit<sup>404</sup> de natura una in aliam, scire uelim<sup>405</sup> et rogo ut mihi<sup>406</sup> declarare digneris.

Et ille: Bene constat te esse purum hominem qui credis<sup>407</sup> naturam hominis unquam<sup>408</sup> fuisse immortalem. Homo et omne compositum ex pluribus rebus est dissolubile. Sed dono Dei erat homini concessum ut, si obediret mandatis, posset immortalis iugiter perseuerare. Non quia ex sui natura<sup>409</sup> talis<sup>410</sup> esset, sed quia Deus eum<sup>411</sup> obedientem preseruasset<sup>412</sup> et in eternum conseruasset<sup>413</sup>. Dico tibi plus, quod multi<sup>414</sup> ex uestris<sup>415</sup> non capiunt, nullum etiam angelum immortalem sic esse quin, postquam factus est, desinere<sup>416</sup> possit, quanto magis uos qui luteas habetis domos et habetis<sup>417</sup> terrenum edificium! Homo ergo erat factus gratia immortalis, non natura. Peccando uero homo<sup>418</sup>, Deus non dedit illi naturam nouam, sed reliquit in ea in qua ex naturali conditione manere debebat<sup>419</sup>.

Tunc ego: Domine mi, dicite<sup>420</sup>, si placet, que differentia sit inter uestram naturalem<sup>421</sup> immortalitatem et ipsius primi hominis.

Angelus respondit: Ista non sunt<sup>422</sup> secreta futuro pastori reuelanda, nam talia possunt<sup>423</sup> sciri aliter [17] quam per hanc<sup>424</sup> reuelationem. Maneamus<sup>425</sup>, uir Dei, in his<sup>426</sup> que nondum fuerunt Ecclesie reuelata<sup>427</sup>. Scire tamen<sup>428</sup> debes quod res incorporea<sup>429</sup> et immaterialis<sup>430</sup> est ualde<sup>431</sup> minus<sup>432</sup> morti et interitui subiecta quam

---

<sup>400</sup> dona *HIJKLMNPV*, bona *OQ*

<sup>401</sup> fuerunt *JKMNOV*, fuerant *FHILPQ*,

<sup>402</sup> eis *HIJKLMOPQV*, illis *N*

<sup>403</sup> antea *IJLMNOPQV*, ante *HK*

<sup>404</sup> fuerit *HIJKLMOPV*, fuit *NQ*

<sup>405</sup> uelim *HIJKLMNOPV*, uellem *Q*

<sup>406</sup> id *add. HL*

<sup>407</sup> qui credis *KMNQV*, ne credas *L*, qui credas *FGIHJOP*

<sup>408</sup> unquam *IJKLMNPQ*, numquam *FGHOV*

<sup>409</sup> ex sui natura *HIJKLMNOP*, sua natura *Q*, ex sua natura *V*

<sup>410</sup> talis *HIJKL* (*M add. sup. lin. a. m. immor...*) *N*, immortalis *add. OQ*

<sup>411</sup> eum *HILMOPQV*, *om. J*, illum *KN*

<sup>412</sup> preseruasset *HIJKLMNOPQ*, preseruaret *V*

<sup>413</sup> conseruasset *HIJLMNOPQV*, comprouasset *L*

<sup>414</sup> quod multi *om. V*

<sup>415</sup> uestris *HIJKLMNOPV*, uobis *Q*

<sup>416</sup> desinere *HILMNP*, defficere *JK* (*O er. alias desinere*) *V*, desinere non *Q*

<sup>417</sup> habetis *om. Q*

<sup>418</sup> Peccando uero homo *HIJKLMNOPV*, Peccante uero homine *Q*

<sup>419</sup> debebat *HIJKLMNOPQ* debeat *V*

<sup>420</sup> dicite *HJKMNPV*, dicito *IL*, dic *OQ*

<sup>421</sup> naturalem *HJKMNOQV*, naturam immortalem *G*, naturam et *IL*, *om. P*

<sup>422</sup> sunt *om. JV*

<sup>423</sup> possunt *HIJKNOPQV*, possis *L*

<sup>424</sup> hanc *HIJKLMNOPV*, ipsam *Q*

<sup>425</sup> Maneamus *HIJKLMNOPV*, Mane *Q* (*sup. ras.*)

<sup>426</sup> his *add. M* (*sup. lin.*)

<sup>427</sup> reuelata *JK* (*O er. alias intimata*) *PQV*, intimata *FHILMN*

<sup>428</sup> tamen *HIJKLMNOPQ*, non *V*

<sup>429</sup> incorporea *HIJKNOPQV*, corporea *L*

<sup>430</sup> immaterialis *HIJKMOQ*, materialis *LN*, immortalis *PV*

<sup>431</sup> ualde *add. in marg. a. m. K*

<sup>432</sup> minus *HJKMNOQV*, nimis *IL*

corporea, materialis et animata<sup>433</sup>. Illa<sup>434</sup> enim et a seipsis<sup>435</sup> et ab aliis rebus que non sunt Deus destrui possunt<sup>436</sup>. Nos autem ita sumus immortales quod nullus<sup>437</sup> preter Deum nostrum posset nos<sup>438</sup> destruere. Vos habetis<sup>439</sup> intus<sup>440</sup> et extra uestri<sup>441</sup> destructiua. Sed hec dimittantur<sup>442</sup> ut<sup>443</sup> ad secretiora deueniamus<sup>444</sup>. Audi ergo, uir Dei, subito ut<sup>445</sup> primi parentes uestri quod diu cogitauerunt<sup>446</sup> opere perfecerunt, aperti sunt oculi eorum et cognouerunt<sup>447</sup> se esse nudos et absconderunt se a facie Dei.

Tunc ego: Hic ualde miror quomodo aperti sunt oculi eorum post peccatum. Nam potius clausi fuerunt<sup>448</sup> quia<sup>449</sup> minus scientie habuerunt? Si enim aperti fuerunt tunc oculi eorum, uidetur uerum dixisse serpens ille maledictus<sup>450</sup>: "Eritis scientes bonum et malum". Miror etiam quod antea<sup>451</sup>, cognoscentes omnia alia, non cognouerunt se<sup>452</sup> esse nudos et deinde peccantes, acquisiuerunt talem cognitionem.

Gabriel, fortitudo Dei, sic respondit: Homo Dei, audi me. Aperti fuerunt<sup>453</sup> oculi eorum non ut magis scirent post peccatum quam antea, sed<sup>454</sup> quia post peccata interiora<sup>455</sup> lapsi erant in multos errores<sup>456</sup>. Consumato peccato, diuino iudicio, ut conscientia propria sit iudex unicuique, id<sup>457</sup> factum est ut agnoscerent<sup>458</sup> omnes deceptiones et insidias et machinationes<sup>459</sup> et suas uanas cogitationes et pessimos consensus<sup>460</sup>. Et cognouerunt se esse nudos, quia iustitia spoliatos, diuina benedictione priuatos. Et abscondere se procurabant a facie Dei quia, uidentes hec omnia<sup>461</sup>, fingeabant<sup>462</sup> quantum fieri potest<sup>463</sup> se illa<sup>464</sup> non amisisse sed<sup>465</sup>, quasi non peccassent aut contaminatos esse<sup>466</sup>, cognoscebant malum, sed cognoscere nolebant, immo illud<sup>467</sup>

<sup>433</sup> corporea, materialis et animata *HIJKMNOPQV*, incorporea, immaterialis et inanimata *L*

<sup>434</sup> Illa, *HJKLMNPOQV*, Ista *I*

<sup>435</sup> a seipsis *HIJKLMNOPV*, de seipsa *G*, a seipsa *Q*

<sup>436</sup> possunt *HIJKLMNOPV*, potest *Q*

<sup>437</sup> nullus *HIKMNQV*, nullum *JLOP*

<sup>438</sup> nos *om. I*

<sup>439</sup> Vos habetis *HJKLMNPOQV*, Vos homines *I*

<sup>440</sup> intus *JKLMPV*, et inter *I*, et intra *FGHNOQ*

<sup>441</sup> uestri *HIJKLMNOPV*, uestra *Q*

<sup>442</sup> dimittantur *HIJKLMNOPV*, dimittamus *Q*

<sup>443</sup> ut *HIJKLMNOP*, et *QV*

<sup>444</sup> deueniamus *HIJKLMNOQV*, deueniam *P*

<sup>445</sup> ut *HIJLMNOQV*, quod *P*

<sup>446</sup> cogitauerunt *HJKLMNV*, cogitauerant *FIOPQ*

<sup>447</sup> cognouerunt *HIJKLMNOPQ*, cogitauerunt *V*

<sup>448</sup> fuerunt *IKLMNOPQV*, fuerant *H*

<sup>449</sup> quia *HIJLMNOPV*, qui *Q*

<sup>450</sup> serpens ille maledictus *HIJKLMNOPV*, serpentem illam maledictam *Q*

<sup>451</sup> antea *HIJKLMNOPV*, ante mortem *Q*

<sup>452</sup> se *om. V*

<sup>453</sup> fuerunt *HIJLMNOQV*, sunt *KP*

<sup>454</sup> aperti fuerunt oculi eorum *add. H*

<sup>455</sup> peccata interiora *FHNOPQ*, peccata per interiora *GIKL(M sup. ras.)*, peccatum per interiora *JV*

<sup>456</sup> inaduertenter *add. Q*

<sup>457</sup> id *HIJLMNOPQ*, hic *V*

<sup>458</sup> agnoscerent *JKLMNOPV*, cognoscerent *FIHQ*

<sup>459</sup> machinationes *HIJKLMNOPQ*, inadunationes *V*

<sup>460</sup> Et aduerterunt ad ea que non aduertebant, certificati sunt de quibus dubitabant. *add. FPQ*

<sup>461</sup> que uenerant super eos *add. F*, que uentura erant super eos *add. PQ*

<sup>462</sup> fingeabant *HIJKLMNOPQ*, fingeabat *V*

<sup>463</sup> fieri potest *GHIJLMNOPQV*, poterant *F*

<sup>464</sup> illa *HIJLMOPV*, illam *NQ*

<sup>465</sup> sed *JILMNOPQV*, si licet *H*

<sup>466</sup> quasi non peccassent aut contaminatos esse *IJLMV*, quasi non peccasse aut contaminatos esse *H*, quasi non peccassent aut contaminati essent *FNOQ*, quasi non peccassent aut contaminatos non esse *KP*

obumbrare et abscondere a facie Dei cupiebant.<sup>468</sup> Ideo apparuit<sup>469</sup> Dominus post meridiem ad auram, quia luce meridiana erant ei opera eorum<sup>470</sup> clara<sup>471</sup>, ideo illa hora<sup>472</sup> ut scirent ei esse nota omnia et ipsos a facie eius abscondi non posse. Venit autem sonitu precedente<sup>473</sup>, id enim erat signum ipsius<sup>474</sup> aduentus, ad quod signum ipsi solebant, si alicubi latitarent, se ostendere et palam facere. Et quamuis ipsi primum nolissent peccatum agnoscere, tamen deinde<sup>475</sup> flere ceperunt et ingemiscere de peccato suo. Et tunc uenit Deus, non uocando Euam, sed Adam tamquam principaliorem<sup>476</sup> et<sup>477</sup> qui se et uxorem regere debuisset, clamando: "Adam, ubi es? Tu credis<sup>478</sup> esse in celo et es in inferno. Credis<sup>479</sup> te<sup>480</sup> factum<sup>481</sup> Deum et es miserior homo quam unquam<sup>482</sup> fuisses<sup>483</sup>, immo comparatus es iumentis insipientibus et similis factus es illis."

Tunc ille, ut bene dixerunt<sup>484</sup> uestri expositores, uoluit retorquere peccatum suum in Deum qui sibi dedisset mulierem deceptricem, et mulier in Luciferum serpentem. Et ita communiter omnes<sup>485</sup> estis<sup>486</sup> in hoc ueri<sup>487</sup> filii Adam patris uestri et Eue matris uestre, quia omnes, ut plurimum, peccata uestra in alios retorquetis et ipsa a Deo, immo a uobismetipsis abscondere conamini, quia nolletis<sup>488</sup> intelligere [18] errores uestros propter superbiam et presumptionem uestram, quod summe Deo nostro displicet, quia<sup>489</sup> magis amat peccantem humilem quam iustum<sup>490</sup> superbum.

Tunc ego subito addidi:<sup>491</sup> Quomodo, Domine mi, potest esse superbus iustus?

Respondit: Homines ut plurimum credunt se esse<sup>492</sup> immunes a peccato si uitia carnis non prosequuntur<sup>493</sup>. Superbiam, inanem gloriam et presumptionem peccata esse non<sup>494</sup>

<sup>467</sup> illud *om. P*

<sup>468</sup> Qui enim non uult peccata sua agnoscere quasi a facie Dei uultum abscondit. Quia ergo uidebant mala sua, aperti fuerunt oculi eorum. Et quia illa scire affectabant, a facie Dei se abscondebant. *add. F*

Qui enim non uult peccata cognoscere quasi a facie Dei uult abscondere. Quia ergo uidebant mala sua, aperti sunt oculi eorum. Et quia illa nesciri affectabant, a facie Dei abscondebant. *add. G*

Qui enim non uult peccata cognoscere quasi a facie Dei uultum abscondit. Quia ergo uidebant mala sua, aperti fuerunt oculi eorum. Et quia illa scire affectabant, a facie Dei se abscondebant. *add. Q*

<sup>469</sup> apparuit *HJK(M sup. lin. a.m.uenit) OPVQ*, uenit *ILN*

<sup>470</sup> eorum *om. GQ*

<sup>471</sup> clariora *add.F (M in marg. a. m) Q*

<sup>472</sup> illa hora *om. P*

apparuit *add. Q*

<sup>473</sup> sonitu precedente *JMOQ*, aure sonitu precedente *FHILV*, Dominus aure sonitu precedente *GK*, aura sonitu precedente *N*, aure sonitum precedente *P*

<sup>474</sup> ipsius *HIJKMNOV*, sui *P*, eius *Q*

<sup>475</sup> et sonitum aure sentientes *add. FQ*

<sup>476</sup> principaliorem *HIJKLMNO(Q add. stipitem) V*, principalem *P*

<sup>477</sup> et stipitem qui pro se et omnibus suis dona acceperat et *add. FP*

<sup>478</sup> credis *GHIJKLMNOQV*, credebas *F*

<sup>479</sup> *idem*

<sup>480</sup> esse *add.KN*

<sup>481</sup> factum *GHIJKLMNOQV*, fieri *F*

<sup>482</sup> unquam *HIJLMNOQ*, numquam *KV*

<sup>483</sup> homo quam unquam fuisses *GHIJKLMNOQV*, omnibus *F*

<sup>484</sup> dixerunt *KMP*, dicunt *HIJLNOQV*

<sup>485</sup> omnes *om. P*

<sup>486</sup> estis *add. in marg. K*

<sup>487</sup> ueri *HIJKMNOP*, uere *GLQV*

<sup>488</sup> nolletis *HIJKLMOPV*, non uultis *Q*

<sup>489</sup> quia *HIJLMNOQ*, qui *V*

<sup>490</sup> iustum *HIJLMOPQV*, peccantem *N*

<sup>491</sup> Quero *add. Q*

<sup>492</sup> esse *om.HIJLNOQ*

<sup>493</sup> prosequuntur *HIJKLMOPV*, prosequantur *GNQ*

perpendunt et ita sibi iusti uidentur. Minus peccantes apud uos maiores peccatores<sup>495</sup> existimantur. Et superbi<sup>496</sup>, qui plus peccant, quia<sup>497</sup> abstinent a carnalibus desideriis, uidentur apud uos iusti, qui<sup>498</sup> minora magis curatis, maiora nec agnoscitis<sup>499</sup>. Quod peccatum fuit nostri quondam socii Luciferi nisi presumptio et cupiditas dominandi? Sed reuertamur<sup>500</sup>.

Parentes illi uestri non fuerunt subito corpore mortui, sed bene obligationem<sup>501</sup> moriendi incurrerunt<sup>502</sup> et priuati fuerunt<sup>503</sup> omni dono et redditi proprie nature. Gratia enim non natura eis posse non mori concessum fuerat et appetitus inferior ex gratia et dono Dei erat subiectus rationi, non autem ex sui<sup>504</sup> natura. Ideo, facto peccato, rediit homo ad illa que sue nature erant, circumdatus plurimis<sup>505</sup> tribulationibus que exprimuntur in illis uerbis: "In sudore uultus tui comedes panem tuum<sup>506</sup> et in dolore paries filios tuos". Deus autem non apparebat eis in forma deitatis, sed in forma qua etiam nobis apparuerat<sup>507</sup> quando nobis mandatum de adorando Filio suo tamquam homine<sup>508</sup> proposuit. Apparebat ergo eis ut homo. Tunc ergo Deus, iratus non minus contra excusationem patris et matris uestre quam contra peccatum ipsum in se, precepit nobis omnibus qui eum in locum illum<sup>509</sup> conduxeramus ut ipsum<sup>510</sup> simul cum uxore, que numquam extra paradysum fuerat, quia in paradiso Dei creata fuit<sup>511</sup>, expelleremus et locum illum custodiremus. Quod effecimus<sup>512</sup> congaudendo diuine uoluntati simul et aliquo modo condolendo homini consocio nostro et conciuui. Eua plorabat. Adam non sine lacrimis gemebat.

Vide quid<sup>513</sup> actum fuerit<sup>514</sup> a nostris in paradiso nostro et quid<sup>515</sup> a uestris in paradiso uestro. Sed uestri liberationem meruerunt, quia tempus penitentie, extra paradysum positi<sup>516</sup>, habuerunt<sup>517</sup> et usque ad mortem expectati fuerunt. Nostri autem, quia mori non poterant, casum pro morte acceperunt.

Ego diu steteram in una dubitatione quomodo uidelicet<sup>518</sup> diabolus potuerit mulierem intrinsecus temptare. Sed<sup>519</sup> iugiter audiendo noua pulchra et scitu delectabilia<sup>520</sup>,

<sup>494</sup> credunt seu *add. Q*

<sup>495</sup> uidentur uel *add. L*

<sup>496</sup> superbi *HIJKLMNOQV*, sibi *P*

<sup>497</sup> forsan *add. PQ*

<sup>498</sup> qui *HIJLMNOPV*, quia *Q*

<sup>499</sup> agnoscitis *HJKMNOPQ*, cognoscitis *ILV*

<sup>500</sup> Sed reuertamur *HIJKLMNOPV*, Sed redeamus ad propositum *Q*

<sup>501</sup> obligationem *HIJKLMNOPV*, obligatione *Q*

<sup>502</sup> incurrerunt *HIJKLMNOPOQ*, incurrunt *V*

<sup>503</sup> fuerunt *HIJLMNOPV*, sunt *Q*

<sup>504</sup> sui *HIJKLMNPQ*, sua *OV*

<sup>505</sup> plurimis *IJKLMNPQ*, pluribus *HO*, multis *V*

<sup>506</sup> comedes panem tuum *IJKLMNOV*, uesceris pane tuo *HQ*

<sup>507</sup> apparuerat *HIJKLMNOV*, apparuit *Q*

<sup>508</sup> homine *HIJKLMNOQV*, hominem *P*

<sup>509</sup> illum *HIJKL(M add. sup. lin.a.m.) O*, illud *N*, *om. GPQ*

<sup>510</sup> in se, precepit nobis omnibus, qui eum in locum illum conduxeramus, ut ipsum *om. V*

<sup>511</sup> fuit *HIKLMNOV*, fuerat *GPQ*

<sup>512</sup> effecimus *IKLMNOPV*, et fecimus *FHQ*, effecimus *G*

<sup>513</sup> quid *IKLMNOPQV*, quod *J*

<sup>514</sup> fuerit *HIKLMOPV*, fuit *N*, est *Q*

<sup>515</sup> quid *ILMNOPQV*, quod *J*

<sup>516</sup> positi *om. V*

<sup>517</sup> habuerunt *HIKLMNPQV*, meruerunt (*add.in marg. a.m. alias habuerunt*) *O*

<sup>518</sup> quomodo uidelicet *HIKMV*, quomodo *G*, quomodo autem *L*, que est utrum *P*

<sup>519</sup> sed *HIMNOPQV*, seu *L*

<sup>520</sup> interrogare non poteram *add. FP*, tacueram. *add. KG*

tandem hic clamando dixi: "Dubium, Domine, dubium diu retentum ut<sup>521</sup> uelis declarare rogo.

Tunc ille: Credis quod non uiderim cogitationem tuam et desiderium tuum? Vidi et percepi et dico tibi quod Lucifer temptauit hominem antequam peccasset temptatione interiori, non mouendo interius ordinatissimas uires suas ipse, sed exhibendo exterius suis sensibus quedam quibus eum commoueret in superbiam et presumptionem sui, ita quod potius circa sensibilia laboraret<sup>522</sup> ut ipsius Eue sensum et mentem immutaret illo modo quo ipse Lucifer cupiebat quam quod [19] in fantasiam et intellectum<sup>523</sup> eius quicquam imprimeret. Ecce respondi cogitationi tue.

His dictis et auditis reductus sum in locum meum a sanctis angelis qui me hortabantur ut ad socios meos redirem et cibum corporalem sumerem. Et ita feci.<sup>524</sup>

---

Ego diu steteram in una dubitatione, quomodo uidelicet diabolus potuerit mulierem intrinsecus temptare. Sed iugiter audiendo noua pulchra et scitu delectabilia *om. NQ*

Tunc ego qui diu steteram in una dubitatione, quomodo uidelicet diabolus potuerit mulierem intrinsecus temptare insita audiendo noua pulchra et scitu delectabiliora *add. O (in marg. a.m.)*

<sup>521</sup> melius *add. JV*

<sup>522</sup> laboraret *M*, laborabat *HIKLNOPQV*

<sup>523</sup> in fantasiam et intellectum *HILMOPV*, in fantasiam aut intellectum *FGJK*, in fantasia aut intellectu *N*, in fantasia et intellectu *Q*

<sup>524</sup> Finis ultimi raptus *add. I*; laus Deo *add. K*

## SEGUNDO ARREBATAMENTO

Fui arrebatado noutro dia e achei-me na Assembleia dos santos que, em grupo, se mantinham de pé diante de Deus. Aproximou-se de mim o anjo Gabriel e disse-me: Não receies. Na verdade, achaste graça diante de Deus, e todos estes te amam. Fizeste bem em escrever quanto te havia dito. Mas diz-me, se acaso tens alguma dúvida em relação ao que escreveste, que eu te esclarecerei, porque vai acontecer que todos os povos conheçam estas coisas.

Que dúvidas posso eu ter, respondi, se nada sei? Pensei muitas vezes comigo mesmo como é que alguns de vós pecaram, como puderam rebelar-se contra Deus, de onde lhes veio tão grande ousadia.

Também isso, disse o anjo, é desconhecido dos homens. **[fl. 8]** Vós dizeis: os anjos pecaram. E dizeis bem. Mas ignorais porquê e como. Vou dizer-to. Escreve e guarda esses escritos para que o Pastor saiba o que há-de ensinar ao seu povo. Todos nós, os anjos, fomos peregrinos, não por curtos e breves períodos, como julgais, mas por longo tempo. Conhecíamos a Deus com um conhecimento preciso, pela sua semelhança em nós impressa desde o princípio. Contudo, não o víamos. Éramos felizes pelo conhecimento que dele tínhamos em imagem, não em si. Conhecíamos-lo, pois. E uma vez ele conhecido, por meio dele conhecíamos todas as outras coisas. Não dispúnhamos, portanto, como os homens pensam, das imagens singulares das coisas, nem muitas nem poucas, mas na imagem única de Deus reconhecíamos-lo a ele e a todas as outras coisas. Reconhecíamos a Deus e tudo o mais. Estávamos todos na graça de Deus e servíamos-lo. Por isso Deus, o nosso Criador, para nos provar e, provados, dar o facto a

conhecer a outros, para exaltar os humildes e humilhar os soberbos (ouve esta coisa admirável), apareceu-nos na forma do mesmo homem que depois assumiu. E nós reconhecemos a forma em que nos aparecia e sabíamos que aquela não era a sua forma. Disse-nos então: Escutai-me, anjos meus, ouvi e prestai atenção ao que vos digo. Reconheceis acaso quem eu sou? Conheceis a forma e a natureza em que apareço perante vós? Sabemos que tu és Deus, o nosso Criador, dissemos nós. Sabemos também que essa é a aparência do homem que ainda não foi criado e admiramo-nos de tão espantosa relação, de ligação tão digna de admiração. E não compreendemos o que pretende esta aparição. Para que saibais e conheçais, disse Deus, que decretei e firmei por solene deliberação querer assumir a natureza humana. Quero ser homem, quero ser concebido no útero de uma mulher e dela nascer. E abriu-nos a razão de tal modo que compreendemos o que nos dizia. Mas admirávamo-nos porque é que queria fazer isso. Acrescentou: Eu serei homem e o homem será Deus. E se Deus, logo, vosso senhor, vosso rei, vosso príncipe. E todos vós vos submetereis ao seu poder, venerá-lo-eis e adorá-lo-eis como a mim. Porque ele e eu seremos uma única pessoa, seremos por vós adorados numa única adoração. Anteporei também a todos vós aquela mulher que escolhi para mãe. Será vossa rainha, honrá-la-eis e venerá-la-eis como Mãe de Deus e de vosso Senhor. É isto que eu quero, é isto que mando, é isto que vos ordeno. Aos que fizerem e desejarem fazer isto, mostrar-lhes-ei a minha face e alegrar-se-ão na visão de mim, na qual reside o sumo bem para sempre. Os que não quiserem obedecer a este [fl. 9] decreto tombarão deste lugar para um lugar de trevas e nuvens e escuridão e não desfrutarão mais dos dons de que os revesti, mas serão privados da minha graça e precipitados num lugar onde não quererão permanecer, mais, odiá-lo-ão, desejando sempre a suavidade de que agora desfrutam, sem nunca a chegarem a ter.

Dito isto, aquela visão desapareceu.

Estavam então connosco muitos dos mais nobres espíritos. Entre eles estava um de primeira grandeza, a quem chamais Lúcifer. Foi o primeiro a

exortar os outros, dizendo: Que vos parece, meus irmãos? Será que são justas as ordens do nosso Deus? Sabeis o que é o homem e o que é a mulher. Não seremos nós muito mais dignos do que eles? Não supera a nossa espécie a espécie humana? Que justiça, que piedade move Deus a querer ser homem e não anjo? Porque é que quis que todos nós nos submetêssemos a um homem e não a um de nós? Vede, Miguel é importante. Vede Gabriel! E vedes quão digno eu sou! Não quis assumir um de nós, não quis conceder esta suprema dignidade a nenhum de nós. Eu queria-a e desejo ardentemente ser Deus. Sou muito maior que o homem, quero que o homem me adore e não ser eu a adorar o homem. Jamais assentirei, nunca o adorarei, nunca reputarei como justa tal ordem, nunca quereirei bem a nenhum daqueles que reconheça o contrário. Esta é a minha opinião, esta a minha deliberação, esta a minha decisão.

Então Miguel, primeiro, depois eu e muitos outros assim lhe respondemos: És digno, Lúcifer, és grande, és rico e poderoso. Mas Deus, que nos criou quando ainda não existíamos, é muito mais digno, muito maior, muito mais rico e muito mais poderoso do que tu e do que todos nós. Não te é permitido tomar uma decisão contra a sua decisão, nem uma deliberação contra a sua deliberação, nem formular uma opinião contrária à sua. Tenta o impossível todo aquele que tenta algo contra ele. É Deus, é Senhor, a sua vontade é justíssima, é rectíssima, é onnipotente. Não pode errar. Pode fazer tudo aquilo que quer. Discutir e pôr em causa os seus decretos é tarefa insensata e inútil. Humilhemo-nos perante ele. Submetamo-nos não só ao homem, mas à madeira e à pedra, se ele o ordenar, se ele o quiser. Devem considerar-se justas as coisas que são do seu agrado, piedoso e bom o que ele quer. Não poderíamos existir se ele o não quisesse. Em que me prejudica se me não atribui aquilo que por razão nenhuma está obrigado a atribuir-me? Que temos nós senão o que por ele nos foi dado e concedido? Não poder ver o bem alheio é invejar. Que poderemos ter que seja bom se ele não quiser? Estou certo de que nele não pode caber nem erro nem injustiça. Tudo quanto faz [fl. 10] é bom.

Queixar-se do bem é iníquo. Contém-te, Lúcifer, humilha-te, sê submisso a teu Deus. Mas Lúcifer, repassado do fel da inveja, do ódio e da presunção, começou a replicar às afirmações dele com afirmações semelhantes, protestando que Deus era injusto e iníquo, sem dar ouvidos aos nossos conselhos. Tentou verter sobre nós seu ódio e sua ira. Seguiram-no muitos anjos aderindo à sua opinião. Muitos outros, contudo, mantiveram-se do nosso lado.

Discutiu-se também a razão por que quis Deus exaltar a tal ponto o homem. Alegavam uns uma razão, outros alegavam outra, e defendiam-nas. Nós, firmes no amor e na obediência, dizíamos: A nós basta-nos saber que ele o quer e que não pode querer senão o que é bom e recto. Adoramos a Deus Homem, veneramos sua Mãe.

Levantou-se, pois, entre os habitantes do Céu violenta tormenta e um contínuo conflito. Um combate ininterrupto prolongou-se por não pouco tempo, nem o tempo existia ainda. Onde estão as nuvens, diziam muitos deles? Onde está a escuridão? Onde está esse lugar em que Deus ameaçou encerrar-nos?

De muitos modos Deus incitava Lúcifer a desistir de seus errados intentos. Esperou a sua conversão. Poderia, com efeito, converter-se antes da queda, mas nunca o quis. E embora soubesse que Deus não pode errar, nem agir injustamente, abrasou-se de tal modo no amor de si e no ódio e na inveja para com o homem que, vendo o que era justo e o que era bom, preferiu seguir o mal.<sup>[16]</sup> Ambicionou ser Deus na exacta medida em que também o homem é hoje Deus. Encarava isso como possível e a coisa mais razoável, pois se considerava a si mais digno do que o homem e mais digna a sua natureza. Não lhe caiu bem que Deus lhe preferisse o homem e, a tal ponto, que o fizesse senhor dele. É esta a inveja pela qual entrou a morte na humanidade e na Terra.

Vendo Deus que nos seus anjos se achava tão grande perversidade e maldade, dirigiu-se a nós e disse: convergi num único amor, numa única obediência, numa única submissão. Sois todos meus filhos, se não

afrontades as minhas ordens. Aguardei a conversão daqueles que se desviaram. Agora, apenas resta pronunciar a sentença e dar aos obedientes o prémio eterno e o suplício perpétuo aos que desobedeceram. Vede, decidi já criar o homem e vou criar muitas outras coisas para a sua vida. Perguntai a Lúcifer e aos seus sequazes, disse-nos ainda, se querem voltar para mim, e eu recebê-los-ei. Senão, uma vez criado o mundo, vou precipitá-los e expulsá-los para um lugar de trevas e escuridão.

Miguel e eu dialogámos com eles, mas de nada valeu a nossa instigação. Travou-se entre nós e eles um grande combate. E Deus disse: *Faça-se a luz*<sup>[17]</sup> ou seja, o Sol, como já dissemos. E criado o Sol, os Céus já referidos e a Terra com seus elementos, no mesmo dia em que dia e noite foram separados, também nós fomos separados. Enquanto Miguel e nós os outros combatíamos, com a ajuda de Deus foram eles, pois, precipitados nessa atmosfera de trevas. Foi isto o que fez a presunção, isto fez a inveja e o contemto dos mandamentos de Deus.

Separados aqueles [fl. 11] espíritos, os bons e os maus, como a luz foi separada das trevas, os bons tornaram-se o dia, a luz perpétua. Os maus, porém, a noite, as trevas e as nuvens sempiternas. Não que mudassem de natureza, mas porque, repletos de más, feias e detestáveis acções, foram mergulhados numa atmosfera tenebrosa.

Criadas então todas as coisas, com excepção do homem, assistindo ou estando presentes nós todos os anjos que nos mantivemos fiéis, disse Deus Pai a seu Filho, que é o seu Verbo e a sua Imagem, e também ao Espírito Santo: São tais as nossas obras que de modo algum pode um actuar sem outro. Com efeito, os três somos um só Deus. Fizemos tudo quanto este mundo precisa. Façamos já à nossa imagem e semelhança o homem que presida a todos os seres inferiores, de que vos mostrei já, anjos meus, o modelo, pois que este meu Filho assumirá no tempo predestinado essa natureza. Mas quero que também vós realizeis em relação a este vosso concidadão alguma benfeitoria para que, em razão disso, ele vos ame como a benfeitores e vós a ele como, de algum modo, obra das vossas mãos. Dai

forma a seu corpo e fazei quanto vos for possível. O que vós não puderdes fazer acabá-lo-emos nós com o nosso poder imenso.

Todos nós, então, do maior ao mais pequeno, nos regozijámos ambicionando a companhia do homem. Todos, unanimemente, queríamos obedecer às determinações de Deus, e cada um ambicionava ser o primeiro. Miguel está antes de mim, ele mesmo lutou com o dragão Lúcifer, embora todos tivéssemos lutado, pedia que Deus o mandasse a realizar esta tarefa. Do mesmo modo eu e cada um dos nossos se oferecia para dar cumprimento a essa determinação. Disse Deus: Avancem três de cada coro que, em nome de todos vós, executem essa obra. Do nosso lado saíram Rafael, Satiel e Uriel. E de cada coro inferior saíram, assim, três, em nome de todos. Do lodo da terra formaram aquele corpo, suprimindo Deus onde falhava o poder da criatura. Aquele corpo, maravilhosamente belo, bem ordenado nos seus órgãos e em todos os seus membros, de moderada compleição, foi formado e moldado. Só a carne do Verbo e de sua Mãe, já que a carne de um deles é a carne do outro, foi mais sublime. Moldado esse corpo e todos os órgãos com a ajuda de Deus e o influxo das causas segundas, Deus sozinho, já que nisso nenhuma criatura o poderia ajudar, acrescentou o sopro da vida, pois que então criou a alma extraordinariamente nobre, enformada de todos os conhecimentos, e uniu-a àquele corpo já por nós feito.

Portanto, não creias que a alma haja sido criada juntamente connosco ou juntamente com o Sol e a Lua. Foi criada depois da formação do corpo e logo infundida e, logo que infundida, ornada com todos os conhecimentos. Adão, esse, parecia logo homem perfeito. Não **[fl. 12]** precisou de outro mestre além de Deus. Reconheceu a Deus imediatamente e dava-lhe graças, conhecia todos os seres criados, segundo as suas espécies. Todos os animais selvagens e todos os seres vivos mais perfeitos vinham até ele e, até onde podiam, aclamavam-no como senhor. Adão, conhecendo então que de si haveriam de sair todos os povos e vendo que o homem iria ter muita necessidade da linguagem, deu nome a todas as coisas que há no céu e nos

elementos, aos próprios céus e aos elementos, e determinou o modo segundo o qual cada um poderia exprimir ao outro os seus desejos. Por fim, depois de algum tempo, uma vez prestada a si pelos restantes animais como que obediência, ordenou Deus que acompanhássemos o mesmo homem até ao Jardim das Delícias onde, formada a mulher do osso de Adão, como sabeis pela Escritura, vendo-a ele jovem, quase da sua idade quanto à aparência, disse: *Esta, agora, é osso de meus ossos e carne da minha carne.*<sup>[18]</sup>

E visto que a alma dela fora criada logo com toda a inteligência, como a do próprio Adão, compreendeu imediatamente o significado daquelas palavras e de todas as outras, em curto ou no mínimo tempo, e falavam um com o outro não numa linguagem quase natural, como pensam muitos homens ignorantes, mas na aprazível linguagem do próprio homem, construída ora com alguma racionalidade, ora simplesmente a gosto. Esta linguagem foi, por muito tempo, a única que existiu na Terra.

Compreendidas coisas para mim tão maravilhosas como estas, disse: Meu senhor, ouvi a tua exposição verdadeiramente digna de admiração. Ocorrem-me algumas dúvidas. Esclarece-mas, se te aprouver. Porque mereci tão grande graça? Tu mereceste transcrever e guardar estas coisas, disse ele, para que sejam do conhecimento do Pastor escolhido por Deus, de quem se tornarão conhecidas por outro meio.

Se hão-de chegar de outro modo ao seu conhecimento, disse eu, que necessidade tenho de as escrever?

Para isto, respondeu, para que a fama do livro chegue primeiro insensivelmente ao conhecimento de muitos a fim de que, quando surgir aquele que já chegou ao mundo, ele apareça mais digno. Tu, porém, podes ficar a saber aquilo de que tens dúvidas.

São estas, suavíssimo anjo, disse, as coisas que declaro: Disseste-me antes que apenas sete de vós assistiam a Deus e referiste três ou quatro, não revelando os nomes dos outros. Se puderem ser conhecidos, apresenta-os para minha consolação espiritual. Parecia, depois, que dizias que todos assistiam a Deus e, antes, havias dito que são sete apenas os que assistem.

Pergunto ainda que afirmação é aquela: *Façamos o homem à nossa imagem*.<sup>[19]</sup> Na verdade, mais deveria dizer: “façamos o homem nossa imagem”, do que *à nossa imagem*. Em terceiro lugar, queria saber se foi criada alguma alma com todos os conhecimentos ou disposição de tudo conhecer, além da de Adão e Eva.

Sete de nós, respondeu Gabriel e disse, assistem mais proximamente do que quaisquer outros, como sete sobre todos os outros assistem o futuro eleito. Todos, contudo, assistem continuamente, porque todos vêm ininterruptamente. Não enumerarei aqueles sete nomes. Conhece-os agora. O primeiro é Miguel, o segundo sou eu. Segue-me Rafael, a quem segue Uriel. A Uriel segue Saltiel, que é seguido por Eucudiel. **[fl. 13]** O sétimo é Barquiel.

Quando perguntas que afirmação seja *Façamos o homem à nossa imagem*, esquecidas todas as inúteis explicações dos vossos, eis o sentido: façamos um homem que de algum modo seja a nossa imagem e a nossa semelhança.

Relativamente à tua última dúvida, digo-te que foram três as almas que foram criadas com toda a perfeição daquelas, ou seja, essas duas e a alma da Rainha do Céu e Senhora dos anjos.

E a de Cristo? Perguntei.

Dessa, respondeu, nada diremos aqui, pois se teve uma alma distinta da divindade ver-se-á no lugar próprio, contra muitos que erram.

Continua, anjo admirável, o que já começaste, disse eu, e não repares na minha rudeza e na minha temeridade.

Não te digo tudo, respondeu ele, porque não é necessário. Lê a Bíblia e presta atenção ao que aí não está expresso. Digo-te que, formada a mulher, muito bela, Adão a amou com um amor sem limites, porque fora tirada dele, porque era a única semelhante a si e a auxiliar para a procriação dos semelhantes, para o que eram incitados pela própria natureza.

Meu senhor, perguntei, dizem muitos dos nossos que entre eles não havia qualquer amor carnal e, se se unissem, não experimentariam qualquer prazer.

A isto respondeu ele: É tonto pensar assim. Do mesmo modo que o homem se deliciava com o gosto, por causa da conservação própria, também se deleitaria com os prazeres voluptuosos, por causa da conservação do género humano. Digo-te, homem de Deus, o que porventura entre vós soa mal por causa da má vontade dos homens e dos muitos vícios em que caístes, que no estado natural instituído por Deus não só o alimento como também a procriação seriam muito mais agradáveis do que o são hoje entre vós. Então, nem o dito desejo, nem o apetite sensual, nem a pulsão ou lei da carne teriam semelhante encanto, mas um puro encanto sem perturbação alguma da razão, e mais, aconteceria com não pequena colaboração da própria razão. Portanto, Eva, a vossa mãe, era muito amada por seu marido, a quem ela amava também.

Lúcifer, então, vendo que a ambos era proibido colher de uma determinada árvore que, em razão do infeliz acontecimento, se chamou árvore da ciência do bem e do mal, comendo, porém, de todas as outras, aproximou-se, sob a forma de serpente, daquele Jardim das Delícias e, pelos sinais exteriores, observava os corações deles e dizia para consigo: Se vencer um deles, venci-os a ambos, pois a tal ponto se amam. E dizia para si: por qual deles hei-de começar? E concluiu que mais esperava vencer a mulher, vencida a qual, facilmente venceria o marido. Na verdade, mulher alguma amou tanto o marido, nem foi por ele tão amada quanto Eva amou Adão e este amou Eva, além do inseparável amor que existiu entre Cristo, o Senhor, e Maria, nossa e vossa Rainha. Embora ao dizer “nossa” incluísse a ambos, visto que nós os anjos e vós os homens somos concidadãos e compatriotas e ordenados para o mesmo fim.

Assim, a primeira tentação feita à mulher foi interior e oculta, pela qual a serpente a lisonjeou para que se ufanasse em seu coração e se presumisse graciosa e bela. E nisso não se enganava, porque o era. **[fl. 14]** Mas o empenho da serpente antiga era induzir a mulher no amor de si mesma, porque também desse modo começara ela a pecar. Várias vezes e por alguns dias se aplicou a perverter o seu espírito, mas não o podia plenamente. Por

fim triunfou, porque a mulher encheu-se de orgulho e tornou-se presunçosa. O diabo alegrou-se então e, ao ver que já pecara e assim poderia errar, esforçou-se por conduzi-la ao erro e à loucura, que são o castigo do pecado e da rebelião contra Deus. E, um dia, apareceu-lhe abertamente junto daquela árvore proibida cujos frutos a mulher olhava e analisava com atenção. E disse-lhe: Porque não satisfazes os teus desejos? Porque não comes desse dulcíssimo fruto? Porque te reprimas? Come! Que receias?

Desses não me é permitido comer, disse ela. Deus ordenou-nos que apenas dessa não comêssemos. Podemos comer de todas as que vês. Apenas nessa nos não é permitido tocar.

Se tu soubesses, disse ele, porque é que Deus assim vos ordenou, logo, logo comeríeis e seria bom para vós.

Rogo-te, diz-me a causa dessa ordem, pede a mulher.

O Senhor, diz ele, nada tem de mais excelente do que o seu conhecimento, que ama a tal ponto e em cujo amor está tão envolvido que não admite, por nada, que outro o partilhe. E porque sabe que toda a inteligência tem capacidade e idoneidade para entender seja o que for, querendo guardar para si só esta excelência, não permitiu que todos os outros intelectos conhecessem tudo, mas apenas alguma coisa. E uma vez que o comer daquela árvore muito contribui para o conhecimento, ou melhor, quem dela comer se tornará em breve tempo douto em tudo, por isso vos proibiu.<sup>[20]</sup>

Diz-me, quem és, pergunta a mulher surpreendida, e como soubeste estas coisas?

Sou, respondeu Lúcifer, aquele que brilhava pela manhã, que estive nas delícias do outro bem melhor Paraíso e pelo nome que me ficou se pode discernir a minha excelência. Sou Lúcifer que, por isso, não quis submeter-me a Deus, porque me impedia o conhecimento de muitas coisas, como agora a vós. Acredita em mim, se comerdes dessa árvore, tu e o teu companheiro, sereis uns deuses, conhecendo tudo, o bem e o mal, o útil e o nocivo, e vivereis para sempre. O que ele não quer. E, assim, por causa

do conhecimento e por causa da vida sempiterna, vos proibiu Deus de comer daquela árvore, para que conheçais pouco e vivais menos.

Nunca farei isso sem consultar o meu marido, disse a mulher.

Come tu primeiro, respondeu ele, e se verificares por ti ser verdadeiro o que eu digo, depois darás dele ao teu marido.

A mulher não assentiu, mas relatou palavra por palavra a seu marido, que lhe disse: Toma cuidado com esse, pois assim como ele perdeu o Céu, assim nós podemos perder este Paraíso.

Vendo Lúcifer, pela segunda vez, a mulher sozinha a observar aquela árvore, disse-lhe: porque não comes? Quem te impede? Colhe, colhe, não te preocupes.

Tu desobedeceste a Deus, disse a mulher, e perdeste o Céu. Se eu não cumprir as suas ordens, não perderei **[fl. 15]** este lugar e, talvez, a vida? Pois Deus assim disse: *Na mesma hora em que comerdes, morreréis de certeza*<sup>21</sup>

De modo algum morreréis, retorquiui-lhe o diabo. Na verdade, fostes criados em tal constelação e em tal conjugação de astros que vivereis por longos séculos. E, pelo influxo das estrelas, fazia-lhes ver o que dissera. E a causa afigurava-se bem defendida. Mas não advertiam, nem ela nem o marido, na morte de que morreriam se transgredissem os mandamentos divinos. Pelo que se verificou que, quer ela, quer o seu marido, acreditaram que não morreriam, de acordo com as razões defendidas por Lúcifer, que eram verdadeiras. Mas não atentaram em que, no seu poder, Deus poderia alargar ou encurtar os dias do homem, nem ponderaram na natureza e condição da morte. Pois essa morte era exílio da graça de Deus e do lugar concedido. E desde então menos se preocuparam com o que lhes fora ordenado, considerando que não incorreriam nessa pena. O que sobremaneira desagradou a Deus.

Anjo de Deus, disse então eu, como é que o erro existiu antes do pecado? Na verdade, os nossos dizem que o erro é o efeito e a pena que procede do pecado.

Não erravam, respondeu o anjo, ao julgarem que não incorreriam na

morte, já que era verdade que não morreriam. Mas não atendiam à morte da privação da graça ou da justiça, nem a ser inevitável morrer. Digo-te mais, que a mulher pecara já ao se ensoberbecer, e que o homem dela não era absolutamente sincero. Portanto, não é de admirar que errassem em seguida, porque a mulher errou de muitos modos, mas não antes de se ensoberbecer, nem Adão antes de condescender em seu coração com a mulher que o desafiava a comer. Na verdade, no momento em que se dispôs a ouvir pacientemente e com algum afecto as palavras dela e a compreender as razões de Lúcifer, pecou, embora não tivesse ainda consentido em comer o fruto. Porque pecado não é só fazer o que está proibido, mas também o é ouvir pacientemente a quem tal aconselha e querer entender as suas razões. Sobretudo se se preocupa menos com a determinação, uma vez que podia ultrapassá-la impunemente. Portanto, assim como a mulher muito antes do marido se ensoberbeceu e pecou, assim também antes dele errou e foi seduzida, quando o marido era ainda recto e de modo nenhum seduzido. A mulher foi ainda seduzida em muitas coisas, o homem em poucas. Consequentemente, poderia considerar-se não seduzido. A mulher foi seduzida na primeira tentação exterior, porque antes se deixara levar pelo orgulho da sugestão interior. O homem não o foi nem na primeira nem na segunda, mas depois, na quinta ou na sexta. Muitas vezes, na verdade, a mulher lhe referiu as palavras de Lúcifer e o persuadiu, mas o homem foi constante até que, querendo agradar à esposa, pretendeu conhecer e pediu as razões da serpente sobre a imortalidade. Outras vezes havia sido impaciente e nem a ouvia de boa vontade, bem pelo contrário, repreendia-a para que não dissesse tais coisas. Começou a ouvi-las com atenção à quinta vez e consentiu plenamente à sexta. Não foi, portanto, imediatamente seduzido, nem imediatamente pecou.

Anjo meu, interroguei de novo, parece-me que ambos erraram desde o princípio, quando receberam a proibição. Pois Deus ao dizer: *Na mesma hora [fl. 16] em que comerdes, morrereis de certeza*, não pensava na morte do corpo, a acontecer naquele momento, mas na sua inevitabilidade, e na morte da alma,

que acontece pela privação da graça ou da justiça original. E, contudo, parece que eles o entendiam acerca da morte do corpo no momento em que a transgressão acontecesse. Por isso, erravam.

Ouve isto, homem de Deus e servo simples, respondeu o anjo. Quando alguém ignora ou considera que alguma coisa pode ser aceite de muitos modos, embora não saiba propriamente que isso se deve entender desta ou daquela maneira, isso não é errar, mas antes duvidar. Erra, porém, aquele que afirma e considera que é indubitavelmente verdadeiro algo que, afinal, é falso, ou indubitavelmente falso o que, na realidade, é verdadeiro. Antes do pecado, portanto, muita coisa podia ignorar-se e se ignorava, ou de muitas se podia duvidar e duvidava-se. Mas nada que fosse falso se considerava seguramente verdadeiro, nem verdadeiro algo que fosse falso. Eles certamente conheciam aquela ameaça de um modo geral, mas ignoravam se morreriam precisamente desta ou daquela morte, se subitamente ou depois. Mas não consideravam como certo um modo definido. Por isso, não erravam, mas ignoravam ou duvidavam. Com efeito, nem nós anjos nem os bem-aventurados, que todavia nunca pecámos, sabemos tudo. Enredada já há tempos em muitas tentações, primeiro a mulher, depois também o próprio homem, não querendo, todavia, consentir no acto de comer daquele fruto, consentiram contudo sob a instigação de Lúcifer. A mulher comeu primeiro, depois estendeu-o ao marido, que comeu mais para ser agradável do que para tomar um alimento, pelo contrário, engoliu-o como alimento desagradável. E, assim, ambos se tornaram mortais, quanto ao corpo, e alheados de Deus, quanto à alma. Perderam todos os dons que lhes haviam sido prometidos, a imortalidade, a obediência dos animais e a sujeição de todas as criaturas. Na verdade, antes, nada lhes podia fazer mal nenhum.

Se o homem antes do pecado era imortal, disse eu, como se tornou mortal de repente? Gostava de saber e peço que te dignes mostrar-me se mudou a sua natureza em outra.

Bem se diz, afirmou ele, que tu és um homem simples que acredita que

a natureza humana foi um dia imortal. O homem, e todo o composto de várias coisas, é perecível. Mas ao homem foi concedido, como dom de Deus, manter-se imortal indefinidamente, se obedecesse aos mandamentos. Não que ele assim fosse de sua natureza, mas porque Deus o preservaria e o conservaria eternamente se tivesse sido obediente. Digo-te mais, o que muitos dos vossos não entendem, que também nenhum anjo era imortal a ponto de, uma vez criado, não poder deixar de existir, quanto mais vós que tendes habitações de barro e um edifício terreno. O homem, portanto, torna-se imortal pela graça, não pela natureza. Ao pecar, não lhe deu Deus uma natureza nova, mas abandonou-o naquela em que pela condição natural devia permanecer.

Meu senhor, disse então, dizei-me, se vos aprouver, que diferença existe entre a vossa natural imortalidade e a do primeiro homem.

Isso, respondeu o anjo, não constitui segredo que deva ser revelado ao futuro Pastor, pois pode saber-se [fl. 17] por meios diferentes desta revelação. Mantenhamo-nos, homem de Deus, em assuntos que ainda não foram revelados à Igreja. Deves, contudo, saber que uma coisa incorpórea e imaterial está muito menos sujeita à morte e à destruição do que uma corpórea, material e animada. Aquelas, efectivamente, podem ser destruídas não só por si próprias como por outras que não são Deus. Nós, porém, somos imortais de uma forma que nada, além do nosso Deus, nos pode destruir. Vós tendes a força destrutiva dentro e fora de vós.

Mas deixemos estas coisas a fim de podermos chegar a outras mais secretas. Ouve, portanto, homem de Deus. Logo que os vossos primeiros pais concretizaram aquilo em que pensaram durante muito tempo, abriram-se-lhes os olhos e perceberam que estavam nus e esconderam-se da face de Deus.

Muito me admira neste momento, disse eu, como é que se lhes abriram os olhos depois do pecado. Será que estiveram fechados porque tinham menos conhecimento? Se realmente os seus olhos foram então abertos, parece que aquela serpente maldita havia dito a verdade: *conhecereis o bem e o*

*mal.*<sup>[22]</sup> Admira-me igualmente que antes, conhecendo todas as outras coisas, não hajam sabido que estavam nus e, depois, ao pecarem, adquirissem esse conhecimento.

Ouve-me, homem de Deus, assim respondeu Gabriel, a força de Deus, os seus olhos abriram-se, não por saberem mais depois do pecado do que antes, mas porque depois dos pecados interiores haviam caído em muitos erros. Consumado o pecado, a fim de que, por decisão divina, cada um tenha a própria consciência por juiz, verificou-se isso para que todos conhecessem dolos, armadilhas e maquinações, seus vãos e péssimos pensamentos consentidos, e reconheceram que estavam nus, porque espoliados da justiça, privados da bênção divina, e procuravam esconder-se da divina presença porque, ao verem tudo isto, fingiam quanto é possível que o não haviam perdido, mas, como se não tivessem pecado ou houvessem sido manchados, conheciam o mal, mas não o queriam reconhecer, mais, desejavam dissimulá-lo e escondê-lo da face de Deus. Por isso o Senhor apareceu a seguir ao meio dia, em plena luz, porque à luz do meio dia as acções deles eram para ele claras, por isso àquela hora, para saberem que tudo era dele conhecido e que não podiam esconder-se da sua face. Chegou, pois, precedido pelo fragor. Era esse o sinal da sua chegada. A esse sinal costumavam eles, se estivessem ocultos em qualquer parte, aparecer e mostrar-se. E embora a princípio não quisessem reconhecer o seu pecado, depois, contudo, começaram a chorar e a gemer por causa dele. Veio então Deus, não chamando Eva, mas Adão, enquanto superior e que deveria governar-se a si e à mulher, clamando em voz alta: Adão, onde estás? Crês que estás no Céu e estás no Inferno. Sonhas haver-te tornado Deus e és um homem mais infeliz do que alguma vez foste, sim, *és comparado aos asnos insensatos e tornaste-te semelhante a eles.*<sup>[23]</sup>

Ele quis então, como bem disseram os vossos comentadores, voltar o seu pecado contra Deus por lhe ter dado uma mulher enganadora, e a mulher contra Lúcifer, a serpente. E, por isso, neste ponto sois todos em geral verdadeiros filhos de Adão, vosso pai, e de Eva, vossa mãe, porque

todos, a maioria das vezes, atribuíis aos outros os vossos pecados e esforçais-vos por escondê-los de Deus e até de vós mesmos, porque não quereis reconhecer [fl. 18] os vossos erros, por causa da vossa soberba e da vossa presunção. O que desagrada sumamente ao nosso Deus, que ama mais o pecador humilde do que o justo soberbo.

Meu senhor, acrescentei imediatamente, como pode o justo ser soberbo?

Os homens, respondeu, muitas vezes crêem-se imunes ao pecado se não procuram os vícios da carne. Não consideram que a soberba, a vã glória e a presunção sejam pecados e, por isso, têm-se por justos. Aqueles que entre vós menos pecam consideram-se os maiores pecadores. E os soberbos, os que mais pecam, porque se abstêm dos desejos da carne, são tidos entre vós por justos. Vós que vos preocupais com ninharias e não reconheceis o que é importante. Qual foi o pecado de Lúcifer, outrora nosso companheiro, senão a presunção e a ânsia de poder? Mas regressemos.

Aqueles vossos pais não foram imediatamente mortos, no que ao corpo se refere, mas incorreram na inevitabilidade da morte, foram privados de todo o dom e entregues à própria natureza. Foi em razão da graça, e não da natureza, que lhes havia sido concedido poderem não morrer, e o apetite inferior estava subordinado à razão por força da graça e do dom de Deus, não por força da sua natureza. E, assim, cometido o pecado, o homem retornou àquilo que era próprio da sua natureza, rodeado de muitas tribulações, que se traduzem naquelas palavras: *comerás teu pão com o suor do teu rosto,*<sup>[24]</sup> e, *darás teus filhos à luz na dor.*<sup>[25]</sup>

Deus, todavia, não lhes aparecia na forma de divindade, mas na forma em que nos aparecera a nós quando nos propôs o mandamento da adoração de seu Filho enquanto homem. Aparecia-lhes, portanto, como homem. Assim, Deus, irado então não menos contra a escusa de vosso pai e da vossa mãe do que contra o pecado em si, ordenou-nos a todos que o havíamos conduzido àquele lugar que o expulsássemos a ele e à sua mulher, que nunca estivera fora do Paraíso porque no Paraíso de Deus foi criada, e guardássemos esse lugar. Foi o que fizemos, regozijando-nos com a divina

vontade ao mesmo tempo que de algum modo nos contristávamos com o homem, nosso consócio e nosso concidadão. Eva chorava, Adão, em lágrimas, gemia. Vê o que foi feito pelos nossos no nosso Paraíso, e pelos vossos no vosso. Os vossos, contudo, mereceram a libertação porque, postos fora do Paraíso, tiveram tempo de arrependimento e por eles se esperou até à morte. Os nossos, porém, porque não podiam morrer, em vez da morte tiveram a queda.

Muito tempo me debatera eu com uma dúvida, ou seja, como pôde o diabo tentar a mulher no seu íntimo. Mas, ao ouvir por tanto tempo novidades belas e agradáveis ao conhecimento, disse, por fim, num grito: A dúvida, senhor, a dúvida por tanto tempo reprimida, esclarece-ma, peço-te!

Pensas, disse ele então, que não vi o teu pensamento e o teu desejo? Vi, compreendi e digo-te que Lúcifer tentou o homem antes de pecar com a tentação interior, não movendo ele mesmo interiormente as suas muito bem ordenadas forças, mas apresentando externamente a seus sentidos coisas com que o arrastasse ao orgulho e à presunção, de maneira que actuava mais sobre as coisas sensíveis para mudar o sentir e o pensar de Eva do modo que o próprio Lúcifer pretendia do que **[fl. 19]** a imprimir-lhe no espírito e na fantasia fosse o que fosse. Eis a resposta ao teu pensamento.

Ditas e ouvidas estas coisas, fui reconduzido ao meu lugar pelos santos anjos, que me animavam a voltar para junto dos meus companheiros e a tomar alimento corporal. E assim fiz.

## Tertius Raptus<sup>1</sup>

Vna<sup>2</sup> dierum<sup>3</sup>, dum frequenter<sup>4</sup> meditarer, fui raptus in eandem rotam<sup>5</sup> in qua<sup>6</sup> erant<sup>7</sup> Noui et Veteris Testamenti patres et sanctorum angelorum innumerabilis exercitus. Deo et toti illi curie supra solem et omnia astra lucidissime debita reuerentia exhibita, cum omnes silerent<sup>8</sup>, nesciebam cui loqui neque quid dicere<sup>9</sup>. Et ecce iterum sanctissimus et suauissimus<sup>10</sup> Gabriel angelus ante me astitit mihi que dixit:

Noli iam<sup>11</sup> timere, nil enim noui tibi factum est. Consuetus es in uisionibus Dei. Sed, ut alias<sup>12</sup> dixi, quecumque tibi dicuntur a<sup>13</sup> me ex parte Domini Dei nostri, quem scale<sup>14</sup> innixum uidisti, et nomine huius celebratissimi cetus et collegii, illa tibi reuelai ut omnia<sup>15</sup> conscribas diligenter et conserues<sup>16</sup> ut sint futuro pastori, cui liber hic seruabitur, in eruditione<sup>17</sup> et sui et aliorum. Sicut ergo cepisti, perficias. Memoria eorum que hic audisti<sup>18</sup> non te derelinquet<sup>19</sup>.

Tunc ego: Domine mi, hic tam preclarus tamque sanctus et bonus pastor quando ueniet et quando apparebit<sup>20</sup>? Quando tantum bonum et tam amplum donum conferet<sup>21</sup> Deus<sup>22</sup> populo suo et fidelibus suis? Quando ueniet<sup>23</sup> hic magnus et<sup>24</sup> electus Dei?

Subridens, angelus<sup>25</sup> dixit: Interroga, interroga hos patres qui sunt in rota tecum.

Conuersus ad illos, cum magna reuerentia rogare cepi. Tunc Petrus Apostolus, omnibus annuentibus ut<sup>26</sup> diceret, ad me conuersus, dixit: "Homo Dei, uis tu maior esse apostolis Domini? Quid tibi respondebo nisi quod ipse Dominus respondit nobis cum futura quereremus<sup>27</sup>: "Non est uestrum nosse tempora uel momenta que Pater posuit in sua potestate".

---

<sup>1</sup> Tertius Raptus *HIJM* (*N* add. in marg. a. m. Caput 6) *PQ*, Incipit Tertius Raptus *L*, 3s Raptus add. *O* (in marg. a. m.), om. *V*

<sup>2</sup> Vna *IJLMNOPV*, Vno *Q*

<sup>3</sup> dierum *IJLMOPQV*, die *N*

<sup>4</sup> frequenter *JLMNOPV*, feruenter *FHIQ*

<sup>5</sup> eandem rotam *HIJLMNOPV*, eadem rota *Q*

<sup>6</sup> rota add. *O*

<sup>7</sup> in qua erant om. *JV*

<sup>8</sup> silerent *JLMNOPQ*, sileret *V*

<sup>9</sup> dicere *IJLMOV*, dicerem *NPQ*

<sup>10</sup> et suauissimus om. *JV*

<sup>11</sup> iam om. *NO*

<sup>12</sup> tibi add. *N*

<sup>13</sup> a *IJLMNOPQ*, ex *V*

<sup>14</sup> scale *IJLMNOPV*, in scala *Q*

<sup>15</sup> omnia om. *P*

<sup>16</sup> conserues *IJLMNOPV*, serues *Q*

<sup>17</sup> eruditione *JLMNPQV*, eruditionem *IO*

<sup>18</sup> audisti *IJMNOPQV*, audis *L*

<sup>19</sup> derelinquet *IJMNOPQ*, derelinquent *LV*

<sup>20</sup> apparebit *ILMNOPQV*, parebit *J*

<sup>21</sup> conferet *IJLMNPV*, conferret *O*, confert *Q*

<sup>22</sup> clementissimus add. *FIL(M in marg.)NOQ*

<sup>23</sup> ueniet *IJLMNOPV*, uenit *Q*

<sup>24</sup> et om. *P*

<sup>25</sup> Gabriel add. *F*

<sup>26</sup> ipse add. *IL(M sup. lin. a. m.)NOPQ*

<sup>27</sup> quereremus *IJLMNOPQ*, querebamus *V*

Tunc ego, tali responso accepto<sup>28</sup>, tristior factus, demisso uultu terram aspiciebam. Illi autem patres subridebant.

Angelus uero, me in maxillam<sup>29</sup> tangens, dixit: Alacrior esto et Domini mandata serua<sup>30</sup>, qui dixit: "Petite, querite et pulsate. Quod<sup>31</sup> petentibus non datur, querentibus conceditur. Et quod querentibus clauditur<sup>32</sup>, pulsanti<sup>33</sup> aperitur<sup>34</sup>." Accipe nunc aliqua de aduentu eius. Deinde accipies, si Domino placuerit, etiam tempus aduentus eius.

Eliget<sup>35</sup> sibi Deus uirum<sup>36</sup> secundum cor suum et ponet eum pascere gregem populi sui, qui etiam magna auctoritate sibi a<sup>37</sup> Deo tradita librum istum aperiet et omnia misteria in eo conscripta<sup>38</sup> omnibus populis aperiet et manifestabit et docebit omnes gentes uoluntatem<sup>39</sup> Dei sui, quem toto corde amabit. Interim tu istum librum preparabis et claudes usque ad tempus huius<sup>40</sup> pastoris iam a Deo electi. Liber hic scriptus est intus, quia de intimis [20] secretis docet et tractat,<sup>41</sup> et foris, quia etiam multa nota omnibus in ipso ponuntur. Quando apparebit ille Dei<sup>42</sup> electus pastor, tunc me Gabrielem<sup>43</sup> qui tecum loquor mittet Deus ad confirmandum et propalandum omnia<sup>44</sup> secreta libri huius. Necesse enim est ut multa que non sunt in fide uestra manifesta, per ipsum manifestentur. Et, ne ullus habeat excusationem, ego primus<sup>45</sup> in signis et prodigiis apparebo et hec omnia in rotulis conscripta<sup>46</sup> ei<sup>47</sup> portabo.

Eligetur<sup>48</sup> cum admiratione ac stupore omnium. Cuncti reges uenient ad eum et adorabunt eum et letabuntur de tam sancta electione et de pastore tanto tempore a bonis desiderato. Erunt qui ei aduersabuntur et inimicabuntur<sup>49</sup>. Sed Deus confringet<sup>50</sup> capita inimicorum suorum et prosternet eos, ut sciant hii qui ab Oriente et hii<sup>51</sup> qui ab Occidente quia magnus Domini<sup>52</sup> fecit<sup>53</sup> hec. Omnes gentes infidelium ad fidem ueram<sup>54</sup>

---

<sup>28</sup> tali responso accepto *IJLMOPV*, tali respensione *N*, tali respensione accepta *Q*

<sup>29</sup> maxilam *ILMNOPQV*, maxila *FJ*

<sup>30</sup> serua *IJLMNOPV*, seruata *Q*

<sup>31</sup> Quod *ILMNOPQV*, Quid *J*

<sup>32</sup> clauditur *IJLMNOPQV*, ocluditur *F*

<sup>33</sup> pulsanti *JMOP*, pulsantibus *FINV*, petentibus *L*

<sup>34</sup> Quod petentibus non datur, querentibus conceditur. Et quod querentibus clauditur, pulsanti (pulsantibus *INV*) aperitur *IJLMNOPV*, Quod petentibus non datur, querentibus conceditur et non querentibus obcluditur, pulsantibus aperitur *FH*, Quid petentibus non datur? Aut quid querentibus non conceditur aut claudatur pulsantibus? *Q*

<sup>35</sup> Eliget *IJLMNOPV*, Elegit *Q*

<sup>36</sup> uirum *om. P*

<sup>37</sup> a *om. LPQV*

<sup>38</sup> conscripta *IJLMNOQV*, contenta *P*

<sup>39</sup> Domini *add. IL(M sup.lin.a.m.)NOQV*

<sup>40</sup> huius *om. P*

<sup>41</sup> est scriptus *add. F*

<sup>42</sup> Dei *IJLMNOPQV*, a Deo *O*

<sup>43</sup> Gabrielem *IJLMNOPQ*, Gabriel *V*

<sup>44</sup> omnia *om. Q*

<sup>45</sup> primus *IJMOPQV*, prius *LN*

<sup>46</sup> et hec omnia in rotulis conscripta *IJLMNOPQV*, et hec a me in rotulis sit *O*

<sup>47</sup> ei *om. Q*

<sup>48</sup> Eligetur *ILMNOPQV*, Et legetur *J*

<sup>49</sup> et inimicabuntur *om. F*

<sup>50</sup> confringet *HILMNOPQ*, infringet *JV*

<sup>51</sup> hii *om. FJNOQV*

<sup>52</sup> magnus Dominus *JMV*, manus Domini *FILNOPQ*

<sup>53</sup> fecit *IJLMNOPQ*, facit *FV*

<sup>54</sup> ueram *JLMNOPQ*, uestram *I, om. V*

conuertentur et ei sicut patri obedient. Et reget omnes gentes<sup>55</sup> in timore Dei ipse et successores eius temporibus multis. Erit omnium hominum unum ouile et unus pastor. Canones et antiquas<sup>56</sup> patrum consuetudines obseruabit. Omnes prauas leges et consuetudines extirpabit, bonas<sup>57</sup> inseret et plantabit. Curam habebit magis animarum et spiritualium negotiorum quam temporalium. Nec ad thesauros intendet<sup>58</sup> nisi prout Ecclesie expediens fuerit et orphanis et uiduis et aliis<sup>59</sup> pauperibus.

Tunc ego cum fletu dixi: O Deus, quando populus christianus nunc tam infelix tanta felicitate perfruetur? Sed ex quo tempus aduentus tam magnifici scire non ualeo, redeamus ad nostros<sup>60</sup> primos parentes.

Ex dictis<sup>61</sup> alias cognosco<sup>62</sup> ipsos<sup>63</sup> peccasse in paradiso antequam eicerentur<sup>64</sup> nec tamen<sup>65</sup> subito<sup>66</sup> morti<sup>67</sup> obnoxios fuisse, immo in eadem conditione perstitisse."

Respondit angelus: Subito ut mater uestra elata est, amisit gratiam Dei et quoad animam mortua est, sed corpus remansit in pristina conditione. Sed quia Deus dixerat: "In quacumque hora comederitis<sup>68</sup> morte moriemini", et non, "in<sup>69</sup> quacumque hora peccaueritis peccato interiori elationis"<sup>70</sup>, ideo post esum illius ligni<sup>71</sup> morti corporali obnoxii esse ceperunt.

Et ego: Mi Domine, quomodo post peccatum consuerunt folia ficus<sup>72</sup> et fecerunt sibi perizomata? Vbi erat acus? Vbi filum<sup>73</sup>?

Respondit: Locutus est propheta consuetudine illa que tunc erat quando scripsit. Illi enim<sup>74</sup> nondum habebant acus nec fila, sed herbis subtilioribus frondes arboris de qua comederant colligauerunt<sup>75</sup> ac si consute<sup>76</sup> fuissent. Quod factum est ut ostenderetur quod per membra illa propagationis<sup>77</sup> essent obnoxii morti<sup>78</sup>. Ideo et erubescabant et dolebant et membra illa<sup>79</sup> abscondebant, magis propter hoc quam propter motum aliquem ipsorum [21] membrorum<sup>80</sup>. Quod autem dicitur Deum fecisse illis tunicas pelliceas, hoc ita intelligendum est, quia docuit eis<sup>81</sup> uestimenta fore<sup>82</sup> necessaria in

---

<sup>55</sup> omnes gentes *IJLMNOPQ*, eos *V*

<sup>56</sup> et antiquas *HILMNOPQ*, sancti quas *JV*

<sup>57</sup> bonas *IJLMNPQV*, bona *FO*

<sup>58</sup> intendet *IJLMNOPV*, attendet *FQ*

<sup>59</sup> aliis *om. Q*

<sup>60</sup> ad nostros *om. Q*

<sup>61</sup> abs te *add. F*

<sup>62</sup> cognosco *IJLMPQ*, agnosco *HNOV*

<sup>63</sup> ipsos *IJLMOPQV*, eos *N*

<sup>64</sup> eicerentur *IJLMNOPV*, comederent et eicerentur *F*, comederent et deiicerentur *Q*

<sup>65</sup> tamen *om. V*

<sup>66</sup> post peccatum *add. FP*

<sup>67</sup> ipsos *add. Q*

<sup>68</sup> comederitis *IJMNOV*, comederetis *LQ*

<sup>69</sup> in *IJLMNOPQ*, a *V*

<sup>70</sup> Obligabantur enim solum ad decalogum, sed propter illius esum morti obnoxii erant *add. F*

<sup>71</sup> ligni *IJLMNOPQV*, pomi uetiti *F*

<sup>72</sup> ficus *IJLMNOPV*, fici *Q*

<sup>73</sup> filum *JLMNOPQV*, folium *F*

<sup>74</sup> enim *om. JLV*

<sup>75</sup> colligauerunt *ILNOP*, colligauerant *JMQV*

<sup>76</sup> consute *IJLMNOPQ*, consulte *V*

<sup>77</sup> propagationis *IJLMNOPV*, propagando *F*, propagandi *Q*

<sup>78</sup> morti *om. V*

<sup>79</sup> per que infelices filios procreaturi erant *add. FP*

<sup>80</sup> propter motum aliquem ipsorum membrorum *IJLMNOPV*, propter aliquem membrorum illorum *Q*

<sup>81</sup> eis *FJMPQ*, eos *ILNOV*

<sup>82</sup> eis *add. N*

loco<sup>83</sup> ad quem exituri erant que possent facere ex pellibus animalium et lana et lino ita quod eis uterentur potius<sup>84</sup> ad necessitatem quam ad decorem, et quod folia<sup>85</sup> arborum non erant instrumenta apta supplendi<sup>86</sup> tali necessitati<sup>87</sup>. Dixit Deus<sup>88</sup> et homo tamquam<sup>89</sup> sapiens illico<sup>90</sup> intellexit genera uestium quibus uti posset<sup>91</sup> et nullo animali interfecto<sup>92</sup>. Sed potentia sua Deus fecit tunicas pelliceas, hoc est, fecit pelles et formam dedit tunicarum<sup>93</sup>. Sicut ergo Deus tunc fecit pelles nouas et tunicas ex eis<sup>94</sup>, poterat facere pannos splendidos et olosericos<sup>95</sup>, sed noluit, ut doceret uos<sup>96</sup> uestimentis uti oportere ad necessitatem, non ad pompam et curiositatem.

Tunc ego: Domine mi, tu narrasti mulierem creatam fuisse translato homine in<sup>97</sup> paradisum et tamen Scriptura dicit antea, in sexta<sup>98</sup> die Deum<sup>99</sup> creasse masculum et feminam et eis benedixisse.

Respondit angelus: Scio te idiotam<sup>100</sup> talia dubia proponere nescire. Sed Domini<sup>101</sup> uoluntas est ut ea proponas<sup>102</sup> et, ipsius gratia concedente, intelligas<sup>103</sup>.

Dixi<sup>104</sup>: Vere<sup>105</sup>, angele Dei, numquam me talia cogitasse memini et ipsemet miror unde in mente mea uoluuntur<sup>106</sup> mihi inconsuete<sup>107</sup> cogitationes.

Et ille: Istam gratiam pro communi<sup>108</sup> hominum<sup>109</sup> utilitate concessit tibi Deus. Dico ergo<sup>110</sup>, ut sciant omnes populi, sexta die solum uirum fuisse creatum tamquam stipitem totius generis humani. Et hoc bene fatentur<sup>111</sup> etiam<sup>112</sup> uestri scriptores. Sed hoc scito quod constructio<sup>113</sup> uerborum Moysi sic construenda est. Quando dixit: "Ad imaginem Dei<sup>114</sup> creauit illum", debet sequi: "et factum est ita. Viditque Deus cuncta que fecerat et erant ualde bona." Illa uero uerba que incipiunt ibi<sup>115</sup>: "masculum et feminam creauit

<sup>83</sup> loco *IJLMNOPQ*, locum *V*

<sup>84</sup> potius *ILMNOPQV*, peius (*add. in marg. a.m. potius*) *J*

<sup>85</sup> folia *IJLMOPQV*, folii *N*

<sup>86</sup> supplendi *IJLMNOPQV*, ad supplendum *F*

<sup>87</sup> tali necessitati *IJLMOPV*, talem necessitatem *Q*

<sup>88</sup> ei *add. L*

<sup>89</sup> perspicax et *add. F*

<sup>90</sup> illico *IJLMNOPQ*, illud *V*

<sup>91</sup> posset *IJLMNOPV*, possent *Q*

<sup>92</sup> interfecto *IJLMNOPQ*, infecto *V*

<sup>93</sup> ut recordarentur se morituros et pellem propriam amissuros *add. P*

<sup>94</sup> sic *add. V*

<sup>95</sup> olosericos *HILMNP*, et de serico *J*, odoriferos (*add. in marg. a.m. olosericos*) *O*, sericos *QV*

<sup>96</sup> uos *IJMPV*, nos *L*, eos *NOQ*

<sup>97</sup> in paradisum *JMNOPV*, ad paradisum *IL*, in paradiso *Q*

<sup>98</sup> sexta *IJLMNOPV*, sexto *Q*

<sup>99</sup> Deum *IJLMNOQV*, Deus *P*

<sup>100</sup> scio te idiotam *IJLMNPV*, scito idiota *Q*

<sup>101</sup> Domini *IJLMNPV*, Dei *Q*

<sup>102</sup> proponas *JLMNPV*, preponas *I*, proponat *Q*

<sup>103</sup> intelligas *IJLMNPV*, intelligat *Q*

<sup>104</sup> dixi *IJLMNPQ*, Dixit *V*

<sup>105</sup> Vere *om. O*

<sup>106</sup> uoluuntur *ILMNOPV*, uoluantur *FJQ*

<sup>107</sup> inconsuete *JMNOPQ*, consuete *L*, inconsulte *V*

<sup>108</sup> communi *IJLMNOPQ*, commune *V*

<sup>109</sup> hominum *IJLMNQV*, omnium *OP*

<sup>110</sup> ergo *JMNOPQV*, tibi *IL*

<sup>111</sup> bene fatentur *IJLMNOQV*, fateri uidentur *F*, benefactentur *P*

<sup>112</sup> etiam *om. LNQ*

<sup>113</sup> constructio *IJLMNOPQV*, sententia *F*

<sup>114</sup> Dei *IJLMNOPQV*, Deus *F*

<sup>115</sup> ibi *om. F*

eos...", usque ibi: "...ut habeant ad uescendum", sunt interposita<sup>116</sup> et debent intelligi dicta in paradiso, plasmata muliere. Et quia aliqua illorum etiam ipsi Ade adhuc soli dixerat Deus<sup>117</sup>, tunc<sup>118</sup> enim eum<sup>119</sup> dominum omnium aliorum constituit et cibum assignauit, ideo propheta et que tunc Deus dixit et que post<sup>120</sup>, creata uxore, simul posuit. Vnde et preceptum de non comedendo fructum<sup>121</sup> fici illius, creata uxore<sup>122</sup>, Deus apposuit.

Tunc ego: Abundant mihi dubia et interrogationes<sup>123</sup>, nescio unde<sup>124</sup> nisi quia tu dixisti a Deo hec fieri<sup>125</sup>. Et ego ita credo, quia toti mundo notum est me ignorantem et idiotam esse. Dubito nunc, immo uellem scire qua die et cuius mensis<sup>126</sup> Adam intrauit in paradysum et qua die plasmatus est, similiter et Eua, et qua die ambo expulsi fuerunt. Hec<sup>127</sup> nullibi<sup>128</sup> scribuntur et [22] sunt scitu ualde digna<sup>129</sup>.

Respondit angelus: Tempus aduenit in quo Deus mirabilia facturus est, et illuminare in his que fidei sunt uult totum<sup>130</sup> mundum. Ideo te facit tot et tanta dubia proponere. Scito ergo et animaduerte<sup>131</sup> quod opinio quam multi etiam<sup>132</sup> christianorum tenent uera est: mundum creatum fuisse<sup>133</sup> sole existente in primo puncto arietis<sup>134</sup> et erat illa dies quam uos dominicam appellatis. Et sic<sup>135</sup> Adam fuit plasmatus illa die<sup>136</sup> quam uos diem ueneris uocatis. Et sic tota illa die, id est<sup>137</sup>, toto residuo<sup>138</sup> illius diei permansit extra paradysum et omnibus rebus<sup>139</sup> nomina imposuit. Similiter et die sequenti in meditatione Dei creatoris sui, ipsum benedicendo et magnificando. Prima uero die Sabbati, hoc est, in octaua creationis Solis, translatus est et positus in paradiso uoluptatis facto<sup>140</sup> a Deo<sup>141</sup> prima die, quando creauit solem et terram et alia elementa. Et illa die, immisso in

<sup>116</sup> et dicta per quamdam anticipationem *add. F*

<sup>117</sup> Deus *om. F*

<sup>118</sup> Tunc *IJLMOPQV*, Nonne *N*

<sup>119</sup> eum *om. P*

<sup>120</sup> post *IJLMNOQV*, prius *P*

<sup>121</sup> fructum *JLOV*, fructu *FIMN*, de fructu *P*

<sup>122</sup> uxore *IJMNOVP*, muliere *FL*

simul posuit. Vnde et preceptum de non comedendo fructum fici illius creata uxore *om Q*

<sup>123</sup> interrogationes *IJLMNOPQ*, imaginationes *V*

<sup>124</sup> unde *IJLMNOPQV*, bene *F*

<sup>125</sup> fieri *IJLMNOPV*, facta *Q*

<sup>126</sup> et quo mense *add. J (in marg. a.m.)*

<sup>127</sup> enim *add. O*; autem *add. F*

<sup>128</sup> apud nos *add. O*

<sup>129</sup> ualde digna *IJLMNOPQV*, dignissima *F*

<sup>130</sup> totum *IJLMPV*, omnem *NOQ*

<sup>131</sup> animaduerte *IJMNPV*, animaduertere *L*, aduerte *Q*

<sup>132</sup> etiam *IJMNPQ*, ex *V*, *om. L*

<sup>133</sup> fuisse *IJLMNOPQV*, esse *F*

<sup>134</sup> uidelicet quando sol creatus est, Aries octauae celi non esset re ipsa *add. M (in marg. a.m.)*

quamuis prima die non esset in celo aries re ipsa sed imaginarie tantum. Et *add. F*

quamuis in prima die non esset in celo aries re ipsa sed imaginarie. Et *add. P*

ergo quando sol creatus est, Aries octauae celi non esset re ipsa *add. Q*

licet quando Sol creatus est, alias octauae celi non esset re ipsa. *O*

<sup>135</sup> sic *om. P*

<sup>136</sup> quam uos dominicam appellatis. Et sic Adam fuit plasmatus illa die *om. Q*

<sup>137</sup> id est *IJMNOQV*, in *L*

<sup>138</sup> toto residuo *IJLMNOPV*, totum residuum *Q*

<sup>139</sup> rebus *IJLMNOPV*, creatis *Q*

<sup>140</sup> et optime *add. M (in marg. )*

optime et disposito *add. NQ*

et optime disposito *add. O*

<sup>141</sup> disposito *add. M (sup.lin.a.m.)*

eo<sup>142</sup> sopore,<sup>143</sup> de latere ipsius Euam condidit, matrem cunctarum gentium. Et benedictione Deo celi<sup>144</sup> exhibita ab utroque ipsorum<sup>145</sup>, mandato accepto crescendi et cibum illum non comedendi, in gratiarum actione tota illa die permanserunt, prius uolentes copulari Deo antequam<sup>146</sup> copularentur corpore<sup>147</sup>, quia mandato illo non cogebantur statim ad copulam, sed tempore congruo. Et statuerunt abstinere tribus diebus, non quod<sup>148</sup> impellerentur<sup>149</sup> ullo inordinato<sup>150</sup> amore ad actum carnis, sed solo amore prolis<sup>151</sup>. Cognouerunt tamen prius pariendos esse<sup>152</sup> filios<sup>153</sup> mente quam carne. Lucifer uidit hec omnia<sup>154</sup> et tabuit<sup>155</sup> et ad temptandum<sup>156</sup> accessit. Tertia die elata est mulier et peccauit<sup>157</sup>, et sequentibus diebus<sup>158</sup> uirum temptauit et<sup>159</sup> tandem uicit. Et sic<sup>160</sup> in octaua creationis Ade fuerunt expulsi neque Sabbatum in paradiso uiderunt.

Nunc a te quero, mi Domine, dixi, an Liber<sup>161</sup> Geneseos<sup>162</sup> descripserit continue lineam patris in filium absque ulla interpollatione uel interdum descendit in<sup>163</sup> nepotem et abnepotem<sup>164</sup>.

Respondit angelus: Ita fuit uidelicet cum interpollatione. Sicut enim totum studium Mathei euangeliste fuit ostendere Dominum Christum ex Daud et Abraham descendisse stirpe, ita totum studium illius prophete, quem ibi quasi cornua ferentem<sup>165</sup> uides, fuit ostendere qualiter populus ille hebreus et<sup>166</sup> a quibus originem habuisset<sup>167</sup>. Iccirco non curauit<sup>168</sup> multos in medio premittere, quorum uite annos non numerauit sicut et

---

<sup>142</sup> eo *IJMNO PV*, illo, ipso *Q*

<sup>143</sup> in quo Deum uidit *add. M (in marg. a.m.) NOQ*

<sup>144</sup> celi *om. L*

<sup>145</sup> Et benedictione Deo celi exhibita ab utroque ipsorum *IJMOV*, Et benedictione Deo exhibito ab utroque ipsorum *L*, Et benedictione a Deo celi exhibita ab utroque *HNP*, Et benedictione a Dei celi manu exhibita et ab utroque ipsorum *Q*

<sup>146</sup> antequam *IJLMN (O add.sup.lin.) PV*, quam *Q*

<sup>147</sup> corpore *IJLMNOPQV*, corpori *F*

<sup>148</sup> quod *IJMNOPQV*, quidem *F*, quia *L*

<sup>149</sup> impellerentur *IJLMNPQV*, compellerentur *F*, pellerentur *O*

<sup>150</sup> inordinato *MQ*, immoderato *FHJLNOPV*

<sup>151</sup> ad honorem Dei educande *add.M (in marg. a.m.) NO*

ad id cogebantur *add. F*

<sup>152</sup> esse *om. FJV*

<sup>153</sup> filios *om. N*

<sup>154</sup> omnia *HJL (M add. in marg. a.m. optima) OPV*, optima *N*, omnia optima *Q*

<sup>155</sup> et tabuit *om. Q*

<sup>156</sup> ad temptandum *JLMNOPQV*, temptationem *I*

<sup>157</sup> elatione mentis *add.M (in marg. a.m.) NO*

<sup>158</sup> a Lucifero temptata *add. M(in marg. a.m.) NO*

<sup>159</sup> iterum uicta, uirum *add. M (in marg.a.m.) O*

iterum tentata et uicta, uirum *add. N*

<sup>160</sup> sic *om. HP*

<sup>161</sup> an Liber *IJLMNOPV*, in Libro *Q*

<sup>162</sup> Geneseos *ILMNO PQ*, Genesis *JV*

<sup>163</sup> in *IJLMNOPV*, ad *Q*

<sup>164</sup> et abnepotem *om. V*

<sup>165</sup> ferentem *IJLMNOV*, arietis (*add. in marg. a. m. lucis ferentem*) *P*, afferentem *Q*

<sup>166</sup> et *om. JLV*

populus ille hebreus et *N (er.)*

<sup>167</sup> habuisset *IJMNOPQV*, habuit *L*

ad hoc ut genealogia ipsius Messie certius cognosceretur propter quam omnia descripta sunt. *add. M (in marg. a.m.) NOP*

<sup>168</sup> propheta *add. M(suplin.a.m.) NOQ*

aliquid tale iam alias tibi declaravi: "Dies enim seculi quis enumerauerit<sup>169</sup>"? Sicut ergo Matheus multos interdum<sup>170</sup> reges pretermittit medios, sic et Moyses multos patres, et coniungit<sup>171</sup> abnepotem<sup>172</sup> cum atauo et longius. Vos homines et hebrei et christiani computatis annos inceptionis mundi per annos<sup>173</sup> patrum et filiorum<sup>174</sup> et non consideratis quod quintus et decimus<sup>175</sup> nepos filius dicitur.<sup>176</sup> Computemus [23] igitur uitam talis patris et talis filii<sup>177</sup>. Nonne a primo usque<sup>178</sup> ad ultimum deueniemus<sup>179</sup> subito absque medio<sup>180</sup>? Interpone medium<sup>181</sup> et uitam illorum qui inter illos fuerunt et inuenies multo plura milia annorum.

Tunc ego: Quot<sup>182</sup> sunt ergo<sup>183</sup> milia annorum a creatione solis, non dico celi empyrii, usque ad Christum<sup>184</sup>? Hebrei enim minus temporis transisse ponunt quam christiani et tu uideris<sup>185</sup> longe plus temporis<sup>186</sup> ponere etiam christianis.

Respondit: Immo<sup>187</sup> multo plus annorum preterit quam uos<sup>188</sup> dicatis<sup>189</sup>. Sed quot milia ego scio<sup>190</sup>, sed Dominus non uult ea palam facere ante aduentum illius electi pastoris. Sicut enim de die illo nemo nouit<sup>191</sup> quando ueniet Dominus<sup>192</sup>, ita neque<sup>193</sup> de prima die mundi nemo scit, nam "dies seculi quis enumerauit<sup>194</sup>"? Deus quoque noster uere magnus et magnificus nimis ea solum reuelat seruis suis<sup>195</sup> que illis utilia sunt et expediunt. Cognitio ergo<sup>196</sup> talis nil prodest Ecclesie Dei nisi ad curiositatem. Hec<sup>197</sup> ergo non uult pro nunc patefacere.

Et ego: Que Deo et Domino nostro reuelare non placet, mihi quoque illa<sup>198</sup> replicare<sup>199</sup> non licet. Et ideo<sup>200</sup> quia nosse principium uel finem mundi parum prodest,

<sup>169</sup> Finis mundi nescitur et principium eius ignoratur neque quisquam nouit enumerare dies intermedios.

*add.M (in marg. a.m.) NOQ*

<sup>170</sup> interdum *om. V*

<sup>171</sup> coniungit *IJLMNOPQV*, adiungit *F*

<sup>172</sup> abnepotem *IJLMNOV*, nepotes *P*, a nepote *Q*

<sup>173</sup> per annos *om. V*

<sup>174</sup> et numeratis uitas et sic concluditis mundum ex tunc fuisse *add. M (in marg.a.m.)*

et numeratis uitas ipsorum et sic concluditis mundum extime fuisse *add. N*

et numeratis uitas ipsorum et sic concluditis mundum ex tunc fuisse *add. O*

et numeratis uitam ipsorum et sic concluditis mundum extime fuisse *add.Q*

<sup>175</sup> et milesimus *add. M (sup.lin. a.m) N (in marg.a.m.) OQ*

<sup>176</sup> Vnde et Adam est pater omnium *add. M (in marg. a.m.) NQ*

<sup>177</sup> et talis filii *om. Q*

<sup>178</sup> usque *om. O*

<sup>179</sup> deueniemus *HILMNPQV*, deuenimus *JO*

<sup>180</sup> absque medio *add. O (sup lin.a.m.)*

<sup>181</sup> medium *IJLMNPQV*, medios *O*

<sup>182</sup> Quot *IJLMNOQV*, Quod *P*

<sup>183</sup> a primo *add. J*

<sup>184</sup> usque ad Christum *om. JOV*

<sup>185</sup> tu uideris *ILMNOQ*, uideris *J*, uideri *V*

<sup>186</sup> plus temporis *JMNOQ*, plus temporis *IL*, plus tempus *V*

<sup>187</sup> plus *add. O*

<sup>188</sup> uos *om. JV*

<sup>189</sup> dicatis *JLMNOPV*, dicitis *IQ*

<sup>190</sup> scio *IJLMNOPV*, nescio *Q*

<sup>191</sup> scilicet *add.ILNV*

<sup>192</sup> quando ueniet Dominus *om. JP, er. N, add. O (sup.lin.)*

<sup>193</sup> ita neque *IJLMNOV*, itaque *P*, ita *Q*

<sup>194</sup> enumerauit *IJLMNPQV*, enumerauerit *O*

<sup>195</sup> suis *om. J*

<sup>196</sup> ergo *IJMNPV*, uero *LOQ*

<sup>197</sup> Hec *JMNQ*, Hoc *ILOP*, He *V*

<sup>198</sup> illa *om. Q*

satis mihi esset scire de tempore quo uenturus est ille magnus uicarius Christi. Postquam consideraui pauperulum illum patrem nostrum<sup>201</sup> cum illa misera matre nostra, ab illo paradiso uoluptatis exclusos, in tam breui tempore tam plenos<sup>202</sup> scientia, miratus sum de eorum inconstantia et fleui de malo ipsorum<sup>203</sup> et nostro et quesui ab angelo quare Deus permisit<sup>204</sup> ita cadere et noluit eis prebere auxilium ne<sup>205</sup> caderent.

Subito respondit.<sup>206</sup> Cur permisit etiam tot ex nostris in peccatum cadere? An nescis quod Deus et angelum et hominem a principio sue creationis dimisit<sup>207</sup> in manu consilii sui<sup>208</sup>? Apposuit precepta et mandata que seruando seruarentur<sup>209</sup> et transgrediendo illa, ipsi quoque non gauderent illis bonis que Deus eis preparauerat. Nos angeli, si fas esset conqueri de Deo, potius conqueri possemus, quia et si nostris miseris fratribus, quos diabolos uocatis<sup>210</sup>, tempus penitentiae dederit, illud tamen<sup>211</sup> longe breuius fuit uestro<sup>212</sup>, quia uestri etiam post expulsionem a paradiso penitentiam agere potuerunt. Nostri post casum nullo modo potuerunt<sup>213</sup>.

Tunc ego<sup>214</sup> dixi: Ex hoc uidetur<sup>215</sup> sequi quod angeli mali etiam si peniterent non possent saluari?

Et ille: Ad penitentiam fructiferam non sufficit dolere de commissis, sed oportet ut<sup>216</sup> ibi gratia Dei intersit ad hoc ut Deus<sup>217</sup> dolorem illum acceptet. Eo modo potest angelus dolere<sup>218</sup> post casum ut dolor sit gratus Deo quomodo<sup>219</sup> et homo<sup>220</sup> post mortem, de quo alias dixi tibi. Omnia consistunt in regulis ab ipso Deo optimo ordinatis.

Ego iterum: Si Deus sciebat hominem casurum, cur ipsum temptari permisit? Et quare homines redimere uoluit et non angelos?

Respondit: Scientia Dei mi [24] rabilis est, uix a nobis<sup>221</sup> comprehensibilis est<sup>222</sup>, attingens a fine usque ad finem. Eternus Deus est, eterna est scientia eius. Eternum<sup>223</sup> omnia tempora uestra<sup>224</sup> ambit et amplectitur<sup>225</sup>, omnia inspicit ac si presentia essent. Sed uos cogitatis Deum tamquam priorem uobis sicut et est habere scientiam illorum

---

<sup>199</sup> replicare *IJLMNOPV*, explicare *Q*

<sup>200</sup> ideo *om. P*

<sup>201</sup> nostrum *ILMNOPQ*, omnium *JV*

<sup>202</sup> plenos *IJLMNOQV*, plenis *P*

<sup>203</sup> ipsorum *IJLMNOQV*, illorum *P*

<sup>204</sup> illos *add. ILOQ*, eos *add. N*

<sup>205</sup> ita *add. Q*

<sup>206</sup> angelus *add. HLNOQ*

Subito respondit *om. V*

<sup>207</sup> dimisit *IJLMNOPV*, reliquit *Q*

<sup>208</sup> sui *om. IL*

<sup>209</sup> seruarentur *IJMNOQV*, seruaretur *L*

<sup>210</sup> uocatis *IJLMNOPV*, appellatis *Q*

<sup>211</sup> tamen *om. IL*

<sup>212</sup> uestro *IJLMNOPQ*, nostro *V*

<sup>213</sup> potuerunt *IJLMNOPV*, poterant *Q*

<sup>214</sup> ego *om. P*

<sup>215</sup> uidetur *JLMNOPQV*, uideretur *I*

<sup>216</sup> ut *IJLMOPQV*, quod *N*

<sup>217</sup> Deus *om. V*

<sup>218</sup> dolere *IJLNOQV*, dolore *M*

<sup>219</sup> quomodo *om. V*

<sup>220</sup> potest *add. N*

<sup>221</sup> nobis *JMQV*, uobis *ILNOP*

<sup>222</sup> est *om. O*

<sup>223</sup> autem *add. O*

<sup>224</sup> uestra *IJLMNOPV*, nostra *Q*

<sup>225</sup> amplectitur *IJMOPQ*, complectitur *LNV*

futurorum<sup>226</sup> ac si antea<sup>227</sup> in causis uideret<sup>228</sup> sicut si aliquis inspiciat terram uel stipitem arboris et dicat: "Hic<sup>229</sup> orietur ramus<sup>230</sup>". Non sic Deus futura cognoscit<sup>231</sup> quasi in causa, sed ipsa tamquam presentia cernit ratione sue maiestatis<sup>232</sup>. Nonne interdum tu, frater mi, somniasti<sup>233</sup> et in somno uidisti aliquod futurum tamquam presens?

Vidi, inquam<sup>234</sup>, sepius in nocte ea que mihi in die occurrerunt.

Tunc ille: Si ergo uobis<sup>235</sup> futura ut presentia, que tamen<sup>236</sup> non sunt presentia, uidentur, quare non sic uidebuntur presentia Deo, eo immo perfectiori modo quo intellectus ille eternus et infinitus excedit intellectum uestrum<sup>237</sup>? Si ergo uos uidetis aliquando clarius aliquando<sup>238</sup> obscurius<sup>239</sup> talia futura, cur Deus, qui habet intellectum immensum, non uidebit omnia clarissime?<sup>240</sup> Hoc<sup>241</sup> nota, homo Dei, et quamuis tu sis ineptior ad talia, gratia tamen Dei aptior factus es et, ubi intelligere non potes ad plenum, scribe prout tibi a me dicuntur<sup>242</sup>, quia ille<sup>243</sup> cui hec mittuntur<sup>244</sup> et propter quem scribuntur clare intelliget et aperte docebit. Tu es Deo in hac re tamquam equus<sup>245</sup> fratri tuo ferens farinam de molendino.

Et ego: Vtinam sim bonus asinus ad deferendum<sup>246</sup> tantum bonum fidelibus nostris. Quia equum me credo, quadam reuerentia quam<sup>247</sup> ego non mereor appellasti, sed asinum dicere uoluisti tamquam rude animal. Cognoui tamen presepe domini mei. Rogo tamen ut perficias incoata<sup>248</sup> que, si non potero intelligere, depingam ut alii intelligant<sup>249</sup> quos Deus mittit ad percipiendum acutius ea que ego, ut hebes homo<sup>250</sup>, cogito.

---

<sup>226</sup> illorum futurorum *HJLMNPV*, illarum futurarum *I*, om. *OQ*

<sup>227</sup> antea *HIJLMN* (*O* add. *sup.lin.a.m.*) *PQ*, anima *V*

<sup>228</sup> Deus add. *Q*

<sup>229</sup> Hic *IJLMNPV*, Hinc *OQ*

<sup>230</sup> hinc pullulauit rosa uel alius flos add. *M* (*in marg.a.m.*) *NO*

hic egredietur rosa uel alius flos add. *Q*

<sup>231</sup> quia omnia ante ipsum sunt contingentia et nullum necessarium cognoscit add. *P*

<sup>232</sup> maiestatis *M* (add. *sup.lin.a.m.* immensitatis et eternitatis) *V*, immensitatis *HIJLP*, immensitatis eterne *N*, immensitatis et eternitatis *OQ*

<sup>233</sup> somniasti *IJLMNOPQ*, insomniasti *V*

<sup>234</sup> inquam *IN*, om. *L*, inquam dixi *JMOPQV*

<sup>235</sup> uobis *IJLMNOPQ*, uos *V*

<sup>236</sup> in se add. *M* (*sup.lin. a.m.*) *OQ*

<sup>237</sup> uestrum *HIJLM* (*sub ras.* nostrum) *NP*, nostrum *Q*, om. *V*

<sup>238</sup> clarius aliquando add. *M* (*in marg*), om. *J*

<sup>239</sup> aliquando obscurius om. *V*

<sup>239</sup> aliquando obscurius om. *V*

<sup>240</sup> Omnia futura habent iam illud esse quod futura sunt. Sicut et preterita, eo quod preterita sunt, habent esse preteritum. Et eque difficile est cognoscere preterita si numquam uisa uel audita fuerunt sicut et futura. Omnia ergo habent aliquod esse et nullum ens potest latere immensum et eternum intellectum add. *P*

<sup>241</sup> Hoc *JNOPQ*, Hec *ILM*, He *V*

<sup>242</sup> dicuntur *IJMNOQV*, dicitur *L*

<sup>243</sup> pastor add. *LPV*

<sup>244</sup> hec mittuntur *IJLMNOPV*, hoc mittitur *Q*

<sup>245</sup> in ore tuo add. *Q*

<sup>246</sup> deferendum *ILMNOPV*, deferendum hominem *J*, ferendum *Q*

<sup>247</sup> quam *IMNOPQ*, quem *JLV*

<sup>248</sup> incepta *IJLNOQ*, incoata *MV*

<sup>249</sup> ad add. *N*

<sup>250</sup> hebes homo *JLMNOPQ*, habes homo *I*, habeas *V*

Tunc ille: Deus, nota et considera diligenter, in sua eternitate uidit hominem antequam crearetur<sup>251</sup>. Non existentem, uidit<sup>252</sup> eum existentem pro alio tempore et pro alio temptatum et pro alio uictum. Et hec omnia<sup>253</sup> simul pro diuersis temporibus uestris. Permisit ergo eum<sup>254</sup> cadere in peccatum, quia liberum fecit, sed non quia cadere uoluit<sup>255</sup>. Vidit enim futurum tamquam presens nec tamen ideo factum est illud<sup>256</sup> quia Deus uidit, sed quia factum est uel<sup>257</sup> futurum erat Deus<sup>258</sup> uidit. Dederat enim potestatem sic faciendi nec uoluntate sua id impedire uoluit ne libertas amitteretur. Homo propria sponte<sup>259</sup> sic uoluit<sup>260</sup>. Deum eternum et immensum latere non potuit. Cognouit<sup>261</sup> ergo et uidit, quia sic erat<sup>262</sup>, non sic factum est quia ipse uidit. Hominem igitur, quia<sup>263</sup> cecidit<sup>264</sup>, uidit<sup>265</sup> cadere, non quia uidit eum<sup>266</sup> casurum iccirco cecidit. Congruum autem fuit ut homo sibi sponte salutem procuraret ut merito coronari posset si legitime decertasset<sup>267</sup>. Sic enim statutum est ut omnes ad dexteram uel ad sinistram diuertere possent<sup>268</sup>. [25]

Quare autem Deus<sup>269</sup> uos homines<sup>270</sup> redimere uoluit et non angelos nullum dubium est<sup>271</sup>. Nam omnes angeli facti erant iam uel beati uel miseri. Beatos redimere non fuit opus neque miseros fuit congruum quia sententia data<sup>272</sup> erat. Vnde<sup>273</sup> neque homines damnatos eripuit ab eorum damnatione. Quia igitur<sup>274</sup> nullus angelus uiator erat et multi homines uiatores erant<sup>275</sup> ideo<sup>276</sup> pro ipsis Redemptor uenit, non pro angelis. Remanserant<sup>277</sup> etiam illis<sup>278</sup> qui ceciderunt<sup>279</sup> similes<sup>280</sup> et satis<sup>281</sup> erat ut de qualibet natura plures uel multi saluarentur.

<sup>251</sup> crearetur *IJMNOQV*, crearet *L*

<sup>252</sup> in eadem eternitate *add. M (in marg. a. m.) NOQ*

<sup>253</sup> uidit *add. O*

<sup>254</sup> ergo eum *IJMV*, ergo ipsum *HNOQ*, ipsum *LP*

<sup>255</sup> sed non quia cadere uoluit *HIJL(M sub ras.)OPV*, sed non [permisit ac si eum (*in marg. a. m.*)] (*er. quia*) cadere (uoluisset *cor.*) *M*, sed non permisit ac si eum quia cadere uoluisset *N*, sed non quia cadere uoluisset *O*, sed non permisit quasi eum cadere uoluisset. *Q*

<sup>256</sup> illud *IJLMNOQV*, istud *P*

<sup>257</sup> uel *IJLMOPQV*, quia *N*

<sup>258</sup> ideo *add. IL (M sup. lin. a. m.) O*

<sup>259</sup> sponte *IJLMNOPV*, potestate *Q*

<sup>260</sup> ne libertas amitteretur. Homo propria sponte sic uoluit *om. V*

<sup>261</sup> cognouit *IJLMNOQV*, Cogitauit *P*

<sup>262</sup> erat *IJLMNOPQV*, futurum *H*

<sup>263</sup> quia *IJLMNOPV*, qui *Q*

<sup>264</sup> cecidit *IJLMNOPQV*, casurum erat (*er. cecidit*) *H*

<sup>265</sup> Hominem igitur, quia cecidit, uidit *om. V*

<sup>266</sup> eum *IJMNOQV*, illum *L*

<sup>267</sup> decertasset *IJLMNOPV*, certasset *Q*

<sup>268</sup> prout eorum natura exposcit *add. M (in marg. a. m.) NOQ*

<sup>269</sup> Deus *IJL(M sup. lin.)OPQV*, Dominus *N*

<sup>270</sup> homines *om. JLPQV*

<sup>271</sup> nullum dubium est *HIJL(M sub ras) (O add. sup. lin. a. m.) V*, parui momenti dubium est *NQ*, nulli dubium est *P*

dubium parum nonnulli est *er. O*,

quamuis apud uos multa somnientur. *add. P*

<sup>272</sup> data *JLMNOPQV*, lata *I*

<sup>273</sup> Vnde *IJMNOQV*, et sic *L*

<sup>274</sup> igitur *om. P*

<sup>275</sup> et sunt *add. P*

<sup>276</sup> ideo *IJLMNOPQ*, unde *V*

<sup>277</sup> Remanserant *HJMNOQ*, Remanserunt *ILV*

<sup>278</sup> illis *IJLMNOPQ*, illi *V*

<sup>279</sup> qui ceciderunt *HIJLMNOP*, qui crediderunt *V, om. Q*

Tunc ego. Sicut plures angeli fuerunt saluati utrum<sup>282</sup> sic et plures homines saluantur<sup>283</sup>?

Et ille: Si plures<sup>284</sup> in penitentia<sup>285</sup> decedunt<sup>286</sup>, plures saluabuntur<sup>287</sup>, de quo alias. Pretermittantur<sup>288</sup> tales questiones quia pastori illi iam id et multa alia de his, ipso non perpendente, reuelabit Deus. Non dubites, uideris mihi obliuiosus, quia de eisdem quamdoque dubitas.

Et ego: Domine mi, illico ut conscripta sunt que mihi dicis labuntur e<sup>289</sup> memoria mea<sup>290</sup>.

Et angelus. Nonne dixi tibi quia<sup>291</sup> tu es animal deferens hec<sup>292</sup> nutrimenta illi qui pascet<sup>293</sup> gregem Dei nostri?

Et ego: Fiat, fiat, dixi, dummodo sim asinus alimenta Dei fidelibus deferens.

Tunc<sup>294</sup> iterum dixi<sup>295</sup>: Domine mi, ex quo Adam ratione peccati potius<sup>296</sup> incurrerat ignorantiam<sup>297</sup> quam<sup>298</sup> adeptus fuerit<sup>299</sup> ullam<sup>300</sup> scientiam, quare Deus dixit: "Ecce Adam factus est quasi unus ex nobis, sciens bonum et malum", et quibus<sup>301</sup> dixit?

Respondit: Ad nos angelos tunc locutus est Deus noster Trinus et Vnus, quia etiam serpens non suasit<sup>302</sup> propriam scientiam Dei, sed potius angelicam. Sciebat enim homo quod equiparari non poterat scientie<sup>303</sup> Dei,<sup>304</sup> sed bene<sup>305</sup> angelorum. Intellectus namque<sup>306</sup> creatus equalis<sup>307</sup> est ex sui natura, suscipiens gradus ratione<sup>308</sup> maioris uel minoris dispositionis nature in qua est<sup>309</sup>. Ad nos igitur locutus est Deus Trinus, non tunc quando dixit: "faciamus hominem ad imaginem<sup>310</sup> nostram".<sup>311</sup>

---

<sup>280</sup> in natura *add. M (sup. lin. a. m.) NOQ*

<sup>281</sup> ideo pro ipsis Redemptor uenit, non pro angelis. Remanserant etiam illis qui ceciderunt similes et satis *om. J*

<sup>282</sup> utrum *ILMNOPQV*, uerum *J*

<sup>283</sup> saluantur *LMN*, saluabuntur *HIJOPQV*

<sup>284</sup> "Si plures *om. V*

<sup>285</sup> penitentia *IJLMNOPQ*, presentia *V*

<sup>286</sup> decedunt *IJLMNPQV*, decedent *O*

<sup>287</sup> saluabuntur *IJMOPQV*, saluantur *HLN*

<sup>288</sup> pretermittantur *HIJLMOPV*, pretermittamus *NQ*

<sup>289</sup> e *HIJLMNPV*, ex *O*, a *Q*

<sup>290</sup> sicut uiro consideranti uultum natiuitatis sue in speculo *add. M (in marg. a. m.) NOQ*

<sup>291</sup> quia *JMPQV*, quod *ILNO*

<sup>292</sup> hec *om. Q*

<sup>293</sup> pascet *IJLNOPV*, passet *M*, sunt *Q*

<sup>294</sup> ego *add. O*

<sup>295</sup> Tunc iterum dixi *HILMNPOV*, Sicut iterum dixi *J*, Tunc ego iterum dixi *O*

<sup>296</sup> potius *om. Q*

<sup>297</sup> ignorantiam *IJLMNOQV*, ignominiam *P*

<sup>298</sup> quam *IJMNOQV*, antequam *LP*

<sup>299</sup> fuerit *IJLMNOPV*, fuerat *Q*

<sup>300</sup> ullam *IJLPV*, aliquam *H(M post cor.) OQ*, illam *N*

<sup>301</sup> ita *add. M (in marg. a. m.) OQ*

<sup>302</sup> suasit *ABGIJL(M add. in marg. a. m. seu promisit)NOPQR*, sua *V*

seu promisit *add. (M in marg. a. m.) O*, sed promisit *add. Q*

<sup>303</sup> scientie *ABGIJLMNOPRV*, scientia *Q*

<sup>304</sup> sed potius angelicam. Sciebat enim homo quod equiparari non poterat scientie<sup>304</sup> Dei, *om. AH*

<sup>305</sup> bene *BGIJMNOPQRV*, tantum *L*

<sup>306</sup> noster *add. G*

<sup>307</sup> equalis *om. H*

<sup>308</sup> ratione *ABGHJLMNOPQV*, rationem *IR*

<sup>309</sup> uel superne reuelationis *add. P*

<sup>310</sup> ad imaginem *IJLMOPRV*, ad imaginem et similitudinem *BGHN*, et similitudinem *Q*

<sup>311</sup> sed quando dixit uerba predicta *add. (M in marg. a. m.) NOQ*

Et dixit illa uerba quasi deridendo.

Ecce Adam factus est quia id sperauit<sup>312</sup> futurum<sup>313</sup> quasi unus<sup>314</sup> ex nobis. Non dixit hoc Deus quasi nos essemus equales sibi<sup>315</sup> in scientia<sup>316</sup>, sed quia scientia nostra longe maior est quam sua et Deo propinquissima<sup>317</sup>. Ipse Lucifer ostendit eis<sup>318</sup>. Nam et ille tres persone<sup>319</sup> dicuntur dii, quia diuinitatem ueram et integram habentes<sup>320</sup>, et nos angeli dicimur dii<sup>321</sup>, quia participamus eam<sup>322</sup> pre ceteris. Quando ergo draco ille dixit: "et eritis sicut dii", mulier cogitauit<sup>323</sup> quod<sup>324</sup> futuri essent sicut Pater, Filius atque Spiritus Sanctus. Adam uero cogitauit potius illud<sup>325</sup> intelligi debere de [26] nobis angelis. Neuter tamen determinate<sup>326</sup> accepit.

Domine mi, dixi, quid<sup>327</sup> et cuius ualoris<sup>328</sup> fuit illud lignum uite in medio paradisi<sup>329</sup> positum?

Respondit: Deus noster, sciens hominem ex se ipso et ex sui<sup>330</sup> natura mortalem esse, quia numquam cibo<sup>331</sup> communi restauratur id<sup>332</sup> quod amittitur<sup>333</sup>, continue fecerat cibum longe utiliore auro potabili, quod uos<sup>334</sup> tanti existimatis, quem<sup>335</sup> sumendo, uita<sup>336</sup> protrahebatur<sup>337</sup> in longum et restaurabantur<sup>338</sup> iugiter amissa. Verum est quod non potuisset in sempiternum esu illo uiuere ratione uirtutis proprie ipsius<sup>339</sup> hominis, que<sup>340</sup> fatigaretur<sup>341</sup> et tandem debilitata fuisset ex continua talis cibi conuersione. Sed

---

<sup>312</sup> sperauit *BGHIJLMNOPQRV*, sperabat *A*

<sup>313</sup> futurum *AH(M add. sup.lin se, cor. in facturum) PV*, se facturum *NO*, facturum *BGIJLR*, se fieri Deum *Q*

<sup>314</sup> unus *BHJLMNOPQRV*, unum *I*

<sup>315</sup> sibi *ABGHILMNOQRV*, ei *P*

<sup>316</sup> Non dixit hoc Deus (Deus *om. H*) quasi nos essemus equales sibi in scientiam *ABGHIJLMNOQR*,

Non dixit homo quasi nos essemus equales ei in scientia. *P*,

Non dixit homo Deus quasi nos essemus equales sibi in scientia. *V*

Non dixit hoc Deus quasi nos essemus equales sibi in scientia, sed quia scientia nostra longe maior est quam sit ... et Deo propinquissima ipse lucifer ostendit eis *B*

<sup>317</sup> sed quia scientia nostra longe maior est quam sua et Deo propinquissima *LPQ*, sed quia scientiam nostram longe maiorem quam sit (hominis *add. I in marg.a.m.*) et Deo propinquissimam *AGHIJMNORV*

<sup>318</sup> cum tamen scientia hominis a scientia nostra non multum differat, uerba autem Luciferi poterant dupliciter intelligi. *add. GP*

<sup>319</sup> diuine *add. BIL(M in marg.a.m.) OQR*

<sup>320</sup> habentes *AGIL(JM cor. in habent)PRV*, habent *BHOQ*, habentem *N*

<sup>321</sup> dii *om.R*

<sup>322</sup> eam *ABGLMNOPQV*, eum *I*, eas *J*

<sup>323</sup> cogitauit *ABGHJMNOPQV*, creditit *ILR*

<sup>324</sup> forsitan *add.H (M in marg.a.m.) NO*

<sup>325</sup> illud *om.I*

<sup>326</sup> determinate *ABGHJL(M cor.)NOPQV*, determinare *IR*

<sup>327</sup> quid *JLMNPQV*, quod *O*

<sup>328</sup> ualoris *IJLMNOPQ*, ualens *V*

<sup>329</sup> paradisi *ILMNOPQV*, paradiso *J*

<sup>330</sup> sui *IJLMNOPQ*, sua *V*

<sup>331</sup> uestro *add. M (sup. lin. a.m.)NOQ*

<sup>332</sup> id *om. N*

<sup>333</sup> in uobis *add. M (in marg. a.m.)NOQ*

<sup>334</sup> uos *om. V*

<sup>335</sup> quem *IJLMNOPV*, quod *Q*

<sup>336</sup> uita *om. V*

<sup>337</sup> protrahebatur *IJLMNOPQ*, protahabatur *V*

<sup>338</sup> restaurabantur *HIJLMOP*, restaurabatur *NQV*

<sup>339</sup> ipsius *ILMNOPQV*, ipsum *J*

<sup>340</sup> que *HIL (M sup. cor.) NOQP*, qui *JV*

hoc<sup>342</sup> aduerte<sup>343</sup> bene quod<sup>344</sup> Deus tunc ordinauerat ut uirtus illa numquam debilitaretur neque illud miraculum fuisset, sed res continua et ordinarie procedens et consuete non inconsuete<sup>345</sup>. Vnde si homo in paradiso illo<sup>346</sup> nil comedisset<sup>347</sup>, peccasset<sup>348</sup>. Comedendo autem uixisset illo cibo, diuina uirtute digestiuam potentiam<sup>349</sup> confortante<sup>350</sup>. Et tandem ut patres filiis locum darent, translati fuissent ad uitam meliorem et celestem ubi sine<sup>351</sup> cibo in eternum uixissent sicut et uiuetis postquam resurrexeritis a mortuis. Tunc enim Deus noster absque ullo cibo uos uiuere faciet, conseruando sine instrumento sicut in paradiso terrestri conseruasset<sup>352</sup> medio illius ligni.

Interrogauit deinde angelum Domini de pena quam inflixit Deus serpenti, que uidetur ei naturalis conditio, et dixit: Mi domine, nonne naturale<sup>353</sup> est serpenti super pectus<sup>354</sup> se mouere et terram comedere et calcaneo hominum<sup>355</sup> insidiari et homines contere capita serpentum? Iterum miror si hec in penam<sup>356</sup> data sunt<sup>357</sup> serpenti. Cur data sint<sup>358</sup> ex quo ille tamquam animal brutum peccare non potuerit<sup>359</sup> et diabolo, qui ad peccatum<sup>360</sup> prouocauit, nulla pena fuit data?

Respondit: Recte miraris, sed audi me. Conditiones ille conueniunt serpenti ex sui natura, sed uerba<sup>361</sup> illa dirigebantur ad diabolum, qui in tali forma mulieri primum apparuit, et est sensus<sup>362</sup>: Tu, diabole, quia<sup>363</sup> in tali forma feminam temptasti, illius animalis conditiones habebis<sup>364</sup> in quod intrasti. Sicut<sup>365</sup> ille pre cunctis aliis brutis est abominabilis<sup>366</sup> et exosus, sic tu<sup>367</sup> super omnia creata eris odiosus homini et maledictus uocaberis ab omnibus. Terram ut serpens comedes, quia tota mens tua et cogitatio<sup>368</sup>

---

propter assiduam resistentiam *add. M (in marg. a. m.) NO*  
<sup>341</sup> fatigaretur *HILMNOQ*, frangeretur *JP*, fatigare *V*  
<sup>342</sup> hoc *IJLMOPQV*, homo *N*  
<sup>343</sup> aduerte *ILNMOPQV*, aduenit *J*  
<sup>344</sup> quod *ILMNOPQ*, quia *JV*  
<sup>345</sup> Consueta urero uos non uocatis miracula quamuis sint ualde mirabilia et ad solam Dei potentiam spectantia. Tamen aspiciendo proprie nature uires, miraculum fuisset. *add. P*;  
 Tamen aspiciendo proprias nature uires, miraculum fuisset. *add. M (in marg. a. m.) NOQ*  
<sup>346</sup> illo *om. HIJLNO*  
<sup>347</sup> comedisset *IJLMNPQV*, comedere uoluisset *O*  
<sup>348</sup> peccasset *IJMNOQV*, peccauisset *L*  
<sup>349</sup> potentiam *IJMNOQV*, uirtutem *L*  
<sup>350</sup> confortante *ILMNOPQV*, conseruante *J*  
<sup>351</sup> ullo *add. O*  
<sup>352</sup> conseruasset *JMNOPQV*, conseruauisset *HIL*  
<sup>353</sup> naturale *IJMNOQV*, naturali *L*  
<sup>354</sup> suum *add. Q*  
<sup>355</sup> hominum *IJMNOV*, hominis *LQ*  
<sup>356</sup> penam *IJMNOQV*, pena *L*  
<sup>357</sup> sunt *IJLMNPQV*, sint *O*  
<sup>358</sup> sint *IJLMNOV*, sunt *Q*  
<sup>359</sup> potuerit *HILMOP*, poterit *J*, potuit *NQV*  
<sup>360</sup> peccatum *ILMNOP*, peccandum *JQV*  
<sup>361</sup> uerba *IJLMNOQV*, uere *P*  
<sup>362</sup> et est sensus *HIJL (M add. sup. lin. a. m. talis) NPV*, et sensus est talis *OQ*  
<sup>363</sup> quia *IJLMNO*, qui *PQV*  
<sup>364</sup> habebis *IJLMNOQ*, habentis *V*  
<sup>365</sup> enim *add. IJLNOQ*  
<sup>366</sup> abominabilis *IJLMNOQ*, abominabilius *V*  
<sup>367</sup> similiter *add. P*  
<sup>368</sup> tua *add. L*

intenta<sup>369</sup> erit ad malum et ad peccatum omnibus<sup>370</sup> diebus, quia numquam corrigeris<sup>371</sup>, numquam ad celum redibis aut celestia cogitabis, sed terrena et cum terrenis<sup>372</sup> hominibus erit conuersatio tua. Inimicitias ponam inter te et mulierem et inter semen tuum<sup>373</sup>, omnes uidelicet complices [27] tuos, spiritus malignos tibi similes<sup>374</sup>, immo et homines te sponte sequentes, quorum tu eris caput non ego, et semen mulieris.

Et per semen mulieris intelligebat precipue Christum cum omnibus bonis et electis. Et per mulierem non solum Euam, sed etiam precipue Matrem eius<sup>375</sup> Mariam, que contriuit caput eius, quia cunctas hereses et peccatum ab ipso inductum funditus dissipauit, quia nullo modo uenenum ab ipso immissum gustauit. Et quia<sup>376</sup> caput aliorum peccatorum fuit illud peccatum, ipsa illud<sup>377</sup> contriuit, quia uenenoso illius flatu<sup>378</sup> non fuit infecta et quia Filii sui aduentu patria superna, propter illud peccatum amissa, fuit recuperata et ianua celestis paradisi aperta.

Et tu insidiaberis calcaneo eius, quia ultimo<sup>379</sup> procurabis contra eam et prolem eius agere inducendo pseudo Christos<sup>380</sup> et pseudo prophetas maxime illum qui in templo Dei sedebat ostendens se ac si esset Deus, quem tu inhabitabis. Et quia Deus iam reuelauerat ipsis primis parentibus uestris sicut et nobis se uelle hominem facere<sup>381</sup>, in his uerbis Dei ad serpentem directis<sup>382</sup> uidelicet Luciferum cognouerunt et ipsi et Lucifer<sup>383</sup> illum Deum hominem institui tanquam reparatorem nature lapse et ordinari<sup>384</sup> hominum<sup>385</sup> redemptorem et gauisi sunt. Dixitque Adam ad Euam, cui etiam tale nomen imposuit: Non peribimus omnino, saluabimur. Quandoque<sup>386</sup> affligetur<sup>387</sup> semen<sup>388</sup> nostrum, sed non peribit, immo Deus ipse, ut audisti, propter peccatum quod fecimus non mutauit propositum suum quin hominem se, ut disposuerat, faciat. Et ipse erit noster saluator et redemptor, immo et totius nostre posteritatis<sup>389</sup>. Crescamus<sup>390</sup> igitur et multiplicemur<sup>391</sup> ne tanto bono priuemur. Hec uerba dixit subito ut positus fuerat<sup>392</sup> extra paradysum in quo mandatum crescendi acceperant. Sed quia ibi primum tribus diebus abstinere proposuerant ut prius copularentur Deo Trino<sup>393</sup> deinde inter se, et

---

<sup>369</sup> in terram *add. Q*

<sup>370</sup> omnibus *IJLMNOPV*, cunctis *Q*

<sup>371</sup> numquam emendaberis *add. M (in marg. a. m.) NOQ*

<sup>372</sup> terrenis *IJLMNOPV*, terrenibus *Q*

<sup>373</sup> et semen illius *add. P*

<sup>374</sup> qui ideo dicuntur semen tuum non quia creasti eos sed quia auersisti et ad malum eternum induxisti *add. P*

<sup>375</sup> eius *IJLMNOPV*, Christi *Q*

<sup>376</sup> quia *om. V*

<sup>377</sup> illud *er. J*

<sup>378</sup> flatu *HJLMOV*, flatum *I*, inflatu *N*, afflatu *PQ*

<sup>379</sup> ultimo *IJLMNOPQ*, ultro *V*

<sup>380</sup> Christos *IJLMNOPV*, Christus *Q*

<sup>381</sup> facere *IJLMNOQV*, redimere *P*

<sup>382</sup> directis *IJLMNOPQ*, dicentis *V*

<sup>383</sup> cognouerunt et ipsi et Lucifer *om. V*

<sup>384</sup> ordinari *IJLMNOPQ*, ordinare *V*

<sup>385</sup> Reparatorem et *add. Q*

<sup>386</sup> quandoque *IJLMNOPQ*, quamque *V*

<sup>387</sup> affligetur *ILMNOPQV*, affligitur *J*

<sup>388</sup> semen *IJLMNOQV*, genus *P*

<sup>389</sup> O igitur beatum peccatum uestrum quod diuina dignitate obtinuit talem Redemptorem. *add P*

<sup>390</sup> Crescamus *IJLMNOPQ*, Crescamur *V*

<sup>391</sup> multiplicemur *IJLMNOQV*, multiplicemus *P*

<sup>392</sup> positus fuerat *IJLMNOPV*, positi fuerant *Q*

<sup>393</sup> Deo trino *IJLMNOPV*, Domino *Q*

successit tempestas temptationis<sup>394</sup> ualida quod<sup>395</sup> non quiuerunt<sup>396</sup> impediti uerbis<sup>397</sup> Luciferi qui eos ad transgressionem precepti impellebat ubi diu conflixerunt<sup>398</sup> et ideo neque de precepto multiplicationis cogitauerunt tamquam de sugestione illa solliciti et quasi attoniti, extra paradysum positi<sup>399</sup>, copulati sunt. Et in<sup>400</sup> quolibet partu saltem duos, marem<sup>401</sup> unum<sup>402</sup> et feminam unam, Eua pariebat. Masque feminam in uxorem ducebat. Adam ergo cum esset plenus scientia, instrumenta arandi, seminandi<sup>403</sup>, plantandi agrosque colendi adinuenit et suos docuit filios in quibus etiam nos angeli iussu Dei eum [28] iuuimus. Et quando Caim occidit Abel adeo doluit<sup>404</sup> quod ulterius, nisi mandatum Domini preterire timuisset, uxori se<sup>405</sup> numquam copulasset. Adam uero et Eua quotiens recordabantur deliciarum paradisi<sup>406</sup> totiens flebant. Recordabantur sepe et, quamdocumque<sup>407</sup> aliquem infirmum aut debilem aut malum aut mortuum uidebant uel audiebant, lacrimabantur<sup>408</sup>, suspirabant, presertim<sup>409</sup> Adam, quia peccatum eius et non uxoris traductum est ad posteros. Si enim sola mulier peccasset<sup>410</sup>, nil filiis nocuisset. Vnde dicebat: "Heu me miserum<sup>411</sup>! Ego enim sum causa huius peccati, huius infirmitatis, huius mortis, huius debilitatis". Neque illis qui mali erant propalare peccatum suum fuisse causam ipsorum mali audebat<sup>412</sup>. Si enim illud credidissent, ipsum utique et iniuriis et contumeliis<sup>413</sup>, uerberibus, immo<sup>414</sup> et morte affecissent. Parum gaudii, satis angustiarum semper habuit humanum genus. Nos angeli, qui felices, felices, qui miseri, miseri<sup>415</sup>. Vos semper in ista uita uestra<sup>416</sup> mixti<sup>417</sup> et ambigui estis, multa preclara in uestro genere et plurima<sup>418</sup> mesta.

Ego iterum interrogare cepi: Domine mi, cuius peccatum grauius<sup>419</sup> fuit, uiri an<sup>420</sup> mulieris?

Respondit: Placet ut me de hoc interroges, immo ego immisi in os tuum uerbum istud<sup>421</sup>. Multi enim sunt apud uos qui feminam primam<sup>422</sup> in statu innocentie putant

<sup>394</sup> tempestas temptationis *HJL(M add. in marg. temptationis)PQV*, tempestas et temptatio *N*

<sup>395</sup> quod *IJLMNOP*, quia *V*, ita quod *Q*

<sup>396</sup> non quiuerunt *MOPQV*, non quiueuerunt *HJ*, nequiuerunt *IL*, non nequiueuerunt *N*  
commiseri *add. P*

<sup>397</sup> uerbis *IJLMNPQV*, uerbo *O*

<sup>398</sup> conflixerunt *HILMNOPQ*, conflixerant *JV*

<sup>399</sup> positi *om. P*

<sup>400</sup> in *om. L*

<sup>401</sup> uidelicet *add. IMNOV*

<sup>402</sup> unum *om. V*

<sup>403</sup> seminandi *om. Q*

<sup>404</sup> doluit *IJLMNOPV*, latuit *Q*

<sup>405</sup> se *om. N*

<sup>406</sup> et deliciarum paradisi *IJL(M sub ras.)NP*, de loco paradisi et deliciarum *M (sup. ras.) OQ*

<sup>407</sup> quamdocumque *IJLMNOPQ*, quandoque *V*

<sup>408</sup> lacrimabantur *IJMNOQV*, lacrimabant *L*

<sup>408</sup> lacrimabantur *IJMNOQV*, lacrimabant *L*

<sup>409</sup> presertim *IJLMOPQV*, maxime *N*

<sup>410</sup> peccasset *JMOPQV*, peccauisset *ILN*

<sup>411</sup> miserum *IJLMNOPQ*, miser *V*

<sup>412</sup> audebat *IJLMNOPQ*, audebant *L*

<sup>413</sup> contumeliis *IJLMNOPV*, conviciis *Q*

<sup>414</sup> immo *om. L*

<sup>415</sup> miseri *om. J*

<sup>416</sup> uestra *om. O*

<sup>417</sup> mixti *IJLMNOPQ*, mexti *V*

<sup>418</sup> plurima *IJLMOPQV*, plura *N*

<sup>419</sup> grauius *IJLMNOPV*, maius *Q*

<sup>420</sup> an *IJLMOPQV*, uel *N*

fuisse uiro inferiorem, debiliorem et imbecillio<sup>423</sup>, et non aduertunt quod sexus non facit differentiam animorum<sup>424</sup> maxime tunc quando corpora<sup>425</sup> erant perfecta et anima utriusque imbuta<sup>426</sup> omni doctrina. Nonne dixi tibi quod Lucifer diu cogitauit a quo illorum inciperet sue temptationis initia porrigere et tandem concepit quod mulier auersa facilius auerteret<sup>427</sup> uirum quam uir mulierem, quia uiri<sup>428</sup> amor nimius<sup>429</sup> in illam erat tamquam deriuatam<sup>430</sup> ab ipso<sup>431</sup>? Quia<sup>432</sup> ergo mulier post<sup>433</sup> peccatum ut plurimum uiro debilior est et imbecillior, illud prouenit partim ab illa maledictione quam tunc accepit partim a complexione<sup>434</sup> delicatiori<sup>435</sup>. Non autem ac si mulier ante peccatum fuisset uiro indoctior aut<sup>436</sup> imbecillior, quamuis paruula distantia a uiro suo distaret et paulo minus imperfectior illo<sup>437</sup> fuisset in naturalibus et accidentalibus. Sic ut dico scribe, etiam si perfecte uerba mea non perciperes<sup>438</sup>. Dico nunc peccatum mulieris non esse ualde excusandum eo quod femina fuerit, neque Ade accusandum<sup>439</sup> quasi longe sapientior extitisset<sup>440</sup>. Sed mulier ideo grauius peccauit quia plus<sup>441</sup> et quia pluribus modis maxime quia uirum totiens ipsa temptauit, non uir mulierem. Et gratia illius uir cecidit. Magis etiam peccauit quia mulier potius credidit esse [29] similis<sup>442</sup> Deo Trino in sciendo<sup>443</sup> quam angelis, Adam uero potius angelis. Vterque tamen, dicente<sup>444</sup> "eritis sicut dii", dubitauit<sup>445</sup> an sicut persone diuine uel sicut angeli Dei. Sed priori particule adherebat potius mulier, posteriori<sup>446</sup> uir. Viri peccatum grauius per<sup>447</sup> sequelam<sup>448</sup> fuit, immo omnium grauissimum ex quo secuta<sup>449</sup> sunt tot mala, tot ruine, tot destructiones, mors, error, egestas, calamitas, uirium inferiorum et animalium rebelio, elementorum et

---

<sup>421</sup> istud *IJLMNPQV*, illud *O*

<sup>422</sup> primam *om. N*

<sup>423</sup> et imbecillio<sup>em</sup> *om. J*

<sup>424</sup> animorum *HJLMNOP*, animarum *QV*

<sup>424</sup> animorum *HJLMNOP*, animarum *QV*

<sup>425</sup> corpora *IJLMNOQV*, corda *P*

<sup>426</sup> anima...imbuta *IJLMNPQV*, anime...imbuta *O*

<sup>427</sup> auerteret *HJLMNOPQ*, euerteret *LV*

<sup>428</sup> uiri *om. Q*

<sup>429</sup> nimius *IJLMOPQ*, magis *N*, nimis *V*

<sup>430</sup> in illam...deriuatam *IJLMNPQV*, in illa...deriuata *O*

<sup>431</sup> ab ipso *IJLMNOPV*, ab eo *Q*

<sup>432</sup> Quia *JMNPQV*, Quod *HIL*

<sup>433</sup> post *IJLMNOQV*, eius *P*

<sup>434</sup> naturali *add. M (sup. lin. a. m.)*; naturali eius *add. NO*

<sup>435</sup> ad quam rediit amissa iustitia originali *add. M (in marg. a. m.) NQ*

<sup>436</sup> aut *IJLMNOQV*, et *P*

<sup>437</sup> illo *IJLMNOQV*, ideo *P*

<sup>438</sup> perciperes *IJLMNV*, perceperis *H*, percipis *O*, percipies *P*, percipias *Q*

<sup>439</sup> accusandum *IJLMNOPV*, excusandum *Q*

<sup>440</sup> extitisset *IJLMNPQV*, fuisset *O*

<sup>441</sup> plus *JMNPV*, prius *IL*, prius plus *Q*

<sup>442</sup> esse similis *IJLMNOPV*, seipsam fieri similiem *Q*

<sup>443</sup> in sciendo *IJLMNOPV*, in scientia *Q*

<sup>444</sup> dicente *JMPV*, dicentis *H*, dicenti *ILO*, dicenti diabolo *N*, dicenti Lucifero *Q*,

<sup>445</sup> dubitauit *IJLMOPQV*, dubitabant *N*

<sup>446</sup> posteriori *HJLMNOP*, posterior *QV*

<sup>447</sup> per *HJLMOV*, propter *NPQ*

<sup>448</sup> sequelam *IJLMNOPQ*, loquelam *V*

<sup>449</sup> secuta *IJLNOQV*, secute *M*

omnis creature offensio. Vocatur autem peccatum illud causa horum<sup>450</sup> malorum, quia iustitia<sup>451</sup> Dei propter illud inflixit<sup>452</sup> illa<sup>453</sup> mala.

Si primus homo non peccasset, interrogavi utrum<sup>454</sup> alii peccare potuissent.

Respondit angelus: Quemlibet oportebat probari et temptari et uicta temptatione in gratia confirmari. Ex quo patet<sup>455</sup> quod, et si primus homo non peccasset, filius eius peccare potuisset et filius<sup>456</sup> filii. Quilibet enim uiator fuisset<sup>457</sup>. Et sequitur quod non. Ideo filius potest peccare uel peccat quia primus pater<sup>458</sup> peccauit. Sed bene ideo non subito uicta<sup>459</sup> temptatione confirmatur<sup>460</sup> in gratia et pronior atque cliuior<sup>461</sup> factus est ad peccandum<sup>462</sup>, immo<sup>463</sup> in peccato nascitur et in iniquitatibus concipitur<sup>464</sup>, ut ille rex propheta dicebat gemens<sup>465</sup> qui pater Dei uocari<sup>466</sup> singulari priuilegio meruit.

Et ostendebat Dauid iuxta Abraham et Moysen sedentem.

Tunc ego: Quomodo iustum est ut filiorum dentes obstupescant eo quod pater comedit<sup>467</sup> uuam acerbam? Quomodo<sup>468</sup> equum est ut filius qui suum patrem numquam uidit portet iniquitatem patris sui?<sup>469</sup>

Libenter respondit ad istud: Respondebo quia ualde<sup>470</sup> utile est uobis hanc ueritatem agnoscere. Scito et animaduerte hominem ex sui<sup>471</sup> natura nec immortalem nec impeccabilem neque amicum Dei esse aut ordinatum ad felicitatem illam<sup>472</sup> aut aliorum animalium pacificum dominium<sup>473</sup> ita ut<sup>474</sup> animalia immitia<sup>475</sup> ei<sup>476</sup> subdita quasi sponte fuissent aut elementa ei<sup>477</sup> nocere non possent. Sed omnia ista a Deo pro se et tota posteritate<sup>478</sup> acceperat dono<sup>479</sup> singulari cum conditione<sup>480</sup>, si mandatum paruulum seruasset<sup>481</sup>. Vnde, creata Eua, coram nobis angelis Deus dixit ad ipsos:

---

<sup>450</sup> horum *HIJL(M sub rsa.)NV*, omnium *M (sup.ras.) OPQ*

<sup>451</sup> iustitia *IJLMNOQV*, iustitiam *P*

<sup>452</sup> inflixit *IJLMNOPQ*, infelix *V*

<sup>453</sup> illa *HIJLMNPV*, omnia illa *O*, omnia *Q*

<sup>454</sup> utrum *IJMNOQV*, an *L*

<sup>455</sup> prout et uestri dicunt *add. P*

<sup>456</sup> filius *om. N*

<sup>457</sup> Quilibet enim uiator fuisset *IJLMNOPV*, Quilibet etiam peccare potuisset quia erat uiator *Q*

<sup>458</sup> pater *IJLMNOPV*, homo *Q*

<sup>459</sup> prima *add. Q*

<sup>460</sup> confirmatur *IJLMNOQV*, confirmauit *P*

<sup>461</sup> cliuior *IJMNPQV*, procliuior *LO*

<sup>462</sup> peccandum *IJLMOPQV*, peccatum *N*

<sup>463</sup> immo *IJLMNOPV*, ideo *Q*

<sup>464</sup> in iniquitatibus concipitur *IJLMNOPV*, in peccatis conceptus est *Q*

<sup>465</sup> gemens *om. Q*

<sup>466</sup> uocari *om. Q*

<sup>467</sup> comedit *IJMNOQV*, comederit *L*

<sup>468</sup> rectum et *add. Q*

<sup>469</sup> Quomodo contradicitur per prophetam quod filius non portabit iniquitatem patris sui? *add. Q*

Et quomodo contradicitur per prophetam: "filius non portabit iniquitatem patris sui". *add. M (in marg.a.m.)NO*

<sup>470</sup> Libenter respondit ad istud: "Respondebo quia ualde *JLMV*, Libenter ad istud dixit: respondeo quia *H*, Libenter respondit. Ad istud respondeo quia *I*, Libenter respondit angelus ad istud: "Respondeo quia ualde *N*, Libenter respondit angelus. Valde *P*, Libenter audirem? Ait ad istud: respondebo quia ualde *Q*

<sup>471</sup> sui *IJLMNOPQ*, sua *V*

<sup>472</sup> aut suorum sensuum *add.M (in marg. a.m.) NOQ*

<sup>473</sup> habere *add. OQ*, omnium *add. I*

<sup>474</sup> ut *IJLMNOPV*, quod *Q*

<sup>475</sup> immitia *IJLMNOPV*, inimica *Q*

<sup>476</sup> ei *IJLMNOPQ*, et *V*

<sup>477</sup> ex sui natura *add.O*

<sup>478</sup> sua *add. Q*

Vos cognoscitis<sup>482</sup> conditionem uestram. Estis enim subiecti uariis morbis<sup>483</sup>, doloribus, anxietatibus et morti corporali. Omnia corporalia possunt uobis obesse et aliquo modo<sup>484</sup> prodesse. Vrsi, leones, crocodilli<sup>485</sup> et dracones non subicientur<sup>486</sup> uobis nisi coacti. Nulla obligatio est mihi<sup>487</sup> de paradiso isto ad locum<sup>488</sup> celestem sanos uos<sup>489</sup> et incolumes in natura<sup>490</sup> integra transferre, immo illud potius conditioni nature uestre<sup>491</sup> contrariari uidetur. Nulla enim ratio est ut in hoc<sup>492</sup> [30] amenissimo loco assidue tot fructuum admirandorum generibus referto<sup>493</sup> uos detineam, cibum tam salubrem subministrem, tantam cognitionem rerum concedam et ab omni labore et sudore preseruem et a cunctis nociuis et ipse et hii angeli filii mei uos custodiamus. Omnia hec mei<sup>494</sup> gratia et singulari beniuolentia concedo uobis, quorum nullum ex naturali conditione haberetis. Volo tamen aliquo mandato uos probare sicut et hos<sup>495</sup> angelos meos probaui. Ecce enim ante uos uidistis multa genera arborum quorum fructus sunt continui et numquam marcescunt. Vescimini de cunctis aliis. Illam arborem ne tetigeritis<sup>496</sup>, de fructu<sup>497</sup> eius non gustabitis. Quacumque hora gustaueritis<sup>498</sup>, hec omnia priuilegia et dona auferam a uobis et a posteris uestris et restituam uos conditioni nature uestre et morte moriemini et ante illam multa mala<sup>499</sup> patiemini.

Vide ergo quod propter peccatum illud filiis<sup>500</sup> Ade nullum malum infertur, sed solum donis conditionem nature ipsorum excedentibus priuantur et reponuntur in naturalibus terminis et in statu proprie nature sue. Recte itaque quidam ex uestris dixerunt hominem<sup>501</sup> supplicio sensibili in inferno a Deo numquam puniri propter solum peccatum patris sui. Non enim portabit filius iniquitatem patris sui<sup>502</sup> hoc<sup>503</sup> modo. Nulla ergo iniquitas est si aliquid detur patri et filiis<sup>504</sup> cum conditione et ex gratia donantis tantum, conditione a patre cui pro omnibus datur<sup>505</sup> non seruata, si omnibus

---

<sup>479</sup> et priuilegio *add. O*

<sup>480</sup> quod *add. P*

<sup>481</sup> seruasset *JMPV*, observasset *HILNOQ*

<sup>482</sup> cognoscitis *IJLMNOPQ*, agnoscitis *V*

<sup>483</sup> morbis *IJLMNOPQ*, moribus *V*

<sup>484</sup> aliquo modo *IJLMNOPV*, aliquando *Q*

<sup>485</sup> crocodilli *BN*, cocodrilli *HIJLMPQRV*, corcodilli *O*

<sup>486</sup> subicientur *IJLNOVP*, subiciuntur *MQ*

<sup>487</sup> uos *add. O*

<sup>488</sup> locum *HMPV*, illum *IJLNOQ*

<sup>489</sup> uos *om. ILO*

<sup>490</sup> uestra *add. M (sup. lin.a.m.) NQ*

alias integra *add. O (in marg. a.m., er. alias uestra)*

<sup>491</sup> uel ex parte *add. M (in marg. a.m.) OQ*

<sup>492</sup> hoc *ILMNOPV*, isto *Q*

<sup>493</sup> referto *IMNO*, refecto *H*, reperto *LQ*, inserto *P*, reseruato *V*

<sup>494</sup> mei *IJLMNOPV*, mera *Q*

<sup>495</sup> hos *HIJLN (O add. sup. lin. a.m., er. alios) PV*, alios *M (sup. ras.)*, hos *om. Q*

<sup>496</sup> tetigeritis *IJLMNOPV*, attige

ritis *Q*

<sup>497</sup> de fructu *HIJLMNPV*, et fructum *OQ*

<sup>498</sup> Quacumque hora gustaueritis *om. Q*

<sup>499</sup> mala *om. Q*

<sup>500</sup> filiis *om. N*

<sup>501</sup> in alia uita *add. P*

<sup>502</sup> Non enim portabit filius iniquitatem patris sui *om. L*

<sup>503</sup> hoc *JLMPV*, eo *INOQ*

<sup>504</sup> si aliquid detur patri et filiis *HIJLMV*, si aliquod detur donum concessum patri et filiis *N*, si aliquod donum concessum patri et filiis *OPQ*

<sup>505</sup> datur *JMPV*, dabatur *ILNOQ*

auferatur, nil<sup>506</sup> certe iniquitatis poterit ex<sup>507</sup> hoc inferri in auferente<sup>508</sup> sicut neque debiti<sup>509</sup> in donante<sup>510</sup>.

Deus igitur filios Ade sibi et<sup>511</sup> nature proprie<sup>512</sup> reliquit<sup>513</sup>, nolens ullo pacto eos<sup>514</sup> punire ullo<sup>515</sup> supplicio pro illo<sup>516</sup> peccato. Sed<sup>517</sup> etiam noluit<sup>518</sup> ut priuilegiis gauderent cum<sup>519</sup> conditione promissis<sup>520</sup> ex quo illa<sup>521</sup> conditio non fuit seruata. Et ut melius intelligas, pone quod Deus creauerit<sup>522</sup> hominem talem qualem<sup>523</sup> nunc nascitur, educatur et nutritur, sensu et intellectu paulatim imbuitur<sup>524</sup> et tandem accipiat mandata et legem<sup>525</sup>, nullum donum supernaturale<sup>526</sup> sibi promittatur<sup>527</sup> in hac uita<sup>528</sup>. Si talis homo langueret, si egenus<sup>529</sup> et miser esset, si moreretur,<sup>530</sup> que iniustitia est<sup>531</sup>? Nulla certe. Creauit eum Deus<sup>532</sup> talem qualis est ex sui<sup>533</sup> natura. Ea tamen que uos<sup>534</sup> nunc<sup>535</sup> patimini uocantur pene peccati, quia ex pacto illo Dei, si homo non peccasset, non incurrissetis<sup>536</sup> eas neque fuissetis<sup>537</sup> relictis<sup>538</sup> in conditionibus naturalibus.

Tunc ego: Valde placet<sup>539</sup> ista miranda audire. Conscribam<sup>540</sup> ea ut potero. Sed, mi domine, hoc nunc uersatur in corde meo quod explanare ignoro tam [31] quam simplex<sup>541</sup> et idiota. Si Eua sola peccasset, dictum est filios ex ea procreatos non fuisse his donis spoliatos. Quero utrum<sup>542</sup> ipsa<sup>543</sup> sola spoliata fuisset. Similiter si unus

---

<sup>506</sup> non seruata. Si omnibus auferatur nil *HIJLMNV*, non seruata si (si *om.* *O*) omnibus auferatur. Nil *OPQ*

<sup>507</sup> ex *om.* *V*

<sup>508</sup> auferente *IJLMNOPV*, auferentem *Q*

<sup>509</sup> debiti *HIJMNOP*, debitor *I*, debitum *LV*, in debitum *Q*

<sup>510</sup> donante *IJLMNOPV*, donantem *Q*

<sup>511</sup> et *om.* *V*

<sup>512</sup> proprie *om.* *N*

<sup>513</sup> reliquit *IJLMNOPV*, dereliquit *Q*

<sup>514</sup> eos *IJLMNOPV*, illos *Q*

<sup>515</sup> ullo *IJLMNOPV*, aliquo *Q*

<sup>516</sup> illo *IJLMOQV*, eo *N*, primo *P*

<sup>517</sup> solum *add.* *P*

<sup>518</sup> Sed etiam noluit *IJLMNOPV*, Sed uoluit *Q*

<sup>519</sup> cum *IJLMNPQV*, sub *O*

<sup>520</sup> promissis *IJLMNOPV*, promissa *Q*

<sup>521</sup> illa *IJLMNOPQ*, nulla *V*

<sup>522</sup> creauerit *IJLMNPQV*, creauit *O*

<sup>523</sup> qualem *MQ*, qualis *IJLNOPV*

<sup>524</sup> imbuitur *IJLMNPQV*, nutrireteretur (*add. sup.lin.a.m.imbuitur*) *O*

<sup>525</sup> et legem *IJLMNOPQ*, a lege *V*

<sup>526</sup> supernaturale *HIJLMNOQV*, spirituale *P*

<sup>527</sup> sibi promittatur *om.* *Q*

<sup>528</sup> aut in alia *add. M (sup. lin.a.m.) NOQ*, uel alia *add. P*

<sup>529</sup> egenus *IJLMNOPV*, egeneret *Q*

<sup>530</sup> si numquam Deum uideret *add. Q*,

si denique numquam Deum uideret *add. M(in marg.a.m.)NO*

<sup>531</sup> ei nulla conferre *add. L*

<sup>532</sup> Creauit eum Deus *IJLMOPQV*, Creauit enim Deus illum *N*

<sup>533</sup> sui *IJLMNOPQ*, sua *V*

<sup>534</sup> uos *om.* *Q*

<sup>535</sup> Ea tamen que uos nunc *HIJLMPQV*, Et tamen quam uos tunc *N*, Et (*add. sup.lin.a.m.Ea*) tamen que uos nunc *O*

<sup>536</sup> incurrissetis *IJLMNOPQ*, incurrisset *V*

<sup>537</sup> fuissetis *IJLMNOPQ*, fuisset *V*

<sup>538</sup> relictis *HIJLMNOP*, derelictis *Q*, relictus *V*

<sup>539</sup> placet *HIJLMNPV*, placent *O*, placuit *Q*

<sup>540</sup> conscribam *IJLMNOPQ*, conseruabo *V*

<sup>541</sup> simplex *IJLMNOPQ*, infelix *V*

<sup>542</sup> Quero utrum *HIJMNOPV*, Quero an *L*, Quero iterum si *Q*

filiorum peccasset<sup>544</sup>, utrum alios<sup>545</sup> uel saltem<sup>546</sup> se illis donis spoliasset<sup>547</sup>, quia tunc aliqui fuissent mortui et aliqui non, et genus humanum fuisset diuisum per mortale et immortale<sup>548</sup>.

Respondit angelus: Si Eua sola peccasset<sup>549</sup>, ab ea descendentes mortales hoc<sup>550</sup> modo quo nunc estis<sup>551</sup> non fuissent. Sed nec ipsa. (Adam enim talem immortalitatem pro<sup>552</sup> se et pro omnibus ab eo descendentibus acceperat, hoc est, tam pro Eua quam pro uniuersis liberis, quia<sup>553</sup> ipsius Ade iustitia omnibus ratio talia dona conseruandi fuisset. Sicut nunc est causa uel occasio talium bonorum<sup>554</sup> priuationis<sup>555</sup> omnibus, ipso stante omnes stetisset sicut ipso ruente omnes ruitis<sup>556</sup>.) Simili modo<sup>557</sup> si filius aliquis peccasset, alii propter peccatum illius non corruissent<sup>558</sup>.

Tunc ego: Domine mi, uidetur quod quilibet<sup>559</sup> filiorum, immo et Eua, peccando amisisset<sup>560</sup> iustitiam originalem et, cum per illam immortales essent, ipsa<sup>561</sup> amissa<sup>562</sup>, morti obnoxii fuissent.

Respondit: Deus inspirauit<sup>563</sup> ut sic<sup>564</sup> dubitares. Magnus enim est nodus iste apud uos<sup>565</sup>. Sed cito scribe et diligenter pastori uenturo tradendum conserua, qui hec omnia ingenio acuto<sup>566</sup> penetrabit acute et docebit omnes. Iustitia originalis erat qualitas quedam qua homines grati fuissent Deo. Et hec, in solo Adam amissa, erat causa ut omnes eam amitterent, presertim in quantum ipsa erat<sup>567</sup> signum illius antique immortalitatis, sicut et in ipso manens, quamuis in aliis desineret<sup>568</sup>, nullo tamen modo morti obnoxium hominem fecisset. Immo mirabiliora tibi dicam, si Adam alio peccato quam esu illius ligni peccasset<sup>569</sup>, propter id<sup>570</sup> neque ipse neque posteritas mortem incurrisset, quod et ita<sup>571</sup> re ipsa fuit. Nam Eua multis modis iam<sup>572</sup> peccauerat et ita

---

<sup>543</sup> ipsa *IJLMNOPQ*, illa *V*

<sup>544</sup> peccauisset *ILMP*, peccasset *JNOQV*

<sup>545</sup> alios *IJLMNOPV*, alium *Q*

<sup>546</sup> saltem *IJLMOPQV*, solum *N*

<sup>547</sup> spoliasset *JMNOPQV*, spoliauisset *IL*

<sup>548</sup> mortale et immortale *IJLMNOPQ*, mortalem et immortalem *V*

<sup>549</sup> peccasset *JLNQV*, peccauisset *IMOP*

<sup>550</sup> hoc modo *IJLMNOPV*, eo modo *Q*

<sup>551</sup> estis *IJLMNOPV*, sunt *Q*

<sup>552</sup> pro *JLMNOPQV*, per *I*

<sup>553</sup> quia *MNOQ*, *om. IL*, quod *JPV*

<sup>554</sup> bonorum *IJLMNOPV*, donorum *Q*

<sup>555</sup> priuationis *IJMNOPQV*, priuationibus *L*

<sup>556</sup> ruitis *IJLMOPQV*, resistis *N*

<sup>557</sup> Simili modo *JMV*, Similiter *HILNOPQ*

<sup>558</sup> corruissent *HIJMNOQV*, caruissent *LP*

<sup>559</sup> quilibet *IJLMNOPQ*, aliquibus *V*

<sup>560</sup> amisisset *IJLMOPV*, amisissent *NQ*

<sup>561</sup> ipsa *IJLMOPQV*, illa *N*

<sup>562</sup> amissa *IJLMNOPV*, ablata *Q*

<sup>563</sup> inspirauit *IJLMNPQV*, spirauit *O*

<sup>564</sup> sic *IJMNOPQV*, ita *L*

<sup>565</sup> et uix solubilis *add. P*

<sup>566</sup> acuto *om. V*

<sup>567</sup> causa et *add. L*

<sup>568</sup> desineret *IJLMNOPV*, desinerent *Q*

<sup>569</sup> peccasset *JMOPV*, peccauisset *ILNQ*

<sup>570</sup> id *IJLMNPQV*, illud *O*

<sup>571</sup> ita *om. LV*

<sup>572</sup> iam *om. V*

iustitiam amiserat. Et Adam, antequam comedisset, iam peccauerat et<sup>573</sup> sic<sup>574</sup> ipse<sup>575</sup> quoque iustitiam amiserat ante illum esum. Nec tamen adhuc erant aperti oculi eorum neque a facie Domini<sup>576</sup> se<sup>577</sup> absconderant<sup>578</sup> nec nudos se agnoscebant. Quamobrem, si non comedissent, de peccato illo dolere potuissent uel amore intensiori Deum prosequi et iustitiam uel<sup>579</sup> gratiam rehausissent et in ea<sup>580</sup> confirmati fuissent ita ut, ea rehabita, mox fuissent in ea confirmati. Et eo modo nullus damnatus fuisset quia, si peccasset, peccatum tamen illud in ipso peccante non durasset et post primam conuersionem amplius peccare ipsum<sup>581</sup> Deus non permisisset. Scito ergo et animaduerte, idiota Dei, et conscribe, (et hec dicens, traxit auriculam meam ut faciunt magistri discipulis quos docent<sup>582</sup>), quoniam Deus, [32] Adam non peccante, dimisisset genus humanum immortale totum. Et, si alii peccassent<sup>583</sup>, resurrexissent et nullus damnatus aut morti obnoxius fuisset.

Tunc ego:<sup>584</sup> Idiota sum, Domine mi, et numquam scientiam aliquam<sup>585</sup> didici. Tamen, te et primum Deo nostro<sup>586</sup> auxiliante, adhuc circa nunc dicta dubito. Nam si illi peccabant<sup>587</sup>, illud peccatum fuisset transgressio legis diuine et ita fuisset peccatum mortale et ita dignum morte uel temporali uel eterna uel utraque nescio<sup>588</sup>, uel<sup>589</sup> propter illud non incurrebant damnationem eternam. Quomodo poterant<sup>590</sup> peccare mortaliter quia peccare mortaliter est incurrere damnum<sup>591</sup> eterne mortis?

Respondit Angelus: "Sicut nunc multi ellecti a Deo peccant mortaliter nec tamen damnantur, quamuis illam penam incurrant quantum<sup>592</sup> ex ipsis<sup>593</sup> est, Deus tamen preparauit remedia<sup>594</sup> quibus releuentur ita quod omnia eis cooperantur in bonum<sup>595</sup>, sic<sup>596</sup> fuisset illis. Sed nunc diligenter considera quod, quamuis multi ex uestris putent<sup>597</sup> Adam non peccante nec alios peccaturos fuisse unquam, illud tamen confutari a uobis ipsis potest quia, antequam Adam peccasset, Eua peccauit<sup>598</sup>. Si ergo Adam non

<sup>573</sup> ita iustitiam amiserat. Et Adam antequam comedisset iam peccauerat et *om. I*

<sup>574</sup> et sic *IJLMNOQV*, sicut *H*, nec *P*

<sup>575</sup> ipse *JLNMOPQV*, ipsa *I*

<sup>576</sup> Domini *IJLMNOPV*, eorum *Q*

<sup>577</sup> se *om. V*

<sup>578</sup> absconderant *IJLMNOPV*, abscondebant *Q*

<sup>579</sup> uel *IJLNOPO*, et *MV*

<sup>580</sup> ea *IJLMOPQV*, illa *N*

<sup>581</sup> ipsum *IJLMNOPV*, ipsos *Q*

<sup>582</sup> ut faciunt magistri discipulis quos docent. *HJLMNOPV*, ut facit magister discipulis quos docet. *Q*

<sup>583</sup> peccassent *HJMNOPV*, peccaussent *IL*, peccarent *Q*

<sup>584</sup> Dico quod *add. Q*

<sup>585</sup> aliquam *HILMNOQ*, autenticam *P*, *om. JV*

<sup>586</sup> nostro *IJLMOQV*, *om. N*, meo *P*

<sup>587</sup> peccabant *IJLMNOPV*, peccarent *Q*

<sup>588</sup> si *add. H*

<sup>589</sup> si *add. N*

<sup>590</sup> nescio, uel propter illud non incurrebant damnationem eternam. Quomodo poterant *IJLMNOPV*, nescio si uel propter illud non incurrebant damnationem et tunc quomodo poterant *H*, nescio. Si ergo propter peccatum illud non incurrebant damnationem eternam ergo poterant *Q*

<sup>591</sup> damnum *IJLMNOPV*, damnationem *Q*

<sup>592</sup> quantum *IJLMNOPQ*, quoduis *V*

<sup>593</sup> ex ipsis *IJLMNOPV*, in se *Q*

<sup>594</sup> remedia *JMV*, media *HILNOPQ*

<sup>595</sup> quia et ipsi sunt proni *add. P*

<sup>596</sup> sic *MOPQV*, ita *ILN*

<sup>597</sup> putent *JLMNOPQV*, putant *I*

<sup>598</sup> ante uirum suum et uir poterat non peccare postquam ipsa peccauerat *add. V*

peccasset, Eua peccante, quid<sup>599</sup> fuisset de Eua illud idem fuisset de filiis Ade et Eue. Ipsa pro certo<sup>600</sup> peccauit ante uirum suum et uir poterat non<sup>601</sup> peccare<sup>602</sup> postquam ipsa peccauerat. Et uiro non peccante, mors non introisset<sup>603</sup> in orbem terrarum. Quid ergo fuisset de Eua? Vapulasset plagis nonnullis, damnata tandem aut mortua non fuisset. Quomodo autem uapulasset et conuersa fuisset dicemus. Hoc idem dicendum est de quolibet filiorum. Mors et uita uestra<sup>604</sup> in manibus solius Ade stabat, ex illo pendebat et bonum et malum uestrum. Et quamuis Deus, si neuter parentum preuaricabatur<sup>605</sup> mandatum, etiam posteros ne<sup>606</sup> peccarent iuisset multo magis quam nunc, ita quod potius nullus peccasset quam<sup>607</sup> peccato se subiecisset, peccare tamen quilibet in tali etate<sup>608</sup> potuisset, quamuis forsitan<sup>609</sup> Deus non permisisset si neuter parentum peccasset<sup>610</sup>. Permisso tamen peccato Eue ante peccatum Ade, permissum fuisset alicuius<sup>611</sup> filiorum peccatum<sup>612</sup> eadem ratione uel saltem ut permissum esset<sup>613</sup>, non est inconueniens<sup>614</sup>, et punitum eo modo quo peccatum Eue punitum fuisset si sola absque uiro peccasset.

Tunc ego: Credo quod tua, Dei Angele, sapientia omnia neccessaria in negotio<sup>615</sup> peccati dixerit et declarauerit que mihi et forsitan omnibus mei<sup>616</sup> generis fuerunt incognita. Sed quia ex nostris quidam dicunt peccatum originale esse priuationem iustitie originalis cum debito habendi eam, quomodo fuissent illi priuati iustitia et tamen non<sup>617</sup> habuissent<sup>618</sup> aliquod damnum?

Angelus subrisit<sup>619</sup> dicens<sup>620</sup>: O pauper homuntio<sup>621</sup>, intelligisne<sup>622</sup> que dicis? Videris mihi asina Balaam.

Dixi<sup>623</sup>: Loquor ut<sup>624</sup> pica quedam et certe non [33] percipio.

Et ille: Sic ordinatum est ut per simplicissimum<sup>625</sup> hominem hec dirigantur illi cui Deus aperiet sensum et intellectum, qui<sup>626</sup> ea subito intelliget et transcribet et tempore

<sup>599</sup> ergo *add. ILV*

<sup>600</sup> pro certo *JMNPV*, certe *HILQ*, certo *O*

<sup>601</sup> non *om. Q*

<sup>602</sup> poterat non peccare *JLMNOPQV*, non poterat peccare *I*

<sup>603</sup> introisset *IJLMNQV*, introibat *HO*, intrasset *P*

<sup>604</sup> et uita *add. JV*

<sup>605</sup> preuaricabatur *HIJMNOV*, preuaricasset *L*, preuaricatus fuisset *P*, preuaricaret *Q*

<sup>606</sup> ne *IJLMNOPV*, ut non *Q*

<sup>607</sup> quam *IJMNOPQV*, quis *L*

<sup>608</sup> in tali etate *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>609</sup> forsitan *IJLMOPQV*, tamen *N*

<sup>610</sup> peccasste *IJMPQV*, peccauisset *LNO*

<sup>611</sup> alicuius *IJLMNOQV*, alicui *P*

<sup>612</sup> peccatum *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>613</sup> filiorum peccatum eadem ratione uel saltem ut permissum esset *HIJLMNOPV*, filiorum peccatum uel saltem permitti posse uel permissum esset *Q*

<sup>614</sup> credere uel tenere *add. Q*

<sup>615</sup> in negotio *om. N*

<sup>616</sup> mei *IJLMNOPV*, nostri *Q*

<sup>617</sup> non *om. JV*

<sup>618</sup> filiis *add. Q*

<sup>619</sup> subrisit *IJLMNOV*, subrixit *PQ*

<sup>620</sup> dicens *om. O*

<sup>621</sup> homuntio *IJLMNPQV*, homuntie *O*

<sup>622</sup> ea *add. IL*

<sup>623</sup> Dixi *om. Q*

<sup>624</sup> ut *JMPV*, sicut *HILNQO*

<sup>625</sup> simplicissimum *IJLMNOQV*, simplicem *P*

<sup>626</sup> qui *IJLMNPQV*, quia *O*

suo<sup>627</sup> promulgabit ne fideles in tot<sup>628</sup> opinionibus uersentur<sup>629</sup>, sed agnoscant quid in rebus fidei tenendum sit. Tu ergo dicere uelles quod, ex quo<sup>630</sup> peccatum originale est priuatio<sup>631</sup> iustitiae originalis, et Eua illa iustitia priuata fuerat, immo et Adam antequam<sup>632</sup> essetis<sup>633</sup> omnes in ipso spoliiati donis gratuitis<sup>634</sup> uidelicet impassibilitate aliquomodo et immortalitate et perpetua incolumitate et sospitate et alterius uite adeptione. Vis ergo dicere et nescis, ego dicam pro te quod<sup>635</sup>, ex quo<sup>636</sup> post priuationem<sup>637</sup> iustitiae originalis nil mali filiis accidebat, sed solum per esum illum ante quem iam iustitia desiderat esse in illis,<sup>638</sup> quod peccatum originale non est priuatio<sup>639</sup> iustitiae originalis, sed potius damnum quod accidit gratia esus illius prohibiti pomi<sup>640</sup>, uel, peccatum originale est amissio multorum donorum supranaturalium<sup>641</sup> gratia transgressionis mandati Dei quam fecit primus parens hominum<sup>642</sup>. Hoc<sup>643</sup> tu dicere uolebas. Dico ergo<sup>644</sup> tibi quod erat concreata, quia in creatione infusa fuit duplex qualitas in anima Ade et uxoris eius. Vna uniebantur<sup>645</sup> Deo et ei grati reddebantur<sup>646</sup>. Et hec subito fuit exclusa<sup>647</sup> per<sup>648</sup> peccatum mortale quodcumque. Altera uero remanebat et per nullum peccatum aliud expelli poterat nisi per esum ligni uetiti. Per esum, dico, solius Ade. Huius autem qualitatis officium<sup>649</sup> erat significare assistentiam Dei que illos protegeret a nociuis omnibus et<sup>650</sup> incolumes conseruaret<sup>651</sup> ac etiam post amissionem illius prioris qualitatis hec ad bonum propelleret, incitaret<sup>652</sup>, prouocaret et Deo esse reconciliandum quasi moneret<sup>653</sup> et alliceret. Eua ergo, postquam elata fuit, amisit illam priorem qualitatem. Similiter<sup>654</sup> si<sup>655</sup> filii peccassent, Adam non peccante, illam eandem<sup>656</sup> amisissent. Alteram uero<sup>657</sup> et Eua habuit quousque Adam non comedit. Et

<sup>627</sup> tempore suo *HILMNOPQ*, ipse *JV*

<sup>628</sup> tot *JLMPV*, tantis *HINQO*

<sup>629</sup> in tot opinionibus uersentur *JMNOPQV*, in tantis opinionibus uersentur *H*, in tantis opinionibus uerentur *I*, tantum uerentur *L*

<sup>630</sup> quod ex quo *IJLMNOPV*, quando *Q*

<sup>631</sup> priuatio *IJLMNOPV*, preuaricatio *Q*

<sup>632</sup> comederet, ergo sine illo esu *add.M* (*in marg. a. m.*) *NO*, comederent, ergo sine ullo esu *add. Q*

<sup>633</sup> essetis *HIMNOPQ*, essent *JLV*

<sup>634</sup> gratuitis *IJLMNOQV*, gratuitatis *P*

<sup>635</sup> quod *IJLMNOPV*, quia *Q*

<sup>636</sup> ex quo *IJLMNOPQ*, quomodo *V*

<sup>637</sup> priuationem *IJLMNOQV*, preuaricationem *P*

<sup>638</sup> uidetur *add.Q*

<sup>639</sup> priuatio *IJLMNOV*, preuaricatio *P*(*add. sup. lin. a.m.* priuatio)

<sup>640</sup> pena *add. Q*

<sup>641</sup> supranaturalium *LMNOPQ*, supernaturalium *HIJ*, spiritualium *V*

<sup>642</sup> parens hominum *IJLMOPQV*, homo *N*

<sup>643</sup> Hoc *IJLMNOPQ*, Hec *V*

<sup>644</sup> ergo *MQ*, ego *HJN* (*O add. sup.lin*) *PV*, *om. IL*

<sup>645</sup> uniebantur *IJLMNOPQ*, uniebatur *V*

<sup>646</sup> reddebantur *IJLMNOPQ*, reddebatur *V*

<sup>647</sup> exclusa *IJLMNOPQ*, expulsa *V*

<sup>648</sup> per *JLMNOPQV*, propter *I*

<sup>649</sup> officium *HMNOQ*, effectum *I*, effectus *JLP*, affectum *V*

<sup>650</sup> illos *add. N*

<sup>651</sup> conseruaret *IJMNOPQV*, obseruaret *L*

<sup>652</sup> incitaret *HILMNOPQ*, pacificaret *JV*

<sup>653</sup> moneret *HILMNV*, maneret *J*, admoneret *P*, moueret *OQ*

<sup>654</sup> et Adam subito ut uxori complacere proposuit. *add. P*

<sup>655</sup> Similiter si *HIJMNOPQV*, et si *L*, Simili modo *P*

<sup>656</sup> eandem *ILMNOPQ*, talem *JV*

<sup>657</sup> Adam *add. Q*

fili peccantes, si Adam non comedisset<sup>658</sup> cibum<sup>659</sup> illum,<sup>660</sup> habituri erant et illius incitatione in Deum reuersuri et redituri erant et in gratia Dei post conuersionem perpetuo permansuri. Vtraque qualitas posset uocari iustitia originalis, quia utraque fuit in origine et principio et quasi stipite humani generis<sup>661</sup>. Sed priuatio illius prioris qualitatis non inferebat damnum aliis, quia unicuique pro seipso donabatur<sup>662</sup> et non<sup>663</sup> pro aliis, dummodo illa alia<sup>664</sup> remaneret<sup>665</sup>. Priuatio uero alterius<sup>666</sup> inducebat mortem in omnes<sup>667</sup> et rebelliones uirium<sup>668</sup> quia, cessante illo signo, Deus reliquisset uires inferiores et superiores<sup>669</sup> in suis conditionibus naturalibus.

Quando ergo Adam comedit cibum prohibitum<sup>670</sup> amisit illam qualitatem pro se et omnibus filiis suis, sicut et pro omnibus eam<sup>671</sup> acceperat cum pacto quod numquam hanc recuperare posset, sed bene priorem illam, et ipse pro se et quilibet filius pro seipso, [34] quam<sup>672</sup> uos<sup>673</sup> gratiam Dei hodie<sup>674</sup> et aliqui<sup>675</sup> uestrum<sup>676</sup> caritatem uocatis<sup>677</sup>. Et quia hec posterior qualitas apud uos iustitia originalis sepius uocatur, priuatio uero illius in filiis peccatum originale. Iccirco dicitis peccatum originale esse priuationem iustitie originalis, hoc est, que erat<sup>678</sup> in origine et in stipite, cum debito habendi eam. Non quod<sup>679</sup> filii Ade sint obligati eam habere, cum ad impossibile<sup>680</sup> nemo<sup>681</sup> teneatur, sed quia Adam se obligauerat Deo pro se et pro<sup>682</sup> filiis eam conseruare<sup>683</sup>, hoc est, non peccare ne causa illius peccati Deus eam sibi auferret. Ipse ergo<sup>684</sup> erat debitor pro

---

<sup>658</sup> Et filii peccantes si Adam non comedisset *om. V*

<sup>659</sup> comedisset cibum *IJMNOPOQ*, comediret et *L*

<sup>660</sup> illam *add. Q*

<sup>661</sup> humani generis *IJLMNOPV*, humane generationis *Q*

<sup>662</sup> donabatur *IJLMNOPV*, communicabatur *Q*

<sup>663</sup> non *om. V*

<sup>664</sup> alia *IJLMNOPV*, altera *Q*

<sup>665</sup> remaneret *IJMNPQV*, maneret *LO*

<sup>666</sup> qualitatis *add. Q*

<sup>667</sup> in omnes *HIJLMNPV*, in omnibus *OQ*

<sup>668</sup> rebelliones uirium *MV*, rebellionem uirium *IJLNOQ*, rebellionis uitium *P*

<sup>669</sup> et superiores *om. Q*

<sup>670</sup> prohibitum *HIJLMNOPV*, uetitum *Q*

<sup>671</sup> eam *IJLMNOV*, illam *HQ*

<sup>672</sup> quam *HILNOQ*, Quomodo *JMV*

<sup>673</sup> dicitis *add. L*

<sup>674</sup> hodie *om. IL*

<sup>675</sup> aliqui *HIJLMNO*, aliquid *V*

<sup>676</sup> aliqui uestrum *om. Q*

<sup>677</sup> Quando ergo Adam comedit cibum prohibitum amisit illam qualitatem pro se et omnibus filiis suis, sicut et pro omnibus eam acceperat cum pacto quod numquam hanc recuperare posset, sed bene priorem illam, et ipse pro se et quilibet filius pro seipso, quam uos gratiam Dei hodie et aliqui uestrum caritatem uocatis *HIJLMNOQV*,

Quando ergo Adam comedit cibum prohibitum amisit illam qualitatem pro se et omnibus filiis suis, sicut et pro omnibus eam acceperat. Tunc et Eua eam amisit simul cum Adam. Sic autem amissa est quod numquam recuperari posset sed bene priorem illam quam uos hodie gratiam Dei et aliqui uestrum caritatem uocant, quilibet recuperare potuisset cum pacto quod numquam hanc recuperare posset sed bene priorem illam. *P*

<sup>678</sup> erat *HIJLMNOPQV*, erant *L*

<sup>679</sup> quod *HIJLMNPQV*, quia *O*

<sup>680</sup> impossibile *HIJLMNPQV*, impossibilitatem *O*

<sup>681</sup> nemo *om. V*

<sup>682</sup> pro *om. HQV*

<sup>683</sup> conseruare *HIJLMNPQV*, obseruare *O*

<sup>684</sup> Ipse ergo *HILNOPOQ*, Ipse non *M*, Item ergo *JV*

omnibus filiis, non pro aliis, ut si<sup>685</sup> non forent geniti<sup>686</sup> ex propagatione filii et filie Ade, ut fuit Christus Dominus, et si quis alius non ex ea stirpe crearetur a Deo. Necesse est ergo omnes Ade natos perpetuo et inrecuperabiliter priuari illa qualitate. Ipse enim, si non comedisset, pro omnibus filiis suis eam conseruasset ita quod etiam peccantes filii eam numquam amplius amisissent, sed per eam ad Deum suum cito reuersuri erant nec in peccato obstinari poterant. Vnde peccatum eorum ac si non fuisset peccatum, quia subito illud agnouissent et in Deum toto corde rediissent et, ut diximus, raro uel potius numquam aliquis repertus<sup>687</sup> fuisset qui peccasset, sed quilibet uicisset temptationem primam. Solum dico quod possibile fuisset aliquem<sup>688</sup> ex ipsis<sup>689</sup> uinci<sup>690</sup> qui<sup>691</sup>, si uictus fuisset, eo modo in Deum rediisset. Non fuisset opus aliquo<sup>692</sup> sacramento aut alia penitentia, sed amore intensiori qualitatem illam, id est, gratiam amissam recuperasset<sup>693</sup>. Hic est modus quo<sup>694</sup> uapulasset<sup>695</sup>.

Dico tibi, animaduerte et scito, quod priuatio illius secunde qualitatis, quam uos a gratia<sup>696</sup> discernentes iustitiam originalem appellatis, potius est pena quam culpa. Quia tamen<sup>697</sup> per culpam eam incurristis, culpa et peccatum appellari potest. Dico secundo, semel id decretum est et pacto firmatum ut<sup>698</sup> amissam illam qualitatem numquam rehabilituri<sup>699</sup> essetis<sup>700</sup>, sicut si Adam non peccasset<sup>701</sup> illo peccato numquam amplius<sup>702</sup> amittere potuissetis. Dico tertio, nullum sacramentum fuisset<sup>703</sup> institutum pro recuperatione<sup>704</sup> illius qualitatis neque Christum pro ea recuperanda Redemptorem uenisse oportebat. Si enim<sup>705</sup> decretum est a Deo edicto publico ut numquam restituatur<sup>706</sup>, ad quid<sup>707</sup> oportet<sup>708</sup> litus arare et conari ad impossibilia<sup>709</sup>? Quid ergo? Ne genus humanum excluderetur a possessione celestis patrie, quod a paradiso terrestri exclusum est, et morbis, passionibus atque morti [35] subiectum ita est<sup>710</sup> ut de hoc<sup>711</sup> definitiua sententia lata sit, concessit Deus priuatis remedio illo facillimo, quod<sup>712</sup> erat

<sup>685</sup> si *JMV*, siqui *HILNOPQ*

<sup>686</sup> geniti *HIJLMNOPV*, nati *Q*

<sup>687</sup> repertus *HIJLMNOPQ*, raptus *V*

<sup>688</sup> aliquem *HIJLMNOPQ*, aliquam *V*

<sup>689</sup> ex ipsis *HIJLMOPQV*, eorum *N*

<sup>690</sup> uinci *HIJLMNOPQ*, uici *V*

<sup>691</sup> qui *HIJLMNOPV*, et *Q*

<sup>692</sup> aliquo *JLMNOPQV*, alio *HI*

<sup>693</sup> recuperasset *HILNO*, recuperassent *JMPQV*

<sup>694</sup> in statu illo peccatores *add. P*

<sup>695</sup> uapulasset *HIJMNOPQV*, uapulasset *L*

<sup>696</sup> a gratia *HJMNPQ*, gratiam *ILV*

<sup>697</sup> tamen *HIJLMNOPQ*, quando *V*

<sup>698</sup> ut *ILMNO*, quod *HJPQV*

<sup>699</sup> rehabilituri *HILMNOPQ*, habituri *JV*

<sup>700</sup> essetis *HIJLMNOQV*, estis *P*

<sup>701</sup> peccasset *HJLNMOPQV*, peccabat *I*

<sup>702</sup> eam *add. HI*

<sup>703</sup> fuisset *HJMNOPV*, fuisse *ILQ*

<sup>704</sup> recuperatione *HIJLMNOPQ*, reparatione *V*

<sup>705</sup> enim *om. V*

<sup>706</sup> restituatur *HIJLMNOQV*, institutatur *P*

<sup>707</sup> ad quid *ILNOPQV*, ad quod *H*, aliquid *JM*

<sup>708</sup> oportet *IJMNOQV*, oporteret *HL*, opus *P*

<sup>709</sup> impossibilia *HIJLMNOPV*, impossibile *Q*

<sup>710</sup> est *om. O*

<sup>711</sup> atque morti subiectum, ita est ut de hoc *HIJLMNOPV*, atque morti subiectum est, ita de hoc *Q*

<sup>712</sup> quod *JMNPQV*, quo *I*, quomodo ei *L*, que *O*

iustitie illius habitus et qualitas<sup>713</sup>, alia remedia que essent difficiliora et penalia, ut dolorem cordis, confessionem, baptismum, martirium<sup>714</sup> et talia<sup>715</sup>. Et hec remedia penalia uirtutem acceperunt<sup>716</sup> a pena et dolore Christi Redemptoris uestri et omnium creaturarum<sup>717</sup> intellectualium Principis et Regis, antea quidem preuisa<sup>718</sup>, postea uero, ut<sup>719</sup> etiam uos dicitis, exhibita. Quod autem dixi de uestris modernis sacramentis, hoc idem dico de illis Testamenti Veteris et legis nature.

Quid ergo intelligitis per peccatum originale? Si priuationem illius iustitie originalis quam secundam qualitatem esse diximus, tunc non est opus Deum temptare, quia sic ordinauit ut nulli amplius quantumcumque iusto restituatur<sup>720</sup>. Vnde nulli amplius<sup>721</sup> data fuit, neque filiis propagatis<sup>722</sup>, neque humanitati assumpte<sup>723</sup> que, etsi non habuerit<sup>724</sup> illam iustitiam, tamen propter id illa priuata non potest dici quia non acceperat eam Adam nisi pro filiis propagatione carnali productis. Et hoc modo intelligendo, necesse est<sup>725</sup> omnes filios Ade in peccato originali nasci, quia omnes fuerunt priuati illa iustitia et nullus postmodum habuit eam, quia nullus a morte fuit<sup>726</sup> preseruatus sicut non sit mortuus uel moriturus<sup>727</sup>. Sed istud<sup>728</sup> uos<sup>729</sup> non uocatis peccatum originale, sicut nec proprie est, sed est magis<sup>730</sup> pena primi peccati. Quid est ergo peccatum originale? Dico quod, in quantum peccatum<sup>731</sup> est, non est priuatio illorum donorum ad hominem pertinentium, neque est priuatio solum gratie qua homo uniebatur Deo, sed est priuatio utriusque. Et Redemptor uenit et sacramenta instituit, non pro recuperanda iustitia originali per quam censebamini<sup>732</sup> immortales et innocui et innocibiles<sup>733</sup> et per quam peccando facile<sup>734</sup> consurgere poteratis<sup>735</sup>, sed uenit pro recuperanda gratia ut per illam<sup>736</sup> Deo coniungi et heredes celestis regni effici possitis<sup>737</sup> medio contritionis et sacramentorum, ut dixi<sup>738</sup>, ita ut qui<sup>739</sup> gratiam

<sup>713</sup> qualitas *HJMNOPQV*, qualitatis *LQ*

<sup>714</sup> martirium *HIJLMNOPQ*, matrimonium *V*

<sup>715</sup> talia *IJLMNO*, alia *HPQV*

<sup>716</sup> acceperunt *HJMNOPQ*, acceperant *IL*, acciperent *V*

<sup>717</sup> creaturarum *HILMOPQV*, creaturalium *J*, naturarum *N*

<sup>718</sup> preuisa *HIJLMNOPV*, uisa *Q*

<sup>719</sup> ut *om. L*

<sup>720</sup> restituatur *JMNP*, illa detur *HILOV*, daretur *Q*

<sup>721</sup> amplius *om. V*

<sup>722</sup> propagatis *HIJLMNOQV*, propagationis *P*

<sup>723</sup> assumpte *HIJLMNOPQV*, assumpta *M*

<sup>724</sup> habuerit *HIJLMNOPV*, habuit *Q*

<sup>725</sup> est *om. MV*

<sup>726</sup> liberatus uel *add. Q*

<sup>727</sup> mortuus uel moriturus *HILMNOPQV*, moriturum uel moriturus *J*  
est *add. L*

<sup>728</sup> istud *HIJLMNOQV*, illud *P*

<sup>729</sup> uos *om. IL*

<sup>730</sup> magis *om. V*

<sup>731</sup> peccatum *add. O (sup.lin.)*

<sup>732</sup> censebamini *HIJLMNOP*, considerabimini *Q*, consequabimini *V*

<sup>733</sup> et innocui et innocibiles *om. P*  
innocui *om. Q*

<sup>734</sup> peccando facile *HIJLMNOPV*, peccantes facillime *Q*

<sup>735</sup> poteratis *HILMNOQV*, potueratis *J*, poteritis *P*

<sup>736</sup> ut per illam *HIJLMOPQV*, per quam *N*

<sup>737</sup> possitis *HIJLMNOPV*, possitis *Q*

<sup>738</sup> dixi *JMNOV*, diximus *HILOQ*

<sup>739</sup> qui *om. JV*

habeant<sup>740</sup> Dei hoc alio modo uideatur debitum patris sui<sup>741</sup> soluisse nec amplius patrem obligari<sup>742</sup> pro eo, sed obligatio facta deleta esse intelligatur<sup>743</sup>. Prior<sup>744</sup> igitur qualitas recuperatur<sup>745</sup>, posterior non in se nec totaliter<sup>746</sup>. Recuperatur tamen non in se, sed in alio<sup>747</sup>. In quantum enim illa erat medium<sup>748</sup> redeundi in Deum, loco illius instituta<sup>749</sup> est penitentia, baptismus et alia sacramenta et meritum<sup>750</sup> Christi principaliter<sup>751</sup>. In quantum igitur Adam, peccando, priuauit se uita eterna, peccauit mortaliter et obligauit se ad penam eternam. In quantum uero priuauit filios uita eterna et hereditate a Deo promissa, illa talis priuatio in filiis dicitur peccatum originale et filii solum priuati<sup>752</sup> intel [36] liguntur<sup>753</sup> hereditate et non obligati<sup>754</sup> ad aliquam penam uel dolorem interiorum uel exteriorum, temporalem uel<sup>755</sup> eternum<sup>756</sup>. Vnde nullus propria contritione<sup>757</sup> uel proprio dolore illud peccatum in se delet<sup>758</sup>, sed bene<sup>759</sup> motu bone uoluntatis in Deum<sup>760</sup>. Volo sic dicere, contritio non est ordinata pro deletione<sup>761</sup> peccati originalis, nec pena<sup>762</sup> interior uel exterior. Quis enim hortandus<sup>763</sup> est ut peniteat de illo quod non commisit<sup>764</sup>? Valde igitur errant illi<sup>765</sup> qui dicunt Deum eterno igne puniturum in<sup>766</sup> solo<sup>767</sup> originali morientes.<sup>768</sup> Si enim non estis obligati ad ullam<sup>769</sup> temporalem penam pro illo, quomodo eritis obligati ad eternam? Dico tibi quod pro illo nullus neque in<sup>770</sup> inferno neque in purgatorio est cremandus aut affligendus neque alibi, nec dolorem ullum aut tristitiam est habiturus. Vnde nec proprie habebunt penam damni<sup>771</sup> que ponit dolorem et tristitiam propter priuationem illius glorie<sup>772</sup>, sed

<sup>740</sup> habeant *JMV*, habeat *HILNOPQ*

<sup>741</sup> patris sui *HIJLMNOPV*, patri *Q*

<sup>742</sup> patrem obligari *HIJLMNOPV*, patre obligare *Q*

<sup>743</sup> intelligatur *IJLOPQV*, intelligeretur *HMN*

<sup>744</sup> Prior *IJLMNOPV*, Prima *Q*

<sup>745</sup> in se *add. Q*

<sup>746</sup> totaliter *HIJLMNOPQ*, taliter *MV*

<sup>747</sup> posterior non in se nec totaliter. Recuperatur tamen non in se sed in alio *HIJLMNOPV*, posterior uero non in se neque totaliter sed in alio recuperatur *Q*

<sup>748</sup> medium *HIJLMNOPV*, remedium *Q*

<sup>749</sup> instituta *HIJMNOPQV*, iustitia *L*

<sup>750</sup> meritum *HIJLMNOPV*, merita *Q*

<sup>751</sup> principaliter *HIJLMNOPV*, principalius *Q*

<sup>752</sup> priuati *HIJLMNOPV*, priuari *Q*

<sup>753</sup> intelliguntur *HIJLMNPQV*, dicuntur *O*

<sup>754</sup> obligati *HIJLMNOPV*, obligare *Q*

<sup>755</sup> uel *HIJLMNOPV*, et *Q*

<sup>756</sup> eternum *HIJLMOPV*, eternam *NQ*

<sup>757</sup> contritione *HIJLMNOPV*, conditione *Q*

<sup>758</sup> delet *HIJLMNOV*, dolet *PQ*

<sup>759</sup> bene *HIJLMNOPV*, uere *Q*

<sup>760</sup> in Deum *om. V*

<sup>761</sup> deletionem *IJLMNOQV*, delectionem *HP*

<sup>762</sup> pena *HIJLM (O er. penitentia) PV*, penitentia *NQ*

<sup>763</sup> hortandus *HIJLMNOPQ*, orandus *V*

<sup>764</sup> commisit *HILMNOPQV*, commiserit *J*

<sup>765</sup> illi *om. V*

<sup>766</sup> in *om. V*

<sup>767</sup> peccato *add. Q*

<sup>768</sup> Nisi intellexissent per ignem eternum priuationem eterne uite beate sine tamen tristitia de tali priuatione. *add. P*

<sup>769</sup> ullam *HIJLMNOPQ*, illam *V*

<sup>770</sup> in *om. V*

<sup>771</sup> damni *om. H*

<sup>772</sup> glorie *HIJLMOPQV*, gratie *N*

habebunt simplex et purum damnum, quia solum<sup>773</sup> priuationem illius glorie<sup>774</sup>. Nam, ut diximus ex parte, peccatum<sup>775</sup> Ade non mutauit naturam humanam in se neque in conditionibus suis, sed solum restituit ei naturales conditiones, ablatis supernaturalibus. Sicut si Deus creasset hominem sine illis donis, in puritate sue nature, ille beatitudinem illam numquam adeptus fuisset nec tamen quicquam mali pateretur propter id, et inter<sup>776</sup> talem hominem sic in puris naturalibus conditum et filium Ade nullum peccatum habentem nisi originale nulla differentia est<sup>777</sup> nisi quia iste poterat ex promissione habere illam gloriam<sup>778</sup>, iste<sup>779</sup> sic creatus numquam potuit quia numquam sibi uel alteri pro ipso promissa fuit, unde filius Ade est magis proprie priuatus beatitudine quam ille. Similiter<sup>780</sup> filius Ade, adhuc si uoluerit, id uelle<sup>781</sup> poterit, esse beatus ualebit<sup>782</sup> quia habet remedia<sup>783</sup> que etiam querere<sup>784</sup>, si noscat<sup>785</sup>, tenetur<sup>786</sup>. Ille alius, etiam si uellet et quereret, de lege communi non haberet<sup>787</sup> quia nulla remedia sunt<sup>788</sup> data. Melius est ergo esse filium<sup>789</sup> Ade quam creatum<sup>790</sup> in puris naturalibus quo ad hoc, quia quilibet talis beatus esse potest. Adam ergo peccando non solum illis donis gratuitis se priuauit<sup>791</sup>, sed etiam eterne morti addixit<sup>792</sup>, Filios solum beatitudine et aliis donis, de quibus diximus<sup>793</sup>, spoliauit<sup>794</sup>, sed non supplicio gehenne inuoluit. Scito quoque<sup>795</sup> inter priuationem beatitudinis et gratie et inter priuationem immortalitatis illius et incolumitatis et animalium obedientie<sup>796</sup> et nocumentorum aliorum<sup>797</sup> et subiectionis uirium inferiorum<sup>798</sup> hanc differentiam fuisse: quia beatitudine et gratia [37] sic priuati remanserant<sup>799</sup>, quod possent, si uellent, rehabere. Immortalitatem uero et animalium obedientiam<sup>800</sup> et alia<sup>801</sup> que diximus ita amiserunt ut nulla sanctitate fulgentes, nulla

<sup>773</sup> solum *IJLMOPQV*, solam *HN*

<sup>774</sup> absque ulla consequenti tristitia *add. P*

<sup>775</sup> peccatum *HILMNOPQ*, patrem *J*, patris *V*

<sup>776</sup> inter *HIJLMNOQV*, item *P*

<sup>777</sup> est *om. V*

<sup>778</sup> gloriam *HILMNPOQ*, *om. O*, gratiam *V*

<sup>779</sup> autem *add. Q*

<sup>780</sup> beatitudine quam ille. Similiter *HIJLMNOPV*, beatitudine cum et similiter *Q*

<sup>781</sup> id uelle *JMV*, et uelle *ILN*, cum uelle *HO*, uelle *P*

<sup>782</sup> si uoluerit, id uelle poterit, esse beatus ualebit *HIJLMNOPV*, si uoluerit, poterit esse beatus *Q*

<sup>783</sup> expiandi dictam priuationem *add. P*

<sup>784</sup> querere *HIJLMOPQV*, quereri *N*

<sup>785</sup> si noscat *HILMNOPQV*, si nesciat *J*

ut noscere possit *add. P*

<sup>786</sup> et non querendo damnaretur. Sicut et in paradiso terrestri qui non comedendo de ligno uite se mori

permitteret similiter damnaretur propter contemptum Domini mandatum. *add. Q*

<sup>787</sup> haberet *HIJLMNOPV*, obtineret *Q*

<sup>788</sup> ei *add. NOQ*

<sup>789</sup> filium *HIJLMOPQV*, filium *N*

<sup>790</sup> creatum *HIJLMOQV*, creatus *NP*

<sup>791</sup> neque solum conditionibus naturalibus *add. P*

<sup>792</sup> addixit *HIJLMNP*, abdixit *O*, se aiunxit *Q*, adduxit *V*

quia mandatum Dei uoluntarie est transgressus *add. P*

<sup>793</sup> diximus *HIJLMNOPV*, dixit *Q*

<sup>794</sup> spoliauit *HIJMNOPV*, expoliauit *LQ*

et ad conditiones naturales reduxit *add. P*

<sup>795</sup> quoque *HIJLMNPQV*, ergo *O*

<sup>796</sup> obedientie *HJLMNOPQV*, obedientia *I*

<sup>797</sup> nocumentorum aliorum *HJLMNOPV*, nocumentarum aliarum *I*, nocumentorum aliorumque donorum gratuitorum *Q*

<sup>798</sup> et subiectionis uirium inferiorum *om. Q*

<sup>799</sup> remanserant *JMV*, remanserunt *HILNOPQ*

<sup>800</sup> et animalium obedientiam *om. Q*

gratia pollentes, umquam<sup>802</sup> amplius ea<sup>803</sup> recuperare possent. Vnde Christus mortuus est, non quia Adam eum immortalitate priuasset<sup>804</sup> sed, quia homo, erat<sup>805</sup> ex sui<sup>806</sup> natura mortalis. Deinde<sup>807</sup> redempturus erat genus humanum. Quamuis beatus esset, beatitudo tamen mortalitatem<sup>808</sup> non abstulit. Si tamen beatus etiam non fuisset nec Redemptor<sup>809</sup> et sic natus, adhuc mortalis fuisset<sup>810</sup>, et tamen<sup>811</sup> Adam in ipso non peccauisset<sup>812</sup> quia Deus nulli homini immortalitatem promiserat<sup>813</sup> nisi Ade et filiis suis<sup>814</sup> cum illa conditione. Similiter si quispiam filiorum Ade, etiam<sup>815</sup> plenus gratia, conceptus fuisset, morti<sup>816</sup> tamen et<sup>817</sup> miseriis humanis subditus fuisset quia semel, pacto inter Deum et hominem facto non seruato ab homine, sic conclusum est<sup>818</sup>. Facta enim inobedientia illa<sup>819</sup> et transgressione ita decretum fuit<sup>820</sup> ut omnis homo uel filius uel non filius Ade subiret conditiones<sup>821</sup> nature sue.

Reuertamur ad ea<sup>822</sup> que confuse proposuimus<sup>823</sup> quia dabit Deus pastori illi spiritum et intellectum<sup>824</sup> et lucidabit hec mea dicta et in partes<sup>825</sup> et capitula<sup>826</sup> distinguet.

Peccatum originale est priuatio hereditatis eterne primo patri<sup>827</sup> non solum pro se, sed etiam pro filiis<sup>828</sup> omnibus<sup>829</sup> a Deo promisse<sup>830</sup>, si eius mandatum ipse seruasset<sup>831</sup> et, ex consequenti<sup>832</sup>, priuatio omnium<sup>833</sup> donorum<sup>834</sup>. Et in quantum illud peccatum

---

<sup>801</sup> dona *add. Q*

<sup>802</sup> umquam *HIJLMOPV*, amplius *Q*

<sup>803</sup> ea *HJMNO P*, eam *ILQV*

<sup>804</sup> priuasset *HIJLMNOPV*, priuauit *Q*

<sup>805</sup> et *add. HIJLNOPQ*

<sup>806</sup> sui *HIJLMNOPQ*, sua *V*

<sup>807</sup> Deinde *HIJMNOPQV*, denique *L*  
quia *add. I*

<sup>808</sup> mortalitatem *HIJLMNOPQ*, mortalem *V*

<sup>809</sup> esset *add. OQ*

<sup>810</sup> fuisset *HIJLMNPQV*, esset *O*

<sup>811</sup> et tamen Adam *HIJLMNOPV*, et si Adam *Q*

<sup>812</sup> peccauisset *HIJLMNOPQ*, peccasset *V*

<sup>813</sup> promiserat *HIJLMNOPV*, promisit *Q*

<sup>814</sup> suis *HIJLMOPV*, eius *NQ*

<sup>815</sup> etiam *HIJLMNOQV*, esset *P*

<sup>816</sup> morti *HIJLMNOPV*, mori *Q*

<sup>817</sup> aliis *add. Q*

<sup>818</sup> est *JLMNOPQV*, fuit *HI*

<sup>819</sup> illa *om. V*

<sup>820</sup> fuit *HIJLMNOPV*, est *Q*

<sup>821</sup> subiret conditiones *JLMO*, subiret conditionem *HINP*, subire conditioni *Q*, subiecerit conditioni *V*

<sup>822</sup> ea *HIJLMNOQV*, illa *P*

<sup>823</sup> proposuimus *HJLMOPQV*, proposuisti *N*

<sup>824</sup> intellectum *HJLMNOPQV*, intellectus *I*

<sup>825</sup> partes *HIJLMOPQ*, partem *N*, parte *V*

<sup>826</sup> capitula *HIJLMNOPV*, capita *Q*

<sup>827</sup> patri *HIJLMNOPV*, homini *Q*

<sup>828</sup> non solum pro se sed etiam pro filiis *HMO*, non se sed filiis *J*, pro se sicut filis *L*, non pro se sed filiis *INP*, non pro se tantum sed etiam pro filiis *Q*, non in se sed filiis *V*

<sup>829</sup> omnibus *om. Q*

<sup>830</sup> promisse *HILMNPV*, promisso *J*, promissa *Q*

<sup>831</sup> que priuatio non poterat esse sine priuatione gratie sed bene poterat esse et fuit priuatio gratie in primis parentibus sine priuatione hereditatis filiis promisse. *add. M (in marg. a.m.) NO*

que priuatio non potest esse sine priuatione gratie sed bene poterat esse priuatio gratie in primis parentibus sine priuatione hereditatis filiis promisse. *add. Q*

<sup>832</sup> fuit *add. NOQ*

<sup>833</sup> omnium *HIJL(M add. sup.lin.a.m. aliorum)PQV*, aliorum *N*, omnium aliorum *O*

<sup>834</sup> aliorum a gratia *add. NQ*

respicit priuationem omnium<sup>835</sup> donorum<sup>836</sup> a gratia et beatitudine, totum genus humanum est subiectum peccato originali nec in mortali uita quisquam<sup>837</sup> est sine ipso<sup>838</sup>, immo nec sacramento ullo<sup>839</sup> nec redemptionis merito purgatur ab illo, ut iam diximus. Diximus tamen quod recuperatur<sup>840</sup> gratia<sup>841</sup> et ille alter<sup>842</sup> habitus non in se nec totaliter, sed solum prout per illum homo poterat et erat dispositus redire ad Deum<sup>843</sup> ut sic<sup>844</sup> ergo recuperatur illa secunda qualitas in merito Saluatoris<sup>845</sup> et in contritione atque sacramentis<sup>846</sup> uirtutem habentibus a suo<sup>847</sup> merito, sine quo nullus uestre nationis saluari potuit. Expulso igitur homine ab illo paradiso, amenissimo loco<sup>848</sup> et humane nature conuenientissimo, in quo sunt assidui et saluberrimi fructus et aqua omni uino suauior et delectabilior<sup>849</sup>, in quo nunc<sup>850</sup> adhuc uiuunt illi uiri quos<sup>851</sup> Deus illuc transtulit, qui locus mellifluo celorum influxu<sup>852</sup> irrigatur et felicissimis subiicitur<sup>853</sup> syderibus, (Deus enim illum tota diligentia construxit), ex hoc loco expulso homine et laboribus et sudoribus subiecto, nasci ceperunt homines inscii, paruuli, debiles, membra paulatim recupearantes et robur suscipientes et quotidie morientes quia quotidie<sup>854</sup> deficientes. Subito enim ut nascitur deficere incipit. Ideo recte apud uos dictum est: "Quotidianus defectus corruptionis est quedam prolixitas mortis<sup>855</sup>". Et alias: "Et cum crescimus, uita ipsa decrescit". [38] Quotidie igitur uiuentes<sup>856</sup>, adhuc homines moriuntur. Tunc autem numquam mortui fuissent. Deus enim sic pactum fecerat ut si non gustarent de ligno illo numquam morerentur. Poterant enim ex sui natura mori, poterant etiam non mori Deo preseruante<sup>857</sup> propter inocentiam uel potius<sup>858</sup> propter obedientiam illam specialem. Sic et mulier sine dolore<sup>859</sup> filios<sup>860</sup> peperisset et in coitu suauitatem absque ulla inordinata libidine habuissent<sup>861</sup> et filios quidem sicut et nunc paruulos genuissent<sup>862</sup> qui etiam paulatim creuissent. Sed unicuique anime sicut et illi<sup>863</sup>

---

a gratia *add. M(in marg. a.m.)O*

<sup>835</sup> omnium *IJLMNPQV*, aliorum *HO*

<sup>836</sup> Et in quantum illud peccatum respicit priuationem omnium donorum *om. PV*

<sup>837</sup> quisquam *HIJLMOPQV*, quispiam *N*

<sup>838</sup> ipso *IJMNO P*, illo *HLOQ*, peccato *V*

<sup>839</sup> ullo *HIJLMNOPQ*, illo *V*

<sup>840</sup> recuperatur *HIJLMNOQV*, recuperaretur *P*

<sup>841</sup> in se *add. Q*

<sup>842</sup> alter *HIJLMOPQV*, alius *N*

<sup>843</sup> Deum *HJLMNOPQV*, celum *I*

<sup>844</sup> sic *om. V*

<sup>845</sup> Saluatoris *HIJLMNOPV*, Redemptoris *Q*

<sup>846</sup> sacramentis *add. O (in marg.)*

<sup>847</sup> suo *HIJLMNOPV*, tali *Q*

<sup>848</sup> amenissimo loco *HIJLMNOPV*, et amisso loco illo amenissimo *Q*

<sup>849</sup> delectabilior *JLNMPQV*, desiderabilior *HI(O add. in marg. a.m., er. delectabilior alias desiderabilior)*

<sup>850</sup> in quo nunc *add. O (in marg. a.m.)*

<sup>851</sup> uiri quos *HI(er. quod, add. sup.lin. a.m. quos) LMNOPQ*, unus quos *J*, unus quorum *V*

<sup>852</sup> influxu *HIJLMOPV*, impulsu *Q*

<sup>853</sup> subiicitur *HIJLMNOPV*, subditur *Q*

<sup>854</sup> morientes quia quotidie *om. V*

<sup>855</sup> Quotidianus defectus corruptionis est quedam prolixitas mortis *HIJLMNOPV*, Quotidianus defectus corruptionis quid est alius quam quedam prolixitas mortis? *Q*

<sup>856</sup> uiuentes *om. V*

<sup>857</sup> perseruante *HIJLMNOPQ*, propiciante *V*

<sup>858</sup> potius *om. JV*

<sup>859</sup> quamuis claustra uteri aperta fuissent *add. P*

<sup>860</sup> filios *om. Q*

<sup>861</sup> habuissent *HLMNOP*, habuisset *IJQV*

<sup>862</sup> genuissent *IJLMNOPV*, genuisset *HQ*

Ade scientia concessa a principio fuisset, concreatis habitibus<sup>864</sup> et speciebus omnium<sup>865</sup> ita quod<sup>866</sup> etiam<sup>867</sup> potuissent<sup>868</sup> intelligere res ipsas absque uia sensus et Deum cognouissent<sup>869</sup> et amaissent<sup>870</sup> a principio et semper aliquid<sup>871</sup> meruissent secundum quod sapientia Dei preordinasset.

Tunc ego: Audiui, Domine mi, quod omnes filii, patre primo non peccante<sup>872</sup>, saluati fuissent. Scire cupio an illi qui nunc damnantur tunc nati<sup>873</sup> fuissent. Et si sic, tunc aliqui predestinati damnarentur<sup>874</sup>. Et si tunc nati non fuissent, uideretur quod nunc nascantur ut damnentur<sup>875</sup>, et quod nullus damnatus est ex eo quia, Adam non peccante, saluatus fuisset<sup>876</sup>. Omnes enim qui tunc saluati fuissent et nunc saluarentur, et qui nunc damnantur<sup>877</sup>, tunc nati non<sup>878</sup> fuissent.

Respondit Angelus: Intellexi desiderium tuum et illud est apud uos uix uel nullo modo solubile<sup>879</sup>. Vere admirari potes si Adam non comedente cibum uetitum soli illi<sup>880</sup> nati fuissent qui nunc saluantur, cur propter peccatum eius<sup>881</sup> fecit<sup>882</sup> nasci alios<sup>883</sup> qui, eo stante, nati non fuissent? Quid enim<sup>884</sup> his nasci<sup>885</sup> profuit<sup>886</sup>? Et peccatum Ade, quid saluandis obfuit nisi quod morti et morbis subiecti fuerunt<sup>887</sup>? Archana Dei sunt<sup>888</sup> ista abdita Dei, et que a uobis sciri non possunt sunt<sup>889</sup> ista. Sed ut aliquo modo a uobis degustari possint<sup>890</sup> sic ea tibi, immo illi quem<sup>891</sup> totiens dixi, qui ea melius accipiet<sup>892</sup>, declaro et manifesto<sup>893</sup>.

---

<sup>863</sup> illi om. *V*

<sup>864</sup> habitibus *HIJLMNOPQ*, habitantibus *V*

<sup>865</sup> Itaque intelligere potuissent res ipsas uel unam continentem omnia. *add. P*

<sup>866</sup> ita quod *HIJLMOPV*, itaque *NQ*

<sup>867</sup> etiam *om. PQ*

<sup>868</sup> potuissent *HIJMOQV*, potuisset *NP*

<sup>869</sup> cognouissent *HILMNOP*, agnouissent *JV*

<sup>870</sup> amaissent *HILMNOV*, amassent *JP*

intelligere res ipsas absque uia sensus et Deum cognouissent et amaissent *om. Q*

<sup>871</sup> aliquid *IJLMNOPQV*, aliqui *H*

<sup>872</sup> licet peccare potuissent *add. P*

<sup>873</sup> non *add. JPV*

<sup>874</sup> damnarentur *HIJMNOPQV*, saluarentur *L*

<sup>875</sup> damnentur *IJLMNOPQV*, damnarentur *H*

<sup>876</sup> et quod nullus damnatus est ex eo quia, Adam non peccante, saluatus fuisset. *HIJLMNOPV*

Et quod peccatum Ade fuerit omnibus dampnatis causa essendi quia, Adam non peccante, nullus ex damnatis saluatus fuisset. *P*

<sup>877</sup> damnantur *HIJLMNPQV*, damnarentur *O*

<sup>878</sup> non *om. L*

<sup>879</sup> solubile *HILMNOPQV*, scibile *J*

<sup>880</sup> illi *om. Q*

<sup>881</sup> eius *HIJLMNOV*, illius *P*, suum *Q*

<sup>882</sup> non *add. Q*

<sup>883</sup> alios *HIJLMOPV*, filios *N*, *om. Q*

<sup>884</sup> enim *HIJLMOPQV*, in *N*

<sup>885</sup> nasci *om. V*

<sup>886</sup> profuit *HJLMNOPQV*, potuit *I*

<sup>887</sup> fuerunt *HJLNPV*, fuissent *M* (*O er. fuissent, add. sup. lin. a. m. fuerunt*) *Q*

<sup>888</sup> sunt *IJLMNOPQRV*, sinit *H*

<sup>889</sup> *idem*

<sup>890</sup> possint *HILMNOPQ*, possent *J*, possit *V*

<sup>891</sup> quem *HIJLMNOPV*, qui *Q*

<sup>892</sup> accipiet *HIJMNOPQV*, capiet *L*

<sup>893</sup> declaro et manifesto *HIJLMNOPV*, declarabo et manifestabo *Q*

Diuina uoluntas<sup>894</sup> ante omnia uoluit homo<sup>895</sup> fieri et<sup>896</sup> ex<sup>897</sup> tali matre. Et<sup>898</sup> angelis iam creatis olim<sup>899</sup>, hunc mundum sensibilem postea condidit ut homines procrearentur et deuenirentur ad illum quem<sup>900</sup> sibi uniturus erat et alios qui eum sequerentur. Voluit ergo fieri et produci homines et causas constituit<sup>901</sup> ipsorum productionis quoad corpus. Fedus pepigit ut quotiens cause inferiores, ipso etiam concurrente, causarent tale corpus sic organis preditum<sup>902</sup>, ipse quoque animam crearet et infunderet. Non enim creatur anima ante corpus nec corpus ante animam nisi materialiter<sup>903</sup>. Subito enim ut organizatum est, anima infunditur<sup>904</sup>.

Cogita singula. Vidit Deus tamquam eternus quot<sup>905</sup> corpora organizata perfecte uel imperfecte natura sibi porrigebat et tot animas illis infundere, si perfecte formarentur que precedentia perficerent et non corrumperent<sup>906</sup>, statuit<sup>907</sup> et ordinauit nil pro tali tempore [39] preuiso nisi<sup>908</sup> beatitudinem omnibus<sup>909</sup> uolendo, sic tamen uolendo si mandata eius seruarent<sup>910</sup>. Agnouit et uidit primum hominem peccaturum et pro se atque filiis omnibus<sup>911</sup> regnum celeste amissurum<sup>912</sup>, nisi nouis remediis ab eo<sup>913</sup> iuuaretur<sup>914</sup>. Vidit sempiterno illo suo oculo<sup>915</sup> quot essent remedia illa<sup>916</sup> suscepturi et quot non suscepturi<sup>917</sup>, immo quot<sup>918</sup> remedia suscipiebant<sup>919</sup> et quot<sup>920</sup> non suscipiebant<sup>921</sup>, quia futura tamquam presentia intuetur. Et tandem<sup>922</sup> hos qui suscepturi erant predestinauit absolute, alios reprobauit.

Primo igitur Deus omnes ad uitam ordinat quando<sup>923</sup> omnes ut<sup>924</sup> eam assequantur determinat, sed cum conditione et clausula, si ita uixerint et dies suos compleuerint<sup>925</sup>.

---

<sup>894</sup> quamuis omnia simul in sua eternitate uoluerit, ea tamen que uult ordinem quemdam inter se tenent, propter quod alia uult quasi prius uelle dici potest. *add. P*

<sup>895</sup> homo *HIJLMOPV*, hominem *NQ*

<sup>896</sup> et *om. LN*

<sup>897</sup> ex *om. I*

<sup>898</sup> Et *HIJLMNOQV*, Sed *P*

<sup>899</sup> et *add. IL*

<sup>900</sup> ipse *add. HILO*

<sup>901</sup> constituit *HIJLMNOPV*, posuit *Q*

<sup>902</sup> preditum *HIJLMNOPQ*, predictum *V*

<sup>903</sup> nisi materialiter *HIJLMPV*, nisi materialiter quia precedit animam naturaliter *N*, nisi quia corpus precedit animam naturaliter *OQ*

<sup>904</sup> Subito enim ut organizatum est, anima infunditur *om. L*

<sup>905</sup> quot *HLMNOP*, quod *IQ*, que *JV*

<sup>906</sup> corrumperent *HILMNOPV*, corrumperentur *Q*

<sup>907</sup> etiam *add. IL*

<sup>908</sup> preuisio nisi *HIJLMNOPV*, preuisionis *Q*

nil pro tali tempore preuiso *add. O (in marg. a.m.)*

<sup>909</sup> omnibus *om. N*

<sup>910</sup> seruarent *HIJLMNOPV*, seruaret *Q*

<sup>911</sup> omnibus *om. H*

<sup>912</sup> ammissurum *HILMNOPQV*, ammissum *J*

<sup>913</sup> ab eo *HIJLMNOV*, ab ipso *P*, *om. Q*

<sup>914</sup> iuuaretur *HIJLMNOPQV*, iuuarentur *H*

<sup>915</sup> se prouisurum de remedio et *add. Q*

<sup>916</sup> finaliter *add. Q*

<sup>917</sup> et quot non suscepturi *om. P*

<sup>918</sup> quot *HJLMNOPQV*, quod *I*

<sup>919</sup> suscipiebant *HIJLMNOPQ*, suscipiant *V*

<sup>920</sup> quot *HJLMNOPQV*, quod *I*

<sup>921</sup> suscipiebant *om. HQ*

<sup>922</sup> tandem *HIJLMNOPQ*, tamen *V*

<sup>923</sup> eos *add. Q*

<sup>924</sup> ut *H(M sup. lin.) NOPQ*, et *I, om. JLV*

Secundo, illos omnino acceptat quos iam uidit conditiones et pacta sua saltem in ultimo hiatu seruasse. Do<sup>926</sup> tibi similitudinem:

Primum hominem Deus creauit ea intentione ut numquam moreretur nec dolorem sentiret, non simpliciter ac si omnino id<sup>927</sup> uellet, sed cum pacto, si mandatum non preteriret. Nouit eterna mente hominem mandatum Dei<sup>928</sup> non obseruaturum. Noluit ut esset<sup>929</sup> immortalis et sine dolore.

Vos igitur homines<sup>930</sup> in hac re perplexi estis, quia creditis quod Deus ab eterno uoluit<sup>931</sup> determinate<sup>932</sup> et sine ulla conditione saluos fieri, quod, ut<sup>933</sup> alias tibi dixi, non est uerum. Immo Deus prima intentione uoluit omnes<sup>934</sup> homines saluos fieri, si tamen seruassent mandata. Cognouit transgressuros, cognouit remedia suscepturos et remedia<sup>935</sup> uilipensuros, ut dixi. Noli igitur cogitare quod quasi Deus omnes istos qui saluantur nunc saluos fieri uoluisset<sup>936</sup> solum et nullos alios, et quod soli qui nunc saluantur, in statu illo nati fuissent et nulli alii.<sup>937</sup> Quare enim Deus istos addidisset ut nascerentur filii perpetue ire<sup>938</sup> damnandi<sup>939</sup>, maxime cum multi illorum dicantur quandoque fuisse<sup>940</sup> in gratia et amici<sup>941</sup> Dei? Nota bene, pater, Deus<sup>942</sup> omnia eternaliter uidet<sup>943</sup>. Sed quia eternitas illa est illimitata<sup>944</sup>, non uidet omnia pro tota eternitate. Ecce tu es nunc et aliquando non fuisti. Deus ab eterno te uidit esse pro isto tempore, sed non pro illo in quo nondum eras. Omnes igitur filios<sup>945</sup> Ade quotquot futuri essent<sup>946</sup> Deus cum conditione<sup>947</sup> illa<sup>948</sup> saluare decreuerat<sup>949</sup>, nullum determinate uolendo<sup>950</sup>, sed omnes communiter, neque numerum eorum determinando<sup>951</sup>, sed omnes in genere<sup>952</sup> et quasi. Deinde numerum cognouit. Vidit hos conditionem seruaturus, alios

---

<sup>925</sup> uixerint...compleuerint *HIJLMNOQV*, uixerit...compleuerit *P*

<sup>926</sup> Do *HIJLMNOPQ*, Dico *V*

<sup>927</sup> id *om. Q*

<sup>928</sup> Dei *om. Q*

<sup>929</sup> esset *om. V*

<sup>930</sup> homines *add. M (in marg. a. m.), om. JPV*

<sup>931</sup> uoluit *HIJLMNOPV*, uellit *Q*

<sup>932</sup> determinate *HJLMNOPQV*, determinare *I*

<sup>933</sup> etiam *add. HIL*

<sup>934</sup> omnes *om. Q*

<sup>935</sup> suscepturos et remedia *om. V*

<sup>936</sup> uoluisset *HIJLMNOPV*, uoluisse *Q*

<sup>937</sup> Et aliquos non habituros, ut infantes et semper stultos aut ignorantia inuincibili remediorum detentos quorum nullus sine baptismo saluatur licet nil contra legem Dei egerit (ageret *M*) aut egisset. *add. M (in marg. a. m) P*

<sup>938</sup> et *add. H*

<sup>939</sup> damnandi *HIJLMOPQV*, damnati *N*

<sup>940</sup> fuisse *om. N*

<sup>941</sup> amici *HIJLMNOPV*, amicitia *Q*

<sup>942</sup> pater, Deus *HIJLMNPV*, Deus Pater *OQ*

<sup>943</sup> uidet *HIJLMNOQV*, uidit *P*

<sup>944</sup> ad omnia tempora *add. P*

<sup>945</sup> filios *HIJLMNOQV*, filii *P*

<sup>946</sup> essent *HIJLMNOPV*, erant *Q*

<sup>947</sup> conditione *HIJMNOPQ*, conditioni *L*, quottidie *V*

<sup>948</sup> de communi lege *add. O*

<sup>949</sup> decreuerat *HIJLMNOPV*, decreuit *Q*

<sup>950</sup> Nil loquor modo de ipsius Genitrice *add. P*

<sup>951</sup> ac si nollet plures sed omnes sine exceptione *add. P*

<sup>952</sup> in genere *HIJLMNOQV*, sine exceptione *P*

minime. Acceptauit<sup>953</sup> illos, spreuit alios. Nullus, dico tibi, natus est in statu nature lapse ad hoc, ut damnaretur<sup>954</sup>. Omnibus enim filiis Ade Deus<sup>955</sup> cum conditione uitam dare promiserat<sup>956</sup>. Conditionem seruari uidit ab his<sup>957</sup> et ab aliis non seruari. Finaliter et hos approbavit, illos uero reprobavit. Nullus etiam ordinatus ad uitam eternam absolute est damnatus, quia talis predestinatio et damnatio intelligitur pro tempore quo unus expellitur omnino et alius recipitur, quod communiter fit in uobis hominibus in ultimo uite uestre. Dico plus hoc<sup>958</sup> mirabile: [40] Nullus damnatur nec damnari potest nisi predestinatus priori illa et conditionali predestinatione. Et tamen nullus predestinatus illa predestinatione<sup>959</sup> absoluta<sup>960</sup> potest<sup>961</sup> damnari, nisi eo modo quo et beati possunt damnari<sup>962</sup>.

Quicumque ergo nunc damnantur<sup>963</sup>, si Adam non peccasset<sup>964</sup>, et<sup>965</sup> nati fuissent<sup>966</sup>, non est inconueniens<sup>967</sup>, et quandoque<sup>968</sup> uere beati<sup>969</sup>, non est inconueniens<sup>970</sup>. Sed propter peccatum Ade non sunt<sup>971</sup> damnati, sed propter peccatum proprium, quia propter peccatum Ade<sup>972</sup> solum fuissent priuati uita eterna. Id tamen uerum est quod, si Adam ex<sup>973</sup> illo pomo non comedisset<sup>974</sup>, nullus ex his qui damnantur damnandus<sup>975</sup> fuisset. Tamen Deus, antequam preuidisset peccatum eius et filiorum proprium<sup>976</sup>, non separabat hos ab illis, sicut nec ipsum Adam<sup>977</sup> discernebat<sup>978</sup> ab aliis.

Omnia recte intelliget ille ad quem hec mittuntur, quia Deus, eternus<sup>979</sup>, in eternitate, sed non pro eternitate, omnia cognoscit. Semper enim te pro nunc mecum loqui<sup>980</sup> cognouit, sed non quod semper mecum<sup>981</sup> locutus sis, quia illud non est uerum. Sicut ergo etiam<sup>982</sup> nos angelos omnes simul Deus noster magnus<sup>983</sup> creauit et omnes gratia

<sup>953</sup> sed omnes in genere et quasi. Deinde numerum cognouit. Vidit hos conditionem seruatuos. Alios non acceptauit *add. P*

<sup>954</sup> damnaretur *JMNOPQV*, damnatur *HIL*

<sup>955</sup> Deus *om. H*

<sup>956</sup> promiserat *HIJLMNOPQ*, permiserat *V*

<sup>957</sup> his *HIJLMOPV*, aliis *Q*

<sup>958</sup> uidelicet *add. O*

<sup>959</sup> predestinatione *om. I*

<sup>960</sup> absoluta *JLMNPQV*, absolute *HIO*

<sup>961</sup> potest *HJLMNOPV*, poterit *Q*

<sup>962</sup> nisi eo modo quo et beati possunt damnari *om. V*

<sup>963</sup> damnantur *HJMNPQV*, damnatur *LO*

<sup>964</sup> non peccasset *LMOQV*, peccasset *N*, non peccante *HJP*

<sup>965</sup> et *JLMNOPQV*, ut *HI*

<sup>966</sup> et nati fuissent *HIJLMNOPV*, etiam natus fuisset *Q*

<sup>967</sup> non est inconueniens *om. Q*

<sup>968</sup> quandoque *HIJLMNOPQ*, quando *V*

fuissent *add. O*

<sup>969</sup> beati *HIJLMNOPV*, beatos *Q*

<sup>970</sup> non est inconueniens *HIJLMNOQV*, non congruit *P*

<sup>971</sup> eo modo *add. P*

<sup>972</sup> non sunt damnati sed propter peccatum proprium, quia propter peccatum Ade *add. IL*

<sup>973</sup> ex *HILMNOQ*, de *P*, *om. JV*

<sup>974</sup> ex illo pomo non comedisset *HIJLMNPQV*, ullo modo non comedisset *O*

<sup>975</sup> damnandus *HJMNPQV*, damnatus *ILQ*

<sup>976</sup> eius et (peccatum *add. H*) filiorum proprium *IJMNOPV*, eius, peccatum filiorum proprium *L*, eius et filiorum proprie *P*, eius uel proprium filiorum *Q*

<sup>977</sup> Adam *om. V*

<sup>978</sup> discernebat *HIJLMNOPV*, scernebat *Q*

<sup>979</sup> eternus *om. V*

<sup>980</sup> mecum loqui *om. V*

<sup>981</sup> mecum *om. I*

<sup>982</sup> etiam *om. V*

qua<sup>984</sup> beati esse poteramus ornauit, et damnati angeli ordinati erant ad beatitudinem cum conditione, sic et omnes homines, quotquot nascituri essent. Sed uos cogitatis et quidam doctores uestri quod Deus prima intentione<sup>985</sup> uoluit beatum facere<sup>986</sup> hunc et illum precise, alios uero non. Que cogitatio remouenda est a cordibus fidelium omnino. Nullus, dico tibi, nascitur ut damnetur, sed ut sit beatus, non absolute, sed cum conditione que, si finaliter obseruetur, erit beatus ex pacto, non ex necessitate siue, ut<sup>987</sup> uos dicitis, de potentia ordinata, non absoluta. Non est<sup>988</sup> etiam uerum quod omnes qui tunc saluati fuissent nunc saluentur, immo quilibet eorum qui damnantur, tunc saluus fuisset<sup>989</sup>, si natus tunc fuisset<sup>990</sup>, quia forsan non omnes qui nunc nascuntur, tunc nati fuissent et beati.

Primo enim fuit generalis conceptus<sup>991</sup>. Visa est transgressio, uisa<sup>992</sup> eiectione de paradiso, uisi omnes<sup>993</sup> nascituri, uisi remedia<sup>994</sup> accepturi. Numerus nascendorum non erat<sup>995</sup> prima facie determinatus<sup>996</sup>. Sed, uisis omnibus corpusculis producendis, agnitus est numerus omnium. Visis bene ex ista uita<sup>997</sup> egredientibus, agnitus est numerus electorum<sup>998</sup>. Neque tamen propterea ullus predestinatus damnatur. Predestinatus dico absolute, non cum conditione.

Sicut iam tibi dixi<sup>999</sup>, conscribe omnia et diligenter conserua ut populo christiano promulgentur<sup>1000</sup> ne amplius in<sup>1001</sup> tot opinionibus uersentur<sup>1002</sup>. Redeundum est tibi ad cellam tuam et cauernam tuam. Ibi enim te prestolantur fratres tui, et alii te perquirunt. Et papa pro te iam ter misit, cui nihil horum reuelles, sed solum dicas ut, sicut cepit, Matri Dei honorem debitum tribuat, ecclesias restauret, bella secularia dimittat, ecclesie prouideat, de sua carne tantam existimationem<sup>1003</sup> non faciat, bella christianis non inferat, legem Dei et mandata uniuersis promulget<sup>1004</sup>.

Tunc in breuissimo tempore me reperi in cauerna<sup>1005</sup> mea, fratribus ad ostium<sup>1006</sup> stantibus [41] meque uocantibus.<sup>1007</sup>

<sup>983</sup> magnus *HIJLMNOPV*, magnos *Q*

<sup>984</sup> qua *HIJLMNPQV*, quorum *O*

<sup>985</sup> intentione *HIJMNOPQV*, eternitate *L*

<sup>986</sup> facere *HIJLMNOPV*, fore *Q*

<sup>987</sup> siue, ut *HIJLMOPV*, sicut *NQ*

<sup>988</sup> est *add. I (sup. lin.), om. V*

<sup>989</sup> saluus fuisset *HIJLMOP*, salui fuissent *NV*, saluatus fuisset *Q*

<sup>990</sup> si natus tunc fuisset *HIJLMOPQ*, si nati fuissent *N, om. V*

<sup>991</sup> salutis omnium *add. P*

<sup>992</sup> est *add. MNOV*

<sup>993</sup> stante Adam et ruente *add. P*

<sup>994</sup> et parentis et proprii peccati *add. P*

<sup>995</sup> erat *om. V*

<sup>996</sup> numerus nascendorum non erat prima facie determinatus *om. Q*

<sup>997</sup> uestra *add. IL(M sup. lin.a.m.)NO*

<sup>998</sup> Non est ergo uerum quod Deus uoluerit solum eos qui saluantur tunc nasci et damnandos propter peccatum Ade addidisse et produxisse. Ordo in uolendo est considerandus et euades discrima talium difficultatum. *add. P*

<sup>999</sup> non cum conditione. Sicut iam tibi dixi, *JLMNOPQV*, non cum conditione sicut iam tibi dixi. *I*

<sup>1000</sup> promulgentur *HIJLMNOPQ*, promulgetur *V*

<sup>1001</sup> in *om. HIJO*

<sup>1002</sup> uersentur *JMN (O er. uersentur, ad. uexentur) PQ*, uexentur *HIL*, uersetur *V*

<sup>1003</sup> existimationem *HIJLMNPQV*, extimationem *O*

<sup>1004</sup> promulget *IJLMNOPQ*, promulgat *V*

<sup>1005</sup> cauerna *IJLMNOQV*, camera *P*

<sup>1006</sup> ostium *ILNOV*, hostium *JMPQ*

<sup>1007</sup> Finis Tertii Raptus *add. I*



## TERCEIRO ARREBATAMENTO

Um dia, enquanto meditava em comunidade, fui levado para uma Assembleia em que estavam os Padres do Antigo e do Novo Testamento e um incontável exército de santos anjos. Feita a devida reverência a Deus e a toda aquela cúria muitíssimo mais brilhante que o Sol e todos os astros, tendo todos ficado em silêncio, não sabia eu a quem me dirigir nem o que dizer.

Eis que de novo se apresentou diante de mim o santíssimo e amabilíssimo anjo Gabriel e me disse: Não receies, nada de novo te aconteceu. Estás habituado às visões de Deus, mas, como da outra vez te disse, quanto te for por mim dito da parte do Senhor nosso Deus, a quem viste sentado no trono, e em nome desta numerosíssima Assembleia e colégio to revelei para que tudo escrevas exactamente e o guardes para instrução própria e alheia do futuro Pastor, para quem será guardado este livro. Que concluas, pois, como começaste. Que não abandones a lembrança daquilo que aqui ouviste.

Meu senhor, perguntei eu, quando virá e quando se apresentará esse tão ilustre e tão santo e bom Pastor? Quando concederá o Deus clementíssimo a seu povo e a seus fiéis tão grande bem e tão abundante dom? Quando virá este grande eleito de Deus?

Interroga, disse o anjo a sorrir, interroga estes Padres que estão contigo na Assembleia.

Voltado para eles, comecei a perguntar com muita reverência. Então o apóstolo Pedro, anuindo todos a que fosse ele a falar, disse, voltando-se para mim: Queres tu, homem de Deus, ser superior aos apóstolos do

Senhor? Que te hei-de responder senão o que o próprio Senhor nos respondeu quando o interrogávamos sobre o futuro: *Não vos cabe conhecer os tempos ou os instantes que o Pai reservou ao seu poder.*<sup>[26]</sup>

Perante tal resposta fiquei tristíssimo e, cabisbaixo, olhava o chão. Os Padres sorriam. Batendo-me no queixo, disse o anjo: Alegra-te e cumpre os preceitos do Senhor, que disse: *Pedi, procurai, batei*. Concede-se aos que procuram o que se não dá aos que pedem. E a porta que se fecha a quem procura, abre-se a quem nela bate. Ouve agora algo sobre o seu advento. Depois, se a Deus aprouver, ouvirás também falar do tempo desse advento.

Deus escolherá para si um homem segundo o seu coração e pô-lo-á a apascentar o rebanho de seu povo. Em função da grande autoridade por Deus a si concedida, abrirá também este livro e revelará a todos os povos todos os mistérios nele escritos, mostrará e ensinará a todas as gentes a vontade do seu Deus, a quem amará de todo o coração. Entretanto, tu prepararás e selarás este livro até ao tempo deste Pastor já por Deus escolhido. Este livro está escrito por dentro, porque trata e ensina recônditos [fl. 20] segredos, e por fora, porque muitas coisas de todos conhecidas se inserem nele. Quando aparecer o Pastor escolhido de Deus, então Deus enviar-me-á a mim, Gabriel, que falo contigo, a confirmar e a divulgar todos os segredos deste livro. Na verdade, é imperioso que muita coisa que na vossa fé não está manifesta se manifeste por seu intermédio. E para que ninguém tenha desculpa, hei-de aparecer primeiro em sinais e prodígios e levar-lhe-ei todas estas coisas escritas em pequenos rolos. Será eleito com a admiração e o espanto geral. Todos os reis virão até ele e hão-de adorá-lo e alegrar-se-ão com tão santa eleição e com Pastor durante tanto tempo desejado pelos bons. Haverá aqueles que se lhe oporão e o hostilizarão. Mas Deus esmagará as cabeças de seus inimigos, derrubá-los-á, para que saibam os do Oriente e os do Ocidente que foi o Senhor poderoso que fez estas coisas. Converter-se-ão à verdadeira fé os infieis e obedecer-lhe-ão como a um pai. Há-de reger todos os povos no temor de Deus ele e seus sucessores, durante muito tempo. Toda a humanidade terá

um só redil e um só Pastor. Observará os cânones e as tradições antigas dos Padres. Extirpará todas as más leis e tradições, enxertará e plantará as boas. Estará mais preocupado com as almas e os assuntos espirituais do que com os temporais. Às riquezas dará apenas a atenção que for conveniente para a Igreja, os órfãos e viúvas e outros pobres.

Oh Deus! disse eu então a chorar, quando será que o povo cristão, hoje tão infeliz, virá a gozar de tão grande bem-aventurança?! Contudo, uma vez que me não é dado conhecer o tempo de tão admirável advento, voltemos aos nossos primeiros pais. Das afirmações anteriores sei que eles pecaram no Paraíso antes de serem expulsos e que, todavia, não foram de imediato sujeitos à morte, pelo contrário, se mantiveram na mesma condição.

Logo que a vossa mãe se deixou levar pelo orgulho, respondeu o anjo, perdeu a graça de Deus e morreu, quanto à alma. O corpo, contudo, permaneceu na antiga condição. Mas porque Deus havia dito: *Na mesma hora em que comerdes, morrereis de certeza*<sup>[27]</sup> e não, na mesma hora em que pecardes pelo pecado interior do orgulho, por isso, depois de comerem daquela árvore, passaram a ficar sujeitos à morte corporal.

Meu senhor, perguntei eu, como é que depois do pecado coseram as folhas da figueira e fizeram vestes para si? Onde tinham a agulha? Onde havia fio?

O profeta expressou-se, respondeu ele, de acordo com o costume da época em que escreveu. Na verdade eles ainda não tinham nem agulha nem fio, mas com ervas mais delgadas ligaram as folhas da árvore de que haviam comido como se fossem cosidas. E isto aconteceu para se deixar ver que era pelos membros da procriação que ficavam sujeitos a morrer. Por isso se envergonhavam e choravam e tapavam esses membros, mais por isso do que por qualquer impulso dos próprios **[fl. 21]** membros. O que se diz, que Deus lhes fizera túnicas de pele, deve entender-se deste modo: que lhes ensinou que as vestes lhes seriam necessárias no lugar para onde iriam sair, vestes que poderiam fazer das peles de animais, de lã e de linho, de modo que delas se servissem mais por necessidade do que para ornato, e que as

folhas das árvores não eram instrumentos aptos a suprir essas necessidades. Deus disse-o, e o homem enquanto ser inteligente compreendeu de imediato o género de vestes que poderia usar, sem a morte de nenhum animal. Mas Deus, no seu poder, fez túnicas de pele, isto é, criou as peles e deu-lhes a forma de túnica. Assim, pois, como Deus criou peles novas e delas fez túnicas, poderia criar belos panos de seda, mas não o quis, para vos ensinar que é conveniente usar as vestes em função da necessidade e não da pompa ou do enfeite.

Meu senhor, inquiri, tu referiste que a mulher foi criada depois de o homem haver sido trasladado para o Paraíso e, todavia, a Escritura diz que foi antes, que no sexto dia criou Deus homem e mulher e os abençoou.

Eu sei, respondeu ele, que tu, que és ignorante, não saberias levantar essas dúvidas, mas é vontade do Senhor que as levantes e as compreendas por benevolência da sua graça.

Na verdade, anjo de Deus, respondi, não me lembro de alguma vez pensar nisso, e eu próprio me admiro de onde terão vindo ao meu espírito pensamentos tão pouco habituais para mim.

Concedeu-te Deus esse favor, acrescentou ele, para benefício geral da humanidade. Digo, pois, para que todos os povos saibam, que no sexto dia somente o homem foi criado, como tronco de toda a raça humana. E isto até os vossos escritores o afirmam claramente. Mas fica a saber que a construção das palavras de Moisés deve assim ser feita, quando disse: *Criou-o á imagem de Deus,*<sup>[28]</sup> deve seguir-se: *E assim aconteceu. Viu Deus tudo o que tinha feito e era muito bom.*<sup>[29]</sup> Aquelas palavras que começam em: *criou-os homem e mulher...*<sup>[30]</sup> até ... *para que tenham que comer,*<sup>[31]</sup> são interpoladas e devem entender-se como ditas no Paraíso, depois de criada a mulher. E visto que algumas dessas as havia dito Deus ao próprio Adão ainda só, na verdade constituiu-o então senhor de todas as outras coisas e atribuiu-lhe o alimento, por isso o profeta associou o que Deus disse então e o que disse depois, com Eva já criada. Daí que, criada a mulher, acrescentasse o preceito de não comer do fruto daquela árvore.

Estou afogado em dúvidas e interrogações, disse eu, não sei porque é que estas coisas foram feitas, mas apenas que tu disseste que foram feitas por Deus. E eu assim creio, porque é sabido de todos que sou ignorante e insensato. Neste momento duvido, ou melhor, queria saber em que dia e de que mês entrou Adão no Paraíso, e em que dia foi formado. E o mesmo acerca de Eva. E em que dia ambos foram expulsos. Estas coisas não estão escritas em lado nenhum, mas **[fl. 22]** merecem bem ser conhecidas.

Chegou o tempo, respondeu o anjo, em que Deus vai fazer maravilhas. Quer esclarecer o mundo todo sobre quanto é matéria de fé. Por isso te fez levantar tantas e tão importantes dúvidas. Ouve, pois, e fica a saber que a opinião de muitos, também cristãos, é verdadeira: que o mundo foi criado estando já o Sol no primeiro ponto do signo de Carneiro, e era esse dia a que chamais Domingo. Deste modo, Adão foi formado naquele dia que vós chamais Sexta-Feira. E, assim, por todo aquele dia, isto é, no que restava daquele dia, permaneceu fora do Paraíso e deu nome a todas as coisas. Do mesmo modo, também no dia seguinte se manteve na contemplação de Deus, seu criador, bendizendo-o e exaltando-o. Ora, no primeiro dia depois do sábado, isto é, na oitava da criação do Sol, foi transferido e posto no Jardim das Delícias feito por Deus no primeiro dia, quando criou o Sol e a Terra e os outros elementos. E, nesse dia, depois de suscitar nele o sono, do seu lado formou Eva, mãe de toda a humanidade. E depois de ambos bendizerem ao Deus do Céu, tendo recebido o mandamento de crescerem e de não comerem daquele fruto, ficaram todo esse dia em acção de graças, desejando unir-se primeiro a Deus antes de unirem seus corpos, já que, em razão do mandamento, não eram forçados à união imediata, mas na ocasião oportuna. E acordaram abster-se por três dias. Não que fossem impelidos para o acto carnal por qualquer amor desordenado, mas apenas por amor da descendência. Aprenderam ainda que os filhos devem gerar-se primeiro no coração que na carne. Lúcifer viu tudo isto, ficou mirrado de inveja e aproximou-se para os tentar. Ao terceiro dia, a mulher deixou-se invadir pelo orgulho e pecou. Nos dias seguintes tentou o homem e, por fim,

venceu-o. E assim, na oitava da criação de Adão, foram expulsos e nem o sábado passaram no Paraíso.

Pergunto agora, meu senhor, disse eu, se o Livro do Génesis descreve seguidamente, sem qualquer alteração, a linha de pai a filho ou, por vezes, desce para o neto e o trineto.

Assim aconteceu, respondeu o anjo, ou seja, com alterações. Assim como toda a preocupação do evangelista Mateus foi mostrar que Cristo, o Senhor, descendia de David e da estirpe de Abraão, assim toda a preocupação do profeta que ali vêis como que ostentando chifres<sup>[32]</sup> foi mostrar como e de quem aquele povo hebreu havia tido origem. Por isso não se preocupou em saltar sobre muitos de permeio, de quem não contou os anos de vida, como já noutro lugar te referi algo de semelhante: *Os dias do mundo, quem os poderá contar.*<sup>[33]</sup> Assim, pois, como Mateus por vezes ignorou reis que estavam de permeio, assim também Moisés ignorou muitos pais e associou o trineto com o tetravô, e mais longe ainda. Vós, homens, quer hebreus, quer cristãos, contaís os anos do princípio do mundo pelos anos de pais e de filhos e não atendeis a que o quinto e o décimo neto se designam por filho. Contemos, **[fl. 23]** pois, a vida de um tal pai e de um tal filho. Não iremos demasiado depressa do primeiro ao último, sem o do meio? Conta o do meio e os que existiram entre eles e encontrarás muito mais milhares de anos.

Quantos são então, perguntei, os milhares de anos desde a criação do Sol, não me refiro ao Céu Empíreo, até Cristo? Os Hebreus, na verdade, dizem que passou menos tempo que os cristãos, e tu parece que contas muito mais tempo ainda que os cristãos.

Sim, respondeu, passaram muito mais anos do que vós dizeis. Eu, na verdade, sei quantos mil, mas o Senhor não quer que isso seja divulgado antes do aparecimento do Pastor escolhido. Assim como ninguém sabe daquele dia, quando o Senhor virá, assim também ninguém sabe do primeiro dia do mundo, pois *os dias do mundo, quem os contou?* Do mesmo modo, o nosso Deus, verdadeiramente grande e tremendamente magnífico,

apenas revela a seus servos aquilo que lhes é útil e conveniente. Conhecimento dessa natureza não interessa à Igreja de Deus senão para satisfazer a curiosidade. Portanto, não quer, por enquanto, tornar isso público.

E eu, aquilo que a Deus e a nosso Senhor não agrada revelar, também me não é permitido expô-lo. Por isso, já que não há vantagem em conhecer o princípio e o fim do mundo, bastar-me-ia conhecer o tempo da vinda desse grande vigário de Cristo. Depois de haver reflectido sobre o pobre do nosso pai com a infeliz da nossa mãe, expulsos do Jardim das Delícias tão cheios de saber em tão pouco tempo, fiquei abismado da sua inconstância e chorei por causa do mal deles e do nosso, e inquirei do anjo porque é que Deus permitiu que assim caíssem e não quis prestar-lhes auxílio para não caírem.

Porque permitiu, respondeu ele de imediato, que também tantos dos nossos caíssem no pecado? Ou ignoras que Deus deixou quer o anjo, quer o homem, desde o princípio da sua criação, entregues ao respectivo arbítrio? Deu-lhes preceitos e mandamentos que, se os guardassem, estariam salvos, transgredindo-os, deixariam de usufruir daqueles bens que lhes havia preparado. Se fosse lícito queixar-se de Deus, antes nós os anjos nos poderíamos queixar porque, embora tenha dado aos nossos infelizes irmãos, a que chamais diabos, um tempo de arrependimento, esse foi, todavia, muito mais reduzido do que o vosso, já que os vossos, mesmo depois da expulsão do Paraíso, puderam arrepender-se. Os nossos, depois da queda, de modo algum o puderam.

Parece resultar daí, respondi então, que os anjos maus, mesmo se se arrependessem, se não poderiam salvar?

Para que o arrependimento seja frutuoso, respondeu, não basta sentir dor pelo que se fez, mas é preciso que a graça de Deus esteja presente para que Deus aceite essa dor. Nessa medida, pode o anjo sentir dor depois da queda para que a dor seja agradável a Deus, do mesmo modo que o homem depois da morte, como te referi já noutra lugar. Tudo se firma nas regras

estabelecidas pelo próprio Deus, que é ótimo.

Se Deus sabia que o homem iria cair, insisti, porque permitiu que fosse tentado? E porque é que quis remir os homens e não os anjos?

O conhecimento de Deus, respondeu, é admirável, [fl. 24] dificilmente compreensível por vós, abrangendo desde o princípio até ao fim. Deus é eterno, eterno é o seu conhecimento. Sendo eterno, circunda e abarca todo o vosso tempo, tudo vê como se estivesse presente. Mas vós pensais Deus como anterior a vós, do mesmo modo que é ter o conhecimento das coisas futuras como se as visse antes, nas causas. Como se alguém olhasse a terra ou o tronco da árvore e dissesse: aqui vai nascer um ramo. Não é assim que Deus conhece o futuro, como que na causa. Mas vê-o como o presente, em razão da sua imensidade. Não sonhaste tu, meu irmão, alguma vez, e no sonho não viste algo futuro como se estivesse presente?

Vi muitas vezes de noite, respondi, as coisas que durante o dia me aconteceram.

Portanto, se até vós, acrescentou ele, vedes como presentes as coisas futuras que, entretanto, não estão presentes, porque não há-de assim vê-las Deus como presentes, e até de modo tanto mais perfeito quanto a sua inteligência, eterna e infinita, excede a vossa? Pois bem, se vós vedes umas vezes mais distintamente, outras de formas mais confusa esse futuro, porque é que Deus, que tem uma inteligência imensa, não há-de ver tudo distintissimamente? Anota isto, homem de Deus, e embora sejas totalmente incapaz para esta tarefa, a graça de Deus tornou-te suficientemente apto. E quando não conseguires entender plenamente, escreve como te dito, porque o Pastor a quem estas coisas se destinam e em razão de quem se escrevem entendê-las-á distintamente e ensiná-las-á publicamente. Nesta matéria estás para Deus como o cavalo que transporta a farinha do moinho para teu irmão.

Seja eu um bom burro, respondi, para transportar tão grande bem para os nossos fiéis! Porque me tenho na conta de um cavalo, referiste-me com alguma reverência que não mereço, mas por burro quiseste dizer, de algum

modo, um animal ignorante. Conheci, contudo, o estábulo do meu dono. Entretanto, peço que concluas o que começaste que, se não puder entendê-lo, descrevê-lo-ei a fim de que outros o entendam, esses que Deus manda para compreenderem mais subtilmente aquilo que eu, homem obtuso, preparo.

Deus, na sua eternidade, anota e presta diligente atenção, disse então o anjo, viu o homem antes que fosse criado. Não existindo ainda, viu-o existindo num tempo, tentado em outro e em outro vencido. E tudo isto simultaneamente em relação a vários tempos vossos. Permitiu, pois, que caísse em pecado, porque o fez livre, mas não porque quis que caísse. Viu, na verdade, o futuro como presente. E tal não aconteceu porque Deus o viu, mas porque aconteceu ou iria acontecer o viu Deus. Outorgara-lhe o poder de assim proceder e não quis impedi-lo disso pela sua vontade para que não perdesse a liberdade. O homem assim o quis de sua livre vontade. Não podia esconder-se de Deus, eterno e imenso. Deus, portanto, tomou disso conhecimento e viu, porque assim era, não aconteceu assim porque Deus o viu. Em suma, foi porque o homem caiu que Deus o viu cair, não porque Deus viu que iria cair que ele caiu. Foi, pois, conveniente que o homem procurasse espontaneamente para si a salvação para que pudesse merecidamente ser coroado se legitimamente combatesse. Assim foi determinado, que todos pudessem desviar-se para a direita ou para a esquerda. **[fl. 25]** Porque quis Deus remir-vos a vós homens e não aos anjos não restam dúvidas. De facto, todos os anjos se haviam tornado já bem-aventurados ou réprobos. Aos bem-aventurados não foi necessário remir-los, nem razoável remir os réprobos, uma vez que a sentença estava ditada. Daí que não tenha arrancado os homens condenados à sua condenação. Porque, pois, nenhum anjo era peregrino e muitos homens o eram, por isso o Redentor veio por causa deles, não por causa dos anjos. Tinham permanecido também iguais aos que caíram, e era suficiente que de cada natureza se salvassem vários ou muitos.

Do mesmo modo que muitos anjos se salvaram, perguntei, salvar-se-ão

também muitos homens?

Se muitos morrerem em arrependimento, respondeu, muitos se salvarão. Disso se falará noutra ocasião. Deixemos essas questões, porque Deus, sem que ele disso se ocupasse, revelou já ao Pastor essa matéria e muitas outras coisas sobre ela. Não duvides. Pareces-me desmemoriado porque, de vez em quando, duvidas do mesmo.

Meu senhor, no preciso momento em que escrevo, o que me dizes varre-se-me da memória, disse eu.

Não te disse, acrescenta o anjo, que és um animal que transporta estes alimentos para aquele que apascenta o rebanho do nosso Deus?

Que assim seja, que assim seja, disse eu, contanto que seja o burro que transporta o alimento de Deus para os fiéis.

Meu senhor, insisti então novamente, a partir do momento em que, por causa do pecado, Adão mais incorrera na ignorância do que conseguira qualquer conhecimento, porque é que disse Deus: *Eis que Adão se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal*.<sup>[34]</sup> E a quem foi que o disse?

Foi a nós anjos que o nosso Deus Trino e Uno falou então, respondeu o anjo, porque também a serpente não falou do conhecimento próprio de Deus, mas antes do angélico. O homem, na verdade, sabia que não podia igualar o conhecimento de Deus, mas apenas o dos anjos. Com efeito, o espírito criado é, de sua natureza, igual e recebe o grau em função da distinção maior ou menor da natureza em que se acha. A nós, pois, falou o Deus Trino, não quando disse: *Façamos o homem à nossa imagem*<sup>[35]</sup> (e disse estas palavras como que zombando). Vê, Adão foi feito porque esperou isto, que haveria de ser como um de nós. Deus não disse isto como se nós fôssemos iguais a si em conhecimento, mas porque o nosso conhecimento é muito maior do que o do homem e muito próximo do de Deus.<sup>[36]</sup> O próprio Lúcifer lho mostrou. Pois essas três Pessoas são designadas deuses porque têm a real e integra divindade. E nós os anjos somos considerados deuses porque participamos dela mais que todos. Quando, pois, esse dragão disse: *e sereis como deuses*,<sup>[37]</sup> julgou a mulher que seriam como o Pai, o Filho

e o Espírito Santo. Adão, porém, pensou, antes de mais, que aquilo se deveria entender de [fl. 26] nós anjos. Nenhum deles, contudo, o recebeu em sentido estrito.

Meu senhor, o que significou e que valor teve aquela árvore da vida posta no meio do Paraíso, perguntei?

O nosso Deus, respondeu ele, sabendo que o homem, de si e de sua natureza, era mortal, porque nunca se restaura com o vosso alimento habitual aquilo que em vós se perde, criara imediatamente um alimento mais salutar do que o ouro potável, que em tão grande estima tendes que, tomando-o, se prolongava e se restaurava a vida continuamente perdida. É verdade que não poderia para sempre viver daquele alimento, em razão da vitalidade própria do mesmo homem, que se debilitaria e, por fim, seria paralisada por força da contínua repetição desse alimento. Mas atenta bem nisto, em que Deus tinha então determinado que essa vitalidade nunca seria enfraquecida, e nem isso constituiria milagre, mas situação habitual e a desenvolver-se continuamente e segundo o costume, não esporadicamente. Daí que o homem pecasse se nada comesse nesse Jardim. Comendo, viveria desse alimento com a faculdade digestiva fortalecida pela graça divina. E, por fim, para darem o lugar aos filhos, os pais seriam transferidos para uma vida melhor, no Céu, onde viveriam eternamente sem alimento como vivereis depois de ressuscitardes dos mortos. Na verdade o nosso Deus far-vos-á então viver sem qualquer alimento, conservando-vos sem necessidade de vestes como teria mantido no Paraíso terrestre por meio daquela árvore.

Interroguei depois o anjo do Senhor acerca do castigo que Deus infligiu à serpente, que se afigura sua natural condição, e disse: Meu senhor, não é da natureza da serpente deslocar-se sobre o peito, que coma terra e invista contra o calcanhar do homem, e que os homens esmaguem as cabeças das serpentes? Fico novamente surpreendido se estas coisas são impostas à serpente como castigo! Porque lhe são impostas a ela, uma vez que, como animal irracional, não pôde pecar, e ao diabo, que incitou ao pecado, nenhum castigo foi dado?

Tens razão, respondeu. Mas ouve-me. Aquelas condições ajustam-se à serpente em razão da sua natureza, mas aquelas palavras dirigiam-se ao diabo, que primeiramente apareceu à mulher sob essa forma, e tem este sentido: Tu, diabo, que tentaste a mulher sob essa forma, terás as condições do animal em que entraste. Assim como este é abominável e odioso acima de todos os irracionais, assim tu serás odioso ao homem sobre todas as criaturas, e todos te chamarão maldito. Comerás terra como a serpente, porque todo o teu espírito e o teu pensamento estarão dirigidos para o mal e para o pecado todos os dias, porque nunca te emendarás, jamais tornarás ao Céu ou pensará em coisas celestes, mas a tua relação será terrena e com homens terrenos. Estabelecerei inimizades entre ti e a mulher e entre a tua descendência, ou seja, todos os teus cúmplices, [fl. 27] os espíritos malignos semelhantes a ti, e mais, os homens que espontaneamente te seguem, de quem tu, que não eu, serás o chefe, e a descendência da mulher. E pela descendência da mulher entendia sobretudo Cristo com todos os bons e eleitos. Pela mulher, não só Eva, mas sobretudo também Maria, sua Mãe, que esmagou a cabeça daquele, o diabo, porque destruiu todas as heresias e o pecado profundamente por ele introduzido, já que de modo algum experimentou o veneno por ele inoculado. E porque aquele pecado foi a cabeça dos outros pecados, ela destruiu-o, uma vez que não foi infectada pelo sopro venenoso do diabo e porque, com o advento de seu Filho, foi recuperada a pátria celeste, perdida por causa daquele pecado, e a porta do Paraíso Celeste foi aberta. E tu investirás contra o calcanhar dela porque, por fim, tentarás agir contra ela e a sua descendência, induzindo falsos Cristos e falsos profetas, sobretudo aquele que se há-de sentar no Templo de Deus, apresentando-se como se fosse Deus, em quem tu habitarás. E uma vez que Deus havia revelado já aos vossos primeiros pais, bem como a nós, que queria tornar-se homem, nestas palavras de Deus dirigidas à serpente, ou seja, a Lúcifer, reconheceram eles e Lúcifer que aquele Deus Homem ia ser constituído como Restaurador da natureza decaída e nomeado Redentor dos homens, e alegraram-se.

Adão disse a Eva, a quem tinha dado o nome: Não morreremos, salvar-nos-emos de certeza. Por vezes, a nossa descendência será atormentada, mas não perecerá. Pelo contrário, o próprio Deus, como ouviste, não alterou, por causa do pecado que cometemos, o seu propósito de se fazer homem, como tinha decidido. Ele próprio será o nosso Salvador e Redentor e, até, de toda a nossa posteridade. Cresçamos, pois, e multipliquemo-nos para não sermos privados de tão grande bem. Disse estas palavras imediatamente depois de haver sido expulso do Paraíso onde haviam recebido a incumbência de crescer. Mas, porque inicialmente haviam proposto abster-se aí por três dias para se unirem primeiro ao Deus Trino e se unirem depois entre si, e se verificou a tormentosa tempestade da tentação que não conseguiram, impedidos pelas palavras de Lúcifer que os impelia à transgressão do preceito, quando por muito tempo se opuseram, e, por isso, como ansiosos e quase assombrados daquela sugestão nem pensaram no preceito da multiplicação, postos fora do Paraíso, uniram-se entre si. E em cada parto Eva dava à luz pelo menos dois filhos, um homem e uma mulher. O homem casava-se com a mulher.

Sendo Adão possuidor de todos os conhecimentos, inventou os instrumentos de lavrar, semear, plantar e de cultivar os campos e instruiu seus filhos, tarefas nas quais nós anjos o [fl. 28] ajudámos por determinação de Deus. E, quando Caim matou Abel, sofreu tanto que, depois, se não temesse ultrapassar os mandamentos do Senhor, nunca mais se uniria à esposa. Adão e Eva choravam sempre que recordavam o Jardim das Delícias. Recordavam-se muitas vezes e, todas as vezes que viam ou ouviam falar de alguém doente ou fraco ou infeliz ou morto, choravam e gemiam. Sobretudo Adão, porque foi o seu pecado e não o de Eva que se transmitiu à posteridade. Se apenas a mulher tivesse pecado, nada afectaria os filhos. Por isso dizia: "Ai de mim, infeliz, pois sou eu a causa deste pecado, desta enfermidade, desta morte, desta fraqueza". E nem ousava divulgar aos que sofriam que o seu pecado tinha sido a causa dos males deles. Pois, se tal supusessem, ofendê-lo-iam sem dúvida com injúrias, afrontas, agressões e

até com a morte.

Sempre a raça humana desfrutou de pouca alegria e muitas angústias. Nós, anjos, os felizes somos sempre felizes, os desgraçados são sempre desgraçados. Nesta vossa vida, estais sempre em situações pouco claras e incertas. Muitas são entre vós as situações brilhantes e numerosas, as de angústia.

Meu senhor, comecei a perguntar de novo, qual foi o pecado mais grave, o do homem ou o da mulher?

Apraz-me, respondeu, que me interrogues, ou melhor, eu mesmo coloquei na tua boca esta palavra. Há muitos entre vós que consideram que a primeira mulher, no estado de inocência, fosse inferior ao homem, mais débil e mais fraca. E não advertem que o sexo não estabelece diferença entre os espíritos, sobretudo então, quando os corpos eram perfeitos e as almas de ambos estava imbuída de toda a doutrina. Não te disse que Lúcifer ponderou durante muito tempo por qual deles começaria a lançar as bases da sua tentação, e que, por fim, percebeu que, subvertida a mulher, mais facilmente esta subverteria o homem do que este a mulher, por causa do grande amor do homem em relação à mulher, enquanto saída dele? O facto, pois, de a mulher depois do pecado ser muitas vezes mais débil e mais fraca do que o homem provém, em parte, daquela maldição de que então foi vítima, em parte, da sua compleição mais delicada. Não que a mulher, antes do pecado, fosse mais ignorante ou menos capaz do que o homem, embora distasse algo de seu marido e fosse um pouco mais imperfeita do que ele em aspectos naturais e acidentais.

Ainda que não entendas perfeitamente as minhas palavras, escreve-as como as digo. Digo agora que o pecado da mulher não deve certamente desculpar-se pelo facto de ela ser mulher, nem o de Adão censurar-se como se ele fosse muito mais prudente. Mas a mulher pecou mais gravemente porque pecou mais e porque pecou de muitas maneiras, sobretudo porque muitas vezes tentou o homem e não o homem a ela. E, por causa dela, o homem caiu. Pecou mais, também, porque a mulher acreditou ser **[fl. 29]**

semelhante em saber antes ao Deus Trino do que aos anjos, e Adão, antes aos anjos. Ambos, contudo, ao ser-lhes dito: *sereis como deuses*, duvidaram se como as Pessoas Divinas ou se como os anjos de Deus. A mulher, contudo, ligava-se mais à primeira parte da afirmação, o homem à segunda. O pecado do homem foi mais grave devido à sequela, foi até de todos o mais grave, dele decorreram todos os males, todas as desgraças, todas as catástrofes, a morte, o erro, a miséria, a rebelião dos instintos inferiores e dos animais, a inimizade dos elementos e de toda a criatura. Diz-se que aquele pecado foi a causa de todos os males porque, por causa dele, infligiu a justiça divina aqueles males.

Perguntei se outros poderiam pecar se o primeiro homem não tivesse pecado.

Era preciso, respondeu o anjo, que cada um fosse provado e fosse tentado e, vencida a tentação, fosse confirmado na graça. Donde resulta que, mesmo que o primeiro homem não tivesse pecado, o seu filho e o filho do filho poderiam pecar. Pois cada um seria peregrino. E segue-se que não. Por isso, o filho pode pecar ou peca porque o primeiro pai pecou. Mas, precisamente por isso se não confirma imediatamente na graça, uma vez vencida a tentação, e torna-se mais inclinado e mais propenso a pecar, e mais, *nasce em pecado e é concebido na iniquidade*<sup>[38]</sup>, como dizia, chorando, aquele rei-profeta que, por singular privilégio, mereceu ser chamado pai de Deus (e apontava para David, sentado junto de Abraão e Moisés).

Perguntei então como é que será justo que os dentes dos filhos se embotem porque o pai comeu uvas verdes.<sup>[39]</sup> Não será iníquo que um filho que nunca viu seu pai carregue a iniquidade deste?

Respondeu amavelmente a esta questão: Responderei, já que vos é muito útil conhecer esta verdade. Fica sabendo e toma nota de que o homem, de sua natureza, não era nem imortal, nem incapaz de pecar, nem amigo de Deus ou destinado a esta felicidade ou ao pacífico domínio dos outros animais a ponto de as feras lhe serem quase que espontaneamente submissas ou os elementos lhe não poderem fazer mal. Mas tudo isso

recebera de Deus para si e toda a sua posteridade como dom singular, com uma condição: se observasse um pequeno mandamento. Daí que, criada Eva, lhes haja dito Deus na presença dos anjos: Vós conheceis a vossa condição. Estais sujeitos a doenças várias, a dores, a preocupações e à morte corporal. Tudo quanto se relaciona com o corpo pode ser-vos nocivo e, de algum modo, útil. Ursos, leões, crocodilos, dragões, só à força vos serão submissos. Não tenho qualquer obrigação de vos mudar deste para o Paraíso Celeste são e incólumes, na integridade da natureza. Pelo contrário, parece até que isso contraria a condição da vossa natureza. Nenhuma razão existe, pois, para que [fl. 30] vos mantenha neste ameníssimo lugar permanentemente cheio de todo o género de admiráveis frutos, vos propicie alimento tão salutar, vos conceda tão grande conhecimento das coisas, vos preserve de todo o trabalho e de todo o suor e vos guardemos, eu e estes anjos, meus filhos, de todos os perigos. Concedo-vos todas estas coisas por favor meu e singular benevolência. Não teríeis nenhuma delas por condição natural. Quero, contudo, provar-vos com um mandamento como provei estes meus anjos. Vistes perante vós grande variedade de árvores cujos frutos são permanentes e nunca definham. Comei de todas as outras. Nesta não toqueis. Não provareis do seu fruto. Na mesma hora em que provardes, retirar-vos-ei a vós e aos vossos descendentes todos estes privilégios e dons e restituir-vos-ei à condição da vossa natureza e ficareis sujeitos à morte e, antes dela, sofrereis muitos males.

Vê, pois, que, por causa daquele pecado, nenhum mal advém aos filhos de Adão, mas apenas são privados dos dons que excedem a condição da sua natureza e são colocados nos limites naturais e no estado da sua própria natureza. Por isso, justamente disseram alguns de entre vós que o homem nunca é punido por Deus no inferno com um suplício sensível somente por causa do pecado de seu pai. O filho, pois, não carregará consigo dessa maneira a injustiça de seu pai. Se uma coisa for dada ao pai e aos filhos sob condição e apenas pela boa vontade de quem dá, não há injustiça alguma se a todos for retirada porque tal condição não foi cumprida pelo pai a quem

essa coisa era atribuída em favor de todos. Em razão deste facto, não poderá assacar-se nenhuma parcialidade a quem retira nem obrigação alguma a quem dá.

Deus abandonou, pois, os filhos de Adão a si mesmos e à própria natureza, não querendo por razão alguma puni-los com qualquer suplício em razão daquele pecado. Mas também não quis que desfrutassem dos privilégios prometidos sob condição, a partir do momento em que essa condição não foi observada. E para melhor entenderes, admite que Deus tenha criado o homem tal como hoje nasce, é educado e alimentado, paulatinamente se forma no sentir e no pensar e, por fim, receba os mandamentos e a lei, nenhum dom natural lhe haja sido prometido nesta vida. Se esse homem se tornasse doente, se fosse pobre e infeliz, se morresse, que injustiça haveria? Nenhuma, certamente. Deus criou-o tal qual é de sua natureza. Ao vosso actual sofrimento chama-se penas do pecado porque, em razão daquele pacto de Deus, se o homem não tivesse pecado, não teríeis incorrido nelas nem teríeis sido abandonados às naturais condições.

Muito me agrada, disse eu, ouvir estas maravilhas. Registá-las-ei como puder. Mas, meu senhor, revolve-se-me no coração algo que, sendo eu [fl. 31] simples e ignorante, não sei explicar. Diz-se que se só Eva tivesse pecado, os filhos dela nascidos não seriam privados daqueles dons. Pergunto se apenas ela seria despojada. Do mesmo modo, se um dos filhos tivesse pecado, pergunto se privaria desses dons os outros ou deles se privaria pelo menos a si. Porque então uns estariam mortos e outros não, e o género humano estaria dividido em mortal e imortal.

Se apenas Eva tivesse pecado, respondeu o anjo, os seus descendentes não seriam mortais do modo que vós sois hoje. E nem sequer ela. Adão, de facto, havia recebido essa imortalidade para si e para todos os seus descendentes, isto é, tanto para Eva como para todos os filhos, porque a justiça de Adão tinha sido para todos a razão da manutenção desses dons. Do mesmo modo que é presentemente a causa ou o motivo da privação de

tais bens em relação a todos, todos vos teríeis mantido se ele se mantivesse, como todos caístes com a queda dele. O mesmo se diga se algum filho tivesse pecado. Por causa do seu pecado não haveriam os outros de cair.

Meu senhor, disse eu então, parece que qualquer um dos seus filhos, e até Eva, ao pecar, teria perdido a justiça original e, sendo imortais por via dela, ao perdê-la, haveriam de ficar sujeitos à morte.

Inspirou-te Deus para assim duvidares, respondeu. Grande é, de facto, entre vós essa dificuldade. Mas escreve cêlere e guarda diligentemente para ser entregue ao Pastor que há-de vir que, com o seu fino talento, penetrará subtilmente todas essas coisas e ensiná-las-á a todos: A justiça original era uma espécie de qualidade pela qual os homens seriam agradáveis a Deus. E esta, perdida somente em Adão, era motivo para que todos a perdessem, sobretudo na medida em que era sinal da antiga imortalidade. De igual modo, mantendo-se nele, embora deixasse de existir nos outros, de modo algum tornaria o homem sujeito à morte. E digo-te até coisas mais admiráveis. Se Adão tivesse caído noutra maneira que não a de haver comido daquela árvore, nem ele nem os vindouros incorreriam na morte, facto que na realidade assim aconteceu. Eva, na verdade, tinha pecado já de muitas maneiras e tinha, assim, perdido a justiça. E Adão, antes de comer do fruto, tinha já pecado e, assim, também ele havia já perdido a justiça antes de comer. E, contudo, os olhos deles ainda se não tinham aberto, nem se tinham escondido da presença do Senhor, nem se reconheciam nus. Por isso é que, se não tivessem comido, teriam podido chorar aquele pecado ou buscar a Deus com amor mais intenso, e recuperariam a justiça ou graça e seriam nela confirmados de modo que, reavida esta, imediatamente seriam nela confirmados. E, desse modo, ninguém seria condenado porque, se pecasse, esse pecado não se manteria no pecador e, depois da primeira conversão, não lhe permitiria Deus que pecasse mais. Sabe pois, e presta atenção, ignorante de Deus, e escreve (e dizendo isto puxou-me a orelha como fazem os mestres aos alunos que ensinam), pois que Deus, [fl. 32] se Adão não tivesse pecado, deixaria todo o género humano imortal. E, se

outros pecassem, ressurgiriam, e ninguém seria condenado ou sujeito à morte.

Sou ignorante, meu senhor, disse eu, e nunca aprendi ciência alguma. Todavia, com o teu auxílio e, acima de tudo, com o do nosso Deus, restam-me ainda dúvidas sobre o que acabas de dizer. Pois, pecando eles, esse pecado seria transgressão da lei divina e seria, assim, pecado mortal e, certamente, digno de morte, ou temporal, ou eterna ou ambas, não sei, ou por causa dele não incorriam na condenação eterna. Como podiam pecar mortalmente, já que pecar mortalmente é incorrer no castigo da morte eterna?

Assim como actualmente muitos eleitos de Deus pecam mortalmente, respondeu o anjo, e, contudo, não são condenados (embora no que a eles respeita incorram nessa pena, Deus, todavia, preparou os meios pelos quais sejam aliviados, de modo tal que tudo concorra para o bem deles), assim teria sido com aqueles. Agora, porém, atenta bem em que, embora muitos dos vossos considerem que se Adão não tivesse pecado também os outros não pecariam nunca, isso pode, contudo, ser contestado por vós, pois que, antes que Adão pecasse, pecou Eva. Se, porém, Adão não tivesse pecado, pecando Eva, o que acontecesse a Eva, isso mesmo aconteceria aos filhos de Adão e Eva. Ela com certeza que pecou antes do seu marido, e o homem podia não pecar depois de ela ter pecado. E, se o homem não pecasse, a morte não teria entrado no mundo. Que seria então de Eva? Seria atingida por muitas desgraças, mas não seria condenada nem morta. Como seria atingida e como haveria de se converter, di-lo-emos. O mesmo se deve dizer de qualquer um dos filhos.

A vossa morte e a vossa vida estavam exclusivamente na mão de Adão. Dele estavam pendentes o vosso bem e o vosso mal. E embora Deus, se nenhum dos vossos pais tivesse transgredido a ordem, auxiliasse também, muito mais do que hoje, os descendentes a não pecar, de modo a que antes nenhum pecasse do que se sujeitasse ao pecado, poderia, todavia, qualquer um nessa idade pecar, embora talvez Deus o não permitisse se nenhum dos

vossos pais tivesse pecado. Mas, permitido o pecado de Eva antes do pecado de Adão, permitido seria pela mesma razão o pecado de algum filho ou, pelo menos, logo que permitido, não há discordância, seria também punido do mesmo modo que o teria sido o pecado de Eva se apenas ela, sem o homem, tivesse pecado.

Acredito, anjo de Deus, disse eu, que o teu saber tenha dito e explanado tudo quanto intimamente se relaciona com a questão do pecado, questão que me era desconhecida a mim e, talvez, a todos os da minha raça. Mas, visto que alguns dos nossos dizem que o pecado original é a privação da justiça original, com a obrigação de a ter, como teriam eles sido privados da justiça sem sofrerem qualquer condenação?

Ó pobre homenzinho (e o anjo sorriu-se ao falar), sabes o que dizes? Pareces-me a burra da Balaão.

Falo como uma pega, respondi eu, e sem dúvida que não [fl. 33] entendo.

Foi, assim, disposto, disse ele, que estas coisas fossem encaminhadas pelo mais simples dos homens para aquele a quem Deus abrirá o sentimento e a razão, que logo as entenderá e as transcreverá e as divulgará em seu tempo, para que os fiéis se não perturbem no meio de tantas opiniões, mas saibam o que em matéria de fé deve ser observado. Tu querias, pois, dizer que, uma vez que o pecado original é a privação da justiça original, não só Eva fora privada dessa justiça, mas até Adão, antes de todos serdes nele despojados dos dons gratuitos, como a impassibilidade, em certa medida, e a imortalidade, a perpétua segurança e a salvação e a consecução da outra vida. Queres, pois, dizê-lo e não sabes. Direi eu por ti. Uma vez que depois da privação da justiça original nenhum mal acontecia aos filhos, mas só por efeito do acto de comer, antes do qual já a justiça os abandonara, direi que o pecado original não é a privação da justiça original, mas sim o castigo que sobrevém por causa do acto de comer aquele fruto proibido, ou, o pecado original é a perda de muitos dons sobrenaturais por causa da transgressão da ordem de Deus levada a cabo pelo primeiro pai da humanidade. Era isto o que tu pretendias dizer. Digo-te eu, pois tinha sido criada ao mesmo

tempo, já que na criação tinha sido infundida na alma de Adão e de sua esposa uma dupla qualidade. Por uma ligavam-se a Deus e tornavam-se-lhe agradáveis. Esta foi expulsa pelo pecado mortal, qualquer que fosse. A segunda, porém, mantinha-se e não podia ser expulsa por nenhum pecado mortal senão pelo acto de comer da árvore proibida. Acto, afirmo, exclusivo de Adão. Era função desta qualidade mostrar a assistência de Deus, assistência que os protegeria de todos os males e os conservaria incólumes e, ainda, depois da perda daquela primeira qualidade, os impeliria, os incitaria, os desafiaria para o bem e como que os advertiria e os atrairia à necessidade de se reconciliarem com Deus. Eva perdeu aquela primeira qualidade depois de se haver deixado levar pelo orgulho. Do mesmo modo a teriam perdido os filhos se tivessem pecado, mesmo sem o pecado de Adão. A segunda, mesmo Eva a conservou enquanto Adão não comeu. E os filhos, ainda que pecassem, se Adão não tivesse comido esse alimento, tê-la-iam mantido, e pelo seu incitamento haveriam de converter-se e voltar, e depois da conversão haveriam de permanecer para sempre na graça de Deus. Poderia chamar-se às duas qualidades justiça original, porque ambas estiveram na origem e no princípio e como que na raiz do género humano. Mas a privação daquela primeira qualidade não acarretava prejuízo aos outros, contanto que a segunda se mantivesse, visto que a cada um era dada em seu favor e não em favor de outrem. A privação da segunda, porém, acarretava a morte para todos e a rebelião das forças, visto que, deixando aquele sinal de estar presente, abandonaria Deus à sua condição natural as forças inferiores e superiores.

Quando, pois, Adão comeu o alimento proibido, perdeu aquela qualidade para si e para todos os seus filhos, do mesmo modo que em favor de todos a recebera, com a condição de que jamais poderia recuperar esta, mas apenas a primeira, não só ele para si, como cada filho em favor próprio, **[fl. 34]** primeira a que hoje vós chamais graça de Deus e alguns dos vossos chamam caridade. E visto que esta segunda qualidade muitas vezes se chama entre vós justiça original, a privação dela nos filhos chama-se pecado

original. Por isso dizeis que o pecado original é a privação da justiça original, isto é, que estava na origem e na raiz, com a obrigação de a ter. Não que os filhos de Adão estejam obrigados a tê-la, já que ninguém é obrigado ao impossível, mas porque Adão se obrigara perante Deus a conservá-la para si e para os seus filhos, isto é, a não pecar, para que, em razão desse pecado, Deus lha não retirasse. Ele era, pois, devedor por todos os filhos, não por outros, no caso de alguns não terem nascido da descendência do filho e da filha de Adão, como foi Cristo Senhor, e se algum outro não fosse criado por Deus a partir dessa estirpe. É inevitável, pois, que todos os filhos de Adão sejam privados definitivamente e irrecuperavelmente daquela qualidade. Se ele não tivesse comido, tê-la-ia conservado para todos os seus filhos, de tal forma que, mesmo pecando, os filhos jamais a perderiam, mas por intermédio dela rapidamente retornariam ao seu Deus e nem se poderiam obstinar no pecado. Daí que o seu pecado seria como se não fosse pecado, porque de imediato o reconheceriam e de todo o coração voltariam a Deus e, como dissemos, raramente, ou antes, nunca seria achado alguém que pecasse, mas venceria cada um a primeira tentação. Digo apenas que seria possível que algum deles fosse vencido, o qual, se vencido, tornaria desse modo a Deus. Não seria preciso nenhum sacramento ou outra penitência, mas por intermédio de um amor mais intenso recuperaria essa qualidade, isto é, a graça perdida. É este o modo como seriam atingidos.

Digo-te, presta atenção e fica a saber que a privação daquela segunda qualidade que, distinguindo-a vós da graça, designais por justiça original, é mais pena do que culpa. Uma vez, contudo, que nela incorrestes por meio da culpa, pode chamar-se culpa e pecado. Digo, de novo, foi decretado uma vez e firmado por pacto que, perdida aquela qualidade, jamais a recuperaríeis, do mesmo modo que se Adão não tivesse incorrido naquele pecado jamais poderíeis perdê-la. Digo, em terceiro lugar, nenhum sacramento teria sido instituído para a recuperação daquela qualidade, nem era preciso que Cristo viesse como Redentor para recuperá-la. Se, com efeito, foi decretado por Deus em público edito que nunca seria restituída,

para quê perder seu tempo e tentar o impossível? E então? Para que o género humano não fosse excluído da posse da pátria celeste, ele que foi excluído do Paraíso Terrestre e sujeito a doenças, paixões e à morte, [fl. 35] de tal sorte que sobre isso foi lavrada sentença definitiva, Deus, aos que haviam sido privados daquele tão acessível remédio, que era condição e natureza daquela justiça, concedeu outros remédios que seriam mais difíceis e mais penalizantes, como a dor de coração, a confissão, o baptismo, o martírio e outros semelhantes. E estes remédios penalizantes, previstos realmente antes, só depois, como também vós dizeis, surgidos, receberam sua força da pena e da dor de Cristo, Redentor vosso, Príncipe e Rei de todas as criaturas inteligentes. Digo, porém, dos sacramentos do Antigo Testamentos e da lei natural o mesmo que disse dos vossos modernos sacramentos.

Que entendeis então por pecado original? Se entendeis a privação da justiça original, a que chamámos segunda qualidade, então não é preciso tentar a Deus, visto ter ordenado que a ninguém, por mais justo, fosse restituída. Daí que a ninguém mais fosse ela dada, nem aos filhos gerados, nem à humanidade assumida por Cristo, humanidade que, embora não tendo tido essa justiça, nem por isso se pode considerar dela privada, uma vez que Adão a recebera apenas para os filhos nascidos da propagação carnal. E, segundo este entendimento, é forçoso que todos os filhos de Adão nasçam em pecado original, porque todos foram privados dessa justiça e, depois disso, nenhum a possuiu, porque nenhum foi preservado da morte, como se não tivesse morrido ou não viesse a morrer. A isto, porém, não chamais vós pecado original, como realmente o não é, mas é mais pena do primeiro pecado.

Que é então o pecado original? Digo que, enquanto pecado, não é a privação daqueles dons pertencentes ao homem, nem é a privação só da graça, pela qual o homem se unia a Deus, mas é a privação de ambos. O Redentor veio e instituiu os sacramentos, não para que fosse recuperada a justiça original, pela qual éreis considerados imortais, inocentes e

insusceptíveis de pecar, e pela qual, pecando, facilmente podíeis levantar-vos, mas veio para recuperar a graça, a fim de que por ela pudésseis unir-vos a Deus e tornar-vos herdeiros do reino celeste por meio da contrição e dos sacramentos, como disse, de modo que aquele que tem a graça de Deus pareça haver deste outro modo pago a dívida de seu pai e que o pai se não obriga mais por isso, mas se entenda que a obrigação constituída foi anulada.

A primeira qualidade é, pois, recuperada. A segunda não o é nem em si, nem totalmente. Recupera-se, porém, não em si, mas noutra qualidade. Na medida em que era meio de retorno a Deus, foi em seu lugar instituída a penitência, o baptismo e os outros sacramentos e, sobretudo, o mérito de Cristo. Na medida, pois, em que Adão, ao pecar, se privou da vida eterna, pecou mortalmente e obrigou-se à pena eterna. Na medida em que privou os filhos da vida eterna e da herança prometida por Deus, essa mesma privação relativa aos filhos chama-se pecado original, e os filhos consideram-se apenas privados [fl. 36] da herança, mas não obrigados a qualquer pena ou dor interior ou exterior, temporal ou eterna. Daí que nenhum apague em si pela contrição própria ou pela própria dor esse pecado, mas, felizmente, pelo movimento de boa vontade para Deus. Quero, assim, dizer, nem a contrição, nem a pena interior ou exterior são orientadas para a destruição do pecado original. Há alguém que deva ser exortado a arrepender-se daquilo que não cometeu? Muito erram, pois, aqueles que dizem que Deus punirá com o fogo eterno aqueles que morrem só em pecado original. Se, de facto, não estais obrigados, por causa dele, a nenhuma pena temporal, como estareis à eterna? Digo-te que, por causa dele, ninguém deve ser queimado ou atormentado nem no inferno nem no purgatório nem seja onde for, nem experimentará qualquer dor ou qualquer tristeza. Daí que nem propriamente venham a sofrer a pena do dano, pena que acarreta dor e tristeza por causa da privação da glória, mas sofrerão um simples e mero dano, porque apenas a privação dessa glória. Com efeito, como dissemos em parte, o pecado de Adão não alterou a natureza humana em si nem nas suas condições, mas apenas lhe restituiu as condições naturais,

depois de afastadas as sobrenaturais. Como se Deus criasse o homem na pureza da sua natureza, nunca este, por causa disso, alcançaria a bem-aventurança, mas também não sofreria dano algum, e entre este homem assim formado na natureza original e o filho de Adão não tendo senão o pecado original nenhuma diferença existe senão que este, em razão da promessa, podia alcançar a glória, e aquele assim criado nunca poderia porque nunca lhe foi prometida nem a si nem a outro para si, daí que o filho de Adão haja sido mais propriamente privado da bem-aventurança do que aquele. De igual modo se o filho de Adão ainda quiser, e pode querê-lo, conseguirá ser bem-aventurado porque tem remédios que certamente tem possibilidades de procurar, se os conhecer. Aquele outro, mesmo se quisesse e procurasse, em razão da lei comum, não conseguiria porque lhe não foram dados remédios nenhuns. É, portanto, melhor ser filho de Adão do que ser criado na natureza original, no que a este assunto respeita, porque qualquer um destes pode ser bem-aventurado.

Por consequência, Adão, ao pecar, não só se privou daqueles dons gratuitos como também se condenou à morte eterna. Aos filhos espoliou-os apenas da bem-aventurança e daqueles dons de que falámos, mas não os arrastou para o suplício da geena. Fica também a saber que entre a privação da bem-aventurança e da graça, e entre a privação da imortalidade e da incolumidade, e da obediência dos animais e de outras contrariedades, e da sujeição das forças inferiores, havia esta diferença: que, privados assim da bem-aventurança e da graça, **[fl. 37]** se mantiveram, a ponto de poderem, se quisessem, reavê-las. A tal ponto, porém, perderam a imortalidade e a obediência dos animais e tudo aquilo de que falámos que, sem o fulgor da santidade, sem a eficácia da graça, nunca mais poderiam recuperar isso. Daí que Cristo tenha morrido. Não que Adão o tenha privado da imortalidade, mas, porque homem, era de sua natureza mortal. Depois, porque tinha de remir o género humano. Embora fosse Santo, a santidade, contudo, não lhe retirou a mortalidade. Se, todavia, não fosse Santo nem Redentor e tivesse nascido do mesmo modo, seria ainda mortal e, entretanto, Adão não teria

pecado relativamente a ele, porque a nenhum homem prometera Deus a imortalidade senão a Adão e seus filhos, com aquela condição. Do mesmo modo, se algum dos filho de Adão fosse concebido, ainda que cheio de graça, estaria também sujeito à morte e às misérias humanas, uma vez que assim foi estabelecido por um pacto feito entre Deus e o homem e por este não cumprido. Verificada, pois, aquela desobediência e aquela transgressão, ficou estabelecido que todo o homem, filho ou não filho de Adão, ficaria sujeito às condições da sua natureza.

Voltemos à matéria que confusamente apresentámos, porque Deus há-de dar a esse Pastor espírito e inteligência, e ele esclarecerá estas minhas afirmações e dividi-las-á em partes e em capítulos.

O pecado original é a privação da herança eterna prometida por Deus ao primeiro pai, para si e para todos os filhos, se guardasse o seu mandamento e, conseqüentemente, a privação de todos os dons. E, na medida em que esse pecado diz respeito à privação de todos os dons decorrentes da graça e da bem-aventurança, todo o género humano está sujeito ao pecado original, nem nesta vida mortal existe alguém sem ele, e mais, dele se não purifica, nem por qualquer sacramento, nem pelo mérito da Redenção, como já se disse. Foi, todavia, dito que a graça se recupera e se recupera também aquele outro hábito, não em si, nem totalmente, mas apenas na medida em que, por intermédio dele, podia e estava o homem decidido a retornar a Deus para que assim fosse, pois, recuperada a segunda qualidade pelo mérito do Salvador e pela contrição e pelos sacramentos, que têm força pelo seu mérito, sem o qual ninguém da tua raça se poderia salvar.

Portanto, expulso o homem do Paraíso, lugar muito aprazível e muito apropriado à natureza humana, onde há frutos permanentes e sumamente sadios e água mais deliciosa e mais agradável que todo o vinho, onde vivem ainda os homens que Deus para ali transferiu, lugar que é banhado por suaves climas e se situa nas regiões temperadas, na verdade Deus formou-o com todo o zelo, expulso o homem deste lugar e sujeito a trabalhos e canseiras, começaram a nascer homens ignorantes, pequenos e fracos, que

paulatinamente iam desenvolvendo seus membros e paulatinamente iam aumentando a força e todos os dias iam morrendo porque diariamente iam perdendo energias. Com efeito, logo que nasce começa a morrer. Por isso sabiamente se diz entre vós: “A diária decadência da corrupção é um certo prolongar da morte”. E noutro ponto: “E à medida que se cresce, a vida decresce”<sup>[40]</sup>. **[fl. 38]** Vivendo, pois, cada dia, em cada dia morrem os homens. Então nunca morreriam. Deus, com efeito, tinha estabelecido um pacto que, se não provassem daquela árvore, nunca morreriam. Na verdade, em razão da sua natureza podiam morrer, podiam também não morrer, com a protecção de Deus, por causa da inocência, ou antes, da especial obediência. Do mesmo modo, também a mulher pariria os filhos sem dor e, na sua união, sentiriam prazer sem qualquer desregrada concupiscência e gerariam certamente filhos pequenos como agora, filhos que também cresceriam paulatinamente. Mas a cada espírito seria concedido, desde o princípio, o conhecimento, como foi ao de Adão, criadas conjuntamente as circunstâncias e as imagens de tudo, a tal ponto que poderiam compreender as própria coisas sem a via dos sentidos e conheceriam e amariam a Deus desde o princípio e sempre mereceriam algo segundo o que houvesse sido preordenado pela sabedoria de Deus.

Meu senhor, disse eu, ouvi dizer que, se o primeiro pai não tivesse pecado, todos os filhos teriam sido salvos. Gostava de saber se aqueles que hoje se condenam teriam então nascido. E, se sim, então alguns predestinados condenar-se-iam. E se então não tivessem nascido, pareceria que agora nascem para se condenarem, e que ninguém é condenado, uma vez que se Adão não tivesse pecado teria sido salvo, e todos que então tivessem sido salvos também se salvariam agora, e os que agora se condenam não teriam então nascido.

Compreendi o teu desejo, respondeu o anjo, mas ele é para vós difícil ou de todo insolúvel. Podes realmente admirar-te. Se não comendo Adão o alimento proibido tivessem nascido apenas aqueles que agora se salvam, porque é que, por causa do seu pecado, fez que nascessem aqueles que, se

ele se tem mantido, não teriam nascido? O que adiantou a estes terem nascido? E que dano causou o pecado de Adão àqueles que se deviam salvar senão que ficaram sujeitos à morte e às doenças? Os arcanos de Deus são estes segredos de Deus, e estas são as coisas que não podem ser por vós conhecidas. Mas para que de algum modo possais saboreá-las, dou-tas a conhecer e revelo-tas a tí, ou antes, àquele que tantas vezes referi, o qual as receberá bem melhor.

Antes de tudo, quis a vontade divina fazer-se homem e a partir desta mãe. E, um dia, com os anjos já criados, formou depois este mundo sensível para que fossem procriados os homens e chegassem àquele que haveria de unir a si, e aos outros que haveriam de segui-lo. Quis, pois, que os homens fossem feitos e se procriassem e estabeleceu as condições de sua procriação, quanto ao corpo. Firmou um pacto para que todas as vezes que as causas inferiores formassem com o seu concurso um corpo determinado, dotado dos respectivos órgãos, criasse ele também e infundisse a alma. Não se cria, pois, a alma antes do corpo, nem o corpo antes da alma senão materialmente. Logo que o corpo está organizado, infunde-se a alma.

Pensa em cada coisa. Deus, eterno, viu quantos corpos perfeita ou imperfeitamente constituídos lhe proporcionava a natureza e estabeleceu e determinou infundir neles, se estivessem correctamente formados, o mesmo número de almas, que aperfeiçoassem e não corrompessem a obra anterior, querendo apenas para esse tempo [fl. 39] previsto a felicidade de todos. Mas querendo-o com esta condição, se guardassem os seus mandamentos. Reconheceu e viu que o primeiro homem pecaria e perderia para si e para todos os seus filhos o reino do Céu se não fosse por si ajudado com os novos remédios. Viu, na sua sempiterna visão, quantos seriam os que recorreriam a estes remédios e quantos a eles não recorreriam, ou melhor, quantos recorriam aos remédios e quantos a eles não recorriam, pois que vê as realidades futuras como presentes. E, finalmente, predestinou inteiramente aqueles que a eles haviam de recorrer e condenou os outros.

Portanto, primeiro, Deus destina a todos para a vida eterna quando a

todos determina que a alcancem, embora com uma condição e uma cláusula: se tiverem vivido de determinada maneira e tiverem completado seus dias. Segundo, somente aceita aqueles que viu já que guardariam as suas condições e as suas promessas, pelo menos no último desejo. Dou-te um exemplo: Criou Deus o primeiro homem com a intenção de que nunca houvesse de morrer, nem sentisse dor, não simplesmente como se quisesse isso incondicionalmente, mas com um pacto: se não transgredisse a ordem. Reconheceu na eterna mente que o homem não observaria o mandamento de Deus. Não quis que fosse imortal e isento de dor.

Portanto, vós homens estais equivocados relativamente a este problema, porque acreditais que Deus quis desde sempre, definitivamente e sem qualquer condição, que fossem salvos, o que, como te disse noutra lugar, não é verdade. Pelo contrário, Deus, na sua primeira intenção, quis que todos os homens fossem salvos se, todavia, tivessem guardado os mandamentos. Conheceu os que haviam de transgredir, conheceu os que aceitariam os remédios e os que haviam de desprezá-los, como disse. Não penses, pois, que Deus, por assim dizer, haja querido que apenas se salvassem todos aqueles que agora se salvam e nenhuns outros, e que só os que hoje se salvam tivessem nascido naquela circunstância, e nenhuns outros. Porque acrescentaria Deus estes para nascerem filhos da eterna ira, a serem condenados, sobretudo quando se diz que muitos deles tinham vivido em graça e sido amigos de Deus?

Presta bem atenção, padre. Deus vê eternamente tudo. Mas dado que a eternidade é ilimitada, não vê tudo em toda a eternidade. Vê, tu existes agora, mas houve tempos em que não exististe. Deus viu desde toda a eternidade que tu existirias agora, mas não naquele tempo em que ainda não existias. Em suma, Deus determinara salvar, com essa condição, a quantos filhos de Adão viessem a existir, sem escolher especificamente nenhum, mas a todos, em geral, e sem determinar o seu número, mas todos sem distinção e aproximadamente. Tomou depois conhecimento do seu número. Viu que uns respeitariam as condições e outros não. Aceitou aqueles, rejeitou estes.

Digo-te, ninguém nasceu na situação da natureza decaída para ser condenado.

Deus havia prometido, pois, dar a vida, com essa condição, a todos os filhos de Adão. Viu que a condição seria guardada por uns e o não seria por outros. Por fim, deu a sua aprovação àqueles, rejeitou estes. Além disso, ninguém destinado à vida eterna é absolutamente condenado, porque essa predestinação e essa condenação entendem-se em razão do tempo em que um é rejeitado absolutamente e o outro é aceite, o que em geral acontece entre vós homens no fim da vossa vida. Digo mais isto, digno de admiração: **[fl. 40]** ninguém se condena, nem se pode condenar se não estiver predestinado com essa inicial e condicional predestinação. E, todavia, ninguém predestinado com a predestinação absoluta pode condenar-se, a não ser do mesmo modo que também os bem-aventurados se podem condenar. Todos os que agora se condenam, se Adão não tivesse pecado, não só teriam nascido, não há dúvida, mas também um dia seriam verdadeiramente bem-aventurados, não há dúvida. Não é, porém, por causa do pecado de Adão que são condenados, mas pelo pecado próprio, porque pelo pecado de Adão seriam apenas privados da vida eterna. É, contudo, verdade que, se Adão não tivesse comido daquele fruto, nenhum dos que se condenam haveria de ser condenado. Deus, contudo, antes de ter previsto o pecado dele e o pecado próprio dos filhos, não separava uns dos outros, nem deles distinguia o próprio Adão.

Aquele a quem estas coisas são destinadas tudo entenderá correctamente porque Deus, eterno, tudo conhece na eternidade, mas não ao longo de toda a eternidade. Soube sempre, na verdade, que tu falas comigo agora, mas não que sempre tenhas falado comigo, porque isso não é verdade. Do mesmo modo, pois, que o nosso Deus todo poderoso nos criou a nós anjos todos ao mesmo tempo e nos dotou a todos da graça com que pudéssemos ser bem-aventurados, e os anjos condenados estavam destinados à bem-aventurança sob condição, assim também todos os homens, fossem quantos fossem os que viessem a nascer. Mas pensais vós e alguns dos vossos

doutores que Deus na sua primeira intenção quis tornar bem-aventurados este e aquele exclusivamente, mas não outros. Este pensamento deve ser em absoluto removido do coração dos fiéis. Ninguém, digo-to eu, nasce para ser condenado, mas para ser bem-aventurado, não absolutamente, mas sob condição, condição que, se for observada, o tornará bem-aventurado em razão do pacto, não *ex necessitate* ou, como vós dizeis, em razão da potência ordenada, não da absoluta. Também não é verdade que se salvem todos quantos então seriam salvos; pelo contrário, cada um dos que se condenam teria sido salvo então se então nascesse, porque provavelmente nem todos os que agora nascem teriam nascido então e sido bem-aventurados.

Primeiro foi, pois, a concepção geral. Viu-se a transgressão, viu-se a expulsão do Paraíso, viram-se todos quantos haveriam de nascer, viram-se os que aceitariam os remédios. O número dos que haviam de nascer não estava à primeira vista determinado. Mas, vistos todos os pequenos corpos que deviam ser produzidos, reconheceu-se o número total. Vistos os que morreram em bem, reconheceu-se o número dos eleitos. E, todavia, nem por isso predestinado algum se condena. Falo do predestinado em absoluto, não sob condição.

Como já disse, escreve tudo e guarda-o diligentemente a fim que tudo se torne conhecido do povo cristão, para que se não hesite em tão variado número de opiniões.

Deves voltar à tua cela e à tua gruta. Aí te aguardam os teus irmãos, e outros perguntam por ti. Já o papa te mandou buscar por três vezes. Nada disto lhe reveles, diz-lhe só que preste à Mãe de Deus as honras devidas, como já começou a fazer, restaure as igrejas, ponha fim às guerras seculares, olhe pela Igreja, não dedique tanto cuidado à sua carne, não faça guerra aos cristãos, leve ao conhecimento de todos a lei e os mandamentos de Deus.

Vi-me imediatamente na minha gruta, os meus irmãos à porta [fl. 41] a chamar-me.

## Quartus Raptus

Post certo tempore raptus fui<sup>1</sup> in rotam<sup>2</sup> iterum. Et omnibus adorationibus<sup>3</sup> meis factis, querenti mihi de pastore nouo ac eius tempore et aduentu ex precordiis oranti angelus Gabriel apparuit coram omnibus dicens: Iam dicam tibi, quia<sup>4</sup> illud tot precibus meruisti, qui est futurus pastor quem Deus elegit. Nunc est Rome, iuuenculus, pauperculus, incognitus. Sed Dominus cognoscit eum et paulatim prouehit et irrigat<sup>5</sup>. Et in illo, quando iam<sup>6</sup> senex fuerit, ostendet uirtutem sue potentie qui nouit de terra suscitare inopem<sup>7</sup> et de stercore uilitatis et peccatorum erigere pauperem. Eleuabit eum Dominus et subleuabit et a peccatis<sup>8</sup> eruet et purgabit quia non tantum fixit<sup>9</sup> mentem in peccata quin Dei honorem habeat pre oculis et eius Genitrici et Matri<sup>10</sup> suauissime semper mente<sup>11</sup> intendat<sup>12</sup>, cuius memoriam semper gerit in corde et eius salutationem quam ego sibi dedi quando Filium Dei<sup>13</sup> annuntiaui et cognata sua compleuit<sup>14</sup>, quasi semper tenet in ore.

Tunc ego, hilaris factus, exclamaui<sup>15</sup>: Cito ergo hec fient, angele Dei, ex quo iste<sup>16</sup> natus est et creuit?

Respondit<sup>17</sup>: Ideo alias<sup>18</sup>, quando id petebas, subrisi nec tibi dicere uolui ut audius dona Dei inquirereres<sup>19</sup> et perciperes. Nunc dico tibi<sup>20</sup>. Nunc est pastor ille quem scis, cum quo pluries locutus es, multorum bonorum et malorum<sup>21</sup> auctor. Sed bona eius<sup>22</sup> et deuotiones uincunt malitiam. Veniet post illum quem creabit ipse, nec calidus in bono nec frigidus in malo<sup>23</sup>. Homo erit et humana patietur et ut homo conuersabitur. Non<sup>24</sup> tamen supra hominem neque contra hominem aliquid faciet. Ideo Deus eum non derelinquet. Veniet post illum bos cornupeta et taurus non bos, Simon Magus, qui constituet in Templo Dei ementes et uedentes et mensas numulariorum, de quo pauci

---

<sup>1</sup> fui *IJLNOPQV*, sum *M*

<sup>2</sup> rotam *IJLMNOQV*, rota *P*

<sup>3</sup> adorationibus *IJLMNOPV*, orationibus *CQ*

<sup>4</sup> quia *IJLMNOPQ*, quare *V*

<sup>5</sup> prouehit et irrigat *IJLMNOPV*, prouehit et erigit et irrigat *C*, pro est, habet et elegit et irrigat *Q*

<sup>6</sup> iam *om. V*

<sup>7</sup> inopem *CIJLMNOPV*, pauperem *Q*

<sup>8</sup> erigere pauperem. Eleuabit eum Dominus et subleuabit et a peccatis *om. Q*

<sup>9</sup> fixit *JMV*, infixit *CILNOPQ*

<sup>10</sup> Genitrici et Matri *CIJLMNOPV*, Genitricis et Matris *Q*

<sup>11</sup> mente *IJLMNPQ*, mentem *OV*

<sup>12</sup> intendat *IJLMNOPV*, intendit *CQ*

<sup>13</sup> Dei *om. M*

<sup>14</sup> compleuit *IJLMNOPV*, adimpleuit *Q*

<sup>15</sup> exclamaui *IJLMNOV*, exclamans *PQ*

<sup>16</sup> iste *om. Q*

<sup>17</sup> Angelus *add. ILP*

<sup>18</sup> Ideo alias *om. P*

<sup>19</sup> inquirereres *CIJLMOPV*, perquirereres *N*, inquiras *Q*

<sup>20</sup> apertius *add. P*

<sup>21</sup> siue *add. C*, patrator siue *add. Q*

<sup>22</sup> eius *om. CQ*

<sup>23</sup> neque tamen sic tepidus ut euomi mereatur *add. C (M in marg. a.m.) NPQ*

<sup>24</sup> non *IJLMNOP*, neque *Q*, nec *V*

confidere poterunt, cuius temporibus Italia nouo iugo onerabitur<sup>25</sup>. Cadet et non redibit nouorum<sup>26</sup> uicecomitum<sup>27</sup> domus, nec qui ei succedet tamdiu durabit. Prestabit ille<sup>28</sup> toti Italie ruinam<sup>29</sup>. [42] Corruet<sup>30</sup> tempore illo nouum Aragonum<sup>31</sup> regnum<sup>32</sup>. Florentini<sup>33</sup> in aduentu carissimi cuiusdam eorum principis status sui partem perdent<sup>34</sup>. Rixe erunt inter eos et suspiciones<sup>35</sup> et multi timores ita<sup>36</sup> ut ex maioribus et superioribus ciuibus multi aufugient et iterum ingredi desiderabunt et multotiens<sup>37</sup> conabuntur, sed non poterunt nisi prius consummati fuerint et perdent omnia que illorum sunt. Sed, ipsis ingredientibus<sup>38</sup>, paulatim omnia rehabebunt et maiora acquirunt quam umquam habuerunt. Rex liliorum ut fulgur pertransibit et uincet, sine uictoria redibit uixque aufugiet. A quo ductus ab eo seductus, curabit uindictam nec facere poterit. Surget a<sup>39</sup> carceribus rex loco eius, prudentia fretus, promittet multa, faciet pauca, exiget plurima, in spe cuius plurimi peribunt. Ianuenses dominos multos mutabunt<sup>40</sup> et semper sub dominio erunt.<sup>41</sup>

Dabit Deus Simoni Mago benedictionem Esau, suo uero electo pastori benedictionem Iacob. Fuit autem benedictio Esau in rore celi et pinguidine terre, sicut erit et<sup>42</sup> illius. Erit enim<sup>43</sup> robore fortis et corpore sanus et ingenio uiuax. Et quod<sup>44</sup> desiderabit dabitur

---

<sup>25</sup> Succedet ouis lunata qui eius comparatione putabitur agnus. Erit quasi non fuerit. Redibit qui nunc est sub alio nomine qui non mentietur. Huius facta maiori fauore ampliabit. Qui cum rugitu sequenti uiam preparabit ad tempora felicia. Et hic est uelamen, non dico tibi omnia. *add. C (M in marg. a.m.) QV*

Boui succedet ouis lunata quod eius comparatione putabitur agnus. Erit quasi non fuerit. Redibit qui nunc est sub alio nomine qui non mentietur. Huius facta maiori fauore ampliabit. Qui cum rugitu sequenti uiam preparabit ad tempora felicia. Et hic est uelamen, non dico tibi omnia. *add. P (in marg. a.m.)*

Post illum ueniet remissus qui non displicebit. Sequetur ardens sed potius ad malum, quem sequetur ouis et quasi non sequetur ouis. Sequentis autem uox cum rugitu sequente per totum mundum audietur, longe lateque dilatabitur. Superna miseratione caliginem et terram et nigras nubes effugabit, homo initium annorum felicium. *add. V*

<sup>26</sup> nouorum *IJLMNOQV*, noua *P*

<sup>27</sup> uicecomitum *IJLMNOPV*, comitum *CQ*

<sup>28</sup> ille *om. Q*

<sup>29</sup> ruinam *IJLMNOQV*, minam *P*

<sup>30</sup> in *add. V*

<sup>31</sup> nouum Aragonum *IJLMNOV*, nouorum Aragonum *P*, noui Aragoni *CQ*

<sup>32</sup> Resurgere uidebitur sed iterum cadet. *add. C (M in marg. a.m.) OQ*

et cum resurgere uidebitur iterum cadet *add. N*

<sup>33</sup> Florentini *IJLMNOPV*, Florentem *Q*

<sup>34</sup> perdent *IJLMNOPV*, perdet *Q*

<sup>35</sup> suspiciones *LMOPV*, suspitiones *IJ*, suspitiones *NQ*

<sup>36</sup> ita *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>37</sup> multotiens *om. V*

<sup>38</sup> ingredientibus *IJLMNOPV*, egredientibus *Q*

<sup>39</sup> a *JMNOPQV*, ex *IL*

<sup>40</sup> mutabunt *IJLMOPV*, mutabit *NQ*

<sup>41</sup> *4.or lineae retro cancellatae in alio exemplari habentur ubi est hoc signum \* , add. C.*

Boui succedet ouis lunata qui eius comparatione putabitur agnus. Erit quasi non fuerit. Redibit qui nunc est sub alio nomine quod non mentietur. Huius facta maiori fauore ampliabit. Qui cum rugitu sequenti uiam preparabit ad tempora felicia. Et hic est uelamen, non dico tibi omnia. *add. P (in marg. a.m.)*,

Succedet ouis lunata qui eius comparatione putabitur agnus. Erit quasi non fuerit. Redibit qui nunc est sub alio nomine quod non mentietur. Huius facta maiori fauore ampliabit. Qui cum rugitu sequente uiam preparabit ad tempora felicia. Hic est uelamen, non dico tibi omnia. Post istum ueniet remissus, non displicebit. Sequetur ardens sed potius ad malum suis et quasi non sequitur. Sequentis autem uox cum rugitu sequente per totum audietur, longe lateque dilatabitur. Superna miseratione caliginem et eteream et nigras nubes effugabit. Hic initium annorum felicium. *add. J (in alio folio)*

<sup>42</sup> et *ILMNOPQV*, illa *J*

<sup>43</sup> enim *om. JLQ*

<sup>44</sup> quod *IJMNOPQV*, que *L*

ei ut satiet appetitum suum mundana, aurum<sup>45</sup> que est benedictio de rore celi. Erit enim<sup>46</sup> habens thesauros multos, que est<sup>47</sup> benedictio de pinguedine terre. Terrena cogitabit et faciet, in illisque mens eius uersabitur. Suisque consanguineis ab eo nominatis et electis<sup>48</sup> distribuet bona Ecclesie que nunquam sibi deficient<sup>49</sup>. Subditos<sup>50</sup> opprimet onere insuportabili<sup>51</sup>. Tandem propter ualde execrabiles<sup>52</sup> abominationes, iniquitates et scelera et peccata, in aduentu<sup>53</sup> regum in Italiam de sede<sup>54</sup> deponetur, quia uox sanguinis clamat contra eum et manus eius pollute<sup>55</sup> sunt sanguine. Tamen thesauris<sup>56</sup> Ecclesie<sup>57</sup> potietur et gaudebit<sup>58</sup>.

Pastor quem Deus amat et elegit<sup>59</sup> intrabit in Templum et eiciet foras ementes et uendentes et mensas numulariorum euertet et sanctificabit Templum, purgabit et reformabit Ecclesiam. Et omnes admirabuntur et stupebunt. Benedicetur benedictione Iacob, quia erit primogenitus filius<sup>60</sup> Ecclesie et legitimus uerusque uicarius Christi. Imitabitur<sup>61</sup> enim eum uerbo et exemplo, purgabit mundum cunctis erroribus, docebit omnes que sunt adhuc<sup>62</sup> abscondita:

De angelorum creatione et uia<sup>63</sup>; quantum fluxit temporis<sup>64</sup> ab eorum creatione usque ad benedictionem et casum; qua die et quo monticulo uel loco<sup>65</sup> Adam fuerit<sup>66</sup> formatus<sup>67</sup>; qua die in paradisu translatus; quando et ubi et qualiter mulier fuerit<sup>68</sup> creata; qualiter multotiens, a serpente temptata, ipsum uirum temptauit; de<sup>69</sup> Verbi incarnatione; de uera deitate<sup>70</sup> et humanitate Christi; de gloria paradisi; de celi empyrii amenissimo situ; de conceptione admirabilis Matris Dei Marie; [43] de illis<sup>71</sup> que fecit<sup>72</sup> Christus a duodecimo anno usque ad trigesimum; de assumptione eiusdem Virginis<sup>73</sup> et

<sup>45</sup> mundana, aurum *JMV*, mundana aura *LNO PQ*, mundana aure *I*

<sup>46</sup> enim *om. LOQV*

etiam *add. OQ*

<sup>47</sup> est *IJLMPQV*, erit *NO*

<sup>48</sup> electis *ILMNOPQV*, elatis *J*

<sup>49</sup> deficient *ILMNOPQV*, deficerent *J*

<sup>50</sup> Subditos *IJL MNOPQ*, Subdito *V*

<sup>51</sup> insuportabili *IJMNOPV*, intolerabili *L*, insuperabile *Q*

<sup>52</sup> et *add. JV*

<sup>53</sup> aduentu *ILMNOPQV*, additu *J (in marg. a. m. aduentu)*

<sup>54</sup> inesperata morte *add. Q*

per diram mortem *add. M (in marg. a. m.) N*

<sup>55</sup> pollute *IJL MNOPQ*, plene *V*

<sup>56</sup> thesauris *JL MNOPQ*, thesauros *IV*

<sup>57</sup> Ecclesie *om. V*

<sup>58</sup> potietur et gaudebit *IJLMPV*, potietur et gaudebit ipse et ipsius sequentes sibi similes *N*, potientur ipse

et sequentes eum sibi consimiles *OQ*

<sup>59</sup> quando ueniet ipse et ipsum sequentes sibi consimiles *add. M (in marg. a. m.) Q*

quando ueniet *add. NO*

<sup>60</sup> filius *om. Q*

<sup>61</sup> Imitabitur *JMPQ*, Imitabit *LNOV*

<sup>62</sup> adhuc *om. Q*

<sup>63</sup> uia *IJL MNOPQ*, ruina *V*

<sup>64</sup> temporis *IJL MNOPV*, tempus *Q*

<sup>65</sup> uel loco *om. Q*

<sup>66</sup> fuerit *IJL MOPQV*, fuit *N*

<sup>67</sup> formatus *JMNOPQV*, plasmatus *IL*

<sup>68</sup> fuerit *IJL MOPQV*, fuit *N*

<sup>69</sup> de *IJL MOPQV*, Dei *N*

<sup>70</sup> de uera deitate *om. P*

<sup>71</sup> illis *IJL MNOPV*, eis *Q*

<sup>72</sup> Iesus *add. N*

<sup>73</sup> in celum *add. Q*

quod nullus<sup>74</sup> est ibi in<sup>75</sup> corpore preter Christum et Matrem eius Mariam; de sermonibus<sup>76</sup> Domini in Templo et sinagogis ad phariseos et plebem factis; de sermone Ioannis<sup>77</sup> Baptiste ad Herodem; de his<sup>78</sup> que in carcere fecit et docuit; de Trinitate illa singulari<sup>79</sup> et de sacramento<sup>80</sup> corporis et sanguinis Domini, et alia multa<sup>81</sup> in hoc libro scripta<sup>82</sup> a me iterum manifestanda.

Tunc ego, auditis tot mirandis<sup>83</sup> ac agnoscendo quod iam erat natus et educatus et a Deo preseruatus<sup>84</sup> longo tempore antequam assumatur<sup>85</sup>, gauisus fui<sup>86</sup> ualde et quasi<sup>87</sup> sperans<sup>88</sup> uidere illum diebus meis, dixi: Domine mi, uidebo, ut spero, istum<sup>89</sup> electum Dei? Non<sup>90</sup> sum<sup>91</sup> tam senex quod eum<sup>92</sup> uidere non possim.

Respondit angelus: Iam<sup>93</sup> uidisti<sup>94</sup>, sed non cognouisti<sup>95</sup>. Non latitat nec est absconditus in cauernis sicut tu. Neque ipse<sup>96</sup> de hoc cogitat. Deus pro illo cogitat. Et quando uidebitur alienus tunc erit proximus, quando uidebitur prope<sup>97</sup> erit longe et quando longe tunc erit prope. Oportet impleri que dico. Non quia dico, sed quia<sup>98</sup> Deus<sup>99</sup> ita uoluit<sup>100</sup>, ita decreuit, statuit et firmavit.

Tunc ego: Domine mi, monticulus ille in quo Adam creatus est, ubi est uel quid significat?

Respondit ille: Nunquam tam acute me interrogasti, quia duo quesuisti. Primo, ubi est monticulus ille, si debet intelligi de aliquo monte terreno. Secundo, si monticulus non sit<sup>101</sup> aliquid<sup>102</sup> terrenum, quid ergo significat? Hoc tu queris, hoc scire cupis. Ad quod<sup>103</sup> dico tibi quod monticulus ille uere est terrenus, in quo et de cuius pulueribus nos formauimus corpus patris uestri, Deo auxiliante ubi nostra uirtus deficiebat. Et ille<sup>104</sup> dictus est monticulus respectu uirginei montis de quo abscissus est lapis sine manibus qui<sup>105</sup> etiam mons magnus factus est. Et mons magnus<sup>106</sup> est celum empyrium

---

<sup>74</sup> alius *add. IL*

<sup>75</sup> in *om. Q*

<sup>76</sup> sermonibus *IJLMNOP*, sermone *QV*

<sup>77</sup> Ioannis *om. Q*

<sup>78</sup> his *IJLMNOPV*, iis *Q*

<sup>79</sup> singulari *MNQ*, singularia *IJLOPV*

<sup>80</sup> sacramento *IJLMNOPV*, sacramentis *Q*

<sup>81</sup> et alia multa *om. N*

<sup>82</sup> scripta et *add. M (sup. lin.a.m.)*

<sup>83</sup> mirandis *JMNOPV*, miraculis *ILP*

<sup>84</sup> preseruatus *IJLNOPQV*, preseruandus *M*

<sup>85</sup> assumatur *IJLMNOV*, assumeretur *PQ*

<sup>86</sup> fui *IJLMOPQV*, sum *N*

<sup>87</sup> quasi *IJLMNOQV*, quia *P*

<sup>88</sup> sperans *IJLMNOPQ*, speram *V*

<sup>89</sup> istum *JMNOPQV*, illum *IL*

<sup>90</sup> Non *IJMNOQ*, Nam *LV*

<sup>91</sup> enim *add. IL*

<sup>92</sup> eum *IJMNOQV*, illum *L*

<sup>93</sup> Iam *IJMNOQV*, Eum *L*

<sup>94</sup> in imagine *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>95</sup> cognouisti *ILMNPO*, agnouisti *JOV*

<sup>96</sup> ipse *om. V*

<sup>97</sup> tunc *add. O*

<sup>98</sup> quia *IJLMNOPQ*, quare *V*

<sup>99</sup> noster *add. L*

<sup>100</sup> uoluit *JLMNOPQV*, uult *I*

<sup>101</sup> sit *IJLMNOPV*, est *Q*

<sup>102</sup> aliquid *IJLMNOQV*, aliquod *P*

<sup>103</sup> quod *IJLMNOPV*, hoc *Q*

<sup>104</sup> ille *om. V*

<sup>105</sup> qui *IJLMNOPV*, et *Q*

a uobis uocatum, in quo boni sequuntur Agnum quocumque ierit. In monte Dominus transfiguratus est, in monte satiauit de quinque panibus tantam multitudinem, in monte conceptus est, in monte orauit, in monte cenam fecit, in monte captus, in monte crucifixus, in monte ad<sup>107</sup> celum assumptus<sup>108</sup>, supra montem<sup>109</sup>, cum ad iudicandum<sup>110</sup> uenerit<sup>111</sup>, stabunt pedes eius. In monte pater uester Franciscus natus est, in monte stigmatibus cum clauis in manibus et pedibus insignitus admirabili modo Domini Saluatoris passionem renouauit, quod<sup>112</sup> fuit precipuum<sup>113</sup> et singulare atque inauditum donum. In monte<sup>114</sup> futurus pastor, quem sibi<sup>115</sup> Dominus<sup>116</sup> elegit, natus est, qui montem Syon uidelicet Ecclesiam [44] Christi in auram<sup>117</sup> montium eriget et de nebulis atque caligine tenebrarum ereptam<sup>118</sup> illustrabit, cuius splendor ex tunc<sup>119</sup> perpetuus erit. O beatos<sup>120</sup> uos qui hec uidebitis! Tu quidem uides<sup>121</sup> nunc in imagine<sup>122</sup>, alii uidebunt in specie<sup>123</sup>.

Tunc ego: Oh! si dignus essem<sup>124</sup> uidere istum pauperculum et incognitum<sup>125</sup> per quem Deus tot et tanta facturus est!

Dixit angelus: Iam uidisti eum<sup>126</sup>, sed non<sup>127</sup> in maiestate illa. Est enim nunc sicut granum frumenti in terra mortuum de quo talia, usque ad tempus illud in quo subito sublimabitur, cogitare nemo poterit. Sed ut uotis tuis satisfaciam, illum quem Rome etiam pluries uidisti, nunc absentem<sup>128</sup> tibi ostendo in similitudine<sup>129</sup>.

Et ostendit mihi eum iuenculum et uisum est mihi quod<sup>130</sup> impossibile esset per illum tot fieri, nisi quia credidi sermoni angeli loquentis. Et recordatus sum cuiusdam dicti Scripture dicentis: "Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahe". Dixique<sup>131</sup>: Non sunt homines qui talia faciunt<sup>132</sup>, sed tu, Deus, facis omnia. Nos sumus quedam ualde remota instrumenta.

Dixit uero angelus: Ecce dedi tibi faciem eius, obserua et custodi eam. Antequam ipse redeat Romam, tu Mediolanum accedes et ibi diem<sup>133</sup> extremum claudes. Relinque

---

<sup>106</sup> factus *add. IL*

<sup>107</sup> ad *om. JV*

<sup>108</sup> assumptus *JMNOQV*, ascendit *ILP*

<sup>109</sup> supra montem *M*, super montem *ILNOP*, in monte *JQV*

<sup>110</sup> iudicandum *JLMNOPQV*, iudicium *I*

<sup>111</sup> uenerit *IJLMNOPQ*, aduenerit *V*

<sup>112</sup> quod *IJLMNOPQ*, quia *V*

<sup>113</sup> precipuum *IJLMNOPV*, priuilegium *Q*

<sup>114</sup> etiam *add. J(M sup. lin. a.m.) NOQ*

<sup>115</sup> sibi *om. Q*

<sup>116</sup> Dominus *IJLMNOPV*, Deus *Q*

<sup>117</sup> alias uerticem *add. M (in. marg. a.m.) OQ*

<sup>118</sup> ereptam *IJLMNPV*, ellectam *OQ*

<sup>119</sup> ex tunc *om. V*

<sup>120</sup> beatos *IJLMNPV*, beati *OQ*

<sup>121</sup> uides *om. V*

<sup>122</sup> in imagine *IJLMNOQ*, imaginem *PV*

<sup>123</sup> in specie *IJLMNOPQ*, in spem *V*

<sup>124</sup> essem *IJMNOPQV*, esset *L*

<sup>125</sup> et incognitum *om. Q*

<sup>126</sup> eum *IJLMNPQV*, illum *O*

<sup>127</sup> cognouisti *add. ILV*

<sup>128</sup> ipsum *add. O*

<sup>129</sup> similitudine *ILMNOPQV*, similitudinem *J*

<sup>130</sup> quod *IJMOPQV*, quasi *L*, *om. N*

<sup>131</sup> Dixique *IJMOPQ*, Dixitque *LNV*

<sup>132</sup> faciunt *IJLMOPQV*, agunt *N*

<sup>133</sup> ibi diem *IJLMNOPQ*, ibidem *V*

imaginem hanc una<sup>134</sup> cum libro Rome et ex parte Dei precipe sub pena mortis ut nullus librum aperiat<sup>135</sup> usquequo<sup>136</sup> Domino placuerit ut paulatim in lucem ueniant occulta et arcana Dei. Si quis uero ante illud tempus aperire librum presumpserit<sup>137</sup>, dabit debitas penas. Intus uero secundum quod fuerit inuentus iudicabitur.

Postmodum uero<sup>138</sup>, quia fecerat mentionem de celo empyrio tamquam de<sup>139</sup> futuro hominum habitaculo et iam multa dicta fuerant de peccato originali, tunc iterum<sup>140</sup> ego inquirere cepi:

Domine mi, de peccato originali<sup>141</sup> multa dixisti que non bene capio et controuersiam illam que hodie multa scandala generat rogo ut absoluas utrum<sup>142</sup> Mater Domini nostri Iesu Christi illud<sup>143</sup> habuerit peccatum et contraxerit, deinde quomodo illud celum empyrium sit congruum et conueniens hominibus habitaculum, quomodo ibi animalia terrena et aere<sup>144</sup> atque aliis elementis indigentia uiuere poterunt?

Respondit angelus et dixit: De peccato originali uestri doctores uarie locuti sunt. Quidam enim illud reatum solum esse<sup>145</sup> crediderunt uidelicet exheredationem seu priuationem<sup>146</sup> patrie superne seu uite eterne et nihil aliud. Alii uero quamdam qualitatem morbidam seu rebellionem carnis aut legem membrorum aut fomitem<sup>147</sup> uario modo et diuersis<sup>148</sup> uocabulis idem<sup>149</sup> declarantes. Alii dixerunt illud esse concupiscentiam quamdam seminatum in omnibus<sup>150</sup> concupiscibiliter seminatis<sup>151</sup>. Alii postmodum<sup>152</sup> acutius inuestigantes dixerunt illud esse priuationem iustitie originalis cum debito habendi eam<sup>153</sup>. Sed ne tot opinionibus fideles uersentur<sup>154</sup>, ego tibi multa alias<sup>155</sup> dixi, sed non ad plenum adhuc. Audi nunc que tibi dico [45] et conscribe<sup>156</sup> distinctius<sup>157</sup>, nam ea que alias dixi ualde confuse scripsisti et multotiens repetisti. Audi nunc et menti imprime ut conscribantur<sup>158</sup> recte et nullus sit defectus in dictis aut scriptis. Illud quod in uobis dicitur peccatum originale, in Adam fuit peccatum actuale. Ipse enim comedit et preuaricatus est mandatum Dei. Preuaricatio<sup>159</sup> mandati et comestio preteriit. Facta est et reuocari non potest. Sed occasione talis preuaricationis Adam reatum incurrit, quia ad eternum supplicium obligatus<sup>160</sup> fuit et hereditate siue<sup>161</sup>

---

<sup>134</sup> una *om. Q*

<sup>135</sup> aperiat *IJLNOPQV*, aperiet *M*

<sup>136</sup> usquequo *IJLMNOPQ*, usque *V*

<sup>137</sup> presumpserit *IJLMNOQV*, presumerit *P*

<sup>138</sup> uero *om. ILP*

<sup>139</sup> de *om. L*

<sup>140</sup> tunc iterum *JMNOQV*, iterum *IL*, tunc *P*

<sup>141</sup> tunc iterum ego inquirere cepi: "Domine mi, de peccato originali *om. O*

<sup>142</sup> utrum *IJMNOV*, uidelicet *LQ*, *om. V*

<sup>143</sup> illud *add. M (in marg. a.m.)*

<sup>144</sup> aere *IJLMNOPQ*, aerea *V*

<sup>145</sup> esse *ILMNOPQV*, est et *J*

<sup>146</sup> exheredationem seu priuationem *IJLMNPQ*, ex heredatione seu priuatione *OV*

<sup>147</sup> fomitem *IJLMNOPQ*, formitem *V*

<sup>148</sup> diuersis *IJLMONPV*, aduersis *Q*

<sup>149</sup> idem *IJLMNOPV*, illud *Q*

<sup>150</sup> omnibus *IJLMNOPV*, hominibus *Q*

<sup>151</sup> seminatis *om. P*

<sup>152</sup> postmodum *M*, postremo *IJLNPQV*

<sup>153</sup> Sed que sit iustitia illa statim dicemus *add. M (in marg. a.m.) NOQ*

<sup>154</sup> uersentur *IJLMNPQV*, uexentur *O*

<sup>155</sup> alias *ILMNOPQV*, alia *J*

<sup>156</sup> et conscribe *IJLMNOQ*, cribe *VP*

<sup>157</sup> distinctius *ILMNQ*, distinctim *JP*, distincte *OV*

<sup>158</sup> conscribantur *IJLMNOV*, scribantur *PQ*

<sup>159</sup> Preuaricatio *IJLMNOPV*, Priuatio *Q*

<sup>160</sup> obligatus *IJLNOQV*, obligatum *M*

beatitudine priuatus. Priuatus etiam fuit immortalitate et impassibilitate<sup>162</sup> illius<sup>163</sup> temporis, priuatus et tranquillitate quam habebat in imperando<sup>164</sup> uiribus inferioribus et creaturarum obedientia, erroribus multis subiectus, ad malum pronus et procliuior<sup>165</sup> factus. Sed nullum<sup>166</sup> istorum fuit culpa, sed potius reatus uel pena. Ultra tales reatus et tales penas Adam ipse, propter esum illum<sup>167</sup>, fuit priuatus duplici qualitate in anima existente, illa uidelicet<sup>168</sup> qua Deo uniebatur et coniungebatur et alia qua<sup>169</sup> tranquille imperabat uiribus inferioribus cuius medio, amissa qualitate coniungente Deo, poterat<sup>170</sup> iterum eam<sup>171</sup> recuperare sine appositione alterius remedii. Hec fuerunt mala in que<sup>172</sup> cecidit Adam pater uester. Nota<sup>173</sup> ergo quod, capiendo peccatum pro illa preuaricatione<sup>174</sup> mandati, ipse solus cum sua uxore Eua preuaricatus est et nullus<sup>175</sup> peccatum illud<sup>176</sup> commisit. Capiendo etiam peccatum pro illo reatu ad supplicium eternum propter transgressionem obligante<sup>177</sup>, nullus filiorum ad illud propter esum illum<sup>178</sup> fuit obligatus, sed solum ipsi<sup>179</sup> duo parentes uestri. Si tamen peccatum dixeritis priuationem beatitudinis, immortalitatis, impassibilitatis, tranquillitatis, subiectionem<sup>180</sup> erroribus et aliis penis quas per<sup>181</sup> esum incurristis uos non ipse<sup>182</sup>, hoc peccatum pertransiuit<sup>183</sup> in omnes concupiscibiliter procreatos sententia diuina. Et potest dici originale eo quod talem originem habentibus infligatur<sup>184</sup> propter originantis primi transgressionem. Et hoc<sup>185</sup> proprie non est culpa, quamuis et illud culpa dici possit et macula. Sed proprie culpa que in anima, transeunte actu peccati, remanet, est elongatio a Deo, que nihil aliud est quam priuatio gratie Dei siue qualitatis Deo coniungentis Deoque<sup>186</sup> gratum habentem facientis. Et illa est macula, illa fetor spiritualis, illa contaminatio, illa anime morbus et langor. Et quamuis Adam et Eua ante illum esum per interiorem elationem<sup>187</sup> et per<sup>188</sup> consensum expressum talem qualitatem amisissent<sup>189</sup>,

<sup>161</sup> siue *IJLMNOP*, seu *Q*, sine *V*

<sup>162</sup> priuatus, priuatus etiam fuit, immortalitate et impassibilitate *om. V*

<sup>163</sup> illius *JLMNOPQV*, huius *I*

<sup>164</sup> in imperando *ILMNO*, in paradiso *JPV*, imperando *Q*

<sup>165</sup> procliuior *IMNOPV*, procliuius *LQ*

<sup>166</sup> nullum *IJLMNOPQ*, nullus *V*

<sup>167</sup> illum *IJLMOPV*, talem *NQ*

<sup>168</sup> uidelicet *om. LV*

<sup>169</sup> tam *add. V*

<sup>170</sup> amissa qualitate coniungente Deo, poterat *ILNOPQ*, amissa qualitate, coniungere Deo poterat *JMV*

<sup>171</sup> eam *JLMNOPQV*, illam *I*

<sup>172</sup> que *IJLMNOPQ*, quibus *V*

<sup>173</sup> Nota *IJLMOPQV*, Non *N*

<sup>174</sup> et *add. M*

<sup>175</sup> nullus *ILMNOP* (*Q add. alius*) *V*, alium *J*

<sup>176</sup> illud *om. Q*

<sup>177</sup> obligante *JMNOQV*, obligantem *ILP*

<sup>178</sup> esum illum *IJLMOPV*, esum ligni *N*, transgreionem *Q*

<sup>179</sup> ipsi *IJLMNOPV*, illi *Q*

<sup>180</sup> subiectionem *JOV*, subiectionis *ILMNPQ*,

<sup>181</sup> per *JMNOPQV*, propter *IL*

<sup>182</sup> ipse *JLMNOPQV*, ipsi *I*

<sup>183</sup> quas per esum incurristis uos, non ipse, hoc peccatum pertransiuit *IJMP*, quas per esum incurristis uos, nonne ipsum hoc peccatum pertransiuit *OP*, quas per esum incurristis uos, non ipsi, hoc peccatum pertransiuit *L*, quas per esum incurristis uos, non ipsum hoc peccatum pertransiuit *N*, quas per esum incurristis uos, nonne hoc peccatum pertransiuit *Q*

<sup>184</sup> infligatur *JLMNPV*, inligatur *O*, infligitur *Q*

<sup>185</sup> Et hoc *IJMNPQ*, Sed hoc *LO*, Sed *V*

<sup>186</sup> Deoque *IJLMNOPV*, Deumque *Q*

<sup>187</sup> elationem *IJMNPQ*, eleuationem *LV*

<sup>188</sup> per *IJLNOPQV*, propter *M*

<sup>189</sup> amisissent *JLMNOPQV*, amiserat *I*

tamen etiam<sup>190</sup> esu illo eam amissam amiserunt<sup>191</sup> sic quia<sup>192</sup>, si<sup>193</sup> habuissent, digni erant amittere et amisissent. Et hoc modo, postquam perpetrato crimine<sup>194</sup>, gratia amissa est. Sequentibus quoque criminibus amittitur. Quando enim dignus est quis amittere quod amisit, iterum illud<sup>195</sup> amittere uidetur.

Culpa ergo [46] et macula est amissio gratie,<sup>196</sup> elongatio a Deo et dissimilitudo Dei. Et hec macula<sup>197</sup> remansit in omnibus filiis Ade ex<sup>198</sup> propagatione natis decreto et lege communi. Quam maculam Adam ante esum illum<sup>199</sup> habuit. Sed filii non habuissent nisi<sup>200</sup> esus ille precessisset. Sed, eo comedente<sup>201</sup>, decreto firmatum fuit ut omnes essetis filii ire et inimici non autem amici, disiuncti et non coniuncti nisi, remedio adhibito, iterum coniungeremini. Remedia nota sunt: merita<sup>202</sup> Christi et motus uoluntatis in Deum aut sacramenti susceptio uel utrumque, de quo alias locuti sumus<sup>203</sup>. Priuatio autem secunde qualitatis, qua tranquille<sup>204</sup> uixisset homo et qua facile ad Deum reuersus fuisset, non ita proprie est culpa aut macula. Tamen aliquomodo et ipsa pertinet ad peccatum originale, quia per<sup>205</sup> esum illum<sup>206</sup> incidistis in talem priuationem. Et ita intellige que alias tibi dixi et ita<sup>207</sup> nimis confuse<sup>208</sup> scripsisti.

Qui ergo peccatum originale solum reatum quo obnoxii pene et illius que anime et illius que corporis est<sup>209</sup> facti sunt homines,<sup>210</sup> illi non discernunt inter reatum et culpam aut maculam, sed reatum ipsum<sup>211</sup> culpam et maculam credunt<sup>212</sup>. Qui uero illud peccatum uocant legem carnis uel tyrannum membrorum non uidentur ab illis primis differre<sup>213</sup> nisi quia primi uidentur reatum in quem homines ceciderunt propter<sup>214</sup> esum illum uocare<sup>215</sup> peccatum originale, illi<sup>216</sup> autem<sup>217</sup> solum<sup>218</sup> legem carnis et fomitem. Qui fomes est pena quedam quam propter<sup>219</sup> esum incurristis, nam et tranquillitatem

<sup>190</sup> etiam *JMOPQV*, si iam *I*, si *L*, om. *N*

<sup>191</sup> amiserunt *JMNOPQV*, miserint *I*, amisissent *L*

<sup>192</sup> quia *IJLNOQV*, quod *M*

<sup>193</sup> eam *add. Q*

<sup>194</sup> crimine *IJLMNOPV*, peccato *Q*

<sup>195</sup> illud om. *JV*

<sup>196</sup> Culpa ergo et macula est amissio gratie *JLMNOPQ*, Amissio ergo gratie est culpa et macula *I*, langor *add. Q*

<sup>197</sup> est amissio gratie, elongatio a Deo et dissimilitudo Dei. Et hec macula om. *V*

<sup>198</sup> ex om. *V*

<sup>199</sup> illum *add. M (sup.lin.a.m.)*, om. *P*

<sup>200</sup> si *add. IPV*

<sup>201</sup> eo comedente *IJLMNOPV*, eo mediante *Q*

<sup>202</sup> merita *IJLMOPQV*, mors *N*

<sup>203</sup> Peccatum ergo originale est priuatio gratie et glorie pro liberis seu descendentibus seminaliter (seminum aliter *MNO*) a patre accepte. Si ergo talis habitus sic stipiti pro futuris surculis (seculis *P*) insertus dicatur iustitia originalis, recta est definitio illa (illa om. *Q*) *add. M(in marg. a.m.) NOPQ*

<sup>204</sup> tranquille *IJLMNOPV*, tranquillitate *Q*

<sup>205</sup> per *JMNOPQV*, propter *L*

<sup>206</sup> ligni *add. Q*

<sup>207</sup> ita *JMV*, tu *ILNOPQ*

<sup>208</sup> ea *add. O*

<sup>209</sup> est om. *P*

<sup>210</sup> putant *add. OPQ*

<sup>211</sup> ipsum *IJLMNOPQ*, peccatum *V*

<sup>212</sup> credunt *JMNOPQV*, putant *IL*

<sup>213</sup> differre *JMNOPQV*, dissentire *IL*

<sup>214</sup> propter *JLMNOPQ*, per *V*

<sup>215</sup> uocare *IJLMNOPV*, uocari *Q*

<sup>216</sup> illi *JMNOPQ*, alii *ILV*

<sup>217</sup> autem om. *IN*

<sup>218</sup> solum *JPQV*, solam *IL(M sup.ras.)NO*

<sup>219</sup> propter *IJLMNOPV*, per *Q*

amisistis illam et repugnantiam carnis contra spiritum concupiscentis<sup>220</sup> incidistis. Que carnis seu sensuum rationi repugnantia<sup>221</sup> pena est potius quam culpa uel quam reatus. Qui autem illud peccatum dicunt esse concupiscentiam<sup>222</sup>, si<sup>223</sup> intelligunt per eam pronitatem carnis rationi resistentis ad malum, tunc non differunt a secundis. Si autem ipsius anime pronitatem ad condelectandum sensui<sup>224</sup> ita quod talis sit in uoluntate non in sensu, illa etiam erit<sup>225</sup> pena que consequitur uoluntatem priuatam illa secunda qualitate, de qua<sup>226</sup> sepe diximus. Qui autem illud ponunt esse priuationem iustitie originalis, hi propinquissime<sup>227</sup> accedunt ad rationem culpe, intelligendo per iustitiam originalem qualitatem primam coniungentem Deo qua et si Adam ante esum illum<sup>228</sup> priuatus fuerit<sup>229</sup> non tamen filii priuati fuissent si esus non precessisset. Si autem per<sup>230</sup> iustitiam originalem secundam qualitatem intelligerent<sup>231</sup> qua et tranquile uiuere et cito in Deum redire<sup>232</sup> potuissent, tunc etiam peccatum originale potius pena fuisset<sup>233</sup> quam culpa seu macula aut elongatio, que idem sunt<sup>234</sup>.

Dictis his de peccato originali, nunc tibi aperiam ueritatem quomodo Maria Genitrix Dei nostri sine ullius<sup>235</sup> peccati<sup>236</sup> labe concepta sit, quod apud uos uertitur in dubium. Dico tibi Deum prima sui<sup>237</sup> intentione Verbum suum uoluisse ex uirgine tali carnem assumere eamque semper immaculatam fore absque ulla conditione, beneplacito sue uoluntatis. Absolute eam elegit et preelegit, quod de nullo<sup>238</sup> aliorum dici potest, nec de nobis angelis nec de [47] uobis hominibus. Vt ergo Deus ipse<sup>239</sup> ex ea prodiret, creauit mundum sensibilem<sup>240</sup> et primos uestros parentes ut<sup>241</sup> tandem egrederetur<sup>242</sup> uirga illa et flos ascenderet. Et uolebat<sup>243</sup> quod etiam propagatores eius, quicumque illi essent, amici essent cum conditione, si mandatis obtemperarent<sup>244</sup>. Solam illam<sup>245</sup> noluit<sup>246</sup> ullo pacto<sup>247</sup> transgredi nec aliorum transgressioni<sup>248</sup> subiaccere. Vidit transgressionem

<sup>220</sup> carnis contra spiritum concupiscentis *ILNO*, carnis contra spiritus concupiscentis *JMV*, carnis contra spiritum concupiscentie *PQ*

<sup>221</sup> Que carnis seu sensuum rationi repugnantia *IJLMNOPV*, Que carnis sensuum contra rationem repugnantia *Q*

<sup>222</sup> concupiscentiam *IJLMNOPQ*, concupiscentia *V*

<sup>223</sup> si *IJLMNOPQ*, sed *V*

<sup>224</sup> sensui *IJLMNOPQ*, sensum *V*

<sup>225</sup> etiam erit *INOPQ*, etiam erat *J*, etenim erit *LM*, enim erat *V*

<sup>226</sup> qua *IJLMNOPV*, quo *Q*

<sup>227</sup> propinquissime *IJLMNOPV*, propinquissimi *Q*

<sup>228</sup> illum *IJLMOPQV*, ligni *N*

<sup>229</sup> fuerit *JLMNOP*, fuerat *Q*, fuisset *IV*

<sup>230</sup> per *om. P*

<sup>231</sup> intelligerent *IJLMNOPV*, intelligent *Q*

<sup>232</sup> redire *IJLMNOPV*, conuerti *Q*

<sup>233</sup> fuisset *IJLMNOPV*, esset *Q*

<sup>234</sup> que idem sunt *IJLMNOPV*, quod idem est *Q*

<sup>235</sup> ullius *IJMOQV*, illius *LNP*

<sup>236</sup> peccati *om. PQ*

<sup>237</sup> sui *IJLMOPV*, sua *NQ*

<sup>238</sup> nullo *ILMNOPQ*, nulli *V*

<sup>239</sup> ipse *om. L*

<sup>240</sup> sensibilem *IJLMOPQV*, sensibile *N*

<sup>241</sup> ut *ILMNOPQ*, et *JV*

<sup>242</sup> egrederetur *ILMNOPQ*, egredietur *JV*

<sup>243</sup> uolebat *IJLMOPQ*, nolebat *NV*

<sup>244</sup> obtemperarent *IJLNOPQV*, obtemperassent *N*

<sup>245</sup> preuisam *add. OQ*

<sup>246</sup> noluit *IJLMNOPQ*, uoluit *V*

<sup>247</sup> pacto *IJMNOPQV*, peccato *L*

primorum parentum, condemnauit omnes posteros<sup>249</sup>, omnes propagatos, nisi iuuarentur meritis illius Homini Dei. Et absolute uoluit ut merita ipsius ei<sup>250</sup> suffragarentur, aliis<sup>251</sup> uero cum aliqua conditione scilicet si uel ipsi uel parentes<sup>252</sup> aut etiam<sup>253</sup> alii preter merita illius Dei Homini interuenirent. Et tandem omnes alios tunc absolute predestinauit quando in gratia confirmauit uel in<sup>254</sup> mortis instanti uel antea. Scito ergo quod sicut omnibus hominibus sine conditione<sup>255</sup> uoluit<sup>256</sup> beatitudinem prima intentione dare<sup>257</sup> ita, uisa prima homini transgressione<sup>258</sup>, nulli eam dare uoluit<sup>259</sup> nisi cum<sup>260</sup> conditione<sup>261</sup> scilicet<sup>262</sup> si<sup>263</sup> remediis opportunis potirentur. Ab hac tamen Virgine nunquam remouit<sup>264</sup> mentem uel animum, sed ut remediis gauderet<sup>265</sup> absolute disposuit, hoc est, meritis Filii ex ea prodituri<sup>266</sup>. Accipe et tene<sup>267</sup> quod dico<sup>268</sup>: nullus est ex filiis Ade cui aliquando non fuerit iratus Deus, hoc est, quem noluerit<sup>269</sup> beatum fore saltem cum conditione. Ideo<sup>270</sup> nullus est aut fuit aut erit quem non uoluerit beatum fore<sup>271</sup> saltem cum conditione.<sup>272</sup> Et nullus est quem pro aliquo tempore in sua eternitate Deus non habuerit pro exule et pro inimico, preter hanc de qua loquimur, omnium nostrum dominam, que non solum pro illo tempore ex quo cepit esse, sed pro immensitate eternitatis diuine semper ante faciem eius extitit<sup>273</sup> grata et accepta, iuxta illud<sup>274</sup>: "Astitit<sup>275</sup> Regina a dextris tuis<sup>276</sup> (scilicet eternaliter) in uestitu deaurato,

<sup>248</sup> transgressioni *IJLMNPQ*, transgressus *O*, subtransgressioni *V*

<sup>249</sup> posteros *om. V*

<sup>250</sup> ipsius ei *JPV*, ipsius sibi *ILN*, ipsius Dei *M* (*add. in marg. a.m. homini Virgini Matri*), Dei Homini Virgini Matri *O*, ipsius Dei Virgini matri *Q*

<sup>251</sup> aliis *JLMNOPQ*, alii *V*

<sup>252</sup> uestri *add. IL*

<sup>253</sup> etiam *om. IL*

<sup>254</sup> in *om. I*

<sup>255</sup> sine conditione *IJLMPV*, sub conditione *NOQ*

<sup>256</sup> uoluit *IJLMNOV*, noluit *PQ*

<sup>257</sup> dare *om. OPQ*

<sup>258</sup> uisa prima homini transgressione *IJLMV*, uisa primi homini transgressione *NOP*, primi homini transgressione *Q*

<sup>259</sup> nulli eam dare uoluit *IJLMNP*, nulli uoluit beatitudinem donare *O*, noluit ulli beatitudinem donare *Q*, nulla eam dare uoluit *V*

<sup>260</sup> hac *add. Q*

<sup>261</sup> donare *add. M (sup.lin.)*

<sup>262</sup> scilicet *om. N*

<sup>263</sup> si *om. I*

<sup>264</sup> remouit *JLMNOPQV*, amouit *I*

<sup>265</sup> gauderet (*I gaudere(n)t*) *JMNOPQ*, gauderent *LV*

<sup>266</sup> prodituri *IJLMNOPQ*, producturi *V*

Sicut nullus est aut fuit aut erit quem non uoluerit beatum fore saltem cum conditione. *add. M (in marg. a.m.) O*

iuxta illud astitit Regina suple eternaliter a dextris tuis, in uestitu deaurato, circumdata uarietate quia uariis donis decoratur. *add. P*

<sup>267</sup> et tene *om. Q*

<sup>268</sup> cum conditione *add. M (sup. lin. a m.) O*

<sup>269</sup> noluerit *JLMNOPQV*, non uoluerit *I*

<sup>270</sup> Ideo *IJLMNOV*, Et *P*

<sup>271</sup> fore *IJMNOV*, facere *L*

<sup>272</sup> Ideo nullus est aut fuit aut erit quem non uoluerit beatum fore saltem cum conditione. *om. OQ*

<sup>273</sup> extitit *JMNPV*, astitit *ILOQ*

<sup>274</sup> iuxta illud *om. J*

<sup>275</sup> Astitit *IJLMNOPQ*, Astite *V*

<sup>276</sup> tuis *IJMNOQV*, eius *L*

circundata uarietate quia uariis donis et muneribus decorata".<sup>277</sup> Alii omnes<sup>278</sup> pro aliquo tempore oblati<sup>279</sup> sunt ei<sup>280</sup> ut inimici et exosi, preuiso peccato Ade.

Multa sunt genera hominum. Quidam Deo nunquam placuerunt nisi cum conditione, ut illi qui numquam remedium originalis culpe acceperunt. Alii quandoque placuerunt, quandoque displicuerunt, ut illi qui, remedio sumpto<sup>281</sup>, iterum sunt<sup>282</sup> preuaricati, et hi<sup>283</sup> rarius et<sup>284</sup> frequentius. Aliqui<sup>285</sup> enim<sup>286</sup> semel percepto<sup>287</sup> remedio constantes fuerunt semper. Aliqui semel post delinquentes redierunt, aliqui septies, aliqui etiam septuagies septies peccantes redierunt<sup>288</sup>. Alii<sup>289</sup>, antequam nascerentur, fuerunt a morbo illius peccati curati. Aliqui<sup>290</sup>, dum conciperentur uel antea, meritis non solum Christi sed uel parentum uel aliorum iustorum quorum lacrimae, hoc est, pia desideria preuisa a Deo purgant<sup>291</sup> meritorie, Deo sic acceptante, scientia<sup>292</sup> talium, et hoc<sup>293</sup> prout fuerunt in cognitione Dei, a peccato illo fuerunt<sup>294</sup> liberati eo modo quo herus<sup>295</sup> potest filium [48] serue antequam nascatur uel etiam concipiatur a seruitute liberare. Et multo magis id potest Deus, qui distincte cognoscit et uocat ea que non sunt<sup>296</sup> tamquam ea que sunt<sup>297</sup>.

Quoscumque<sup>298</sup> igitur prenuntiauit in mundum tamquam a se missos et tamquam magnos uenturos et tamquam amicos suos, eos iam absoluebat a patris<sup>299</sup> crimine meritis Dei Veri et perfecti Hominis. Hanc Virginem nec antequam nasceretur nec in conceptu nec ante conceptum<sup>300</sup> absoluit, sed numquam ut inimicam aut ingratham habuit, sed absolute uoluit<sup>301</sup> meritis Filii eius<sup>302</sup> ipsam non solum a peccato inexistente<sup>303</sup> purgare, sed neque a<sup>304</sup> peccato in ea, mente diuina apprehenso<sup>305</sup>, umquam<sup>306</sup> absoluit ac si<sup>307</sup> eam pro aliquo tempore in tali peccato Deus ipse uidisset

---

<sup>277</sup> "iuxta illud: "Astittit Regina a dextris tuis (scilicet eternaliter) in uestitu deaurato, circumdata uarietate quia uariis donis et muneribus decorata." *om. P*  
decorata *om. J*

<sup>278</sup> omnes *IJLMNOPV*, homines *Q*

<sup>279</sup> oblati *IJLMNOPQ*, ablati *V*

<sup>280</sup> ei *IJMNOQV*, Deo *L*

<sup>281</sup> sumpto *JLMNOPQV*, assumpto *I*

<sup>282</sup> sunt *om. Q*

<sup>283</sup> hi *IJLMNOP*, ii *Q*, hic *V*

<sup>284</sup> et *IJLMNOV*, aut *P*, hii *Q*

<sup>285</sup> Aliqui *JMNPQV*, Alii *IL*

<sup>286</sup> enim *om. LN*

<sup>287</sup> percepto *IJLMNOPV*, suscepto *Q*

<sup>288</sup> redierunt *JMNOQV*, reuersi sunt *IL*

<sup>289</sup> Alii *JMNPQ*, Aliqui *ILNOV*

<sup>290</sup> Aliqui *ILMNOP*, alii *JQV*

<sup>291</sup> purgant *JLMNOPQV*, purgantur *I*

<sup>292</sup> acceptante. Scientia *IJMV*, acceptante, se merita *IL*, acceptante semina *OPQ*,

<sup>293</sup> et hoc *IJLMNOPV*, et ii *Q*

<sup>294</sup> fuerunt *om. P*

in cognitione Dei, a peccato illo *om. V*

<sup>295</sup> herus *ILMNOPV*, hereus *J*, heres *Q*

<sup>296</sup> sua *add. N*

<sup>297</sup> tamquam ea que sunt *om. JV*

<sup>298</sup> Quoscumque *IJLMNOP*, Quos *Q*, Quosque *V*

<sup>299</sup> patris *ILMNOPQ*, peccatis *JV*

<sup>300</sup> conceptum *IJLMNOPV*, conceptionem *Q*

<sup>301</sup> uoluit *IJLNOQV*, noluit *MP*

<sup>302</sup> eius *om. L*

<sup>303</sup> inexistente *ILMNOPQ*, existente *JV*

<sup>304</sup> a *om. N*

<sup>305</sup> apprehenso *IJLMNOPQ*, apprehensa *V*

<sup>306</sup> umquam *IJMNOQV*, nunquam *L*

sicut uidit<sup>308</sup> omnes alios filios ex Adam propagatos. Multi ergo dum conciperentur amici<sup>309</sup> esse poterant<sup>310</sup> et fuerunt et aliquanto tempore ante in prescientia<sup>311</sup> Dei. Sic montes sanctos<sup>312</sup> Ecclesie erigebat. Omnes tamen in peccatis<sup>313</sup> concepti sunt, quia omnes ex<sup>314</sup> tali conceptione orti merebantur iram et inimicitiam, immo plus, tibi dico. Etiam Regina<sup>315</sup> nostra, que nunquam uisa est ut inimica neque ante conceptionem neque post, adhuc de rigore conceptionis sue in peccato concepta dici potest, quia quilibet sic propagatus meretur iram et non misericordiam, de<sup>316</sup> ratione<sup>317</sup> propagationis sue. Et hoc modo uerum est nullum neque a reatu neque a culpa liberum<sup>318</sup> esse, sed omnes in peccatis<sup>319</sup> concipi<sup>320</sup> et nasci et uiuere. Sicut tamen non omnes uiuunt in peccato nec nascuntur sic nec concipiuntur<sup>321</sup>. Omnes ergo estis de propagine<sup>322</sup> peccati et mortis et ire. Sed gratia Saluatoris, aliqui post multos lapsus, aliqui post paucos, aliqui<sup>323</sup> post unum ex quo concepti sunt<sup>324</sup>, aliqui post unum antequam concepti sint<sup>325</sup>, aliqui post nullum<sup>326</sup> omnino nec in re nec in scientia<sup>327</sup> Dei saluati et liberati dici esse<sup>328</sup> possunt. Qui tamen ut filii propagati ab ipso Adam intelligebantur<sup>329</sup>, ut<sup>330</sup> rei<sup>331</sup> intellecti fuissent, nisi Deus absolute eos<sup>332</sup> meritis Filii sui preuisis preseruasset. Posui<sup>333</sup> hic plurale pro singulari quia talis alius a Virgine Dei Matre<sup>334</sup> nullus fuit. Ipsa tamen recte<sup>335</sup> dici potest peccasse<sup>336</sup> et a peccato liberata fuisse, quia ex massa peccato obnoxia proditura<sup>337</sup> erat et prodiit. Immo dico tibi quod nullus magis fuit liberatus, magis saluatus, magis redemptus quam illa. Nullus obligator exstitit Saluatori quam illa. Non solum<sup>338</sup> ergo saluata est, sed magis saluari magisque redimi non poterat. Que

---

<sup>307</sup> absoluit ac si *IJLMNOPQ*, absoluit. Et si *V*

<sup>308</sup> uidit *IJLMOPQV*, ostendit *N*

<sup>309</sup> Dei *add. Q*

<sup>310</sup> poterant *IJMNOQV*, poterunt *L*

<sup>311</sup> prescientia *LMNOPV*, presentia *IJQ*

<sup>312</sup> sanctos *IJLMNOPQ*, sancte *V*

<sup>313</sup> peccatis *IJLMNOPQ*, peccato *V*

<sup>314</sup> ex *IJLNOPQ*, e *M*, in *V*

<sup>315</sup> immo plus, tibi dico. Etiam Regina *IJLMNOPV*, immo plus dico tibi quod Regina *Q*

<sup>316</sup> de *IJMNOQV*, ex *LQ*

<sup>317</sup> de ratione *ILMNOPQV*, duratione *J*

<sup>318</sup> liberum *ILMNOPQV*, liberatum *J*

<sup>319</sup> in peccatis *om. J*

<sup>320</sup> concipi *ILMNOPQ*, concepti *JV*

<sup>321</sup> concipiuntur *IJLMNOPQ*, concipiunt *V*

<sup>322</sup> propagine *IJLMNPV*, propagatione *OQ*

<sup>323</sup> post multos lapsus, aliqui post paucos, aliqui *om. P*

<sup>324</sup> aliqui post unum ex quo concepti sunt *om. V*

<sup>325</sup> sint *ILMP*, sunt *JOV*

aliqui post unum antequam concepti sint *om. Q*

<sup>326</sup> nullum *JLMNOPQV*, unum *I*

<sup>327</sup> scientia *IJLMNOPV*, sententia *Q*

<sup>328</sup> esse *om. Q*

<sup>329</sup> possunt. Qui tamen ut filii propagati ab ipso Adam intelligebantur *IJLMNOPV*, possunt quin intelligebantur filii propagati ab ipso Adam *Q*

<sup>330</sup> ut *IJLMNOPQ*, et *V*

<sup>331</sup> rei *IJLMNOPV*, re *Q*

<sup>332</sup> eos *IJLMNOPQ*, eorum *V*

<sup>333</sup> Posui *IJLNOPQV*, Apposui *M*

<sup>334</sup> Dei Matre *om. Q*

<sup>335</sup> recte *om. JV*

<sup>336</sup> peccasse *JMPQV*, peccauisse *ILNO*

<sup>337</sup> proditura *ILMNOPQ*, prodita *JV*

<sup>338</sup> solum *om. V*

enim numquam<sup>339</sup> labe polluta est aut ulla sorde, neque dum esset neque dum a Deo in eternitate intelligeretur, et hoc meritis Saluatoris Deo<sup>340</sup> prenotis, magis redimi non potuit. Minus ergo merito<sup>341</sup> Christi peccantes, magis saluantur. Quod<sup>342</sup> si minus peccantes magis saluantur<sup>343</sup>, nullo modo peccantes maxime saluati dicentur. Hoc ut promulget toti<sup>344</sup> orbi futurus pastor Deus decreuit. Quicumque aliter senserit anathema erit. Sed mirum est cur hoc uestri doctores non perpendunt<sup>345</sup>.

Si enim nullus redimitur aut saluatur nisi peccator prius extiterit<sup>346</sup>, quomodo non uident quod oportebit dicere minus redemptum illum qui minus peccator fuerit, et minus saluatum [49] minusque Salvatore<sup>347</sup> indignuisse<sup>348</sup> minusque Salvatore obligatum esse? Que omnia sunt perabsurda<sup>349</sup>. Sic ergo<sup>350</sup> Virgo Regina minus<sup>351</sup> omnibus saluata fuisset et minus<sup>352</sup> Salvatore obligata. Que absint<sup>353</sup> a fidelium mentibus. Nullus magis saluatus ipsa, nullus magis Deo<sup>354</sup> obligatus. Et quia nil meriti ad hoc habuit nisi merita Filii sui, recte super omnes suo Salvatore obligatur cum supra<sup>355</sup> omnes meritis Saluatoris meruerit<sup>356</sup>. Vnde et ipsa super<sup>357</sup> omnes eum<sup>358</sup> suum saluatorem appellauit<sup>359</sup> quando, cantando, dixit: "Exultauit spiritus meus in Deo salutari<sup>360</sup> meo".

Scito tamen et animaduerte<sup>361</sup> quod, si peccatum originale pro solo reatu et obligatione ad penas<sup>362</sup> huius uite et pro amissione immortalitatis et impassibilitatis accipitur, ipsa tale peccatum contraxit. Sed illud non est peccatum originale quod nec per baptismum dimittitur<sup>363</sup>. Alique igitur reliquie<sup>364</sup> peccati originalis fuerunt in ea non peccatum. Nam si Adam non peccasset<sup>365</sup>, nec ipsa nec Filius<sup>366</sup> eius mortalis et passibilis uenisset<sup>367</sup> in hunc mundum. Vtrique igitur illud peccatum nocuit aliquo modo. Quod<sup>368</sup> nocumentum, posito casu Ade, fuit uobis utile, quia sanguine illius et morte redempti estis<sup>369</sup>. Et nocumentum Matris fuit ipsi Matri<sup>370</sup> ad cumulum

<sup>339</sup> numquam *JLMOPQV*, umquam *IN*

<sup>340</sup> Deo *IJLMNOPQ*, ideo *V*

<sup>341</sup> merito *IJLMNOPV*, meritis *Q*

<sup>342</sup> quod *IJLMNOV*, quam *P*

<sup>343</sup> quod si minus peccantes magis saluantur *om. Q*

<sup>344</sup> toti *IJMOPQ*, toto *LN*

<sup>345</sup> perpendunt *JLMNOPQV*, perpendant *I*

<sup>346</sup> extiterit *IJLMNOPV*, steterit *Q*

<sup>347</sup> Salvatore *IJLNOV*, Salvatore *M*, saluatione *Q*

<sup>348</sup> indignuisse *JLMNOPQV*, uiguissse *I*

<sup>349</sup> perabsurda *IJLMNOPQ*, absurda *V*

<sup>350</sup> ergo *IJLPV*, enim *MNOQ*

<sup>351</sup> minus *om. V*

<sup>352</sup> minus *om. ILNOP*

<sup>353</sup> absint *IJMNPQ*, absit *LV*

<sup>354</sup> Deo *om. Q*

<sup>355</sup> supra *ILMNOPQV*, super *J*

<sup>356</sup> meruerit *IJLNOQ*, meruit *MPV*

<sup>357</sup> super *JMNOPV*, supra *ILQ*

<sup>358</sup> eum *JMNOPQV*, ipsum *IL*

<sup>359</sup> appellauit *IJLMNOQV*, appellat *P*

<sup>360</sup> salutari *JLMNOPQV*, saluatore *I*

<sup>361</sup> animaduerte *IJLMNOPQ*, adverte *V*

<sup>362</sup> penas *IJLMNOPQ*, penam *V*

<sup>363</sup> dimittitur *ILMNOPQV*, admittitur *J*

<sup>364</sup> reliquie *ILMNOPQV*, relique *J*

<sup>365</sup> peccasset *JMNOPQV*, peccauisset *IL*

<sup>366</sup> filius *IJNOP*, filium *MV*, filii *LQ*

<sup>367</sup> mortalis et passibilis uenisset *JMNOPV*, mortalis et passibilis uenissent *I*, mortales et passibiles uenissent *LQ*

<sup>368</sup> quod *IJLNOQ*, quia *MV*

<sup>369</sup> estis *JMQV*, fuistis *ILNOP*

meritorum, immo profuit et uobis. Et sicut ablato peccato originali non aufertur pena temporalis sic et<sup>371</sup> preseruati ab illo, non<sup>372</sup> preseruantur<sup>373</sup> a penis<sup>374</sup> huiusmodi<sup>375</sup>. Immo Christus Dominus<sup>376</sup> qui non subiciebatur illi peccato quia non fuit ex propagatione<sup>377</sup> illa nec ex concubitu procreatus, ut omnes alii, non fuit a penis illis preseruatus. Que tamen pene uestre<sup>378</sup> non<sup>379</sup> erant sibi date<sup>380</sup> ut pene sicuti si Deus crearet unum hominem in puris naturalibus, ille esset mortalis et passibilis, mors tamen et passibilitas non esset<sup>381</sup> sibi<sup>382</sup> ut<sup>383</sup> pena peccati, sed conditio nature. Tamem aliquo modo peccatum Ade fuit occasio mortis Christi. Si enim ille non peccasset, Christus Dominus mortuus non fuisset nec carnem mortalem assumpsisset, sed talem qualem inuenisset. Quando ergo dicitur in Scripturis ipsum propter peccatorum expiationem uenisse, semper supplendum est uenisse uidelicet<sup>384</sup> mortalem et passibilem. Deus enim prima intentione non decreuit Filium suum mittere in mundum in carne mortali, sed solum in carne humana<sup>385</sup>. Sed uidendo peccatum Ade, decreuit ut<sup>386</sup> assumeret carnem mortalem et passibilem. Ideo dicitur eum propter peccata uestra misisse<sup>387</sup> non prima intentione sed secunda, utraque tamen eterna, de cuius incarnatione alias fiet sermo. Nunc prossequamur<sup>388</sup> incepta<sup>389</sup>.

Mors et passio Virgini Matri<sup>390</sup> fuit pena peccati, quia ex natura sue propagationis in macula<sup>391</sup> peccati<sup>392</sup> cecidisset<sup>393</sup> nisi Deus eam meritis passionis Filii preuisis<sup>394</sup> absolute preseruasset. Longe itaque distat<sup>395</sup> dignitas Matris a dignitate Filii. Ille namque nec peccatum habuit nec habere potuit quia ex concubitu natus non fuit. Ipsa non habuit, sed habere potuit et pro<sup>396</sup> certo habuisset nisi Deus ne haberet eam preseruasset<sup>397</sup>. [50] Sed ualde sunt rudes apud uos<sup>398</sup> illi qui dicunt: "Si illa in peccato

<sup>370</sup> fuit ipsi Matri *om. V*

<sup>371</sup> et *LMQ*, etiam *IJNOP*, nec *V*

<sup>372</sup> non *IJLMNOPQ*, ne *V*

<sup>373</sup> preseruantur *IJLMNOPQ*, preseruatur *V*

<sup>374</sup> penis *IJLMNOPQ*, pena *V*

<sup>375</sup> huiusmodi *IJMNOPQ*, huius mundi *LV*

<sup>376</sup> Dominus *IJLMOPQV*, Iesus *N*

<sup>377</sup> propagatione *MV*, propagine *IJLNOPQ*

<sup>378</sup> uestre *ILNO*, nature *JP*, nostre *M* (*add. in marg. a. m.* alias uestre) *V*, alias nature uestre *Q*

<sup>379</sup> non *IJLMNOPQ*, nec *V*

<sup>380</sup> Que tamen pene nature non erant sibi date *IJLMNOPV*, Que tamen pene alias nature uestre erant, non sibi date sunt *Q*

<sup>381</sup> esset *JMNOPQV*, essent *IL*

<sup>382</sup> sibi *om. V*

<sup>383</sup> ut *om. ILN*

<sup>384</sup> uidelicet *IJMOPQV*, ut *L*, tamquam *N*

<sup>385</sup> et mortalium conditione si homo peccaret *add. M* (*in marg. a. m.*) *Q*  
et mortalium conditione *add. O*

<sup>386</sup> ut *IJLMNOPV*, quod *Q*

<sup>387</sup> misisse *IJLMNOPV*, uenisse *Q*

<sup>388</sup> prossequamur *IJLMOPQ*, prossequimur *NV*

<sup>389</sup> incepta *IJLMNOPV*, incerta *Q*

<sup>390</sup> Virgini Matri *IJLMPQV*, beate Virgini *N*

<sup>391</sup> in macula *LMNOPQV*, in maculam *I*, immaculata *J*

<sup>392</sup> originali *add. Q*

<sup>393</sup> cecidisset *IJLMNOPV*, incurrisset *Q*

<sup>394</sup> preuisis *IJMNOPQV*, ipsius *L*

<sup>395</sup> distat *IJLMNOPV*, differt *Q*

<sup>396</sup> pro *om. PQ*

<sup>397</sup> preseruasset *IJLMNOPV*, preseruaret *Q*

alias preuenisset *add. O*

<sup>398</sup> apud uos *om. P*

concepta non fuisset, iniquus esset Deus si eam<sup>399</sup> mori permisisset" quia, sicut non est Deus iniquus quando aufert peccatum et non penam illius, ita nec iniquus est quando preseruat a peccato et non a pena. Si enim aufert aut<sup>400</sup> preseruat, misericorditer aufert et preseruat a peccato et, aliqua ratione suadente, non preseruat a pena quia illa remanet in exercitium et meritum. Deus tamen, mandato facto primis parentibus uestris et non obseruato<sup>401</sup>, restituit naturam humanam in conditione propria<sup>402</sup>. Et quia<sup>403</sup> illa ex se mortalis erat et passibilis, talis remansit in omnibus<sup>404</sup>. Noluit enim ullum<sup>405</sup> remedium adhibere pro ablatione pene sicut adhibuit pro ablatione culpe<sup>406</sup>. Absolute enim illam<sup>407</sup> abstulit nulli amplius in uia illa concessurus. Gratiam uero non<sup>408</sup> absolute sed, ut recuperari posset<sup>409</sup>, et uoluit et remedia adhibuit. Non sunt<sup>410</sup> ergo illa connexa<sup>411</sup>, peccatum et mors. Non ergo mirum est si, culpa non inherente<sup>412</sup>, et mors ac passio adhereat<sup>413</sup>, quia<sup>414</sup> conditiones sunt nature, peccatum minime. Dico tibi plus, si Christus uenisset in carne humana solum ut homo et non ut Redemptor, adhuc mortuus fuisset, quia pactum<sup>415</sup> absolutum<sup>416</sup> illud fuit ut, preuaricatione illa facta, natura humana sibi dimitteretur in omnibus hominibus sine ullo remedio. Immo dico tibi, si Ade soli et filiis eius<sup>417</sup> ex concubitu nascentibus fuisset promissa immortalitas, tunc Christus ex pacto illo eam<sup>418</sup> non habuisset, sed quia talem carnem assumpsisset qualem inuenisset. Et ita Adam peccando Christo<sup>419</sup> immortalitatem proprie non abstulit, quia nec pro illo acceperat. Marie uero abstulit, quia<sup>420</sup> pro ipsa acceperat. Christo tamen eam indirecte abstulit quia, auferendo eam omnibus<sup>421</sup> filiis suis ex quibus Christus secundum carnem descensus erat, abstulit eam et ipsi, quia talem carnem assumpturus erat qualem inueniret. Mors ergo et passio<sup>422</sup> non presupponunt<sup>423</sup> culpam originalem filiis Ade inherere, sed uel inhesisse<sup>424</sup> uel inherere potuisse<sup>425</sup>, ipsi<sup>426</sup> tamen Ade pro certo inhesisse.

---

<sup>399</sup> eam *IJLMOPQV*, illam *N*

<sup>400</sup> aut *IJLMNOP*, et *Q*, uel *V*

<sup>401</sup> obseruato *JMNOPQV*, seruato *IL*

<sup>402</sup> in conditione propria *IJLMNOPV*, conditioni propria *Q*

<sup>403</sup> quia *IJLMNOPQ*, quod *V*

<sup>404</sup> omnibus *IJL(Mhominibus sup.ras.)NPV*, hominibus *OQ*

<sup>405</sup> ullum *IJLMNOPQ*, illum *V*

<sup>406</sup> et absolute *add. Q*

<sup>407</sup> illam *ILNP*, illa *JMOV*, illa dona *Q*

<sup>408</sup> abstulit *add. V*

<sup>409</sup> posset *IJLMNOPV*, possit *Q*

<sup>410</sup> sunt *om. JMV*

<sup>411</sup> sed separata *add. ILOQ*

<sup>412</sup> inherente *IJLMNOPQ*, inheret *V*

<sup>413</sup> adhereat *IJLMNOPQV*, adueniant *I*

<sup>414</sup> ille *add. Q*

<sup>415</sup> pactum *IMNOPQV*, peccatum *JL*

<sup>416</sup> absolutum *IJLMNOPQ*, absolute *V*

<sup>417</sup> eius *om. JV*

<sup>418</sup> eam *add. M (sup. lin.)*

<sup>419</sup> Christo *IJLMNOP*, Christi *QV*

<sup>420</sup> nec pro illo acceperat. Marie uero abstulit quia *om. JV*

<sup>421</sup> omnibus *IJLMNOPV*, ab hominibus *Q*

<sup>422</sup> carnem assumpturus erat qualem inueniret. Mors ergo et passio *om. V*

<sup>423</sup> presupponunt *JMNOPQV*, presupponit *IL*

malitiam originalem amissam neque *add. Q*

<sup>424</sup> uel inhesisse *om. Q*

<sup>425</sup> potuisse *IJLMNOPV*, potuisse uel in illis esse *Q*

<sup>426</sup> ipsi *IJLMNOPV*, Illi *Q*

Aliud etiam<sup>427</sup> Deus absolute decreuit ut nullus regnum celeste<sup>428</sup>, quantacumque<sup>429</sup> sanctitate fulgeret, intraret ante Christum Saluatorem omnium. Frustra igitur inter uos queritur si Maria ante Filii mortem mortua fuisset an ad celos conscendisset<sup>430</sup>. Dico tibi quod non, quia decretum erat ut ipse esset primogenitus mortuorum et princeps regum terre, hoc est, omnium sanctorum<sup>431</sup> et quod<sup>432</sup> nullus hominum<sup>433</sup> uita beata uiueret antequam Deus Homo moreretur. Redeamus<sup>434</sup> ad proposita uerba.

Si uos peccatum originale hunc reatum qui<sup>435</sup> est<sup>436</sup> obnoxietas mortis uocaretis, Maria Virgo in peccato originali concepta fuisset<sup>437</sup>. Sed tunc peccatum originale per baptismum non deleretur<sup>438</sup>, quod est<sup>439</sup> absurdum, quia tunc staret simul gratia et peccatum originale. Si uero peccatum originale esset illa morbida qualitas uel fomes aut lex carnis uel membrorum, etiam illud dici non potest peccatum, quia talis lex carnis<sup>440</sup> est in hominibus etiam post baptismum et stat cum gratia, quia habere aliam legem<sup>441</sup> repugnantem<sup>442</sup> legi mentis est conditio nature humane sicut et mortalitas. Et, facto peccato<sup>443</sup>, humana natura quo ad hoc posita est in suis proprietatibus et restituta<sup>444</sup> conditionibus suis. Vnde, natura destituta, fuit etiam restituta. Deserta enim et priuata donis<sup>445</sup> supernaturalibus<sup>446</sup>, restituta fuit donis naturalibus. Illa quoque [51] lex membrorum non est in mente aut ratione uel uoluntate, sed potius in sensitiua parte, in qua ponere peccatum est absurdum. Animaduerte tamen fomitem illum non fuisse in Virgine gloriosa cui Deus tantam gratiam dederat ut in ea equalis, immo et maior tranquillitas esset quam in primis parentibus uestris ante peccatum fuerat. Et miror de quibusdam doctoribus uestris qui dicunt nullum hominem umquam<sup>447</sup> concupuisse illam, quamuis esset pulcherrima mulierum. In quo eos non damno, sed miror quare ponunt<sup>448</sup> in ea fuisse talem fomitem et postea sopitum<sup>449</sup> uel extinctum. Si enim<sup>450</sup> Deus noluit<sup>451</sup> alios eam concupiscere posse, quare fomitem talem in ea<sup>452</sup>, ut illicite concupiscere posset, dimisisset<sup>453</sup>? Habuit tamen illum<sup>454</sup> eo modo quo et Adam ante

<sup>427</sup> etiam *IJLMNOPV*, est *P*

<sup>428</sup> celeste *IJLMNOPV*, celorum *Q*

<sup>429</sup> quantacumque *IJLMOPQ*, quantumcumque *NV*

<sup>430</sup> conscendisset *IJLMNOV*, ascendisset *PQ*

<sup>431</sup> hominum *add. JMNOP*

<sup>432</sup> quod *IJLMNOPQ*, quia *V*

<sup>433</sup> hominum *IJMNOV*, homo *LQ*

<sup>434</sup> Redeamus *IJLMNOQV*, Redeam *P*

<sup>435</sup> qui *IJMNOQV*, quod *L*.

<sup>436</sup> anxietas hominis et *add. Q*

<sup>437</sup> fuisset *IJLMOPQV*, esset *N*

<sup>438</sup> deleretur *IJLMNOPV*, tolleretur *Q*

<sup>439</sup> est *om. V*

<sup>440</sup> carnis *om. V*

<sup>441</sup> in carne *add. Q*

<sup>442</sup> repugnantem *ILNOPQ*, repugnante *JMV*

<sup>443</sup> Ade *add. IL*

<sup>444</sup> in *add. I*

<sup>445</sup> donis *M (add. in marg. a.m. muneribus) NOPV*, muneribus *ILQ*

<sup>446</sup> supernaturalibus *IJLMNOPQ*, spiritualibus *V*

<sup>447</sup> umquam *IJLMNOQV*, numquam *P*

<sup>448</sup> ponunt *IJMNOQV*, ponuntur *LV*

<sup>449</sup> sopitum *JLMPQV*, consopitum *INO*

<sup>450</sup> enim *IJLMNOQV*, eam *P*

<sup>451</sup> noluit *IJLMNOPV*, uoluit *Q*

<sup>452</sup> in ea *om. Q*

<sup>453</sup> eam *add. Q*

<sup>454</sup> illum *IJLNOQV*, illud *M*, illam *P*

peccatum remote non propinque, quia habuit naturam que secundum sensum<sup>455</sup> nouit repugnare et resistere rationi. Talis ergo morbida qualitas quam fingunt a uoluntate carni<sup>456</sup> inflictam<sup>457</sup>, que reuera non est nisi conditio nature<sup>458</sup> donata<sup>459</sup>, non est peccatum uel, si uis ut<sup>460</sup> sit peccatum, non fuit in Virgine sicut nec in Adam antequam peccasset<sup>461</sup>.

Si uero peccatum originale dixeris<sup>462</sup> concupiscentiam, hoc est, ipsam sensuum cupidinem<sup>463</sup> qua cupiunt<sup>464</sup> contraria rationi<sup>465</sup> uel ipsam pronitatem ad concupiscendum contra rationem, dico tibi, bone uir<sup>466</sup>, quod<sup>467</sup> nec concupiscere<sup>468</sup> neque pronitas talis est peccatum in se. Ratio est quia peccatum in se sumptum est in sola uoluntate et non<sup>469</sup> in<sup>470</sup> uiribus sensitiuis<sup>471</sup> nisi prout a uoluntate procedunt. Quod si uis illam esse peccatum, illa<sup>472</sup> non fuit in Virgine Matre<sup>473</sup>, que neque concupiuit neque pronitatem in sensibus habuit concupiscendi<sup>474</sup>, quia tunc<sup>475</sup> habuisset tyranum et legem<sup>476</sup> carnis. Sed dices mihi, concupiscentia<sup>477</sup> que est in uoluntate condelectante et congaudente sensui et complacente eidem, illa est peccatum originale. Et ego dico tibi quod illa est in uobis propter peccatum originale<sup>478</sup>. Si enim pater uester non peccasset, uoluntas uestra<sup>479</sup> illicitas condelectationes non admisisset<sup>480</sup>, immo ille<sup>481</sup> in sensu<sup>482</sup> ratione<sup>483</sup> preueniente et moderante non fuissent. Si quoque talis concupiscentia condelectationis illicite peccatum esset uel pronitas ad sic condelectandum<sup>484</sup>, adhuc illa in Dei Genitrice non fuit. Neque enim<sup>485</sup> condelectata est<sup>486</sup> prae suggestioni sensus, qua suggestionem caruit, neque ad condelectandum<sup>487</sup> prona fuit.

---

<sup>455</sup> non *add. N*

<sup>456</sup> a uoluntate carni *IJLMNOV*, a uoluntate carnis *P*, a uoluptate carnis *Q*

<sup>457</sup> inflictam *MNOPQ*, inflicta *IJLV*

<sup>458</sup> sensu et ratione *add. ILNOQ*

<sup>459</sup> donata *JMNOPV*, donate *ILQ*

<sup>460</sup> ut *IJLMNPQV*, quod *O*

<sup>461</sup> antequam peccasset *om. Q*

<sup>462</sup> dixeris *IJLMNOPV*, dixeritis *Q*

<sup>463</sup> cupidinem *IJMNOPQV*, cupiditatem *L*

<sup>464</sup> cupiunt *IJLMPQV*, concupiunt *NO*

<sup>465</sup> rationi *om. Q*

<sup>466</sup> bone uir *IJLMNOPQ*, bene uere *V*

<sup>467</sup> quod *JMNOPQ*, quia *V*, *om. IL*

<sup>468</sup> concupiscere *IJLMNOQV*, concupiscentia *P*

<sup>469</sup> in uirtutibus uel *add. Q*

<sup>470</sup> in *om. V*

<sup>471</sup> sensitiuis *IJLMNOPV*, sensibilibus *Q*

<sup>472</sup> illa *om. IL*

<sup>473</sup> Matre *add. M (in marg.)*

<sup>474</sup> concupiscendi *IJLMNOQV*, concupiscentem *P*

<sup>475</sup> tunc *IJLMNOPQ*, sic *V*

<sup>476</sup> et legem *IJLMNOPV*, in lege *Q*

<sup>477</sup> concupiscentia *IJLMNOPQ*, concupiscentiam *V*

<sup>478</sup> Et ego dico tibi quod illa est in uobis propter peccatum originale. *om. L*

<sup>479</sup> uestra *IJLMNPQV*, uestras *O*

<sup>480</sup> admisisset *IJLMNPQ*, amisisset *O (add. sup. lin.a.m.) V*

<sup>481</sup> immo ille *IJLMNOQV*, modo illa *P*

<sup>482</sup> et *add. N*

<sup>483</sup> ratione *IJLMNOQV*, rationem *P*

<sup>484</sup> condelectandum *ILMNOQ*, delectandum *JPV*

<sup>485</sup> enim *om. V*

<sup>486</sup> est *om. JMPV*

<sup>487</sup> ad condelectandum *JLMNOPQV*, condelectandi *I*

Si postremo<sup>488</sup> peccatum originale priuationem illius qualitatis dixeris qua uoluntas et<sup>489</sup> appetitus tamquam freno<sup>490</sup> quodam, ut uestri dicunt, cohibentur<sup>491</sup> ab illicitis desiderijs, quam qualitatem nos alias diximus uocari secundam qualitatem et iustitiam originalem, que et<sup>492</sup> frenum quasi erat et alio peccato quam illo<sup>493</sup> mortifero<sup>494</sup> illius esus, homine peccante, erat remedium in Deum redeundi, si priuationem<sup>495</sup> talis qualitatis peccatum originale uocaueritis, prout<sup>496</sup> plerique uestrum et quos acutiores estimatis uocant, tunc Virgo illa uidebitur contraxisse peccatum originale, quia talis iustitia nunquam fuit sibi reddita. Ergo tali<sup>497</sup> iustitia fuit priuata cuius erat debitor<sup>498</sup> eo quod primus pater etiam pro ea ipsam<sup>499</sup> acceperat cum pacto et amisit<sup>500</sup> etiam pro ea<sup>501</sup> [52], pacto non seruato.

Est namque, ut uestri subtiliter dicunt, peccatum originale priuatio iustitie originalis debite<sup>502</sup>, ex eo quia a primo patre<sup>503</sup> pro filiis accepte atque pro eisdem amisse, quia in quantum<sup>504</sup> Adam eam pro se accepit et amisit, non peccato originali, sed actuali peccauit et tamen fuit debitor illius. Dico tibi quod, sicut<sup>505</sup> alii purgantur a tali priuatione<sup>506</sup> sine<sup>507</sup> iustitie talis restitutione, ita et illa preseruari<sup>508</sup> potuit sine talis iustitie<sup>509</sup> restitutione<sup>510</sup>. Si enim restituitur equiualeus uel forsitan et<sup>511</sup> melius, priuatio ablata est sicut si priuato<sup>512</sup> sacerdotio restitueretur<sup>513</sup> episcopatus, et priuato decem restituantur<sup>514</sup> totidem alii uel centum alii. Non amplius priuatus est. Dedit certo Deus Genitrici sue, ab eterno in mente et ex tempore in re, aliquid illi iustitie<sup>515</sup> equiualeus, immo aliquid melius et<sup>516</sup> maius. Nunquam ergo, nec in mente eius nec in re, priuata fuit tali iustitia.<sup>517</sup> Dico tibi plus, quod priuatio talis iustitie non est proprie peccatum si non ea, sed alia homo erat gratus Deo, prout alias<sup>518</sup> diximus. Qui tamen reatum et priuationem cuiuscumque doni peccatum dicunt, possunt etiam priuationem illam

<sup>488</sup> postremo *IJLMNOPQ*, postmodum *V*

<sup>489</sup> et *om. JV*

<sup>490</sup> freno *IJLMNQV*, frenum *P*

<sup>491</sup> cohibentur *JMN*, cohibebatur *ILO*, cohibet *P*, cohiberetur *Q*, cohibeatur *V*

<sup>492</sup> et *IJLMNOQ*, ad *P*, in *V*

<sup>493</sup> quam illo *IJLMNOP*, quem illi *V*, illo *om. Q*

<sup>494</sup> mortifero *JMNPV*, mortiferi *ILOQ*,

<sup>495</sup> priuationem *IJLMNOPQ*, priuationes *V*

<sup>496</sup> prout *IJLMNPQV*, ut *O*

<sup>497</sup> tali *ILMNOPQ*, talis *JV*

<sup>498</sup> cuius erat debitor *om. P*

<sup>499</sup> ipsam *om. V*

<sup>500</sup> amisit *IJMNOV*, amisisset *LQ*

<sup>501</sup> ipsam acceperat cum pacto et amisit etiam pro ea *add. P*

<sup>502</sup> debite *om. V*

<sup>503</sup> patre *IJMNOV*, parente *LQ*

<sup>504</sup> in quantum *IJLMOPQV*, numquam *N*

<sup>505</sup> filii *add. Q*

<sup>506</sup> priuatione *IJLMNOQV*, purgatione *P*

<sup>507</sup> sine *IJLMNOPQ*, siue *V*

<sup>508</sup> preseruari *IMO*, reseruare *P*, reseruari *JV*

<sup>509</sup> iustitie *ILMNOPQV*, iustitia *J*

<sup>510</sup> ita et illa preseruari potuit sine talis iustitie restitutione *om. LNQ*

<sup>511</sup> et *ILMO*, etiam *P*, *om. JNQV*

<sup>512</sup> priuato *LMNOPQ*, priuatio *IJV*

<sup>513</sup> restitueretur *JMNOPQ*, restituatur *ILV*

<sup>514</sup> restituantur *IJMNOV*, restituatur *LV*, restituerentur *Q*,

<sup>515</sup> aliquid illi iustitie *IJLMNOQV*, aliquid illius iustitie *P*

<sup>516</sup> melius et *om. O*

<sup>517</sup> Sed quid sit peccatum originale secundum ueritatem iam tibi declarauit *add. M(in marg. a. m.) NOQ*

<sup>518</sup> tibi *add. Q*

peccatum appellare. Et eo maxime quia prius Adam amiserat gratiam<sup>519</sup> quam comedisset. Et per comestionem mortem incurrerat, per quam et gratia priuatus fuisset si tunc illa infuisset<sup>520</sup>, et secunda qualitate spoliatus fuit que adhuc sibi inherebat. Iccirco, comedendo, utraque qualitate se spoliauit et filios suos, sicut utramque<sup>521</sup> pro se acceperat et pro filiis. Sed priorem illam ut posset et ipse et filii<sup>522</sup> recuperare in seipsa, remedium adhibitum est, posteriorem minime. Sed, recuperata priore illa, alterius amissio ulterius ad culpam non imputatur<sup>523</sup>, sed remanet ut pena quedam et naturalis conditio. Dimissa enim fuit propter peccatum natura humana sibi ipsi. Illam tamen legem<sup>524</sup> carnis et rebellionem Mater Domini nostri nunquam sensit que gratia semper plena fuit. Numquam ergo ulla culpa aut macula in ipsa fuit quam Deus in suam Genitricem eterna<sup>525</sup> mente preelegit.

Tunc ego: Clara sunt et credibilia, Angele Dei, testimonia tua. Sed uellem ut responderes mihi et me doceres. Si Adam acceperat<sup>526</sup> iustitiam originalem pro omnibus filiis suis<sup>527</sup> ex concubitu procreandis, etiam pro Matre Dei, quomodo eam potuit amittere pro omnibus et non pro illa?

Respondit: Iam dixi tibi qualiter Deus prima intentione uoluit ex<sup>528</sup> tali Virgine carnem assumere et ipsam<sup>529</sup> Virginem meritis Filii sui glorificare<sup>530</sup>. Voluit propter id mundum et hominem creare, cui homini creato pro se et omnibus iustitiam dedit ut illa conseruaretur in omnibus<sup>531</sup> et precipue in Maria Matre sua quam precipue propter eam primo homini dederat. Precipua enim cura Deo de ipsa semper fuit. Dedit homini mandatum pactumque fecit ut, si illud seruaret<sup>532</sup>, iustitiam sibi et suis conseruaret<sup>533</sup>, non absolute, sed etiam si<sup>534</sup> quilibet filiorum aliquam<sup>535</sup> temptationem, iam natus et adultus, uicisset. Marie soli uoluit eam conseruare<sup>536</sup> absolute. Si uero mandatum non seruaret<sup>537</sup>, iustitiam et gratiam sibi et posteris amitteret, quam tamen et ipse et alii, tali remedio [53] adhibito, recuperare possent<sup>538</sup>, gratiam quidem in se, illam aliam qualitatem in augmento gratie<sup>539</sup> in<sup>540</sup> aliquo equiuolenti quoad redeundum ad<sup>541</sup> Deum post peccatum. Et in hoc<sup>542</sup> pacto solam Mariam exclusit<sup>543</sup>. Noluit enim, Adam

<sup>519</sup> et commiserat peccatum *add. P*

<sup>520</sup> si tunc illa infuisset *IJMN*P, si tunc illa infuerit *L*, si tunc illa in eo fuisset *O*, sed tunc illa in eo fuisset *Q*, si tunc illa incurrisset *V*

<sup>521</sup> utramque *IJLMNOPQ*, utraque *V*

<sup>522</sup> et ipse et filii *IJLMNOQV*, et ipsi et illi *P*

<sup>523</sup> imputatur *IJLMNOPV*, reputatur *Q*

<sup>524</sup> legem *IJLMNOPQ*, lege *V*

<sup>525</sup> eterna *ILMNOPQ*, eterni *JV*

<sup>526</sup> acceperat *IJLMNOPQV*, suscepit *O*

<sup>527</sup> suis *IJLMNOPV*, eius *Q*

<sup>528</sup> ex *IJLMNOQV*, pro *P*

<sup>529</sup> ipsam *JLMPQV*, illam *INO*

<sup>530</sup> glorificare *IJLMNOPQ*, sanctificare *V*

<sup>531</sup> in omnibus *om. V*

<sup>532</sup> seruaret *JMNOPQV*, conseruaret *IL*

<sup>533</sup> iustitiam sibi et suis conseruaret *om. IL*

<sup>534</sup> si *om. P*

<sup>535</sup> aliquam *ILNOPQV*, aliquem *JM*

<sup>536</sup> conseruare *IJLMNOPV*, comprobare *Q*

<sup>537</sup> seruaret *ILMNOPQ*, conseruaret *J*, obseruaret *V*

<sup>538</sup> possent *IJLNOQ*, posset *MPV*

<sup>539</sup> uel *add. O*

<sup>540</sup> in *JMNOPV*, uel *ILQ*

<sup>541</sup> ad *IJMNOPQV*, in *L*

<sup>542</sup> hoc *IJLMNOPQ*, ipso *V*

<sup>543</sup> exclusit *IJLMNOPQ*, excludit *V*

peccante, gratiam a sua Genitrice excludere nec eam<sup>544</sup> filiam<sup>545</sup> ire uel<sup>546</sup> maledictionis facere priuilegio speciali, que tamen ex se<sup>547</sup> sicut et alii illud merebatur<sup>548</sup>. Ideo dici poterat filia ire ex propagine<sup>549</sup> et filia<sup>550</sup> maledictionis. Et ad hoc aspiciebant omnes sancti doctores uestri qui eam in peccato conceptam<sup>551</sup> dixerunt. Vnde<sup>552</sup> non<sup>553</sup> errauerunt, quia uere, ratione ortus sui, in peccato concepta fuit<sup>554</sup>. Sed illi errant qui dicunt eam preseruatum non fuisse. Aliud enim est dicere sic<sup>555</sup> ex se fuisse<sup>556</sup>, aliud sic fuit. Excepit ergo illam bonitas Dei ne illam quam<sup>557</sup> in matrem<sup>558</sup> prima intentione elegerat, inimicam aliquando cogitaret. Dixit ergo homini Deus: "Si mandatum non seruaueris, gratiam amittes<sup>559</sup> irrecuperabiliter<sup>560</sup> et tu et filii<sup>561</sup> ex te propagandi<sup>562</sup>, nisi remedium adhibueritis recuperandi quod uobis dabo<sup>563</sup>. Vnicam tamen et dilectam<sup>564</sup> Matrem excipio, quam huic generali edicto subiacere<sup>565</sup> nolo quia<sup>566</sup> Matrem eam elegi, Genitricem habere statui. Filii mei preuisa merita uos liberabunt<sup>567</sup>, apposito remedio uel proprie motionis in me uel sacramenti susceptionis, Genitricem meam absolute eripient<sup>568</sup> quia maculam in ea<sup>569</sup> uidere nolo, maledictam existimare et inimicam respuo." Adam ergo comedente<sup>570</sup>, et ipsum et omnes filios eius ex concubitu procreatos<sup>571</sup> tamquam filios ire et maledictionis ab eterno tempore illo<sup>572</sup> aspiciebat Deus et eos tamquam suos inimicos intuebatur quos ab eterno tempore ex quo Adam creatus est ut amicos sub conditione intuebatur. Et ante creationem Ade, quia nihil adhuc eis uolebat<sup>573</sup>, nec ut amicos nec ut inimicos uidebat. Genitricem tamen suam nunquam toruo oculo aspexit, nunquam abhorruit, nunquam contempsit, nunquam abiecit.

Ab eterno<sup>574</sup> denique Ioannem Baptistam<sup>575</sup> pro tempore quo patri suo incensum in Templo<sup>576</sup> offerenti<sup>577</sup> ego apparui et dixi: "Nascetur tibi filius priuilegio speciali", Deus

<sup>544</sup> eam *IJLMOPQV*, illam *N*

<sup>545</sup> filiam *ILMNOPQV*, filie *J*

<sup>546</sup> uel *JMNOPV*, et *ILQ*

<sup>547</sup> ex se *om. P*

<sup>548</sup> sicut et alii illud merebatur *JLMOPQV*, sicut illi alii merebatur *N*

<sup>549</sup> propagine *JLMNPQV*, propagatione *O*

<sup>550</sup> filia *JLMNOQV*, filiam *P*

<sup>551</sup> conceptam *JLNOPQV*, concepta *M*

<sup>552</sup> Vnde *JLMNOPV*, Vestri *Q*

<sup>553</sup> non *JLMNOPQ*, enim *V*

<sup>554</sup> fuit *JLMNOPQV*, fuisset *I*

<sup>555</sup> sic *IJLMNQV*, si *P*

<sup>556</sup> fuisse *JLMNOPQV*, fuisset *I*

<sup>557</sup> iam *add.M (sup.lin.a.m.) O*

<sup>558</sup> in matrem *ILMOPQV*, iam in matrem Dei *N*

<sup>559</sup> amittes *ILMNOPQV*, amittas *J*

<sup>560</sup> irrecuperabiliter *IJLMOQV*, irrecuperabilem *NP*

<sup>561</sup> filii *IJLMOPQV*, alii *N*

<sup>562</sup> propagandi *IJLMNPQV*, procreandi *O*

<sup>563</sup> scilicet per susceptionem sacramentorum et fidem parentum *add. Q*

<sup>564</sup> et dilectam *om. Q*

<sup>565</sup> subiacere *IJLMNOV*, subiectam *P*, subiicere *Q*

<sup>566</sup> in *add P (sup. lin.)*

<sup>567</sup> liberabunt *IJLMNOQV*, alleuabunt *P*

<sup>568</sup> eripient *IJLMO*, excipiens *N*, eripiens *P*, excipiam ob ipsa eadem merita *Q*, eripiam *V*

<sup>569</sup> in ea *IJNOPQ*, in eam *LMV*

<sup>570</sup> comedente *IJLMNOQV*, comedendo *P*

<sup>571</sup> procreatos *IJLMNPV*, procreandos *O*, creandos *Q*

<sup>572</sup> ab eterno tempore illo *JLMNOQV*, ab eterno pro tempore illo *I*

<sup>573</sup> uolebat *JMNOPQV*, uidebat *IL*

<sup>574</sup> nunquam abiecit. Ab eterno *JLMNOPQV*, nunquam abiecit ab eterno *I*

<sup>575</sup> Ioannem Baptistam *IJLMNOQV*, Ioannes Baptiste *P*

noluit subiici peccato originali, sed absoluit eum<sup>578</sup> ab illo<sup>579</sup> tunc antequam conciperetur sicut et multos alios absoluit. Omnes tamen dicuntur concepti in peccato originali, quia omnes, quando Adam peccavit, fuerunt condemnati et gratia priuati et pro inimicis habiti et maledictioni subiecti, preter Dominam et Reginam nostram. Do tibi<sup>580</sup> similitudinem:

Est princeps magnus qui habet seruum natura suum<sup>581</sup>. Tamen benignitate sua herus non uult eum pro seruo, sed pro filio cum pacto, si fecerit aliquid quod sibi mandaret, promittendo quod si pactum seruaret [54] ipsum pro filio et non pro seruo et omnes ex eo propagatos se habiturum. Si non seruaret<sup>582</sup>, omnes non solum ut seruos, sed ut inimicos se reputaturum, unico excepto. Ille seruus natura domini sui non seruauit iussa. Iussit dominus ut esset seruus et inimicus et ipse et tota posteritas sua, semper unum ex posteris sui<sup>583</sup> gratia excipiendo. Tunc omnes pro tempore illo quotquot<sup>584</sup> nascituri essent ex illo pro inimicis habiti sunt quandocumque existerent et nascerentur. Posset tamen dominus ille misereri alicui<sup>585</sup> ex posteris postquam nati sunt et antequam nati essent, immo antequam reuera conciperentur. Posset namque parentibus iam existentibus<sup>586</sup> et sibi reconciliatis<sup>587</sup> dicere: "Volo ut filius ex uobis proditurus sit liber et amicus", quem tamen in mente sua pro temporibus preteritis habuerat<sup>588</sup> pro inimico.

Scito et animaduerte<sup>589</sup>, amice Dei, me Gabrielem et alios socios meos quam plurimos, nocte illa<sup>590</sup> qua Genitrix Domini nostri fuit concepta, affuisse et cooperatos fuisse miro et ineffabili modo circa materiam conceptionis illius purissime. Concubitus illorum fuit castus, sanctus, immaculatus. Vos ista immunda iudicatis et non recordamini quod ea que<sup>591</sup> Deus precipit immunda esse non possunt, et quod<sup>592</sup> que in paradiso et in statu inocentie fuissent<sup>593</sup> immunda<sup>594</sup> dici non possunt, et omnia munda mundis. Nos ad dispositionem et seminis et sanguinis et corpusculi illius multa<sup>595</sup>, prout potuimus, fecimus, purgando, abluendo, resecando, tribuendo, benedicendo et sanctificando quantum poteramus<sup>596</sup> et ad<sup>597</sup> quanta<sup>598</sup> nostra uirtus se<sup>599</sup> extendebat. Ad lacrimas quoque sanctorum et desideria<sup>600</sup> aspiciebat<sup>601</sup> Deus<sup>602</sup>. Voluit enim Deus<sup>603</sup>

<sup>576</sup> Templo *JMNOPQV*, Templum *IL*

<sup>577</sup> offerenti *IJLMNOPQ*, offerendi *V*

<sup>578</sup> eum *IJLMOPQV*, illum *N*

<sup>579</sup> illo *IJLMOPQV*, eo *N*

<sup>580</sup> Do tibi *IJLMNOPV*, Iterum dico tibi *Q*

<sup>581</sup> suum *IJLMNOPV*, seruum *Q*

<sup>582</sup> seruaret *IJLMOPQV*, preseruaret *N*

<sup>583</sup> sui *IJLMNOV*, suis *P*, suis sua *Q*

<sup>584</sup> quotquot *IJLMNOPV*, quicumque *Q*

<sup>585</sup> alicui *IJLMNOPV*, alicuius *Q*

<sup>586</sup> existentibus *om. IL*

<sup>587</sup> reconciliatis *ILMNOPQV*, reconciliantis *J*

<sup>588</sup> habuerat *JMV*, habuerit *ILP*, habuisset *NOQ*

<sup>589</sup> animaduerte *IJLMNOPQ*, aduerte *V*

<sup>590</sup> in *add. M*

<sup>591</sup> que *om. V*

<sup>592</sup> ea *add. ILNOPQV*,

<sup>593</sup> immunda *add. IL*

<sup>594</sup> immunda dici non possunt *IJLMNPV*, uerecunda esse non possunt neque dici *Q*

<sup>595</sup> multa *IJLMNOQV*, multo *P*

<sup>596</sup> poteramus *IJLMNPV*, potuimus *Q*

<sup>597</sup> ad *om. JV*

<sup>598</sup> quanta *IJLMNPQV*, quantum *O*

<sup>599</sup> se *om. V*

<sup>600</sup> et desideria *om. P*

<sup>601</sup> aspiciebat *ILMNOPQ*, respiciebat *JV*

nos pro modulo nostro esse<sup>604</sup> suos coadiutores ad hoc ut maior amicitia esset inter nos et ipsos<sup>605</sup>. Venerabilius ualde et uenustius fuit corpus illius Virginis Genitricis quam Eue<sup>606</sup> omnium uiuentium Matris. Caro illa et commembra<sup>607</sup> et omnes partes sui corporis fuerunt perfecte disposite<sup>608</sup> ita ut nihil quasi differrent<sup>609</sup> a dispositione<sup>610</sup> corporis Christi, nisi quia hec<sup>611</sup> feminini sexus, ille<sup>612</sup> masculini erat. Manus, pedes, digitos, os et oculos<sup>613</sup> et alia membra pene<sup>614</sup> eadem habebant<sup>615</sup> et non differebant nisi in illis accidentibus que mulieri incongrua<sup>616</sup> essent. Caro unius erat caro alterius. Sed multa decent<sup>617</sup> masculinum<sup>618</sup> que non adaptantur<sup>619</sup> femine, et multa conueniunt femine que masculo non conueniunt, immo sit<sup>620</sup> turpe talia<sup>621</sup> ipsum habere. Dico tibi plus, quod Deus uoluit ut corpus Matris gratie et<sup>622</sup> consolationis fieret et formaretur perfectum et perfectius quam corpus Eue et ipsius Ade et equalis perfectionis esset cum corpore Christi ubi non repugnabat condecencia<sup>623</sup> sexus.

Tota ergo corpore pulchra fuit et sine macula. Corpus autem eius non fuit in ictu oculi formatum et animatum<sup>624</sup> sicut corpus [55] Filii eius quod uniebatur tunc cum formabatur diuinitati.<sup>625</sup> Neque tamen tantum temporis<sup>626</sup> expectauit sicut corpora aliorum exspectant, sed in breui tempore, nobis coassistentibus<sup>627</sup>, illud Ioachim<sup>628</sup> mundissimum semen transmissum est in uterum Anne. Et disposita et omnino mundata<sup>629</sup> cellula illa et<sup>630</sup> sanguine ipsius Anne perfectiore et puriore<sup>631</sup> ministerio nostro segregato, purificato et in ipsa cellula reposito et semini Ioachim<sup>632</sup> unito, illi sanguini ultra mellifluam celorum influentiam nos multa disponendo addidimus ita ut longe et incomparabiliter citius caro illa et uene<sup>633</sup> atque nerui cum ossibus

---

<sup>602</sup> Deus *IJLMNOPV*, Dominus *Q*

<sup>603</sup> Deus *IJLMOQV*, Dominus *P*

<sup>604</sup> esse *om. L*

<sup>605</sup> ipsos *IJMNOVP*, uos *L*, ipsam *Q*

<sup>606</sup> Eue *IJLNOQ*, Eua *MV*

<sup>607</sup> commembra *JLMV*, membra *INOQ*

<sup>608</sup> disposite *IJLMNOV*, disposita *PQ*

<sup>609</sup> differrent *ILMNOV*, differret *JPQ*

<sup>610</sup> a dispositione *IJMNOQV*, ad dispositionem *L*

<sup>611</sup> hec *IJLMNOV*, hoc *PQ*

<sup>612</sup> ille *IJLMNOPV*, illud *Q*

<sup>613</sup> os et oculos *MQ*, hos et illos *IJLNOV*, os et illos *P*

<sup>614</sup> pene *ILMNOQV*, femina *J*

<sup>615</sup> habebant *JMN* (*O er. habebant et add. sup.lin.a.m.erant*) *PV*, erant *IL*

pene eadem habebant et *om. Q*

<sup>616</sup> incongrua *ILMO*, congrua *JNPQV*

<sup>617</sup> decent *ILNOQ*, decet *JMPV*

<sup>618</sup> masculinum *IMNOQV*, masculus *J*, masculo *L*

<sup>619</sup> adaptantur *IJLMNOQ*, adaptant *V*

<sup>620</sup> sit *IJLMNOPV*, esset *Q*

<sup>621</sup> talia *om. P*

<sup>622</sup> omnis *add.IL(M sup. lin. a.m.) NOV*

<sup>623</sup> condecencia *IJLMNOPV*, condescendentie *Q*

<sup>624</sup> et animatum *om. QV*

<sup>625</sup> quod uniebatur tunc cum formabatur diuinitati *IJMNOV*, quod uniebat tunc dum formabat *L*, quod uniebatur tunc conformabatur *P*, quod tunc formabatur, uniebatur diuinitati *Q*

<sup>626</sup> temporis *IJLMNOPV*, tempus *Q*

<sup>627</sup> coassistentibus *MNQ*, assistentibus *IJLOPV*

<sup>628</sup> Ioachim *IJLMNPQV*, Ioachini *O*

<sup>629</sup> mundata *IJLMNOQ*, munda *V*

<sup>630</sup> de *add. P*

<sup>631</sup> perfectiore et puriore *JMNOQ*, perfectiori et puriori *IL*, perfecturo et puriori *V*

<sup>632</sup> Ioachim *IJLMNPQV*, Ioachini *O*

<sup>633</sup> et uene *om. Q*

plasmarentur ita quod, que in aliis perficiuntur in multis diebus, uolente Deo et nobis subministrantibus<sup>634</sup>, facta sunt omnia in sex horis uel circiter. Tunc Deus noster, magnus et potens, creauit animam perfectam, habentem omnia dona, omnem scientiam siue omnes habitus et similitudines omnium sicut et nos qui<sup>635</sup> accipiendo<sup>636</sup> unicam similitudinem diuine uidelicet<sup>637</sup> nature omnium rerum similitudines accepisse<sup>638</sup> dicimur. Antea<sup>639</sup> enim nos creauerat et postmodum Adam et Euam et omnes plenos scientia. Nullus ergo scientie habitus fuit Matri Dei denegatus, nulla naturarum similitudo. Nam et si propter peccatum Ade mortalitatem et passibilitatem accepit, que sibi prodesse poterant, et ex pacto illo<sup>640</sup> in omnibus hominibus relinqui oportebat quia conueniunt nature humane, non<sup>641</sup> tamen accepit errorem aut<sup>642</sup> ignorantiam illorum que scire utile esset et ignorare perniciosum et que Adam et Eua a principio acceperunt<sup>643</sup> et filii accepturi erant si peccatum non interuenisset.

Fatendum igitur est omnibus Mariam Reginam nostram a principio sue creationis ita nouisse omnia sicut et Adam, immo et nos angeli nouimus. Nouerat gramaticam, dialecticam, rhetoricam, poeticam, artes mathematicas<sup>644</sup> tam puras quam mixtas<sup>645</sup>, tam superiores quam inferiores. Nouerat phisicam<sup>646</sup> et metaphisicam<sup>647</sup> et quecumque illis subsunt scientie<sup>648</sup>. Nouerat optime theologiam<sup>649</sup> et ideo omnia uerba et opera<sup>650</sup> Christi conseruabat ab initio. Et quando illa fieri uidebat, conferebat in corde suo cognitionem experimentalem, quam uos<sup>651</sup> uocatis intuitiuam, cum<sup>652</sup> cognitione infusa, quam uocatis abstractiuam. Nouerat et omnes artes quas mechanicas<sup>653</sup> dicitis, nouerat omnium regiminum et unius et<sup>654</sup> domus et ciuitatis<sup>655</sup> seu regni regulas et iura. Nil latebat animum illum sanctum. Deum specie uel similitudine concreata sicut et nos<sup>656</sup> distincte cognoscebat neque tamen uidebat nisi interdum priuilegio speciali. Que uisio non erat permanens, sed ut quidam raptus. Omnes uirtutes<sup>657</sup> appetitiue sicut et intellectiue sibi<sup>658</sup> inerant. Nil boni sibi<sup>659</sup> deficiebat. Sana erat mens et perfecta in corpore perfecto et sano. Tota<sup>660</sup> ergo pulchra et tota formosa erat, tota immaculata et

<sup>634</sup> subministrantibus *ILMOQV*, ministrantibus *JNP*

<sup>635</sup> qui *JMNOQ*, quia *ILPV*

<sup>636</sup> accipiendo *IJLMNOQV*, accepimus *P*

<sup>637</sup> diuine uidelicet *om. L*

<sup>638</sup> accepisse *IJLMNPQV*, recepisse *O*

<sup>639</sup> Antea *IJLNOQV*, Ante *M*

<sup>640</sup> illo *JM*, illa *LNOQ*, Dei, illum *IV*

<sup>641</sup> non *IJLMNOQ*, nam *V*

<sup>642</sup> aut *IJLMNOQ*, ut *V*

<sup>643</sup> acceperunt *IJLMNOQ*, acceperant *V*

<sup>644</sup> mathematicas *IJMNOQ*, matematicas *L*, mathematices *V*

<sup>645</sup> mixtas *IJMNOQ*, mistas *LQV*

<sup>646</sup> phisicam *IJLMNOQ*, physicam, philophysicam *V*

<sup>647</sup> metaphisicam *IJLNOQV*, mathephysicam *M*

<sup>648</sup> quecumque illis subsunt scientie *IJLMOV*, quecumque sunt sub illis scientiis *NP*, quascumque sub illis sunt scientias *Q*

<sup>649</sup> optime theologiam *IJLMNOQ*, omptiotheologiam *V*

<sup>650</sup> et opera *om. N*

<sup>651</sup> uos *om. J*

<sup>652</sup> cum *IJMNOQV*, etiam *L*

<sup>653</sup> mechanicas *ILMNOPQV*, mathematicas *J*

<sup>654</sup> et *om. MQ*

<sup>655</sup> ciuitatis *ILNOQV*, ciuitates *JM*

<sup>656</sup> sicut et nos *om. M*

<sup>657</sup> uirtutes *IJLMNOQ*, uirtute *V*

<sup>658</sup> sibi *IJLMOPQ*, illi *N*, *om. V*

<sup>659</sup> sibi *idem*

<sup>660</sup> Sana erat mens et perfecta in corpore perfecto et sano. Tota *IJMNOQ*, Sana erat, mens perfecta et

tota perfecta, omnibus affluens diuitiis<sup>661</sup>. Nullus in ea [56] peccati originalis nodus, nullus culpe uenialis<sup>662</sup> cortex fuit. Hic pontifex qui nunc est, de hac immaculata conceptione Matris<sup>663</sup> Dei officium acceptabit<sup>664</sup>, confirmabit et ut ab omnibus celebretur hortabitur. Determinare et decretum facere de immaculata conceptione cogitabit, sed non faciet neque opere complebit, quia hec reseruantur<sup>665</sup> pastori electo<sup>666</sup> Ecclesie totius rectori. Nihil certe splendoris aut numinis<sup>667</sup> defuit Domine Regine nostre<sup>668</sup> quam laudant astra matutina, cuius pulchritudinem omnia pulcherrima mirantur. Et qui non iubilant non sunt filii Dei. Quotquot enim hoc recipiunt, datur eis potestas filios Dei fieri. In mente diuina pro quocumque tempore immaculata fuit.

In Adam peccante, quando maculari debebat, maculata non fuit.<sup>669</sup> Concepta tandem grata est que in mente grata fuerat. Immaculata in utero mansit, immaculata et quasi sine dolore matris ex utero egressa est<sup>670</sup>, immaculata inter cunabula infans uagit, immaculata ambulare cepit, immaculata<sup>671</sup> Dei Templo<sup>672</sup> oblata et presentata fuit et magna uelocitate corporis et animi sanctitate gradus Templi conscendit ubi non solum miraculum de corporali ascensu fuit, sed etiam de cognitione Templi et graduum illorum et uirtutum atque uitiorum que omnia tunc in ea esse publice patuit<sup>673</sup>. Omnes enim astantes et ministri Templi tunc agnouerunt in ea esse<sup>674</sup> donum sapientie, scientie et intellectus, pietatis, consilii et fortitudinis atque timoris Domini. Tunc enim allocuta est sacerdotes et parentes et alios astantes ita quod<sup>675</sup> omnes cognouerunt gratiam que tam parue puelle data fuerat a Domino.

Cum enim primus sacerdos eam oblatam susciperet<sup>676</sup>, dixit: Oh quam pulchram puellam obtulistis nobis. Benedicat tibi, filia, Deus.

Tunc Maria dicere cepit et<sup>677</sup> aperte coram omnibus clara uoce exprimere<sup>678</sup>: Falax est gratia et uana est<sup>679</sup> pulchritudo. Mulier timens Deum<sup>680</sup>, ipsa laudabitur. Noli ergo<sup>681</sup>, pater anime mee, meam<sup>682</sup> laudare pulchritudinem que in corpusculo meo tenui uidetur esse. Non enim apud Deum uerum et uiuum, conditorem et plasmatorem omnium<sup>683</sup>, formositas corporis in pretio est sine pulchritudine mentis. Quando tamen pulchri et boni sunt mores, formositas corporis est quidam decor non multum

---

corpore perfecto et sano. Tota *V*, Sana erat mens et perfecta in corpore perfecto et sana tota *L*, Sana erat mente et perfecta in corpore sano et perfecto. Tota *Q*

<sup>661</sup> diuitiis *IJLMNOPQ*, deliciis *V*

<sup>662</sup> culpe uenialis *IJLMNOPV*, in ea peccati uenialis *Q*

<sup>663</sup> immaculata conceptione Matris *JMNOPQ*, immaculata Matre *ILV*

<sup>664</sup> acceptabit *IJLMOPQV*, acceptabile *N*

<sup>665</sup> hec reseruantur *MNOQ*, hec seruantur *ILV*, hoc reseruat *P*

<sup>666</sup> 3<sup>a</sup> ab ipso *add. J*

<sup>667</sup> numinis *ILMNOPQV*, luminis *J*

<sup>668</sup> Domine Regine nostre *ILMNOP*, Domine nostre, Regine nostre *J*, Domine nostre *Q*, Domine Regine Matre *V*

<sup>669</sup> In Adam peccante, quando maculari debebat, maculata non fuit. *om. Q*

<sup>670</sup> In Adam peccante, quando maculari debebat, maculata non fuit. *add. Q*

<sup>671</sup> Immaculata *IJLMNOPQ*, Immaculato *V*

<sup>672</sup> Dei Templo *IJLMOPQV*, in Templo *N*

<sup>673</sup> publice patuit *IJLMNOQ*, potuerunt *V*

<sup>674</sup> publice patuit Omnes enim astantes et ministri Templi tunc agnouerunt in ea esse *om. P*

<sup>675</sup> ita quod *JLMNOPQV*, itaque *I*

<sup>676</sup> susciperet *IJLMNOPV*, suscepisset *Q*

<sup>677</sup> et *om. M*

<sup>678</sup> et lingua expedita *add. Q*

<sup>679</sup> est *om. V*

<sup>680</sup> Deum *IJLMNOPV*, Dominum *Q*

<sup>681</sup> ergo *om. V*

<sup>682</sup> meam *om. OV*

<sup>683</sup> omnium *IJLMNPV*, hominum *Q*

necessarius<sup>684</sup> neque tamen respuendus<sup>685</sup>. Timor Domini est<sup>686</sup> initium sapientie, humilitas est fundamentum uirtutum. Qui timet Deum pulcher<sup>687</sup> est et faciet bona. Qui humilis est<sup>688</sup>, illum respicit Dominus excelsus, illi dabit gratiam suam, quia gratia et fauor mundi falax est, ad modicum parens. Qui humilis erit<sup>689</sup>, exaltabit eum<sup>690</sup> et sublimabit Dominus, cui<sup>691</sup> superbi summe sunt exosi, humiles summe<sup>692</sup> accepti. Veni ad uos, patres anime mee, ut me timorem Domini doceatis et humilitatem instruatis ut possim iugiter Deo meo seruire et ei grata esse et in<sup>693</sup> ipsius<sup>694</sup> obsequiis assidue permanere et perseuerare. Regnum et omnem<sup>695</sup> huius<sup>696</sup> mundi ornatum, omnes diuitias atque delicias contemno propter amorem Dei mei<sup>697</sup>, regis omnium et creatoris uniuersorum. Illique dedico uitam meam, corpus meum, animam meam, uirginitatem meam.<sup>698</sup> Omnia ipse<sup>699</sup> mihi dedit, omnia sibi<sup>700</sup> dono, omnia sibi dedico. Voluntatem meam pono in manibus suis, in arbitrio suo. Voueo perpetuam<sup>701</sup> Deo coram te<sup>702</sup>, pater, tot testibus hic astantibus<sup>703</sup>, uirginitatem<sup>704</sup>. Introibo in [57] domum Domini, ad mundi blanditias nunquam exitura. Ingrediar in atria Dei mei ubi melior est dies una super milia. Elegi abiecta potius esse in domo Dei mei<sup>705</sup> quam potens<sup>706</sup> et excelsa habitare in tabernaculis peccatorum. Domum enim Dei<sup>707</sup> decet sanctitudo in seculum seculi. Hec requies mea in eternum, hic habitabo, eam enim elegi domum que firmiter edificata est supra firmam petram.

Scio, dignissimi patres, uos consuetos esse puellas qualis ego sum in custodiam suscipere<sup>708</sup> deinde, tempore nubili adueniente, eas nuptui secundum legem Dei tradere. Quod ego non uitupero neque malum puto, sed mihi intus suadet animus, suadet mens a Deo mota<sup>709</sup> ut nunquam uirum cognoscam, nunquam<sup>710</sup> carnis opera experiar. Illa

<sup>684</sup> formositas corporis est quidam decor non multum necessarius *IJLMNOQV*, corporis formositas auget decorem licet non multum sit necessarius *P*

<sup>685</sup> respuendus *IJMNO* (*P sup.ras.*)*V*, respiciendus *LQ*

<sup>686</sup> est *om. P*

<sup>687</sup> pulcher *ILMNOQ V*, pulchrior *JP*

<sup>688</sup> est *om. V*

<sup>689</sup> erit *JMOPQ*, est *ILNV*

<sup>690</sup> eum *IJLMPQ*, illum *NO*, *om. V*

<sup>691</sup> cui *IJLMNOPQ*, qui *V*

<sup>692</sup> summe *JMNOP*, sunt *ILQV*

<sup>693</sup> in *om, V*

<sup>694</sup> ipsius *IJLMNOQV*, eius *P*

<sup>695</sup> omnem *IJLMNOQV*, omne *P*

<sup>696</sup> huius *om. N*

<sup>697</sup> mei *om. O*

<sup>698</sup> corpus meum, animam meam, uirginitatem meam *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>699</sup> ipse *om. Q*

<sup>700</sup> sibi *IJLMOPQV*, ipsi *N*

<sup>701</sup> perpetuam *IJLMNOQV*, perpetuo *P*

<sup>702</sup> Deo coram te *IJLMNOPV*, coram Deo et te *Q*

<sup>703</sup> astantibus *IJLMNPQV*, assistentibus *O*

<sup>704</sup> ut enim eam uoueam, ipse inspirauit me qui legi in hoc noluit obligari *add.M (in marg.a.m.)*

ut enim eam uoueam, ipse inspirauit me qui legi in hoc uoluit obligari *add. NO*

ut enim eam uoueam, inspirauit me qui legi in hoc noluit obligari *add.Q*

<sup>705</sup> ubi melior est dies una super milia. Elegi abiecta potius esse in domo Dei mei *om. V*

<sup>706</sup> potens et *IJLMNOQV*, potius *P*

<sup>707</sup> Dei *I (add. in marg.a.m.) JMNOQ*, Dei mei *P, om. LV*

<sup>708</sup> suscipere *IJLMPQV*, recipere *N*

<sup>709</sup> alias immissa *add. M (in marg. a. m.) O*

Sed mihi intus suadet animus, suadet mens a Deo mota *IJLMNOPV*, Sed mihi intus suadet animam a Deo motam *Q*

<sup>710</sup> numquam *IJLMOPQV*, neque *N*

namque experientia et si non sit<sup>711</sup> ex se mala et a Deo, qui non potest<sup>712</sup> errare, sit pro augmento humani<sup>713</sup> generis ordinata<sup>714</sup>, mihi tamen persuasum est nunquam copulari uiro, nunquam uirginitatem<sup>715</sup> ullo<sup>716</sup> actu<sup>717</sup> uiolare<sup>718</sup>.

His dictis, conuertitur ad<sup>719</sup> parentes et<sup>720</sup> alios propinquos et cunsanguineos et sic eos alloquitur: "Vale, care genitor, uale suauissima genitrix mea, ualete omnes consanguinei et propinqui<sup>721</sup> mei. Relinquo uos<sup>722</sup> corpore, non relinquo animo. Relinquo assiduo aspectu, non relinquo assidua meditatione. Relinquo uos propter Deum ne relinquam<sup>723</sup> Deum propter uos. Multum debeo tibi, pater mi, et non minus tibi, dulcis<sup>724</sup> Mater mea. Plurimis enim<sup>725</sup> orationibus et elemosinis<sup>726</sup> me a Deo impetrastis qui me oriri disposuerat omnino<sup>727</sup>, plurimos labores pro me assumpsistis<sup>728</sup>. Gratiarum actiones quantas possum<sup>729</sup> uobis persoluo, nunquam uos animo relinquam, nunquam deseram in corde meo. Deo enim seruiendo, qui omnibus nobis et nascendi et uiuendi<sup>730</sup> causa est, uobis quoque inseruiam. Ipsius ancilla sum, illi me toto corde committo. Vos autem rogo ut, me uirginitatem uouentem, in uoto meo impedire nolitis, sed adiuuare magis uelitis<sup>731</sup>. Nolite ex me fructum mortalitatis inquirere. Dedit tibi Deus, dulcis<sup>732</sup> Mater mea, me unicam filiam. Alias noli cupere<sup>733</sup> neque ab eis nepotes<sup>734</sup> expectare<sup>735</sup>. Ego uirgo in perpetuum permanere<sup>736</sup> decreui. Omnibus qui me associastis et<sup>737</sup> usque ad hunc locum mecum uenistis ut me Domino in Templo eius offeretis<sup>738</sup>, gratias ago et rogo ut pro me, indigna serua Dei, orationem Deo nostro in secula seculorum uiuenti<sup>739</sup> offeratis. Vale<sup>740</sup>, dico omnibus.

Et sibi ad patrem et matrem accedere uolenti pro dando osculo, sacerdos primicerius adhesit et<sup>741</sup> accepit eam per brachium dicens: O puella, unde tibi tanta sapientia? Vnde

---

<sup>711</sup> sit *om.* *Q*

<sup>712</sup> potest *IJLMNOPV*, nequit *Q*

<sup>713</sup> humani *om.* *Q*

<sup>714</sup> et ita posset esse bona et meritoria *add.* *Q*

<sup>715</sup> meam *add.* *P*

<sup>716</sup> ullo *IJLMNOP*, nullo *QV*

<sup>717</sup> actu *ILMOV*, pacto *JNP*, actu etiam mentis *Q*

<sup>718</sup> uiolare *IJLMNOPQ*, uiolari *V*

<sup>719</sup> patres suos *add.* *Q*

<sup>720</sup> ad *add.* *MQ*

<sup>721</sup> et propinqui *om.* *Q*

<sup>722</sup> uos *om.* *V*

<sup>723</sup> ne relinquam *IJLMNOPV*, non relinquo *Q*

<sup>724</sup> dulcis *IJLMONQP*, dulcissima *V*

<sup>725</sup> Plurimis enim *IJLMNOPQ*, Pluribus *V*

<sup>726</sup> elemosinis *IJLMOPV*, eleemosinis *NQ*

<sup>727</sup> omnino *IJLMNOPV*, animo *Q*

<sup>728</sup> assumpsistis *IJLMNOPQ*, assumptis *V*

<sup>729</sup> possum *IJMNOP*, possim *LQV*

<sup>730</sup> uiuendi *IJLMNPV*, moriendi *Q*

<sup>731</sup> sed adiuuare magis uelitis *ILNV*, sed adiuuare magis *J(M add. sup.lin. uelitis)OP*, sed adiuuate magis *Q*

<sup>732</sup> Deus, dulcis *ILMNO*, Deus lucis *V*

<sup>733</sup> cupere *ILMNO*, capere *V*

<sup>734</sup> nepotes *ILN*, nepotis *V*

<sup>735</sup> Dedit tibi Deus, dulcis Mater mea, me unicam filiam. Alias noli cupere neque ab eis nepotes expectare. *add. M (in marg. a.m.) O, om. JPQ*

<sup>736</sup> permanere *IJMNOP*, manere *LQV*

<sup>737</sup> et *om.* *LQ*

<sup>738</sup> eius offeretis *JMNPV*, offerentes *L*, offeretis *IOQ*

<sup>739</sup> uiuenti *IJLMNOQ*, uiuente *P*, uiuentis *V*

<sup>740</sup> Vale *JMNOPQ*, Valet *ILV*

<sup>741</sup> adhesit et *om.* *ILV*

tanta Scripturarum nostrarum peritia? Nunquam senex sic<sup>742</sup> locutus est ut tu. Nullus princeps nostre Legis tam suptiliter locutus est. Vnde tibi tanta gratia? Vnde tantum donum?

Et omnes subclamabant<sup>743</sup>: a seculis<sup>744</sup> seculorum non est auditum ut puella trium annorum tanta sapientia polleret, immo quod<sup>745</sup> loqui communia cum pleno intellectu sciret. Hec autem ac si in omni scientiarum genere experta fuisset loquitur.

Alii dicebant Ioachim et Annam hec illam<sup>746</sup> docuisse in tam paruo et breui tempore.

Alii dicebant: Viuat Deus Israel, quod neque Ioachim neque Anna tanta sciunt, quomodo ergo docuissent ea<sup>747</sup> que ipsi ignorant? Scimus hoc, quod<sup>748</sup> nemo docere potest que ipse ignorat.

Alii<sup>749</sup> dicebant arte aliqua uel humana uel demonum illa fuisse facta.

Maria uero puellula<sup>750</sup> dice [58] bat: Nolite mirari, o<sup>751</sup> mihi<sup>752</sup> carissimi<sup>753</sup> patres, propinqui et astantes si eo<sup>754</sup> modo sim<sup>755</sup> locuta ego, parua<sup>756</sup> puella. Sed potius miremini<sup>757</sup> quare<sup>758</sup> omnes pueri et puelle uestre non sic loquantur<sup>759</sup>. Notum est uobis<sup>760</sup> qualiter Deus noster<sup>761</sup> hominem creauit rectum<sup>762</sup>. Sed ipse peccato suo immiscuit se in multas questiones et incidit in multas ignorantias et errores pessimos et omnibus nobis<sup>763</sup> nociuos. Si ergo spiritum illum<sup>764</sup> quem<sup>765</sup> omnibus largiturus erat<sup>766</sup> pueris et puellis, mihi non meis meritis, sed sua gratia et dono mirabili, ut hodie in conspectu uestro uidetur, Deus contulit, nolite mirari. Dico enim uobis me recordari de tempore quo anima mea corpori unita fuit et quid tunc cogitabam. Memini totius temporis quo in utero matris extiti<sup>767</sup>, quando nata sum et in cunabulis uagitus pueriles<sup>768</sup> emisi. Hoc donum quod aliquando commune fuisset omnibus, mihi Deus concessit qui perpetuo uiuit et regnat<sup>769</sup> et omnia ex se<sup>770</sup> gubernat<sup>771</sup> per gubernatorem sibi equalem in gubernatore utriusque equali per omnia secula seculorum.

---

<sup>742</sup> sic *om. ILQV*

<sup>743</sup> subclamabant *IJLMNOQV*, simul aiebant *P*

<sup>744</sup> seculis *IJLMNOQP*, seculo *V*

<sup>745</sup> quod *IJLNOQV*, qui *M*

<sup>746</sup> illam *IJMNOQ*, eam *L*, illa *V*

<sup>747</sup> ea *JMOP*, eam *ILNOQV*

<sup>748</sup> quod *IJLMNOPV*, quia *Q*

<sup>749</sup> Alii *IJLMNOPV*, Aliqui *Q*

<sup>750</sup> puellula *MNP*, puella *IJLQOV*

<sup>751</sup> o *IJLMNOPQ*, he *V*,

<sup>752</sup> mihi *IJLMOP*, mei *N*, mi *OQV*

<sup>753</sup> carissimi *ILMNOPQV*, clarissimi *J*

<sup>754</sup> si eo *IJLMOPQ*, scio *NV*

<sup>755</sup> sim *IJLMNOQV*, sum *P*

<sup>756</sup> parua *IJMNPQ*, paruula *LV*

<sup>757</sup> miremini *IJLMNOP*, miramini *QV*

<sup>758</sup> quare *IJLMNOQV*, quia *P*

<sup>759</sup> loquantur *IJLMO*, loquuntur *NPQV*

<sup>760</sup> uobis *ILMNOPQV*, nobis *J*

<sup>761</sup> noster *om. N*

<sup>762</sup> rectum *om. ILV*

<sup>763</sup> nobis *IJLMNOQV*, uobis *P*

<sup>764</sup> illum *IJLMNOPQ*, illis *V*

<sup>765</sup> ipse *add. N*

<sup>766</sup> erat *om. N*

<sup>767</sup> extiti *IJLMNOPV*, steti *Q*

<sup>768</sup> pueriles *ILMNOPQV*, puerile *J*

<sup>769</sup> per omnia secula seculorum *add. Q*

<sup>770</sup> ipso *add. N*

<sup>771</sup> ex se gubernat *IJLMNPQV*, exequabatur *O*

Et hic<sup>772</sup> expressit<sup>773</sup> Patrem et Filium et Spiritum Sanctum, sed ipsi non intellexerunt. Erat enim uerbum hoc absconditum ab eis.

Tunc sacerdotum<sup>774</sup> princeps ait ad omnes: Vidimus mirabilia<sup>775</sup> hodie in puella ista que etiam sapientes et doctissimos uiros uincit. Digitus Dei est iste. A Domino factum est istud<sup>776</sup> et est mirabile in oculis nostris.

Alii sacerdotes dicebant: Pater, numquam<sup>777</sup> audiuimus talia, non sumus digni ut hec puella resideat apud nos qui eam nec docere litteras nec mores possumus. Longe enim nobis doctior et melior est.

Alii dicebant: Si non docebitur saltem docebit. Si ipsa nostro exemplo non proficiet, nos et alie puelle ipsius exemplo<sup>778</sup> proficiemus. Intret igitur in conspectu Domini in exultatione.

Primus sacerdotum<sup>779</sup> dixit: Ego simul uobiscum miror et stupeo<sup>780</sup> de hac puella animo et corpore speciosissima et ualde cupio ut hic nobiscum esset ut doceremur<sup>781</sup> potius quam doceremus<sup>782</sup>, proficeremus suis moribus magis quam ipsa nostris. Tamen quia uotum uirginitatis nostre nationi et populo Dei inconsuetum emisit<sup>783</sup>, uidetur mihi contra legem Dei egisse, qui<sup>784</sup> sterilibus maledixit<sup>785</sup>, quod<sup>786</sup> etiam patri suo et matri accidit. Nonne patrem suum e<sup>787</sup> Templo eiecimus<sup>788</sup>, sacrificium eius abiecimus eo quod nobis indignus<sup>789</sup> ex<sup>790</sup> eo quod<sup>791</sup> semine<sup>792</sup> careret, qui tamen uxorem haberet<sup>793</sup>, uidebatur?

Tunc Maria respondit<sup>794</sup>: Deus matrimonium instituit. Deus precepit dicens: "Crescite et multiplicamini". Ego quoque uoluntate<sup>795</sup> eius uoueo uirginitatem. Tempus nubendi mihi nondum uenit. Intrem ego<sup>796</sup> in domum Domini leta. Quando tempus nubendi aduenerit, tradetis<sup>797</sup> me uiro, si ita Deus<sup>798</sup> uoluerit, et cui ille uoluerit nubam. Propter hoc<sup>799</sup> nolite me a Templo Domini<sup>800</sup> et sanctis atriis eius excludere.

---

<sup>772</sup> hic *IJLMNOQV*, sic *P*

<sup>773</sup> expressit *IJLMNOPQ*, expresse *V*

<sup>774</sup> sacerdotum *IJLMNOPQ*, sacerdos *V*

<sup>775</sup> omnes *add. Q*

<sup>776</sup> istud *ILNMOPQV*, illud *J*

<sup>777</sup> dicebant: "Pater, numquam *IJLMNOPQ*, dicebant patere: "numquam *V*

<sup>778</sup> ipsius exemplo *om. V*

<sup>779</sup> sacerdotum *IJLMOPQV*, sacerdos *N*

<sup>780</sup> stupeo *JMNOPQ*, ostupeo *IL*, extupeo *V*

<sup>781</sup> doceremur *JLMNOPQ*, docemur *I*, doceamur *V*

<sup>782</sup> doceremus *IJLMNOPQ*, doceamus *V*

<sup>783</sup> emisit *IJLMNOPQ*, errori sit *V*

<sup>784</sup> qui *IJLMOPQ*, que *NV*

<sup>785</sup> maledixit *JMNOPQ*, maledicit *ILV*

<sup>786</sup> Quod *IJLMNOPQ*, Quid *V*

<sup>787</sup> e *IJLMNQV*, ex *O*, a *P*

<sup>788</sup> eiecimus *IJLMNP*, eiciemus *O*, eiicimus *Q*, eicimus *V*

<sup>789</sup> indignus *IJLMNIQ*, indignum *PV*

<sup>790</sup> *om. Q*

<sup>791</sup> quod *JMNOPQV*, quia *IL*

<sup>792</sup> semine *ILMNOPV*, semen *J*, prole *Q*

<sup>793</sup> haberet *IJLMNPQ*, habere *OV*

<sup>794</sup> respondit *om. N*

<sup>795</sup> Ego quoque uoluntate *JMOQ*, Ego quoque uoluntatem *IL*, Ego quoque uoluntati *N*, Ego quoque secundum uoluntatem *P*, Ex quibus uoluntatem *V*

<sup>796</sup> ego *IJLMNOPQ*, ergo *V*

<sup>797</sup> tradetis *JMNOPQ*, tradite *ILV*

<sup>798</sup> Deus *om. V*

<sup>799</sup> hoc *IJMNOPQ*, quod *LV*

<sup>800</sup> Domini *JMNOPQ*, Dei *ILV*

Tunc ergo, dato patri et matri suauiſſimo osculo et reuerentia humili exhibita omnibus, leta et cum gaudio et deuotione et humilitate ingreſſa eſt atria Domini. Ibi<sup>801</sup> orationibus ſanctisque meditationibus die ac nocte intenta erat<sup>802</sup>, manibusque ſuis laborabat<sup>803</sup> aliasque puellas laborare<sup>804</sup> docebat, que ſuo exemplo et moribus et notitia Dei et omnium rerum et<sup>805</sup> artium proficiebant<sup>806</sup>. Prophetas<sup>807</sup> legebat, exponebat. Declarabat cum hominum<sup>808</sup> ingenti admiratione Meſſiam et Redemptorem hominum<sup>809</sup> cito aduenturum, ex Danielis prophetiis de ſtatua illa<sup>810</sup> in ſomnis uisa et de ſeptuaginta hebdomadibus<sup>811</sup>, et Agei et [59] aliorum prophetarum<sup>812</sup>. Legebat<sup>813</sup> Ieremiam dicentem: "Mirabile faciet Dominus<sup>814</sup> ſuper terram. Femina<sup>815</sup> circumdabit uirum", hoc eſt, in utero geſtabit perfectum Deum et hominem. Et illud<sup>816</sup> Iſaie: "Ecce uirgo concipiet et pariet filium et uocabitur nomen eius Emmanuel". Et ſuſpirans dicebat: "Vtinam uiderent oculi mei illum Saluatorem meum! Vtinam uiderem illam feliciffimam Matrem! Vtinam ancilla<sup>817</sup> ancillarum ſuarum eſſe poſſem!

Audientes hoc, ſacerdotes mirabantur et rem taciti<sup>818</sup> conſiderabant, dicentes in corde ſuo: Forſan hec eſt illa uirgo que erit Meſſie noſtri<sup>819</sup> Genitrix<sup>820</sup>. Et inter ſe ſecrete dicebant: Certe iſta eſt. Nulla enim in mundo ſanctior eſt, nulla doctior, nulla pulchrior.

Alius dicebat<sup>821</sup>: Ego nescio ſi Deus poſſet<sup>822</sup> facere pulchriorem<sup>823</sup>, ſanctiorem<sup>824</sup> et doctiorem<sup>825</sup>.

Vna puellarum ſemel dixit ei: Maria, dic<sup>826</sup> mihi, rogo te, cariffima ſoror mea, quam puellam credis futuram matrem noſtri Redemptoris?

Cui illa dixit: Nullam cognoſco<sup>827</sup> dignam. Sed Dei eſt de indigna facere dignam. Voluntas ſua lex noſtra eſt.

Subito illa puella replicauit<sup>828</sup>: O beata tu Maria, quia omnes hii ſacerdotes et puelle ſancte que hic ſunt<sup>829</sup>, ex quo<sup>830</sup> cognoſuerunt gratiam Dei que tibi data eſt, dicunt te eſſe futuram matrem illius magni prophete.

---

<sup>801</sup> Ibi *IJMNOQV*, Ibiſque *L*

<sup>802</sup> erat *om. ILV*

<sup>803</sup> laborabat *om. V*

<sup>804</sup> et orare *add. Q*

<sup>805</sup> rerum et *add. M (in marg. a.), om. JNP*

<sup>806</sup> proficiebant *IJLMONQP*, proficiebat *V*

<sup>807</sup> Prophetas *JMNOQV*, Prophetias *L*

<sup>808</sup> omnium *JLMNOPQ*, omni *V*

<sup>809</sup> hominum *MP*, omnium hominum *J*, omnium *LONQV*

<sup>810</sup> illa *om. P*

<sup>811</sup> hebdomadibus *ILNQV*, ebdomadis *O*, ebdomadis *JMP*

<sup>812</sup> predicabat *add. Q*

<sup>813</sup> Legebat *IJMNOQV*, Legit *L*

<sup>814</sup> Dominus *IJLMNOPV*, Deus *Q*

<sup>815</sup> Femina *IJLMNOPV*, Mulier *Q*

<sup>816</sup> illud *om. V*

<sup>817</sup> ancilla *IJLMNOPQ*, ancillam *V*

<sup>818</sup> taciti *IJLMNOQV*, tacite *P*

<sup>819</sup> noſtri *om. Q*

<sup>820</sup> genitrix *IJLMNOPV*, mater *Q*

<sup>821</sup> Alius dicebat *IJLMNOPV*, Alii dicebant *Q*

<sup>822</sup> poſſet *IJMOPV*, poſſe *L*, poſſit *NQ*

<sup>823</sup> pulchriorem *JMNP*, puriorem *ILOQV*

<sup>824</sup> pulchriorem *add. O*

<sup>825</sup> doctiorem *IJLMNOPV*, perdoctiorem *Q*

<sup>826</sup> dixit ei: "Maria, dic *IJLMNOPQ*, dixit Marie: "Dic *V*

<sup>827</sup> cognoſco *MNP*, agnoſco *IJLOQV*

<sup>828</sup> replicauit *IJLMNOPQ*, reſpondit *V*

<sup>829</sup> et que alias *add. M(in marg)Q*

Illa hora Maria lacrimas pre gaudio effudit dicens<sup>831</sup>: Cupere tantum donum cuilibet puelle presumpcio est<sup>832</sup>. Habere<sup>833</sup> illud, dignitas summa est. Nulla est digna.<sup>834</sup> Ipse<sup>835</sup> solus sibi dignam matrem facere potest. Sed utinam dignaretur unam ex minimis ancillis<sup>836</sup> sue Genitricis<sup>837</sup> me facere.

Dum hec agerentur in cellula Marie, primicerius<sup>838</sup> sacerdotum ibi uidens tantam maiestatem in hac uirgine, die ac nocte obseruabat eam et hac hora in colloquio cum puella ista inuenit et omnia uerba utriusque audiuit. Et cum uideret utramque flere, pulsauit modeste ad ostium cellule et, astante alio sacerdote antiquo ut ipse erat, immo antiquiore et toto dedicato Deo, cui nomen erat Hely, aperto ostio, dixit: Vsque nunc, Maria, te habui pro puella seruata in Templo Domini. Ex<sup>839</sup> nunc te adoro tamquam nostri generis<sup>840</sup> ueram Reginam et Imperatricem. Tu es<sup>841</sup> certe Mater nostri Messie, tu Genitrix Saluatoris totius generis humani. Tu eris scala<sup>842</sup>, tu eris iter omnium ad Deum nostrum. Misereberis nobis peccatoribus, misereberis<sup>843</sup>.

Tunc Maria, humillima Dei serua<sup>844</sup>, genuflectit illico in conspectu illorum patrum, dicens<sup>845</sup>: Deum, patres mei, adorate una mecum. Ego ut spiritualis uestra filia etiam uos in gradu uestro, adoratione que Dei sinagoge ministris debetur, adoro. Que de me dicitis magna sunt. Ista magna facere nemo potest nisi ille qui<sup>846</sup> est potens et cui<sup>847</sup> nomen sanctum est. Ego me indignam<sup>848</sup> tanta maiestate puto neque ullam<sup>849</sup> dignam iudico<sup>850</sup>. Ipse faciet de indigna dignam<sup>851</sup>, de peccatrice iustam. Dominus<sup>852</sup> uniuersorum ipse solus est. Mihi satis erit<sup>853</sup> ancillam<sup>854</sup> esse, si tantum uixero<sup>855</sup>, ancillarum illius<sup>856</sup> sanctissime<sup>857</sup> Matris. Et uos, patres mei, pro<sup>858</sup> me intercedite.

Tunc ille sacerdos senior uocatus<sup>859</sup> Hely dixit: Valde humilis es, o uirgo. Deus qui semper humiles<sup>860</sup> exaltat, te quoque exaltabit. Et quanto humilior es tanto sublimior

<sup>830</sup> ex quo *ILOQV*, et que *JMNP*

<sup>831</sup> lacrimas pre gaudio effudit dicens *IJLMOPV*, lacrimas pre gaudio fudit dicens *N*, lacrimans pre gaudio, dixit *Q*

<sup>832</sup> est *om. IL*

<sup>833</sup> Habere *IJLMNOPQ*, Hodie *V*

<sup>834</sup> Ego ex me equaliter indigna. add *IL (M in marg. a.m.)NOV*

<sup>835</sup> Ipse add. *M (in marg.)*

<sup>836</sup> ancillis *JLMNOPQV*, exilis *I*

<sup>837</sup> sue Genitricis *IJLMNOPV*, suam Genitricem *Q*

<sup>838</sup> primicerius *J (M add. sup. lin.a.m. alias princeps) PQ*, princeps *ILV*, alius princeps primicerius *N*, alius primicerius *O*

<sup>839</sup> ex *IJLMNOPQ*, et *V*

<sup>840</sup> generis *IJMNOQV*, Genitrix *L*

<sup>841</sup> es *IJLMNOPV*, eris *Q*

<sup>842</sup> scala *IJLMNOQV*, stela *P*

<sup>843</sup> misereberis *om. JP*

<sup>844</sup> serua *IJLMOPQV*, genitrix *N*

<sup>845</sup> dicens *IJLMNOPV*, et dixit *Q*

<sup>846</sup> qui *IJMNOQV*, cui *L*

<sup>847</sup> cui *JMOPQ*, cuius *ILV*

<sup>848</sup> indignam *ILMNOPQ*, indigna *JV*

<sup>849</sup> ullam *IJLMNOPQ*, illam *V*

<sup>850</sup> iudica *JJLMPQV*, puto *NO*

<sup>851</sup> dignam *IJLMNOPQ*, digna *V*

<sup>852</sup> Dominus *JLMNOPQV*, Deus *I*

<sup>853</sup> erit *JMNOP*, esset *ILQV*

<sup>854</sup> ancillam *JMOPQ*, ancilla *ILNV*

<sup>855</sup> uixero *IJLMNOQV*, uixerim *P*

<sup>856</sup> illius *om. V*

<sup>857</sup> sanctissime *JLMNOPQV*, sacratissime *I*

<sup>858</sup> pro *IJLMNOPV*, per *Q*

<sup>859</sup> uocatus *IJLMNOQV*, uocato *P*

eris. Cognosco certe Deum ordinasse ut tu sis mater Messie uel socia ipsius<sup>861</sup>. Sed ubi erit mater si tu non sis? Apud nos non est ulla que mereatur per mille milia graduum<sup>862</sup> quantum tu. Si Matrem illam<sup>863</sup> in celis non tenet Deus, de his que in terris<sup>864</sup> sunt nulla te<sup>865</sup> dignior, nulla sanctior. [60]

Maria dixit: Cito Deus dignificat quando<sup>866</sup> uult. Me commendo uestris orationibus ut saltem uidere mereamur<sup>867</sup> illam de qua loquimur, quia uere beati oculi nostri<sup>868</sup> erunt si eam uidebunt et longe beatiores si Filium illum<sup>869</sup> speciosum<sup>870</sup> forma pre filiis hominum intueri merebuntur<sup>871</sup>.

Maria assidue stipata<sup>872</sup> erat multitudine angelorum. Et quia a principio Deus iusserat nobis angelis ut eam pro nostra Regina teneremus, nullus ex nostris fuit tam<sup>873</sup> potens aut magnus qui non cuperet eam uidere. Nam inter nos maiores sunt ita humiles ut inferiores. Quamobrem alternatim ueniebamus et recedebamus ab ea. Omnes admirabamur<sup>874</sup> tantam gratiam et tam amplum donum in puella<sup>875</sup> tam formosa, tam studiosa, tam humili<sup>876</sup>. Et gratias agebamus Deo qui nos subiciebat tam prestanti uirgini. Deus quoque<sup>877</sup> ipse Trinus<sup>878</sup> sepissime Marie apparebat et cum ea<sup>879</sup> loquebatur sicut amicus cum amico suo et ipsa<sup>880</sup> cognoscebat<sup>881</sup> illos tres unum esse. Cognoscebat quoque illum qui erat Filius Eterni Patris<sup>882</sup> et qui uolebat esse filius temporaliter<sup>883</sup> temporalis matris. Cogitabatque<sup>884</sup> nimiam dilectionem<sup>885</sup> Dei<sup>886</sup> et nimiam felicitatem illius Matris<sup>887</sup>.

Mansit ergo Maria in Templo Domini annis circiter undecim in sanctitate et iustitia, plena uirtutibus et gratia, expectans summam gratiam Christi<sup>888</sup> uidelicet filium suum. Nullusque considerans circa illam uel aspiciens<sup>889</sup> in illam<sup>890</sup> poterat non commoueri<sup>891</sup>

---

<sup>860</sup> humiles *om. V*

<sup>861</sup> ipsius *JMNOP*, illius *ILV*, eius *Q*

<sup>862</sup> graduum *JMNOPQ*, gradus *ILV*

<sup>863</sup> illam *JL (M add. in marg. a.m. ullam alias) PQ*, ullam *N (O add. alias illam)*, *om. V*

<sup>864</sup> terris *IJMNOPQ*, terra *LV*

<sup>865</sup> te *IJLMNOPQ*, est *V*

<sup>866</sup> quando *JMNOPQ*, quem *ILV*

<sup>867</sup> mereamur *IJLMNOPV*, merear *Q*

<sup>868</sup> nostri *IJLMNOPQ*, uestri *V*

<sup>869</sup> illum *IJLMNOPV*, eius *Q*

<sup>870</sup> speciosum *JMNOPQ*, pretiosum *ILV*

<sup>871</sup> merebuntur *IJLMNOQP*, merebunt *V*

<sup>872</sup> stipata *JMN (O er. stipata et add. associata) PQ*, associata *ILV*

<sup>873</sup> tam *LMNOPQV*, tantum *I, om. J*

<sup>874</sup> admirabamur *JMNOPQ*, mirabamur *ILV*

<sup>875</sup> puella *ILMNOPQ*, puellam *JV*

<sup>876</sup> humili *IJLMNOP (Q add. et gratiosa)*, himilis *V*

<sup>877</sup> quoque *om. ILV*

<sup>878</sup> trinus *JLMNOPV*, uius *Q*

<sup>879</sup> ea *IJLMNOPQ*, illa *V*

<sup>880</sup> ipsa *JLMPQV*, illa *NO*

<sup>881</sup> cognoscebat *ILMNOPQV*, agnoscebat *J*

<sup>882</sup> Patris *om. Q*

<sup>883</sup> temporaliter *om. Q*

<sup>884</sup> Cogitabatque *ILMNOPV*, Cognoscebat quoque *Q*

<sup>885</sup> dilectionem *MNOP*, generationem *ILV*

<sup>886</sup> nimiam dilectionem Dei *om. Q*

<sup>887</sup> Cogitabatque nimiam dilectionem Dei et nimiam felicitatem illius Matris. *add. M (in marg. a.m.)*, *om. J*

<sup>888</sup> Christi *JMQ*, Christum *ILNOPV*

<sup>889</sup> aspiciens *IJLMNOPV*, respiciens *Q*

<sup>890</sup> illam *IJMNOPQ*, illa *LV*

<sup>891</sup> comoueri *IJMNOPQ*, conueniri *LV*

in Deum. Omnes sanctam, omnes Deo predicabant<sup>892</sup> caram. Docebat<sup>893</sup> omnes, humilior omnibus, sublimior uirtutibus, inferior opinione. Sanctificabat iugiter<sup>894</sup> Deus<sup>895</sup> tabernaculum suum non expulsionem culparum, que nulle umquam<sup>896</sup> inheserant<sup>897</sup>, sed augmento gratie et aliorum donorum.<sup>898</sup> Quam sancta, quam immaculata fuerit<sup>899</sup> hec uirgo quam Deus in suam<sup>900</sup> Genitricem preelegerat<sup>901</sup>, uerbis humanis et angelicis explicari non posset. Ipsa enim sola electa<sup>902</sup> est et preelecta, quod<sup>903</sup> uos de qualibet sancta abusiue dicitis sicut et multa alia<sup>904</sup>. Nulla enim, immo et nullus, fuit eo modo preelecta aut preelectus<sup>905</sup>. Ipsa sola est<sup>906</sup> super omnes choros angelorum exaltata. Hanc nos omnes colimus et ueneramur et adoramus. Vos qui<sup>907</sup> natura minores<sup>908</sup> nobis estis et in natura eidem<sup>909</sup> similiores<sup>910</sup> quanto magis<sup>911</sup> debetis in ea magnificare Deum celi et terre et omnium uisibilium et inuisibilium, quia ipsa<sup>912</sup> est gloria, letitia et honorificentia<sup>913</sup> populi uestri<sup>914</sup> !

Relinquamus Reginam nostram in domo Domini. Nondum enim locuti sumus de eius<sup>915</sup> desponsatione neque de Verbi Dei in utero eius mirabili conceptione, de quibus alias, nunc de illa questione dicamus aliquid quam superius proposuisti, de celo empyrio, paradiso celesti, et gloria eius."

Tunc ego<sup>916</sup>, quasi<sup>917</sup> in meipsum<sup>918</sup> rediens, detinebar enim nimia dulcedine uerborum angeli et tam ampliarum uirginis Marie laudum, dixi: Si mille annis, angele Dei, de Matris Dei laudibus diceres, nunquam me tedio afficeres<sup>919</sup>. Si tamen ad aliam materiam<sup>920</sup> transire tibi placet, resumam uires ad audiendum iterum et ea que audiero<sup>921</sup> annotare curabo.

Tunc Gabriel angelus loqui iterum cepit, dicens: Audite, celi, que futuro pastori loquor. Audiatur omnis terra<sup>922</sup> uerba oris mei. Deus ab eterno humanam carnem sumere

<sup>892</sup> predicabant *IJLMNOPQ*, indicebant *V*

<sup>893</sup> Docebat *IJLMNOPQ*, dicebant *V*

<sup>894</sup> iugiter *IJMNOQV*, igitur *L*

<sup>895</sup> Deus *IJLMNOPQ*, Dominus *V*

<sup>896</sup> que nulle umquam *IJLMNOV*, que numquam *P*, que ei numquam nulla *Q*

<sup>897</sup> inheserant *IJLMNO*, inheserunt *P*, inhererat *Q*, inhererant *V*

<sup>898</sup> donorum *om. V*

<sup>899</sup> fuerit *JLMOPQV*, fuit *N*

<sup>900</sup> Matrem et *add. Q*

<sup>901</sup> preelegerat *JM*, preordinauerat *ILNOV*, preelegerat *P*, predicauerat *Q*

<sup>902</sup> electa *om. P*

<sup>903</sup> quod *ILNO*, apud *JMP*, quod apud *Q*, que *V*

<sup>904</sup> sicut et multa alia *om. Q*

<sup>905</sup> preelectus *IJLMNOPQ*, preeternus *V*

<sup>906</sup> est *om. ILV*

<sup>907</sup> in *add. J*

<sup>908</sup> minores *IJLMNOPQ*, maiores *V*

<sup>909</sup> eidem *IJLMOPQV*, eisdem *N*

<sup>910</sup> similiores *IJMNOQV*, similes *L*, sublimiores *V*

<sup>911</sup> quanto magis *JMP*, multo magis *ILNOQV*

<sup>912</sup> ipsa *om. PV*

<sup>913</sup> honorificentia *IJLMNOPV*, magnificentia *Q*

<sup>914</sup> uestri *IJLMNOP*, nostri *QV*

<sup>915</sup> eius *IJMNOQV*, ipsius *LV*

<sup>916</sup> ego *om. IV*

<sup>917</sup> quasi *IJLMNOPQV*, quia *O*

<sup>918</sup> meipsum *IJLMNOPQ*, memetipsum *V*

<sup>919</sup> afficeres *IJLMNOPQV*, afficias *O*

<sup>920</sup> aliam materiam *ILMNOPQV*, alia materia *J*

<sup>921</sup> que audiero *JMOPQ*, audiente *ILV*, audiuero *N*

<sup>922</sup> omnis terra *IJMNOQV*, terra omnia *LV*

[61] uoluit. Ideo sibi homini<sup>923</sup> et Matri sue aliisque ex<sup>924</sup> uestris beatificandis magnam et excelsam preparauit habitationem. Vnde unus hic astantium<sup>925</sup> recte scripsit: "O Israel, quam magna est domus<sup>926</sup> Domini et ingens locus possessionis eius, magnus et non habens consummationem aut finem, quia in ipsum tamquam in<sup>927</sup> ultimum<sup>928</sup> omnia mundi corpora terminantur. Ideo excelsus dicitur et immensus, quia metitur et circumdat omnia<sup>929</sup> et ipse<sup>930</sup> a nullo mensuratur aut ambitur.» Et quia Deus<sup>931</sup> nouerat conditionem humane nature, fabricauit locum illum cum omnibus conditionibus nature humane conuenientibus, immo uniuersa<sup>932</sup> que nature hominum<sup>933</sup> prodesse poterunt<sup>934</sup> uel delectando uel iuuando. In loco illo coadunauit<sup>935</sup> simul et collegit que<sup>936</sup> in his uestris mortalibus locis sparsim<sup>937</sup> inueniuntur. Paradisus terrestris ualde minoris amenitatis, utilitatis<sup>938</sup> et iucunditatis est<sup>939</sup>, in quo cibo et potu corporali indiguissetis<sup>940</sup>. Hic locus Celum dici potest quia secundum lingue uestre<sup>941</sup> proprietatem celat<sup>942</sup> et tegit. Potest etiam dici Terra, quia homini terreno<sup>943</sup> congruentissima<sup>944</sup> habitatio. Hec est Terra illa de qua unus ex<sup>945</sup> hic astantibus<sup>946</sup> in rota Domini dixit, loquens ad Deum: "Spes mea es tu et portio mea in terra uiuentium". Congruentior<sup>947</sup> illa habitatio est homini quam Terra ista uestra et quam aer in quo estis. Fecit enim illam<sup>948</sup> maximus artifex extra omnes celos mobilem et quietam, debite<sup>949</sup> et congrue lucidam, que esset locus omnium. Vnde quidam ex hominibus recte, non bene scientes quid<sup>950</sup> dicerent, dixerunt primo et ante omnia Deum fecisse locum in quo reponeret omnia et, balbutientes, ipsum locum terram uocauerunt, dicentes: "Primum facta est latissima telus". Terra enim dici potest, quia pro terrenis corporibus creata<sup>951</sup> et terre atque aeris excellentius<sup>952</sup> qualitates et conditiones habens.

<sup>923</sup> homini *IJLMOPQV*, hominem *N*

<sup>924</sup> ex *om. V*

<sup>925</sup> astantium *ILMNOPQ*, astantibus *JV*

<sup>926</sup> domus *IJLMOPQV*, gloria *N*

<sup>927</sup> in *om. V*

<sup>928</sup> finem *add. LNV*

<sup>929</sup> omnia *IJLMOPQV*, uniuersa *N*

<sup>930</sup> ipse *om. V*

<sup>931</sup> Deus *om. Q*

<sup>932</sup> uniuersa *add. M (in marg. a. m.), om. J*

<sup>933</sup> hominum *IJLMOPV*, humane *NQ*

<sup>934</sup> poterunt *IJMNOQV*, possunt *LV*

<sup>935</sup> coadunauit *IJLMNOP*, adunauit *Q*, coadiuuauit *V*

<sup>936</sup> que *IJLMNOPV*, qui *Q*

<sup>937</sup> sparsim *IMNOPQV*, sparsis *J*, exparsim *L*

<sup>938</sup> et comoditatis *add. NQ*

<sup>939</sup> est *om. P*

<sup>940</sup> indiguissetis *IJMNO PQV*, indiguistis *L*

<sup>941</sup> lingue uestre *IJLMNOPV*, linguam uestram *Q*

<sup>942</sup> omnia *add. L(M sup.lin.a.m.)NOV*

<sup>943</sup> homini terreno *IJLMNOPV*, terrenis hominibus *Q*

<sup>944</sup> congruentissima *ILMNOQV*, conuenientissima *JP*

<sup>945</sup> ex *IJMOPQ*, de *LNV*

<sup>946</sup> astantibus *IJLMNOPV*, assistentibus *Q*

<sup>947</sup> Congruentior *IJLMNOQV*, conuenientior *P*

<sup>948</sup> illam *IJLNOQ*, illa *M*, Deus illud *P*, *om. V*

<sup>949</sup> immobilem et quietam, debite *IJLMNQV*, immobile, quietem dedit *P*  
debite *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>950</sup> quid *JMNOP*, qui *ILV*, quod *Q*

<sup>951</sup> est *add. V*

<sup>952</sup> excellentius *IJLNPV*, excelentiores *MOQ*

Alii ex uestris illud celum igneum uocauerunt non solum propter splendorem, sed quia est supra omnia corpora sicut ignis supra<sup>953</sup> omnia<sup>954</sup> elementa. Mira est compositio illius. Ibi sunt omnia quibus uisus humanus delectari potest. Ibi auditus uester et olfatus, gustus et tactus cuncta<sup>955</sup> placentia sentient<sup>956</sup> sine ulla corruptione, sine fastidio, sine labore, sine dolore. Non comedent ibi homines. Habebunt tamen gustum plenum suauitate et olfatum, auditum et tactum et uisum et omnes sensus. Taliter Deus<sup>957</sup> disposuit illam regionem ut in illa et moueri sine ullo<sup>958</sup> labore et respirare<sup>959</sup> modo<sup>960</sup> conuenienti corporibus gloriosis poteritis<sup>961</sup>. Neque in aliis celis inferioribus, qui<sup>962</sup> mouentur, ita congrua esset<sup>963</sup> uobis habitatio sicut in illo. Huius celi empyrii<sup>964</sup> pars inferior<sup>965</sup>, que<sup>966</sup> celum cristalinum seu aqueum in Scriptura dictum tangit, solida et firma est ita ut confidenter ambulare poteritis super eam<sup>967</sup>. Illud autem celum cristalinum est dictum, quia totum transparet<sup>968</sup> et nulla eius pars densior est<sup>969</sup>. Superior quoque pars huius empyrii celi solida est tamquam quoddam<sup>970</sup> fulgentissimum ex lapidibus<sup>971</sup> pretiosis constructum tectum [62] domus Dei. In medio uero partes habet fluxibiles<sup>972</sup> aliquo modo et tenues, aeri<sup>973</sup> similes quas attrahere<sup>974</sup> et expirare<sup>975</sup> poteritis. Ibi erit omnis amenitas ualde et incomparabiliter maior illa que posita est in paradiso uoluptatis plantato a principio.

Multis tamen indiget corpus mortale sine quibus immortale uiuere et bene uiuere poterit. Cibum uos et cuncta animalia cupitis<sup>976</sup> et magnas in eo<sup>977</sup> delicias ponitis. Sed, mihi crede, nil turpius facit homo quam quando in seipsum<sup>978</sup> trahit carnes animalium mortuas et eas dentibus premit, ore complectitur, lingua lambit, in stomacho decoquit<sup>979</sup>, que in eo sicut in quodam sepulchro marcescunt et putrescunt<sup>980</sup>. Quamobrem homo fit quoddam sterquilinum, feces fetidissimas in se retinens. Vnde turpius est cibum

<sup>953</sup> supra *IJLNOQV*, super *MP*

<sup>954</sup> omnia *om. Q*

<sup>955</sup> cuncta *IJLMNOPV*, omnia *Q*

<sup>956</sup> sentient *ILNOQV*, sentirent *JM*

<sup>957</sup> Deus *om. JMNOP*

<sup>958</sup> ullo *add. M (sup.lin.a.m.), om. P*  
dolore et *add. Q*

<sup>959</sup> respirare *IJMNOQV*, respirari *L*

<sup>960</sup> modo *IJLMOPQV*, non *N*

<sup>961</sup> poteritis *IJLMNOPV*, possitis *Q*

<sup>962</sup> qui *JMOPQ*, que *ILNV*

<sup>963</sup> esset *ILMNOQV*, essent *J*

<sup>964</sup> empyrii *ILMNOQV*, empyreo *J*

<sup>965</sup> sicut in illo. Huius celi empyrii pars inferior *IJMOPQV*, sicut in illo huius celi empyrii. Pars inferior *LN*

<sup>966</sup> que *JLMNOQV*, qui *IP*

<sup>967</sup> eam *IJLMNOQV*, eum *P*

<sup>968</sup> transparet *IJLMNOQV*, transperet *P*

<sup>969</sup> aut spissior *add. L (M in marg.a.m.) N (O sup.lin.a.m.)V*

<sup>970</sup> quoddam *om. V*

<sup>971</sup> fulgentissimis et *add. Q*

<sup>972</sup> In medio uero partes habet fluxibiles *ILMNOV*, In medio uero partes habet fixibiles *J*, Immo partes sunt fluxibiles *Q*

<sup>973</sup> aeri *IJLMOQV*, aeris *P*

<sup>974</sup> quas attrahere *IJLMNOPQ*, quod acrabere *V*

<sup>975</sup> expirare *ILMNOQV*, experire *J*, respirare *P*

<sup>976</sup> cupitis *IJLMNP*, capitis *OQV*

<sup>977</sup> et magnas in eo *ILMNOQ*, et magna est in eo *J*, et magnas in se *V*

<sup>978</sup> in seipsum *IJLMNOPV*, ipse in se *Q*

<sup>979</sup> et eas dentibus premit, ore complectitur, lingua lambit, in stomacho decoquit, *add.J (M in marg.a.m.) om. P*

<sup>980</sup> putrescunt *JMNOPQ*, putrefiunt *ILV*

ingerere et fetidum retinere quam emittere. Et sic turpius est comedere quam uentrem purgare. Sed ista turpitudine non cogitatur propter imminentem necessitatem et magnam uoluptatem. Que uoluptas in cibo et potu magna<sup>981</sup> Dei prouidentia data est presertim hominibus ne, turpitudinem huius rei cogitantes, a cibo<sup>982</sup> abstinerent<sup>983</sup> et in uia<sup>984</sup> cito deficerent. Similiter in genitalibus membris posita est tanta delectatio<sup>985</sup> ne natura deficiat quod etiam sapientissimis difficile<sup>986</sup> est abstinere.

Ibi non comedetis neque bibetis neque nuptias facietis, sed eritis sicut et nos angeli sumus. Comedemus eundem nobis<sup>987</sup> communem<sup>988</sup> cibum, bibemus eundem potum, iuxta promissa uobis a Salvatore in ultima sua<sup>989</sup> Cena. Sedebitis enim in regno eius, quia sine ullo labore et perturbatione manebitis et super mensam eius, ut filii, non sub mensa, ut catelli<sup>990</sup>, micas colligetis. Sed<sup>991</sup> panem Dei uestri et nostri una<sup>992</sup> nobiscum comedetis. Mensa Christi est deitas et ipsa essentia diuina super quam ipsi<sup>993</sup> comedunt qui eam facie ad faciem intuentur. Visio enim deitatis est cibus, primo ipsius Dei uidelicet Sanctissime<sup>994</sup> Trinitatis, deinde hominum et angelorum. Illi ergo soli super Christi Domini<sup>995</sup> mensam comedunt qui uisione illius deitatis reficiuntur. Qui<sup>996</sup> uero<sup>997</sup> illi sic uise<sup>998</sup> amore perfecto adherent et ea fruuntur, super mensam Christi bibunt. Visio illius est cibus, fruitio est potus. Que duo perficiunt et complent totius alimenti beati rationem. Visio sola non est alimentum perfectum neque fruitio sola, sed illa duo simul iuncta. Vnde et Saluator, uolens uobis<sup>999</sup> relinquere signum huius alimenti, corpus suum sub speciebus panis<sup>1000</sup> et sanguinem sub speciebus uini dandum instituit. Frustra inter uos altercantur uestri doctores, illi<sup>1001</sup> dicentes in uisione Dei beatitudinem existere, alii uero in fruitione. Alimentum unum<sup>1002</sup> est beatitudo, collectum est nutrimentum perfectum ex illis duobus. Frustra etiam disceptant<sup>1003</sup> quid sit nobilius, uidere<sup>1004</sup> uel<sup>1005</sup> frui<sup>1006</sup>, quia unum sine altero<sup>1007</sup> non facit aliquem beatum. Vnde si Deus in aliquo uisionem sui sine fruitione<sup>1008</sup> causaret, beatus ille non esset, neque

<sup>981</sup> magna *IJLMNOQV*, maxima *P*

<sup>982</sup> cibo *IJLMNOPQ*, cibum *V*

<sup>983</sup> abstinerent *IJLMOPQV*, desisterent *N*

<sup>984</sup> uia *JLMNOPQV*, uiam *I*

<sup>985</sup> delectatio *IJMNOQV*, delectatione *L*

<sup>986</sup> difficile *IJLMNOPV*, difficillimum *Q*

<sup>987</sup> nobis *IJLMNOV*, uobis *PQ*

<sup>988</sup> nobis communem *IJLMNOPQ*, nos commune *V*

<sup>989</sup> sua *om. QV*

<sup>990</sup> catelli *IJMNOV*, catuli *LPQ*

<sup>991</sup> Sed *om. J*

<sup>992</sup> una *om. O*

<sup>993</sup> ipsi *JM*, illi *INOPQ*, *om. LV*

<sup>994</sup> Sanctissime *JMNOPQ*, Summe *ILV*

<sup>995</sup> Christi Domini *IJLMNOP*, Domini *Q*, Christum Dominum *V*

<sup>996</sup> reficiuntur. Qui *IJMNOQV*, reficiuntur quia *L*

<sup>997</sup> uero *om. L*

<sup>998</sup> uise *JMNO*, uiso *ILV*, in se *P*, *om. Q*

<sup>999</sup> uobis *om. O*

<sup>1000</sup> panis *om. N*

<sup>1001</sup> uestri doctores, illi *IJLMOPQV*, illi doctores *N*

<sup>1002</sup> unum *IJMNOQV*, esum *L*

<sup>1003</sup> etiam disceptant *INOPQ*, etiam disputant *JL*, autem disceptant *M*, etiam disseptant *V*

<sup>1004</sup> uidere *IJLMNOPQ*, uidetur *V*

<sup>1005</sup> uel *IJLMOPQV*, an *N*

<sup>1006</sup> frui *om. V*

<sup>1007</sup> altero *IJLMNOPV*, alio *Q*

<sup>1008</sup> crearet siue *add. Q*

crearet alias *add. M (in marg.a.m.)O*

fruitio poni potest alicuius non uisi uel<sup>1009</sup> cogniti. Et<sup>1010</sup> ad hoc ut<sup>1011</sup> fruitio sit uere<sup>1012</sup> beatifica, oportet ut sit de Deo aperte uisio et non qualicumque<sup>1013</sup> noto. Ratio fruitionis adeo parum nobilior est<sup>1014</sup> uisione et uoluntas intellectu<sup>1015</sup> ut nobis<sup>1016</sup> intuentibus uix appareat<sup>1017</sup>.

Non est<sup>1018</sup> utile multum in hoc tempus<sup>1019</sup> consumere neque perpetuis altercationibus incumbere. Comedemus ergo simul et bibemus super mensam Christi in regno suo, quia hoc alimentum ipse uobis hominibus meruit, non<sup>1020</sup> proprie nobis. Ideo dixit: "In regno meo<sup>1021</sup>".

Nos tamen etiam<sup>1022</sup> propter ipsum beati sumus, quia propter obedientiam promptam<sup>1023</sup> qua<sup>1024</sup> eum ab initio in superiorem et principem nostrum acceptauimus, omnibus nobis est<sup>1025</sup> et Princeps et Dominus. Sed uobis est Saluator et Redemptor. Et dum estis in uia cum caritate et fide, in spe<sup>1026</sup> ambulantes<sup>1027</sup>, non comeditis<sup>1028</sup> panem filiorum super mensam, sed sub mensa micas cadentes de mensa filiorum ut catelli colligitis<sup>1029</sup> quia non uisionem, sed tenuem et<sup>1030</sup> enigmaticam<sup>1031</sup> cognitionem de Deo habetis nec ipsum in se attingitis<sup>1032</sup>. Quicquid de illo<sup>1033</sup> cogitatis sub ipso est, non ipse<sup>1034</sup> in sua clara<sup>1035</sup> uisione. Sub mensa cibum sumitis, sub mensa bibitis, quia illa uestra fruitio in talem terminatur Deum qualem cognoscitis, quia eum sicuti est non uidetis. Ideo sub mensa bibitis quia Deo qualis in se est<sup>1036</sup> non fruimini neque amore inheretis. O quantum bonum est Deo adherere, in quo sunt omnes deliciae, omnes thesauri, omnia bona!

Cogita bona quecumque<sup>1037</sup> excogitari possunt. Omnia in Deo sunt. Qui ipsum solum habet<sup>1038</sup>, omnia bona habet<sup>1039</sup>, quia ipse est bonum omnium bonorum. Homines

---

<sup>1009</sup> non *add. I*

<sup>1010</sup> etiam *add. JM*

<sup>1011</sup> Et ad hoc ut *IJLMV*, Tamen ad hoc quod *N*, et si poneretur tamen ad hos ut *O*, Et si poneretur tamen adhuc ut *PQ*

<sup>1012</sup> uere *IJLNOQV*, uera *M*

<sup>1013</sup> qualicumque *M*, qualitercumque *IJLNOQV*

<sup>1014</sup> est *om. V*

<sup>1015</sup> intellectu *IJLNOQV*, intellecta *M*

<sup>1016</sup> nobis *IJLMNOQV*, uobis *P*

ea *add. IL(O sup lin.a.m.)V*, eam *add. Q*

<sup>1017</sup> appareat *JMNOQ*, apparet *ILQV*

et excidit nobilitate atque exciditur *add. JMNOQ*

<sup>1018</sup> est *om. J*

<sup>1019</sup> tempus *MP*, temporis *IJLNOQV*

<sup>1020</sup> non *JMNOQ*, neque *ILV*

<sup>1021</sup> alias suo *add. OQ*

<sup>1022</sup> etiam *om. PQ*

<sup>1023</sup> promptam *IJM (N add. sup.lin.a.m.)PQ*, propriam *LV*

de qua locuti sumus *add. OQ*

<sup>1024</sup> qua *ILMNOPQV*, quia *J*

<sup>1025</sup> est *om. LV*

<sup>1026</sup> spe *IJLMNOQV*, spiritu *P*

<sup>1027</sup> ambulantes *IJLMNOQV*, abundantes *V*

<sup>1028</sup> comeditis *JMNOQ*, comedetis *ILV*

<sup>1029</sup> colligitis *IJMNOPQV*, colligetis *L*

<sup>1030</sup> in *add. LV*

<sup>1031</sup> uisionem seu *add. Q*

<sup>1032</sup> attingitis *IJMNOPQV*, attingetis *L*

<sup>1033</sup> Quicquid de illo *IJLMNOPV*, quia quod de Deo *Q*

<sup>1034</sup> ipse *JLMNOQV*, ipsi *P*

<sup>1035</sup> clara *ILMNOPQV*, elata *J*

<sup>1036</sup> est *om. L*

<sup>1037</sup> quecumque *IJLMNOPQ*, que *V*

mirantur quomodo uisio Dei<sup>1040</sup> et fruitio possint<sup>1041</sup> esse tantum bonum quantum dicitur. Et multi potius uellent comedere et bibere et opera carnis exercere, piscari, uenari, dormire, ludere, iocari<sup>1042</sup> quam Deum uidere. Neque gustant quod<sup>1043</sup> uisio illa sit uel<sup>1044</sup> esse possit delectabilior operibus carnis et blanditiis corporalibus. Sed nos illud cognoscimus<sup>1045</sup>, nos aperte discernimus. Omnes enim uoluptates uestre sunt incluse in nostris sicut et omnis cognitio uestra et omnis amor uester includitur in nostra cognitione et in nostro amore. Nos ita<sup>1046</sup> cognoscimus sapes et odores, sonos<sup>1047</sup> et colores<sup>1048</sup> nostro unico intellectu et unica uoluntate<sup>1049</sup> sicut et uos tot sensibus et appetitibus<sup>1050</sup>. Et quod gaudium proueniens ex uisione Dei et fruitione<sup>1051</sup> sit ingens et inestimabile, ex eo poteritis<sup>1052</sup> cogitare, quia<sup>1053</sup> certum est quod nemo nisi stultus et insipiens potest negare Dominum<sup>1054</sup> nostrum Deum beatissimum esse et felicissimum<sup>1055</sup> et omnis boni<sup>1056</sup> fontem ita quod nil<sup>1057</sup> deliciarum aut delectationum aut uoluptatum aut cuiusuis<sup>1058</sup> iucunditatis<sup>1059</sup> et letitie<sup>1060</sup> ei<sup>1061</sup> deficiat, sed quod<sup>1062</sup> summo et infinito gaudio gaudeat, qui tamen nunquam piscatur, nunquam uenatur<sup>1063</sup>, nunquam dormit, nunquam bibit, nunquam comedit, nunquam operibus carnis utitur, nunquam ludit aut iocatur. In quo ergo est beatus et felix Deus noster? Non in his bonis<sup>1064</sup> que bona uidentur uobis, sed in sola sui<sup>1065</sup> uisione et fruitione. Qui enim Deum uidet et fruitur ipso, possidet<sup>1066</sup> omne bonum, quia in ipso continetur omne bonum incomparabiliter perfectius quam in auro<sup>1067</sup> usualis nummus<sup>1068</sup> aut in anima uestra intellectiua<sup>1069</sup>, anima brutorum animalium et plantarum [64] seu herbarum. Quemadmodum ergo in homine omne genus uite apparet ita in Deo omne genus et omnis species<sup>1070</sup> boni uere et melius quam in se<sup>1071</sup> existit. Vno uerbo percipe, in

<sup>1038</sup> habet *IJLMNOPV*, habent *Q*

<sup>1039</sup> *idem*

<sup>1040</sup> Dei *om. L*

<sup>1041</sup> *possint JLNQ*, *possunt MP*, *possit IOV*

<sup>1042</sup> *iocari ILMNOPQV*, *iocare J*

<sup>1043</sup> *quod IJLMNOP*, *quomodo Q*, *que V*

<sup>1044</sup> *sit uel om. Q*

<sup>1045</sup> *cognoscimus JMNOPQ*, *agnoscimus ILV*

<sup>1046</sup> *ita IJLMOPV*, *itaque NQ*

<sup>1047</sup> *sonos IJLMNOPV*, *somnos Q*

<sup>1048</sup> *et colores add. P (in marg. a.m.)*

<sup>1049</sup> *uolumus ac appetimus add. M (sup. lin. a.m.) OQ*

<sup>1050</sup> *uolumus ac appetimus. er. P*

<sup>1051</sup> *et fruitione om. Q*

<sup>1052</sup> *poteritis IJMNOQ*, *poteris LV*

<sup>1053</sup> *quia IJLMNOQ*, *quod V*

<sup>1054</sup> *Dominum IJLMNOPV*, *unum Q*

<sup>1055</sup> *felicissimum IJLMNOQ*, *fidelissimum V*

<sup>1056</sup> *omnis boni IJLMNOPV*, *omnium bonorum Q*

<sup>1057</sup> *ei add. L (M sup. lin. a.m.) OV*

<sup>1058</sup> *cuiusuis IJLMNOPV*, *cuiuscumque Q*

<sup>1059</sup> *delectationis add. Q*

<sup>1060</sup> *letitie IJLNOPQV*, *letitia M*

<sup>1061</sup> *ei om. JOP*, *add. M (sup. lin. a.m.)*

<sup>1062</sup> *sed quod IJMNOQ*, *seque LV*

<sup>1063</sup> *uenatur IJLMNOQ*, *uenat V*

<sup>1064</sup> *Deus noster? Non in his bonis IJLMNOV*, *Deus noster in his bonis P*, *Deus noster? Non in bonis Q*

<sup>1065</sup> *sui IJLMNOQV*, *sua P*

<sup>1066</sup> *fruitur ipso*, *possidet IJLMNOQV*, *fruitur, ipse possidet P*

<sup>1067</sup> *auro JMNOPQ*, *altero ILV*

<sup>1068</sup> *nummus JMNOPQ*, *nummi ILV*

<sup>1069</sup> *intellectiua add. M (sup. lin. a.m.)*, *om. P*

<sup>1070</sup> *omnis species IMNOP*, *omnis spes LV*, *omnes species JQ*

Summo Bono, in Bono Immenso, in Bono Infinito et Eterno continentur omnia bona quecumque esse possunt, que sunt uel fuerunt uel futura sunt<sup>1072</sup>. Si tu haberes et possideres omnia bona<sup>1073</sup> nonne beatum et felicem te diceres<sup>1074</sup>? Si hoc negas nil prorsus scis. Certe una uetula delira<sup>1075</sup>, unus senex in puerum uersus<sup>1076</sup> et puer cognoscere incipiens<sup>1077</sup> id<sup>1078</sup> confiteretur et nullo modo negare posset. Si ergo cuncta bona possideres quasi dispersa in se et in te congregata, beatus utique esses. Ex quo ergo Deus est bonum infinitum, omnia bona sunt in ipso. Ipsum habendo, habebis omnia et eo magis quia illa<sup>1079</sup> habebis non tantum<sup>1080</sup> in te coadunata quasi ea<sup>1081</sup> in se sparsa possideres, sed quia in uno bono tuo, in una re sola quam possides<sup>1082</sup> sunt coniuncta. Vere unus de hic<sup>1083</sup> astantibus<sup>1084</sup> ex parte antiquorum Patrum et alius<sup>1085</sup> inde ex parte Noue Legis ministris, dixit: "Nec oculus uidit nec auris audiuit nec in cor hominis ascendit que preparauit Deus diligentibus<sup>1086</sup> se". Cuius sententie hic est sensus: "Tantum est bonum illud a Deo<sup>1087</sup> beatis preparatum quod nullus mortalium medio sui uisus qui maxime deseruit cognitioni<sup>1088</sup> que inueniri<sup>1089</sup> ab homine potest, illud inuestigare quantum sit potuit." Neque ullus<sup>1090</sup> mortalium aure audiuit, quia nullus doctor illud bonum quantum sit exprimere potuit alicui discipulorum. Ita neque discipulus ullus<sup>1091</sup> umquam<sup>1092</sup> audiuit quod enim omnino<sup>1093</sup> dici non potest ab ullo<sup>1094</sup>, illud<sup>1095</sup> neque audiri poterit<sup>1096</sup> tamquam iam dictum. Neque ullus<sup>1097</sup> mortalium illud corde, hoc est, sensu interiori, immo intellectu suo umquam intelligere, percipere aut quale sit imaginari poterit<sup>1098</sup>, immo numquam<sup>1099</sup> tale bonum in cor<sup>1100</sup> eius, id est, in uoluntatem<sup>1101</sup> ascendit. Voluntas enim non fertur<sup>1102</sup> nisi in bonum

<sup>1071</sup> in se *JMNOPQ*, uere *ILV*

<sup>1072</sup> que sunt uel fuerunt uel futura sunt *NO*, que sint uel fuerunt uel futura sint *L*, que sint uel fuerint uel futura sint *JMP*, que sunt uel fuerint uel futura sint *IQV*

<sup>1073</sup> sparsim posita *add. M (in marg.a.m.) OQ*

<sup>1074</sup> diceres *JMNOPQ*, crederes *ILV*

<sup>1075</sup> delira *IJMNOPQV*, delirat *L*

<sup>1076</sup> uersus *IJLMNOPQ*, reuersus *V*

<sup>1077</sup> in puerum uersus et puer cognoscere incipiens *IJLMNOPV*, in puerum uersus cognitione insipiens *Q*

<sup>1078</sup> id *om. L*

<sup>1079</sup> illa *IJMNOPQV*, ea *L*

<sup>1080</sup> non tantum *om. Q*

<sup>1081</sup> ea *om. Q*

<sup>1082</sup> possides *JMNOPQ*, possideres *ILV*

<sup>1083</sup> hic *IJLMNOPV*, iis *Q*

<sup>1084</sup> astantibus *IJLMNOPQ*, stantibus *V*

<sup>1085</sup> alius *IJMNOQV*, alius uester *L*, alias *P*

<sup>1086</sup> diligentibus *ILMNOPQV*, diligentissimus *J*

<sup>1087</sup> Deo *IJLMNOPV*, Domino *Q*

<sup>1088</sup> cognitioni *om. ILV*

<sup>1089</sup> inueniri *om. Q*

<sup>1090</sup> Neque ullus *JMNOPQV*, Nullus *IL*

<sup>1091</sup> neque discipulus ullus *IJLMOPQV*, nullus discipulus *N*

<sup>1092</sup> umquam *IJLMNPQV*, numquam *O*

<sup>1093</sup> omnino *om. ILO*

<sup>1094</sup> ullo *IJLMNOPQ*, illo *V*

<sup>1095</sup> illud *om. O*

<sup>1096</sup> ab alio *add Q*

<sup>1097</sup> Neque ullus *JMNOPQV*, Nullus *IL*

<sup>1098</sup> poterit *JNOPV*, potuit *ILMQ*

<sup>1099</sup> numquam *JMNOPQV*, umquam *IL*

<sup>1100</sup> in cor *IJMNOPQV*, in corde *L*

<sup>1101</sup> in uoluntatem *ILMOP*, in uoluntate eius *N*, in uoluntate *JQV*

<sup>1102</sup> fertur *JMNOPQ*, infertur *IL*, infert *V*

precognitum uel in se uel in suo simili. Quia ergo tale bonum numquam<sup>1103</sup> neque a sensu neque ab intellectu cognitum fuit, tale bonum in cor et uoluntatem<sup>1104</sup> hominis<sup>1105</sup> numquam ascendit, numquam ab ea<sup>1106</sup> concupitum ut<sup>1107</sup> tale bonum est aut desideratum uel amatum fuit. Sicut enim de terra ascenditur in aquam tamquam in elementum altius<sup>1108</sup>, ita<sup>1109</sup> aliquo modo et de cognitione ascenditur ad appetitum maxime quando ille fuerit ultimus et supremus<sup>1110</sup> omnium potentiarum et earum que cognoscunt et earum que appetunt sicut est uoluntas in quam<sup>1111</sup> omnia diriguntur et que, parum ab intellectu distans<sup>1112</sup>, una enim res sunt<sup>1113</sup>, est terminus et aliarum potentiarum omnium finis. Que ergo uolumus, illa ascendunt in cor nostrum, immo<sup>1114</sup> illa<sup>1115</sup> intelligimus. Illa, si bona sunt<sup>1116</sup>, in cor ascendunt, quia ultimo se uoluntati offerunt neque ulterius progredi possunt. Voluntas tantum ac tale bonum quale Deus preparauit numquam uoluit, quia neque intellectus umquam cognouit nisi per speculum et<sup>1117</sup> in enigmate, non autem tale<sup>1118</sup> quale ipsum in se proprie est. Nos angeli, ingrediendo, pascua beatitudinis inuenimus, quia essentiam illam infinitam uidentes et in illa omnia cernentes non egredimur [65] ad cognitionem aliam seu aliorum<sup>1119</sup>. Vos autem ingredimini mente et intellectu, deinde egredimini<sup>1120</sup> cognoscendo sensu et intuendo corporalia uel sensibilia ut<sup>1121</sup> locum illum eminentissimum non solum situ, sed etiam omnibus deliciis et amenitatibus et super<sup>1122</sup> omnia cernendo illam naturam humanam Deo unitam, plenam gratie, gaudii, pacis et ueritatis. Sed nos angeli, quamuis uos<sup>1123</sup> homines ingrediamini<sup>1124</sup> et egrediamini<sup>1125</sup> in pascua consolationis, propter hoc non minus pascimur, sicut<sup>1126</sup> et<sup>1127</sup> ille qui omnia uidet in<sup>1128</sup> uerbo et alius in uerbo et in rebus ipsis non minus<sup>1129</sup> uidet, sed pluribus<sup>1130</sup> modis uidet<sup>1131</sup>. Vnde, non<sup>1132</sup>

<sup>1103</sup> numquam *om. ILV*

<sup>1104</sup> in cor et uoluntatem *IJMNO PQ*, in corde et uoluntate *L*, in cor et uoluntate *V*

<sup>1105</sup> eius *add. Q*

<sup>1106</sup> ea *JMNOP*, eo *ILQV*

<sup>1107</sup> ut *IJLMNO PQ*, uel *V*

<sup>1108</sup> et *add. ILV*

<sup>1109</sup> uel *add. ILV*

<sup>1110</sup> supremus *IJLMNO PV*, postremus *Q*

<sup>1111</sup> quam *JLMNO PQ*, qua *IV*

<sup>1112</sup> distans *JMNOP Q*, distant *ILV*

<sup>1113</sup> sunt *ILNO Q*, est *JMPV*

<sup>1114</sup> alias primo *add. M (in marg. a. m.) O*, primo *add. Q*

<sup>1115</sup> illa *om. P*

<sup>1116</sup> immo illa intelligimus. Illa si bona sunt *JLMNOP*, immo illa primo intelligimus et si bona sunt *Q*,

Immo in illa intelligimus illa. Si bona sunt *IV*

<sup>1117</sup> et *om. IJLPV*

<sup>1118</sup> tale *om. P*

<sup>1119</sup> aliam seu aliorum *J(M add. sed sup. ras.)NO PQ*, aliorum *L*, sed aliorum *IV*

<sup>1120</sup> ad cognitionem aliam seu aliorum. Vos autem ingredimini mente et intellectu, deinde egredimini *om.*

*N*

<sup>1121</sup> ut *IJLMNPQV*, in *O (add. sup. lin. a. m. ut)*

<sup>1122</sup> super *JMNOPQV*, supra *IL*

<sup>1123</sup> uos *om. IJLNOQV*

<sup>1124</sup> ingrediamini *IJLMNO PQ*, ingredimini *V*

<sup>1125</sup> egrediamini *IJLMNO PQ*, egredimini *V*

<sup>1126</sup> Sicut *om. Q*

<sup>1127</sup> et *JMN (O add. sup. lin. a. m.) PQ*, neque *ILV*

<sup>1128</sup> in *om. V*

<sup>1129</sup> minus *ILMNOQV*, magis *JP*

<sup>1130</sup> pluribus *IJLMNOQV*, pulchrioribus *P*

<sup>1131</sup> sed pluribus modis uidet *IJLMNO PV*, et si alius pluribus modis uidet *Q*

<sup>1132</sup> non *IJLMNO PV*, nos *Q*

uidendo res<sup>1133</sup> in Deo<sup>1134</sup> et uidendo illas in se ipsis, non alia<sup>1135</sup> uidemus, sed alio modo uidemus. Sic et uos<sup>1136</sup>. Sed in hoc differimus, quia<sup>1137</sup> uos tribus modis easdem res<sup>1138</sup> uidere potestis, nos angeli duobus modis. Nos enim uidemus<sup>1139</sup> nostro<sup>1140</sup> intellectu humanitatem Christi in Verbo, hoc est, in ipsa essentia diuina tamquam in speculo perfectissimo et modo perfectissimo<sup>1141</sup> ostendente omne<sup>1142</sup> quod intelligi potest. Illam quoque uidemus eodem<sup>1143</sup> intellectu nostro in se ipsa. Quos duos modos uidendi<sup>1144</sup> et uos habetis<sup>1145</sup> et illis<sup>1146</sup> tertium modum additis, quia eandem humanitatem etiam sensu percipitis. Sed uestri tres modi<sup>1147</sup> uidendi non faciunt perfectiorem uisionem, sicut nec nostri duo faciunt perfectiorem uisionem nostram illa uisione unica quam Deus habet. Deus enim unico modo cognoscit omnia, quia<sup>1148</sup> per essentiam suam, et nihil cognoscit alio modo quam in essentia sua. Sed quia illud uidere<sup>1149</sup> eminentissimum est, omnem uidendi<sup>1150</sup> modum, ablati omnibus imperfectionibus<sup>1151</sup>, in se includit<sup>1152</sup>. Vos tertium modum apponitis, quia etiam sensu cognoscitis, quia homines estis. Sensus autem hominis est, non anime solius<sup>1153</sup> aut corporis. Et talis cognitio sola competit homini ut homo est. Anime uero ut anima est etiam<sup>1154</sup> illi duo modi cognoscendi qui et nobis angelis solummodo competunt et non tertius ille<sup>1155</sup>. Et anima in corpore glorioso existens<sup>1156</sup> poterit uti illis duobus modis, sed non homo, hoc est, totum illud quod ex corpore et anima compositum est potest habere aliam cognitionem quam sensituiam<sup>1157</sup>. Nam ipsa cognitio intellectualis<sup>1158</sup> in

---

<sup>1133</sup> res om. P

<sup>1134</sup> in Deo IJLMNOPV, Verbo Q

<sup>1135</sup> alia IJLMNPQV, illa (add. sup.lin.a.m. alia) O

<sup>1136</sup> uos IJLMNOPQ, nos V

<sup>1137</sup> quia IJLMNOPV, quod Q

<sup>1138</sup> easdem res IJLMOPQV, eas N

<sup>1139</sup> in add. N

<sup>1140</sup> nostro IJLMNOV, modo P

<sup>1141</sup> et modo perfectissimo om. Q

<sup>1142</sup> omne IJLNOQV, omnia M

<sup>1143</sup> eodem om. NV

<sup>1144</sup> Quos duos modos uidendi IJLMNOPQ, qui duobus modis uidendi est V

<sup>1145</sup> et illis tribus modis additis quia eandem humanitatem Christi in Verbo, hoc est, in ipsa diuina essentia tamquam in speculo perfectissimo et modo perfectissimo ostendente omne quod intelligi potest. Illam quoque uidemus in eodem intellectu nostro in se ipsa. Quos duos modos uidendi et uos habetis. add. P (sub ras.)

<sup>1146</sup> illis JLNQV, illi IMP

<sup>1147</sup> loquendi et add. Q

<sup>1148</sup> quia IJLMNPQ, qui V

<sup>1149</sup> uidere IJLMNPQ, uidetur V

<sup>1150</sup> modi add. V

<sup>1151</sup> imperfectionibus IJLMNPQ, perfectionibus V

<sup>1152</sup> Iccirco alii modi illi (illi om. JN) connumerati non faciunt aliquid (aliud JN) perfectius, sicut Deus et angelus non est quid perfectius quam ipse Deus in se. Nam in ipso etiam angelus est modo digniori. Deus et creatura non est quid maius aut melius solo Deo (solo Deo om. J). add. JMN

Iccirco alii modi illi modo connumerati non faciunt aliud perfectius, sicut Deus et angelus non faciunt quid perfectius quam ipse Deus in se. Nam in Deo etiam angelus est modo digniori. Deus et creatura non est quid maius aut melius solo Deo. add. Q

Iccirco alii modi illi connumerati non faciunt aliud perfectius quam ipse Deus in se. Nam in ipso etiam angelus est modo digniori. Deus et creatura non est quid maius aut melius solo Deo add. O

<sup>1153</sup> solius IJLMOPQV, solum N

<sup>1154</sup> etiam om. I

<sup>1155</sup> et non tertius ille om. ILV

<sup>1156</sup> existens IJLMNOPV, existenti Q

<sup>1157</sup> sensituiam IJLMNOPQ, sensitiva V

<sup>1158</sup> intellectualis IJLMNOQV, intellectiua P

sola anima est que, et si forma<sup>1159</sup> corporis sit, non tamen cognitio illa recipitur in corpore neque in toto composito sicut accidens in proprio receptaculo, sed in anima sola. Quia tamen anima est in corpore et talis cognitio est in anima<sup>1160</sup>, potest dici quod<sup>1161</sup> cognitio illa sit in corpore sicut in receptaculo anime recipientis.

Letitia sempiterna, que narrari nequit<sup>1162</sup>, erit super capita uestra<sup>1163</sup>. Gaudium et exultationem iugiter<sup>1164</sup> habebitis. Magni pretii sunt<sup>1165</sup> apud uos ista<sup>1166</sup>: choreas<sup>1167</sup> ducere, cantus suaues et melodias audire<sup>1168</sup>, flores et florum odores naribus haurire<sup>1169</sup>, manibus mollia et tenera tractare, lingua sapes dulces et nature amicos gustare. Omnia ista parata sunt uobis in celo illo ubi exultabitis letitia inenarrabili. Et omnes sensus uestri erunt in<sup>1170</sup> oblectationibus propriis. Et si comedere uolueritis, cibum optatum Dei uirtute, que dicit et fiunt omnia, preparatum<sup>1171</sup> pro libito inuenietis. Potest namque homo etiam in corpore glorificato comedere si uult. Nam et Christus Dominus post suam resurrectionem uere comedit et non solum apparenter ueluti ille socius meus, et ostendebat angelum Raphaellem qui non ipse<sup>1172</sup> in persona<sup>1173</sup> sed in nuntio suo comitatus est Thobiam filium Thobie, ostendebat se comedere cum non comederet. Non enim Raphael ille in persona<sup>1174</sup> ad Thobiam iuit, sed unum angelum de [66] ultimo choro nomine suo destinauit. Sicut et ille angelus qui nomine Michaelis in monte Gargano et alias apparuit se Michaelem, quia nuntius eius<sup>1175</sup> erat, appellabat. Michael ipse in persona non mittitur nisi pro totius populi<sup>1176</sup> auxilio et salute. Ipse enim est primus omnium<sup>1177</sup> nostrum. Ego<sup>1178</sup> sequor. Nos neque natura neque choro aut ierarchia diuidimur. Secundus Seraphim sum ego. Ille primus, qui adeo est nobilis ut nobilior fieri<sup>1179</sup> non posset<sup>1180</sup>. Lucifer nobiscum fuit eiusdem speciei. Ideo<sup>1181</sup> maximus a uobis<sup>1182</sup> dicitur, quia de maxima specie que a Deo nostro creati possit fuit, de quo alias audisti. Michael igitur non fuit ex choro inferiori princeps omnium factus, ut quidam<sup>1183</sup> ex uestris<sup>1184</sup> homines fatui putant<sup>1185</sup>, sed natura est primus, quia in prima

---

<sup>1159</sup> forma *IJLMNOPQ*, formam *V*

<sup>1160</sup> anima *JMNOPQ*, natura *ILV*

<sup>1161</sup> quod *JMNOPQ*, ut *ILV*

<sup>1162</sup> que narrari nequit *add.M (in marg.a.m.), om.J*

<sup>1163</sup> super capita uestra *om. V*

<sup>1164</sup> iugiter *om. V*

<sup>1165</sup> sunt *om. QV*

<sup>1166</sup> ista *IJMNOV*, istas *L*, *om. Q*

<sup>1167</sup> choreas *ILNOQV*, correas *JM*, coreas *P*

<sup>1168</sup> audire *om. Q*

<sup>1169</sup> haurire *IJMNOV*, aurire *LQV*

<sup>1170</sup> in *om. Q*

omnibus *add. O*

<sup>1171</sup> et fiunt omnia, preparatum *IJLMNOQV*, et fiunt, omnia preparata *P*

<sup>1172</sup> ipse *om. Q*

<sup>1173</sup> propria *add. Q*

<sup>1174</sup> propria *add. Q*

<sup>1175</sup> eius *IJLMNOPQ*, ei *V*

<sup>1176</sup> populi *om. Q*

<sup>1177</sup> omnium *om.ILV*

<sup>1178</sup> qui *add. Q*

<sup>1179</sup> fieri *IJLMNOV*, esse *Q*

<sup>1180</sup> posset *IMNOV*, possit *JLPQ*

<sup>1181</sup> ideo *IJLMNOPQ*, id est *V*

<sup>1182</sup> uobis *IJLMNOPQ*, nobis *V*

<sup>1183</sup> quidam *IJLNOPQV*, quidem *M*

<sup>1184</sup> uestris *IJLMNOPQ*, nostris *V*

<sup>1185</sup> putant *om. I*

specie que fieri potest<sup>1186</sup> primum indiuiduum illius fuit creatus. Nam in speciebus<sup>1187</sup>, ut nonnulli uestrum<sup>1188</sup> opinantur, non est processus in infinitum. Prima species que creari potest creata est. Et primus angelus creatus est. Maior illa<sup>1189</sup> creari non potest. Vestri ergo doctores qui dicunt: "quocumque bono finito dato potest dari maius", non bene dicunt, quia potest imaginari quis maius facere uel dare non potest<sup>1190</sup>. Sed reuertamur ad rem nostram.

Christus Dominus post resurrectionem<sup>1191</sup> comedit non solum cibum traiciendo ad interiora, sed uere digerendo et aliquantulam partem illius<sup>1192</sup> in se conuertendo. Parua enim carne accedente quasi<sup>1193</sup> nihil ei accessisse dici potest<sup>1194</sup>. Reliqua uero in ea que circumstabant resoluta fuerunt<sup>1195</sup>. Si ergo tunc comedere<sup>1196</sup> uolueritis, poteritis<sup>1197</sup>. Sed mihi credite<sup>1198</sup> quod numquam illud uoletis, quia turpissimum exercitium est. Et Christus Dominus illud immortalis<sup>1199</sup>, ut uos<sup>1200</sup> confirmaret, exercuit, non quia<sup>1201</sup> cibo indigeret<sup>1202</sup>. Haurietis ergo aquas et omnia bona uestra, omnia refrigeria a fontibus Saluatoris. Primo quidem a fonte illo indeficienti essentie diuine siue<sup>1203</sup> deitatis, in qua omnia bona melius et perfectius possidentur et habentur<sup>1204</sup> quam si<sup>1205</sup> in se ipsis et propria natura haberentur. In bono illo<sup>1206</sup> fragrantia et redolentia in infinitum maior quam in rosis et liliis et uacciniis<sup>1207</sup> et uniuersis floribus atque<sup>1208</sup> pulueribus pigmentariis<sup>1209</sup> inueniuntur<sup>1210</sup>. In illo gustus et suauitas omnibus liquoribus et saporibus incomparabiliter amplior. In illo uocum modulatio et sonorum<sup>1211</sup> melodia

<sup>1186</sup> potest *IJLMNPQ* poterat *V*

<sup>1187</sup> fuit creatus. Nam in speciebus *JMNO PQ*, fuit creatus in natura, in speciebus *I*, fuit creatus. Nam in natura in speciebus *LV*

<sup>1188</sup> nonnulli uestrum *IJMNO P*, nonnulli uestri *LQ*, nonnullum nostri *V*

<sup>1189</sup> illa *J* (*MO* add. in marg. *a.m.* alias illo) *NP*, illo *ILV*, illa, alias ulla *Q*

<sup>1190</sup> quia potest imaginari quis maius facere uel dare non potest *ILV*

quia et si quis maius bonum facere tamen uel dare non potest maius quocumque finito *JP*

quia et si potest imaginari (potest imaginari in marg. *a.m.*) quid (quis *sup.ras.*) maius bonum facere uel dare non potest maius quocumque finito. *M*

quia et si potest quis imaginari maius bonum facere uel dare tamen non potest maius quocumque finito *N*

quia et si potest imaginari quid maius bonum facere uel dare non potest maius quocumque finito *O*

quia et si potest imaginari quid maius bonum fieri tamen uel dari maius non potest quocumque finito

*Q*

quia et si potest imaginari quid maius bonum facere uel dare non potest maius quocumque finito *O*

<sup>1191</sup> suam add. *N*

<sup>1192</sup> illius *IJMPV*, om. *LN*, ipsius *O* (add. *sup.lin.* illius), de illo *Q*

<sup>1193</sup> quasi om. *N*

<sup>1194</sup> accessisse dici potest *JMNO PQ*, accidisse potest *I*, accessisse potest *L*, accessisse potuit *V*

<sup>1195</sup> fuerunt *ILMNOPQV*, fuerant *J*

<sup>1196</sup> comedere *IJLMNOPQ*, concedere *V*

<sup>1197</sup> uolueritis, poteritis *IJLMNPQV*, uolueris, potueris *O*

<sup>1198</sup> credite *IJLMNOPV*, crede *Q*

<sup>1199</sup> immortalis *IJLMNOPQ*, immortalitatis *V*

<sup>1200</sup> uos om. *LV*

<sup>1201</sup> illo add. *Q*

<sup>1202</sup> indigeret *IJLMNOPV*, indigebat *Q*

<sup>1203</sup> siue *JMNOQ*, sue *ILV*, summe *P*

<sup>1204</sup> et habentur om. *V*

<sup>1205</sup> si om. *JQV*

<sup>1206</sup> habentur. In bono illo *IJLNOPQV*, habentur in bono illo. *M*

<sup>1207</sup> uacciniis *IJMNO PV*, om. *L*, uariis *Q*

<sup>1208</sup> uniuersis add. *V*

<sup>1209</sup> pigmentaris *JLMNOPQV*, pigmentarii *I*

<sup>1210</sup> inueniuntur *ILMNOPQV*, inuenitur *J*

<sup>1211</sup> sonorum *IJLMNOPQ*, fenorum *V*

qua<sup>1212</sup> dignior cogitari non potest. In illo lucis<sup>1213</sup> et omnium colorum<sup>1214</sup> uarietas et amenitas quorumcumque<sup>1215</sup> uisum<sup>1216</sup> oblectantibus<sup>1217</sup> longe<sup>1218</sup> immensior. In illo amplexus sine<sup>1219</sup> termino, excedens omnem uestrum amplexum, omnia uestra oscula, omneque quod tactum uestrum<sup>1220</sup> reficere potest. Vnum si dixero, omnia dixi: Deus est omne bonum et in infinitum maior omnibus<sup>1221</sup> bonis creatis. Cogita apud te omnia bona corporis: pulchritudinem, robur seu fortitudinem, sanitatem<sup>1222</sup>, sensuum uoluptatem<sup>1223</sup>. Omnia ista in Deo longe nobilius<sup>1224</sup>. Cogita bona exteriora: diuitias<sup>1225</sup>, opes, honorem, uenerationem, principatum; et omnes dignitates et officia, famam et gloriam. Omnia ista habet qui Deum habet et incomparabiliter melius habet quam si illa bona<sup>1226</sup> in se ipsis haberet<sup>1227</sup>. Cogita bona animi<sup>1228</sup>: scientias omnes quecumque sint<sup>1229</sup> ille<sup>1230</sup> siue de rebus siue de conceptibus siue de uocibus siue de agendis siue de faciendis siue de speculandis. Cogita [67] uirtutes morales, cogita omnes uirtutes quas theologicas<sup>1231</sup> uocatis, cogita omnes mentis uoluptates, cogita mentis pacem et tranquillitatem, quietem corporis et animi<sup>1232</sup>. Ista omnia sine comparatione melius habebitis<sup>1233</sup> Deum habendo<sup>1234</sup>, Deum uidendo, Deum amando, ipso Deo fruendo<sup>1235</sup>, sibi propter se amore inherendo. Deus in alio non est beatus nisi in se. Deus beatissimus est nec beator fieri posset et non in alio nisi in se. Hoc<sup>1236</sup> signum est quod in eo omnis boni ratio consistit: Beatitudinem hanc nobis et uobis<sup>1237</sup> communicare uoluit. Sed ipse se comprehendit quia actu uisionis et fruitionis infinite existentis in potentia infinita uidet et amat obiectum infinitum. Infinitum omnia sibi infinita nobis<sup>1238</sup> comunicauit, obiectum infinitum<sup>1239</sup> seipsum uidelicet<sup>1240</sup>. Sed uisio nostra et fruitio et intellectus et uoluntas

<sup>1212</sup> qua *JLMNOPQV*, quia *I*

<sup>1213</sup> lucis *IJLMNOQV*, locus *P*

<sup>1214</sup> colorum *IJLMNOQ*, arborum *P*, celorum *V*

<sup>1215</sup> quorumcumque *JMNOP*, quodcumque *I*, quotuncumque *L*, quibuscumque *Q*, quantumcumque *V*

<sup>1216</sup> uisum *IJMNOPQV*, uisu *L*

<sup>1217</sup> oblectantibus *IJLMNOP*, oblectationibus *Q*, delectantibus *V*

<sup>1218</sup> amenior et *add. Q*

<sup>1219</sup> sine *IJLMNOPQ*, scientie *V*

<sup>1220</sup> uestrum *om. O*

<sup>1221</sup> bonum et in infinitum maior omnibus *MV*, omne bonum et infinitum, maior omnibus *IJLOPV*, bonum infinitum maius omnibus *Q*

<sup>1222</sup> sanitatem *IJLMNOPV*, suauitatem *Q*

<sup>1223</sup> sensuum uoluptatem *ILMNOQV*, sensum uoluptatum *J*, sensus uoluptatei *P*

<sup>1224</sup> nobilius *IJLMNOPV*, nobiliora *Q*

<sup>1225</sup> diuitias *IJLMNOQV*, bona *P*

<sup>1226</sup> bona *om. Q*

<sup>1227</sup> Omnia ista habet qui Deum habet et incomparabiliter melius habet quam si illa bona in se ipsis haberet *JMNOPQ*, Omnia habentur ista in Deo longe nobilius *ILV*

<sup>1228</sup> animi *JLMNOPV*, anime *Q*

<sup>1229</sup> sint *JLMNOPQV*, sunt *I*

<sup>1230</sup> ille *IJLMNOPQ*, illo *V*

<sup>1231</sup> theologicas *IJLMOPQV*, theologales *N*  
appellatis *add. O*

<sup>1232</sup> animi *IJLMNOPV*, anime *Q*

<sup>1233</sup> habebitis *ILMNPQV*, habetis *JO*

<sup>1234</sup> Deum habendo *om. Q*

<sup>1235</sup> fruendo *IJLMNOQV*, fouendo *P*

<sup>1236</sup> Hoc *IJLNOQ*, Hec *MV*

<sup>1237</sup> [si]gnum est quod in eo omnis boni ratio consistit. Beatitudinem hanc nobis et uobis *om. V*

<sup>1238</sup> nobis *om. N*

<sup>1239</sup> Infinitum omnia sibi infinita nobis comunicauit, obiectum infinitum *M*

omnia sibi infinita comunicauit obiectum infinitum *NO*

infinita omnia sibi infinita nobis comunicauit omnibus infinitum *P*

omnia sibi infinita. Nobis comunicauit obiectum infinitum, obiectum uidelicet seipsum *Q*

omnia finita sunt. Non itaque adequantur rei illi summe quam uident et qua fruuntur neque intellectus noster<sup>1241</sup> neque uoluntas neque uisio neque fruitio.

Tunc ego: Domine mi, dixi, ex quo Deus est una summa res nullo modo in partes distincta<sup>1242</sup>, quomodo<sup>1243</sup> unus dicitur magis uidere quam alius et unus magis frui quam alter<sup>1244</sup> et si uos angeli estis beatiores hominibus?

Respondit angelus: Qui uidet Deum<sup>1245</sup>, totum ipsum<sup>1246</sup> uidet, quia ipse unica res omnino est. Qui tamen<sup>1247</sup> uidet Deum, potest non uidere omnia que Deus tamquam alia a se uidet in se<sup>1248</sup>. Potest enim ipse facere ut uisio mea<sup>1249</sup> feratur super plura ab eo<sup>1250</sup> nota alia a se quam alterius. Et in his<sup>1251</sup> fiunt reuelationes per superiores inferioribus. Nihil est in Deo quod dicatur<sup>1252</sup> Deus quod<sup>1253</sup> non uideant<sup>1254</sup> omnes beati et angeli et homines. Omnes uident Patrem et Filium et Spiritum Sanctum. Omnes uident ueritatem, bonitatem, sapientiam<sup>1255</sup> et omnes Dei perfectiones et conditiones, quia omnia<sup>1256</sup> illa sunt unica res. Posset tamen Deus facere ut illa unica res uideretur prout est essentia et non prout dicitur aliquid aliud<sup>1257</sup>, de quibus loquemur<sup>1258</sup> alias. Omnes igitur uident Deum infinitum nec aliud est ipse, aliud infinitas eius<sup>1259</sup>. Qui ergo ipsum uident et infinitatem eius<sup>1260</sup> uident. Sed uisio unius et fruitio maior et intensior est quam alterius.

Angelorum aliqui beatiores sunt aliquibus hominibus et aliqui homines omnibus angelis, ut Verbum Homo et sua Genitrix. Postea est Michael, deinde ego cum aliis astantibus precipuis. Post nos septem est Ioannes Baptista, Petrus cum Ioanne Euangelista, Paulo, Andrea et aliis apostolis et illa Magdalena, Christi discipula dilecta, que non caruit merito apostolorum,<sup>1261</sup> cuius festum tamquam unius apostoli est per omnia celebrandum solemniter<sup>1262</sup>. Et in eius<sup>1263</sup> festo facienda<sup>1264</sup> est specialis mentio de alia Magdalena que fuit in ciuitate peccatrix, que in domo pharisei, unguendo<sup>1265</sup> pedes Domini<sup>1266</sup>, meruit audire: "remittuntur tibi peccata tua" et "cui minus

---

*om. IJLV*

<sup>1240</sup> uidelicet *om. P*

<sup>1241</sup> noster *JLMNOPQ*, uester *V*

<sup>1242</sup> distincta *JMNOPQ*, distinctas *LV*

<sup>1243</sup> quomodo *JLMNOPQ*, quando *V*

<sup>1244</sup> alter *JLMNOPV*, alius *Q*

<sup>1245</sup> (ui)det Deum *om. V*

<sup>1246</sup> ipsum *om. N*

<sup>1247</sup> totum ipsum uidet quia ipse unica res omnino est. Qui tamen *JLMNOQV*, totum ipsum uidet. Et quia ipse unica res est omnino, quantum *P*

<sup>1248</sup> in se *om. N*

<sup>1249</sup> mea *om. V*

<sup>1250</sup> ab eo *IJLMNOPV*, Deo *Q*

<sup>1251</sup> quam alterius. Et in his *IJLMNOPV*, quantum in his *Q*

<sup>1252</sup> dicatur *IJLMNOPQ*, dicat *V*

<sup>1253</sup> quod *IJLMNOPQ*, quia *V*

<sup>1254</sup> uideant *IJLMNOPV*, uident *Q*

<sup>1255</sup> sapientiam *IJMNOQV*, scientiam *LV*

<sup>1256</sup> et conditiones quia omnia *IJLMNOQV*, et conditiones. Et omnia *P*

<sup>1257</sup> aliud *IJLMNOPV*, alias *Q*

<sup>1258</sup> loquemur *ILMNOPQV*, loquimur *J*

<sup>1259</sup> eius *om. P*

<sup>1260</sup> est ipse, aliud infinitas eius. Qui ergo ipsum uident et infinitatem eius *om. ILV*

<sup>1261</sup> Magdalena Christi discipula dilecta que non caruit merito apostolorum *om. Q*

<sup>1262</sup> solemniter *om. IJLV*

<sup>1263</sup> eius *IJLMNOPV*, cuius *Q*

<sup>1264</sup> facienda *IJLMNOPQ*, faciendum *V*

<sup>1265</sup> unguendo *IJLMNOPV*, lauando *Q*

<sup>1266</sup> uenit et *add. Q*

dimittitur<sup>1267</sup> minus diligit". Et quia illa<sup>1268</sup> multum dilexit, multa fuerunt ei<sup>1269</sup> dimissa. Ambe unxerunt pedes Domini. Sed<sup>1270</sup> soror Lazari unxit caput et pedes ante sex dies paschatis<sup>1271</sup> Iudeorum in Bethania in domo Marthe<sup>1272</sup>, que solebat uocari domus Simonis leprosi quondam<sup>1273</sup>, sed a Domino mundati. Fiat igitur unum<sup>1274</sup> officium de utraque mixtum ita quod<sup>1275</sup> oratio dicatur que et<sup>1276</sup> nunc dicitur. Et responsoria accipiantur de festo resurrectionis Domini, in quibus fit mentio de Magdalena<sup>1277</sup>. Similiter et antiphone ad laudes et per horas, ad Magnificat et Benedictus. Et Euangelium prima die festi sit illud: "Maria stabat ad monumentum foris, plorans". Infra<sup>1278</sup> octauam fiat officium mixtum<sup>1279</sup> sicut de<sup>1280</sup> apostolis Petro et Paulo. Et in octaua die<sup>1281</sup> legatur [68] Euangelium: "Rogabat Iesum quidam phariseus".

Ambe enim fuerunt mulieres sanctissime, quamuis una fuerit<sup>1282</sup> publica peccatrix<sup>1283</sup>, altera a<sup>1284</sup> spiritibus immundis<sup>1285</sup> atrociter uexata. Sed quia ambe a Domino curate sunt, una a peccatis, alia<sup>1286</sup> a demonum uexatione<sup>1287</sup>, et quia ambe unxerunt Dominum diuersis temporibus, iccirco iustum est ut ambe simul<sup>1288</sup> colantur, immo ut Deus simul<sup>1289</sup> ueneretur in utriusque illarum<sup>1290</sup> conuersione. Ambe enim erant de castro quod Magdalum appellatur, ambe Marie. Iccirco confusa fuerunt earum nomina. Ioannes tamen Mariam sororem Lazari Dominum unxisse commemorat, quod etiam alii euangeliste scribunt, quia illa<sup>1291</sup> unctio facta in domo non<sup>1292</sup> Simonis pharisei, de qua<sup>1293</sup> solus Lucas loquitur, sed in domo Simonis leprosi notabilis fuit, iuxta illud: "Vbicumque predicatum fuerit hoc Euangelium in toto mundo dicetur et quod hoc<sup>1294</sup> fecit in memoriam eius." Vnde hanc Mariam ab illa celebri unctione unctricem<sup>1295</sup> discipuli Domini appellauerunt sicut et Thomam didimum et Iudam traditorem. Post octauam uero fiat<sup>1296</sup> officium de sorore sua Martha, hospita Christi<sup>1297</sup>, cum commemoratione Lazari earum<sup>1298</sup> fratris.

<sup>1267</sup> dimittitur *IJLMNPQV*, dimittuntur *O*

<sup>1268</sup> et "Quia illa *IJLMNOPV*, et illa "Quia *Q*

<sup>1269</sup> ei *IJLMOPQV*, illi *N*

<sup>1270</sup> Maria *add. N*

<sup>1271</sup> paschatis *IJLMNOPV*, pasche *Q*

<sup>1272</sup> Marthe *IJLMNPQ*, Malche *V*

<sup>1273</sup> quondam *om. P*

<sup>1274</sup> unum *om. Q*

<sup>1275</sup> mixtum ita quod *IJLMNOQV*, mixtum. Itaque *P*

<sup>1276</sup> et *ILMNOP*, ex *V*, *om. JQ*

<sup>1277</sup> uel mulieribus *add. MNOQ*

<sup>1278</sup> Infra *IJLMNOQV*, Intra *P*

<sup>1279</sup> mixtum *INOQV*, mixtim *JLMP*

<sup>1280</sup> de *IJLMNOPV*, in *Q*

<sup>1281</sup> die *om. N*

<sup>1282</sup> fuerit *IJLMNOPV*, fuit *Q*

<sup>1283</sup> peccatrix *ILV*, meretrix *J (M sup. ras.) NPQ*, meretrix alias peccatrix *O*

<sup>1284</sup> a *om. QV*

<sup>1285</sup> immundis *MNOPQ*, malignis *ILV*

<sup>1286</sup> alia *IJLMOPV*, altera *NQ*

<sup>1287</sup> demonum uexatione *IJLMNOPV*, demonibus *Q*

<sup>1288</sup> collocentur in dignitate et *add. Q*

<sup>1289</sup> simul *om. N*

<sup>1290</sup> illarum *om. Q*

<sup>1291</sup> illa *add. M (sup.lin.)*, *om. JNP*

<sup>1292</sup> non *IJLMNOQV*, uero *P*

<sup>1293</sup> qua *IJLMOPQV*, quo *N*

<sup>1294</sup> hoc *ILMNPQV*, hec *JO*

<sup>1295</sup> unctricem *IJLMNOPQ*, nutricem *V*

<sup>1296</sup> fiat *IJLMNOPV*, fiet *Q*

Tunc ego: Et pater meus Franciscus cuius meriti est, si placet tibi dicere, scire uellem.

Respondit angelus: Ipse quoque dignus fuit cum multis aliis consortio apostolorum, ut alias tibi dixi. Quatuor enim doctores uestri et quatuor greci cum multis aliis confessoribus atque uirginibus, ut Agnete, Christina, Catherina, Barbara, Appolonia, Lucia, Cecilia<sup>1299</sup>, Agatha, Tecla et multis aliis, meruerunt<sup>1300</sup> premia apostolorum. Nulla ibi inuidia, sed mutua caritas et amor reciprocus, gaudium commune. Vnusquisque de bono alterius letatur ut uere<sup>1301</sup> unum sit premium omnium<sup>1302</sup> et equale. Et diuerse mansiones et uarii gradus meritorum et premiorum redeunt<sup>1303</sup> in unum denarium qui datur omnibus in uinea Domini Sabaoth. Deus enim dat unicuique iuxta<sup>1304</sup> opera et merita sua. Deinde caritas et amor id facit ut gaudeant singuli de bono omnium et omnes de bono singulorum. Omnes Deum eundem uident<sup>1305</sup> non alium, omnes illo fruuntur non alio aliquo. Que reuelat Deus superioribus, hec eadem superiores reuelant inferioribus, quo fit ut inferiores eadem sciant. Quid ergo deficit<sup>1306</sup> illis aliis? Nihil aliud nisi quod uisio unius est intensior uisione alterius et fruitio unius est intensior<sup>1307</sup> fruitione<sup>1308</sup> alterius. De illa tamen maiori<sup>1309</sup> aliorum beatitudine minores gaudent in<sup>1310</sup> tantum quod aliquomodo fit unum gaudium et equalis gloria. Pueri solo<sup>1311</sup> Christi Domini<sup>1312</sup> merito saluati minimum gaudium ibi tenent, quia nil ipsi meruerunt. Tamen contenti sunt et in<sup>1313</sup> eodem Deo beati et de<sup>1314</sup> omnium aliorum beatitudine gaudent et letantur. Neque illi qui multum meruerunt tristantur de tanta beatitudine illorum<sup>1315</sup> qui nihil aut parum meruerunt<sup>1316</sup>. Immo letantur et cognoscunt quod neque ipsi meruissent tanta nisi Deus iuisset et quod ipsi peccata totidem comississent nisi<sup>1317</sup> gratia Dei adiuti fuissent. Ibi ergo<sup>1318</sup> frater maior de premio fratris minoris, qui<sup>1319</sup> omnia bona<sup>1320</sup> sua, uiuendo luxuriose, dissipauerat, non tristatur, immo quod pater uitulum saginatum sibi parauerat<sup>1321</sup> ualde letatur. Ibi, qui<sup>1322</sup> prima hora ad laborandum in uinea Domini uenerunt<sup>1323</sup>, non mur [69] murant<sup>1324</sup> contra patrem

---

<sup>1297</sup> hospita Christi *om. Q*

<sup>1298</sup> earum *JLMNOPV*, eorum *IO*, eius *Q*

<sup>1299</sup> Cecilia *add. M (in marg. a.m.), om. P*

<sup>1300</sup> meruerunt *IJLMNOPQ*, inuenerunt *V*

<sup>1301</sup> uere *om. V*

<sup>1302</sup> omnium *IJLMOPQV*, omnibus *N*

<sup>1303</sup> redeunt *IJLMNOPV*, redantur *Q*

<sup>1304</sup> iuxta *IJLMOPQV*, secundum *N*

<sup>1305</sup> uident *JMNOPQ*, uidentes *ILV*

<sup>1306</sup> deficit *IJMNPQV*, defuit *L*, defecit *O*

<sup>1307</sup> intensior *JLMNOPQ*, maior *IV*

<sup>1308</sup> fruitione *IJLMNOPQ*, fruitio *V*

<sup>1309</sup> De illa tamen maiori *IJLMNOQV*, Illa tamen maiore *P*

<sup>1310</sup> in *om. N*

<sup>1311</sup> solo *IJLMOPQV*, solum *N*

<sup>1312</sup> Domini *om. N*

<sup>1313</sup> in *IJLOV*, de *Q*, *om. MNP*

<sup>1314</sup> de *om. ILV*

<sup>1315</sup> illorum *IJLMOPQV*, eorum *N*

<sup>1316</sup> tristantur de tanta beatitudine illorum qui nihil aut parum meruerunt *om. ILV*

<sup>1317</sup> Deus iuisset et quod ipsi peccata totidem comississent nisi *om. Q*

<sup>1318</sup> ergo *IJLMNOPQ*, uero *V*

<sup>1319</sup> qui *IJLMNOPQ*, quia *V*

<sup>1320</sup> bona *om. Q*

<sup>1321</sup> parauerat *ILMOQV*, paruerit *J*, parauerit *NP*

<sup>1322</sup> qui *IJLMNOPQ*, quod *V*

<sup>1323</sup> uenerunt *IJLNO*, uenerant *MPQ*, uenerat *V*

<sup>1324</sup> murmurant *IJLMNOQ*, murmurat *V*

familias eo quod aliquo modo pares illis fecerit<sup>1325</sup> alios<sup>1326</sup> qui nouissima hora ad laborandum in uinea Domini uenerant<sup>1327</sup>. Quapropter parabole Domini nostri Iesu Christi in ea<sup>1328</sup> parte sunt accipiende, non quia ita sit, sed quia illud consuetum est apud homines ut<sup>1329</sup> indignentur<sup>1330</sup> de dignitate<sup>1331</sup> indignorum et ut ostenderet gratie sue munus fuisse quod illi plus meruissent. Ideo indignari iuste non potuissent<sup>1332</sup>. In illis itaque parabolis illud simile est<sup>1333</sup> et<sup>1334</sup> uerum quod etiam magnos peccatores conuersos suscipit Deus et<sup>1335</sup> beatificat. Similiter etiam illis qui nil uel parum meruerunt premium eternum in uisione atque fruitione sue essentie tribuit. Quod uero de murmuratione atque indignatione ponitur non est hic<sup>1336</sup> simile, sed illud<sup>1337</sup> positum est quia<sup>1338</sup> uideretur illos iuste indignari et murmurare potuisse<sup>1339</sup>, ut ex responsione patris intelligeretur illos<sup>1340</sup> iuste indignari contra Deum non posse<sup>1341</sup>, quia omnia bona que habent<sup>1342</sup> ab illo<sup>1343</sup> acceperunt. Quid enim habent quod non acceperunt? Dicendo ergo: "Fili<sup>1344</sup>, tu semper mecum es", innuit quod gratia presentie<sup>1345</sup> et assidue<sup>1346</sup> preservationis perseuerauit et omnia patris sui<sup>1347</sup> esse, quia omnia bona que habebat filius iustus a patre acceperat. Dicit ergo<sup>1348</sup>: "Omnia bona mea<sup>1349</sup> que operatus es tua sunt, tamen ex me tibi data. Ideo mea sunt principaliter. Tua quia tibi a me concessa sunt<sup>1350</sup>." Et ad alium dixit: "Amice, non facio tibi iniuriam. Tolle quod tuum est, quia tibi sponte et benignitate mea<sup>1351</sup> collatum<sup>1352</sup> est eo quod<sup>1353</sup> amicus es et gratia mea uestitus. Secus enim tollere non posses neque illud tuum esset. Et uade<sup>1354</sup>, hoc est, esto contentus et remoue te ab ista opinione et iniusta indignatione." Non quia beatiore indignantur<sup>1355</sup> propter eternum et infinitum bonum inferiorum<sup>1356</sup>, sed quia quis

<sup>1325</sup> fecerit *IJLMNPQV*, fecerat *O*

<sup>1326</sup> alios *IJLMOPQV*, aliquos *N*

<sup>1327</sup> uenerant *JMNO*, uenerunt *ILQV*

non murmurant contra patrem familias eo quod aliquo modo pares illis fecerit alios qui nouissima hora ad laborandum in uinea Domini uenerunt. *om. P*

<sup>1328</sup> ea *om. Q*

<sup>1329</sup> ut *IJLMOPQV*, ne *N*

<sup>1330</sup> indignentur *JMNOPQ*, indignantur *ILV*

<sup>1331</sup> dignitate *IJLMNOPV*, indignitate *Q*

<sup>1332</sup> potuissent *IJLMNPQV*, possent *O*

<sup>1333</sup> est *IJMNOPQ*, esset *LV*

<sup>1334</sup> et *om. QV*

<sup>1335</sup> et *om. V*

<sup>1336</sup> hic *IJLMOPQ*, hi *NV*

<sup>1337</sup> illud *om. ILV*

<sup>1338</sup> quia *ILMOQV*, ut *JNP*

<sup>1339</sup> murmurare potuisse *JMNOPQ*, murmurare potius se *IL*, murmuratione potius se *V*

<sup>1340</sup> illos *om. Q*

<sup>1341</sup> posse *IJLMNOPV*, potuisse *Q*

<sup>1342</sup> habent *IJLMNPQV*, habebeant *O*

<sup>1343</sup> ab illo *IJMNOPQV*, a Deo *L*

<sup>1344</sup> Fili *IJMNOPQ*, Filii *ILV*

<sup>1345</sup> quod gratia presentie *ILQ*, quod gratia penitentie *JMNO*, quod gratia prime *P*, pro gratia presente *V*

<sup>1346</sup> assidue *LNOPQV*, assidua *M*

<sup>1347</sup> sui *JMNPQ*, sua *ILOV*

<sup>1348</sup> Dicit ergo *IJLMNOP*, dixit *Q*, Dico ergo *V*

<sup>1349</sup> omnia mea bona *IJM*, omnia mea, id est, omnia bona *ILNO*, omnia bona *P*, omnia bona mea tua sunt, omnia bona *Q*, omnia, id est, omnia bona *V*

<sup>1350</sup> sunt *om. IV*

<sup>1351</sup> sponte et benignitate mea *IJLMNOPV*, sponte bonoque animo et uoluntate mea *Q*

<sup>1352</sup> tibi *add. I*

<sup>1353</sup> eo quod *IJLMNOPV*, quia *Q*

<sup>1354</sup> uade *IJLMNQ*, bade *P*, ualde *V*

<sup>1355</sup> indignentur *IJLMNV*, indignarentur *OPQ*

cogitare posset<sup>1357</sup> quod humana consuetudine indignari iuste<sup>1358</sup> possent<sup>1359</sup> si retributio fieret non ex gratia, sed ex meritis<sup>1360</sup>. Sed iuste indignari non possunt quia<sup>1361</sup>, quicquid sunt, gratia Dei sunt. Vnde dixit<sup>1362</sup>: "Non facio tibi iniuriam, quia mea sponte tibi hoc tribuo nec minus quam tibi promiserim<sup>1363</sup> tribuo". Ideo sequitur: "Nonne ex denario conuenisti mecum? Beatitudinem tibi eternam promisi, beatitudinem eternam in uisione et fruitione essentie mee tibi tribuo. An oculus tuus nequam est quia ego bonus sum?" Ac si aperte diceret: "Non iustum est ut inuidia que aliorum bonum<sup>1364</sup> uidere non potest mouearis, quia hoc<sup>1365</sup> ex bonitate mea procedit ut his quoque qui parum uel nihil meruerunt eandem beatitudinem<sup>1366</sup> tribuam". Cogita<sup>1367</sup> bonitatem et clementiam Dei, qui in ultimo hiatu conuersis<sup>1368</sup>, qui<sup>1369</sup> paruulis nil meriti habentibus eandem tribuit<sup>1370</sup> beatitudinem quam et illis qui toto tempore uite sue bene<sup>1371</sup> operando et bene uiuendo<sup>1372</sup> meruerunt. Sed non est id<sup>1373</sup> mirabile<sup>1374</sup> quia et illi<sup>1375</sup> qui<sup>1376</sup> eam tot laboribus meruerunt, Dei gratia fuit ut mererentur<sup>1377</sup>?

Tunc ego: Non capio<sup>1378</sup>, angele Dei, quomodo beatitudo detur ex<sup>1379</sup> gratia et tamen non sine meritis<sup>1380</sup>. Si enim confertur propter merita, quomodo ex gratia? Et si ex gratia, quomodo ex meritis?

Angelus respondit: Nullum opus nullaque operatio creature<sup>1381</sup> in se considerata digna est illo eterno et diuino premio etiam si per mille milia annos laboraret quis<sup>1382</sup> et insudaret et quecumque bona a uobis uel a nobis fieri possent faceret. Iccirco ex sui<sup>1383</sup> natura nihil est condignum<sup>1384</sup>. Ipse tamen sua benignitate suaque gratia fecit et instituit ut ista [70] que non sunt condigna<sup>1385</sup> fierent<sup>1386</sup> digna. Non ergo communiter saluat<sup>1387</sup>

---

<sup>1356</sup> inferiorum *IJLNPOQV*, inferiorem *M*

<sup>1357</sup> quis cogitare posset *JMNPOQ*, quis cogitare *I*, quos cogitare *L*, quis cogitare potest *O*, quis cogitaret *V*

<sup>1358</sup> iuste *om. N, add. O (sup lin.)*

<sup>1359</sup> possent *IJLOQV*, potuissent *MNP*

<sup>1360</sup> meritis *IJLMNOPQ*, merito *V*

<sup>1361</sup> quia *om. V*

<sup>1362</sup> dixit *JMP*, dicit *ILNOQV*

<sup>1363</sup> promiserim *IJLMNOPV*, promisero *Q*

<sup>1364</sup> bonum *JMNOPQ*, bonorum *ILV*

<sup>1365</sup> hoc *om. Q*

<sup>1366</sup> beatitudinem *JMNOPQ*, bonitatem *ILV*

<sup>1367</sup> tu *add. Q*

<sup>1368</sup> conuersis *ILMNOPQV*, conuersi *J*

<sup>1369</sup> qui *JMNOPQ*, cum *ILV*

<sup>1370</sup> tribuit *JMNOPQ*, dat *ILV*

<sup>1371</sup> bene *om. QV*

<sup>1372</sup> eam *add. IV*

<sup>1373</sup> id *om. NO*

<sup>1374</sup> Sed non est id mirabile *JLMNOP*, Sed non est admirabile *IQ*, Sed est admirabile *V*

<sup>1375</sup> illi *IJMNOPQV*, illis *L*

<sup>1376</sup> qui *om. Q*

<sup>1377</sup> mererentur *IJLMNOPQ*, merentur *V*

<sup>1378</sup> capio *IJLNOPQV*, accipio *M*

<sup>1379</sup> ex *IJLNOPQV*, et *M*

<sup>1380</sup> meritis *IJLMNOQV*, merito *P*

<sup>1381</sup> creature *IJMNOPQV*, ex creatura *L*

<sup>1382</sup> quis *om. ILPV*

<sup>1383</sup> sui *IJLMNOPQ*, sua *V*

<sup>1384</sup> condignum *IJLMNOQV*, dignum *P*

<sup>1385</sup> condigna *JLMNOPQV*, digna *I*

<sup>1386</sup> fierent *JMNOPQ*, facerent *L*, faceret *IV*

<sup>1387</sup> Non ergo communiter saluat *IJLMNOQV*, Homo ergo communiter saluat *P*

sine propriis meritis. Illa tamen merita non sunt<sup>1388</sup> ex sui natura<sup>1389</sup> merita<sup>1390</sup>, sed ex diuina ordinatione. Do tibi similitudinem:

Est rex magnus habens regnum proprium et opulentissimum qui legem ponit ut, quicumque ei solum "Aue" dixerit, efficiatur heres totius regni sui. Certum est quod tam paruum obsequium non sufficiebat ad obtinendum tam magnum premium. Tamen qui<sup>1391</sup> fecit illud quod lex mandabat<sup>1392</sup> dignus est hereditate, non quia illud opus ex<sup>1393</sup> se dignum esset, sed quia regi<sup>1394</sup> placuit ut esset dignum. Qui ergo assecutus est, regnum meruit quia<sup>1395</sup>, quod rex dixerat, adimpleuit. Et tamen gratia regis meruit qui<sup>1396</sup> illud pro merito<sup>1397</sup> instituit.

Deus noster<sup>1398</sup> nullis legibus<sup>1399</sup> obligatur. Quaecumque<sup>1400</sup> uult<sup>1401</sup> bona et iusta sunt. Tanti ualent opera nostra quanti ea ipse existimat. Paruum opus pro magno et magnum apud uos pro paruo uel nullo existimare potest. Apud eum tanta sunt opera<sup>1402</sup> nostra quanta apud regem uel principem metalla. Sicut enim uos estimationem tribuitis nummis uestris sic Deus operibus et actionibus<sup>1403</sup> nostris et uestris.

Habebitis, ultra uisionem et fruitionem, gloriam in corporibus uestris postquam anime uestre illa resumpserint<sup>1404</sup>. Erunt enim illa diuina protectione assidua<sup>1405</sup> et pro lege tunc habenda impassibilia et immortalia et<sup>1406</sup> nullo interiori aut exteriori contrario lesibilia. Deus enim ita assistet eis ex pacto eterno. Erunt clara et lucida, quia colore optimo et uisu optabilissimo erunt dotata et luce competente predita. Que lux suauior longe erit luce solis et stellarum et quocumque ire uolueritis, agiles<sup>1407</sup> eritis, quia sine ullo labore ambulabitis, incedetis<sup>1408</sup>, uolabitis non ut aues cum labore, sed anima uestra exercebit motum apud uos nunc inconsuetum. Mouebit namque totum corpus uestrum simul, non partem per partem, sed totum simul sicut sagitta eiecta<sup>1409</sup> transibit. Qui proiciet eam erit uoluntas et appetitus. Illa uero<sup>1410</sup> sic a seipsa mota Dei uirtute concurrente<sup>1411</sup> uel potius ipsa Dei uirtute prestante, hoc illi mouebit corpus quocumque<sup>1412</sup> uoluerit. Sicut si<sup>1413</sup> sagitte proiecte aliquid alligaretur<sup>1414</sup>, illud profecto uno motu cum illa moueretur.

---

<sup>1388</sup> sunt *om. Q*

<sup>1389</sup> ex sui natura *IJLMNOPV*, sua natura *Q*

<sup>1390</sup> merita *om. ILV*

<sup>1391</sup> qui *IJLMNPQV*, quia *O*

<sup>1392</sup> mandabat *IJLMNOPV*, mandauerat *Q*

<sup>1393</sup> ex *IJLMNOPV*, in *Q*

<sup>1394</sup> ipsi *add. Q*

<sup>1395</sup> quia *om. I*

<sup>1396</sup> qui *IJLMNOPV*, quod *Q*

<sup>1397</sup> pro merito *JMNOPQ*, premium *ILV*

<sup>1398</sup> noster *om. P*

<sup>1399</sup> nullis legibus *JMNOP*, ullis legibus *I*, ullis legis *L*, nullis meritis neque legibus *Q*, illis legibus *V*

<sup>1400</sup> quaecumque *IJLMNOPQ*, queque *V*

<sup>1401</sup> omnia *add. Q*

<sup>1402</sup> opera *IJLMNOPV*, merita *Q*

<sup>1403</sup> actionibus *JMNOPQ*, orationibus *ILV*

<sup>1404</sup> resumpserint *MN*, reasumpserint *IJLOQV*, resumpserant *P*

<sup>1405</sup> assidua *ILOV*, assidue *JMNPO*

<sup>1406</sup> a *add. I*

<sup>1407</sup> quocumque ire uolueritis, agiles *JMNPO*, quocumque uisibili. Agiles *ILOV*

<sup>1408</sup> incedetis *IJMNOPQV*, incedebitis *L*

<sup>1409</sup> eiecta *JMPQ*, electa *ILN* (*O add. sup. lin.*) *V*,

<sup>1410</sup> uero *IJLMNPQV*, uera *O*

<sup>1411</sup> concurrente *ILMNOPQV*, connumerare *J*

<sup>1412</sup> uirtute *add. V*

<sup>1413</sup> si *om. IL*

<sup>1414</sup> alligaretur *IJLMNPQ*, allegaretur *O*, obligaretur *V*

Ecce dixi tibi, sed non pro te, sed pro illo pastore quem Deus elegit qui hec<sup>1415</sup> subito ut legerit intelliget, quorum multa sunt contra ea que nunc opinantur homines etiam docti. Habebitis etiam<sup>1416</sup> corpora subtilia, quia penetrabitis quodcumque corpus. Neque ullum corpus erit adeo spissum aut densum quod pertransire non poteritis<sup>1417</sup>. Multa hic a uestris adducuntur et multi credunt quedam que dixi impossibilia que tamen ita erunt et sic se habent et ille cognoscet<sup>1418</sup> ad quem diriguntur.

Tunc ego: Domine mi, pauca de talibus audiui que, si alius mihi dixisset, ipsum non intellexissem<sup>1419</sup>. Verba tamen tua mihi sensum prebent et intelligentia intellexi<sup>1420</sup> quod ibi est omne bonum et finis<sup>1421</sup> omnium desideriorum, quo habito, habebuntur<sup>1422</sup> omnia et illud est status omnium bonorum<sup>1423</sup> perfectus. Omnia enim bona sunt ex<sup>1424</sup> ipso et per ipsum et in ipso, cui sit<sup>1425</sup> honor et gloria in secula seculorum. Amen.

Et his<sup>1426</sup> dictis uisio disparuit. Et ego cepi esurire<sup>1427</sup> et sitire uehementer, reperiendo me in cauerna et subterrenea cellula mea.<sup>1428</sup>

---

<sup>1415</sup> hec *IJLMNOQV*, hoc *P*

<sup>1416</sup> etiam *IJLMNOQV*, autem *P*

<sup>1417</sup> poteritis *IJLMNPQV*, potueritis *O*

<sup>1418</sup> cognoscet *IJLMNOQV*, cognoscit *P*

<sup>1419</sup> intellexissem *IJLMNPQ*, intellexissent *O*, intelligissem *V*

<sup>1420</sup> et intelligentia intellexi *MNOPQ*, et intelligentiam. Intellexi *IJLV*

<sup>1421</sup> finis *om. V*

<sup>1422</sup> habebuntur *JMOPQ*, habebimur *N*, habentur *ILV*

<sup>1423</sup> aggregatione *add. JMOP*

et aggregatio *add. NQ*

<sup>1424</sup> ex *ILMNOP*, in *V*

<sup>1425</sup> sit *ILMNOPV*, est *Q*

<sup>1426</sup> his *om. V*

<sup>1427</sup> esurire *ILQV*, exurire *MOP*

<sup>1428</sup> Finis Quarti Raptus *add. I*

## QUARTO ARREBATAMENTO

Algum tempo depois fui de novo arrebatado para a Assembleia. E, feitas todas as minhas reverências, enquanto orava do fundo do coração procurando saber do novo Pastor, do seu tempo e do seu advento, apareceu-me, na presença de todos, o anjo Gabriel que me disse: Porque o mereceste com tantas orações, vou já dizer-te quem é o futuro Pastor que Deus escolheu. Já está em Roma, muito jovem, muito pobre, incógnito. Mas o Senhor conhece-o e, pouco a pouco, fá-lo desabrochar e revigora-o, e nele, quando já for idoso, irá mostrar o valor do seu poder, que soube levantar da terra o indigente e da imundície da vileza e do pecado erguer o pobre. O Senhor exaltá-lo-á, protegê-lo-á e livrá-lo-á do pecado e o purificará porque não fixou a sua alma no pecado a ponto de não ter diante dos olhos a honra de Deus e de se não entregar a sua suavíssima Mãe, cuja lembrança traz sempre no coração e na boca tem quase sempre a saudação que eu lhe dirigi quando anunciei o Filho de Deus e sua prima completou.

Portanto, ó anjo de Deus, exclamei alegre, uma vez que ele nasceu e cresceu, será que todas estas coisas irão acontecer rapidamente?

Quando anteriormente me pedias isso, respondeu o anjo, sorri-me e não to quis dizer, para que com mais avidez buscasses e compreendesses os dons de Deus. Digo-to agora. O actual pastor é aquele que tu conheces, com quem falaste várias vezes, autor de muitas acções boas e más. As boas acções e a sua devoção superam, contudo, a maldade.

Depois dele há-de vir aquele que ele criará, nem quente no bem nem frio no mal. Será homem, suportará o que é próprio do homem e como homem se comportará. Nada fará, contudo, que vá além do que é próprio do

homem nem contra o homem. Por isso, Deus não o abandonará.

Depois deste, virá a vaca cornúpete e o touro que não é boi, Simão Magno, que estabelecerá no Templo de Deus compradores e vendedores e as mesas dos cambistas, em quem poucos poderão confiar, em cujos tempos novo jugo pesará sobre a Itália. Cairá e não se recomporá a casa dos novos viscondes, e a que lhe suceder não se manterá durante tanto tempo. Há-de trazer a ruína a toda a Itália. **[fl. 42]** Nesse tempo ruirá o novo reino aragonês. Com a chegada ao poder de um dos seus príncipes mais queridos, perderão os florentinos parte do seu Estado. Haverá entre eles lutas e suspeições e muitos medos, de tal modo que muitos dos cidadãos mais importantes e de mais elevado estatuto fugirão e de novo desejarão voltar e muitas vezes o tentarão, mas não hão-de consegui-lo se não forem antes destruídos e perderem tudo que lhes pertence. Ao voltarem, reaverão progressivamente tudo e hão-de conseguir muito mais do que alguma vez tiveram. O rei dos lírios passará como um raio e vencerá, voltará sem vitória e salvar-se-á com dificuldade. Traído por aquele que o trouxe, procurará vingar-se e não conseguirá fazê-lo. Para seu lugar surgirá dos cárceres um rei estribado na sagacidade, prometerá muito, realizará pouco, exigirá muitíssimo. Confiados nele, muitos perecerão. Os januenses mudarão frequentemente de senhores e estarão sempre dominados.

A Simão Mago dará Deus a bênção de Esaú, mas ao Pastor, seu eleito, dará a bênção de Jacob. A bênção de Esaú consistiu no orvalho do céu e na abundância da terra.<sup>[41]</sup> Assim será também a daquele. Será forte de carácter e vigoroso de corpo, brilhante de espírito. Ser-lhe-á dado o que desejar, para saciar sua paixão pelo que é mundano, o ouro, que é a bênção do orvalho celeste. Será detentor de muitos tesouros, que são a bênção que lhe vem da abundância da terra. Pensará e realizará o que é terreno, disso se ocupará o seu espírito. Distribuirá pelos seus consanguíneos, por ele nomeados e escolhidos, os bens da Igreja, bens que nunca lhe faltarão. Os súbditos, oprimi-los-á com uma carga insuportável. Por fim, por causa de tão execráveis abominações, iniquidades, crimes e pecados, com a entronização

dos reis em Itália será deposto do lugar, porque a voz do sangue clama contra ele e as suas mãos estão manchadas de sangue. Assenhorear-se-á e desfrutará dos tesouros da Igreja.

O Pastor, a quem Deus ama e que escolheu, entrará no Templo e expulsará compradores e vendedores, derrubará as mesas dos cambistas e santificará o Templo, purificará e reformará a Igreja. Todos ficarão admirados e surpreendidos. Será abençoado com a bênção de Jacob, porque será o filho primogénito da Igreja e o legítimo e verdadeiro vigário de Cristo, pois há-de imitá-lo com a palavra e o exemplo, purgará o mundo de todos os erros, ensinará a todos o que ainda está oculto: Da criação e do percurso dos anjos; quanto tempo decorreu desde a criação deles até à sua bênção e queda; em que dia e em que colina ou lugar foi Adão formado; em que dia foi trasladado para o Paraíso; quando, onde e como foi a mulher criada; de que modo, tentada muitas vezes pela serpente, tentou o próprio homem; da encarnação do Verbo; da verdadeira divindade e humanidade de Cristo; da glória do Paraíso; da ameníssima localização do Céu Empíreo; da concepção admirável de Maria, Mãe de Deus; **[fl. 43]** do que fez Cristo dos doze aos trinta anos; da assunção ao céu da mesma Virgem e da razão por que ninguém, além de Cristo e de Maria, sua Mãe, aí se encontra corporalmente; dos sermões do Senhor feitos no Templo e nas sinagogas aos fariseus e ao povo; do sermão de João Baptista a Herodes; das coisas que fez e ensinou no cárcere; da unidade da Trindade e do Sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor e de muitas outras coisas escritas neste livro a deverem ser por mim dadas a conhecer.

Então eu, depois de ouvir tanta coisa digna de admiração e percebendo que ele estava já nascido e criado e fora por Deus preservado muito tempo antes de ser reconhecido, enchi-me de muita alegria e, como que esperando vê-lo em minha vida, perguntei: Meu senhor, verei eu, como espero, este eleito de Deus? Não sou tão velho que não possa vê-lo!

Já o viste, mas não o reconheceste, respondeu o anjo. Não está oculto, nem se esconde nas grutas como tu. Nem ele pensa neste assunto. Deus

pensa por ele. E quando parecer um estranho, então estará próximo; quando parecer próximo, estará longe; e quando parecer longe, então estará perto. É preciso que se cumpra o que eu digo. Não porque eu o digo, mas porque Deus assim o quis, assim o decidiu, assim o estabeleceu e confirmou.

Senhor meu, perguntei, onde se situa ou o que significa a colina onde Adão foi criado?

Nunca me interrogaste com tanto engenho, respondeu, já que me perguntas duas coisas. Primeiro, onde se situa essa colina, se deve entender-se como algum monte da Terra. Segundo, se a colina não é algo de terreno, que significa então. É isto o que tu procuras, é isto o que queres saber. A isto respondo-te eu que essa colina é realmente terrena. Nela e de seu pó formámos nós o corpo do vosso primeiro pai, auxiliando-nos Deus onde falhava a nossa capacidade. Chama-se-lhe colina em consideração do monte virginal de que se desprende sem acção de mãos a pedra que, por sua vez, se tornou a Montanha. E a Montanha é aquilo a que chamais Céu Empíreo, onde os bons *seguem o Cordeiro para onde quer que vá.*<sup>[42]</sup> No monte transfigurou-se o Senhor, no monte alimentou de cinco pães tão grande multidão, no monte foi concebido, no monte orou, no monte celebrou a Ceia, no monte foi preso, no monte foi crucificado, no monte subiu ao Céu, no monte, quando vier para julgar, pousará seus pés. No monte nasceu vosso pai Francisco, no monte, assinalado nos pés e nas mãos com os estigmas dos cravos, renovou de modo maravilhoso a Paixão do Senhor, nosso Salvador, o que constituiu especial, singular e inaudito dom. No monte nasceu o futuro Pastor que o Senhor escolheu para si, que elevará o Monte Sião, ou seja, a Igreja [fl. 44] de Cristo, à altura dos montes e, arrancada ao nevoeiro e à escuridão das trevas, a iluminará, sendo eterno a partir de então o seu esplendor. Oh! felizes os que isto presenciardes! Tu agora vêes em imagem, outros verão na realidade.

Oh! se eu fosse digno de ver esse pobre e desconhecido por meio de quem fará Deus tantas e tão grandes coisas, disse eu!

Já o viste, respondeu o anjo, mas não na majestade referida. Está

presentemente como o grão de trigo morto na terra. Dele ninguém poderá pensar tais coisas até ao tempo em que for subitamente exaltado. Mas, para dar satisfação aos teus desejos, mostro-te agora em imagem, estando ausente, aquele que em Roma viste várias vezes até.

E mostrou-mo jovem, e pareceu-me que seria impossível que tanta coisa fosse por ele realizada se não acreditasse nas palavras do anjo que comigo falava. E lembrei-me de certa afirmação da Escritura, que diz: *Deus tem poder para destas pedras fazer surgir filhos de Abraão.*<sup>[43]</sup> E eu disse: Não são os homens quem faz estas coisas, mas tu, Deus, é que fazes tudo. Nós não passamos de uma espécie de instrumentos muito remotos.

Vê, dêi-te o seu retrato, disse o anjo. Analisa-o e guarda-o. Antes de ele voltar para Roma, chegarás tu a Milão e aí morrerás. Deixa em Roma esse retrato juntamente com o livro e ordena, da parte de Deus, sob pena de morte, que ninguém o abra até que seja do agrado do Senhor que progressivamente se manifestem os segredos e os arcanos de Deus. Mas, se alguém ousar abrir o livro antes desse tempo, será devidamente castigado. Interiormente, porém, será julgado segundo aquilo que for encontrado.

Depois, porque havia feito menção do Céu Empíreo como da futura morada do homem e muito se tinha dito já do pecado original, comecei de novo a perguntar: Meu senhor, disseste muita coisa do pecado original que não entendo bem. Peço-te que me expliques a controvérsia que ocasiona hoje tantos escândalos, se a Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo terá tido e contraído esse pecado; depois, me expliques de que modo o Céu Empíreo é habitação adequada e conveniente para o homem, como poderão viver aí os animais precisados de terra, de ar e outros elementos.

Do pecado original, respondeu e disse o anjo, falaram divergentemente os vossos doutores. Creram uns que era somente pena, ou seja, exerdção ou privação da herança celeste ou da vida eterna, e nada mais. Outros, porém, creram que era uma certa condição mórbida, ou rebelião da carne, ou lei do corpo, ou apetite, dizendo o mesmo de modo diverso e com termos diferentes. Disseram outros que era uma espécie de concupiscência

semeada em quantos são concupiscentemente gerados. Outros, por fim, ao investigarem com mais subtileza, disseram que era a privação da justiça original, com a obrigação de a ter. Contudo, para que os fiéis não sejam confundidos com tantas opiniões, disse-te já muita coisa, mas ainda te não disse tudo, ouve o que agora te digo [fl. 45] e escreve-o com muita clareza, pois o que te disse noutra ocasião escreveste-o muito confusamente e repetiste-o várias vezes. Ouve agora e grava no teu espírito, para que isso seja escrito correctamente e não haja falha alguma no que for dito ou escrito.

O que em vós se chama pecado original foi em Adão pecado actual. Ele comeu o fruto proibido e transgrediu a ordem de Deus. A transgressão do mandamento e o acto de comer passaram. Aconteceram, não podem voltar a acontecer. Mas, no acto dessa transgressão, Adão incorreu numa pena, porque ficou sujeito ao suplício eterno e privado da herança ou bem-aventurança. Foi igualmente privado da imortalidade e da impassibilidade própria desse tempo. Foi privado também da tranquilidade que tinha no controle das forças inferiores, e da obediência das criaturas, sujeito a muitos enganar e tornado propenso e mais inclinado ao mal. Nada disto, porém, foi culpa, mas antes castigo ou pena. Além dessas penas e desses castigos, por haver comido o fruto proibido foi o próprio Adão privado da dupla qualidade existente na alma, ou seja, daquela pela qual se unia e se ligava a Deus, e da outra por meio da qual tranquilamente dominava as forças inferiores por cujo intermédio, perdida a qualidade que o ligava a Deus, podia de novo recuperá-la sem recurso a outro remédio. Foram estes os males em que caiu Adão, vosso pai. Advertete, pois, que, tomando nós pecado pela transgressão do mandamento, só ele com Eva, sua mulher, transgrediram e ninguém mais cometeu esse pecado. Tomando ainda pecado por aquela pena que obriga ao suplício eterno por causa da transgressão, nenhum filho a ele foi sujeito por Adão haver comido o fruto proibido, mas apenas os vossos dois pais. Mas se se considerar pecado a privação da bem-aventurança, da imortalidade, da impassibilidade, da tranquilidade, a sujeição aos erros e a outros castigos em que, por causa

daquele acto de comer, vós incorrestes e não ele, esse pecado passou, por decisão divina, para todos os que foram gerados na concupiscência. E pode chamar-se original, dado o facto de ser infligido aos que têm essa mesma origem, por causa da transgressão do primeiro pai que os originou. E isto não é propriamente culpa, embora se lhe possa chamar culpa e mácula. Mas culpa propriamente, a que permanece na alma depois de haver passado o acto do pecado, é o afastamento de Deus, que não é senão a privação da graça de Deus ou da qualidade que liga a Deus ou torna agradável a Deus quem a tem. E essa é a mancha, essa a pestilência espiritual, essa a contaminação, essa a doença e o entorpecimento da alma. E embora Adão e Eva tivessem perdido essa qualidade antes de comerem o fruto proibido por causa da presunção interior e do consentimento expresso, todavia, uma vez perdida já, perderam-na também deste modo com o acto de comer, porque, se a tivessem, eram dignos de a perder e tê-la-iam perdido. E, deste modo, depois de perpetrado o delito, a graça foi perdida. Perdeu-se igualmente com os delitos subsequentes. Pois quando alguém é digno de perder o que perdeu, parece perdê-lo outra vez.

A culpa [fl. 46] e a mácula são a perda da graça, o afastamento de Deus e a dissemelhança de Deus. E esta mácula permaneceu por decisão e lei comum em todos os filhos de Adão nascidos da reprodução. Essa mácula contraiu-a Adão antes de ter comido o fruto proibido. Os filhos, porém, não a teriam se não tivesse precedido o acto de comer. Mas, depois de Adão comer do fruto proibido, foi firmado por decreto que todos vós fosseis filhos da ira e inimigos, não amigos, divididos e não unidos, a menos que com a utilização do remédio tornásseis a unir-vos. Os remédios são conhecidos: os méritos de Cristo, o movimento da vontade para Deus, ou a recepção do sacramento, ou ambas. Disto falámos noutra ocasião. A privação da segunda qualidade, pela qual o homem viveria tranquilamente e facilmente retornaria a Deus, não é, deste modo, propriamente culpa ou mácula. Contudo, de algum modo, também ela pertence ao pecado original, porque caístes em tal privação pelo acto de comer. Compreende, pois, o que

te disse noutra ocasião e que tão confusamente escreveste.

Portanto, aqueles que crêem que o pecado original é somente a condição pela qual os homens se tornam réus da pena, tanto da que é própria da alma como da que é própria do corpo, esses não distinguem entre pena e culpa ou mácula, mas consideram pena como culpa e mácula. Ao passo que aqueles que consideram o pecado a lei da carne ou o tirano do corpo parecem não se afastar dos primeiros senão nisto: os primeiros, segundo parece, chamam pecado original à falta em que os homens caíram por causa de Adão ter comido o fruto proibido; os outros, porém, chamam-lhe somente lei ou aguilhão da carne. Este apetite é uma espécie de pena, em que incorrestes por Adão ter comido o fruto proibido, pois não só perdestes a tranquilidade como vos tornastes vítimas da revolta da carne concupiscente contra o espírito. Esta revolta da carne ou dos sentidos contra a razão é mais pena do que culpa ou falta.

Os que dizem que esse pecado é concupiscência, se entendem por esta a inclinação para o mal da carne que resiste à razão, nesse caso não diferem dos segundos. Se, porém, entendem a inclinação da própria alma para se regozijar com os sentidos, de modo que essa inclinação resida na vontade e não nos sentidos, essa será ainda a pena que segue a vontade privada da segunda qualidade, de que falámos várias vezes.

Os que afirmam que esse pecado é a privação da justiça original, esses aproximam-se muito do conceito de culpa, entendendo por justiça original a primeira qualidade que une a Deus e, mesmo se Adão tivesse sido privado dela antes de comer o fruto proibido, nem por isso os filhos teriam sido privados se o fruto proibido não tivesse sido previamente comido. Mas se entenderem por justiça original a segunda qualidade que lhes teria permitido viver tranquilamente e retornar facilmente a Deus, ainda então o pecado original seria mais pena do que culpa ou mancha ou afastamento, que são a mesma coisa.

Dito isto do pecado original, vou agora dizer-te a verdade quanto ao modo como Maria, Mãe do nosso Deus, foi concebida sem mancha de

qualquer pecado, facto que entre vós se põe em dúvida. Digo-te que Deus, em sua primeira intenção, quis que o seu Verbo assumisse a carne a partir de uma virgem e que esta fosse sempre imaculada sem condição, por beneplácito da sua vontade. Escolheu-a e preferiu-a precisamente a ela, facto que de mais ninguém, nem de nós anjos, nem de [fl. 47] vós, homens, pode ser afirmado. Por isso, para que o próprio Deus pudesse dela nascer, criou o mundo sensível e os vossos primeiros pais, para que, por fim, brotasse esse ramo e essa flor desabrochasse. E queria que também seus progenitores, quem quer que eles fossem, fossem amigos sob condição: se obedecessem aos mandamentos. Só não quis que ela transgredisse sob qualquer condição, nem se sujeitasse à transgressão alheia. Viu a transgressão dos primeiros pais, condenou todos os vindouros, todos os nascidos, a menos que fossem socorridos pelos méritos desse Homem Deus. E quis que os méritos dele lhe servissem de sufrágio, a ela de forma absoluta, e aos outros sob certa condição, ou seja, se, além dos méritos desse Deus Homem, eles ou os pais ou outros interviessem. E, por fim, destinou então de forma absoluta todos os outros, quando os confirmou na graça, no momento da morte ou antes.

Fica, pois, a saber que assim como na sua primeira intenção a todos os homens quis dar, sem condição, a bem-aventurança, depois de ver a primeira transgressão do homem, a ninguém a quis dar senão sob condição, ou seja, se dispusessem dos remédios adequados. Desta virgem, porém, nunca desviou a sua mente ou espírito, mas estabeleceu de forma absoluta que gozasse desses meios, isto é, dos méritos do Filho que dela haveria de nascer. Recebe e guarda o que te digo, não há nenhum filho de Adão com quem alguma vez se não tenha irado Deus, isto é, a quem não tenha querido que fosse bem-aventurado, ao menos sob condição. Por isso, não há, não houve, nem haverá ninguém a quem não tenha desejado que fosse bem-aventurado, ao menos sob condição. E não há ninguém a quem Deus, na sua eternidade, não haja tido por algum tempo na conta de proscrito e de inimigo, com excepção desta de quem falamos, Senhora de todos nós, que

não só em relação ao tempo a partir do qual começou a existir, mas à imensidade da eternidade divina sempre esteve na sua presença acolhida com reconhecimento e aceite, segundo aquele passo: *À tua direita* – ou seja, eternamente – *ergue-se a Rainha, ornada do ouro mais fino,*<sup>[44]</sup> porque decorada com variados presentes e dons. Todos os outros, na previsão do pecado de Adão, lhe foram apresentados por algum tempo como inimigos odiosos.

É grande a variedade de homens. Uns nunca foram do agrado de Deus senão sob condição, como aqueles que nunca aceitaram o remédio da culpa original. Outros, umas vezes foram, outras não, como aqueles que, tomado o remédio, prevaricaram de novo, raras vezes uns, frequentemente outros. Alguns, tomado uma vez o remédio, mantiveram-se constantes. Alguns voltaram depois de cáírem uma vez, alguns depois de sete, alguns ainda voltaram depois de pecarem setenta vezes sete. Outros foram curados da doença desse pecado antes de haverem nascido. Outros, até serem concebidos, ou antes de serem concebidos, pelos méritos não só de Cristo, mas também dos pais ou outros justos cujas lágrimas, isto é, os piedosos desejos previstos por Deus justificam meritoriamente (aceitando Deus, assim, a descendência deles, e isto na medida em que estiveram no conhecimento de Deus), foram libertados daquele pecado do mesmo modo que o senhor pode libertar da escravatura o filho da **[fl. 48]** escrava antes de nascer ou até de ser concebido. E Deus pode isso muito mais, ele que conhece distintamente e chama o que não existe como se existisse. A quantos, pois, prenunciou como enviados por si ao mundo e como havendo de vir como grandes e como amigos seus, a esses absolvía-os logo do pecado do pai, em vista dos méritos do verdadeiro Deus e Homem perfeito. A esta Virgem nunca a absolveu, nem antes de nascer, nem na concepção, nem antes da concepção. Nunca, porém, a teve como inimiga ou não merecedora de graça. Mas quis, de modo absoluto, em razão dos méritos de seu Filho, purificá-la não só do pecado inexistente, mas nunca a absolveu do pecado apreendido nela pela mente divina, como se o próprio Deus alguma vez a tivesse visto nesse pecado como viu todos os outros filhos

descendentes de Adão.

Muitos até serem concebidos, e algum tempo antes, na presciência de Deus, podiam ser amigos e foram-no. Assim elevava os montes santos da Igreja. Mas todos são concebidos em pecado, porque todos os nascidos dessa concepção mereciam a ira e a inimizade, e mais ainda, digo-te eu. Também a nossa Rainha, que nunca foi olhada como inimiga nem antes nem depois da concepção, em rigor, precisamente pelo facto de ter sido concebida, pode considerar-se concebida em pecado, porque quem quer que assim seja gerado é merecedor da ira e não da misericórdia, precisamente por ter sido gerado. E, deste modo, é verdade que ninguém está livre nem da pena nem da culpa, mas todos são concebidos, nascem e vivem em pecado. Todavia, assim como nem todos vivem nem nascem em pecado, assim também não são concebidos. Todos, porém, sois da geração do pecado, da morte e da ira. Mas, pela graça do Salvador, pode dizer-se que fostes salvos e libertados, uns depois de muitas quedas, outros depois de poucas, alguns depois de uma, desde que foram concebidos, outros depois de uma, antes de serem concebidos, alguns depois de absolutamente nenhuma, nem de facto nem no conhecimento de Deus. Todavia os que eram vistos como filhos gerados a partir do próprio Adão seriam considerados réus, se Deus, em função dos méritos previstos de seu Filho, os não tivesse preservado de forma absoluta. Usei aqui o plural pelo singular, porque nenhum outro existiu além da Virgem Mãe de Deus. Pode, pois, sem erro dizer-se que ela pecou e que foi libertada do pecado, porque havia de sair e saiu da massa sujeita ao pecado. Digo-te até mais, que ninguém foi mais libertado, mais salvo, mais redimido do que ela. Não existe ninguém que mais deva ao Salvador do que ela. Não só, portanto, foi salva, como mais salva e mais redimida não podia ser. Aquela que, na verdade, nunca foi tocada por nenhuma mancha nem por nenhuma nódoa, nem enquanto não existia, nem até ser pensada por Deus na eternidade, e isto graças aos méritos do Salvador previamente conhecidos por Deus, mais redimida não pôde ser. Por isso, os que, graças ao mérito de Cristo, menos pecam, mais

salvos são. Pois se os que menos pecam mais salvos são, os que nada pecam diz-se que são salvos no máximo grau. Decidiu Deus que o futuro Pastor dê isto a conhecer a todo o mundo. Quem pensar de modo diferente será anátema.

Mas é de estranhar porque é que os vossos doutores não atentam nisto. Se realmente ninguém é redimido ou salvo se primeiro se não apresentar como pecador, como não vêem que será forçoso considerar menos redimido e menos salvo [fl. 49] e que menos precisou do Salvador e menos em obrigação está para com ele aquele que menos pecador tenha sido? Tudo isto é completamente absurdo. Deste modo, na verdade, a Virgem Rainha teria sido menos salva que todos e menos em obrigação estaria para com o Salvador, o que não deve passar pela mente dos fiéis. Ninguém foi mais salvo do que ela, ninguém está mais em obrigação para com Deus. E visto que nesta situação contou apenas com os méritos de seu Filho, com razão está mais que todos em obrigação para com o Salvador, uma vez que mais que todos mereceu, em vista dos méritos do Salvador. Daí que ela mesma, mais que todos, o tenha chamado seu Salvador quando, cantando, disse: *O meu espírito exulta em Deus meu Salvador.*<sup>[45]</sup>

Fica, pois, a saber e presta atenção a que se se toma o pecado original só como condição de réu, e como sujeição às penas desta vida, e como perda da imortalidade e da impassibilidade, Maria contraiu esse pecado. Mas isso não é o pecado original, que nem pelo baptismo é perdoado. Alguns resíduos do pecado original foram nela não pecado. Pois, se Adão não tivesse pecado, nem ela nem seu Filho teriam vindo a este mundo sujeitos à morte e à dor. Este pecado afectou-os de algum modo a ambos. Este dano, considerada a queda de Adão, foi-vos proveitoso a vós, porque fostes redimidos pela sua morte e pelo seu sangue. O dano da Mãe serviu à própria Mãe para cumular seus méritos, e mais, foi-vos proveitoso também a vós. E do mesmo modo que, removido o pecado original, se não remove a pena temporal, assim também se não preservam destas penas os que são preservados do pecado. Não foi preservado dessas penas nem mesmo

Cristo nosso Senhor, o qual não estava sujeito ao pecado, porque não foi gerado daquela descendência por relação carnal, como todos os outros. Contudo, estas vossas penas não lhe eram impostas como penas, do mesmo modo que se Deus criasse um homem na pureza natural esse seria mortal e passível, mas a morte e a passibilidade não seriam para ele como pena do pecado, mas como condição da natureza. Todavia o pecado de Adão foi de algum modo o pretexto da morte de Cristo. Se, de facto, aquele não tivesse pecado, Cristo nosso Senhor não teria morrido, nem teria assumido uma carne mortal, mas assumi-la-ia tal qual a tivesse encontrado. Quando, pois, se diz nas Escrituras que ele veio para expiar os pecados, deve acrescentar-se que veio mortal e passível. Com efeito, em sua primeira intenção, Deus não determinou mandar seu Filho ao mundo em carne mortal, mas apenas em carne humana. Mas, ao ver o pecado de Adão, decretou que assumisse a carne mortal e passível. Por isso se diz que o enviou por causa dos vossos pecados de acordo não com a primeira, mas com a segunda intenção, ambas, contudo, eternas, de cuja encarnação se falará noutra ocasião.

Dêmos agora seguimento àquilo que começámos.

A morte e a paixão foram para a Virgem Mãe pena do pecado porque, em razão da natureza da sua geração, teria caído na mácula do pecado se Deus, pelos méritos previstos da Paixão de seu Filho, a não tivesse preservado de modo absoluto. E, por isso, a dignidade da Mãe está muito longe da dignidade do Filho. Ele não só não teve pecado como não o pôde ter, porque não nasceu da união da carne. Ela não o teve, mas podia tê-lo e tê-lo-ia por certo se Deus a não tivesse preservado para que o não contraísse.

**[fl. 50]** Muito ignorantes são, porém, entre vós aqueles que dizem: “Se ela não tivesse sido concebida em pecado, Deus seria injusto se permitisse que ela morresse”, porque, do mesmo modo que Deus não é injusto quando apaga o pecado e não apaga a pena que lhe cabe, também não é injusto quando preserva do pecado e não da pena. Se realmente apaga ou preserva, misericordiosamente apaga e preserva do pecado e, por efeito de qualquer razão, não preserva da pena, já que ela se mantém para nossa provação e

mérito. Deus, enfim, dado aos vossos primeiros pais o mandamento e por eles não cumprido, restituiu a natureza humana à sua condição própria. E uma vez que ela era, de si, mortal e passível, assim se manteve em todos. Não quis, de facto, usar de nenhum remédio para a ablação da pena como usou para a ablação da culpa. Retirou-a, realmente, de forma absoluta para jamais a atribuir nesta vida a quem quer que seja. Mas a graça não a retirou de forma absoluta, mas não só quis como utilizou remédios para que pudesse ser recuperada. Por conseguinte, o pecado e a morte não estão ligados entre si. Não é, pois, de admirar se, não havendo culpa, estão presentes a morte e o sofrimento, uma vez que são condição da natureza, e o pecado não. Digo-te mais, se Cristo tivesse vindo na carne humana apenas como homem e não como Redentor, ainda estaria morto, porque foi estabelecido o pacto segundo o qual, cometida a falta, a natureza humana seria abandonada a si própria em todos os homens, sem qualquer remédio. E digo-te ainda, se só a Adão e aos filhos nascidos da união da carne tivesse sido prometida a imortalidade, então Cristo dela não gozaria em razão desse pacto, mas porque tinha assumido a carne tal como a encontrara. E, assim, Adão, ao pecar, não privou propriamente Cristo da imortalidade, uma vez que a não havia recebido em seu favor. Mas retirou-a a Maria, porque a recebera em favor dela. Todavia, indirectamente roubou-a também a Cristo, já que, roubando-a a todos os seus filhos, dos quais Cristo havia de descender segundo a carne, lha roubou também a ele, porque haveria de assumir a carne tal como a encontrasse. A morte e o sofrimento não pressupõem que a culpa original é inerente aos filhos de Adão, mas que foi ou poderia ter sido, ao passo que, de certeza, foi inerente a Adão.

Outra coisa decretou Deus ainda, de modo absoluto, que ninguém, por mais santo que fosse, entraria no reino do Céu antes de Cristo, Salvador universal. Em vão, portanto, se discute entre vós se Maria tivesse morrido antes da morte de seu Filho se teria subido ao Céu. Digo-te que não, porque estava decretado que ele seria o primogénito dos mortos e o Príncipe dos reis da Terra, isto é, de todos os santos, e que nenhum homem viveria na

vida eterna antes que o Deus Homem tivesse morrido.

Voltemos ao tema proposto.

Se vós chamásseis pecado original à condição de réu, que é a sujeição à morte, teria a Virgem Maria sido concebida em pecado original. Mas então o pecado original não seria apagado pelo baptismo, o que é absurdo, porque então coexistiriam o pecado original e a graça. Mas se o pecado original fosse o estado de doença, ou a inclinação ou lei da carne ou do corpo, ainda esse se não pode considerar pecado, porque essa lei da carne existe nos homens mesmo depois do baptismo e coexiste com a graça porque, experimentar uma lei que se opõe à lei do espírito, é condição da natureza humana como o é a mortalidade. E, cometido o pecado, a natureza humana foi, neste ponto, restabelecida nas suas características e devolvida às suas condições. Daí que a natureza decaída fosse de novo restituída. Abandonada e privada dos dons sobrenaturais, foi restituída aos dons naturais. Também **[fl. 51]** a lei do corpo não reside na mente ou razão, ou na vontade, mas antes na parte sensitiva, na qual é absurdo situar o pecado. Nota, porém, que essa tendência não existiu na Virgem gloriosa, a quem Deus havia dado tão grande graça que nela havia tranquilidade geral e até maior do que tinha havido nos vossos primeiros pais antes do pecado. E admiro-me de alguns dos vossos doutores que dizem que homem algum alguma vez a desejou, embora ela fosse a mais bela das mulheres. No que não os condeno, mas admiro-me porque dizem que nela existiu tal inclinação e, depois, que foi adormecida ou extinta. Se realmente Deus não quis que outros a pudessem desejar, porque teria deixado nela essa inclinação para que pudesse ilícitamente desejar? Teve-a, realmente, do mesmo modo que Adão antes do pecado, remota e não proximamente, porque teve a natureza que, segundo o modo de sentir, soube revoltar-se e resistir à razão. Esse estado doentio, que se supõe infligido à carne pela vontade, é, na realidade, apenas condição atribuída à natureza, não é pecado ou, se quiserem que seja pecado, não existiu na Virgem, como nem sequer em Adão antes de haver pecado.

Mas se se considerar pecado original a concupiscência, isto é, o próprio desejo dos sentidos pelo qual desejam coisas contrárias à razão, ou a tendência para desejar contra a razão, digo-te, bom homem, que nem o desejar nem essa tendência são, em si, pecado. A causa reside em que o pecado, tomado em si, radica só na vontade e não nas forças sensitivas senão na medida em que procedem da vontade. Quanto a isso, se se quiser que seja pecado, essa tendência não se achou na Virgem Mãe, que nem desejou, nem teve nos seus sentidos a tendência para desejar, porque então teria também como tirano a lei da carne. Mas, dir-me-ás, a concupiscência que se situa na vontade que, por sua vez, se regozija e folga com os sentidos e com eles se compraz, essa é que é o pecado original. E eu digo-te que ela existe em vós por causa do pecado original. Se, de facto, o vosso pai não tivesse pecado, a vossa vontade não admitiria prazeres ilícitos, mais, eles não existiriam nos sentidos que a razão previne e governa. Se ainda fosse pecado a concupiscência do comprazimento ilícito ou a tendência para assim se comprazer, ainda essa não existiu na Mãe de Deus. Nem se comprovou nas más sugestões dos sentidos, de que foi isenta, nem foi propensa a se comprazer. Se, por fim, se considerar pecado original a privação da qualidade pela qual a vontade e o desejo são impedidos dos desejos proibidos como que por um freio, como dizem os vossos, qualidade que nós, noutra lugar, dissemos chamar-se segunda qualidade e justiça original, que era como que um freio e era o remédio do regresso a Deus se o homem caísse em pecado diferente do mortífero pecado de haver comido o fruto proibido, se chamardes pecado original à privação dessa qualidade, como a maior parte dos vossos que considerais mais subtis chama, parecerá então que a Virgem terá contraído o pecado original, já que essa justiça nunca lhe foi restituída. Portanto, foi privada dessa justiça, de que era devedora pelo facto de o primeiro pai a haver recebido sob condição também para ela, e também em relação a ela a perdeu uma vez que o [fl. 52] acordo não foi respeitado.

O pecado original é, pois, como subtilmente dizem os vossos, a privação

da justiça original devida, dado o facto de haver sido recebida pelo primeiro pai a favor dos filhos e em relação a eles também perdida já que, enquanto Adão a recebeu e a perdeu para si, não incorreu no pecado original, mas no actual e, todavia, foi seu devedor. Digo-te que, do mesmo modo que alguns são justificados dessa privação sem a restituição da justiça, assim também Maria pôde ser preservada sem a restituição dessa mesma justiça. Se, com efeito, se restitui o equivalente ou talvez até mais, a privação deixa de existir, do mesmo modo que se se restituísse o episcopado àquele que foi privado do sacerdócio, e ao privado de dez se restituíssem outros tantos ou outros cem, não há, de modo nenhum, privação. Deus deu, realmente, a sua Mãe, desde toda a eternidade, na sua mente e a partir do tempo, na realidade, algo equivalente a essa justiça, e até algo melhor e maior. Nunca, pois, nem na sua mente, nem na realidade foi privada dessa justiça. Digo-te mais, que a privação dessa justiça não é propriamente pecado se, como noutra lugar dissemos, o homem se tornava grato a Deus não por ela, mas por outra.

Os que, todavia, chamam pecado à pena e à privação de qualquer dom, podem também chamar pecado a essa privação. E principalmente porque Adão tinha perdido a graça antes de ter comido o fruto proibido e, por ter comido, incorrera na morte pela qual não só seria privado da graça, se nele se mantivesse então, como foi espoliado da segunda qualidade, que ainda estava presente nele. Por isso, ao comer, privou-se a si e a seus filhos de ambas as qualidades, do mesmo modo que em seu favor e em favor dos filhos as havia recebido. Mas, para que quer ele, quer os filhos pudessem recuperar a primeira em si mesma, foi usado um remédio que se não usou em relação à segunda. Recuperada, porém, a primeira, a posterior perda da segunda não se imputa à culpa, mas subsiste como uma certa pena e condição natural. A natureza humana, por causa do pecado, foi entregue a si mesma. Nunca, contudo, a Mãe de nosso Senhor, que sempre foi cheia de graça, sentiu a lei e a rebelião da carne. Nunca, pois, culpa alguma ou alguma mancha existiu naquela que Deus, em sua mente eterna, antecipadamente escolheu para sua Mãe.

São claros e dignos de crédito, ó anjo de Deus, disse eu, os teus testemunhos. Mas gostaria que me respondesses e me esclarecesses. Se Adão tinha recebido a justiça original para todos os seus filhos a serem nascidos da união carnal e também para a Mãe de Deus, como pôde perdê-la em relação a todos e não em relação a ela?

Já te disse, respondeu, de que modo quis Deus em sua primeira intenção assumir desta Virgem a carne e glorificar esta mesma Virgem com os méritos de seu Filho. Quis, por isso, criar o mundo e o homem, homem a quem, uma vez criado, concedeu a justiça em seu favor e em favor de todos, a fim de que em todos e sobretudo em Maria, sua Mãe, por causa de quem, principalmente, a concedera ao primeiro homem, ela fosse conservada. Deus teve sempre em relação a ela um cuidado especial. Deu ao homem um mandamento e estabeleceu um pacto que, se o guardasse, conservaria a justiça em seu favor e em favor dos seus, não de forma absoluta, mas ainda se algum dos filhos, já nascido e adulto, vencesse alguma tentação. Só em relação a Maria a quis conservar de modo absoluto. Mas, se não observasse o mandamento, perderia para si e para os descendentes a justiça e a graça que, todavia, quer ele, quer os outros, poderiam recuperar, com o recurso ao referido remédio, [fl. 53] a graça, em si mesma, a segunda qualidade, para o aumento da graça, em algo equivalente, no que ao retorno a Deus depois do pecado se refere. E, neste pacto, apenas exceptuou Maria. Não quis, pois, quando Adão pecou, pôr a graça fora do alcance de sua Mãe, nem, por um privilégio especial, torná-la filha da ira ou da maldição. Ela que, de si, merecia isso como todos os outros. Por isso, por ter sido gerada, poderia ser considerada filha da ira e filha da maldição. E era isto que tinham em mente todos os vossos santos doutores que afirmaram que ela havia sido concebida em pecado. Daí que não tenham errado, porque, de facto, em razão do seu nascimento, foi concebida em pecado. Erram, porém, aqueles que dizem que não foi preservada. Pois uma coisa é dizer que, por si mesmo, foi assim, outra coisa é ter sido assim. Exceptuou-a a bondade de Deus para não vir alguma vez a olhar como inimiga aquela que, na sua

primeira intenção, escolhera para Mãe. Disse, pois, Deus ao homem: Se não guardares o mandamento, perderás irrecuperavelmente a graça tu e os filhos a serem de ti gerados, a menos que recorrais ao remédio da recuperação que vos darei. Exceptuo, porém, como única e dilecta, a minha Mãe, a quem não quero submeter a este edito geral, visto que a escolhi para Mãe e como Progenitora decidi tê-la. Os méritos previstos de meu Filho libertar-vos-ão a vós, acrescentado o remédio do próprio movimento para mim ou da recepção do sacramento; libertarão de modo absoluto a minha Mãe, porque nela não quero ver mácula, recuso considerá-la maldita e inimiga.

Portanto, tendo Adão comido do fruto proibido, Deus, desde aquele tempo eterno, considerava-o a ele e a todos os seus filhos gerados da carne como filhos da ira e da maldição e olhava-os como seus inimigos, eles a quem, desde o tempo eterno em que Adão foi criado, olhava como amigos sob condição. E, antes da criação de Adão, porque nada tinha contra eles, não os via nem como amigos nem como inimigos. Mas a sua Mãe nunca a olhou com maus olhos nem lhe teve aversão, nunca a desprezou nem a enjeitou. Finalmente, Deus não quis, desde toda a eternidade, que João Baptista – a partir do momento em que eu apareci a seu pai, que no Templo estava a oferecer o incenso e lhe disse: “Vai nascer-te um filho por um privilégio especial” – fosse sujeito ao pecado original, mas libertou-o dele antes de ser concebido, do mesmo modo que libertou muitos outros. Todos, porém, se consideram nascidos em pecado original porque todos, quando Adão pecou, foram condenados, privados da graça, havidos como inimigo, sujeitos à maldição, com excepção da Senhora e Rainha nossa.

Dou-te um exemplo: Era uma vez um grande príncipe que tinha um servo que lhe pertencia por nascimento. Todavia, na sua bondade, o senhor não o quis como servo, mas como filho. Com uma condição, se fizesse uma coisa que lhe mandasse, prometendo que, se guardasse o combinado, **[fl. 54]** haveria de tê-lo como filho e não como servo, a ele e a todos os seus descendentes. Se o não guardasse, considerá-los-ia a todos não só como servos, mas como inimigos, com uma única excepção. Aquele, servo por

nascimento, não cumpriu as ordens do seu senhor. Ordenou o senhor que se tornasse servo e inimigo ele e toda a sua posteridade, exceptuando sempre um dos descendentes, por generosidade sua. Então, todos quantos a partir daí houvessem de nascer dele, foram todos tidos por inimigos em qualquer tempo que existissem e nascessem. Poderia, contudo, aquele senhor apiedar-se de algum dos vindouros depois de nascerem e antes de haverem nascido e até antes de realmente serem concebidos. Poderia, com efeito, dizer aos pais, existentes já e consigo reconciliados, “Quero que o filho que de vós há-de nascer seja livre e amigo”, filho que, contudo, na sua mente tivera no passado como inimigo.

Fica a saber e presta atenção, amigo de Deus, que eu Gabriel e a grande maioria dos meus companheiros, na noite em que a Mãe de Deus foi concebida, estávamos presentes e colaborámos de modo admirável e inefável sobre a matéria dessa puríssima concepção. A união deles foi casta, santa e imaculada. Vós considerais estas realidades impuras e não vos lembrais de que aquilo que Deus ordenou não pode ser impuro, e de que aquilo que existiu no Paraíso e no estado de inocência não pode considerar-se impuro, e de que *tudo é puro para os que são puros.*<sup>[46]</sup> Nós contribuimos muito, conforme pudemos, para a disposição não só do sémen, como do sangue e daquele corpúsculo, purificando, lavando, aperfeiçoando, distribuindo, abençoando e santificando quanto podíamos e até onde a nossa capacidade se estendia. Deus olha também para as lágrimas e os anseios dos santos.

Quis Deus, então, que fôssemos, segundo a nossa medida, seus colaboradores, para que entre nós e eles houvesse uma maior amizade. Muito mais digno e muito mais gracioso foi o corpo da Virgem Mãe do que o de Eva, a mãe de todos os viventes. A sua carne e o conjunto dos seus membros e todas as partes do seu corpo foram perfeitamente dispostas a ponto de não se afastarem nada da disposição do corpo de Cristo senão que aquelas eram do sexo feminino e estas do masculino. Tinham quase as mesmas mãos, pés, dedos, boca, olhos e outros membros e não diferiam

senão naqueles acidentes que não se adequassem à mulher. A carne de um era a carne do outro. Mas ao homem convêm muitas coisas que se não adequam à mulher, e muitas se ajustam à mulher que se não ajustam ao homem e até seria grotesco que ele as tivesse. Digo-te mais, que Deus quis que o corpo da Mãe da Graça e de toda a Consolação fosse feito e formado perfeito e mais perfeito que o corpo de Eva e o do próprio Adão e tivesse perfeição igual à do corpo de Cristo naquilo em que a conveniência dos sexos não era incompatível. Foi, pois, totalmente bela de corpo e sem mácula. O seu corpo, contudo, não foi formado e animado num abrir e fechar de olhos como o corpo [fl. 55] de seu Filho, que se unia á divindade no momento em que se formava. Nem esperou também tanto tempo como esperam os corpos dos outros, mas em pouco tempo, com a nossa assistência, foi o puríssimo sémen de Joaquim lançado no útero de Ana. E preparado e totalmente limpo aquele santuário e, por intervenção nossa, a mais perfeita e a mais pura, segregado, purificado e depositado nesse santuário o sangue de Ana e unido ao sémen de Joaquim, acrescentámos àquele sangue, além da suave influência do céu, muitas outras coisas, fazendo com que essa carne, as veias e os nervos com os ossos se formassem de modo incomparavelmente mais rápido, a ponto de se concretizar, querendo Deus e colaborando nós, em seis horas ou quase, tudo quanto nos outros se realiza em muitos dias. Então o nosso Deus, grande e poderoso, criou uma alma perfeita, contendo em si todos os dons, todo o conhecimento ou todas as qualidades e as imagens de todas as coisas, como nós que, recebendo uma única imagem, a saber, a da natureza divina, se considera que recebemos a imagem de todas as coisas. Na verdade, tínhamos criado a nós antes e, em seguida, criara Adão e Eva, dotados, todos, da plenitude do conhecimento. Nenhum aspecto do conhecimento foi, pois, recusado à Mãe de Deus, nenhuma imagem das coisas da natureza, embora, por causa do pecado de Adão, tenha recebido a mortalidade e a passibilidade, que poderiam ser-lhe proveitosas, e, de acordo com o pacto, era conveniente que fossem deixadas em todos os homens, porque se

ajustam à natureza humana. No entanto não recebeu o erro ou a ignorância daquilo que seria útil saber e danoso ignorar, e que Adão e Eva receberam desde o princípio e os filhos haveriam de receber, se o pecado não tivesse sobrevivido.

Todos devem, portanto, afirmar que Maria, Rainha nossa, desde o princípio da sua criação conhecia tudo do mesmo modo que Adão e até nós anjos conhecemos. Conhecia a gramática, a dialética, a retórica, a poética, as ciências matemáticas, quer puras, quer aplicadas, as mais elevadas e as menos elevadas. Conhecia a física e a metafísica e todas as ciências que com elas se relacionam. Conhecia perfeitamente a teologia e, por isso, guardava todas as palavras e ações de Cristo desde o princípio. E, quando as via acontecerem, conferia em seu coração o conhecimento experimental, a que chamais intuitivo, com o conhecimento infuso, a que chamais abstractivo. Conhecia todas as artes a que chamais mecânicas, conhecia as normas e as leis de todos e de cada um dos governos: de uma casa, de uma cidade ou de um reino. Nada escapava àquela mente santa. Conhecia a Deus distintamente como nós, em espécie ou imagem concriada, ainda que o não visse senão de tempos a tempos, por um privilégio especial. Essa visão não era permanente, mas como uma espécie de arrebatamento. Tinha em si todas as virtudes apetitivas e intelectivas. Não carecia de nada que fosse bom. Tinha uma mente sã e perfeita num corpo perfeito e são.<sup>[47]</sup> Era, pois, toda bela e formosa, toda imaculada e toda perfeita, abundantemente dotada de todas as riquezas. Não teve em si **[fl. 56]** a mais leve marca do pecado original, nenhum véu de culpa venial. E o pontífice actual dará acolhimento, confirmará e exortará a que por todos seja celebrado o Ofício desta imaculada conceição da Mãe de Deus. Ponderará determinar e publicar um decreto sobre a Imaculada Conceição, mas não o fará, nem o levará a cabo, uma vez que estas coisas estão reservadas para o Pastor eleito, chefe de toda a Igreja. Nenhum esplendor, nenhuma majestade faltou à Senhora, Rainha nossa, a quem louvam os astros da manhã, cuja beleza admira tudo quanto de mais belo existe. E aqueles que se não alegram não

são filhos de Deus. Mas a quantos recebem esta verdade, é-lhes dada a dignidade de se tornarem filhos de Deus.<sup>[48]</sup>

Foi na mente divina imaculada desde todos os tempos. Tendo Adão pecado, quando merecia ser manchada, não o foi. Concebida, por fim, é grata, ela que na mente de Deus fora grata. Imaculada permaneceu no ventre, imaculada e quase sem dor de sua mãe saiu do útero, imaculada, criança ainda, vagiu no berço, imaculada começou a andar, imaculada foi oferecida e apresentada no Templo de Deus e com grande celeridade de corpo e santidade de espírito subiu os degraus do Templo, onde se verificou não só o milagre da subida corporal, mas também do conhecimento do Templo e dos degraus e das virtudes e dos vícios. Tornou-se claro que todo o conhecimento dessas coisas existia nela. Na verdade, todos os presentes e os ministros do Templo reconheceram então que nela residia o dom da sabedoria, da ciência, do entendimento, da piedade, do conselho, da fortaleza e do temor do Senhor. Falou então aos sacerdotes e a seus pais e a outros presentes de tal modo que todos reconheceram a graça que havia sido dada pelo Senhor a menina tão pequena.

Recebendo-a o príncipe dos sacerdotes como oblata, disse: Oh! que bela menina nos oferecestes! Que Deus te abençoe, filha!

Maria começou então a falar e a expor em voz firme perante todos: *Enganador é o encanto e vã a beleza. A mulher que teme a Deus, essa é que será louvada.*<sup>[49]</sup> Não louves, pois, pai da minha alma, a beleza que parece existir em meu pequenino corpo. Junto do Deus Verdadeiro e Vivo, Autor e Criador de tudo, a beleza do corpo não tem, realmente, valor sem a beleza da mente. Quando, porém, são belos e bons os costumes, a beleza do corpo é um certo enfeite, não muito necessário, ainda que não deva ser desprezado. *O temor do Senhor é o princípio da sabedoria,*<sup>[50]</sup> a humildade é o fundamento da virtude. Aquele que teme a Deus é belo e praticará o bem. O que é humilde, olha-o o Deus Altíssimo, dar-lhe-á a sua graça, já que a graça e o favor do mundo são enganadores, de pouco servindo. Aquele que for humilde, exaltá-lo-á e sublimá-lo-á o Senhor, a quem os soberbos são sumamente

odiosos e os humildes sumamente aceites.

Vim até vós, pais da minha alma, para me ensinardes o temor do Senhor e me instruídes na humildade a fim de que possa servir continuamente ao meu Deus e a ele me tornar grata e permanecer e perseverar incessantemente nos seus serviços. Desprezo o senhorio e toda a beleza deste mundo, todas as riquezas e delícias, por causa do amor do meu Deus, Rei Universal e Criador de todas as coisas. Consagro-lhe a minha vida, o meu corpo, a minha alma, a minha virgindade. Ele deu-me tudo, eu tudo lhe dou, tudo lhe consagro. Em suas mãos, no seu arbítrio, ponho a minha vontade. Consagro, pai, a Deus, na tua presença, sendo testemunhas todos os presentes, a minha perpétua virgindade. Vou entrar **[fl. 57]** na casa do Senhor para nunca sair ao encontro das delícias do mundo. Entrarei nos átrios do meu Deus onde um dia é melhor do que mil.<sup>[51]</sup> *Escolbi ser antes desprezível na casa do meu Deus, a morar, poderosa e nobre, nas tendas dos pecadores.*<sup>[52]</sup> A casa de Deus é santa pelos séculos dos séculos.<sup>[53]</sup> *Esta é para sempre o lugar do meu repouso, aqui habitarei, pois a escolbi*<sup>[54]</sup> como a casa que está firmemente edificada sobre a rocha firme.

Sei, padres digníssimos, que estais habituados a receber em custódia meninas como eu; depois, chegado o tempo de se casarem, a dá-las em casamento segundo a Lei de Deus, coisa que eu não censuro, nem considero mal. Mas estou certa em meu coração, estou certa em meu espírito movido por Deus de que nunca conhecerei varão, nunca experimentarei as obras da carne. E, de facto, essa experiência não só não é, em si, má, como é ordenada por Deus, que não pode errar, para aumento do género humano. Mas eu estou determinada a nunca me unir a um homem, a nunca violar por acto algum a virgindade.

Dito isto, voltou-se para os pais e outros parentes e familiares e exortou-os deste modo: Adeus, querido pai, adeus minha muito afectuosa mãe, adeus todos os familiares e parentes meus. Deixo-vos corporalmente, não vos deixo em espírito. Deixo a vossa diária presença, não deixo de em vós pensar diariamente. Deixo-vos por causa de Deus para não deixar Deus por

causa de vós. Devo-te muito a ti, meu pai, e não menos a ti, minha doce mãe. Alcançastes-me de Deus com muitas orações e esmolas, de Deus que de forma absoluta havia estabelecido que eu nascesse. Por mim assumistes canseiras várias. Dou-vos quantas graças possa. Nunca vos deixarei em meu espírito, nunca vos abandonarei em meu coração. Servindo a Deus, que é a razão do nascer e do viver de todos nós, servir-vos-ei também a vós. Sou a sua serva, a ele me entrego de todo o coração. Peço-vos, porém, que, fazendo eu voto da minha virgindade, me não impeçais, mas antes me apoiéis no meu voto. Não me exijais o fruto da mortalidade. Deus entregou-me a ti, querida mãe, como filha única. Não desejes outras, nem delas esperes netos. Eu decidi manter-me virgem para sempre. A todos quantos me acompanhastes e comigo viestes até este lugar para me oferecerdes ao Senhor em seu Templo agradeço e peço que oreis por mim, serva indigna, ao nosso Deus que vive pelos séculos. A todos digo, adeus!

Ao querer aproximar-se do pai e da mãe para os beijar, veio junto dela o príncipe dos sacerdotes e tomou-a pelo braço enquanto dizia: Ó menina, de onde te vem tanta sabedoria? De onde te vem tão grande conhecimento das nossas Escrituras? Nunca nenhum ancião assim falou como tu! Nenhum príncipe da nossa Lei falou com tanta subtileza! De onde te vem tão grande graça? De onde te vem tamanho dom?

E todos diziam em voz baixa: Há séculos e séculos que se não ouve dizer que uma menina de três anos fosse dotada de tanta sabedoria e, até, que soubesse falar do que é comum com pleno conhecimento. Esta fala como se fosse experiente em todos os ramos do saber.

Diziam outros que Joaquim e Ana lhe haviam ensinado tudo em tempo tão reduzido e tão curto.

Viva o Deus de Israel, diziam outros, porque nem Joaquim nem Ana têm tão grande saber. Como poderiam, pois, ensinar aquilo que eles ignoram? Isto sabemos nós, que ninguém pode ensinar o que ignora.

Outros diziam que isso acontecia por uma qualquer arte, ou humana, ou demoníaca.

Mas Maria, criança ainda, dizia: [fl. 58] Não vos admireis, meus queridos pais, amigos e vós que estais presentes, se eu, menina pequena, falei desta maneira. Admirai-vos antes porque assim não falam todos os vossos meninos e meninas. Todos sabeis como Deus criou o homem recto. Mas ele, pelo seu pecado, enredou-se em muitos problemas, caiu em muita ignorância e em erros detestáveis e nocivos para todos nós. Se, pois, Deus me conferiu, não pelos meus méritos, mas pela sua graça e dom maravilhoso, como hoje se vê na vossa presença, o espírito que haveria de conceder a todos os meninos e meninas, não vos admireis. Digo-vos, realmente, que me recordo do tempo em que a minha alma foi unida ao corpo e do que então pensava. Recordo-me de todo o tempo em que permaneci no útero materno, de quando nasci e soltei no berço os vagidos de criança. Concedeu-me o Deus que vive e reina para sempre e, a partir de si, tudo dirige por intermédio de um timoneiro igual a si num timoneiro a ambos igual, por todos os séculos dos séculos, este dom que outrora teria sido comum a todos (e aqui expressou o Pai, o Filho e o Espírito Santo, mas eles não o entenderam. Este aspecto era-lhes ainda desconhecido).

Perante todos, diz então o príncipe dos sacerdotes: Vimos hoje maravilhas nesta menina que vence até os sábios e os homens mais doutos. É este o dedo de Deus. *Isto foi obra do Senhor e é um prodígio aos nossos olhos.*<sup>[55]</sup>

Padre, diziam os outros sacerdotes, nunca ouvimos falar desta maneira, não merecemos que esta menina fique connosco, nós que não podemos ensinar-lhe nem letras nem bons costumes. É bem mais sábia e bem melhor do que nós!

Se não for ensinada, pelo menos ensinará, diziam outros. Se ela não aproveita do nosso exemplo, nós e as outras meninas aproveitaremos do exemplo dela. Entre, pois, à presença do Senhor com alegria!

Eu, disse o príncipe dos sacerdotes, convosco me admiro e me espanto desta formosíssima menina, belíssima de espírito e de corpo, e desejo ardentemente que esteja connosco aqui, mais para sermos ensinados do que para ensinarmos, aproveitarmos dos seus bons costumes mais do que ela

dos nossos. Todavia, uma vez que fez voto de virgindade, que não é habitual na nossa gente e entre o povo de Deus, parece-me que agiu contra a Lei de Deus, que amaldiçoou as estéreis, facto que aconteceu até a seu pai e sua mãe. Não expulsámos nós do Templo seu pai, enfeitámos o seu sacrifício porque nos parecia indigno por ser estéril, ele que, contudo, era casado?

Deus, respondeu Maria, instituiu o matrimónio. Deus ordenou, dizendo: *Crescei e multiplicai-vos.*<sup>[56]</sup> Do mesmo modo eu, com o seu favor, faço voto de virgindade. Ainda não chegou o tempo de me casar. Que eu entre, feliz, na Casa do Senhor. Quando chegar o tempo do casamento, entregar-me-eis a um homem, se a Deus assim aprouver, e casarei com aquele que ele quiser. Por esta razão não me excluais do Templo do Senhor e dos seus átrios santos.

Tendo dado um beijo muito terno ao pai e à mãe e manifestado a todos humilde reverência, feliz e com alegria, devoção e humildade entrou nos átrios do Senhor. Aí, aplicava-se dia e noite à oração e às santas meditações, trabalhava com suas mãos, ensinava as outras meninas a trabalhar, meninas que com o seu exemplo e costumes progrediam no conhecimento de Deus, de todas as coisas e ofícios. Lia e expunha os profetas. Proclamava com grande admiração de todos que o Messias e Redentor universal ia chegar em breve, segundo as profecias de Daniel acerca da estátua vista em sonhos e a das setenta semanas, e de Ageu e **[fl. 59]** outros profetas. Lia Jeremias que diz: *O Senhor criará algo de maravilhoso sobre a Terra. A mulher rodeará o homem,*<sup>[57]</sup> isto é, a mulher trará no ventre um Deus e um Homem perfeito. E o passo de Isaías: *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho que se chamará Emanuel.*<sup>[58]</sup> E dizia, suspirando: oxalá meus olhos vissem o meu Salvador! Oxalá vissem aquela afortunadíssima mãe! Oxalá pudesse eu ser a serva das suas servas!

Ouvindo isto, os sacerdotes admiravam-se e em silêncio meditavam no problema, dizendo em seus corações: “Talvez que esta seja aquela virgem que há-de ser a mãe do nosso Messias”. E entre si diziam em segredo: “É, sem dúvida, esta! No mundo não há nenhuma mais santa, nenhuma mais

sábua, nenhuma mais bela!”

Eu não sei, dizia outro, se Deus poderia fazer outra mais pura, mais santa, mais sábua.

Maria, disse-lhe uma vez uma das meninas, peço-te, minha querida irmã, diz-me qual a jovem que julgas que será a mãe do nosso Redentor?

Não conheço nenhuma que seja digna, respondeu-lhe ela. Mas a Deus cabe tornar a indigna digna. A sua vontade é a nossa lei.

Oh! feliz de ti, Maria, respondeu-lhe logo a outra, porque todos estes sacerdotes e as santas meninas que aqui estão, desde que se aperceberam da graça de Deus que te foi concedida, dizem que tu és a futura mãe desse grande Profeta.

Nessa hora, Maria derramou lágrimas de alegria dizendo: Desejar tão grande dom constitui presunção para qualquer donzela. Alcançá-lo é a máxima dignidade. Nenhuma é digna. Só ele pode fazer para si uma Mãe digna. Mas oxalá se dignasse fazer de mim uma das últimas servas de sua Mãe.

Enquanto isto se passava na cela de Maria, o príncipe dos sacerdotes, vendo aí tão grande dignidade nesta virgem, observava-a de dia e de noite e, nesta ocasião, encontrou-a em diálogo com esta donzela e ouviu todas as palavras de ambas. E vendo que ambas choravam, bateu ao de leve à porta da cela e, na presença de outro sacerdote chamado Heli, velho como ele, e até mais ancião, todo dado a Deus, ao abrir a porta disse: Até hoje, Maria, considere-te uma donzela educada no Templo do Senhor. A partir de agora, reverencio-te como verdadeira rainha e imperatriz da nossa raça. Tu és incontestavelmente a mãe do nosso Messias, tu, a mãe do Salvador de todo o género humano. Tu serás a escada, tu serás o caminho de todos para o nosso Deus. Terás compaixão de nós pecadores, terás compaixão!

Então Maria, a mais humilde serva de Deus, ajoelhou-se imediatamente na presença destes padres e disse: Adorai a Deus, meus padres, juntamente comigo. Eu, como vossa filha espiritual, venero-vos também a vós na vossa ordem com a veneração que se deve aos ministros da Sinagoga de Deus. O

que dizeis a meu respeito é grande. Ninguém pode realizar tal grandeza senão aquele que é poderoso e cujo nome é Santo. Eu considero-me a mim indigna de tão grande dignidade e não julgo nenhuma digna. Ele tornará digna a indigna e justa a pecadora. Só ele é o Senhor de todas as coisas. A mim, se tanto viver, bastar-me-á ser a serva das servas daquela santíssima Mãe. E vós, meus padres, intercedei por mim.

Então o sacerdote mais velho, chamado Heli, disse: És verdadeiramente humilde, ó virgem! Deus, que exalta sempre os humildes, exaltar-te-á também a ti. E quanto mais humilde és, tanto mais sublime serás. Reconheço seguramente que Deus tenha disposto que sejas a mãe do Messias ou a companheira dela. Mas onde estará a Mãe se não fores tu? Entre nós, por mil milhares de passos, não há nenhuma que mereça quanto tu mereces. Se Deus não tem a Mãe no Céu, nenhuma das que existem na Terra é mais digna do que tu, nenhuma é mais santa. **[fl. 60]**

Deus dignifica facilmente quando quer, disse Maria. Encomendo-me às vossas orações para que, pelo menos, mereçamos ver aquela de que falamos, porque os nossos olhos serão verdadeiramente felizes se a virem. E bem mais felizes se merecerem contemplar o Filho, *mais belo que todos os filhos dos homens.*<sup>[59]</sup>

Maria estava permanentemente rodeada pela multidão dos anjos. E uma vez que, desde o princípio, Deus nos ordenara a nós anjos que a tivéssemos por nossa Rainha, nenhum de nós foi tão importante ou tão grande que não desejasse vê-la. Na verdade, entre nós, os maiores são tão humildes como os mais pequenos. Por isso, vínhamos até ela e afastávamo-nos dela alternadamente. Todos admirávamos tão grande graça e dom tão grande em donzela tão formosa, tão zelosa, tão humilde. E dávamos graças a Deus que nos subordinava a tão eminente virgem. Também o próprio Deus Trino aparecia muitíssimas vezes a Maria e com ela fala como um amigo com o seu amigo.<sup>[60]</sup> E ela reconhecia que os Três eram Um só. Conhecia também aquele que era Filho do Eterno Pai e que pretendia ser temporalmente filho de uma mãe temporal. E pensava no imenso amor de Deus e na imensa

felicidade daquela Mãe.

Maria permaneceu, pois, no Templo do Senhor cerca de onze anos em santidade e justiça, plena de virtudes e de graça, esperando Cristo, a suma Graça, ou seja, o seu Filho. Ninguém que observasse em volta dela ou que olhasse para ela podia não se deixar levar para Deus. Todos a proclamavam santa, todos a declaravam querida de Deus. A todos ensinava, mais humilde que todos, mais sublime na virtude, inferior na fama. Deus santificava ininterruptamente o seu tabernáculo, não pela erradicação das culpas, que nunca existiram, mas pelo aumento da graça e de outros dons. Não pode explicar-se por palavras humanas nem angélicas quão santa, quão imaculada haja sido esta virgem que Deus destinara para sua Mãe. Só ela, com efeito, foi escolhida e previamente escolhida, o que vós afirmais abusivamente, assim como muitas outras coisas, de qualquer santa. Nenhuma, ou nenhum, foi previamente escolhida deste modo. Só ela foi exaltada acima de todos os coros dos anjos. Todos nós a honramos, a veneramos e a adoramos. Vós, que pela natureza sois inferiores a nós e a ela semelhantes na natureza, deveis muito mais exaltar nela o Deus do Céu e da Terra, de quanto é visível e invisível, *porque ela é a glória, a alegria e a honra do vosso povo.*<sup>[61]</sup>

Deixemos a nossa Rainha na Casa do Senhor. Ainda não falámos dos seus esponsais nem da maravilhosa concepção do Verbo de Deus no seu útero, de que falaremos noutro lugar. Digamos agora algo sobre o assunto que propuseste anteriormente, o Céu Empíreo, Paraíso Terrestre, e sua glória.

Então eu, como que voltando a mim mesmo, pois estava preso pela extrema doçura das palavras do anjo e dos grandes louvores da Virgem Maria, disse:

Se proclamasses, anjo de Deus, os louvores da Mãe de Deus durante mil anos, nunca me enfadarias. Se, contudo, é do teu agrado passar a outro assunto, reunirei forças para escutar de novo e cuidarei de anotar o que ouvir.

Recomeçou então o anjo Gabriel a falar, dizendo: Ouvi, Céus, o que eu

digo ao futuro Pastor. Ouça toda a Terra as palavras da minha boca. Deus quis, desde toda a eternidade, assumir [fl. 61] a carne humana. Por isso preparou para si, Homem, e para sua Mãe e outros dos vossos que devem tornar-se bem-aventurados essa grande e sublime habitação. Daí que um dos que aqui estão tenha sabiamente escrito: *Oh Israel! como é grande a morada do Senhor e vasta a extensão de seus domínios, grande e sem medida ou sem fim,*<sup>[62]</sup> porque nela, como no limite extremo, se contêm todos os corpos do mundo. Por isso se designa vasta e imensa, porque mede e circunda tudo e ela por nada é medida ou circundada.

E porque Deus conhecia a condição da natureza humana, construiu esse lugar com todas as condições convenientes à natureza humana, ou melhor, todas as coisas que poderão ser úteis à natureza humana, quer deleitando, quer auxiliando. Nesse lugar reuniu ao mesmo tempo e juntou o que nos vossos lugares mortais se encontra por várias partes. O Paraíso Terrestre seria dotado de muito menor suavidade, utilidade e aprazimento. Nele, teríeis necessidade de alimento e de bebida corporais. Este lugar pode chamar-se Céu porque, segundo a propriedade da vossa língua, oculta e cobre.<sup>[63]</sup> Pode também chamar-se Terra, porque é habitação que está perfeitamente de acordo com o homem terreno. Esta é a Terra acerca da qual disse, falando a Deus, um dos que estão na Assembleia em redor do Senhor: *Tu és a minha esperança e a minha herança na Terra dos vivos.*<sup>[64]</sup> É mais conveniente para o homem essa habitação do que esta vossa Terra e do que o ar em que estais. Fê-la, pois, o Artífice Máximo imóvel e tranquila para lá de todos os Céus móveis, devida e convenientemente luminosa, para que fosse lugar de todos. Foi por isso que alguns homens, sem bem saberem o que diziam, sabiamente disseram que primeiro e antes de tudo fez Deus um lugar em que colocasse todas as coisas e, balbuciando, chamaram a esse lugar Terra, dizendo: Primeiro foi feita a extensíssima Terra. Pode, porém, chamar-se Terra porque, criada para corpos terrenos, tem no mais elevado grau as qualidades e as condições da Terra e do ar.

Outros de vós chamaram-no Céu Ígneo, não só em razão do seu brilho,

mas porque está acima de todos os corpos como o fogo está acima de todos os elementos. A sua composição é extraordinária, contém tudo com que o olhar humano pode deliciar-se. Nele o vosso ouvido e o olfacto, o gosto e o tacto sentirão sem nenhum desvio, sem aversão, sem esforço, sem dor, tudo quanto é agradável. Aí os homens não comerão. Desfrutarão, todavia, de um suavíssimo gosto, do olfacto, do ouvido, do tacto, da visão e de todos os sentidos. Deus ordenou de tal modo essa região que nela podereis não só movimentar-vos sem qualquer esforço como respirar de um modo conveniente aos corpos gloriosos. Nem nos outros céus inferiores, que se movem, teríeis vós habitação tão adequada como nele.

A parte inferior deste Céu Empíreo, que toca o Céu que na Escritura se designa por Céu Cristalino ou Céu da Água, é sólida e firme a ponto de, com segurança, se poder andar sobre ela. O outro Céu chama-se Cristalino porque todo ele é transparente e nenhuma das suas partes é mais densa ou mais espessa. A parte superior do Céu Empíreo é também sólida como uma espécie de tecto luminosíssimo [fl. 62] da Casa de Deus construído de pedras preciosas. No meio, porém, tem partes de algum modo flutuantes e finas, semelhantes ao ar, que podem ser aproximadas e afastadas. Haverá aí toda a beleza, muito maior, incomparavelmente, do que aquela que havia no Jardim das Delícias plantado no princípio.

Um corpo mortal tem necessidade de muita coisa sem a qual poderá um corpo imortal viver e viver bem. Vós e todo o animal requireis o alimento e nele fazeis consistir toda a felicidade. Mas, acredita-me, nada de mais indigno faz o homem do que quando leva à boca as carnes mortas dos animais, as mastiga, na boca as faz rolar, as saboreia com a língua, as digere no estômago, carnes que nele se deterioram e apodrecem como num sepulcro. Por isso o homem torna-se uma espécie de estrumeira que detém em si fezes fetidíssimas. Daí que seja mais vergonhoso ingerir o alimento e reter o que é imundo do que expeli-lo. E, assim, é mais vergonhoso comer do que aliviar o ventre. Mas não se pensa nesta torpeza, por causa da eminente necessidade e do grande prazer. Este prazer no comer e no beber

foi dado aos homens sobretudo por uma grande providência de Deus, para que, pensando na indignidade deste acto, se não abstivessem do alimento e não desfalescessem antes de tempo no seu caminho. De igual modo, foi posto nos órgãos genitais tão grande deleite, para que a natureza se não extinga, que até aos mais sábios é difícil abster-se.

Ali, não comereis, nem bebereis, nem vos casareis, mas sereis como somos nós os anjos. Comeremos o mesmo alimento, que nos é comum a nós, beberemos a mesma bebida, de acordo com o que vos foi prometido pelo Salvador na sua última Ceia. Sentar-vos-eis no seu reino, porque permanecereis sem qualquer trabalho ou incómodo, e apanhareis as migalhas em cima da mesa como filhos, não debaixo da mesa como cachorros.<sup>[65]</sup> Mas juntamente connosco comereis o pão do vosso e do nosso Deus. A mesa de Cristo é a divindade e a própria essência divina sobre a qual comem aqueles que a vêem face a face. A visão da divindade é o alimento, primeiro, alimento do próprio Deus, ou seja, da Santíssima Trindade, depois, dos homens e dos anjos. Só comem à mesa de Cristo, pois, aqueles que se revigoram com a visão da sua divindade. Os que verdadeiramente aderem a ela assim olhada e dela gozam, bebem à mesa de Cristo. A sua visão é alimento, a sua fruição é bebida. Ambas realizam e completam a razão de todo o alimento bem-aventurado. Só a visão não é alimento perfeito nem só a fruição, mas ambas juntas. Daí que o Salvador, querendo deixar-vos um sinal deste alimento, tenha determinado que fosse dado o seu corpo sob as espécies do pão, e o sangue sob as espécies do vinho. Em vão discutem entre vós os vossos doutores, dizendo uns que a bem-aventurança consiste na visão de Deus, outros, porém, na fruição. A bem-aventurança é um alimento único, o alimento perfeito é obtido a partir de ambas. Em vão debatem qual seja mais nobre, ver ou fruir, já que um sem o outro não torna ninguém bem-aventurado. Daí que, se Deus provocasse em alguém a visão de si sem a fruição, esse não seria bem-aventurado. Nem pode considerar-se a fruição de alguma coisa não vista ou não conhecida. E para que a visão seja verdadeiramente beatífica, convém

que seja abertamente visão de Deus, não de um ser confusamente conhecido. A fruição é tão pouco menos nobre que a visão, e a vontade que a inteligência, que mal nos apercebemos quando as olhamos.

Não interessa gastar muito tempo neste assunto nem cair em discussões intermináveis. Comamos e bebamos à mesa de Cristo, no seu reino, porque ele vos mereceu a vós homens, e não propriamente a nós, este alimento. Por isso disse: *No meu reino.*

Mas também nós, por causa dele, somos bem-aventurados porque, em razão da pronta obediência pela qual o recebemos desde o início como nosso superior e como nosso príncipe, todos o temos como Príncipe e Senhor, ao passo que para vós é Salvador e Redentor. E enquanto estais em viagem, com caridade e fé, caminhando na esperança, não comeis o pão dos filhos, à mesa, mas apanhais, como os cachorros, debaixo da mesa, as migalhas que caem da mesa dos filhos, porque não tendes a visão de Deus, mas um ténue e enigmático conhecimento, nem o alcançais em si. O que quer que penseis dele está abaixo dele, não é ele na sua clara visão. Debaixo da mesa comeis, debaixo da mesa bebeis, porque a vossa fruição se limita a Deus tal qual o conheceis, porque o não vedes como ele é. Por isso bebeis debaixo da mesa, porque não fruís Deus como ele é em si, nem aderis a ele com amor. Oh! como é bom aderir a Deus, em quem radicam todas as delícias, todos os tesouros, todos os bens.

Pensa em todos os bens que possam ser pensados. Estão todos em Deus. Aquele que o tem só a ele tem todos os bens, porque ele é o bem de todos os bens. Admiram-se os homens de como a visão e a fruição de Deus possam ser um bem tão grande como se diz. E muitos preferem comer, e beber, e realizar as obras da carne: pescar, caçar, dormir, jogar, divertir-se, do que ver a Deus. Nem experimentam o gosto de que esta visão seja ou possa ser mais agradável do que as obras da carne e do que os prazeres do corpo. Mas nós conhecemo-lo, nós distinguimo-lo perfeitamente. Todas as vossas alegrias estão incluídas nas nossas, assim como todo o vosso conhecimento e o vosso amor se inclui no nosso conhecimento e no nosso

amor. Nós conhecemos tão bem os sabores e os odores, os sons e as cores com a nossa inteligência, que é única, e a nossa vontade, que é única, como vós com os sentidos e os apetites, que são múltiplos. E porque a alegria que provém da visão e da fruição de Deus é grande e incalculável, podereis, por isso, pensar, porque é certo, que ninguém, a não ser um louco e um insensato, pode negar que nosso Senhor seja um Deus sumamente bem-aventurado e feliz, fonte de todo o bem, de tal modo que lhe não falta prazer algum, nenhum deleite ou paixão ou felicidade e alegria de qualquer natureza, mas que desfruta do sumo e infinito gozo, ele que, contudo, nunca pesca, nunca caça, nunca dorme, nunca bebe, nunca come, nunca recorre às obras da carne, nunca joga ou se diverte. Portanto, em que é bem-aventurado e feliz o nosso Deus? Não nos bens que vos parecem bens, mas na visão e fruição de si. Quem vê a Deus e dele frui, possui todo o bem, porque nele se contém todo o bem incomparavelmente mais perfeito do que no ouro do dinheiro corrente ou na vossa alma intelectual, na alma dos animais irracionais e das plantas [fl. 64] ou ervas. Do mesmo modo, pois, que no homem se deixa ver todo o género de vida, assim em Deus existe todo o género e toda a espécie de bem, realmente e até melhor do que é em si. Ouve tudo numa só frase, no Sumo Bem, no Bem Imenso, no Bem Infinito e Eterno se contêm todos os bens que possam existir, os que existem ou existiram ou virão a existir. Se tu tivesses e possuíssees todos os bens, não te considerarias bem-aventurado e feliz? Se negares isto, não sabes absolutamente nada. Sem dúvida que uma velha louca, um velho feito rapaz e um rapaz que inicia a via do conhecimento confessariam isso e de modo nenhum o poderiam negar. Se, portanto, possuíssees a totalidade dos bens como que dispersos em si e em ti reunidos, serias absolutamente feliz. Desde que, portanto, Deus é o Bem Infinito, todos os bens estão nele. Tendo-o a ele, terás todas as coisas, e tanto mais que as terás não somente reunidas em ti como se as possuíssees dispersas em si, mas porque estão reunidas num único bem teu, numa única coisa que possuis.

Com razão afirmou um dos ministros aqui presentes, da parte dos

antigos Padres, e outro, da parte da Nova Lei: *Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem o homem pressentiu o que Deus preparou para os que o amam.*<sup>[66]</sup> É este o sentido desta afirmação: é tão grande o bem preparado por Deus para os bem-aventurados que nenhum mortal na sua percepção, que serve no mais alto grau o conhecimento que pode ser alcançado pelo homem, pôde perscrutar convenientemente quão grande seja. E nenhum mortal ouviu falar dele, porque nenhum mestre pôde traduzir convenientemente a um discípulo quão grande é esse bem. E, assim, nenhum discípulo alguma vez ouviu falar do que, na verdade, em absoluto não pode ser dito por ninguém, nem poderia ter-se ouvido falar dele como já expresse, nem mortal algum poderia alguma vez, em seu coração, isto é, no seu sentir interior e até na sua inteligência, pressenti-lo, compreendê-lo ou imaginar como seja. Pelo contrário, nunca esse bem subiu ao seu coração, isto é, à sua vontade. A vontade, na verdade, não segue senão o bem conhecido em si ou no seu semelhante. Porque esse bem nunca foi conhecido nem pela sensação nem pela inteligência, nunca esse bem subiu ao coração e à vontade, nunca foi por ela desejado, procurado ou amado tal como é. Assim como da terra se sobe à água como a um elemento mais nobre, também de algum modo se sobe do conhecimento ao desejo, sobretudo quando este for a última e a mais elevada de todas as faculdades, não só das que conhecem, mas também das que desejam, como é a vontade, para a qual tudo se encaminha, e que, distando pouco da inteligência (são na verdade uma só coisa), é o limite e o fim de todas as outras faculdades. Aquilo que queremos, isso sobe ao nosso coração, sim, isso compreendemos. Se isso for bom, sobe ao coração porque, por último, oferece-se à vontade e nem pode passar além. A vontade nunca desejou tão grande e tão sublime bem como o que Deus preparou, porque nem a inteligência alguma vez o conheceu senão por um espelho e em enigma e não tal qual ele é propriamente em si. Nós anjos, entrando, encontrámos os prados da bem-aventurança porque, vendo a essência infinita e nela distinguindo tudo, não saímos [fl. 65] ao encontro de outro conhecimento ou do conhecimento de outras coisas. Vós, porém,

entraís com o conhecimento e a inteligência, depois saís, conhecendo com a sensação e observando o real e o sensível como, por exemplo, esse lugar eminentíssimo não só pela posição, mas também por todos os deleites e suavidade, e, acima de tudo, vendo a natureza humana unida a Deus, cheia de graça, de alegria, de paz e de verdade. Mas, embora vós homens entreis e saiais dos prados da consolação, nem por isso nós anjos nos alimentamos menos. Do mesmo modo que também aquele que vê tudo na palavra e outro, na palavra e nas próprias coisas, não vê menos, mas vê de vários modos. Daí que, não vendo as coisas em Deus, mas vendo-as em si mesmas, não vemos outras coisas, mas vemos de outro modo. Assim também vós. Mas diferimos nisto: vós podeis ver as mesmas coisas de três modos; nós anjos, de dois. Nós, na verdade, com a nossa inteligência vemos a humanidade de Cristo no Verbo, isto é, na própria essência divina, como num espelho perfeitíssimo que mostra de um modo perfeitíssimo tudo que pode ser entendido de um modo perfeitíssimo. Vemo-la também em si mesma com a nossa mesma inteligência. Também vós tendes estes dois modos de ver, e acrescentais-lhes um terceiro, porque apreendeis a mesma humanidade também pelos sentidos. Mas os vossos três modos de ver não tornam a visão mais perfeita, como nem os nossos dois tornam mais perfeita a nossa visão do que a visão única que Deus tem. Deus, realmente, conhece tudo de um único modo, porque o conhece pela sua essência e nada conhece de outro modo que não seja na sua essência. Mas porque este modo de ver é eminentíssimo, inclui em si, eliminadas todas as imperfeições, todos os modos de ver. Vós acrescentais um terceiro modo, porque conheceis também pelos sentidos, porque sois homens. Os sentidos são próprios do homem, não exclusivamente da alma ou do corpo. E este conhecimento compete só ao homem enquanto homem. À alma enquanto alma competem só os outros dois modos de conhecer que nos competem a nós, e não o terceiro. E a alma presente num corpo glorioso poderá servir-se destes dois modos, mas não o homem, isto é, tudo aquilo que é composto de corpo e alma pode ter outro conhecimento além do sensitivo. Pois o

próprio conhecimento intelectual situa-se só na alma, que, embora seja a forma do corpo, nem por isso esse conhecimento é recebido no corpo, nem em todo o composto, como o acidente no próprio receptáculo, mas só na alma. Todavia, porque a alma está no corpo e esse conhecimento reside na alma, pode dizer-se que esse conhecimento está no corpo como no receptáculo da alma que o recebe.

Uma alegria eterna, que se não pode descrever, reinará sobre vós. Desfrutareis indefinidamente do prazer e da exultação da alegria. Entre vós são tidas em grande conta estas coisas: dançar, ouvir canções agradáveis e melodiosas, aspirar as flores e os odores das flores, afagar as coisas suaves e macias, deleitar-se com sabores doces e agradáveis à natureza. Tudo isto vos está preparado nesse Céu, onde exultareis de inenarrável alegria. E todos os vossos sentidos se entregarão aos prazeres que lhe são próprios. E se desejardes comer, pela acção de Deus, que diz e tudo se faz, encontrareis preparado a vosso gosto o alimento desejado. Com efeito, mesmo no corpo glorioso o homem pode comer, se quiser. Pois também Cristo Senhor, depois da sua ressurreição, comeu verdadeira e não só aparentemente, como aquele meu companheiro (e mostrava o anjo Rafael que, não ele em pessoa, mas através de um emissário acompanhou Tobias, filho de Tobias) aparentava comer, quando não comia. De facto, Rafael não foi em pessoa ao encontro de Tobias, mas mandou em seu nome **[fl. 66]** um anjo do último coro. Como também aquele anjo que, em nome de Miguel, apareceu no monte Gargano<sup>[67]</sup> e noutros lados se chamava a si Miguel, porque era enviado deste. O próprio Miguel em pessoa é enviado apenas em auxílio e para salvação de todo o povo. Ele é, com efeito, o primeiro de todos nós. Eu venho a seguir. Nós não nos separamos nem em função da natureza, nem do coro, nem da hierarquia. Eu sou o segundo Serafim. Ele é o primeiro, que é a tal ponto nobre que mais nobre não pode haver. Lúcifer pertenceu connosco à mesma espécie. Por isso é considerado por vós o maior, porque pertenceu à mais elevada espécie que pode ser criada por Deus, de que já antes ouviste falar. Miguel, portanto, não se

tornou o chefe de todos vindo de um coro inferior, como consideram entre vós alguns homens ignorantes, mas é o primeiro por natureza porque, na primeira categoria que pode ser feita, ele foi criado como o primeiro indivíduo dessa categoria. Com efeito, nas categorias não há, como pensam alguns de vós, um processo *in infinitum*. Foi criada a primeira categoria que se pode criar e foi criado o primeiro anjo. Maior do que ele não se pode criar. Não estão certos, portanto, os vossos mestres que dizem: “Pode dar-se algo maior do que qualquer bem finito dado”, porque pode imaginar-se quem não possa fazer ou dar mais.

Mas voltemos ao nosso tema.

Cristo Senhor, depois da ressurreição, comeu, não só ingerindo o alimento, mas digerindo verdadeiramente e convertendo em si uma pequena parte dele. Pois, juntando a si uma pequena porção de carne, pode dizer-se que quase nada a si acrescentou. O resto dissolveu-se no que estava em volta. Portanto, se quiserdes comer, podereis. Mas crede em mim que nunca o desejareis, porque é um dos mais indignos exercícios. E Cristo Senhor, imortal, exerceu-o para vos encorajar, não porque necessitasse de alimento. *Bebereis, pois, as águas* e todo o vosso bem, todo o vosso consolo, *nas fontes do Salvador.*<sup>[68]</sup> Primeiro, sem dúvida, na inesgotável fonte da essência divina, ou seja, da divindade, na qual se possuem e se desfrutam todos os bens de um modo melhor e mais completo do que se se desfrutassem em si mesmos e na própria natureza. Nesse bem encontra-se maior fragrância e perfume que nas rosas, nos lírios, no mirtilo, na universalidade das flores e nos pós dos perfumistas. Nele, o gosto e a suavidade incomparavelmente mais ricos que todas as bebidas e todos os sabores. Nele, a modulação do canto e a melodia dos sons acima da qual nada de mais digno se pode pensar. Nele, a variedade e a suavidade da luz e de toda as cores, variedade incomparavelmente maior que as coisas que deleitam a visão de quem quer que seja. Nele, o amplexo sem fim, excedendo todos os vossos abraços, todos os vossos beijos, tudo quanto pode satisfazer o vosso tacto. Disse tudo se disser uma coisa apenas: Deus

é o bem total e infinitamente maior que todos os bens criados. Pensa em ti todos os bens do corpo: a beleza, o vigor ou a força, a saúde, o prazer dos sentidos. Tudo isto em Deus é muito mais nobre. Pensa nos bens exteriores: as riquezas, os poderes, a honra, o respeito, o mando, e todas as dignidades e funções, a fama e a glória. Tudo isto tem aquele que tem Deus e tem-no de um modo incomparavelmente melhor do que se tivesse esses bens em si mesmos. Pensa nos bens do espírito, todos os conhecimentos, quaisquer que eles sejam, quer das coisas, quer dos conceitos, quer das palavras, quer do agir, quer do realizar, quer da observação. Pensa [fl. 67] nas virtudes morais, pensa em todas as virtudes a que chamais teologais, pensa em todos os prazeres do espírito, pensa na paz e tranquilidade da alma, no repouso do corpo e do espírito. Tudo isto teríeis de um modo incomparavelmente melhor tendo Deus, vendo a Deus, amando a Deus, fruindo do próprio Deus, a ele vos unindo com amor, por causa de si mesmo. Deus não é bem-aventurado em nada senão em si. Deus é sumamente bem-aventurado e nem poderia tornar-se mais bem-aventurado, e não em outra coisa senão em si. Este é o sinal de que nele consiste a razão de todo o bem: quis comunicar-nos a nós e a vós esta felicidade. Mas ele compreende-se a si mesmo porque no acto da visão e da fruição infinita existente na potência infinita vê e ama o objecto infinito. Infinito, comunicou-nos tudo o que em si é infinito, o objecto infinito, ou seja, a si mesmo. Mas a nossa visão e a nossa fruição, a inteligência e a vontade são todas finitas. Por isso, nem a nossa inteligência, nem a vontade, nem a visão, nem a fruição se adequam a essa suprema substância que vêem e de que gozam.

Meu senhor, perguntei, a partir do momento em que Deus é a substância suprema, de modo algum distinta em partes, como se diz que um vê mais do que outro, e outro goza mais do que um terceiro? E se vós os anjos sois mais bem-aventurados que os homens.

Quem vê a Deus, respondeu o anjo, vê-o integralmente, porque ele é absolutamente uma substância única. Mas, quem vê a Deus, pode não ver tudo que Deus vê em si como distinto de si. Pois ele pode fazer que a minha

visão, mais que a de outrem, se dirija a coisas várias, distintas de si, por ele conhecidas. E nestas, verificam-se as revelações pelos superiores aos inferiores. Nada há em Deus que se considere Deus que todos os bem-aventurados, anjos e homens, não vejam. Todos vêem o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Todos vêem a Verdade, a Bondade e a Sabedoria e todas as perfeições e condições de Deus, porque todas essas coisas são uma única substância. Poderia, todavia, Deus fazer que essa única substância fosse vista como essência e não enquanto se considera outra coisa qualquer, de que falaremos noutro lugar. Todos, portanto, vêem o Deus infinito, e nem ele é uma coisa e outra a sua infinitude. Pois quem o vê, vê também a sua infinitude. Mas a visão e a fruição de um é maior e mais profunda que a de outro. Alguns anjos são mais bem-aventurados que alguns homens, e alguns homens são mais bem-aventurados que todos os anjos, como o Verbo Homem e sua Mãe. Depois vem Miguel, a seguir, eu com alguns dos principais presentes. Depois de nós os sete estão João Baptista, Pedro com João Evangelista, Paulo, André e os outros apóstolos, e Madalena, discípula dilecta de Cristo, que gozou do mérito dos apóstolos, cuja festa deve ser solenemente celebrada em toda a parte como a de um apóstolo. E na sua festa deve fazer-se menção especial da outra Madalena, que foi pecadora na cidade, a qual, ao ungir os pés do Senhor na casa do fariseu, mereceu ouvir: *São-te perdoados os teus pecados; e, A quem menos se perdoa, menos ama; e, Porque ela demonstrou muito amor, muito lhe foi perdoado.*<sup>[69]</sup> Ambas ungiram os pés do Senhor. Mas a irmã de Lázaro ungiu cabeça e pés, seis dias antes da Páscoa dos judeus, em Betânia, na casa de Marta, que antes costumava chamar-se casa de Simão, o leproso curado pelo Senhor.

Celebre-se um único ofício comum às duas, de modo que se recite a oração que agora se recita. E os responsórios sejam tirados da Festa da Ressurreição do Senhor, aqueles em que se faz menção de Madalena. Igualmente as antífonas de Laudes e das Horas, do *Magnificat* e do *Benedictus*. E o Evangelho do primeiro dia de festa seja este: *Estava Maria junto ao túmulo, do lado de fora, a chorar.*<sup>[70]</sup> Dentro da oitava, celebre-se um ofício misto como

o dos apóstolos Pedro e Paulo. E na oitava, leia-se [fl. 68] o Evangelho: *Um fariseu convidou Jesus.*<sup>[71]</sup>

Foram ambas mulheres muito santas, embora uma tivesse sido pública meretriz e a outra fosse cruelmente atormentada pelos espíritos imundos. Mas, porque ambas foram curadas pelo Senhor, uma dos pecados, a outra dos tormentos dos demónios, e porque ambas ungiram o Senhor em diferentes datas, por isso é justo que ambas sejam veneradas em conjunto, ou antes, que Deus seja venerado igualmente na conversão de ambas. Ambas eram da aldeia que se chama Magdala, ambas Maria. Por isso se confundiram os seus nomes. João, porém, recorda que Maria, a irmã de Lázaro, ungiu o Senhor, facto que narram também os outros evangelistas, porque essa unção, feita não em casa de Simão fariseu, da qual só Lucas fala, mas na de Simão, o leproso, foi admirável, segundo esta passagem: *Onde quer que, no mundo inteiro, venha a ser proclamado este Evangelho, também o que ela fez será contado em sua memória.*<sup>[72]</sup> Daí que, por causa desta célebre unção, hajam os discípulos do Senhor chamado a esta Maria a perfumista, do mesmo modo que a Tomé chamaram Dídimos e a Judas, o traidor. Depois da oitava, celebre-se o ofício de sua irmã Marta, a que hospedou Cristo, com comemoração do irmão de ambas, Lázaro.

Queria saber, se te aprouver dizê-lo, disse eu, qual o mérito de meu pai Francisco.

Também ele foi merecedor, com muitos outros, da companhia dos apóstolos, como noutra lugar te referi, respondeu o anjo. Pois quatro doutores vossos e quatro gregos, com muitos outros confessores e virgens, como Inês, Cristina, Catarina, Bárbara, Apolónia, Lúcia, Cecília, Águeda, Tecla e muitas outras, foram merecedores do prémio dos apóstolos. Aí não há inveja, mas caridade mútua e amor recíproco, alegria comum. Alegra-se cada um com o bem do outro, de modo que é verdadeiramente um e o mesmo o prémio de todos. E as diversas habitações e os vários graus de mérito e de prémio convertem-se no mesmo denário que é dado a todos na vinha do Senhor dos Exércitos. Pois Deus dá a cada um segundo as suas

obras e o seu mérito. Depois, a caridade e o amor fazem que cada um se alegre com o bem de todos e todos com o bem de cada um. Todos vêem o mesmo Deus, não outro; todos fruem este e não outro qualquer. Aquilo que Deus revela aos superiores, isso mesmo revelam os superiores aos inferiores, pelo que acontece que os inferiores saibam o mesmo. Que falta, pois, a esses outros? Nada, senão que a visão de um é mais intensa que a visão do outro e a fruição de um mais intensa que a fruição do outro. Os mais pequenos desfrutam da maior bem-aventurança dos outros na medida em que, de algum modo, se regista uma única alegria e a mesma glória. As crianças salvas pelos méritos de Cristo Senhor gozam a alegria mínima, porque elas nada mereceram. Contudo, são bem-aventuradas e felizes junto do mesmo Deus e alegram-se e rejubilam com a felicidade de todos os outros. Nem os que acumularam muitos méritos se entristecem com tão grande felicidade daqueles que pouco ou nada mereceram. Pelo contrário, alegram-se e reconhecem que nem eles mesmos mereceriam tanto, se Deus os não tivesse ajudado, e que eles próprios teriam cometido a mesma quantidade de pecados se não tivessem sido ajudados pela graça de Deus. Ali, pois, o irmão mais velho não se entristece com o prémio do irmão mais novo que dissipou todos os seus bens vivendo desregradamente, pelo contrário, fica contente pelo facto de o pai lhe haver preparado o vitelo gordo. Ali, os que chegaram à primeira hora para trabalharem na vinha do Senhor não murmuram [fl. 69] contra o Pai de família porque, de algum modo, os igualara aos que chegaram à última hora para trabalharem na vinha do Senhor. Por isso, as parábolas de nosso Senhor Jesus Cristo, nesta parte, devem ser aceites, não porque assim seja, mas porque é habitual entre os homens indignarem-se da dignidade dos indignos, e para mostrar que foi função da sua graça que eles merecessem mais. Por isso não poderiam justamente indignar-se. Também nessas parábolas é igualmente verdadeiro que Deus recebe e concede a bem-aventurança aos grandes pecadores que se arrependem. Atribuí, do mesmo modo também, àqueles que nada ou pouco mereceram o eterno prémio da visão e da fruição da sua essência.

Mas o que se afirma da murmuração e da indignação não tem aqui o mesmo valor, mas afirma-se porque pareceria que eles poderiam justamente indignar-se e murmurar, para que da resposta do pai se entenda que eles não podiam justamente indignar-se contra Deus, porque todo o bem que têm o receberam dele. De facto, que têm eles que não hajam recebido? Dizendo, pois, *Filho, tu estás sempre comigo*,<sup>[73]</sup> indicou que perseverou graças à presença e à permanente dedicação e que tudo era de seu pai, porque todos os bens que o filho justo tinha os recebera do pai. Disse, pois: “Todos os meus bens que tu produziste são teus, porém a ti dados por mim. Por isso, são primeiramente meus. Teus, porque te foram concedidos por mim.” E ao outro disse: “Amigo, não sou injusto contigo. Recebe o que te pertence, porque a ti livremente concedido pela minha benevolência, visto que és amigo e vestido graças à minha boa vontade. Não poderias receber de outro modo, nem isso te pertenceria. E vai,” isto é, dá-te por satisfeito e deixa essa ideia e essa injusta indignação. Não que os mais bem-aventurados se indignem por causa do eterno e infinito bem dos menos bem-aventurados, mas porque poderia alguém pensar que, de acordo com a tradição humana, pudessem justamente indignar-se se a retribuição fosse feita não em razão da graça, mas em razão dos méritos. Mas não podem justamente indignar-se porque, o que quer que sejam, são-no pela graça de Deus. Por isso disse: “Não sou injusto contigo, porque te dou isto de minha livre vontade e não te dou menos do que te prometi”. Por isso se segue: “*Não acordámos num denário*”<sup>[74]</sup> Prometi-te a bem-aventurança eterna, dou-te a bem-aventurança eterna na visão e na fruição da minha essência. *Ou será que o teu olho é mau porque eu sou bom*?”<sup>[75]</sup> Como se abertamente dissesse: “Não é justo que te movas pela inveja, que não pode ver o bem alheio, porque da minha bondade procede o facto de eu dar também àqueles que pouco ou nada mereceram a mesma bem-aventurança”. Pensa na bondade e na clemência de Deus, que dá aos que se convertem no último instante, que dá às crianças sem qualquer merecimento, idêntica bem-aventurança que àqueles que ao longo da sua vida mereceram, vivendo e agindo bem. Não é, porém,

admirável que também aqueles que a mereceram por meio de tanto trabalho a tenham merecido pela graça de Deus?

Não entendo, anjo de Deus, exclamei eu, como possa a bem-aventurança ser atribuída em razão da graça e, contudo, não sem méritos. Se, realmente, é conferida em razão dos méritos, como é também em razão da graça? E se em razão da graça, como é em função dos méritos?

Nenhuma obra, nenhuma acção da criatura em si considerada, respondeu o anjo, é digna do prémio eterno e divino, mesmo se se esforçasse e se afadigasse por mil milhares de anos e praticasse todo o bem que pode ser feito por vós ou por nós. Por isso, em função da sua natureza, nada é absolutamente meritório. Contudo Deus, pela sua benevolência e pela sua graça, determinou e estabeleceu que aquilo [fl. 70] que não é absolutamente meritório se tornasse meritório. Por consequência, de um modo geral, não salva sem méritos próprios. Esses méritos, porém, não são méritos por sua natureza, mas por disposição divina. Dou-te um exemplo: Era uma vez um grande rei, que tinha um reino muito rico, que fez publicar uma lei pela qual, todo aquele que apenas lhe dissesse “Ave”, se tornaria herdeiro de todo o seu reino. É claro que tão pequena deferência não bastava para obter tamanho prémio. Todavia aquele que cumpriu o que a lei lhe ordenava, tornou-se digno da herança, não porque aquela acção, em si, fosse merecedora, mas porque aprovou ao rei que se tornasse merecedora. Aquele, pois, que obteve o reino, mereceu-o porque cumpriu o que o rei havia determinado e, todavia, mereceu-o pela graça do rei, que o instituiu como mérito.

O nosso Deus não se obriga por lei nenhuma. É bom e justo tudo o que quer. As nossas acções têm o valor que ele lhes atribui. Pode considerar grande uma acção insignificante, e uma entre vós, grande, pode considerá-la de valor reduzido ou nulo. Têm tanta importância, para ele, as nossas obras, quanta têm para um rei ou um príncipe o ouro e a prata. Do mesmo modo que vós dais valor ao vosso dinheiro, assim Deus dá valor às nossas e às vossas obras e acções.

Além da visão e da fruição, tereis a glória em vossos corpos depois de as vossas almas os haverem reassumido. Estes, pela protecção divina, serão, pois, perpétuos e, pela lei que deve então existir, impassíveis e imortais e não susceptíveis de serem lesados por nada interior ou exterior que lhes seja contrário. Deus assisti-los-á, certamente, em razão do pacto eterno. Serão luminosos e esplendorosos, porque serão dotados de uma cor brilhante e de aspecto muito agradável e de uma luz aliciante. Esta luz será mais suave que a luz do Sol e das estrelas. E, para onde quer que queirais ir, sereis ágeis, porque andareis sem qualquer esforço, caminhareis, voareis, não como as aves, com esforço, mas a vossa alma desenvolverá um movimento presentemente não habitual entre vós. Moverá todo o vosso corpo ao mesmo tempo, não parte por parte, pois ele se deslocará todo ao mesmo tempo como uma seta lançada. Quem a há-de lançar será a vontade e o desejo, ao passo que a alma, movendo-se por si própria com o concurso do poder divino, ou antes, porque o poder divino lho concede, moverá este corpo para onde quiser, tal como se alguma coisa estivesse atada a uma seta que se atira, essa coisa, sem dúvida, deslocar-se-ia juntamente com ela num só movimento.

Eis que te informei sobre estas coisas, não por ti, mas pelo Pastor que Deus escolheu, o qual as entenderá logo que as leia, muitas das quais são contrárias às opiniões dos homens, mesmo dos doutos. Tereis também corpos subtis, porque penetrareis qualquer corpo. E não haverá corpo tão sólido ou tão espesso através do qual não possais passar. Muita coisa será aduzida pelos vossos, neste caso, e muitos considerarão impossíveis algumas coisas que eu disse, as quais, contudo, assim serão e assim se apresentam, e aquele a quem se dirigem conhecê-las-á.

Meu senhor, disse eu então, ouvi algumas destas coisas que, se outro mas relatasse, não o teria entendido. Mas as tuas palavras têm para mim sentido, e compreendi que aí está todo o bem e o fim de todos os desejos; tendo alcançado isso, serão possuídas todas as coisas. É esse o estado perfeito de todos os bens. Todos os bens são, na verdade, Dele, por Ele e Nele, a quem

seja dada honra e louvor pelos séculos dos séculos. Ámen.

E dito isto, desfez-se a visão. E eu comecei a ter muita fome e muita sede, encontrando-me na gruta e na minha cela subterrânea.

## Quintus<sup>1</sup> Raptus

Transactis pene quindecim diebus, dum iterum orarem in cauerna [71] mea, raptus sum in cetum illum sanctissimum. Et adorato Rege Regum et Regina omnium et reuerentia exhibita sanctis angelis et animabus beatis qui omnes cum suavi harmonia uidebantur<sup>2</sup> Vnum Deum atque Trinum magnificare clamando die ac nocte:

Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus noster<sup>3</sup> omnipotens, qui est, qui semper fuit, qui semper erit. Benedictum nomen maiestatis eius et benedicta sit humanitas illa et caro illa et anima illi unita.

Et angeli sic dicebant post illa uerba: Quia nisi Deus homo<sup>4</sup> fuisset, conciuēs homines non habuissemus.

Vnde hec<sup>5</sup> erat eorum<sup>6</sup> psalmodia<sup>7</sup>

Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et magnificemus eum in secula

Benedicta sit caro illa pretiosa quam assumpsit de Virgine gloriosa

Benedicta sit illa humanitas Dei nostri, cuius meritis facta est augmentatio regni nostri

Quia nisi Deus homo fuisset, conciuēs<sup>8</sup> homines nequaquam<sup>9</sup> habuissemus

Quos tamquam nos ipsos diligimus et eos tamquam fratres nostros amamus

Nam et si<sup>10</sup> natura sint nobis paulo minores, gratia tamen et felicitate sunt equales<sup>11</sup>

Quecumque uidere nos possumus, eadem et ipsi uidere possunt

Quecumque nos amare ualemus, illa<sup>12</sup> et ipsi amare ualent

Tu es Deus<sup>13</sup> in quo est felicitas nostra, tu idem es beatitudo hominum

Visio non differt a uisione neque fruitio a fruitione

Eiusdem nature est beatitudo nostra et hominum, intensior tamen huius quam illius

Homines angelis et angeli hominibus inueniuntur beatiores

Beatissimus est ille homo quem tu, Deus, assumpsisti

Post illum est tua Genitrix, post illam sunt<sup>14</sup> septem angeli

Sequuntur<sup>15</sup> alii mixtim<sup>16</sup>, hi quidam maiores, alii equales uel minores

Facti<sup>17</sup> sumus<sup>18</sup> una ciuitas ex<sup>19</sup> hominibus et angelis constituta

<sup>1</sup> Raptus Quintus *EGHIJMNPRV*, Alius Raptus Dei incarnatione qui est quintus *O*, Raptus Quintus. De Incarnatione Christi *Q*

<sup>2</sup> uidebantur *EGHJMNOQV*, uidebamus *IR*

<sup>3</sup> eternus *add. (A sup. lin)EGHJNPQ*

<sup>4</sup> factus *add. GO*

<sup>5</sup> hec *EGHIJMNOQRV*, hoc *P*

<sup>6</sup> erat eorum *EGHIJMNOPRV*, angelorum *Q*

<sup>7</sup> Hymnus quem angeli canebant in celo in quinto raptu Amadei *add. IRV*

Vnde hec erat eorum psalmodia *add. a.m.K*

<sup>8</sup> conciuēs *EGHIJMNOQVR*, ciues *V*

<sup>9</sup> nequaquam *EGHIJMOPQV*, non *NR*

<sup>10</sup> in *add. Q*

<sup>11</sup> et maiores *add. GOQ*

<sup>12</sup> illa *EGJMO*, ea *A*, eadem *HINPRV*, om. *Q*

<sup>13</sup> noster *add. N*

<sup>14</sup> sunt *om. N*

<sup>15</sup> Sequuntur *EGHIJMNOPQRV*, Sedent *A*

<sup>16</sup> mixtim *EGHIJMNOPR*, mixti *Q*, innixam *V*

<sup>17</sup> Facti *EGHIJMNOPRV*, Sancti *Q*

<sup>18</sup> sumus *EGHJMNOQV*, sunt *IRV*

<sup>19</sup> ex *EGHJMNOQRV*, et *I*

Lucifer cum satellitibus presumptuosis cecidit, homines illis Deus subrogavit  
Non quia homines, ipsis manentibus, non fuissent, sed quia sedes eorum non occupassent

Vidit Deus<sup>20</sup> casum angelorum et adiunxit numerum hominum beatorum  
Benedictus<sup>21</sup> sit ille homo Deus cui nos a principio paruimus  
Quem Lucifer adorare contempsit<sup>22</sup> et ad infima celi descendit  
Benedicta sit illa sancta Genitrix que nobis talem Regem protulit  
Benedicti sint<sup>23</sup> omnes homines a Domino qui fecit celum et terram  
Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et magnificemus eum  
in secula

Hunc hymnum, me intrante, angeli canebant, et anime beatorum in primo et ultimo uersiculo cum eis concordabant. Vnde sic concinebant<sup>24</sup>:

Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et magnificemus eum  
in secula

Benedicti sint<sup>25</sup> omnes spiritus celestes, qui Sancte Trinitati fuerunt obedientes<sup>26</sup>  
Benedictus sit Michael princeps, inter omnes creaturas primus  
Qui cum fortissimo Gabriele in infernum<sup>27</sup> detrusit<sup>28</sup> omnes aduersarios nostros  
Benedictus sit ipse<sup>29</sup> Gabriel cum Raphaele et Vrielle<sup>30</sup>, qui salutem nostram  
procurare non cessant<sup>31</sup> assidue<sup>32</sup>  
Benedicti sint<sup>33</sup> omnes angelici<sup>34</sup> spiritus, qui Hominem Deum colunt et uenerantur  
Qui nos in suum consortium suscipiunt<sup>35</sup> et tanquam fratres<sup>36</sup> diligunt et admittunt<sup>37</sup>  
Qui nos a demonibus protegunt et ab omni malo custodiunt  
Illi no solum Christum Dominum<sup>38</sup>, sed et eius Genitricem omnes<sup>39</sup> adorant [72]  
Hominibus nobis subesse non respuunt nec minores sibi preferri<sup>40</sup> dedignantur  
Bonis nostris letantur et gaudent, malis tristantur et dolent  
Respexit illos excelsus Dominus, qui humilia respicit in celo et in terra  
Benedicimus<sup>41</sup> Deum celi et coram omnibus angelis magnificamus eum

---

<sup>20</sup> Deus *om. V*

<sup>21</sup> Benedictus *EGHIJMNOPQR*, Benedixit *V*

<sup>22</sup> contempsit *EGHIJMNOPRV*, contempserit *Q*

<sup>23</sup> sint *EGHIJMNPQRV*, sunt *O*

<sup>24</sup> cum eis concordabant. Vnde sic (cecinebant *G*) concinebant. *EGHIJMNOPQR*, cum angelis concordantes alternatim sic concinebant. *V*

Hymnus *add. E*

<sup>25</sup> sint *EGJMNPQV*, sunt *HIOR*

<sup>26</sup> qui Sancte Trinitati fuerunt obedientes *EGIJMNOPRV*, Sancti Trinitati obedientes *Q*

<sup>27</sup> in infernum *EGHIJMNPQRV*, in inferno *O*

<sup>28</sup> detrusit *EGHIMNOPQRV*, detruxit *J*

<sup>29</sup> ipse *EGHIJMNPQRV*, ille *O*

<sup>30</sup> Vrielle *om. V*

<sup>31</sup> cessant *EGHIJMNNOPQR*, cessauit *V*

<sup>32</sup> assidue *om. Q*

<sup>33</sup> sint *om. AGINOQRV*

<sup>34</sup> angelici *EHIMNPR*, angelorum *G*, angeli *JOQV*

<sup>35</sup> suscipiunt *om. IRV*

<sup>36</sup> fratres *om. Q*

<sup>37</sup> et admittunt *om. V*

<sup>38</sup> colunt *add. N*

<sup>39</sup> omnes *om. O*

<sup>40</sup> preferri *EGHIJMNOPR*, proferre *Q*, referri *V*,

<sup>41</sup> Benedicimus *EGIJMNOQ*, Benedicamus *AHPRV*

Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et magnificemus eum in secula

Hunc uersiculum omnes angeli et homines canebant simul. Alios angeli<sup>42</sup> soli et homines soli<sup>43</sup> alternatim. Tunc inruit in me desiderium illic permanendi et ab illo cetu amplius non discedendi. Et dixi ad angelum ad me accedentem<sup>44</sup>:

Oh! si fieri posset ut hic remanerem et ad miseras mundi amplius<sup>45</sup> non redirem<sup>46</sup>!

Et ille ad me: Certamen bonum certasti et fidem seruasti. Sed nondum<sup>47</sup> cursum et agonem consumasti. Oportet te redire et librum his<sup>48</sup> de rebus conficere, ut pastor futurus sciat<sup>49</sup> perfecte<sup>50</sup> legem Dei. Audisti cantus nostros, placuerunt tibi. Scito te<sup>51</sup> nec milesimam partem uoluptatis<sup>52</sup> quam nos sentimus<sup>53</sup> percepisse. Mente<sup>54</sup> illa ualde suauius<sup>55</sup> est quam auribus percipere.<sup>56</sup> Psalmum quem pater uester Adam post lapsum fecit, et<sup>57</sup> hymnum quem Michael nobiscum cecinit, quando Lucifer cum suis cecidit, uos non habetis, quos cum multis aliis tibi dabo ut tempore nuptiarum Agni et<sup>58</sup> deinceps iugiter decantentur. Sed nunc Dominus<sup>59</sup> noster te accersiuit huc ut de Verbi<sup>60</sup> incarnatione aliqua tibi reuelentur, que non ut<sup>61</sup> dubia aut apocripha sed tamquam certa a fidelibus teneantur.

Alias, quando hic eras, narraui tibi Virginis et Regine nostre ingressum<sup>62</sup> in Templum Domini ibique manentem<sup>63</sup> ac uita,<sup>64</sup> moribus, exemplo, opere et uerbo<sup>65</sup> uirgines Domini<sup>66</sup>, immo et ipsos antiquos<sup>67</sup> sacerdotes docentem<sup>68</sup>, qui omnes mirabantur de uerbis suis<sup>69</sup> et uita sua que iugiter angelis erat associata<sup>70</sup>. Sepiusque cum<sup>71</sup> Deo ipsa

---

<sup>42</sup> canebant simul. Alios angeli *EGHIJMNOPRV*, canebant ad alios angeli *Q*

<sup>43</sup> soli *EGHJMOPQ*, *om. N*, sibi *IRV*

<sup>44</sup> ad nos accedentem *GHIMNORV*, mihi assistentem *E*, adiacentem *J*, aducientem *PQ*

<sup>45</sup> amplius *GHIJMNOPQRV*, ulterius *E*

<sup>46</sup> et ad miseras mundi amplius non redirem *om. Q*

<sup>47</sup> nondum *EGHIJMNOPRV*, non *O*

<sup>48</sup> his *EGHIJMNPRV*, iis *Q*

<sup>49</sup> sciat *EGHIJMNOPRV*, faciat *Q*

<sup>50</sup> perfecte *EGHIJMNOPQ*, perfectam *RV*

<sup>51</sup> Audisti cantus nostros, placuerunt tibi. Scito te *JMO*, Audisti cantus nostros, placuerunt tibi sed scito *A*, audisti. Cantus nostros placuerunt tibi, sed scito te *E*, Audisti cantus nostros. Placuerunt tibi? Sed scito te *HNR*, Audisti canmtus nostros. Placuerunt tibi? Sed scito tu *P*, Audisti cantus nostros et placuerunt tibi. Sed scito te *IQ*, Audisti cantus nostros. Placuerunt tibi, sed cito te *GR*, placuerunt tibi, sed scio te *V*

<sup>52</sup> uoluptatis *GHIJMNOPQRV*, iucunditatis *E*

<sup>53</sup> non *add. E*

<sup>54</sup> percepisse. Mente *EGHIJMN* (*O er. - add. sup.lin.a.m.percepisse mente*) *RV*, percepisse mente *P*

<sup>55</sup> suauius *EGHIJMNOPQV*, suauis *IR*

<sup>56</sup> Mente illa ualde suauius est quam auribus percipere. *om. Q*

<sup>57</sup> hunc *add V*

<sup>58</sup> et *om. V*

<sup>59</sup> Deus *add.AGIJ(M sup. lin. a m.)NOPQR*

<sup>60</sup> Domini *add. Q*, Dei *add. R*

Dei *add.IV*

<sup>61</sup> ut *EGHIJMNOPRQ*, sunt *V*

<sup>62</sup> ingressum *EGHIJMNOPQRV*, presentationem *A*

<sup>63</sup> ibique manente *GHIJMNOPQRV*, et quomodo ibi manens *E*

<sup>64</sup> uita *EGHIJMNPRQ*, mira *V*

<sup>65</sup> puellas et *add. M (in marg.a.m.) OQ*

<sup>66</sup> Domini *EGHIJMNOPQRV*, docuerit *E*

<sup>67</sup> antiquos *EGHIJMNOPQ*, antiquiores *IR*, *om. V*

<sup>68</sup> docentem *om. Q*

<sup>69</sup> suis *GHIJMNOPQRV*, eius *E*

<sup>70</sup> associata *EGHIJMNOPQ*, sociata *IRV*

<sup>71</sup> cum *EGHIJMNOPQ*, coram *IRV*

loquebatur facie ad faciem, sicut solet loqui<sup>72</sup> amicus cum amico suo<sup>73</sup>. Tandem cum annus sue etatis quartus decimus uerteretur<sup>74</sup>, princeps illorum sacerdotum dixit ei cum magna reuerentia:

Filia in Domino Deo nostro nobis amantissima, tempus iam adest in quo secundum legem Dei nostri te oportet<sup>75</sup> connubio alicui uiro copulari ut semen suscitatis in populo Dei et ut numerus credentium Deo<sup>76</sup> populorum non solum non<sup>77</sup> diminuatur, sed etiam augeatur.

Cui humillima<sup>78</sup> uirgo humillime<sup>79</sup> respondit: Mi Pater uenerande<sup>80</sup> et<sup>81</sup> domine colende<sup>82</sup>, tu, diu est, nosti<sup>83</sup> intentionem meam<sup>84</sup> et uotum meum<sup>85</sup> quod emisi uirginitatis perpetue. Quia tamen sub potestate Dei sunt omnia<sup>86</sup> opera nostra, uideto<sup>87</sup>, pater<sup>88</sup>, quid agendum sit et conuocato ad te omnes illos<sup>89</sup> ad quos ex lege Dei nostri spectaret<sup>90</sup> me accipere in uxorem. Sed<sup>91</sup> prius consule<sup>92</sup> Dominum<sup>93</sup> Deum nostrum<sup>94</sup> si placet sibi ut desponser<sup>95</sup> a uiro aliquo, et quem ipse elegerit<sup>96</sup> pro sponso meo.

Tunc pater<sup>97</sup> ille dixit: Recte dicis, carissima filia. Ora tu primum<sup>98</sup> Dominum<sup>99</sup>, quia merita tua longe antecellunt<sup>100</sup> nostra et nos quoque orabimus.

Et post triduum apparui ego Gabriel principi sacerdotum et dixi: Exaudita est oratio uestra<sup>101</sup>. Conuoca ergo uniuersos<sup>102</sup> homines carentes uxoribus<sup>103</sup> de tribu Marie, iam nubilis puelle, et omnes teneant uirgas siccas in manibus suis<sup>104</sup>. Et si Dominus alicui

---

<sup>72</sup> loqui *om. P*

<sup>73</sup> suo *om. Q*

<sup>74</sup> annus sue etatis quartus decimus uerteretur *EGHIMOPQRV*, annum sue etatis quartum decimu ageret *A*, annus sue etatis quartus decimus ueneretur *J*, annus sue etatis quartus decimus ueniret *N*

<sup>75</sup> oportet *EGJMNOPQR*, oporteret *H*, oportere *IV*  
in *add. IRV*

<sup>76</sup> Deo *GHIJMNOPQRV*, *om. E*, Deum *O*

<sup>77</sup> non *om. I*

<sup>78</sup> humillima *EIJMNOPQRV*, humillis *A*

<sup>79</sup> humillime *EGHIJMNOPV*, humiliter *AQ*, humillissime *R*

<sup>80</sup> uenerande *GHIJMNOPQRV*, reuerende *E*

<sup>81</sup> mi *add. P*

<sup>82</sup> et domine colende *EGHIJMNOPRV*, percolende *Q*

<sup>83</sup> tu, diu est, nosti *GJMRV*, tandiu est quod nosti *E*, tu, diu est quod nosti *INQ*, tu diu nosti *O*, tu, domine, nosti *P*

<sup>84</sup> meam *EGHIJMNOPQR*, nostram *V*

<sup>85</sup> meum *om. IRV*

<sup>86</sup> omnia *om. Q*

<sup>87</sup> uideto *GHIJMNOPQR*, uide *E*, uideo *V*

<sup>88</sup> pater *om. A*

<sup>89</sup> et conuocato ad te omnes illos *GHIJMNOPQRV*, priusquam conuoces illos *E*  
uiros *add. Q*

<sup>90</sup> spectaret *GHIJMNOPQRV*, spectat *E*

<sup>91</sup> Sed *GHIJMNOPQRV*, Si placet tibi *E*

<sup>92</sup> consule *EGHJMNOPQ*, consulendum *IRV*

<sup>93</sup> Dominum *om. IQRV*

<sup>94</sup> ut ipse reuelet *add. E*

<sup>95</sup> ut desponser *GHIJMNOPQR*, me desponsari *E*

<sup>96</sup> et quem ipse elegerit *GHIJMNOPQRV*, quem ipse eligat *E*

<sup>97</sup> pater *GHIJMNOPQRV*, sacerdos *E*

<sup>98</sup> primum *HHIJMNOQRV*, patrem *P*

<sup>99</sup> primum Dominum *GHIJMNOPQRV*, primo Deum *E*

<sup>100</sup> antecellunt *EGHIJMNOPQR*, antecedunt *V*

<sup>101</sup> uestra *GHIMNORV*, tua *EJPQ*

<sup>102</sup> uniuersos *EGIJMNOPRV*, omnes *Q*

<sup>103</sup> uxoribus *EGHIJMNOPQRV*, uxore *N*

<sup>104</sup> suis *om. PV*

uiriditatem restituerit, subito sicut<sup>105</sup> floreat, hoc erit signum quod placebit Deo<sup>106</sup> ut Maria<sup>107</sup> uirum accipiat et illum quisquis ille fuerit<sup>108</sup> in cuius manibus uirga frondes et flores emiserit. Quod futurum et ipsa Maria nouerat diuina reuelatione.

Statuta igitur die, que erat octaua ante [73] kalendas Aprilis<sup>109</sup>, ut uos hodie computatis, non computando dies kalendarum<sup>110</sup>, qua<sup>111</sup> erat ualde mellifluus celorum aspectus, non quia Deus noster potentissimus eo indigeret, sed ut esset signum sapientibus<sup>112</sup> stupendi<sup>113</sup> prodigii et ut etiam<sup>114</sup> ipsa creatura pro modulo suo famulatum preberet<sup>115</sup> creatori suo, conuocati fuerunt<sup>116</sup> omnes iuuenes et uiri tribus<sup>117</sup> Marie, que fuit de<sup>118</sup> tribu Iuda ex parte patris et de tribu Leui ex parte matris, ut Christus descenderet Rex ex<sup>119</sup> tribu regali et sacerdos ex<sup>120</sup> tribu sacerdotali<sup>121</sup>. Reducta erat<sup>122</sup> enim<sup>123</sup> puella in ciuitatem<sup>124</sup> Nazareth cum magna societate et de Iudea et de Galilea<sup>125</sup>. Et sacerdotum copia secuta est eam ut uiderent miraculum grande<sup>126</sup> quod expectabatur<sup>127</sup>.

Dum ergo conuocarentur omnes matrimonio soluti<sup>128</sup> etiam Ioseph fuit uocatus, qui uenire renuebat, nam et ipse uir Deo deditus<sup>129</sup> erat et nutu Dei<sup>130</sup> in mente sua numquam uirginitatem suam uiolare<sup>131</sup> proposuerat. Non est ergo uerum quod habuerit<sup>132</sup> uxorem umquam<sup>133</sup> aliam quam Mariam aut ullos<sup>134</sup> liberos. Renuebat etiam uenire quia famam illius puelle et sanctitatem audierat et se indignum ea<sup>135</sup> putabat et ratione sanctitatis et ratione etatis. Non quia decrepitis aut<sup>136</sup> multum senex esset, sed quia comparatione ad Mariam, puellam tenellam<sup>137</sup>, senex erat. Quintum<sup>138</sup> namque et quadragessimum agebat annum, sanus mente et corpore robustus, uir magno ingenio,

---

<sup>105</sup> sicut floreat *EGHIJMNOPRQ*, ut sicut floreat *V*

<sup>106</sup> Deo *EGHJMOPQ*, Domino *INV*, *om.R*

<sup>107</sup> in *add. V*

<sup>108</sup> quisquis ille fuerit *om. E*

<sup>109</sup> Erat enim dies uigesimus quartus, *add. P*

<sup>110</sup> non computando dies kalendarum. Erat enim dies illius mensis uigesima quarta *add. GJMNO*

<sup>111</sup> qua *HIJRV*, in qua *EGNOQ*, in quo *P*, que *M*

<sup>112</sup> sapientibus *GHIJMNOPQRV*, *om. E*, sapientissimus *J*

<sup>113</sup> stupendi *EGHIJMNOPR*, stupendii *QV*

<sup>114</sup> etiam *om. HIRV*

<sup>115</sup> Domino et *add. Q*

<sup>116</sup> fuerunt *EGHIJMNOQR*, sunt *P*, fuerant *V*

<sup>117</sup> tribus *EGHJMNOQ*, de tribu *IRV*

<sup>118</sup> de *EGHIJMNOPRV*, ex *Q*

<sup>119</sup> ex *GHIJMNOPRV*, de *EJO*

<sup>120</sup> ex *GHIJMNOPQRV*, de *E*

<sup>121</sup> sacerdotali *EGHIJMNOPQR*, sacerdotum *V*

<sup>122</sup> erat *GJMNOQ*, est *HIRV*

<sup>123</sup> Reducta erat enim *GHIJMNOPQRV*, Rediit itaque *E*

<sup>124</sup> ciuitatem *EGHINRV*, ciuitate *JMOPQ*

<sup>125</sup> de Galilea *GHIJMNOPQRV*, in Galileam *E*

<sup>126</sup> grande *om. Q*

<sup>127</sup> expectabatur *EGHIJMNOPRV*, expectabant *Q*

<sup>128</sup> soluti *GHIJMNOPQRV*, non ligati *E*

<sup>129</sup> deditus *EGHIJMNOPQV*, dedicatus *R*

<sup>130</sup> nutu Dei *om. EHRV*

<sup>131</sup> uiolare *GHIJMNOPQRV*, se uiolaturum *E*

<sup>132</sup> habuerit *EGJMOPQ*, habuit *HINRV*

<sup>133</sup> umquam *om. HP*

<sup>134</sup> ullos *om.H*

<sup>135</sup> ea *EGHIJMNOPQRV*, esse *A*

<sup>136</sup> aut *EGHIJMNOPQRV*, seu *N*

<sup>137</sup> tenellam *GHIJMNOPQ*, tenuellam *J*, *om.EIRV*

<sup>138</sup> Quintum *EGHIJMNOPRV*, Quartum *Q*

ornatus omni uirtute, imbutus bonis et sanctis moribus, prudens<sup>139</sup>, sed columbine<sup>140</sup> simplicitatis et admirande humilitatis.

Congregatis itaque omnibus et uirgas tenentibus<sup>141</sup>, nulla floruit. Aspiciebant<sup>142</sup> se mutuo<sup>143</sup> iuuenes et exspectatio miraculi in risum<sup>144</sup> uertebatur<sup>145</sup>. Tandem, cognoscens per Spiritum<sup>146</sup> sacerdos primicerius illum abesse quem Dominus<sup>147</sup> uolebat, ipsum Ioseph<sup>148</sup> compulit ut cum aliis sue<sup>149</sup> tribus illico<sup>150</sup> accederet<sup>151</sup> uirgamque aridam ut alii in manibus teneret<sup>152</sup>. Et dum<sup>153</sup> ita coram sacerdotibus Dei orantibus omnes et ipsi<sup>154</sup> orantes astarent<sup>155</sup>, uenit columba de celo et insedit humero Ioseph dextro et uirga sicca subito floruit et uiridis facta est tota.

Tunc sacerdotes Deo gratias agentes amplexati<sup>156</sup> et osculati sunt eum et duxerunt eum<sup>157</sup> ut coram omnibus Mariam<sup>158</sup>, prout mos iudeis erat, desponsaret<sup>159</sup>. Qui humiliter dixit: Non mereor ego uir<sup>160</sup> esse tante tamque<sup>161</sup> sancte puelle qui<sup>162</sup> peccator sum et senex homo et insufficiens<sup>163</sup>.

Ipsis autem dicentibus<sup>164</sup> id<sup>165</sup> esse uoluntatis diuine, ut in signo illo fuit ostensum, ille dixit: Dicam antea Marie, sorori mee, duo uerba secrete et subito reuertar ad uos.

Erat enim Maria soror Ioseph hoc modo: Mathan et Heli fuerunt germani ex eodem patre et ex eadem matre nati. Mathan genuit unum filium quem uocauit Heli<sup>166</sup> nomine fratris<sup>167</sup> sui iam<sup>168</sup> defuncti, et Iacob.<sup>169</sup> Qui Iacob, mortuo fratre suo Heli<sup>170</sup> sine

---

<sup>139</sup> uir magno ingenio (magni ingenii *E*), ornatus omni uirtute, imbutus bonis et sanctis moribus, prudens *EGHIJMNOP*, uir magno ingenio ornatus, omni uirtute imbutus, bonis et sanctis moribus peditus *Q*, uir magno ingenio ornatus, omni uirtute imbutus, bonus et sanctis moribus, prudens *R*, uir magno ingenio ornatus, omni uirtute imbutus, bonus et sanctus, moribus prudens *V*

<sup>140</sup> columbine *EGHIJMNOPQV*, columbe *R*

<sup>141</sup> Congregatis itaque omnibus et uirgas tenentibus *GJMNOPQ*, Congregati ergo omnes et uirgas tenentes in manibus *V*

<sup>142</sup> Aspiciebant *GJMNOPQ*, Respiciebant *V*

<sup>143</sup> mutuo *GJMNOPQ*, inuicem *V*

<sup>144</sup> risum *GJMNOPQ*, risu *V*

<sup>145</sup> uertebatur *GJMNOPQ*, conuertebatur *V*

Congregatis itaque omnibus et uirgas tenentibus, nulla floruit. Aspiciebant se mutuo iuuenes et exspectatio miraculi in risum uertebatur *om. EHIR*

<sup>146</sup> per Spiritum *EGIJMNOPQVR*, ipsum *H*

<sup>147</sup> Dominus *EGHIMNOPRV*, Dominum *J*, Deus *Q*

<sup>148</sup> ipsum Ioseph *EGIJMNOPQVR*, eum *H*

<sup>149</sup> sue *EGHIMNOPRV*, sui *Q*

<sup>150</sup> alias illuc *add. M (sup.lin.)*, alias illum *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>151</sup> ipsum Ioseph compulit ut cum aliis sue tribus illico (illuc *A*) accederet *AGJMNQ*, compulit eum (ut *add. sup.lin. R*) cum aliis tribus sue ad Templum (ad Templum *add. O sup.lin.a.m. O*) accedere *HIORV*

<sup>152</sup> teneret *EGHJMNOPQVR*, tenere *I*

<sup>153</sup> dum *om. V*

<sup>154</sup> coram sacerdotibus Dei orantibus omnes et ipsi *EGHIJMOPQVR*, coram sacerdotibus Dei orantibus omnibus et ipsi *N*

<sup>155</sup> astarent *EGIJMNOPQVR*, assisterent *H*

<sup>156</sup> amplexati *EGHIJMOPQVR*, complexati *N*

<sup>157</sup> eum *EGIJMNOPQVR*, ei *H*

<sup>158</sup> ut coram omnibus Mariam *EGHIJMNOPQR*, coram omnibus ut Mariam *V*

<sup>159</sup> desponsaret *EGHIJMNOPQR*, desponsaretur *V*

<sup>160</sup> uir *EGHIJMNOQVR*, uirum *P*

<sup>161</sup> tante tamque *EGHIJMNOPRV*, talis tanteque *Q*

<sup>162</sup> qui *GHIJMNOPR*, quia *EQ*, *om. V*

<sup>163</sup> et insufficiens *GHIJMNOPQVR*, in eius comparatione *E*

<sup>164</sup> autem dicentibus *EGHIJMNOQVR*, interdicientibus *P*

<sup>165</sup> id *GHIJMNOPQVR*, illud *E*

<sup>166</sup> Heli *EGHJMNOPQ*, Helim *IRV*

<sup>167</sup> fratris *EHMNOPQV*, patris *IJR*

<sup>168</sup> iam *om. IMRV*

liberis, accepit uxorem fratris sui, iuxta legem Domini, et genuit hunc Ioseph sanctum. Heli uero frater Mathan senior genuit Ioachim et defunctus est<sup>171</sup>. Ioachim uero iam senex genuit ex Anna Mariam. Ecce uides<sup>172</sup> quo pacto Maria erat soror Ioseph.

Accessit itaque Ioseph ad Mariam et, exhibita mutua reuerentia in<sup>173</sup> timore Dei, dixit Ioseph: Dilectissima soror Maria<sup>174</sup>, multa de te predicantur et, inter alia, quod tu<sup>175</sup> uirginitatem tuam Deo celi<sup>176</sup> uouisti et dedicasti. Ego, ut tibi, soror, uerum<sup>177</sup> fatear, talis propositi semper fui et<sup>178</sup> carnis delectationem<sup>179</sup> numquam experiar. Et iam uir prouectus<sup>180</sup> sum, iuuentutem meam illibatam conseruau. Durum est mihi in hac etate uirili maritus<sup>181</sup> effici [74] et contra propositum agere tot annis confirmatum. Ex alia parte<sup>182</sup> uidetur quod Deus id uelit quod ego nolo<sup>183</sup>. Quid tibi de hoc uidetur, indica mihi.

Maria dixit: Magna sunt misteria Dei, frater carissime. Consilium eius<sup>184</sup> mens nostra sine eius gratia attingere non potest. Ego certe uirginitatem uoui. Lex et miraculum urgent<sup>185</sup> ad matrimonium et<sup>186</sup> compellunt<sup>187</sup>. Dent<sup>188</sup> nobis spatium<sup>189</sup> trium horarum et oremus et ipsi<sup>190</sup> orent ut Deus<sup>191</sup> noster utrique nostrum ostendat quo pacto et uoto satisfacere et legi sue<sup>192</sup> obedire ualeamus.

Et habita super<sup>193</sup> hoc licentia<sup>194</sup> omnibusque in loco illo orantibus et Ioseph in cella una et Maria<sup>195</sup> in altera orante<sup>196</sup>, ego primum apparui Marie et dixi:

Accipe Ioseph pro uiro tuo, nec timeas. Ipse enim confirmabitur in gratia in hac desponsatione sancta, nec umquam<sup>197</sup> ex te aliquid<sup>198</sup> perquiret<sup>199</sup> quod tuam

---

<sup>169</sup> Mathan genuit unum filium quem uocauit Heli, nomine fratris sui iam defuncti, et Iacob (Iacobi *A*). *AEHIJMNOPQRV*,

Mathan genuit duos filios, unum quem uocauit Heli nomine fratris sui iam defuncti. Alterum (uero *sup.lin.a.m.*) Iacob. *O*

<sup>170</sup> nomine fratris sui iam defuncti, et Iacob. Qui Iacob, mortuo fratre suo Heli *om. G*

<sup>171</sup> et defunctus est *om. Q*

<sup>172</sup> uides *EHIJMNRV*, uide *GOPQ*

<sup>173</sup> in *EGHIJMNOQRV*, cum *P*

<sup>174</sup> Maria *EGHJMNOQ*, mea *IRV*

<sup>175</sup> quod tu *om. Q*

<sup>176</sup> celi *EGIJNOPQRV*, *om. H*, celo *M*

<sup>177</sup> uerum *EGHIJMOPQRV*, uere *N*

<sup>178</sup> et *GHJMNO*, ut *EIQRV*

<sup>179</sup> dilectionem *EHJMNPQ*, delectatione *GI*, dilectiones *OV*, delectationes *R*

<sup>180</sup> prouectus *EGHIJMNOQRV*, perfectus *P*

<sup>181</sup> maritus *GHIJMPRV*, maritum *ENOQ*

<sup>182</sup> mihi *add. E*

<sup>183</sup> nolo *GHIJMNOQRV*, nollem *E*

<sup>184</sup> est *add. P*

<sup>185</sup> urgent *EGHIJMNOQR*, uigent *V*

<sup>186</sup> sacerdotes *add. E*

<sup>187</sup> urgent ad matrimonium et compellunt *EGHIJMNOPRV*, urgent et ad matrimonium compellunt *Q*

<sup>188</sup> Dent *EGHIJMNOQRV*, det *P*

<sup>189</sup> spatium *om. R*

<sup>190</sup> sacerdotes *add. E*

<sup>191</sup> Deus *EGHIJNOQRV*, Dominus *MP*

<sup>192</sup> sue *HIMNRV*, nostre *AEGJOPQ*

<sup>193</sup> super *EGHIJMNOPRV*, supra *Q*

<sup>194</sup> licentia *EGHIJMOPQRV*, sententia *N*

<sup>195</sup> Maria *EGHJMNOQ*, Marie *IRV*

<sup>196</sup> orante *EGHJMNOQ*, oranti *IRV*

<sup>197</sup> nec umquam *EGHIJMNOQR*, neque *V*

<sup>198</sup> aliquid *EGHIJMNO*, aliud *RV*, *om. Q*

<sup>199</sup> perquiret *GHIJMNOQRV*, requirit *E*

uirginitatem delere<sup>200</sup> possit<sup>201</sup>. Vult Deus<sup>202</sup> ut tu<sup>203</sup> sis illi uera sponsa et uxor et ipse tibi uerus sponsus et uir<sup>204</sup> et tamen uterque<sup>205</sup> uirginitatem perpetuo seruabitis<sup>206</sup>. Consenties igitur<sup>207</sup> in matrimonialem actum si petierit. Esto certa, Maria, quod numquam petiet<sup>208</sup>, et eris uxor simul et uirgo.

Similiter apparui et Ioseph et dixi: Ioseph<sup>209</sup>, fili<sup>210</sup> Daud, noli timere desponsare<sup>211</sup> et in uxorem accipere Mariam, quia propter talem contractum uirginitatem tuam<sup>212</sup> non amittes<sup>213</sup>. Velis et consentias<sup>214</sup>, si ipsa uoluerit et quouis modo requisierit<sup>215</sup>. Securus esto et certus<sup>216</sup> quod numquam Maria uolet<sup>217</sup> et numquam<sup>218</sup> petet aut exigit. Vir eris et uirgo, illa uxor et uirgo.

Tunc Ioseph dixit: Ad quid ergo eam<sup>219</sup> accipere oportet?

Respondi ego: Domini uoluntas est, cuius consilii causas perquirere presumptionis est<sup>220</sup>.

Intellexerunt ergo uoluntatem Dei et modum et uenerunt ad pontificem dicentes se uelle diuine legi parere et mandatis celestibus obedire.

Tunc pontifex gratias agens<sup>221</sup> Domino Deo Israel, astante cetu sacerdotum et leuitarum et multitudine<sup>222</sup> populi, benedixit eos benedictione illius temporis<sup>223</sup> consueta et addidit: "Deus celi cui nihil est impossibile concedat uobis fructum uentris cum integritate mentis. Fructus uester excelsior sit nubibus, sublimior celis omnibus." Hoc autem ipse non intellexit. Prophetauit, sed uerba sue<sup>224</sup> prophetie non intellexit. Accepta itaque utriusque manu dextera a<sup>225</sup> pontifice et coniuncta manu Ioseph manui<sup>226</sup> Marie, accepit ille<sup>227</sup> eam in uxorem et ipsa illum<sup>228</sup> in uirum et annulo suo Ioseph subarrauit<sup>229</sup> eam. Tunc pontifex, ut moris erat, psalmum illum "Beati omnes qui timent Dominum"<sup>230</sup> cum sacerdotibus cecinit. Et post ultimum uersiculum prosecuti sunt

---

<sup>200</sup> delere *JM*, ledere *EGHIOPQRV*, lederi *N*

<sup>201</sup> possit *EHLJMNOPQRV*, posset *GO*

<sup>202</sup> Deus *om. V*

<sup>203</sup> tu *om. V*

<sup>204</sup> uir *EGHIJMNOPQR*, uxor *V*

<sup>205</sup> uterque *GHIJMNOPQRV*, utriusque *E*

<sup>206</sup> seruabitis *EGHJMNOPQ*, seruabit *IRV*

<sup>207</sup> igitur *om. V*

<sup>208</sup> petiet *JMN*, petet *EGHIOPQRV*

<sup>209</sup> et dixi: Ioseph *add. O (in marg.)*

<sup>210</sup> fili *EGHIJMNOPQR*, filii *V*

<sup>211</sup> desponsare *EGHIJMNPR*, sponsare *Q*, dispensare *OV*

<sup>212</sup> tuam *om. O*

<sup>213</sup> amittes *EGHIJMNOPQRV*, amittis *N*

<sup>214</sup> consentias *EGIJMNOPQRV*, consenties *H*

<sup>215</sup> requisierit *EJNOQRV*, requisierit *GHIMP*

<sup>216</sup> certus *EGHIJMNOPQR*, certe *V*

<sup>217</sup> uolet *EGHIMNOQRV*, uellet *JP*

<sup>218</sup> et numquam *GHIJMNOPQRV*, nec *E*, aut *O*

<sup>219</sup> eam *EGHIJMNOPQR*, illam *V*

<sup>220</sup> Domini uoluntas est, cuius consilii causas perquirere presumptionis est. *EGIJMNOPQRV*, Domini uoluntas est perquirere *H*

<sup>221</sup> agens *add. M (in marg. a.m.)*

<sup>222</sup> multitudine *EGHIJMNOPQR*, multitudinem *V*

<sup>223</sup> illius temporis *EGHJMNOPQ*, illis temporibus *IRV*

<sup>224</sup> sue *om. IRV*

<sup>225</sup> a *om. IRV*

<sup>226</sup> manui *EGNOPQ*, manu *JM*, *om. HIRV*

<sup>227</sup> ille *om. V*

<sup>228</sup> ipsa illum *EGHIJMNOPQRV*, illa eum *N*

<sup>229</sup> subarrauit *EGHIJMNOPRV*, subarriuit *Q*

<sup>230</sup> qui ambulant in uis eius *add. AGHINOQRV*

hymnum sequentem Spiritu Sancto eorum linguas mouente<sup>231</sup>:

Magnus Dominus qui uos coniunxit magnificetur in fructu uentris uestri  
Magnificetur in Filio uestro super filios omnium filiorum<sup>232</sup>  
Deus, cui nihil<sup>233</sup> impossibile, concedat uobis fructum uentris<sup>234</sup> cum integritate  
mentis  
Fructus uester excelsior sit nubibus<sup>235</sup>, sublimior celis omnibus  
Crescat a mari usque ad mare et a flumine<sup>236</sup> usque ad terminos orbis terrarum  
Adorent eum omnes reges Terre<sup>237</sup>, omnes gentes seruiant<sup>238</sup> ei  
Reges ei munera offerant<sup>239</sup> et regine dona adducant<sup>240</sup>  
Permaneant cum Sole et ante Lunam per omnes mundi generationes<sup>241</sup>  
[75] Sit nomen eius benedictum in secula, benedicantur in ipso omnes tribus terre  
Magnificent eum omnes gentes, repleatur eius maiestate celum et terra  
Primogenitum uestrum ponat<sup>242</sup> Deus excelsiorem omnibus regibus terre  
Adorent eum omnes angeli Dei<sup>243</sup>, subiciantur<sup>244</sup> ei principatus et potestates  
Sui<sup>245</sup> eum non recipient<sup>246</sup>, alienam<sup>247</sup> gentem uocabit  
Videntes non uidebunt et qui non uident consolabuntur  
Sterilis pariet<sup>248</sup> plurimos et que multos habet<sup>249</sup> filios absque liberis permanebit  
Donec agnita proteruia reducantur<sup>250</sup> in ipsum omnia  
Quando Antiquus<sup>251</sup> Dierum Filio<sup>252</sup> nuptias faciet et suum Consolatorem in mundum  
transmittet  
Ecce uirga Aaron<sup>253</sup> floruit et Deus antiqua mirabilia<sup>254</sup> renouauit<sup>255</sup>  
Coniuncta est<sup>256</sup> Sanctissima sancto, sed proles<sup>257</sup> sanctior erit<sup>258</sup>  
Arbor hec est optima, proferet<sup>259</sup> omnibus suauiussum<sup>260</sup> fructum

<sup>231</sup> mouente *EGHIJMNOPQR*, mouentem *V*

Psalmus *add. E*, Hymnum quem dixerunt sacerdotes quando Ioseph desponsauit Mariam *add. I (R in marg. a. m.) V*

<sup>232</sup> super filios omnium filiorum *GHIJMNOPR*, super omnes filios filiorum *E*, *om. Q*

<sup>233</sup> est *add. EMQ*

<sup>234</sup> uentris *om. H*

<sup>235</sup> nubibus *EGHIJMNOPQR*, omnibus *V*

<sup>236</sup> a flumine *EGHJMNOPQ*, flumen *IRV*

<sup>237</sup> terre *om. N*

<sup>238</sup> seruiant *IJMNOR*, seruiant *EGHPQV*

<sup>239</sup> offerant *HIJNOQR*, offerent *EGMPV*

<sup>240</sup> adducant *HJMNOPQ*, adducant *EGIRV*

<sup>241</sup> generationes *GHIJMNOPRV*, regiones *Q*

<sup>242</sup> ponat *EGHIJMNOPQ*, parat *RV*

<sup>243</sup> Dei *EGHIJMNOPQR*, eius *V*

<sup>244</sup> subiciantur *EGHIJMNOPRV*, subiciantur *P*

<sup>245</sup> Sui *EGHIJMNOPRV*, Serui *H*

<sup>246</sup> recipient *EGHIJMNOPRV*, recipiant *P*

<sup>247</sup> alienam *EGHIJMNOPRV*, alienigenam *N*

<sup>248</sup> pariet *EGHJMNOPRV*, paries *I*

<sup>249</sup> habet *EGHIJMNOPRV*, habebat *P*, habebit *R*

<sup>250</sup> Donec agnita proteruia (proteruia *R*) reducantur *EGHIJMNOPRV*, Donec agnita, proteruia reducat *V*

<sup>251</sup> Antiquus *EGHIJMNOPRV*, Antiquus *M*

<sup>252</sup> suo *add. P*

<sup>253</sup> Aaron *EGHIJMNOPQR*, florum *V*

<sup>254</sup> mirabilia *GHIJMNOPRV*, miracula *E*

<sup>255</sup> renouauit *EGIMNOPQR*, renouabit *HJ*, reuelauit *V*

<sup>256</sup> est *om. P*

<sup>257</sup> proles *EGHIJMNOPRV*, flores utroque *O*

<sup>258</sup> erit *EGHJMNOPQ*, dixit *IRV*

Virga egressa est de radice Iesse, et flos de radice<sup>261</sup> eadem<sup>262</sup> ascendet<sup>263</sup>  
Requiescet super eum multiplex et unus Spiritus Domini  
Et omnes lingue et populi laudabunt in eternum<sup>264</sup> nomen Domini

Hoc psalmo<sup>265</sup> expleto et benedictione accepta, cum gratiarum actione et cum ingenti consolatione<sup>266</sup> unusquisque reuersus<sup>267</sup> est in propria.

Dum autem psalmus cantaretur<sup>268</sup>, Ioseph qui adhuc<sup>269</sup> nesciebat ex Maria nasciturum<sup>270</sup> Salvatorem et sciens se et Mariam uirgines permansuros, audiens benedictionem et psalmum ubi de futura prole agebatur, dicebat in corde suo: Isti<sup>271</sup> sacerdotes credunt nos habituros filium neque sciunt secretum nostrum.

Maria uero, que nouerat uirginem in breui concepturam Filium Dei, ad singula uerba animum<sup>272</sup> applicabat et ea conferebat et in corde suo conseruabat<sup>273</sup>. Dicebatque: O Deus, uidebone ego uirginem tam sublimem<sup>274</sup>?

Sacerdotum<sup>275</sup> plerique tristabantur de hoc matrimonio dicentes: Credebamus quod Maria foret illa uirgo ex<sup>276</sup> qua Messias esset<sup>277</sup> oriturus. Et ecce nunc copulata est matrimonio.

Alii dicebant: Forsan continebunt<sup>278</sup>.

Recessit Ioseph. Maria uero remansit in domo patris sui cum sua genitrice Anna. Habebat autem in domo unam domunculam uel cellam<sup>279</sup> a tota domo parietibus sequestratam, que tunc erat in Nazareth in domo Ioachim et Anne. Postea<sup>280</sup> fuit manibus nostris<sup>281</sup> conducta<sup>282</sup> et delata in partes Dalmatie. Tandem miro modo allata<sup>283</sup> fuit in agrum romanum et non Romam ob causam Deo notam et ipsi Virgini, que etiam multos<sup>284</sup> nostrum<sup>285</sup> non<sup>286</sup> latet<sup>287</sup>, tamen silenda<sup>288</sup> est pro nunc. In illa domuncula Maria Virgo Ioseph desponsata psalmis et hymnis et prophetarum lectionibus uacabat et

---

<sup>259</sup> proferet *EGHIJMNOPQ*, proferret *RV*

<sup>260</sup> suauissimum *EHIJMQRV*, sanctissimum *GNOP*

<sup>261</sup> radice *om. AHIOR*

<sup>262</sup> eadem *GHIJMOPQR*, eius *EN, om. V*

<sup>263</sup> ascendet *EGHIQVR*, ascendit *AJMNOP*

<sup>264</sup> laudabunt in eternum *EGHIJMNOPQR*, benedicent in extremum *V*

<sup>265</sup> Hoc *EGHIJNOQPRV*, Hunc *M*

<sup>266</sup> et consolatione *add. Q*

<sup>267</sup> reuersus *EGHIJMNOPRV*, ingressus *Q*

<sup>268</sup> cantaretur *EGHIJMNOPQR*, decantaretur *V*

<sup>269</sup> adhuc *om. N*

<sup>270</sup> nasciturum *EGHIJMNOPRV*, accepturum *Q*

<sup>271</sup> Isti *EGHIJMNOQVR*, Sancti *P*

<sup>272</sup> animum *EGHIJMNOPQV*, animi *R*

<sup>273</sup> et ea conferebat et in corde sua conseruabat *om. IRV*

<sup>274</sup> sublimem *EGHIJMNOQ*, sublimiorem *PR*, salubrem *V*

<sup>275</sup> Sacerdotum *EJMNOQ*, Sacerdotes *GHIRV*

<sup>276</sup> ex *EGHIJMOQVR*, de *PN*

<sup>277</sup> esset *EGHIJMONPR*, erat *Q, om. V*

<sup>278</sup> continebunt *EGHIJMNPQVR*, continebuntur *O*

<sup>279</sup> cellam *EGHIMOPQVR*, cellulam *JN*

<sup>280</sup> Anne. Postea *EGHIJMOPQVR*, Anne quam postea *N*

<sup>281</sup> nostris *om. R*

<sup>282</sup> conducta *GHIJMNOPRV*, *om. E*, adducta *Q*

<sup>283</sup> allata *EGHIJMNORV*, ablata *P*, delata *Q*

<sup>284</sup> multos *EHIJMNOQVR*, multis *GP*

<sup>285</sup> nostrum *EGHIJMNOPRV*, uestros *Q*

<sup>286</sup> non *om. N*

<sup>287</sup> latet *EGIJMNOPQVR*, latam *H*

<sup>288</sup> silenda *EGHIJMNOPRV*, dicenda *Q*

ualde admirabatur de psalmo<sup>289</sup> illo quem cecinerant<sup>290</sup> sacerdotes in desponsatione sui<sup>291</sup>. Mirabatur etiam quod<sup>292</sup> neque Deus ipse<sup>293</sup> neque ullus angelorum sibi appareret<sup>294</sup>. Et que<sup>295</sup> consueta erat<sup>296</sup> cibo angelico<sup>297</sup>, hoc est, ab angelo<sup>298</sup> allato uesci, iam plusquam per<sup>299</sup> uiginti horas<sup>300</sup> abstinerat. Ioseph enim<sup>301</sup> ab ea discessit circiter hora uicesima secunda<sup>302</sup>, cum quo<sup>303</sup> bucellam panis sumpsit<sup>304</sup>. Alium enim cibum ipsa manducabat. Et<sup>305</sup> ego Gabriel missus a Deo cum Euchudiele<sup>306</sup> et Barchiele<sup>307</sup> et multis angelis de quolibet choro, sed<sup>308</sup> tres eramus de septem astantibus. Ego enim qui fortitudo Dei interpretor ueniebam quasi nuntius Dei<sup>309</sup> Patris; Euchudiel<sup>310</sup> qui bonum consilium interpretatur erat<sup>311</sup> quasi nuntius Filii Dei, qui sapientia<sup>312</sup> et consilium Dei Patris dici solet; Barchiel uenit quasi nuntius Spiritus Sancti, quia benedictio illi pesone attribuitur. Quia tamen<sup>313</sup> indiuidua et inseparabilis est actio et operatio<sup>314</sup> illorum, omnes fuimus<sup>315</sup> totius Trinitatis nuntii. Et quia ego principalis et primus eram inter omnes<sup>316</sup> missos<sup>317</sup>, immo<sup>318</sup> sum primus<sup>319</sup> absolute<sup>320</sup> post Michaellem ideo et euagelista Lucas de me solum facit<sup>321</sup> mentionem, ego itaque cum illis<sup>322</sup> duobus precipuis<sup>323</sup> et magna multitudine [76] celestis exercitus accessi, missus a Deo, in ciuitatem Nazareth, ad uirginem<sup>324</sup> desponsatam uiro cui nomen erat<sup>325</sup> Ioseph, de domo Daud, sicut et Maria erat, et Eleazar et<sup>326</sup> Heli atque<sup>327</sup> Ioachim, ex

<sup>289</sup> de psalmo *EGHJMNO PQ*, hymno *IRV*

<sup>290</sup> cecinerant *EHIJMNORV*, cecinerunt *GPQ*

<sup>291</sup> sui *EGJMNP*, ipsius *A*, illius *HIOQRV*

<sup>292</sup> etiam quod *EGHIJMOPQ*, quia *RV*

<sup>293</sup> ipse *om. IRV*

<sup>294</sup> appareret *GHIJMNOPQRV*, apparebat *E*

<sup>295</sup> que *EGHIJMNOQRV*, qui *P*

<sup>296</sup> erat *om. V*

<sup>297</sup> cibo angelico *EGHIJMNOPRV*, angelorum *Q*

<sup>298</sup> angelo *EJMPQV*, angelis *GHINOR*

<sup>299</sup> per *om. P*

<sup>300</sup> uiginti horas *EGHIJ (M er. quattuor) NOPRV*, 24 horas *Q*

<sup>301</sup> enim *EGHIJMNOQRV*, etiam *P*

<sup>302</sup> hora uicesima secunda *EGHJMNO PQ*, horam uicesimam secundam *IRV*

<sup>303</sup> quo *EGHJMNO PQ*, qua *IRV*

<sup>304</sup> sumpsit *EGHJMNO PQ*, sumpserat *IRV*

<sup>305</sup> ipse *add. IRV*

<sup>306</sup> Euchudiele *EGHJMNO PQV*, Eucuthiele *IR*

<sup>307</sup> Barchiele *EJMNO PRV*, Barachiele *GH*, Barchudiele *Q*

<sup>308</sup> sed *om. IR*

<sup>309</sup> Dei *om. Q*

<sup>310</sup> Euchudiel *EJMNO PQV*, Euchutiel *GH*, Eucuthiel *RI*

<sup>311</sup> erat *EGHIJMO QRV*, ueniebat *N*, aut *P*

<sup>312</sup> sapientia *EGHIJMNOPRV*, sapientiam *Q*

<sup>313</sup> Quia tamen *EGHIJMNOPQR*, quantum *V*

<sup>314</sup> ad extra *add. E*

<sup>315</sup> fuimus *EGHIJMNOPR*, sumus *Q*

<sup>316</sup> fuimus totius Trinitatis nuntii. Et quia ego principalis et primus eram inter omnes *om. IRV*

<sup>317</sup> missos *EGHIJMNOPRV*, ministros *Q*

<sup>318</sup> immo *EFGHIJMNOPQRV*, modo *A*

<sup>319</sup> inter omnes *add. Q*

<sup>320</sup> absolute *om. V*

<sup>321</sup> facit *EGHJMNO PQV*, fecit *IR*

<sup>322</sup> illis *EGHIJMNOPRV*, his *Q*

<sup>323</sup> precipuis *om. Q*

<sup>324</sup> tunc *add. AN*

uirginem *EGHIJMNOPQR*, Mariam *V*

<sup>325</sup> erat *om. AEHIR*

<sup>326</sup> de domo *add. E*

parte Marie, quia Ioseph erat de domo Eleazar et alterius Heli<sup>328</sup>, secundum legem, et<sup>329</sup> Iacob, secundum generationem, et uirginis nomen erat Maria. Ingressi sumus<sup>330</sup> ad eam quasi nouissima diei hora sicut et in nouissimis diebus hec incarnatio fieri debebat. Et nos tres primo<sup>331</sup> apparuimus in effigie humana pulchri et splendidi, precedente Spiritu Vehementi. Et lumen repleuit totam domunculam<sup>332</sup> illam. Et ego humana uoce dixi ad Mariam: "Aue<sup>333</sup>, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus". Que, uidens nos tres facie et ueste refulgentes, nullum ex nobis postquam desponsata fuerat<sup>334</sup> uiderat, neque in forma humana umquam<sup>335</sup>, uerecundia uirginali expauit et contremuit et in suo corde conferebat<sup>336</sup> prophetiam quam legerat et psalmum quem sacerdotes in eius desponsatione decantauerant et multa alia que de illa dicta erant in Templo. Et cogitabat singula uerba salutationis. Qua cogitatione mens eius discurrendo turbari uidebatur tamquam dubia et anxia.

Tunc ego dixi: Maria, ne<sup>337</sup> pauetas neque turberis<sup>338</sup> quia omne malum euasisti et super omnes gratia<sup>339</sup> Dei predita<sup>340</sup> eris. Et<sup>341</sup> quia sepe<sup>342</sup> orasti ut matrem Messie uideres,<sup>343</sup> istam gratiam inuenisti<sup>344</sup>. Tu es illa benedicta inter omnes mulieres que<sup>345</sup> filium concipies et eundem, decursis<sup>346</sup> nouem mensibus, immo diebus<sup>347</sup> ducentis septuaginta quinque, cum gaudio, media nocte illam diem sequente<sup>348</sup>, paries. Et uocabis nomen eius Iesum, qui erit ille magnus propheta quem se Deus<sup>349</sup> suscitaturum in populo suo diu predixit. Et Filius Altissimi<sup>350</sup> Dei Patris est et uocabitur, quem Deus promisit sessurum super sedem Dauid patris eius secundum carnem. Et regnabit<sup>351</sup> in domo Iacob in eternum<sup>352</sup>, et regni eius numquam<sup>353</sup> erit finis.

Tunc Maria inextimabili letitia concepta, quia iam percipiebat se illam uirginem esse que Filium Dei conciperet et pareret, quia tamen humilis erat ualde et se uilem reputabat, sicut<sup>354</sup> uere omnis creatura uilis est, immo quasi nihil est<sup>355</sup> rebus diuinis

<sup>327</sup> atque *EGHIJMOPR*, et *N*, pater *Q*

<sup>328</sup> atque Ioachim ex parte Marie quia Ioseph erat de domo Eleazar et alterius Heli *om. IRV*

<sup>329</sup> filius autem *add. E*

<sup>330</sup> sumus *GHIJMNOPQRV*, igitur simul *E*

<sup>331</sup> ei *add. HIO(R sup. lin.)V*

<sup>332</sup> domunculam *EGHIJMNOPQR*, domum *V*

<sup>333</sup> Maria *add. N*

<sup>334</sup> fuerat *GHIJMNOPQRV*, fuit *E*

<sup>335</sup> nunquam *EGHIJMNOPQV*, neque *R*

<sup>336</sup> conferebat *EGHIJMNOPRV*, proferebat *Q*

<sup>337</sup> ne *EGHJMNOQ*, neque *IRV*

<sup>338</sup> turberis *EGHIJMNOPQV*, turbaris *R*

<sup>339</sup> gratia *EGHIJMNOOPQ*, grandia *RV*

<sup>340</sup> predita *EGHIJMNOPRV*, plena *Q*

<sup>341</sup> Et *om. IRV*

<sup>342</sup> sepe *EGHJMNOQ*, semper *IRV*

<sup>343</sup> tu *add. IRV*

<sup>344</sup> inuenisti *EHIJ (M post corr.) OQRV*, meruisti *GNP*

<sup>345</sup> que *om. J*

<sup>346</sup> decursis *EGHJMNOPRV*, diuersis *Q*

<sup>347</sup> diebus *om. V*

<sup>348</sup> sequente *EGHMOQ*, sequentem *IJNPRV*

<sup>349</sup> se Deus *om. IRV*

<sup>350</sup> Altissimi *om. E*

<sup>351</sup> regnabit *EGIJMNOPQRV*, regnauit *H*

<sup>352</sup> in eternum *om. P*

<sup>353</sup> numquam *GIJMNOPRV*, non *EHQ*

<sup>354</sup> enim *add. J*

<sup>355</sup> est *om. Q*

comparata, adhuc pre<sup>356</sup> gaudio mirabatur. Iccirco ut perfecte sciret an hic tantus Filius esset ille<sup>357</sup> uerus Deus quem uirgo conceptura et paritura erat, dixit ad me<sup>358</sup>:

Quomodo annuntias mihi filium quam<sup>359</sup> nosti uouisse<sup>360</sup> uirginitatem perpetuam et proposuisse<sup>361</sup> numquam uirum cognoscere, et quando ipsum accepi certior facta fui<sup>362</sup> ipsum<sup>363</sup> ex<sup>364</sup> me<sup>365</sup> non<sup>366</sup> postolaturum<sup>367</sup> aliquid tale?

Respondi ei<sup>368</sup> quod filium conceptura<sup>369</sup> erat<sup>370</sup> aduentu et operatione Spiritus Sancti et quod loco uiri<sup>371</sup> eam<sup>372</sup> obumbraret<sup>373</sup> uirtus Altissimi, quia conceptio illa erat<sup>374</sup> opus totius Trinitatis, Patris et Filii et Spiritus Sancti. Nam nomine Altissimi intellexi<sup>375</sup> Deum Patrem, qui est fons et origo et<sup>376</sup> omnium principium; nomine Virtutis<sup>377</sup> ipsum Filium; et nomine Spiritus Sancti ipsum donum utriusque et tertiam personam. Addidique:

O Maria, letare, exulta et gaude gaudio magno ualde quia quod<sup>378</sup> ex te progredietur<sup>379</sup> erit sanctum<sup>380</sup> et<sup>381</sup> sanctus sanctorum<sup>382</sup> et<sup>383</sup> Filius Dei. Si uis nosse<sup>384</sup>, est ille<sup>385</sup> et ita uocabunt eum omnes populi.

Et ut letitiam adderem tante letitiae<sup>386</sup>, addidi: Etiam<sup>387</sup> Elisabeth, cognata tua sterilis et uetula, gestat filiolum<sup>388</sup> iam sex menses habentem in utero suo. Nosti [77] Scripturas, non te latent prophetie<sup>389</sup>, nullum horum uerborum<sup>390</sup> est impossibile Deo<sup>391</sup>. Sterilis enim<sup>392</sup> et senex generare potest, Deo<sup>393</sup> uolente. Virginem concipere et parere

---

<sup>356</sup> pre om. IRV

<sup>357</sup> ille om. IRV

<sup>358</sup> ad me om. Q

<sup>359</sup> quam EGHJMNOPRV, quia Q

<sup>360</sup> uouisse om. IRV

<sup>361</sup> proposuisse EGHJMNOPQRV, promississe A

<sup>362</sup> fui EGHJMNOPRV, sum Q

<sup>363</sup> ipsum om. Q

<sup>364</sup> ex EGHJMNOPQRV, et M

<sup>365</sup> ex me om. E

<sup>366</sup> non EGHJMNOPQRV, numquam N

<sup>367</sup> postolaturum EGHJMNOPQRV, postulat G

<sup>368</sup> ei EGHJMNOPQRV, ego H

<sup>369</sup> conceptura EGHJMNOPRV, acceptura Q

<sup>370</sup> quod filium conceptura erat GHJMNOPQRV, filium concipies E

<sup>371</sup> quod loco uiri EGHJMNOPRV, pro loco uiri Q

<sup>372</sup> eam EGHJMNOPQRV, eadem P

<sup>373</sup> quod loco uiri eam obumbraret GHJMNOPQRV, uiri loco te obumbravit E

<sup>374</sup> erat GHJMNOPQRV, erit E

<sup>375</sup> intellexi om. Q

<sup>376</sup> et om. V

<sup>377</sup> intellexi add. E

<sup>378</sup> quod EGJMNOPQ, qui HIV, om. R

<sup>379</sup> progredietur EGHJMNOPRV, egredietur Q

<sup>380</sup> sactum EGHJMNOPQR, sanctus V

<sup>381</sup> si uis nosce, ipse erit add. E

<sup>382</sup> et sanctus sanctorum om. Q

<sup>383</sup> uocabitur add. Q

<sup>384</sup> nosse EHMNORV, nosce GIJ, noscere P

<sup>385</sup> Si uis nosce, est ille om. E

<sup>386</sup> letitiam adderem tante letitiae EGHJMNOPQRV, letitia adheretur tante letitiae P

<sup>387</sup> Etiam EGHJMNOP, ecce Q, om. IRV

<sup>388</sup> filiolum EGHJMNOPQ, filium IRV

<sup>389</sup> prophetie EGHJMNOPQRV, prophete O

<sup>390</sup> uerborum EHIJ (M add. sup. lin. a.m. donorum) NPRV, donorum AGO, dictorum Q

<sup>391</sup> Deo om. H

<sup>392</sup> enim om. EIRV

<sup>393</sup> Deo EGHJMNOPQRV, eo P

non est impossibile.<sup>394</sup> Deum incarnari et hominem esse possibile erit<sup>395</sup>. Omne igitur uerbum meum tibi dictum non est impossibile, quia omne quod dixi est possibile et nullum eorum<sup>396</sup> impossibile<sup>397</sup>.

Tunc Maria aperte cognouit se esse illam uirginem electam in cuius utero Filius Dei carnem humanam assumere disposuisset. Et quamuis indignissimam se<sup>398</sup> iudicaret, tamen certa fuit<sup>399</sup> et anima eius<sup>400</sup> repleta fuit gaudio inenarrabili<sup>401</sup> quia testimonio<sup>402</sup> Scripture<sup>403</sup> nouerat id non esse futurum<sup>404</sup> ante mediam noctem. Que<sup>405</sup> tunc erat sexta hora noctis. Ad me iterum, quod euangeliste uestri<sup>406</sup> non scribunt, loqui cepit<sup>407</sup>:

Ex<sup>408</sup> uerbis tuis, angele Dei, intelligo<sup>409</sup> me concepturam et parituram Filium Vnigenitum Dei Patris. Ego bene noueram hoc futurum<sup>410</sup> his temporibus. Sed ualde miror quibus meritis me elegerit Dominus<sup>411</sup>. Sed hanc admirationem ipsa<sup>412</sup> remoueo, quia scio nullam esse dignam tanto honore et Deum<sup>413</sup> quamlibet puellam posse<sup>414</sup> facere dignam. Ipse enim primo dignificat, deinde exaltat et pro meritis, que ipse ut sint merita facit, confert premia. Sed oro te ut mihi dicas an uos angeli hoc misterium nunc agnouistis<sup>415</sup> uel antea. Et scio quod tu antea hoc sciisti. Scire uellem quanto tempore antea et<sup>416</sup> si omnes illud cognoueritis<sup>417</sup> uel solum aliqui uestrum.

Tunc ego aperui quomodo Deus a principio nobis reuelauerat<sup>418</sup> se in utero ipsius uelle<sup>419</sup> humanitatem assumere, immo et omnibus precepisse<sup>420</sup> ut illum Deum Hominem adoraremus<sup>421</sup> illique subiceremur et non solum sibi sed etiam sue Genitrici. Que tu<sup>422</sup> mox futura<sup>423</sup> es, unde, subito ut conceperis, nos omnes qui hic sumus et alii qui aduenient te adorabunt<sup>424</sup> et ut Reginam suam<sup>425</sup> uenerabuntur<sup>426</sup>. Eris enim

---

<sup>394</sup> Virginitatem concipere et parere non est impossibile. *GHIJMNOPQRV*, similiter et Virgo concipere et parere. *E*

<sup>395</sup> erit *EGHJMNOPQR*, erat *IV*

<sup>396</sup> eorum *om. N*

<sup>397</sup> et nullum eorum impossibile *om. E*

<sup>398</sup> se *om. IRV*

<sup>399</sup> et nomine Spiritus Sancti ipsum donum utriusque et tertiam personam. Addidique: "O Maria, letare, exulta et gaude gaudio magno ualde quia, quod ex te progredietur, erit sanctum et sanctus sanctorum et Filius Dei. Si uis nosse, est ille et ita uocabunt eum omnes populi *add. N*

<sup>400</sup> eius *EGHIJMNOQRV*, illius *P*

<sup>401</sup> inenarrabili *EGHIJMNOQRV*, incomparabili *P*

<sup>402</sup> quia testimonio *EHIJMNOPQR*, et quia testimonium *GI*, testimonium *V*

<sup>403</sup> Scripture *EGHIJMNOPRV*, Scripturam *Q*

<sup>404</sup> futurum *EGHJMNOPQ*, facturum *IRV*

<sup>405</sup> Que *EGHIJMOPV*, Quia *NQR*

<sup>406</sup> uestri *om. EQ*

<sup>407</sup> dicens *add. E*

<sup>408</sup> Ex *EGHIJMNOPQR*, Et *V*

<sup>409</sup> intelligo *EGHIJMNOPQRV*, intellexi *E*

<sup>410</sup> futurum *EGHIJMNOPQR*, facturum *V*

<sup>411</sup> Dominus *EGHIJMOPQRV*, Deus *N*

<sup>412</sup> ipsa *EGHJMNOPQ*, ipsam *IRV*

<sup>413</sup> Deum *EGIJMNOPQ*, Deus *HRV*

<sup>414</sup> posse *EGIJMNOPQ*, posset *HRV*

<sup>415</sup> agnouistis *EGHJ (M post corr.) V*, agnoueritis *H*, cognouistis *INOR*, cognoueritis *PQ*

<sup>416</sup> scio quod tu antea hoc sciisti. Scire uellem quanto tempore antea et *om. Q*

<sup>417</sup> cognoueritis *EGHIJMOPRV*, cognouistis *NQ*

<sup>418</sup> reuelauerat *GHIJMNOPQRV*, reuelauit *E*

<sup>419</sup> carnem humanam uel *add. Q*

<sup>420</sup> precepisse *EGHIJMNPRV*, precise mandasse *Q*

<sup>421</sup> adoraremus *EGHIJMNOPQ*, adoremus *RV*

<sup>422</sup> tu *EGHIJMNOPQ*, tunc *RV*

<sup>423</sup> futura *EGHIJMNOPQR*, factura *V*

<sup>424</sup> adorabunt *GIMOQRV*, adorabimus *EHJP*

perpetuo Regina<sup>427</sup> celestium spirituum et omnium angelorum Domina. Hoc mandatum accepimus a Deo et omnes cum pacto<sup>428</sup>, si illud seruare uellemus<sup>429</sup> in gratia confirmaremur et eternaliter beati essemus.<sup>430</sup> Si illud preteriremus, ex tunc<sup>431</sup> in eternum<sup>432</sup> damnaremur. Lucifer, uidens tantam dignitatem hominis, inuidit illi, quia nimium<sup>433</sup> presumptuosus fuit se<sup>434</sup> tantum amando et alia<sup>435</sup> sibi<sup>436</sup> subicere uolendo<sup>437</sup>. Vnde suadebat omnibus tale preceptum non esse seruandum<sup>438</sup>, inferens<sup>439</sup> quia nec iustum erat. Subito enim ut se inordinate amauit, peccauit et iam errare cepit, preceptum Dei iniustum existimans. Et quicumque eius opinionem intelligendo se potius amauerunt quam Deum, omnibus uisum est mandatum illud iniustum. Voluit et nos peruertere, sed<sup>440</sup> ego cum istis<sup>441</sup> fratribus nostris<sup>442</sup>, Michaele duce, resistimus ei<sup>443</sup> et eum tamquam presumptuosum arguere cepimus, omne<sup>444</sup> illud iustum, sanctum et bonum affirmantes quod uoluntati Dei nostri, qui neque errare neque ignorare neque prae uelle potest, placet<sup>445</sup>. Quicquid ergo ille<sup>446</sup> uult, cuius uoluntas<sup>447</sup> inordinate uelle non potest, ut recte et iuste uelit necesse est. Si creatori nostro, o Lucifer, placet hominem fieri et non angelum, debet placere et nobis, maxime quia ipse mandat ut et nos<sup>448</sup> ita uelimus.

Lucifer et Belzebub et alii sequaces<sup>449</sup> respondebant: Quilibet debet potius sibi bonum appetere quam [78] alteri<sup>450</sup>. Ergo et<sup>451</sup> maximum bonum sibi magis expetere debet<sup>452</sup>. Hoc autem donum est excellentissimum et nobilissimum. Ergo debemus illud nobis<sup>453</sup> potius expetere<sup>454</sup> quam homini. Deinde<sup>455</sup> digniora dignioribus sunt prestanda. Sed nos digniores sumus omnibus hominibus. Nobis ergo donum dignissimum potius

<sup>425</sup> suam *EGIMOPQRV*, nostram *EHJN*

<sup>426</sup> suam uenerabuntur *GIOQRV*, nostram uenerabuntur *M* (*post corr.*), nostram uenerabimur *EHJNP*

<sup>427</sup> omnium *Q*

<sup>428</sup> ut *add. Q*

<sup>429</sup> seruare uellemus *EGIJMNOPRV*, uolemus *H*, seruaremus *Q*

<sup>430</sup> Sed *add. V*

<sup>431</sup> in gratia confirmaremur et eternaliter beati essemus. Si illud preteriremus ex tunc *om. H*

<sup>432</sup> ex tunc in eternum *EGJMNOQ*, exilio eterno *H*, ex illo eterno *IRV*

<sup>433</sup> nimium *EGHIJMNOQRV*, nimirum *Q*

<sup>434</sup> ipsum *add. Q*

<sup>435</sup> alia *EGIJMNOQRV*, alios *AHP*

<sup>436</sup> sibi *om. P*

<sup>437</sup> uolendo *EGHIJMNOQRV*, uolens *Q*

<sup>438</sup> seruandum *EHIJMOPQR*, obseruandum *AGNV*

<sup>439</sup> inferens *EHJ(M add. sup.lin. dicens) PV, om. AGIR*, dicens *NOQ*

<sup>440</sup> sed *EGHIJMNOQRV*, et *P*

<sup>441</sup> istis *EGHIJMNOQRV*, iis *OQ*

<sup>442</sup> nostris *GHINPRV*, meis *EJM, om. OQ*

<sup>443</sup> ei *om. Q*

<sup>444</sup> omne *EFGHIJMNOQRV*, omnes *A*

<sup>445</sup> placet *EHIJMNOQR*, placeret *AGQ*, placere *V*

<sup>446</sup> ille *om. EN*

<sup>447</sup> errare neque ignorare neque prae uelle potest, placet. Quicquid ergo ille uult cuius uoluntas *add.M* (*in marg. a.m*)

<sup>448</sup> maxime quia ipse mandat ut et nos *om. Q*

<sup>449</sup> sequaces *EGHIMNOQRV*, sequentes *J*

<sup>450</sup> Quilibet debet potius sibi bonum appetere quam alteri *EGHIJMNOQRV*, Quilibet dicitur potius apparere sibi quam alteri *Q*

<sup>451</sup> et *EGJMNOQ, om. H*, ut *IRV*

<sup>452</sup> expetere debet *EGHIJMOPRV*, appetere debet *N*, appetendum *Q*

*abhinc* (pg.126), *usque ad* - Et ita, o Maria Virgo sanctissima (pg. 130) *om. G*

<sup>453</sup> nobis *om. NP*

<sup>454</sup> potius expetere *EHIJMNOQRV*, magis appetere *Q*

<sup>455</sup> Deinde *om. QV*

quam homini<sup>456</sup> est prestandum. Nonne ita nos angelos Deus ordinavit<sup>457</sup> et instituit ut digniores<sup>458</sup> natura essent<sup>459</sup> digniores meritis et premio? Ex quo patet ipsum hoc iuste ordinasse ut dignioribus digniora dentur. Cur ergo homini indigniori tribuit digniora? Si hoc iuste facit, ergo iniuste nos ordinavit, quibus secundum naturalia concessit gratuita. Aut si<sup>460</sup> nos iuste sic ordinavit, quod fatendum<sup>461</sup> est, iniustum est ut longe minorem<sup>462</sup> nobis natura, maiorem faciat<sup>463</sup> gratia. Non decet, o Michael, non est iustum, o Gabriel, non est rectum, o ceteri angeli qui rationibus meis<sup>464</sup> resistitis optimis, Deum<sup>465</sup> hominem nobis omnibus preponere uelle. In hoc sibi parendum non est. Nonne iniustum esset si ultimum chorum faceret<sup>466</sup> primum et primum ultimum? Quanto magis si illum qui minor est ultimo choro supremo preponeret<sup>467</sup>, ut nunc facit. Rationes evidentes adeo sunt ut nulla indigeant probatione. Quid respondebitis<sup>468</sup>?

Cui Michael et nos alii<sup>469</sup> qui hic sumus ita respondimus: Rationes tue, Lucifer, apparentiam aliqualem ueritatis habere uidentur. Sed ualde miramur quod notissimum omni intellectui negare uideris. Hoc enim omni intellectui concedendum est, Primum et Summum Intellectum errare non posse, et Primam, Summam et Optimam Voluntatem<sup>470</sup> male et inordinate uelle non posse<sup>471</sup>. Quia sicut negatio presupponit affirmationem<sup>472</sup>, et odium amorem, et imperfectum perfectum, ita et ignorantia et error, saltem in alio, presupponit scientiam. Si ergo<sup>473</sup> Deus<sup>474</sup> aliquid ignoraret uel in aliquo erraret uel aliquid male uellet, pressupponeret scientiam<sup>475</sup> in alio<sup>476</sup> et bonum uelle in aliquo<sup>477</sup> digniori<sup>478</sup> se. Et ita excellentissimus haberet se excelentiorum, et dignissimus digniorum, et immutabilis posset mutari, et perfectissimus fieri perfectior. Certum debet<sup>479</sup> esse unicuique et manifestum<sup>480</sup> optimum male uelle non posse neque ullis legibus subici et quia ex se bonus est, et necessario<sup>481</sup> et ex sui<sup>482</sup> natura malus et iniustus fieri non potest. Quid ergo presummis? Cur eum<sup>483</sup> iniustum putas? Si uult

<sup>456</sup> homini *EHJMNO*PRV, hominibus *Q*

<sup>457</sup> quoque secundum naturalia et gratuita *add. Q*

<sup>458</sup> digniores *om. IRV*

<sup>459</sup> essent *EFHIJLMNO*PRV, essemus *A, om. Q*

<sup>460</sup> si *om. H*

<sup>461</sup> fatendum *EHJMNO*QPRV, patiendum *P*

<sup>462</sup> minorem *HIJMNO*QPR, minores *E, minore V*

<sup>463</sup> faciat *EHJMNO*PQ, facit *IRV*

<sup>464</sup> meis *om. Q*

<sup>465</sup> optimis, Deum *EHJMNO*QPRV, optimum Deum *P*

<sup>466</sup> faceret *EHJMNO*PRV, facere uellet *Q*

<sup>467</sup> preponeret *EHJMNO*QPR, ponere *V*

<sup>468</sup> respondebitis *EJMNO*PQ, respondetis *AHIR*, responditis *V*

<sup>469</sup> alii *EHJMNO*PRV, angeli *Q*

<sup>470</sup> Primam, Summam et Optimam Voluntatem *EHJMNO*PQ, primam et summam uoluntatem *IR*

<sup>471</sup> et Primam, Summam et Optimam Voluntatem male et inordinate uelle non posse *om. V*

<sup>472</sup> affirmationem *om. IRV*

<sup>473</sup> ergo *om. N*

<sup>474</sup> Deus *om. Q*

<sup>475</sup> Si ergo Deus aliquid ignoraret uel in aliquo erraret uel aliquid male uellet, pressupponeret scientiam *om. IRV*

<sup>476</sup> in alio *om. Q*

<sup>477</sup> in aliquo *EHJMNO*P, in alio *Q, om. IRV*

<sup>478</sup> digniori *EHJMNO*QPR, digniorum *V*

<sup>479</sup> debet *EHJMNO*P, dicit esse *Q, Deum IRV*

<sup>480</sup> et *add. IRV*

<sup>481</sup> et necessario *om. P*

<sup>482</sup> sui *EHJMNO*QPRV, boni *N*

<sup>483</sup> eum *EHJMNO*QPRV, ergo *P*

hominem excelentiorē nobis facere, hoc et si tibi iniustum<sup>484</sup> uideatur, iniustum tamen esse non potest<sup>485</sup>, nisi<sup>486</sup> rectissimum obliquum credere possis<sup>487</sup>. Quilibet ergo debet sibi potius appetere<sup>488</sup> bonum, maxime<sup>489</sup> tale ac tantum si in arbitrio eius<sup>490</sup> fuerit talis electio. Sed si Deus precipiat ut illud alteri appetat et non sibi, parendum est Deo, quia ipse super omnia diligendus est. Et bonum mihi conueniens, etiam paruum, possum mihi magis uelle quam alteri magnum. Illud tamen<sup>491</sup> debeo sibi uelle et non mihi ex quo Ille, qui nullius debitor est, uult illud sibi et non mihi<sup>492</sup>. Homines quoque non sunt minores nobis in potentiis. Intellectus enim noster et intellectus eorum, uoluntas nostra et uoluntas eorum non uariantur<sup>493</sup> in sui natura. Obiecta<sup>494</sup> enim et actus et potentie eiusdem rationis sunt<sup>495</sup>. Natura nostra nobilior est quam illorum, non potentie ille<sup>496</sup>. Sint<sup>497</sup> tamen omnia digniora. Vnde accepimus hanc dignitatem? Nonne a Deo? Et quo iure aut qua lege? Solo beneplacito sue uoluntatis. Ipse itaque non dat indignioribus<sup>498</sup> digniora. Nemo enim apud eum<sup>499</sup> dignus est, nisi quem ipse dignum facit<sup>500</sup>. Dando autem digniora, digniores facit eos quibus dat. Et si ergo digniores sumus<sup>501</sup> natura hominibus, non tamen digniores sumus ad tale munus. Ad hoc<sup>502</sup> ergo ut [79] sine iniustitia digniora dignioribus dentur<sup>503</sup>, opus est ut ad illud recipiendum<sup>504</sup> illi sint digniores et iterum quod ille qui concedit et prestat teneatur iure, lege uel ratione huic potius quam illi tribuere. Qui nobis<sup>505</sup> gratuita secundum naturalia maiora uel minora tribuit, hoc etiam sponte et uoluntarie<sup>506</sup> fecit<sup>507</sup>. Et si aliter fecisset, propter id<sup>508</sup> iniustus non fuisset. Neque absolute preposuit<sup>509</sup> nobis hominem, sed Hominem Deum.

Tunc Belzebub princeps dixit: Bene scimus quod Homo Deus preponendus est nobis. Sed hoc est de quo<sup>510</sup> dolemus, quod hominem assumat ad deitatem<sup>511</sup> et nullum nostrum. Aliud est quod moleste ferimus, quia etiam mulierem quamdam omnibus nobis

<sup>484</sup> esse *add. N*

<sup>485</sup> esse non potest *EHIJMNOPRV*, non est sed rectissimum *Q*

<sup>486</sup> tu *add. Q*

<sup>487</sup> possis *EHIJMNOPQRV*, possitis *I*

<sup>488</sup> Quilibet ergo debet sibi potius appetere *EHIJMNOPRV*, Quilibet ergo sibi potius dicitur appetere *Q*

<sup>489</sup> maxime *HJMNO PQ*, maximum *EIRV*

<sup>490</sup> eius *HIJNOQ RV*, sui *EMP*

<sup>491</sup> alteri magnum. Illud tamen *EHIJMN PQ*, alteri. Magnum tamen illud *IORV*

<sup>492</sup> ex quo ille qui nullius debitor est, uult illud sibi et non mihi. *om. V*

<sup>493</sup> uariantur *EHIJMNOPQR*, uariant *V*

<sup>494</sup> Obiecta *EHIJMN OQ RV*, Subiecta *P*

<sup>495</sup> Obiecta enim et actus et potentie eiusdem rationis sunt *EHIJMOPQ RV*, Obiecta enim et actus potentie eiusdem rationis sunt *N*

<sup>496</sup> ille *om. Q*

<sup>497</sup> Sint *EJMNO Q*, Sunt *HIOPRV*

<sup>498</sup> indignioribus *EHIJMN PQ RV*, dignioribus *O*

<sup>499</sup> eum *EHIJMOPQ RV*, ipsum *N*

<sup>500</sup> facit *EHIJMNOPQ V*, fecit *IR*

<sup>501</sup> in *add. IV*

<sup>502</sup> Ad hoc *HIJQOR V*, Adhuc *EMNP*

<sup>503</sup> ut sine iniustitia digniora dignioribus dentur *EHIJMNOPRV*, ut sit iniustitia digniora dignioribus non dari *Q*

<sup>504</sup> recipiendum *EHIJMNOPRV*, accipiendum *Q*

<sup>505</sup> qui nobis *EJMNO PQ*, quod in nobis *H*, quod nobis *IR*, quot nobis *V*

<sup>506</sup> uoluntarie *EHIJMN PQ*, uoluntate *OV*

<sup>507</sup> fecit *EHIJMN OQ RV*, facit *P*

<sup>508</sup> propter id *om. Q*

<sup>509</sup> preposuit *EJMNO*, proposuit *HIPQ RV*

<sup>510</sup> de quo *EHIMOPRV*, quod *NQ*

<sup>511</sup> deitatem *EHIJMNOPQR*, diuinitatem *V*

prelaturus est, que non erit<sup>512</sup> Deus, et multos alios homines quibusdam nostrum equales, quibusdam maiores<sup>513</sup> constituet. Hec siue iusta sint<sup>514</sup> siue iniusta, nullo modo nobis placent. Sint<sup>515</sup> enim, ut uos uultis, iusta. Si illa nobis contulisset, nonne iuste contulisset? Si ergo quicquid uult iuste uult, cur noluit<sup>516</sup> hoc quod<sup>517</sup> iustius<sup>518</sup> erat<sup>519</sup>?

Tunc Raphael subiunxit: "Noli dicere iustius<sup>520</sup>. Numquid Deus potius tibi debet<sup>521</sup> quam homini? An ignoras quia<sup>522</sup> nullius debitor est? Numquid Lucifer tuus est dignior homine<sup>523</sup>? Nobilior est, concedo. Dignior hoc munere, nego. Quando<sup>524</sup> nullus est dignus, nullus est etiam dignior<sup>525</sup>. Mulierem illam prefert omnibus<sup>526</sup>, quia Dei Hominis<sup>527</sup> Genitrix erit<sup>528</sup>. Aliquos equales, aliquos maiores angelis faciet prout coniunctiores illi Deo Homini fuerint. Quid tibi de tuo aufert<sup>529</sup> si homini illud donum<sup>530</sup> tribuit? Si homo numquam crearetur<sup>531</sup>, quid fuissetis<sup>532</sup> nisi quod estis? Quid accepissetis<sup>533</sup> nisi quod promissum est uobis? Iniquum est dolere de bono alterius, maxime si<sup>534</sup> nihil amittimus ipsi.

Euchudiel<sup>535</sup>, qui<sup>536</sup> consilium Dei interpretatur et hic mecum est, addidit: Magnus Deus noster est<sup>537</sup>, cuius sapientie non est numerus, cuius sensum<sup>538</sup> et consilium nemo alius ab ipso nouit nisi cui ille<sup>539</sup> reuelare uoluerit. Dicite mihi uos qui desipitis sapere uolentes, nonne ad perfectionem uniuersi pertinet ut omnis combinatio possibilis in eo reperiat? Hoc negare non potestis. Sunt<sup>540</sup> autem<sup>541</sup> tria: Deus, substantia et accidens. Substantia uero una, incorporea et spiritualis, pura<sup>542</sup>, ut nos angeli sumus. Alia corporea<sup>543</sup>, ut lapides et ligna. Et quia poterat esse substantia partim corporea partim incorporea, ut homo, si hanc substantiam Deus non produxisset, nonne magna perfectio mundo defuisset? Et non satis erat quod tam corporea quam incorporea seorsum

---

<sup>512</sup> erit *EHIJMNOPQR*, erat *V*

<sup>513</sup> maiores *EHIJMNOPQR*, minores *V*

<sup>514</sup> sint *om. V*

<sup>515</sup> Sint *EHIJMNPQRV*, Sicut *O*

<sup>516</sup> noluit *EHIJMOPQRV*, non uoluit *N*

<sup>517</sup> iustum et etiam *add. Q*

<sup>518</sup> iustius *EHIJMNPQR*, iustum *OV*

<sup>519</sup> erat *om. R*

<sup>520</sup> iustius *EHIJMNPQR*, iustus *OV*

<sup>521</sup> debet *EHIJMNOPRV*, dat *Q*

<sup>522</sup> quia *EHIJMNOPQR*, quod *V*

<sup>523</sup> homine *EHIJMNOQRV*, homini *P*

<sup>524</sup> enim *add. HIJ*

<sup>525</sup> dignior *EHIJMNOQRV*, indignior *J*

<sup>526</sup> omnibus *EHIJMNOQRV*, hominibus *P*

<sup>527</sup> Hominis *om. P*

<sup>528</sup> quia Dei Hominis genitrix erit *EHIJMNOPRV*, Dei et hominis mater erit *Q*

<sup>529</sup> aufert *EHIJMNOQV*, confert *R*

<sup>530</sup> donum *om. IRV*

<sup>531</sup> crearetur *EHIJMNOQRV*, cresceret *P*

<sup>532</sup> fuissetis *EHIJMOPQRV*, essetis *N*

<sup>533</sup> accepissetis *EHIJMNO*, accipitis *I*, accepistis *QRV*

<sup>534</sup> si *EHIJMNOQ*, quia *A*, *om. IR*, cum *V*

<sup>535</sup> nihil amittimus ipsi." Euchudiel (*HIR Eucuthiel*) *JMOPQV*, nihil amittimus. Ipse Euchudiel *EN*

<sup>536</sup> bonum *add. QR*

<sup>537</sup> est *om. AIQRV*

<sup>538</sup> sensum *EHIJMNOQRV*, sensus *P*

<sup>539</sup> ille *EHIJMNPQRV*, ipse *O*

<sup>540</sup> Sunt *EHIJMNOQR*, Si *V*

<sup>541</sup> numquam audita *add. N (in marg.)*

<sup>542</sup> pura *EHIJMNOQRV*, puta *P*

<sup>543</sup> pura *add. EHINO*

fuissent<sup>544</sup>. Sed oportuit ut<sup>545</sup> crearetur illa<sup>546</sup> que simul esset corporea et incorporea. Ita congruum fuit, ex quo potest fieri, ut fieret una res<sup>547</sup> que esset Deus et substantia corporea atque incorporea et omnia<sup>548</sup> unirentur et copularentur<sup>549</sup> in uno. Nam in<sup>550</sup> homine coniungebatur corporeum cum incorporeo, et accidentia corporea copulata erant accidentibus incorporeis et immaterialibus in ipso homine. Restabat hoc, ut homo copularetur Deo et proprietates hominis conuenirent Deo<sup>551</sup> et proprietates<sup>552</sup> Dei conuenirent homini. Et ita in una re<sup>553</sup> fieret coniunctio<sup>554</sup> omnium rerum et aliquomodo<sup>555</sup> Deus omnis res appellaretur quia appellando eum hominem in quo est esse, uiuere et intelligere, in quo utraque substantia et utraque<sup>556</sup> accidentia sunt, appellabimus eum omnem rem. Et quia etiam homo erit Deus, in quo sunt omnes res, quodammodo omnia erunt Deus, omnia erunt<sup>557</sup> plena Deo et Deus plenus omnibus. Et quamuis sit plenus omnibus, quia<sup>558</sup> omnia in ipso continentur et uiuunt<sup>559</sup> et sunt nobiliori modo quam in se, non tamen eo modo nunc sunt omnia in ipso, quasi res ipse secundum suum esse sunt in ipso sicut erunt [80] quando assumet humanitatem. Noli<sup>560</sup> ergo mirari si assumat<sup>561</sup> potius humanitatem quam naturam nostram<sup>562</sup>. Nam assumendo humanitatem etiam nos assumit, quia anima illius hominis conuenit nobiscum. Si enim<sup>563</sup> assumpsisset unum ex nobis, propter hoc alios<sup>564</sup> non assumpsisset<sup>565</sup> specie differentes nisi sicut et nunc<sup>566</sup> assumendo hominem. Nolite<sup>567</sup> ergo mirari neque contristari. Parete Deo<sup>568</sup>, parete et Homini Deo, subicite uos uoluntati eius.

Lucifer iterum loqui superbe<sup>569</sup> cepit: Quid mihi confert si congruentius sit illud<sup>570</sup>? Satis mihi est<sup>571</sup> quod me assumere potuisset et ita ego fuisset Deus et hoc mihi fuisset melius, hoc excelentius. Adorare hominem respuo, sit Deus Homo. Non compellat<sup>572</sup> me hominem colere aut uenerari.

<sup>544</sup> fuissent *EHJMNO PQ*, fuisset *IRV*

<sup>545</sup> ut *EHIJMN PQRV*, quod *O*

<sup>546</sup> crearetur illa *EHIJMN PQ*, crearet illam *RV*

<sup>547</sup> res *EHIJMNO QRV*, uel *P*

<sup>548</sup> incorporea et (*M add. sup. lin ut*) omnia *AHJMP*, incorporea ut omnia *EINO QRV*

<sup>549</sup> unirentur et copularentur *EHIJMN OPQR*, unirent et copularent *V*

<sup>550</sup> uno *add. V*

<sup>551</sup> proprietates hominis conuenirent Deo *EHIJMN OPV*, et proprietatibus hominis uniretur se Deus *Q*

<sup>552</sup> hominis conuenirent Deo et proprietates *om. E*

<sup>553</sup> in una re *EHJMNO PQ*, una res *IRV*

<sup>554</sup> coniunctio *EHIJMN OPQR*, conuentio *V*

<sup>555</sup> aliquomodo *EHIJMN OPQR*, aliquando *V*

<sup>556</sup> utraque *EHJMNO PQ*, utriusque *IRV*

<sup>557</sup> Deus, omnia erunt *om. IRV*

<sup>558</sup> Deus plenus omnibus. Et quamuis sit plenus omnibus quia *EHIMOP QRV*, Deus plenus omnibus quia *N*

<sup>559</sup> uiuunt *EHIJMN OPQR*, uniunt *V*

<sup>560</sup> Noli *EHJMNO P*, Nolite *I QRV*

<sup>561</sup> assumat *EHIJMNO QRV*, assumet *P*

<sup>562</sup> nostram *EHIJMN OPQR*, uestram *V*

<sup>563</sup> enim *EHJMNO P*, etiam *AIO QRV*

<sup>564</sup> alios *HINOP QRV*, alias *EJM*

<sup>565</sup> res *add. E*

<sup>566</sup> nisi sicut et nunc *EHIJMN OP RV*, sicut nec nunc *A*, sicut et unum *Q*

<sup>567</sup> nolite *EHIJMN OP RV*, noli *M*

<sup>568</sup> parete *add. V*

<sup>569</sup> superbe *EHIJMN OP QRV*, super hoc *A*

<sup>570</sup> illud *EHJMP QV*, istud *INOR*

<sup>571</sup> est *EHJMNO PQ*, esset *IRV*

<sup>572</sup> compellat *HIMNO P QRV*, compellor *EJ*

Ad quem Michael: Si homo ille Deus est et Deum adorabis, nonne et hominem adorabis<sup>573</sup>?

Respondit Lucifer: Ego bene distinguam inter deitatem et humanitatem. Adorabo illam, respuam istam<sup>574</sup>.

Michael iterum: Nimum<sup>575</sup> certe superbus es. Vis respuere illum hominem qui uere Deus est? Respice, miser, agnosce Creatorem tuum.

Vriel quoque, frater noster, dixit: Luceat lux Dei in te. Quomodo obscuratum est aurum<sup>576</sup>! Sol<sup>577</sup> tenebris inuolutus est. Quomodo cecidit qui mane oriebatur! Pete, miser, ueniam, humilia te et lux tua redibit.

Huic unus eorum respondit<sup>578</sup>: Vos in tenebris estis, quia nature uestre nobilissime obliti. Hominem Deum facitis et uos ignobiliori uobis<sup>579</sup> subicere proponitis. Magna dementia est uestra ut uelitis uos<sup>580</sup> deprimere sublimes et extollere depressos.

Alius<sup>581</sup> ex parte Luciferi adiunxit<sup>582</sup>, uolens eos concordare, et dixit<sup>583</sup>: Audite omnes consilium meum et de illo contenti estote. Postquam placuit Deo<sup>584</sup> hominis naturam assumere, assumat eam. Estote<sup>585</sup> de hoc contenti. Sed assumat etiam naturam nostram et nulli fiet<sup>586</sup> iniuria.

Lucifer addidit: Non placet mihi quod dicis, quia pati nequeo ut homo sit mihi equalis.

Et ille: Minus malum eligendum<sup>587</sup> est. Semel decretum est illud, ut Deus sit homo. Si angelus etiam fuerit Deus, minus malum est.

Et magna pars malorum angelorum in hanc sententiam consensit<sup>588</sup>. Sed<sup>589</sup> alii resistebant et hoc<sup>590</sup> quoque nolebant. Alii quoque<sup>591</sup> ipsorum<sup>592</sup> dicebant: Fiat Deus homo, fiat et angelus. Sed quod angeli et homines<sup>593</sup> adorent Deum Angelum, et homines<sup>594</sup> soli Deum Hominem ita quod angeli non subiciantur<sup>595</sup> homini ullo pacto. Vel si homines nolunt<sup>596</sup> subici Deo Angelo, non curamus. Satis est ut nos non subiciamur illis.

Alii dicebant inter eos<sup>597</sup>: Subiciamur<sup>598</sup> et nos Deo Homini et illi Deo Angelo.

---

<sup>573</sup> et Deum adorabis nonne et hominem adorabis *EHJMOPQRV*, nonne Deum et hominem adorabis *N*

<sup>574</sup> illam...istam *EHJMNOPRV*, unam...aliam *Q*

<sup>575</sup> Mimum *EHJMNOQRV*, Hominum *I*

<sup>576</sup> aurum *EHJMNOQVR*, durum *V*

<sup>577</sup> in *add. HMN*

<sup>578</sup> Huic unus eorum respondit *EJMNO*, Huic cacodemon respondit *O*, Respondit *P*, Huic Lucifer respondit *HIV*, huic respondit *R*

<sup>579</sup> uobis *EHJMNOQRV*, nobis *O*

<sup>580</sup> uos *EHJMNOQRV*, uos *H*

<sup>581</sup> cacodemon *add. O*

quoque *add. EJNQ*

<sup>582</sup> adiunxit *GHIJMNOQRV*, subiunxit *E*

<sup>583</sup> dixit *EHJMNOPRV*, ait *Q*

<sup>584</sup> Deo *add. M (sup. lin. a.m.), om. JP*

<sup>585</sup> Estote *EHJMNOPRV*, State *Q*

<sup>586</sup> et nulli fiet *EHJMNOPRV*, ut nulli fiat *Q*

<sup>587</sup> eligendum *EIJMNOPRV*, eligendus *H, om. Q*

<sup>588</sup> consensit *HMNOQ*, consenserunt *EIJPRV*

<sup>589</sup> certabant cui hoc esset concedendum *add. M (in marg. a.m.) NOQ*

<sup>590</sup> hoc *om. R*

<sup>591</sup> Alii quoque *EHJMNOQV*, Aliique *IR*

<sup>592</sup> ipsorum *om. N*

<sup>593</sup> soli *add. M (sup. lin. a.m.)*

<sup>594</sup> adorent Deum Angelum et homines *om. O*

<sup>595</sup> Deo *add. M (int. lin.) NOQ*

<sup>596</sup> nolunt *EHMOV*, nolint *IR*, nollent *N*, uolunt *JP*, nollet *Q*

<sup>597</sup> eos *EHJMOPQRV*, illos *N*

Sed omnes affirmabant: Nolumus nisi illum unicum adorare hominem, non matrem eius neque ullum alium.

Et ita, o Maria<sup>599</sup>, Virgo<sup>600</sup> sanctissima, intellexisti certamen illud nostrum. Audisti tandem et percepisti quomodo de Filio tuo mox concipiendo fuit aliqua contentio<sup>601</sup>. Sed te omnes repulerunt neque super se illi iniqui regnare uoluerunt.

Maria dixit: Audio inaudita! Grandis conflictus fuit iste. Deo resistebat creatura sua. Propter me et filium quem mihi annuntias orta est ista ualida tempestas. Verum<sup>602</sup> ex quo cepisti, narra residuum istius magni prelii. Libentissime namque audio ista secreta.

Cum nos, o Maria, uideremus eos inter se diuisos et discordes et uane<sup>603</sup> errantes, tunc Saltiel<sup>604</sup>, unus ex sociis nostris, Michaelae hortante<sup>605</sup>, dixit: "Omnes, o<sup>606</sup> infelices, erratis et a Deo auersi estis et nullus uestrum<sup>607</sup> recte loquitur. Neque tu qui concordiam [81] inducere uoluisti recte locutus es. Vis legem ferre<sup>608</sup> uoluntati Dei que<sup>609</sup> super<sup>610</sup> omnem legem<sup>611</sup> est. Similiter et uos alii uidemini uelle cum conditione Deo obedire. Non est inuestiganda causa uoluntatis eius. Homo fiet Deus, non angelus<sup>612</sup>. Angeli adorabunt Hominem illum et ipsius<sup>613</sup> matrem uenerabuntur. Non uult<sup>614</sup> ut homines adorent angelum.

Hec et<sup>615</sup> similia<sup>616</sup> nostri inducebant contra illos<sup>617</sup>. Tu, serue Dei, que hic pono aduerte et connecte<sup>618</sup> cum illis que alias tibi de hoc conflictu narraui, quia et illa et ista omnia Marie Virgini in<sup>619</sup> illa nocte narraui. Verba Michaelis que tunc dixit<sup>620</sup> et qualiter Deus expectabat conuersionem ipsorum<sup>621</sup> et qualiter, cum nollent conuerti, proiecti sunt de celo in caliginem<sup>622</sup> et nebulas<sup>623</sup>, hec omnia tunc Marie<sup>624</sup> nostre Regine sanctissime<sup>625</sup> narraui. Addidique<sup>626</sup> id quod tunc Barchiel dixerat, qui ibi mecum erat

---

<sup>598</sup> subiciamur *EHIJMNOPQR*, subiciamus *V*

<sup>599</sup> Maria *om. N*

<sup>600</sup> Virgo *add. M (sup.lin.a.m.)*

<sup>601</sup> contentio *EHMOPQR*, conuentio *GIJNV*

<sup>602</sup> Verum *EGHIJMOPQRV*, Sed *N*

<sup>603</sup> uane *JMNOQ*, uarie *EGHIPRV*

<sup>604</sup> Saltiel *EHIJMNOPQV*, Salachiel *G*

<sup>605</sup> hortante *EGHIJMNOPR*, exortante *Q*, orante *N*

<sup>606</sup> uos *add. Q*

<sup>607</sup> uestrum *om. Q*

<sup>608</sup> ferre *HIJNOPQRV*, facere *EGM*

<sup>609</sup> que *EGHIJMNOPQRV*, qui *A*

<sup>610</sup> super *EGHIJMNOPQ*, supra *IRV*

<sup>611</sup> omnem legem *EGHIJMNOPRV*, omnes leges *Q*

<sup>612</sup> angelus *EGIJMNOPQRV*, angeli *H*

<sup>613</sup> ipsius *EGHIJMOPQRV*, illius *N*

<sup>614</sup> Deus *add. Q*

<sup>615</sup> his *add. N*

<sup>616</sup> similia *EGHIJMNOPQV*, simili *R*

<sup>617</sup> illos *EGHIJMOPQRV*, eos *N*

<sup>618</sup> connecte *EGHIJMNOPRV*, comple *Q*,

<sup>619</sup> in *om. HIRV*

<sup>620</sup> dixit *EGHIJMNOPQ*, dixi *RV*

<sup>621</sup> ipsorum *EGHIJMNOP*, illorum *IQRV*

<sup>622</sup> caliginem *EGHIJMNOQRV*, caligine *P*

<sup>623</sup> nebulas *EGHIMNOPQRV*, nebulis *J*

<sup>624</sup> Marie *om. GHINORV*

<sup>625</sup> sanctissime *om. GIRV*

<sup>626</sup> Addidique *EGHIJMNOPQR*, Audique *V*

tamquam nuntius Spiritus Sancti. Dixique<sup>627</sup>: Facto<sup>628</sup> prolixiore<sup>629</sup> conflictu inter nos atque illos, o Maria, tunc Barchiel, frater meus hic assistens, dixit:

Conuertimini, o miseri, conuertimini. Ecce Deus noster<sup>630</sup> benedictus uos prestolatur et benigne expectat. Secus ruetis in abyssum et ad inferos descendetis. Benedicite Dominum, magnificate creatorem uestrum in quo<sup>631</sup> summa iustitia nullaque iniquitas.

Ipsi itaque inter se dicebant: Vbi est abyssus illa? Vbi inferi<sup>632</sup>?

Tandemque, nolentibus illis acquiescere, subito Pater Omnipotens creauit Solem cum celis<sup>633</sup> inferioribus et elementis, ut tibi, serue Dei, alias dixi. Sic<sup>634</sup> et Marie tunc<sup>635</sup> omnia declarauit. Et ipsis respicientibus salubria monita Barchielis<sup>636</sup> fratris nostri, proiecti sunt et<sup>637</sup> in his tenebris inclusi<sup>638</sup>.

Tunc, o Maria, Michael sumens uerba Barchielis cecinit psalmum istum, nobis respondentibus, et compleuit.<sup>639</sup>

Magnificemus Dominum<sup>640</sup> Deum nostrum et exaltemus<sup>641</sup> nomen sanctum eius  
Ipse est Deus noster, glorificemus eum, Dominus noster est<sup>642</sup>, exaltemus eum  
Dextera eius magnificata est in fortitudine, deiecit aduersarios nostros  
Stulti sunt omnes qui repugnant ei, maledicti qui declinant a mandatis suis<sup>643</sup>  
In ipso non cadit ignorantia nec error, in uoluntate eius nulla est iniquitas  
Quecumque uoluerit bona sunt et iusta, quecumque mandauerit recta sunt et sancta  
Maius bonum iuste<sup>644</sup> tribuit minori et minus recte maiori  
Non semper dantur<sup>645</sup> maiora maioribus neque<sup>646</sup> minora minoribus  
Primus intellectus errare nequit, optimus male uelle non potest  
Primo nihil est prius, optimo nihil est melius<sup>647</sup>  
Tribuit unicuique ut sibi placet, uni magis quam alii<sup>648</sup>, nihil<sup>649</sup> debet  
Ille solus apud eum<sup>650</sup> est dignus quem ipse fecerit dignum  
Super omnia est diligendus et tamquam Rex seculorum immortalis adorandus  
Deum qui uos condidit dereliquistis et obliuiscitis Domini creatoris uestri  
Dereliquistis Deum factorem<sup>651</sup> uestrum et recessistis a Deo saluatore uestro

<sup>627</sup> Dixique *EGHIMNOPQR*, Dixitque *JV*

<sup>628</sup> Facto *om. G*

<sup>629</sup> prolixiore *EGHJNOQRV*, prolixiori *MP*

<sup>630</sup> noster *EGHIJMNOPRV*, uester *Q*

<sup>631</sup> est *add. GNO*

<sup>632</sup> inferi *EGHIJMNOPRV*, inferius *Q*

<sup>633</sup> celis *EGIJMNOPQRV*, ceteris *H*

<sup>634</sup> Sic *om. EJ*

<sup>635</sup> tunc *om. V*

<sup>636</sup> Barchielis *EGHIJMNOPQRV*, Barachielis *A*

<sup>637</sup> et *om. V*

<sup>638</sup> et in his (his *om. R*) tenebris inclusi *EGHIMNOPQRV*, et sic in tenebris inclusi *J*

<sup>639</sup> et compleuit *om. P*

Angelorum psalmus in uersiculis, Michaele ita incipiente *add. E*

Psalmum quem angeli cecinerunt quando angeli mali ceciderunt *add. I (R in marg) V*

<sup>640</sup> Dominum *EHI(M sup.lin.a.m.) OQRV*, Deum *GN, om. JP*

<sup>641</sup> exaltemus *EGHIMNOPQR*, exultemus *JV*

<sup>642</sup> est *EHLJMNOPQV*, et *GR*

<sup>643</sup> suis *EGHIJMNOPQRV*, eius *A*

<sup>644</sup> iuste *EGHIJMNOPQRV*, recte *P*

<sup>645</sup> dantur *EGHIJMNOPRQ*, dat *V*

<sup>646</sup> neque *EGHIJMNOPQRV*, et *N*

<sup>647</sup> melius *EGHIMNOPQRV*, maius *J*

<sup>648</sup> alii *GJMOQ*, alteri *N*, alio *EHIPRV*

<sup>649</sup> nihil *EGHIJMNOPQRV*, non *A*

<sup>650</sup> Ille solus apud eum *EGHIJMNOPQRV*, Ille solum apud Deum *A*

Vos magis quam Deum amastis, ipso inuito, dii esse uoluistis  
 Commutationem iniquam fecistis, relicto Deo, creature<sup>652</sup> adhesistis  
 Prouocastis Deum in diis falsis, pium<sup>653</sup> ad iracundiam incitastis<sup>654</sup>  
 Ideo tamquam lapis<sup>655</sup> descendistis et de sedibus altis cecidistis  
 Date magnitudinem Deo nostro, perfecta sunt eius opera et iusta iudicia  
 Deus optimus est et sine ulla iniquitate, sanctus et rectus Dominus  
 Omnia coniunxit in uno<sup>656</sup>, posuit omnia<sup>657</sup> in Homine Deo  
 Amor summus ita uoluit, dispersa ipse congregauit  
 Plenus est Deus omnibus et omnia sunt plena Deo  
 [82] Non est mirum si hominem assumpsit et assumere noluit angelum  
 Homine assumpto, assumpsit omnia, angelo assumpto, non assumpsisset<sup>658</sup> omnia  
 Quam magnificata<sup>659</sup> sunt opera tua, Deus<sup>660</sup>, omnia sapientissime fecisti<sup>661</sup>  
 Adorate pronissimi<sup>662</sup> Deum Hominem et ueneramini<sup>663</sup> eius Genitricem  
 Adorate eum<sup>664</sup> omnes angeli eius, benedicite potestates et uirtutes  
 Benedicite, Angeli Domini<sup>665</sup>, Deum Hominem, ministri eius qui facitis uoluntatem  
 eius<sup>666</sup>  
 Benedicite Genitrici<sup>667</sup> eius, suscipite homines ut fratres uestros  
 Sit gloria Deo Trino<sup>668</sup> in seculum seculi, letentur<sup>669</sup> omnes in operibus eius<sup>670</sup>

Tunc Maria dixit: Beati uos, angeli, qui uoluntati Creatoris uestri uos humiliter<sup>671</sup>  
 subiecistis<sup>672</sup>. Sed scire uellem quomodo primi parentes nostri lapsi sunt tam  
 miserabiliter in peccatum.

Tunc ego narraui omnia illa que iam tibi dixi et ea conscripsisti<sup>673</sup>. Dixique Marie,  
 quod non scripsisti, qualiter creato Adam et ei<sup>674</sup> obedientia data, nos<sup>675</sup> angeli illum  
 psalmum "Domine, Dominus noster, quam admirabile est nomen tuum in uniuersa

---

651 factorem *EGHIJMOPQRV*, saluatorem *N*

652 creature *EGHIJMNO PQ*, creatore *RV*

653 pium *EGHIJMNOQRV*, ipsum *P*

654 incitasti *EGHIJMNOQRV*, prouocasti *A*

655 lapis *EGHIJMNO PRV*, lapides *Q*

656 uno *EGHIJMNOQRV*, uerbo *P*

657 omnia *EGHIJMNO PQR*, animam *V*

658 assumpsisset *EGHIJMNO PQR*, assumpsit *V*

659 magnificata *EGJMNO PQRV*, magnifica *HI*

660 Deus *EGIJMNO PQRV*, Domine *H*

661 fecisti *EGHJMNO PQRV*, facis *I*

662 Adorate pronissimi *GJMOP*, Adorare promissimus *AHI* (*O sup.lin.* Adorare pronissimi) *RV*, Adorate promissum *EN*

663 ueneramini *EGMNP*, uenerari *AHI* (*O sup.* ueneramini) *RV*, ueneremini *Q*

664 eum *EGHIMNPQRV*, Deum *O*

665 Angeli Domini *EGHJMNO PRQ*, Angeli Dominum *A*, Dominum *V*

666 Benedicite, Angeli Domini, Deum Hominem, ministri eius qui facitis uoluntatem eius *om. G, add. O* (*in marg.a.m.*)

qui facitis uoluntatem eius *om. P*

667 Genitrici *EGHIMNO PRV*, Genitricem *Q*

668 Trino *HIMNRV*, Uno *G*, Viuo *EOPQ*

669 letentur *EHIMNO PQRV*, letemur *AGJ*

670 eius *EGHIJMNO PQR*, suis *V*

671 humiliter *EGHIJMNOQRV*, humiles *P*

672 subiecistis *EGHIJMNO PRQ*, subiectis *V*

673 conscripsisti *EGHIJMNO PQR*, conscripsi *V*

674 ei *EGHJMNO PQ*, eius *IRV*

675 nos *EGHIJMNO PQR*, non *V*

terra<sup>676</sup> cecinimus, in quo sunt<sup>677</sup> nouem uersus. Et primus chorus<sup>678</sup> primum decantauit et ita de aliis per ordinem. Deinde ego ipsum<sup>679</sup> prophete hic astanti reuelai. Psalmum deinde<sup>680</sup> quem nos eternaliter<sup>681</sup> canebamus Deo, tunc Marie reuelai. Tibi uero ipsum reuelabo quando de Trinitate quedam reserabo<sup>682</sup>. Tria alia<sup>683</sup> cantica que<sup>684</sup> tunc Marie dixi et reuelai<sup>685</sup>, nunc<sup>686</sup> et tu accipe. Primum est quod nos cecinimus<sup>687</sup> quando in quinque diebus Deum uidimus celos et elementa et omnia preter<sup>688</sup> hominem miro modo creasse. Secundum, pro creatione hominis. Tertium, Ade quod fecit<sup>689</sup> tunc quando Eua ad ipsum adducta fuit. Quartum<sup>690</sup> addo quod etiam Mariam<sup>691</sup> non latuit.

Psalmum Adam et Eue ueniam peccatorum suorum petentium et obtinentium.<sup>692</sup> Barchiel ita cepit.<sup>693</sup>

Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, exaltemus<sup>694</sup> et magnificemus eum in secula

Quia de terra informi et incomposita fecit tot et tanta<sup>695</sup> mirabilia

Solem produxit in orbe suo cum omnibus uariis circulis suis

Produxit et<sup>696</sup> aquas super ipsum, que non tangebant illum

Benedicatur Pater et Filius cum Sancto Spiritu, exaltetur<sup>697</sup> et magnificetur per<sup>698</sup> secula

Ipse enim producendo Solem produxit omnes alios orbes<sup>699</sup> preter unum

Ostendit potentiam suam magnam, quia inferiora, non motis<sup>700</sup> superioribus, mouere potest

Creauit postera<sup>701</sup> die firmamentum cum globis stellarum absque influencia

Omnipotens, omnia simul facere poterat, sed ne deciperemur<sup>702</sup> noluerat<sup>703</sup>

Tertia die hinc et inde congregauit aquas et uarie fecit<sup>704</sup> apparere aridam

<sup>676</sup> nomen tuum in uniuersa terra *EGIJMNOPRV*, *om. H*, etc. *Q*

<sup>677</sup> sunt *EGHIJMNOQRV*, sicut *P*

<sup>678</sup> chorus *om. V*

<sup>679</sup> ipsum *EGHIJMNORV*, ipsius *P*, ipsum psalmum *Q*

<sup>680</sup> deinde *EGHIJMNQRV*, Domini *P*

<sup>681</sup> eternaliter *om. E*

<sup>682</sup> reserabo *EGHIJMNOPRV*, reuelabo *Q*

<sup>683</sup> alia *om. V*

<sup>684</sup> que *om. GHQ*

<sup>685</sup> Tibi uero ipsum reuelabo *add. O*

<sup>686</sup> reuelai, nunc *EGHIJMNOPRV*, reuelai. Nunc *Q*

<sup>687</sup> cecinimus *EGHIJMNOPQR*, cecimus *V*

<sup>688</sup> preter *EGHIJMNOQRV*, propter *P*

<sup>689</sup> Tertium, Ade quod fecit *EGHIJMNOPRV*, Tertium quod fecit Adam *Q*

<sup>690</sup> quoque *add. IR*

<sup>691</sup> Mariam *EGHIJMNOPQR*, Maria *V*

<sup>692</sup> quando Deus fecit celum et terram, mare et que in eis sunt. Ita *add. Q*

<sup>693</sup> Psalmus quando Deus omnia creauit preter hominem, quem angeli continue canebant *add. I (R in marg. a.m.) V*

<sup>694</sup> exaltemus *EGHIJMNORV*, exultemus *P*, Laudemus *Q*

<sup>695</sup> et tanta *om. GHQ*, *add. M (in marg. in. a.m.)*

<sup>696</sup> et *om. V*

<sup>697</sup> exaltetur *EGHIJMNOPRV*. laudetur *Q*

<sup>698</sup> per *HIJMNOPRV*, in *EGQ*

<sup>699</sup> orbes *om. Q*

<sup>700</sup> motis *EGHIJMNOPQRV*, motus *I*

<sup>701</sup> postera *EGHIJMNOPQR*, postea *V*

<sup>702</sup> deciperemus *GHIJMNOPQRV*, deciperentur *E*

<sup>703</sup> noluerat *EGIJMNOPQRV*, noluit *H*

Protulit terra herbam et plantas uirentes, unicuique concessit semen iuxta genus suum  
 Benedicite, ministri tanti<sup>705</sup> operis, Dominum<sup>706</sup>, magnificate uirtutem<sup>707</sup> eius  
 Quarta die<sup>708</sup> addidit<sup>709</sup> alia luminaria ut influerent in hec inferiora  
 Inter alia uidimus duo magna luminaria<sup>710</sup>, ut<sup>711</sup> maius diei et minus preesset nocti  
 Addidit planetas et stellas ut luceant et influant<sup>712</sup> in elementa  
 Quinta die produxit innumera<sup>713</sup> genera piscium et animalium uolatilium<sup>714</sup>  
 Bestias quoque<sup>715</sup> et iumenta et uniuersa que reptant<sup>716</sup> super terram  
 Magnus est<sup>717</sup> Deus noster et magnificus atque laudabilis<sup>718</sup> nimis  
 Laudent eum celi et terra<sup>719</sup> et omnia que in eis sunt  
 [83] Ex ipso et per ipsum et in ipso sunt omnia, tribus gloria et<sup>720</sup> honor detur unus  
 Terram<sup>721</sup> ipse<sup>722</sup> creando et nostrum celum ex ipsa<sup>723</sup> creauit, residuum pro aliis  
 diebus<sup>724</sup> conseruauit<sup>725</sup>  
 Potenter omnia fecit, cum sapientia et amore omnia fabricauit  
 Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, exaltemus et magnificemus eum  
 in secula

Quando Adam, euigilans, uidit Euam ante se, prorupit<sup>726</sup> in hec<sup>727</sup> uerba<sup>728</sup>

Omnia que in mundo<sup>729</sup> erant aspiciebam<sup>730</sup>, nullum<sup>731</sup> mihi simile<sup>732</sup> inueniebam  
 Non est certe<sup>733</sup> umquam<sup>734</sup> consolatio perfecta solitario  
 Hec nunc est os<sup>735</sup> de ossibus meis et caro de carne mea

<sup>704</sup> et uarie fecit *EGHJMNPQRV*, et mare, fecit *O*

<sup>705</sup> ministri tanti *EGHJMNOPOQ*, omnes ministri tanti *I*, omnes ministranti *RV*

<sup>706</sup> Dominum *EGHJMNOPOQR*, Domini *V*

<sup>707</sup> uirtutem *EGHJMNOPOQRV*, uirtutes *M*

<sup>708</sup> die *om. V*

<sup>709</sup> Deus *add. M (sup.lin.a.m.) O*

<sup>710</sup> ut influerent in hec inferiora. Inter alia uidimus duo magna luminaria *om. V*

<sup>711</sup> ut *om. P*

<sup>712</sup> influant *EGIJMNOQR*, influent *P*, fluant *V*

<sup>713</sup> innumera *EGHJMNOPOQR*, iumenta *JV*

<sup>714</sup> uolatilium *EGHJMNOPOQR*, uolantium *V*

<sup>715</sup> quoque *om. IRV*

<sup>716</sup> reptant *EGHJMNOPR*, restant *Q*, raptant *V*

<sup>717</sup> est *om. V*

<sup>718</sup> atque laudabilis *om. IRV*

<sup>719</sup> reliqua elementa *add.A (M in marg.a.m.) GOQ*

<sup>720</sup> gloria et *om. IV*

<sup>721</sup> Terram *EGHJMNOPOQRV*, Terra *I*

<sup>722</sup> ipse *EGHJMNOQRV*, ipsa *M*, ipsam *P*

<sup>723</sup> nostrum celum ex ipsa *om. Q*

<sup>724</sup> diebus *om. GIJORV*

<sup>725</sup> conseruauit *EGHJMNOPRV*, reseruauit *Q*

<sup>726</sup> prorupit *EGHJMNOPRV*, prorumpit *Q*

<sup>727</sup> hec *om. R*

<sup>728</sup> dicens hunc psalmum *add. I*

Psalmus Ade quem antea quam peccauit dictauit in laudem Dei *add.Q*

Psalmus Ade quando Deus creauit Euam *add. R (in marg.a.m.) V*

<sup>729</sup> mundo *EHJMNOPRV*, uniuersum *Q*

<sup>730</sup> aspiciebam *EHJMOPQ*, respiciebam *N*, inspiciebam *GIRV*

<sup>731</sup> nullum *EGHJMNOPRV*, nihil *Q*

<sup>732</sup> simile *EGHJMNOPOQRV*, similem *J*

<sup>733</sup> certe *om. V*

<sup>734</sup> umquam *EGHJMNOPOQR*, numquam *V*

<sup>735</sup> os *om. V*

Propter hoc<sup>736</sup> relinquet homo<sup>737</sup> patrem et matrem et erunt duo in carne una  
 Mas adhaerebit uni femine et femina uni uiro  
 Pater filie non copuletur<sup>738</sup> et multominus filius matri  
 Me Deus fecit stipitem nature humane et sociam dedit mihi  
 Ex nobis duobus omnes<sup>739</sup> generabuntur, sine patre et matre nemo nascetur  
 Sed ut omnis combinatio<sup>740</sup> inueniatur, filius sine patre orietur<sup>741</sup> ex matre<sup>742</sup>  
 Ego ex nullo homine prodii, hec a me originem traxit<sup>743</sup>  
 Ex duobus omnes alii generabuntur, unus ex femina sine uiro  
 Magnum est hoc<sup>744</sup> sacramentum quod Dei cum populo copulationem ostendit  
 Tu uocaberis uirago quia de uiro tuo<sup>745</sup> te Deus excerpit<sup>746</sup>  
 Vocaberis et<sup>747</sup> Eua, quia cunctorum uiuentium mater<sup>748</sup>  
 Da huic dextere dexteram tuam<sup>749</sup> et osculum sanctum labiis meis  
 Crescamus et multiplicemur, populum Dei cultorem producamus<sup>750</sup>  
 Ipse suos cultores poterat omnes simul producere<sup>751</sup>, communicauit nobis proprias  
 actiones  
 Que<sup>752</sup> per alios facere potest, raro uel numquam per se ipsum facit  
 Et ipse<sup>753</sup> non beat<sup>754</sup> indiuiduum<sup>755</sup> propter speciem, sed beat<sup>756</sup> speciem propter  
 indiuidua  
 Sed antequam iungamur, uxor mea, uacemus contemplationi et rebus diuinis  
 Deinde cum timore Dei nostri implebimus<sup>757</sup> mandata eius<sup>758</sup>  
 Gloria et honor sit Deo trino et uni, omnipotenti et sempiterno

Hec Adam dixit.

Et prius debuisssem narrare tibi<sup>759</sup> psalmum<sup>760</sup> de creatione hominis, quando nos omnes rogauimus, canendo<sup>761</sup>, Deum nostrum ut iam<sup>762</sup> crearet hominem, quia nimium

<sup>736</sup> Propter hoc *EGHIJMNOPQRV*, Ideo *A*

<sup>737</sup> homo *om. V*

<sup>738</sup> copuletur *EGHIJMOPQRV*, copulet *N*

<sup>739</sup> alii *add. M*

<sup>740</sup> combinatio *EGHIJMNOPQR*, concubinatio *V*

<sup>741</sup> orietur *EGHIJNORV*, nascetur *MPQ*

<sup>742</sup> Sed ut omnis combinatio inueniatur, filius sine patre orietur ex matre *om. G*

<sup>743</sup> traxit *EGHIJMNOQRV*, incepit *P*

<sup>744</sup> hoc *om. O*

<sup>745</sup> tuo *om. V*

<sup>746</sup> excerpit *GINORV*, excerpit *HMQ*, excepit *EJP*

<sup>747</sup> et *om. V*

<sup>748</sup> eris *add. R*

<sup>749</sup> tuam *om. RV*

<sup>750</sup> producamus *EGHJMNOQ*, predicamus *IRV*

<sup>751</sup> sed *add. Q*

<sup>752</sup> Que *EGHIJMNOQRV*, Quia *P*

<sup>753</sup> ipse *om. V*

<sup>754</sup> beat *EGHJMNO*, uehat *Q*, seruat *IRV*

et creat *add. O*

<sup>755</sup> indiuiduum *HJMNPQRV*, indiuidua *EGO*

<sup>756</sup> beat *GMNOP*, product *I*, beat et creat *AEHJ*, uehat *Q*, seruat *RV*

<sup>757</sup> implebimus *EGJMNOQ*, impleamus *H*, implemus *I* (*add. in marg. implebimus*) *RV*

<sup>758</sup> eius *EGHIJMNOPRV*, sua *Q*

<sup>759</sup> tibi *om. RV*

<sup>760</sup> illum *add. EGHI(M sup. lin.)NORV*

<sup>761</sup> canendo *om. O*

<sup>762</sup> iam *om. R*

cupiebamus uidere Deum Hominem<sup>763</sup> et Genitricem eius. Sed illum psalmum postmodum tibi<sup>764</sup> dicam<sup>765</sup> quem parentes uestri primi fecerunt.

Sed in primis audi, Maria<sup>766</sup>, et psalmum accipe quem fecimus Deo nostro ad hoc ut hominem promissum crearet qui esset nobiscum ciuis<sup>767</sup> ciuitatis superne<sup>768</sup>, me ita incipiente.<sup>769</sup>

Ardentissime atque fortissime Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus  
Ecce Terram et Lunam<sup>770</sup> creasti, hominem non uidemus<sup>771</sup> quem promisisti  
Ipsum<sup>772</sup> ut iam<sup>773</sup> producere uelis rogamus omnesque nos<sup>774</sup> humiliter  
supplicamus<sup>775</sup>

Sapientissime et scientia plenissime Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus

Ecce aquam et Mercurium creasti, hominem non uidemus<sup>776</sup> quem promosisti

Vt ipsum iam producas obsecramus tibi que humiliter supplicamus

Quietissime ac mansuetissime<sup>777</sup> Deus, ostende nobis<sup>778</sup> faciem illam quam uidimus

Ecce aerem et Venerem creasti, hominem non uidemus<sup>779</sup> quem promisisti<sup>780</sup>

[84] Producat eum mansuetudo<sup>781</sup> tua oramus tibi que humiliter supplicamus

Dominator omnium<sup>782</sup> atque rector Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus

Ecce ignem et Solem fabricasti, hominem non uidemus<sup>783</sup> quem promisisti

Erigat eum<sup>784</sup> dominatio tua magna rogamus omnesque nos<sup>785</sup> humiliter supplicamus

Virtutis<sup>786</sup> inuictissime Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus

Ecce ignem et Martem fabricasti, hominem non uidemus<sup>787</sup> quem promisisti

Producat eum grandis uirtus tua obsecramus tibi que humiliter supplicamus

Potestatis immense atque eterne Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus

Ecce aerem et Iouem creasti, hominem non uidemus<sup>788</sup> quem promisisti

---

<sup>763</sup> Hominem *EHIJMNOQV*, nostrum *G*

<sup>764</sup> tibi *om. V*

<sup>765</sup> Accipe nunc illum psalmum quartum *add. HI (M in marg. a.m.) NOQV*

<sup>766</sup> audi, Maria *GHMNOPQR*, audi Mariam *EV*

<sup>767</sup> ciuis *EGHIJMNOPRV*, ciuem *Q*

<sup>768</sup> superne *EGHIJMNOPRV*, supreme *Q*

<sup>769</sup> Canticum Angelorum ut Deus crearet Hominem Deum *add. Q*

Psalmus quem angeli cecinerunt ut hominem crearet *add. I (R in marg. a.m.) V*

Gabriel ita cepit *add. E*

<sup>770</sup> Lunam *EGHIJMNOQRV*, limum *P*

<sup>771</sup> uidemus *EGHIMNOPR*, uidimus *AJQV*

<sup>772</sup> Ipsum *EHIJMNOQV*, Eum *G*

<sup>773</sup> iam *om. GP*

<sup>774</sup> nos *om. IRV*

<sup>775</sup> supplicamus *EHIJMNOQV*, imploramus *G*

<sup>776</sup> uidemus *EGHIMNOP*, uidimus *AJQRV*

<sup>777</sup> mansuetissime *EGHIJMNOPRV*, amantissime *Q*

<sup>778</sup> nobis *om. Q*

<sup>779</sup> uidemus *EGHIMNOQRV*, uidimus *AJ*

<sup>780</sup> Ipsum ut iam producas obsecramus, tibi que humiliter supplicamus

Quietissime ac mansuetissime Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus

Ecce aerem et uenerem creasti, hominem non uidemus que promisisti *om. IRV*

<sup>781</sup> mansuetudo *EGHIMNOQRV*, mansuetudine *J*

<sup>782</sup> omnium *om. IRV*

<sup>783</sup> uidemus *EGHIMNOP*, uidimus *AJQRV*

<sup>784</sup> eum *om. IRV*

<sup>785</sup> omnesque nos *EHIJMOPRV*, omnesque *GN*, et *Q*

<sup>786</sup> Virtutis *EGHJMNOQ*, Virtus *IRV*

<sup>787</sup> uidemus *EGHIMNOP*, uidimus *AJQRV*

<sup>788</sup> uidemus *EGHIMNOPR*, uidimus *AJQV*

Producat eum ingens<sup>789</sup> potestas<sup>790</sup> tua oramus tibi que humiliter supplicamus  
 Princeps, dux atque Rex omnium Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus  
 Ecce Terram et Saturnum creasti, hominem non uidemus<sup>791</sup> quem promisisti  
 Producat eum maiestas tua rogamus<sup>792</sup> tibi que humiliter supplicamus  
 Angelorum princeps Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus  
 Ecce omnia<sup>793</sup> elementa et stellarum<sup>794</sup> orbem creasti, hominem non uidemus<sup>795</sup> quem  
 promisisti  
 Producat eum dignitas tua rogamus<sup>796</sup> tibi que humiliter supplicamus<sup>797</sup>  
 Angelorum optime creator Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus  
 Ecce iam<sup>798</sup> omnia<sup>799</sup> elementa<sup>800</sup> et celum omnia mouens creasti<sup>801</sup>, hominem non  
 uidemus<sup>802</sup> quem promisisti  
 Producas<sup>803</sup> eum qui et nos produxisti<sup>804</sup> rogamus tibi que humiliter supplicamus<sup>805</sup>

Tunc Deus uocauit de quolibet choro tres angelos sicut quilibet chorus tribus  
 uersibus eum rogauerat. Et narraui tunc<sup>806</sup> Marie modum creationis Adam et Eue et  
 nostre letitie et associationis Ade<sup>807</sup> usque in<sup>808</sup> paradysum uoluptatis<sup>809</sup> et temptationem  
 ipsorum per ordinem, sicut iam tibi reuelauit et conscripsisti pro consolatione humani  
 generis et informatione futuri pastoris cui liber iste conseruabitur<sup>810</sup>. Hi uero psalmi  
 placuerunt Marie supra quam dici possit<sup>811</sup> et exultauit spiritus eius cepitque et ipsa ita  
 canere atque orare.<sup>812</sup>

Omni ardore ardentior Deus, transmittite ad nos Filium tuum<sup>813</sup> quem diligimus  
 Omni sapientia sapientior Deus, transmittite ad nos tuam<sup>814</sup> Sapientiam quam

<sup>789</sup> ingens *EGHIJMNOPQR*, ignis *V*

<sup>790</sup> potestas *EGHIJMNOPRV*, patientia *Q*

<sup>791</sup> uidemus *EGHIMNOP*, uidimus *AJQORV*

<sup>792</sup> rogamus *GHJMNOPQ*, oramus *IRV*

<sup>793</sup> omnia *om. P*

<sup>794</sup> stellarum *EGJMNOP*, steliferum *HIRV*

<sup>795</sup> uidemus *EGHIMNOP*, uidimus *AJRV*

<sup>796</sup> rogamus *EGHJMNOP*, oramus *IRV*

<sup>797</sup> Angelorum princeps Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus

Ecce omnia elementa et steliferum orbem creasti, hominem non uidemus quem promisisti

Producat eum dignitas tua rogamus tibi que humiliter supplicamus *om. Q*

<sup>798</sup> iam *om. GIORV*

<sup>799</sup> omnia *om. H, er. R*

iam omnia *om. Q*

<sup>800</sup> elementa *EGHJMNOPQV*, elementum *IR*

<sup>801</sup> creasti *om. IRV*

<sup>802</sup> uidemus *EGHIMNOP*, uidimus *JQORV*

<sup>803</sup> Producas *EHJMNOQ*, producat *AGIPRV*

<sup>804</sup> produxisti *EGHIJMNOPQORV*, produxit *A*

<sup>805</sup> Angelorum princeps Deus, ostende nobis faciem illam quam uidimus

Ecce omnia elementa et steliferum orbem creasti, hominem non uidemus quem promisisti

Producat eum dignitas tua rogamus tibi que humiliter supplicamus *add. Q*

<sup>806</sup> dixi *add. R*

<sup>807</sup> et associationis Ade *EGHJMNOP*, associationem Ade *Q*, associamini Adam *IRV*

<sup>808</sup> in *EGHINOQORV*, ad *JMP*

<sup>809</sup> uoluptatis *EGHIJMNOPQORV*, uoluptatum *P*

<sup>810</sup> conseruabitur *EGHIJMNOPQR*, conscribitur *V*

<sup>811</sup> possit *EGHIJMNOPR*, potest *QV*

<sup>812</sup> cepitque et ipsa ita canere atque orare (dicere *E*): *EHIJMNOPQV*, cepitque ipsa cantare et dicere: *G*

Marie canticum ante consensum incarnationis Christi Domini *add. Q*

Marie uersus *add. I(R in marg.)V*

<sup>813</sup> tuum *om. Q*

diligimus

Omni mansuetudine benignior Deus, transmittite ad nos Benignitatem tuam<sup>815</sup> quam diligimus

Omnium dominantium<sup>816</sup> Domine Deus, transmittite ad nos Dominum quem diligimus<sup>817</sup>

Omnium uirtutum summa uirtus Deus<sup>818</sup>, transmittite ad nos Virtutem tuam<sup>819</sup> quam diligimus

Omnium potestatum potestas<sup>820</sup> Deus, transmittite ad nos Potestatem tuam<sup>821</sup> quam diligimus

Omnium principum<sup>822</sup> princeps Deus, transmittite ad nos<sup>823</sup> Pacis<sup>824</sup> Principem quem diligimus

Omnium angelorum dux<sup>825</sup> Deus<sup>826</sup>, transmittite ad nos Ducem quem diligimus

Omnium angelorum optime<sup>827</sup> creator Deus<sup>828</sup>, transmittite ad nos Creatorem nostrum<sup>829</sup> quem diligimus

Tunc ego dixi: Maria, ego<sup>830</sup> ad hoc missus sum et ad hoc<sup>831</sup> ueni cum his<sup>832</sup> fratribus meis, ut hoc mirabile commercium deitatis<sup>833</sup> cum humanitate ita fieret ut et Deus uelit<sup>834</sup> et humanum genus non respuat. Deus, Maria<sup>835</sup>, Verbum suum in utero tuo, me annuntiante, carnem suscipere iubet. Tua interest pro toto genere humano consentire. Dic, o Virgo, uerbum et suscipe Filium qui est Dei Patris Eternum Verbum.

Tunc Maria utrumque genu humiliter flectens, suspirans, gaudens, cum lacrimis dixit: Quis non consentiet<sup>836</sup> in tantum bonum<sup>837</sup>? Quis respuet<sup>838</sup> tam amplum<sup>839</sup> donum?<sup>840</sup> Consentio, cupio et flagito<sup>841</sup>. Ecce [85] ancilla Domini.

Inclinato capite, dixit: Fiat uoluntas Dei et Verbum Dei mihi conferatur secundum uerbum tuum.

---

<sup>814</sup> tuam *om. HIRV*

<sup>815</sup> tuam *om. GHIORV*

<sup>816</sup> dominantium *EGHIJMNOPQRV*, dominationum *A*

<sup>817</sup> Dominum quem diligimus *EGHIJMNOPQRV*, Virtutem tuam quam diligimus *A*

<sup>818</sup> Deus *om. AI*

<sup>819</sup> tuam *om. V*

<sup>820</sup> potestas *EGHIJMOPQRV*, potens *N*

<sup>821</sup> tuam *om. AGHIOV*

<sup>822</sup> principum *EGHMNOPQR*, principatum *IV*

<sup>823</sup> ad nos *om. GIRV*

<sup>824</sup> Pacis *om. J*

<sup>825</sup> dux *GHIJMNOPQRV*, Dominus *E*

<sup>826</sup> transmittite ad nos Pacis Principem quem diligimus

Omnium angelorum dux Deus, *om. Q*

<sup>827</sup> optime *om. Q*

<sup>828</sup> Deus *om. G*

<sup>829</sup> nostrum *GHIMNPQRV*, omnium *EJ*, *om. Q*

<sup>830</sup> ego dixi: "Maria, ego *EHINPQRV*, ego dixi Marie: "ego *EGJM*, dixi: "Maria, ego *O*

<sup>831</sup> ad hoc *GIMNOPQRV*, huc *EJ*

<sup>832</sup> duobus *add. A*

<sup>833</sup> deitatis *EGHIJMOPQR*, deitate *N*, dedicatis *V*

<sup>834</sup> uelit *EGHIJMNOPRV*, uellet *Q*

<sup>835</sup> Maria *EGHJMNOPQRV*, Mariam *I*

<sup>836</sup> consentiet *GHIMNPQRV*, consentiret *EJ*, consentiat *O*

<sup>837</sup> bonum *EGHIJMNOPQR*, donum *V*

<sup>838</sup> respuet *GHIJMNOPR*, respuat *EOQ*

<sup>839</sup> tam amplum *EGHJMNOPOQ*, tantum *IR*

<sup>840</sup> Quis respuet tam amplum donum? *om. V*

<sup>841</sup> et flagito *RGJMNOPOQ*, efflagito *HIRV*

Erat, dilectissime, iam media nox, ut Scriptura adimpleretur. Dictis illis uerbis Marie<sup>842</sup>, subito, in ultimo instanti totam pronuntiationem terminante, operatione totius Trinitatis, que attribuitur Spiritui Sancto, multa ualde mirabilia in eodem instanti facta fuerunt. Illico<sup>843</sup> enim tres guttule<sup>844</sup> sanguinis purissimi ex corde Virginis<sup>845</sup> excerpte<sup>846</sup> fuerunt. Illico ille in locum aptum<sup>847</sup> procreationi<sup>848</sup> filiorum reposita fuerunt. Illico ille sanguis condensatus fuit. Illico in carnem, neruos, uenas<sup>849</sup> et ossa conuersus fuit. Illico cor, cerebrum et epar aliaque membra formata fuerunt. Illico totum corpus plasmatum, illico anima creata, illico infusa. Illico<sup>850</sup> diuinitas humanitati unita et<sup>851</sup> coniuncta anime atque corpori copulata fuit<sup>852</sup>. Illico intellectus illius anime omnibus habitibus practicis et speculatiuis<sup>853</sup> informatus et ornatus<sup>854</sup> fuit preter<sup>855</sup> habitum fidei, quo non indigebat. Illico uoluntas predita<sup>856</sup> fuit omnibus uirtutibus sibi competentibus preter spem. Qui enim uidet non indiget<sup>857</sup> habitu fidei, et qui tenet non eget<sup>858</sup> habitu spei. Infudit Deus illi omnes habitus in summo. Gratiamque siue caritatem dedit tantam quanta<sup>859</sup> dari a Deo poterat. Non enim est uerum quod apud uos dicitur ut "quocumque<sup>860</sup> finito dato maius illo dari possit<sup>861</sup>", nisi imaginando, non autem in re ipsa. Falsum quoque est<sup>862</sup> ut alterius rationis sit intellectus uester et uoluntas ab intellectu et uoluntate angelorum que namque<sup>863</sup> recipiunt conformes habitus et eliciunt consimiles actus circa consimilia, immo eadem obiecta. Quomodo poterunt<sup>864</sup> esse alterius et<sup>865</sup> alterius rationis? Neque uerum est ut<sup>866</sup> semper naturarum diuersarum sint<sup>867</sup> diuerse potentie, neque ut<sup>868</sup> nobilioris nature sit nobilior potentia. Sic enim<sup>869</sup> potentie angelorum specie differentium differrent<sup>870</sup> specie et superiorum essent potentie nobiliores et actus et obiecta. Et non esset eiusdem rationis beatitudo<sup>871</sup> omnium angelorum neque angelorum et hominum, et<sup>872</sup> non fieret<sup>873</sup> comparatio

<sup>842</sup> uerbis Marie *EGHIJMNOQRV*, uerbis Maria *P*

<sup>843</sup> Illico *EGHIJMNOQVR*, Ille *V*

<sup>844</sup> guttule *EGHIJMNOQV*, gutte *IRV*

<sup>845</sup> ex corde Virginis *om. H*

<sup>846</sup> excerpte *GJMNOQVR*, excerp(p)te *H*, excepte *EV*

<sup>847</sup> aptum *EGHIJMNOQRV*, apertum *I*

<sup>848</sup> procreationi *EJMNOQVR*, generationis *G*, pro creatione *HI*, proscritionis *V*

<sup>849</sup> uenas *om. G*

<sup>850</sup> Illico *EGHIJMNOQRV*, Illa *P*

<sup>851</sup> unita et *om. P*

<sup>852</sup> fuit *EGHIJMNOQRV*, sunt *P*

<sup>853</sup> et speculatiuis *M (add. in marg. a. m.)*, *om. JP*

<sup>854</sup> et ornatus *om. G*

<sup>855</sup> preter *EGHIJMNOQVR*, propter *V*

<sup>856</sup> predita *EGHIMNOQVR*, predicta *JV*

<sup>857</sup> indiget *EGHIJMNOQV*, eget *IRV*

<sup>858</sup> eget *EGJMNOV*, indiget *AHIQVR*

<sup>859</sup> quanta *EGJMNOV*, quam *Q*, quantam *HIRV*

<sup>860</sup> quocumque *EGHIJMNOQRV*, quoque *Q*

<sup>861</sup> possit *EGHIJMNOQV*, posset *IRV*

<sup>862</sup> falsum quoque est *GHIJMNOQV*, falsum quocumque dato *IRV*

<sup>863</sup> que namque *EGHIJNOQRV*, que numquam *M*, quia numquam *P*

<sup>864</sup> poterunt *GHIJMNOQRV*, possunt *EP*

<sup>865</sup> alterius et *om. Q*

<sup>866</sup> est ut *EGHIJMNOQRV*, quod *Q*

<sup>867</sup> sint *EGHIJMNOQRV*, sunt *Q*

<sup>868</sup> ut *GHINORV*, quod *EJ(M ut sup.lin.a.m.)P*, *om. Q*

<sup>869</sup> natura *add. N*

<sup>870</sup> different *EHIJMNOQV*, differunt *G*, differente *IRV*

<sup>871</sup> beatitudo *EGHIJMNOQV*, et potentie *I*, et *R*

<sup>872</sup> iam *add. H*

<sup>873</sup> tamquam in simili *add. A*

beatitudinis eorum. Et nullus<sup>874</sup> homo beatior esset quouis angelo, immo nec esse posset. In quo igitur<sup>875</sup> essent homines similes<sup>876</sup> angelis Dei? Verum est igitur quod potentie eiusdem rationis possunt esse eedem<sup>877</sup> diuersis naturis<sup>878</sup> sicut uisus et alii sensus existunt in diuersis animalibus, ut<sup>879</sup> uisus aquile et lincis, olphatus uulturis et canis, auditus multorum. Et in natura ignobiliore potest esse potentia acutior. Et quamuis nil sit nobilius intellectu et uoluntate etiam<sup>880</sup> in angelis, tamen alique sunt proprietates in angelis<sup>881</sup> que non sunt<sup>882</sup> in hominibus, sicut simplicitas, puritas seu actualitas et immaterialitas, non intellectus aut uoluntas<sup>883</sup>. Nobilissimum igitur in natura inferiori potest esse interdum nobilissimum in natura superiori. Et aliquando aliqua proprietas que notat perfectionem absolute erit in natura imperfectiori que non erit<sup>884</sup> in natura perfectiori<sup>885</sup> quemadmodum simplicitas est in partibus alicuius substantie composite ut elementi<sup>886</sup> uidelicet ignis uel aeris que non est in ipso igne<sup>887</sup> uel aere.

Illico igitur anima illa nobilissima fuit creata<sup>888</sup>, illico corpori infusa, illico et diuinitati unita. Deus enim eam<sup>889</sup> creando infudit et uniuuit et uniendo infudit<sup>890</sup> atque infundendo creauit. Vniuit autem<sup>891</sup> carni ossibusque<sup>892</sup> nil corrumpendo, sed uitam addendo<sup>893</sup>. Illico anima illa Deum uidit<sup>894</sup> in se sicuti est. Illico amore summo dilexit eique<sup>895</sup> adhesit. Primum quod uidit Deus erat, primum quod amaui ipse idem Deus erat. Tunc illa anima cognouit omnia preterita, [86] tunc et presentia atque futura. Agnoscebatque matrem suam et omnes discipulos suos, omnes homines gratos et ingratos, bonos et malos, iustos et iniustos. Videbat etiam hunc cetum qui in hac rota nunc existit. Videbat et hoc<sup>896</sup> nostrum colloquium<sup>897</sup>. Nihil eum<sup>898</sup> latebat. Videndo Deum, intellectus ipsius<sup>899</sup> extendebatur illa uisione in<sup>900</sup> omnia. Qui namque Deum uidet, si Deus uoluerit, uidere simul omnia potest. Nam in Deo sicut in omnium<sup>901</sup>

<sup>874</sup> nullus *EGHJMNOQV*, nullo *IR*

<sup>875</sup> igitur *EGHIJMOQRV*, ergo *N*, ipsi *P*

<sup>876</sup> similes *EGHJMNOQ*, similis *IRV*

<sup>877</sup> eedem *EHMNOQ*, eodem *G*, eadem *J*, idem *IRV*

<sup>878</sup> naturis *EGHIJNPQRV*, numeris *M* (*sup. lin. m. nature*), nature *O*

<sup>879</sup> ut *EJMNOQ*, et *GHIRV*

<sup>880</sup> etiam *EGHIJMNOQRV*, que est *A*

<sup>881</sup> in angelis *EGHJMNOQ*, angelorum *IRV*

<sup>882</sup> sunt *om. IRV*

<sup>883</sup> et immaterialitas, non intellectus aut uoluntas *om. Q*

<sup>884</sup> erit *EGHJMNOQ*, erat *P*

<sup>885</sup> potest esse interdum nobilissimum in natura superiori. Et aliquando aliqua proprietas, que notat perfectionem absolute, erit in natura imperfectiori que non erit in natura perfectiori *om. IRV*  
que non erit in natura perfectiori *add. O (sup. lin.)*

<sup>886</sup> elementi *EGHJMNOQ*, elementa *IRV*

<sup>887</sup> igne *EGHIJMNOQRV*, composito ex igne *Q*

<sup>888</sup> Illico igitur anima illa nobilissima fuit creata *om. Q*

<sup>889</sup> eam *EGHJMNOQ*, illam *AQ*, *om. IRV*

<sup>890</sup> et uniendo infudit *om. G*

<sup>891</sup> eam *add. H*

<sup>892</sup> carni ossibusque *EGHIJMNOQRV*, carni ossa *Q*

<sup>893</sup> addendo *EGHJMNOQRV*, adolendo *J*

<sup>894</sup> uidit *EGHJMNOQRV*, uidet *I*

<sup>895</sup> uehementius *add. V*

<sup>896</sup> hoc *ELJNOQRV*, hunc *GMP*

<sup>897</sup> colloquium *EGHJMNOQRV*, collegium *H*

<sup>898</sup> eum *EIMNQRV*, enim *HJ*, eam *P*

<sup>899</sup> ipsius *EGHIJMOPRV*, eius *N*, *om. Q*

<sup>900</sup> in *EGHIJMNOQRV*, ad *Q*

<sup>901</sup> omnium *EGHJMNOQRV*, omni *P*

artifice<sup>902</sup> sunt omnia.

Hec nox est splendidior Sole et cunctis astris. Hec dies<sup>903</sup> quam fecit Dominus dignior est<sup>904</sup> omnibus. Exultate et in ea letamini, gaudete gaudio magno ualde. Hec solemnitas<sup>905</sup> sit apud uos celebrior cunctis solemnitatibus<sup>906</sup>. Hec festiuitas precellat<sup>907</sup> omnes festiuitates uestras. Est enim festum angelice et sollemnis annuntiationis. Est festum tantorum secretorum reuelationis. Est festum miraculose<sup>908</sup> sanguinis ex corde uirgineo<sup>909</sup> eductionis<sup>910</sup>, in matrice<sup>911</sup> mundissima repositionis. Est festum eiusdem<sup>912</sup> sanguinis condensationis atque in ossa, neruos et carnem, in membraque ut cor, cerebrum, epar et pulmonem et alia conuersionis et perfecte organizationis. Est festum celeberrimum anime illius creationis et omnium uirtutum atque donorum concreationis.<sup>913</sup> Est festum anime illius corpori illi<sup>914</sup> infusionis et corporis uiuificationis. Nobilissima enim anima coniuncta<sup>915</sup> fuit nobilissimo corpori<sup>916</sup> modo nobilissimo.<sup>917</sup> Est festum<sup>918</sup> humanitatis cum diuinitate<sup>919</sup> unionis. Vnita enim fuit<sup>920</sup> humanitas cum diuinitate<sup>921</sup> et partes ipsius humanitatis copulate fuerunt deitati<sup>922</sup>. Est festum illius hominis et illius anime beatificationis perfecte et summe.<sup>923</sup> Est festum quia illi<sup>924</sup> anime<sup>925</sup> dies<sup>926</sup> cognitionis<sup>927</sup> omnium. Magna sunt, ardua, mira et inaudita hec omnia, carissime. Eodem momento<sup>928</sup> eodemque temporis puncto facta sunt in utero illius puelle sanctissime cui tunc<sup>929</sup> tanta gratia aucta<sup>930</sup> fuit quantam Deus ei<sup>931</sup> dare

---

<sup>902</sup> optime *add. Q*

optimo *add. HIRV*

<sup>903</sup> est *add. AIRV*

<sup>904</sup> dignior est *EGMNO*, digniorem *HIPQRV*

<sup>905</sup> solemnitas *om. J*

<sup>906</sup> Hec solemnitas sit apud uos celebrior cunctis solemnitatibus *GHIJMNO*

Hec solemnitas sit apud uos solemnior, celebrior cunctis solemnitatibus *V*

Hec solemnitas sit solemnitas cunctis solemnitatibus *Q*

<sup>907</sup> precellat *EGHIJMNO*, precedat *QV*

<sup>908</sup> miraculose *EGHIJMNO*, miraculose *Q*

<sup>909</sup> uirgineo *GHIJMNO*, uirginis *EIQRV*

<sup>910</sup> eductionis *EGHIJMNO*, adductionis *P*

<sup>911</sup> matrice *EGHIJMNO*, matre (alias matrice *add. in marg.*) *O*

<sup>912</sup> eiusdem *EGHIJMNO*, eius *V*

<sup>913</sup> et omnium uirtutum atque donorum concreationis. *om. AGO*, *ad. in marg. a.m.K*

<sup>914</sup> corpori illi *EGHIJMNO*, corpori *P*, in corpus *Q*

<sup>915</sup> coniuncta *EGHIMOP*, iuncta *N*

<sup>916</sup> corpori *om. J*

<sup>917</sup> Est festum omnium uirtutum atque donorum ipsi felicissime anime concreationis *add. AG (M in marg. a.m.) O*

Est festum omnium uirtutum atque donorum ipsi felicissimo animo concreationis *add. Q*

<sup>918</sup> festum *om. V*

<sup>919</sup> humanitatis cum diuinitate *EGHIJMNO*, diuinitatis cum humanitate *Q*

<sup>920</sup> diuinitas cum humanitate et *add. Q*

<sup>921</sup> cum diuinitate *EHJMPQ*, diuinitati *AGINORV*

<sup>922</sup> deitati *E(G er. diuinitati)HIJMNO*, diuinitati *V*

<sup>923</sup> Est festum illius hominis et illius anime beatificationis perfecte et summe. *EGHIJMOP*, Est festum illius anime et illius corporis perfecte beatificationis *N*

<sup>924</sup> illi *EHJMNO*, illius *G*

<sup>925</sup> illi anime *EGHIJMNO*, ille sanctissime anime *Q*

<sup>926</sup> quia illi anime dies *om. AIRV*

<sup>927</sup> cognitionis *EGHIJMNO*, agnitionis *P*

<sup>928</sup> Magna sunt, ardua, mira et inaudita hec omnia, carissime. Eodem momento *EGHJNOPQ*, Magna sunt, ardua, mira et inaudita. Hec omnia, carissime, eodem momento *M*, Magna, ardua, (mira *IR*) et inaudita.

Hec omnia, carissime, eodem momento *IRV*

<sup>929</sup> tunc *om. IRV*

<sup>930</sup> aucta *EGHIJMNO*, data *IRV*

<sup>931</sup> ei *om. R*

decreuerat. Nulla enim gratia maior est quam gratia Virginis, post gratiam anime Christi Domini<sup>932</sup>. Nulla etiam est sue gratie equalis. Est igitur festum<sup>933</sup> augmentationis<sup>934</sup> supreme totius gratie in anima Marie.

Tunc Maria exultauit, tunc Deum incarnatum in utero suo<sup>935</sup> uidit, conspexit<sup>936</sup> et adorauit. Et tota<sup>937</sup> celesti curia ad tam miram rem uidendam<sup>938</sup> assistente et omnibus Deum puerulum paruulum<sup>939</sup>, sed uirum perfectum inspicientibus<sup>940</sup> et adorantibus, Maria hoc canticum cecinit<sup>941</sup>, dicens<sup>942</sup>:

Magnificat anima mea et cor meum Deum Patrem omnipotentem  
 Qui me indignam fecit dignam et de serua fecit filiam  
 Qui me uilem creaturam suamque humilem facturam  
 Dei<sup>943</sup> Summi matrem fecit, sui Filii Genitricem instituit  
 Fecit mihi magna potentissimus, sanctum ac benedictum nomen eius  
 Magnificat anima mea et cor meum Deum<sup>944</sup> Filium sapientem et uerum  
 Qui sine tempore ex Patre natus<sup>945</sup>, nunc in utero meo<sup>946</sup> est generatus  
 Exultat cor meum et spiritus meus in Deo salutari<sup>947</sup> meo  
 Qui me suam filiam elegit matremque suam fecit  
 Genitorem meum genui, quem celi capere non possunt continui  
 [87] Magnificat anima mea et cor meum Deum<sup>948</sup> Patris et Filii amplum donum  
 Qui me semper pio<sup>949</sup> uultu respexit neque toruo oculo umquam aspexit<sup>950</sup>  
 Ab omni labe preseruauit et super omnem creaturam adamauit  
 Suaue<sup>951</sup>, benignum et optimum est magnum nomen suum<sup>952</sup>  
 Ex hoc nunc usque in sempiternum beatam me dicent omnes nationes<sup>953</sup>  
 Gratias ago Deo uni et trino, nunc et semper in secula seculorum Amen<sup>954</sup>  
 Benedicti uos, angeli sancti<sup>955</sup>, qui paruistis mandatis Dei summi

<sup>932</sup> Domini *om. AGHIOQRV*

<sup>933</sup> sue *add. P*

<sup>934</sup> augmentationis *EGHIJMNPR*, augmentationis *OQV*

<sup>935</sup> in utero suo *om. IRV*

<sup>936</sup> conspexit *EGHIJMNOPRV*, inspexit *Q*

<sup>937</sup> Et tota *EGHIJMNOPRV*, Tunc *Q*

<sup>938</sup> uidendam *EGHIJMNOQRV*, uidendum *P*

<sup>939</sup> paruulum *EGHIJMNQORV*, paruulum *O*

<sup>940</sup> inspicientibus *EGHIJMOPQRV*, aspicientibus *N*

<sup>941</sup> quando Verbum fuit incarnatum *add. I*

<sup>942</sup> Canticum Marie in conceptione Filii sui Dei omnipotentis *add. Q*

Canticum quod fecit Maria quando Verbum fuit incarnatum *add. R(in marg.)V*

<sup>943</sup> Dei *EGHIJMNOPQR*, Idem *V*

<sup>944</sup> Deum *EGHIJMNQORV*, Dominum *O*

<sup>945</sup> ...Deum Filium sapientem et uerum

Qui sine tempore ex Patre natus nunc ... *om. V*

<sup>946</sup> meo *om. Q*

<sup>947</sup> salutari *GHJOQV*, saluatore *EIMNP*, salutare *R*

<sup>948</sup> Deum *EGIJ(M Dominum sup.lin.a.m.) NPQORV*, Dei *H*, Dominum *O*

<sup>949</sup> propitio *add. M (sup. lin. a.m.)*

<sup>950</sup> Qui me semper pio (propitio *M sup.lin.a.m.*) uultu respexit neque toruo oculo umquam aspexit *EGHIJMNPRV*,

Qui me semper propitio uultu respexit neque toruo oculo umquam aspexit *O*,

Qui me semper pro oculo aspexit neque turbo uultu umquam aspexit *Q*

<sup>951</sup> Suaue *EGHIJMNOPRV*, Summe *Q*

<sup>952</sup> suum *EGHIJMNOPRV*, eius *Q*

<sup>953</sup> nationes *EGHIJMNOPQR*, generationes *V*

<sup>954</sup> Amen *om. IRV*

<sup>955</sup> sancti *om. Q*

Beati<sup>956</sup> qui uoluntatem Dei agnouistis<sup>957</sup> et iussa eius adimplestis<sup>958</sup>  
 Filium meum non despexistis neque me contempsistis  
 Cum Lucifero decertastis et eum ueris rationibus superastis  
 Fecit Deus potentiam in brachio suo et omnes superbos dispersit  
 Deposuit potentes de sede et uos<sup>959</sup> humiles exaltauit  
 Vos esurientes<sup>960</sup> iustitiam<sup>961</sup> impleuit<sup>962</sup> bonis, diuites in oculis suis dimittens<sup>963</sup>  
 inanes  
 Gaudeant<sup>964</sup> omnes<sup>965</sup> matres et patres mei, iubilent omnes filii Dei  
 Suscepit Deus Israel seruum<sup>966</sup> suum, memor fuit misericordie sue  
 Misericordia eius transibit a progenie in progenies in omnes timentes<sup>967</sup> eum<sup>968</sup>  
 Que<sup>969</sup> Abraam et patribus nostris promisit, nunc in semine suo adimpleuit  
 Gratias<sup>970</sup> ago Deo uni et trino, nunc<sup>971</sup> et semper in secula seculorum. Amen

Hec Maria letissima et gratia plena, Dominum gestans in utero suo ipsumque humiliter adorans, cecinit. Nos uero uniuersi Deum incarnatum conspeximus et uidimus et adorauimus. Obedientiam promissam exhibuimus ipsumque pro Domino nostro<sup>972</sup> recognouimus et prompto animo acceptauimus<sup>973</sup> et mirabilia que uideramus decantauimus ita dicentes<sup>974</sup>:

Magnus nimis<sup>975</sup> es<sup>976</sup>, Deus noster, et omni<sup>977</sup> sapientia plenus  
 Annuntiasti in principio seculorum, adimplesti diebus nouissimis  
 Legem pones eternam que nullis temporibus<sup>978</sup> abolebitur<sup>979</sup>  
 Timorem foras excuties<sup>980</sup>, amorem intus<sup>981</sup> accumulabis  
 Seruierunt<sup>982</sup> tibi homines in<sup>983</sup> timore<sup>984</sup>, obsequentur iam cum amore

<sup>956</sup> Beati *EGHJMNOPO*, Benedicti *IRV*

<sup>957</sup> agnouistis *EGHJMNOQRV*, cognouistis *P*

<sup>958</sup> adimplestis *EGIMNORV*, adimpleuistis *HJPQ*

<sup>959</sup> uos *EGHIJMNOPRV*, nos *A*, suos *Q*

<sup>960</sup> esurientes *EGHIJMNOQRV*, exultantes *A*

<sup>961</sup> iustitiam *EGHIJMNOPRV*, iustitia *Q*

<sup>962</sup> impleuit *GHIJMNOQV*, repleuit *E*, *om. R*

<sup>963</sup> dimittens *EGJMNOPO*, dimisit *AHIRV*

<sup>964</sup> Gaudeant *EGHIJMNOQRV*, Gaudeamus *A*

<sup>965</sup> omnes *om. V*

<sup>966</sup> seruum *GHIJMOPQRV*, puerum *EN*

<sup>967</sup> timentes *EGHIMNOQRV*, timentibus *J*

<sup>968</sup> eum *GHJMNOPO*, Deum *IQRV*

<sup>969</sup> Que *GHIJMNOQRV*, Quam *E*

<sup>970</sup> Gratias *EGHIJMNOPRV*, Quas gratia *Q*

<sup>971</sup> nunc *EGHJMNOPO*, hinc *IR*, hic *V*

<sup>972</sup> nostro *om.EJ*

<sup>973</sup> acceptauimus *EHIJMNOQRV*, accepimus *G*

<sup>974</sup> dicentes *EGHIJMNOQOR*, dicens *V*

Cantcum angelorum in incarnatione preclarissima Christi Domini *add. Q*

Psalmus quem angeli fecerunt quando Verbum fuit incarnatum *add. I(R in marg.)V*

<sup>975</sup> nimis *om. Q*

<sup>976</sup> es *EGHIJMNOQV*, est *R*

<sup>977</sup> omni *EGHIJMNOQOR*, omnia *V*

<sup>978</sup> nullis temporibus *EGJMNOQRV*, nullo tempore *H*

<sup>979</sup> abolebitur *EGHIJMNOPO*, aboletur *RV*

<sup>980</sup> excuties *EGHJMNOQ*, excutias *IPRV*

<sup>981</sup> intus *om.Q*

<sup>982</sup> Seruierunt *EGHIJMOPRV*, seruient *N*, Serui erunt *Q*

<sup>983</sup> in *EGHIJMOPQRV*, cum *N*

Figure preterierunt, hanc ueritatem significauerunt  
 Velut umbra auferentur, in lucem omnia uertentur<sup>985</sup>  
 Quod in signo primum uidimus, nunc uere Deum<sup>986</sup> hominem factum agnouimus<sup>987</sup>  
 Tunc nobis tamquam homo apparuit, nunc ut<sup>988</sup> uerus homo innotuit<sup>989</sup>  
 Marie<sup>990</sup> annuntiauimus et quoad<sup>991</sup> potuimus adiuuimus  
 Prelium nostrum narrauimus, antiqua cantica reserauimus<sup>992</sup>  
 Patrem, Filium ac Spiritum Sanctum agnoscebamus, nullum illorum<sup>993</sup> hominem<sup>994</sup>  
 uidebamus  
 Mox uidimus sanguinem educi et in matricem<sup>995</sup> Marie induci  
 Condensari et in carnem<sup>996</sup> conuerti et omnia membra formari  
 Animam perfectam creati<sup>997</sup>, omnibus uirtutibus repleti  
 Corpori perfecto infundi, humanitatemque deitati uniri<sup>998</sup>  
 Magnus agricola Deus surculum<sup>999</sup> inseruit suo stipiti  
 Stipes<sup>1000</sup> est persona Verbi, diuinitas ramus<sup>1001</sup> naturalis  
 [88] Sed ramus dat esse truncho, non trunchus iste<sup>1002</sup> ramo  
 Humanitas est<sup>1003</sup> quidam surculus Verbi persone insertus  
 Due sunt nature in<sup>1004</sup> una persona copulate  
 Que sunt Dei<sup>1005</sup> dicuntur hominis<sup>1006</sup> et que hominis sunt<sup>1007</sup> Dei  
 Assumpsit humanitatem Deus et carnem, non humanitas aut caro Deum  
 Creata simul<sup>1008</sup> anima<sup>1009</sup> et beata, beata pariter et creata  
 Videbat Deum<sup>1010</sup> dum crearetur<sup>1011</sup> et dum uidebat creabatur  
 Amabat<sup>1012</sup> et creabatur, creabatur dum amabat  
 Deum ante omnia nouit, ipsum ante omnia dilexit

---

984 timore *EIJMNOQPRV*, tremore *GH*  
 985 uertentur *EGHJMNOQ*, conuertentur *IRV*  
 986 Deum *EGHIJMNOQPRV*, Dominum *O*  
 987 agnouimus *EGJMNOQ*, uidemus *H*, uidimus *IRV*, *om. P*  
 988 ut *om. O*  
 989 innotuit *EGHIJNOPQR*, innotuit *M*, innotuit *V*  
 990 incarnationem sanctam *add. A*  
 991 quoad *EGIJMNOQR*, quod *HPV*  
 992 reserauimus *EGHIMNOPQPRV*, reserauimus *J*  
 993 illorum *EGHIJMOPRV*, eorum *NQ*  
 994 factum *add. Q*  
 995 matricem *EGMNOQ*, matrice *HIPRV*  
 996 carnem *EGHJMNOQPRV*, sanguinem *I*  
 997 creati *EGHJMNOQ*, creare *IRV*  
 998 Animam perfectam creati, omnibus uirtutibus repleti  
 Corpori perfecto infundi, humanitatemque deitati uniri *HIJMNOQPRV*  
 Animam perfectam creati, corpori perfecto infundi  
 Omnibus uirtutibus repleti, humanitatem deitati uniri *G*  
 999 surculum *EHJMNOQ*, surcum *I* (*cor. in surculum*) *V*, suorum *R*  
 1000 stipes *EGHIJMNOQR*, stips *Q*, stipis *V*  
 1001 ramus *EGHIJMNOQPR*, carnis *V*  
 1002 iste *IJMNOQPRV*, isti *E*, esse *GH*  
 1003 ut *add. IOR*  
 1004 in *om. Q*  
 1005 Dei *EGHIMNOPQPRV*, Deo *J*  
 1006 dicuntur hominis *EGHIMNOPQR*, dicunt homines *V*  
 1007 sunt *EGHIJMNOQPRV*, dicuntur *Q*  
 1008 simul *EGHIJMNOQPRV*, similiter *Q*  
 1009 anima *om. V*  
 1010 Deum *om. HIPV*  
 1011 crearetur *EGHIJMNOQPRV*, creabatur *P*  
 1012 Amabat *EGHJMNOQ*, Astabat *IRV*

Cognito Deo, omnia cognouit, nullum futurum eam latuit<sup>1013</sup>  
 Impleta<sup>1014</sup> est Mater<sup>1015</sup> omni gratia, homines euacuati sunt culpa  
 Vidimus certe mirabilia creaturis<sup>1016</sup> omnibus ineffabilia  
 Beati nos qui paruimus et mandatis<sup>1017</sup> obedire uoluimus  
 Te Deum Hominem omnes ueneramur teque ut Deum semper adoramus<sup>1018</sup>  
 Te Mariam<sup>1019</sup> Virginem predicamus et Dei Matrem proclamamus  
 Te pariter cum Filio tuo honoramus et<sup>1020</sup> obsequia debita impendimus  
 Tu cum almo Spiritu simul Deum genuisti incarnatum  
 Te Reginam nostram agnoscimus<sup>1021</sup> et super nos regnare non abhorremus<sup>1022</sup>  
 Abhorruit Lucifer et lucem amisit et cum sequacibus ad inferna<sup>1023</sup> descendit  
 Gloriam<sup>1024</sup> Deo in excelsis canimus<sup>1025</sup> et pacem in terra<sup>1026</sup> bene uiuentibus<sup>1027</sup>  
 annuntiamus

Hec tunc, dilecte, cecinimus. Deinde<sup>1028</sup>, ad Reginam conuersi<sup>1029</sup>, illos uersiculos quos uos homines diuino flamine aspirati<sup>1030</sup> nunc canitis, cantare<sup>1031</sup> cepimus, dicendo<sup>1032</sup>:

Aue, Regina celorum. Aue, Domina angelorum.  
 Salue, radix sancta, ex qua mundo lux est orta.  
 Gaude, gloriosa, super omnes speciosa.  
 Vale, ualde decora, et pro nobis semper Christum exora.

Et dicendo "Christum", ostendebamus illum<sup>1033</sup> puerulum<sup>1034</sup> adeo paruulum ut uix oculis carneis uideri potuisset<sup>1035</sup>, in quo tamen erat omnis uirtus<sup>1036</sup>, uigebat omnis sensus<sup>1037</sup>, si<sup>1038</sup> claustrum uirginali non fuisset impeditus. Miro artificio magnus ille

<sup>1013</sup> nullum futurum eam latuit *HJNOPR*, nullum futurum eum latuit *EGIMQ*, nullum futurorum *V*

<sup>1014</sup> Impleta *EGHJMNOQPRV*, Completa *Q*

<sup>1015</sup> Mater *EGHJMNOQPRV*, modo *P*

<sup>1016</sup> creaturis *EGHJMNOQPRV*, creationis *P*

<sup>1017</sup> celestibus *add. GMNO*

conditoris *add. Q*; creatoris *add. A*

<sup>1018</sup> teque ut Deum semper adoramus *EJMNP*, atque ut Dominum semper adoramus *G*, teque ut Dominum semper adoramus *AHIQR*, omnesque ut Dominum semper adoramus. *O*, te Dominum semper adoramus *V*

<sup>1019</sup> Mariam *EGHJMNOQPRV*, Matrem *Q*

<sup>1020</sup> et *EGHJMNOQPRV*, utrique *Q*

<sup>1021</sup> agnoscimus *EGHJMNOQPRV*, agnouimus *Q*

<sup>1022</sup> abhorremus *EGHJMNOQPRV*, abhorruimus *A*

<sup>1023</sup> inferna *EGHIMOR*, infima *JQV*, infernum *N*, inferiora *P*

<sup>1024</sup> Gloriam *EGHJMNOQ*, Gloria *IRV*

<sup>1025</sup> canimus *GHIJNOQPRV*, canamus *EMP*

<sup>1026</sup> in terra *EGHJMNOQPRV*, iterum *P*

<sup>1027</sup> bene uiuentibus *EGHJMNPQ*, beneuolentibus *A*, beneuolentibus *IORV*

<sup>1028</sup> cecinimus. Deinde *EGHJMNOQPRV*, cecinimus dicens *P*

<sup>1029</sup> conuersi *om. EGJPQ*, *add. O (in marg. a. m.)*

<sup>1030</sup> aspirati *GHIJMNQ*, apirate *O*, inspirati *EIRV*

<sup>1031</sup> nos *add. Q*

<sup>1032</sup> dicendo *EGHJMNOQPRV*, dicentes *Q*

hanc antiphonam *add. I*

<sup>1033</sup> illum *om. V*

<sup>1034</sup> puerulum *EHIJMNOPRV*, puerum *GHOQ*

<sup>1035</sup> potuisset *EGHJMNOQPRV*, possit *Q*

<sup>1036</sup> uirtus *om. IRV*

<sup>1037</sup> uigebat omnis sensus *EGHJMNOQPRV*, regebat omnes sensus *Q*

<sup>1038</sup> si *EGHJMNOQPRV*, ac si *O*

Agricola Deus humanitatem persone Verbi<sup>1039</sup> uniuit ac si palmitem<sup>1040</sup> unius nature stipiti alterius nature<sup>1041</sup> inseruisset. Persona Verbi est sicut stipes<sup>1042</sup> uel pes arboris. Diuina natura est ipsa<sup>1043</sup> arbor uel ramus naturalis in persona subsistens. Humana natura est ut oleaster quidam et surculus agrestis quem diuina uirtus persone Verbi inseruit. Et due nature, humana et diuina, fuerunt copulate in persona una. Et ideo quecumque dicuntur de Deo, dicuntur de homine illo, et quecumque dicuntur de homine illo, exceptis his<sup>1044</sup> que ad actum<sup>1045</sup> unionis spectant, dicuntur de Deo<sup>1046</sup>. Vnde bene dici potest: "Hic homo creauit celum et astra". Et "Deus passus est et mortuus". Sed non, "homo assumpsit Deum" neque, "homo incarnatus est". Sed "Deus assumpsit illam humanitatem singularem"; et "Deus est incarnatus<sup>1047</sup>". Nam Filius Dei est incarnatus<sup>1048</sup> solus, non Pater aut Spiritus Sanctus<sup>1049</sup>. Et Filius est uerus Deus. Ideo Deus est incarnatus. Tota Trinitas id egit, soli Filio actione<sup>1050</sup> trium personarum diuinarum humanitas est copulata.

Maria carnem et omnia membra cumproduxit et nihil [89] eorum que ad matrem spectant obmisit. Nec<sup>1051</sup> impossibile est creaturam subito agere ubi non est opus preuia dispositione. Agit et creatura subito et in puncto, subiecto disposito et preparato. Hic ergo omnia preparata<sup>1052</sup> et disposita erant. Ideo statim agere potuit.<sup>1053</sup>

Tunc ego: Domine mi, quid opus fuit anima illi Homini qui erat Deus? Nonne<sup>1054</sup> sufficiebat diuinitas ad uiuificandum? Deus<sup>1055</sup> est uita. Non oportebat ut caro illa haberet aliam uitam, neque conueniens erat unam carnem habere duas uitas et a duabus uiuificari.

Tunc dixit Angelus: O homuntio, quis te docuit arguere et ea que patres tui non tenent, sed tenere abhorrent, approbare? Et quia uideo te sicut multos alios rudes non posse bene intelligere hanc ueritatem, quia deitas uidetur uita<sup>1056</sup> sicut et est, ad quid oportebat in Christo ponere aliam uitam et aliam animam<sup>1057</sup> ac alium spiritum ex quo in ipso ponitur deitas que est uita uera, uera sapientia, uera uoluntas, uerus intellectus, uera caritas? Ideo<sup>1058</sup> adducam plures rationes pro talis opinionis<sup>1059</sup> corroboracione.

<sup>1039</sup> Verbi *om. Q*

<sup>1040</sup> palmitem *EGHIJMNOPRV*, palmite *Q*

<sup>1041</sup> stipiti alterius nature *om. IRV*

<sup>1042</sup> stipes *EGHIJMNOPRV*, stips *Q*

<sup>1043</sup> ipsa *om. IRV*

<sup>1044</sup> his *EGJIMNOPRV*, illis *H*, iis *Q*

<sup>1045</sup> actum *EGHIJMNOQV*, actus *R*

<sup>1046</sup> dicuntur de Deo *om. AGIRV*

<sup>1047</sup> Sed "Deus assumpsit illam humanitatem singularem" et "Deus est incarnatus". *om. N*

<sup>1048</sup> nam Filius Dei est incarnatus *om. IRV*

<sup>1049</sup> Sanctus *om. IR*

<sup>1050</sup> actione *EHIJMNOQRV*, actio est *G*

<sup>1051</sup> Nec *EGIJMNOQRV*, Nam *H*, Hoc *P*

<sup>1052</sup> preparata *EGMNPQRV*, parata *HIJO*

<sup>1053</sup> (Respondit): si Deus posset uiuificare corpus supplens uicem anime, pastor uenturus declarabit. Nunc ita accipe, noli a maioribus deuiare. Verum hominem opus est ueram carnem humanam habere et ueram animam. Si ergo Christus animam non habuisset, quomodo uerus homo fuisset? Facilius esset facere hominem cum anima sine carne quam ut sit homo habens carnem absque anima. Anima enim est potior pars hominis. Qui ergo dicunt animam esse totum hominem minus errant quam qui fatentur carnem esse totum hominem. *add. P*

<sup>1054</sup> Nonne *EGHIMNOPRV*, Non *Q*

<sup>1055</sup> Deus est uita (*abhinc pg 146*) ... usque ad ceteri homines (*pg. 150*) *om. IRV*

<sup>1056</sup> uita *EHIJMNOQRV*, ita *G*

<sup>1057</sup> aliam animam *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>1058</sup> ego *add. Q*

<sup>1059</sup> talis opinionis *BEGHJMNP*, talium opinionum *OQ*

Si enim Deus est uita et anima est uita, quid opus erat duobus ubi unum illorum<sup>1060</sup> duorum sufficebat? Superflua est uita anime corpori si habet deitatem sibi unitam, uitam perfectam per quam uiuificabatur<sup>1061</sup>. Quomodo etiam uiuificat<sup>1062</sup> Deus corpus ab anima<sup>1063</sup> uiuificatum<sup>1064</sup>? Aut quomodo uiuificat anima corpus a Deo uiuificatum?<sup>1065</sup> Quid ergo facit anima cum deitate aut<sup>1066</sup> deitas cum anima? Vtraque uita est, utraque actus<sup>1067</sup> est. Vna uita non perficit aliam, una non uiuificat aliam, quia anima non uiuificatur, sed corpus. Illi<sup>1068</sup> non unitur deitas quod non uiuificat. Quid ergo necesse est<sup>1069</sup> animam ponere que neque uiuificat<sup>1070</sup> neque uiuificetur<sup>1071</sup> neque unitur deitati? Si deitas non uiuificat carnem, non est unita carni. Sed necesse est ut sit unita carni. Aliter<sup>1072</sup> Christus non esset perfectus homo et perfectus Deus. Ergo oportet ut deitas<sup>1073</sup> carnem uiuificet ad hoc ut ei uniatur. Item Christus, si per animam caro eius<sup>1074</sup> uiuificaretur, non esset perfectus Deus<sup>1075</sup> neque perfectus homo, quia perfectus<sup>1076</sup> homo est ille cuius caro uita perfecta uiuificatur. Deus autem est uita perfecta.

Nonne Deus omnia per se ipsum facere potest? Potest certe, quia omnipotens est. Quecumque igitur uult potest, quamuis non omnia que potest uult<sup>1077</sup>. Quare igitur oportebat adiutorium sibi prestare ad uiuificandum carnem humanam creando animam nouam ac si Deus ipse<sup>1078</sup> indigeret auxilio? Omnipotens est, nullius auxilio, nullius adiutorio indiget. Non oportebat igitur animam coadiutricem Deo prebere<sup>1079</sup>.

Nota, si scis, quot<sup>1080</sup> rationes tue<sup>1081</sup> cogitationi addam. Considera hanc rationem: Anima, ut uos creditis et nos scimus, est indiuiduum et singulare creature spiritualis. Loquor autem non de anima in se, sed de hac anima tua et anima<sup>1082</sup> alterius hominis. Sed omne singulare nature spiritualis<sup>1083</sup>, que natura substantia quedam<sup>1084</sup> est, subpositum et persona dici<sup>1085</sup> potest. Anima, ut uides, hec et illa, suppositum erit et persona. Si itaque in Christo anima creata fuisset, illa persona fuisset. Et ex hoc

<sup>1060</sup> illorum *om. OQ*

<sup>1061</sup> uiuificabatur *EGHMNOPQV*, uiuificabitur *J*

<sup>1062</sup> uiuificat *EHJMNOQ*, uiuificabat *G*

<sup>1063</sup> ab anima *om. Q*

<sup>1064</sup> Quomodo etiam uiuificat Deus corpus ab anima uiuificatum? Aut *add. M (in marg. a. m.)*

<sup>1065</sup> Aut quomodo uiuificat anima corpus a Deo uiuificatum? *om. GQ*

<sup>1066</sup> aut *EGHJMNOQ*, et *P*

<sup>1067</sup> utraque actus *EGHJMN*, uterque actus *O*, utraque actio *P*

utraque actus est *om. Q*

<sup>1068</sup> corpori *add. G*

<sup>1069</sup> est *om. P*

<sup>1070</sup> uiuificat *EGJMOQ*, uiuificet *HNP*

<sup>1071</sup> uiuificetur *GHJMNP*, uiuificatur *EOQ*

<sup>1072</sup> carni. Aliter *EGHJMNOP*, carni quia aliter *Q*

<sup>1073</sup> deitas *EGHJMNPQV*, Deus *O*

<sup>1074</sup> Item Christus si per animam caro eius *GHJMN*, Item si Christi caro per animam eius *Q*

<sup>1075</sup> Ergo oportet ut deitas carnem uiuificet ad hoc ut ei uniatur. Item Christus si per animam caro eius uiuificaretur non esset perfectus Deus *om. P*

<sup>1076</sup> perfectus *EGHJMNOQ*, perfecto *P*

<sup>1077</sup> uult *GHJMNOQ*, uelit *E*

<sup>1078</sup> non *add. G*

<sup>1079</sup> prebere *EGHMNOPQ*, prestare *J*

<sup>1080</sup> quot *EGHJMNPQV*, quia *O*

<sup>1081</sup> tue *om. O*

<sup>1082</sup> et anima *EGHJMOPQ*, uel *N*

<sup>1083</sup> Loquor autem non de anima in se sed de hac anima tua et anima alterius hominis. Sed omne singulare nature spiritualis *om. P*

<sup>1084</sup> quedam *EGHJMNOP*, quadam *Q*

<sup>1085</sup> loquor de anima ut est hec anima *add. P*

sequuntur<sup>1086</sup> duo absurda. Vnum, quod in Trinitate essent quattuor persone, quia persona Verbi et persona anime in Verbo, quia Christus est<sup>1087</sup> persona in Trinitate, una si ipse est una persona, due si ipse est<sup>1088</sup> due. Secundum, quod in Christo essent due persone, quia persona Verbi et persona anime.<sup>1089</sup> Et ita Christus non esset unus, sed duo, quia due persone. Non ergo est ponenda<sup>1090</sup> in ipso anima rationalis creata, sed sufficit anima rationalis et uita perfecta, que est Deus, et persona increata et omne bonum. Non fuit ergo anima creata in ipso in quo erat anima increata et perfectissima<sup>1091</sup> omnium spirituum. Preterea multi<sup>1092</sup> inter uos abhorrent dicere Christum esse creaturam, qui etiam non potest dici uere creatura<sup>1093</sup>. Sed si habuisset animam rationalem<sup>1094</sup> sicut ceteri homines, illa creata fuisset et eo modo, ratione talis anime sic create, Christus diceretur uere creatura, quia ratione anime illius fuisset factus ex nihilo. Hoc enim est creari, quod<sup>1095</sup> ex nihilo fieri<sup>1096</sup>. Anima uero, quia<sup>1097</sup> non profuisset<sup>1098</sup> nec tota nec secundum partem<sup>1099</sup>, creata fuisset. Potest insuper<sup>1100</sup> perfectiori modo defendi Christum fuisse perfectum Deum et perfectum hominem non ponendo in eo<sup>1101</sup> animam creatam quam ponendo. Ad quid<sup>1102</sup> ergo illa anima est ponenda?

Quod autem<sup>1103</sup> uerius possit<sup>1104</sup> probari ipsum esse perfectum Deum et perfectum hominem si non habuerit animam creatam, diximus superius. Nam ideo est perfectus Deus, quia caro illa uiuificatur ab ipso Deo, et perfectus homo, quia a perfectissimo spiritu uiuificatur<sup>1105</sup> illa<sup>1106</sup> perfectissima caro. Sicut enim Deus illam carnem nobilissimam<sup>1107</sup> fecit et<sup>1108</sup> plasmavit, ita in ea nobilissimam uitam posuit<sup>1109</sup> et eam nobilissimo spiritu uiuificari uoluit qui est ipse uita omnium uiuentium, quamuis aliter et aliter. Item non ponendo animam creatam in Christo bene potest intelligi quomodo Christus est Deus, quia per diuinitatem uiuificantem carnem. Ponendo uero quod habuerit animam, non potest intelligi quomodo sit Deus nil uiuificando neque animam neque corpus. Item ponendo quod diuinitas sit unita carni humane, manifeste uerum erit

<sup>1086</sup> sequuntur *GHJMNOQ*, sequeretur *E*

<sup>1087</sup> una *add. Q*

<sup>1088</sup> est *GHJMNOQ*, sunt *E*

<sup>1089</sup> una si ipse est una persona, due si ipse est due. Secundum, quod in Christo essent due persone quia persona Verbi et persona anime. *EGHJMNOQ*, Si ergo ipse non est nisi una persona sequitur quod una persona essent due. Si ipse est due sequitur quod in Christo essent due persone quia persona Verbi et persona anime *Q*

<sup>1090</sup> ponenda *EGHJMNOQ*, ponendum *P*

<sup>1091</sup> perfectissima *EGHJMNOQ*, perfectissimus *P*

<sup>1092</sup> Preterea multi *EHJMNO*, non nulli *G*, Propterea nulli *P*, Multi *Q*

<sup>1093</sup> qui etiam non potest dici uere creatura *EHJMNOQ*, qui etiam uere non potest dici creatum *G*

<sup>1094</sup> rationalem *EGJMNOQ*, rationabilem *H*

<sup>1095</sup> quod *GHJMNOQ*, quia *E*, quid *P*

<sup>1096</sup> fieri *EGHJMNOQ*, fit *Q*

<sup>1097</sup> quia *GHJMNOQ*, que *E*, *om. Q*

<sup>1098</sup> profuisset *EGJMNOQ*, pro re fuisset *H*

<sup>1099</sup> partem *EGHJMOPQ*, carnem *N*

et ideo *add. Q*

<sup>1100</sup> insuper *EGHJMNOQ*, itaque *Q*

<sup>1101</sup> in eo *EGHJMNOQ*, in esse *P*

<sup>1102</sup> quid *EGHJMNPQV*, quod *O*

<sup>1103</sup> autem *EGHNOQ*, ante *JMP*

<sup>1104</sup> possit *EGHJMNO*, posset *PQ*

<sup>1105</sup> ab ipso Deo, et perfectus homo, quia a perfectissimo spiritu uiuificatur *om. G*

<sup>1106</sup> illa *EHJMOPQ*, ipsa *GN*

<sup>1107</sup> nobilissimam *EGHJOPQ*, perfectissimam *MN*

<sup>1108</sup> fecit et *om. N*

<sup>1109</sup> posuit *EGJMNOQ*, ponit *Q*

dicere: "Hic homo est eternus et creauit angelos, celum empyrium, materiam primam in principio et sex diebus omnia alia." Et quod est genitus eternaliter ex Patre et quod ipse et Pater Deus idem sunt, similiter facile uidebitur quomodo Maria est<sup>1110</sup> Genitrix Dei, quia genuit hunc hominem qui est perfectus Deus et perfectus hommo.

Si autem caro illa per animam uiuificaretur, non potestis intelligere quomodo ipsa genuit Deum, sed solum quod genuit hominem et compositum<sup>1111</sup> illud ex anima et corpore. Non<sup>1112</sup> ergo dici posset uere<sup>1113</sup> Genitrix Dei, sicut quotidie uos de ipsa dicitis et canitis et recte, et in<sup>1114</sup> illo<sup>1115</sup> nomine<sup>1116</sup> ualde ipsam<sup>1117</sup> decoratis et gratia illius maternitatis ipsa est exaltata super omnes<sup>1118</sup> choros<sup>1119</sup>, super septem angelos et super Michaellem et ea de causa nos ei subicimur et ipsam pro Regina tenemus. Pater igitur Deus idem et unum est cum Christo et Christus cum illo et cum Spiritu Sancto. Et ponendo diuinitatem loco anime, Patris et Filii Marie una est diuinitas et equalis maiestas. Si etiam Deus noluit uniri Luciferi spiritui, quomodo unius fuisset anime? Immo nulli angelo uniri uoluit. Et quare? Quia<sup>1120</sup> unio ista<sup>1121</sup> non est aliud<sup>1122</sup> quam uiuificatio illius rei cui unitur Deus. Spiritus autem, quia uita est, uiuificari non potest. Et hoc<sup>1123</sup> Lucifer non aduertit quando Deus<sup>1124</sup> dixit: "Volo uniri homini", sed credit quod sicut potest uniri homini, ita posset uniri et sibi et aliis spiritibus. Et ideo ardentem<sup>1125</sup> concupiuit hanc unionem et fuit<sup>1126</sup> rebellis Deo et amisit premia que sibi parata erant si permansisset. Deus enim iudicauit eum propter malam uoluntatem eius, quia contempsit Deum<sup>1127</sup> uolens unionem que fieri non poterat.

Non est itaque unita Deo aliqua anima, sed deitas est carni unita ut Christus esset perfectus Deus et perfectus homo. Neque conueniens est, neque iustum, neque congruum est ut duo spiritus sint in carne una uidelicet deitas et anima creata. Alter illorum<sup>1128</sup> a carne illa remouendus est, aut anima aut deitas. Sed, remota deitate uiuificante, Christus non erit neque Deus ullo<sup>1129</sup> modo neque perfectus homo, ut iam diximus. Ergo relinquatur in eo deitas, remoueat anima et erit Christus Deus uerus et homo uerus. Si Christus animam creatam carnem uiuificantem habuisset, tunc homo ut alii homines fuisset et peccare ac mereri<sup>1130</sup> potuisset, quia "omnis homo mendax est et peccator". Sed quia Deus erat, mentiri et peccare non poterat quia Deus per<sup>1131</sup> suam naturam peccare non potest. Alie creature intellectuales peccare possunt, etiam si sint beate. Tamen non peccant gratia Dei eas preseruante. Christus autem nullo modo peccare

---

<sup>1110</sup> mater et *add. Q*

<sup>1111</sup> esset *add. G*

<sup>1112</sup> Non *EGHJMNPQV*, Modo (*add. sup. lin.a.m.* Non) *O*

<sup>1113</sup> uere *EGHJMNOQ*, bene *P*

<sup>1114</sup> in *om.OQ*

<sup>1115</sup> illo *EGHJMOPQ*, ipso *N*

<sup>1116</sup> nomine *EGHJMNOQ*, nunc *P*

<sup>1117</sup> ipsam *EGHJMOPQ*, illam *N*

<sup>1118</sup> omnes *om. G*

<sup>1119</sup> angelorum *add. E*

<sup>1120</sup> Et quare? Quia *EGJMNOQ*, Et quia *H*

<sup>1121</sup> ista *EGHJMOPQ*, hec *N*

<sup>1122</sup> aliud *om. G*

<sup>1123</sup> hoc *EGHJMNPQV*, hec *O*

<sup>1124</sup> Deus *om. N*

<sup>1125</sup> ardentem *EGHJMNOQ*, audenter *P*

<sup>1126</sup> fuit *om. G*

<sup>1127</sup> Deum *EGHJMOPQ*, Dominum *N*

<sup>1128</sup> illorum *EGHJMNOQ*, eorum *P*

<sup>1129</sup> ullo *EGHJMNOQ*, illo *Q*

<sup>1130</sup> mereri *EGHJMNOQ*, mentiri *G*

<sup>1131</sup> per *EGHJMNOQ*, propter *Q*

potuit quia caro ex se peccare non potest, quia peccatum est in uoluntate. Voluntas quoque diuina rectissima est<sup>1132</sup>, deficere<sup>1133</sup> non potest, declinare a rectitudine non ualeat. Si animam habuisset Christus, Ioannes hic existens non dixisset: "Et Verbum caro factum est". Et non dixit<sup>1134</sup> ut uos dicitis: "Et homo factus est". Non est enim factus homo<sup>1135</sup>, sed accipiendo et uiuificando carnem et hoc modo sibi uniendo factus est in utero Marie uerus homo. Factus quidem est homo, non quia prius fuisset homo et deinde Deo unitus, sed ipsa unione factus est homo.

Vides, animal Dei, si ego pro illa cogitatione<sup>1136</sup> tua, quando<sup>1137</sup> cogitabas ad quid fuit opus anima Christo<sup>1138</sup>, sciuerim adducere<sup>1139</sup> tot rationes?

Tunc ego: Hec opinio multis placeret si posset sine periculo<sup>1140</sup> teneri. Sed quare Ioannes, qui<sup>1141</sup> dixit: "Et Verbum caro factum est", postea dixit Christum dixisse: "Ego sum pastor bonus" et "animam meam pono pro ouibus<sup>1142</sup>"? Et iterum: "Potestatem habeo ponendi animam meam et iterum sumendi eam"?

Tunc angelus, subridens, dixit: Scio dialecticam, scio omnes apparentias rationum et fallacias et responsiones uelatas. Anima potest poni pro uita et sit<sup>1143</sup> sensus: "Vitam meam pono pro ouibus meis", et "In mea potestate est mori et uiuere", quia Deus erat. Nam, si Deus non fuisset, non fuisset in sua potestate uiuere et mori<sup>1144</sup>. Dic mihi, nonne propheta dicebat Deo: "Parce ire anime<sup>1145</sup> tue"? Deitas est anima Dei, quia uita Dei. Et istam uitam posuit pro ouibus suis. Nam tempore mortis non uiuificauit carnem, sed caro mortua iacebat. Oblatus est, quia ipse<sup>1146</sup> uoluit. Scis dicere super hoc aliquid aliud?

Et, me tacente, dixit: Si non habuerit<sup>1147</sup> animam creatam igitur Concilia Sanctorum Patrum falsa<sup>1148</sup> determinassent. Determinauerunt autem Christum habuisse animam rationalem creatam et duos intellectus et duas uoluntates. Et anathematis uinculo innodauerunt<sup>1149</sup> omnes oppositum credentes et docentes.<sup>1150</sup> Vos creditis, et uerum est, quod Ecclesia in his<sup>1151</sup> que sunt fidei errare non potest, presertim quando est congregata in nomine Christi, quia scriptum est: "Vbi fuerint<sup>1152</sup> duo uel tres congregati in nomine meo, ibi sum in medio eorum". Dirigitur enim tunc a Spiritu Sancto.

---

<sup>1132</sup> et perfectissima est *add.M ( in marg.a.m.) N*

<sup>1133</sup> et errare *add. E*

<sup>1134</sup> dixit *EGHJMNOP, ait Q*

<sup>1135</sup> homo *om. Q*

non est enim factus homo *om. O*

<sup>1136</sup> cogitatione *EGHJMNOP, cognitione Q*

<sup>1137</sup> quando *EGHJMNOP, qua Q*

<sup>1138</sup> Christo *EGJMNOQ, Christi H*

<sup>1139</sup> adducere *om. Q*

<sup>1140</sup> sui *add. Q*

<sup>1141</sup> qui *om.PQ*

<sup>1142</sup> meis *add. N*

<sup>1143</sup> sit *EGHJMOQ, sic NP*

<sup>1144</sup> quia Deus erat. Nam si Deus non fuisset, non fuisset in sua potestate uiuere et mori. *om. Q*

<sup>1145</sup> anime *om.J*

<sup>1146</sup> ipse *om. N*

<sup>1147</sup> habuerit *EGHJMNOP, habuit BQ*

<sup>1148</sup> falsa *EGHJMNOP, falsum Q*

<sup>1149</sup> innodauerunt *EGHJNOQ, innundauerunt M*

<sup>1150</sup> credentes et docentes *EGHJMOP, tenentes et docentes N, tenentes et dicentes Q*

Respondit angelus *add. P*

<sup>1151</sup> his *EGJMNOP, iis Q*

<sup>1152</sup> fuerint *EGHMNOQ, fuerunt J*

Athanasius etiam in Simbolo suo<sup>1153</sup> dicit<sup>1154</sup>: "Ex anima rationali uidelicet creata", ne intelligeres, quamuis inepte, per animam rationalem ipsam deitatem, "et humana carne subsistens". Vbi<sup>1155</sup> uides<sup>1156</sup> aliud secretum philisophie uestre, quia caro humana est alia ab anima et non est caro per animam. Si enim ex anima rationali et humana carne tamquam ex duobus subsistit, aliud<sup>1157</sup> esse<sup>1158</sup> carnis, aliud anime. Non enim ex duobus illis subsisteret<sup>1159</sup> si caro per animam esset. Dicunt Sancti Patres uestri et Concilia uestra: "Verbum quod semel assumpsit numquam dimisit". Et intelligunt de partibus et recte. Sed si<sup>1160</sup> caro mortua<sup>1161</sup>, que<sup>1162</sup> prius uiuificabatur per Verbum diuinum, et uiuificatio erat unio, ergo Verbum<sup>1163</sup> carnem reliquit quam assumpserat. Dicunt etiam quod anima Christi descendit ad inferos, quia non caro, que iacuit in sepulchro, neque diuinitas, que ubique<sup>1164</sup> est. Assumendo etiam Deus carnem et animam, assumpsisse uidetur<sup>1165</sup> utramque naturam, tam spiritualem quam corporalem. Fuit in Christo non tatum<sup>1166</sup> dolor carnis, sed etiam tristitia mentis<sup>1167</sup>, non diuine, sed humane. Dixitque: "Tristis est anima mea<sup>1168</sup>". Et iterum: "Non mea, sed tua uoluntas fiat". Et quis orabat<sup>1169</sup>?

Ecclesia, prout dixi, errare non potest. Christus fuit uerus Deus et perfectus Deus<sup>1170</sup>, uerus homo et perfectus homo<sup>1171</sup> ex anima rationali et humana carne subsistens. Sed non habuit illam animam sicut ceteri homines.<sup>1172</sup> Sed<sup>1173</sup> si Deus posset uiuificare corpus supplens uicem<sup>1174</sup> anime, pastor uenturus<sup>1175</sup> declarabit. Nunc ita accipe, noli a maioribus tuis deuiare: uerum hominem opus est ueram carnem humanam habere et ueram animam. Si ergo Christus animam non habuisset, quomodo uerus homo fuisset? Facilius esset facere hominem cum anima sine carne<sup>1176</sup> quam ut sit homo habens carnem absque<sup>1177</sup> anima. Anima enim est potior pars hominis<sup>1178</sup>. Qui ergo dicunt

<sup>1153</sup> suo *om. Q*

<sup>1154</sup> dicit *GHJMNO PQ*, dixit *E*

<sup>1155</sup> Vbi *EGHJMNO Q*, Ibi *P*

<sup>1156</sup> uides *EGHJMOP Q*, uide *N*

<sup>1157</sup> est *add. E*

<sup>1158</sup> esse *EGJMNO PQ*, esset *H*

<sup>1159</sup> subsisteret *EGHJMNO P*, subsistit *Q*

<sup>1160</sup> si *om. O*

<sup>1161</sup> fuit *add. M (sup.lin.a.m.) O*

<sup>1162</sup> que *om. G*

<sup>1163</sup> Verbum *EGHJMNO P*, Filium *Q*

<sup>1164</sup> ubique *EGHJMNO P*, Ibi *Q*

<sup>1165</sup> assumpsisse uidetur *EGHJMNO P*, assumpsisse uideretur *H*, assumpsisset uidelicet *Q*

<sup>1166</sup> utramque naturam, tam spiritualem quam corporalem. Fuit in Christo non tatum *om. G*

<sup>1167</sup> mentis *EGJMNO Q*, mortis *HP*

<sup>1168</sup> usque ad mortem *add. GQ*

<sup>1169</sup> orabat *EGHJMNO P*, orabatur *Q*

<sup>1170</sup> Deus *EHJMNO PQ*, homo *G*

et perfectus Deus *om. E*

<sup>1171</sup> et perfectus homo *om. E*

<sup>1172</sup> quia illico, ut fuit, beatam habuit. *add. Q*

*a Deus est uita (pg. 145) ... usque ad ceteri homines (pg. 153) om. IRV*

<sup>1173</sup> Respondit: "Si deus possit... *IR*

Respondit: "modum incarnationis et humanationis iam audisti, psalmum quoque percepisti. *add. V*

Sed *er. O (add. a.m. Respondit angelus)*

<sup>1174</sup> uicem *EGHJMNO QR V*, uice *M*, uices *P*

<sup>1175</sup> uenturus *EGHJMNO QR V*, futurus *G*

<sup>1176</sup> carne *EGHIMNO R V*, corpore *Q*

<sup>1177</sup> absque *EGHIMNO R V*, sine *NQ*

<sup>1178</sup> potior pars hominis *EGHIMNO QR*, prior pars corporis *V*

animam esse totum hominem minus errant quam<sup>1179</sup> qui fatentur carnem esse totum hominem<sup>1180</sup>.

Modum incarnationis et humanationis iam audisti, psalmum quoque percepisti. Que tibi reuelauit uera sunt, que declarauit diuina sunt<sup>1181</sup>.

Et ego<sup>1182</sup>: Multi apud nos credunt paucos angelos sciuisse incarnationem Verbi. Vnde Domino ad celos ascendenti, angeli dicebant: "Quis est iste qui uenit de Edom tinctis uestibus de Bosra"? Et apostolus noster dicit: "Vt innotescat principatibus<sup>1183</sup> et potestatibus per ecclesiam<sup>1184</sup>".

Respondit: Veritas est<sup>1185</sup> quod nos, ut iam tibi dixi<sup>1186</sup>, hoc misterium sciimus, propter hoc prelium fecimus. Nec<sup>1187</sup> Domino ascendenti, tamquam eum non cognoscentes<sup>1188</sup> illa uerba dicebamus, sed ex admiratione tante dignitatis ac maiestatis<sup>1189</sup> illa<sup>1190</sup> proferebamus<sup>1191</sup>. Nos prophetis hoc<sup>1192</sup> reuelauimus, nos interfuimus, nos omnia uidimus. Quomodo procurauissemus hominum salutem si nesciuissemus Saluatorem? Tamen rem tam mirandam<sup>1193</sup> quomodo fieri posset? Non cognoscebamus perfecte nisi quando eam<sup>1194</sup> uidimus fieri. Sic<sup>1195</sup> et Resurrectionis Christi modum et Ascensionis tunc perfecte cognouimus quando ea fieri uidimus. Et hoc modo nobis per Ecclesiam innotuit<sup>1196</sup>, quia in Ecclesia<sup>1197</sup> talia<sup>1198</sup> fieri clare uidimus<sup>1199</sup>.

Ecce uides qualiter domus Marie facta est celum empyrium. Tota enim multitudo militie<sup>1200</sup> celestis exercitus ibi erat, nam plures angeli simul esse possunt, quamuis naturaliter unus non sit ubi alius est. Sic enim non indiguissemus tam magno habitaculo. Multi nostrum non erant intra<sup>1201</sup> parietes domuncule<sup>1202</sup>, sed extra<sup>1203</sup>, per spatium

---

<sup>1179</sup> quam *EGHIMNPQRV*, quo *O*

<sup>1180</sup> Si ergo Christus animam non habuisset, quomodo uerus homo fuisset? Facilius esset facere hominem cum anima sine carne quam ut sit homo habens carnem absque anima. Anima enim est potior pars hominis. Qui ergo dicunt animam esse totum hominem minus errant quam qui fatentur carnem esse totum hominem *add. M (in marg. a. m.), om. JP*

<sup>1181</sup> Modum incarnationis et humanationis iam audisti, psalmum quoque percepisti. Que tibi reuelauit uera sunt, que declarauit diuina sunt *om. EGIR*

<sup>1182</sup> dixi *add. O*

<sup>1183</sup> principatibus *EGHIJMNOPR*, principibus *QV*

<sup>1184</sup> per ecclesiam *om. IRV*

<sup>1185</sup> Veritas est *EGHIJMNPRV*, ueritas, ueritas est *O*, Verum est *Q*

<sup>1186</sup> ut iam tibi dixi *EGHIJMNOPRV*, iam diu prout tibi dixi *Q*

<sup>1187</sup> Nec *EGHIJMNOQRV*, Hec *P*

<sup>1188</sup> cognoscentes *EGHIJMNPRV*, agnoscentes *O*

<sup>1189</sup> dignitatis ac maiestatis *EHINOQR*, maiestatis *M (add. in marg. dignitatis ac)*, maiestatis *P*, dignitatis *V*

<sup>1190</sup> illa *EHIJMNOPRV*, ei *Q*

<sup>1191</sup> proferebamus *EHJMNOPQRV*, ferebamus *I*

sed ex admiratione tante dignitatis ac maiestatis illa proferebamus *om. G*

<sup>1192</sup> hoc *EJMPQ*, hec *GHINORV*

<sup>1193</sup> Tamen rem tam mirandam *EIJMNOPRV*, Tamen rem tam arduam *G*, Tamen rem tam admirandam *H*, In re tam miranda *Q*

<sup>1194</sup> eam *EGHJMNOQ*, eum *P*, ea *IRV*

<sup>1195</sup> Sic *EHJMNOPQ*, Si *IRV*

<sup>1196</sup> innotuit *HJMNOPQR*, notuit *V*

<sup>1197</sup> in Ecclesia *om. IRV*

<sup>1198</sup> talia *om. Q*

<sup>1199</sup> fieri. Sic et Resurrectionis Christi modum et Ascensionis tunc perfecte cognouimus quando ea fieri uidimus. Et hoc modo nobis per Ecclesiam innotuit, quia in Ecclesia talia fieri clare uidimus. *om. G*

<sup>1200</sup> militie *om. G*

<sup>1201</sup> intra *EGHIJMNOPRV*, inter *Q*

<sup>1202</sup> domuncule *EGHIJMNOPQR*, domuncile *V*

duorum uel trium stadiorum et miliariorum<sup>1204</sup>. Et omnes rem stupendam uidebamus, quia<sup>1205</sup> paries nostram uisionem non impedit. Omnes letabamur, gaudebamus<sup>1206</sup>, canebarum. Est itaque festum angelice exultationis. Et quia tunc acceptauimus Hominem illum in Regem nostrum et Matrem in Reginam, est festum angelorum homini subiunctionis et regni Christi aliqualis inchoationis et angelorum omnium in terram descensionis. Qui<sup>1207</sup> descensus communis fuit illa nocte et deinde in nocte natiuitatis Domini et postea, tempore mortis et resurrectionis et ascensionis, quia omnes usque ad montem Oliueti ei obuiam uenimus diuisi per choros. Deinde, quando Maria Virgo assumpta est [90] ad ethereum thalamum, descendimus<sup>1208</sup> adhuc semel omnes cum Iudice Christo.

Tunc ego: Euangeliste alii nil de hoc<sup>1209</sup> nobis tradiderunt, solus Lucas parum<sup>1210</sup> tetigit. Potiora<sup>1211</sup> obmisit.

Tunc angelus, accersito Luca, dixit: Dicito, carissime, huic homini simplici cur pretermisisti pulchriora<sup>1212</sup> de incarnatione Filii Dei.

Respondit Lucas: Tu ipse causam nosti. Genitrix Dei nostri omnia mihi dixerat, et ego ea scripseram<sup>1213</sup>. Sed Regi nostro non placuit ut ea tum reuellarentur omnibus<sup>1214</sup>, quoniam<sup>1215</sup> multa<sup>1216</sup> perfidia erat<sup>1217</sup> in mundo. Reseruata sunt cito uenture etati, quando etiam Apocalypsis<sup>1218</sup> Ioannis intelligitur que clausa est sigillis septem.

Additque: Tempore illo hec interserentur a pastore meo Euangelio, stillo Euangelii<sup>1219</sup> quo ego utor, et addentur omnia precipua alio ordine quam hic a te sint<sup>1220</sup> conscripta. Et<sup>1221</sup> cantabuntur in Ecclesia publice sub titulo Euangelii mei. Scripseram et de conceptione atque natiuitate Virginis et<sup>1222</sup> ipsius presentatione in Templo<sup>1223</sup> et desponsatione breuius quam tibi nunc reuelatum est et a te conscriptum et stillo alio. Scripseram<sup>1224</sup> de Virginis obitu et assumptione ea que tibi reuelabuntur. Omnia hec pastor futurus Euangelio meo addet et in festis eiusdem Virginis decantabuntur. Noluit Deus<sup>1225</sup> omnia simul<sup>1226</sup> palam<sup>1227</sup> facere, sed tantum ea que necessaria erant ad salutem, spectantia ad humanitatem et diuinitatem Christi Domini. Sed ecce Gabriel hic

<sup>1203</sup> extra *om. Q*

<sup>1204</sup> miliariorum *EGHJMNO PQ*, miliarum *IRV*

<sup>1205</sup> quia *EGHIJMNO QRV*, quare *P*

<sup>1206</sup> gaudebamus *EGHIMNOP QRV*, laudebamus *J*

<sup>1207</sup> Qui *EGHIJMNO PRV*, Quia *Q*

<sup>1208</sup> descendimus *EGHIJMNO PQ*, descendebamus *R*, descendemus *V*

<sup>1209</sup> hoc *EHIJMNO QRV*, his *G*

<sup>1210</sup> parum *EGHIMOP QRV*, partem *N*

<sup>1211</sup> uero *add. Q*

<sup>1212</sup> pulchriora *EGHIJMNO PRV*, potiora *Q*

<sup>1213</sup> scripseram *EJMOP Q*, descripseram *HINRV*

<sup>1214</sup> omnibus *EGHIJMNO PRV*, hominibus *Q*

<sup>1215</sup> quoniam *EMNPQV*, quando *GHIJOR*

<sup>1216</sup> multa *om. IR*

<sup>1217</sup> erat *EGHIJMNO PQR*, erit *V*

<sup>1218</sup> Apocalypsis *EHIJMOP QRV*, Apocalypsi *N*

<sup>1219</sup> meo Euangelio stillo Euangelii *EGHIJMNO PRV*, meo euangelico stilo *Q*

<sup>1220</sup> sint *EGHIJMNO PRV*, sunt *Q*

<sup>1221</sup> in tempore pastoris *add. Q*

<sup>1222</sup> de *add. N*

<sup>1223</sup> in Templo *EGHIJMNO PRV*, in Templum *Q*

<sup>1224</sup> a te conscriptum et stillo alio. Scripseram *EGHJMOP QRV*, a te conscriptum. Et stilo alio scripseram *I*, a te conscriptum stilo alio scriptum *N*

<sup>1225</sup> Deus *EGHIJMNO PRV*, Dominus *Q*

<sup>1226</sup> simul *om. P*

<sup>1227</sup> palam *om. G*

est, cui hec sunt commissa. Audi ipsum<sup>1228</sup>.

Gabriel igitur loqui cepit confirmando ea que Lucas dixerat et addendo ut<sup>1229</sup> festum Annuntiationis, quotiens occurrerit<sup>1230</sup> ante Dominicam Passionis<sup>1231</sup>, fieret<sup>1232</sup> cum octaua, et quod in die anteriori fiat festum solempne desponsationis matris Dei, et legatur Euangelium "Missus est". In die uero annuntiationis legatur euangelium "In principio erat Verbum" uel euangelium Luce nouum<sup>1233</sup>, secundum quod pastor<sup>1234</sup> ordinauerit. Et si non poterunt omnia obseruari gratia Dominice Passionis, reseruentur pro die natiuitatis ita quod ea que<sup>1235</sup> tunc canuntur<sup>1236</sup> referantur non solum ad natiuitatem Domini<sup>1237</sup>, qua<sup>1238</sup> editus est mundo, sed ad hanc, quando Verbum caro factum est. Et si post octauam Pascatis<sup>1239</sup> celebrari contigerit<sup>1240</sup>, solempnius<sup>1241</sup> celebretur quam antea. Sed quando et qualiter, tunc ordinabitur. Et quia Deus docebit pastorem illum, multa ipse<sup>1242</sup> addet his que nunc scribis<sup>1243</sup> et declarabit an<sup>1244</sup>, si festum tale uenerit in dominica, et qua dominica<sup>1245</sup> debeat celebrari uel non<sup>1246</sup>, et an ieiunium in die tante solempnitatis<sup>1247</sup> sit celebrandum, et quando sic et quando uero non, et multa alia que nunc premitto.

Nunc, dilectissime<sup>1248</sup>, audi et considera excelentiam generis tui. Cogita quantum honorem tunc habuit progenies tua quando omnes<sup>1249</sup> angeli adorauerunt Hominem Deum et Mariam Dei Genitricem et eis<sup>1250</sup> se libenter subdiderunt. Cogita que et qualis et quanta sit nox ista uere sancta, uere splendida, uere ut Sol rutilans. Bene facitis quando ad tactum campane<sup>1251</sup> in sero, quando ego<sup>1252</sup> accessi, "Aue Maria" dicitis<sup>1253</sup>. Bene<sup>1254</sup>, quando in media nocte illud repetitis, addendo: "Ecce ancilla Domini! Fiat mihi secundum uerbum tuum". Bene, quando in crepusculo diei iterum salutatis, addentes: "Verbum caro factum est et habitauit in nobis".

Tunc enim angelorum multitudo cum [91] gaudio<sup>1255</sup> discessit. Maria uero, Ioseph uiro suo uocato et nobis eam<sup>1256</sup> comitantibus, ipso mane festina ad cognatam suam

---

<sup>1228</sup> ipsum *EGHIJMNOPRV*, illum *O*

<sup>1229</sup> ut *EHIJMNOPRV*, *om. G*, quod *Q*

<sup>1230</sup> occurrerit *GJOPQ*, occurreret *EHIMN*, occurret *RV*

<sup>1231</sup> per plures dies *add. G (M in marg. a.m.) NOQ*

<sup>1232</sup> fieret *EGHIJMNOPRV*, fiet *Q*

<sup>1233</sup> nouum *om. IR*

<sup>1234</sup> prudenter *add. Q*

<sup>1235</sup> que *om. GIR*

<sup>1236</sup> canuntur *EGHJMNOQ*, canentur *IPRV*

<sup>1237</sup> Domini *EGHJMNOQ*, Christi *IRV*

<sup>1238</sup> qua *EGHIJMNOPRV*, que *Q*

<sup>1239</sup> Paschatis *EGHIJMNOPRV*, Pasche *Q*

<sup>1240</sup> contigerit *EGIJMNOQRV*, contingeret *HP*

<sup>1241</sup> solempnius *EGHIJMNOPQR*, solempnis *V*

<sup>1242</sup> ipse *EGHIJMOPRV*, *om. N*, ille *Q*

<sup>1243</sup> scribis *EGHIJMNOPQR*, conscribis *V*

<sup>1244</sup> an *EGHJMNOQQR*, etiam *I*, et *V*

<sup>1245</sup> et qua dominica *om. E*

<sup>1246</sup> uel non *om. G*

<sup>1247</sup> solempnitatis *EGHIJMNOPRV*, festiuitatis *Q*

<sup>1248</sup> dilectissime *EGHIJMNOPQR*, carissime *V*

<sup>1249</sup> omnes *om. V*

<sup>1250</sup> eis *EGHJMNOQQR*, ei *I*, his *V*

<sup>1251</sup> campane *om. R*

<sup>1252</sup> eidem *add. Q*

<sup>1253</sup> dicitis *EGHIJMNOPQV*, dicentis *R*

<sup>1254</sup> etiam facitis *add. Q*

<sup>1255</sup> cum gaudio *om. N*

<sup>1256</sup> eam *om. GJ*

Elisabeth perrexit<sup>1257</sup>. Et eundo, me de psalmo illo quem Adam pro uenia peccatorum suorum cum Eua fecerat<sup>1258</sup> interrogauit<sup>1259</sup>, quem et tu conscribas<sup>1260</sup>.

Psalmus primorum parentum culparum remissionem implorantium et obtinentium hic enim fuit<sup>1261</sup>

Adam<sup>1262</sup>

Adonay, Domine Deus meus, secundum<sup>1263</sup> magnam misericordiam tuam<sup>1264</sup> miserere mei

Et quia plurime sunt miserationes tue, dele hanc iniquitatem meam  
Oppressus sum tribulatione maxima, tempestas pelago<sup>1265</sup> demersit me

Libera me Deus et erue me de diluuio aquarum multarum

Audite, celi et omnes caligine<sup>1266</sup>, uerba oris mei

Referant angeli omnia que cogito et loquor, dicant uirtutes celestes

Porrigat Deus aures pientissimas<sup>1267</sup> huic humili deprecationi mee

Exaudiat<sup>1268</sup> orationem meam et clamor cordis mei ad ipsum perueniat

Tu, Deus, es lux uera et preclarissima, omnia alia sunt tenebris permixta<sup>1269</sup>

Tu es sol qui nescit<sup>1270</sup> occasum et habitas lucem inaccessibilem

Tu es terminus et finis omnium, tu satietas unica beatorum<sup>1271</sup>

Eua<sup>1272</sup>

Adonay, Domine Deus meus, secundum magnam misericordiam tuam miserere mei

Magna est enim misericordia tua et miserationes tue multe nimis

Tu<sup>1273</sup> ante omnia celum immobile creasti, habitaculum sanctum et excelsum

Illud angelicis spiritibus<sup>1274</sup> decorasti et ipsis omnia que facturus eras benigne reuelasti

Illi fuerunt astra matutina qui<sup>1275</sup> te per multa secula laudauerunt

---

<sup>1257</sup> ipso mane festina perrexit *EGJMNO PQ*, ipso mane festina porrexit *H*, ipso mane festinat *IR*, ipso mane festina precepit *V*

<sup>1258</sup> fecerat *EGHIJMNOPRV*, fecit *Q*

<sup>1259</sup> interrogauit *om. Q*

<sup>1260</sup> conscribas *EGIMNR*, scribes *O*, scribas *HJPV*, scribis *Q*

hic enim fuit *add. R*

<sup>1261</sup> Psalmus primorum parentum culparum remissionem implorantium et obtinentium hic enim fuit *EJM*

Psalmus primorum parentum culparum remissionem implorantium et obtinentium *GINOPR*

Hic (enim *H*) fuit psalmus primorum parentum culparum remissionem implorantium et obtinentium

*HQ*

Psalmus primorum parentum culparum remissionem implorantium *V*

<sup>1262</sup> nomina personarum *om. IRV*, *add. GHJ (in marg.)*

<sup>1263</sup> secundum *om. V*

<sup>1264</sup> tuam *om. P*

<sup>1265</sup> pelago *JMN*, pelagi *EGHIOPQRV*

<sup>1266</sup> celi et omnes caligine *EGHJMOPQRV*, celi et omnes celigene *I*, omnes celi et caligine *N*

<sup>1267</sup> pientissimas *EGHJMNO PQRV*, sapientissimas *I*

<sup>1268</sup> exaudiat *GHIJMNOPQV*, exaudiuit *R*

<sup>1269</sup> omnia alia sunt tenebris permixta *GHJMNO P*, omnia alia sunt nebulata *Q*, omnia alia sunt tenebris mixta *IRV*

<sup>1270</sup> nescit *HMOPQV*, nescis *GIRN*

<sup>1271</sup> tu satietas unica beatorum *HJMRV*, satietas unica omnium beatorum *N*, societas unita omnium beatorum *P*, tu es satietas unica omnium beatorum *OQ*

Tu es terminus et finis omnium, tu satietas unica beatorum *om. G*

<sup>1272</sup> mater omnium *add. E*

<sup>1273</sup> Tu *EGHIJMNOPQR*, Tua *V*

<sup>1274</sup> spiritibus *EGHIJMNOPQR*, spiritus *V*

<sup>1275</sup> qui *EGHIJMNOPVR*, que *Q*

Tu celum mobile formasti et illud<sup>1276</sup> aquas que super celos sunt nominasti  
 Est namque in se omnino uniforme et motu suo alii celi cientur<sup>1277</sup>  
 Aque ille sunt sub celo immobili et super<sup>1278</sup> omnia que mouentur  
 Tu creasti lucem, pulcherimum solem<sup>1279</sup>, lunam cum quinque planetis  
 Firmamentum in medio posuisti, in quo signa, stellas et sidera potenter<sup>1280</sup> collocasti  
 Quattuor elementa produxisti et cuncta ex illis tua sapientia conflauisti  
 Adam  
 Adonay, Domine Deus meus, secundum magnam misericordiam tuam miserere  
 mei<sup>1281</sup>  
 Qui deprimis superbos et exaltas humiles tuos  
 Draconem enim superbum et rebellem brachio<sup>1282</sup> tue potentie dispersisti  
 De sedibus potentes deposuisti et qui erant humiles sublimasti<sup>1283</sup>  
 Esurientes adimplesti bonis et qui sibi pleni uidebantur abiecisti  
 Me tandem hominem de limo terre fabricasti tuaque imagine insignisti<sup>1284</sup>  
 Et si<sup>1285</sup> natura mortalem et perturbabilem, ne mori aut perturbari possem<sup>1286</sup>  
 concessisti<sup>1287</sup>  
 Nam et illa a te accipere mihi non repugnabat<sup>1288</sup>  
 Me in locum uite et uoluptatis induxisti et omnibus bonis<sup>1289</sup> decorasti  
 Sub pedibus meis<sup>1290</sup> omnia subiecisti et magnum Adonay nomen ostendisti  
 Euam adiutorium mihi simile dedisti, quam de latere meo extraxisti  
 Adam<sup>1291</sup>  
 Adonay, Domine Deus meus, secundum magnam misericordiam tuam miserere mei  
 Quia me caput omnium<sup>1292</sup> hominum fecisti tuaque sapientia<sup>1293</sup> simul cum socia  
 imbuisti  
 Liberum arbitrium concessisti et in manibus nostris nos<sup>1294</sup> dimisisti  
 Precepta et mandata nobis dedisti, uitam et mortem ante nos posuisti  
 Vt si mandata seruaremus conseruaremur, non seruando moriremur  
 Lucifer inuidus uidit et inuidit, pugnavit contra nos et uicit  
 [92] Victus ab angelis, hominem superauit et semen eius in eternum<sup>1295</sup> prostrauit  
 Ego sum qui peccaui, ego ille qui coram te iniquitatem feci

<sup>1276</sup> illud *EGHIJMNOQRV*, illius *P*

<sup>1277</sup> cientur *EGHMNOP*, ocientur *J*, mouentur *IRV*

Est namque in se omnino uniforme et motu suo alii celi cientur *EGHIJMNOQRV*

Est namque motu suo uniforme et in se eo modo et motu suo alii celi cientur *Q*

<sup>1278</sup> super *GJMNOQV*, supra *EHIR*

<sup>1279</sup> lucem, pulcherimum solem *GHIJNOPQR*, lucem pulcherimam, solem *EMV*

<sup>1280</sup> potenter *om. Q*

<sup>1281</sup> Domine *add. Q*

<sup>1282</sup> tuo *add. O*

<sup>1283</sup> sublimasti *EGHIJMNOQRV*, exaltasti *Q*

<sup>1284</sup> tuaque imagine insignisti *EGHIJMNOQV*, tuaque manu fecisti *Q*

<sup>1285</sup> Etsi *BEGHIJMNOQ*, Et sui *HIRV*

<sup>1286</sup> possem *EHIJMNP*, posse *GOV*, *om. R*

<sup>1287</sup> concessisti *EHIJMNOQRV*, consensisti *G*

<sup>1288</sup> Et si natura mortalem et perturbabilem, ne mori aut perturbari possem concessisti

Nam et illa a te accipere mihi non repugnabat *om. Q*

<sup>1289</sup> bonis *EGJMOPQ*, donis *HINRV*

<sup>1290</sup> meis *om. Q*

<sup>1291</sup> Adam *om. GO*

<sup>1292</sup> omnium *om. IRV*

<sup>1293</sup> tuaque sapientia *EGHIJMNOQV*, tuamque sapientiam *IR*

<sup>1294</sup> nos *EGHIJMNOQVR*, non *V*

<sup>1295</sup> in eternum *om. Q*

Si ego noluissem nec Eua nec hostis me auertere potuisset<sup>1296</sup>  
Cum in honore essem<sup>1297</sup> non intellexi et dignitatem meam<sup>1298</sup> amisi  
Comparatus sum iumentis, equo et mulo factus sum similis  
Adam<sup>1299</sup>

Adonay, Domine Deus meus, secundum magnam misericordiam tuam miserere mei  
Tribulationem et dolorem inueni, circudederunt me gemitus mortis  
Morte et omni miseria<sup>1300</sup> sum oppressus, omnibus muneribus exspoliatus<sup>1301</sup>  
Descendi ab Ierusalem in Ierico, incidi<sup>1302</sup> in latrones pessimos<sup>1303</sup>  
Ipsi me spoliauerunt<sup>1304</sup> et nudum omnino dimiserunt  
Atrociter uulnerauerunt<sup>1305</sup> et semiuiuum reliquerunt  
Iam nuditatem meam ipse agnosco<sup>1306</sup>, malum meum erit contra me semper  
Scio bonum nunc, Deus<sup>1307</sup>, quod amisi, quod teneo malum bene didici  
Verumtamen minus meas defleo<sup>1308</sup> miserias quam posteritatis<sup>1309</sup> calamitates<sup>1310</sup>  
Vtinam super<sup>1311</sup> me solum et Euam peccatorum pena irruisset<sup>1312</sup>  
Transibit<sup>1313</sup> de progenie in progenies in uniuersos liberos nostros  
Eua

Adonay, Domine Deus meus, secundum magnam misericordiam tuam miserere mei  
Magnus Dominus Deus noster et magna clementia eius et misericordie eius non est  
numerus

Qui peccato nostro adhibuit remedium ut, si uellemus, surgere possemus  
Filium suum omnium glorificatorem mox statuit<sup>1314</sup> nostrum Redemptorem  
Eius quoque<sup>1315</sup> sanctam Genitricem nostram statuit<sup>1316</sup> mediatricem  
Ad cuius effigiem edificauit me Euam cunctorum uiuentium matrem  
Matrem instar filie fecit, Adam instar sui et mei Filii plasmauit  
Cuius meritis quam<sup>1317</sup> maximis culpas nostras<sup>1318</sup> abolere uoluit  
Si et ipsi uellemus<sup>1319</sup> aut sacramenta eius suscipere<sup>1320</sup>  
Voluntarium sacrificium acceptabit, cor humile numquam<sup>1321</sup> abhorrebit

<sup>1296</sup> potuisset *EGHIJMOPRV*, potuissent *NQ*

<sup>1297</sup> Cum in honore essem *EGHIJMNOPRV*, cum eam honorem possiderem *Q*

<sup>1298</sup> meam *EIJNPQRV*, magnam *GHMO*

<sup>1299</sup> Adam *om. GO*

<sup>1300</sup> miseria *EHHINOQRV*, miserie *JMP*

<sup>1301</sup> exspoliatus *EHJMNOP*, spoliatus *GIQRV*

<sup>1302</sup> incidi *EGHIJMNOPQR*, decidi *V*

<sup>1303</sup> pessimos *EJ (M add. sup. ras. a m. ferocissimos) NP*, fortissimos *IRV*, ferocissimos *GHOQ*

<sup>1304</sup> spoliauerunt *EGJMNOPO*, dispoliauerunt *HIV*

<sup>1305</sup> uulnerauerunt *EGHIJMNOPQR*, inuulnerauerunt *V*

<sup>1306</sup> agnosco *EGHJMNOPO*, cognosco *IRV*

<sup>1307</sup> nunc, Deus *EGNO*, miser nobis, Deus *H*, miser, non Deus *IR*, misit nobis Deus *JM*, mi Deus *P*, Deus *Q*, miser nudans *V*

<sup>1308</sup> defleo *EGHJMNOPO*, defleam *IRV*

<sup>1309</sup> posteritatis *EGHIJNOPQRV*, posteritates *M*

<sup>1310</sup> calamitates *EHIJMNOPR*, calamitatem *Q*, calamitas *GV*

<sup>1311</sup> super *GHJMNOPOV*, semper *IR, om. Q*

<sup>1312</sup> irruisset *GHIJMNOPQRV*, uenisset *E*

<sup>1313</sup> Transibit *EGHIMNOPQRV*, Transiuit *J*

<sup>1314</sup> statuit *EHINOPQRV*, instituit *GJM*

<sup>1315</sup> Eius quoque *EGHIJMOPQR*, Eiusque *NV*

<sup>1316</sup> statuit *HJMNOPOV*, instituit *EGR*

<sup>1317</sup> quam *om. IRV*

<sup>1318</sup> nostras *EHIJMNOPQRV*, meas *G*

<sup>1319</sup> uellemus *EGHIJMNOPOV*, uelimus *Q*

<sup>1320</sup> suscipere<sup>1320</sup> *EGHIJMNOPOV*, suscipimus *Q*

<sup>1321</sup> numquam *om. P*

Venientibus ad se obuiam occurret<sup>1322</sup>, eis peccata dimittens gloriam<sup>1323</sup> infundet<sup>1324</sup>  
Eua<sup>1325</sup>  
Adonay, Domine Deus meus, secundum magnam misericordiam tuam miserere mei  
Grandis est multitudo dulcedinis tue, Deus, beati omnes qui sperant in te<sup>1326</sup>  
Post tenebras reducis lucem, post dolores<sup>1327</sup> gaudium et letitiam  
Retribuis pro centum mille et pro mille decem milia  
Commutas minima in maxima, temporalia in eterna  
Beati qui custodiunt mandata tua<sup>1328</sup>, subiciunt<sup>1329</sup> colla<sup>1330</sup> iugo tuo  
Habtabunt in excelso tabernaculo tuo, requiescent in monte sancto tuo<sup>1331</sup>  
In atriis tuis morabuntur, in<sup>1332</sup> fulgidis tectis<sup>1333</sup> super aurum et omnes lapides  
pretiosos  
Beati qui in te Deum<sup>1334</sup> Trinum et Vnum credunt et uias tuas scire uolunt  
Omnes "Gloria<sup>1335</sup> Patri et Filio et Spiritui Sancto" cantemus<sup>1336</sup> et Deum nostrum  
magnificemus  
Sicut et in principio angeli canebant<sup>1337</sup>, sic et nos cum illis nunc et semper in secula  
seculorum<sup>1338</sup>. Amen<sup>1339</sup>

Intellexisti igitur canticum istud et orationem istam quam iugiter Domino  
porrigebant<sup>1340</sup> quam ego tunc coram dixi Marie<sup>1341</sup>, ambulando in uia.<sup>1342</sup> Iter illud<sup>1343</sup>  
quod puella delicata in sex diebus<sup>1344</sup> uix fecisset Domino<sup>1345</sup> eam<sup>1346</sup> quem<sup>1347</sup> ferebat  
portante, in die una perfecimus<sup>1348</sup>. Neque omnino fuit naturale neque omnino  
miraculosum<sup>1349</sup>. Non enim subito uel in hora una illuc peruenimus. Ioseph sciebat quo  
ibamus, sed et causam<sup>1350</sup> itineris non<sup>1351</sup> ignorabat, immo sciebat<sup>1352</sup>. Fuit enim dignus

<sup>1322</sup> occurret *EGHJMNOQ*, occurrit *IRV*

<sup>1323</sup> gloriam *EGHJMN* (*O add. sup.lin.a.m.gratiam*) *PR*, gratiam *IQV*

<sup>1324</sup> infundet *EGHJMNOQ*, infundit *IRV*

<sup>1325</sup> Eua *EGHJMNOQ*, Adam *G*

<sup>1326</sup> qui sperant in te *EGHIJMNOPRV*, seruiet tibi *Q*

<sup>1327</sup> dolores *EGHIJMOPQRV*, dolorem *N*

<sup>1328</sup> temporalia in eterna / Beati qui custodiunt mandata tua *om. Q*

<sup>1329</sup> subiciunt *EGHIJMNOPRV*, subiiciuntur *Q*

<sup>1330</sup> colla *EGHJMNOQ*, collum *IRV*

<sup>1331</sup> Habtabunt in excelso tabernaculo tuo, requiescent in monte sancto tuo *om. G*

<sup>1332</sup> in *om. PV*

<sup>1333</sup> In atriis tuis morabuntur, in fulgidis tectis *EGHJMNOQ*, In atriis tuis morabuntur fulgidis *IRV*

<sup>1334</sup> Deum *om. V*

<sup>1335</sup> Gloria *EGHIJMOPRV*, gloriam *NQ*

<sup>1336</sup> cantemus *GHIMNOPQRV*, canamus *EJ*

<sup>1337</sup> canebant *EGHIJMNOPRV*, cantabant *Q*

<sup>1338</sup> canemus *add. G(M sup. lin.a.m.)*, canamus *add. O*, cantemus *add. Q*

<sup>1339</sup> Amen *om. GO*

<sup>1340</sup> porrigebant *EGHIMNOPRV*, porrigebat *JQ*

<sup>1341</sup> coram dixi Marie *BEGHJMNO*, coram Maria dixi *P*, totam dixi Marie *IQRV*

<sup>1342</sup> Et ita, cum festinatione, ut *add. E*

<sup>1343</sup> illud *EGHIJMNOQRV*, *om. O*, istud *P*

<sup>1344</sup> diebus *EGHIJMNOPR*, dierum spatiis *Q*, mensibus *V*

<sup>1345</sup> Domino *EGHIJMNOPRV*, Deo *Q*

<sup>1346</sup> eam *om. V*

<sup>1347</sup> ipsa in utero suo *add. E*

<sup>1348</sup> perfecimus *EGHIMNOPQR*, perficimus *JV*

<sup>1349</sup> neque omnino fuit naturale neque omnino miraculosum *EGHIJMNOQRV*, hoc omnino non fuit naturale, non omnino miraculosum *P*

<sup>1350</sup> ipsius *add. Q*

<sup>1351</sup> non *om. Q*

<sup>1352</sup> immo sciebat *om. E*

[93] uidere mirabilia Dei. Quando enim ego<sup>1353</sup> cum sociis meis ad Mariam Virginem orantem accessi, paulo post, ipse quia<sup>1354</sup> erat cum Anna in domo, uenerat enim eam<sup>1355</sup> uisitare, ad uidendam<sup>1356</sup> Mariam accesserunt et me cum ea loquentem inuenerunt et nobiscum tota illa nocte permanserunt, omnia uerba mea audierunt<sup>1357</sup> et Marie lumen uiderunt et Messiam esse conceptum crediderunt. Sed Deum<sup>1358</sup> incarnatum tunc<sup>1359</sup> non uiderunt, sed cantus angelicos et exultationem audierunt<sup>1360</sup>. Erant ambo nobiscum in uia, Ioseph et Anna.

Numquam ergo Ioseph dubitauit de Marie uirginitate<sup>1361</sup>, sed uidens tot miranda, non audebat in<sup>1362</sup> faciem eius aspicere<sup>1363</sup>. Et si quandoque<sup>1364</sup> aspiciebat<sup>1365</sup>, uidebatur<sup>1366</sup> sibi resplendere ut Sol, quia Solem gerebat in<sup>1367</sup> mente et corpore. Ideo radii eius rutilabant in facie. Que irradiatio, Sole exeunte de thalamo uirgineo, desiit. Ideo scribitur: "Et non cognoscebat eam donec peperit Filium suum primogenitum<sup>1368</sup>". Timor ergo<sup>1369</sup> quidam oppresserat Ioseph<sup>1370</sup> quia erat iustus, erat timidior et se indigniorem putabat. Quanto<sup>1371</sup> enim homo est doctior, quia scit quanta ad sciendum sibi desunt, tanto se indoctiorem<sup>1372</sup> putat. Et quanto homo<sup>1373</sup> iustior<sup>1374</sup>, tanto magis defectus suos cognoscit et tanto magis se uilipendit et Deum magnificat. Ideo Ioseph iustior aliis se indigniorem existimabat neque Mariam in domum suam traducere uolebat<sup>1375</sup>. Cogitabat occulte in corde suo<sup>1376</sup>, sed nulli propalabat. Dicebatque: "Non sum dignus habitare cum<sup>1377</sup> matre Dei". Quamuis adhuc nesciret omnia misteria, hoc tamen credebat. Non tamen perfecte intelligebat, neque tunc neque postea, sicut Maria. Cogitabat ergo, expleto itinere, dimittere ipsius<sup>1378</sup> societatem. In uia tamen et in domo Zacharie noluit eam relinquere. Postea uero, reuersus in Nazareth, uoluit<sup>1379</sup> eam dimittere. Cui apparui in somnis et hortatus sum eum<sup>1380</sup> ne timeret<sup>1381</sup>, quia Deus

<sup>1353</sup> sciebat. Fuit enim dignus 93/ uidere mirabilia Dei. Quando enim ego *om. G*

<sup>1354</sup> quia *GHJMN*, qui *EI* (*O sup. ras.*)*PQV*

<sup>1355</sup> eam *om. R*

<sup>1356</sup> ad uidendam *GIMNORV*, ad uidendum *EHJPQ*

<sup>1357</sup> audierunt *EGHIJMNPQRV*, audiuerunt *O*

<sup>1358</sup> Deum *EGHIJMNOPQR*, Dominum *V*

<sup>1359</sup> tunc *om. V*

<sup>1360</sup> audierunt *EGHIJMNPQRV*, audiuerunt *O*

<sup>1361</sup> Numquam ergo Ioseph dubitauit de Marie uirginitate *EGHIJMNOV*, Numquid enim Ioseph dubitauit de Marie uirginitate? *Q*

<sup>1362</sup> in *om. P*

<sup>1363</sup> aspicere *EGHIJMNOPR*, respicere *QV*

<sup>1364</sup> quandoque *EGHJMOP*, quando *INQRV*

<sup>1365</sup> aspiciebat *EGHIJMNOQQRV*, aspiciebatur *H*

<sup>1366</sup> uidebatur *EGHIJMNOQR*, uidebat *V*

<sup>1367</sup> in *om. EGHJNQR*

<sup>1368</sup> primogenitum *EGHIJMNOPRV*, unigenitum *Q*

<sup>1369</sup> ergo *EGHIJMOPQRV*, enim *N*

<sup>1370</sup> Ioseph *om. R*

<sup>1371</sup> Quanto *EGHIJMNOQR*, Quando *V*

<sup>1372</sup> indoctiorem *EGHIJMNOPR*, indoctior *V*

<sup>1373</sup> est *add. EGHINRV*

<sup>1374</sup> quia scit quanta ad sciendum sibi desunt, tanto se indoctiorem putat. Et quanto homo iustior *om. Q*

<sup>1375</sup> uolebat *EGHIJMNOQ*, nolebat *RV*

<sup>1376</sup> dimittere eam *add. E*

<sup>1377</sup> tanta Virgine *add. E*

<sup>1378</sup> ipsius *EGHIJMNOQV*, eius *R*

<sup>1379</sup> uoluit *EGHIJMNOQR*, noluit *V*

ab ea secrete recedere et *add. E*

<sup>1380</sup> eum *om. Q*

<sup>1381</sup> ne timeret *EGHIJMNOPRV*, ne dimitteret *Q*

fecerat eum dignum et quod Mariam acciperet et conduceret in domum suam, quia, sicut audierat illa felicissima nocte, quod<sup>1382</sup> in utero Marie natum erat, diuinum opus erat et<sup>1383</sup> Filius Altissimi, et quod puero nomen<sup>1384</sup> Iesus imponeret. Et sic fecit et<sup>1385</sup> adimpleuit.

Venimus igitur in montana<sup>1386</sup> Galilee<sup>1387</sup>, intrauimus in<sup>1388</sup> domum<sup>1389</sup> Zacharie. Sed nos angelos sola Maria uidebat. Ipsa ergo<sup>1390</sup> humillime, tamquam Virgo humillima, salutauit Elisabeth iam tumidum uterum habentem. Et dum amplexarentur se mutuo, mirabile dictu<sup>1391</sup>, Maria uidit Iesum respicientem Ioannem et Ioannem intuentem Iesum. Nam subito ut Maria dixit, intrando<sup>1392</sup>: "Pax Christi sit huic domui", et Elisabeth occurrenti: "Pax<sup>1393</sup> tibi magni prophete et uocis in deserto clamantis dignissima<sup>1394</sup> mater", Ioannes illico se ad Christum conuertit et facie et uultu corporali et unus<sup>1395</sup> alterum inspexit<sup>1396</sup> oculo mentali quasi<sup>1397</sup> se et Deum anime beate aspiciunt, genua sua Ioannes primum ante Iesum<sup>1398</sup> curuauit, etiam nobis angelis intuentibus, et Christum Regem adorauit. Deinde<sup>1399</sup> hec uerba lingua qua angeli et anime inter se loquuntur protulit, dicens per modum cantici:<sup>1400</sup>

Benedictus<sup>1401</sup> sit Christus, uerus Deus<sup>1402</sup>, Dominus et Saluator meus  
 Benedictus<sup>1403</sup> sit eius introitus quo mihi collatus<sup>1404</sup> est celestis uictus  
 [94] Benedic mihi puero tuo, saluum fac filium ancille tue  
 Mitte benedictionem de sancto Templo tuo ut implear benedictione tua<sup>1405</sup>  
 Esto mihi adiutor fortis ut digne annuntiem laudem et<sup>1406</sup> gloriam tuam  
 Te adoro, Deus meus, tibi me commendo, creator meus

Iesus uero quasi sedebat et, manu dextra erecta<sup>1407</sup>, uersus ipsum Ioannem extensa,

<sup>1382</sup> quod *om. E*

<sup>1383</sup> natum erat, diuinum opus erat *GHIJMNOPQRV*, conceptus erat *E*

<sup>1384</sup> nomen *EGHIJMNOPQR*, nomine *V*

<sup>1385</sup> et humiliter omnia *add. E*

<sup>1386</sup> montana *EGHIMNOPQRV*, montem *J*

<sup>1387</sup> Galilee *GHIJMNOPQRV*, Iudee *E*

<sup>1388</sup> in *om. J*

<sup>1389</sup> domum *EGHIJMNOPQV*, domo *R*

<sup>1390</sup> ergo *EGIJNMOPQRV*, Virgo *H*

<sup>1391</sup> mirabile dictu *EGHIJMNOPRV*, mirabile quid *Q*

<sup>1392</sup> intrando *EGHIJMNOPRV*, initiando *Q*

<sup>1393</sup> Christi sit huic domui", et Elisabeth occurrenti: "Pax *om. IR*

<sup>1394</sup> dignissima *EGHIJMNOPRV*, condignissima *Q*

<sup>1395</sup> ad *add. IRV*

<sup>1396</sup> inspexit *GHIMNOPQRV*, respexit *EJ*

<sup>1397</sup> quasi *EGHJMNOPQV*, quali *IR*

<sup>1398</sup> Iesum *EGHJMNOPRV*, Christum *Q*

<sup>1399</sup> Deinde *om. IR*

<sup>1400</sup> per modum cantici *om. G*

Canticum Ioannis in utero Elisabeth ad Iesum in utero Marie in eius salutatione *add. Q*

Canticum Ioannis Baptiste ad Christum in utero Elisabeth *add. I(R in marg.)V*

<sup>1401</sup> Benedictus *EGHIJMNOPQR*, Benedixit *V*

<sup>1402</sup> uerus Deus *EGHIJMNOPQR*, Deus meus *V*

<sup>1403</sup> Benedictus *EGHIJMNOPQR*, Benedixit *V*

<sup>1404</sup> collatus *EGHIJMNOPQR*, collocatus *V*

<sup>1405</sup> implear benedictione tua *EHJ(M in marg. a.m. ut celesti gratia impleri merear)NPV*, ut impleatur benedictione tua *IR*, ut celesti gratia impleri merear *GO*, in celesti gratia impleri merear *Q*

<sup>1406</sup> laudem et *om. HIRV*

<sup>1407</sup> erecta *EGIJMNOPQRV*, erepta *H*

illum his uerbis<sup>1408</sup> et eadem lingua benedicebat per modum cantici:<sup>1409</sup>

Benedictus sis<sup>1410</sup>, electe Ioannes, serue<sup>1411</sup> meus, tu, idoneus<sup>1412</sup> precursor et preco<sup>1413</sup> meus<sup>1414</sup>

Veni ut me<sup>1415</sup> illum<sup>1416</sup> uideres quem et precurrere potmodum<sup>1417</sup> deberes<sup>1418</sup>

Veni, Ioannes, ut tibi benedicam et faciem meam<sup>1419</sup> tibi ostendam

Esto preco meus, Ioannes, iam precursoris officium inchoato

Verbum me esse Eterni Patris in mundi deserto clamabis<sup>1420</sup>

Agnum auferentem crimina predicabis et Saluatorem<sup>1421</sup> hominum<sup>1422</sup> annuntiabis

Ante me in mundum ibis et uiam meam preparabis

Homines ad baptismum conuocabis<sup>1423</sup> et me Deum esse declarabis<sup>1424</sup>

Tunc Ioannes, Maria et Elisabeth et nobis angelis inspicientibus<sup>1425</sup>, surrexit et saltare et tripudiare cepit, dicendo per modum cantici:<sup>1426</sup>

De matris mee utero uocauit me Dominus nomine meo

Seruum suum me appellauit, electum suum me nominauit

Faciem hominis mihi ostendit et diuinitatem<sup>1427</sup> non abscondit

Qui me iam conceptum uiderat uidi et tamquam Deum adorauit

Benedictionem amplam accepi, officium precursoris inchoaui

Preco sum Verbi diuini et precursor Domini mei<sup>1428</sup>

Dei Verbum annuntiabo<sup>1429</sup> et ut uox uera proclamabo<sup>1430</sup>

Agnum Dei demonstrabo<sup>1431</sup>, mentes<sup>1432</sup> hominum illuminabo<sup>1433</sup>

---

<sup>1408</sup> uerbis *EGHJMNO PQ*, uersibus *IRV*

<sup>1409</sup> et eadem lingua benedicebat per modum cantici *GHIJMNO PQRV*, benedixit, sic dicendo *E* per modum cantici *om. Q*

Canticum Iesu ad Ioannem in utero *add. Q*

Canticum Iesu ad Ioannem Baptistam *add. I (R add. in marg.) V*

<sup>1410</sup> sis *EGHINOPRV*, scis *M*, sit *JQ*

<sup>1411</sup> serue *EGHIJMNOQ RV*, seruus *P*

<sup>1412</sup> idoneus *om. OQ*

tu, idoneus *om. GHIJRV*

<sup>1413</sup> et preco *om. Q*

<sup>1414</sup> idoneus precursor et preco meus *EGHIJMNO PQRV*, precursor et preco idoneus *G*

<sup>1415</sup> me *om. HIRV*

<sup>1416</sup> illum *GHIJMNO PQRV*, ipsum *E*

<sup>1417</sup> precurrere postmodum *EGHJMNO PQ*, precurrere *IR*, percursor *V*

<sup>1418</sup> deberes *EGHIJMNO PRV*, debes *Q*

<sup>1419</sup> faciem meam *EGHJMNO PQ*, me *IRV*

<sup>1420</sup> clamabis *EGHIJMNO PRV*, clamato *O*, proclamabis *Q*

<sup>1421</sup> Saluatorem *EGHIJMNO PQR*, salutem *V*

<sup>1422</sup> hominum *EGHIJMNO PQRV*, omnium *O*

<sup>1423</sup> conuocabis *EGHIJMNO PQR*, uocabis *V*

<sup>1424</sup> declarabis *EGHIJMNO PQRV*, declamabis *O*

<sup>1425</sup> et Elisabeth et nobis angelis inspicientibus *EGHJMOPQV*, et Elisabeth inspicienti (inspiciente *R*) et nobis angelis *IR*, et Elisabeth et nobis angelis aspicientibus *N*

<sup>1426</sup> loquendo *add. Q*

Canticum 2m Ioannis in utero ad Iesum in utero Virginis Marie *add. Q*

Canticum Ioannis *add. H(in marg.a.m.)I(R in marg.a.m.)V*

<sup>1427</sup> suam *add.HINQR*

<sup>1428</sup> mei *om. V*

<sup>1429</sup> uerbum annuntiabo *EGHIJMNO PQ*, uerbum annuntiando *R*, uerbi annuntiando *V*

<sup>1430</sup> proclamabo *EGHJMOPQ*, clamabo *INV*, clamando *R*

<sup>1431</sup> demonstrabo *EGHIJMNO PQ*, demonstrando *RV*

<sup>1432</sup> mentes *EGHIJMNO PQR*, mentem *V*

Hec Ioannes.

Mater ergo sua audiuit, quia uidit<sup>1434</sup> ipsum a Iesu Ioannem uocatum<sup>1435</sup>. Ideo, quando ei nomen patris imponebatur, dixit: "Nequaquam tale nomen patris habebit, sed uocabitur Ioannes". Tripudiante igitur Ioanne et Christo<sup>1436</sup> eum benedicente, matres amplexate<sup>1437</sup> stabant et hec<sup>1438</sup> miranda<sup>1439</sup> intuebantur non sine gaudio innenarrabili et una alteri<sup>1440</sup>, non lingua carnis sed angelica, loquebatur. Sed tandem Elisabeth exclamauit<sup>1441</sup> lingua carnis, ultima mee salutationis uerba repetens et fructum Marie benedicens. Dum enim sic starent<sup>1442</sup> amplexate, Elisabeth lingua angelica interrogauit<sup>1443</sup> Mariam quando conceperat illum filium et quomodo. Maria indicauit per ordinem missionem Gabrielis, qui ego sum, et meam salutationem et quomodo conceperat et quis erat ille puerullus. Nam Elisabeth<sup>1444</sup> uidebat eum, sed non diuinitatem eius. Exclamando igitur Elisabeth uoce magna, dixit: "Benedicta tu in mulieribus", quod et ego dixeram<sup>1445</sup> et<sup>1446</sup> est sensus:

Tu, Maria, sola benedicta es inter omnes homines, quia sola pro nullo tempore nec in esse nec in mente aut cogitatione maledictioni subiecta fuisti.<sup>1447</sup> Tu, Maria, sola es<sup>1448</sup> inter mulieres benedicta, quia sola mater Dei esse meruisti.

Ego sibi hec omnia utrumque dixeram<sup>1449</sup>, quod esset benedicta inter omnes homines<sup>1450</sup> quia sola<sup>1451</sup> numquam maledictioni<sup>1452</sup> subiecta, sola benedicta<sup>1453</sup> inter omnes creaturas quia [95] sola super omnem creaturam preelecta<sup>1454</sup>, sola benedicta inter mulieres, quia sola<sup>1455</sup> ut Deum<sup>1456</sup> conciperet electa<sup>1457</sup>. Sed euangelista<sup>1458</sup> non omnia expressit nec omnia in scriptis<sup>1459</sup> reliquit.<sup>1460</sup>

---

<sup>1433</sup> illuminabo *EGHIJMNOPQV*, demonstrando *R*

<sup>1434</sup> uidit *om. R*

<sup>1435</sup> quia uidit ipsum a Iesu Ioannem uocatum *GHIJMNOPQRV*, uocari Ioannem a Domino Iesu *E*

<sup>1436</sup> Christo *EGHIJMNOPQRV*, Iesu *N*

<sup>1437</sup> matres amplexate *EGHIJMNOPQR*, matribus amplexantibus *V*

<sup>1438</sup> hec *om. V*

<sup>1439</sup> miranda *EGHIMNOPQRV*, miracula *J*

<sup>1440</sup> alteri *EHIJMNOPQRV*, alteram *G*

<sup>1441</sup> exclamauit *EGHIJMNOPRV*, exclamabat *Q*

<sup>1442</sup> starent *EGHIJMNOPRV*, stabant *Q*

<sup>1443</sup> interrogauit *om. Q*

<sup>1444</sup> lingua angelica interrogauit Mariam quando conceperat illum filium et quomodo. Maria indicauit per ordinem missionem Gabrielis, qui ego sum, et meam salutationem et quomodo conceperat et quis erat ille puerullus. Nam Elisabeth *om. E*

<sup>1445</sup> quod et ego dixeram *om. Q*

<sup>1446</sup> et *GHIJMNOPQRV*, cuius *E*

<sup>1447</sup> fuisti *EGHIJMNOPR*, es *Q*

Tu, Maria, sola benedicta es inter omnes homines quia sola pro nullo tempore nec in esse nec in mente aut cogitatione maledictioni subiecta fuisti *om. IRV*

<sup>1448</sup> es *om. GQ*

<sup>1449</sup> in uia et *add. Q*

<sup>1450</sup> homines *GHIJMNOPRV*, creaturas *Q*

<sup>1451</sup> Ego sibi hec omnia utrumque dixeram, quod esset benedicta inter omnes homines, quia sola *om. E*

<sup>1452</sup> fuit *add. Q*

<sup>1453</sup> inter omnes homines quia sola numquam maledictioni subiecta, sola benedicta *om. P*

<sup>1454</sup> preelecta *om. JMP*

sola benedicta inter omnes creaturas, quia sola super omnem creaturam preelecta *EGHIJMNOPRV*, et etiam super omnes creaturas fuit electa *Q*

<sup>1455</sup> sola benedicta inter mulieres, quia sola *om. E*

<sup>1456</sup> Hominem *add. E*

<sup>1457</sup> electa *GHIJMNOPRV*, preelecta *Q*

<sup>1458</sup> euangelista *GHIJMNOPQR*, euangelisti *V*

<sup>1459</sup> scriptis *GHIJMNOPRV*, scripturis

Addit<sup>1461</sup> Elisabeth iam informata et instructa<sup>1462</sup>: Et benedictus fructus uentris tui, quia in hoc benedicentur<sup>1463</sup> omnes gentes, ut promissum fuerat Abraam.  
Sic ergo Elisabeth<sup>1464</sup> locuta est per modum cantici<sup>1465</sup>:

O Virgo numquam maledicta, inter omnes homines sola benedicta  
Super<sup>1466</sup> omnes creaturas exaltata omnique uirtute decorata  
Inter mulieres sola benedicta, Filii Dei sola mater electa  
Fructus uentris tui est benedictus et ipsi patri nostro<sup>1467</sup> Abraam promissus  
Sine ipso est benedictus nemo, ipse benedictus a solo Deo  
Vnde hoc mihi Deus concessit quod<sup>1468</sup> Mater eius ad me se contulit  
Nullis hoc factum est meritis meis neque uirtutibus<sup>1469</sup> ullis  
Domini mei ad me Mater uenit et cor meum gaudio impleuit  
Benedicta que credidisti, adimplebuntur in<sup>1470</sup> te que mihi dixisti  
Super omnes creaturas exaltaberis et Regina angelorum<sup>1471</sup> uocaberis

Tunc in maxima cordis exultatione, lingua humana<sup>1472</sup> per modum cantici dixit Maria<sup>1473</sup>: « Magnificat anima mea Dominum et exultauit spiritus meus<sup>1474</sup> » prout Lucas in suo Euangelio conscripsit<sup>1475</sup>.

Hi fuerunt tres dies felicissimi, prima desponsationis, secunda incarnationis, tertia uisitationis. De qua uisitacione cito cito<sup>1476</sup> fiet a pontifice hoc presenti, multorum malorum et bonorum<sup>1477</sup> patrator<sup>1478</sup>, Virgini tamen deuoto, nouum officium cui pastor electus et singularis<sup>1479</sup> pleraque<sup>1480</sup> addet ex ista reuelatione. Et ut solemnius peragi possit, fiat<sup>1481</sup> post octauam Precursoris uel apostolorum Petri et Pauli, quorum<sup>1482</sup> octaua solemniter<sup>1483</sup> fiat omnino<sup>1484</sup>. Et aliorum omnium apostolorum octauam<sup>1485</sup> non

---

<sup>1460</sup> electa. Sed euangelista non omnia expressit nec omnia in scriptis reliquit. *om. E*

<sup>1461</sup> Addit *EGHIJNOQR*, Addit *MPV*

<sup>1462</sup> iam informata et instructa *GHIJMNOQRV*, edocta a Spiritu Sancto *E*

<sup>1463</sup> benedicentur *EGHIJMNOQRV*, benedicuntur *P*

<sup>1464</sup> prossequendo, sic *add. E*

<sup>1465</sup> ad Virginem gloriosissimam Mariam *add. Q*

Canticum Elisabeth ad Virginem Mariam *add. Q*

Canticum Elisabeth ad Mariam *add. I (R in marg.a.m.) V*

<sup>1466</sup> Super *EGHIJMNOQRV*, Inter *P*

<sup>1467</sup> patri nostro *om. IQR*

<sup>1468</sup> quod *GHIJMNOQR*, quia *EV*

<sup>1469</sup> uirtutibus *EGHJMNO*, pro uirtutibus *IRQ*, pro uiribus *V*

<sup>1470</sup> in *EGHIJMNPQV*, de *O*

<sup>1471</sup> angelorum *EGHIJMNOQRV*, celorum *P*

<sup>1472</sup> humana *om.IRV*

<sup>1473</sup> Maria *om. E*

canticum *add. I*

<sup>1474</sup> et exultauit spiritus meus ( in Deo salutaris meo *add.G*) *IJMNOPRV*, *om. EH*, et cetera *Q*

<sup>1475</sup> conscripsit *GHIJMNOQRV*, conscribit *E*

<sup>1476</sup> cito *om. OQ*

<sup>1477</sup> multorum malorum et bonorum *EHIMNPQV*, malorum et multorum bonorum *GJO*

<sup>1478</sup> patrator *EGHIJMNOQR*, patrator est *V*

<sup>1479</sup> et singularis *E*

<sup>1480</sup> pleraque *EGHIJMONPQ*, pluraque *RV*

<sup>1481</sup> fiat *GHIJMNOQRV*, fiet *EP*

<sup>1482</sup> uidelicet Precursoris, Petri et Pauli *add. GOQ*

<sup>1483</sup> solemniter *EGHJMNOQV*, solemnior *RI*

<sup>1484</sup> omnino *EGHIJMNPQRV*, oratio *O (sup.lin.a.m.omnino)*

<sup>1485</sup> solemniter fiat omnino. Et aliorum omnium apostolorum octauam *om. V*

habentium fiat<sup>1486</sup> octaua ut nunc est ipsorum apostolorum<sup>1487</sup> Petri et Pauli. Maiori reuerentia sunt prosequendi apostoli Domini nostri Iesu Christi, qui pro salute<sup>1488</sup> hominum tanto tempore laborauerunt.

Astabat Anna, astabat Ioseph<sup>1489</sup>. Linguam humanam audiebant, angelicam non audiebant<sup>1490</sup>. Pleni tamen et ipsi gaudio erant et mirabantur de his que dicebantur.

Maria mansit<sup>1491</sup> cum sua cognata usquequo Elisabeth peperit filium. Et Maria docebat ipsam<sup>1492</sup> Elisabeth de<sup>1493</sup> lege Dei et sibi suam desponsationem et in Templo antea conuersationem<sup>1494</sup> narrauit et sepius cum Ioanne lingua nostra loquebatur. Zacharias gaudiis omnibus interfuit<sup>1495</sup> in domo sua factis<sup>1496</sup>, sed non plus<sup>1497</sup> quam<sup>1498</sup> Anna aut Ioseph uidit.<sup>1499</sup> Tandem Ioannes, Christo inspiciente et benedicente ex utero Virginis, egressus est ex utero sue matris, et Maria cum Anna eum suscipiente<sup>1500</sup> atque hec uerba dicente per modum cantici:<sup>1501</sup>

Egrediatur miles ante Regem suum, seruus progrediatur ante Dominum suum<sup>1502</sup>  
Preco<sup>1503</sup> iudicem preibit, uox Verbum annuntiabit<sup>1504</sup>  
O sterilis ualde beata et in tanto filio multum<sup>1505</sup> sublimata  
[96] Concepisti iam purgatum, peperisti omni dono ampliatum  
Neque uinum neque siceram bibet, omne<sup>1506</sup> quod inebriare potest respuet<sup>1507</sup>  
Mel et locustas in deserto comedet et uni Deo<sup>1508</sup> inseruiet<sup>1509</sup>  
Nomen eius pater ab angelo audiuit, mater a Filio meo eum<sup>1510</sup> uocari<sup>1511</sup> uidit  
Pater quia non crediderat obmutuit<sup>1512</sup>, Deus linguam eius aperuit<sup>1513</sup>  
Magnificemus Deum omnes precursorem eius inspicientes

<sup>1486</sup> fiat *GHIJMNOPQ*RV, fiet *E*

<sup>1487</sup> ipsorum apostolorum *EGHIJMNOPR*, sanctorum *Q*, ipsa *V*

<sup>1488</sup> omnium *add. HI (M sup. lin. a.m.) NRV*

<sup>1489</sup> Astabat Anna, astabat Ioseph (et Zacharias *add. E*) *EGHIJMNOPQ*, Astabat Anna et Ioseph *IR*, Astabant Anna et Ioseph *V*

<sup>1490</sup> angelicam non audiebant *EIMNORV*, sed non angelicam *E*, *angelicam non* uidebant *GHJP*, angelum non uidebant *Q*

<sup>1491</sup> mansit *EGHIJMOPQ*RV, reamnsit *N*

<sup>1492</sup> peperit filium. Et Maria docebat ipsam Elisabeth de lege Dei *EHIJMNOPRV*, peperit filium. Et Maria docebat eam in lege Dei *G*, peperit filium et docebat ipsam *Q*

<sup>1493</sup> de *JMOPV*, in *EGHINQR*

<sup>1494</sup> et in Templo antea conuersationem *om. IRV*

<sup>1495</sup> interfuit *GHJMNOPQ*, interfuerat *IRV*

<sup>1496</sup> in domo sua factis *om. Q*

<sup>1497</sup> plus *GHIJMNOPV*, plenus *Q*

<sup>1498</sup> quam *om. RV*

<sup>1499</sup> Zacharias gaudiis omnibus interfuit in domo sua factis, sed non plus quam Anna aut Ioseph uidit. *om.*

*E*

<sup>1500</sup> suscipiente *GIJMNOQ*RV, inspiciente *EH*, inspirante *P*

<sup>1501</sup> Canticum Virginis in natiuitate Ioannis Baptiste *add. Q*

Canticum Marie de natiuitate Ioannis Baptiste *add. I (R add. in marg.) V*

<sup>1502</sup> Preco iudicem preibit et in tanto Filio multum sublimata *add. V*

<sup>1503</sup> ante *add. H*

<sup>1504</sup> annuntiabit *EGHIJMNOPQ*, annuntiauit *RV*

<sup>1505</sup> multum *EGIJMOPRV*, tantum *HN*, ualde *Q*

<sup>1506</sup> omne *om. O*

<sup>1507</sup> respuet *EGHIJMNOPRV*, destruet *Q*

<sup>1508</sup> semper *add. GHJNOQ*

<sup>1509</sup> inseruiet *EGHIJMNOPQ*, seruiet *IRV*

<sup>1510</sup> eum *om. Q*

<sup>1511</sup> uocari *EGHIJMNOPQR*, uocare *V*

<sup>1512</sup> obmutuit *EGHIMNOPQ*RV, obmutauit *J*

<sup>1513</sup> aperuit *GHIJMNOPQ*RV, aperiet *E*

Reliqua, dilectissime<sup>1514</sup>, ad natiuitatem huius<sup>1515</sup> plusquam prophete pertinentia ex Euangelio didicisti. Mirabilis fuit natiuitas huius pueri et<sup>1516</sup> gaudio adimpleuit angelos et homines admiratione et letitia. Vnde usque nunc quasi omnes in nocte illa gaudent et adhuc magis gaudebunt.<sup>1517</sup>

Manente Maria in domo<sup>1518</sup> Zacharie, Ioachim, uir sanctus, sollicitus de filia, iuit<sup>1519</sup> post illam et, quando natus est Ioannes<sup>1520</sup>, simul cum Ioseph interfuit. Nato puero et per<sup>1521</sup> triduum letitia expleta, Maria, cum quibus uenerat et cum suo patre Ioachim, reuersa est in domum suam in<sup>1522</sup> tanto tempore<sup>1523</sup> quanto uenerat. Et scito quod Maria sola<sup>1524</sup>, sine ullo dolore, peperit, Elisabeth cum paruo, Anna cum minori. Hortante itaque me<sup>1525</sup>, Ioseph conduxit Mariam in domum suam sine pompis ullis. Cum timore Dei, in<sup>1526</sup> sanctitate et iustitia coram Deo<sup>1527</sup> ambulabant<sup>1528</sup>, contemplationibus et bonis operibus iugiter uacabant<sup>1529</sup>. Interdum manibus propriis laborabant et de suo labore uiuebant. Nos angeli assidue aderamus<sup>1530</sup> et<sup>1531</sup> inseruiebamus Regem<sup>1532</sup> ferenti<sup>1533</sup> inclite Regine nostre.

Tandem, dum<sup>1534</sup> implerentur<sup>1535</sup> dies pariendi Marie, exiit edictum ut describeretur uniuersus<sup>1536</sup> orbis terrarum. Ioseph cum Maria et propinqui, Ioachim cum aliis multis ascenderunt in Bethleem, quia et Ioseph et Ioachim erant de tribu Iuda et de domo Dauid. Et quia<sup>1537</sup> multitudo populi confluerat<sup>1538</sup> et hora tarda erat, remanserunt in diuersorio ciuitatis Bethleem. Et media nocte peperit eo modo prout<sup>1539</sup> Virgo Regina reuelauit cuidam mulieri deuotissime cuius mausoleum est in Sancto Laurentio Panisperna<sup>1540</sup>, ubi moniales ordinis tui incorrecte uiuunt. Cui mulieri deuotissime<sup>1541</sup>

---

<sup>1514</sup> dilectissime *EGHIJMNOPRV*, carissime *Q*

<sup>1515</sup> huius *EHIJMPQRV*, eius *GNO*

<sup>1516</sup> et *GHIJMNOPQRV*, que *E*

<sup>1517</sup> Vnde usque nunc quasi omnes in nocte illa gaudent et adhuc magis gaudebunt. *om. E*

<sup>1518</sup> in domo *om. G*

<sup>1519</sup> iuit *EGHIJMNOPRV*, fuit *Q*

<sup>1520</sup> Ioannes *EGHIJMNOPRV*, Baptista *Q*

<sup>1521</sup> et per *EGHIJMNOPR*, post *QV*

<sup>1522</sup> in *EGHIJMNOPQR*, et *V*

<sup>1523</sup> in *add. ER*

<sup>1524</sup> fuit que *add. H*

<sup>1525</sup> Hortante itaque me *EGHIJMNOQRV*, Hortauit itaque *P*

<sup>1526</sup> in *EGHIJMNOPQR*, et *V*

<sup>1527</sup> Deo *EHIJMNOPRV*, ipso *Q*

coram Deo *om. G*

<sup>1528</sup> ambulabant *EGHIJMNOPRV*, ambulabat *Q*

<sup>1529</sup> iugiter uacabant *EGHIJMNOPRV*, uacabat Deo *Q*

<sup>1530</sup> aderamus *EGHJMNOQRV*, adorebamus *I*, adorauius *P*

<sup>1531</sup> eis *add. E*

<sup>1532</sup> Regem *GHIJMNOPRV*, principem nostrum *E*, Regem nostrum *Q*

<sup>1533</sup> ferenti *EGHIJMNOPQR*, inferenti *V*

<sup>1534</sup> dum *EGLJMNOPQRV*, ut *H*

<sup>1535</sup> implerentur *EGHIJMNOQV*, impleretur *PR*

<sup>1536</sup> uniuersus *iEGHIJMOPQRV*, totus *N*

<sup>1537</sup> nimia *add. HI(O in marg.a.m.) QRV*

<sup>1538</sup> confluerat *GJNOPQRV*, confluerant *EHM*

<sup>1539</sup> prout *GHIJMNOPQRV*, quo postea *E*

<sup>1540</sup> Panisperna *EGMOPQ*, Palisperna *H*, de Panis sperna *J*, de Panispernia *IRV*

<sup>1541</sup> cuius mausoleum est in Sancto Laurentio Panisperna ubi moniales ordinis tui incorrecte uiuunt. Cui mulieri deuotissime *om. N*

nomen erat Brigida de Suetia, que plurimas reuelationes habere meruit<sup>1542</sup>, cuius ordinem pastor uenturus dilatabit. Orauit enim diu ut sibi reuelaretur modus natiuitatis Christi Domini. Et dum<sup>1543</sup> accessisset<sup>1544</sup> ad ciuitatem Bethleem, uidit Virginem quomodo stabat, quo<sup>1545</sup> uultum uertebat, ubi bos et asinus positi erant, quomodo Christus ex utero exiuit, quomodo ipsa eum adorauit et Ioseph similiter. Que<sup>1546</sup> ita fuerunt sicut sibi<sup>1547</sup> reuelatum fuit et in eius libro conscripta sunt, que non latebunt pastorem a Deo mittendum neque alie reuelationes eiusdem. Clausa itaque Virgo peperit, clauso eius utero Dominus exiuit, sicut clausis ianuis ad discipulos intrauit. [97] Maria uero cum letitia inenarrabili, cum gaudio indicibili<sup>1548</sup>, cum exultatione incogitabili Dominum peperit. Videndo et intuendo eius diuinitatem simul et<sup>1549</sup> humanitatem et adorando, puerulum egressum<sup>1550</sup> modo ineffabili adorabat nunc ipsum nominando<sup>1551</sup> Filium, nunc<sup>1552</sup> Patrem<sup>1553</sup>, nunc Natum<sup>1554</sup>, nunc Genitorem, facturam<sup>1555</sup> et Factorem. Et dum eum adoraret<sup>1556</sup> dumque mundissimis et nouis<sup>1557</sup> pannis illud mundissimum et nitidissimum corpusculum ipsamet non<sup>1558</sup> alius ullus<sup>1559</sup> inuolueret<sup>1560</sup>, sic Domino psalebatur et uirum atque nos angelos inuitabat<sup>1561</sup>.

Venite, adoremus eum, quia ipse<sup>1562</sup> est Dominus Deus noster  
Hic est<sup>1563</sup> eternum Verbum quod nunc tempori<sup>1564</sup> nostro est subiectum  
Hic ante omnia tempora genitus, hic post multa secula<sup>1565</sup> gignitur<sup>1566</sup>  
Filius est solius<sup>1567</sup> Eterni Patris, Filius est solius<sup>1568</sup> temporalis matris  
Genitor est creaturarum omnium, genitus<sup>1569</sup> nunc in fine multorum temporum

<sup>1542</sup> Cui mulieri deuotissime nomen erat Brigida de Suetia que plurimas reuelationes habere meruit *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>1543</sup> Et dum *GHINOQRV*, Que cum *E*, Et cum *JMP*

<sup>1544</sup> accessisset *EGHIJMNOPQRV*, accessit *G*

<sup>1545</sup> quo *om. V*

<sup>1546</sup> Que *EGHIJMNOPQR*, Qui *V*

omnia *add. E*

<sup>1547</sup> sibi *EGIJMNOPRV*, tibi *HQ*

<sup>1548</sup> cum gaudio indicibili *om. Q*

<sup>1549</sup> simul et *EGHIJMNOPRV*, similiter *Q*

<sup>1550</sup> egressum *add. M (in marg. a.m.), om.P*

<sup>1551</sup> modo ineffabili adorabat, nunc ipsum nominando *GHIJMNOPRV*, et modo ineffabili et ipsum alloquebatur, nominando nunc *E*, modo ineffabili adorauit ipsum, nunc nominando *Q*

<sup>1552</sup> Filium, nunc *om. Q*

<sup>1553</sup> nunc Patrem *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>1554</sup> Natum *GHIJMNOPQRV*, Genitum *E*

<sup>1555</sup> facturam *EGIMNOPQRV*, facturum *HJ*

<sup>1556</sup> eum adoraret *EGHIJMNOPRV*, enim adorabat *Q*

<sup>1557</sup> et nouis *om. E*

<sup>1558</sup> alius uel *add. E*

<sup>1559</sup> ullus *om. Q*

non alius ullus *GHIJMNPQRV*, non nullus alius *O*

<sup>1560</sup> inuolueret *EGHIJMNOPQR*, inuoluerat *V*

<sup>1561</sup> ad adorandum *add. E*, dicens *add.Q*

Psalmus Marie nato eius Filio *add. GI(M in marg.a.m.)NO (R in marg.) V*

<sup>1562</sup> quia ipse *EGHIJMNOQRV*, qui *P*

<sup>1563</sup> est *om. QV*

<sup>1564</sup> tempori *EGHIJNOPRV*, tempore *MQ*

<sup>1565</sup> secula *EGHIJMNPRV*, tempora *OQ*

<sup>1566</sup> gignitur *EGHIJMNOQRV*, gignitus *P*

<sup>1567</sup> solius *EGHIJMNPQR*, solus *OV*

<sup>1568</sup> solius *EGHIJMNPQR*, solus *OV*

<sup>1569</sup> est *add. N*

Quo nulla natura est prior, ipse omni natura est posterior  
 Qui plasmavit hominem, ipse nunc factus est<sup>1570</sup> ab homine  
 Venite adoremus eum, quia ipse est Dominus Deus noster  
 Qui creavit omnes angelos, ipse factus est annuntiantibus angelis  
 Qui angelos et celos condidit, ipse ministerio eorum indiguit  
 Qui calorem creavit et<sup>1571</sup> aliis inseruit, ipse nunc a me fouetur et calefit<sup>1572</sup>  
 Qui omnia complectitur, ipse brachiis meis nunc stringitur<sup>1573</sup>  
 Quem nullus tangere potuit, ipse oscula mea nunc suscipit<sup>1574</sup>  
 Qui omnia mouet et portat, hunc porto, eleuo et moueo<sup>1575</sup>  
 Venite adoremus eum, quia ipse est Dominus Deus noster  
 Qui celum sicut pellem<sup>1576</sup> extendit, ipse super genua mea<sup>1577</sup> extenditur  
 Qui celum et terram pugillo continet<sup>1578</sup>, ipse<sup>1579</sup> stricta fascia ligatus iacet<sup>1580</sup>  
 Ille manus que omnia ambiunt<sup>1581</sup> nunc fortiter ligate existunt  
 Per quem omnia aluntur et nutriuntur, ipse paruo lacte pascitur et nutritur  
 Quem celi capere non possunt, inter arcta<sup>1582</sup> presepta conditur  
 Qui fouet et letificat omnia, uagit nunc et fouetur ab asino ac boue<sup>1583</sup>  
 Venite adoremus eum, quia ipse<sup>1584</sup> est Dominus Deus noster<sup>1585</sup>

Interim, quia iterum conuenerat<sup>1586</sup> militia<sup>1587</sup> celestis exercitus<sup>1588</sup>, misi<sup>1589</sup> ego, Gabriel, angelum<sup>1590</sup> qui Domini natiuitatem nuntiaret<sup>1591</sup> pastoribus, sicut et<sup>1592</sup> nunc ista<sup>1593</sup> annuntio<sup>1594</sup> futuro pastori<sup>1595</sup>. Pastoribus precipue annuntiata est, quia pastores Ecclesie Dei secreta scire debent et alios ea docere. Et postquam Maria reposuerat

---

<sup>1570</sup> factus *EGMOPV*, factus est *HIJNR*, plasmatus *Q*  
<sup>1571</sup> creavit et *om. N*  
<sup>1572</sup> calefit *EGHIJMNORP*, calefecit *V*  
<sup>1573</sup> astringitur *EGHJMNOPR*, stringitur *IV*  
 Qui creavit omnes angelos, ipse factus est annuntiantibus angelis  
 Qui angelos et celos condidit, ipse ministerio eorum indiguit  
 Qui calorem creavit et aliis inseruit, ipse nunc a me fouetur et calefit  
 Qui omnia complectitur, ipse brachiis meis nunc stringitur *om. Q*  
<sup>1574</sup> suscipit *EGHJMNOQVR*, suscepit *I*  
<sup>1575</sup> hunc porto, eleuo et moueo *EGHIJMNOV*, ipsum ipsa eleuo et moueo *Q*  
<sup>1576</sup> pellem *EGHIJMNOQV*, policem *P*  
<sup>1577</sup> nunc *add. IV*  
<sup>1578</sup> continet *om. IR*  
<sup>1579</sup> ipse *EGHIJMNOPRV*, ecce *Q*  
<sup>1580</sup> Qui celum et terram pugillo continet, ipse stricta fascia ligatus iacet *om. G*  
<sup>1581</sup> ambiunt *EGHIJNOPQVR*, ambiuit *M*  
<sup>1582</sup> arcta *EGHIJNOPRV*, arcta *MQ*  
<sup>1583</sup> Qui creavit omnes angelos, ipse factus est annuntiantibus angelis  
 Qui angelos et homines condidit, ipse ministerio eorum indiguit  
 Qui calorem creavit et aliis inseruit, ipse nunc a me fouetur  
 Qui omnia complectitur, ipse brachiis meis nunc astringitur *add. Q*  
<sup>1584</sup> ipse *om. I*  
<sup>1585</sup> quia ipse est Dominus Deus noster *EGHIJMOPQVR*, et cetera *N*  
<sup>1586</sup> conuenerat *EGHJMNOQ*, cecinerat *IRV*  
<sup>1587</sup> militia *GHIJMNOQVR*, multitudo *E*  
<sup>1588</sup> exercitus *om. Q*  
<sup>1589</sup> misi *EGHIJMNOQ*, nisi *RV*  
<sup>1590</sup> angelum *EGHIJMNOQ*, angelus *RV*  
<sup>1591</sup> nuntiaret *EGHIJMNOQV*, nuntiaui *R*  
<sup>1592</sup> ego *add. M(sup.lin.a.m.)OQ*  
<sup>1593</sup> ista *HIJMNOQ*, *om. GR*, ita *V*  
<sup>1594</sup> annuntio *GHIJMNOQVR*, annuntiatio *J*  
<sup>1595</sup> sicut et nunc ista annuntio futuro pastori *om. E*

puerum Iesum<sup>1596</sup> in presepio, pastores accesserunt, quorum aduentum<sup>1597</sup> Maria presciuerat. Iccirco psalmum suum continuabat<sup>1598</sup>, dicendo<sup>1599</sup>

Bos cognouit possessorem suum<sup>1600</sup> et asinus presepe domini sui  
Populus suus eum non cognouit neque ipsum recipiet<sup>1601</sup>  
Ecce uenit Deus noster uisitare et redimere plebem suam

Et intrantibus pastoribus atque querentibus<sup>1602</sup> presepium Domini, Ioseph et Maria illud eis ostenderunt. Et uisis signis ab angelo datis, ipsum humiliter adorantes, laudabant et magnificabant Deum. Et quia miserat [98] eis Saluatorem, gratias agebant et cum laudibus reuersi sunt unde uenerant<sup>1603</sup>. Nos autem angeli iterum omnes<sup>1604</sup> adorauimus Regem et Reginam et utrique obedientiam et subiectionem promisimus<sup>1605</sup>. Gaudium hoc ingens annuntiauimus<sup>1606</sup>, gloria<sup>1607</sup> in altissimis<sup>1608</sup> Deo cecinimus, Deum laudauimus, benediximus, adorauimus, glorificauius, gratias egimus. Alii recesserunt, plures mecum in societate Regine nostre remanserunt.

Tres deinde uiri sapientia humana<sup>1609</sup> pleni, qui populos orientales regebant, ad Mariam et Iesum uenerunt. Nam et celi perhibuerant<sup>1610</sup> testimonium aduentus tanti Regis, et in celis scripta erat<sup>1611</sup> maximi et diuini Prophete natiuitas. Et ut iudeos cum gentilibus<sup>1612</sup> coniungeret, Deus ipsa die natiuitatis stellam creauit nouam, quam Magi uidentes, aperte intellexerunt Regem illum quem nasciturum sciebant esse natum. Nam et prophetiam de hoc acceperant. Sed hec apud uos iam scripta sunt et de ipsorum adoratione, ideo pretermitto. Similiter et de Domini ciscuncisione. Quando magi adorauerunt Dominum, fuerunt interius ab ipso instructi atque in<sup>1613</sup> his que ipsis<sup>1614</sup> necessaria erant edocti.

Quare Herodes et quomodo timuit nec tamen subito pueros<sup>1615</sup> occidit, apud uos scriptum reperitur.<sup>1616</sup>

Mansit Maria cum Ioseph ibi usque ad dies quadraginta. Propinqui Ioachim reuersi sunt in Nazareth. Et ut legem implerent<sup>1617</sup>, impletis diebus purgationis Marie,

---

<sup>1596</sup> Iesum *GHIJMNOPQRV*, suum *E*

<sup>1597</sup> aduentum *EGHJMNOPQ*, aduentus *IRV*

<sup>1598</sup> continuabat *EGHJMNOPQRV*, concinebat *I*

<sup>1599</sup> dicendo *GHIJMNOPQR*, dicens *EV*

continuabat dicendo *EGJMNOPQR*, continuando dicebat *H*, concinebat dicendo *I*, continuabat dicens *V*

<sup>1600</sup> suum *om. R*

<sup>1601</sup> recipiet *EGHIJMNOPRV*, recepit *Q*

<sup>1602</sup> querentibus *om. V*

<sup>1603</sup> uenerant *EGHINOPR*, uenerunt *JMQV*

<sup>1604</sup> omnes *om. N*

<sup>1605</sup> promisimus *EGHIJMNOPRV*, submisimus *Q*

<sup>1606</sup> annuntiauius *EGHIJMNOPQR*, annuntiamus *V*

<sup>1607</sup> gloria *GHIJMPQRV*, gloriam *NO*

<sup>1608</sup> altissimis *EGHIJMNOPRV*, celis *Q*

<sup>1609</sup> sapientia humana *EGHIJMNOQRV*, sapientie humane *P*

<sup>1610</sup> perhibuerant *EJMNOPQV*, perhibuerunt *GHIR*

<sup>1611</sup> erat *EGHJMNOQRV*, erant *IP*

<sup>1612</sup> gentilibus *EGHIJMNOPQR*, gentibus *V*

<sup>1613</sup> in *om. P*

<sup>1614</sup> ipsis *GHIJMNOPQ*, sibi *E, om. RV*

<sup>1615</sup> pueros *GHJMNOPQ*, paruulos *IRV*

<sup>1616</sup> Quare Herodes et quomodo timuit nec tamen subito pueros occidit, apud uos scriptum reperitur. *om. E*

<sup>1617</sup> implerent *EGHIMNOPQRV*, impleret *J*

ascenderunt in Ierusalem, ut Lucas scripsit<sup>1618</sup>. Audiuit Herodes ea<sup>1619</sup> que dicebantur<sup>1620</sup> et cogitabat, dicens: "Hic est<sup>1621</sup> Rex ille quem magi querebant". Multa enim de illo a Simeone et Anna prophetissa predicabantur. Et tunc uoluit<sup>1622</sup> facere edictum de nece puerorum.

Ioseph cum Maria fugerunt in Egiptum et multa mirabilia in illo itinere fecit puer Iesus, quorum quedam etiam apud uos scripta sunt<sup>1623</sup>, ut de arbore cuius fructus Maria colligere uolens<sup>1624</sup> se ei<sup>1625</sup> inclinante<sup>1626</sup>, et de puerulo<sup>1627</sup> quodam leproso qui, mox ut lotus fuit in lotura pueri Iesu, sanus factus est, deinde factus est latro et crassator et, captus ac cum Domino crucifixus, in ipsum<sup>1628</sup> credidit audireque meruit: "Hodie mecum eris in paradiso". Similiter ubicumque per Egiptum transibat<sup>1629</sup> idola Egipti cadebant.

Scito et animaduerte puerum Iesum a principio sue conceptionis omnia genera et species et uarietates<sup>1630</sup> linguarum sciuisse nec in cognitione<sup>1631</sup> umquam a carne uel sensu impeditum fuisse. Vnde semper loqui poterat et aliquando cum matre sola<sup>1632</sup> loquebatur, sed coram aliis primo anno numquam locutus est. Secundo anno etiam coram Ioseph et cum ipso<sup>1633</sup> loqui cepit. Tertio anno coram omnibus, non sine admiratione omnium, loquebatur expedite.

Manente Iesu et Maria et Ioseph in Egipto et Herode mortuo, misi<sup>1634</sup> angelum qui moneret Ioseph ut rediret ad patriam suam, quia mortui erant qui querebant animam pueri. Non enim Ioseph assidue uidebat angelos sicut Maria, sed sepius in somnis angeli<sup>1635</sup> apparebant ei<sup>1636</sup>. Habitauit ergo Iesus in Nazareth cum Ioseph, qui putabatur pater suus<sup>1637</sup>, et Maria uera matre<sup>1638</sup> eius. Docebant ignaros, consolabantur mestos et afflictos, compatiebantur<sup>1639</sup> animo et corpore<sup>1640</sup> infirmis et sepius<sup>1641</sup>, [99] orando uel<sup>1642</sup> tangendo, curabat<sup>1643</sup> infirmos<sup>1644</sup> et pauperibus succurrebat clanculum ita quod

---

<sup>1618</sup> scripsit *GHIJMNOPQ*RV, scribit *E*

<sup>1619</sup> ea *om. N*

<sup>1620</sup> de puero illo *add. E*

<sup>1621</sup> est *om. P*

<sup>1622</sup> tunc uoluit *EGHIJMNOPQ*, tamen uoluit *I*, tamen noluit *RV*

<sup>1623</sup> quorum quedam etiam apud uos scripta sunt *om. E*

<sup>1624</sup> uolens *GHIJMNOPQ*RV, uolebat *E*

<sup>1625</sup> se ei *GJMP*, se sibi *HNO*, se *EQ*, sese *IRV*

<sup>1626</sup> inclinante *EGHIJMNOPRV*, inclinauit *Q*

<sup>1627</sup> puerulo *EGHIJMNOPQ*, paruulo *IRV*

<sup>1628</sup> ipsum *EGHIJMNOPQ*RV, eum *P*

<sup>1629</sup> transibat *GHIJMNOPQ*, transibant *EIRV*

<sup>1630</sup> er species et uarietates *om. E*

<sup>1631</sup> cognitione *EGHIJMNOPRV*, cogitatione *Q*

<sup>1632</sup> sola *EGHIJMNOPRV*, sua *Q*

<sup>1633</sup> et cum ipso *add. M (in marg.a.m.)*

<sup>1634</sup> misi *EGHIJMNOPQ*RV, misit *J*

<sup>1635</sup> angeli *om.IRV*

<sup>1636</sup> ei *om. IRV*

Non enim Ioseph assidue uidebat angelos sicut Maria, sed sepius in somnis angeli apparebant ei *om. E*

<sup>1637</sup> suus *GHIJMNOPRV*, eius *EQ*

<sup>1638</sup> matre *EGHIJMNOPV*, mater *IQR*

<sup>1639</sup> compatiebantur (*Deo add. E*)*EGHIJMNOPQ*RV, compatiebant *J*

<sup>1640</sup> animo et corpore *om. E*

<sup>1641</sup> Iesus *add. EHINRV*

Ioseph *add. Q*

<sup>1642</sup> orando uel *om. E*

<sup>1643</sup> curabat *EGHIJMOQ*RV, curabant *NP*

<sup>1644</sup> infirmos *GHIJMNOPQ*RV, eos *E*

nescibant<sup>1645</sup> unde illi sanarentur uel<sup>1646</sup> hi triticum aut uinum<sup>1647</sup> aut oleum haberent<sup>1648</sup>, quia in eius potestate erat posita omnis creatura. Poterat solo uerbo<sup>1649</sup>, quia ipse uerum est<sup>1650</sup> Verbum, facere omnia. Et, quamuis pauper esset, nemo tamen ipso<sup>1651</sup> ditior erat, quia omnes mundi thesauri<sup>1652</sup> erant in potestate eius. Volebat tamen et famem pati et sitim ipse et labores corporis sufferre ut pro uobis mereretur et satisfaceret. Vnde orationi et contemplationi iugiter insistebat et uacabat ut thesaurum immensum uobis hominibus<sup>1653</sup> congregaret.

Crede mihi, carissime, quod si per mille milia annos<sup>1654</sup> mundus duraret, numquam merita Christi Hominis euacuari possent. Tantum enim ualent opera uestra<sup>1655</sup> quantum a Deo acceptantur. Tanto autem magis acceptantur quanto a persona magis dilecta offeruntur. Vnde minimum bonum<sup>1656</sup> opus illius pueri illiusque hominis gratius erat<sup>1657</sup> maximis operationibus aliorum quorumcumque. Istis<sup>1658</sup> meritis multas mansiones in domo Patris sui hominibus preparauit. Ipse esuriebat ut uos comederetis, sitiebat ut biberetis, laborabat ut quiesceretis, uigilabat ut dormiretis, contemplabatur ut Deum et uos uideretis. Quot merita fuerunt<sup>1659</sup> Marie matris sue? Plurima certe. Multum et Ioseph meruit. Puerulus<sup>1660</sup> tamen Iesus, ipse esuriens et sitiens, compatiebatur matri<sup>1661</sup>, compatiebatur<sup>1662</sup> et nutricio suo et preueniebat eos sui gratia<sup>1663</sup> ne esurirent aut sitirent<sup>1664</sup>, satiando eos absque cibo corporali, modo sibi noto. Et sepius<sup>1665</sup> cibum eis ministerio fratrum meorum<sup>1666</sup> angelorum afferri precipiebat. Et quandoque<sup>1667</sup> illa<sup>1668</sup> que sciebat eos uelle uel cupere adesse faciebat. Et quando ascendebant in<sup>1669</sup> Ierusalem et ipsis et omnibus propinquis, Ioseph et Ioachim atque Anne consanguineis<sup>1670</sup> plurima prestabat solacia et consolationes ita ut<sup>1671</sup> quasi laborem itineris non sentirent. Quandoque Maria ipsum puerulum in ulnis tenendo et grandioris etatis factum inspiciebat<sup>1672</sup> in sinu suo uel iuxta eam sedentem<sup>1673</sup>, et manus eius pulcherimas ac pedes et totum corpusculum inspiciens, plorabat cogitando illos dolores

---

<sup>1645</sup> uel *add. JN*

<sup>1646</sup> unde *add. N*

<sup>1647</sup> aut uinum *om. Q*

<sup>1648</sup> haberent *GHIJMNOPQRV*, ipsis adueniret *E*

<sup>1649</sup> ipse *add. IR*

<sup>1650</sup> est *EGHIJMNOQRV*, erat *P*

<sup>1651</sup> ipso *GHIJMOPQRV*, eo *EN*

<sup>1652</sup> positi *add. IRV*

<sup>1653</sup> hominibus *om. Q*

<sup>1654</sup> annos *GHIJMNOPQRV*, annorum *E*

<sup>1655</sup> opera uestra *EGHJMNOPV*, opera nostra *IR*, *om. Q*

<sup>1656</sup> bonum *om. Q*

<sup>1657</sup> Deo *add. E*

<sup>1658</sup> Istis *EGHIJMNOPRV*, His *Q*

<sup>1659</sup> fuerunt *om. V*

<sup>1660</sup> Puerulus *EGHIJMNOQRV*, Puerus *O*

<sup>1661</sup> esurienti et sitiendi *add. E*

<sup>1662</sup> compatiebatur *om. G*

<sup>1663</sup> sui gratia *om. E*

<sup>1664</sup> et preueniebat eos sui gratia ne esurirent aut sitirent *om. Q*

<sup>1665</sup> sepius *EGHIJMNOPRV*, sepe *O*

<sup>1666</sup> fratrum meorum *EGHIJMNOPRV*, fumentorum *Q*

<sup>1667</sup> quandoque *EGJMNOP*, quamque miraculose *Q*, quandoque miraculose *HIRV*

<sup>1668</sup> illa *EGHIJMOPQRV*, ea *N*

<sup>1669</sup> in *EGHIJMNOPRV*, ad *O*

<sup>1670</sup> consanguineis *om. Q*

<sup>1671</sup> ut *EGHIJMPQRV*, quod *N*

<sup>1672</sup> inspiciebat *GJMNP*, inspiciendo *HIOQRV*

<sup>1673</sup> sedentem *GHIJMOPQRV*, sedentis *N*

quos in membris illis<sup>1674</sup> sentire tempore passionis debebat et uehementer<sup>1675</sup> dolebat, flebat, tristabatur. Dicebatque secum<sup>1676</sup> in corde suo: "Has manus et hos pedes duri clauis<sup>1677</sup> perforabunt<sup>1678</sup>. Hoc<sup>1679</sup> latus lancea<sup>1680</sup> transfixum erit. Hoc caput atrocissimis<sup>1681</sup> spinis pungetur." Tunc Iesus, cognoscens dolorem Genitricis sue, consolabatur eam et quandoque sibi<sup>1682</sup> diuinitatem suam<sup>1683</sup> ostendebat ad hoc ut omnis dolor omnisque pena cessaret et gaudium immensum in cor eius ascenderet. Ingerebatque<sup>1684</sup> menti gloriam corporis futuram<sup>1685</sup> post resurrectionem. Et ita Marie cor letitia et gaudio implebatur.<sup>1686</sup> In tota pueritia sua nil puerile gessit, quia erat perfectus homo. Et si<sup>1687</sup> quando cum pueris<sup>1688</sup> conuersaretur<sup>1689</sup>, in illa conuersatione uirilem maturitatem<sup>1690</sup> pretendebat<sup>1691</sup>. Nulle [100] fatuitates aut puerilles stultitie<sup>1692</sup> erant in eo. Immo in<sup>1693</sup> omni actione sua merebatur<sup>1694</sup>, omnem actionem<sup>1695</sup> debitis circumstantiis ornabat et in Deum dirigebat et prout puerum decet dum<sup>1696</sup> puer esset, et sicut<sup>1697</sup> infantulum dum infans<sup>1698</sup> esset, et sicut non natum antequam natus esset. Neque enim in utero Marie<sup>1699</sup> frustra stetit<sup>1700</sup> quia a<sup>1701</sup> primo instanti conceptionis mereri cepit. Et dum erat adolescens et iuuenis, ea que decet<sup>1702</sup> adolescentem et iuuenem exercebat. Vnde et matri et nutricio<sup>1703</sup> obediebat et eis<sup>1704</sup> coram aliis reuerentiam exhibebat, immo etiam in secreto. Sed in secreto et ipsi eum reuerentur,

<sup>1674</sup> illis *GHJMNOQV*, illius *IR*

<sup>1675</sup> uehementer *GHJMNOQV*, uehementius *V*

<sup>1676</sup> secum *add. J (sup.lin.a.m.)*

<sup>1677</sup> clauis *GHIJMNOQV*, clauis *V*

<sup>1678</sup> perforabunt *GHINOPQV*, perforantur *JM*

<sup>1679</sup> Hoc *GHJMNOQV*, Hic *IR*

<sup>1680</sup> lancea *GHJMNOQV*, lancea *I*, lancea *RV*

<sup>1681</sup> atrocissimis *GHJMNOQV*, acutissimis *Q*

<sup>1682</sup> sibi *GHIJMNOQV*, ibi *P*

<sup>1683</sup> diuinitatem suam *GHIJMNOQV*, humanitatem *Q*

<sup>1684</sup> Ingerebatque *GHJMNOQV*, Ingrediebatque *J*

<sup>1685</sup> futuram *GHJMNOQV*, facturam *Q*

<sup>1686</sup> Quandoque Maria ipsum puerulum in ulnis tenendo et grandioris etatis factum inspiciebat in sinu suo uel iuxta eam sedentem, et manus eius pulcherimas ac pedes et totum corpusculum inspicens, plorabat cogitando illos dolores quos in membris illis sentire tempore passionis debebat et uehementer dolebat, flebat, tristabatur. Dicebatque secum in corde suo: "Has manus et hos pedes duri clauis perforabunt. Hoc latus lancea transfixum erit. Hoc caput atrocissimis spinis pungetur." Tunc Iesus, cognoscens dolorem Genitricis sue, consolabatur eam et quandoque sibi diuinitatem suam ostendebat ad hoc ut omnis dolor omnisque pena cessaret et gaudium immensum in cor eius ascenderet. Ingerebatque menti gloriam corporis futuram post resurrectionem. Et ita Marie cor letitia et gaudio implebatur *GHJMNOQV*, Non tamen inconsulte ac si morem puerorum, tamquam puer, pueritia ageret. Nam *E*

<sup>1687</sup> si *om. V*

<sup>1688</sup> pueris *EGHIJMNOQV*, puerilis *P*

<sup>1689</sup> conuersaretur *EGHIJMNOQV*, conuersabatur *Q*

<sup>1690</sup> maturitatem *GHJMNOQV*, grauitatem *E*

<sup>1691</sup> pretendebat *EGHIJMNOQV*, ostendebat *Q*

<sup>1692</sup> stultitie *om. E*

<sup>1693</sup> in *om. IRV*

<sup>1694</sup> merebatur *EGHIJMNOQV*, morebatur *V*

<sup>1695</sup> omnem actionem *EHJMNOQV*, omnem operationem *H*, quia omnem actionem *GIR*

<sup>1696</sup> dum *EGHIJMNOQV*, cum *Q*

<sup>1697</sup> sicut *EGHIJMNOQV*, si *V*

<sup>1698</sup> infans *EGHIJMNOQV*, infantulum *N*

<sup>1699</sup> Marie *EGHIJMNOQV*, Matris sue *E*

<sup>1700</sup> Neque enim in utero Marie frustra stetit *GHJMNOQV*, Neque enim in utero stetit, frustra stetit *V*

<sup>1701</sup> a *om. O*

<sup>1702</sup> decet *GJMNOQV*, decent *EHIPR*

<sup>1703</sup> Vnde et matri et nutricio *EGHIJMNOQV*, Vnde eternim nutricio *RI*

<sup>1704</sup> eis *om. N*

presertim Maria que diuinitatem eius<sup>1705</sup> totiens<sup>1706</sup> uiderat.

Cum<sup>1707</sup> autem factus esset Iesus annorum duodecim, ut Lucas scribit, tunc in ciuitate Ierusalem uoluit ostendere coram uiris<sup>1708</sup> doctrinam quam a Deo acceperat, ut facilius crederent in eum. Intrauit igitur cum magna grauitate et maturitate inter doctores, qui intuebantur in<sup>1709</sup> faciem eius tamquam in faciem angeli eique locum in medio dederunt<sup>1710</sup>, Dei nutu quadam reuerentia<sup>1711</sup> erga ipsum moti<sup>1712</sup>. Intrando enim dixerat eis<sup>1713</sup>: Pax uobis, diuine legis eruditi<sup>1714</sup> principes. Vellem uos audire atque interrogare.

Que uerba commouerunt eos et aspectus simul.

Sedens<sup>1715</sup> ergo Iesus, ita loqui cepit: Magnus Deus noster et magna uirtus eius, sapientie eius non est numerus neque magnitudinis finis. Deus Viuus et Verus non solum est Deus noster, sed omnium hominum, omnium angelorum, immo omnis creature. Dictus tamen est<sup>1716</sup> Deus noster<sup>1717</sup> quia nos<sup>1718</sup> sumus peccularis populus eius. Nostris patribus<sup>1719</sup> locutus est ipsisque<sup>1720</sup> legem dedit. Heber, a<sup>1721</sup> quo Hebrei dicimur, fuit ille ex quo Abraam descendit, ut uobis notum est. Abraam autem tantum familiaris fuit Deo ut amicus Dei appellari mereretur, cui Deus propter perfectam obedientiam, quia etiam filio proprio nolebat parcere quin<sup>1722</sup> eum iussu Dei occideret, promisit in semine suo benedicere omnes nationes, quia enim ille filium unicum Dei mandato occidere non renuit. Quo facto, se paternitate<sup>1723</sup> tanti filii qualis Isaac fuit spoliabat. Iccirco Deus dixit:

Quia non pepercisti unigenito filio tuo propter me, benedicens benedicam tibi et unicum Filium meum tibi donabo ut sis pater eius et multiplicabo semen tuum per<sup>1724</sup> ipsum unicum<sup>1725</sup> Filium meum<sup>1726</sup>, qui et tuus erit secundum carnem, sicut stellas celi et sicut arenam<sup>1727</sup> que est in litore maris, quia nullus saluabitur nisi medio illius Filii tui et meritis eius.

Adeo amauit Deus patres nostros quod uoluit<sup>1728</sup> uocari Deus Abraam, Isaac et Iacob. Ex hoc tertio<sup>1729</sup> descendit tota gens et natio nostra in duodecim tribus diuisa. Elegit

---

<sup>1705</sup> eius *om. P*

<sup>1706</sup> totiens *EGHIMNOPQRV*, totius *J*

<sup>1707</sup> Quod dixit Iesus in medio doctorum *add. E (in marg.)*, Prima disputatio Iesus in Templo *add. R (in marg.)*

<sup>1708</sup> peritis *add. Q*

<sup>1709</sup> in *om. JOPQ*

<sup>1710</sup> dederunt *om. IRV*

<sup>1711</sup> reuerentia *GHIJNOPQV*, reuerentiam *MR*

<sup>1712</sup> exhibebantur *add. IV*, exhibebant *add. R*

<sup>1713</sup> dixerat eis *GHIJMOPR*, dixerat *N*, dederat eis pacem dicens *Q*, dixit eis *V*

<sup>1714</sup> eruditi *GHIJMNOQRV*, conditi *P*

<sup>1715</sup> Sedens *GHIJMNOPQR*, Sedent *V*

<sup>1716</sup> est *om. N*

<sup>1717</sup> non *add. P*

<sup>1718</sup> solum *add. GJMOQ*

<sup>1719</sup> patribus *GHIJMNOQ*, temporibus *R*, tribubus *V*

<sup>1720</sup> ipsisque *om. Q*

<sup>1721</sup> a *GHIJMNOQRV*, ex *P*

<sup>1722</sup> quin *GHIJMNOQRV*, quoniam *P*

<sup>1723</sup> paternitate *GHIJMNOPQR*, paternitatem *V*

<sup>1724</sup> per *GHIJMNOQRV*, propter *Q*

<sup>1725</sup> unicum *om. HNV*

<sup>1726</sup> meum *om. G*

<sup>1727</sup> arenam *GHIJMNOQRV*, arena *Q*

<sup>1728</sup> uoluit *GJMNOQ*, uoluerit *HIRV*

<sup>1729</sup> tertio *IGHIJMNOQV*, terno *Q*

post<sup>1730</sup> Iacob, Ioseph<sup>1731</sup>, Moysen et Aaron et posuit in eis signa et prodigia sua. Multi secuti sunt eos usque ad Samuel et Daud, cui etiam pollicitus est dare filium qui esset Filius Daud et Filius Dei. Suscitauit Deus in populo nostro tot prophetas: Isaiam, Ieremiam, Ezechielem, Danielem et alios multos, sed duodecim nominatos. Hac ergo<sup>1732</sup> causa noster Deus dictus<sup>1733</sup>, quia "non fecit taliter omni nationi", hoc est, nulli nationi taliter fecit<sup>1734</sup>, talem gratiam prestitit, talia dona concessit. Vnde sequitur et iudicia sua uidelicet legem suam et uoluntatem suam non eo modo manifestauit eis. Ipsi enim<sup>1735</sup> legem scripsit in cordibus propriis<sup>1736</sup>. Nobis autem aperte locutus est Deus et multa que non sunt scripta in cordibus nostris reuelauit. Vere itaque noster dici potest.

Verum quare potius noster quam angelorum? Hoc magnam ingerit difficultatem<sup>1737</sup>. Angeli enim sunt filii eius similiores sibi et natura propinquiores. Hic<sup>1738</sup> magnum misterium est, hic admirabile sacramentum<sup>1739</sup>, ignotum etiam<sup>1740</sup> legis doctoribus, notum prophetis et patriarchis. Hic nodus non potest solui, nisi concedamus homini maiora<sup>1741</sup> et ampliora dona Deum concessisse quam angelis. Audistis et legistis Messiam quem expectatis uenturum. Ille homo est et Deus est, quem uirgo concepit et peperit, et eius nomen est Emmanuel, nobiscum, inquam, Deus. Deus in carne nostra, Deus in humanitate nostra, Deus et homo est. Paruulus enim natus est nobis et filius datus est nobis. Vocabitur nomen eius tetragramaton<sup>1742</sup>. Hoc angelis non fuit concessum, nullus angelus est Deus. Homo uero est Deus et Deus homo. Noster ergo magis quam angelorum. Et quia<sup>1743</sup> omnia opera Dei magna sunt, hoc tamen maximum est, et hoc iam fecit Deus. Magnus ergo<sup>1744</sup> Deus et noster est Deus, magna uirtus eius, uirtutis enim uirgam misit<sup>1745</sup> ex<sup>1746</sup> Syon, dominabitur<sup>1747</sup> in medio inimicorum suorum, uirtutem populo suo iam dedit. Virtus autem Dei Deus ipse est. Sed quomodo hec possunt fieri? Sapientia Dei Deus est. Ipse<sup>1748</sup> nouit quomodo uirtus sua et sapientia sua facere potuerit ut uirtus et sapientia Dei facta sit homo. Sapientie eius non est numerus, non est mensura neque magnitudinis eius est ullus<sup>1749</sup> finis. Nemo enim dicere potest: "Hanc perfectionem habet Deus" uel "Has perfectiones tantum habet Deus"<sup>1750</sup>, in quo omnium rerum que sunt, fuerunt et erunt perfectio continetur. Maiestas eius eterna est, principio et fine carens et omnia presentia simul totaliter habens.

Nunc<sup>1751</sup> quero ex uobis an putatis Messiam in Lege et Prophetis promissum<sup>1752</sup>

<sup>1730</sup> post *GHIJMNOPQR*, postea *V*

<sup>1731</sup> Ioseph *om. Q*

<sup>1732</sup> de *add. IQRV*

<sup>1733</sup> est *add. IQRV*

<sup>1734</sup> taliter fecit *om. Q*

<sup>1735</sup> enim *GHIJMNOQRV*, eius *P*

<sup>1736</sup> suis *add. Q*

<sup>1737</sup> difficultatem *GHIJMNOQRV*, differentiam *P*

<sup>1738</sup> Hic *GHIJMNOPQR*, Hoc *V*

<sup>1739</sup> hic admirabile sacramentum *GHIJMOPQRV*, hic magnum sacramentum et admirabile *N*

<sup>1740</sup> etiam *GHIJMPRV*, etiam est *O*, est *Q*

<sup>1741</sup> maiora *GHIJMNOPRV*, maiori *Q*

<sup>1742</sup> tetragramaton *HJMNPV*, Tethagramaton *I*, thetagramaton *O*, tetagramaton *GR*

<sup>1743</sup> quia *GHIJMNOPR*, quod *V*

<sup>1744</sup> est *add. IORV*

<sup>1745</sup> misit *GHIJMNOP*, emisit *IRV*

<sup>1746</sup> ex *GHIJMNOP*, et *IRV*

<sup>1747</sup> dominabitur *GHIJMNOPR*, donabitur *V*

<sup>1748</sup> Ipse *GHIJMNORV*, ipsa *P*

<sup>1749</sup> ullus *GHIJMNOPRV*, nullus *J*

<sup>1750</sup> uel "Has perfectiones tantum habet Deus" *om. N*, *add. O* (*in marg. a. m.*)

<sup>1751</sup> ergo *add. HIJR*, ego *add. O*

<sup>1752</sup> in Lege et Prophetis promissum *GHIJMNOP*, in Lege Prophetis uobis promissum *IRV*

uenisse?

Vnus doctorum respondit: Quis es tu, o formose, sapientissime atque diuine puer, qui tam miranda loqueris? Deinde ad tuam interrogationem respondebimus.

Respondit Iesus: Quis ego sim<sup>1753</sup> facile scietis si ad<sup>1754</sup> illud<sup>1755</sup> quod inquirō<sup>1756</sup> respondere sciueritis.

Tunc unus eorum dixit: Credimus eum cito uenturum, quia secundum statuum regis Nabucdonosor iam aduenit quartum regnum quod habet iam plantas pedum fictiles. Sed lapis nondum est abscissus de monte sine manibus qui est percussurus statuum in pedibus fictilibus et corruet. Et lapis ille erit mons magnus quia<sup>1757</sup>, ut Daniel dicit<sup>1758</sup>, "In diebus regnorum illorum", hoc est, quarti regni (primum enim<sup>1759</sup> fuit Assiriorum, secundum Persarum et Medorum, tertium Macedonum<sup>1760</sup> et Grecorum<sup>1761</sup>, quartum Romanorum) "suscitabit Deus Celi sibi regnum quod in eternum manebit et regnum<sup>1762</sup> eius alteri populo non tradetur." Quando ergo uidebimus lapidem de monte abscindi sine manibus, tunc erit signum aduentus<sup>1763</sup> nostri Messie.

Tunc sapientissimus puer dixit: Tu intelligis de lapide re insensibili<sup>1764</sup>. Propheta ille non ita intelligit<sup>1765</sup>. Sed lapis ille est ipse Messias, ipse enim per lapidem figuratur. [102] Vnde alibi scribitur<sup>1766</sup>: "Lapidem quem reprobauerunt edificantes, hic factus est in caput anguli".

Dixit doctor: Immo de lapide ad litteram intelligitur qui de monte abscindetur sine manibus, nam homines non abscinduntur de monte.

Respondit Iesus: Spiritus est qui uiuificat. Oportet intelligentiam<sup>1767</sup> esse in uisione. Mons ille de quo abscindetur<sup>1768</sup> lapis, immo abscissus<sup>1769</sup> est, mons est altus, sublimis, excelsus, diuinus, immaculatus. Genitrix Messie est uirgo, iuxta uaticinium Isaie prophete. Quia<sup>1770</sup> ergo diuina uirtute concepit et peperit sine operatione uirili, ideo sine manibus abscissus<sup>1771</sup> dicitur.

Tunc doctor dixit: Si abscissus esset et iam, ut ais, uenisset Propheta Magnus, iam percussisset statuum<sup>1772</sup>, quia dicit<sup>1773</sup>: "abscissus est et percussit<sup>1774</sup>".

Respondit Iesus: Abscissus est et percutiet tempore suo. Non dicit<sup>1775</sup> propheta quod statim ut abscissus fuerit percutiet<sup>1776</sup>.

---

<sup>1753</sup> Quis ego sim *GLJMNO*. Quis ego sum *HPR*, Ego sum qui sum *V*

<sup>1754</sup> ad *om. IRV*

<sup>1755</sup> illud *GHINORV*, istud *JMP*

<sup>1756</sup> inquirō *GHIMNOPR*, quero *V*

<sup>1757</sup> quia *om. GH*

<sup>1758</sup> dicit *GHJMNOVR*, dixit *P*

<sup>1759</sup> enim *GHJMORV*, regnum *N*, eius *P*

<sup>1760</sup> Macedonum *GLJMNOV*, Macedoniorum *H*, Macedonium *R*

<sup>1761</sup> et Grecorum *om. GO*

<sup>1762</sup> regnum *GHJMNOVR*, regni *V*

<sup>1763</sup> aduentus *GHJMNOVR*, aduenti *V*

<sup>1764</sup> re insensibili *GHJMNOVR*, in re et sensibili *Q*

<sup>1765</sup> intelligit *GHJMNOVR*, intellexit *Q*

<sup>1766</sup> scribitur *GHJMNOVR*, scriptum est *Q*

<sup>1767</sup> spiritualem *add. Q*

<sup>1768</sup> abscindetur *GHJMNPV*, abscidetur *IR*, abscinditur *Q*

<sup>1769</sup> abscissus *GHJMNOVQR*, absissus *V*

<sup>1770</sup> quia *GHJMNOVQ*, qui *IR*, que *V*

<sup>1771</sup> est *add. HV*

<sup>1772</sup> statuum *om. R*

<sup>1773</sup> dicit *GHJMNOVQR*, dicitur *V*

<sup>1774</sup> percussit *GHJMNOVR*, percutiet *Q*

<sup>1775</sup> dicit *GHJMNOVR*, dixit *Q*

<sup>1776</sup> tempore suo. Non dicit propheta quod statim ut abscissus fuerit percutiet *om. H*

Alius doctor dixit: Si iam uenisset Messias, domus ista et Templum hoc in quo sumus repletum esset gloria. Ita enim scribit<sup>1777</sup> Aggeus propheta: "Adhuc unum modicum, dicit Dominus, et ego mouebo celum et terram, mare et aridam. Et ueniet dies<sup>1778</sup> desideratus cunctis gentibus et replebitur gloria domus Domini". Et sequitur: "Magna erit gloria<sup>1779</sup> domus istius nouissime plus quam prime". Hec propheta<sup>1780</sup>. Hanc gloriam<sup>1781</sup> nondum uidimus.

Dixit tunc Iesus: Quomodo ergo uera erit<sup>1782</sup> prophetia Iacob patris<sup>1783</sup> quando, benedicendo Iude, dixit: «Non auferetur sceptrum de Iuda nec dux de femore eius donec ueniat Messias. Et ipse erit exspectatio gentium"? Sceptrum a<sup>1784</sup> domo nostra ablatum est iam sunt circiter quadraginta anni. Nonne Daniel per septuaginta<sup>1785</sup> hebdomadas aperte descripsit tempus et aduentum Christi ducis et multa<sup>1786</sup> mala uentura super ciuitatem istam et Templum? Amen, amen dico uobis, non relinquetur lapis super<sup>1787</sup> lapidem hic propter obstinationem gentis nostre<sup>1788</sup>.

Stupebant quidem<sup>1789</sup> omnes in responsis eius et in<sup>1790</sup> ampla et aperta doctrina eius<sup>1791</sup>. Dicebant: Quomodo litteras scit cum non didicerit? Vel : Vbi didicit eas?

Alter dixit: Si centum annis studuisset, numquam tanta discere<sup>1792</sup> potuisset<sup>1793</sup>. Res diuina est, opus Dei est istud<sup>1794</sup>.

Et quia hora tarda erat, cum stupore et quadam extasi recesserunt in propria. Et multi eorum<sup>1795</sup> inter se dicebant: "Forsan ipse<sup>1796</sup> est Messias". Et diligenter inquirebant cuius esset, id est, de qua stirpe et generatione<sup>1797</sup>. Et inuenerunt quod erat a Nazareth, filius Ioseph et Marie et nomen eius fuit dictum quod erat Iesus.

Tunc aliqui dixerunt: Nomen illius non ita debet uocari. Alii quod ita. Et distulerunt in diem sequentem.

Secunda<sup>1798</sup> ergo die conuenerunt doctores in locum consuetum. Et quia Maria et Ioseph abscesserant<sup>1799</sup>, Iesus illa nocte, ut faceret uoluntatem Patris Eterni, remansit apud sacerdotes Templi, qui Mariam uenerabantur et putabant Iesum esse Messiam. Sequenti<sup>1800</sup> die conuenerunt, ut dixi, doctores ut audirent melliflua uerba illius sancti

<sup>1777</sup> scribit *GHIJMNOPQR*, dicit *V*

<sup>1778</sup> dies *om. GHIQRV*

<sup>1779</sup> gloria *om. GIRV*

<sup>1780</sup> Hec propheta *GHJMNPQ*, Huius prophete *IR*, Nec prophetiam *O*, Prophetia huius prophete *V*

<sup>1781</sup> Hec propheta. Hanc gloriam *GHIJMNOPRV*, Nec prophetiam nec gloriam *O*

<sup>1782</sup> erit *HJMNOPRV*, *om. G*, est *Q*

<sup>1783</sup> nostri *add. P(sup. lin) Q*

<sup>1784</sup> a *GHIJMNOPV*, in *Q*, de *R*

<sup>1785</sup> duas *add. H*

<sup>1786</sup> tempus et aduentum Christi ducis et multa *GHIJMNOPRV*, tempus et aduentus Christi dicens: etiam multa *Q*

<sup>1787</sup> super *GHIJMNOPRV*, supra *Q*

<sup>1788</sup> nostre *GHIJMOQRV*, uestre *NP*

<sup>1789</sup> quidem *GJMNOQ*, certe *HIRV*

<sup>1790</sup> tam *add. H*

<sup>1791</sup> et aperta doctrina eius *GHIJMNOPRV*, et doctrina eius aperte excelentia que documenta dabat *Q*

<sup>1792</sup> discere *JMNPQV*, addiscere *GHIOR*

<sup>1793</sup> Si centum annis studuisset numquam tanta discere potuisset *GHIJMNOPRV*, Scientiam annis studuisset, numquid tunc iam discere potuisset? *Q*

<sup>1794</sup> istud *om. Q*

<sup>1795</sup> eorum *om. N*

<sup>1796</sup> ipse *GHIJMNOQRV*, iste *P*

<sup>1797</sup> id est, de qua stirpe et generatione *om. IR*

<sup>1798</sup> Secunda disputatio *add. R (in marg.)*

<sup>1799</sup> abscesserant *GHIJMNOPRV*, abscesserunt *Q*

<sup>1800</sup> Sequenti *GHIJMOPQRV*, Secunda *NO*

pueri Iesu. Sed unus dicebat:

Nomen Messie debet<sup>1801</sup> uocari<sup>1802</sup> Emmanuel uel Admirabilis uel Consiliarius uel, comprehendendo omnia<sup>1803</sup> unico uocabulo<sup>1804</sup>, Angelus<sup>1805</sup> Magni Consilii.

Alius dicebat<sup>1806</sup> Messiam nasciturum<sup>1807</sup> in [103] Bethleem non in Nazareth.

Tertius: Messias quando<sup>1808</sup> ueniet nemo<sup>1809</sup> sciet.

Quartus: Messias non habebit<sup>1810</sup> patrem, nam<sup>1811</sup> uirgo eum concipiet.

Quintus: Tempore Messie animalia siluestria et fere mansuete et domestice efficientur<sup>1812</sup>.

Sextus dixit: Messias ponet montem domus Domini in uertice aliorum montium. Si iste<sup>1813</sup> hoc fecerit, ipse<sup>1814</sup> est.

Septimus dixit: Messias edificabit Templum ingens Domino<sup>1815</sup> et habebit semen longeuum<sup>1816</sup>. Si hoc fecerit, ipse est.<sup>1817</sup>

Octavus dixit: Ad Messiam confluent omnes gentes. Si ad ipsum confluerint, ipse est.<sup>1818</sup>

Nonus dixit una<sup>1819</sup> ratio pro ipso<sup>1820</sup> esset, quia tempore pacis nascetur. Nunquam autem fuit tanta pax in mundo quanta hodie est.

Decimus<sup>1821</sup> dixit: Non potest ipse esse, quia Messias uenturus est<sup>1822</sup> in<sup>1823</sup> nouissimis<sup>1824</sup> diebus. Non sunt autem adhuc nouissimi dies.

Primus inducebat in<sup>1825</sup> testimonium suum Isaiam dicentem: "Et uocabitur nomen eius Emmanuel". Et alibi: "Vocabitur nomen eius Admirabilis, Consiliarius" uel, ut alii dixerunt, hec omnia unico complectentes<sup>1826</sup> nomine: "Vocabitur nomen eius<sup>1827</sup> Angelus Magni Consilii". Quod concordat cum illo Malachie: "Statim ueniet ad

---

<sup>1801</sup> debet *GJJMNOPRV*, debere *H*, dicitur *Q*

<sup>1802</sup> uocari *GHJJMNOPQR*, esse *V*

<sup>1803</sup> omnia *om. G*

<sup>1804</sup> uocabulo *GHJJMNOP*, uerbo *IRV*

comprehendendo omnia unico uocabulo *GHJJMNPRV*, complectando omnino uno uocabulo *O*, ut omnia dicam unico uerbo *Q*

<sup>1805</sup> Angelus *om. V*

<sup>1806</sup> Alius dicebat *GHJJMNOPQR*, alii dicebant *V*

<sup>1807</sup> Messiam nasciturum *GHJJMNOPRV*, Messias nascetur *Q*

<sup>1808</sup> quando *JMNOPQ*, unde *GHIRV*

<sup>1809</sup> scit neque *add. Q*

<sup>1810</sup> habebit *GHJJMNOPQV*, habet *R*

<sup>1811</sup> nam *GHJJMOPQRV*, quia *N*

<sup>1812</sup> efficientur *GHJJMNOPQR*, efficient *V*

<sup>1813</sup> iste *HJJMNOPRV*, *om. G*, ipse *Q*

<sup>1814</sup> ipse *GHJJMNOPRV*, ille *Q*

<sup>1815</sup> Domino *GHJJMNPRV*, Domini *O*

<sup>1816</sup> et habebit semen longeuum *om. JP*

<sup>1817</sup> Septimus dixit: "Messias edificabit Templum ingens Domino et habebit semen longeuum. Si hoc fecerit, ipse est." *om. IR*

<sup>1818</sup> Septimus dixit: "Messias edificabit Templum ingens Domino et habebit semen longeuum. Si hoc fecerit, ipse est." Octavus dixit: "Ad Messiam confluent omnes gentes. Si ad ipsum confluerint, ipse est." *om. V*

<sup>1819</sup> una *HJJMNOPQR*, uestra *V*

<sup>1820</sup> ipso *HJJMNOQRV*, tempore *P*

<sup>1821</sup> Decimus *HJJMNOQRV*, Vndecimus *P*

<sup>1822</sup> uenturus est *HJJMNOPQRV*, ueniet *G*

<sup>1823</sup> in *om. V*

<sup>1824</sup> temporibus uel *add. G*

<sup>1825</sup> in *om. IRV*

<sup>1826</sup> complectentes *GHJJMNOP*, complectens *IRV*

<sup>1827</sup> hec omnia unico complectentes nomine: "Vocabitur nomen eius *om. Q*

Templum sanctum suum<sup>1828</sup> Dominator<sup>1829</sup> quem uos queritis et Angelus Testamenti quem uos uultis".

Secundus inducebat pro se Micheam prophetam dicentem: "Et tu, Bethlehem Effrata, paruulus es in tribubus<sup>1830</sup> Iuda". Sed supple "non eris<sup>1831</sup> paruulus. Ex te enim egredietur qui erit dominator in populo Israel".

Tertius induxit<sup>1832</sup> rationem: Quia res magne transcendunt ingenium nostrum et hec sunt maxima.

Quartus inducebat Isaiam: "Ecce uirgo concipiet et", supple Virgo existens, "pariet filium". Quintus similiter inducebat eundem prophetam<sup>1833</sup> dicentem<sup>1834</sup>: "Habitabit lupus cum agno et pardus cum hedo accubabit<sup>1835</sup>. Vitulus et leo et ovis simul morabuntur, et puer paruulus minabit<sup>1836</sup> eos. Vitulus et ursus pascentur, simul requiescent catuli eorum. Et leo quasi bos comedet<sup>1837</sup> paleas. Delectabitur infans ab<sup>1838</sup> ubere super foramina aspidis et qui ablactatus fuerit in cauernam<sup>1839</sup> reguli mittet manum suam."

Sextus<sup>1840</sup> quoque inducebat<sup>1841</sup> testimonium eiusdem<sup>1842</sup> prophete dicentis<sup>1843</sup>, similiter octauus et decimus<sup>1844</sup>: "Erit in nouissimis diebus preparatus mons domus<sup>1845</sup> Domini in uertice montium et fluent ad eum omnes gentes". Decimus fundabat se in uerbo<sup>1846</sup> illo: "Erit<sup>1847</sup> in nouissimis diebus<sup>1848</sup>". Dicebatque<sup>1849</sup> tunc non esse nouissimos<sup>1850</sup> dies. Sextus<sup>1851</sup> uero dicebat quod uerba prophetie<sup>1852</sup> expresse dicunt montem Syon eleuandum<sup>1853</sup> super montem Synay et Carmellum et Thabor ita quod Messias super montem Synai ponet<sup>1854</sup> Carmelum<sup>1855</sup>, super eum uero Thabor et super ueticem Thabor collocabit montem Syon. Et sic<sup>1856</sup> Syon stabit in uertice montium et eleuabitur super colles.<sup>1857</sup> Octauus<sup>1858</sup> uero dicebat: "Ecce<sup>1859</sup> prophetia clara est

---

<sup>1828</sup> suum *GHIMNOPQRV*, tuum *J*

<sup>1829</sup> Dominus *add. N*

<sup>1830</sup> tribubus *GJMOPQV*, tribus *HIJR*, principibus *N*

<sup>1831</sup> eris *GHIJMNOPRV*, erit *Q*

<sup>1832</sup> induxit *GHIJMNOQRV*, inducebat *P*

<sup>1833</sup> prophetam *om. N*

<sup>1834</sup> dicentem *om. G*

<sup>1835</sup> accubabit *om. P*

<sup>1836</sup> minabit *GHIJMNOQ*, minabitur *RV*

<sup>1837</sup> comedet *GHIJMNOPRV*, comedent *Q*

<sup>1838</sup> ab *GHIJMNOPRV*, in *Q*

<sup>1839</sup> cauernam *GHIJMNOPRV*, cauerna *Q*

<sup>1840</sup> Sextus *GHIJMNPQRV*, Septimus *O*

<sup>1841</sup> inducebat *GHIJMOPRV*, dicebat *Q*

<sup>1842</sup> eiusdem *GHIJMOPRV*, eius *Q*

<sup>1843</sup> dicentis *om. Q*

<sup>1844</sup> octauus et decimus *GHIJMOPRV*, octauus et nonus *NQ*

Sextus quoque inducebat testimonium eiusdem prophete dicentis, similiter octauus et decimus *GHIJMOPQRV*, Sextus quoque eundem prophetam dicentem, similiter octauus et nonus *N*

<sup>1845</sup> domus *add.M (in marg. a.m.), om. GHOV*

<sup>1846</sup> uerbo *GHIJMNOPRV*, uersu *Q*

<sup>1847</sup> erit *om. IRV*

<sup>1848</sup> preparatus mons Domini *add. IRV*

<sup>1849</sup> Dicebatque *GHIJMNOPRV*, Et dicebant *Q*

<sup>1850</sup> non esse nouissimos *GHIJMNOPR*, non esse nouissimi *Q*, non est nouissimus *V*

<sup>1851</sup> Sextus *GHIJMNOQV*, Septus *R*

<sup>1852</sup> prophetie *GHIJMNOQV*, prophete *P*

<sup>1853</sup> eleuandum *GHIJMOPQRV*, eleuandus *H*, eleuatum *N*

<sup>1854</sup> ponet *om. G*

<sup>1855</sup> et Thabor ita quod Messias super montem Synai ponet Carmelum *om. V*

<sup>1856</sup> sic *om. HIRV*

<sup>1857</sup> Sextus uero dicebat quod uerba prophetie expresse dicunt: "Montem Syon eleuandum super montem

dicens<sup>1860</sup>: "Confluent ad eum omnes gentes", iuxta illud Iacob Patriarche<sup>1861</sup>: "Ipse erit expectatio gentium"; et illud<sup>1862</sup> Aggei: "Ecce<sup>1863</sup> ueniet desideratus cunctis gentibus". Septimus inducebat inter alios Zachariam et Isaiam, de Templi edificatione et semine longeuo. Alii doctorum inducebant prophetiam Iacob patris<sup>1864</sup> de ablatione sceptri et dicebant Messiam iam uenisse. Alii quoque idem confirmabant testimonio Danielis, cui ego apparens<sup>1865</sup> dixi: "Septuaginta hebdomade<sup>1866</sup> conscripte sunt super populum tuum et super ciuitatem [104] tuam sanctam<sup>1867</sup> et delebitur iniquitas et peccatum abolebitur et adducetur iustitia sempiterna et ungetur sanctus sanctorum. Scito ergo et animaduerte quia<sup>1868</sup> ab exitu sermonis et regie concessionis ut<sup>1869</sup> iterum possit<sup>1870</sup> edificari Ierusalem et Templum, ab illa, inquam, concessione usque ad Christum ducem fluent<sup>1871</sup> hebdomade<sup>1872</sup> sexaginta<sup>1873</sup> nouem et in medio septuagesime hebdomade occidetur<sup>1874</sup> Christus<sup>1875</sup>. Et non erit populus eius iste qui nunc est, quia non credit<sup>1876</sup> in eum, sed negabit eum." Addidique<sup>1877</sup> destructionem Ciuitatis et Templi que<sup>1878</sup> facta est per Romanos propter perfidiam Iudeorum.

Induxi tibi prophetiam in sensu quo ego tunc eam dixi Danieli, quia in computatione hebdomadarum illarum multis modis dicitur. Sed incipienda est earum enumeratio a licentia data a rege Arthaxerse<sup>1879</sup>, quod posset ciuitas destructa non solum inhabitari, sed et reedificari<sup>1880</sup>, usque ad predicationem Christi. Vltima hebdomada comprehendit<sup>1881</sup> predicationem ipsius<sup>1882</sup> et mortem<sup>1883</sup> et resurrectionem, legis sue institutionem<sup>1884</sup> et promulgationem et protenditur<sup>1885</sup> usque ad conuersionem Pauli et promulgationem<sup>1886</sup> legis ab ipso factam magnifice<sup>1887</sup>. Ideo hebdomada<sup>1888</sup> una, idest,

---

Synay et Carmellum et Thabor ita quod Messias super montem Synai ponet Carmelum, super eum uero Thabor et super ueticem Thabor collocabit montem Syon et sic Syon stabit in uertice montium et eleuabitur super colles". *om. Q*

<sup>1858</sup> octauus *GHJMNO PRV*, Alius *Q*

<sup>1859</sup> Ecce *om. I*

<sup>1860</sup> dicens *om. NQ*

<sup>1861</sup> Patriarche *GHJMNO PQR*, Patriarcha *V*

<sup>1862</sup> illud *om. V*

<sup>1863</sup> Ecce *om. GR*

<sup>1864</sup> patris *om. N*

<sup>1865</sup> apparens *GHJMOPQ RV*, apparui et *N*

<sup>1866</sup> hebdomade *HMOQ*, hebdomades *IJNR*, hebdomadas *GPV*

<sup>1867</sup> sanctam *om. Q*

<sup>1868</sup> quia *HIJOPRV*, quod *GMNQ*

<sup>1869</sup> ut *om. IRV*

<sup>1870</sup> possit *GHJNOPQ RV*, posset *M*

<sup>1871</sup> fluent *GJMNOPQR*, fluxerunt *HV*

<sup>1872</sup> hebdomade *HJMOPV*, hebdomades *GINR*, hebdomadas *Q*

<sup>1873</sup> sexaginta *IJM (N sup. ras.) OPQR*, septuaginta *GHV*

<sup>1874</sup> occidetur *GJMNOPQR*, occiditur *V*

<sup>1875</sup> Christus *om. G*

<sup>1876</sup> credit *GHJMNO PQR*, credit *V*

<sup>1877</sup> Addidique *GHJMNO PQR*, Addique *V*

<sup>1878</sup> que *om. V*

<sup>1879</sup> Arthaxerse *GHJMPQ*, Athaxerse *I*, Artaxerxe *NO*, Ataxerse *RV*

<sup>1880</sup> reedificari *GHJMNOQ RV*, edificari *P*

<sup>1881</sup> comprehendit *GHJMNO PQ*, comprehendet *IRV*

<sup>1882</sup> ipsius *GHJMOPQ RV*, eius *N*

<sup>1883</sup> mortem *om. P*

<sup>1884</sup> institutionem *GHIMNO PQRV*, instructionem *J*

<sup>1885</sup> protenditur *GHJMNO PQ*, protendetur *IRV*

<sup>1886</sup> et protenditur usque ad conuersionem Pauli et promulgationem *add. O (in marg.)*

<sup>1887</sup> magnifice *GHJMNOQ RV*, mirifice *P*

<sup>1888</sup> hebdomada *GHJMNO PQ*, hebdomadas *IV*, hebdomas *R*

illa ultima confirmabit<sup>1889</sup> pactum multis<sup>1890</sup>, quia promulgabit legem nouam non<sup>1891</sup> per totum<sup>1892</sup> mundum, sed multis<sup>1893</sup> ex iudeis et ex gentibus<sup>1894</sup>. Et in medio hebdomadis<sup>1895</sup> deficiet<sup>1896</sup> sacrificium et hostia, quia tunc Christus, qui se pro uobis<sup>1897</sup> obtulit et qui est sacrificium et hostia<sup>1898</sup>, tunc defecit<sup>1899</sup> et mortuus est. Quia prophetia illa mea est, uolui eam tibi declarare. Per hebdomadam intellexi<sup>1900</sup>, ut uestri bene exponunt, septem annos.

Sed redeamus ad doctores qui, Iesu audiente et in medio eorum sedente, disputabant. Dicebant ergo tempus Messie iam quasi<sup>1901</sup> aduenisse, quia computabant illas hebdomadas<sup>1902</sup> quidam uno modo, quidam<sup>1903</sup> alio. Tandem concludebant<sup>1904</sup> ipsum<sup>1905</sup> iam natum uel saltem cito<sup>1906</sup> nasciturum. Et aliqui<sup>1907</sup> dicebant:

"Si natus est<sup>1908</sup>, quis alius potest esse quam hic puer uel ille qui in deserto moratur et mel ac locustas comedit, cuius patri in hoc Templo angelus apparuit", qui eram ego?

Et ita schisma erat inter doctores<sup>1909</sup> et uehementer<sup>1910</sup> cupiebant omnes ut Iesus aliquid<sup>1911</sup> diceret<sup>1912</sup>, sed uerecundabantur eum interrogare.

Tunc ille uultu graui et diuinitatis uirtute rutilante et ardente ita loqui cepit: "Deus in domibus eius cognoscetur cum suscipiet eam»<sup>1913</sup>. De nomine Messie primo<sup>1914</sup> disputatis, deinde<sup>1915</sup> an uenerit uel cito an<sup>1916</sup> tarde uenturus<sup>1917</sup> inquiritis<sup>1918</sup>. Corticem Scripture accipitis, medulam eius nec<sup>1919</sup> uidetis nec gustatis. Deus enim dixit: "In domibus his<sup>1920</sup> et in Templo hoc et in patria ista cognoscetur, audietur, intelligetur cum humanitatem induet et suscipiet quam iam suscepit".

Consuetudo est unum hominem uno nomine proprio nominari<sup>1921</sup>. Tamen

<sup>1889</sup> confirmabit *GHIJMNOPRV*, confirmabat *Q*

<sup>1890</sup> multis *om. V*

<sup>1891</sup> non *om. O*

<sup>1892</sup> totum *GHIJMNOPRV*, uniuersum *Q*

<sup>1893</sup> quia promulgabit legem nouam non per totum mundum, sed multis *om. IR*

<sup>1894</sup> ex gentibus *GJMOPQV*, ex gentilibus *HIR*, exigentibus *N*

<sup>1895</sup> hebdomadis *GJNP*, hebdomades *IR*, hebdomadi *M*, hebdomade *HO*, hebdomadarum *Q*, hebdomadas *V*

<sup>1896</sup> deficiet *GHIJMNOPRV*, defieret *Q*

<sup>1897</sup> uobis *GIJMNOQR*, nobis *PV*

<sup>1898</sup> quia tunc Christus qui se pro uobis obtulit et qui est sacrificium et hostia *om. H*

<sup>1899</sup> defecit *GHIMNOPQRV*, deficit *J*

<sup>1900</sup> intellexi *GHJMNOPQ*, intelligi *IRV*

<sup>1901</sup> quasi *om. H*

<sup>1902</sup> hebdomadas *GHJNOPQV*, hebdomades *IMR*

<sup>1903</sup> alii dicebant *add. V*

<sup>1904</sup> Tandem concludebant *om. V*

<sup>1905</sup> Messiam *add. O*

<sup>1906</sup> cito *om. Q*

<sup>1907</sup> aliqui *GHIJMNOPQR*, alii *V*

<sup>1908</sup> est *GHIMNOPQRV*, esset *J*

<sup>1909</sup> doctores *GHIJMNOPQRV*, eos *G*

<sup>1910</sup> uehementer *GHJMNOPQRV*, ualde *N*

<sup>1911</sup> doceret et *add. G*

<sup>1912</sup> Iesus aliquid diceret *GHIMNOPQR*, Iesu aliquid dicerent *V*

<sup>1913</sup> eam *GHJNOPQR*, eum *MV*

<sup>1914</sup> primo *om. N*

<sup>1915</sup> Deinde *GJMNOPO*, et *HIRV*

<sup>1916</sup> an *GJMNOPR*, uel *HV*

<sup>1917</sup> uenturus *GHJMNOPRV*, uenturum sit *NQ*

<sup>1918</sup> uel cito an tarde uenturus inquiritis *GHJMNOPRV*, uel cito uenturus sit queritis *Q*

<sup>1919</sup> nec *GHJMNOPQR*, ne *V*

<sup>1920</sup> his *HHJMNOPQRV*, istis *G*

<sup>1921</sup> nominari *GJMNOPO*, nominare *HIRV*

aliquando<sup>1922</sup> eidem plura nomina solent attribui, si<sup>1923</sup> binomius<sup>1924</sup> sit uel et plurium nominum<sup>1925</sup>. Solet unus homo ab aliquo effectu, casu uel conditione sibi acquirere<sup>1926</sup> nomen, sicut prima mater hominum<sup>1927</sup> appellata fuit uirago, quia de uiro sumpta, et Abram Abraam<sup>1928</sup>, [105] et Iacob Israel, et Salomon Idida et Ecclesiastes. Et nonnulli de<sup>1929</sup> sua cognatione uel patria cognomen<sup>1930</sup> accipiunt, ut sunamitis<sup>1931</sup> et thesbites<sup>1932</sup>. Et aliis<sup>1933</sup> pluribus modis<sup>1934</sup> nomina uni et eidem imponi solent. Nonne Deum ipsum celi multis nominibus appellamus et uocamus<sup>1935</sup>? Consuete tamen uno nomine magis utimur, maxime<sup>1936</sup> quando illud est proprium et sibi primo in circuncisione imponitur<sup>1937</sup>. Quid ergo mirum si Messias multis nominibus in Scripturis nominetur?<sup>1938</sup> Nonne<sup>1939</sup> ipsum Messiam uocatis? Nec tamen Scriptura ita aperte<sup>1940</sup> dicit: "Vocabitur nomen eius Messias". Multis autem nominibus appellatus est et appellari<sup>1941</sup> potest, quamuis consuete et ex impositione unico nomine nominetur. Ipse uocatur Admirabilis quia mirabilium<sup>1942</sup> operum patrat, ipse Consiliarius quia Eterni Dei Patris ars, sapientia et consilium. Non ergo Dei sed Deus nomen eius, quia nomen eius<sup>1943</sup> tetragramaton<sup>1944</sup> est, iuxta illud Ieremie Prophete: "Suscitabit Daud germen<sup>1945</sup> iustum et regnabit rex et sapiens erit et faciet iudicium et iustitiam<sup>1946</sup> in terra." Et hoc est nomen quo<sup>1947</sup> uocabitur ipse Messias: Tetragramaton<sup>1948</sup>. Nomen ergo eius, utroque propheta attestante, erit Deus. Quod nemo ex uobis<sup>1949</sup> allegauit. Ipse uocatur<sup>1950</sup> Fortis quia, leo de tribu Iuda, uincet, superabit et capita inimicorum suorum conquassabit. Ipse uocatur Pater Futuri Seculi quia legem nouam condet<sup>1951</sup> et caput erit populorum<sup>1952</sup> credentium, maior Abraam, maior Moise, maior Daud. Ipse uocabitur Princeps Pacis Eterne. Conciliabit homines cum Deo et qui erant<sup>1953</sup> disiuncti ab eo<sup>1954</sup> coniunget, et

<sup>1922</sup> aliquando *GHJMNO PQ*, quando *IRV*

<sup>1923</sup> attribui, si *GHJMNO P*, attribui et etiam *Q*, attribui ut si *IRV*

<sup>1924</sup> binomius *GHJMNO PR*, binomis *V*

<sup>1925</sup> Si binomius sit uel et plurium nominum *GHJMNO PRV*, Et etiam *Q*

<sup>1926</sup> acquirere *GHJMNO PRV*, accipere *Q*

<sup>1927</sup> hominum *GHJMNO PRV*. hominis *Q*

<sup>1928</sup> et Abram Abraam *GHJMOPV*, et Abraam Abram ante *Q*, Abraam Abraam *R*

<sup>1929</sup> de *GHJMNO PQR*, in *V*

<sup>1930</sup> cognomen *GHJMNO PQRV*, nomen *O*

<sup>1931</sup> sunamitis *GHIMOPRV*, sunamites *JN*

<sup>1932</sup> ut sunamitis et thesbites *om. Q*

<sup>1933</sup> aliis *GHJMNO PQ*, alii *RV*

<sup>1934</sup> modis *om. Q*

<sup>1935</sup> et uocamus *om. O*

<sup>1936</sup> maxime *om. V*

<sup>1937</sup> imponitur *GHJMNO PRV*, ponitur *Q*

<sup>1938</sup> Quid ergo mirum si Messias multis nominibus in Scripturis nominetur? *om. Q*

<sup>1939</sup> Nonne *GHJMNO PQR*, Nomine *V*

<sup>1940</sup> ita aperte *GHJMNO P*, ullibi ita aperte *Q*, ullibi *HIRV*

<sup>1941</sup> appellari *GHJMNO PQRV*, nominari *H*

<sup>1942</sup> mirabilium *GHJMOPQ RV*, admirabilium *N*

<sup>1943</sup> quia nomen eius *om. V*

<sup>1944</sup> tetragramaton *HJMNOQV*, thetagramaton *GI*, tethagramaton *O*, tetagramaton *R*

<sup>1945</sup> suum *add. Q*

<sup>1946</sup> et iustitiam *GHJMOPQ RV*, ex iustitia *N*

<sup>1947</sup> quo *GHJMNO PQR*, quod *V*

<sup>1948</sup> Tetragramaton *HJMNOQV*, ThetagraMaton *GO*, tetagramaton *R*

<sup>1949</sup> uobis *GHJMNO PQR*, nobis *V*

<sup>1950</sup> uocatur *HJMNO PRV*, uocabitur *GNOQ*

<sup>1951</sup> condet *GHJMNO PQ*, condiet *IRV*

<sup>1952</sup> populorum *HJMNO PQRV*, plurimorum *G*

<sup>1953</sup> erant *GHJMNO PQ*, erunt *IRV*

<sup>1954</sup> ab eo *er. O*, *om. IRV*

duos parietes multum separatos copulabit. Timorem extinguet<sup>1955</sup>, amorem augebit et tranquillitatem, tamquam ipse mitis, humilis, mansuetus, docebit pacem, predicabit, annuntiabit et pro saluatione ordinabit. Recte igitur uocabitur Princeps Pacis et Rex Pacificus, per Salomonem filium Dauid prefiguratus, qui et si multa mala perpetraverit, penitentiam tamen egit et Librum Ecclesiastes, Spiritu Sancto instruente<sup>1956</sup>, composuit et Cantica Canticorum multis sensibus decorauit. Quia ergo uocabitur Deus et cum hominibus conuersabitur, ideo dixit propheta: "Vocabitur nomen eius Emmanuel". Et quia spoliabit infernum et peccata detrahet et extirpabit et adiuuare homines festinabit, ideo alibi dicitur<sup>1957</sup> "Detrahe", "Spolia", "Accelera". Et alia eodem modo in prophetis posita possent induci et exponi, que pretereo. Alibi dicit<sup>1958</sup>: "Vocabitur nomen eius quod os Domini nominauit". Ex ore humano duo procedunt, flatus seu spiritus et uerbum. Ex ore etiam<sup>1959</sup> Dei<sup>1960</sup> Patris Eterni procedit Verbum<sup>1961</sup>. Ipse enim eterna mente gignit Filium sibi per omnia equalem, quia<sup>1962</sup> Verbum<sup>1963</sup> eius et imago substantie<sup>1964</sup> sue est. Producit<sup>1965</sup> et alium qui Spiritus est<sup>1966</sup> et non Verbum oris Dei nuncupatur.

Nonne nomen Messie etiam Salutare<sup>1967</sup> dicitur, propheta perhibente<sup>1968</sup>: "Viderunt omnes fines Terre salutare Dei nostri"? Et alibi: "Exultabo in Deo Salutari<sup>1969</sup> meo"? Quia ergo ipse est salus populi et per<sup>1970</sup> ipsum delebitur preuaricatio, peccatum et iniquitas, recte Saluator nominatur. In illo namque nomine<sup>1971</sup> uidentur<sup>1972</sup> omnia alia nomina [106] contineri. Si enim non esset Deus et Fortis et Consiliarius et Admirabilis<sup>1973</sup>, quomodo saluaret<sup>1974</sup>? Si quoque non spoliaret infernum, peccata detraheret et ad adiuuandum<sup>1975</sup> festinus esset, quomodo saluaret nisi<sup>1976</sup> esset Saluator? Quomodo dicitur<sup>1977</sup> Spolia, Detrahe, Accelera? Et ut<sup>1978</sup> sciatis uos<sup>1979</sup> me legisse illos septuaginta interpretes qui, Legem nostram<sup>1980</sup> gentibus interpretantes, loco illorum nominum: Admirabilis, Consiliarius, Dominus Fortis, Pater Futuri Seculi, Princeps Pacis, posuerunt unum nomen: "Angelus Magni Consilii", in quo uerbo conduxerunt<sup>1981</sup>

<sup>1955</sup> extinguet *GHIJMNOQRV*, extinctum *P*

<sup>1956</sup> instruente *GHIJMNOQRV*, inspirante *Q*

<sup>1957</sup> uocabitur nomen eius *add. GHNOQ*

nomen eius *add. IRV*

<sup>1958</sup> dicit *HJMNOQ*, dicitur *IRV*

<sup>1959</sup> etiam *GHJMNOQ*, enim *Q*, autem *IRV*

<sup>1960</sup> Dei *om. GJ*

<sup>1961</sup> eius *add. V*

<sup>1962</sup> quia *HIJMNR*, qui *GOPQV*

<sup>1963</sup> Ipse enim eterna mente gignit Filium sibi per omnia equalem, quia Verbum *om. IR*

<sup>1964</sup> substantie *om. G*

<sup>1965</sup> Producit *GHIJMNOQRV*, Produxit *P*

<sup>1966</sup> est *om. GIOPQRV*

<sup>1967</sup> Messie etiam Salutare *GJMNOQ*, Messie Salutare *HIR*, Messie Saluator *V*

<sup>1968</sup> qui dicit *add. N*

<sup>1969</sup> Salutari *GJMOPQV*, Salvatore *IR*, Saluatori *N*

<sup>1970</sup> per *om. V*

<sup>1971</sup> In illo namque nomine *GJMNOQ*, In illoque nomine *H*, In illoque homine *IR*, In illo *V*

<sup>1972</sup> uidentur *GHIJMNOQRV*, uidetur *V*

<sup>1973</sup> Admirabilis *JMNOQV*, Mirabilis *GHIR*

<sup>1974</sup> saluaret *GHIJMNOQRV*, saluabit *Q*

<sup>1975</sup> ad adiuuandum *HJNOQ*, et adiuuandum *GIR*, ad iuuandum *MPV*

<sup>1976</sup> quoque *add. HINQRV*

<sup>1977</sup> dicitur *GHIJMNOQRV*, diceretur *Q*

<sup>1978</sup> ut *om. G*

<sup>1979</sup> uos *om. IQRV*

<sup>1980</sup> nostram *GHIMNRV*, uestram *JOPQ*

<sup>1981</sup> conduxerunt *MOPQ*, incluserunt *HR*, induxerunt *IV*, concluserunt *GJN*

omnia circumstantia ac si dixissent: "Dicamus obcurius regi gentili, non nominemus eum tot nominibus, dicamus "Angelus Magni Consilii" sicut et Malachias dixit "Angelus Testamenti Noui et Veteris". Vtrumque<sup>1982</sup> enim Testamentum de<sup>1983</sup> illo scribitur<sup>1984</sup>, utrumque in illo fundatur, utriusque auctor est ipse. Non sit uobis nomen impedimento<sup>1985</sup> neque Scripturarum concordissima ueritas uobis salutem et spem adimat.

Alius ex uobis dicebat<sup>1986</sup> Messiam in Bethleem nasciturum, ex prophetia Michee. Et uerum est, quod oportebat Messiam<sup>1987</sup> egredi<sup>1988</sup> ex utero matris sue in Bethleem. Ideo propheta "ex te" inquit "egredietur", non "in te ingredietur<sup>1989</sup>". In Nazareth ingressus est tamquam Sanctus Sanctorum in loco sancto. In Bethleem egressus est tamquam panis et refectio et sustentaculum et firmamentum<sup>1990</sup> domus Israel et totius mundi. Est ergo nazareus<sup>1991</sup> et bethleemiticus Messias. Quando<sup>1992</sup> autem dicitur quod<sup>1993</sup> nemo sciet<sup>1994</sup> unde sit Messias<sup>1995</sup>, id non est bene dictum, quia ueniet<sup>1996</sup> de tribu Iuda et de domo Dauid et de ciuitate Nazareth per conceptionem, et de Bethleem per natiuitatem. Et uerum est quod omnium que fecit Deus hoc est maximum et mens hominis propter peccatum quo ignorantiam erroneam incurrit non potest<sup>1997</sup> comprehendere neque scire conceptionis et natiuitatis modum. Potest tamen per testimonium Scripture intelligere ubi nascetur et ex quibus parentibus. Messias<sup>1998</sup> quoque habebit unum patrem uidelicet Deum, iuxta illud<sup>1999</sup>: " Ipse<sup>2000</sup> inuocabit me: Pater meus est tu. Et ego primogenitum ponam illum". Que de Messia dicuntur, cuius figuram<sup>2001</sup> in multis gessit Salomon rex<sup>2002</sup>. Habebit etiam matrem sine patre, quia "mulier sola circundabit uirum", et, "uirgo concipiet et pariet<sup>2003</sup>". Sed quod habeat<sup>2004</sup> patrem putatiuum, qui tamen etiam et ipse sit uirgo purissimus, nihil obstat.

Et ita tacite ostendebat se non esse filium Ioseph.

Qui uero dicunt animalia siluestria domestica tunc fieri, metaphoricè et per quamdam similitudinem loquuntur<sup>2005</sup>, sicut et ibi: "Erit iustitia cingulum lumborum eius et fides cinctorium renum eius". Quia ergo Messias<sup>2006</sup> coniunget lupos cum agno<sup>2007</sup> seipso et coniunget gentes cum iudeis, quas gentes uos lupos et ursos et aspides et regulos

<sup>1982</sup> Vtrumque *er. O*, (*add. a.m. Vbique*)

<sup>1983</sup> Vtrumque enim testamentum de *GJMNO PQ*, ubique enim de *HIR*, Vbique enim ab *V*

<sup>1984</sup> scribitur *GHIJMNO PRV*, scribit *Q*

<sup>1985</sup> impedimento *GHIJMNO PRV*, impedimentum *Q*

<sup>1986</sup> Alius...dicebat *GHIJMNO PQR*, alii...dicebant *V*

<sup>1987</sup> Messiam *GHIOPQRV*, Messiach *JMN*

<sup>1988</sup> egredi *om. IRV*

<sup>1989</sup> ingredietur *GHIJMPQRV*, egredietur *NO*

<sup>1990</sup> firmamentum *GHIJMNO PRV*, fundamentum *Q*

<sup>1991</sup> nazareus *GHIMPQRV*, nazarenus *JNO*

<sup>1992</sup> Quando *GHIJNO PQRV*, Quomodo *M*

<sup>1993</sup> quod *om. V*

<sup>1994</sup> sciet *GHIJMOPRV*, scit *N (sup.ras.) Q*

<sup>1995</sup> Messias *GHIJPQRV*, Messiach *MNO*

<sup>1996</sup> ueniet *GHIJMNO PRV*, uenit *Q*

<sup>1997</sup> non potest *GHIJMNO PRV*, nequit *Q*

<sup>1998</sup> Messias *GHIJMOPQRV*, Messiach *N*

<sup>1999</sup> prophete *add. V*

<sup>2000</sup> Ipse *om. V*

<sup>2001</sup> figuram *om. G*

<sup>2002</sup> Que de Messia dicuntur, cuius figuram in multis gessit Salomon Rex *om. Q*

<sup>2003</sup> filium *add. Q*

<sup>2004</sup> habeat *GHIJMNO PQRV*, habebat *J*

<sup>2005</sup> loquuntur *GHIJMNO PRV*, dicuntur *Q*

<sup>2006</sup> Messias *GHIJPQ*, Messiach *MNOR*, Messia *V*

<sup>2007</sup> agno *GHIJMNO PQR*, agnis *V*

uocatis, ideo ita<sup>2008</sup> scriptum est, quamuis etiam Messias<sup>2009</sup> dabit uirtutem suis calcandi super<sup>2010</sup> serpentes [107] et scorpiones ita ut nihil eis nocere possit, nam serpentes tollent et, si mortiferum quid bibere uoluerint<sup>2011</sup>, non<sup>2012</sup> eis nocebit.

Ad quid autem oportet montem domus Domini collocare in uertice montium? Amen amen dico uobis quia plura<sup>2013</sup> operabitur Messias<sup>2014</sup> in monte isto in quo nunc sumus quam sit operatus in monte Synay et quam<sup>2015</sup> operabitur in aliis montibus, Carmello et Thabor. Et iam ceperunt misteria in hoc monte fieri et nunc in oculis uestris fiunt, sed non percipitis. Quando autem granum frumenti<sup>2016</sup> mortuum fuerit, tunc<sup>2017</sup> multum fructum affert. Antea uero solum cum populo suo, et in<sup>2018</sup> illo ualde pauco manebit<sup>2019</sup>. Ipse certe est exspectatio gentium et desideratus earum<sup>2020</sup>. Populus suus<sup>2021</sup> negabit ipsum<sup>2022</sup>, et sic uocabit non plebem suam plebem suam et non populum suum populum suum<sup>2023</sup>. Ipse tamen primum<sup>2024</sup> uenit propter oues que perierunt domus Israel. Edificabit autem Templum ingens ex<sup>2025</sup> lapidibus quadris et uiuis atque electis. Eius semen in eternum manebit et multiplicabitur. Ideo erit<sup>2026</sup> longeuum et innumerabile<sup>2027</sup>, sicut promissum est patri nostro Abraam quod multiplicabitur<sup>2028</sup> semen eius sicut stelle<sup>2029</sup> celi et arena que est in litore maris.

Dies quoque Messie nouissimi dicuntur, quia legi sue alia lex a Deo data non succedet. Nouissimi quoque dicuntur<sup>2030</sup>, quia longo tempore post uisionem prophetarum sic dicentium adimpleti<sup>2031</sup>.

Percutietur cito statua<sup>2032</sup> in pedibus fictilibus et cadet. Et hec domus sicut et hic mons<sup>2033</sup> iam incepit<sup>2034</sup> impleri<sup>2035</sup> gloria et adhuc maiore implebitur. Et qui cepit

---

<sup>2008</sup> ita *GHIJMNOPQR*, itaque *V*

<sup>2009</sup> scriptum est quamuis etiam Messias *GHIJMNOPRV*, scriptum est: "Habitabit lupum cum agno" quamuis enim Messias *Q*

<sup>2010</sup> super *GHJMNOQORV*, supra *I*

<sup>2011</sup> bibere uoluerint *HIJMNOPV*, biberint *GQ*, bibere noluerint *R*

<sup>2012</sup> non *JMOPQV*, nihil *GHINR*

<sup>2013</sup> plura *GHIJMNPQORV*, plus *O*

<sup>2014</sup> Mssias *GHIJPQV*, Messiach *MNOR*

<sup>2015</sup> quam *om. R*

<sup>2016</sup> in fundo terre *add. P*

<sup>2017</sup> mortuum fuerit tunc *add. P (in marg.a.m.)*

<sup>2018</sup> in *om. IRV*

<sup>2019</sup> manebit *GHJMNOQORV*, manebat *IR*

<sup>2020</sup> quia *add. GHRI*

<sup>2021</sup> suus *GHJMOPQORV*, eius *N*

<sup>2022</sup> ipsum *GHIJMOPQR*, eum *V*

<sup>2023</sup> non plebem suam plebem suam et non populum suum populum suum. *HIJMOR*

plebem non suam et populum non suum *G*

plebem suam non plebem suam et non populum suum populum suum *N*

non plebem suam et non populum suum populum suum *P*

plebem suam non plebem suam, plebem suam non plebem suam et non populum suum *Q*,

plebem suam non plebem suam et non populum suum *V*

<sup>2024</sup> primum *om.IOPRV*

<sup>2025</sup> ex *GHIJMPQORV*, de *N*

<sup>2026</sup> erit *om. P*

<sup>2027</sup> et multiplicabitur. Ideo erit longeuum et innumerabile *om. Q*

<sup>2028</sup> multiplicabitur *GHIJMNOPRV*, multiplicatur *Q*

<sup>2029</sup> stelle *GHIJMNOPRV*, stellas *Q*

<sup>2030</sup> dicuntur *GHIJMNOPQR*, dicentur *V*

<sup>2031</sup> adimpleti *GHIOQORV*, adimplete *JMNP*

<sup>2032</sup> Percutietur cito statua *GHIJMNOPRV*, Percutiet cito statuam *Q*

<sup>2033</sup> mons *GHIJMNOPRV*, Messias *Q*

<sup>2034</sup> incepit *GHJMNOQO*, cepit *IRV*

<sup>2035</sup> impleri *om. HNQ*

implere uidistis eum et ille idem implebit quem et uidetis<sup>2036</sup>. Sed dolendum est, quia uidentes non uidebunt et audientes<sup>2037</sup> non intelligent. Superbia et presumptio sunt prima peccata et pessima, excecant<sup>2038</sup> enim<sup>2039</sup> corda hominum et faciunt eos incurrere in multa que non licent<sup>2040</sup>.

Si ergo, patres, conferre humiliter uolueritis<sup>2041</sup> dicta Prophetarum, inuenietis prophetam illum patribus nostris<sup>2042</sup> promissum iam uenisse. Qui recte<sup>2043</sup> dictus est Messias<sup>2044</sup>, quia unctus<sup>2045</sup> est<sup>2046</sup> in Sacerdotem et Regem, non oleo oliuarum, sed omnibus donis et gratiis. Aperiendi sunt oculi, uidenda est ueritas ne ut ceci ambuletis, sed lumen quod<sup>2047</sup> apud uos est cernatis et cernendo uitam habeatis.

Hec Iesus, secunda die, Maria credente ipsum<sup>2048</sup> esse in comitatu uirorum, Ioseph in comitatu mulierum et Domino permittente ne mater subito ad inquirendum eum pergeret, admirabantur doctores et sacerdotes Templi et alii circumstantes, uidentes<sup>2049</sup> sapientiam Dei in puero. Multique sacerdotum atque doctorum ceperunt credere in ipsum. Et ita impleta est secunda disputatio<sup>2050</sup>

Tertia<sup>2051</sup> die doctores iterum conuenerunt et nimium mirabantur<sup>2052</sup> et inter se<sup>2053</sup> dicebant: "Aut Messias aut angelus puer iste est. Et quia [108] tempus aduentus<sup>2054</sup> Messie a Daniele predictum iam aduenit<sup>2055</sup>, non angelus, sed<sup>2056</sup> Messias est". Quidam<sup>2057</sup> sacerdotes qui sanctitatem Marie agnoscebant<sup>2058</sup> et ab ea multa<sup>2059</sup> didicerant, qui<sup>2060</sup> etiam sciebant uotum uirginitatis eius et miraculosam desponsationem uiro iusto et sancto, dixerunt<sup>2061</sup> doctoribus omnia que nouerant. Addideruntque quod, non obstante<sup>2062</sup> tali desponsatione, posset esse, immo et sic esse. Intellexerant<sup>2063</sup> quod Maria sit<sup>2064</sup> uirgo et numquam polluta, sed intacta et, quod plus

---

<sup>2036</sup> et ille idem implebit quem et uidetis *GHIJMOQRV*, et ille diem implebit quem et uidebitis *N*, et ipse idem implebitur quem et uidetis *P*

<sup>2037</sup> audientes *GHJMNOQV*, uidentes *IR*

<sup>2038</sup> et pessima, excecant *GIMOQRV*, et pessima excecantia *HJNP*

<sup>2039</sup> enim *om. HJN*

<sup>2040</sup> licent *GHIOPQRV*, licet *JMN*

<sup>2041</sup> uolueritis *GHIJMNOQRV*, uolentes *P*

<sup>2042</sup> nostris *GHIJMNOPRV*, uestris *Q*

<sup>2043</sup> recte *GHIJNOQR*, certe *MPV*

<sup>2044</sup> Messias *GHIJOPQV*, Messiach *MNR*

<sup>2045</sup> unctus *GHIJNOPQRV*, unctum *M*

<sup>2046</sup> est *om. GHIR*

<sup>2047</sup> quod *om. R*

<sup>2048</sup> ipsum *om. V*

<sup>2049</sup> uidentes *om. IRV*

<sup>2050</sup> disputatio *GIJNOQV*, dies *H(M add. sup lin a.m. disputatio) P*

<sup>2051</sup> Tertia disputatio *add. R (in marg.)*

<sup>2052</sup> et nimium mirabantur *GHJMNOQ*, etenim uiri *IRV*

<sup>2053</sup> inter se *GHIJMNOPRV*, intra se *Q*

<sup>2054</sup> aduentus *om. R*

<sup>2055</sup> aduenit *GHJMNOQ*, impletum est *IRV*

<sup>2056</sup> non angelus sed *om. IRV*

<sup>2057</sup> Quidam *GHIJMNOQRV*, Quibus *P*

<sup>2058</sup> agnoscebant *GHIJMOQRV*, cognoscebant *NP*

<sup>2059</sup> multa *GHIJMNOQRV*, multum *P*

<sup>2060</sup> qui *GHIJMNOPQR*, quia *O*

<sup>2061</sup> doctores aliis *add. Q*

<sup>2062</sup> obstante *GHIJMOPQRV*, obstanti *N*

<sup>2063</sup> intellexerant *GHJMNOQ*, intellexerunt *IRV*

<sup>2064</sup> sit *GHJMNOQR*, sic *V*

est, quod, quamuis genuerit<sup>2065</sup> filium, ita tamen clausa erat sicut puella septem<sup>2066</sup> annorum. Multi ex doctoribus crediderunt ipsum esse Messiam sed, ne ab aliis deriderentur<sup>2067</sup> tamquam leues corde<sup>2068</sup> quia cito credidissent, occultabant fidem et credulitatem suam. Alii cogitabant quomodo possent scire an Maria esset uirgo, ut dixerant<sup>2069</sup> sacerdotes<sup>2070</sup>, quod etiam postea perscrutati sunt. Et testimonio honestissimarum<sup>2071</sup> et sanctarum<sup>2072</sup> mulierum que cum Maria diutius et frequentius conuersabantur, que hoc pro certo nouerant<sup>2073</sup>, illud quod<sup>2074</sup> sacerdotes dixerant uerum esse didicerunt<sup>2075</sup>. Voluit enim Dominus ut illud sciretur<sup>2076</sup> ne ullam<sup>2077</sup> excusationem haberent in eum<sup>2078</sup> credendi. Multi ergo sacerdotum et doctorum<sup>2079</sup> credebant in Iesum.

In hac ergo tertia<sup>2080</sup> disputatione cum maiori reuerentia et ueneratione locuti sunt<sup>2081</sup> doctores cum puero Iesu. Inquirebant ergo an Messias esset allaturus aliam legem nouam uel confirmaturus<sup>2082</sup> legem ueterem. Et aliqui dicebant ipsum facturum legem nouam, inducentes illud Danielis: "Hebdomada<sup>2083</sup> ultima confirmabit pactum multis<sup>2084</sup>". Alii econtra dicebant legem illam eternam esse sicut Dominus per suos prophetas dixit. Alii querebant an lex prohiberet animum et peccatum cordis aut<sup>2085</sup> solum manum<sup>2086</sup> et peccatum exterius siue operis<sup>2087</sup>. Et cum altercarentur, omnes inspiciebant in Iesum, cupientes<sup>2088</sup> aliquid audire ex ore eius.

Ita ergo Iesus puer, omni sapientia plenus, exorsus est: Deus Virtutum, conuertere et respice de celo. Et uide<sup>2089</sup> et uisita uineam istam et perface eam quam plantauit dextera tua, et super filium hominis<sup>2090</sup> quem confirmasti<sup>2091</sup> tibi. Vinea Domini Sabaoth domus<sup>2092</sup> Israel est, ad quam nunc Deus Virtutum<sup>2093</sup> conuersus est. Et quia numquam potentia sua maior apparuit, plurimas atque stupendas uirtutes, quando Verbum caro factum est<sup>2094</sup>, fecit. Ideo recte Deus Virtutum uocatus est. Quando uultum sue infinite

<sup>2065</sup> genuerit *GHIJMNOPRV*, generauerit *Q*

<sup>2066</sup> septem *GHIJMNOQRV*, duorum *P*

<sup>2067</sup> deriderentur *GHIJMNOQRV*, discederent *P*

<sup>2068</sup> leues corde *GHIJMNOPRV*, leuis cordis *Q*

<sup>2069</sup> ut dixerant *GHIJMNORV*, ut dixerunt *P*, et dixerant *Q*

<sup>2070</sup> illam cogoscentes *add. Q*

<sup>2071</sup> feminarum *add. G*

<sup>2072</sup> et sanctarum *GJMNOQ*, sanctissimarum *HIR, om. PV*

<sup>2073</sup> nouerant *GHIJMNOQRV*, nouerunt *P*

<sup>2074</sup> quod *GHIJMNOPQR*, ad *V*

<sup>2075</sup> didicerunt *GHIJMNPQRV*, dixerant *O*

<sup>2076</sup> sciretur *GHIJMNOPRV*, scirent *Q*

<sup>2077</sup> ne ullam *GHIJMNOPR*, ut nullam *Q*, ne illam *V*

<sup>2078</sup> eum *GHIJMOPQRV*, illum *N*

<sup>2079</sup> sacerdotum et doctorum *GHIJMNOPRV*, sacerdotes et doctores *Q*

<sup>2080</sup> tertia *om. IQRV*

<sup>2081</sup> sacerdotes et *add. P*

<sup>2082</sup> esset *add. GHINOR*

<sup>2083</sup> Hebdomada *HOPQ*, Hebdomadas *GM*, Hebdomas *IJNR*, Hebdemodas *V*

<sup>2084</sup> multis *GHIJMNOQRV*, multorum *P*

<sup>2085</sup> aut *GHIJMNOPRV*, an *Q*

<sup>2086</sup> manum *GHJMNOPOV*, manuum *IR*

<sup>2087</sup> siue operis *GHIJMNORV*, sine opere *P*, operis *Q*

<sup>2088</sup> cupientes *GHIJMNOPRV*, cupiebant *Q*

<sup>2089</sup> et uide *om. G*

<sup>2090</sup> Hominis *om. J, add. M (in marg. a. m.)*

<sup>2091</sup> confirmasti *GHIJMNOPRV*, formasti *Q*

<sup>2092</sup> domus *om. N*

<sup>2093</sup> Virtutum *om. Q*

<sup>2094</sup> et imaginem suam ad uos misit *add. Q*

clementie ad uos conuertit et faciem suam et imaginem suam ad uos misit et uos pio et<sup>2095</sup> benigno oculo respexit, uos uidit et uisitauit. Vtinam et uos<sup>2096</sup> uideatis et cognoscatis tempus uisitationis uestre et audientes audiatis<sup>2097</sup> et intelligentes<sup>2098</sup> intelligatis. Visitauit ecce<sup>2099</sup> Deus uineam, perficiet eam et non exterminabit. Nam exterminati [109] nauit eam aper de silua postquam impleuerat<sup>2100</sup> terram, et singularis ferus depastus est eam postquam extenderat palmites<sup>2101</sup> usque ad mare et propagines suas usque ad flumina<sup>2102</sup>. Et, sic iratus, Dominus destruxerat<sup>2103</sup> maceriam<sup>2104</sup> eius et uindemiabant eam qui pretergredebantur uiam. Ita, nunc<sup>2105</sup> misertus, perficiet eam legemque perfectam dabit que erit noua et uetus, eadem et alia. Decalogus ille a principio fuit et usque in finem<sup>2106</sup> durabit neque decalogus est, sed bilogus. Quicquid enim precipitur, Dei aut proximi dilectio est. Et quia sola<sup>2107</sup> dilectio precipitur, monologus potest dici, cuius preceptum in eternum manebit. Eterna ergo<sup>2108</sup> lex, eternus populus Dei, eterna domus Israel, semen Abraam numquam deficiet, electi Dei in eternum uiuent. Sabbata, neomenie atque cerimonie Legis figure sunt, signa sunt, in suis significatis conseruabuntur et ita non peribunt omnino. Eterna ergo est lex Dei et eadem semper, dilectio semper<sup>2109</sup> precipitur. Sed quando et ubi potius Deus sit diligendus, est extra naturam precepti acciditque dilectioni. Accidentia legis mutabuntur, lex<sup>2110</sup> ipsa manebit. Eadem est lex in natura sua, alia in illis que accidunt nature. Vetus est in substantia<sup>2111</sup>, noua in accidentibus<sup>2112</sup>. Et quia nunc dilectio minis et timore<sup>2113</sup> obseruatur, ex nunc amore preceptum amoris electi Dei obseruabunt<sup>2114</sup>. Lex ergo noua Lex amoris, Lex uetus Lex timoris nuncupabitur<sup>2115</sup>. Immo dico uobis quod lex amoris dicetur illa<sup>2116</sup> lex que prius<sup>2117</sup> timoris<sup>2118</sup> dicebatur. Quia etsi semper dilectio fuerit sub precepto, nunc erit multo magis et multo maior dilectio<sup>2119</sup> sub precepto. Et longe amplior<sup>2120</sup> gratia et caritas in cordibus fidelium abundabit adeo ut prior<sup>2121</sup> gratia in comparatione posterioris non uocabitur gratia neque lex gratie<sup>2122</sup> qualis usque huc<sup>2123</sup>

<sup>2095</sup> pio et *om.* *Q*

<sup>2096</sup> et uisitauit. Vtinam et uos *IMNOPRV*, et uisitauit ut et uos *GHJQ*

<sup>2097</sup> et cognoscatis tempus uisitationis uestre et audientes audiatis *add. O* (*in marg. a. m.*)

<sup>2098</sup> intelligentes *om.* *Q*

<sup>2099</sup> ecce *GHJMNOQ*, ecclesiam *IR*, *om.* *V*

<sup>2100</sup> impleuerat *GHJMNOPRV*, impleuit *Q*

<sup>2101</sup> suos *add.* *Q*

<sup>2102</sup> flumina *GJMNOQ*, maria *P*, flumen *HIRV*

<sup>2103</sup> destruxerat *GHJMNOQR*, destruxit *P*, destruxerat *V*

<sup>2104</sup> maceriam *GHJMNOQR*, naturam *P*, materiam *V*

<sup>2105</sup> nunc *GHJMNOQRV*, nature *P*

<sup>2106</sup> usque in finem *GHJMOPQRV*, in eternum *N*

<sup>2107</sup> sola *GHJMNOQRV*, in substantia *P*

<sup>2108</sup> est *add.* *IRV*

<sup>2109</sup> semper *om.* *RV*

<sup>2110</sup> lex *om.* *N*

<sup>2111</sup> alia *add.* *Q*

<sup>2112</sup> accidentibus *GHJMNOQRV*, accidentalibus *P*

<sup>2113</sup> minis et timore *GJMNO*, minus et timore *H*, nimis cum timore *P*, minime quia ex timore *Q*, Mimis (nimis *R*) et timor est *IRV*

<sup>2114</sup> obseruabunt *GHJMNOQV*, obseruabuntur *R*

<sup>2115</sup> nuncupabitur *GHJMNOQ*, nuncupatur *IPRV*

<sup>2116</sup> illa *GHJMNOQRV*, ipsa *P*

<sup>2117</sup> prius *GHJMOPQRV*, antea *N*

<sup>2118</sup> timoris *om.* *V*

<sup>2119</sup> dilectio *om.* *R*

<sup>2120</sup> maior et *add.* *Q*

<sup>2121</sup> prior *GHJMNOQVR*, puer *V*

<sup>2122</sup> lex *add.* *HIORV*

fuit. Et ex nunc, pre multitudine gratie, non dicitur quasi lex, sed gratia et caritas. Et quia Deus maximam gratiam contulit hominibus et maxima caritate usus est erga homines, quos ex<sup>2124</sup> seruis<sup>2125</sup> fratres suos<sup>2126</sup> et propinquos et consanguineos<sup>2127</sup> fecit et in natura eorum apparuit, ideo maximam caritatem ostendit hominibus. Iccirco precepta ipsius nunc sunt precepta amoris, quia precepit ut frater et similis factus hominibus, non ut dominus cui debetur potius timor quam amor. Iudicialia non sunt necessaria ubi amor perfectus est. Illa tamen conseruabuntur<sup>2128</sup> in amore<sup>2129</sup> et in aliquo equipollenti. Sempiterna itaque est lex quoad precepta necessaria, sempiterna quoad alia in suo equipollenti.<sup>2130</sup> Si ergo precepta illa sempiterna sunt, semper prohibuerunt<sup>2131</sup> et manum et animum. Sed lex uestra<sup>2132</sup>, quam Moises dedit uobis, dicitur prohibuisse<sup>2133</sup> manum non<sup>2134</sup> animum, quia pro malo opere penam temporalem instituit: oculum pro oculo, dentem pro dente. Pro peccato animi nullam penam inflixit. Non enim cupiens<sup>2135</sup> uel uolens tantum<sup>2136</sup> occidere<sup>2137</sup> occiditur, nec oculus eruitur cupienti<sup>2138</sup> eruere<sup>2139</sup>, nisi occiderit uel eruerit. Plectuntur etiam signa aliqua sue prae uoluntatis ostendentes<sup>2140</sup>. Sed pro sola uoluntate nulla pena a lege est inflicta. Longe tamen maior est iniquitas cordis quam solius operis, immo tota iniquitas<sup>2141</sup> operis a<sup>2142</sup> corde procedit. [110] Vna lex est et due, eadem et alia. Vtraque cohibebit<sup>2143</sup> animum et manum. Sed illa quam<sup>2144</sup> expectatis cohibebit<sup>2145</sup> utrumque magis et auxilia faciliora et prestantiora parabit<sup>2146</sup>.

Hec eo loquente, ecce<sup>2147</sup> Ioseph et Maria cum turba propinquorum et affinium. Potior pars doctorum credidit in eum<sup>2148</sup> et multi sacerdotum. Sed ipso renuente<sup>2149</sup>, quia tempore suo et etate conueniente<sup>2150</sup> uolebat coadunare discipulos<sup>2151</sup>, non sunt secuti eum. Ipse autem descendit cum Ioseph et Maria in Nazareth et, Filius Dei atque Rex omnium, subditus erat non solum matri<sup>2152</sup>, sed etiam Ioseph putatiuo patri. Sua

<sup>2123</sup> huc *GIMNOPRV*, nunc *HJQ*

<sup>2124</sup> ex *GHIJMNOPRV*, de *Q*

<sup>2125</sup> suis *add. N*

<sup>2126</sup> suos *om. N*

<sup>2127</sup> sibi *aadd. N*

<sup>2128</sup> conseruabuntur *GHIJMNOPRV*, obseruabuntur *Q*

<sup>2129</sup> amore *GHIJMNOPRV*, timore *Q*

<sup>2130</sup> Sempiterna itaque est lex, quoad precepta necessaria, sempiterna quoad alia in suo equipollenti. *om. G*

<sup>2131</sup> prohibuerunt *GHIJMNOPRV*, prohiberent *Q*

<sup>2132</sup> uestra *GHIJMNOQVR*, uera *V*

<sup>2133</sup> prohibuisse *GHIJMNOPRV*, prohibere *Q*

<sup>2134</sup> non *GHIJNOPQRV*, et *M*

<sup>2135</sup> cupiens *GHIJMNOPRV*, concupiscens *Q*

<sup>2136</sup> tantum *om. N*

<sup>2137</sup> occidere *GHJMNOQ*, occulte *IRV*

<sup>2138</sup> cupienti *GHJMNOPR*, cupiens *V*

<sup>2139</sup> cupienti eruere *om. Q*

<sup>2140</sup> ostendentes *GHIJMNOPRV*, ostendenti *Q*

<sup>2141</sup> iniquitas *GHIJMNOQVR*, impietas *V*

<sup>2142</sup> a *GHIJMNOQVR*, et *V*

<sup>2143</sup> cohibebit *GHIJMNOPRV*, prohibebit *Q*

<sup>2144</sup> illa quam *GHIJMNOQ*, illa quomodo *R*, alia quomodo *V*

<sup>2145</sup> cohibebit *GHJMNOPRV*, cohibet *Q*

<sup>2146</sup> parabit *GHMNOQVR*, parebit *J*, prestabit *P*

<sup>2147</sup> ueniunt *add. Q*

<sup>2148</sup> in eum *GHJMNOPRV*, in dictum Iesus *Q*

<sup>2149</sup> renuente *GJMNOQVR*, remeanente *H*, ueniente *IR*

<sup>2150</sup> conueniente *GJMNO*, conuenienti *HIQVR*

<sup>2151</sup> suos *add. Q*

<sup>2152</sup> matri *GHIJMNOPRV*, Marie matri eius *Q*

itaque profunda humilitate, patientia, longanimitate, orationibus et contemplationibus, obedientia et subiectione assidue<sup>2153</sup> construebat<sup>2154</sup> mansiones electorum suorum<sup>2155</sup> in domo Patris sui. Et ter in anno ascendebat in<sup>2156</sup> Ierusalem et multis diebus ibi morabatur, doctores atque sacerdotes instruens qui credebant in eum, ut tibi<sup>2157</sup> dicam in sermonibus Domini. Et quia uitia phariseorum et quorundam scribarum publice arguebat, multi eum odio habebant, non solum qui nesciebant eum esse Messiam, sed etiam qui ex Scripturis coniciebant<sup>2158</sup> quod ipse esset. Vnde aliqui dicebant: "Sit Messias centies, ego non accepto<sup>2159</sup> ipsum". Nam non erat hominibus<sup>2160</sup> manifestum quod Messias esset Deus, sed solum propheta magnus qualis fuerat Moises. Si enim ipsum Dominum glorie, hoc est, Deum<sup>2161</sup> Verum cognouissent, numquam crucifixissent. Tamen plurimi inimicorum suorum credebant ipsum esse Messiam et Prophetam Magnum<sup>2162</sup>, sed odio et inuidia ducti, persequebantur eum. De his ipse dixit: "Nunc autem uiderunt et oderunt<sup>2163</sup>". Multi enim agnitam ueritatem impugnant<sup>2164</sup>, que est summa peruersitas hominum.

Tunc ego dixi: Mi domine, quomodo ille<sup>2165</sup> sanctus et benedictus puer sapientia crescebat coram Deo et hominibus, qui semper fuit sapientia plenus?

Respondit angelus: Notum id etiam apud uos est. Sapientia illius anime, que<sup>2166</sup> uniformis semper fuit, non fuit aucta<sup>2167</sup> neque<sup>2168</sup> creuit, sed multa per sensus accepit multaque expertus est que antea expertus non<sup>2169</sup> fuerat. Creuit ergo non cognitio incognitorum<sup>2170</sup>, sed cognitio eorumdem alio modo cognoscendi. Non enim uia sensus cognitionem<sup>2171</sup> omnium semper habuit, immo multorum numquam cognitionem<sup>2172</sup> per sensus habuit. Multa enim sunt<sup>2173</sup> que oculus eius non uidit neque auris audiuit<sup>2174</sup> neque sensus alius sensit et ita neque a sensu<sup>2175</sup> accepit.

Tunc ego:<sup>2176</sup> Quid opus fuit<sup>2177</sup> anima Christo? Nonne diuinitas potest<sup>2178</sup> supplere uicem anime?

---

<sup>2153</sup> assidue *om. JP, add. M (in marg. a.m.)*

<sup>2154</sup> construebat *GHIJMOPQRV, instruebat N*

<sup>2155</sup> suorum *GHIJMOPQRV, bonorum N*

<sup>2156</sup> in *om. Q*

<sup>2157</sup> tibi *GHIJMNOPQR, ibi V*

<sup>2158</sup> coniciebant *GHJMNOPO, coniectabant IRV*

<sup>2159</sup> accepto *GHJMNOPRV, acceptabo Q*

<sup>2160</sup> hominibus *GHJMNOPO, omnibus IRV*

<sup>2161</sup> Deum *GHIJMNOQV, Dominum R*

<sup>2162</sup> Messiam et Prophetam Magnum *GHIJOPQRV, Messiach et Propheta Magnus M, Messiach et prophetam Magnum N*

<sup>2163</sup> me *add. P*

<sup>2164</sup> impugnant *GHIJMNOPV, impugnabant R, imputabant Q*

<sup>2165</sup> ille *EGHIJMNOQRV, iste P*

<sup>2166</sup> que *om. IRV*

<sup>2167</sup> aucta *GHIJMNOQRV, augmentata EK*

<sup>2168</sup> unquam *add. K*

<sup>2169</sup> non *EGHIJMNOPRV, nullo modo Q*

<sup>2170</sup> incognitorum *EGHIJMNO, incognitorum Q, cognitorum IRV*

<sup>2171</sup> cognitionem *EGIJMNOQOR, cognitionum H, cognitiones V*

<sup>2172</sup> cognitionem *om. V*

<sup>2173</sup> sunt *EGHIJMNOPV, om. Q, semper R*

<sup>2174</sup> audiuit *EGHIJMNOPRV, audiebat Q*

<sup>2175</sup> aliquo *add. Q*

<sup>2176</sup> Non bene superius intellexi *add. EK*

<sup>2177</sup> fuit *BHIJMNOQORV, fuerit EK*

<sup>2178</sup> potest *GHIJMNOQORV, potuit EK*

Respondit<sup>2179</sup>: Subtilis<sup>2180</sup> es in ista interrogatione<sup>2181</sup>. An<sup>2182</sup> ignoras Deum partem esse non posse, quia omnis pars eo quo<sup>2183</sup> pars dicitur<sup>2184</sup> imperfecta est<sup>2185</sup>? Informare materiam et inherere imperfectionem dicit<sup>2186</sup>. Omnis autem imperfectio est a Deo releganda<sup>2187</sup>. Et forsitan ad ista responderi posset<sup>2188</sup> quod Deus posset supplere uicem partis<sup>2189</sup> neque tamen pars esse<sup>2190</sup>. Sed dic mihi quomodo fuisset homo uerus sine anima? Homo<sup>2191</sup> enim non requirit ad suum esse corpus et deitatem, sed corpus et animam. Sine anima uerus homo non fuisset et ita neque similis uobis<sup>2192</sup> extitisset<sup>2193</sup>.

Et ego iterum: Angele Dei, dicito<sup>2194</sup> mihi an Christus ante passionem suam umquam<sup>2195</sup> in celum ascendit ad Patrem suum.

Respondit angelus<sup>2196</sup>: Christus Dominus<sup>2197</sup>, facta supradicta disputatione, reuersus est cum Maria, sua matre<sup>2198</sup>, et Ioseph in ciuitatem Nazareth. Et paucis elapsis diebus, Ioseph ex hac uita migravit et adpositus est ad patres suos. Et eodem quoque tempore defuncta est primiceria et magistra puellarum que in Templo Domini morabatur<sup>2199</sup>. Tunc sacerdotes querere ceperunt aliquam matronam uenerabilem quam preficerent puellis Templi et magistram consignarent<sup>2200</sup> que esset uite actiue et contempletive et bonis moribus imbuta et redolens odorem<sup>2201</sup> bonorum exemplorum. Dicebantque:

O si possemus habere Mariam illam desponsatam<sup>2202</sup> Ioseph, que plena est sanctitate et iustitia! Sed quia nupta est, non licet eam a uiro separari neque cum uiro hic manere.

Tunc unus sacerdotum dixit: Nupta est quidem Maria et filium habet quem audistis nuper in Templo tam acute disputantem. Sed uirgo est, ut multis ex nostris<sup>2203</sup> notum est neque unquam uiro copulata. Tale matrimonium non impedit quin Maria possit poni et elegi pro magistra puellarum. Ioseph enim numquam cognouit eam neque cognoscet, quia omnia illa sunt diuina et celestia.

<sup>2179</sup> angelus *add. BHIRV*

<sup>2180</sup> Subtilis *GHIJMNQRV*, Substantialis *P*

<sup>2181</sup> es in ista interrogatione *GHIJMNOPRV*, est ista interrogatio *Q*

<sup>2182</sup> Subtilis es in iata interrogatione. An *GHIJMNOPQRV*, Bone uir *EK*

<sup>2183</sup> quo *EHIMNR*, quod *GJOPQV*

<sup>2184</sup> quia omnis pars eo quo pars dicitur *EGHIJMNOPQRV*, quia omnis in eo pars dicitur *K*

<sup>2185</sup> est *EGHIJMNQRV*, sit *O*

<sup>2186</sup> dicit *EGJMNOQ*, sonat *HIPRV*

<sup>2187</sup> releganda *EGHIJMNOQRV*, amouenda *P*

<sup>2188</sup> responderi posset *EGHIJMNPRV*, responderi possit *O*, respondere posset *Q*

<sup>2189</sup> partis *EGHIJMNOPQV*, patris *R*

<sup>2190</sup> neque tamen pars esse *GHIJMNOR*, neque tamen pars esset *EKPV*, et non esse partem *Q*,

<sup>2191</sup> Homo *EGHIJMNOQRV*, Natura *P*

<sup>2192</sup> non fuisset siue *add. K*

<sup>2193</sup> extitisset *EGHIJMNOPRV*, stetisset *Q*

<sup>2194</sup> dicito *EHJMNPRV*, dic *GBOQ*

<sup>2195</sup> umquam *EGHIJMNOQR*, numquam *PV*

<sup>2196</sup> Ab hoc signo [\*] usque ad [+] loquitur angelus uidelicet dictum aliorum *add. Q (in marg)*

Respondit angelus: "Christus Dominus facta supra dicta *er. H*

Aliqui opinati sunt statim, facta supradicta disputatione, Christum Dominum a sua matre licentia reuerenti habita ipsaque in Templo Domini dimissa, in celum ascendisse ibique usque ad tempus baptismi Ioannis mansisse. Inducuntque ipsum Dominum de se loquentem: "Nemo ascendit in celum nisi qui descendit de celo". Et alibi: "Qui de terra est, de terra loquitur, qui autem de celo uenit super omnes est". Nonnulli alii contemplantis senserunt quod..." *add. H*

<sup>2197</sup> Dominus *om. K*

<sup>2198</sup> sua matre *om. H*

<sup>2199</sup> morabatur *EHJMO*, morabantur *NQ*

<sup>2200</sup> consignarent *EHJMNO*, assignarent *Q*

<sup>2201</sup> odorem *EHJMO*, *om. N*, odore *Q*

<sup>2202</sup> desponsatam *EHJMOQ*, que est desponsata *N*

<sup>2203</sup> nostris *EHJMO*, nobis *N*, uobis *Q*

Alii dicebant: Etiam si Maria uirgo sit et<sup>2204</sup> experientia probatum est apud nos, illud tamen non est notum omnibus.

Et ita erat aliqualis dissensio inter eos. Tunc affuit unus qui diceret<sup>2205</sup>:

Ioseph, uir Marie, his diebus dum<sup>2206</sup> ego essem in Nazareth, defunctus est et Maria remansit uidua.

Cum sacerdotes hoc<sup>2207</sup> intellexissent, letati sunt letitia magna et gauisi gaudio magno<sup>2208</sup> et unanimiter elegerunt Mariam in primiceriam et matrem ac magistram atque dominam<sup>2209</sup> Templi puellarum. Miseruntque nuntios, primos ex sacerdotibus, cum equis et omnibus opportunis ac<sup>2210</sup> necessariis ut conducerent eam cum honore et gloria in Templum<sup>2211</sup> Domini ubi antea puella manserat.

Interim Dominus Iesus consolatus est Matrem suam super mortem Ioseph. Narrauitque<sup>2212</sup> ei quomodo sacerdotes eam elegerant in magistram<sup>2213</sup> Templi et hortatus est eam ut acceptaret talem electionem. Et eo magis quia oportebat eum ascendere in Celum ad Patrem suum et fabricare ac preparare in celo empyrio mansiones sanctis et electis suis. De quo Maria ualde mesta effecta est. Noluisset enim uel in ictu oculi a filio suo separari. Tamen cognoscens uoluntatem Dei, filio licentiam et benedictionem maternam<sup>2214</sup> petenti<sup>2215</sup> concessit, licentiam et maternam benedictionem<sup>2216</sup> dedit<sup>2217</sup>. Et statim Dominus Iesus abiit in celum. Et nuntii uenerunt et cum magna solemnitate exposuerunt Marie electionem de ipsa factam et instantes rogabant<sup>2218</sup> ut uellet consentire tam piis et sanctis uotis. Illa uero ex humilitate se non iudicabat dignam tali gradu. Tamen agnoscens uoluntatem Dei circa se, consensit et cum sacerdotibus et comitiua<sup>2219</sup> sanctarum mulierum et honestorum uirorum transiuit, uenit et intrauit in Templum Domini. Ibique sanctissime uixit puellasque uerbo et exemplo instruxit quousque Dominus Iesus reuersus est ad eam de Celo, anno quinto decimo imperii Tiberii Cesaris, quando Ioannes Baptista predicare cepit.

Christus autem Dominus ad Patrem et Spiritum Sanctum ascendens, in Celo Empyrio fabricabat<sup>2220</sup> mansiones, precipuam pro sua Genitrice Maria, pro Ioanne Baptista et Ioseph et apostolis et sanctis illis patribus antiquis, pro prophetis, pro patriarchis, pro martiribus et confessoribus, pro doctoribus, pro uirginibus, pro quibuslibet<sup>2221</sup> aliis electis et predestinatis et saluandis omnibus secundum diuersa merita. Et in hoc fuit occupatio sua<sup>2222</sup> illis annis ut unicuique propriam mansionem et locum deputeret et consignaret. Ideo dicebat: "In domo Patris mei mansiones multe sunt<sup>2223</sup>, si

---

<sup>2204</sup> et *EJMOQ*, ut *HKN*

<sup>2205</sup> diceret *EJMNOQ*, dixit *H*

<sup>2206</sup> dum *EHJMNO*, cum *Q*

<sup>2207</sup> hoc *EHNOQ*, hunc *JM*

<sup>2208</sup> gaudio magno *om. Q*

<sup>2209</sup> atque dominam *om. Q*

<sup>2210</sup> opportunis ac *om. Q*

<sup>2211</sup> Templum *EHKNO*, Templo *JMQ*

<sup>2212</sup> Narrauitque *HJMNOQ*, Nuntiauitque *EK*

<sup>2213</sup> magistram *HIJMNOQ*, primiceriam *EK*

<sup>2214</sup> maternam *om. EK*

<sup>2215</sup> mater eam concessit *add. EK*

<sup>2216</sup> licentiam et maternam benedictionem *om. OQ*

<sup>2217</sup> licentiam et maternam benedictionem dedit *om. H*

<sup>2218</sup> eam *add. J*

<sup>2219</sup> comitiua *EHJMNO*, comitatu *Q*

<sup>2220</sup> fabricabat *HMN*, fabricauit *EKOQJ*

<sup>2221</sup> quibuslibet *EHMNOQ*, quibuscumque *J*

<sup>2222</sup> sua *om. J*

<sup>2223</sup> a me uobis preparate *add. Q*

quominus<sup>2224</sup> dixissem uobis, quia uado parare<sup>2225</sup> uobis locum", hoc est, si non essent in domo Patris mei multe mansiones iam a me uobis preparate, dixissem uobis, quia uado preparare uobis locum. Sed non dico hoc quia iam paraui uobis locum. Vnde de illo dicebat Ioannes: "Qui de Terra est, de Terra loquitur. Qui autem de Celo uenit, super omnes est." Christus ergo ad predicandum de celo uenit. Vnde ipse dicebat:

Nemo ascendit in Celum nisi qui de Celo descendit. Sed quomodo descendere potuisset nisi prius ille<sup>2226</sup> ascendisset? Ascendit ergo ut descenderet et descendit quia ascenderat. Ascendere autem oportuit ne otiosus ante tempora<sup>2227</sup> predicationis et exercitii in Terra maneret, sed sedes suas unicuique ab ipso redimendo pararet.

Hoc nonnulli ex uestris contemplando senserunt.<sup>2228</sup>

---

<sup>2224</sup> si quo minus om. Q

<sup>2225</sup> parare *EHJMNQ*, preparare *O*

<sup>2226</sup> ille *EHMQ*, illuc *JKNO*

<sup>2227</sup> tempora *EHMNOQ*, tempus *JK*

<sup>2228</sup> Respondit angelus: "Cristus Dominus, facta supradicta disputatione, reuersus est cum Maria sua matre et Ioseph in ciuitatem Nazareth. Et paucis elapsis diebus, Ioseph ex hac uita migravit et adpositus est ad patres suos. Et eodem quoque tempore defuncta est primiceria et magistra puellarum que in Templo Domini morabatur. Tunc sacerdotes querere ceperunt aliquam matronam uenerabilem quam proficerent puellis Templi et magistram consignarent que esset uite actiue et contemplatiue et bonis moribus imbuta et redolens odorem bonorum exemplorum. Dicebantque: "O si possemus habere Mariam illam desponatam Ioseph, que plena est sanctitate et iustitia! Sed quia nupta est, non licet eam a uiro separari neque cum uiro hic manere." Tunc unus sacerdotum dixit: "Nupta est quidem Maria et filium habet quem audistis nuper in Templo tam acute disputantem. Sed uirgo est, ut multis ex nostris notum est neque unquam uiro copulata. Tale matrimonium non impedit quin Maria possit poni et elegi pro magistra puellarum. Ioseph enim numquam cognouit eam neque cognoscet quia omnia illa sunt diuina et celestia." Alii dicebant: "Etiam si Maria uirgo sit et experientia probatum est apud nos, illud tamen non est notum omnibus." Et ita erat aliqualis dissensio inter eos. Tunc affuit unus qui diceret: "Ioseph, uir Marie, his diebus dum ego essem in Nazareth, defunctus est et Maria remansit uidua". Cum sacerdotes hoc intellexissent, letati sunt letitia magna et gauisi gaudio magno et unanimiter elegerunt Mariam in primiceriam et matrem ac mamgistram atque dominam Templi puellarum. Miseruntque nuntios, primos ex sacerdotibus, cum equis et omnibus opportunis ac necessariis ut conducerent eam cum honore et gloria in Templum Domini ubi antea puella manserat. Interim Dominus Iesus consolatus est Matrem suam super mortem Ioseph. Narrauitque ei quomodo sacerdotes eam elegerant in magistram Templi et hortatus est eam ut acceptaret talem electionem. Et eo magis quia oportebat eum ascendere in Celum ad Patrem suum et fabricare ac preparare in Celo Empyrio mansiones sanctis et electis suis. De quo Maria ualde mesta effecta est. Noluisset enim uel in ictu oculi a filio suo separari. Tamen cognoscens uoluntatem Dei, filio licentiam et benedictionem maternam petenti concessit, licentiam et maternam benedictionem dedit. Et statim Dominus Iesus abiit in celum et nuntii uenerunt et cum magna solemnitate exposuerunt Marie electionem de ipsa factam et instantes rogabant ut uellet consentire tam piis et sanctis uotis. Illa uero ex humilitate se non iudicabat dignam tali gradu. Tamen agnoscens uoluntatem Dei circa se, consensit et cum sacerdotibus et comitiua sanctarum mulierum et honestorum uirorum transiuit, uenit et intrauit in Templum Domini. Ibique sanctissime uixit puellasque uerbo et exemplo instruxit quousque Dominus Iesus reuersus est ad eam de Celo, anno quinto decimo imperii Tiberii Cesaris, quando Ioannes Baptista predicare cepit. Christus autem Dominus ad Patrem et Spiritum Sanctum ascendens, in Celo Empyrio fabricabat mansiones, precipuam pro sua Genitrice Maria, pro Ioanne Baptista et Ioseph et apostolis et sanctis illis patribus antiquis, pro prophetis, pro patriarchis, pro martiribus et confessoribus, pro doctoribus, pro uirginibus, pro quibuslibet aliis electis et predestinatis et saluandis omnibus secundum diuersa merita. Et in hoc fuit occupatio sua illis annis ut unicuique propriam mansionem et locum deputaret et consignaret. Ideo dicebat: "In domo Patris mei mansiones multe sunt. Si quominus dixissem uobis quia uado parare uobis locum, hoc est, si non essent in domo Patris mei multe mansiones iam a me uobis preparate, dixissem uobis quia uado preparare uobis locum. Sed non dico hoc quia iam paraui uobis locum." Vnde de illo dicebat Ioannes: "Qui de Terra est, de Terra loquitur. Qui autem de Celo uenit, super omnes est." Christus ergo ad predicandum de celo uenit. Vnde ipse dicebat: "Nemo ascendit in Celum nisi qui de Celo descendit. Sed quomodo descendere potuisset nisi prius ille ascendisset? Ascendit ergo ut descenderet et descendit quia ascenderat. Ascendere autem oportuit ne otiosus ante tempora predicationis et exercitii in Terra maneret. Sed sedes suas unicuique ab ipso redimendo pararet<sup>2228</sup>. Hoc nonnulli ex uestris contemplando senserunt. *EKHJMNQ*

Alii ex uestris dicunt quod isti non intellexerunt misterium redemptionis humane<sup>2229</sup>. Filius enim Dei<sup>2230</sup> factus est homo postquam homo peccauerat ut, penis et miseriis hominum<sup>2231</sup> subiectus, absque peccato hominem a penis et miseriis eriperet<sup>2232</sup> etiam et potissime a pena peccati. Vnde<sup>2233</sup> in paupertate uenit, non in diuitiis et seruire ac ministrare, non ministrari aut seruiri. Non uenit ut laute<sup>2234</sup>, gloriose<sup>2235</sup> ac splendide uiueret et deliciis celestibus abundaret. Sed cum diues et deliciis affluens esset, propter uos egenus et inops factus est. Si autem in celo tam diu mansisset et in paradisi deliciis decem et septem<sup>2236</sup> annis uixisset, uideretur uenisse pro quadam sui<sup>2237</sup> maiestate et pro glorificando absque sudoribus illo<sup>2238</sup> homine assumpto. Quod ante peccatum fuisset, post peccatum fieri non decuit. Sed oportuit ut iniquitates omnium uestrorum ponerentur<sup>2239</sup> in Homine illo qui omnibus uobis meruit.

Aiunt igitur isti qui stulti sunt illi<sup>2240</sup> qui animam in Christo negant<sup>2241</sup>, nam corpus solum mereri non potest. Deus solus nullo pacto mereri<sup>2242</sup> potest, quia militum<sup>2243</sup> est mereri, regis<sup>2244</sup> uero concedere pro meritis premium. Qui ergo meretur<sup>2245</sup>, ab alio<sup>2246</sup> premium prestolatur.

Poterat tamen Deus quodcumque opus Dei Hominis acceptare pro expiatione peccati humani generis. Et ita ipse potuisset ante annum duodecimum<sup>2247</sup> et post trigessimum uel quasi trigessimum<sup>2248</sup>, quia trigessimum iam compleuerat, sed trigessimum primum nondum expleuerat<sup>2249</sup>, mereri sufficienter<sup>2250</sup> et abundanter absque quod<sup>2251</sup> illis annis decem et septem<sup>2252</sup> miseras uestras subisset. Non tamen ita fuit, quia non est

---

Aliqui opinati sunt Christum Dominum statim facta supradicta disputatione, a sua matre licentia (reuerenter *add. A*) habita (qui sua licentia reuerenti habita *R*) ipsaque in Templo Domini dimissa, in celum ascendisse ibique usque ad tempus baptismi Ioannis mansisse. Inducuntque ipsum Dominum de se loquentem: "Nemo ascendit in celum nisi qui descendit de celo". Et alibi scribitur: "Qui de terra est, de terra loquitur, qui autem de celo uenit super omnes est. *ABGIPRV*

<sup>2229</sup> Alii ex uestris dicunt quod isti non intellexerunt misterium redemptionis humane. *EHJMNOQ*, Sed isti non intellexerunt misterium redemptionis humane. *ABGIPRV*

<sup>2230</sup> Dei *EGHJMOPQRV*, Hominis *NK*

<sup>2231</sup> hominum *om. N*

<sup>2232</sup> eriperet *EGHJMNOQRV*, ipsemet *P*

<sup>2233</sup> Vnde *EGHJMOPQRV*, Nam *N*

<sup>2234</sup> laute *om. Q*

<sup>2235</sup> gloriose *EGHJMNPQRV*, gulose *O*

<sup>2236</sup> septem *EGHJMNNRV*, octo *OPQ*

<sup>2237</sup> sui *EHJMNOQRV*, sua *GI*

<sup>2238</sup> illo *EGHJNO*, illam *I*, ille *M*, ipso *PQ*, illa *RV*

<sup>2239</sup> ponerentur *EGHJMNOQRV*, ponerent *V*

<sup>2240</sup> Aiunt igitur isti qui stulti sunt illi *HJMNOQ*, Ex hoc uidere potes (potest *R*) quam stulte illi

loquebantur (loquuntur *K*, loquantur *E*, loquentur *G*) *EGIKPRV*

<sup>2241</sup> negant *EHJMOQ*, negabant *GINPRV*

<sup>2242</sup> non *add. V*

<sup>2243</sup> militum *EGHIJMNOQRV*, meritum *P*

<sup>2244</sup> Regis *EGHIJMNOQRV*, Regi *P*

<sup>2245</sup> meretur *EGIJMNOQRV*, merentur *H*

<sup>2246</sup> alio *EGIJMNPQRV*, illo *HO*

<sup>2247</sup> ante annum duodecimum *EGHIJMNOQRV*, ante annos duodecim *Q*

ante annum duodecimum et post trigessimum uel quasi trigessimum *EGHIJMNOQRV*, ante annum 17 uel in 30 *K*

<sup>2248</sup> quasi trigessimum *GIJMNOQRV*, in trigesimo primo *P*, quasi 31 *Q*

uel quasi trigessimum *om. E*

<sup>2249</sup> expleuerat *EGIJMNOQRV*, compleuerat *P*

<sup>2250</sup> sufficienter *EGIJMNOQRV*, insufficienter *H*

<sup>2251</sup> quod *om. IRV*

hoc quod *add. Q*

<sup>2252</sup> decem et septem *EGHIJMNOQRV*, decem et octo *P*, 18 *Q*

congruum ut miser aliquo modo fiat felix et deinde iterum miser quia, quamuis a<sup>2253</sup> miseria congruum sit transire ad felicitatem, quia<sup>2254</sup> licet ascendere, sed transire a<sup>2255</sup> felicitate in<sup>2256</sup> miseriam non est congruum<sup>2257</sup> neque licet sicut neque apud uos in gradibus dignitatis<sup>2258</sup> licet descendere.

Semper ergo<sup>2259</sup> usque ad mortem et post resurrectionem usque ad ascensionem sub celi limitibus et corpulentia mansit et tunc primum<sup>2260</sup> ascendit.

Erat tamen in celo empyrio intus, quia illud<sup>2261</sup> uidebat in diuina essentia ac si in illo esset. Et ita<sup>2262</sup> fabricabat mansiones uestras in celo, uidendo illud ita perfecte et magis quam<sup>2263</sup> si in celo<sup>2264</sup> esset et illud in Deo non uideret. Illa enim uisio qua res in Deo uidentur<sup>2265</sup> precellit<sup>2266</sup> omnem uisionem.

Semper ergo erat in celo et in terra, non solum in illis annis septem et decem<sup>2267</sup>, sed in omnibus aliis<sup>2268</sup>, antea et post. Et quia uidebat limpide et clare celestia, in celo erat semper. Et quia humana curabat, de celo descendebat. Et quia ista humana in celum dirigebat, ideo post descensum<sup>2269</sup> in celum iugiter ascendebat. Per curam itaque et prouidentiam humanarum<sup>2270</sup> descendebat. Et quia sursum omnia reducebat<sup>2271</sup>, ascendebat. Et quia semper celestia illa uidebat, iccirco in celo semper erat.<sup>2272</sup>

Nemo ergo hoc modo descendit de celo nisi qui descendit<sup>2273</sup> non solum ut iuaret<sup>2274</sup>, sed ut homo fieret. Et iste est Filius Dei primum, deinde hominis, qui semper erat in celo, illud intuendo et in eo<sup>2275</sup> domum Dei edificando. Ipse quoque [112] de celo descendit propter uestram salutem, non mutatione loci, sed assumptione humanitatis. Quia exinaniuit seipsum<sup>2276</sup> formam serui accipiens, ideo descendit. Deinde Deus eum exaltauit et dedit illi<sup>2277</sup> nomen<sup>2278</sup> super omne nomen, ideo ascendit. Et tamen semper<sup>2279</sup> in celo erat, in diuinitate Patri equalis. Descendit ergo per effectum incarnationis, Deus non homo. Ascendit exaltatus, Deus Homo. In celo semper erat ille

---

<sup>2253</sup> a *EGHIJMNOPRV*, de *Q*

<sup>2254</sup> quia *EGHIJMNOPQR*, qui *V*

<sup>2255</sup> a *EGHIJNOPQRV*, de *M*

<sup>2256</sup> in *EGHIJMOQRV*, ad *NP*

<sup>2257</sup> non est congruum *IJMNRV*, non congruit *EGHKOPQ*

<sup>2258</sup> non *add. N*

<sup>2259</sup> ergo *om. IRV*

<sup>2260</sup> primum *GHIJMNOPQRV*, postea *EK*

<sup>2261</sup> illud *EGHIJMNOQRV*, uidendo *P*

<sup>2262</sup> in illo *add. N*

<sup>2263</sup> quam *om. R*

<sup>2264</sup> celo *EGJMNOPQV*, illo *HIKR*

<sup>2265</sup> uidentur *EHIJMNOPQ*, uidetur *GRV*

<sup>2266</sup> precellit *GINOV*, precedit *EHJKMPQ*, precessit *R*

<sup>2267</sup> septem et decem *EGHIJMNOPRV*, 18 *Q*

<sup>2268</sup> aliis *om. V*

<sup>2269</sup> descensum *EGHIMNOR*, discensum *P*, discessum *JQ*

<sup>2270</sup> rerum *add. NQ*

<sup>2271</sup> reducebat *EGHIJMOPQRV*, dirigebat *N*

<sup>2272</sup> Et quia ista humana in celum dirigebat ideo post descensum in celum iugiter ascendebat. Per curam itaque et prouidentiam humanarum descendebat. Et quia sursum omnia reducebat ascendebat. Et quia semper celestia illa uidebat iccirco in celo semper erat. *om. IRV*

<sup>2273</sup> Nemo ergo hoc modo descendit de celo nisi qui descendit *HIJMOPRV*, Nemo hoc modo ascendit in celum nisi qui descendit de celo *Q*

<sup>2274</sup> iuaret *EGHIJMNOPQRV*, iuaret *I*

<sup>2275</sup> eo *EGHIJMOPQRV*, illo *N*

<sup>2276</sup> seipsum *EGHIJMOPQRV*, semetipsum *NK*

<sup>2277</sup> illi *EGMNV*, ei *HIJOPQR*

<sup>2278</sup> quod est *add. EKPQ*

<sup>2279</sup> semper *om. V*

Filius Hominis qui<sup>2280</sup> semper beatus, semper celum et omnia uidens. Qui ergo de celo uenit, super omnes est, quia ille qui carnem humanam assumpsit est Dominus uniuersorum.

Quid autem de his tenendum est relinquatur determinationi pastoris electi qui hec declarabit et alteram harum opinionum reprobabit. Nunc sileo et transeo, quamuis agnoscere posses<sup>2281</sup> cui ego magis adhereo.<sup>2282</sup>

His dictis, subito reductus sum ad locum unde raptus fueram, multis me expectantibus et querentibus ubi essem.<sup>2283</sup>

---

<sup>2280</sup> qui *EHJMNOQV*, quia *GRI*

<sup>2281</sup> posses *GHIJMNOQRV*, possis *E*, possim *K*

<sup>2282</sup> Quid autem de his tenendum est, relinquatur determinatione pastoris electi qui hec declarabit et alteram horum opinionum reprobabit. Nunc sileo et transeo quamuis agnoscere posses cui magis adhereo. *om.*  
*GIRV*

<sup>2283</sup> Laus Deo. Et sic est finis quinti raptus *add. K*

## QUINTO ARREBATAMENTO

Passados mais ou menos quinze dias, enquanto orava outra vez na minha [fl. 71] gruta, fui arrebatado até à santíssima Assembleia. E depois de adorar o Rei dos Reis e a Rainha de todas as criaturas, de prestar reverência aos santos anjos e às almas bem-aventuradas que, todos em suave harmonia se viam a glorificar a Deus Uno e Trino, clamando dia e noite: Santo, Santo, Santo é o Senhor nosso Deus Omnipotente, que é, que sempre foi e que sempre será, bendito seja o seu nome e a sua majestade, e bendita seja a humanidade e a carne e a alma a ela unidas.

Depois deste louvor, assim diziam os anjos: Se Deus se não houvesse feito homem, não teríamos os homens como concidadãos.

Por isso, era esta a sua salmodia:

Bendigamos o Pai, o Filho com o Espírito Santo. Louvemo-lo e exaltemo-lo para sempre.

Bendita seja a preciosa carne que assumiu da Virgem Gloriosa.

Bendita seja a humanidade do nosso Deus, por cujos méritos se fez o crescimento do nosso reino.

Porque se Deus se não tivesse feito homem, nunca teríamos os homens como concidadãos.

Eles de quem gostamos como de nós mesmos e a quem amamos como irmãos nossos.

Pois, embora por natureza sejam um pouco inferiores a nós, são nossos iguais pela graça e pela bem-aventurança.

Tudo quanto nós podemos ver, o mesmo podem eles ver também.

Tudo quanto nós conseguimos amar, o mesmo conseguem eles amar também.

Tu és Deus, em quem reside a nossa bem-aventurança, tu és do homem a mesma beatitude.

Não difere uma visão de outra visão, nem uma fruição de outra fruição.

A nossa beatitude é da mesma natureza que a do homem, mais intensa uma que a outra.

Os homens consideram-se mais bem-aventurados que os anjos, e os anjos que os homens.

De todos, o mais bem-aventurado é o Homem a quem tu, Deus, assumiste.

Depois dele é a tua Mãe, depois dela são os sete anjos.

Outros se seguem alternadamente, maiores alguns, outros iguais ou menores.

Tornámo-nos uma cidade feita de homens e de anjos.

Caiu Lúcifer com sua presunçosa corte, em seu lugar pôs Deus os homens.

Não que os homens não tivessem existido se eles não tivessem caído, mas porque não teriam ocupado o lugar deles.

Deus viu a queda dos anjos e acrescentou o número de homens bem-aventurados.

Seja bendito o Homem Deus, a quem desde o princípio obedecemos.

A quem Lúcifer desdenhou obedecer e às profundezas do Céu foi parar.

Bendita seja a santa Mãe que nos ofereceu um tal Rei.

Sejam benditos todos os homens pelo Senhor que fez o Céu e a Terra.

Bendigamos o Pai, o Filho com o Espírito Santo. Louvemo-lo e exaltemo-lo para sempre.

Estavam os anjos a cantar este hino quando eu entrei. E as almas dos bem-aventurados harmonizavam com eles no primeiro e no último versículo. Por isso, juntos, assim cantavam:

Bendigamos o Pai, o Filho com o Espírito Santo. Louvemo-lo e exaltemo-lo para sempre.

Sejam benditos todos os espíritos celestes que foram obedientes à Santíssima Trindade.

Seja bendito Miguel, o príncipe, primeira de todas as criaturas.

Que com o fortíssimo Gabriel precipitou no inferno todos os nossos adversários.

Seja bendito o mesmo Gabriel com Rafael e Uriel, que não param de velar a todo o momento pela nossa salvação.

Sejam benditos todos os espíritos angélicos que adoram e veneram o Homem Deus,

Que nos recebem na sua companhia e nos amam e nos aceitam como irmãos,

Que nos protegem dos demónios e nos preservam de todo o mal.

Todos eles adoram não só a Cristo Senhor, mas também a sua Mãe. [fl. 72]

Não enjeitam associar-se a nós homens, nem desdenham dar prioridade aos seus inferiores.

Alegram-se e regozijam-se com os nossos bens, entristecem-se e afligem-se com os males.

Lançou sobre eles seu olhar o Senhor Excelso, que olha o que é humilde no Céu e na Terra.

Bendizemos ao Deus do Céu e exaltamo-lo na presença de todos os anjos.

Bendigamos o Pai, o Filho com o Espírito Santo. Louvemo-lo e exaltemo-lo para sempre.

Este versículo, cantavam-no todos os anjos e todos os homens. Os outros, só os anjos e só os homens, alternadamente. Invadiu-me, então, o desejo de ali permanecer e de jamais me afastar daquela Assembleia. E disse

ao anjo, que se aproximava de mim: Oh! Se me fosse possível ficar aqui e não mais voltar às misérias da Terra!

*Combateste o bom combate*, respondeu-me ele, e *preservaste a fé.*<sup>[76]</sup> Mas ainda não concluíste a corrida nem o combate. É necessário que voltes e escrevas um livro com estas matérias, para que o futuro Pastor conheça perfeitamente a lei de Deus. Ouviste os nossos cânticos. Agradaram-te. Fica a saber que não sentiste nem a milésima parte do prazer que nós sentimos. É muito mais agradável senti-los com a mente do que com os ouvidos. Não dispondes do salmo que compôs vosso pai Adão depois da queda, nem do hino que Miguel cantou connosco quando Lúcifer caiu com os seus. Dardos-ei, como muitos outros, para que sejam cantados continuamente no tempo da Núpcias do Cordeiro e depois. Mas o Senhor, nosso Deus, chamou-te agora aqui para que te sejam reveladas algumas coisas sobre a encarnação do Verbo, que hão-de ser tidas pelos fiéis não como duvidosas ou apócrifas, mas como certas.

Da outra vez que aqui estiveste, falei-te do ingresso da Virgem e Rainha nossa no Templo do Senhor, de aí haver ficado, de ensinar com a vida, os costumes, o exemplo, por obras e palavra as virgens do Senhor e até os próprios sacerdotes anciãos, que se maravilhavam todos com as suas palavras e a sua vida que permanentemente estava unida aos anjos. E muitas vezes ela falava com Deus face a face como costuma falar um amigo com o seu amigo.<sup>[77]</sup> Por fim, no decurso do seu décimo quarto ano, disse-lhe com grande respeito o príncipe dos sacerdotes: Filha, para nós muito querida em Deus nosso Senhor, chegou já o tempo em que, segundo a lei do nosso Deus, te debes unir a um homem em casamento para que susciteis descendência no povo de Deus e não só não diminua o número dos que crêem em Deus, mas até aumente.

Meu venerável pai e respeitável senhor, respondeu-lhe humildemente a muito humilde virgem, tu, há muito tempo, conheces a minha intenção e o voto de perpétua virgindade que fiz. Mas porque todas as nossas obras estão submetidas ao poder de Deus, vê tu, pai, o que deve ser feito e chama até ti

todos aqueles a quem, de acordo com a lei de Deus, caberia receber-me em casamento. Consulta, porém, primeiro o Senhor nosso Deus se é do seu agrado que eu seja desposada por um homem, e quem terá ele escolhido para meu marido.

Dizes bem, caríssima filha, disse então o sacerdote. Ora tu primeiro ao Senhor, porque os teus méritos ultrapassam muito os nossos, e nós rezaremos também.

E três dias depois apareci eu, Gabriel, ao príncipe dos sacerdotes e disse: A vossa oração foi ouvida. Convoca, pois, todos os homens solteiros da tribo de Maria, donzela em idade de casar, e todos tenham varas secas em suas mãos. E se o Senhor restituir a verdura a alguma, imediatamente, logo que floresça, será esse o sinal de que agradou a Deus que Maria aceite um homem e que seja aquele, quem quer que ele seja, em cujas mãos a vara lance ramos e flores (Maria sabia por revelação divina o que ia acontecer). Portanto, estabelecido o dia, que era o dia vinte e cinco de Março, **[fl.73]** segundo o vosso calendário, em que estava muito agradável o aspecto do céu, não que o nosso Deus Todo Poderoso dissesse precisasse, mas para se constituir para os sábios como sinal do admirável prodígio, e para que a mesma criatura manifestasse a seu modo submissão ao seu Criador, foram convocados todos os jovens e homens da tribo de Maria, que pertence à tribo de Judá, pelo lado do pai, e à tribo de Levi, pelo lado da mãe, a fim de que Cristo descendesse, enquanto Rei, de uma tribo real e, enquanto sacerdote, de uma tribo sacerdotal. A donzela tinha sido levada de volta à cidade de Nazaré com grande número de acompanhantes quer da Judeia, quer da Galileia. Acompanhou-a também um significativo número de sacerdotes para presenciarem o grande milagre que se esperava.

Enquanto, pois, se convocavam todos os solteiros, também José foi chamado, ele que recusava vir, pois também ele era um homem consagrado a Deus e, por inspiração de Deus, tinha-se proposto em seu espírito nunca violar a sua virgindade. Não é, portanto, verdade que haja tido alguma vez outra mulher que não Maria ou outros filhos. Recusava vir, também, porque

ouvira falar da pureza e da santidade daquela donzela e se considerava indigno dela, não só em razão da santidade, mas também em razão da idade. Não que fosse decrépito ou muito velho, mas porque em comparação com Maria, donzela muito nova, era velho. Na realidade, andava nos quarenta e cinco anos. São de espírito e robusto de corpo, homem de grande carácter, ornado de toda a virtude, imbuído de bons e santos hábitos, prudente, mas com a simplicidade de uma pomba e humildade digna de admiração.

Reunidos todos e empunhando as varas, nenhuma floriu. Olhavam-se os jovens mutuamente e a expectativa do milagre convertia-se em riso. Finalmente, por acção do Espírito, conhecendo o príncipe dos sacerdotes que faltava aquele que Deus queria, ele mesmo forçou José a vir com os outros da sua tribo e a segurar na mão a vara seca, como os outros. E enquanto todos estavam diante dos sacerdotes de Deus, que oravam, e orando eles também, desceu do céu uma pomba e pousou no ombro direito de José, e a vara seca floriu imediatamente e reverdeceu toda.

Então os sacerdotes, dando graças a Deus, abraçaram-no e beijaram-no e levaram-no para que, na presença de todos, desposasse Maria segundo a tradição dos judeus. Humildemente afirmou ele: Não mereço ser marido de tão nobre e tão santa donzela, eu que sou pecador, velho e incapaz.

Dizendo eles que isso era decisão da vontade divina, como havia sido demonstrado naquele sinal, respondeu ele: Deixem-me dizer a Maria, minha irmã, duas palavras em particular, e voltarei já para junto de vós.

Maria era, pois, irmã de José, nestes termos: Matham e Heli eram irmãos nascidos do mesmo pai e da mesma mãe. Matham gerou um filho, a quem chamou Heli, do nome de seu irmão já defunto, e outro Jacob. Este Jacob, morto seu irmão Heli sem filhos, casou com a mulher de seu irmão, de acordo com a Lei do Senhor, e gerou este santo José. E Heli, o mais velho, o irmão de Matham, gerou Joaquim e morreu. Joaquim, já velho, de Ana gerou Maria. Já vê de que modo Maria era irmã de José.

E, assim, José abeirou-se de Maria e, cumprimentando-se reverentemente no temor do Senhor, disse José: Maria, minha querida irmã,

muita coisa se afirma a teu respeito e, entre outras, que tu consagraste e ofereceste a tua virgindade ao Deus do Céu. Eu, irmã, para te confessar a verdade, sempre mantive esse propósito e o de jamais fazer a experiência do prazer da carne e, sou já homem de idade adiantada, conservei ilibada a minha juventude. É para mim custoso ser marido nesta idade [fl. 74] e agir contra uma decisão confirmada por tantos anos. Por outro lado, parece que Deus quer aquilo que eu não quero. Dá-me a conhecer o que pensas disto.

Os mistérios de Deus, meu caríssimo irmão, são grandes, disse Maria. Sem a sua graça, a nossa inteligência não pode alcançar o seu desígnio. Eu realmente consagrei a virgindade. A Lei e o milagre forçam e constroem ao matrimónio. Que nos concedam um intervalo de três horas, e oremos nós e que eles orem também para que o nosso Deus mostre a cada um de nós de que modo poderemos não só dar cumprimento ao voto, mas obedecer à sua Lei.

E obtida, sobre isso, autorização, enquanto todos oravam naquele lugar, e José orava numa cela e Maria noutra, apareci eu primeiro a Maria e disse: Aceita José por teu marido e não temas. Ele será confirmado em graça neste santo casamento e nunca exigirá de ti algo que possa ofender a tua virgindade. Quer Deus que tu sejas para ele esposa e mulher verdadeira e ele seja para ti verdadeiro esposo e marido e, todavia, ambos mantereis para sempre a virgindade. Consentirás, pois, no acto matrimonial se ele o pedir. Está segura, Maria, de que nunca o pedirá e serás ao mesmo tempo esposa e virgem.

Apareci igualmente a José e disse: José, filho de David, não temas desposar Maria e recebê-la como esposa porque, por tal acordo, não perderás a tua virgindade. Que tu queiras e consintas, se ela quiser e do modo que ela pedir. Fica seguro e certo de que nunca Maria quererá e nunca pedirá ou exigirá. Serás marido e virgem, ela esposa e virgem.

Qual então a necessidade de a receber, pergunta José.

É a vontade do Senhor, respondi eu, e é presunção indagar as causas dessa decisão.

Compreenderam, pois, a vontade do Senhor e o seu alcance e vieram junto do pontífice dizendo que queriam submeter-se à Lei divina e obedecer às ordens do Céu.

Então o pontífice, dando graças ao Senhor, Deus de Israel, na presença da assembleia dos sacerdotes e levitas e da multidão do povo, abençoou-os segundo o costume daquele tempo e acrescentou: que o Deus do Céu, a quem nada é impossível, vos conceda o fruto do ventre com a castidade da mente. Seja o vosso fruto mais alto que as nuvens, mais sublime que todos os Céus. Mas não entendeu isto. Profetizou, mas não reconheceu as palavras da sua profecia.

Pegando o pontífice na mão direita de cada um e unindo à mão de Maria a mão de José, ele recebeu-a como mulher e ela recebeu-o como marido e, por meio do seu anel, José comprometeu-se perante ela. O pontífice, então, como era de tradição, cantou com os outros sacerdotes o salmo: *Bem-aventurados todos os que temem o Senhor.*<sup>[78]</sup> E, depois do último versículo, continuaram com o hino que segue, movendo o Espírito Santo as suas línguas:

Que o Grande Senhor que vos uniu seja glorificado no fruto do vosso ventre,

Seja glorificado no vosso Filho sobre os filhos de todos os filhos.

Deus, a quem nada é impossível, vos conceda o fruto do ventre com a integridade da mente.

Seja o vosso fruto mais alto que as nuvens, mais sublime que todos os Céus.

Que se multiplique *de mar a mar e do rio até aos confins da Terra.*<sup>[79]</sup>

Adorem-no todos os reis da Terra, sirvam-no todos os povos.<sup>[80]</sup>

Façam-lhe dádivas os reis, e as rainhas levem-lhe presentes.<sup>[81]</sup>

Permaneça com o Sol e perante a Lua, por todas as gerações do mundo.<sup>[82]</sup>

**[fl. 75]** *Seja seu nome bendito para sempre, sejam nele abençoadas todas as tribos da*

*Terra.*<sup>[83]</sup>

Louvem-no todos os povos, encham-se Céu e Terra da sua majestade.<sup>[84]</sup>

Coloque Deus o vosso primogénito mais alto que todos os reis da Terra.

Adorem-no todos os anjos de Deus, submetam-se-lhe principados e potestades.

Os seus não o receberão, chamará um povo estrangeiro.

Os que vêem deixarão de ver, os que não vêem serão consolados.

A estéril dará muitos à luz, e a que tem muitos filhos ficará sem eles

Até que, reconhecendo a sua contumácia, todas as coisas sejam a ele reconduzidas.

Quando o *Antigo dos Dias*<sup>[85]</sup> celebrar as núpcias de seu Filho e enviar ao mundo o seu Consolador.

Eis que floresceu a vara de Aarão, e Deus renovou as maravilhas de outrora.

A santíssima uniu-se ao santo, mas a descendência será mais santa.

É esta uma árvore ótima, a todos dará dulcíssimo fruto.

Um rebento nasceu da raiz de Jessé, da mesma raiz brotou uma flor.<sup>[86]</sup>

Repousa sobre ele o múltiplo e uno Espírito do Senhor

E todas as línguas e povos hão-de louvar para sempre o nome do Senhor.

Concluído este salmo e recebida a bênção, com acção de graças e com incomensurável consolo, voltou cada um ao seu lugar.

Enquanto se cantava o salmo, José, que não sabia ainda que o Salvador haveria de nascer de Maria e, sabendo que ele e Maria continuariam virgens, ao ouvir a bênção e o salmo, onde era referida a futura descendência, dizia em seu coração: Estes sacerdotes estão convencidos de que iremos ter um filho e não conhecem o nosso segredo.

Maria, porém, que tinha sabido que uma virgem iria em breve conceber o Filho de Deus, atendia a cada palavra, meditava-a e guardava-a em seu coração. Dizia: Ó Deus, será que irei ver virgem tão sublime?

A maioria dos sacerdotes contristava-se com este casamento, dizendo:

Julgávamos que fosse Maria a virgem de quem nasceria o Messias. E, vede, agora casou-se.

Se calhar vão manter-se continentes, diziam outros.

José retirou-se. Maria ficou em casa de seu pai com Ana, sua mãe. Tinha em casa uma divisão ou cela separada do resto da casa por paredes, que então estava em Nazaré, em casa de Joaquim e de Ana. Foi depois levada e transportada por nós para as bandas da Dalmácia. Por fim, levada de modo admirável para a região de Roma e não para Roma, por razões que Deus e a própria Virgem conheciam, razões que também não são desconhecidas a muitos de nós. Devem, contudo, ser por agora guardadas em silêncio. Nessa divisão, Maria, desposada por José, dedicava-se aos salmos, aos hinos, à leitura dos profetas e muito se maravilhava com o salmo que os sacerdotes tinham cantado nos seus esponsais. Admirava-se também de nem o próprio Deus nem anjo algum lhe aparecerem. E ela que estava habituada a alimentar-se com a refeição dos anjos, isto é, trazida pelo anjo, jejuava já há mais de vinte horas. José, com quem tomou um pouco de pão, separou-se dela cerca da vigésima segunda hora. Ela, realmente, tomava outro alimento. E eu, Gabriel, enviado por Deus com Eucudiel e Barquiel e muitos outros de cada coro, mas dos sete presentes éramos três, eu, pois, cujo nome significa força de Deus, vinha como mensageiro de Deus Pai; Eucudiel, que significa bom conselho, como mensageiro de Deus Filho, que costuma designar-se Sabedoria e Conselho de Deus Pai; Barquiel veio como mensageiro do Espírito Santo, porque a bênção se atribui a esta Pessoa. Porque, todavia, o seu agir e o seu operar são indivisíveis e inseparáveis, todos fomos mensageiros de toda a Trindade. E visto que de todos os enviados era eu o principal e o primeiro, sou mesmo, depois de Miguel, o primeiro em absoluto, por isso também o evangelista Lucas me menciona só a mim, eu, portanto, enviado de Deus, dirigi-me com estes dois, os mais importantes, e uma grande multidão **[fl. 76]** do exército celeste à cidade de Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David, como também Maria era, e da casa de Eleazar, de Heli e de

Joaquim, isto por parte de Maria, porque José era da casa de Eleazar e do outro Heli, segundo a Lei, e de Jacob, segundo a geração. E a virgem chamava-se Maria. Chegámos junto dela quase à última hora do dia, como também nos últimos dias devia acontecer esta encarnação. E, primeiro, aparecemos nós os três sob aparência humana, belos, resplandecentes, havendo-nos precedido o Espírito Veemente. A luz encheu toda aquela divisão. E eu, com voz humana, disse a Maria: *Avé, Cheia de Graça! O Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres.*<sup>[87]</sup>

Ao ver-nos aos três de face e veste resplandecentes, não havia visto nenhum de nós desde que ficara comprometida, nem nos vira nunca sob a forma humana, ficou assustada no seu pudor virginal e começou a tremer, e conferia no seu íntimo a profecia que tinha lido e o salmo que tinham cantado os sacerdotes nos seus esponsais e muitas outras coisas que sobre ela se diziam no Templo. E meditava em cada palavra da saudação. À medida que ia meditando nisto, parecia que o seu espírito se perturbava, como que incerto e angustiado. Disse-lhe eu então: Não receies, Maria, nem te perturbes, porque venceste todo o mal e serás dotada, acima todos, da graça de Deus. E porque tantas vezes pediste que te fosse dado ver a Mãe do Messias, acabaste de conseguir essa graça. És tu aquela bendita entre todas as mulheres, tu que conceberás um filho e, decorridos nove meses, ou melhor, duzentos e setenta e cinco dias, o darás à luz, com alegria, na meia-noite que segue aquele dia. E dar-lhe-ás o nome de Jesus, ele que será o grande profeta que Deus há muito predisse que havia de suscitar no meio do seu povo. É e chamar-se-á o Filho de Deus Pai Altíssimo, que Deus prometeu que havia de sentar-se no trono de David, seu pai segundo a carne. E reinará para sempre na casa de Jacob, e o seu reino não terá fim.

Maria, então, tomada de incomensurável alegria, porque começava já a perceber que era ela a virgem que havia de conceber e dar à luz o Filho de Deus, mas porque era extremamente humilde e se tinha em pouca conta, como, realmente, toda a criatura pouco vale ou mesmo nada em comparação com as realidades divinas, começava a ficar inebriada de alegria.

Por isso, para ficar a saber perfeitamente se esse tão ilustre filho seria o verdadeiro Deus a quem uma virgem haveria de conceber e dar à luz, perguntou-me: Como me anuncias um filho, a mim que sabes que fiz voto de virgindade perpétua e prometi nunca conhecer homem e, quando o aceitei, recebi a garantia de que ele me não iria pedir nada disso?

Respondi-lhe que havia de conceber o filho com a vinda e por obra do Espírito Santo e que, em lugar do marido, a cobriria a sombra do poder do Altíssimo, porque essa concepção era obra de toda a Trindade, do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Efectivamente, pelo nome de Altíssimo quis significar Deus Pai, que é a fonte, a origem e o princípio de tudo; pelo nome de Força, o próprio Filho; e pelo de Espírito Santo, o próprio dom de ambos, que é a Terceira Pessoa. E acrescentei: Alegra-te, Maria, exulta e regozija-te sem limites porque o que de ti vai sair será Santo e o Santo dos Santos e o Filho de Deus. Se queres saber, é ele, e todos os povos o hão-de assim chamar.

E para somar alegria a tanta alegria, acrescentei: Também Isabel, a tua parenta, estéril e idosa, traz em seu ventre um filho já de seis meses. Conheces [fl. 77] as Escrituras, não ignoras as profecias. Nada disto é impossível a Deus. Pode, de facto, querendo Deus, conceber a estéril e a idosa. Não é impossível que uma virgem conceba e dê à luz. Há-de ser possível que Deus incarne e se faça homem. Nenhuma das palavras que te disse é impossível, porque tudo quanto te disse é possível e nada disto é impossível.

Maria reconheceu então claramente que era ela a virgem eleita em cujo ventre o Filho de Deus se havia disposto a assumir a carne humana. E, embora se julgasse sumamente indigna, ficou segura e o seu espírito cheio de inenarrável alegria porque, pelo testemunho da Escritura, havia tomado conhecimento de que isso não aconteceria antes da meia-noite. Era então a sexta hora da noite. Começou de novo a falar comigo, coisa que os vossos evangelistas não escrevem: Concluo das tuas palavras, anjo de Deus, que eu vou conceber e dar à luz o Filho Unigénito de Deus Pai. Bem me havia

parecido que isso se ia verificar nos tempos que correm. Mas muito me admiro por que méritos me haverá Deus escolhido. Mas eu mesma afasto esta admiração, porque sei que nenhuma seria digna de tão grande honra, e que Deus pode tornar digna qualquer donzela. Pois, primeiro, ele dignifica, depois exalta e, de acordo com os méritos, méritos que é ele que faz que o sejam, atribui o prêmio. Peço-te, porém, que me digas se vós os anjos tomastes conhecimento deste mistério agora ou no passado. E sei que tu tiveste dele conhecimento anteriormente. Gostaria de saber quanto tempo antes, e se todos o conhecestes ou apenas alguns de vós.

Eu, então, mostrei como Deus nos revelara, desde o princípio, que queria assumir em seu ventre a natureza humana, e mais, que a todos havia ordenado que adorássemos o Deus Homem, a ele nos subordinássemos, e não só a si, mas também a sua Mãe, em que tu em breve te tornarás. Daí que, logo que concebias, todos nós que aqui estamos, e outros que hão-de chegar, te adoraremos e te veneraremos como nossa Rainha. Serás para sempre Rainha dos espíritos celestes e Senhora de todos os anjos. Recebemos de Deus esta ordem, e com a promessa de que todos, se a quiséssemos observar, seríamos confirmados em graça e seríamos eternamente bem-aventurados. Se a desrespeitássemos, condenar-nos-íamos, desde então, para sempre.

Lúcifer, ao ver tão grande dignidade do homem, invejou-o, porque foi extremamente presunçoso ao amar-se a esse ponto e ao querer tudo subordinar a si. Por isso tentava convencer-nos a todos de que esse preceito não devia ser respeitado, inferindo que nem justo era. Na verdade, logo que se amou de um modo desordenado, pecou, e começou logo a errar ao considerar injusto o preceito de Deus. E quantos, ao reconhecerem a sua opinião, se amaram mais a si do que a Deus, a todos pareceu que aquela ordem era injusta. Quis também desencaminhar-nos a nós. Mas eu com estes meus irmãos, sob o comando de Miguel, resistimos-lhe e começamos a acusá-lo de presunçoso e a afirmar que tudo quanto está conforme com a vontade do nosso Deus, que não pode errar, nem ignorar, nem querer o

que é mau, é justo, santo e bom. O que quer que seja que ele queira, cuja vontade não pode querer desordenadamente, é forçoso que o queira recta e justamente. Se é do agrado do nosso Criador fazer-se homem e não anjo, ó Lúcifer, também nos deve ser grato a nós, precisamente porque ele manda que também assim o queiramos.

Lúcifer, Belzebu e outros sequazes respondiam: Deve cada um desejar o bem mais para si do que [fl. 78] para outrem. Logo, deve reclamar para si o máximo bem. Este é o dom mais nobre e mais excelente. Portanto, devemos reivindicá-lo mais para nós que para o homem. Além disso, é aos mais dignos que devem ser dadas as coisas mais dignas. Ora, nós somos mais dignos que todos os homens. Por conseguinte, a nós deve ser dado, mais que ao homem, o dom mais digno. Não nos ordenou Deus e determinou que os mais dignos segundo a natureza fossem os mais dignos nos méritos e no prémio? Do que resulta que justamente tivesse ordenado isto: que aos mais dignos se dessem as coisas mais dignas. Porque atribuiu, pois, ao homem, que é mais indigno, o que há de mais digno? Se faz isto justamente, então ordenou-nos injustamente a nós, a quem concedeu os dons gratuitos segundo os dons naturais. Ou, se nos ordenou a nós assim justamente, o que deve ter-se por certo, é injusto que faça maior segundo a graça um ser muito menor que nós segundo a natureza. Que Deus queira antepor o homem a todos nós, não está bem, ó Miguel, não é justo, ó Gabriel, está contra a razão, ó anjos todos que vos opondes às minhas tão certas razões! Neste ponto não devemos obedecer-lhe. Não seria injusto se fizesse do último coro o primeiro e do primeiro o último? Quanto mais, se pusesse à frente do primeiro coro aquele que é inferior ao último, como está a fazer agora! As razões são a tal ponto evidentes que não carecem de qualquer prova. Que respondereis?

As tuas razões, Lúcifer, parecem ter alguma aparência de verdade, assim lhe respondeu Miguel e todos quantos aqui estamos. Mas muito nos admira que pareças negar o que é claríssimo a qualquer inteligência. Toda a inteligência há-de conceder isto, que a Primeira e Suprema Inteligência não

pode errar, e que a Primeira e a Suprema e a melhor das Vontades não pode querer perversa e desordenadamente. Pois que, assim como a negação pressupõe a afirmação, e o ódio o amor, e o imperfeito o perfeito, assim também a ignorância e o erro, pelo menos no outro, pressupõem o conhecimento. Pois se Deus ignorasse alguma coisa ou em alguma coisa errasse ou quisesse malevolamente alguma coisa, pressuporia o conhecimento em outro e o bem querer em outro mais digno do que ele. E, assim, o mais Excelente de todos teria alguém mais excelente do que ele, o mais Digno de todos, alguém mais digno, e o Imutável poderia estar sujeito à mudança, e o Sumamente Perfeito tornar-se mais perfeito. Deve cada um ter por certo e manifesto que o Ótimo não pode querer mal nem subordinar-se a lei alguma e, porque, de si, é bom, não pode forçosamente e por sua natureza tornar-se mau e injusto. Que presumes, pois? Porque o julgas injusto? Se quer tornar o homem superior a nós e se isto te parece injusto, injusto não pode, contudo, ser, a menos que possas considerar oblíquo o que há de mais recto. Deve, pois, cada um procurar antes para si o bem, sobretudo tratando-se de tal e tão grande bem, se essa escolha estiver no seu âmbito. Mas se Deus ordenar que o deseje para outro e não para si, deve obedecer-se a Deus, porque o devemos amar acima de todas as coisas. O bem que me é próprio, ainda que insignificante, posso desejá-lo mais para mim do que um bem significativo para outrem. Devo, todavia, querê-lo para ele e não para mim se Aquele que a ninguém deve coisa alguma o quer para si e não para mim.

Também os homens não são inferiores a nós nas suas faculdades. Na verdade, a nossa inteligência e a deles, a nossa vontade e a deles não variam em sua natureza. São realmente da mesma natureza os objectos, os actos e as potências. A nossa natureza é mais nobre que a deles, não as potências. Admitamos, no entanto, que são mais dignas. De onde recebemos essa dignidade? Não foi, acaso, de Deus? E na base de que direito ou de que lei? Pelo beneplácito, apenas, da sua vontade.

Nem ele dá aos mais indignos as coisas mais dignas. Pois ninguém é

digno perante ele senão quem ele digno faz. Ao dar o que é mais digno, faz mais dignos aqueles a quem dá. E se, pois, somos mais dignos que os homens pela natureza, não somos, todavia, mais dignos para esta função. Relativamente a isso, pois, para que [fl. 79] sem injustiça se atribua o mais digno aos mais dignos, é preciso que, para o receber, sejam esses os mais dignos, e também que aquele que concede e dá se veja constrangido a concedê-lo pelo direito e pela lei ou pela razão antes a um que a outro. Ele que nos concedeu os dons gratuitos, maiores ou menores, em conformidade com os dons naturais, fê-lo também de moto próprio e livremente. E se tivesse feito de outro modo, nem por isso seria injusto. Nem nos antepôs o homem em absoluto, mas o Homem Deus.

Sabemos bem, retorquiu Belzebu, o chefe, que o Homem Deus nos deve ser anteposto. Mas que assuma o homem para a divindade e não um de nós, é disso que nos queixamos. Há outra coisa que toleramos mal, que também uma mulher, que não será Deus, seja elevada acima de nós, e que estabeleça muitos outros homens iguais a alguns de nós e maiores que outros. Seja isto justo, seja injusto, de modo nenhum nos agrada. Seja justo, como quereis. Se no-lo desse a nós, não o daria justamente? Se, portanto, tudo quanto quer o quer com justiça, porque não quis isto que era mais justo?

Não digas que é mais justo, acrescentou Rafael. Acaso te deve Deus a ti mais do que ao homem? Ou ignoras que não é devedor de ninguém? É o teu Lúcifer mais digno que o homem? Que seja mais nobre, concedo. Mais digno deste dom, nego. Quando ninguém é digno, também ninguém é mais digno. Eleva esta mulher acima de todos porque será a mãe de Deus Homem. Tornará uns iguais, outros maiores que os anjos conforme estejam mais próximos desse Homem Deus. Que te tira do que te pertence se atribui esse dom ao homem? Se o homem nunca viesse a ser criado, que serieis vós senão o que sois? Que receberíeis senão o que vos foi prometido? É iníquo sofrer com o bem alheio, sobretudo se nós nada perdemos.

É grande o nosso Deus, cuja sabedoria não tem conta, cujo pensamento e cujo conselho ninguém, além de si, conhece, a não ser aquele a quem o

tenha querido revelar, acrescentou Eucudiel, que significa conselho de Deus e está aqui comigo. Dizei-me, vós que ensandecestes ao pretender ser sábios, não pertence à perfeição do universo que nele se ache toda a possível combinação? Isto não podeis vós negá-lo. Há três coisas: Deus, a substância e o acidente. Uma substância incorpórea e espiritual, pura como somos nós os anjos. Outra corpórea, como as pedras e a madeira. E porque era possível uma substância em parte corpórea, em parte incorpórea, como o homem, se Deus a não tivesse produzido, não faltaria ao mundo esta perfeição? E não era suficiente que a corpórea como a incorpórea existissem separadamente. Mas devia ser criada uma que fosse ao mesmo tempo corpórea e incorpórea. Assim, foi necessário que, dado que é possível ser criado, se criasse um ser que fosse Deus e substância corpórea e incorpórea, e tudo se unisse e se associasse num só. Pois no homem unia-se o corpóreo e o incorpóreo, e no mesmo homem os acidentes corpóreos associavam-se aos incorpóreos e imateriais. Restava isto: que o homem se unisse a Deus e as propriedades do homem conviessem a Deus e as propriedades de Deus conviessem ao homem. E, assim, num só ser se faria a união de todas as coisas e, de algum modo, todo o ser seria chamado Deus porque, chamando-o homem, no qual está o ser, o viver e o pensar, no qual estão ambas as substâncias e ambos os acidentes, chamá-lo-emos todo o ser. E porque também o homem será Deus, em quem existem todas as coisas, de algum modo todas as coisas serão Deus, todas estarão cheias de Deus e Deus cheio de todas as coisas. E embora cheio de todas as coisas, porque tudo se contém, vive e existe de modo mais nobre nele do que em si, nem tudo, porém, existe agora nele desse modo, como se as próprias coisas, de acordo com o seu ser, existissem nele como existirão [fl. 80] quando assumir a humanidade. Não te admireis, pois, se assumir antes a humanidade que a nossa natureza. Pois, ao assumir a humanidade, assume-nos também a nós, porque a alma deste Homem condiz conosco. Se, efectivamente, tivesse assumido um de nós, não teria assumido, por isso, outros de espécie diferente, mas sim assumindo o homem, como agora. Não vos admireis,

pois, nem vos entristeçais. Obedecei a Deus, obedecei também ao Homem Deus, submetei-vos à sua vontade.

Que me adianta, começou Lúcifer a replicar de novo com soberba, que isso seja mais conveniente? Basta-me que pudesse assumir-me a mim e, assim, eu seria Deus e teria isso pelo melhor, pelo mais excelente. Recuso adorar o homem, ainda que seja o Deus Homem. Que me não force a honrar ou a venerar o homem.

Se esse homem, diz-lhe Miguel, é Deus e adorares a Deus, acaso não adorarás também o homem?

Eu, responde Lúcifer, saberei distinguir bem entre divindade e humanidade. Hei-de adorar aquela, desprezarei esta.

És por demais soberbo, adiantou Miguel. Queres desprezar o Homem que é realmente Deus? Olha, infeliz, reconhece o teu Criador!

Que a luz de Deus resplandeça em ti, disse ainda Uriel, nosso irmão. Como se enegreceu o ouro! O Sol foi envolto em trevas! Como caiu aquele que brilhava pela manhã!? Pede perdão, miserável, humilha-te, e o teu brilho voltará.

Vós, responde-lhe um deles, é que andais nas trevas porque vos esquecestes da vossa nobilíssima natureza. Do homem fazeis Deus e propondes-vos submeter-vos a alguém inferior a vós. Grande é a vossa demência a ponto de quererdes, vós os sublimes, rebaixar-vos e exaltar os rebaixados.

Um outro, da parte de Lúcifer, querendo estabelecer a harmonia entre eles, acrescentou e disse: ouvi todos o meu conselho e alegrai-vos com ele. Depois de ser do agrado de Deus assumir a natureza humana, que a assumas. Ficai com isso satisfeitos. Mas assumas também a nossa, e a ninguém se fará ofensa.

Não me agrada o que estás a dizer, acrescentou Lúcifer, porque não posso suportar ter o homem como igual.

Deve escolher-se o mal menor, diz o mesmo. Foi definitivamente

decretado isto, que Deus seja homem. Se Deus for também anjo, é um mal menor.

E a maioria dos anjos maus esteve de acordo com esta opinião. Mas outros resistiam e também não queriam isto. Que Deus se faça homem, diziam outros de entre eles. Faça-se também anjo. Mas que anjos e homens adorem o Deus Anjo, e apenas os homens adorem o Deus Homem, de modo a que os anjos se não submetam, de modo nenhum, ao homem. Ou, se os homens não querem submeter-se ao Deus Anjo, não nos importa. Basta que nós nos não subordinemos a eles.

Submetamo-nos nós também ao Deus Homem e eles ao Deus Anjo, diziam outros entre si.

Não queremos adorar senão este único Homem, afirmavam todos, nem sua Mãe nem qualquer outro.

E assim, ó Maria, Virgem Santíssima, tomaste conhecimento daquele nosso combate. Ouviste e compreendeste como houve discussão acerca do teu Filho, que vai ser concebido já. E todos te rejeitaram e não quiseram, esses iníquos, que tu reinasses sobre eles.

Acabo de ouvir o inaudito, disse Maria! Foi grande esse conflito! Opunha-se a Deus a sua criatura! Por minha causa e por causa do Filho que me anuncias se levantou essa forte tormenta! Porém, já que começaste, conta o que falta deste grande combate. É com muito gosto que ouço esses segredos.

Ao vê-los, ó Maria, divididos e em desacordo entre si, divagando em vão, então Satiel, um dos nossos companheiros, por instigação de Miguel, disse: Todos vós, ó infelizes, divagais e vos afastais de Deus, e nenhum fala com segurança. Nem tu, que quiseste estabelecer a concórdia, [fl. 81] falaste com razão. Queres impor a lei à vontade de Deus, a qual está acima de toda a lei! Também vós pareceis querer obedecer a Deus condicionalmente! Não deveis perscrutar a sua vontade. Deus tornar-se-á homem e não anjo. Os anjos hão-de adorar esse Homem e venerar sua Mãe. Não quer que os homens adorem o anjo.

Isto e outras coisas semelhantes aduziam os nossos contra eles.

Presta atenção tu, servo de Deus, ao que aqui afirmo e liga-o com o que sobre este conflito te relatei em outra ocasião, porque quer aquilo, quer tudo isto contei naquela noite a Maria. As palavras que Miguel proferiu então, e de que modo esperava Deus a conversão deles, e como, ao não quererem converter-se, foram precipitados do Céu na escuridão e nas trevas, tudo isto narrei então a Maria, nossa Rainha Santíssima. E acrescentei o que então dissera Barquiel, que estava lá comigo enquanto mensageiro do Espírito Santo. Disse então: Travado o duradouro conflito entre nós e eles, ó Maria, disse então Barquiel, irmão meu, aqui presente: Convertedei-vos, infelizes, convertei-vos. Eis que o nosso bendito Deus vos aguarda e espera benignamente por vós. De contrário, precipitar-vos-eis no abismo e descereis até aos infernos. Bendizei o Senhor, exaltai o vosso Criador em quem reside a suprema justiça e nenhuma iniquidade.

Onde está o abismo, diziam eles entre si, onde estão os infernos?

Por fim, não querendo eles aceder, o Pai Omnipotente criou logo o Sol com os céus inferiores e os elementos, como noutra lugar te disse, servo de Deus. E tudo, deste modo, declarei então a Maria. E ao recusarem eles as salutares advertências do nosso irmão Barquiel, foram precipitados e encerrados nessas trevas.

Então, pegando nas palavras de Barquiel, Miguel cantou, ó Maria, este salmo e completou-o, respondendo nós:

Celebremos o Senhor nosso Deus, exaltemos seu nome Santo.

Ele é o nosso Deus, glorifiquemo-lo, é Senhor nosso, exaltemo-lo.

A sua dextra é celebrada pela bravura, derrubou os nossos adversários.

São estultos todos os que lhe resistem, malditos os que se afastam dos seus preceitos.

Nele não há ignorância nem erro, na sua vontade não há iniquidade.

É bom e justo tudo quanto quiser, é recto e santo quanto ordenar.

Atribui com justiça o maior bem ao menor, e com justiça o menor bem

ao maior.

Nem sempre se dá o maior bem aos maiores, nem o menor aos menores.

Não pode a Primeira Inteligência errar, não pode a Sumamente Boa querer mal.

Nada há anterior ao Primeiro, nada é melhor que o Ótimo.

Dá a cada um como lhe apraz, a um mais que a outro. Nada deve.

Perante ele é digno apenas aquele que ele digno fizer.

Deve amar-se sobre tudo, adorar-se como Rei imortal dos séculos.

Abandonastes o Deus que vos criou, esquecestes-vos do Senhor vosso Criador.

Abandonastes a Deus vosso Criador e afastastes-vos de Deus vosso Salvador.

Amastes-vos mais do que a Deus, quisestes ser deuses contra sua vontade.

Fizestes uma troca irracional, abandonando a Deus, aderistes à criatura.

Provocastes a Deus com deuses falsos, incitastes o Piedoso à ira.

Tombastes, por isso, como uma pedra e caístes das moradas sublimes.

Magnificai ao nosso Deus, são perfeitas as suas obras e justos os seus juízos.

Deus é ótimo e sem qualquer iniquidade, santo e recto é o Senhor.

Tudo congregou num só, tudo pôs no Homem Deus.

O Amor Supremo assim o quis, ele reuniu o disperso.

Deus está cheio de tudo e tudo está cheio de Deus.

**[fl. 82]** Não é estranho se assumiu o homem e não quis assumir um anjo.

Assumindo o homem, assumiu todas as coisas, assumindo um anjo não assumiria todas as coisas.

Como são grandes as tuas obras, Deus, tudo fizeste com a máxima sabedoria.

Prostrados, adorai a Deus Homem e venerai sua Progenitora.

Adorai-o todos os seus anjos, bendizei-o Potestades e Virtudes.

Bendizei o Deus Homem, anjos do Senhor, ministros seus que cumpris

sua vontade.

Bendizei sua Progenitora, recebei os homens como irmãos vossos.

Seja dada glória ao Deus Trino pelos séculos dos séculos, regozijem-se todos nas suas obras.

Bem-aventurados vós, ó anjos, que vos submetestes humildemente à vontade do vosso Criador, disse então Maria. Mas gostava de saber como é que os nossos primeiros pais caíram tão lamentavelmente no pecado.

Contei, então, tudo o que te disse já a ti e que tu escreveste. Disse ainda a Maria, coisa que tu não escreveste, como, depois de Adão ser criado e lhe haver sido prestada obediência, nós os anjos cantámos o salmo: *Senhor, Senhor nosso, quão admirável é teu nome em toda a Terra,*<sup>[88]</sup> salmo que consta de nove versículos. E o primeiro coro cantou o primeiro e, assim, também os outros, por ordem. De seguida, revelei-o ao profeta que aqui está. Revelei, então, a Maria, seguidamente, o salmo que eternamente cantávamos a Deus. Também to hei-de revelar quando desvendar alguma coisa sobre a Trindade.

Recebe agora também três outros cânticos que então cantei e revelei a Maria. O primeiro é o que nós cantámos quando vimos que Deus, de um modo admirável, criou em cinco dias os Céus, os elementos e tudo além do homem. O segundo, a favor da criação do homem. O terceiro é o de Adão, cântico que compôs então, quando Eva foi levada à sua presença. Acrescento um quarto, que também não foi desconhecido de Maria.

Salmo de Adão e Eva pedindo e obtendo o perdão de seus pecados.

Assim começou Barquiel:

Bendigamos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, exaltemo-lo e magnifiquemo-lo para sempre,

Porque da terra informe e desordenada fez tantas maravilhas.

Fez o Sol avançar nas suas órbitas, com todos os seus círculos.

Sobre ele estendeu as águas, que o não tocavam.

Seja bendito o Pai, o Filho e o Espírito Santo, seja exaltado e magnificado

pelos séculos.

Fazendo avançar o Sol, fez ele avançar todos os orbes, menos um,  
Mostrou seu grande poder porque, sem mover os de cima, pôde mover  
os de baixo.

Criou no dia seguinte o firmamento com a multidão das estrelas, sem  
atropelo.

Omnipotente, podia tudo fazer ao mesmo tempo, mas para nos não  
frustrar, não o quis.

Ao terceiro dia, daqui e dalém ajuntou as águas e em vários pontos fez  
surgir a terra enxuta.

A terra produziu erva e plantas verdes, a cada uma, conforme seu género,  
a semente deu.

Ministros de tão magna obra, bendizei o Senhor, magnificai seu poder.

No quarto dia fez acrescentar outros luminares, para que actuassem nos  
inferiores.

Vimos, entre outros, dois luminares grandes, para que o maior presidisse  
ao dia e à noite o menor.

Acrescentou planetas, estrelas também, para darem brilho e influírem  
sobre os elementos.

Fez no quinto dia brotar, incontável, o género de peixes e animais  
voláteis.

Bestas e jumentos e a multidão dos que sobre a Terra rastejam.

Grande é o nosso Deus, louvável e magnífico sumamente.

Louvem-no os Céus, a Terra também, tudo quanto nele tem a existência.

**[fl. 83]**

Dele, por ele e nele é tudo o que existe, aos Três seja dada uma honra só  
e a mesma glória.

A Terra criando, dela criou também o Céu que é o nosso. Para os outros  
dias reservou o resto.

Com poder fez tudo, com saber e amor tudo fabricou.

Bendigamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo, exaltemo-lo e

magnifiquemo-lo para sempre.

Quando Adão, ao acordar, viu à sua frente Eva, prorrompeu nestas palavras:

Olhava tudo que havia no mundo, ninguém encontrava semelhante a mim.

Não há, com certeza, não há nunca mais, consolo perfeito para o solitário.

Esta, agora, é osso dos meus ossos e carne da minha carne.

Por isso, *deixará o homem o pai e a mãe, e os dois serão uma carne só.*<sup>[89]</sup>

Ligar-se-á o homem a uma só mulher, e uma mulher a um homem só.

Não se ligará o pai com a filha, e menos ainda o filho à mãe.

Fez-me Deus o tronco da humana raça e deu-me uma companheira,

E de ambos nós todos brotarão, sem pai e sem mãe ninguém nascerá.

Mas para que se encontre toda a associação, de mãe nascerá um Filho sem pai.

Eu não saí de homem nenhum, esta de mim a origem tirou.

E todos os outros nascerão de dois; da mulher, sem homem, é apenas um.

É grande este sacramento, que mostra a ligação de Deus com o povo.

Chamar-te-ás virago, porque de teu marido te extraiu Deus.

Chamar-te-ás Eva, porque serás mãe de todo o vivente.

Une a esta a tua mão direita e um beijo santo aos meus lábios dá.

Cresçamos e multipliquemo-nos, procriemos um povo adorador de Deus.

Podia, de uma só vez, criar todos os que o adoram, partilhou connosco as acções que próprias lhe são.

Quanto por terceiros pode realizar, raro ou nunca por si o realiza.

Não faz feliz o indivíduo por causa da espécie, mas a espécie por causa dos indivíduos

Antes, porém, de nos unirmos, esposa minha, entreguemo-nos às coisas divinas e à contemplação.

Depois, com temor do nosso Deus, cumprimos o seu mandamento.  
Glória e honra ao Deus Trino e Uno, Onnipotente e Sempiterno.

Foi isto que Adão disse.

Mas, primeiro, deveria dar-te a conhecer o salmo da criação do homem, quando todos nós, cantando, pedimos ao nosso Deus que criasse logo o homem, porque desejávamos muito ver o Deus Homem e sua Mãe. Mas esse salmo, aquele que os vossos primeiros pais fizeram, revelar-to-ei mais tarde.

Mas, antes de mais, ouve, Maria, e recebe o salmo que cantámos ao nosso Deus para que criasse o homem que prometera, homem que fosse conosco cidadão da cidade celeste, tendo eu começado assim:

Deus, todo brilho e poder, mostra-nos a face que vimos.

Eis que criaste a Terra e a Lua, não vemos o homem que nos prometeste.

Pedimos-te que te dignes criá-lo já, e todos nós humildemente to suplicamos.

Deus, todo sabedoria e conhecimento, mostra-nos a face que vimos.

Eis que criaste Mercúrio e a água, não vemos o homem que nos prometeste.

Imploramos-te que o cries já, e humildemente to suplicamos.

Deus, todo tranquilidade e mansidão, mostra-nos a face que vimos.

Eis que criaste o ar e Vénus, não vemos o homem que nos prometeste.

**[fl. 84]**

Que tua mansidão o faça aparecer, pedimos e humildemente to suplicamos.

Deus, Soberano e Senhor de tudo, mostra-nos a face que vimos.

Eis que fizeste o fogo e o Sol, não vemos o homem que nos prometeste.

Faça-o surgir teu poder supremo, pedimos e todos nós humildemente o

suplicamos.

Deus de invencível poder, mostra-nos a face que vimos.

Eis que fizeste o fogo e Marte, não vemos o homem que nos prometeste.

Faça-o surgir tua força sublime, pedimos-te e humildemente to suplicamos.

Deus de eterno e imenso poder, mostra-nos a face que vimos.

Eis que criaste o ar e Júpiter, não vemos o homem que nos prometeste.

Faça-o surgir teu poder infindo, pedimos e humildemente to suplicamos.

Deus, Príncipe, Chefe e de todos Rei, mostra-nos a face que vimos.

Eis que criaste a Terra e Saturno, não vemos o homem que nos prometeste.

Faça-o aparecer tua Majestade, pedimos e humildemente to suplicamos.

Deus, Príncipe dos anjos, mostra-nos a face que vimos.

Eis que criaste os elementos e o firmamento estrelado, não vemos o homem que nos prometeste.

Que a tua dignidade o faça aparecer, pedimos e humildemente te suplicamos.

Deus, admirável Criador dos anjos, mostra-nos a face que vimos.

Eis que criaste já todos os elementos e o Céu que tudo move, não vemos o homem que nos prometeste.

Que o cries, tu que nos criaste, pedimos e humildemente to suplicamos.

Deus chamou, então, três anjos de cada coro, como cada coro se lhe havia dirigido com três versos.

E narrei então a Maria o modo da criação de Adão e Eva, e da nossa alegria e associação a Adão até ao Jardim das Delícias, e a tentação deles, por ordem, do mesmo modo que já to revelei e tu o escreveste para consolação do género humano e informação do Pastor futuro, para quem este livro deverá ser guardado. Agradaram estes salmos a Maria para lá do que pode ser dito, e seu espírito exultou e ela começou também a cantar e a orar:

Deus, mais brilhante que o resplendor, dá-nos teu Filho a quem amamos.  
Deus, mais sábio que a sabedoria, dá-nos tua Sabedoria a quem amamos.  
Deus, mais benigno que a mansidão, dá-nos tua Benignidade a quem amamos.

Deus, Senhor de todos os senhores, dá-nos o Senhor a quem amamos.

Deus, Suprema Virtude de todas as virtudes, dá-nos tua Virtude a quem amamos.

Deus, Potestade de todas as potestades, dá-nos a tua Potestade a quem amamos.

Deus, Príncipe de todos os príncipes, dá-nos o Príncipe da Paz a quem amamos.

Deus, Chefe de todos os anjos, dá-nos o Chefe a quem amamos.

Deus, Criador admirável de todos os anjos, dá-nos o nosso Criador a quem amamos.

Maria, disse eu então, fui enviado e vim com estes meus irmãos para isto, para que este admirável intercâmbio da divindade com a humanidade se efective de modo que Deus o queira e a raça humana o não recuse. Deus, Maria, ordena que o seu Verbo, sendo eu a anunciá-lo, incarne em teu seio. É para ti importante que consintas, para bem de todo o género humano. Diz, ó Virgem, uma palavra e recebe o Filho que é o Verbo Eterno de Deus Pai!

Quem não há-de consentir em bem tão grande, disse então Maria, dobrando humildemente ambos os joelhos, a suspirar, regozijando-se em seu íntimo, com lágrimas. Quem recusará tão nobre dom? Consinto, desejo, imploro. *Eis [fl. 85] a serva do Senhor.*<sup>[90]</sup> E, inclinando a cabeça, disse: Faça-se a vontade de Deus, e que o Verbo de Deus me seja entregue segundo a tua palavra.

Era já, querido amigo, meia-noite, para que se cumprisse a Escritura. Pronunciadas estas palavras de Maria, de súbito, no último instante que

encerrava toda a declaração, por obra de toda a Trindade, obra que se atribui ao Espírito Santo, aconteceram nesse mesmo instante muitas e admiráveis coisas. Imediatamente foram colhidas do coração da Virgem três gotículas de puríssimo sangue. Imediatamente foram elas colocadas no lugar próprio à procriação dos filhos. Imediatamente foi esse sangue condensado. Imediatamente foi mudado em carne, nervos, veias e ossos. Imediatamente foram formados coração, cérebro, fígado e outros membros. Imediatamente plasmado todo o corpo, imediatamente criada a alma, imediatamente infundida. Imediatamente a divindade se uniu à humanidade, e se reuniu à alma, e se ligou ao corpo. Imediatamente a inteligência desta alma foi enformada e ornada com todas as disposições práticas e especulativas, além da disposição da fé, de que não precisava. Imediatamente foi a vontade dotada de todas as virtudes convenientes, além da esperança. Na verdade quem vê, não precisa da disposição da fé e quem tem, não carece da disposição da esperança. Nele infundiu Deus todas as disposições no grau máximo. Deu tão grande graça, ou seja, caridade, quanta podia ser dada por Deus.

Não é, pois, verdade, a não ser em imaginação, mas não em realidade, o que se afirma entre vós, que, dado todo o possível bem finito, se pode dar um maior do que ele. É também falso que a vossa inteligência e a vossa vontade sejam de natureza diferente da inteligência e da vontade dos anjos, elas que recebem disposições semelhantes e são atraídas por actos semelhantes acerca de coisas semelhantes e até dos mesmos objectos. Como poderiam ser umas de uma natureza, outras de outra? Nem é verdade que faculdades diversas sejam sempre de natureza diversa, nem que uma faculdade mais nobre seja de natureza mais nobre. Assim, pois, as faculdades dos anjos de espécie diferente difeririam em espécie, e aos superiores pertenceriam faculdades, actos e objectos mais nobres. E não seriam da mesma natureza a bem-aventurança de todos os anjos nem a dos anjos e a dos homens, e não se estabeleceria comparação entre a bem-aventurança deles. E homem algum seria mais bem-aventurado que

qualquer anjo e nem mesmo poderia sê-lo. Em que seriam, pois, os homens semelhantes aos anjos de Deus? É verdade, portanto, que faculdades da mesma natureza podem ser as mesmas em diversas espécies, como a visão e outros sentidos existem em diversos animais, como a visão da águia e do lince, o olfacto do abutre e do cão, o ouvido de muitos. E na espécie menos nobre pode existir uma faculdade mais penetrante. E embora nada haja de mais nobre que a inteligência e a vontade, mesmo nos anjos, há, todavia, algumas propriedades nos anjos que não existem nos homens, como simplicidade, pureza ou acto e imaterialidade, não inteligência ou vontade. O mais nobre, pois, na espécie inferior pode ser algumas vezes o mais nobre na espécie superior. E, por vezes, existirá na espécie inferior alguma propriedade que denota perfeição de modo absoluto, a qual não existirá na espécie mais perfeita, como a simplicidade existe nas partes de uma substância composta como propriedade de um elemento, a saber, do fogo ou do ar, a qual não existe no próprio fogo ou no próprio ar.

Imediatamente, portanto, foi aquela nobilíssima alma criada, imediatamente infundida no corpo, imediatamente também unida à divindade. Pois Deus, criando-a, infundiu-a e uniu-a e, unindo-a, infundiu-a e, infundindo-a, criou-a. Uniu-a, pois, à carne e aos ossos sem nada corromper, mas acrescentando vida. Imediatamente aquela alma viu a Deus em si mesmo, tal como ele é. Imediatamente o amou com supremo amor e a ele aderiu. O que primeiro viu era Deus, o que primeiro amou era igualmente o próprio Deus. Aquela alma conheceu então todo o passado, conheceu, [fl. 86] então também, o presente e o futuro. Reconhecia sua Mãe e seus discípulos, todos os homens, os reconhecidos e os que o não são, bons e maus, justos e injustos. Via também esta Assembleia que está reunida aqui em volta. Via esta nossa conversação. Nada lhe era oculto. Vendo a Deus, nessa visão a sua inteligência estendia-se a tudo. Pois quem vê a Deus, pode, se Deus quiser, ver em simultâneo todas as coisas. Com efeito, tudo existe em Deus enquanto Criador de todas as coisas.

Esta noite é mais brilhante que o Sol e todos os astros. *Este é o dia que o*

*Senhor fez, é de todos o mais digno, exultai e rejubilai nele, regozijai-vos com a máxima alegria.*[<sup>91</sup>] Que esta solenidade seja para vós a mais solene de todas as solenidades. Supere esta todas as vossas festividades. É a festa da solene anúncio do anjo. É a festa da revelação de tão grandes segredos. É a festa da miraculosa extracção do sangue do coração da Virgem, da reposição no puríssimo útero. É a festa da condensação do mesmo sangue e da conversão e perfeita organização em ossos, nervos e carne, em órgãos, como coração, cérebro, fígado, pulmões e outros. É a celeberrima festa da criação desta alma e da concriação de todas as virtudes e dons. É a festa da infusão desta alma neste corpo e da vivificação do corpo. A mais nobre das almas foi criada no mais nobre dos corpos, do modo mais nobre. É a festa da união da humanidade com a divindade. Foi, de facto, unida a humanidade com a divindade e as partes da mesma humanidade foram unidas à divindade. É a festa da perfeita e suprema felicidade deste homem e desta alma. É festa porque é para esta alma o dia do conhecimento de todas as coisas. Tudo isto, caríssimo, é grande, difícil, admirável, inaudito. No mesmo momento, no mesmo instante, tudo aconteceu no ventre desta santíssima donzela a quem, então, foi acrescentada tanta graça quanta Deus determinara dar-lhe. Não há, depois da graça da alma de Cristo Senhor, graça maior que a graça da Virgem. Não há graça igual à sua. É, portanto, a festa do supremo aumento de toda a graça na alma de Maria.

Maria exultou então, então viu, contemplou e adorou a Deus incarnado em seu ventre. E com toda a corte celeste presente para ver tão admirável evento e todos a contemplarem e a adorarem a Deus criancinha, mas homem perfeito, Maria entoou este cântico, dizendo:

A minha alma e o meu coração glorificam a Deus Pai Onnipotente,  
Que, sendo eu indigna, me tornou digna e fez-me, de serva, filha,  
Que fez que, vil criatura e humilde serva, me tornasse Mãe do Deus Supremo.

Tornou-me Mãe do Sumo Deus, instituiu-me Mãe de seu Filho,

Fez em mim grandes coisas o Todo Poderoso, Santo e Bendito é seu nome.

A minha alma e o meu coração glorificam a Deus Filho, sábio e verdadeiro,

Que, nascido do Pai, sem tempo, é agora gerado em meu ventre.

Exulta o meu coração e o meu espírito em Deus, meu Salvador,

Que me escolheu para sua filha e de mim fez sua Mãe.

Gerei o meu Criador, contive em mim aquele que os Céus não podem conter.

[fl.87] A minha alma e o meu coração glorificam a Deus, grande dom do Pai e do Filho,

Que sempre me olhou com benévolo semblante e nunca me fixou com olhar severo.

Preservou-me de toda a mancha e amou-me acima de toda a criatura.

Suave, benigno e sumamente bom é o seu nome Grande.

Desde agora e para sempre, todos os povos bem-aventurada me hão-de chamar.

Dou graças a Deus Uno e Trino, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Ámen.

Benditos vós, anjos santos, que obedecestes aos mandamentos do Supremo Deus,

Bem-aventurados, que reconhecestes a vontade de Deus e cumpristes seus mandamentos.

Não desdenhastes de meu Filho, nem me desprezastes a mim,

Combatestes com Lúcifer e o superastes com razões válidas.

Agiu com a força de seu braço e dispersou todos os soberbos,

Depôs de seu trono os poderosos e a vós, humildes, exaltou-vos.

A vós, famintos de justiça, cumulou de bens, de mãos vazias despediu os que ricos

se achavam.

Alegrem-se todos, minhas mães e pais, gritem de alegria todos os filhos

de Deus.

Tomou Deus à sua conta Israel, seu servo, recordou-se de sua misericórdia.

Sua misericórdia passará de geração em geração para todos os que o temem.

Quanto prometeu a Abraão e a nossos pais, realizou-o agora na sua descendência.

Dou graças a Deus Uno e Trino, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

Maria entoou este cântico com extrema alegria e cheia de graça, trazendo Deus em seu ventre e adorando-o com humildade. Todos nós contemplámos, vimos e adorámos a Deus incarnado. Manifestámos-lhe a obediência que lhe havíamos prometido, reconhecemo-lo por nosso Deus, aceitámo-lo prontamente e cantámos as maravilhas que havíamos visto, dizendo assim:

És todo grandeza, nosso Deus, e cheio de toda a sabedoria!

Anunciaste no início dos tempos, realizaste nos últimos dias.

Estabelecerás uma lei eterna, que jamais será abolida,

Banirás de nós o medo, em nós acumularás amor.

Serviram-te os homens no medo, obedecer-te-ão com amor.

As figuras passaram, significaram esta verdade,

Desaparecerão como a sombra, tudo se converterá em luz.

O que primeiro vimos em sinal, reconhecemo-lo agora Verdadeiro Deus feito homem.

Então apareceu-nos sob a figura de homem, manifestou-se agora verdadeiro Homem.

Anunciámos a Maria e ajudámos até onde pudemos,

Narrámos o nosso combate, desvendámos os cânticos antigos.

Conhecíamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a nenhum víamos como

homem.

Logo depois vimos o sangue ser tirado e depositado no útero de Maria,  
Condensar-se e converter-se em carne, e formarem-se todos os  
membros,

Criar-se uma alma perfeita, encher-se de todas as virtudes,  
Ser infundida num corpo perfeito, unir-se a humanidade à divindade.

Deus, o grande agricultor, inseriu o rebento em seu tronco,

O rebento é a pessoa do Verbo, a divindade o ramo natural.

**[fl. 88]** Mas o ramo dá o ser ao tronco, não o tronco ao ramo.

A humanidade é a vergôntea enxertada na Pessoa do Verbo.

São duas as naturezas associadas numa só Pessoa.

O que é de Deus considera-se do homem, o que é do homem considera-se de Deus.

Deus assumiu a humanidade e a carne, e não a humanidade ou a carne a Deus.

Criada e logo bem-aventurada a alma, bem-aventurada igualmente e criada.

Via a Deus enquanto era criada e, enquanto via, era criada ,

Amava e era criada, era criada enquanto amava.

Conheceu a Deus antes de tudo, antes de tudo o amou.

Conhecido Deus, tudo conheceu, nada ignorava do que aconteceria.

A Mãe foi de toda a graça cheia, os homens foram livres de culpa.

Vimos, sem dúvida, coisas admiráveis, inexprimíveis para todas as criaturas.

Bem-aventurados nós que nos submetemos e a seus mandamentos obedecer quisemos.

Todos te veneramos, Deus Homem, a ti, como Deus sempre te adoramos.

Louvamos-te, Virgem Maria, proclamamos-te a Mãe de Deus.

Com teu Filho juntamente te honramos e a devida reverência te prestamos.

Tu, em conjunto com o Espírito Criador, geraste o Deus incarnado.

Reconhecemos-te como Rainha nossa, não nos opomos a que reines sobre nós.

Opôs-se Lúcifer e perdeu a luz e com seus seguidores desceu aos infernos.

Cantamos glória a Deus nas alturas e anunciamos paz na Terra aos que vivem honestamente.

Isto cantámos nós então, amigo. Depois, voltados para a Rainha, começámos a cantar os versículos que vós, inspirados pelo sopro divino, cantais agora, dizendo:

Avé, Rainha dos Céus, Avé, Senhora dos anjos!

Salve, raiz santa, da qual veio ao mundo a Luz!

Exulta, Gloriosa, de beleza sem igual,

Eu te saúdo, formosa, e por nós sempre a Cristo implora.

E, ao dizer “Cristo”, mostrávamos aquele menino, tão pequeno que mal poderia ser visto pelos olhos da carne, em quem, todavia, residia toda a virtude, desabrochava todo o sentimento, se não fosse impedido pelo invólucro virginal. Com admirável arte uniu Deus, o grande Agricultor, a humanidade à pessoa do Verbo como se enxertasse um sarmento de uma natureza num tronco de outra natureza. A pessoa do Verbo é como que o tronco ou a raiz da árvore. A natureza divina é a própria árvore ou ramo natural que subsiste na pessoa. A natureza humana é como que uma espécie de zambujeiro e um sarmento selvagem que o divino poder enxertou na pessoa do Verbo. E as duas naturezas, humana e divina, foram associadas numa só pessoa. E, por isso, quanto se diz de Deus, diz-se deste homem e quanto se diz deste homem, tirando o que respeita ao acto da união, se diz de Deus. Daí poder-se dizer: Este homem criou o Céu e os astros; e, Deus sofreu e morreu; mas não, o homem assumiu Deus; nem, o homem

incarnou; mas, Deus assumiu aquela humanidade singular; e, Deus incarnou. Na verdade só o Filho de Deus incarnou e não o Pai ou o Espírito Santo. Mas o Filho é verdadeiro Deus. Por isso, Deus incarnou. Toda a Trindade fez o mesmo. Mas só ao Filho, por acção das três Pessoas Divinas, foi unida a humanidade.

Maria partilhou a procriação da carne e de todos os membros e nada [fl. 89] omitiu de quanto é próprio da mãe. E nem é impossível que a criatura actue de imediato onde se não exige disposição prévia. A criatura actua de imediato e num instante, uma vez preparado e ordenado o sujeito. Neste caso, estava tudo preparado e ordenado. Por isso pôde agir imediatamente.

Meu senhor, perguntei então, que falta fazia a alma a este homem, que era Deus? Não bastava a divindade para lhe dar vida? Deus é vida. Não era preciso que esta carne tivesse outra vida, nem era conveniente que uma carne tivesse duas vidas e pelas duas fosse vivificada.

Ó pobre homem, respondeu então o anjo, quem te ensinou a argumentar e a dar por provado aquilo que teus maiores não defendem e lhes repugnava defender? E dado ver que tu, assim como muitos outros ignorantes, não podeis compreender bem esta verdade, porque a divindade parece, tal como é, vida, para que era preciso pôr em Cristo outra vida e outra alma e outro espírito se nele se estabeleceu a divindade, que é vida verdadeira, verdadeira sabedoria, verdadeira vontade, verdadeira inteligência, verdadeiro amor? Por isso aduzirei razões várias, para corroborar esta opinião. Se na verdade Deus é vida, e a alma é vida, que necessidade haveria de ambos quando um só deles bastava? A vida da alma é supérflua para o corpo se este tem unida a si a divindade, a vida perfeita, pela qual era vivificado. Além disso, como vivifica Deus o corpo vivificado pela alma? Ou como vivifica a alma o corpo vivificado por Deus? Que faz, pois, a alma com a divindade ou a divindade com a alma? Ambas são vida, ambas são acto. Uma vida não completa a outra, uma não vivifica a outra, porque não é a alma que é vivificada, mas o corpo. A divindade não se une àquilo que não vivifica. Que necessidade há, portanto, de criar uma alma que não vivifica, nem vivificará, nem se une à

divindade?

Se a divindade não vivifica a carne, não está unida à carne. Mas é forçoso que esteja unida à carne. De outro modo Cristo não seria perfeito homem e perfeito Deus. Portanto, é necessário que a divindade vivifique a carne para que se una a ela. Do mesmo modo, Cristo não seria perfeito Deus nem perfeito homem se a sua carne não fosse vivificada pela alma, porque homem perfeito é aquele cuja carne é vivificada pela vida perfeita. Ora Deus é a vida perfeita. Não pode Deus tudo fazer por si próprio? Pode, com certeza, porque é onipotente. Pode, pois, tudo o que quer, embora não queira tudo o que pode. Porque era então necessário dar-se a si um auxiliar para vivificar a carne humana criando uma alma nova como se o próprio Deus precisasse de auxílio? É onipotente, não precisa do auxílio nem da ajuda de ninguém. Portanto, não era preciso dar a Deus uma alma que fosse sua colaboradora.

Toma nota, se souberes, de quantas razões acrescentarei ao teu raciocínio. Atende a esta razão: A alma, como vós credes e nós sabemos, é indivíduo e singular da criatura espiritual. Falo, não da alma em si, mas desta tua alma e da alma de outro homem. Mas todo o singular de natureza espiritual que, por natureza, é uma determinada substância, pode chamar-se sujeito e pessoa. A alma, como vês, uma alma determinada, será também sujeito e pessoa. Se também em Cristo a alma fosse criada, ela haveria de ser também pessoa. E daqui seguem-se dois absurdos. Primeiro, que na Trindade haveria quatro pessoas, uma vez que haveria a pessoa do Verbo e a pessoa da alma no Verbo, porque Cristo é pessoa na Trindade, uma pessoa, se ele é uma pessoa, duas, se ele é duas. Segundo, que em Cristo haveria duas pessoas, porque havia a pessoa do Verbo e a pessoa da alma. E, assim, Cristo não seria um, mas dois, já que duas pessoas. Portanto, não deve atribuir-se-lhe alma racional criada, mas basta a alma racional e a vida perfeita, que é Deus, e a pessoa incriada e todo o bem. Portanto, não existiu alma criada naquele em quem existia alma incriada e o mais perfeito de todos os espíritos. Além disso, muitos de vós são contrários a considerar Cristo uma criatura, ele que

também não pode considerar-se verdadeira criatura. Se, porém, tivesse alma racional como os restantes homens, seria ela criada e, desse modo, em razão dessa mesma alma assim criada, considerar-se-ia Cristo verdadeira criatura visto que, em razão dessa alma, teria sido feito do nada. Isto, na verdade, é ser criado, porque é ser feito do nada. Ora, já que a alma não teria existido previamente, nem no todo nem em parte, teria sido criada. Pode, ademais, de modo mais seguro defender-se que Cristo haja sido perfeito Deus e perfeito homem não lhe atribuindo uma alma criada do que atribuindo-lha. Porque há-de então atribuir-se-lhe essa alma?

Que com mais verdade se possa mais eficazmente provar que é perfeito Deus e perfeito homem se não se lhe atribuir a alma criada, demonstrámo-lo antes. É, pois, por isso, perfeito Deus, porque a carne é vivificada pelo próprio Deus, e perfeito homem, porque aquela perfeitíssima carne é vivificada pelo mesmo perfeito espírito. Assim, pois, como Deus fez e moldou aquela nobilíssima carne, assim também nela depôs nobilíssima vida e quis que fosse vivificada por nobilíssimo espírito, que é ele, a vida de todos os viventes, embora diferentemente segundo cada um. De modo semelhante, ao não atribuir a Cristo alma criada se pode perfeitamente entender como Cristo é Deus, porque por intermédio da divindade que vivifica a carne. Mas, admitindo que tivesse alma, não se pode entender como seja Deus se nada vivifica, nem alma nem corpo. Admitindo igualmente que a divindade esteja unida à carne humana, seria manifestamente verdadeiro dizer: Este homem é eterno e, no princípio, criou os anjos, o Céu Empíreo, a matéria-prima, e tudo o resto, em seis dias. E visto que é gerado eternamente do Pai e que ele e o Pai são o mesmo, igualmente se verá com facilidade como Maria é Mãe de Deus, porque gerou este homem, que é perfeito Deus e perfeito homem. Ora se a carne fosse vivificada pela alma, não poderíeis entender como ela gerou Deus, mas só que gerou o homem e aquele composto de alma e corpo. Não poderia, pois, considerar-se verdadeiramente Mãe de Deus, como hoje dela afirmais e cantais, e correctamente, e na base desse nome tanto a honrais, e em razão

dessa maternidade foi ela exaltada acima de todos os Coros, acima dos sete anjos e acima de Miguel e, por essa razão, a ela nos submetemos e a temos por Rainha nossa.

Portanto, Deus Pai é um e o mesmo com Cristo, e Cristo com ele e com o Espírito Santo. E pondo a divindade no lugar da alma, é a mesma a divindade do Pai e do Filho de Maria e igual a majestade. Se, além disso, Deus não quis unir-se ao espírito de Lúcifer, como se uniria à alma? Mais, não quis unir-se a nenhum anjo. E porquê? Porque esta união não é senão a vivificação daquele ser a que se une Deus. Ora o espírito, porque é vida, não pode ser vivificado. E Lúcifer não atentou nisso quando Deus disse “Quero unir-me ao homem”, mas acreditou que, assim como pôde unir-se ao homem, assim também poderia unir-se a si e aos outros espíritos. E, por isso, desejou ardentemente essa união e foi rebelde a Deus, e perdeu os prêmios que estavam preparados para ele se tivesse perseverado. Por isso Deus o julgou por causa da sua má vontade, porque afrontou Deus ao pretender essa união, que não podia realizar-se.

Também não está unida a Deus alma alguma, mas é a divindade que está unida à carne para que Cristo seja perfeito Deus e perfeito homem. Nem é conveniente, nem é justo, nem é razoável que numa só carne haja dois espíritos, ou seja, a divindade e a alma criada. Um deles, a alma ou a divindade, deve ser removido dessa carne. Mas se for removida a divindade vivificante, Cristo não será, de modo nenhum, nem Deus nem perfeito homem, como dissemos. Deixe-se, portanto, nele a divindade, remova-se a alma, e Cristo será Deus verdadeiro e homem verdadeiro. Se Cristo tivesse a alma criada a vivificar a carne, seria, então, homem como os outros homens e poderia pecar e merecer, porque *todo o homem é mentiroso*<sup>[22]</sup> e pecador. Mas, porque era Deus, não podia mentir, nem pecar, porque Deus, por sua natureza, não pode pecar. As outras criaturas espirituais podem pecar, mesmo que sejam bem-aventuradas. Não pecam, todavia, se a graça de Deus as preservar. Cristo, porém, não pôde pecar de modo nenhum, porque a carne, de si, não pode pecar, já que o pecado radica na vontade. A

vontade, também divina, é sumamente recta, não pode falhar, não é capaz de se afastar da rectidão. Se Cristo tivesse alma, aqui João não teria dito: *E o Verbo incarnou.*<sup>[93]</sup> E não disse, como dizeis vós: “E fez-se homem”. Ora, não se fez homem, mas ao receber e vivificar a carne e ao uni-la a si deste modo, tornou-se no ventre de Maria verdadeiro homem. Na verdade, fez-se homem, não que primeiro fosse homem e depois se unisse a Deus, mas fez-se homem na própria união.

Vês, criatura de Deus, se não soube aduzir tantas razões a favor da tua elucubração, quando excogitavas para que serviu a alma a Cristo?

A muitos agradaria esta opinião, disse eu, se pudesse manter-se sem perigo. Mas porque razão disse João: *E o Verbo incarnou,*<sup>[94]</sup> e disse depois que Cristo havia dito: *Eu sou o bom Pastor*<sup>[95]</sup> e *dou a minha alma pelas minhas ovelhas?*<sup>[96]</sup> E ainda: *Tenho o poder de dar a minha alma e de a retomar?*

Conheço, disse o anjo sorrindo, a dialéctica, conheço todos os simulacros de raciocínios e falácias e as respostas subentendidas. *Alma* pode usar-se por *vida*, sendo este o sentido: “dou a minha vida pelas minhas ovelhas”; e, “tenho o poder de morrer e de viver”, porque era Deus. Pois, se não fosse Deus, não estaria em seu poder viver e morrer. Diz-me, não dizia a Deus o profeta *Contém a ira da tua alma?* A divindade é a alma de Deus, porque vida de Deus. E deu esta vida pelas suas ovelhas. Pois na altura da morte não vivificou a carne, mas a carne jazia morta. Ofereceu-se porque quis.

Sabes sobre isto dizer mais alguma coisa?

E tendo eu ficado calado, acrescentou: Se não tivesse alma criada, então os Concílios dos Santos Padres teriam definido falsidades. Ora, determinaram que Cristo teve alma racional criada e duas inteligências e duas vontades. E enlearam com o vínculo do anátema todos os que crêem e ensinam o contrário. Acreditais vós, e é verdade, que a Igreja, no que à fé respeita, não pode errar, sobretudo quando está reunida em nome de Cristo, porque está escrito: *Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles*<sup>[97]</sup>. Na verdade, é, então, dirigida pelo Espírito Santo. Também

Atanásio diz no seu Símbolo: “de alma racional, ou seja, criada” (para que se não entenda, desajustadamente embora, por alma racional a própria divindade), “e subsistindo na carne humana”. Daí se vê outro segredo da vossa filosofia, que a carne humana é distinta da alma e não é carne por meio da alma. Se, de facto, subsiste em razão da alma racional e da carne humana, então subsiste a partir de dois princípios, um, o ser da carne, o outro, o da alma. Não subsistiria a partir desses dois princípios se a carne existisse por meio da alma. Os vossos Santos Padres e os vossos Concílios dizem: “O Verbo nunca abandonou o que uma vez assumiu”. Entendem-no, e correctamente, das partes. Mas se morreu a carne que antes era vivificada pelo Verbo Divino, e a vivificação era união, então o Verbo deixou a carne que havia assumido. Dizem também que a alma de Cristo desceu aos infernos, porque não foi a carne, que esteve depositada no sepulcro, nem a divindade, que está em todo o lado. Ao assumir Deus a carne e a alma, parece ter assumido ambas as naturezas, tanto a espiritual como a corporal. Em Cristo esteve presente não só a dor da carne, mas também a tristeza da alma, não divina, mas humana. Ele disse: *A minha alma está triste.*<sup>[98]</sup> E ainda: *não se faça a minha, mas a tua vontade.*<sup>[99]</sup> E quem rezava?

A Igreja, como disse, não pode errar. Cristo foi verdadeiro Deus e Deus perfeito, verdadeiro homem e homem perfeito, subsistindo a partir de uma alma racional e da carne humana. Mas não teve alma como os outros homens. Mas se Deus podia vivificar o corpo, fazendo a vez da alma, declará-lo-á o Pastor que está para vir. De momento, aceita isto assim, não te afastes dos teus antepassados. É imperioso que um verdadeiro homem tenha carne humana verdadeira e verdadeira alma. Portanto, se Cristo não tivesse alma, como teria sido verdadeiro homem? Seria mais fácil criar um homem com alma, sem a carne, do que ser homem tendo a carne sem alma. A alma é, na verdade, a parte mais importante do homem. Os que dizem, pois, que a alma é a totalidade do homem, erram menos do que aqueles que afirmam que a carne é a totalidade do homem.

Ouviste falar já do modo da encarnação e da humanação, ouviste

também o salmo. É verdadeiro o que te revelei, é divino o que te dei a conhecer.

Crêem muitos dos nossos, disse eu, que poucos anjos sabiam da incarnação do Verbo. Daí que, ao subir ao Céu o Senhor, interrogassem os anjos: *Quem é este que vem das bandas de Édon com vestes de Bosra tintas?*<sup>[100]</sup> E o nosso apóstolo disse: *Para dar a conhecer a príncipados e às autoridades por intermédio da Igreja.*<sup>[101]</sup>

É verdade que nós, como já te disse, respondeu o anjo, conhecemos este mistério, por causa dele travámos um combate. E nem pronunciámos aquelas palavras, enquanto o Senhor subia, como se o não conhecêssemos, mas proferimo-las pela admiração de tão grande dignidade e majestade. Nós é que o revelámos aos profetas, nós estivemos presentes, nós vimos tudo. Como iríamos ocupar-nos da salvação do homem se desconhecêssemos o Salvador? Todavia como poderia verificar-se acontecimento tão admirável? Não o conhecíamos perfeitamente senão quando o vimos acontecer. Deste modo, conhecemos perfeitamente não só o modo da Ressurreição de Cristo como o da Ascensão quando as vimos acontecerem. E deste modo se nos tornou conhecido pela Igreja, porque na Igreja o vimos claramente acontecer.

Estás a ver de que modo a casa de Maria se tornou o Céu Empíreo. Com efeito, aí se concentrava toda a multidão da milícia do exército celeste, pois que podem vários anjos estar ao mesmo tempo, embora, naturalmente, um não esteja onde o outro está. Deste modo, realmente, não precisávamos de um tão grande habitáculo. Muitos de nós não estavam dentro das paredes da divisão, mas fora, pelo espaço de dois ou três estádios e milhas. E todos víamos uma coisa admirável, porque a parede não impede a nossa visão. Todos exultávamos de alegria, nos alegrávamos e cantávamos. É, portanto, a festa da exultação dos anjos. E uma vez que então aceitámos aquele Homem como nosso Rei e a Mãe como Rainha, é a festa da submissão dos anjos ao homem e de uma espécie de início do reino de Cristo e da descida de todos os anjos à Terra. Esta descida foi comum àquela noite e à noite da

natividade do Senhor e, depois, ao tempo da morte, da ressurreição e da ascensão, porque todos viemos ao seu encontro até ao Monte das Oliveiras divididos por coros. Depois, quando a Virgem Maria foi levada [fl. 90] ao tálamo etéreo, mais uma vez descemos todos com Cristo Juiz.

Os outros evangelistas, disse eu então, nada nos transmitiram relativo a isto, apenas Lucas o tocou ao de leve. O mais importante foi omitido.

Tendo chamado Lucas, disse então o anjo: Caríssimo, diz a este inocente homem a razão por que omitiste o mais belo sobre a encarnação do Filho de Deus.

Tu próprio, respondeu Lucas, sabes a razão. A Mãe do nosso Deus tinha-me relatado tudo, e eu tinha-o escrito. Mas não foi do agrada do nosso Rei que a todos se revelasse então, porque havia no mundo muita perfídia. Está reservado para a idade que cedo vai chegar, quando também a Apocalipse de João, que está fechada com sete selos, for entendida.

Nesse tempo, acrescentou, serão estas coisas inseridas pelo Pastor no meu Evangelho, segundo o estilo do Evangelho que eu uso, e acrescentar-se-á quanto for mais importante, segundo uma ordem diferente da que aqui está por ti a ser escrita, e cantar-se-á publicamente na Igreja sob o título do meu Evangelho. Tinha escrito muito também, de um modo mais conciso do que agora te revelei a ti e por ti foi escrito, e noutra estilo, sobre a concepção e a natividade da Virgem, a sua apresentação no Templo e seus esponsais. Tinha escrito muito sobre o passamento de Maria e sua assunção, que te vai ser revelado. Tudo isto acrescentará o futuro Pastor ao meu Evangelho, e será cantado nas festividades da mesma Virgem. Deus não quis dar a conhecer tudo ao mesmo tempo, no que à humanidade e à divindade de Cristo respeita, mas apenas o que era necessário à salvação. Mas, olha, está aqui Gabriel, a quem estas coisas foram confiadas, ouve-o.

Então Gabriel começou a falar confirmando o que Lucas tinha dito e acrescentando que, sempre que a festa da Anunciação ocorra antes do Domingo da Paixão, se celebre com oitava, e que no dia anterior se celebre a festa solene dos esponsais da Mãe de Deus e se leia o Evangelho *Missus*

*est.*<sup>[102]</sup> E no dia da Anunciação leia-se o Evangelho *In principio erat Verbum*,<sup>[103]</sup> ou o novo Evangelho de Lucas, conforme o Pastor determinar. E, se não puder observar-se tudo por causa da Paixão do Senhor, reserve-se para o dia da Natividade, de modo a que, o que então é cantado, se refira não só à Natividade do Senhor, data em que veio ao mundo, mas a esta, quando o Verbo se fez carne. E se acontecer celebrar-se depois da oitava da Páscoa, celebre-se de modo mais solene do que antes. Mas, quando e como, será então determinado. E uma vez que Deus há-de ensinar este Pastor, muita coisa há-de ele acrescentar ao que agora escreves, e dará a conhecer, se esta festa cair no Domingo, se também esse Domingo deve celebrar-se ou não, e se em dia de tão grande solenidade deve observar-se o jejum, e quando sim e quando não, e muitas outras coisas de que agora não falo.

Agora, meu caro, ouve e atenta na excelência da tua raça. Pensa de quão grande honra desfrutou a tua raça, quando todos os anjos adoraram o Homem Deus e Maria, a Mãe de Deus, e de boa vontade se lhe submeteram. Reflecte no que seja, em como seja e em quão importante seja esta noite verdadeiramente santa, verdadeiramente resplandecente, verdadeiramente brilhante como o Sol. Fazeis bem quando, à tarde, ao toque do sino, no momento em que eu me aproximei, recitais *Avé Maria*. Bem, quando, a meio da noite, repetis o mesmo e acrescentais: *Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua vontade*. Bem, quando, ao crepúsculo do dia, de novo recitais *Avé Maria*, e acrescentais: *O Verbo incarnou e habitou entre nós*.

Então, realmente, a multidão dos anjos retirou-se, [fl. 91] no meio da alegria. E Maria, depois de chamar José, seu esposo, e com a nossa companhia, deu-se pressa em partir nessa mesma manhã para junto de sua prima Isabel. E, no caminho, interrogou-me sobre o salmo que Adão havia recitado com Eva pelo perdão de seus pecados. Salmo que pretendo que escrevas.

Salmo dos primeiros pais a pedir e obter a remissão dos pecados. Foi este:

– ADÃO

Adonai, Senhor Deus meu, segundo tua grande misericórdia, tem compaixão de mim.

E porque é imensa a tua compaixão, apaga esta minha iniquidade.

Estou esmagado pelo cúmulo da tribulação, a tempestade submergiu-me no abismo.

Salva-me, Deus, e arranca-me do dilúvio das águas infundas.

Ouvi, Céus e todas as trevas, as palavras da minha boca,

Repitam os anjos tudo que penso e digo, afirmem-no as Virtudes celestes.

Incline Deus o seu ouvido todo piedoso para esta minha humilde prece,

Ouçá minha oração, e chegue a ele o clamor do meu coração.

Tu, Deus, és luz verdadeira e brilhantíssima, tudo o mais está em trevas envolto,

Tu és Sol que não conhece ocaso e habitas luz inacessível,

Tu és limite e fim de tudo, tu a satisfação única dos bem-aventurados.

– EVA

Adonai, Senhor Deus meu, segundo tua grande misericórdia, tem compaixão de mim.

A tua misericórdia é, de facto, grande, é infinda a tua compaixão.

Antes de tudo, tu criaste o Céu Imóvel, habitação santa e sublime,

Decoraste-o com os espíritos angélicos, a quem benevolmente revelaste quanto ias fazer.

Foram eles os astros da manhã que por muitos séculos te louvaram.

Tu formaste o Céu Móvel e chamaste-o “as águas que estão sobre os Céus”.

É, pois, em si, totalmente uniforme e no seu movimento os outros se movem.

Estão essas águas sob o Céu Imóvel e acima de tudo quanto se move.

Tu criaste a luz, o belíssimo Sol, a Lua com cinco planetas,

Puseste no meio o firmamento, onde com o teu poder colocaste signos, estrelas e constelações.

Produziste os quatro elementos e deles tudo formaste com tua sabedoria.

– ADÃO

Adonai, Senhor Deus meu, segundo tua grande misericórdia, tem  
compaixão de mim,

Que humilhas os soberbos e exaltas os teus humildes.

Pois, com o braço do teu poder, repeliste o soberbo e rebelde dragão,

De seus tronos depuseste os soberbos, exaltaste os que eram humildes,

Encheste de bens os famintos, enjeitaste os de si satisfeitos.

Por fim, do lodo da terra fizeste-me homem, e com a tua imagem me  
assinalaste.

Embora mortal e perturbável por natureza, poder não morrer nem ser  
perturbado me concedeste.

Pois, também isso de ti receber, a mim não repugnava!

Conduziste-me a lugar de vida e delícia, adornaste-me de todos os bens,

Tudo submeteste a meus pés, revelaste-me, Adonai, teu nome grande,

Deste-me Eva, companheira semelhante a mim, que tiraste do meu lado.

–ADÃO

Adonai, Senhor Deus meu, segundo tua grande misericórdia, tem  
compaixão de mim,

Porque me fizeste cabeça de todos os homens, cumulaste-me a mim e à  
companheira da tua sabedoria,

Concedeste-nos o livre arbítrio, entregaste-nos em nossas mãos,

Deste-nos preceitos e mandamentos, ante nós puseste a vida e a morte,

Para nos salvarmos, se os mandamentos guardássemos, morrêssemos  
não os guardando.

O invejoso Lúcifer viu e invejou, lutou contra nós e venceu. **[fl. 92]**

Vencido pelos anjos, superou o homem e prostrou para sempre sua  
descendência.

Sou eu quem pecou, eu quem diante ti cometeu a iniquidade.

Se eu o não tivesse querido, nem Eva nem o inimigo me poderia afastar.

Desfrutando da honra, não o entendi e perdi a minha dignidade.

Sou comparado aos asnos, assemelhei-me ao cavalo e à mula.

– ADÃO

Adonai, Senhor Deus meu, segundo tua grande misericórdia, tem  
compaixão de mim.

Encontrei tribulação e dor, rodearam-me gemidos de morte,

Fui oprimido pela morte e por toda a miséria, fui espoliado de todos os  
bens,

Desci de Jerusalém para Jericó, caí em poder de ladrões crudelíssimos,

Eles me espoliaram e totalmente nu me abandonaram,

Feriram-me cruelmente e semivivo me abandonaram.

Já eu mesmo reconheço a minha nudez, meu mal estará sempre perante  
de mim.

Sei agora, Deus, o bem que perdi, conheço bem o mal em que estou,

Contudo, choro menos minhas misérias que as desgraças dos  
descendentes.

Caísse, quem dera, sobre mim só e sobre Eva dos pecados a pena!

Passará de geração em geração para todos os nossos filhos.

– EVA

Adonai, Senhor Deus meu, segundo tua grande misericórdia, tem  
compaixão de mim.

Grande é o Senhor nosso Deus e grande é sua clemência, não há limite  
à sua misericórdia.

Eis que ao nosso pecado ofereceu remédio, para que, querendo, nos  
pudéssemos levantar.

A seu Filho, de todos Glorificador, constituiu-o nosso Redentor,

Sua santa Mãe constituiu também mediadora nossa,

A cuja imagem me fez a mim, Eva, mãe de todos os viventes.

Fez a mãe à imagem da Filha, formou Adão à imagem de si e de meu  
Filho

Por cujos inextinguíveis méritos aboliu nossas culpas,

Se também nós o quiséssemos ou seus sacramentos recebêssemos.

Aceitará um sacrifício voluntário, nunca desprezará um coração humilde,<sup>[104]</sup>

Ao encontro irá dos que a si vêm, perdoando-lhes os pecados, neles infunde a glória.

– EVA

Adonai, Senhor Deus meu, segundo tua grande misericórdia, tem compaixão de mim.

Incomensurável é tua doçura, Deus, bem-aventurados os que em ti esperam.

Depois das trevas fazes voltar a luz, depois das dores, o prazer e a alegria.

Por cem retribuis tu mil, por mil dez mil retribuis.

Os mínimos transformas em máximos, em eterno o temporal.

Bem-aventurados os que teus preceitos guardam, a teu jugo a cerviz submetem,

Habitarão em teu excelso tabernáculo, repousarão em teu Monte Santo,

Em teus átrios hão-de morar, em moradas mais brilhantes que o ouro e todas as pedras preciosas.

Bem-aventurados os que em ti crêem, Deus Trino e Uno, e teus caminhos querem conhecer.

Cantemos todos glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, exaltemos o nosso Deus,

Assim como no princípio os anjos cantavam, assim nós com ele, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

Ouviste, pois, este cântico e esta oração que continuamente dirigiam a Deus, que eu repeti então perante Maria enquanto caminhávamos. Aquele caminho que uma donzela frágil mal faria em seis dias, fizemo-lo nós em um, levando Deus aquela que o transportava. E não foi totalmente natural nem totalmente milagroso. Na verdade, não chegámos lá de repente, nem numa hora. José sabia para onde íamos e não ignorava a razão da viagem, e até sabia. Foi, pois, digno **[fl. 93]** de ver as maravilhas de Deus.

Quando eu e os meus companheiros nos aproximámos de Maria, que estava em oração, logo depois, porque ele estava com Ana em casa (de facto tinha vindo visitá-la), aproximaram-se para ver Maria e encontraram-me a falar com ela. E ficaram connosco toda aquela noite, ouviram todas as minhas palavras e viram o brilho de Maria e acreditaram que o Messias havia sido concebido. Mas não viram então o Deus incarnado, ouviram, contudo, os cânticos e a alegria dos anjos. José e Ana iam ambos connosco na viagem.

José, conseqüentemente, nunca duvidou da virgindade de Maria, mas, ao ver coisas tão dignas de admiração, não ousava olhá-la na face. E, se uma vez por outra olhava, parecia-lhe que resplandecia como o Sol, já que transportava o Sol na mente e no corpo. Por isso, os seus raios brilhavam-lhe na face. Esta irradiação cessou com a saída do Sol do tálamo virginal. Por isso está escrito: *Mas não a conheceu até ao dia em que deu à luz o seu Filho primogénito.*<sup>[105]</sup> Conseqüentemente, um certo temor havia acabrunhado José, porque era justo, era muito temente a Deus e se considerava o mais indigno. Realmente, quanto mais conhecedor um homem é, porque tem consciência de quanto lhe falta saber, tanto menos conhecedor se julga. E quanto mais justo for um homem, tanto mais conhece suas falhas e tanto mais se deprecia e engrandece a Deus. Por isso, José, mais justo que os outros, considerava-se mais indigno e nem queria levar Maria para sua casa. Meditava secretamente em seu coração, mas a ninguém falava. E dizia: “Não sou digno de viver com a Mãe de Deus”. Embora não conhecesse ainda todos os mistérios, neste, porém, acreditava. Não o entendia, todavia, perfeitamente, nem então nem depois, tal como Maria entendia. Pensava, portanto, deixar sua companhia no fim da viagem. Não quis, contudo, deixá-la na viagem nem em casa de Zacarias. Mas depois, regressado a Nazaré, quis abandoná-la. Apareci-lhe em sonhos e exortei-o a que não temesse porque Deus o tornara digno, e a que recebesse Maria e a levasse para sua casa porque, como tinha ouvido dizer naquela felicíssima noite, o que havia sido concebido no útero de Maria era obra divina e Filho do Altíssimo, e que desse ao menino o nome de Jesus. E assim fez e cumpriu.

Chegámos, pois, às montanhas da Galileia, entrámos em casa de Zacarias. Mas apenas Maria nos via a nós anjos. Humildemente saudou ela, como virgem humilde, Isabel, que tinha já o ventre entumecido. E enquanto se abraçavam, coisa admirável de ser dita, Maria viu Jesus a olhar para João e João a olhar para Jesus. Pois, logo que Maria, ao entrar, disse: “Que a paz de Cristo seja com esta casa” (e a Isabel, que vinha ao seu encontro: “Que a paz esteja contigo, mãe digníssima do grande profeta, voz que clama no deserto”), imediatamente João se voltou, face e corpo, para Cristo, e olharam-se um ao outro com a visão do espírito como as almas bem-aventuradas se olham a si e a Deus. João, primeiro, curvou os joelhos diante de Jesus, enquanto nós, os anjos, observávamos, e adorou a Cristo Rei. Depois, na língua que os anjos e as almas falam entre si, proferiu estas palavras, dizendo a modo de cântico:

Bendito seja Cristo, verdadeiro Deus, Senhor meu e Salvador.

Bendito seja o seu advento, pelo qual me foi trazido celeste alimento.

**[fl. 94]** Abençoa-me a mim teu servo, protege o filho de tua serva,

Manda do teu santo Templo a bênção, para que eu da tua bênção me encha.

Sê para mim apoio forte, para que dignamente anuncie teu louvor e tua glória.

Adoro-te, Deus meu, a ti me entrego, meu Criador.

Jesus, porém, como que estava sentado e, com a mão direita levantada e estendida para João, com estas palavras e, na mesma língua, abençoava-o a modo de um cântico:

Bendito sejas, João, meu servo eleito, tu, digno precursor meu e arauto.

Vim para que me visses, aquele a quem, pouco depois, deverias preceder,

Vim, João, para te abençoar e a minha face te mostrar.

Sê meu arauto, João, uma vez iniciada a missão de precursor.

No deserto do mundo proclamarás que sou o Verbo do Eterno Pai,  
Anunciarás o Cordeiro que tira o pecado, anunciarás o Salvador dos  
homens.

Irás à minha frente para o mundo e prepararás meu caminho,  
Chamarás os homens ao baptismo, darás a conhecer que eu sou Deus

João, então, estando Maria, Isabel e nós, os anjos, a observar, levantou-  
se e começou a saltar e a dançar, dizendo ao jeito de um cântico:

Do ventre de minha mãe, o Senhor me chamou pelo meu nome,  
Designou-me seu servo, nomeou-me seu eleito,  
Mostrou-me a aparência humana e não me escondeu a divindade.  
Vi aquele que me vira já concebido e adorei-o como Deus,  
Recebi abundante bênção, dei início à missão de precursor.  
Sou arauto do Verbo divino e precursor do meu Senhor,  
Anunciarei o Verbo de Deus, proclamá-lo-ei a Palavra Verdadeira,  
Mostrarei o Cordeiro de Deus, iluminarei as mentes dos homens.

Foram estas as palavras de João.

Sua Mãe ouviu, porque viu Jesus chamá-lo João. Por isso, quando lhe  
davam o nome do pai, disse: *Não terá, de modo nenhum, o nome do pai, mas vai  
chamar-se João.*<sup>[106]</sup>

Enquanto, pois, João dançava e Cristo o abençoava, as mães abraçavam-  
se e, não sem inenarrável alegria, observavam estas maravilhas e falavam  
entre si em linguagem não da carne, mas angélica. E, por fim, Isabel  
exclamou com a linguagem da carne, repetindo as últimas palavras da minha  
saudação e abençoando o fruto de Maria. Enquanto se mantinham assim  
abraçadas, Isabel interrogou Maria por meio da linguagem angélica quando  
e como havia concebido aquele filho. Maria expôs ponto por ponto a  
missão de Gabriel, que sou eu, a minha saudação, como concebera e quem  
era aquele menino. Pois Isabel via-o, mas não via a sua divindade.

Exclamando em voz alta, disse Isabel: *Bendita és tu entre as mulheres,*<sup>[107]</sup> o que também eu havia dito e tem este sentido: Tu, Maria, és a única bendita entre todos os homens, porque só tu nunca foste sujeita, nem no teu ser nem na tua mente ou no pensamento, à maldição. Tu, Maria, és a única bendita entre as mulheres, porque só tu mereceste ser a Mãe de Deus.

De cada uma de todas estas coisas a tinha eu informado, que era bendita entre todos os homens, porque a única nunca sujeita à maldição; a única bendita entre todas as criaturas, [fl. 95] porque a única preferida sobre toda a criatura; a única bendita entre as mulheres, porque a única escolhida para conceber a Deus. Mas o evangelista não expôs tudo, nem tudo deixou escrito. Isabel, informada já e instruída, acrescentou: *e bendito o fruto do teu ventre*<sup>[108]</sup> porque nele serão abençoados todos os povos, como havia sido prometido a Abraão. Por isso Isabel exprimiu-se assim, ao modo de um cântico:

Ó Virgem nunca amaldiçoada, entre os homens todos única bendita,  
Sobre toda a criatura exaltada e de toda a virtude ornada,  
Entre as mulheres, única bendita, do Filho de Deus única Mãe escolhida.  
O Fruto do teu ventre é abençoado e a nosso próprio pai Abraão  
prometido,  
Sem ele ninguém é bendito, pelo próprio Deus é ele abençoado.  
De onde me vem que Deus me conceda que sua Mãe venha até mim!  
Sem méritos meus isto aconteceu, sem quaisquer virtudes.  
Veio até mim a Mãe do meu Senhor e meu coração de alegria encheu.  
És bendita, tu que acreditaste, cumprir-se-á em ti o que me disseste.  
Sobre todas as criaturas serás exaltada e Rainha dos anjos tu serás  
chamada.

Na máxima exultação do coração, disse então Maria, em linguagem humana, ao modo de um cântico: *A minha alma glorifica o Senhor, e o meu espírito exulta,*<sup>[109]</sup> conforme escreveu Lucas no seu Evangelho.

Foram estes os três dias mais felizes: o primeiro, o dos Esponsais; o segundo, o da Incarnação; o terceiro, o da Visitação. Desta Visita, logo, logo será instituído pelo actual pontífice, autor de muitas coisas más e de muitas coisas boas, devoto, contudo, da Virgem, um novo ofício a que o Pastor eleito e singular acrescentará várias passagens desta revelação. E para que possa celebrar-se de modo mais solene, celebre-se depois da oitava do Precursor ou dos apóstolos Pedro e Paulo, cuja oitava se deve celebrar com maior solenidade. E de todos os outros apóstolos que não têm oitava celebre-se uma oitava como é agora a dos apóstolos Pedro e Paulo. Os apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo, que tanto tempo labutaram pela salvação dos homens, devem ser tratados com maior reverência. Estava presente Ana, estava presente José. Ouviam a linguagem humana, não ouviam a angélica. Estavam, todavia, também eles cheios de alegria e admiravam-se do que se dizia.

Maria ficou com sua prima até Isabel dar à luz o filho. Ensinava Isabel sobre a Lei de Deus e falou-lhe dos seus esponsais, da sua anterior permanência no Templo, e muitas vezes falava com João na nossa língua. Zacarias assistiu a todas as alegrias acontecidas em sua casa, mas não viu mais do que viram Ana ou José. Por fim, João, sob a observação e a bênção de Cristo a partir do ventre da Virgem, saiu do ventre de sua mãe, com Maria e Ana a recebê-lo e a proferir estas palavras, ao modo de um cântico:

Saia o soldado ante seu Rei, avance o servo ante seu Senhor.

O arauto precederá o Juiz, a palavra anunciará o Verbo.

Ó estéril, tão abençoada e em tão nobre filho tão sublimada, **[fl. 96]**

Concebeste-o já purificado, deste-o à luz de todo o bem aumentado.

Vinho e cerveja não beberá, o que pode embriagar recusará.

Mel e gafanhotos no deserto comerá e ao Deus único servirá.

Ouviu o pai seu nome pelo anjo ser chamado, ouviu-o a mãe ser chamado por meu Filho.

Por não ter acreditado, o pai emudeceu, Deus a sua língua soltou.

Glorifiquemos a Deus quantos vemos seu precursor

Tudo o mais relativo ao nascimento deste mais que profeta, meu caro, o sabes pelo Evangelho. Foi admirável o nascimento desta criança e encheu de satisfação os anjos e de admiração e alegria os homens. Daí que, até hoje, quase todos se regozijem nessa noite e mais se hão-de regozijar ainda.

Enquanto Maria estava em casa de Zacarias, Joaquim, homem santo, preocupado com a filha, foi ao seu encontro. E quando João nasceu, estava presente juntamente com José. Nascido o menino e completados os três dias de alegria, Maria voltou para sua casa com aqueles em cuja companhia viera e com seu pai, Joaquim, demorando o mesmo tempo da ida. Fica a saber que Maria deu à luz sozinha, sem qualquer dor, Isabel com pouca, Ana com menos.

Sob o meu conselho, José levou Maria, sem qualquer aparato, para sua casa. Com temor de Deus, em santidade e justiça, andavam na presença de Deus, entregavam-se continuamente à contemplação e às boas obras. Entretanto, trabalhavam com as próprias mãos e viviam do seu trabalho. Nós, anjos, estávamos assiduamente presentes e servíamos a nossa ínclita Rainha que em seu ventre trazia o Rei.

Por fim, enquanto se completavam os dias de Maria dar à luz, saiu um edito para que todo o mundo se recenseasse. José com Maria e os familiares, Joaquim com muitos outros, subiram até Belém, porque quer José, quer Joaquim eram da tribo de Judá e da casa de David. E, dado que um grande número de pessoas confluía ao mesmo tempo e a hora era tardia, descansaram num albergue da cidade de Belém. E pela meia-noite deu à luz do modo que a Virgem Rainha revelou a uma muito devota senhora cujo túmulo se encontra em S. Lourenço de Panisperva, onde monjas da tua Ordem vivem de forma pouco correcta. Chamava-se essa devotíssima senhora Brígida da Suécia, que mereceu receber várias revelações, cuja ordem expandirá o Pastor que está para vir. Na realidade, muito tempo orou para que lhe fosse revelado o modo do nascimento de Cristo Senhor. E

enquanto se encaminhavam para a cidade de Belém, viu como estava a Virgem, para onde estava voltada, onde se situavam o boi e o burro, como Cristo saiu do ventre, como a própria Mãe e José o adoravam. Estas coisas aconteceram do modo como lhe foi revelado e estão escritas no seu livro, as quais, assim como outras revelações da mesma, não hão-de ser desconhecidas do Pastor que Deus deve enviar. E, assim, intacta, Maria deu à luz; do seu útero fechado saiu o Senhor, do mesmo modo que, com as portas fechadas, entrou para junto dos discípulos. [fl. 97] E Maria, com incomensurável alegria, com indizível satisfação, com inconcebível exultação, deu à luz o Senhor. Ao ver e ao observar simultaneamente a sua divindade e a sua humanidade e ao adorar o menino nascido de modo inefável, adorava-o chamando-o ora filho, ora pai, ora nascido, ora criador, ora criatura, ora autor. E enquanto o adorava, enquanto envolvia, ela mesma e não qualquer outro, aquele puríssimo e alvíssimo corpinho em limpíssimas e novas faixas, assim cantava ao Senhor e convidava o mundo e a nós anjos:

Vinde, adoremo-lo, porque ele é o Senhor, nosso Deus.

Este é o Verbo Eterno, que agora está sujeito ao nosso tempo.

Este, gerado antes de todos os tempos, é aqui gerado depois de muitos séculos.

É filho só do Eterno Pai, é filho só de Mãe temporal.

Ele, que gerou todas as criaturas, é gerado agora no fim de muitos tempos.

Nenhuma criatura lhe é anterior, ele é posterior a toda a natureza.

Aquele que plasmou o homem, é ele mesmo agora feito pelo homem.

Vinde, adoremo-lo, porque ele é o Senhor, nosso Deus.

Aquele que criou todos os anjos, é ele concebido, tendo os anjos a anunciá-lo.

Aquele que formou os Céus e os anjos, precisou ele do ministério deles,

Aquele que criou o calor e serviu os outros, é ele agora protegido e aquecido por mim,

Aquele que tudo envolve, é ele agora estreitado em meus braços,  
Aquele a quem ninguém pôde tocar, recebe agora os meus beijos,  
Aquele que tudo move e transporta, transporto-o eu, elevo-o e movo-o.  
Vinde, adoremo-lo, porque ele é o Senhor, nosso Deus.

Aquele que estendeu os Céus como uma pele,<sup>[110]</sup> estende-se ele agora  
sobre os meus joelhos,

Aquele que Terra e Céus contém na palma da mão, jaze ele envolvido e  
cingido por uma faixa,

As mãos que tudo envolvem, permanecem agora fortemente atadas,

Aquele por quem tudo é alimentado e mantido, mantém-se ele agora e  
alimenta-se com um pouco de leite,

Aquele a quem os Céus não podem conter encerra-se agora em estreita  
manjedoura,

Aquele que tudo acalenta e alegra solta vagidos agora e é aquecido pelo  
burro e pelo boi.

Vinde, adoremo-lo, porque ele é o Senhor, nosso Deus.

Entretanto, dado que de novo ali convergira a milícia do exército celeste,  
mandei eu, Gabriel, um anjo que anunciasse aos pastores o nascimento do  
Senhor, como também agora anuncio ao futuro Pastor estas coisas. Foi  
anunciado principalmente aos pastores porque os Pastores da Igreja de  
Deus devem conhecer os segredos e dá-los a conhecer aos outros. E, depois  
de Maria haver reclinado o menino Jesus no presépio, os pastores, de cuja  
chegada Maria havia tido prévio conhecimento, aproximaram-se. Por isso,  
continuava o salmo, dizendo:

O boi conhece o seu dono e o burro, o curral de seu senhor.

O seu povo não o reconheceu e nem o receberá.

Eis que o nosso Deus vem visitar e redimir seu povo.

E enquanto os Pastores entravam e procuravam o presépio do Senhor,

José e Maria indicavam-lho. E vendo os sinais dados pelo anjo, enquanto humildemente o adoravam, louvavam e engrandeciam a Deus. E, porque lhes havia enviado [fl. 98] o Salvador, davam graças e, com cânticos de louvor, voltaram ao lugar de onde tinham vindo. Quanto a nós anjos, todos adorámos de novo o Rei e a Rainha e a cada um prometemos obediência e submissão. Anunciámos esta grande alegria, cantámos glória a Deus nas alturas, louvámos a Deus, bendissemos, adorámos, glorificámos, demos graças. Uns retiraram-se, muitos ficaram comigo na companhia da nossa Rainha.

De seguida, três sábios em conhecimento humano, que governavam povos orientais, vieram ao encontro de Maria e de Jesus. Na verdade, os Céus haviam dado testemunho da chegada de tão grande Rei, e neles estava escrito o nascimento do Supremo e Divino Profeta. E, para congregar judeus com gentios, Deus criou, no próprio dia do nascimento, uma nova estrela que, ao vê-la, os Magos compreenderam claramente que havia nascido o Rei que sabiam estar para nascer. Com efeito, haviam recebido também a profecia relativa a este assunto. Mas estas coisas, assim como o que se relaciona com a adoração deles, acham-se já entre vós escritas, por isso passo à frente. E o mesmo sobre a circuncisão do Senhor. Quando os Magos adoraram o Senhor, foram por ele intimamente instruídos e profundamente ensinados sobre o que lhes era necessário.

O porquê e o como Herodes se atemorizou e nem por isso matou de imediato as crianças, acha-se entre vós escrito.

Maria ficou aí com José até ao quadragésimo dia. Os familiares de Joaquim regressaram a Nazaré. E, para darem cumprimento à Lei, passados os dias da purificação de Maria, subiram a Jerusalém, como escreve Lucas. Herodes tomou conhecimento do que se dizia e pensava, dizendo: É este o Rei que os Magos procuravam. Muita coisa era sobre ele anunciada por Simeão e pela profetiza Ana. Fez então publicar um edito relativo ao extermínio das crianças.

José fugiu para o Egipto com Maria e, no caminho, o Menino Jesus fez

muita coisa digna de admiração, algumas das quais se acham entre vós escritas, como a da árvore que se inclinou para Maria quando quis colher-lhe os frutos, e a de um rapaz leproso que, logo que se lavou na água do banho do Menino Jesus, ficou curado, depois tornou-se ladrão e criminoso e, sendo preso e crucificado com o Senhor, acreditou nele e mereceu ouvir: *Hoje estarás comigo no Paraíso*. Do mesmo modo, em todo o lugar por onde passava, através do Egípto, os ídolos egípcios tombavam.<sup>[111]</sup>

Fica a saber e presta atenção a que o Menino Jesus, desde o início de sua concepção, conhecia todos os géneros e espécies e variedades de línguas e nunca o conhecimento lhe foi vedado pela carne e pelos sentidos. Daí poder sempre falar e, por vezes, falava só com a mãe, mas no primeiro ano nunca falou na presença de estranhos. No segundo, começou a falar diante de José e com ele mesmo. No terceiro, falava expeditamente diante de todos, não sem admiração deles.

Tendo morrido Herodes enquanto Jesus, Maria e José se mantinham no Egípto, enviei um anjo a avisar José que voltasse à sua terra porque tinham morrido os que procuravam a vida do Menino. José não via os anjos assiduamente como Maria, mas muitas vezes estes apareciam-lhe em sonhos.

Jesus viveu, pois, em Nazaré com José, que era tido por seu pai, e com Maria, sua mãe verdadeira. Ensinavam os ignorantes, consolavam os tristes e os aflitos, compadeciam-se dos doentes de espírito e do corpo e, muitas vezes, **[fl. 99]** curava os enfermos orando e tocando-lhes, e socorria os pobres às escondidas, de modo que não sabiam aqueles de onde lhes vinha a cura, ou estes como obtinham o trigo ou o vinho ou o azeite, porque toda a criatura dependia do poder dele. Podia tudo fazer com uma só palavra, porque ele é o Verbo verdadeiro. E, embora fosse pobre, ninguém, contudo, era mais rico do que ele, porque todos os tesouros do mundo lhe pertenciam. Queria, na verdade, sofrer ele mesmo a fome e a sede e suportar as fadigas corporais para merecer e satisfazer por vós. Por isso insistia e se entregava permanentemente à oração e à contemplação para acumular para vós homens um imenso tesouro.

Crê em mim, meu caro, que, se o mundo durasse por mil milhares de anos, nunca os méritos de Cristo Homem poderiam esgotar-se. As vossas obras valem tanto quanto são por Deus aceites. São tanto mais aceites quanto são realizadas pela pessoa mais querida. Daí que a mais pequena obra daquela criança e daquele homem fosse mais grata do que as maiores acções de quaisquer outros. Com estes méritos preparou para o homem, na Casa de seu Pai, muitas moradas. Passava ele fome para vós comerdes, sofria a sede para beberdes, trabalhava para descansardes, velava para poderdes dormir, contemplava para vós verdes a Deus. Quantos foram os merecimentos de Maria, sua Mãe? Muitos, certamente. Também José mereceu muito. Todavia, o Menino Jesus, tendo ele fome e sede, compadecia-se da mãe, compadecia-se também daquele que o criava e socorria-os com a sua graça para não terem fome ou sede, matando-lhes a fome sem alimento corporal, pelo modo que ele sabia. E muitas vezes ordenava que lhes fosse levado alimento pelos anjos meus irmãos. E às vezes fazia aparecer aquilo que sabia que eles queriam ou desejavam. E quando subiam a Jerusalém, prestava-lhes a eles e a todos os parentes, aos irmãos de José, de Joaquim e de Ana, todas as ajudas e confortos, de tal modo que quase não sentiam a dificuldade do caminho. Por vezes Maria, segurando-o nos braços criança ainda, e olhando-o, já crescido, em seu colo ou sentado junto de si, e observando suas belas mãos e pés e todo o pequeno corpo, chorava ao pensar nas dores que na altura da Paixão deveria sentir naqueles membros, e sofria dolorosamente, chorava, afligia-se. Dizia consigo, em seu coração: “Duros cravos hão-de perfurar estas mãos e estes pés. Este lado será trespassado pela lança. Esta cabeça vai ser pungida com crudelíssimos espinhos.” Jesus, então, ao aperceber-se da dor de sua Mãe, confortava-a e, por vezes, manifestava-lhe a sua divindade para que toda a dor e toda a pena cessassem e o seu coração fosse inundado de imenso gozo. Suscitava em seu espírito a glória futura do corpo depois da Ressurreição. E, assim, o coração de Maria enchia-se de alegria e gozo.

Em toda a sua infância nada fez de pueril, porque era homem perfeito.

E, se às vezes convivía com crianças, nessa convivência mostrava maturidade de homem. Não havia nele [fl. 100] frivolidade ou insensatez juvenis.<sup>[112]</sup> Pelo contrário, em todo o seu agir havia merecimento, porque rodeava toda a sua acção das devidas circunstâncias e dirigia-a para Deus, não só como convém a um jovem enquanto jovem, mas também a uma criança enquanto é criança, e a um não nascido antes de nascer. Na verdade, nem no útero de Maria permaneceu em vão, porque começou a merecer desde o primeiro instante da sua concepção. E enquanto era adolescente e jovem fazia o que fica bem a um adolescente e a um jovem. Daí, obedecer à Mãe e ao preceptor e manifestar-lhes reverência em público e também em particular. Mas, em segredo, também eles o reverenciavam, sobretudo Maria, que muitas vezes tinha visto a sua divindade.

Mas quando Jesus completou doze anos, como escreve Lucas, quis então mostrar diante dos homens, na cidade de Jerusalém, a doutrina que havia recebido de Deus, para que mais facilmente acreditassem nele. Entrou, pois, com grande gravidade e dignidade para junto dos doutores, que olhavam a sua face como a face de um anjo e lhe cederam um lugar no meio, tocados por instigação divina de uma certa reverência para com ele. Ao entrar, tinha-lhes dito: “Que a paz esteja convosco, príncipes versados na Lei Divina. Gostaria de vos ouvir e de vos interrogar.” Estas palavras e a sua figura comoveram-nos.

Jesus, sentando-se, assim começou a falar: *É grande o nosso Deus e grande é o seu poder, a sua sabedoria não tem limites, nem a sua grandeza tem fim.*<sup>[113]</sup> O Deus Vivo e Verdadeiro não é só nosso Deus, mas de todos os homens, de todos os anjos, e mesmo, de todas as criaturas. É, contudo, chamado nosso Deus porque nós somos o seu povo particular. Falou aos nossos pais e deu-lhes a Lei. Héber, em razão do qual nos chamamos Hebreus, foi aquele de quem descendeu Abraão, como sabeis. Abraão foi a tal ponto íntimo de Deus que mereceu ser chamado amigo de Deus. A ele, por causa da sua obediência perfeita, uma vez que não queria poupar o próprio filho, sacrificando-o por ordem de Deus, prometeu Deus abençoar na sua descendência todas as

nações porque, na verdade, ele não recusou sacrificar seu filho único à ordem de Deus. A concretizar-se isto, privava-se da paternidade de filho tão importante como foi Isaac. Por isso, disse Deus: *Porque me não recusaste o teu filho único, hei-de abençoar-te e hei-de dar-te o meu Filho Único para seres seu pai, e hei-de multiplicar a tua descendência por meio do meu Filho Único, que será também teu, segundo a carne, como as estrelas do Céu e como a areia da praia,*<sup>[114]</sup> porque nenhum se salvará senão por intermédio deste Filho e de seus méritos.

A tal ponto amou Deus os nossos pais que quis ser chamado Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob. Deste terceiro descende todo o nosso povo e toda a nossa raça, repartida em doze tribos. Depois de Jacob escolheu José, Moisés e Aarão e neles depositou seus sinais e prodígios. Muitos se seguiram a eles até Samuel e David, a quem prometeu também dar um filho que fosse filho de David e filho de Deus. Em nosso povo suscitou Deus tantos profetas: Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e muitos outros, mas chamados os doze! Por isso, pois, se chama nosso Deus, porque *com nenhum outro povo ele agiu assim,*<sup>[115]</sup> isto é, a nenhuma nação fez o mesmo, facultou tão grande graça, concedeu tão grandes dons. **[101]** Daí seguir-se: *E não lhes manifestou deste modo os seus juízos, ou seja, a sua Lei e a sua vontade.* A eles, na verdade, inscreveu-lhes a lei nos próprios corações. Mas a nós falou-nos Deus claramente e revelou-nos muita coisa que não está escrita em nossos corações. Portanto, pode verdadeiramente chamar-se nosso.

Mas porquê mais nosso que dos anjos? Levanta isto uma grande dificuldade. Na verdade, os anjos são seus filhos, mais semelhantes a si e mais próximos em razão da natureza. É este um grande mistério, este um admirável sacramento, desconhecido ainda dos doutores da Lei, conhecido dos profetas e patriarcas. Este nó não pode desatar-se se não concedermos que Deus deu ao homem maiores e mais abundantes dons que aos anjos.

Ouvistes dizer e acreditastes que está para vir o Messias que esperais. É homem e é Deus aquele a quem a virgem concebeu e deu à luz, e o seu nome é Emanuel, quer dizer, Deus connosco, Deus na nossa carne, Deus

na nossa humanidade, é Deus e homem. *Nasceu-nos um menino e foi-nos dado um filho.*<sup>[116]</sup> O seu nome será Tetragrama. Isto não foi concedido aos anjos, nenhum anjo é Deus. Mas o homem é Deus e Deus é homem. Por isso, mais nosso que dos anjos. E, sendo grandes todas as obras de Deus, esta é a maior. E isto já Deus o realizou. Por isso, grande é Deus, e é o nosso Deus, grande é o seu poder, enviou de Sião a vara do poder, dominará no meio de seus inimigos, entregou já ao seu povo o poder. Mas o poder de Deus é o próprio Deus. Como pode isto acontecer? A sabedoria de Deus é Deus. Ele mesmo sabe como a sua força e a sua sabedoria poderão fazer que a força e a sabedoria de Deus se tornem Homem. Não há limites, não há medida para a sua sabedoria e nem fim algum para a sua grandeza. Ninguém, na verdade, pode dizer “Deus tem esta perfeição” ou “Deus tem apenas estas perfeições”, ele em quem se contém a perfeição das coisas que existem, existiram ou existirão. A sua grandeza é eterna, sem princípio nem fim, e tem em si, de modo absoluto, todo o presente em simultâneo. Pergunto-vos agora se julgais que chegou o Messias prometido na Lei e nos Profetas.

Quem és tu, belo, sapientíssimo e divino jovem que dizes tão admiráveis coisas, respondeu-lhe um dos doutores? Depois, responderemos à tua interrogação.

Quem eu sou sabê-lo-eis facilmente, respondeu Jesus, se souberdes responder ao que vos pergunto.

Acreditamos que virá em breve, disse um deles, porque, segundo a estátua de Nabucodonosor, chegou já o quarto reino que tem já os pés de barro. Mas ainda se não desprende do monte sem acção de mãos a pedra que há-de atingir a estátua nos pés de barro e ela destruir-se-á. E a pedra será aquele grande Monte porque, como diz Daniel: *Nos dias desses reinos, isto é, do quarto reino (na verdade, o primeiro foi o dos Assírios, o segundo o dos Persas e dos Medos, o terceiro o dos Macedónios e dos Gregos, o quarto o dos Romanos), o Deus do Céu suscitará para si um reino que jamais será destruído, reino que não será entregue a outro povo.*<sup>[117]</sup> Quando, pois, virmos a pedra desprender-se do monte sem acção de mãos, será então o sinal do

advento do nosso Messias.

Tu, disse então o sapientíssimo jovem, entendes a pedra como algo insensível. O profeta não entende assim, mas essa pedra é o próprio Messias. Ele, de facto, é figurado pela pedra. [fl.102] Daí escrever-se em outro lugar: *A pedra rejeitada pelos construtores tornou-se a pedra angular.*<sup>[118]</sup>

Pelo contrário, disse o doutor, entende-se à letra a pedra que se há-de desprender do monte sem acção de mãos, pois os homens não se desprendem do monte.

É o espírito que vivifica, respondeu Jesus. Convém que na visão haja compreensão. O monte de que se desprenderá a pedra, ou melhor, já se desprende, é um monte alto, sublime, excelso, divino, imaculado. A Mãe do Messias é virgem, segundo o testemunho do profeta Isaías, porque concebeu pelo poder divino e deu à luz sem a intervenção de homem. Por isso se diz desprendido sem mãos.

Se se tivesse desprendido, disse então o doutor, e já tivesse vindo, como dizes, o grande Profeta, já teria atingido a estátua, porque diz: desprendeuse e atingiu.

Desprendeuse, respondeu Jesus, e atingirá a seu tempo. O profeta não diz que atingirá logo que se haja desprendido.

Se o Messias tivesse já vindo, disse outro doutor, esta Casa e este Templo em que nos encontramos estariam cheios de glória. Pois assim escreve o profeta Ageu: *Ainda um pouco, diz o Senhor, e eu abalarei o céu e a terra, os mares e os continentes, e chegará o dia desejado por todos os povos, e a casa do Senhor encher-se-á de glória.* E segue-se: *A glória deste último Templo será maior que a do primeiro.*<sup>[119]</sup> Isto diz o profeta. Esta glória ainda a não vimos.

Portanto, como será verdadeira, disse então Jesus, a profecia do nosso pai Jacob quando, ao abençoar Judá, disse: *O ceptro não será tirado a Judá, nem a vara do poder de entre seus pés, até que venha o Messias. E ele será a esperança dos povos.*<sup>[120]</sup> O ceptro foi retirado da nossa Casa há cerca de quarenta anos. Não descreveu claramente Daniel pelas setenta semanas o tempo e o advento de Cristo Chefe e os muitos males prestes a virem sobre esta cidade

e o Templo? Em verdade, em verdade vos digo, aqui não restará pedra sobre pedra, por causa da obstinação da nossa gente.

Todos, na verdade, se admiravam das suas respostas e da sua ampla e clara doutrina. Interrogavam-se dizendo “Como conhece as Escrituras se não estudou?” ou “Onde as aprendeu?”

Se estudasse cem anos, disse outro, nunca poderia aprender tanto. É algo de divino, isto é obra de Deus!

E porque a hora era tardia, com espanto e algum deslumbramento retiraram-se para suas casas. E muitos deles diziam entre si: “É ele provavelmente o Messias”. E empenhadamente procuravam saber a quem pertencia, ou seja, de que linhagem ou de que família. E chegaram a saber que era de Nazaré, filho de José e Maria, e foi dito que o seu nome era Jesus.

Disseram, então, alguns: “O seu nome não deve ser assim pronunciado”. Outros, que sim. E adiaram para o dia seguinte.

No segundo dia, portanto, encaminharam-se os doutores para o local habitual. E uma vez que Maria e José haviam partido, Jesus, naquela noite, para fazer a vontade do Pai Eterno, ficou junto aos sacerdotes do Templo que veneravam Maria e consideravam que Jesus era o Messias. No dia seguinte, como disse, reuniram-se os doutores para ouvirem as agradáveis palavras daquele santo menino Jesus.

O nome do Messias, dizia um, deve chamar-se Emanuel, ou Admirável, ou Conselheiro, ou, resumindo tudo num único vocábulo, Anjo do Grande Conselho.

Dizia outro que o Messias haveria de nascer em **[fl. 103]** Belém e não em Nazaré.

O Messias quando vier, ninguém saberá, dizia um terceiro.

O Messias, dizia o quarto, não terá pai, pois uma virgem o conceberá.

No tempo do Messias, dizia o quinto, os animais selvagens e as feras tornar-se-ão mansos e domésticos.

O Messias porá, disse o sexto, o Monte da Casa do Senhor no topo dos outros montes. Se este fizer isso, é ele.

O Messias levantará um grande templo ao Senhor, disse o sétimo, e terá uma descendência duradoura. Se fizer isto, é ele.

Todos os povos convergirão para o Messias, disse o oitavo. Se confluírem para este, é ele.

Uma razão a seu favor, disse o nono, é que nascerá em tempo de paz. E nunca houve tanta paz no mundo, quanta há hoje.

Não pode ser ele, disse o décimo, porque o Messias virá nos últimos dias. Não são ainda os últimos dias.

O primeiro aduzia como seu testemunho Isaías, que diz: *Chamar-se-á Emanuel*. E noutro passo: *Chamar-se-á Admirável, Conselheiro*,<sup>[121]</sup> ou, como disseram outros, abrangendo tudo num único nome: *Chamar-se-á Anjo do Grande Conselho*, o que concorda com o passo de Malaquias: *E imediatamente virá ao seu Templo o Dominador a quem vós procurais e o Anjo do Testamento a quem desejais*.<sup>[122]</sup>

Aduzia o segundo a seu favor o profeta Miqueias, que diz: *Mas tu, Belém Efratá, és pequena entre as tribos de Judá*. Mas acrescenta, não serás pequena, na verdade, de ti há-de sair aquele que há-de governar o povo de Israel.<sup>[123]</sup>

O terceiro aduzia uma explicação: Porque as coisas grandes ultrapassam a nossa razão. E estas são as maiores.

O quarto aduzia Isaías: *Eis que a virgem conceberá e* (acrescenta: permanecendo virgem,) *dará à luz um filho*.<sup>[124]</sup>

O quinto aduzia também o mesmo profeta, que diz: *O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo deitar-se-á junto do cabrito. O bezerro e o leão e a ovelha viverão juntos, e uma criança conduzi-los-á. Pastarão juntos o bezerro e o urso, e juntos repousarão os seus filhos. E o leão comerá palha com o boi. A criança de peito brincará junto à toca da áspide, e a que tiver sido desmamada introduzirá a sua mão na toca do basilisco*.<sup>[125]</sup>

Também o sexto e igualmente o oitavo e o décimo aduziam o testemunho do mesmo profeta, que diz: *No fim dos tempos acontecerá que o Monte da Casa do Senhor estará colocado no cume dos montes, e a ele acorrerão todos os povos*.<sup>[126]</sup> O décimo apoiava-se nesta afirmação: *Acontecerá no fim dos tempos, e*

dizia não ser então o fim dos tempos. O sexto dizia que as palavras da profecia afirmam claramente que o Monte Sião deve elevar-se acima do Monte Sinai e do Carmelo e do Tabor de tal modo que o Messias colocará o Carmelo sobre o Monte Sinai, sobre este o Tabor e sobre o cimo do Tabor colocará o Monte Sião. E, assim, *Sião estará no cume dos montes e dominará as colinas.*<sup>[127]</sup>

Eis que a profecia, dizia o oitavo, é clara ao dizer: *Acorrerão a ele todos os povos,*<sup>[128]</sup> nos termos do passo do patriarca Jacob: *Ele será a esperança dos povos;*<sup>[129]</sup> e de Ageu: *Eis que chegará o desejado de todos os povos.*<sup>[130]</sup>

O sétimo aduzia, entre outros, Zacarias e Isaías, sobre a edificação do Templo e a perpetuação da sua descendência.

Outros doutores aduziam a profecia do patriarca Jacob sobre a retirada do ceptro e diziam que o Messias já tinha vindo. Outros, também, confirmavam o mesmo com o testemunho de Daniel, a quem eu apareci e disse: *Foram fixadas a teu povo e á tua [fl. 104] Cidade Santa setenta semanas, e será destruída a iniquidade e abolido o pecado, e será instaurada justiça eterna, e o Santo dos Santos será unguido. Fica, pois, a saber e presta atenção a que, desde a publicação do decreto e da régia concessão para que se possa reconstruir Jerusalém e o Templo, desde essa concessão, digo, até a um chefe unguido, decorrerão sessenta e nove semanas e, no meio da septuagésima semana, o unguido será eliminado. E não será seu povo, este que agora o é, porque não acreditará nele, mas negá-lo-á.*<sup>[131]</sup> E acrescentei a destruição da cidade e do Templo levada a cabo pelos romanos por causa da perfídia dos Judeus.

Avancei-te a profecia no sentido em que a transmiti a Daniel, porque no cômputo destas semanas se usa de muitos modos. Mas a sua numeração deve começar na licença dada pelo rei Artaxerxes “Que a cidade destruída possa não só ser habitada, mas também reedificada”, até à pregação de Cristo. A última semana compreende a sua pregação e morte e ressurreição, a instituição e promulgação da sua Lei, e estender-se-á até à conversão de Paulo e à promulgação da Lei feita por ele de um modo admirável. Por isso, uma só semana, ou seja, a última, confirmará o pacto com muitos, porque

promulgará a nova Lei, não por todo o mundo, mas a muitos de entre judeus e gentios. E a meio da semana cessará o sacrifício e a vítima, porque então Cristo, que se ofereceu por vós e que é o sacrifício e a vítima, sucumbiu e morreu. Porque esta profecia é minha, quis comunicar-ta. Por semana entendi, de acordo com o que os vossos explicam, sete anos.

Mas voltemos aos doutores que disputavam enquanto Jesus, sentado no meio deles, ouvia. Diziam, pois, que o tempo do Messias já quase tinha chegado, porque contavam as semanas, cada um de seu modo. Finalmente concluíam que ele já nascera ou, pelo menos, estava para nascer. E alguns diziam: “Se já nasceu, que outro pode ser senão este jovem ou aquele que vive no deserto e se alimenta de mel e gafanhotos, a cujo pai o anjo (que era eu) apareceu neste Templo?”

E havia, assim, uma dissidência entre os doutores, e todos ansiavam que Jesus dissesse alguma coisa, mas tinham vergonha de o interrogar. Ele, então, de aspecto grave, brilhando e resplandecendo nele a força da divindade, começou a falar nestes termos: *Deus mostrou-se nas suas cidadelas um baluarte seguro.*<sup>[132]</sup> Primeiro disputais sobre o nome do Messias, depois perguntais se já veio ou se virá cedo ou tarde. Satisfazeis-vos com a forma da Escritura, o seu cerne nem o vedes, nem o saboreais. Na verdade, Deus disse: Será conhecido, ouvido e compreendido nestas moradas e neste Templo e nesta nação, quando revestir e assumir a humanidade, que já assumiu.<sup>[133]</sup> É costume que um homem seja conhecido por um único nome próprio. Todavia, às vezes, costuma dar-se vários nomes ao mesmo, se tem dois nomes ou mais. Costuma um homem, em razão de qualquer facto, acidente ou condição, arranjar para si um nome, do mesmo modo que a primeira mãe da humanidade foi chamada virago, porque tirada do homem, e Abrão, Abraão, **[fl. 105]** e Jacob, Israel, e Salomão, Idida ou Eclesiastes. E muitos outros ganham um apelido em razão do parentesco ou da terra, como a sunamita<sup>[134]</sup> e o tesbita<sup>[135]</sup>. E de vários outros modos se costuma atribuir nomes a uma e mesma pessoa. Não nos dirigimos ao próprio Deus do Céu e o invocamos com muitos nomes? Habitualmente, todavia, usa-se

mais um nome, sobretudo quando é o próprio e foi dado na circuncisão. Que admira, pois, se na Escritura o Messias é designado com muitos nomes? Não o chamais Messias? E, todavia, a Escritura não diz claramente que se chamará Messias. Foi chamado, porém, e pode chamar-se com muitos nomes, embora habitualmente e por imposição se designe com um único nome.

Ele chama-se Admirável, porque autor de obras admiráveis. Ele, Conselheiro, porque o talento, a sabedoria e o conselho de Deus Pai Eterno. O seu nome não é, pois, de Deus, mas Deus, porque o seu nome é Tetragrama, de acordo com o profeta Jeremias: *David fará surgir uma descendência justa, e o rei governará com sabedoria e exercerá na Terra o direito e a justiça.*<sup>[136]</sup> É este o nome com que o próprio Messias será chamado: Tetragrama. O seu nome, pois, será Deus, segundo o testemunho de ambos os profetas, nome que nenhum de vós referiu.

Ele é chamado Forte, porque, leão da tribo de Judá, vencerá, dominará e esmagará a cabeça de seus inimigos.

Ele é chamado Pai do Futuro Século, porque fundará uma nova lei, será a cabeça do povo dos crentes, maior que Abraão, maior que Moisés, maior que David.

Ele será chamado Príncipe da Paz Eterna. Reconciliará os homens com Deus e atrairá os que andavam afastados dele. E juntará, aí, duas paredes muito separadas. Porá fim ao medo, fará crescer o amor e, ele mesmo, afável, humilde, pacífico, ensinará a tranquilidade, pregará, anunciará e ordenará a paz para a salvação. Por isso será, com razão, chamado Príncipe da Paz e Rei Pacífico, prefigurado por Salomão, filho de David, que, posto que haja praticado muitos males, fez, todavia, penitência e compôs, sob a acção do Espírito Santo, o Livro do Eclesiastes e revestiu de sentido vários o Cântico dos Cânticos.

Porque será chamado Deus e conviverá com os homens, diz, por isso, o profeta: *Será chamado Emanuel.*<sup>[137]</sup>

E porque despojará o inferno, tirará e extirpará o pecado e se apressará

a auxiliar os homens, por tudo isso se diz noutro passo: *Tira, Expolia, Apressa-te*. E outros, do mesmo modo escritos nos profetas, se poderiam aduzir e expor, que deixo ficar.

Diz-se noutro passo: *O seu nome será aquele que a boca do Senhor determinou*.<sup>[138]</sup> Da boca do homem procedem duas coisas: o sopro ou espírito e a palavra. Também da boca de Deus Pai Eterno procede o Verbo. Ele mesmo, na verdade, gera em sua mente eterna o Filho, igual a si em tudo, Filho que é o seu Verbo e a imagem da sua substância. Produz também outro, que se chama Espírito da boca de Deus e não Verbo da boca de Deus.

Não se chama o nome do Messias também Salvação, como declara o profeta: *Todos os confins da Terra puderam ver a salvação do nosso Deus*?<sup>[139]</sup> E, noutro passo: *Exultarei em Deus, minha salvação*?<sup>[140]</sup> Porque ele mesmo é a salvação do povo e por ele será abolida a prevaricação, o pecado e a iniquidade, justamente se chama Salvador. E, na verdade, neste nome parecem estar contidos **[fl. 106]** todos os outros nomes. Se, realmente, não fosse Deus, e Forte, e Conselheiro, e Admirável, como salvaria? Se não espoliasse o inferno, tirasse o pecado e não fosse célere em ajudar, como salvaria se não fosse Salvador? Como pode chamar-se *Expolia, Tira, Apressa-te*? E para que vós saibais que eu li os Setenta que, ao traduzirem a nossa Lei para os gentios, em vez dos nomes Admirável, Conselheiro, Senhor Forte, Pai do Futuro Século, Príncipe da Paz, usaram um único nome: Anjo do Grande Conselho. Nesta expressão concentraram todas as circunstâncias, como se dissessem: Exponhamos ao rei gentio de forma menos clara, não o designemos por todos os nomes, digamos “Anjo do Grande Conselho”, como Malaquias disse *Anjo do Novo e do Antigo Testamento*. Na verdade, ambos os Testamentos estão escritos acerca dele, ambos se fundam nele, é ele o autor de ambos. Que o nome se não constitua para vós em impedimento, nem a extraordinária concordância das Escrituras vos arrebathe a salvação e a esperança.

Dizia um de vós que o Messias haveria de nascer em Belém, segundo a profecia de Miqueias. E é verdade que era conveniente que o Messias saísse

do útero de sua Mãe em Belém. Por isso diz o profeta “*Sairá de ti*”; e não “*Entrará em ti*”. Em Nazaré entrou como Santo dos Santos no lugar Santo. Em Belém saiu como pão e refeição e alicerce da Casa de Israel e de todo o mundo. Por isso é o Messias nazareno e betlemítico. Quando, porém, se diz que ninguém saberá de onde é o Messias, isso não está certo, porque virá da tribo de Judá e da Casa de David e da cidade de Nazaré, pela concepção, e de Belém, pelo nascimento. E é verdade que, de tudo o que Deus fez, isto é o máximo, e a inteligência humana não pode, por causa do pecado pelo qual incorreu na errônea ignorância, compreender nem conhecer o modo da concepção e do nascimento. Pode, todavia, pelo testemunho da Escritura, saber onde nascerá e de que país.

O Messias terá também um pai, ou seja, Deus, nos termos desta afirmação: *Ele me invocará: tu és meu Pai, e eu o constituirei meu primogênito.*<sup>[141]</sup>

Isto afirma-se do Messias cuja figura, em muitos aspectos, incarnou o rei Salomão.

Terá igualmente uma mãe, sem pai, porque: *A mulher sozinha rodeará o homem;*<sup>[142]</sup> e: *A virgem conceberá e dará à luz;*<sup>[143]</sup> Mas nada obsta a que tenha um pai putativo que, contudo, será, também ele, virgem sem mancha.

E, assim, tacitamente mostrava que não era filho de José.

Mas os que dizem que os animais selvagens então se tornarão mansos, falam metaforicamente e por uma certa analogia, como também neste passo: *A justiça será o cinturão do seu dorso e a lealdade o cinto de seus rins.*<sup>[144]</sup> Porque o Messias juntará o lobo com o cordeiro, que é ele mesmo, e associará os gentios com os judeus, gentios a que chamais lobos e ursos e áspides e basiliscos, por isso assim está escrito, embora de novo: O Messias *dará aos seus o poder de pisar sobre serpentes e [fl. 107] escorpiões, de modo que nada lhes possa fazer mal, pois pegarão em serpentes e, se quiserem beber algo mortífero, nada lhes fará mal.*<sup>[145]</sup>

Por outro lado, que importa colocar o monte da Casa do Senhor no cume dos montes? Em verdade, em verdade vos digo que o Messias fará mais neste monte em que nos encontramos do que fez no Sinai e fará nos

outros montes, Carmelo e Tabor. E começaram já a verificar-se neste monte coisas misteriosas e, agora mesmo, estão a acontecer a vossos olhos, mas não vedes. Quando, porém, o grão de trigo morrer, então produzirá muito fruto. Mas antes estará só com o seu povo, e com ele muito pouco. Ele é, sem dúvida, a esperança dos gentios e o seu desejado. O seu povo negá-lo-á e, assim, chamará seu povo àquele que não é seu povo e sua nação àquela que não é sua nação.<sup>[146]</sup> Todavia ele vem primacialmente por causa das ovelhas da casa de Israel que pereceram. Levantará, porém, um grande Templo de pedras aparelhadas e vivas e escolhidas. A sua geração permanecerá para sempre e multiplicar-se-á. Será, por isso, duradoura e incontável, como foi prometido a Abraão, nosso pai, que a sua descendência se multiplicaria como as estrelas do Céu e a areia da praia.

Também os dias do Messias serão considerados os últimos, porque à sua Lei não sucederá outra dada por Deus. Serão considerados os últimos, também, porque se cumpriram muito tempo depois da visão dos profetas que assim falaram.

A estátua dos pés de barro em breve será atingida e cairá, e esta Casa assim como este Monte começaram já a encher-se de glória e encher-se-ão de maior glória ainda. E vistes aquele que começou a encher e ele mesmo, a quem também vistes, encherá. Mas deve lamentar-se, porque os que vêm não verão, e os que ouvem não entenderão. A soberba e a presunção são os primeiros e os piores pecados, cegam realmente os corações dos homens e levam-nos a incorrer em muitas coisas que não convêm.

Se, pois, padres, quiserdes humildemente conferir as afirmações dos profetas, chegareis à conclusão de que aquele profeta prometido a nossos pais já chegou. Ele é justamente chamado Messias porque foi ungido Sacerdote e Rei, não pelo óleo, mas por todos os dons e graças. Deveis abrir os olhos, deveis ver a verdade, para não andardes como cegos, mas para verdes a luz que está no meio de vós e, ao vê-la, tenhais a vida.

Neste segundo dia, acreditando Maria que ele estivesse na caravana dos homens, José, que estivesse na das mulheres e, permitindo Deus, o Senhor,

que a Mãe não viesse logo procurá-lo, doutores e sacerdotes do Templo, e outros que ali estavam, admiravam as posições de Jesus ao verem a sabedoria de Deus no menino. E muitos sacerdotes e doutores começaram a acreditar nele. E assim se concluiu a segunda disputa.

No terceiro dia, os doutores reuniram-se novamente e enchiam-se de admiração e comentavam entre si: “Este menino ou é o Messias ou é um anjo. E uma vez que **[fl. 108]** já chegou o tempo da vinda do Messias predito por Daniel, não é um anjo, mas é o Messias.” Alguns sacerdotes que conheciam a santidade de Maria e tinham aprendido muito com ela, que conheciam também o seu voto de virgindade e os milagrosos esponsais com um homem justo e santo, relataram aos doutores tudo de que haviam tomado conhecimento. Acrescentaram que, não obstante tais esponsais, poderia ser, e até ser assim. Haviam compreendido que Maria é virgem e nunca foi manchada, mas é pura e, o que é mais, que embora tenha concebido um filho, estava tão intacta como uma menina de sete anos. Muitos doutores acreditaram que ele era o Messias, mas para não serem escarneados pelos outros como insensatos por haverem ido logo acreditar, disfarçavam sua fé e sua crença. Cogitavam outros como poderiam saber se Maria era virgem como haviam dito os sacerdotes, o que depois investigaram. E, pelo testemunho das mais distintas e santas mulheres que conviviam prolongada e frequentemente com Maria, que haviam tomado conhecimento disso como certo, ficaram a saber que era verdadeiro o que os sacerdotes haviam dito. Na verdade, quis o Senhor que isso se soubesse para não terem qualquer desculpa para acreditarem nele. Portanto, muitos sacerdotes e doutores acreditavam em Jesus.

Nesta terceira disputa os doutores falavam, pois, com o jovem Jesus com maior reverência e veneração. Perguntavam se o Messias ia trazer outra Lei Nova ou iria confirmar a Antiga. E diziam alguns que iria apresentar uma nova Lei, aduzindo a posição de Daniel: *Ele firmará um pacto com muitos na última semana.*<sup>[147]</sup> Outros, pelo contrário, diziam que esta Lei é eterna, conforme disse o Senhor por intermédio de seus profetas. Outros

perguntavam se a Lei proibia o espírito e o pecado do coração ou só a mão e o pecado exterior, ou seja, a acção. E, enquanto discutiam, todos olhavam para Jesus, desejando ouvir alguma coisa de sua boca.

Cheio de sabedoria, o jovem Jesus começou a falar nestes termos: *Deus dos Exércitos, volta atrás e olha do Céu. Vê e visita esta vinha e protege o que a tua dextra plantou, e sobre o homem que confirmaste!*<sup>[148]</sup> A vinha do Senhor dos Exércitos é a Casa de Israel, para quem se voltou agora o Deus dos Exércitos. E uma vez que o seu poder nunca se mostrou maior, realizou maravilhas várias e dignas de espanto quando o Verbo se fez carne, por isso justamente é chamado Deus dos Exércitos. Quando voltou para vós o rosto da sua infinita clemência e vos enviou sua Face e sua Imagem e vos olhou com piedade e benignidade, viu-vos e visitou-vos. Oxalá também vós vejais e conheçais o tempo da vossa visitaçã e, ouvindo, ouçais e compreendendo, entendais. Eis que Deus visitou a vinha, protegê-la-á e não a exterminará. De facto, exterminou-a **[fl. 109]** o javali da floresta depois de haver enchido a Terra, e uma única fera a devorou depois de estender seus rebentos até ao mar e seus ramos até aos rios. E o Senhor, assim irado, havia destruído sua vedação, e vindimavam-na os que passavam no caminho.<sup>[149]</sup> Assim, agora, compadecido, protegê-la-á e lhe dará uma lei perfeita, que será nova e velha, a mesma e outra. O Decálogo existiu desde o princípio e permanecerá até ao fim, e não é decálogo, mas bílogo. O que quer que seja decretado é amor de Deus ou do próximo. E uma vez que apenas é decretado o amor, pode considerar-se monólogo, cujo preceito permanecerá para sempre. A lei é eterna, eterno o povo de Deus, eterna a casa de Israel, a descendência de Abraão nunca acabará, os eleitos de Deus viverão para sempre. Os sábados, as neoménias, os ritos da Lei, são figuras, são sinais, manter-se-ão nos seus significados e, por isso, não desaparecerão em absoluto. Portanto, a Lei de Deus é eterna e sempre a mesma, impõe sempre o amor. Mas quando e onde deve Deus ser preferentemente amado, está além do preceito, acresce ao amor. Os acidentes da Lei mudarão, a Lei, essa, permanecerá. A Lei é a mesma em sua natureza, outra no que acresce à natureza. É velha na

substância, nova nos acidentes. E uma vez que agora o amor se observa em razão das ameaças e do medo, desde agora os eleitos de Deus observarão o preceito do amor com amor. A Nova Lei é, pois, a Lei do amor, a Lei Antiga será designada Lei do temor. E digo-vos mais, que Lei do amor será considerada aquela Lei que antes se dizia do temor. Porque se o amor esteve sempre sob o preceito, muito mais estará agora e muito maior será o amor sob o preceito. E a graça e a caridade abundarão em muito maior quantidade nos corações dos fiéis, de tal modo que a primeira graça em comparação com a segunda se não chamará graça nem Lei da graça, como aconteceu até agora. A partir de agora, por causa da abundância da graça, não se designará Lei, mas graça e caridade. E uma vez que Deus conferiu aos homens a graça máxima e usou para com os homens da máxima caridade, homens a quem de servos fez irmãos, familiares e consanguíneos seus, e em cuja natureza se manifestou, por isso mostrou aos homens a máxima caridade. Os seus preceitos são, portanto, preceitos de amor, porque ordenou como irmão e tornado semelhante aos homens, não como senhor a quem se deve antes temor que amor. Não são necessários processos onde o amor é perfeito. Manter-se-ão, todavia, no amor e em algo equivalente. Deste modo, a Lei é sempiterna quanto aos preceitos necessários, sempiterna quanto aos outros no seu equivalente. Se, pois, os preceitos são sempiternos, proibiram sempre quer a mão, quer o espírito. Mas a vossa Lei, que Moisés vos deu, diz-se que proibia a mão e não o espírito, porque instituiu pena temporal para a má acção: *Olho por olho, dente por dente.*<sup>[150]</sup> À falta do espírito não aplicou pena alguma. Não se mata, na verdade, aquele que apenas deseja ou quer matar, e não se arranca o olho àquele que deseja arrancá-lo, a menos que mate ou arranque. Castigam-se também os que mostram alguns sinais da sua má vontade. Mas nenhuma pena é infligida pela Lei só em razão da vontade. Muito maior é, todavia, a maldade do coração que só a da acção, e mais, toda a maldade da acção procede do coração. **[fl. 110]** A Lei é uma e duas, a mesma e outra. Uma e outra proíbem a mão e o espírito. Mas aquele que aguardais coibirá um e outra, prestará auxílio mais fácil e mais eficaz.

Enquanto isto dizia, eis que chegam José e Maria com o grupo dos familiares e parentes. A maioria dos doutores e muitos sacerdotes acreditaram nele. Mas por recusa sua, dado que queria reunir discípulos a seu tempo e na idade adequada, não o seguiram.

Ele, porém, desceu com José e Maria para Nazaré e, Filho de Deus e Rei de todos, era submisso não apenas à mãe, mas também a José, pai putativo. Com sua profunda humildade, paciência, longanimidade, oração e contemplação, obediência e sujeição assídua, construía as moradas dos seus eleitos na casa de seu Pai. E por três vezes em cada ano subia a Jerusalém e aí se demorava muitos dias a instruir os doutores e os sacerdotes que acreditavam nele, como te direi n'Os *Sermões do Senhor*. E porque repreendia publicamente os vícios dos fariseus e de alguns escribas, muitos o odiavam, não só os que não sabiam que ele era o Messias, mas também os que, a partir das Escrituras, conjecturavam que ele o fosse. Daí que alguns dissessem: “Seja cem vezes Messias, eu não o aceito”. Pois aos homens não era claro que o Messias fosse Deus, mas apenas grande profeta, como Moisés havia sido. Se, na verdade, o reconhecessem como o Senhor da Glória, isto é, o Deus verdadeiro, nunca o teriam crucificado. Contudo, muitos dos seus inimigos acreditavam que ele era o Messias e o Grande Profeta, mas, levados pelo ódio e pela inveja, perseguiram-no. Destes, disse ele: *Mas agora viram e odiaram.*<sup>[151]</sup> Muitos, de facto, contestam a verdade reconhecida, o que representa a maldade máxima do homem.

Meu senhor, perguntei eu então, como crescia em sabedoria junto de Deus e dos homens aquele santo e bendito menino que sempre esteve cheio de sabedoria?

Também isso é entre vós conhecido, respondeu o anjo. A sabedoria desta alma, que foi sempre uniforme, nunca foi aumentada, nem cresceu; mas ele recebeu muita coisa pelos sentidos, experimentou muita coisa que não havia experimentado antes. Cresceu, pois, não o conhecimento das coisas desconhecidas, mas o conhecimento das mesmas sob outro modo de conhecer. De facto, não teve sempre o conhecimento de tudo pela via dos

sentidos, e até, de muita coisa nunca teve conhecimento pelos sentidos. Há, na verdade, muita coisa que os seus olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem outro sentido sentiu e, por isso, não recebeu pelos sentidos.

Que falta fazia a Cristo a alma, perguntei então? Não pode a divindade suprir a vez da alma?

És subtil nesta interrogação, respondeu. Ou desconheces que Deus não pode ser parte, porque toda a parte, pelo facto de se considerar parte, é imperfeita? Dar forma e consistência à matéria representa imperfeição. Mas toda a imperfeição se deve remover de Deus, e talvez se possa responder a isso que Deus poderia suprir a vez da parte e, contudo, não ser parte. Mas, diz-me, como seria homem verdadeiro sem alma? O homem, realmente, para o ser, não requer corpo e divindade, mas corpo e alma. Sem alma não seria verdadeiro homem e, assim, não se apresentaria semelhante a vós.

Anjo de Deus, insisti, diz-me se Cristo, antes da sua Paixão, alguma vez subiu para junto de seu Pai?<sup>[152]</sup>

Cristo Senhor, respondeu o anjo, depois da referida disputa regressou com Maria, sua Mãe, e com José à cidade de Nazaré. E, decorridos poucos dias, José partiu desta vida e juntou-se a seus pais. Na mesma altura, morreu a zeladora e mestra das donzelas que residiam no Templo. Começaram, então, os sacerdotes a procurar uma senhora respeitável, que se distinguisse pelos bons costumes de uma vida activa e contemplativa e emanasse o odor dos bons exemplos, a quem entregassem a responsabilidade das donzelas do Templo e a nomeassem como mestra.

Oh! se pudéssemos ter Maria, diziam, aquela que é casada com José, ela que é cheia de santidade e justiça! Mas, dado ser casada, nem se pode separá-la do marido, nem pode viver aqui com ele.

É verdade, disse então um dos sacerdotes, que Maria é casada e tem um filho, a quem recentemente ouvistes discutindo no Templo com tanta subtileza. Mas é virgem, como é do conhecimento de muitos de nós, e nunca se ligou a um homem. Esse matrimónio não impede que Maria possa ser considerada e escolhida para mestras das donzelas. Pois nunca José a

conheceu, nem conhecerá, porque essas são coisas do âmbito divino e celeste.

Ainda que Maria seja virgem, diziam outros, e entre nós isso está provado pela experiência, isso, contudo, não é de todos conhecido.

E havia alguma dissensão entre eles. Chegou, então, um que disse: José, o marido de Maria, morreu por estes dias, enquanto eu estava em Nazaré, e Maria ficou viúva.

Quando os sacerdotes se aperceberam disso, regozijaram-se com grande alegria e folgaram de grande contentamento e, por unanimidade, escolheram Maria para zeladora, mãe e mestra e responsável das donzelas do Templo. E mandaram como mensageiros os mais importantes sacerdotes, com montadas e tudo o que era necessário, para com dignidade e honra a conduzirem ao Templo do Senhor, onde antes havia estado como donzela.

Entretanto, o Senhor Jesus consolou sua Mãe relativamente à morte de José. Contou-lhe como os sacerdotes a haviam escolhido para mestra do Templo e aconselhou-a a aceitar essa eleição. E tanto mais que ele precisava de subir ao Céu para junto de seu Pai e construir no Céu Empíreo moradas para os seus santos e seus eleitos. Maria ficou muito triste com isso. Nunca tinha querido separar-se de seu Filho nem um pestanejar de olhos. Ao conhecer, contudo, a vontade de Deus, concedeu autorização ao Filho, que lhe pedia autorização e a bênção materna, e deu-lhe a bênção materna. E imediatamente o Senhor Jesus partiu para o Céu. E os mensageiros chegaram e com grande solenidade expuseram a Maria a escolha que dela foi feita e pediam insistentemente que assentisse em votos tão piedosos e tão santos. Mas ela, por humildade, não se julgava digna de tão alta posição. Conhecendo, porém, a vontade de Deus a seu respeito, assentiu e pôs-se a cominho com os sacerdotes e um cortejo de santas mulheres e de respeitáveis varões, chegou e entrou no Templo do Senhor. Viveu aí santamente e, com a palavra e o exemplo, instruiu as donzelas até o Senhor Jesus voltar do Céu para junto dela, no décimo quinto ano do governo de

Tibério César, quando João Baptista começou a pregar.

Subindo para junto de seu Pai e do Espírito Santo, Cristo Senhor construía habitações, a principal para Maria, sua Mãe, para João Baptista, para José, para os Apóstolos e para os Santos Padres antigos, para os Profetas, para os Patriarcas, para os Mártires e Confessores, para os Doutores, para as Virgens e para outros eleitos e predestinados e para os que deveriam ser salvos, para todos, segundo os diversos méritos. E nisto consistiu a sua ocupação naqueles anos, tendo em vista atribuir e confirmar a cada um o lugar e a morada própria. Por isso dizia: *Na Casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, ter-vo-lo-ia dito, pois vou preparar-vos um lugar.*<sup>[153]</sup> Isto é, se na Casa de meu Pai não houvesse muitas moradas já por mim preparadas para vós, ter-vo-lo-ia dito, uma vez que vou preparar-vos um lugar. Mas não o digo, porque vos preparei já esse lugar. Por isso João afirmava acerca dele: *Aquele que é da Terra fala das coisas terrenas. Mas aquele que vem do Céu é superior a todos.*<sup>[154]</sup> Portanto, Cristo veio do Céu para pregar. Por isso ele dizia: *Ninguém sobe ao Céu a não ser aquele desceu do Céu.*<sup>[155]</sup> Mas como poderia descer se ele não tivesse subido primeiro? Subiu, pois, para descer e desceu porque havia subido. Era preciso subir para não ficar inactivo na Terra antes do tempo da pregação e da actividade, mas preparar para cada um a ser por si redimido as moradas próprias.

Foi disto que muitos de vós se deram conta ao meditem.

Dizem outros de vós que estes não entenderam o mistério da redenção do homem. Realmente o Filho de Deus fez-se homem depois de o homem pecar para que, sujeito às penas e às misérias dos homens, sem pecado, arrancasse o homem às penas e às misérias, também e sobretudo, à pena do pecado. Daí que tenha vindo na pobreza, não na riqueza, e a obedecer e servir, não a ser servido e a ser obedecido. Não veio para viver sumptuosamente, com magnificência e luxuosamente e abundar em prazeres celestes. Mas, sendo rico e gozando de delícias, fez-se pobre e necessitado por causa de vós. Se tivesse permanecido no Céu por tanto tempo e tivesse vivido nas delícias do Paraíso por dezassete anos, pareceria

que teria vindo para uma certa majestade própria e para glorificar sem esforço a natureza humana. O que teria existido antes do pecado, não convém que se verifique depois do pecado. Mas seria conveniente que todas as vossas injustiças fossem colocadas no Homem que para todos vós adquiriu merecimentos.

Dizem, portanto, estes que são insensatos aqueles que negam a existência da alma em Cristo, pois o corpo só não pode merecer. Deus, só, por condição alguma pode merecer, porque merecer é próprio do soldado, enquanto do rei é próprio conceder o prémio pelos merecimentos. Quem merece, pois, espera de outrem o prémio. Deus, porém, podia aceitar qualquer obra de Deus Homem pela expiação do pecado do género humano. E, assim, antes do décimo segundo ano e depois do trigésimo ou quase trigésimo, porque completara já o trigésimo, mas ainda não completara o trigésimo primeiro, teria podido merecer bastante e abundantemente, sem o que, ter-se-ia sujeitado às vossas misérias. Contudo, não foi assim, porque não é adequado que um infeliz de algum modo se torne feliz e, depois, novamente infeliz, uma vez que, embora seja adequado passar da miséria à felicidade, porque é possível subir, passar, porém, da felicidade à miséria não é adequado nem conveniente, do mesmo modo que nem entre vós é adequado descer nos graus da dignidade.

Sempre, portanto, até à morte e depois, da Ressurreição até à Ascensão, permaneceu debaixo dos limites do Céu e em corpo e, então, subiu pela primeira vez.

Estava, todavia, no Céu Empíreo interiormente porque o via na essência divina como se estivesse nele e, por isso, construía as vossas moradas no Céu vendo-o de tal modo perfeitamente e mais do que se estivesse no Céu e o não visse em Deus. De facto, aquela visão pela qual as coisas são vistas em Deus ultrapassa toda a visão.

Estava, portanto, sempre no Céu e na Terra, não apenas naqueles dezassete anos, mas em todos os outros, antes e depois. E uma vez que via límpida e claramente as coisas celestes, estava sempre no Céu. E porque

cuidava das realidades humanas, descia do Céu. E porque encaminhava para o Céu estas realidades humanas, por isso, depois de descer, subia continuamente ao Céu. E, assim, pelo cuidado e pela providência antecipada das coisas humanas, descia. E porque tudo encaminhava para cima, subia. E uma vez que via sempre as realidades celestes, estava, por isso, sempre no Céu.

Ninguém, pois, desceu do Céu, deste modo, senão o que desceu não só para ajudar, mas para se tornar homem. E esse é, primeiro, o Filho de Deus, depois, do homem, que estava sempre no Céu, vendo-o e construindo nele a casa de Deus. Desceu também [fl. 112] do Céu pela vossa salvação, não pela mudança de lugar, mas pela assunção da humanidade. Porque se aniquilou a si mesmo assumindo a forma de servo, por isso desceu. Depois, *Deus exaltou-o e deu-lhe um nome que está acima de todo o nome,*<sup>[156]</sup> por isso subiu. E, contudo, estava sempre no Céu, igual ao Pai em divindade.

Desceu, pois, por efeito da encarnação, enquanto Deus não homem. Subiu exaltado, enquanto Deus Homem. Estava sempre no Céu aquele Filho do Homem que foi sempre bem-aventurado, sempre viu o Céu e todas as coisas. Portanto, o que vem do Céu está acima de todos, porque o que assumiu a carne humana é o Senhor do Universo.

Mas o que se deve reter de tudo isto, deixa-se à determinação do Pastor escolhido, que dará estas coisas a conhecer e reprovará uma destas opiniões.

Agora calo-me e passo adiante, embora pudesses reconhecer a qual me ligo mais.

Dito isto, fui de imediato reconduzido ao lugar de onde havia sido arrebatado, havendo muitos à minha espera e a querer saber onde tinha estado.

## Raptus Sextus

Paucis postmodum reuolutis<sup>1</sup> diebus, iterum raptus sum et cantica<sup>2</sup> angelorum atque nostri generis<sup>3</sup> sanctorum audiui. Tunc angelus accessit mihique dixit<sup>4</sup>:

Qualiter Deus futura<sup>5</sup> agnoscat<sup>6</sup> neque tamen uestrum liberum arbitrium ullo pacto impeditur<sup>7</sup>, satis tibi ostensum est. Similiter, quali modo Verbum carni uestre fuerit<sup>8</sup> unitum, abunde diximus. Nunc duo<sup>9</sup> alia difficillima declarare oportet<sup>10</sup> uidelicet de presentia corporis Christi in<sup>11</sup> altari uestro<sup>12</sup> et de misterio Superne<sup>13</sup> Trinitatis ut Pastor futurus sciat inter tot uestrorum<sup>14</sup> opiniones quid sentire et quid<sup>15</sup> docere oporteat<sup>16</sup>.

Nam Dominus noster Iesus Christus, unus<sup>17</sup> cum Patre et Spiritu Sancto Deus, uoluit corpus assumptum sicut et animam uniuersis decorare donis et muneribus atque priuilegiis insignire<sup>18</sup>. Hoc admirandum instituit sacramentum innumeris miraculis plenum ex quo secuta sunt<sup>19</sup> plurima bona. Primo, diuine potentie et eius immensitatis et infinite<sup>20</sup> magnitudinis ostensio ut, que impossibilia omnibus hominibus uiderentur<sup>21</sup>, illa iam facta esse<sup>22</sup> et fieri crederentur<sup>23</sup>. Secundo, gloria ingens inde concessa est<sup>24</sup> corpori Christi<sup>25</sup> ut in<sup>26</sup> tot ac tantis locis simul esset et tam paruulo<sup>27</sup> loco contineretur et cum alio corpore simul esset<sup>28</sup> et multa<sup>29</sup> alia que, si alias non considerasti, nunc quando ea tibi reserauero considerabis<sup>30</sup>. Tertio, orta est ex hoc generi uestro<sup>31</sup> gratia et

---

<sup>1</sup> reuolutis *JMNPO*, *om. IKO*, elapsis *V*

<sup>2</sup> cantica *IJMNO**PV*, canticus *Q*

<sup>3</sup> generis *IJMNOQV*, ordinis *P*

<sup>4</sup> dixit *IJMNO**PV*, ait *Q*

<sup>5</sup> futura *IJMOPQV*, uniuersa *N*

<sup>6</sup> agnoscat *IJMPV*, cognoscat *NOQ*

<sup>7</sup> impeditur *IJMNO**PV*, impediatur *Q*

<sup>8</sup> fuerit *IJMNPV*, sit *Q*

<sup>9</sup> duo *om. Q*

<sup>10</sup> hic *add. Q*,

uidelicet *om. JNP*

<sup>11</sup> in *IJMNO**PQ*, et *V*

<sup>12</sup> uestro *IJMNO**PV*, nostro *Q*

<sup>13</sup> Superne *IJKMNOV*, Sanctissime *P*, Supreme *Q*

<sup>14</sup> uestrorum *JMNOQV*, uestrarum *I*, *om. P*

<sup>15</sup> quid *om. KM*

<sup>16</sup> quid docere oporteat *om. O*

oporteat *om. INV*

<sup>17</sup> unus *IJMNO**PV*, una *Q*

<sup>18</sup> insignire *IJMNO**PQ*, insignite *V*

<sup>19</sup> sunt *om. V*

<sup>20</sup> infinite *om. Q*

<sup>21</sup> uiderentur *IJMNO**PQ*, uiderent *V*

<sup>22</sup> esse *IJMNO**PV*, essent *Q*

<sup>23</sup> crederentur *IMOQV*, uiderentur *JNP*

<sup>24</sup> est *om. V*

<sup>25</sup> Christi *JMNO**PQ*, Christo *IV*

<sup>26</sup> in *om. IV*

<sup>27</sup> paruulo *JKMNOP*, paruulo *QV*

<sup>28</sup> et tam paruulo loco contineretur et cum alio corpore simul esset *add. M* ( *in marg. a. m.* )

<sup>29</sup> multa *om. V*

<sup>30</sup> considerabis *om. V*

<sup>31</sup> generi uestro *om. Q*

utilitas<sup>32</sup> maxima. Hoc enim cibo<sup>33</sup> et hoc potu uitam adipiscimini<sup>34</sup> eternam<sup>35</sup> et gratiam acquiritis amplioem.

Dominus<sup>36</sup> autem primo de hoc sepius locutus est ad discipulos suos et alios fideles, quorum plerique ab eo propter talia dicta recesserunt, quia capere non poterant qualiter homines carne sua et sanguine suo cibaret et potaret. Quemadmodum ergo creditis corpus Christi esse ibi reali<sup>37</sup> presentia et non solum<sup>38</sup> in figura quadam, sed in ueritate, ita firmiter credatis nec paruitas loci sit uobis impedimento. Nam dictis<sup>39</sup> illis<sup>40</sup> uerbis: "Hoc est corpus meum" super panem triticeum coctum, cum aqua communi et naturali<sup>41</sup> coagulatum, subito<sup>42</sup> ibi fit corpus Christi. Sed non sufficiunt illa sola uerba, sed aliqua sunt premittenda sic ut intellegi possit sacerdotem non loqui in propria persona, sed in persona Christi, ut puta: "Dominus<sup>43</sup> Christus<sup>44</sup> accepit panem et benedixit atque dixit: Hoc est corpus meum", uel alio modo, prout uolueris<sup>45</sup>. Similiter super uinum uuarum uitis fluibile<sup>46</sup> cuiuscumque coloris fuerit. Dictis his uerbis: "Hic est<sup>47</sup> sanguis meus" uel "calix sanguinis [113] mei", subito aderit ibi sanguis Christi. Sed illa uerba sola non sufficiunt, nisi aliqua preponantur<sup>48</sup> per que intelligatur sacerdotem loqui in persona Christi<sup>49</sup>. Et<sup>50</sup> latinus dicat illa uerba super panem azimum, grecus uero super fermentatum, ad hoc ut sine damno proprio conficiat. Vnde Dominus<sup>51</sup> permisit grecos in pane fermentato conficere ut sciretur quod in utroque confici potest. Veruntamen si<sup>52</sup> minister sine suo damno hoc sacramentum conficere uoluerit<sup>53</sup>, oportebit<sup>54</sup> omnia illa obseruare que et in uestro missali continentur et in statutis quoad locum, tempus, indumenta, aquam, lumen, socium, altare, calicem, et ipsius quoad ieiunium et animi dispositionem pertinent et spectant. Inter consecrationem unam et alteram sacerdos nulla uerba<sup>55</sup> interponat. Neque his<sup>56</sup> que ibi<sup>57</sup> a patribus conscripta sunt quicquam<sup>58</sup>

<sup>32</sup> utilitas *IJMNPQV*, uirtus *O* (*add. in marg. a.m. utilitas*)

<sup>33</sup> Hoc enim cibo *IJMNOVP*, Hoc est, in cibo *Q*

<sup>34</sup> adipiscimini *JNPQ*, adipiscitis *I* (*M* adipiscimini *sub ras.*) *OV*

<sup>35</sup> eternam *om. Q*

<sup>36</sup> Dominus *MNOV*, Deus *JPQ*

<sup>37</sup> reali *IJMNPQV*, naturali *O*

<sup>38</sup> ut *add. Q*

<sup>39</sup> dictis *JNOPQV*, dicitis *M*

<sup>40</sup> illis *IMNOPQV*, ibi *J*

<sup>41</sup> communi et naturali *IJMNOVP*, elementalī *Q*

<sup>42</sup> subito *om. IV*

<sup>43</sup> Iesus *add. I*

<sup>44</sup> Christus *IMOPV*, Iesus *JNQ*

<sup>45</sup> uolueris *IJMNOPO*, uolueritis *V*

<sup>46</sup> fluibile *IJMNPQV*, fruibile *O*

<sup>47</sup> enim *add. Q*

<sup>48</sup> preponantur *IMNOPQV*, preparantur *J*

<sup>49</sup> saltem implicite *er.P*

Et non sufficit intentio sed quod audiens percipere possit illam demonstrationem in nomine Christi fieri. *add. P*

Forma sacramenti sunt sola illa uerba. Que preponuntur non sunt forma sed necessaria ad hoc ut illa sint forma. Dicere namque: "Hoc est corpus meum" et dicere "Hic est sanguis meus" reputantur pro forma sacramenti quando in persona Christi ex ui sermonis proferuntur. Illa enim demonstratio si fuerit in mente aut in scriptis non est forma, sed solum in uoce. Neque in uoce semper sed solum quando fit a sacerdote in persona Christi. Et non sufficit sola intentio sed quod audiens percipere possit illam demonstrationem nomine Christi fieri *add. Q*

<sup>50</sup> Et *IJMNOPO*, ut *V*

<sup>51</sup> Dominus *JMNPQ*, Deus *IOV*

<sup>52</sup> si *om. Q*

<sup>53</sup> uoluerit *IJMNOPO*, noluerit *V*

<sup>54</sup> oportebit *IJMNOPV*, oportet *Q*

<sup>55</sup> uerba *om. V*

addat. Quedam tamen Pastor ille addet et nomina quorundam sanctorum ex deuotione apponet. Et quod nunc non licet tunc decreto eius licebit. Proferantur<sup>59</sup> quoque illa uerba sic ut ab aliquo prope existente<sup>60</sup> audiri possent<sup>61</sup>, quia sacramentum est signum sensibile.

Nemo autem quantumcumque<sup>62</sup> iustus conficere potest ordinarie<sup>63</sup> nisi sit sacerdos rite ordinatus. Sacerdos uero quilibet potest quantumcumque malus, hereticus, scismaticus, dummodo uelit et intendat<sup>64</sup> ea intentione illud facere qua ordinatum est a Christo uel qua utuntur christiani. Nam si sacerdos non intenderet consecrare uel alia intentione intenderet, nihil faceret. Intentio namque conferentis<sup>65</sup> quodcumque sacramentum<sup>66</sup> requiritur uidelicet ut tunc ita<sup>67</sup> uelit uel antea uoluerit, quam uolitionem contraria uolitione<sup>68</sup> non interrumpit<sup>69</sup>. Sed si baptizans baptizare non intenderet<sup>70</sup> neque ea intentione qua christiani baptizant baptizaret, Deus suppleret, quia ignorantia illa<sup>71</sup> homini<sup>72</sup> baptizato est inuincibilis. Ideo excusat a peccato. Scito enim et firmiter crede hominem numquam damnari pro eo quod<sup>73</sup> non fecit<sup>74</sup> id<sup>75</sup> quod facere non potuit<sup>76</sup> uel scire non ualuit.

Prolatis itaque illis uerbis in momentulo<sup>77</sup> siue, ut uestri dicunt, in ultimo<sup>78</sup> instanti terminante<sup>79</sup> totum tempus in quo<sup>80</sup> uerba proferebantur, adest ibi corpus Christi. Dum ergo uerba profert<sup>81</sup> nondum est ibi, prolatis, illico est ibi. Substantia panis quam uos neque uidetis<sup>82</sup> neque gustatis neque olfatis neque tangitis neque auditis neque ullo sensu percipitis, prolatis uerbis illis, abscedit, non est amplius. Ibi remanet<sup>83</sup> illa longitudo, latitudo<sup>84</sup> et altitudo que<sup>85</sup> prius in<sup>86</sup> substantia panis erat<sup>87</sup>, sine ullo subiecto. Neque enim est in pane neque in alia substantia, sed manet per se diuina uirtute. Et in illa quantitate remanet odor panis et sapor et color et omnia alia accidentia que in pane

<sup>56</sup> his *IJMNO PQ*, hic *V*

<sup>57</sup> ibi *om. N*

<sup>58</sup> quicumque *IJMOPQV*, aliquid *N*

<sup>59</sup> Proferantur *NOPQ*, Proferentur *JM*, Proferebantur *IV*

<sup>60</sup> existente *JMN PQ*, assistente *IOV*

<sup>61</sup> possent *IJMOQV*, possint *NP*

<sup>62</sup> quantumcumque *IJMOPQV*, quicumque *N*

<sup>63</sup> ordinarie *IJMNO P*, ordinate *Q*, ordinare *V*

<sup>64</sup> uelit et intendat *JMNOPV*, uelit et intendit *I*, credat et intendat *Q*

<sup>65</sup> conferentis *IJMNO PV*, conficientis *Q*

<sup>66</sup> saltem implicita *add. P (in marg. a.m.)*

<sup>67</sup> ita *IJMNO PV*, illa *Q*

<sup>68</sup> uolitione *IJMOPQV*, uolutio *N (sup. ras.)*

<sup>69</sup> interrumpit *IJMOPV*, interrumpat *NQ*

<sup>70</sup> intenderet *IJMNO PQ*, intenderit *V*

<sup>71</sup> illa *om. V*

<sup>72</sup> illi *add. V*

<sup>73</sup> quod *IJMNPQV*, quia *O*

<sup>74</sup> fecit *IJMNO P*, facit *QV*

<sup>75</sup> id *JMNOPQ*, ad *IV*

<sup>76</sup> potuit *IJMNO PQ*, potuerit *V*

<sup>77</sup> momentulo *IMNOV*, momento *JPQ*

<sup>78</sup> ultimo *JMNOPQ*, ultimi *IV*

<sup>79</sup> terminante *JMNOPQV*, terminant *I*

<sup>80</sup> in quo *IJMNOV*, est quo *P*

<sup>81</sup> profert *IJMNO PV*, proferentur *Q*

<sup>82</sup> unquam *add. JNQ*

<sup>83</sup> amplius. Ibi remanet *MV*, amplius ibi. Remanet *IJMNO PQ*

<sup>84</sup> latitudo *om. V*

<sup>85</sup> que *JMNOPQ*, ubi *IV*

<sup>86</sup> in *om. V*

<sup>87</sup> panis erat *IMNO PQV*, permanserat *J*

consequerentur quantitatem panis. Sola quantitas est sine<sup>88</sup> subiecto, omnia alia accidentia sunt in quantitate. Scribe ut tibi dico quia et<sup>89</sup> si tu non bene percipis, ille percipiet. Scribe quoque<sup>90</sup> dubitationem illam<sup>91</sup> utrum quantitas coloris sit alia res a colore uel sit ipse color suis partibus extensus<sup>92</sup>, quia apud uos aliqui tenent quod quantitas est alia res a substantia et qualitate<sup>93</sup>, alii uero quod eadem res sit quantitas cum illa re que dicitur<sup>94</sup>. Nolo<sup>95</sup> tibi nunc declarare neque que pars sit uera determinare. [114] Sed tempore<sup>96</sup> futuro dabitur Pastori illi gratia et sensus<sup>97</sup> quod<sup>98</sup> intelliget hoc<sup>99</sup> et multa alia propter que quotidie<sup>100</sup> altercamini.

Quia ergo ibi omnia<sup>101</sup> panis accidentia remanent, uos putatis iudicium sensus<sup>102</sup> sequentes ita ibi esse panem post consecrationem sicut et ante. Sed non est amplius ibi panis, sed cum illis accidentibus est<sup>103</sup> corpus Christi<sup>104</sup> simul et in eodem loco cum illis.<sup>105</sup> Sed quomodo id possit<sup>106</sup> fieri, postea declarabitur.

Corpus itaque Domini elegans et pulchrum totum est ibi ubi post consecrationem illa accidentia panis cernis<sup>107</sup>. Nec putes illa accidentia<sup>108</sup> esse in corpore Christi, sed per<sup>109</sup> se sine subiecto existere, de quo<sup>110</sup> uestri philosophi ualde mirantur. Et nota, dilectissime, quod si corpus Domini<sup>111</sup> esset<sup>112</sup> sine anima et sine sanguine tunc, prolatis consecrationis uerbis, ibi presens<sup>113</sup> fieret caro Christi sola sine anima et sine sanguine. Et si diuinitas non esset carni unita, ibi sola caro esset, ita quod diuinitas etsi ubique sit, non tamen tunc ibi esset gratia consecrationis<sup>114</sup> uel<sup>115</sup> ratione unionis. Quando<sup>116</sup> uero diuinitas est unita<sup>117</sup> ut nunc, tunc etiam si ubique<sup>118</sup> non esset, fieret ibi ratione talis

<sup>88</sup> sine *IJMNO*PV, in *Q*

<sup>89</sup> ut tibi dico quia et *IJMNOQ*V, ut tibi dico. Et *P*

<sup>90</sup> quod *add.* *NP*

<sup>91</sup> illam *om.* *Q*

<sup>92</sup> extensus *IOQ*V, coextensus *JNP*, coextensibus *M*

<sup>93</sup> alia res a substantia et qualitate *IJMNO*PQ, alia res et substantia a qualitate *V*

<sup>94</sup> quanta *add.* *PQ*

<sup>95</sup> que dicitur. Nolo *J* (*M add. sup.lin. a. m.* Illam questionem) *N*, que dicitur. Illam questionem nolo *IO*, que dicitur quanta. Illam questionem nolo *PQ*, que dicitur illam questionem. Nolo *V*

<sup>96</sup> tempore *om.* *V*

<sup>97</sup> Sed tempore futuro dabitur Pastori illi gratia et sensus *IMNO*PV, Sed ipse futuro dabitur Pastori illi gratia et sensus *J*, Sed Deus futuro dabit Pastori illi gratiam et sensum *Q*

<sup>98</sup> quod *JMNP*, *om.* *Q*, et *IOV*

<sup>99</sup> hoc *IJMNO*PV, hec *Q*

<sup>100</sup> quotidie *om.* *Q*

<sup>101</sup> omnia *om.* *V*

<sup>102</sup> sensus *JMNO*PQ, sensuum *IV*

<sup>103</sup> ibi *add.* *N*

<sup>104</sup> Christi *JMNO*PQ, Domini *IV*

<sup>105</sup> quamuis ibi sit trina dimensio que erat in pane. Ecce nolens dixi quantitatem esse aliam a re quanta. *add.* *Q*

<sup>106</sup> possit *JMNO*PQ, posse *I*, potest *V*

<sup>107</sup> cernis *JMNO*PQ, cernes *IV*

<sup>108</sup> panis *add.* *N*

<sup>109</sup> per *JMNO*PQV, pro *I*

<sup>110</sup> de quo *IJMNO*PV, quod *Q*

<sup>111</sup> Domini *IJMNO*QV, Christi *NP*

<sup>112</sup> esset *IJMNO*PV, esse *Q*

<sup>113</sup> presens *add.* *M (sup.lin. a. m.)*, *om.* *JP*

<sup>114</sup> consecrationis *IJMNO*Q, conseruationis *V*

<sup>115</sup> uel *JMNO*Q, nec *IV*

<sup>116</sup> Quando *IJMNO*PQV, Cum *N*

<sup>117</sup> Quando uero diuinitas est unita *IJMNO*V, Si uere diuinitas esset unita *Q*

<sup>118</sup> sit non tamen tunc ibi esset gratia consecrationis uel ratione unionis. Quando uero diuinitas est unita ut nunc, tunc etiam si ubique *om.* *P*

unionis. Quia ergo diuinitas ubique est et nullibi proprie ipsa incipit<sup>119</sup> esse, nil<sup>120</sup> de ipsa ulterius hic dicamus<sup>121</sup>. Virtute<sup>122</sup> consecrationis huius et Domini<sup>123</sup> institutionis ibi primo est corpus cui, si anima fuerit unita et sanguis fuerit unitus<sup>124</sup>, comitabuntur<sup>125</sup> corpus sicut et nunc<sup>126</sup> sunt omnia simul in sacramento illo. Eodem modo nunc<sup>127</sup> sunt omnia illa in calice sub speciebus uini, sed alio ordine. Nam, prolatis illis uerbis, primo est ibi sanguis qui, si non sit in corpore, ut<sup>128</sup> tempore mortis, solus ibi erit<sup>129</sup> sine corpore et anima. Si uero fuerit in corpore mortuo, ibi etiam<sup>130</sup> erit corpus mortuum cum sanguine illo. Si autem fuerit<sup>131</sup> in corpore uiuo mortali, ut in cena, uel immortalis, ut nunc est, ibi cum sanguine adueniet tale corpus cum anima. In consecratione itaque<sup>132</sup> panis, primo est ibi corpus Christi. Sanguis, anima et ipsorum accidentia concomitantur<sup>133</sup>. Et non solum accidentia anime aut<sup>134</sup> sanguinis, sed etiam ipsius corporis sunt ibi per comitantiam<sup>135</sup>. Vnde, si corpus Christi nullum accidens haberet, sine ullo accidente<sup>136</sup> ibi esset uidelicet<sup>137</sup> sine quantitate<sup>138</sup> et sine qualitate. Et quamuis omnia accidentia que adueniunt sint<sup>139</sup> ibi per comitantiam<sup>140</sup>, illa tamen que sunt accidentia ipsius corporis<sup>141</sup> prius intelliguntur<sup>142</sup> aduenire quam accidentia anime et sanguinis. In consecratione uero uini<sup>143</sup>, primo est ibi sanguis, ex consequenti corpus et anima et omnium trium accidentia. Et inter accidentia omnium trium<sup>144</sup>, prius comitantur<sup>145</sup> accidentia sanguinis quam corporis et anime. Totus ergo<sup>146</sup> Christus sumitur nunc sub utraque specie accidentium panis et uini.

Reuertamur, carissime, quia uideo te admiratione plenum. Sunt et alia in hoc sacramento admiranda<sup>147</sup>. Nam panis omnibus accidentibus spoliatus, nudus<sup>148</sup>, de illo loco recedit. Omnia ipsius indumenta et ornamenta remanent, ipse solus discedit. Nota bene, quia placebit summe illi cuius gratia hec scribuntur. Discedit uero in tempore<sup>149</sup>

<sup>119</sup> incipit *JMNOPQ*, incepit *IV*

<sup>120</sup> nil *IJMNOQ*, uel *V*

<sup>121</sup> dicamus *IJMNOQV*, dicam *P*

<sup>122</sup> uirtute *IJMNOQ*, uirtutem *V*

<sup>123</sup> Domini *JMOPQV*, dominice *N*

<sup>124</sup> si anima fuerit unita et sanguis fuerit unitus *IJMNOQV*, si anima et sanguis fuerunt unita *Q*

<sup>125</sup> comitabuntur *IJMNOQ*, comitabantur *V*

<sup>126</sup> et nunc *IJMNOQ*, unum *V*

<sup>127</sup> nunc *om. Q*

<sup>128</sup> in *add. PQ*

<sup>129</sup> erit *IJMNOQV*, esset *Q*

<sup>130</sup> iam *add. I*

<sup>131</sup> fuerit *IJNOPQV*, fuit *M*

<sup>132</sup> adueniet tale corpus cum anima. In consecratione itaque *IJMNOQ*, adueniet tale corpus cum anima in consecratione. Itaque *PV*

<sup>133</sup> concomitantur *IJMNOQ*, comitantur *V*

<sup>134</sup> aut *JNOP*, et *MQ*, ut *V*

<sup>135</sup> comitantiam *JMNPQV*, concomitantiam *IO*

<sup>136</sup> sine ullo accidente *IJMNOQV*, sine ullis accidentibus *Q*

<sup>137</sup> uidelicet *JMNOQ*, Vnde *IV*

<sup>138</sup> eius *add. O*

<sup>139</sup> sint *IJMNOQV*, sunt *Q*

<sup>140</sup> concomitantiam *IJMNOQ*, comitantiam *V*

<sup>141</sup> per *add. V*

<sup>142</sup> intelliguntur *IJMNOQ*, intelligunt *V*

<sup>143</sup> uero uini *om. P*

<sup>144</sup> omnium trium *JMNOQ*, omnium rerum *I*, omnium trium rerum *V*

<sup>145</sup> comitantur *IJMNOQV*, concomitantur *Q*

<sup>146</sup> ergo *om. V*

<sup>147</sup> admiranda *IJMNOQV*, admirabilia *P*

<sup>148</sup> nudus *om. Q*

<sup>149</sup> in tempore *om. Q*

totius [115] prolationis uerborum et, illo<sup>150</sup> discedente, in ultimo ipsius<sup>151</sup> discessus, hoc est, quando ibi<sup>152</sup> panis non est tunc, simul cum non<sup>153</sup> esse panis, est ibi esse corporis Christi<sup>154</sup>. Et hoc est quod inspirati a Deo, nescientes quid dicatis, dicitis: "Panis est transubstantiatus in carnem<sup>155</sup> Christi". Non quia aliquid panis ibi remanserit uel in corpore Christi, sed quia panis abscessit, non per motum<sup>156</sup> localem, sed diuina uirtute, non est amplius ibi. Corpus Christi est ibi,<sup>157</sup> non deserendo locum priorem incipit esse in hoc uel<sup>158</sup> illo loco. Vide mirabilia, in celo est et in altari<sup>159</sup>. Celum non relinquendo<sup>160</sup>, incipit esse in uno altari, immo in mille est. Et<sup>161</sup> illa omnia non relinquendo, in alio incipit esse. Acquirit noua loca et uetera propter hoc non amittit. Est ergo hec<sup>162</sup> panis in corpus<sup>163</sup> transubstantiatio quedam, ut bene aliqui uestrum dixerunt, substantiarum translatio ut<sup>164</sup>, ubi<sup>165</sup> et cum quibus erat<sup>166</sup> antea substantia panis, cum eisdem sit postea<sup>167</sup> corpus Christi. Dicunt etiam uestri et recte panem in hac conuersione<sup>168</sup> non anihilari, qui tamen totus<sup>169</sup> desiit<sup>170</sup> esse. Quomodo ergo non<sup>171</sup> est anihilatus? Hic uestri uarie respondent et nesciunt nodum inuenire<sup>172</sup>. Habeto sic a me et conscribe:

Panis non dicitur anihilatus quia ipsius accidentia remanent, sicut nec aer anihilatur<sup>173</sup> quando in aquam conuertitur, quia aliquid eius, puta materia<sup>174</sup>, remanet.<sup>175</sup> Tamen uerum est substantiam<sup>176</sup> panis desiisse<sup>177</sup>, sed non omnia que erant panis desierunt. Dicam tibi amplius<sup>178</sup>, substantia panis non destruitur, sed quasi cedit et dat corpori Domini locum. Quo facto, illa panis substantia extinguitur quia nuda et spoliata erat. Ideo neque sui natura sic durare poterat. Desinit ergo esse et anihilatur<sup>179</sup> quasi post transubstantiationem<sup>180</sup>. Primo enim panis recedit in tempore, ut diximus gerendo

<sup>150</sup> illo *JMNOPQV*, ille *I*

<sup>151</sup> ipsius *IJMPQV*, illius *N*

<sup>152</sup> iam *add. OV*

<sup>153</sup> non *om. N*

<sup>154</sup> esse corporis Christi *JNOP*, esse corporis (*add. sup.lin.a.m.corpus*) *M*, corpus Christi *Q*, esse corpus Christi *IV*

<sup>155</sup> in carnem *IJMNOQV*, in carne *Q*

<sup>156</sup> motum *IMNOPQ*, modum *JV*

<sup>157</sup> Corpus Christi est ibi *add.O (in marg.a.m.)*

<sup>158</sup> in *add. MP*

<sup>159</sup> altari *IJMNOQV*, altare *P*

<sup>160</sup> relinquendo *IJMNOQV*, derelinquendo *P*

<sup>161</sup> in *add. I*

<sup>162</sup> hec *IJMNOQ*, hic *V*, *om. OP*

<sup>163</sup> in corpus *om. N*

<sup>164</sup> ut *JMNOPQ*, et *IV*

<sup>165</sup> ubi *IJMNOQV*, ibi *Q*

<sup>166</sup> erat *JMNOPQ*, erit *IV*

<sup>167</sup> postea *om. Q*

<sup>168</sup> conuersione *IJMNOQV*, conseruatione *Q*

<sup>169</sup> totus *IJMNOQ*, totum *V*

<sup>170</sup> desiit *IJMNO*, desinit *MQ*, desit *V*

<sup>171</sup> non *om. N*

<sup>172</sup> inuenire *IJMNOQV*, soluere *Q*

<sup>173</sup> anihilatur *IJMOPV*, anihilaretur *Q*

<sup>174</sup> materia *IJMNPQV*, natura *O (add. in marg.a.m.materia)*

<sup>175</sup> quia aliquid eius, puta materia, remanet *IJMNOQV*, quia aliquid eius puta intra et materia remota. *Q*

<sup>176</sup> substantiam *JMNOPQ*, substantia *IV*

<sup>177</sup> desiisse *IJMNOQV*, deesse *Q*

<sup>178</sup> amplius *IJMNOQV*, plus *Q*

<sup>179</sup> et anihilatur *IJMNPQ*, anihilatus *V*

<sup>180</sup> transubstantiationem *JMOQ*, transubstantionem *NP*, transubstantialitatem *IV*

morem philosophis<sup>181</sup> uestris. Subito, in instanti recessum panis terminante, fit ibi presens corpus Domini et in tempore illud instans consequens desinit<sup>182</sup> substantia panis.<sup>183</sup> Non itaque ratione huius conuersionis anihilatur. Si anihiletur, non dicatur<sup>184</sup> anihilatus, sed transubstantiatus uel substantiabiliter translatus et, ex consequenti<sup>185</sup>, non ex ui translationis<sup>186</sup> anihilatus.

Quomodo ergo panis non anihilatur intellexisti, et quomodo transubstantiatur accepisti, et quod ibi accidentia sint<sup>187</sup> sine subiecto et duo corpora simul et maius corpus uidelicet Christi esse simul cum longe minori uidelicet cum accidentibus panis.<sup>188</sup> Non ergo desinit esse<sup>189</sup> in celo et hic esse incipit<sup>190</sup>, qua re in pluribus locis simul inuenitur. In ipsa itaque consecrationis hora non aperiuntur celi ad hoc ut Christus adueniat<sup>191</sup> cum de celo non recedat<sup>192</sup>. Illa tamen dicunt<sup>193</sup> doctores uestri methaphorice et mystice ut ostendant magnam potentiam Dei in hoc sacramento et Christum, qui in celis est, ibi esse ueraciter. Neque ergo comitatur eum Genitrix sua neque alii sancti, quia hoc priuilegium<sup>194</sup> est solius Christi, qui est<sup>195</sup> cibus uerus. Quomodo etiam sancti ueniunt<sup>196</sup> secum si ipse non uenit? Non enim<sup>197</sup> transit, sed ibi fit et incipit esse.<sup>198</sup> Potest tamen dici ut<sup>199</sup> cum eo in altari sit<sup>200</sup> mater et omnes beati<sup>201</sup>, quia sunt secum semper, sed non ibi. Sunt<sup>202</sup> simul<sup>203</sup> cum Christo, qui est in altari, sed non sunt<sup>204</sup> ipsi in hostia illa uel<sup>205</sup> altari.<sup>206</sup> Est<sup>207</sup> tamen angelorum semper comitantia<sup>208</sup>. Non quod descendant<sup>209</sup> de celo secum, quia neque ipse descendit motu corporali, sed solum<sup>210</sup> incipiendo<sup>211</sup> ibi esse, sed quia<sup>212</sup> angeli iugiter uobiscum uersantur et uos custodiunt et

<sup>181</sup> philosophis *JMNOPQV*, doctoribus (*sup.* philosophis) *I*

<sup>182</sup> esse *add.* *I*

<sup>183</sup> et in tempore illud instans consequens desinit substantia panis. *om.* *Q*

<sup>184</sup> Si anihiletur non dicatur *JMNP*, etiam si anihiletur non dicitur *IO*, Si anihicaretur non dicitur *Q*, Si anihilatur non dicitur *V*

<sup>185</sup> ex consequenti *IJMNOQ*, ex consequens *V*

<sup>186</sup> non ex ui translationis *JMNPQ*, non per uim talis *I*, non ex ui talis *OV*

<sup>187</sup> sint *IJMNO*, sit *V*

<sup>188</sup> Quomodo ergo panis non anihilatur intellexisti et quomodo transubstantiatur accepisti et quod ibi accidentia sint sine subiecto et duo corpora simul et maius corpus uidelicet Christi esse simul cum longe minori uidelicet cum accidentibus panis. *om.* *Q*

<sup>189</sup> esse *om.* *V*

<sup>190</sup> Christus *add.* *Q*

<sup>191</sup> adueniat *IJMOPQ*, ueniat *NV*

<sup>192</sup> recedat *IJMNOQ*, recedit *V*

<sup>193</sup> dicunt *IJMNOQ*, debent *V*

<sup>194</sup> priuilegium *om.* *P*

<sup>195</sup> qui est *IJMNOV*, quia *Q*

<sup>196</sup> ueniunt *JMNOQ*, ueniant *IV*

<sup>197</sup> enim *IJOPQV*, tamen *MN*

<sup>198</sup> sed ibi fit et incipit esse *IJMNOV*, sed ibi est et hic incipit esse *Q*

<sup>199</sup> ut *IJMNOV*, quod *Q*

<sup>200</sup> sit *IJMNOV*, sunt *Q*

<sup>201</sup> beati *IJMNOV*, sancti *Q*

<sup>202</sup> secum semper sed non ibi. Sunt *om.* *Q*

<sup>203</sup> simul *om.* *N*

<sup>204</sup> sunt *om.* *V*

<sup>205</sup> uel *IJMNO*, aut *V*

<sup>206</sup> in hostia illa uel altari *IJMNOV*, in ostia (*illa add. sup.lin.*) nec in altari *O*, in hostia et in altari *Q*

<sup>207</sup> Est *JMNOPQV*, Et *I*

<sup>208</sup> comitantia *JMNPQ*, comitatiua *I*, comitiua *OV*

<sup>209</sup> descendant *IJMNOV*, discedant *Q*

<sup>210</sup> in *add.* *O*

<sup>211</sup> incipiendo *JMNOPQV*, incipiendi *I*

<sup>212</sup> quia *IJMNOV*, eo quod *Q*

hec inferiora gubernant. Et illi<sup>213</sup>, statim ut cognoscunt hic uel ibi Dominum presentem, ipsum adorant et sibi<sup>214</sup> assistunt. Et anima eius ibi manens nos uidet et nos ipsum uidemus<sup>215</sup> quem in celo existentem nos uobiscum in terra existentes<sup>216</sup> non uidemus.[116] Longum enim est interuallum, longa distantia. Et nota, dilectissime, quod anima illa uidet omnes uos qui in Ecclesia estis et in ciuitate, neque<sup>217</sup> paries<sup>218</sup> aut aliud<sup>219</sup> corporale obstaculum<sup>220</sup> impedit uisionem eius. Vnde ipse in celo existens uos hic<sup>221</sup> existentes non uidet nisi in essentia Dei. Apud uos uero<sup>222</sup>, in sacramento existens, uidet uos et intuetur etiam extra essentiam Dei. Sed uestri oculi corporei ipsum ibi existentem uidere non possunt, quia ipse in hostia illa<sup>223</sup> est modo mirabili. Non sicut uos in loco ipsum implentes et occupantes, sed est ibi sicut et nos angeli sumus in loco non<sup>224</sup> implentes neque locum occupantes<sup>225</sup>, qui neque a<sup>226</sup> corpore aliquo sumus circumdati aut obiecti<sup>227</sup>. Neque oculus eius corporeus illo modo<sup>228</sup> ibi existens<sup>229</sup> posset uos uidere, neque aures eius uocem uestram audire, nisi Deus addidisset miraculum miraculo. Miraculum est corpus esse alicubi non localiter, sed solum presentialiter et cum<sup>230</sup> alio corpore se<sup>231</sup> multo minori<sup>232</sup>. Tamen, posito hoc miraculo, sequitur statim illud<sup>233</sup> corpus sic existens neque agere neque pati posse<sup>234</sup>, neque tangere neque tangi, neque uidere neque uideri, quia omnia ista fiunt per medium aerem uel aquam. Et oportet se tangentia esse localiter et circumscripctiue<sup>235</sup> in illo medio ita quod per illud deferantur similitudines rerum ad sensus<sup>236</sup>. Et quia sic existente oculo rerum similitudines ad ipsum<sup>237</sup> deferri non possunt, ideo sentire eas non potest<sup>238</sup>. Addit<sup>239</sup> huic miraculose corporis Domini presentie<sup>240</sup> aliud<sup>241</sup> miraculum, quia uirtute sua Deus fecit<sup>242</sup> ut species ille et rerum<sup>243</sup> similitudines perueniant ad oculos<sup>244</sup> et aures Domini.

<sup>213</sup> illi *om. Q*

<sup>214</sup> sibi *IJMOPQV*, illi *N*

<sup>215</sup> uidemus *IJMNOPOQ*, uidimus *V*

<sup>216</sup> existentes *om. Q*

<sup>217</sup> neque *IJMNOPOV*, et *Q*

<sup>218</sup> paries *IJMOPQV*, parietes *N*

<sup>219</sup> aliud *JMNOPOQ*, aliquid *IV*

<sup>220</sup> non *add. Q*

<sup>221</sup> uel hic *add. P*

in terra *add. Q*

<sup>222</sup> uero *om. V*

<sup>223</sup> hostia illa *IJNPQ*, hostia *MP*, illa hora *V*

<sup>224</sup> ipsum *add. Q*

<sup>225</sup> neque locum occupantes *om. Q*

<sup>226</sup> qui neque a *JMNO*, neque a *I*, quia neque a *Q*, neque *PV*

<sup>227</sup> obiecti *JMNOPOQ*, obtenti *IV*

<sup>228</sup> illo modo *om. N*

<sup>229</sup> existens *IJMNOPOV*, existendi *Q*

<sup>230</sup> cum *om. P*

<sup>231</sup> se *om. V*

<sup>232</sup> minori *IJMNOV*, minore *PQ*

<sup>233</sup> illud *om. N*

<sup>234</sup> posse *IJMNOPOV*, posset *Q*

<sup>235</sup> circumscripctiue *IJMNPQV*, circumscripctiue *Q*

<sup>236</sup> sensus *JMNOPO*, sensum *IQV*

<sup>237</sup> ipsum *IJMOPQV*, illum *N*

<sup>238</sup> potest *IJMNOPOQ*, possunt *V*

<sup>239</sup> addit *IJMNOPOV*, addidit *Q*

<sup>240</sup> presentie *IJMNOPOQ*, presente *V*

<sup>241</sup> aliud *IJMNOPOQ*, illud *V*

<sup>242</sup> fecit *JMOPQ*, facit *INV*

<sup>243</sup> rerum *IJMNOPOQ*, uere *V*

<sup>244</sup> oculos *JMNPQ*, oculum *IOV*

Et ita, Dei uirtute instillante<sup>245</sup>, uos ibi uidet et uocem uestram audit<sup>246</sup> et sic uos uidet utroque oculo et mentis et corporis. Vos autem ipsum uidere<sup>247</sup> non potestis sine miraculo nouo, quod communiter Deus<sup>248</sup> non facit. Vnde quando ibi aliqui uestrum<sup>249</sup> uiderunt<sup>250</sup> carnem aut sanguinem aut puerulum, illa caro non est caro Christi neque ille sanguis<sup>251</sup> eius neque puerulus ille<sup>252</sup> Christus est, sed sacramentum Christi<sup>253</sup>. Nam sicut non est Christus illud quod uos<sup>254</sup> uidetis<sup>255</sup>, olfacitis<sup>256</sup>, gustatis,<sup>257</sup> tangitis<sup>258</sup> et palpatis<sup>259</sup>, sed sunt accidentia panis et uini sub quibus et in<sup>260</sup> quibus est Christus, sic nec<sup>261</sup> illa caro que tunc miraculose producitur a Deo siue sanguis<sup>262</sup> siue puerulus ille est Christus<sup>263</sup>, sed ibi est ubi est caro illa uel sanguis uel puerulus. Sicut ergo uos adoratis illud<sup>264</sup> quod non uidetis neque sentitis et non illud quod uidetis aut sentitis, sic et in casu illo faciendum est ut non<sup>265</sup> puerulus ille aut caro illa aut sanguis ille<sup>266</sup> adoretur, sed Christus Dominus latens sub illis. Apparuit itaque<sup>267</sup> caro aut sanguis ut dubium aliquorum excluderet<sup>268</sup>. Nam, sicut uident tunc<sup>269</sup> loco hostie carnem, loco uini<sup>270</sup> sanguinem, sic deberent<sup>271</sup> credere, quando hostia ibi est, hoc est, accidentia illa, tunc ibi esse carnem Christi et sanguinem eius, quia igitur Christus est in sacramento tamquam latitans<sup>272</sup> sub quodam indumento. Ideo qui uidet<sup>273</sup> uestem sub qua rex est, potest dici uidisse regem, sic et uos uidentes accidentia illa<sup>274</sup> sub quibus latitat<sup>275</sup> Christus et ea tangentes, masticantes, deglutientes et comedentes, potestis dici<sup>276</sup> Christum uidere, tangere, comedere<sup>277</sup>, masticare uel dentibus atterere et<sup>278</sup> inglutire<sup>279</sup>.

<sup>245</sup> Dei uirtute instilante *om. IOV*

<sup>246</sup> uos ibi uidet et uocem uestram audit *JMNOPQ*, uos ibi uideat et uocem uestram audiat *I*, uos ibi uidet et uocem uestram audiat *V*

<sup>247</sup> uidere *IJMNOQV*, audire *V*

<sup>248</sup> Deus *om. Q*

<sup>249</sup> uestrum *IJMNOQV*, uestri *P*

<sup>250</sup> aliqui...uiderunt *IJMNOQV*, aliquis...uidet *Q*

<sup>251</sup> sanguis *add. Q*

<sup>252</sup> ille *om. I*

<sup>253</sup> nec ille sanguis eius nec puerulus ille Christus est sed sacramentum Christi *add. M ( in marg. a. m.)*

<sup>254</sup> uos *om. Q*

<sup>255</sup> sed sacramentum Christi *add. Q*

<sup>256</sup> olfacitis *JMNOPQ*, olfatis *IV*

<sup>257</sup> uidetis *add. Q*

<sup>258</sup> tangitis *om. V*

<sup>259</sup> palpatis *om. Q*

<sup>260</sup> in *IJMNOQV*, cum *V*

<sup>261</sup> sic nec *JMNOPQ*, sicut neque *IV*

<sup>262</sup> siue sanguis *IJMNOQV*, siue caro *Q*

<sup>263</sup> est Christus *om. Q*

<sup>264</sup> illud *om. V*

<sup>265</sup> non *om. IV*

<sup>266</sup> aut sanguis ille *om. Q*

<sup>267</sup> itaque *IJMNOQV*, aut *P*

<sup>268</sup> excluderet *JMNOPQ*, excluderent *I*, excludetur *V*

<sup>269</sup> tunc *JMNOPQ*, nunc *IV*

<sup>270</sup> uini *IJMNOQV*, uero *Q*

<sup>271</sup> deberent *IJMNOQV*, debent *N*

<sup>272</sup> latitans *IJMNO*, latens *Q*, latitens *V*

<sup>273</sup> uidet *IJMNOV*, uidit *Q*

<sup>274</sup> tunc ibi esse carnem Christi et sanguinem eius quia igitur Christus est in sacramento tamquam latitans sub quodam indumento. Ideo qui uidet uestem sub qua rex est, potest dici uidisse regem. Sic et uos uidentes accidentia illa *om. P*

<sup>275</sup> latitat *IJMNOQV*, latet *Q*

<sup>276</sup> dici *IJMNOQV*, dicere *Q*

<sup>277</sup> comedere *om. Q*

Similiter potest dici quod sacerdos fert, mouet et eleuat corpus Domini, quod tamen non fertur ab eo neque mouetur nec eleuatur. Nam Dominus<sup>280</sup> pactum uobiscum fecit ut ubicumque accidentia [117] illa posueritis et collocaueritis ibi erit ipse propria uirtute sua<sup>281</sup> presens, propria uoluntate se transferet<sup>282</sup> ipsemet. Et quandoque Christus Dominus propria uirtute sua<sup>283</sup> mouet et transfert hostiam illam eo motu quo anima corpus mouebit post eius glorificationem, sicut uni<sup>284</sup> ex hic<sup>285</sup> presentibus ordinis tui", et ostendebat deuotissimum<sup>286</sup> Bonauenturam, "semel hostia ab altari mota intrauit in os, eam Christo Domino eo modo<sup>287</sup> mouente<sup>288</sup>. Si queras quid frangatur<sup>289</sup> et quid ibi rumpitur interdum cum sonitu, dico<sup>290</sup> tibi quod quantitas. Proprium<sup>291</sup> quantitatis est diuidi. Omnis enim diuisio aut est secundum longitudinem aut latitudinem aut altitudinem. Et ibi sunt hec tria in accidentibus. Ergo poterit<sup>292</sup> diuidi tripliciter et frangi, immo<sup>293</sup>, dico tibi<sup>294</sup>, panis ipse non posset<sup>295</sup> frangi neque diuidi remota quantitate. Et ipsa sola persistente<sup>296</sup>, potest fieri diuisio<sup>297</sup>. Frustra ergo mirantur homines. Quid ibi frangitur<sup>298</sup>? Non panis, quia non est. Non corpus Domini<sup>299</sup>, quia incorruptibile est et ibi eo modo existens intangibile. Quid ergo frangitur? Iam dixi tibi, franguntur accidentia illa uel secundum longitudinem uel latitudinem<sup>300</sup> uel profunditatem<sup>301</sup> si hostia illa<sup>302</sup> esset spissior<sup>303</sup> et altior uel si panis usualis<sup>304</sup> grossus et altus<sup>305</sup> consecraretur.

Quid ergo intelligendum sit<sup>306</sup> nomine transubstantiationis iam intellexisti, quia duarum substantiarum translationem intelligimus. Panis abscedit<sup>307</sup> uel<sup>308</sup> desinit esse

---

<sup>278</sup> atterere et *om. Q*

<sup>279</sup> inglutire *IJMNOV*, deglutire *PQ*

<sup>280</sup> Dominus *om. N*

<sup>281</sup> sua *om. Q*

<sup>282</sup> transferet *JMNOP*, transfert *IQV*

<sup>283</sup> sua *om. IOQV*

<sup>284</sup> uni *JMNPOQ*, unus *IV*

<sup>285</sup> hic *IJMOPQV*, his *N*

<sup>286</sup> deuotissimum *IJMOPQV*, beatissimum *N*

<sup>287</sup> eo modo *om. OQ*

<sup>288</sup> mouente *IJMNOQV*, mouetur *V*

<sup>289</sup> frangatur *JMNOP*, frangitur *V*

<sup>290</sup> Si queras quid frangatur et quid ibi rumpitur interdum cum sonitu, dico *IJOMPV*, Si queras quid frangatur et quid ibi rumpatur interdum cum sonitu, dico *N*, Si queras, quid ibi frangitur et rumpitur interdum etiam cum sonitu? Dico *Q*

<sup>291</sup> proprium *JMNOPQ*, propius *IV*

<sup>292</sup> poterit *IJMNOQV*, poterunt *Q*

<sup>293</sup> immo *IJMNOQV*, Primo *V*

<sup>294</sup> quod *add. Q*

<sup>295</sup> posset *IJMNOQV*, posse *P*

<sup>296</sup> persistente *IJMNOQV*, preexistente *Q*

<sup>297</sup> remota quantitate et ipsa sola persistente potest fieri diuisio *om. V*

<sup>298</sup> frangitur *IJMOPQV*, frangatur *N*

<sup>299</sup> Domini *IJMNOQV*, Christi *Q*

<sup>300</sup> uel altitudinem *add. P*

<sup>301</sup> uel secundum longitudinem uel latitudinem uel profunditatem *IJMNOQV*, uel longitudo uel latitudo uel profunditas *O*

<sup>302</sup> illa *add.M (sup. lin.a.m.), om. V*

<sup>303</sup> spissior *om. Q*

<sup>304</sup> usualis *IJMNOQV*, usualiter *Q*

<sup>305</sup> et altus *om. Q*

<sup>306</sup> sit *IJMNOQV*, est *O*

<sup>307</sup> abscedit *IJMNOQV*, abscessit *Q*

<sup>308</sup> uel *IJMNOV*, et *PQ*

ibi et corpus Christi accedit uel potius incipit esse ibi<sup>309</sup>. Et hoc modo nulla est difficultas intelligere aliquid conuerti in aliud<sup>310</sup> quod<sup>311</sup> aliud prefuerat<sup>312</sup> et preexistebat<sup>313</sup>. Immo omne creatum potest conuerti in quodlibet<sup>314</sup> quia, ubi unum<sup>315</sup> est, potest illud<sup>316</sup> ibi<sup>317</sup> desinere et aliquid aliud<sup>318</sup> incipere esse. Vnde ergo<sup>319</sup> ubi est aqua, potest ibi desinere esse et<sup>320</sup> ignis incipere esse<sup>321</sup>. Et sic de omnibus aliis. Sed<sup>322</sup> nihil potest sic<sup>323</sup> conuerti in Deum, quia Deus non potest incipere esse alicubi, qui<sup>324</sup> ubique est, neque Deus potest conuerti in aliud, quia non potest locum deserere existentem nisi poneretur<sup>325</sup> Deum non esse omnibus presentem, de quo alias te docebo<sup>326</sup>. Quando ergo<sup>327</sup> creatura uel locus desineret esse, tunc Deus in illo<sup>328</sup> et cum illo non esset, quia ipsum non est, non quia ipse abscedat<sup>329</sup>. Similiter quando locus nouus fieret, Deus cum illo uel in illo inciperet esse, non quia ipse Deus aduenerit<sup>330</sup>, sed quia locus esse ceperit. Conuersio, ut dixi, ista non est nisi translatio. Vnde non debetis dicere: "Panis est aut erit corpus Christi". Nec dicere potestis: "Panis poterit esse uel fieri corpus Christi". Nec ergo "panis est", nec "fit", nec "fiet corpus Christi"<sup>331</sup>. Sed dicere potestis: De pane uel ex pane fit corpus Christi, sic intelligendo: ex pane, id est, post<sup>332</sup> panem hic, existit illico corpus Christi<sup>333</sup>, sicut ex nihilo<sup>334</sup> aliquid fit, quia post<sup>335</sup> nihil, nam prius non<sup>336</sup> est, postea est, et ex nocte fit<sup>337</sup> dies, quia post noctem. Dicere etiam potestis rectius, panis conuertitur uel<sup>338</sup> transubstantiatur<sup>339</sup> uel transit in

<sup>309</sup> et corpus Christi accedit uel potius incipit esse ibi *om. Q*

<sup>310</sup> aliud *JMNOPQV*, aliquid *I*

<sup>311</sup> quod *IJMNOQ*, qui *V*

<sup>312</sup> prefuerat *IJMNOQ*, prius fuerat *V*

<sup>313</sup> preexistebat *IJMNOQV*, preexisterat *P*

<sup>314</sup> quodlibet *IJMNOQV*, quolibet *P*

<sup>315</sup> ubi unum *JMNOPQ*, ubi uno modo *I*, ibi unimodo *V*

<sup>316</sup> illud *om. V*

<sup>317</sup> ibi *om. Q*

<sup>318</sup> aliquid aliud *IJMNOQV*, aliud quod debet *Q*

<sup>319</sup> Vnde ergo *INV*, Vnde enim *M*, Verbi gratia *JOP*

<sup>320</sup> et *IJMOP*, etiam *V*

<sup>321</sup> Vnde ergo ubi est aqua, potest ibi desinere esse et ignis incipere esse *om. N*

<sup>322</sup> sed *JMNOP*, uidelicet *IV*

<sup>323</sup> sic *om. V*

<sup>324</sup> qui *IJMOPV*, quia *N*

<sup>325</sup> poneretur *IJMNO*, poneret *V*

<sup>326</sup> Vnde ergo ubi est aqua, potest ibi desinere esse et ignis incipere esse et sic de omnibus aliis. Sed nihil potest sic conuerti in Deum quia Deus non potest incipere esse alicubi, qui ubique est, neque Deus potest conuerti in aliud quia non potest locum deserere existentem nisi poneretur Deum non esse omnibus presentem, de quo alias te docebo *om. Q*

nisi poneretur Deum non esse omnibus presentem, de quo alias te docebo *add. M (in marg. a m.), om.*

*JP*

<sup>327</sup> aliqua alia *add. Q*

<sup>328</sup> in illo *IJMNOQ*, illico *V*

<sup>329</sup> abscedat *JMNOP*, abscedebat *IV*

quia ipsum non est, non quia ipse abscedat *om. Q*

<sup>330</sup> aduenerit *IJMNOQV*, adueniat *Q*

<sup>331</sup> Nec ergo "panis est" nec "fit" nec "fiet corpus Christi" *om. Q*

<sup>332</sup> id est, post *IJOPQ*, hoc est, post *N*, potuit *V*

<sup>333</sup> " sic intelligendo: ex pane, id est potius, panem hic existit, illico corpus Christi *add. M (in marg. a m.)*

<sup>334</sup> nihilo *IJMNOQV*, nullo *P*

<sup>335</sup> quia post *IJMNOQ*, quando potest *V*

<sup>336</sup> non *IJMNOQV*, nihil *Q*

<sup>337</sup> fit *IJMNOQV*, fiet *Q*

<sup>338</sup> uel *JMNOP*, et *QV*

<sup>339</sup> transubstantiatur *om. Q*

corpus Christi, hoc est<sup>340</sup>, panis cedit et dat locum corpori Christi. Sic potestis loqui. Nulla tamen aliarum locutionum<sup>341</sup> est propria<sup>342</sup>, quamvis magis accedat<sup>343</sup> ultima uidelicet panis cedit corpori Christi. Tamen bone sunt ille quas<sup>344</sup> dixi, accipiendo eas in bono sensu qualem [118], dilecte, tibi ostendi et qualem Dominus inspirabit cito illi quem presidere Ecclesie sue statuit et ordinauit<sup>345</sup>. Cogitare iam potes quot mirabilia et stupenda concurrunt in hoc dignissimo sacramento. Adhuc tamen et alia tibi reserabo.

Accidentia illo<sup>346</sup> modo a substantia separata producere possunt eosdem effectus quos producunt quando inherent substantie. Vnde<sup>347</sup> color ille immutat uisum, sonus illorum immutat<sup>348</sup> auditum quando fraguntur, odor eorum<sup>349</sup> agit in olfactum et in eo suam<sup>350</sup> similitudinem causat. Hoc enim est immutare sensum, quod est<sup>351</sup> in sensu<sup>352</sup> causare sui<sup>353</sup> similitudinem, quam uos speciem uocatis. Sapor quoque ille immutat gustum et, si in illis accidentibus calor aut frigus aut humor fuerit, immutabunt tactum. Agunt ergo<sup>354</sup> sicut et antea agebant, simili modo et<sup>355</sup> agens naturale, ut ignis uel aqua uel quando trahiciuntur ad<sup>356</sup> stomachum. Virtus nutritiua agit in accidentia illa sic ab omni substantia separata. Conuenit ergo accidentibus agere et pati<sup>357</sup> propria natura et uirtute et non sunt talia<sup>358</sup> ratione substantie solum.

Verum<sup>359</sup> difficultas est qualiter homo nutritur his<sup>360</sup> accidentibus. Nam in nutritione acquiritur<sup>361</sup> substantia noua et materia alimenti suscipit formam sanguinis. Ibi autem nulla est materia aut forma<sup>362</sup> substantialis. Et uerum est quod philisophi dicunt: "Ex<sup>363</sup> non substantia<sup>364</sup> non fit substantia". Non enim potest generari substantia una nisi corrupta<sup>365</sup> alia. Hic uero nulla substantia corrumpitur et tamen sanguis et caro generatur, ut<sup>366</sup> experimento patet.

Quo pacto ergo ex accidentibus panis et uini nutritur homo et ex<sup>367</sup> illis sanguis et caro generatur, dico tibi, audi et considera uerba mea. Primo, dicam tibi quam diu uel quanto tempore corpus Christi manet cum accidentibus illis. Deinde, quomodo ex illis

<sup>340</sup> panis conuertitur uel transubstantiatur uel transit in corpus Christi, hoc est, *add. M (in marg. a. m.)*

<sup>341</sup> locutionum *JMNOP*, locutione *Q*, locutio *IV*

<sup>342</sup> propria *MNOQ*, uera *IJPV*

<sup>343</sup> illa *add. Q*

<sup>344</sup> tibi *add. N*

<sup>345</sup> statuit et ordinauit *IJMNOVP*, statuet et ordinabit *Q*

<sup>346</sup> Accidentia illo *IJMNOVP*, Accidentia illa *Q*

<sup>347</sup> Vnde *IJMOPQV*, Vide *N*

<sup>348</sup> immutat *IJMNOV*, immutant *P, om. Q*

<sup>349</sup> eorum *IJMOPV*, eius *N*, illorum *Q*

<sup>350</sup> eo suam *JMNOQV*, quos natura *I*

<sup>351</sup> quod est *om. Q*

<sup>352</sup> scilicet *add. Q*

<sup>353</sup> sui *IJMNOV*, suam *PQ*

<sup>354</sup> ergo *IJMNOQV*, igitur *P*

<sup>355</sup> et *JMNOQ*, ut *IV*

<sup>356</sup> ad *IJMNOVP*, in *Q*

<sup>357</sup> ex *add. V*

<sup>358</sup> talia *IJMNOVP*, alia *Q*

<sup>359</sup> substantie solum. Verum *IJMNOVP*, substantie. Solum uerum *Q*

<sup>360</sup> his *IJMNOVP*, iis *Q*

<sup>361</sup> acquiritur *IJMNOQ*, accipitur *V*

<sup>362</sup> aut forma *om. Q*

<sup>363</sup> dicunt: "Ex *IJMNOVP*, dicunt quod ex *Q*

<sup>364</sup> substantia *IJMNOVP*, substantiis *Q*

<sup>365</sup> corrupta *IJMNOV*, corrumpatur *PQ*

<sup>366</sup> ut *om. IJ*

<sup>367</sup> et ex *NOPQV*, et illis *I, om. J*, ut *M*

potest generari substantia. Quoad primum, scito corpus Christi tam diu ibi<sup>368</sup> esse quam diu accidentia illa stant in<sup>369</sup> suo uigore, hoc est, quam diu<sup>370</sup> sunt aptum alimentum et conueniens homini<sup>371</sup> nutrimentum. Quando uero fuerint<sup>372</sup> ita alterata quod iam odorem et saporem et alia que reddunt<sup>373</sup> panem conuenientem homini cibum amiserint omnino, tunc corpus Christi desinit esse ibi, quia tam diu manet ibi cibus<sup>374</sup> anime quam diu<sup>375</sup> manet cibus<sup>376</sup> idoneus et conueniens corpori. Ideo enim in tali materia sacramentum instituit ut se cibum anime uestre preberet et ostenderet ut cibus corporis esset signum cibi anime sicut et ablutio corporis uestri in baptismo significat ablutionem<sup>377</sup> anime a maculis peccatorum. Desinente autem signo, desinit significare. Et, si<sup>378</sup> non significat, non est sacramentum. Et, si non est ibi<sup>379</sup> amplius sacramentum, ibi non erit amplius Christus, qui<sup>380</sup> statuit eo modo non esse ibi nisi in sacramento. Nec<sup>381</sup> tamen quilibet cibus est sacramentum, sed principalis et communior, qui est panis et uinum<sup>382</sup>. Vnde si uinum conuerteretur<sup>383</sup> in aquam, esset bene<sup>384</sup> potus, sed non ille<sup>385</sup>. Et, si panis conuerteretur<sup>386</sup> in carnem coctam, esset<sup>387</sup> cibus, sed non ille<sup>388</sup> qui requiritur [119] in hoc sacramento. Dixi uero "Si accidentia illa sint omnino ad nutrimentum humanum inepta". Nam si aliquantulum alterentur et a perfectione cibi recedant<sup>389</sup> non tamen totaliter, non<sup>390</sup> desinit<sup>391</sup> ibi esse corpus Christi<sup>392</sup>. Quando uero omnino<sup>393</sup> mutata sunt ita quod non solum non sunt<sup>394</sup> alimentum conueniens, sed potius disconueniens, desinit ibi esse Christus<sup>395</sup>. Vnde si fiant<sup>396</sup> in tantum<sup>397</sup> uetusta et putrida seu fetida quod gustus ea omnino<sup>398</sup> abhorreat tamquam sibi omnino repugnantia, scito tunc<sup>399</sup> Christum ibi non esse, quia suauissimus panis qui de celo descendit non stat cum cibo putrido,

<sup>368</sup> ibi *om. IV*

<sup>369</sup> in *om. Q*

<sup>370</sup> quam diu *IJMNO PV*, quando *Q*

<sup>371</sup> homini *IJMNPQV*, hominis *O*

<sup>372</sup> fuerint *JMNO PQ*, fuerunt *IV*

<sup>373</sup> reddunt *IJMNO PQ*, credunt *V*

<sup>374</sup> aut quam diu manet rebus *add. O (in marg a.m.)*

idoneus *add. V*

<sup>375</sup> quam diu *IJMNO PV*, quando *Q*

<sup>376</sup> anime quam diu manet cibus *om. O*

<sup>377</sup> ablutionem *JMNO Q*, ablutionem *P*, ablutiones *IV*

<sup>378</sup> Et si *JMNO PV*, Sed si *Q*

<sup>379</sup> ibi *add. O (sup.lin.a.m.)*, *om. V*

<sup>380</sup> qui *IJMNO PV*, quia *Q*

<sup>381</sup> Nec *JMNO PQV*, Hoc *I*

<sup>382</sup> uinum *IJMNO PQ*, uini *V*

<sup>383</sup> conuerteretur *MNPQ*, conuertitur *I (O add.sup.lin.a.m.conuerteretur) JV*

<sup>384</sup> bene *IMNO PV*, bone *Q*

<sup>385</sup> sed non ille *om. P*

<sup>386</sup> conuerteretur *IMNPQV*, conuertitur *O*

<sup>387</sup> bene *add. Q*

<sup>388</sup> Et si panis conuerteretur in carnem coctam, esset cibus sed non ille *om. J*

<sup>389</sup> recedant *IJMNO PV*, excedant *Q*

<sup>390</sup> non *IJMNP*, nondum *OV*

<sup>391</sup> desinit *JMNO PQV*, desinat *I*

<sup>392</sup> non desinit ibi esse corpus Christi *IJMOPV*, non desinit esse cibus et corpus Christi *Q*

<sup>393</sup> omnino *IJMNO PV*, omnia *Q*

<sup>394</sup> sunt *IJMOQV*, sint *N*

<sup>395</sup> Quando uero omnino mutata sunt ita quod non solum non sunt alimentum conueniens sed potius disconueniens, desinit ibi esse Christus. *om. P*

<sup>396</sup> si fiant *IJMNO PV*, si fiunt *Q*

<sup>397</sup> in tantum *JMNO PQ*, tantum *I*, tamen *V*

<sup>398</sup> omnino *om. N*

<sup>399</sup> tunc *om. Q*

fetido et horrido. Horridum cibum uoco non illum quem infirmi et male dispositi abhorrent, sed illum quem<sup>400</sup> et bene dispositi nullo uitio bestiali laborantes abhorrent<sup>401</sup> communiter. Nimia quoque durities que mollificari nequeat, reddit panem ineptum ad comedendum, quod potest accidere facilius apud grecos, qui in pane fermentato et grossiori conficiunt. Similiter si uinum sic<sup>402</sup> imbiberetur alicui rei<sup>403</sup>, ut ligno et terre, quod iam<sup>404</sup> fluere non posset, non est potus conueniens. Si quoque accidentia panis sic reddantur molia quod uideantur esse pura pasta ita quod sint inepta et inconuenientia ad comedendum, desinit ibi esse corpus Christi.<sup>405</sup> Et breuiter, quotiens amittunt rationem cibi conuenientis<sup>406</sup> totiens amittunt rationem sacramenti. Et, si non est ibi sacramentum, non est etiam res sacramenti, communi ordinatione<sup>407</sup>. Quando ergo<sup>408</sup> uidetis<sup>409</sup> uermiculos natos in talibus accidentibus, sciatis tunc ibi Christi corpus<sup>410</sup> non esse nisi esset hostia illa uel oblata adeo magna quod in una parte eius esset putredo, alia uero sana consisteret<sup>411</sup> et incorrupta ita quod posset ab illa putrida separari et sine horrore sic separata<sup>412</sup> comedi. Tunc sub illa parte sola<sup>413</sup> erit Christus. Sed si ab illa putrida non possit<sup>414</sup> separari et sine illa<sup>415</sup> comedi, iam non est cibus conueniens et per consequens nec sacramentum. Eodem modo, quando accidentia uini sumitis, quia illa subito ut sumpta sunt aliis humoribus permiscuntur ita quod iam redduntur inepta ad cibum<sup>416</sup> per os iterum sumendum, subito desinunt<sup>417</sup> esse sacramentum. Accidentia uero panis non ita<sup>418</sup> subito<sup>419</sup> alterantur, ideo diutius retinent quam illa uini rationem sacramenti.<sup>420</sup> Tunc dico aliquid habere rationem cibi quando illud<sup>421</sup> non solum potest nutrire uel<sup>422</sup> in nutrimentum conuerti, quia sic humores qui sunt in stomacho possent<sup>423</sup> uocari cibus, sed quid<sup>424</sup> sit conueniens homini ore<sup>425</sup> sumere et per guttur in stomachum trahere. Quod ergo non est<sup>426</sup> talis cibus<sup>427</sup>, non potest esse eucharistie sacramentum. Et quamuis homines subito ut cibum habent in ore abhorrent eum iterum

<sup>400</sup> quem *IJMOPQV*, qui *N*

<sup>401</sup> sed illum quem et bene dispositi nullo uitio bestiali laborantes abhorrent *add. P (in marg. a.m.)*

<sup>402</sup> sic *om. O*

<sup>403</sup> alicui rei *om. Q*

<sup>404</sup> quod iam *om. Q*

<sup>405</sup> Si quoque accidentia panis sic reddantur molia quod uideantur esse pura pasta ita quod sint inepta et inconuenientia ad comedendum, desinit ibi esse corpus Christi. *om. Q*

<sup>406</sup> conuenientis *IJMNOPV*, conuenientem *Q*

<sup>407</sup> ordinatione *IJMNOPV*, adoratione *Q*

<sup>408</sup> ergo *om. IV*

<sup>409</sup> uidetis *IMNOPQ*, uideris *JV*

<sup>410</sup> Christi corpus *IJMNOPV*, Christum *Q*

<sup>411</sup> consisteret *IJMNOPV*, existeret *Q*

<sup>412</sup> separata *IJMNOQV*, separate *V*

<sup>413</sup> sola *IJMNPQV*, solum *O*

<sup>414</sup> possit *IJMNOPV*, posset *Q*

<sup>415</sup> illa *IJMNOQV*, illo *V*

<sup>416</sup> cibum *IJMNOPV*, potum *Q*

<sup>417</sup> desinunt *IJMNOQV*, desinit *V*

<sup>418</sup> ita *IJMNOQV*, ut si conuerteretur *Q*

<sup>419</sup> subito *om. N*

<sup>420</sup> alterantur. Ideo diutius retinent quam illa uini rationem sacramenti. *IJMNOQV*, alterantur. Diutius quam illa uini retinentur et habent rationem sacramenti. *Q*

<sup>421</sup> illud *om. Q*

<sup>422</sup> uel *IJMNOQV*, sed *P*

<sup>423</sup> possent *IJMOPQV*, possunt *N*

<sup>424</sup> quid *JMNPQV*, quod *IO*

<sup>425</sup> ore *om. Q*

<sup>426</sup> est *om. I*

<sup>427</sup> non est talis cibus *IJMNOQV*, talis cibi *V*

sumere, ille tamen horror non impedit sacramentum, sed sic si iam in stomacho<sup>428</sup> immissus<sup>429</sup> fuisset. Vnde<sup>430</sup> existentibus in ore accidentibus et per pectus transeuntibus, Dominum secum retinent<sup>431</sup>. Ad<sup>432</sup> stomachum uero peruenientes, quasi subito desinunt esse sacramentum<sup>433</sup>.

Intellexisti iam quanto tempore illa accidentia retinent rationem<sup>434</sup> sacramenti et quanto tempore cum illis Christus est. Nunc autem qualiter ex illis fiat aliqua substantia intellige.

Accidentia illa duobus [120] modis alterari possunt. Vno modo, tali alteratione quod solum<sup>435</sup> amittunt<sup>436</sup> formam cibi conuenientis non cuicumque, sed soli homini. Que alteratio interdum fieri posset non corrupta substantia panis, si panis sub illis esset. Altero modo accidentia illa alterari possent<sup>437</sup> tali et tanta alteratione quod<sup>438</sup> substantia panis, si sub illis esset, corrumpetur et destrueretur et ex illa aliquid aliud generaretur. Si<sup>439</sup> ergo, nota bene, priori modo accidentia illa alterentur<sup>440</sup> quod amittant<sup>441</sup> naturam cibi homini conuenientis, possent tamen stare cum pane, tunc Deus uirtute sua infinita reducit<sup>442</sup> substantiam panis illius qui<sup>443</sup> recesserat uel uini quod abierat et illa accidentia iterum afficient<sup>444</sup> substantiam panis. Et ita ibi iterum erit panis, sed non cibus<sup>445</sup> homini conueniens. Et durabit quousque ab agente naturali<sup>446</sup> corrumpatur, sicut fuisset si numquam inde discessisset<sup>447</sup>. Si autem altero modo accidentia illa alterentur sic quod, si panis tunc ibi esset, corrumpetur in aliquid aliud<sup>448</sup>, in tali casu Deus non reducit amplius substantiam panis que desiit esse, sed inducit<sup>449</sup> substantiam illam in quam<sup>450</sup> panis tunc conuersus fuisset si ibi esset siue illud sit sanguis uel caro,

---

<sup>428</sup> in stomacho *IJMNO PV*, in stomachum *Q*

<sup>429</sup> immissus *IJMNO QV*, missus *P*

<sup>430</sup> Vnde *IJMNO PQ*, Deinde *V*

<sup>431</sup> retinent *IJMNO PV*, continent *Q*

<sup>432</sup> Ad *IJMNO PV*, In *Q*

<sup>433</sup> Quando ergo accidentia cibi desinunt esse et sacramentum desinit. Si conuerterentur in carnem aut sanguinem, qui sanguis uel caro non sunt sacramentum sed quedam consequentia sacramenti et tamquam reliquie sacramenti sunt cum reuerentia conseruanda *add. M (in marg.a.m.) N*

Quando ergo accidentia cibi desinunt et sacramentum desinit ut si conuerterentur in carnem aut sanguinem. Qui sanguis uel caro non sunt sacramentum sed quedam consequentia sacramenti et tamquam reliquie sacramenti sunt cum reuerentia conseruanda. *add. O*

Quod ergo accidentia ubi desinunt et sacramentum desinit ut si conuerteretur in carnem et sanguinem, qui sanguis uel caro non sunt sacramentum sed quedam consequentia sacramenti. Et tamen reliquie sacramenti sunt cum reuerentia obseruande. *add. Q*

et tamquam reliquie sacramenti sunt cum reuerentia conseruanda *add. V*

<sup>434</sup> rationem *NOV*, nomen *IJMP*, rem *Q*

<sup>435</sup> solum *IJMOPQV*, solam *N*

<sup>436</sup> amittunt *IJMNOV*, amittant *PQ*

<sup>437</sup> possent *JMNOPQV*, possunt *I*

<sup>438</sup> quod *IJMNO PQ*, a *V*

<sup>439</sup> Si *JMNOPQ*, Sic *IV*

<sup>440</sup> alterentur *JMNOQ*, alterarentur *P*, alterantur *IV*

<sup>441</sup> amittant *IJMNO PQ*, amittunt *V*

<sup>442</sup> reducit *IJMNO QV*, inducit *P*

<sup>443</sup> qui *IJMNO PQ*, que *V*

<sup>444</sup> afficient *M*, efficient *JNOPQV*, efficietur *I*

<sup>445</sup> naturali *add. O*

<sup>446</sup> naturali *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>447</sup> inde discessisset *IMNOPQ*, inde decessisset *J*, idem discessisset *V*

<sup>448</sup> corrumpetur in aliquid aliud *IJMNO P*, corrumpetur et ad aliquid aliud generaretur *Q*, corrumpetur in aliquod aliud *V*

<sup>449</sup> inducit *JMNO QV*, reducit *IP*

<sup>450</sup> in quam *IJMNO PQ*, in qua *V*

ut fit quando comeduntur, uel ignis, ut quando comburentur<sup>451</sup> accidentia, uel uermis, ut<sup>452</sup> quando putrefiunt<sup>453</sup>. Sed quare priori illo modo quando accidentia non sunt tantum alterata quod panis corrumperetur<sup>454</sup> si sub eis esset substantia panis, panis reuertitur<sup>455</sup> ex quo tunc nihil generaretur? Dico tibi propterea id fieri<sup>456</sup> quia Deus statuit semel accidentia nunquam sine subiecto esse nisi quando sunt sacramentum corporis et sanguinis Christi. Et quia tunc, quando desinunt esse conueniens cibus homini<sup>457</sup>, desinunt esse sacramentum, iccirco ne sint sine subiecto, reducit<sup>458</sup> eis Deus proprium subiectum. Quando uero alterantur posteriori modo, tunc<sup>459</sup> non est opus ut panis reuertatur, sed satis est ut substantia illa ibi<sup>460</sup> ponatur in quam panis<sup>461</sup> conuerteretur quando ibi fuisset.

Vide et considera qualiter ego plura scio, dixit subridendo, quam omnes doctores uestri.

Tunc ego: Certum est hoc<sup>462</sup> mihi<sup>463</sup>, sanctissime<sup>464</sup> angele. Gratias ago Prouidentie Diuine que et mei et omnium nostrum est miserta<sup>465</sup>. Ego<sup>466</sup>, simplex et idiota, numquam talia intelligere potuissem sine diuina illustratione.

Iterum angelus fari cepit<sup>467</sup>: Adhuc non percipis que dicere uolui. Aliqui uestrum, quorum unus fuit<sup>468</sup> Pontifex<sup>469</sup>, dixit<sup>470</sup>, non ut Pontifex, sed ut doctor, in utraque alteratione que fit illis duobus modis prenominatis reuerti substantiam panis que abscesserat. Alii uero inter quos fuit unus doctor ordinis tui qui hic<sup>471</sup> est plenus sanctitate quia primus gladium suum exemit pro immaculata conceptione Virginis Matris et Regine nostre, et ostendebat Ioannem, Scotum nuncupatum, pro quo decertant Scoti et Anglici<sup>472</sup>, dicunt quod in utraque alteratione subducitur<sup>473</sup> alia substantia et quod substantia panis que desiit numquam amplius reuertitur. Ego dico tibi quod aliquando reuertitur, ut in priori alteratione, aliquando non reuertitur, ut in posteriori alteratione<sup>474</sup>. Et hoc ideo quia in priori alteratione [121] substantia panis reducit propter hanc causam solum, ne accidentia illa, que iam non sunt sacramentum, maneat

<sup>451</sup> comburentur *JMNOP*, comburuntur *IQ*, comburantur *V*

<sup>452</sup> ut *om. V*

<sup>453</sup> putrefiunt *JMNOPQV*, interficiunt *I*

<sup>454</sup> corrumperetur *JMNOPQV*, corrumperetur *I*

<sup>455</sup> si sub eis esset substantia panis, panis reuertitur *IIMV*, si sub eis esset, substantia panis reuertitur *NOPQ*

<sup>456</sup> Dico tibi propterea id fieri *IIMNOPV*, Dico tibi plus, propter id fieri *Q*

<sup>457</sup> homini *IIMOQV*, hominis *P*

<sup>458</sup> reducit *IIMNOPV*, adducit *Q*

<sup>459</sup> tunc *om. Q*

<sup>460</sup> ibi *om. Q*

<sup>461</sup> panis *om. V*

<sup>462</sup> hoc *om. OP*

<sup>463</sup> hoc mihi *om. N*

<sup>464</sup> Dei *add. Q*

<sup>465</sup> miserta *IIMNOQV*, miserata *P*

<sup>466</sup> enim *add. Q*

<sup>467</sup> fari cepit *om. N*

<sup>468</sup> Summus *add. IMOQ*

<sup>469</sup> Innocentius 3s *add. O (in marg.a.m.)*, Sixtus *add. J*

<sup>470</sup> dixit *om. Q*

<sup>471</sup> hic *om. P*

<sup>472</sup> Anglici *IIMNOPQ*, Anglitii *V*

<sup>473</sup> subducitur *JMNOPV*, subducitur *I*, producitur *Q*

<sup>474</sup> alteratione *om. Q*

sine subiecto<sup>475</sup> et quia substantia eorum non fuisset corrupta si tunc sub eis fuisset. Melius est ergo eandem substantiam panis reducere quam aliam nouiter creare maxime quia non est ratio quare magis hanc quam illam<sup>476</sup> oporteat creare. Vult ergo Deus<sup>477</sup> ut potius illa redeat, ex quo nulla causa est reditionis nisi quia non uult hec accidentia esse sine subiecto. Sicut ergo absentia panis uel uini fuit causa ut hec<sup>478</sup> accidentia fierent sacramentum, ita etiam<sup>479</sup> uoluit<sup>480</sup> quod<sup>481</sup> presentia panis uel<sup>482</sup> uini esset causa ut non sint amplius sacramentum. Scribe, scribe hoc<sup>483</sup> illi, quia<sup>484</sup> delectabitur in his super omnia. Scribe hoc modo. Dico tibi. Primo intellige accidentia uehementer alterari sic ut non sint amplius cibus conueniens. Et hec alteratio fit in tempore. Secundo<sup>485</sup> intellige quod, in ultimo instanti illius temporis dictam alterationem mensurantis, Deus reducit substantiam panis que amissa erat et tunc accidentia illa ex tunc ulterius amittunt nomen et rationem sacramenti. Et ita ibi corpus Domini desinit esse. Sic etiam<sup>486</sup> quando creat substantiam nouam. Primo, accidentia alterantur. In<sup>487</sup> ultimo instanti aliqua substantia inducitur<sup>488</sup>, in quo instanti uerum est talem substantiam ibi esse et ita negationem sacramenti cum illa esse, et ita corpus Christi ibi non esse<sup>489</sup>. In eodem ergo instanti corpus aliud<sup>490</sup> accedit et corpus Domini discedit<sup>491</sup>, siue, illud<sup>492</sup> incipit esse et corpus Domini<sup>493</sup> desinit esse. Sed posterius natura<sup>494</sup> aliud corpus ibi esse incipit et prius natura corpus Domini ibi esse desinit<sup>495</sup>, sicut<sup>496</sup> quando peccator de peccatis penitentiam agit. In eodem instanti sibi culpa remittitur et gratia confertur. Sed prius natura intelligitur<sup>497</sup> culpa remissa quam gratia collata<sup>498</sup>, intelligendo per culpam non solum priuationem gratie, sed aliquod positium<sup>499</sup>. Res namque non<sup>500</sup> potest intelligi aliquid recipere<sup>501</sup> nisi intelligatur aliud<sup>502</sup> quasi prius<sup>503</sup> amittere, quando quod<sup>504</sup>

---

<sup>475</sup> substantia panis reducitur propter hanc causam solum, ne accidentia illa que iam non sunt sacramentum maneant sine subiecto *IMNOPV*, substantia panis solum propter hanc causam reducitur in accidentia illa, que iam non sunt, ne maneant sine subiecto *Q*

<sup>476</sup> nouiter *add. M (sup. lin. a. m.) Q*

<sup>477</sup> ut ex uestris dicunt aliqui *add. Q*

<sup>478</sup> hec *IJMNPQV*, talia *O*

<sup>479</sup> etiam *om. Q*

<sup>480</sup> uoluit *IJMNPQ*, noluit *V*

<sup>481</sup> etiam uoluit quod *om. O*

<sup>482</sup> uel *IJMNOV*, et *Q*

<sup>483</sup> hoc *IJMNOV*, hec *Q*, homini *V*

<sup>484</sup> quia *IJMNOV*, qui *OP*

<sup>485</sup> maxime quia non est ratio quare magis hanc quam illam nouiter oporteat creare *add. V*

<sup>486</sup> sic etiam *IJMP*, sicut et *NOQV*

<sup>487</sup> in *IJMNOV*, et *Q*

<sup>488</sup> inducitur *IJMNOVQ*, reducitur *V*

<sup>489</sup> et ita negationem sacramenti cum illa esse, et ita corpus Christi ibi non esse *om. I*

<sup>490</sup> aliud *IJMNOV*, illud *Q*

<sup>491</sup> discedit *IJMNOQV*, descendit *H*

<sup>492</sup> ibi *add. N*

<sup>493</sup> discedit siue illud incipit esse et corpus Domini *om. PV*

<sup>494</sup> natura *IJMV*, nam *NOP*

<sup>495</sup> Sed posterius natura aliud corpus ibi esse incipit et prius natura corpus Domini ibi esse desinit *IJMNOV*, *om. Q*, Sed posterius, nam aliud corpus ibi esse incipit et prius natura corporis Domini ibi esse desinit *HV*

<sup>496</sup> ex uestris aliquid dicunt *add. OV*

<sup>497</sup> intelligitur *IJMNOQV*, intelligatur *P*

<sup>498</sup> Sed prius natura intelligitur culpa remissa quam gratia collata *JMNOQV*, Sed potius natura intelligitur culpa remissa quam gratia collata *HIV*

<sup>499</sup> si poneretur ut ille reatus seu obligatio ad penam *add. M (in marg. a. m.) NOQ*, sed aliquo modo positium si ponatur sed obligatio ad penam *add. P*

<sup>500</sup> namque non *JMNOV*, numquam *IV*

<sup>501</sup> recipere *IJMOPV*, accipere *N*

recipitur non potest simul esse cum illo<sup>505</sup> quod amittitur uel ex impossibilitate<sup>506</sup> rerum uel ex ordinatione diuina.<sup>507</sup> Scito ergo et animaduerte et diligenter conscribe, ut tibi que dico sint clariora, quod Deus potest in eodem instanti in quo substantia panis intelligitur discessisse, in eodem corpus Filii sui facere ibi esse. Sed prius natura substantia panis intelligitur<sup>508</sup> ibi non esse quam corpus Domini ibi esse. Potest etiam non<sup>509</sup> illo instanti, sed in tempore minimo illi instanti propinquissimo, loquendo ut uestri philosophi loquuntur, qui nolunt unum instans alteri immediatum esse nec punctum puncto, quod an uerum sit et qualiter uerum sit<sup>510</sup> illi reuelabitur alio tempore, cui et alia reuelanda sunt. Eodem modo, alteratis accidentibus in tempore<sup>511</sup> aliquo, in<sup>512</sup> ultimo instanti illius temporis Deus potest reducere substantiam panis uel aliam<sup>513</sup> et in eodem instanti prius<sup>514</sup> natura desinit esse corpus Christi et accidentia desinunt esse sacramentum. Potest etiam Deus, et facit sicut sibi placet, in ultimo instanti illius temporis facere ut accidentia illa desinant esse sacramentum et corpus Domini ibi desinat esse et in tempore propinquissimo illi instanti, ut uestrorum philosophorum more loquar, quia<sup>515</sup> et ego opera Aristotilis [122] uestri<sup>516</sup> legi et intellexi antequam scripsisset, et hoc<sup>517</sup> dicens subrisit, creare<sup>518</sup> substantiam panis uel alterius rei secundum quod alteratio facta fuerit uno<sup>519</sup> modo uel altero. Et tunc pro<sup>520</sup> uno instanti accidentia erunt sine subiecto et sine presentia corporis Domini. Et sic<sup>521</sup> uerum esset dicere tunc: "Accidentia sunt sine subiecto<sup>522</sup> et non sunt<sup>523</sup> sacramentum pro instanti non<sup>524</sup> pro tempore." Posset etiam Deus in ultimo instanti alterationis substantiam panis uel aliam ibi ponere nec tamen corpus Domini amouere pro tunc, sed in tempore illi<sup>525</sup> instanti immediato, quia sicut corpus Domini potest esse simul cum quantitate<sup>526</sup> panis ita potest esse simul cum pane<sup>527</sup>. Eodem modo, quando fit consecratio, posset<sup>528</sup> panis manere adueniente corpore Domini, deinde desinere. Et sic<sup>529</sup> pro aliquo instanti uerum

<sup>502</sup> aliud *JMOP*, aliquid *INV*

<sup>503</sup> quasi prius *om. N*

<sup>504</sup> quod *IJMOPV*, id *N*

<sup>505</sup> illo *NOV*, illa *IJM*

<sup>506</sup> impossibilitate rerum *IJMNPV*, impossibilitate rerum *O*

<sup>507</sup> Res namquam non potest intelligi aliquid recipere nisi intelligatur aliquid quasi prius amittere quando quod recipitur non potest simul esse cum illo quod amittitur uel ex impossibilitate rerum uel ex ordinatione diuina. *om. Q*

<sup>508</sup> intelligitur *IJMNOQV*, intelligatur *P*

<sup>509</sup> in *add. NOPQ*

<sup>510</sup> uerum sit *om. Q*

<sup>511</sup> tempore *om. V*

<sup>512</sup> in *om. V*

<sup>513</sup> aliam *JMNOPQ*, alias *IV*

<sup>514</sup> in *add. Q*

<sup>515</sup> quia *IJMNOVP*, nam *Q*

<sup>516</sup> uestri *om. O*

<sup>517</sup> hoc *JMNOPQV*, hec *I*

<sup>518</sup> ibi *add. O (sup. lin. a. m.)*

<sup>519</sup> uno *IJMNOVP*, hoc *Q*

<sup>520</sup> pro *IJMNOPQ*, de *V*

<sup>521</sup> sic *om. P*

<sup>522</sup> et sine presentia corporis Domini. Et sic uerum esset dicere tunc: "Accidentia sunt sine subiecto *om. IV*

<sup>523</sup> sunt *om. Q*

<sup>524</sup> non *IJMNOVP*, nec *Q*

<sup>525</sup> illi *JMNOPQ*, illo *V*

<sup>526</sup> quantitate *IJMNOPQ*, qualitate *V*

<sup>527</sup> cum pane *om. V*

<sup>528</sup> posset *add. P (in marg. a. m.)*

<sup>529</sup> sic *IJMNOPQ*, si *V*

esset dicere: "In hoc sacramento accidentia sunt in subiecto". Posset etiam pro tempore et pro semper Deus panem ibi conseruare cum corpore Christi. Sed tunc non posset<sup>530</sup> dici: "Panis transubstantiatur<sup>531</sup> uel transit aut conuertitur in corpus Christi<sup>532</sup>". Et an<sup>533</sup> omnibus modis predictis Deus utatur uel tantum uno illorum quando fit hoc sacramentum alias dicetur illi de quo totiens diximus. Et an eodem modo uel alio et alio fiat apud uos et alios, ut puta Grecos, Armenos et huiusmodi, tunc declarabitur. Tibi credendum est firmiter, quia uerum est<sup>534</sup>, quod Ecclesia tua tibi dicit, uidelicet panem<sup>535</sup> transubstantiari<sup>536</sup> et transire in corpus Domini<sup>537</sup> ita ut prius natura panis abscedat<sup>538</sup> et tunc posterius tantum<sup>539</sup> natura corpus Domini ibi incipiat esse et in tempore immediato panis desinat<sup>540</sup> esse ne sequatur quod in conuersione sit anihilatus<sup>541</sup>. Non enim in conuersione anihilatur, sed quasi post conuersionem, quamuis etiam post conuersionem<sup>542</sup> non sit omnino anihilatus, quia remanserunt accidentia quibus ipse panis est aptus natus affici<sup>543</sup> sicut si alicuius rei u. g.<sup>544</sup> aque materia<sup>545</sup> desineret esse, forma uero remaneret. Tunc materia<sup>546</sup> illa non esset anihilata, quia remaneret in<sup>547</sup> forma qua nata est perfici sicut et uos quando aqua corrumpitur non dicitis formam aque anihilatam esse, quia remanet in materia quam perficere et informare<sup>548</sup> potest et in qua agens potest formam inducere, non tamen<sup>549</sup> illam<sup>550</sup> que destructa est, sed aliam similem. Sed differentia est quia<sup>551</sup>, destructa materia et<sup>552</sup> remanente forma, agens creatum non potest facere ut forma illa ullam<sup>553</sup> materiam informet<sup>554</sup>, sed bene potest facere Deus. Similiter, destructa substantia et remanentibus accidentibus, agens creatum non potest facere ut<sup>555</sup> illa informet illam<sup>556</sup> substantiam, sed bene potest facere Deus.<sup>557</sup> Satis est ergo ut sit in accidentibus aptitudo informandi substantiam panis et ita panis non est omnino anihilatus, ut diximus.

<sup>530</sup> posset *JMNOPQ*, potest *IV*

<sup>531</sup> transubstantiatur *IJMNOQV*, transmutatur *P*

<sup>532</sup> Christi *IJMNPQV*, Domini *O*

<sup>533</sup> an *IJMN* (*O sup.lin.a.m., er. in*) *PQ*, in *V*

<sup>534</sup> quia uerum est *add.O (sup.lin.a.m.)*

<sup>535</sup> uidelicet panem *JMNOPQV*, neque *I*

<sup>536</sup> transubstantiari *IJMNOQV*, transmutari *P*

<sup>537</sup> Domini *IJMNOQV*, Christi *Q*

<sup>538</sup> ita ut prius natura panis abscedat *IJMNOQV*, ut prius natura ita panis accedat *Q*

<sup>539</sup> tantum *JMQV*, tamen *INOP*

<sup>540</sup> desinat *IJMNOQV*, desinit *V*

<sup>541</sup> anihilatus *IJMNOQV*, anihilatio *Q*

<sup>542</sup> quamuis etiam post conuersionem *add.O (in marg.a.m.)*

<sup>543</sup> affici *IJMNOQV*, effici *Q*

<sup>544</sup> u.g. *IJMN*, uerbi gratia *OP*, gratia exempli *Q*, u.g. uerbi gratia *V*

<sup>545</sup> deficeret seu *add. Q*

<sup>546</sup> desineret esse, forma uero remaneret. Tunc materia *om. V*

<sup>547</sup> in *IJMNOQV*, ibi *Q*

<sup>548</sup> quam perficere et informare *JMNOPQV*, qua perficere et informari *I*

<sup>549</sup> tamen *IJMNOQV*, quidem *Q*

<sup>550</sup> communiter *add. V*

<sup>551</sup> quia *IJMNOQV*, quomodo *V*

<sup>552</sup> et *IJMNOQV*, est *V*

<sup>553</sup> ullam *IJMNPQ*, nullam *V*

<sup>554</sup> informet *IJMNPQ*, informaret *V*

<sup>555</sup> forma illa ullam materiam informet sed bene potest facere Deus. Similiter destructa substantia et remanentibus accidentibus agens creatum non potest facere ut *om. O*

<sup>556</sup> illa informet illam *IJMV*, illa informet ullam *O (er. informet) Q*

<sup>557</sup> Similiter destructa substantia et remanentibus accidentibus agens creatum non potest facere ut illa informet illam substantiam sed bene potest facere Deus. *om. NP*

Intellexisti iam tu aliquo modo quomodo numquam ex non substantia generatur substantia et qualiter<sup>558</sup> substantia<sup>559</sup> panis<sup>560</sup> destructa multoties reuertitur<sup>561</sup> et multoties alia substantia ibi ponitur<sup>562</sup>, illa uidelicet que tunc ex pane sic<sup>563</sup> alterato generaretur<sup>564</sup> si panis ibi esset. Et oportuit ita facere<sup>565</sup>, carissime<sup>566</sup>, ut iterum uel panis uel alia substantia produceretur ne materia prima ex qua generantur omnia periret. Nam si mundus longo tempore esset duraturus et hoc sacramentum frequentaretur in toto mundo, quotidie magna pars materie destrueretur [123] et in decem annis maior et<sup>567</sup> in centum ac<sup>568</sup> mille adhuc maior, et<sup>569</sup> materia corrupta numquam reuerteretur nec alia noua crearetur, posset in processu temporis horum inferiorum materia deficere et ita generatio impediri. Sapientissimus ergo Deus<sup>570</sup> omnia uidit et omnibus<sup>571</sup> prouidit. Ideo tantam<sup>572</sup> materiam iterum reducit<sup>573</sup> quanta destruitur<sup>574</sup>.

Tunc ego: Domine mi, ex quo posset esse<sup>575</sup> in hoc sacramento panis<sup>576</sup> simul cum corpore Christi et esset signum efficacius<sup>577</sup> corporis Christi, quia panis est cibus efficacior<sup>578</sup> accidentibus solis<sup>579</sup>, efficacius ergo significaret cibum anime et non oportet<sup>580</sup> materiam destrui nec destructam<sup>581</sup> reparari<sup>582</sup>, cur ergo panis destruitur?

Respondit<sup>583</sup>: Bene scio uobis<sup>584</sup> ualde defficile esse et philosophi respuunt illud et est prauis et<sup>585</sup> obstinatis seu<sup>586</sup> proteruis occasio non sequendi fidem Christi. Sed ualde congruum et utile<sup>587</sup> fuit bonis ingeniis et probis hominibus<sup>588</sup> ut acuerent ingenia sua inuestigando possibilitatem tot<sup>589</sup> mirabilium que sunt<sup>590</sup> in hoc<sup>591</sup> sacramento et etiam

<sup>558</sup> qualiter *I(M sup.ras.)NOPV*, quomodo *Q*

<sup>559</sup> generatur substantia et qualiter substantia *om.J*

<sup>560</sup> et qualiter substantia panis *om. I*

substantia panis *add.M (in marg.a.m.)*

<sup>561</sup> reuertitur *IJMNOVP*, reuertatur *Q*

<sup>562</sup> ponitur *IJMNOVP*, ponatur *Q*

<sup>563</sup> sic *IJMNO*, sit *V*, *om. Q*

<sup>564</sup> generaretur *IJMNP*, generatur *O (add.sup.lin.generaretur) Q*, generaret *V*

<sup>565</sup> facere *IJMNOVP*, fieri *Q*

<sup>566</sup> uidelicet *add. NOP*

<sup>567</sup> tamen *add. V*

<sup>568</sup> ac *IJMNOQV*, aut *P*

<sup>569</sup> si *add. Q*

<sup>570</sup> Deus *IJMQV*, Dominus *NOP*

<sup>571</sup> et omnibus *om. Q*

<sup>572</sup> tantam *IJNOPQV*, totam *M*

<sup>573</sup> reducit *IMNOPQV*, reducitur *J*

<sup>574</sup> quanta destruitur *IJMNOQV*, quantum destruetur *P*

<sup>575</sup> posset esse *JMOPV*, posset *I*, possit *NQ*

<sup>576</sup> panis *om. NQ*

<sup>577</sup> efficacius *IJMNO*, effectiuum *V*

<sup>578</sup> efficacior *IJMOPV*, efficacius *NQ*

<sup>579</sup> et quare *add. N*

<sup>580</sup> oportet *JMV*, opus *I*, oporteret *NOPQ*

<sup>581</sup> destructam *IJNOPQV*, destructa *M*

<sup>582</sup> reparari *IJMOPQ*, recuperari *V*

<sup>583</sup> angelus *add. Q*

<sup>584</sup> uobis *om. Q*

<sup>585</sup> et *IJNOP*, seu *MV*, *om. Q*

<sup>586</sup> seu *IJMNOVP*, et *Q*

<sup>587</sup> et utile *om. Q*

<sup>588</sup> hominibus *IJNOPQV*, hominis *M*

<sup>589</sup> tot *om. V*

<sup>590</sup> sunt *IJMNOVP*, fiunt *Q*

<sup>591</sup> mirabili *add. N*

ut<sup>592</sup>, captiuando intellectum proprium, merita magna<sup>593</sup> sibi accumularent<sup>594</sup> apud Deum, quia ergo totus mundus<sup>595</sup> credebat hec impossibilia esse, quod fuit<sup>596</sup> deceptio et error. Sicut autem ueritas est bonum intellectus et sanitas eius ita et error est malum et infirmitas eius. Vt ergo Deus uos<sup>597</sup> eriperet a tantis erroribus et illuminaret et erudiret, reuelauit<sup>598</sup> uobis se<sup>599</sup> omnia hec facere posse. Et ut firmiter crederetis eum illa posse facere, uoluit ea<sup>600</sup> facere ut uos crederetis<sup>601</sup> et nos angeli experientia comprobaremus id<sup>602</sup> fieri quando illud<sup>603</sup> fieri uideremus<sup>604</sup>. Multum profuit etiam nobis mirabilia que facere potest Deus uidere uidelicet<sup>605</sup> illa<sup>606</sup> fieri et facta<sup>607</sup>. Vnde assidue, quando talia facit Deus, hoc est, quotidie, cantamus canticum coram Domino, quotidie uidentes tanta mirabilia incendimur<sup>608</sup>, inflamamur, magnificamus<sup>609</sup> et gratias agimus<sup>610</sup>. Quod quidem canticum<sup>611</sup> tibi postea reserabo.

Vt itaque Deus<sup>612</sup> ostenderet potentiam suam, et ut<sup>613</sup> uos homines a tanta infirmitate animi<sup>614</sup> et a tantis erroribus<sup>615</sup> liberaret, et ut nobis angelis<sup>616</sup> experientia ostenderet<sup>617</sup> ut eum<sup>618</sup> extolleremus et potentiam suam<sup>619</sup> infinitam<sup>620</sup> magnificaremus, et ut<sup>621</sup> uobis merendi occasionem preberet, uoluit in hoc ineffabili<sup>622</sup> sacramento accidentia sine subiecto conseruare<sup>623</sup>. Et ut<sup>624</sup> sciretis ipsum etiam materiam primam creasse<sup>625</sup>, ideo in hoc sacramento solum<sup>626</sup> eam<sup>627</sup> destruit et in nihilum redigit et quandoque eam<sup>628</sup>

<sup>592</sup> ut *om. N*

<sup>593</sup> merita magna *IJMNO PV*, multa merita et magna *Q*

<sup>594</sup> accumularent *MOQ*, accumularent *INPV*

<sup>595</sup> sibi accumularent apud Deum, quia ergo totus mundus *om. J*

<sup>596</sup> fuit *om. V*

<sup>597</sup> uos *om. V*

<sup>598</sup> reuelauit *om. V*

<sup>599</sup> se *IJMNO PV*, Deum *Q*

<sup>600</sup> ea *om. N*

<sup>601</sup> crederetis *IMNO PQV*, crederetis *J*

<sup>602</sup> id *IJMOPV*, hec *N*, ea *Q*

<sup>603</sup> illud *IJMNO P*, ea *Q*, illa *V*

<sup>604</sup> uideremus *IMNO PQV*, uiderimus *J*

<sup>605</sup> uidelicet *om. O*

<sup>606</sup> uidelicet illa *IJMNO PV*, ea *Q*

<sup>607</sup> esse *om. Q*

<sup>608</sup> incendimur *JMNO PQ*, iocundimur *IV*

<sup>609</sup> eum *add. N*

magnificamus *om. Q*

<sup>610</sup> Deo *add. Q*

<sup>611</sup> canticum *om. Q*

<sup>612</sup> Deus *IJMNO PQV*, Dominus *O*

<sup>613</sup> ut *om. N*

<sup>614</sup> animi *IJMOPQ*, anime *V*

a tanta infirmitate animi *om. P*

<sup>615</sup> et a tantis erroribus *IJMNO PV*, et ueritatis erroribus *Q*

<sup>616</sup> id *add. I (M sup. lin. a. m.)NQ*

<sup>617</sup> ostenderet *IJMNO PQV*, monstraret *O*

et *add. V*

<sup>618</sup> eum *IJMNO PV*, Deum *Q*

<sup>619</sup> suam *IJMNO PV*, eius *Q*

<sup>620</sup> infinitam *om. Q*

<sup>621</sup> ut *add. O (sup. lin. a. m.)*, *om. IV*

<sup>622</sup> ineffabili *IJMNO PQ*, ineffabile *V*

<sup>623</sup> conseruare *IJMNO PV*, esse et conseruari *Q*

<sup>624</sup> uos *add. Q*

<sup>625</sup> creasse *IJMNO PQ*, errasse *V*

<sup>626</sup> in hoc sacramento solum...et *IJMOPV*, non in hoc sacramento solum...et *N*, in hoc sacramento non solum...sed etiam *Q*

redire facit, interdum<sup>629</sup> consimilem creat. Hec homines numquam credidissent esse possibilis. Nunc autem et credunt<sup>630</sup> et tamquam uera tenent et affirmant, parati proprium sanguinem effundere pro tali ueritate. Propterea ergo Deus<sup>631</sup> sine destructione panis poterat<sup>632</sup> corpus suum ibi ponere simul cum pane, sed rationibus predictis uoluit<sup>633</sup> huic miraculo plura alia annectere ut posset<sup>634</sup> omnis creatura infinitam Dei uirtutem extollere et sublimare.

Qui ergo<sup>635</sup> dicunt Deum sine conuersione panis non potuisse corpus Christi facere ibi esse, hi<sup>636</sup> purgati una ignorantia retinent aliam. Credunt enim panem ibi non esse et hoc recte credunt<sup>637</sup>. Sed quia corpus Domini aliter ibi esse non posse<sup>638</sup> nisi panis conuerteretur<sup>639</sup> in illud putant, alio errore<sup>640</sup> [124] inuoluuntur<sup>641</sup>. Hi enim tantum ea<sup>642</sup> posse fieri affirmant que fides eos affirmare compellit. Quid confert desitio<sup>643</sup> panis ad hoc ut<sup>644</sup> corpus Domini sit ibi? Nonne sicut nunc est cum<sup>645</sup> quantitate panis ita tunc<sup>646</sup> esset<sup>647</sup> simul cum ipso pane? Tantum enim repugnat duas substantias<sup>648</sup> esse in uno<sup>649</sup> loco quantum duas quantitates. Immo quia causa essendi in loco circumscriptione est quantitas, tota repugnantia ne duo corpora essent<sup>650</sup> simul prouenit a quantitate. Certum est panem non remanere in corpore Domini nec<sup>651</sup> quicquam panis in illo corpore esse, quia illud corpus hac conuersione nec<sup>652</sup> augetur nec in aliqua sui parte generatur.<sup>653</sup> Si quoque panis maneret, unum<sup>654</sup> miraculum esset uidelicet<sup>655</sup> quia<sup>656</sup> duo quanta essent simul. Pane abscedente<sup>657</sup>, fiunt plura<sup>658</sup> miracula. Primum est<sup>659</sup> quod<sup>660</sup> duo quanta

<sup>627</sup> eam *IJNOPQV*, ea *M*

<sup>628</sup> eam *JOPQV*, eandem *IM*

<sup>629</sup> uero *add. Q*

<sup>630</sup> et credunt *IJMNOQV*, tamquam uera credunt *P*

<sup>631</sup> Deus *IJMNOP*, Deus qui *Q*, Dominus *V*

<sup>632</sup> poterat *IJMNOQV*, potentie *V*

<sup>633</sup> sed, rationibus predictis, uoluit *IJMNOQV*, rationibus predictis noluit sed uoluit *Q*

<sup>634</sup> posset *IJMNOQV*, possit *NQ*

<sup>635</sup> ergo *IJMNOQV*, autem *V*

<sup>636</sup> hi *JMNOQV*, si *IV*

<sup>637</sup> et hoc recte credunt *IJMNOQ*, et recte credunt *NP*, In hoc recte credunt *V*

<sup>638</sup> posse *IJMNOQV*, possunt *Q*

<sup>639</sup> conuerteretur *IJMNOQV*, conuertatur *O (sup.ras.)*

<sup>640</sup> etiam *add. Q*

<sup>641</sup> inuoluuntur *IJMNOQV*, reuoluuntur *P*

<sup>642</sup> ea *om. IV*

<sup>643</sup> desitio *JMNOQV*, deficio *I*, defectio *V*

<sup>644</sup> ut *IJMNOQV*, quod *Q*

<sup>645</sup> cum *IJMNOQV*, in *V*

<sup>646</sup> tunc *IJMNOQV*, nunc *Q*

<sup>647</sup> esset *IJMNOQV*, esse *Q*

<sup>648</sup> quantas *add. M (in marg.) NO*

<sup>649</sup> uno *IJMNOQV*, eodem *Q*

<sup>650</sup> essent *IJMNO (O sup.ras.) QV*, sint *Q*

<sup>651</sup> nec *IJMNOQV*, nequid *V*

<sup>652</sup> nec *JMNOQV*, non *IV*

<sup>653</sup> nec quicquam panis in illo corpore esse quia illud corpus hac conuersione nec augetur nec in aliqua sui parte generatur. *om. Q*

<sup>654</sup> unum *JMNOQV*, uinum *IV*

<sup>655</sup> uidelicet *om. N*

<sup>656</sup> quia *IJMNOQV*, quod *JO*

<sup>657</sup> abscedente *JMNOQV*, absente *IV*

<sup>658</sup> plura *IJMNOQV*, plurima *P*

<sup>659</sup> est *om. Q*

<sup>660</sup> quod *IJMNOQV*, quia *O*

sunt simul; secundum est<sup>661</sup> quia<sup>662</sup> accidentia remanent<sup>663</sup> sine subiecto; tertium est<sup>664</sup> quia panis desinit<sup>665</sup> esse ita quod etiam materia eius destruatur<sup>666</sup> et desinat esse. Omnia ergo miranda que tunc essent et nunc sunt et multo plura. Remouentur illa plura, stent illa communia. Facilius intelligitur<sup>667</sup> unum miraculum quam plura inter que<sup>668</sup> cadit illud unum<sup>669</sup>. Ex quo uides quod<sup>670</sup> difficilius est asserere hoc<sup>671</sup> quod asseritur uidelicet ut ibi non possit esse<sup>672</sup> corpus Domini nisi pane cedente, quam dicere ibi est corpus Domini cum pane.<sup>673</sup> Quando ergo dicebas: "Si panis ibi esset, quia est cibus efficacior solis accidentibus, tunc esset signum efficacius cibi anime", dico tibi, quod uerum est<sup>674</sup>, panem melius nutrire quam accidentia. Immo accidentia non nutriunt, quia non conuertuntur in nutritum<sup>675</sup>. Tamen<sup>676</sup> accidentia magis ostendunt uobis<sup>677</sup> hominibus bonitatem nutrimenti, immo per sola illa iudicatis<sup>678</sup> et approbatis nutrimenti conuenientiam. Sacramenta uero uobis data sunt non angelis. Melius ergo fuit<sup>679</sup> ea<sup>680</sup> dari in signo sensibili. Et<sup>681</sup> sacramentum congruum fuit institui in illis signis que uobis maxime<sup>682</sup> ostendunt<sup>683</sup> bonitatem alimenti, que sunt accidentia panis et uini. Quando ergo dicebas: "Panis est nutrimentum efficacius", concedimus, immo est solus<sup>684</sup> ipse nutrimentum<sup>685</sup>. Sed panis non esset<sup>686</sup> signum efficacius<sup>687</sup> bonitatis nutrimenti, immo nullum. Sufficiebat ergo<sup>688</sup> sacramentum hoc in eis<sup>689</sup> rebus instituere que maxime denotarent bonitatem nutrimenti, non que maxime nutrent. Panis autem abscedit propter quattuor rationes<sup>690</sup> paulo ante tibi dictas<sup>691</sup>.

Tunc ego: Fortissime Gabriel, tu dixisti et ego etiam a nostris<sup>692</sup> audiui corpus Domini<sup>693</sup> non esse<sup>694</sup> sub accidentibus nisi in fine prolationis omnium uerborum.

---

<sup>661</sup> est *om. PQ*

<sup>662</sup> quia *JMNOPQV*, quare *I*

<sup>663</sup> remanent *IJMNOVPV*, maneat *Q*

<sup>664</sup> est *om. Q*

<sup>665</sup> desinit *IJMNOVPV*, desit *Q*

<sup>666</sup> destruatur *IJMNOPOQ*, destruat *V*

<sup>667</sup> uno modo *add. Q*

<sup>668</sup> que *IMNOPQV*, quam *J*

<sup>669</sup> unum *IJMNOPOQ*, imum *V*

<sup>670</sup> quod *IJMOV*, quam *Q*

<sup>671</sup> hoc *om. Q*

<sup>672</sup> possit esse *JMO*, non sit *Q*, non posset *IV*

<sup>673</sup> Ex quo uides quod difficilius est asserere hoc quod asseritur uidelicet ut ibi non possit esse corpus Domini nisi pane cedente, quam dicere ibi est corpus Domini cum pane. *om. NP*

<sup>674</sup> quod uerum est *om. Q*

<sup>675</sup> nutritum *IJMNO P*, nutrimentum *QV*

<sup>676</sup> Tamen *IJMNOQV*, Tunc *P*

<sup>677</sup> uobis *IJMNOPOQ*, uel *V*

<sup>678</sup> per sola illa iudicatis *IJMNOQV*, per illa substantiam iudicatis *P*

<sup>679</sup> fuit *om. P*

<sup>680</sup> ea *JMNOPQ*, et *I*, ut *V*

<sup>681</sup> hoc *add. Q*

<sup>682</sup> maxime *IJMNOVPV*, magis *Q*

<sup>683</sup> ostendunt *IJMNOVPV*, ostendant *Q*

<sup>684</sup> solus *IJMNOQ*, solum *P*

<sup>685</sup> et non accidentia eius *add. M (in marg. a m.) OQ*

<sup>686</sup> esset *IJMNO P*, est *Q*

<sup>687</sup> concedimus immo est solus ipse nutrimentum. Sed panis non esset signum efficacius *om. V*

<sup>688</sup> ergo *IJMNOVPV*, uero *Q*

<sup>689</sup> eis *JMOPQV*, illis *N*

<sup>690</sup> Pauli *add. V*

<sup>691</sup> dictas *IJMNOPOQ*, dictis *V*

<sup>692</sup> etiam a nostris *om. Q*

<sup>693</sup> Domini *IJMNOVPV*, Christi *Q*

Quando ergo accipitur panis et bendicitur dicendo: "Hoc est corpus meum"; similiter et uinum<sup>695</sup>: "Hic est calix sanguinis mei", uel si diceret<sup>696</sup>: "Hic est sanguis meus", quid mihi<sup>697</sup> notant ille<sup>698</sup> dictiones "hoc est" et "hic est"? Quid demonstrant, quero? Si corpus Christi, ergo<sup>699</sup> ante finem prolotionis est ibi. Si panem, tunc falsa est locutio illa<sup>700</sup> ut<sup>701</sup> "hoc", id est, panis sit corpus Christi. Multotiens de hoc dubitauit et aliquos<sup>702</sup> theologos interrogauit et uarie<sup>703</sup> mihi respondit nec nunc recordor.

Respondit angelus: Et ego recordor qualiter dicunt neque sum oblitus. Aliqui ex uestris<sup>704</sup> dicunt quod<sup>705</sup> ostendit et demonstrat corpus Christi, non quia tunc sit ibi, sed quia statim erit<sup>706</sup>. Quia statim accingendus pro accinto habetur et quando parum<sup>707</sup> deest nihil deesse uidetur. [125] Alii uero dicunt idem<sup>708</sup> alio modo. "Hoc est", id est, hoc quantum quod<sup>709</sup> uides est corpus meum, id est, sub eo et cum eo statim erit. Vel "hoc", id est, "ens"<sup>710</sup> est corpus meum. Alii quod<sup>711</sup> omnino non significat nisi pro ultimo instanti totius<sup>712</sup> prolotionis. Quando ergo<sup>713</sup> dicis: "Hoc est corpus meum", sensus est: Pro illo instanti ultimo est ibi corpus Christi. Quod ergo pro ultimo instanti habes in manibus, illud ostendis, non id<sup>714</sup> quod tunc habes quando dicis "hoc"<sup>715</sup>.

Quando enim<sup>716</sup> dicis: "Hoc est corpus meum", oratio illa<sup>717</sup> neque uera neque falsa est, sed neutra. Prolatis autem omnibus dictionibus illis, concipitur tota simul ut<sup>718</sup> uera. Si ergo non est uera nisi in fine totius prolotionis et in fine totius prolotionis non est oratio sacramentalis, sed antea uidelicet<sup>719</sup> dum profertur<sup>720</sup>, sequitur quod<sup>721</sup> in quantum est oratio sacramentalis nec<sup>722</sup> uera est nec falsa. Nam, dum profertur, est sacramentalis, quia conficit sacramentum, quando prolata est, tunc uera est, sed non conficit sacramentum, quia iam confectum est. Simul enim<sup>723</sup> illa accidentia incipiunt esse sacramentum et oratio illa est uera et incipit esse uera, quamuis prius natura sit oratio quam intelligatur ut uera.

---

<sup>694</sup> esse *IJMNO PQ*, est *V*

<sup>695</sup> dicendo *add. Q*

<sup>696</sup> si diceret *IJMNO PV*, dicendo *Q*

<sup>697</sup> quid mihi *IJMNO PQ*, quod *V*

<sup>698</sup> ille *IJMOPQV*, he *N*

<sup>699</sup> ante prolotionem uerborum uel *add. Q*

<sup>700</sup> illa *IJMNO PQ*, tua *V*

<sup>701</sup> ut *IJMNNPV*, et *Q*

<sup>702</sup> aliquos *IJMNO PV*, multos *Q*

<sup>703</sup> uarie *JMNO PQ*, maxime *IV*

<sup>704</sup> oblitus. Aliqui ex uestris *IJMNO PV*, oblitus quia aliqui ex uestris *Q*

<sup>705</sup> quod *JMNO PQ*, quia *IV*

<sup>706</sup> uel hoc est ens corpus meum *add. Q*

<sup>707</sup> parum *IJMNO PQ*, pariter *V*

<sup>708</sup> idem *om. V*

<sup>709</sup> quantum, quod *IJONPQ*, quantumque *M*, quantum quid *V*

<sup>710</sup> ens *IJMNO P*, eris *V*, id est, "ens" *om. Q*

<sup>711</sup> Alii quod *IJMNO PQ*, Aliquid *V*

<sup>712</sup> totius *IJMNO PV*, ipsius *Q*

<sup>713</sup> ergo *om. V*

<sup>714</sup> id *om. V*

<sup>715</sup> est corpus meum *add. Q*

<sup>716</sup> enim *IJMNO PV*, ergo *Q*

<sup>717</sup> oratio illa *om. Q*

<sup>718</sup> ut *MOPQ*, et *IV*

<sup>719</sup> est *add. V*

<sup>720</sup> dum profertur *IJMNO PQV*, dum uerba proferentur *O*

<sup>721</sup> quod *IJMNO PQ*, quia *V*

<sup>722</sup> neque *IMNOQ*, uidelicet *JPV*

<sup>723</sup> enim *om. IQV*

Alii dicunt illa uerba<sup>724</sup> quando tunc<sup>725</sup> proferuntur nihil demonstrare<sup>726</sup>. Qui enim recitat alterius uerba, nil ipse ostendit<sup>727</sup>, sicut quando dicitis: "Dixit<sup>728</sup> Iesus matri sue: Mulier, ecce filius tuus". Solum<sup>729</sup> recitatis illud quod Iesus tunc matri demonstrabat uidelicet Ioannem. Vos autem nihil demonstratis. Ita sacerdos dicit Dominum dixisse, accepto pane et iam conuerso in carnem: "Hoc est corpus meum". Dicunt itaque quod<sup>730</sup> quando Iesus accepit panem et benedixit, tunc panis fuit conuersus in corpus ipsius<sup>731</sup>. Ideo ipse uere dixit: "Hoc est corpus meum"<sup>732</sup>, quia quando<sup>733</sup> hoc dixit iam corpus erat ibi.

Ingenia uestra subtilia satis sunt et tota ista altercatio<sup>734</sup> facta est quia nescitis quomodo Dominus<sup>735</sup> consecrauit nec quomodo uos instruxit et uobis modum consecrandi dedit. Non enim apostoli omnia scripserunt et, quia illa<sup>736</sup> erant eis notissima, non cogitauerunt posteriorum<sup>737</sup> dubitationes. Audi tu, serue Dei, et que tibi dico conscribere<sup>738</sup>, quia ego interfui cene<sup>739</sup> Domini. Ipse, post multa alia<sup>740</sup>, accepit panem in sanctas ac uere<sup>741</sup> uenerabiles manus suas et, eleuatis oculis in celum ad suum Patrem Omnipotentem, gratias egit sicut et quando Lazarum suscitauit<sup>742</sup>. Dixit: "Gratias tibi ago, Pater, quoniam<sup>743</sup> exaudisti me", sic et tunc. Deinde, inspiciendo panem, benedixit eum uerbis propriis et subito fuit conuersus in corpus Christi. Et sic Christus Dominus<sup>744</sup> seipsum tenebat totum manibus<sup>745</sup> propriis. Deinde panis accidentia fregit, me cum Michaele et aliis sociis<sup>746</sup> intuentibus et mirantibus, quia etiam nobis illa sunt miranda<sup>747</sup> et stupenda. Videbamus Christum sedentem, uidebamus accidentia panis separatim<sup>748</sup> existentia<sup>749</sup>, uidebamus panem abire inde et ipsum totum Christum in suis manibus modo mirabili existentem. Circumscriptus ipso loco et circumdatus aere, tenebat se totum<sup>750</sup> ibi incircumscriptum ullo<sup>751</sup> loco, quia non erat una pars eius<sup>752</sup> in una parte loci et alia in alia, sed totus<sup>753</sup> simul, hoc est, omnes<sup>754</sup> partes

<sup>724</sup> uerba *IJMNO PQ*, uera *V*

<sup>725</sup> quando tunc *IJMNO PV*, dum *Q*

<sup>726</sup> demonstrare *JMNOP QV*, demonstrant *I*

<sup>727</sup> Qui enim recitat alterius uerba nil ipse ostendit *om. Q*

<sup>728</sup> Dixit *JMNOP Q*, Dicit *IV*

<sup>729</sup> uos *add. Q*

<sup>730</sup> quod *om. J*

<sup>731</sup> ipsius *IJMO V*, Christi *PQ*

<sup>732</sup> Dicunt itaque quod quando Iesus accepit panem et benedixit tunc panis fuit conuersus in corpus ipsius. Ideo ipse uere dixit: "Hoc est corpus meum" *om. N*

<sup>733</sup> quando *IJMNO PQ*, quod *V*

<sup>734</sup> altercatio *IJMNO PQ*, alteratio *V*

<sup>735</sup> Dominus *MNO Q*, Deus *IJP V*

<sup>736</sup> illa *om. N*

<sup>737</sup> posteriorum *IJMO QV*, posteriorum *NP*

<sup>738</sup> conscribere *IJMNO PV*, scribe *Q*

<sup>739</sup> cene *IJMNO PV*, in cena *Q*

<sup>740</sup> alia *om. N*

<sup>741</sup> uere *add. O (sup.lin.a.m)*, *om. Q*

<sup>742</sup> suscitauit *IJMNO PV*, resuscitauit *O*

<sup>743</sup> quoniam *IJMNO PV*, quia *O*

<sup>744</sup> Christus Dominus *IJMOP V*, Dominus Deus *N*, Dominus Iesus *Q*

<sup>745</sup> suis *add. Q*

<sup>746</sup> mecum *add. V*

<sup>747</sup> miranda *JMNOP Q* mirabilia *IV*

<sup>748</sup> separatim *JMNOP QV*, separantem *I*

<sup>749</sup> existentia *IJMNO PV*, a substantia *Q*

<sup>750</sup> se totum *IJMNO P*, seipsum *Q*, se *V*

<sup>751</sup> ullo *IJMNO PV*, illo *Q*

<sup>752</sup> eius *JMNOP V*, sui *I*, ipsius *Q*

sui corporis inter se distincte, respectu loci erant indistincte<sup>755</sup>. Quelibet enim particula eidem<sup>756</sup> loco respondebat et eidem parti loci, immo ad locum solum respectum<sup>757</sup> presentie habebat. Ipse, passibilis, se ibi modo im [126] passibili existentem tenebat. Ibi enim existens non poterat capi neque ligari neque flagelari aut<sup>758</sup> crucifigi. Et poterat<sup>759</sup> ibi, hoc est, in sacramento solum<sup>760</sup> esse et modo<sup>761</sup> alio desinere esse et ita nullus eum neque uidere neque tangere aut capere potuisset<sup>762</sup>. Ostendit ergo se non fugere mortem qui poterat inter inimicos esse neque tamen ab eis uideri aut tangi posse. Poterat tamen et alio modo se facere inimicis inuisibilem sicut<sup>763</sup> et fecit<sup>764</sup> quando abscondit se et exiuit de Templo, quia per medium illorum ibat neque ipsum uidebant qui lapides in manibus tenebant et prope erant. Immo aliquos illorum<sup>765</sup> tangebatur<sup>766</sup> neque tamen lapides iecerunt, quia quo iacerent eos nesciebant quando<sup>767</sup> illum quem<sup>768</sup> lapidare cupiebant non uiderunt. Sed in sacramento isto<sup>769</sup> alio modo est inuisibilis, quia hic uideri non potest<sup>770</sup> eo quod non est in loco ut alia corpora. Quando uero<sup>771</sup> se abscondit, erat in loco sicut et antea. Vnde ambulando motu progressiuo de loco ad locum, exiuit de Templo. Sed non uidebatur, quia non permittebat species coloris sui transire ad oculos eorum.

Erat ergo in cena Dominus noster duobus modis, uidelicet passibili et impassibili<sup>772</sup>. Et ipsemet et re et modo<sup>773</sup> essendi passibilis tenebat seipsum tunc passibilem in se, sed modo<sup>774</sup> impassibili<sup>775</sup>, quia a nullo exteriori nocumentum ei inferri poterat. Magna sunt hec<sup>776</sup> que dico et nos supremos angelos admiratione afficiunt.

Quando ergo, ut redeamus<sup>777</sup> ad illa<sup>778</sup> que dicere inceperamus<sup>779</sup>, Dominus fregit accidentia panis sub quibus ipse totus erat, tunc uidimus sub qualibet<sup>780</sup> particula ipsum eundem et totum atque integrum<sup>781</sup> existere<sup>782</sup>. Apostoli panem uel accidentia panis<sup>783</sup>

<sup>753</sup> totus *JMNPO*, totum *IOV*

<sup>754</sup> omnes *om. IV*

<sup>755</sup> inter se distincte, respectu loci erant indistincte. *IJMNOPIV*, inter se distincte distincte erant, respectu loci indistincte. *Q*

<sup>756</sup> eidem *IJMNOPIV*, eodem *Q*

<sup>757</sup> respectum *JMNOPQV*, respectu *I*

<sup>758</sup> aut *IJMNOPIQ*, neque *V*

<sup>759</sup> Et poterat *add. O (sup. lin. a. m.)*

<sup>760</sup> solum *add. O (sup. lin. a. m.)*

<sup>761</sup> modo *om. P*

<sup>762</sup> potuisset *JMNOPQV*, potuisse *I*

<sup>763</sup> sicut *IJMNOPIQ*, sic *V*

<sup>764</sup> et fecit *om. Q*

<sup>765</sup> illorum *JMOPQV*, eorum *IN*

<sup>766</sup> tangebatur *IJMNOPIV*, contingebatur *O*

<sup>767</sup> quando *IJMNOPIV*, quia *O*

<sup>768</sup> quem *om. Q*

<sup>769</sup> isto *IJMNOPIV*, illo *P*

<sup>770</sup> non potest *IJMNOPIV*, nequit *Q*

<sup>771</sup> uero *om. V*

<sup>772</sup> passibili et impassibili *IJMOPV*, passibilis et impassibilis *NQ*

<sup>773</sup> re et modo *IJMNOPIQ*, se et nostro *V*

<sup>774</sup> modo *JMNOPQV*, non *I*

<sup>775</sup> modo impassibili *IJMOPQV*, non passibili *N*

<sup>776</sup> hec *om. Q*

<sup>777</sup> redeamus *IJMNOPIV*, redeam *P*

<sup>778</sup> illa *IJMOPV*, ea *NQ*

<sup>779</sup> inceperamus *IJMNOPIQ*, inceperam *P*, inciperemus *V*

<sup>780</sup> qualibet *IMNOPIV*, qua *J*

<sup>781</sup> et totum atque integrum *IJMNOPIV*, atque totum integrum *P*

<sup>782</sup> existere *JMNOPQ*, persistere *IV*

<sup>783</sup> accidentia panis *IMNOPIV*, illa accidentia *Q*

uidebant, aliud non cernebant<sup>784</sup>. Nos angeli omnia uidebamus. Et tunc Dominus Iesus dedit unicuique discipulorum portionem accidentium, sed unicuique se totum modo inuisibili<sup>785</sup> prestitit. Et tunc uidimus<sup>786</sup> eum in loco suo naturaliter et in multis locis sacramentaliter. Esse autem in loco sacramentaliter non diminuit realem presentiam, sed notat alium modum essendi qui, etsi sit realis<sup>787</sup>, tamen est inuisibilis et insensibilis. Dixit ergo primo omnibus: "Accipite et comedite". Deinde unicuique seorsum, incipiendo<sup>788</sup> a Petro, dicebat: "Accipe et comede, hoc est corpus meum" ita quod<sup>789</sup>, dicendo illa uerba, communicabat eos sicut uos dicitis: "Corpus Domini nostri Iesu Christi custodiat animam tuam in uitam eternam". Expleta comunione, dixit eis:

Filioli mei, mandatum nouum<sup>790</sup> do uobis : ut diligatis inuicem sicut et ego<sup>791</sup> dilexi uos et ut hoc quod ego nunc feci<sup>792</sup> et uos in mei memoriam et comemorationem faciatis.

Dixit ei Petrus: Quomodo nos<sup>793</sup> ista facere poterimus?

Respondit ei Iesus: Scito<sup>794</sup> hec neque uos<sup>795</sup> neque angelos meos, et conuertit se ad nos<sup>796</sup>, apostoli tamen<sup>797</sup> nos tunc non uidebant, facere posse. Ego tamen sicut nunc<sup>798</sup> feci ita semper facere potero.

Dixit iterum Petrus: Si nos ea<sup>799</sup> facere non possumus quare, magister sapientissime, iubes ut faciamus?

Respondit ei Iesus: Illa uos facietis que<sup>800</sup> potestis, ego faciam illa que uos non potestis. Vos ista<sup>801</sup> facietis, accipietis panem in manibus uestris, uos sacerdotes. Nunc enim dicendo "Hoc facite", dedi uobis auctoritatem ista<sup>802</sup> faciendi. Accipiendo panem, dicitis: "Dominus noster, pridie quam pateretur, accepit panem et eleuatis oculis in celum ad Patrem suum Omnipotentem sibi gratias agens, benedixit illum<sup>803</sup> deditque discipulis suis dicens: Accipite et comedite. Hoc est [127] corpus meum." Vos<sup>804</sup> ista<sup>805</sup> facere potestis. Et ego subito in fine prolationis illorum<sup>806</sup> ueborum faciam<sup>807</sup> corpus meum ibi presens absque ulla hesitatione esse<sup>808</sup>. Non ergo sufficit dicere hec uerba: "Hoc est corpus meum", sed oportet illa uel consimilia premittere<sup>809</sup>. Hoc sit memoriale

---

<sup>784</sup> cernebant *IJMNO PV*, concernebant *Q*

<sup>785</sup> inuisibili *IJMNO PV*, mirabili *Q*

<sup>786</sup> uidimus *IJMNO PQ*, uidemus *V*

<sup>787</sup> realis *om. V*

<sup>788</sup> incipiendo *add. P (in marg. a.m.)*

<sup>789</sup> ita quod *IJMNO QV*, itaque *P*

<sup>790</sup> nouum *IJMNO PQ*, meum *V*

<sup>791</sup> et ego *om. Q*

<sup>792</sup> uobis *add. Q*

<sup>793</sup> nos *om. P*

<sup>794</sup> Scito *JNPQ*, Scitote *M*, Scio *IOV*

<sup>795</sup> homines *add. O*

<sup>796</sup> angelos *add. V*

<sup>797</sup> tamen *IJMNO PV*, autem *Q*

<sup>798</sup> hoc *add. IJM*

ego *add. P*

<sup>799</sup> ea *JMNO PQV*, et *I*

<sup>800</sup> facere *add. Q*

<sup>801</sup> ista *IJMNO PV*, ita *Q*

<sup>802</sup> ista *JMNO PQV*, istam *I*

<sup>803</sup> illum *add. O (sup.lin.a.m.)*, *om. Q*

<sup>804</sup> Vos *JMNO PQV*, Non *I*

<sup>805</sup> ista *IJMNO V*, ita *PQ*

<sup>806</sup> illorum *om. Q*

<sup>807</sup> faciam *IJMNO PV*, faciens *Q*

<sup>808</sup> esse *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>809</sup> premittere *IMNO PQV*, premutare *J*

uobis perenne usque ad consumationem seculi. Recordabimini<sup>810</sup> cene huius ultime et amoris mei in genus humanum.

Vide igitur<sup>811</sup>, dilectissime, quod<sup>812</sup> aliis uerbis consecrauit Dominus, aliis instituit ut uos<sup>813</sup> consecraretis. Ipse enim usus est propria auctoritate, uos, recitando gestus et<sup>814</sup> uerba eius<sup>815</sup>, utimini auctoritate sua. Vnde laudo<sup>816</sup> et ratifico<sup>817</sup> uos debere, consecrando, panem accipere in manibus et oculos eleuare primo in celum deinde super panem, respiciendo ipsum, reliqua uerba dicere uel similia usque ibi "Hoc est corpus meum". Utimini tamen illo modo quem uobis<sup>818</sup> Sancti Patres uestri afflati<sup>819</sup> Spiritu Sancto reliquerunt<sup>820</sup>. Noluit Dominus ut uos conficeretis uerbis illis quibus ipse<sup>821</sup> confecit. Non enim decet ministrum uti eisdem uerbis quibus usus est auctor principalis.<sup>822</sup> Quemadmodum enim decuit Christum<sup>823</sup>, qui Deus est, dicere: "Lazare, ueni foras" et "adolescens, tibi dico, surge", non<sup>824</sup> decuit ut Ioannes eius<sup>825</sup> uerbis uteretur quando<sup>826</sup> suscitauit drusianam, sed istis: "Excitet te Dominus Iesus Christus<sup>827</sup>". Et iam excitata<sup>828</sup> a Christo, precepit ut iret domum<sup>829</sup> et sibi<sup>830</sup> refectionem prepararet.

Tunc ego: Quibus uerbis, angele Dei, si fas est petere<sup>831</sup>, Dominus consecrauit?

Respondit<sup>832</sup>: Quia ualde et<sup>833</sup> incomparabiliter<sup>834</sup> maius miraculum est hoc quam Lazarum suscitasse<sup>835</sup>, ideo Dominus, ut ostenderet se aliquid magni facturum cui nihil<sup>836</sup> difficile, accepit panem et oculos ad celum leuauit. Deinde, facta paruula<sup>837</sup> morula<sup>838</sup>, dixit: "Pater mi omnipotens, gratias tibi ago quoniam exaudisti me". Deinde panem inspiciendo, dixit<sup>839</sup>: "Vertatur panis terrestris in panem celestem et cibus corporis in cibum spiritus". Et subito fuit factum. Hec uerba euangeliste<sup>840</sup> illo uerbo

---

<sup>810</sup> Recordabimini *IJMNO PV*, Recordamini *Q*

<sup>811</sup> Vide igitur *JMNO Q*, Vnde quam *I*, Vide quam *PV*

<sup>812</sup> quod *JMNOPQV*, quia *I*

<sup>813</sup> uos *om. IV*

<sup>814</sup> gestus et *om. Q*

<sup>815</sup> eius *IMNPQV*, suis *O (sup.lin.a.m.)*

<sup>816</sup> uos *add. I*

<sup>817</sup> ratifico *JMNOPV*, gratifico *IQ*

<sup>818</sup> uobis *IJMNO PV*, uos *Q*

<sup>819</sup> afflati *IJMOPQV*, affati *N*

*omnes add. Q*

<sup>820</sup> reliquerunt *IJMNOQV*, relinquerunt *P*

<sup>821</sup> ipse *IJOPQV*, ille *MN*

<sup>822</sup> Non enim decet ministrum uti eisdem uerbis quibus usus est auctor principalis. *IJMNO PV*, Non enim decet magistrum ut eisdem uerbis quibus ipse confecit quibus uerbis est auctor principalis. *Q*

<sup>823</sup> Christum *JMNOPQV*, Christus *I*

<sup>824</sup> Non *IJMNPV*, Sed non *OQ*

<sup>825</sup> eius *IJMNO PV*, eiusdem *Q*

<sup>826</sup> quando *IJMOPQV*, cum *N*

<sup>827</sup> Christus *om. Q*

<sup>828</sup> excitata *IJNOV*, excitare *MP*, excitatam *Q*,

<sup>829</sup> domum *IJMNO PV*, in domum suam *Q*

<sup>830</sup> sibi *IJMNO PV*, illi *Q*

<sup>831</sup> petere *IJMNO PV*, dicere *Q*

<sup>832</sup> Respondit *add O (sup.lin.a.m.)*

<sup>833</sup> ualde et *om. N*

<sup>834</sup> incomparabiliter *JMNO PQ*, comparabiliter *IV*

<sup>835</sup> suscitasse *IJMNO PV*, suscitare *Q*

<sup>836</sup> est *add. O*

<sup>837</sup> paruula *IJMNO (O sup. ras.) QV*, parua *P*

<sup>838</sup> morula *IJMNO PV*, mora *Q*

<sup>839</sup> dixit *IJMNO PV*, ait *Q*

<sup>840</sup> in *add. Q*

notauerunt "benedixit". Quid est "benedixit"? Est, uerbis illis panem<sup>841</sup> benedictum fecit sicut Marie ab<sup>842</sup> Elisabeth dictum fuerat: "Benedictus fructus uentris tui"<sup>843</sup>. Dominus enim Iesus est uerus panis, uiuus panis, celestis panis,<sup>844</sup> benedictus panis<sup>845</sup>. Iste uero<sup>846</sup> quem uos comeditis est panis mortuus et morientium, est panis terrestris, est panis maledictus, sicut<sup>847</sup> enim primo homini peccanti dictum est: "Maledicta terra in opere tuo<sup>848</sup>, in sudore uultus tui uesceris pane tuo". Hic nunc factus<sup>849</sup> est benedictus panis.

Gratias ergo<sup>850</sup> agens et illa uerba proferens, panem<sup>851</sup> benedixit, hoc est, benedictum fecit et in panem benedictum uertit. Deinde non panem benedictum neque alium qui amplius ibi non erat, sed accidentia panis fregit sub quibus, ut dixi, latitabat<sup>852</sup> Filius Dei. Non est uera illa opinio que dicit ibi remanere panem ut prius, et quod Verbum Dei illum panem assumebat sicut assumpsit humanitatem ita quod per talem unionem panis esset Deus et Deus panis et caro esset panis et panis caro. Nam si homo est Deus et Deus est panis, tunc homo esset<sup>853</sup> panis et panis homo uel ideo panis est caro<sup>854</sup>, quia Verbum mediante carne assumpsisset panem.<sup>855</sup> Poterat quidem et sic fieri, sed non fuit congruum ut totiens<sup>856</sup> panis [128] assumeretur, deinde dimitteretur. Summa quoque gratia<sup>857</sup> uidelicet unionis fuisset concessa alii creature quam homini et, quod nobis angelis non fuit concessum, concederetur insensibili creature. Firmiter igitur crede, nulli creature preterquam homini illud donum fuisse concessum ut esset unita<sup>858</sup> deitati<sup>859</sup> et anime eius atque corpori eius. Valde ergo errant qui corpus Domini uiuum et mortuum dicunt non fuisse idem corpus. Si enim ibi<sup>860</sup> fuisset genitum corpus nouum, sequeretur quod illi corpori unita esset deitas. Et ita alicui esset deitas unita quod nec sit<sup>861</sup> homo neque anima aut corpus hominis. Et ita gratia unionis angelis denegata tali creature fuisset concessa, quod absurdum est opinari. Qui ergo dicunt aliud corpus esse anima recedente<sup>862</sup>, et aliud anima uiuificante, hi sensum, rationem atque fidem negant. Corpus mortuum nouiter<sup>863</sup> idem est quod erat uiuum. Sed, subito ut est mortuum, incipit alterari et tendere<sup>864</sup> in corruptionem. Et prius corrumpitur caro, posterius ossa, que<sup>865</sup>

<sup>841</sup> panem *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>842</sup> ab *IJNOV*, ad *MP*

<sup>843</sup> sicut Marie ab Elisabeth dictum fuerat: "Benedictus fructus uentris tui". *om. Q*

<sup>844</sup> uiuus panis, celestis panis *IJMNOV*, uerus panis celestis, panis substantialis *Q*

<sup>845</sup> uiuus panis, celestis panis, benedictus panis *add.M (in marg.)*

<sup>846</sup> Iste uero *IJMNOV*, Panis uero iste *Q*

<sup>847</sup> Sicut *IJMNPV*, Sic *OQ*

<sup>848</sup> tuo *JMNOPV*, suo *IQ*

<sup>849</sup> factus *IJMNOQV*, fructus *P*

<sup>850</sup> ergo *JMNOPQ*, primo *IV*

<sup>851</sup> panem *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>852</sup> latitabat *IJMNOV*, latebat *Q*

<sup>853</sup> esset *IJMNOV*, est *V*

<sup>854</sup> uel ideo panis est caro *om.JNP*

<sup>855</sup> ita quod per talem unionem panis esset Deus et Deus panis et caro esset panis et panis caro. Nam si homo est Deus et Deus est panis tunc homo esset panis et panis homo (uel ideo panis est caro *om.JNP*) quia Verbum mediante carne assumpsisset panem. *IJMNOV*, ita quod per talem unionem Deus esset homo uel ideo panis et caro quia Verbum mediante carne assumpsit carnem et panem. *Q*

<sup>856</sup> totiens *IJMNOV*, totus *Q*

<sup>857</sup> gratia *IJMNOV*, gratie *Q*

<sup>858</sup> unita *IJMNPQV*, unitua *O*

<sup>859</sup> deitati *IJMNOV*, deitas *Q*

<sup>860</sup> ibi *om. I*

<sup>861</sup> sit *IJMNOV*, esset *Q*

<sup>862</sup> recedente *IJMNOQV*, accedente *V*

<sup>863</sup> nouiter *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>864</sup> tendere *JMNOPQV*, intendere *I*

<sup>865</sup> tamen posterius *add. N*

diutius durant. Alia est forma carnis, alia ossis<sup>866</sup>, alia cordis, alia epatis<sup>867</sup>, alia cerebri. Similiter firmiter<sup>868</sup> crede nulli alii creature fuisse concessum esse in sacramento hoc mirabili<sup>869</sup> modo nisi homini illi assumpto et illi corpori illique sanguini quo redempti estis. Nullum ergo umquam corpus fuit sub sacramento nec erit nisi illud. Et, postquam institutum est, numquam fuit dies in quo corpus illud<sup>870</sup> non fuerit sub sacramento. Si itaque corpus illud mortuum fuisset aliud, sequeretur quod illud aliud<sup>871</sup> corpus fuisset ibi sacramentaliter. Et sic illud fuisset panis qui de celo descendit, et sub accidentibus illis corpus Domini<sup>872</sup> esse desiisset<sup>873</sup> et aliud corpus ibi fuisset et cibus animarum uestrarum fuisset, que sunt absurda et nefanda<sup>874</sup>. Noli ergo ea neque cogitare. Sanguis quoque idem fuit in carne et extra carnem, in corpore et extra corpus et iterum in corpore.<sup>875</sup>

Vestri hic<sup>876</sup> confligunt an sanguis Christi fuerit unitus deitati. Alii<sup>877</sup> dicunt quod neque existens in corpore neque separatus a corpore fuit unitus<sup>878</sup>. Alii, quod semper fuit unitus<sup>879</sup>. Alii, ut quidam ex uestris, dixerunt<sup>880</sup>, quando erat in corpore tunc fuit unitus, quando extra corpus tunc non fuit unitus, et quod aliquid remansit sanguinis in terra. Illi alii<sup>881</sup>, quod nihil remansit. Tu scribe<sup>882</sup> uerba mea sic: "Non est<sup>883</sup> inconueniens, quia sic<sup>884</sup> fuit, credere in corpore illo fuisse aliquantulum sanguinis superflui. Erat enim uerus homo et omnes miseras hominis pati uoluit preter miseriam peccati<sup>885</sup>, que uera est miseria. Et illi sanguini aliquid superfluo numquam fuit<sup>886</sup> unita diuinitas. Et de illo aliquid remansit, immo totus ille sanguis remansit. Sanguini uero homini<sup>887</sup> illi necessario semper fuit unita diuinitas et illum totum reassumpsit<sup>888</sup>. Et<sup>889</sup> sanguinem cui semel unitus erat, numquam dimisit, ipso persistente<sup>890</sup>. Deus ergo<sup>891</sup> sanguine effuso et sibi unito uos redemit<sup>892</sup>. Et quamuis numquam illi legerint<sup>893</sup>

<sup>866</sup> ossis *IJMNO*PV, ossi *Q*

<sup>867</sup> epatis *IJMNO*V, capitis *PQ*

<sup>868</sup> firmiter *om. N*

<sup>869</sup> mirabili *IJMNO*PQ, admirabili *V*

<sup>870</sup> illud *IJMNO*QV, id *P*

<sup>871</sup> aliud *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>872</sup> Domini *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>873</sup> et sub accidentibus illis corpus Domini esse desiisset. *IJMNO*PV, Et sub accidentibus panis corpus Domini esset *Q*

<sup>874</sup> absurda et nefanda *IJMNO*P, absurde et nefande *V*

<sup>875</sup> et aliud corpus ibi fuisset et cibus animarum uestrarum fuisset, que sunt absurda et nefanda. Noli ergo ea neque cogitare. Sanguis quoque idem fuit in carne et extra carnem, in corpore et extra corpus et iterum in corpore. *om. Q*

<sup>876</sup> Vestri hic *IO*V, Vnde hic *JMNP*, Hi *Q*

<sup>877</sup> Alii *IJMNP*QV, Aliqui *O*

<sup>878</sup> deitati *add. Q*

<sup>879</sup> unitus *om. IV*

deitati *add. Q*

<sup>880</sup> quod *add. Q*

<sup>881</sup> Illi alii *IJMNO*PV, Aliqui *Q*

<sup>882</sup> scribe *IJNP*V, conscribe *MO*Q

<sup>883</sup> uerba mea sic: "Non est *IJMOP*Q, uerba mea: "Sic non est *N*, uerba mea sic: "Non esse *V*

<sup>884</sup> sic *IJMNO*PV, ita *Q*

<sup>885</sup> et ignorantie cuiuscumque *add. M (in marg. a. m.) NOV*

<sup>886</sup> fuit *om. Q*

<sup>887</sup> homini *om. Q*

<sup>888</sup> reassumpsit *JMNO*PQV, remansit *I*

<sup>889</sup> sic *add. JNO*Q

<sup>890</sup> persistente *IJMNO*PV, preexistente *Q*

<sup>891</sup> ergo *IJMNO*V, enim *PQ*

<sup>892</sup> redemit *IJMNO*PQ, redimit *V*

<sup>893</sup> legerint *IJMNP*V, legerunt *O*, legerent *Q*

Deum fuisse super terram effusum, fuit tamen per idiomatum<sup>894</sup> communicationem aliquo modo effusus Deus quando sanguis ille pretiosus effundebatur. Verum ergo est quod sanguis qui remansit in terra<sup>895</sup> numquam fuit unius diuinitati. Verum etiam est quod totus sanguis [129] unius diuinitati fuit reassumptus<sup>896</sup>. Et uerum est quod sanguis deitati<sup>897</sup> semel unius nunquam fuit ab ea<sup>898</sup> separatus. Et uerum est aliquam portionem sanguinis uidelicet illam superfluum numquam etiam in corpore existentem fuisse unitam deitati<sup>899</sup>. Non enim omnibus que in illo homine<sup>900</sup> existebant fuit unita diuinitas, quia non saluie quam<sup>901</sup> spuebat in terram, non capillis, non pilis. Anime solum et corpori fuit unita et sanguini propter id, quia dicitur sedes esse anime et quia fuit instrumentum redemptionis uestre. Nam redempti estis effusione illius benedicti sanguinis. Hoc sanguine uacui, hodie<sup>902</sup> pleni sunt. Vacui dico omni ueritate<sup>903</sup>, pleni diuitiis et operibus arcu et ense Domini adquisitis<sup>904</sup>. Impinguatus est dilectus sanguine Domini. Impinguatus, incrassatus, dilatatus, dereliquit Deum<sup>905</sup> factorem suum et recessit a Deo salutari<sup>906</sup> suo. Et hic pastor, qui nunc est<sup>907</sup>, bibit multum de sanguine Domini. Et propter disputationem balbutientem<sup>908</sup>, que nihil erat respectu horum que nunc tibi dixi<sup>909</sup>, dignitatem primam adeptus est<sup>910</sup>. Et deuotio quam gerit ad Regnam omnium nostrum conseruat eum ita quod non peribit.

Dico tibi, ut<sup>911</sup> reuertamur ad ea que dicebamus, nullum corpus habuit prerogatiuam hanc, nisi corpus Christi, ut esset tali<sup>912</sup> modo alicubi. Quare uestimenta Christi et quecumque corpus<sup>913</sup> eius circumstantia non erant in eucharistia? Quia tunc habuissent<sup>914</sup> res inanimate<sup>915</sup> priuilegia que Regina nostra non habet<sup>916</sup>. Illa ergo ibi sunt sacramentaliter que sunt diuinitati unita et quecumque sunt connexa corpori, ut crines<sup>917</sup> et pili. Indumenta<sup>918</sup> non sunt huiusmodi quare nec ibi sunt aut fuerunt.

Tunc ego: Domine mi, memini<sup>919</sup> nunc<sup>920</sup> unius questionis que sepe fit, scire cupio ueritatem<sup>921</sup> utrum Christus, tempore mortis sue, fuerit homo, quia aliqui dixerunt

<sup>894</sup> idiomatum *IJNOPQV*, idiomatam *M*

<sup>895</sup> in terra *om. V*

<sup>896</sup> reassumptus *IJMNOVP*, resumtus *Q*

et uerum est quod totus sanguis unius diuinitati fuit resumtus. *add. Q*

<sup>897</sup> deitati *IJMNOVP*, diuinitati *Q*

<sup>898</sup> ab ea *JMOPV*, ab eo *INQ*

<sup>899</sup> deitati *IJMNOVP*, diuinitatem *Q*

<sup>900</sup> homine *IJMOPQV*, corpore *N*

<sup>901</sup> quam *IJMNOQ*, quas *V*

<sup>902</sup> hodie *om. Q*

<sup>903</sup> ueritate *IJ (M add. sup. lin. a.m. uirtute) OPQV*, uirtute *N*

<sup>904</sup> adquisitis *IJNOPQV*, adquisitus *M*

<sup>905</sup> Deum *om. V*

<sup>906</sup> salutari *IJMNPQV*, Salvatore *O*

<sup>907</sup> Sixtus 4s *add. Q (in marg. a.m.)*

<sup>908</sup> balbutientem *IJM (O sup.ras.) PV*, balbutientium *NQ*

<sup>909</sup> horum (*add. M sup. lin.a.m. paucorum*) que nunc tibi dixi *IJMPV*, horum que dixi paucorum *NO*, horum peccatorum que diximus *Q*

<sup>910</sup> est *om. MV*

<sup>911</sup> ut *om. Q*

<sup>912</sup> tali *IJMNOQ*, talis *V*

<sup>913</sup> corpus *IJMNOVP*, corporis *Q*

<sup>914</sup> habuissent *IJMNOQ*, habuisset *V*

<sup>915</sup> inanimate *IJNOPQV*, reanimate *M*

<sup>916</sup> habet *IJMNOV*, habuit *QV*

<sup>917</sup> crines *IJMNOQ*, capili *Q*

<sup>918</sup> ut crines et pili. Indumenta *IJMNPQV*, ut crines et indumenta *O*

<sup>919</sup> memini *add. sup.lin.a.m.O*

<sup>920</sup> nunc *IMNOQV*, me *P*

hominem esse illum qui habet animam humanam et<sup>922</sup> non est<sup>923</sup> opus alio ad hoc ut<sup>924</sup> sit homo. Qui ergo habet<sup>925</sup> animam hominis<sup>926</sup> homo est. Christus Dominus<sup>927</sup> uel potius Verbum Patris<sup>928</sup> tunc habebat<sup>929</sup> animam<sup>930</sup> eandem quam prius sibi unitam et ita<sup>931</sup> erat homo ex quo sola anima facit hominem. Alii dixerunt animam solam non facere hominem, sed anima<sup>932</sup> simul et corpus. Quia ergo filius Dei tunc<sup>933</sup> habebat utrumque illorum<sup>934</sup> uere<sup>935</sup> fuit homo. Alii dicunt illa<sup>936</sup> non sufficere nisi illa duo sint inter se coniuncta. Quia ergo tunc anima erat separata a corpore, Deus habens corpus et animam non fuit homo?

Respondit angelus: Homo integer non est ullus nisi habeat animam et corpus anima humana animatum. Totus enim homo est compositus ex anima et corpore. Et anima est potior pars hominis et nobilior. Corpus est pars uilior<sup>937</sup> et inferior. Fuit tamen Deus in triduo homo, aliquo modo loquendi, sicut et sanctus Petrus dicitur in celo esse, quia anima eius in celo est. Vbi ergo est potior pars hominis, ibi est homo, sicut ubi sunt potiores ciues, ibi est ciuitas. Et si habens animam solam potest<sup>938</sup> dici homo, multo magis habens animam et corpus, sicut habens<sup>939</sup> ligna et lapides et alia requisita ad domum dicitur<sup>940</sup> habere domum<sup>941</sup>. Sed utrum<sup>942</sup> requiritur<sup>943</sup> eadem caro omnino ad hoc ut sit idem<sup>944</sup> homo, declarabit ille cui Deus<sup>945</sup> dabit sapientiam et intellectum. Hoc<sup>946</sup> ideo dico quia [130] caro uestra fluit et resoluitur et iterum recuperatur per alimoniam. Et quia eadem anima informatur et uiuificatur<sup>947</sup>, eadem caro dicitur. Non tamen est<sup>948</sup> eadem, quia non informatur<sup>949</sup> immediate illa forma qua<sup>950</sup> informabatur caro resoluta. Nam forma propria carnis est alia ab anima. Vnde etiam caro mortua est caro. Ecce tibi, quasi nolens<sup>951</sup>, declarauit. Sed redeamus.

<sup>921</sup> scire cupio ueritatem *om. O*

<sup>922</sup> quod *add. Q*

<sup>923</sup> est *om. IV*

<sup>924</sup> ut *IJMNOPIV*, quod *Q*

<sup>925</sup> sit homo. Qui ergo habet *IJMNOPIV*, sit homo quia ergo qui habet *Q*

<sup>926</sup> hominis *om. Q*

<sup>927</sup> homo est. Christus Dominus *IJMNOQ*, hoc est, Christus Dominus *PV*

<sup>928</sup> qui *add. Q*

<sup>929</sup> habebat *JMNOPQ*, habet *I*

<sup>930</sup> animam *om. V*

<sup>931</sup> et ita *om. Q*

<sup>932</sup> anima *IJMOPQV*, animam *N*

<sup>933</sup> tunc *om. P*

<sup>934</sup> illorum *om. Q*

<sup>935</sup> uere *IJMNOQV*, uerus *P*

<sup>936</sup> illa *IJMNOQ*, illam *V*

<sup>937</sup> uilior *IJMNOPIV*, innobilior *Q*

<sup>938</sup> potest *IJ (M add. sup. lin. a. m. possit) PQV*, possit *NO*

<sup>939</sup> habens *IJMNOPIV*, habemus *V*

<sup>940</sup> dicitur *JMNOP*, dicit *IV*

<sup>941</sup> sicut habens ligna et lapides et alia requisita ad domum, dicitur habere domum. *om. Q*

<sup>942</sup> utrum *JMNOP*, uidelicet *Q*, uerum *IV*

<sup>943</sup> requiritur *IJMNOV*, requiratur *PQ*

<sup>944</sup> idem *om. Q*

<sup>945</sup> Deus *IJMNOPIV*, Dominus *Q*

<sup>946</sup> Hoc *IJMNOPIV*, Hec *Q*

<sup>947</sup> informatur et uiuificatur *IJMNOQ*, informat et uiuificat *P*

<sup>948</sup> est *om. N*

<sup>949</sup> et uiuificatur eadem caro dicitur. Non tamen est eadem quia non informatur *add. M (in marg. a. m.), om. IV*

<sup>950</sup> illa forma qua *JMNOPQ*, qua *I*, quia *V*

<sup>951</sup> nolens *add. M (in marg. a. m.)*

Noli mirari quare hoc sacramentum quasi<sup>952</sup> est duplicatum<sup>953</sup> et totus Christus<sup>954</sup> est sub accidentibus panis, totus est sub<sup>955</sup> accidentibus uini. Hoc, dico<sup>956</sup>, factum est quia hoc sacramentum est alimentum animarum, cuius<sup>957</sup> sumptione anime a penis temporalibus liberantur et uenialium peccatorum remissionem accipiunt, similiter et uirtutum augmentum suscipiunt, in bono<sup>958</sup> corroborantur, ab inimicis maxime<sup>959</sup> inuisibilibus defenduntur, procliuiore ad bonum redduntur, non ita cito cadunt et, si ceciderint, citius et facilius resurgunt<sup>960</sup>. Quia ergo est alimentum animarum, congruum fuit illud assimilari alimento corporis quod constat ex cibo et potu. Sicut enim cibus et potus sunt unum, integrum et perfectum alimentum, quamuis cibus et potus non sint<sup>961</sup> idem, ita in proposito, quamuis hoc sacramentum non sit<sup>962</sup> illud<sup>963</sup> quia accidentia panis non sunt accidentia uini et illa accidentia panis<sup>964</sup> significant primarie presentiam corporis Domini, sanguinis et anime secundarie et concomitanter<sup>965</sup> et per accidens quia accidit illis accidentibus panis continere alia a corpore Christi<sup>966</sup>. Similiter accidentibus uini proprium est significare presentiam sanguinis Domini<sup>967</sup>. Alia ideo significant, quia sunt coniuncta<sup>968</sup> suo significato<sup>969</sup>, sicut ista uox "homo"<sup>970</sup> proprie significat naturam humanam, concomitanter<sup>971</sup> autem alia<sup>972</sup> que sunt in homine, ut animal et uiuens, uel in quibus est homo, ut Ioannem et Petrum. Quamquam<sup>973</sup> ergo hoc sacramentum non sit illud<sup>974</sup> et<sup>975</sup> ita uideantur<sup>976</sup> esse<sup>977</sup> quasi<sup>978</sup> duo sacramenta, illa tamen duo sunt una et integra alimonia<sup>979</sup>, unum integrum nutrimentum<sup>980</sup> per quod anima consequitur Dei uisionem, que est quasi cibus, et Dei fruitionem, que est quasi potus, et<sup>981</sup> illis conflatur perfectum nutrimentum. Hec ergo fuit ratio ut<sup>982</sup> duo instituerentur<sup>983</sup> et tamen unum essent. Etsi ergo nunc ita sit ut omnia que sunt sub accidentibus panis sint etiam sub

<sup>952</sup> quasi *om. P*

<sup>953</sup> est duplicatum *JMNO PQ*, in duplicatum *IV*

<sup>954</sup> Christus *IJMNO PQ*, Christi *V*

<sup>955</sup> sub accidentibus panis, totus est sub *JMNO PQV*, sub accidentibus panis totus et sub *I*

<sup>956</sup> dico *IJMV*, ideo *NOPQ*

<sup>957</sup> cuius *IJMNO PQ*, cui *V*

<sup>958</sup> in bono *JMNO PQ*, in *I*, etiam *V*

<sup>959</sup> maxime *IJMNO PV*, ualde *Q*

<sup>960</sup> resurgunt *IJMNO PQ*, resurguntur *V*

<sup>961</sup> sint *IJMNO QV*, sunt *P*

<sup>962</sup> non sit *add. O (sup. lin. a. m.)*

<sup>963</sup> illud *IJMNO PV*, idem *Q*

<sup>964</sup> non sunt accidentia uini et illa accidentia panis *om. IV*

<sup>965</sup> concomitanter *MNO PQ*, concomitantius *I*, concomitantes *J*, comitantia *V*

<sup>966</sup> Christi *IJMNO PV*, Domini *Q*

<sup>967</sup> Domini *IJMNO PV*, Christi *Q*

<sup>968</sup> coniuncta *IJMNO PQ*, cincta *V*

<sup>969</sup> suo significato *IJMNO QV*, sua significata *P*

<sup>970</sup> sicut ista uox "homo" *IJMNO QV*, sicut ista. Verum homo *P*

<sup>971</sup> naturam humanam, concomitanter *JMNO PQV*, materiam humanam concomitantem *I*

<sup>972</sup> alia *MNO PQ*, aliam *IJV*

<sup>973</sup> Quamquam *IJMNO PV*, Quamuis *OQ*

<sup>974</sup> illud *IJMNO PV*, idem *Q*

<sup>975</sup> et *IJNO PV*, ut *MQ*

<sup>976</sup> uideantur *IJNO P*, uideatur *MQ*, uidentur *V*

<sup>977</sup> esse *IJMNO QV*, *om. N*, etiam *P*

<sup>978</sup> quasi *om. IV*

<sup>979</sup> illa tamen duo sunt una et integra alimonia *IJMNO PV*, illa tamen sunt duo integra et una alimonia *Q*

<sup>980</sup> nutrimentum *JMNO PQ*, alimentum *IV*

<sup>981</sup> ex *add. O*

<sup>982</sup> ut *IJMNO PV*, quod *Q*

<sup>983</sup> instituerentur *JMNO PQ*, constituerentur *IV*

accidentibus uini et omnia que sunt sub accidentibus uini erunt<sup>984</sup> etiam<sup>985</sup> sub accidentibus panis,<sup>986</sup> non tamen eodem ordine nec eadem significatione et aliquando, ut<sup>987</sup> tempore mortis Domini<sup>988</sup>, illa erant seiuncta et diuisa, quia sub accidentibus panis non erat<sup>989</sup> nisi corpus, et sub accidentibus uini non erat<sup>990</sup> nisi sanguis.<sup>991</sup> Fuit et alia ratio talis institutionis. Quia enim morte corporis et effusione illius purissimi<sup>992</sup> sanguinis redempti estis, seorsum instituit sacramentum quo significaretur mors illius corporis et seorsum<sup>993</sup> quo significaretur<sup>994</sup> effusio sanguinis.

Tunc ego: Ex hoc percipio melius esse communionem accipere sub utraque specie, ut greci faciunt<sup>995</sup>, quam sub una solum, ut latini.

Respondit: Conficere oportuit sub utraque specie et grecum et latinum. Sumere non oportuit nisi conficientem sub utraque specie<sup>996</sup>. Sed que institutio sit<sup>997</sup> melior, greca uel latina, greca in hoc melior est<sup>998</sup>, quia dat christiano integerum<sup>999</sup> alimentum et integram redemptionis memoriam. Latina melior est<sup>1000</sup> alia [131] ratione, quia tanto populo non poterat sanguis tam crebro dispensari sine periculo effusionis<sup>1001</sup>. Satis ergo fuit<sup>1002</sup> laicos et clericos non sacerdotes, immo et sacerdotes non conficientes, sub speciebus panis tantum sumere, presertim ex quo ibi sint omnia<sup>1003</sup>. Duplicem autem modum redemptionis<sup>1004</sup> satis est recolere adorando Christum sub duplici<sup>1005</sup> specie. Qui ergo in hoc latinos errare aiunt, ipsi errant. Nec greci errant neque latini. Et certe<sup>1006</sup> Pastor futurus ordinabit quod<sup>1007</sup> quilibet christianus quandoque sumat hoc alimentum<sup>1008</sup> sub utraque specie. Nec congruum est ut pueruli paruuli<sup>1009</sup>, omnino ratione<sup>1010</sup> carentes, hunc cibum sumant, quamuis etiam non sit malum criminale si ob deuotionem hoc eis datum fuisset. Peccant tamen qui dicunt etiam paruulos<sup>1011</sup>

---

<sup>984</sup> erunt *IJMNPQ*, sint *O*

<sup>985</sup> etiam *om. V*

<sup>986</sup> sint etiam sub accidentibus uini et omnia que sunt sub accidentibus uini erunt etiam sub accidentibus panis, *om. P*

<sup>987</sup> ut *om. V*

<sup>988</sup> Domini *om. N*

<sup>989</sup> erat *IJMNOP*, erunt *V*

<sup>990</sup> erat *IJMNOP*, erunt *V*

<sup>991</sup> Et si ergo nunc ita sit ut omnia que sunt sub accidentibus panis sint etiam sub accidentibus uini et omnia que sunt sub accidentibus uini erunt etiam sub accidentibus panis, non tamen eodem ordine nec eadem significatione et aliquando, ut tempore mortis Domini, illa erant seiuncta et diuisa quia sub accidentibus panis non erat nisi corpus et sub accidentibus uini non erat nisi sanguis. *om. Q*

<sup>992</sup> purissimi *IJMNOQV*, pretiosissimi *P*

<sup>993</sup> et seorsum *IJMNOQV*, et sensuum *Q*

<sup>994</sup> significaretur *IJMNOQV*, significaret *V*

<sup>995</sup> faciunt *add. M (sup. lin. a m.)*

<sup>996</sup> et grecum et latinum. Sumere non oportuit nisi conficientem sub utraque specie *om. IN*

<sup>997</sup> sit *IJMNOQV*, est *Q*

<sup>998</sup> una ratione, puta *add. Q*

<sup>999</sup> integerum *IJMNOQV*, unicum *Q*

<sup>1000</sup> est *om. O*

<sup>1001</sup> periculo effusionis *IJMNOQV*, effusione *V*

<sup>1002</sup> fuit *om. I*

<sup>1003</sup> sint omnia *IJMNOV*, sit anima *P*, sunt omnia *Q*

<sup>1004</sup> autem modum redemptionis *om. IV*

<sup>1005</sup> duplici *JMNOQV*, utraque *Q*

<sup>1006</sup> certe *JMNOQV*, iste *V*

<sup>1007</sup> quod *JMNOQV*, quia *IP*

<sup>1008</sup> hoc alimentum *JMNOQV*, hunc alimentum *I*, hunc cibum *O*

<sup>1009</sup> paruuli paruuli *IJMNOQ*, paruuli *Q*, puellae paruule *V*

<sup>1010</sup> omnino ratione *IJMNOQ*, omni ratione *P*, anno ratione *V*

<sup>1011</sup> paruulos paruulos *IJMNOQ*, paruulos et etiam paruulos *Q*, paruulos *V*

communicari<sup>1012</sup> oportere. Aliud est enim eos<sup>1013</sup> communicare propter deuotionem, aliud propter necessitatem, quasi aliter saluari non possent. Greci ergo sunt in extremo uno, quia etiam paruulos comunicant. Latini in alio, quia ut plurimum<sup>1014</sup> nimis<sup>1015</sup> tardant pueris dare communionem, quia multi expectant annum XII<sup>1016</sup> in femineo sexu, et annum<sup>1017</sup> XIII<sup>1018</sup> in sexu<sup>1019</sup> masculino, quod peius est. Subito enim ut<sup>1020</sup> pueri peccare possunt<sup>1021</sup>, confiteri tenentur<sup>1022</sup>. Et eo modo<sup>1023</sup> quo confiteri tenentur<sup>1024</sup>, illo etiam communicari tenentur. Et melius est<sup>1025</sup> per annum incipere quam post annum debitum communicare. Discretio non<sup>1026</sup> eodem anno in omnibus est.<sup>1027</sup>

Quidam preceptum communionis nimis stricte exponunt et accipiunt, quia dixit Dominus: "Nisi manducaueritis carnem Filii Hominis et biberitis eius sanguinem non habebitis uitam in uobis". Dicunt ergo nullum neque paruulum<sup>1028</sup> neque magnum saluari posse sine communionem sicut nec sine baptismo. Et nesciunt quod<sup>1029</sup> multi sumunt Christum sine sacramento. Sicut enim baptismus est triplex: fluminis, flaminis et sanguinis, et multi saluantur in sanguine et in flamine qui numquam<sup>1030</sup> susceperunt baptismum fluminis, et tamen scribitur: "Nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto non poterit intrare in regnum Dei", qui uidelicet potest<sup>1031</sup> renasci ex aqua<sup>1032</sup>, nisi renascatur<sup>1033</sup>, non poterit<sup>1034</sup> saluari, quia tunc contemneret, qui non potest non tenetur<sup>1035</sup>, qui autem ignorant et scire<sup>1036</sup> non possunt baptizarentur<sup>1037</sup> baptismo flaminis<sup>1038</sup>, nam flumen sine<sup>1039</sup> flamine nihil ualet, flamen sine flumine ualet, qui<sup>1040</sup> non potest scire quid uelit<sup>1041</sup> Deus, subiciat se Deo et pro uiribus curet facere uoluntatem eius et in<sup>1042</sup> ipsum opera sua dirigat, et quantum ratio sibi dictat<sup>1043</sup>

<sup>1012</sup> communicari *IJMNO PV*, communicare *Q*

<sup>1013</sup> eos *om. P*

<sup>1014</sup> ut plurimum *om. Q*

<sup>1015</sup> nimis *IJMOPQV*, nimium *N*

<sup>1016</sup> XII *IJMN V*, duodecimum *OPQ*

<sup>1017</sup> annum *om. IQV*

<sup>1018</sup> XIII *IJMN V*, quarto decimum *P*, quartum decimum *OQ*

<sup>1019</sup> sexu *om. Q*

<sup>1020</sup> ut *IJMNO PV*, quod *Q*

<sup>1021</sup> possunt *IJMNO PQ*, possint *V*

<sup>1022</sup> et etiam communicare *add. Q*

<sup>1023</sup> eo modo *IJOPQV*, eo ano *M (sub ras. modo) N*

<sup>1024</sup> tenentur *om. IP*

<sup>1025</sup> ante *add. MOPQV*

<sup>1026</sup> in *add. N*

<sup>1027</sup> Et eo modo quo confiteri tenentur, illo etiam communicari tenentur. Et melius est per annum incipere quam post annum debitum communicare. Discretio non eodem anno in omnibus est. *om. Q*

<sup>1028</sup> paruulum *JMNOPQ*, paruulum *IV*

<sup>1029</sup> quod *IJMNO PV*, quia *Q*

<sup>1030</sup> numquam *IJMNO PV*, non *Q*

<sup>1031</sup> potest *om. Q*

<sup>1032</sup> ex aqua *om. Q*

<sup>1033</sup> renascatur *IJMNO PQ*, renascitur *V*

<sup>1034</sup> poterit *IJMNO PV*, potest *Q*

<sup>1035</sup> contemneret. Qui non potest non tenetur. *IJMOPV*, contemneret. Qui non potest tenetur. *N*, contemneret quia quod non potest non tenetur. *Q*

<sup>1036</sup> scire *om. V*

<sup>1037</sup> baptizarentur *IJMNO PV*, baptizentur *Q*

<sup>1038</sup> flaminis *IJMNO PV*, fluminis *Q*

<sup>1039</sup> sine *IJMNO PV*, nisi *Q*

<sup>1040</sup> Qui *IJMNO PV*, Quia *Q*

<sup>1041</sup> quid uelit *IJMNO PV*, quod uult *Q*

<sup>1042</sup> in *om. V*

<sup>1043</sup> dictat *IJMNOQV*, dicit *P*

exequatur, flamine baptizabitur<sup>1044</sup> sine flumine. Sicut<sup>1045</sup> ergo illa uerba de baptismo fluminis habent<sup>1046</sup> exceptiones<sup>1047</sup> plures, sic et illud<sup>1048</sup> preceptum "Nisi manducaueritis<sup>1049</sup>" intelligendum est: Nisi manducaueritis ualentes manducare in etate discretionis<sup>1050</sup> et cognitionis, et nisi manducaueritis<sup>1051</sup> spiritualiter aut sacramentaliter<sup>1052</sup> non habebitis uitam in uobis. Vnde pueri paruuli<sup>1053</sup>, si baptizati fuerint, manducant corpus Christi, quia uniti sunt corpori suo mystico, quod est Ecclesia. Quicumque gratiam<sup>1054</sup> Dei habet, ipse<sup>1055</sup> in Christo manet et Christum sumit. Et sicut multi sumunt sacramentum et non rem sacramenti<sup>1056</sup>, quia non sunt uniti Christo per gratiam, ita multi sumunt rem et non sacramentum<sup>1057</sup>. Scito accidentia panis et uini esse sacramentum, quia sunt signa sacra presentie<sup>1058</sup> corporis et san [132] guinis Domini. Corpus autem Domini naturale est sacramentum corporis mystici,<sup>1059</sup> et accidentia etiam panis, qui ex multis granis conficitur, similiter et accidentia uini, quod<sup>1060</sup> ex multis racemis confluit, sunt signa non solum corporis naturalis et sanguinis Christi, sed etiam corporis mystici, quod ex multis hominibus constat. Quicumque hoc sacramentum suscipit rem etiam sacramenti uidelicet corpus et sanguinem<sup>1061</sup> suscipit<sup>1062</sup> siue fuerit dignus siue indignus. Sed, si est indignus<sup>1063</sup>, non suscipit rem aliam<sup>1064</sup>, id est, significatum aliud, quod est<sup>1065</sup> corpus mysticum. Ille enim solus suscipit corpus mysticum<sup>1066</sup> qui per fidem et dilectionem est unitus copori Christi mystico<sup>1067</sup>. Sumere itaque rem huius sacramenti est unitum<sup>1068</sup> esse Ecclesie per gratiam et caritatem. De hoc itaque Domini<sup>1069</sup> corpore mystico intelligendo, preceptum illud est necessarium: "Nisi enim manducaueritis carnem Filii Homini et biberitis eius sanguinem<sup>1070</sup>", hoc est, nisi uniti fueritis corpori Filii Homini, quod est Ecclesia, non habebitis uitam in uobis, sed eritis membra amputata que, extra totum posita, non uiuunt. Vbi uide quod tam accidentia uini quam accidentia panis designant idem corpus mysticum. Vnde in significando rem istam secundam sunt unum. Prima res huius

<sup>1044</sup> baptizabitur *IJMNO PQ*, baptizatur *V*

<sup>1045</sup> Sicut *IJMNO PQ*, Si *V*

<sup>1046</sup> habent *IJMNO PQ*, habet *V*

<sup>1047</sup> suas *add. Q*

<sup>1048</sup> illud *IJMNO PV*, aliud *Q*

<sup>1049</sup> carnem *add. Q*

<sup>1050</sup> discretionis *IJMNO QV*, discretionis *P*

<sup>1051</sup> uos *add. Q*

<sup>1052</sup> aut sacramentaliter *om. Q*

<sup>1053</sup> pueri paruuli *IJMNO PV*, pueri et paruuli *Q*

<sup>1054</sup> gratiam *IJMNO PQ*, gratias *V*

<sup>1055</sup> ipse *IJMNO PV*, ex se *Q*

<sup>1056</sup> sacramenti *IJMNO PQ*, sacram *V*

<sup>1057</sup> corporis mystici *add. IV*

<sup>1058</sup> presentie *IJMNO PQ*, penitentie *V*

<sup>1059</sup> Scito accidentia panis et uini esse sacramentum, quia sunt signa sacra presentie corporis et san guinis Domini. Corpus autem Domini naturale est sacramentum corporis mystici, *om. I*

<sup>1060</sup> quod *IJMNO PQ*, qui *V*

<sup>1061</sup> Christi *add. Q*

<sup>1062</sup> suscipit *om. N*

<sup>1063</sup> indignus *IJMNO QV*, dignus *P*

<sup>1064</sup> aliam *IJMNO PV*, alteram *Q*

<sup>1065</sup> quod est *om. N*

<sup>1066</sup> Ille enim solus suscipit corpus mysticum *IJMNO (P add. in marg. a.m.)V*, Hoc enim suscepit quis *Q*

<sup>1067</sup> mystico *IJMNO PQ*, mystice *V*

<sup>1068</sup> unitum *JMNO PQ*, unitiuus *I*, unitus *V*

<sup>1069</sup> Domini *om. Q*

<sup>1070</sup> et biberitis eius sanguinem *om. Q*

sacramenti est corpus naturale<sup>1071</sup> Christi, quod significant<sup>1072</sup> accidentia panis, et sanguis<sup>1073</sup>, quem significant accidentia<sup>1074</sup> uini. Secunda res est corpus mysticum, quod est Ecclesia. Et hoc significant<sup>1075</sup> accidentia panis et uini. Similiter et corpus et sanguis Christi significant hoc corpus mysticum, quia sument<sup>1076</sup> ea gratia et uirtutes augentur, quibus magis ac magis unitur<sup>1077</sup> Ecclesie et membris Christi mysticis. Corpus tamen Christi naturale est signum corporis<sup>1078</sup> mystici, quia sicut ille<sup>1079</sup> ex purissimis membris, ita istud<sup>1080</sup> ex puris et caritate coniunctis constat. Que significatio non potest esse in sanguine.<sup>1081</sup> Mali ergo sumunt sacramentum et rem illam priorem<sup>1082</sup> uidelicet Christi<sup>1083</sup> carnem et sanguinem, sed non sumunt rem<sup>1084</sup> illam posteriorem, hoc est, unionem membris Ecclesie. Boni uero sumunt et sacramentum et utramque rem sacramenti et quandoque solam<sup>1085</sup> rem posteriorem sumunt, non sumendo neque rem priorem uidelicet carnem et sanguinem Christi neque sacramentum<sup>1086</sup>. Et unus plus sumit de accidentibus, alter minus, secundum quantitatem accidentium. Similiter unus sumit plus corporis mystici<sup>1087</sup>, alius<sup>1088</sup> minus, quia unus plus unitur fide et gratia, alius minus, secundum dispositionem preuiam<sup>1089</sup>. Sed tantum sumit unus quantum mille de corpore et sanguine Domini, quia quilibet totum Christum<sup>1090</sup> sumit, qui tamen non consumitur<sup>1091</sup>, sed bene<sup>1092</sup> desinit<sup>1093</sup> esse tali modo essendi, qui numquam desinit esse<sup>1094</sup> modo naturali. Et secundum accidentium quantitatem et qualitatem, unus plus nutritur<sup>1095</sup> et melius quam alius.

Hec que diximus, Pastor ille per<sup>1096</sup> distinctiones, questiones et capitula facile distinguet. Et quia uestri theologi<sup>1097</sup>, maxime iste subtilis", et ostendebat Ioannem Scotum cum diademate beatorum in capite et cum laurea<sup>1098</sup> doctorum, "conati sunt omnia mirabilia huius sacramenti<sup>1099</sup> ostendere<sup>1100</sup> esse<sup>1101</sup> saltem possibilis, ne

<sup>1071</sup> ipsius *add. Q*

<sup>1072</sup> significant *IJMNO PQ*, significat *V*

<sup>1073</sup> sanguis *IJMNO P*, sanguinis *QV*

<sup>1074</sup> panis, et sanguis quem significant accidentia *add. O (in marg. a.m.)*

<sup>1075</sup> utraque *add. Q*

<sup>1076</sup> sument *IJMNO PQ*, sument *V*

<sup>1077</sup> unitur *IJMNO PQ*, unitus *V*

<sup>1078</sup> Christi *add. Q*

<sup>1079</sup> ille *IJMOV*, illud *Q*

<sup>1080</sup> istud *IJMOQ*, illud *V*

<sup>1081</sup> Corpus tamen Christi naturale est signum Corporis mystici quia sicut ille ex purissimis membris ita istud ex puris et caritate coniunctis constat. Que significatio non potest esse in sanguine. *om. NP*

<sup>1082</sup> et rem illam priorem *IJMNO QV*, et posteriorem, non rem illam priorem *P*

<sup>1083</sup> Christi *JMNO PQ*, ipsi *IV*

<sup>1084</sup> rem *om. I*

<sup>1085</sup> solam *IJMNO V*, solum *P*, *om. Q*

<sup>1086</sup> neque sacramentum *om. Q*

<sup>1087</sup> corporis mystici *IJMNO PV*, de corpore mystico *Q*

<sup>1088</sup> alius *IJMNO PV*, alter *Q*

<sup>1089</sup> preuiam *IMNO PQV*, primam *J*

<sup>1090</sup> Christum *om. V*

<sup>1091</sup> consumitur *IJMNO PV*, sumitur *Q*

<sup>1092</sup> bene *IJMNO PV*, tantum *Q*

<sup>1093</sup> desinit *IJMNO QV*, desiit *O*

<sup>1094</sup> esse *add. O (sup. lin. a.m.)*

<sup>1095</sup> nutritur *IJMNO PQ*, mutatur *V*

<sup>1096</sup> per *MNO PQ*, qui *IJV*

<sup>1097</sup> theologi *IJMNO PQV*, philosophi *N*

<sup>1098</sup> laurea *MNO P*, laureola *J*, laureolo *Q*, lauro *IV*

<sup>1099</sup> huius sacramenti *om. Q*

<sup>1100</sup> ostendere *om. N*

<sup>1101</sup> esse *add. O (sup. lin. a.m.)*

philosophi reprehenderent uos eo quod non [133] solum falsa<sup>1102</sup>, sed impossibilia crederetis<sup>1103</sup>, declarant ergo qualiter possibile sit duo corpora simul esse, et qualiter corpus maius in eodem loco cum minori, et qualiter unum corpus in pluribus locis, et qualiter<sup>1104</sup> aliquid potest conuerti in illud quod iam est et fuerat<sup>1105</sup> et est ante illam conuersionem, et qualiter panis omnino desinit<sup>1106</sup> esse neque tamen est anihilatus, et qualiter<sup>1107</sup> accidentia possint<sup>1108</sup> esse sine subiecto, et qualiter homo potest ferre<sup>1109</sup> et eleuare tam magnum corpus duobus digitis tam facile<sup>1110</sup> ac si in eo nulla grauitas esset, et qualiter accidentia<sup>1111</sup> possint mutare<sup>1112</sup> et ex<sup>1113</sup> non substantia fieri substantia<sup>1114</sup>, et qualiter possit tam cito uidelicet in<sup>1115</sup> uno puncto temporis de celo descendere<sup>1116</sup>, et qualiter ex illis creatur<sup>1117</sup> ibi caro noua uel sanguis nouus. Omnia hec uestri probant possibilia et uere sunt possibilia<sup>1118</sup>, quia illud solum est nihil et impossibile quod includit contradictionem.

Sed discutiamus<sup>1119</sup> ipsorum<sup>1120</sup> rationes ut et ille sciat<sup>1121</sup> que<sup>1122</sup> sint<sup>1123</sup> bone<sup>1124</sup> et que non. Afferunt namque arma non quibus offendant, sed quibus defendant ea que credunt. Et tota difficultas in hoc consistit, quia<sup>1125</sup> philosophi multa impossibilia esse dicunt que theologi dicunt esse possibilia et rationes philosophorum soluunt, sed non possunt eis ostendere possibilitatem talium ueritatum eo quod philosophi non recipiunt<sup>1126</sup> illa principia ex quibus ea sequuntur, que tamen sunt consona rationi. Philosophi enim negant Deum solum posse<sup>1127</sup> omnia<sup>1128</sup> que potest<sup>1129</sup> cum aliis causis efficientibus<sup>1130</sup> et negant eum agere<sup>1131</sup> sicut uult et sicut placet libere, et multa talia<sup>1132</sup>, ut quod sit omnipotens<sup>1133</sup> qui posset<sup>1134</sup> omne illud quod contradictionem<sup>1135</sup> non claudit.

<sup>1102</sup> falsa *IJMNO*PV, facillia

<sup>1103</sup> crederetis *IJMNO*PV, creditis Q

<sup>1104</sup> unum *add.* Q

<sup>1105</sup> est et fuerat *JMNO*PQ, est et fuerit I, etiam et fuerit V

<sup>1106</sup> omnino desinit *IJMNO*PV, omnino desinat O, cito desinat Q

<sup>1107</sup> qualiter *IJMNP*QV, quantum O

<sup>1108</sup> possint *IJMNO*P, possunt QV

<sup>1109</sup> ferre *NOP*V, facere *IJM*Q

<sup>1110</sup> facile *IJMNO*PV, faciliter Q

<sup>1111</sup> sola *add.* M (*sup.lin.*) O

<sup>1112</sup> mutare *IJNO*PV, nutrire MQ

<sup>1113</sup> ex *IJMNO*PQ, ei V

<sup>1114</sup> substantia *IJMNO*PV, substantiam Q

<sup>1115</sup> in *om.* O

<sup>1116</sup> et qualiter possit tam cito uidelicet in uno puncto temporis de celo descendere *add. in marg.a.m.K*

<sup>1117</sup> creatur *add.* O (*sup.ras.*)

<sup>1118</sup> et uere sunt possibilia *om.* QV

<sup>1119</sup> discutiamus *IJMNO*QV, discutiam P

<sup>1120</sup> ipsorum *IJMNO*P, eorum QV

<sup>1121</sup> ille sciat *IJMNO*PQ, illi sciant V

<sup>1122</sup> que *IJNO*PQV, quam M

<sup>1123</sup> sint *IJMOP*V, sunt NQ

<sup>1124</sup> bone *IJMNO*P, bona Q, bene V

<sup>1125</sup> quia *IJMNO*PV, quod Q

<sup>1126</sup> recipiunt *IJMNP*QV, accipiunt O

<sup>1127</sup> facere *add.* Q

<sup>1128</sup> omnia *IJMNO*PV, ea Q

<sup>1129</sup> facere *add.* Q

<sup>1130</sup> causis efficientibus *om.* JNP

<sup>1131</sup> agere *IJMNO*PV, facere Q

<sup>1132</sup> talia *IJMNO*P, alia QV

<sup>1133</sup> ille *add.* N

<sup>1134</sup> qui posset *IJMNO*PV, et possit Q

Quantum ergo ad primum<sup>1136</sup> mirabile, quomodo est possibile ut<sup>1137</sup> duo corpora sint simul, dico tibi, bone uir, et capias ut potes fideliterque conscribe, duo corpora simul esse potest intelligi duobus modis. Vno modo, quod utrumque sit in eodem<sup>1138</sup> loco toto, ut<sup>1139</sup> in loco in<sup>1140</sup> quo tu<sup>1141</sup> et nunc<sup>1142</sup> es, te non exeunte, sit alius homo equalis tibi et quod locus ille utrumque uestrum<sup>1143</sup> circumscribat et ambiat et uterque uestrum superficiem ipsius ambientis<sup>1144</sup> et circundantis omni ex parte attingat et sensibiliter in loco existat ita quod et agere possit uterque uestrum et pati et mouere et moueri. Alio modo, quod unum corpus sit in loco modo<sup>1145</sup> quantitatio et sensibili<sup>1146</sup>, attingens<sup>1147</sup> ex omni parte circumferentiam corporis ambientis. Aliud uero sit ibi<sup>1148</sup> absque<sup>1149</sup> modo quantitatio<sup>1150</sup>, non coextensum<sup>1151</sup> partibus ambientis, sed sit<sup>1152</sup> in loco non localiter, hoc est<sup>1153</sup>, non occupans locum<sup>1154</sup>, sed habens presentiam simplicem tamen realem eo modo quo habet eam unus angelus existens in eodem loco in quo existit aliquod corpus. Et hoc secundo modo est hic corpus Domini cum accidentibus panis. Accidentia enim panis sunt in loco<sup>1155</sup> extensa<sup>1156</sup> partibus loci et localiter, quia occupant locum et circumscripta<sup>1157</sup> a loco. Corpus uero<sup>1158</sup> Domini est ibi sine modo quantitatio, quia non extensum<sup>1159</sup> partibus loci, sic ut<sup>1160</sup> una pars eius respiciat unam partem loci et alia<sup>1161</sup> aliam, sed sunt sine ullo respectu ad locum. Esse autem plura corpora in uno loco sine respectu ad locum<sup>1162</sup> uel unum<sup>1163</sup> habendo, aliud uero non habendo, non est impossibile. Ratio est quia tota [134] repugnantia inde prouenire uidetur, quia unum illorum occupando<sup>1164</sup> et taliter<sup>1165</sup> implendo<sup>1166</sup> locum, aliud pro tunc occupare et implere non potest. Si ergo neutrum<sup>1167</sup> implet et occupat uel si unum tantum implet<sup>1168</sup>,

<sup>1135</sup> contradictionem *IJMOPQV*, impossibilitatem *N*

<sup>1136</sup> miraculum *add. O*

<sup>1137</sup> ut *IJMNOVP*, quod *Q*

<sup>1138</sup> eodem *IJMNOVP*, uno *Q*

<sup>1139</sup> puta quod *add. Q*

<sup>1140</sup> in *om. N*

<sup>1141</sup> tu *om. V*

<sup>1142</sup> tu et nunc *IJMNOVP*, tunc, nunc *Q*

<sup>1143</sup> uestrum *om. Q*

<sup>1144</sup> ambientis *IJMNOPO*, ambiens *V*

<sup>1145</sup> modo *om. Q*

<sup>1146</sup> sensibili *IJMNOVP*, sensibiliter *Q*

<sup>1147</sup> attingens *JMNOPO*, attingentis *IV*

<sup>1148</sup> ibi *IJNOPO*, tibi *MV*

<sup>1149</sup> absque *om. N*

<sup>1150</sup> et sensibili *add. V*

<sup>1151</sup> coextensum *IJMNOPO*, quo extensum *V*

<sup>1152</sup> sit *om. IV*

absque modo quantitatio, non coextensum partibus ambientis sed sit *om. Q*

<sup>1153</sup> hoc est *IJMNOPO*, homo est *V*

<sup>1154</sup> locum *om. Q*

<sup>1155</sup> loco *IJMNOPO*, celo *V*

<sup>1156</sup> extensa *IJ (M add.sup.lin. co) OPV*, coextensa *N*, coexistentia *Q*

<sup>1157</sup> sunt *add. Q*

<sup>1158</sup> uero *JMNOPO*, Christi *IV*

<sup>1159</sup> extensum *IJ (M add.sup.lin. co) OPV*, coextensum *NQ*

<sup>1160</sup> ut *IJMNOVP*, quod *Q*

<sup>1161</sup> alia *IJMNOPO*, aliam *V*

<sup>1162</sup> esse autem plura corpora in uno loco sine respectu ad locum *add. in marg. a.m.K*

<sup>1163</sup> unum *JMNOPO*, unus *IV*

<sup>1164</sup> illorum occupando *IJMNOVP*, eorum occupante *Q*

<sup>1165</sup> taliter *IJMNOPO*, totaliter *OV*

<sup>1166</sup> implendo *IJMNOVP*, implente *Q*

<sup>1167</sup> neutrum *IJMNOPO*, neutrum eorum *Q*, non *V*

alterum non, nulla est repugnantia. Quod<sup>1169</sup> autem corpus possit esse sine ullo respectu ad locum, sic probatur: Omne prius<sup>1170</sup> alio, separabile ab alio<sup>1171</sup>, potest poni sine illo<sup>1172</sup>. Hec regula notanda est, quia multa difficilia patebunt clara, illa concessa. Veritas illius regule patet, nam prius non dependet a posteriori. Etsi ab eo scilicet suo posteriori sit separabile et distinctum, habens aliam existentiam ab illo, cur non poterit saltem a prima<sup>1173</sup> potentia et suprema uirtute<sup>1174</sup>, que est Deus, separari? Si enim<sup>1175</sup> nulla uirtute posset separari ab illo, quomodo prius illo esset et separabile ab illo? Regula<sup>1176</sup> ergo uera est.

Nunc probandum<sup>1177</sup> est quod corpus est prius<sup>1178</sup> quam sit in loco et separabile a loco<sup>1179</sup>, habens aliam existentiam ab existentia loci<sup>1180</sup>. Quod probatur sic: Si non esset alia existentia corporis quam loci<sup>1181</sup> continentis, sequeretur quod, posito corpore, poneretur locus<sup>1182</sup> illud<sup>1183</sup> continens<sup>1184</sup>, quod falsum est, quia primum corpus celeste est et tamen non ponitur locus<sup>1185</sup> continens<sup>1186</sup> illud et ambiens, quia tunc non esset primum corpus<sup>1187</sup>. Non<sup>1188</sup> ergo eadem res est corpus et locus eius, sed due. Et corpus est prior res quam locus eius, hoc est, quam sit positum in loco.<sup>1189</sup> Tunc si corpus est alia res a loco<sup>1190</sup> et est<sup>1191</sup> prior<sup>1192</sup> illo, igitur separabilis<sup>1193</sup> est ab illo. Et ita aliqua uirtute poterit poni corpus et tamen non poni ille respectus qui est esse in loco. Est ergo ibi corpus Domini<sup>1194</sup> hoc modo, quia sine ullo<sup>1195</sup> respectu ad locum, quia neque<sup>1196</sup> circumdatur loco neque coextenditur partibus loci neque occupat locum aut implet. Habet<sup>1197</sup> solum unum respectum nouum uidelicet presentialitatis<sup>1198</sup> realis, quia presens

---

<sup>1168</sup> implet *IJMNOQV*, impleat *O*

<sup>1169</sup> Quod *JMNOPQV*, Ad quod *I*

<sup>1170</sup> prius *IJMNOQV*, corpus *Q*

<sup>1171</sup> alio *IJMV*, illo *NOPQ*

<sup>1172</sup> illo *om. I*

<sup>1173</sup> prima *IJMNOQV*, priora *V*

<sup>1174</sup> suprema uirtute *IJMNOQV*, summa *Q*

<sup>1175</sup> enim *IJMNOQV*, in *M*

<sup>1176</sup> Regula *om. I*

    nulla *add. V*

<sup>1177</sup> probandum *IMNOQV*, probanda *J*

<sup>1178</sup> prius *IJMNOQV*, plus *V*

<sup>1179</sup> a loco *IJMNOQV*, ab eo *Q*

<sup>1180</sup> continentis *add. V*

<sup>1181</sup> Quod probatur sic: Si non esset alia existentia corporis quam loci *om. I*

<sup>1182</sup> locus *om. N*

<sup>1183</sup> illud *IJMNOQV*, ipsum *Q*

<sup>1184</sup> continens *JMNOPQ*, continentis *I*, continentes *V*

<sup>1185</sup> locus *IJMNOQV*, corpus *Q*

<sup>1186</sup> continens *IJMNOQV*, cum *V*

<sup>1187</sup> celeste est et tamen non ponitur locus continens illud et ambiens, quia tunc non esset primum corpus *om. I*

<sup>1188</sup> Non *JMNOPQV*, ipso *I*

<sup>1189</sup> Et corpus est prior res quam locus eius, hoc est, quam sit positum in loco. *IJMNOQV*, Et corpus esse prius res est quam locus eius sit, hoc est, quam sit positio eius in loco. *Q*

<sup>1190</sup> suo *add. M (sup. lin.) OQ*

<sup>1191</sup> est *om IV*

<sup>1192</sup> prior *IJMNOQV*, prius *Q*

<sup>1193</sup> separabilis *IJMNOQV*, separabile *Q*

<sup>1194</sup> Domini *om. Q*

<sup>1195</sup> ullo *IJMNOQV*, illo *Q*

<sup>1196</sup> neque *IJMNOQV*, non *O*

<sup>1197</sup> Habet *IJMNOQV*, et *Q*

<sup>1198</sup> presentialitatis *IJMNOQV*, presentialitas *Q*

est illis accidentibus realiter. Omne enim circumdatum a<sup>1199</sup> loco et omne coextensum loco et omne replens et occupans locum est presens loco. Non tamen omne presens loco<sup>1200</sup> est replens locum et circumscriptionem loco<sup>1201</sup>, ut patet de nobis angelis qui sumus presentes uobis et rebus sensibilibus nec tamen coextendimur eis. Quia ergo presentia illa est prior repletionem et circumscriptionem et est alia res, ut patet, quia, ut dixi, nos<sup>1202</sup> sumus presentes sine circumscriptionem<sup>1203</sup>, ergo poterit dicta presentia poni sine ulla<sup>1204</sup> circumscriptionem et repletionem. Et si poneretur aliquod corpus<sup>1205</sup> iuxta<sup>1206</sup> celum empyrium, illud esset sibi presens neque tamen circumdans aut circumdatum<sup>1207</sup>. Hoc ergo facit<sup>1208</sup> Deus in hoc sacramento, dat presentiam nouam corpori suo sine illis que solent naturaliter concomitare<sup>1209</sup> talem presentiam, ut<sup>1210</sup> coextensionem et repletionem et circumscriptionem. Hec ratio bene probat possibilitatem. Illa uero alia non ualet que dicit quod ideo<sup>1211</sup> est ibi cum alio corpore, quia conuersio illa est in substantiam<sup>1212</sup> corporis tantum, non in quantitatem<sup>1213</sup> ipsius corporis. Similiter autem corpori<sup>1214</sup> Christi non repugnat esse cum illis accidentibus, quia substantia illa ex se non occupat aut replet locum.[135]

Quia ergo quantitas corporis Christi ibi<sup>1215</sup> non est per conuersionem illam, sed solum concomitanter<sup>1216</sup>, ideo non repugnabit<sup>1217</sup> sibi esse cum alio corpore.

Sic dicunt, sed ratio<sup>1218</sup> bene a uestris improbat, quia qualitercumque adueniat illuc quantitas corporis Christi, uel immediate uel mediate, semel ibi realiter est. Quomodo ergo simul erit cum alia<sup>1219</sup> quantitate? Non sufficit dicere quia non primo neque immediate aduenit quantitas, ideo potest esse cum alia quantitate.<sup>1220</sup> Relinquatur hec ratio, teneatur illa prior per quam patet quod eodem modo corpus magnum poterit esse cum paruo. Nam etsi<sup>1221</sup> corpus magnum non possit<sup>1222</sup> circumscribi a paruo neque illi<sup>1223</sup> commensurari, potest tamen presens esse corpus magnum corpori paruo.<sup>1224</sup> Est

<sup>1199</sup> a om. N

<sup>1200</sup> et omne replens e occupans locum est presens loco. Non tamen omne presens loco *add.M ( in marg.a.m.)*

<sup>1201</sup> loco *IJMNOVP*, locum *Q*

<sup>1202</sup> nos *IJMNOPO*, non *V*

<sup>1203</sup> et est alia res, ut patet, quia, ut dixi, nos sumus presentes sine circumscriptionem, om.*J*

<sup>1204</sup> ulla om. *I*

<sup>1205</sup> corpus *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>1206</sup> iuxta *IJMNOVP*, supra *Q*

<sup>1207</sup> illud esset *add. O*

<sup>1208</sup> facit *IJMNOPO*, fecit *V*

<sup>1209</sup> concomitare *IJMOP*, concomitari *NQ*, comitare *V*

<sup>1210</sup> ut *IJMNOVP*, puta *Q*

<sup>1211</sup> ideo *IJMNOPOV*, iam *M*

<sup>1212</sup> substantiam *IJMNOPO*, substantia *V*

<sup>1213</sup> in quantitatem *IJMNOVP*, quantitate *Q*

<sup>1214</sup> Similiter autem corpori *JMNP*, Similiter autem corporis *I*, Substantia autem corporis *OQ*, Similiter substantia corporis *V*

<sup>1215</sup> ibi om. *Q*

<sup>1216</sup> concomitanter *IJMNOPO*, comitantur *V*

<sup>1217</sup> repugnabit *IJMNOPO*, repugnat *QV*

<sup>1218</sup> ratio *IJMNOPO*, raro *V*

<sup>1219</sup> alia *IJMNOPO*, aliqua *NQ*, illa *V*

<sup>1220</sup> Non sufficit dicere quia non primo neque immediate aduenit quantitas, ideo potest esse cum alia quantitate om. *P*

<sup>1221</sup> si om. *V*

<sup>1222</sup> possit *IJMNOPO*, potest *V*

<sup>1223</sup> illi *IJMNOPO*, illo *V*

<sup>1224</sup> Non sufficit dicere quia non primo neque immediate aduenit quantitas, ideo potest esse cum alia quantitate. Relinquatur hec ratio, teneatur illa prior per quam patet quod eodem modo corpus magnum

ergo Christi corpus illis accidentibus presens, sed non illis coextensum aut commensuratum, hoc est, ut caput Christi sit in capite hostie et pes in pede et manus in tali latere et pectus in medio. Et quamuis corpus Domini sit presens illis accidentibus solis tamen maius est illis<sup>1225</sup> et inequale<sup>1226</sup> ipsis.

Alii ex uestris probant corpus maius posse esse cum minori sic, pars una corporis subintrat aliam. Quecumque igitur etiam minima particula corporis subintrat aliam et sic ubi una est ibi et alie omnes.<sup>1227</sup> Et quia uni parue parti corporis Domini non repugnat esse cum hostia<sup>1228</sup> illa, et omnes<sup>1229</sup> alie partes illius<sup>1230</sup> subintrant<sup>1231</sup> illam, ideo totum corpus erit cum<sup>1232</sup> illa hostia uel cum illis accidentibus panis. Sed opinio illa<sup>1233</sup>, si<sup>1234</sup> eam sic intelligant<sup>1235</sup> quod una pars corporis sit<sup>1236</sup> in alia<sup>1237</sup>, perimit<sup>1238</sup> et destruit figuram corporis speciosissimam et non declarat quomodo una pars possit subintrare<sup>1239</sup> aliam. Et sic<sup>1240</sup> difficultatis nodus non erit solutus. Si autem intelligatur<sup>1241</sup> partes corporis esse distinctas<sup>1242</sup> et unam<sup>1243</sup> extra aliam ita quod figura corporis non destruat, tamen<sup>1244</sup> omnes partes corporis respiciunt eundem locum simul ita ut illum<sup>1245</sup> locum respiciant omnes alie partes quem respicit una parua pars corporis<sup>1246</sup> Domini, ita quod partes sint inter se distincte, sed respectu loci sint indistincte<sup>1247</sup>, ita

---

poterit esse cum paruo. Nam et si corpus magnum non possit circumscribi a paruo neque illi commensurari, potest tamen presens esse corpus magnum corpori paruo. *IJMNOV*

Relinquatur hec ratio, teneatur illa prior per quam patet quod eodem modo corpus magnum poterit esse cum paruo. Nam et si corpus magnum non possit circumscribi a paruo neque illi commensurari, potest tamen presens esse corpus magnum corpori paruo. *P*

Relinquatur hec ratio ut teneatur illa prior. Non enim sufficit dicere quia non primo neque immediate aduenit quantitas, ideo potest esse cum alia quantitate. Per primam autem rationem non solum patet quod uerum corpus esse in eodem loco cum alio sed etiam quod corpus magnum non posset circumscribi a paruo neque illi commensurari potest. Potest tamen presens esse corpus magnum corpori paruo. *Q*

<sup>1225</sup> illis *om. Q*

<sup>1226</sup> inequale *IJMNOQV, equale V*

<sup>1227</sup> Alii ex uestris probant corpus maius posse esse cum minori sic, pars una corporis subintrat aliam. Quecumque igitur etiam minima particula corporis subintrat aliam et sic ubi una est ibi et alie omnes. *JMNOP*

Alii ex uestris probant corpus maius posse esse cum minori, sicut pars una corporis subintrat aliam. Et sic una est ibi et ubi omnes *I*

Alii ex uestris probant corpus maius posse esse cum minori sicut pars una corporis subintrat aliam quemcumque minima sit. Et sic una ubi est ibi et alie omnes. *Q*

Quecumque igitur etiam minima particula corporis subintrat aliam et sic ubi una. Alii ex uestris probant corpus maius posse esse cum minori sicut pars una corporis subintrat et una est ibi et alie omnes. *V*

<sup>1228</sup> cum hostia *J (M add. sup.lin.a.m. corpore) N (O er. corpore)PV, cum corpore hostie Q*

<sup>1229</sup> Et quia uni parue parti corporis Domini non repugnat esse cum hostia illa, et omnes *om. I*

<sup>1230</sup> illius *IJMNOQV, eius P*

<sup>1231</sup> subintrant *MPQ, subintrent IJNOV*

<sup>1232</sup> cum *IJMNOV, sub Q*

<sup>1233</sup> illa *JMN (O add. sup.lin.a.m.) Q, om. I, hec P, prima V*

<sup>1234</sup> si *IJMNOQ, in V*

<sup>1235</sup> intelligant *IJMNOQ, intelligat V*

<sup>1236</sup> sit *om. V*

<sup>1237</sup> alia *IJMNOQ, aliam V*

<sup>1238</sup> perimit *IJMNOQ, permittit V*

<sup>1239</sup> possit subintrare *IJMOPQV, subintrat N*

<sup>1240</sup> sic *om. P*

<sup>1241</sup> intelligatur *M, intelligant I, intelligat JNOPQV*

<sup>1242</sup> partes...distinctas *IJMNOQ, partem...distinctam V*

<sup>1243</sup> unam *IJMNOV, una Q*

<sup>1244</sup> tamen *IJMOPQV, Vnde N*

<sup>1245</sup> illum *IJMNOV, eundem Q*

<sup>1246</sup> Christi *add. Q*

<sup>1247</sup> indistincte *IJMNOQ, distincte V*

quod sicut duo corpora possunt esse simul, sic et duo, immo et tres et omnes partes illius corporis sint simul<sup>1248</sup>, hoc stante, quero<sup>1249</sup>, aut uolunt quod omnes partes<sup>1250</sup> sint ab eodem loco circumscripse et sensibiliter in eodem loco existant, aut uolunt quod nulla ibi sit sensibiliter neque per circumscriptionem, sed sint ibi<sup>1251</sup> modo non quantitaui aut coextenso. Et si hoc secundo modo<sup>1252</sup> accipiant, tunc idem dicunt<sup>1253</sup> quod nos diximus, corpus Domini totum ibi esse presens illis accidentibus, sed non coextensum illis. Si autem primo modo intelligant, non bene dicunt, quia nulla pars corporis Domini est ibi sensibiliter aut circumscripse.

Sed restat declarare an id<sup>1254</sup> possit fieri ut<sup>1255</sup> duo corpora sint in loco uno utrumque modo<sup>1256</sup> quantitaui quia utrumque coextensum<sup>1257</sup> et<sup>1258</sup> circumscripse et localiter existens in loco, quod est idem, sicut uestri ponunt de corpore [136] glorioso quod penetrabit<sup>1259</sup> et faciet se simul cum corpore non<sup>1260</sup> glorioso<sup>1261</sup> equali sibi, non minori se. Et hic<sup>1262</sup> uidetur euidetior<sup>1263</sup> difficultas, ut<sup>1264</sup> sint<sup>1265</sup> duo corpora simul sensibiliter, utrumque coextensum partibus loci. Illud tamen etiam uestris uidetur possibile.<sup>1266</sup> Quamuis imaginatio uestra<sup>1267</sup> abhorreat, ratio<sup>1268</sup> tamen id clare ostendit<sup>1269</sup>, si cogitare uolueritis. Quid est<sup>1270</sup> esse in loco<sup>1271</sup>? Esse enim in loco<sup>1272</sup> est circumscribi a loco et coextendi<sup>1273</sup> loco et partibus eius. Circumscribi uero est respectus quidam adueniens corpori, similiter et coextendi. Hoc, primo, notate. Deinde, considerate unum cunscribi<sup>1274</sup> non esse contrarium aut repugnans<sup>1275</sup> alteri, quia sunt<sup>1276</sup> eiusdem speciei. Non ergo repugnant<sup>1277</sup> sicut album et nigrum. Tertio, cogitate quod, quando<sup>1278</sup> duo corpora dicuntur esse simul, non dicitur quod duo circumscribi sint in corpore<sup>1279</sup> et ita illa duo repugnare non inter se, sed ratione subiecti, quia non

<sup>1248</sup> sic et duo immo et tres et omnes partes illius corporis sint simul *om. P*

<sup>1249</sup> quero *om. V*

<sup>1250</sup> et due et tres et omnes partes illius corporis *add. P*

<sup>1251</sup> in *add. P*

<sup>1252</sup> hoc secundo modo *IJMNPQV*, hoc secundum *O*

<sup>1253</sup> dicunt *IJMNOPOQ*, dicant *V*

<sup>1254</sup> id *om. Q*

<sup>1255</sup> ut *JMNOPQ*, aut *IV*

<sup>1256</sup> modo *IJMNOPOQ*, malo *V*

<sup>1257</sup> coextensum *IJMNOPOQ*, eo extensum *V*

<sup>1258</sup> et *JMNOPQ*, aut *IV*

<sup>1259</sup> penetrabit *IJMNO* (*O sub ras. pene transibit*) *PQ*, pone transibit *V*

<sup>1260</sup> non *om. P*

<sup>1261</sup> quod penetrabit et faciet se simul cum corpore non glorioso *om. I*

<sup>1262</sup> hic *om. V*

<sup>1263</sup> euidetior *IJMNPV*, euidenter *OQ*

<sup>1264</sup> ut *IJMNOPOV*, an *Q*

<sup>1265</sup> sint *IJMNOPOQ*, sicut *V*

<sup>1266</sup> Illud tamen etiam (uestris uidetur *add. M in marg. a. m.*) possibile *M* (*O er. etiam uestris uidetur, add. sup. lin. a. m. est*) *QV*, Illud tamen etiam est possibile *I*, Illud tamen est possibile *JNP*

<sup>1267</sup> uestra *om. P*

<sup>1268</sup> ratio *IJMNOPOV*, non *Q*

<sup>1269</sup> ut uestri aiunt *add. O*

<sup>1270</sup> uolueritis. Quid est *IJMNOPOQV*, uolueritis quod est *V*

<sup>1271</sup> loco *IJMNOPOQ*, hoc *V*

<sup>1272</sup> loco *IJMNOPOQ*, hoc *V*

<sup>1273</sup> coextendi *IJMNOPOQ*, extendi *V*

<sup>1274</sup> cunscribi *IJMV*, circumscribi *ONPOQ*

<sup>1275</sup> aut repugnans *om. Q*

<sup>1276</sup> sunt *om. IV*

<sup>1277</sup> repugnant *IJMNOQV*, repugnat *P*

<sup>1278</sup> quando *om. V*

<sup>1279</sup> in corpore *IJMNOPOV*, in uno loco *Q*

possunt esse in eodem subiecto sicut neque due<sup>1280</sup> albedines possunt esse in eadem superficie. Hec difficultas remouetur<sup>1281</sup> quia ibi<sup>1282</sup> non sunt duo ubi seu duo circumscribi siue duo coextendi<sup>1283</sup> in subiecto uno, sed<sup>1284</sup> una coextensio est in corpore uno, alia in alio. Non est ergo in istis duabus coextensionibus aut circumscriptionibus repugnantia neque ratione ipsarum in se, quia sunt eiusdem nature, neque ratione subiecti, quia non sunt ambe in subiecto uno. Quid ergo restat? Quarto, considerate quod naturaliter loquendo unum circumscribi terminatur ad unum locum<sup>1285</sup> circumscribentem et unum coextendi<sup>1286</sup> ad unum locum cui coextenditur, et<sup>1287</sup> aliud circumscribi aliudque coextendi terminatur ad alium<sup>1288</sup> locum circumscribentem et<sup>1289</sup> coextensum<sup>1290</sup>. Si ergo possent duo circumscribi uel duo circumscribentia terminari ad unum locum circumscribentem, tunc possent duo corpora simul esse in loco eodem, hoc est, possent<sup>1291</sup> duo corpora circumscribi ab eodem circumscribente<sup>1292</sup>.

Videamus quid est hoc<sup>1293</sup> quod dicimus. Talis est sensus: Duo respectus uel due circumscriptiones in duobus corporibus existentes non possunt terminari ad eundem terminum. Quod<sup>1294</sup> falsum uidetur esse, quia due similitudines in duabus albedinibus existentes et due equalitates in duabus quantitibus existentes terminantur ad eandem albedinem et unam ac eandem quantitatem. Duo enim sunt similes uni tertio et duo<sup>1295</sup> sunt equales alicui tertio. Hoc ergo est dicere, duo corpora sunt in loco uno<sup>1296</sup>, quod est dicere, due circumscriptiones terminantur ad unum tertium<sup>1297</sup>. Hoc autem ratio capit et amplectitur<sup>1298</sup> ergo et illud. Et ita, quod imaginationi<sup>1299</sup> hominum erat ualde difficile, intellectui apparet facile. Potest hoc et aliter declarari: Accepta tali regula, possibile est multiplicari<sup>1300</sup> posterius, quod sit alia res<sup>1301</sup>, non multiplicato priori<sup>1302</sup>, sed manente eodem<sup>1303</sup>. Hec regula est consona<sup>1304</sup> rationi, quia ut sit una substantia et quantitas<sup>1305</sup> cum multis qualitibus<sup>1306</sup>, sapore, odore, colore, non est inconueniens, immo sic<sup>1307</sup> est

<sup>1280</sup> due *IJNOPQ*, duo *MV*

<sup>1281</sup> remouetur *IJMNO PQ*, remoueat *V*

<sup>1282</sup> ibi *om. J*

<sup>1283</sup> coextendi *IMNOPQV*, coextensi *J*

<sup>1284</sup> hic in proposito *add. Q*

<sup>1285</sup> locum *om. I*

<sup>1286</sup> et unum coextendi *IJMOPQV*, et unum coextensum *N*

<sup>1287</sup> et *IJMOPQ*, ad *V*

<sup>1288</sup> alium *JMOPQ*, aliud *IV*

<sup>1289</sup> circumscribentem et *om. Q*

<sup>1290</sup> ad unum locum cui coextenditur et aliud circumscribi aliudque coextendi terminatur ad alium locum circumscribentem et coextensum. *om. N*

<sup>1291</sup> possent *IJMNO PQ*, possunt *V*

<sup>1292</sup> ab eodem circumscribente *IJMNO PQ*, ad eundem circumscribentem *V*

<sup>1293</sup> hoc *om. Q*

<sup>1294</sup> Quod *IJMNO PQ*, qui *V*

<sup>1295</sup> duo *IJMNO PQ*, due *V*

<sup>1296</sup> uno *IJMNO PV*, eodem *Q*

<sup>1297</sup> tertium *JMNO PQ*, terminum *IV*

<sup>1298</sup> amplectitur *IJMNO PQ*, amplectatur *V*

<sup>1299</sup> imaginationi *IJMNO PQ*, imaginationis *V*

<sup>1300</sup> accepta tali regula possibile est multiplicari *add. M (in marg.a.m.)*

<sup>1301</sup> quod sit alia res *IJMNO PV*, a priori *Q*

<sup>1302</sup> quod sit alia res, non multiplicato priori *om. V*,  
ipso *add. Q*

<sup>1303</sup> manente eodem *IJMNO PQ*, manere *V*

<sup>1304</sup> considerationi et *add. Q*

<sup>1305</sup> quantitas *IJMNO QV*, qualitas *P*

<sup>1306</sup> qualitibus *JMNO PQV*, quantitibus *I*

<sup>1307</sup> sic *IJMNO PV*, ita *Q*

[137] uere<sup>1308</sup>. Similiter, quod sit<sup>1309</sup> una albedo cum multis similitudinibus, non est inconueniens, sed possibile. Nam albedo est prior quam similitudo et alia res a similitudine<sup>1310</sup>. Poterit ergo esse ut<sup>1311</sup> sint<sup>1312</sup> multe similitudines et una albedo uel scientia<sup>1313</sup>, sicut dicunt illi philosophi qui ponunt in una albedine tot similitudines quot sunt albedines extra illam. Patet<sup>1314</sup> regula neque potest negari nisi ab illis qui dicunt<sup>1315</sup> nulla duo accidentia eiusdem speciei esse posse in eodem subiecto simul. Que opinio bene a uestris improbata est. Tunc dicamus: superficies concaua<sup>1316</sup> prior est quam circumscribat corpus et est alia res a corpore circumscripto. Patet, quia corpora circumscripta adueniunt et recedunt<sup>1317</sup> manente eadem superficie alicuius uasis. Si ergo<sup>1318</sup> superficies alicuius uasis prior est quam ambiat<sup>1319</sup> et<sup>1320</sup> complectatur<sup>1321</sup> corpus aliquod<sup>1322</sup> et est<sup>1323</sup> alia res ab illo corpore et ab illa<sup>1324</sup> circumscriptione, cur non possumus intelligere ut<sup>1325</sup> sit una superficies et due circumscriptiones in ea fundate<sup>1326</sup> et ad<sup>1327</sup> duo corpora circumscripta terminate<sup>1328</sup>? Et hoc est duo corpora esse simul in eodem loco, quod est superficiem unam habere plures circumscriptiones ad duo corpora circumscripta. Sed an<sup>1329</sup> he rationes bene probent, relinquo iudicio illius Pastoris in tempore illo. Certum est quod si duo corpora<sup>1330</sup> esse<sup>1331</sup> simul nil aliud esset<sup>1332</sup> quam<sup>1333</sup> duo respectus esse<sup>1334</sup> in eadem superficie, ut illa ratio posterior<sup>1335</sup> deduxit, uel esset<sup>1336</sup> ratio ista, quia duo respectus in duobus corporibus existentes terminantur ad eandem superficiem continentem, facile illud<sup>1337</sup> intelligeretur. Sed est<sup>1338</sup> alia difficultas quam ipsi fugiunt neque aspicere<sup>1339</sup> uolunt, quia nec soluere sciunt et est talis: Inter latera continentis uasis si nihil esset, tunc inter illa latera uacuum esset.

<sup>1308</sup> uere *IJMNO PQ*, uerum *V*

<sup>1309</sup> quod sit *JMNO PQ*, *om. I*, adsit *V*

<sup>1310</sup> a similitudine *JMNO PV*, ab ipsa *Q*

<sup>1311</sup> ut *IJMNO PV*, quod *Q*

<sup>1312</sup> sint *IJMNO PQ*, sicut *V*

<sup>1313</sup> scientia *IJMOP V*, substantia *NQ*

<sup>1314</sup> Patet *IJMOP QV*, Hec *N*

<sup>1315</sup> dicunt *IJMNO V*, ponunt *P*, aiunt *Q*

<sup>1316</sup> loci *add. Q*

<sup>1317</sup> et recedunt *om. I*

*uasis add. V*

<sup>1318</sup> Si ergo *IJMNO PQ*, Signo *V*

<sup>1319</sup> ambiat *NPQ*, ambiat *IJMV*, ambiget *O*

<sup>1320</sup> et *IJMOP QV*, aut *N*

<sup>1321</sup> complectatur *IJMNO PQ*, complectat *V*

<sup>1322</sup> corpus aliquod *IJMNO PQ*, corporali quod *V*

<sup>1323</sup> est *om. IV*

<sup>1324</sup> illa *IJMNO PQ*, alia *V*

<sup>1325</sup> ut *IJMNO PV*, quod *Q*

<sup>1326</sup> fundate *INOP QV*, fundare *JM*

<sup>1327</sup> ad *om. V*

<sup>1328</sup> terminate *MNOP*, determinate *Q*, terminare *IJV*

<sup>1329</sup> an *om. V*

<sup>1330</sup> corpora *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>1331</sup> esse *IJMNO PV*, essent *Q*

<sup>1332</sup> esset *om. V*

<sup>1333</sup> quam *IJMNO PV*, quod *Q*

<sup>1334</sup> esse *om.IJ*

<sup>1335</sup> posterior *om. V*

<sup>1336</sup> esset *IJMNO PQ*, esse *V*

<sup>1337</sup> illud *om. Q*

<sup>1338</sup> est *om.IV*

<sup>1339</sup> aspicere *JMNO PQ*, respicere *IV*

Corpus ergo inter latera positum facit ut inter latera sit plenum et non<sup>1340</sup> uacuum. Corpus ergo circumscriptum facit<sup>1341</sup> latera continentis<sup>1342</sup> distare et implet illa omni<sup>1343</sup> ex parte attingendo. Et<sup>1344</sup> illud corpus totaliter implet et totaliter facit latera distare. Si ergo in eodem spatio poneretur aliud<sup>1345</sup> corpus, illud etiam totaliter impleret et faceret latera continentis distare. Hoc autem est impossibile et contradictionem includit<sup>1346</sup>. Nam si unum corpus totaliter occupat<sup>1347</sup> locum et totaliter implet<sup>1348</sup>, aliud nullo modo implebit<sup>1349</sup> aut occupabit quia, si ponatur, etiam aliud corpus impleret<sup>1350</sup> locum aut ergo totaliter implebit locum<sup>1351</sup> aut ex parte. Si totaliter, ergo illud corpus quod implebat<sup>1352</sup> totaliter, nullo modo implet. Ergo exiuit de loco uel si ibidem est<sup>1353</sup> et nullo modo implet<sup>1354</sup> et nulla ex parte occupat, sequitur quod simul totaliter occupabit et nulla ex parte occupabit.<sup>1355</sup> Vbi uides manifestam contradictionem. Si uero illud aliud corpus ponatur<sup>1356</sup> implere locum ex parte, qui locus alio corpore iam est plenus, tunc primum corpus non implebat<sup>1357</sup> totaliter. Et ita omnino erit<sup>1358</sup> contradictio. Non ergo implente uno corpore, potest aliud implere simul<sup>1359</sup> nisi impleat<sup>1360</sup> partem unam, aliud aliam. Esse autem in loco localiter et modo quantitatio est implere locum et occu [138] pare et facere latera eius distare attingendo illa ex omni parte. Non possunt itaque duo corpora in uno<sup>1361</sup> loco simul esse, quia tunc utrumque impleret totaliter et ita neutrum impleret. Sed quod<sup>1362</sup> utrumque sit in loco non implendo locum et modo non quantitatio quia non coextendendo<sup>1363</sup> partes suas partibus loci, non est inconueniens. Ac etiam<sup>1364</sup> si unum<sup>1365</sup> sit in loco modo naturali et quantitatio, aliud uero non localiter, immo et multa alia non localiter<sup>1366</sup> simul cum illo, nullum inconueniens est. Prius enim est<sup>1367</sup> presens<sup>1368</sup> corpus quam coextendatur<sup>1369</sup> et prius quam impleat aut

<sup>1340</sup> non *IJMNO PQ*, omnino *V*

<sup>1341</sup> ut inter latera sit plenum et non uacuum. Corpus ergo circumscriptum facit *om. P*

<sup>1342</sup> continentis *IJMNO PQ*, continens *V*

<sup>1343</sup> omni *MNO PQV*, omnia *IJ*

<sup>1344</sup> et *IJMNO PQ*, ut *V*

<sup>1345</sup> aliud *IJMNO PQ*, illud *V*

<sup>1346</sup> includit *IJMNO P*, induxit *V*

et contradictionem includit *om. Q*

<sup>1347</sup> occupat *IJMNO PQ*, occupasset *V*

<sup>1348</sup> implet *IJMNO P*, impleret *V*

<sup>1349</sup> implebit *JMNO P*, implet *IV*

<sup>1350</sup> impleret *IJMNO PQV*, implere *O*

<sup>1351</sup> et totaliter implet, aliud nullo modo implebit aut occupabit quia si ponatur etiam aliud corpus impleret

locum aut ergo totaliter implebit locum *om. Q*

<sup>1352</sup> implebat *IMN (O add. sup. lin. a. m.) PQ*, implebatur *JV*

<sup>1353</sup> si ibidem est *IJMNO Q*, si ibi dicitur esse *P*

<sup>1354</sup> Ergo exiuit de loco uel si ibidem est et nullo modo implet *om. V*

<sup>1355</sup> sequitur quod simul totaliter occupabit et nulla ex parte occupabit. *om. I*

<sup>1356</sup> ponatur *IJMNO PQV*, ponitur *O*

<sup>1357</sup> implebat *IJMNO PQ*, implebitur *V*

<sup>1358</sup> erit *JMNO PQ*, erat *IV*

<sup>1359</sup> simul *IJMNO PV*, similiter *OQ*

<sup>1360</sup> unum *add. Q*

<sup>1361</sup> uno *IJMNO QV*, eodem *P*

<sup>1362</sup> quod *IJMNO PQ*, qui *V*

<sup>1363</sup> coextendendo *IJMNO PQ*, extendendo *V*

<sup>1364</sup> Ac etiam *IJMNO PV*, Neque etiam *Q*

<sup>1365</sup> si unum *om. I*

<sup>1366</sup> immo et multa alia non localiter *om. Q*

<sup>1367</sup> est *om. V*

<sup>1368</sup> presens *om. Q*

<sup>1369</sup> coextendatur *IJMNO PQ*, coextenditur *V*

occupet. Et presentia corporis<sup>1370</sup> est quasi<sup>1371</sup> causa talis impletionis, commensurationis et occupationis.

Potest ergo Deus conseruare presentiam corporis ad locum sine tali impletionem sicut potest conseruare calorem sine calefactione etiam dato calefactibili et approximato sicut fecit in camino ardenti<sup>1372</sup> trium puerorum. Si<sup>1373</sup> ergo corpus gloriosum fuerit cum alio corpore, oportebit unum illorum ibi esse non localiter. Et hoc<sup>1374</sup> erit<sup>1375</sup> propria uirtute Dei, non alicuius qualitatis create<sup>1376</sup>, ut aliqui somniant corpus gloriosum per dotem subtilitatis se posse facere presentem<sup>1377</sup> alicui loco in quo existit aliud corpus. Digitus Dei est iste. Sed illi qui dixerunt dotem subtilitatis<sup>1378</sup> auferre grossitiem corporis<sup>1379</sup>, bene dixerunt, sic intelligendo quod corpori talis anime sic merita habenti<sup>1380</sup> Deus dat ut, cum uoluerit, possit<sup>1381</sup> esse cum corpore non glorioso sine modo quantitatio. Hoc est auferre grossitiem<sup>1382</sup> uidelicet facere ipsum quantum existere<sup>1383</sup> sine modo quantitatio.<sup>1384</sup> Sed quidam qui est nobiscum eiusdem ordinis arguit contra illum sui ordinis qui dixit quod dos subtilitatis aufert<sup>1385</sup> grossitiem a corpore glorioso. Et arguit sic:

Vbi est corpus gloriosum ibi est corpus<sup>1386</sup> sensibile<sup>1387</sup>. Et ubi est corpus sensibile ibi est locus plenus, quia fatuum est dicere ut locus in quo est<sup>1388</sup> corpus sensibile sit uacuuus.<sup>1389</sup> Si ergo locus est plenus, sequitur quod corpus gloriosum replet locum et habet grossitiem, quia aliter non impleteret neque occuparet locum.

Nos ita<sup>1390</sup> respondemus, quia studio theologie multis annis uacauimus, et hoc dicens subrisit<sup>1391</sup>, corpus gloriosum est corpus sensibile. Non tamen semper sentitur<sup>1392</sup>. Vnde, quando est cum alio corpore non quantitatie, tunc non sentitur, alias tamen sentitur. Accipe que dico et scribe: corpus gloriosum est corpus sensibile et quando est in loco repletie, tunc naturaliter sentiri potest, quia potest<sup>1393</sup> similitudinem coloris<sup>1394</sup> sui transfundere ad sensus circunstantes,<sup>1395</sup> quando uero est in loco non repletie tunc

---

<sup>1370</sup> presentia corporis *IJMNOPIV*, presens corpus *Q*

<sup>1371</sup> quasi *om. Q*

<sup>1372</sup> ardenti *om. IQV*

<sup>1373</sup> Si *JMNOPQ*, Sicut *IV*

<sup>1374</sup> hoc *IJMNOPIQ*, hec *V*

<sup>1375</sup> erit *om. V*

<sup>1376</sup> create *IJMNOPIQ*, creature *V*

<sup>1377</sup> presentem *IJMNOPIV*, presens *Q*

<sup>1378</sup> se posse facere presentem alicui loco in quo existit aliud corpus. Digitus Dei est iste. Sed illi qui dixerunt dotem subtilitatis *om. P*

<sup>1379</sup> hi *add. Q*

<sup>1380</sup> habenti *IJMNOPIV*, habentis *Q*, habente *V*

<sup>1381</sup> possit *IJMNOPIV*, sic posset *Q*

<sup>1382</sup> grossitiem *IJMNOQ*, grossitatem *V*

<sup>1383</sup> facere ipsum quantum existere *IJMNOPIV*, ut illud quantum existat *Q*

<sup>1384</sup> hoc est auferre grossitiem uidelicet facere ipsum quantum existere sine modo quantitatio *om. P*

<sup>1385</sup> aufert *IJMNOPIV*, auferret *Q*, affert *M*

<sup>1386</sup> corpus *om. N*

<sup>1387</sup> et etiam quantum corpus *add. Q*

<sup>1388</sup> ut locus in quo est *IJMNOPIV*, quod locus ubi est *P*, quod locus in quo est *Q*

<sup>1389</sup> Si est dicere ut locus in quo est corpus sensibile sit uacuuus *add. V*

<sup>1390</sup> ita *IJMNOPIV*, itaque *QV*

<sup>1391</sup> subrisit *JMNOPV*, subiunxit *I*, subrixit *Q*

<sup>1392</sup> non tamen semper sentitur *IJMNOPIV*, non ita semper *Q*

<sup>1393</sup> potest *om. Q*

<sup>1394</sup> coloris *IJMOPQ*, corporis *NV*

<sup>1395</sup> Quando uero est in celo non repletie tunc naturaliter sentiri potest quia potest similitudinem coloris sui transferre ad sensus circunstantes. *add. P*

naturaliter sentiri non potest quia, eo modo stando, non potest transfundere<sup>1396</sup> species sui coloris per medium ad oculos circumstantes, quia non existit in<sup>1397</sup> illo medio<sup>1398</sup> ut in loco cui extendatur<sup>1399</sup>. Deus tamen potest facere sua uirtute ut ille species transeant concatenatim ad oculos<sup>1400</sup> circumstantium et sic<sup>1401</sup> poterit illud corpus uideri. Sed quid<sup>1402</sup>, si ad momentum non uiderentur corpora gloriosa [139] quando uidelicet sunt cum aliis corporibus? Nam in celo empyrio uidebuntur et<sup>1403</sup> erunt in locis suis distinctis neque cum alio corpore, prout tibi dixi quando de illo celo tibi sermonem feci<sup>1404</sup>. Non ergo corpus gloriosum caret grossitie<sup>1405</sup> in se sed, quando est cum<sup>1406</sup> alio corpore, habet se per modum carentis grossitie<sup>1407</sup>, ex quo non replet locum. Quando<sup>1408</sup> ergo Christus natus est, in egressu ex utero, ne claustra uteri uirginalis aperiret, exiuit enim<sup>1409</sup> per clausam portam, fuit<sup>1410</sup> simul cum carne Virginis Matris. Sed dum erat in utero, fuit in loco modo quantitatio et, egrediendo, usquequo<sup>1411</sup> peruenit ad ostium uirginale, semper erat in loco sicut alii pueri et eadem uirtute exhibat et emittebatur qua et alii infantuli. Sed quando fuit cum carne matris simul, tunc anima sua mouit corpus illud illo motu qui non est organicus, sicut potest moueri<sup>1412</sup> a seipso in sacramento, immo potest mouere et ipsum sacramentum. Mater ergo eum effudit usque ad locum illum uirtute propria. Quando erat in loco non localiter, tunc<sup>1413</sup> concurrente uirtute Dei speciali et anime illius pueruli lumen eternum mundo effudit Iesum Christum<sup>1414</sup> Dominum nostrum. Scito quoque quod Deus concedit<sup>1415</sup> corpori glorioso<sup>1416</sup> ut possit<sup>1417</sup> in quamcumque figuram et quantitatem reduci que non repugnet<sup>1418</sup> corpori organico. Et talis figura uel quantitas non causatur in corporibus illis<sup>1419</sup> ab aliqua passione nimia, ut quod a nimio<sup>1420</sup> calore rarefaciat<sup>1421</sup> et a nimio<sup>1422</sup> frigore condensetur<sup>1423</sup>, sed uirtute diuina. Vnde talia corpora possunt transire per ualde

---

<sup>1396</sup> ad sensus circumstantes. Quando uero est in loco non repletue tunc naturaliter sentiri non potest quia, eo modo stando, non potest transfundere *om. I*

<sup>1397</sup> in *om. Q*

<sup>1398</sup> medio *IMNOPQV*, modo *J*

<sup>1399</sup> extendatur *IJNPQV*, coextendatur *MO*

<sup>1400</sup> oculos *IJMNOQ*, oculum *V*

<sup>1401</sup> et sic *IJMNOQV*, nec *P*

<sup>1402</sup> quid *JMNOPQ*, quod *IV*

<sup>1403</sup> et *IJMNOQ*, ut *V*

<sup>1404</sup> tibi sermonem feci *IJMNOQV*, locuti fuimus *Q*

<sup>1405</sup> grossitie *JMNOPQV*, grossitiem *I*

<sup>1406</sup> cum *IJMOPQV*, in *N*

<sup>1407</sup> se sed quando est cum alio corpore habet se per modum carentis grossitie *om. Q*

<sup>1408</sup> Quando *IJMNOQV*, Quomodo *Q*

<sup>1409</sup> enim *om. JV*

<sup>1410</sup> fuit *om. Q*

<sup>1411</sup> usquequo *IJMNOQV*, usque *Q*

<sup>1412</sup> moueri *IJMNOQ*, mouere *V*

<sup>1413</sup> tunc *IJMNOQ*, tamen *V*

<sup>1414</sup> Christum *om. Q*

<sup>1415</sup> concedit *IJMNOQV*, confert *Q*

<sup>1416</sup> glorioso *IJMNOQ*, gloriose *V*

<sup>1417</sup> possit *JMNOPQV*, posset *I*

<sup>1418</sup> repugnet *IJMNOQ*, repugnat *Q*, repugnaret *V*

<sup>1419</sup> illis *IJMNOQ*, aliis *V*

<sup>1420</sup> a nimio *JMNOPQV*, animo *I*

<sup>1421</sup> rarefaciat *IJMV*, rarefiat *NOPQ*

<sup>1422</sup> a nimio *IJMNOQV*, animo *Q*

<sup>1423</sup> condensetur *IJMNOQV*, condescetur *P*

strictiora loca quam corpora uestra<sup>1424</sup>. Et hoc potest dari cuicumque corpori etiam non glorioso.

Discutiamus nunc<sup>1425</sup> quomodo unum corpus possit esse in pluribus locis. Et est una ratio illorum<sup>1426</sup> qui dicunt hoc<sup>1427</sup> fieri posse quando in tale corpus aliquid conuertitur aliter non sicut in hoc sacramento in quo in<sup>1428</sup> corpus Domini conuertitur panis. Que ratio non ualet quia, ut iam<sup>1429</sup> dixi tibi, nihil panis in corpore<sup>1430</sup> Domini translatum est. Quid ergo iuuat potentiam Dei<sup>1431</sup> ut cum<sup>1432</sup> conuersione possit, sine<sup>1433</sup> conuersione non possit? Forsan presentia panis impedit eius potentiam et absentia eam<sup>1434</sup> iuuat et ei confert<sup>1435</sup>? Certe nihil. Sicut<sup>1436</sup> ergo corpus Domini incipit esse cum accidentibus panis uirtute diuina, ita uirtute illa potest esse et incipere esse cum ipso pane. Vnde absolute concedendum est diuina uirtute unum corpus in pluribus locis<sup>1437</sup> simul<sup>1438</sup> esse posse et modo quantatiuo et non quantatiuo<sup>1439</sup>, stante ueritate<sup>1440</sup> regule<sup>1441</sup> superius dicte uidelicet rem priorem que sit alia res a re<sup>1442</sup> posteriori posse conseruari<sup>1443</sup> eadem multiplicata et plurificata<sup>1444</sup> re posteriori. Sed corpus in se est res prior quam sit presens<sup>1445</sup> loco uel implens locum. Patet quia non esset presens neque impleret nisi prius esse<sup>1446</sup> intelligeretur. Et est res alia. Patet quia, manente<sup>1447</sup> re illa, talis presentia et repletio amitti potest. Sequitur quod Deus possit facere ut, manente eodem corpore, multiplicetur presentia eius et repletio. Quando enim replet, tunc est in loco naturaliter et sensibiliter. Quando solum<sup>1448</sup> presens est, ut in sacramento, tunc est in loco non localiter neque sensibiliter. Neque facere corpus<sup>1449</sup> in pluribus locis sensibiliter habet euidentiorem difficultatem quam facere illud presens pluribus locis insensibiliter, immo hoc posterius ad cogitandum uidetur difficilius ut sit in pluribus locis et non localiter. Hic<sup>1450</sup> enim sunt duo difficilia uidelicet esse in pluribus locis et, secundo, [140] esse in loco non localiter. In alio est solum una difficultas uidelicet esse in pluribus locis. Non immerito mirari<sup>1451</sup> potestis quomodo aliqui docti<sup>1452</sup> uiri concedunt unum corpus posse

---

<sup>1424</sup> quam corpora uestra *om. I*

<sup>1425</sup> nunc *IJMOPQV*, modo *N*

<sup>1426</sup> est una ratio illorum *IJMNOQV*, est una eorum *Q*

<sup>1427</sup> hoc *IMNOPQV*, loco *J*

<sup>1428</sup> in *JMNOPQ*, est *IV*

<sup>1429</sup> iam *om. P*

<sup>1430</sup> in corpore *IJMNOQV*, in corpus *Q*

<sup>1431</sup> potentiam Dei *IJMNOQV*, potentia *V*

<sup>1432</sup> cum *om. V*

<sup>1433</sup> sine *IJMNOQV*, et cum *P*

<sup>1434</sup> eam *IJMNOQV*, eius *V*

<sup>1435</sup> confert *IJMNOQV*, confertur *V*

<sup>1436</sup> Sicut *IJMNOQV*, Si *V*

<sup>1437</sup> in pluribus locis *IJMOPQV*, eodem in loco *N*

<sup>1438</sup> simul *IJMNOQV*, immo nihil *V*

<sup>1439</sup> et non quantatiuo *om. IJ, M(add. in marg. a.m.)*

<sup>1440</sup> ueritate *IJMNOQV*, uirtute *Q*

<sup>1441</sup> regule *IJMNOQV*, resolute *P*

<sup>1442</sup> re *om. Q*

<sup>1443</sup> una et *add. Q*

<sup>1444</sup> eadem multiplicata et plurificata *IJMNOQV*, eandem. Multiplicat et purificat *V*

<sup>1445</sup> in *add. N*

<sup>1446</sup> nisi prius esse *IJMOPQV*, locum nisi prius *N*

<sup>1447</sup> manente *IJMNOQV*, imminente *V*

<sup>1448</sup> solum *IJMNOQV*, totum *V*

<sup>1449</sup> esse *add. Q*

<sup>1450</sup> Hic *IJMNOQV*, Hec *V*

<sup>1451</sup> mirari *IJ om., M (add. in marg. a.m.)*

<sup>1452</sup> docti *IJMNOQV*, dicti *V*

esse in pluribus locis non<sup>1453</sup> localiter et non posse<sup>1454</sup> esse in pluribus locis<sup>1455</sup> localiter. Et omnes rationes eorum et omnia inconuenientia que adducunt<sup>1456</sup> possunt facile solui et solute sunt, immo possent<sup>1457</sup> concludere contra pluralitatem<sup>1458</sup> locorum in quibus ponitur<sup>1459</sup> corpus Domini non<sup>1460</sup> localiter nisi quia tali modo existens non est in loco localiter. Tamen presentie ipsius<sup>1461</sup> sunt multiplicatae. Et quia uestri hoc<sup>1462</sup> bene discussissent, pretermitto, quia et ille pro quo hec facimus ea in uestris libris uidebit.<sup>1463</sup>

Quantum ad quartam difficultatem superius satis ostendimus qualis sit conuersio ista, quo bene intellecto<sup>1464</sup>, nulla difficultas est intelligere aliquid posse conuerti in preexistens. Sed unum est hic uidendum utrum uidelicet posset<sup>1465</sup> teneri illa opinio que istam conuersionem sic declarat. Dicit<sup>1466</sup> enim Deum posse agere in materiam primam ut est prior omni forma ita ut eam in<sup>1467</sup> se attingat ut nudam<sup>1468</sup>. Et hoc clarum est. Deinde dicit<sup>1469</sup> quod materia sic nuda accepta est omnino in se distincta<sup>1470</sup>. Tertio

<sup>1453</sup> non *om. O*

<sup>1454</sup> et non posse *om. Q*

<sup>1455</sup> non localiter et non posse esse in pluribus locis *om. IV, add M (in marg.a.m.)*

non posse esse in pluribus locis localiter *add. O (sup.lin.)*

<sup>1456</sup> adducunt *IJMNOQV*, addessent *P*

<sup>1457</sup> possent *IJMNOQ*, posse *P*, possunt *V*

<sup>1458</sup> pluralitatem *IJNOPQV*, puritatem *M*

<sup>1459</sup> ponitur *IJMNOQV*, ponit *V*

<sup>1460</sup> non *om. V*

<sup>1461</sup> ipsius *IJMNOQV*, eius *Q*

<sup>1462</sup> hoc *JMNOQV*, *om. I*, quod *V*

<sup>1463</sup> Ego tamen hoc melius scio. Si enim unum corpus esse (esset *Q*) in pluribus locis nihil aliud esset quam, stante unitate prioris, multiplicare (multiplicari *Q*) posteriora, bene illud probatum fuisset. Sed non est ita. Alia difficultas est (est *om. Q*) propter quam (hanc *Q*) unum corpus non potest esse in pluribus locis occupatiue, et est hec: Quia unum corpus non potest impleri (implere *Q*) neque occupari (occupare *Q*) nisi tantum unum locum (unum locum *om. MNO*) neque potest facere distare latera continentis (in *MO*) immensum sed tantum et cum mensura quia corpus bipedale non potest facere distare latera totius aeris neque implere (etiam adimplere *Q*) circumferentiam celi attingendo eam ex omni parte. Sicut enim magnum corpus non potest esse in (aliquo *Q*) paruo loco commensuratiue et coextensiue (extensiue *Q*) ita neque paruum in magno. Vnumquodque igitur corpus positum in loco implet locum quantum illum (illum *om. N*) potest implere et facit latera eius (eius *om. N*) distare quantum potest ita quod, stante tali impletione, non potest alium locum implere neque latera alterius (eius *Q*) facere distare quia est uirtutis limitate (limitate *om. M*) et tante et non maioris. Contradictio ergo est ut tantum possit et plus possit quia plus et non plus et tantum solum et non tantum solum posset (possit *Q*). Neque 198 / itaque idem locus (corpus *Q*) potest impleri (implere *Q*) a duobus locis (duo loca *Q*) neque idem corpus (locus *Q*) potest implere (impleri *Q*) duo loca (a duobus corporibus *Q*). Ideo potest fieri ut corpus implens unum locum possit poni in alio (loco *add. MO*) uel aliis locis non implendo quia tunc nulla contradictio est. Sed quod impleat locum hunc quantum potest et iterum alium impleat et occupet et eidem (idem *Q*) coextendatur, non est possibile quia tunc minus corpus commensuraretur longe maiori. Fiat enim ex tot locis unus locus. Quomodo occupabitur a paruo corpore? Neque duo corpora in uno loco coextensiue et repletiue (coextensiuo et repletio *MN*) possunt esse neque unum in pluribus locis. Sed unum corpus occupat unum locum tantum. Sed ualde rudes fuerunt (omnes *O*) concedentes (omnes ac credentes *Q*) duo corpora in loco uno et negantes unum corpus in pluribus locis (locis *om. Q*) quia illud difficilius uobis et rationi uidetur. Neque difficilius est facere unum corpus in pluribus locis non implendo quam implendo quia implendo est contradictio et non est contradictio (non implendo *OQ*). Non tamen fit in pluribus locis ex eo quod aliquid conuertitur in ipsum. Et sic tu (tu *om. MO*) uides omnes uos (uos *om. N*) (uestros *O*) errasse. Quando ergo pater tuus Franciscus fuit in pluribus locis, in uno potuit (poterat *OQ*) uideri (uidere *Q*) et in alio non nisi miraculo nouo. Sic et Ambrosius fuit uisus Turonis. *add. M (in alio folio) NOQ*

<sup>1464</sup> quo bene intellecto *IJMOPQ*, qua bene intellecta *N*, quomodo bene intelligo *V*

<sup>1465</sup> posset *IJMNOQV*, possit *Q*

<sup>1466</sup> Dicit *JNOP*, Dicitur *M*, Dixit *IQV*

<sup>1467</sup> in *IJMNOQV*, que *P*

<sup>1468</sup> nudam *MNOQV*, nuda *IJP*

<sup>1469</sup> dicit *IJNOPQV*, dicitur *M*

<sup>1470</sup> distincta *IJMNPV*, indistincta *OQ*

dicit<sup>1471</sup> quod<sup>1472</sup>, sicut Deus potest formam destructam in eandem materiam<sup>1473</sup> iterum inducere, ita potest eandem formam in quamcumque materiam inducere, uerbi gratia,<sup>1474</sup> animam<sup>1475</sup> Christi in propositum<sup>1476</sup> potest inducere in materiam panis huius et illius et cuiuscumque alterius non educendo eam de corpore suo<sup>1477</sup>. Et sic anima Domini informabit plures materias simul. Quarto, dicit<sup>1478</sup> quod ad<sup>1479</sup> eandem formam numero, sequitur eadem materia<sup>1480</sup> numero<sup>1481</sup>, hoc est, in quibus est una forma, in illis est una materia, quia materie distinguuntur per formas. Sed anima Christi est una forma et est in materia sui corporis et<sup>1482</sup> in materia panis. Et sic<sup>1483</sup> ille materie sunt una materia<sup>1484</sup>. Vbi ergo est<sup>1485</sup> una forma et una materia, ibi<sup>1486</sup> est unum corpus. Sed hec opinio est bene improbata a uestris, quia materia panis, etiam nude accepta<sup>1487</sup>, est alia portio materie ab illa que est in corpore Christi et<sup>1488</sup> que est in alio pane. Ideo, si forma etiam eadem inducatur in materia panis nuda, non erit propter hoc hec portio materie illa alia portio. Et ita non omnino hoc corpus erit illud corpus. Deinde non sufficit huic materie uniri<sup>1489</sup> anima<sup>1490</sup>, sed oporteret<sup>1491</sup> sibi coniungere formam carnis et<sup>1492</sup> ossis<sup>1493</sup> et nerui<sup>1494</sup>. Anima enim non est<sup>1495</sup> forma immediate perficiens<sup>1496</sup> materiam, sed presupponit alias formas perfectibiles per eam que est forma corporis organici ad uitam tendentis<sup>1497</sup>, non a uita<sup>1498</sup> recedentis, quia naturaliter ita fit quod numquam corpus organicum ad uitam tendens manet sine anima per aliquod tempus. Quando tamen a uita<sup>1499</sup> recedit<sup>1500</sup>, tunc manet per tempus corpus organicum sine anima. Si quoque<sup>1501</sup> materia panis remanet, quomodo dicitur panis<sup>1502</sup> transubstantiatus totus ex quo aliquid substantie eius remansit? Et quomodo saluabitur ut anima Christi non sit mutata que

<sup>1471</sup> dicit *IJNOPV*, dicitur *M*, *om. Q*

<sup>1472</sup> quod *IJMNOQ*, quia *V*

<sup>1473</sup> in eandem materiam *IJMNOV*, in eadem materia *PQ*

<sup>1474</sup> uerbi gratia *add. O (sup.lin.)*

<sup>1475</sup> animam *IJNOPQ*, anima *MV*

<sup>1476</sup> propositum *IJMNP*, proposito *OQV*

<sup>1477</sup> suo *IJMNPV*, Christi *Q*

<sup>1478</sup> dicit *IJMNOQV*, dixit *Q*

<sup>1479</sup> ad *add. O (sup.lin.a.m.)*, *om. Q*

<sup>1480</sup> eadem materia *JMNOQ*, eandem materiam *IV*

<sup>1481</sup> numero *IJMNOQ*, *om. Q*, in numero *V*

<sup>1482</sup> et est in materia sui corporis et *om. Q*

<sup>1483</sup> sic *om. P*

<sup>1484</sup> ille materie sunt una materia *IJMNOQV*, et sic est una *Q*

<sup>1485</sup> est *JMNOQ*, in *IV*

<sup>1486</sup> ibi *IJMNOQ*, *om. Q*, ubi *V*

<sup>1487</sup> et *add. P*

<sup>1488</sup> ab ea *add. Q*

<sup>1489</sup> uniri *IJMNOQV*, unire *P*

<sup>1490</sup> anima *JMNOQV*, animam *I*

<sup>1491</sup> oporteret *IJMOPV*, oportet *NQ*

<sup>1492</sup> et *IJMNOQV*, enim *P*

<sup>1493</sup> etiam *add. V*

<sup>1494</sup> nerui *IJNOPQ*, neruis *MV*

<sup>1495</sup> est *om. M*

<sup>1496</sup> perficiens *JMOPQ*, proficiens *INV*

<sup>1497</sup> tendentis *MNOPQV*, redemptis *IJ*

<sup>1498</sup> a uita *JMNOQV*, uita *I*, ad uitam *Q*

<sup>1499</sup> a uita *IJMNOQ*, iuxta *V*

<sup>1500</sup> recedit *IJMNOQ*, receditur *V*

<sup>1501</sup> quoque *IJMNOQ*, in quocumque *V*

manet per tempus corpus organicum sine anima. Si quoque *om. Q*

<sup>1502</sup> materia panis remanet, quomodo dicitur panis. *IJMNOQV*, materia panis remanet. Quomodo panis dicitur *Q*

incipit esse forma huius materie quam prius non informabat? Et quomodo saluabitur quod nihil panis remansit in corpore Domini? Et si dicat<sup>1503</sup> quod illa materia est omnino eadem cum<sup>1504</sup> materia corporis Christi, tunc in illa non inducitur anima Christi<sup>1505</sup>, quia iam induc [141] ta est. Quomodo ergo iamdiu inductum<sup>1506</sup>? Nunc in illud<sup>1507</sup> inducitur in quo<sup>1508</sup> manet? Non sunt intelligibilia ista.

Teneas ergo et conscribas hanc transubstantiationem aliud non esse nisi, ut tibi dixi, substantiarum translationem<sup>1509</sup> potestate diuina, ut ibi sit corpus Christi<sup>1510</sup>, cibus anime, ubi erat panis, cibus corporis, quod Christi corpus est etiam panis, quia nomine panis omnis cibus intelligi potest. Quia ergo corpus Christi cibus est, ideo et panis est. Et quia cibus anime est, ideo panis spiritualis<sup>1511</sup>. Et quia uirtute illius cibi peruenitur ad regnum celeste, ideo panis<sup>1512</sup> celestis est. Et quia coniunctus est Filio Patris qui in celis est, ideo est panis qui de celo descendit. Et quia est unitus illi qui solus eternaliter uiuit et homines sui sumptione per gratiam uiuificat ad gloriam<sup>1513</sup>, ideo panis uiuus est, sicut ipse ait: "Qui manducauerit ex hoc pane uiuet in eternum". Et quia non sicut panis corporis<sup>1514</sup> nutrit ad uitam mortalem sed ad<sup>1515</sup> immortalem et non auget uentrem sed mentem, ideo panis uerus est. Quod enim ad momentum confortat, non uere confortat. Quod autem<sup>1516</sup> perpetuo confortat<sup>1517</sup>, illud<sup>1518</sup> uere confortat<sup>1519</sup>.

De quinto, qualiter uidelicet panis non sit<sup>1520</sup> anihilatus, satis abunde dictum est. Et tres rationes assignari possunt. Prima est<sup>1521</sup> quia<sup>1522</sup>, quando alicui succedit melius, non dicitur illud<sup>1523</sup> destructum, sicut et uestri philosophi dicunt quando ex aqua fit aer tunc esse generationem et non corruptionem. Quando uero ex aere<sup>1524</sup> fit terra uel aqua, tunc esse corruptionem.<sup>1525</sup> Ita in proposito, si ubi corpus Christi desineret esse ibi panis inciperet esse, tunc corpus Christi fuisset anihilatum quia non melius, sed deterius sibi<sup>1526</sup> successisset<sup>1527</sup>. Ita nunc<sup>1528</sup> quia pani<sup>1529</sup> succedit melius, panis non est destructus. Non quia aliquid eius remansit, sed quia melius successit. Et secundum hunc<sup>1530</sup> modum loquendi, ad hoc ut<sup>1531</sup> aliquid sit anihilatum, non sufficit ut nihil eius

<sup>1503</sup> dicat *IJMNOQV*, dicatur *OP*

<sup>1504</sup> cum *om. Q*

<sup>1505</sup> tunc in illa non inducitur anima Christi *om. Q*

<sup>1506</sup> inductum *IJMNOQV*, inductam *P*

<sup>1507</sup> Nunc in illud *IJMNOQV*, Tunc in illum *Q*

<sup>1508</sup> in quo *IJMNOQV*, in ipso *M*, et in ipso *Q*

<sup>1509</sup> substantiarum translationem *IJMNOQ*, substantiarum translationes *P*, substantia transubstantionem *V*

<sup>1510</sup> corpus Christi *IJMNOQV*, corporis Christi *Q*

<sup>1511</sup> spiritualis *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>1512</sup> spiritualis. Et quia uirtute illius cibi peruenitur ad regnum celeste ideo panis *om. P*

<sup>1513</sup> ad gloriam *IJV*, et glorificat *M*, et gloriam *NOQ*

<sup>1514</sup> panis corporis nutrit *IJMOPV*, panis nutrit corpus *NQ*

<sup>1515</sup> uitam *add. V*

<sup>1516</sup> non *add. V*

<sup>1517</sup> non *add. V*

<sup>1518</sup> illud *om. V*

<sup>1519</sup> Tunc esse generationem et non corruptionem quando uero ex aere. *add. V*

<sup>1520</sup> non sit *IJMNOQV*, non est *Q*

<sup>1521</sup> Prima est *add. O (sup.lin.)*

<sup>1522</sup> quia *om. V*

<sup>1523</sup> esse *add. M*

<sup>1524</sup> Tunc esse generationem et non corruptionem. Quando uero ex aere *om. IV*

<sup>1525</sup> Quando uero ex aere fit terra uel aqua tunc esse corruptionem. *om. N*

<sup>1526</sup> sibi *IJMNOQV*, ibi *Q*

<sup>1527</sup> successisset *IMNOPQV*, successit *J*

<sup>1528</sup> Ita nunc *IJMNOQV*, Tunc autem *Q*

<sup>1529</sup> pani *JNPQ*, panis *IMOV*

<sup>1530</sup> hunc *IJMNOQ*, hoc *V*

remaneat, sed oportet ut<sup>1532</sup> ei melius non succedat. Secunda ratio est quod panis ille non est anihilatus quia<sup>1533</sup> ipsius accidentia quibus informabatur<sup>1534</sup> et est aptus informari remanserunt<sup>1535</sup>. Tertia ratio est quia etsi panis desineret esse totaliter, ita quod etiam accidentia desinerent esse<sup>1536</sup> una secum, non tamen desinit esse ratione istius conuersionis, ut diximus.

Videamus aliquid de sexto<sup>1537</sup> mirabili<sup>1538</sup>, quomodo accidentia<sup>1539</sup> possunt<sup>1540</sup> esse sine subiecto ullo. Aliqui ex theologis qui nobiscum fruuntur<sup>1541</sup> Deo crediderunt quod accidentia haberent idem esse<sup>1542</sup> quod habet subiectum eorum et non perpendebant quod essentia seu natura<sup>1543</sup> alicuius rei non est aliud quam suum esse. Et esse rei non est<sup>1544</sup> aliud quam<sup>1545</sup> natura ipsius rei, ita quod esse non addit homini seu nature humane nisi respectum ad causam, hoc est, quia illud solum dicimus esse quod est in re productum, uel melius, illa natura dicitur esse<sup>1546</sup> cuius<sup>1547</sup> essentia<sup>1548</sup> est extra causam et extra intellectum. [142] Vnde esse hominis non aliud est quam corpus tale uniri forme tali. Que unio fit extra mentem et causam<sup>1549</sup>. Res enim dicitur in causa sua esse sicut filius in lumbis patris sui et in mente<sup>1550</sup> per similitudinem sui. Quando ergo est extra mentem et causam<sup>1551</sup> dicitur<sup>1552</sup> habere esse simpliciter et absolute. Si ergo esset idem esse subiecti uidelicet substantie et accidentis, sequeretur quod esset eadem essentia et natura substantie et accidentis, quod est falsum. Dicunt ergo aliqui quod, destructa substantia, destruitur esse ipsius et ita etiam esse<sup>1553</sup> accidentis destruitur. Ex quo illud esse totius substantie erat esse accidentis aliquo modo quia illud esse substantie non primo conuenit accidentibus, sed ex consequenti, destructa ergo substantia, deberet destrui accidens. Sed hic non destruitur, quia Deus dat accidenti nouum esse per quod tunc est sine substantia. Et quia hec dixit<sup>1554</sup> amicus noster, que etiam<sup>1555</sup> exponi possent<sup>1556</sup> pro honore eius. Ille tamen qui hoc<sup>1557</sup> adducit<sup>1558</sup>, quem Regina nostra

---

<sup>1531</sup> ut *IJMNOP*, quod *Q*, ne *V*

<sup>1532</sup> ut *IJMNOPIV*, quod *Q*

<sup>1533</sup> Secunda ratio est quod panis ille non est anihilatus quia *IJMNOPIV*, Secunda ratio quare panis non est anihilatus est quia *Q*

<sup>1534</sup> informabatur *JMNOPQV*, informabitur *I*

<sup>1535</sup> et est aptus informari remanserunt. *IJMNOPIV*, et quibus aptus natus est informare remanserunt omnia integra. *Q*

<sup>1536</sup> desinerent esse *JMNOPQ*, desinerent *IV*

<sup>1537</sup> sexto *IJMNOQV*, sacramento *P*

<sup>1538</sup> mirabili *IJMNOQV*, mirabile *V*

<sup>1539</sup> illa *add. Q*

<sup>1540</sup> possunt *IJMNOPIV*, possint *Q*

<sup>1541</sup> fruuntur *IJMNOPIV*, confruuntur *Q*

<sup>1542</sup> esse *om. Q*

<sup>1543</sup> natura *JMNOPQ*, materia *IV*

<sup>1544</sup> est *om. V*

<sup>1545</sup> suum esse. Et esse rei non est aliud quam *om. Q*

<sup>1546</sup> quod est in re productum, uel melius, illa natura dicitur esse *om. N*

<sup>1547</sup> esse quod est in re productum, uel melius, illa natura dicitur esse cuius *add. in marg. a.m.K*

<sup>1548</sup> et natura *add. Q*

<sup>1549</sup> causam *IJMNOQV*, casum *M*

<sup>1550</sup> mente *JNOPQ*, mentem *IMV*

<sup>1551</sup> et causam *add. M (in marg. a.m.), om. PV*

<sup>1552</sup> dicitur *om. V*

<sup>1553</sup> ipsius *add. Q*

<sup>1554</sup> dixit *IJMNOPIV*, dicit *Q*

<sup>1555</sup> que etiam *om. Q*

<sup>1556</sup> possent *IJMNOPIV*, posset *Q*

<sup>1557</sup> hoc *IJMOPQV*, hec *N*

<sup>1558</sup> adducit *IJMNOPIV*, adiiecit *Q*

multum diligit quia eam primus publice defensauit, illa solum iunxit<sup>1559</sup> que reprehendi poterant, non illa que commendari possunt<sup>1560</sup>. Et non sine ratione. Nam rationes<sup>1561</sup> bone dimittuntur<sup>1562</sup> tamquam bone, male uel minus bone reprehenduntur ut pretermittantur<sup>1563</sup>. Ille autem<sup>1564</sup> doctor<sup>1565</sup>, etiam<sup>1566</sup> deuotus Virginis, qui quamdoque pro ea dixit et corde<sup>1567</sup> idem<sup>1568</sup> tenuit, tamen cum suspitione ne fidei<sup>1569</sup> forsans repugnaret quod non repugnabat, qui nunc non minus gaudet de uictoria illius, immo semper desiderauit illam uictoriam, adducit alias rationes quo pacto sit possibile accidentia<sup>1570</sup> persistere sine substantia. Et ratio<sup>1571</sup> sua est talis quia quecumque facere potest causa secunda uel prima per secundam<sup>1572</sup>, facere potest prima sola. Hoc etsi aliqui<sup>1573</sup> philosophorum negauerint<sup>1574</sup>, tamen uerum est et a multis conceditur et, crede mihi, ab omnibus est<sup>1575</sup> concedendum, quia prima causa non indiget uirtute alterius cause. Tunc enim non esset Deus summa et perfectissima res in se si<sup>1576</sup> indigeret alia re a se. Si ergo accidentia persistunt<sup>1577</sup>, substantia creata ea<sup>1578</sup> conseruante, quare non poterunt manere solo Deo conseruante qui potest solus omne quod potest aliud uel ipse cum alio? Et hec ratio sufficit in ea parte qua dicitur accidentia conseruari uel fluere a<sup>1579</sup> substantia. In quantum uero substantia est subiectum<sup>1580</sup> et causa materialis accidentium adhuc nulla est impossibilitas ea esse sine substantia. Hoc patet, presupposita regula superius dicta: "Omne prius alio, si sit alia res ab illo<sup>1581</sup>, conseruari potest<sup>1582</sup> sine illo". Sed accidens ut albedo uel superficies est prius aliquid in se quam inhereat subiecto<sup>1583</sup>. Non enim potest intelligi ut inhereat et non preintelligatur illud quod inheret<sup>1584</sup>. Et albedo est alia res ab inherencia, quia albedo est qualitas, inherere est relatio<sup>1585</sup>. Poterit<sup>1586</sup> ergo albedo et linea esse neque<sup>1587</sup> tamen inherere<sup>1588</sup> alicui substantie et hoc illa<sup>1589</sup> uirtute cui nullum uerbum est impossibile. Potest, ut probauimus<sup>1590</sup>, accidens

<sup>1559</sup> iunxit *IJ* (*M add. sup. lin. a. m.* induxit) *NP*, induxit *OQV*

<sup>1560</sup> commendari possunt *IJMOPV*, commendari possent *N*, condemnari possent *Q*

<sup>1561</sup> rationes *om. I*

<sup>1562</sup> dimittuntur *IJMNOQV*, remittuntur *Q*

<sup>1563</sup> ut pretermittantur *IJMNOQ*, et pretermittuntur *Q*, ut pretermittantur *V*

<sup>1564</sup> autem *om. P*

<sup>1565</sup> idest Scotus *add. V*

<sup>1566</sup> etiam *IJMOPQV*, qui *N*

<sup>1567</sup> corde *IJMNOQ*, cordi *V*

<sup>1568</sup> idem *IJMOPQV*, etiam *N*

<sup>1569</sup> fidei *IJMNOQV*, fides *P*

<sup>1570</sup> posse *add. P*

<sup>1571</sup> ratio *IJMNOQ*, non *V*

<sup>1572</sup> per secundam *IJMNOQ*, cum secunda *V*

<sup>1573</sup> aliqui *IJMNOQV*, alii *P*

<sup>1574</sup> negauerint *IJMOV*, negauerunt *NPQ*

<sup>1575</sup> est *om. V*

<sup>1576</sup> si *IJMNOQV*, sed *Q*

<sup>1577</sup> persistunt *JMNOQ*, persistant *IV*

<sup>1578</sup> ea *MNQ*, eos *IJO*, eos non *P*, eas *V*

<sup>1579</sup> a *om. V*

<sup>1580</sup> subiectum *JMNOQ*, substantiam *I*, substantia *V*

<sup>1581</sup> illo *IJMNOQV*, eo *Q*

<sup>1582</sup> potest *IJMNOQV*, potuit *Q*

<sup>1583</sup> subiecto *om. I*

<sup>1584</sup> inheret *IJMOPQ*, inhereat *NV*

<sup>1585</sup> inherere est relatio *IMNOP*, inherencia uero relatio *Q*, inherere est relatio *JV*

<sup>1586</sup> Poterit *IJMNOQV*, Patent *P*

<sup>1587</sup> neque *JMNOQ*, non *IV*

<sup>1588</sup> Poterit ergo albedo et linea esse neque tamen inherere *IJMNOQV*, Poterit ergo albedo uel linea esse sine eo quod inhereat *Q*

<sup>1589</sup> illa *IJMOPQV*, illius *N*

sine subiecto esse. Qui ergo dicunt quod Deus dat accidentibus quandam uirtutem supernaturalem per quam possunt per se et seorsum esse, si intelligunt de aliqua uirtute, id est, forma supernaturali eis impressa, non bene sentiunt, quia sicut substantie non potest dari aliqua forma ut [143] inhereat subiecto, sic nec accidenti ut<sup>1591</sup> per se subsistat siue ut sit substantia<sup>1592</sup>. Si autem intelligunt<sup>1593</sup> quod accidenti detur<sup>1594</sup>, uirtute Dei supernaturali, ut possit existere<sup>1595</sup> sine subiecto, non quod sit substantia, sed quod ab illa<sup>1596</sup> seorsum existat, uerum<sup>1597</sup> est et<sup>1598</sup> bene dicunt.

De septimo mirabili satis dictum est uos non mouere<sup>1599</sup> neque eleuare corpus Domini, sed uirtute ipsius Christi mouetur ex pacto, hoc est, quia pepigit fedus uobiscum ut ubicumque<sup>1600</sup> uos posueritis accidentia, ibi ipse faciet<sup>1601</sup> presens ipsis<sup>1602</sup> corpus suum et sanguinem. Vnde uos non mouetis eum<sup>1603</sup> per se neque proprie per accidens, sed ualde improprie per accidens, quia solo beneplacito uoluntatis diuine se illo modo transfert<sup>1604</sup>.

De octauo quoque mirabili<sup>1605</sup> multa dicta sunt antea et sufficienter. Et qui aliter dicunt, repellantur.

De nono mirabili patet quod<sup>1606</sup> non transit per medium nec amittit locum naturalem et acquirit alium non localem. Similiter, manens cum his accidentibus, incipit esse cum illis<sup>1607</sup>. Plurificantur<sup>1608</sup> presentie<sup>1609</sup> corpore manente eodem.

De mirabili decimo dictum est quod aliquando propter consolationem hominum Deus accidentia illa conuertit<sup>1610</sup> in carnem que stat<sup>1611</sup> in loco localiter sicut et accidentia stabant, et aliquando in sanguinem<sup>1612</sup>. Neque tamen caro illa est caro Christi neque<sup>1613</sup> sanguis ille sanguis Christi<sup>1614</sup>. Quomodo autem<sup>1615</sup> ex accidentibus illis<sup>1616</sup> fiat substantia dictum est<sup>1617</sup>. Neque dicendum est quod ibi appareat caro et non sit caro, quia in multis locis apud uos talis caro et sanguis remansit et adhuc ostenditur. Numquam tamen creauit aut<sup>1618</sup> formauit puerulum qui uere puerulus esset humane

---

<sup>1590</sup> ut probauimus *JNOP*, et probauimus *M*, ut dixi *Q*, ut probamus *IV*

<sup>1591</sup> ut *IJMNOQ*, uere *V*

<sup>1592</sup> substantia *IJMNOQ*, subiecta *V*

<sup>1593</sup> intelligunt *MQ*, intelligat *IJOP*, intelligant *NV*

<sup>1594</sup> detur *IJMNOQV*, datur *Q*

<sup>1595</sup> existere *IJMOPQV*, persistere *N*

<sup>1596</sup> illa *IJMNOQ*, alia *V*

<sup>1597</sup> uerum *IJMNOQ*, uerbum *V*

<sup>1598</sup> et *IJMNOQ*, ut *V*

<sup>1599</sup> mouere *JMNOQ*, nouere *V*

<sup>1600</sup> uobiscum ut ubicumque *JMNOQ*, uobiscum et ubicumque *IV*, uobiscum, ubicumque *Q*

<sup>1601</sup> faciet *IJMNOQV*, faceret *Q*

<sup>1602</sup> ipsis *N* (*O* add. *sup.lin.*, *er.* ipsius) *P*, ipsius *IJMV*, *om.* *Q*

<sup>1603</sup> eum *IJMNOQV*, Deum *P*

<sup>1604</sup> transfert *IJMNOQ*, transfertur *V*

<sup>1605</sup> iam add. *Q*

<sup>1606</sup> quod *IJNOPQV*, quia *M*

<sup>1607</sup> illis *IJMNPV*, aliis *OQ*

<sup>1608</sup> plurificantur *IJMNOQ*, purificantur *V*

<sup>1609</sup> corporis add. *Q*

<sup>1610</sup> conuertit *JMNOQ*, conuertitur *IV*

<sup>1611</sup> stat *IJMNOQV*, est *Q*

<sup>1612</sup> in sanguinem *IJMNOQ*, in sanguine *V*

<sup>1613</sup> etiam add. *Q*

<sup>1614</sup> neque ibi est amplius sacramentum, ut diximus. add *M* (*in marg. a. m*) *OPV*

<sup>1615</sup> Quomodo autem *IJMNOQV*, Quandoque *Q*

<sup>1616</sup> illis *om.* *Q*

<sup>1617</sup> dictum est *IJMNOQV*, ut diximus *Q*

<sup>1618</sup> aut *JMNOQ*, neque *IV*

speciei. Omnia ergo que miranda uidentur et sunt, diuine uirtuti<sup>1619</sup> sunt possibilia et facillima. Nihil sibi difficile neque per consequens difficilium. Multa sunt mirabilia in hoc sacramento que nos angeli etiam admiramur. Deumque potentissimum magnificemus<sup>1620</sup>.

Et dum<sup>1621</sup> Gabriel hec<sup>1622</sup> mihi diceret, audiui subito uocem angelorum multorum hoc canticum coram Deo, Michaelae principe ita incipiente, canentium.<sup>1623</sup>

Quis ut<sup>1624</sup> Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis  
Magnus nobis apparuisti quando omnia ex<sup>1625</sup> nihilo creasti  
Immensa uirtus illa fuit que Dei Verbum carnem fecit  
Magna est, Deus, tua potentia, infinita est tua sapientia  
Laudamus te et exaltamus, confitemur et magnificamus  
Beati nos qui te dileximus<sup>1626</sup> et Luciferi monita contempsimus  
Te adoramus in seculum, te<sup>1627</sup> glorificamus in eternum  
Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis  
Qui propter hominem humanitatem assumpsisti et eam<sup>1628</sup> propter ipsum<sup>1629</sup>  
deposuisti  
Qui tuos semper dilexisti et in finem<sup>1630</sup> eis nimium amorem ostendisti  
Cenam lautissimam<sup>1631</sup> preparasti et miranda nobis ostendisti<sup>1632</sup>  
Cui cum apostolis et nos interfuimus et uirtutem tuam conspeximus  
[144] Stupenda et incognita uidimus et te, Deum nostrum, magnificauimus<sup>1633</sup>  
Teque iugiter laudamus et in eternum glorificamus<sup>1634</sup>  
Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis<sup>1635</sup>  
<sup>1636</sup>Cum suis discipulis sedebat, uenerandis<sup>1637</sup> manibus panem tenebat  
Oculos ad celum<sup>1638</sup> leuabat, Patri omnipotenti gratias agebat  
Panem deinde aspexit et clara uoce dixit  
Vertatur panis terrestris in<sup>1639</sup> celestem, cibus corporis in cibum spiritus  
Panis sudoris et maledictionis uertatur in panem quietis et benedictionis

<sup>1619</sup> diuine uirtuti *IJMNO PV*, diuine uirtutis *Q*

<sup>1620</sup> magnificemus *JV*, magnificamus *IMNO PQ*

<sup>1621</sup> dum *om. V*

<sup>1622</sup> hec *JMN PQ*, hoc *IOV*

<sup>1623</sup> canentium *JMNOPQV*, clamantium *I*

Psalmus admirandus in quo exprimuntur omnia mysteria sacramenti bone gratie *add. M (in marg. a.m)*  
*OQ*,

Canticum Angelorum *add. I*, Canticum angelorum *add. V*

<sup>1624</sup> ut *om. N*

<sup>1625</sup> omnia ex *IJMNO PV*, cuncta de *Q*

<sup>1626</sup> dileximus *IJMNPV*, diligimus *OQ*

<sup>1627</sup> te *IJMNO P*, et *QV*

<sup>1628</sup> eam *JMNOPQ*, etiam *I*, ecce *V*

<sup>1629</sup> ipsum *IMNO PV*, eum *JQ*

<sup>1630</sup> in finem *IJMNO PV*, in fine *Q*

<sup>1631</sup> Cenam lautissimam *IJMOPV*, Qui cenam *Q*

<sup>1632</sup> Cenam lautissimam preparasti et miranda nobis ostendisti *om. N*  
ostendisti *IJMPV*, demonstrasti *OQ*

<sup>1633</sup> et te Deum nostrum magnificauimus *IJMOQ*, et uirtutem tuam conspeximus *P*, et te Deum nostrum  
magnificamus *NV*

<sup>1634</sup> glorificamus *IJNO PQV*, glorificauimus *M*

<sup>1635</sup> Quis tibi, Deus, potest esse similis *IJMOPQV*, et reliqua *N*

<sup>1636</sup> Quando *add. IQ*

<sup>1637</sup> uenerandis *IJMNO PV*, uenerandus *Q*

<sup>1638</sup> celum *JMPQV*, celos *INO*

<sup>1639</sup> panem *add. N*

Ipse mandauit et creata sunt, tunc<sup>1640</sup> dixit et facta sunt  
 Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis<sup>1641</sup>  
 Dictis illis uerbis, hec uidimus mentibus nostris  
 Panem inde<sup>1642</sup> abscedere, corpus Domini illuc sine mora<sup>1643</sup> accedere  
 Panem esse desinere, accidentia omnia integra remanere  
 Soluta est ingens colligatio<sup>1644</sup>, dissuta<sup>1645</sup> est mira connexio  
 Totum Christum uidimus simul cum illis accidentibus  
 Rex inclitus uestitus sedebat seque ipsum sine uestibus tenebat  
 Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis<sup>1646</sup>  
 Presens accidentibus totus erat neque eum locus claudebat  
 Magnus cum paruo manebat nec loco coextensus erat  
 Astabamus et mirabamur, obstupebamus et uenerabamur<sup>1647</sup>  
 Accidentia illa frangebat, sub qualibet particula totus erat  
 Se totum unicuique dabat et manu propria porrigebat  
 "Accipe et comede" singulis dicebat, "hoc est corpus meum" asserebat  
 Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis<sup>1648</sup>  
 Calicem uini limphati<sup>1649</sup> accepit et uenerandis manibus strinxit  
 Oculos sursum erexit, iterum Patri omnipotenti gratias egit  
 Calicem statim inspexit<sup>1650</sup> et uoce aperta dixit  
 "Vertatur uinum<sup>1651</sup> uitis<sup>1652</sup> terrestris in sanguinem uitis<sup>1653</sup> celestis  
 Potus cordis<sup>1654</sup> letificatiuus, in potum anime uiuificatiuum"  
 Dixit et factum est, mandauit et conuersum est  
 Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis<sup>1655</sup>  
 Prolatis uerbis illis, mox affuit totus Dei sanguis  
 Corpus in quo erat<sup>1656</sup> detulit neque anima suam sedem<sup>1657</sup> deseruit  
 Sed prius uinum recessit statimque<sup>1658</sup> sanguis accessit  
 Vinum esse desiit, accidens eius integrum remansit  
 Christus totus ibi erat neque uini accidens discedebat  
 Accidentia uini ibi erant nullique substantie inherebant  
 Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis<sup>1659</sup>  
 Accidentium plus unus<sup>1660</sup> quam alius sumebat, sed totum Christum in se  
 trahiciebat<sup>1661</sup>

<sup>1640</sup> tunc *IJNOPQV*, nunc *M*

<sup>1641</sup> Quis tibi, Deus, potest esse similis *IJMOPQV*, et reliqua *N*

<sup>1642</sup> inde *JMNOPQ*, deinde *V*

<sup>1643</sup> mora *IV*, motu *JMNOPQ*

<sup>1644</sup> colligatio *MNOQV*, collatio *IJP*

<sup>1645</sup> dissuta *IJNP*, disiuncta *M*, dissoluta *OQ*, diffusa *V*

<sup>1646</sup> Quis tibi, Deus, potest esse similis *IJMOPQV*, et reliqua *N*

<sup>1647</sup> Astabamus et mirabamur, obstupebamus et uenerabamur *om. Q*

<sup>1648</sup> Quis tibi, Deus, potest esse similis *IJMOPQV*, et reliqua *N*

<sup>1649</sup> limphati *JNOPQ*, limphato *IMV*

<sup>1650</sup> inspexit *IJMOPQV*, aspexit *N*

<sup>1651</sup> uinum *om. Q*

<sup>1652</sup> uitis *IJ(M sup.lin.a.m.)NOQV*, uite *P*

<sup>1653</sup> uitis *IJMNOQV*, uite *P*

<sup>1654</sup> codis *IJMOPQV*, carnis *N*

<sup>1655</sup> *idem*

<sup>1656</sup> secum *add.M (sup. lin.a.m.) OQ*

<sup>1657</sup> anima suam sedem *IJ(M add. sedem in marg.a.m.)NOPV*, anima sua sedem *Q*

<sup>1658</sup> statimque *IJMOPQV*, deinde *N*

<sup>1659</sup> *idem*

<sup>1660</sup> unus *IJMNOQV*, unius *V*

Vnicuique de calice dabat, singulis ita dicebat  
 "Accipe et bibe, hic est calix sanguinis mei<sup>1662</sup>, uide  
 Nunc in calice manet et corpore, cito pro uobis effundetur<sup>1663</sup>  
 Remissionem peccatorum accipietis et in omni uirtute crescetis  
 Corroborauit uos<sup>1664</sup> non cadetis, cadendo uelocius surgetis"  
 [145] Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis<sup>1665</sup>  
 Ex adipe frumenti homines cibasti, pane angelorum eos satiasti  
 Sacerdotes discipulos instituisti, quando eis<sup>1666</sup> ita dixisti  
 "Hoc quod ego nunc feci, uos in memoriam mei facietis<sup>1667</sup>"  
 Audiuimus Petrum dicere ista homines non posse facere  
 Cui Tu respondisti et nullam creaturam id facere posse dixisti  
 Solus Deus hec miranda facere ualuit<sup>1668</sup>, nulla creatura umquam<sup>1669</sup> potuit  
 Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus<sup>1670</sup>, potest esse similis<sup>1671</sup>  
 Petrum coram omnibus instruxisti<sup>1672</sup>, sed prius interrogationem eius expectasti  
 "Si nos ista facere non possumus, quare, magister sapientissime, iubes ut faciamus"  
 "Illa uos<sup>1673</sup> facietis", respondisti, "que potestis. Ego perficiam que uos<sup>1674</sup> non  
 potestis<sup>1675</sup>  
 Panem in manibus accipietis et ita, accepto pane, dicetis  
 "Dominus, pridie quam pateretur, panem accepit et oculos ad celum leuauit  
 Gratias Patri egit" dicetis, "quecumque dixi et feci facietis"  
 Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis<sup>1676</sup>  
 Totum Christum Dei Filium in pectoribus singulorum cernebamus  
 Accidentia illa alterari<sup>1677</sup> uidebamus, ex eis sanguinem generari inspiciebamus<sup>1678</sup>  
 Sanguinem seorsum uidimus et corpus mortuum sub accidentibus inspeximus  
 Sanguinem iterum copulari et glorioso corpori uidimus uniri  
 Corpus anima iterum ornatum<sup>1679</sup> et omni gloria et honore uidimus decoratum<sup>1680</sup>  
 Hec sunt admiranda et omni ueneratione prosequenda  
 Quis ut Deus noster? Quis tibi, Deus, potest esse similis<sup>1681</sup>  
 Stupenda et incognita uidemus<sup>1682</sup> et te Deum nostrum magnificamus<sup>1683</sup>

<sup>1661</sup> Christum in se trahiciebat *IJMNO PQ*, ipsum in se trahiciebat *I*, se tribuebat ipsum *V*

<sup>1662</sup> inspicere et *add. M (sup. lin. a. m.) OQ*

<sup>1663</sup> et diuidetur a corpore *add. M (in marg. a. m.) O*

<sup>1664</sup> Corroborauit uos *IJMPV*, Corroborabit uos *NO*, Corroborabis *Q*

<sup>1665</sup> *idem*

<sup>1666</sup> eis *om. V*

<sup>1667</sup> facietis *IJMNO PQ*, fecistis *V*

<sup>1668</sup> ualuit *INOP*, uoluit *JMV*, potuit *Q*

<sup>1669</sup> umquam *IJMNO PQ*, numquam *V*

<sup>1670</sup> Deus *om. Q*

<sup>1671</sup> *idem*

<sup>1672</sup> instruxisti *IJMNO Q*, instruisti *P*, instruxit *V*

<sup>1673</sup> uos *IJN*, uero *MOPQV*

<sup>1674</sup> uos *om. V*

<sup>1675</sup> non potestis *IJMNPQV*, non uoletis *O*

"Illa uos facietis", respondisti, "que potestis. Ego perficiam que uos non potestis *om. Q*

<sup>1676</sup> *idem*

<sup>1677</sup> alterari *JMNO PQ*, alterare *IV*

<sup>1678</sup> inspiciebamus *IJMNO PV*, uidebamus *Q*

<sup>1679</sup> ornatum *IJMNO PV*, ornari *Q*

<sup>1680</sup> decoratum *IJMNO PV*, decorari *Q*

<sup>1681</sup> *idem*

<sup>1682</sup> uidemus *IJMNO P* uidimus *QV*

<sup>1683</sup> magnificamus *IJMNPV*, magnificauimus *OQ*

Laudamus te et exaltamus, confitemur et glorificamus  
 Beati nos qui te dileximus<sup>1684</sup> et Luciferi monita contempsimus  
 Beati nos qui<sup>1685</sup> obediuimus, quia in exultatione semper erimus  
 Te Deum omnipotentem adoramus<sup>1686</sup> in secula<sup>1687</sup>, te glorificamus in eternum  
 Tibi nos iure<sup>1688</sup> seruos<sup>1689</sup> submittimus, ciuem nobiscum<sup>1690</sup> hominem tibi<sup>1691</sup>  
 commendamus

Hoc auribus meis suauissimo cantu<sup>1692</sup> expleto, Gabriel ad me iterum accessit, nam et ipse cum Michaelē et aliis canebat. Dixitque<sup>1693</sup> mihi:

Tu audisti canticum hoc<sup>1694</sup> admirandum in quo huius sacramenti omnia quasi<sup>1695</sup> precipua et mirabilia misteria ponuntur. Et quamuis Deo ex laudibus nostris nihil accedat, quia ipse sibi est<sup>1696</sup> bonum sufficientissimum<sup>1697</sup>, accedit tamen nobis qui<sup>1698</sup> ipso in<sup>1699</sup> omnibus<sup>1700</sup> indigemus. Laudemus<sup>1701</sup> Deum<sup>1702</sup> iugiter mirabilia opera eius recitando, explicando et more nostro<sup>1703</sup> cantando. Illa enim conferunt ad letitiam nostram<sup>1704</sup>. Sed letitia illa que de uisione ac eius fruitione procedit nulli<sup>1705</sup> comparanda est letitie. Quando Deum glorificamus<sup>1706</sup> placet sibi, non ut<sup>1707</sup> ipse intumescat aut infletur et exaltetur<sup>1708</sup>, sed ut nos intumescamus uirtutibus, inflemur donis eius<sup>1709</sup>, exaltemur muneribus<sup>1710</sup>. Non dico<sup>1711</sup> istud, carissime, ac si uirtutes, dona ac beatitudines essent alii et alii habitus<sup>1712</sup> in uobis<sup>1713</sup>, ut aliqui hominum etiam illorum<sup>1714</sup> qui nunc sunt nobiscum beati putauerunt, sed quia idem habitus in gradu tali<sup>1715</sup> est solum<sup>1716</sup> uirtus, in ampliori donum<sup>1717</sup> et<sup>1718</sup> in ampliori beatitudo<sup>1719</sup> aut

<sup>1684</sup> dileximus *IJMNO PV*, diligimus *Q*

<sup>1685</sup> tibi *add. OQ*, te *add. V*

<sup>1686</sup> adoramus *IJMNO PV*, adorauius *Q*

<sup>1687</sup> secula *IJMNO QV*, seculum *O*

<sup>1688</sup> iure *IJMNO PQ*, in re *V*

<sup>1689</sup> seruos *IJNO PQV*, seruo *M*

<sup>1690</sup> nobiscum *om. V*

<sup>1691</sup> tibi *om V*

<sup>1692</sup> cantu *IJNO PQV*, canto *M*

<sup>1693</sup> dixitque *IJMNO PQ*, Dicitque *V*

<sup>1694</sup> hoc *om. IV*

<sup>1695</sup> continentur quia *add. Q*, quia *add. NO*, que *add. IV*

<sup>1696</sup> est *om. I*

<sup>1697</sup> sufficientissimum *JMNO Q*, sufficiens *P*, sapientissimum *IV*

<sup>1698</sup> qui *IJMNO PV*, quia *Q*

<sup>1699</sup> in *om. V*

<sup>1700</sup> omnibus *IJMNO PV*, nobis *Q*

<sup>1701</sup> Laudemus *IJMNO PQV*, Laudamus *O*

<sup>1702</sup> Deum *JMNO PQV*, deinde *I*

<sup>1703</sup> nostro *IJMNO QV*, uestro *P*

<sup>1704</sup> nostram *IJMNO PQ*, uestram *V*

<sup>1705</sup> nulli *IJMNO PQ*, mille *V*

<sup>1706</sup> glorificamus *JMNO PQV*, laudamus *I*

<sup>1707</sup> ut *add. M (sup. lin. a. m.)*, *om. IV*

<sup>1708</sup> et exaltetur *om. Q*

<sup>1709</sup> eius *om. Q*

<sup>1710</sup> inflemur donis eius et exaltemur muneribus *add. M (in marg. a. m.)*

<sup>1711</sup> tibi *add. MQ*

<sup>1712</sup> beatitudines essent alii et alii habitus *IJMNO PQ*, beatitudines essent. Alii et alii habitus *V*

<sup>1713</sup> uobis *IJM V*, nobis *NOP Q*

<sup>1714</sup> etiam illorum *IJMOP V*, *om. N*, etiam eorum *Q*

<sup>1715</sup> tali *NOP Q*, talis *IJM V*

<sup>1716</sup> solum *IJNO PQV*, solus *M*

<sup>1717</sup> donum *IJMNO PV*, dona *Q*

fructus Spiritus<sup>1720</sup>. Semper tamen ille habitus, in<sup>1721</sup> quocumque gradu<sup>1722</sup> capiatur, uirtus est. Omnes<sup>1723</sup> ergo illi habitus sunt habitus [146] uirtutum<sup>1724</sup>. Sic ergo nos de uniuersis mirabilibus que fecit Deus ipsum<sup>1725</sup> magnificamus et glorificamus. Et tibi hec sunt reuelata ut ea conscribas ad hoc ut omnes homines magnificent Deum nostrum eisdem psalmis et hymnis et canticis quibus nos angeli ipsum magnificamus et in sempiternum magnificabimus<sup>1726</sup>. Sed ualde delectabiliores in lingua nostra sunt<sup>1727</sup> quam uestra. Et in uestra etiam fient delectabiliores<sup>1728</sup> tempore illo felici quando apparebit<sup>1729</sup> Pastor bonus qui hec omnia cantica destinguet in psalmos et in hymnos et quando cantari debeant ordinabit. Venient enim nuptie Agni in quibus<sup>1730</sup> exultabitis letitia inenarrabili.

Ecce audisti<sup>1731</sup> miranda que fecit<sup>1732</sup> Deus in hoc altissimo sacramento quod omnibus aliis sine comparatione excelentius est. Primum et maximum misterium est incarnationis. Secundum est hoc et uere. Hic etiam tot miranda occurrunt<sup>1733</sup> quod uidetur equale mirandis incarnationis<sup>1734</sup>. Bene actum est ut solemniter feria quinta post octauam Penthecostes celebretur, quia propter Domini Passionem in suo<sup>1735</sup> die celebrari solemniter<sup>1736</sup> non poterat. Tertium misterium fuit Ressionis Domini. Tunc enim anima corpori reunita<sup>1737</sup> et sanguis corpori coniunctus et deitas humanitati copulata exitit. Tunc iterum Deus factus est homo, sepulcrum penetrauit, suum corpus dotibus beatitudinis decorauit. Quartum locum inter<sup>1738</sup> misteria fidei christiane tenet Ascensio Domini. Tunc enim conscendit<sup>1739</sup> super omnes celos et humanitatem suam in regionem longinquam conduxit. Que tamen regio, ut alias tibi declarauit, est corpori uestro conuenientissima. Sic enim eam disposuit Deus sublimis et benedictus in secula. Quintum locum tenet misterium Natiuitatis Domini, de qua superius diximus. Sed uos illud maiori ueneratione<sup>1740</sup> celebratis, quia tunc ad mentem<sup>1741</sup> Filii Dei incarnationem reducit. Vobis enim de manifestis iudicium est, non de occultis. Incarnatio uobis fuit

<sup>1718</sup> adhuc *add. Q*

<sup>1719</sup> beatitudo *IJMNOPIV*, beatitudines *Q*

<sup>1720</sup> Spiritus *om. Q*

<sup>1721</sup> in *IJMOPQV*, a *N*

<sup>1722</sup> gradu *om. N*

<sup>1723</sup> omnes *JMNOP*, omnis *IV*

<sup>1724</sup> Semper tamen ille habitus, in quocumque gradu capiatur, uirtus est. Omnes ergo illi habitus sunt habitus uirtutum *om. Q*

sed in tali gradu dicuntur solum uirtutes, in ampliori, dona et adhuc in ampliori beatitudines et fructus *add. M (in marg. a. m.) NO*

<sup>1725</sup> ipsum *add. M (sup. lin. a.m.), om. IV*

<sup>1726</sup> et in sempiternum magnificabimus *add. O (in marg.)*

<sup>1727</sup> maius *add. Q*

<sup>1728</sup> delectabiliores *IJMNOQV*, delectabiles *P*

<sup>1729</sup> ille *add. Q*

<sup>1730</sup> quibus *IJMNOPIV*, quo *Q*

<sup>1731</sup> audisti *IJNOPQ*, uidisti *V*

<sup>1732</sup> fecit *IJMNOQV*, facit *P*

<sup>1733</sup> occurrunt *IJMNOPIQ*, accurrunt *V*

<sup>1734</sup> Secundum est hoc et uere. Hic etiam tot miranda occurrunt quod uidetur equale mirandis incarnationis. *om. I*

<sup>1735</sup> suo *IJMNOPIV*, sua *Q*

<sup>1736</sup> solemniter *Q*

<sup>1737</sup> reunita *IJMNOV*, coniuncta *P*, unita *Q*

<sup>1738</sup> inter *IJMNOPIQ*, in *V*

<sup>1739</sup> conscendit *JNOPQ*, consendit *M*, ascendit *IV*

<sup>1740</sup> ueneratione *IJMNOPI*, celebratione et ueneratione *Q*, benedictione *V*

<sup>1741</sup> mentem *IJMNOPIQ*, mortem *V*

etiam *add. I*

occulta, Natiuitas manifesta. Ideo in secunda Natiuitate manifesta recolitis et priorem Natiuitatem<sup>1742</sup> immanifestam. Sed nobis angelis ita manifesta fuit Incarnatio sicut et Natiuitas. Recolite hec misteria, facite in Christi Domini<sup>1743</sup> comemorationem hec omnia. Non poterat quicquam uobis<sup>1744</sup> donare<sup>1745</sup> maius seipso. Ipse donator, ipse et donum est. Gratias agite Deo Trino et Vni qui tantum genus uestrum amaui<sup>1746</sup>, tam diligenter salutem uestram procurauit, tam mirabiliter uos dignificauit et exaltauit.

Nunc tu reuertere ad locum unde raptus es et cibum corporis sume, quia nondum uenit tempus<sup>1747</sup> resolutionis tue. Sed omnibus que Deus disposuit tibi reuelare conscriptis et in uno uolumine redactis puluis tuus<sup>1748</sup> reuertetur in terram suam et spiritus reuertetur ad Deum<sup>1749</sup> qui fecit illum. Deum adora et Ge [147] nitricem eius. Toti societati huic reuerentiam exhibebis<sup>1750</sup>, quia omnes te amant tibi que bonum optant. Vale, uir Dei."

Dum ego adorarem, angelum non uidi. Et subito uidi me esse<sup>1751</sup> in cellula<sup>1752</sup> mea et cauerna. Aperui ostium. Fratres comparuerunt quia dies Dominice Ressionis<sup>1753</sup> erat meque in<sup>1754</sup> refectorium ad lautiolem solito cibum inuitauerunt et adhuc quasi attonitum et in extasi positum<sup>1755</sup> conduxerunt.

Finis huius raptus. Laus Deo. Amen<sup>1756</sup>

---

<sup>1742</sup> natiuitatem *om. Q*

<sup>1743</sup> Domini *om. Q*

<sup>1744</sup> uobis *om. V*

<sup>1745</sup> donare *IJMNO PV*, donari *Q*

<sup>1746</sup> amaui *IJMNO PQ*, ornauit *V*

<sup>1747</sup> tempus *IJMNO PV*, hora *Q*

<sup>1748</sup> tuus *IJMNO PQ*, tuis *V*

<sup>1749</sup> reuertetur ad Deum *IJMNO PV*, ad eum ibit *Q*

<sup>1750</sup> exhibebis *JMNO PQ*, exhibeatis *I*, exhibeas *V*

<sup>1751</sup> esse *om. V*

<sup>1752</sup> cellula *IJMNO PQ*, cella *V*

<sup>1753</sup> dies Dominice Ressionis *IJMNO PV*, dies Dominica *Q*

<sup>1754</sup> in refectorium ad lautiolem solito *IJMNO PV*, ad refectorium et lauatorium subito *Q*

<sup>1755</sup> positum *om. V*

<sup>1756</sup> Finis huius raptus. *JNQV*

## SEXTO ARREBATAMENTO

Logo depois, decorridos poucos dias, fui de novo arrebatado e ouvi os cânticos dos anjos e dos santos da nossa condição.

Aproximou-se então o anjo e disse-me: Foi-te suficientemente mostrado como Deus conhece o futuro e, contudo, o vosso livre arbítrio não é, de modo algum, anulado. Descrevemos inteiramente também de que modo o Verbo se uniu à vossa carne. Há agora que esclarecer duas outras questões bem difíceis, ou seja, a da presença do corpo de Cristo no vosso altar e a do mistério da Suprema Trindade, para que o futuro Pastor saiba, no meio de tantas opiniões vossas, o que é conveniente saber e o que é conveniente ensinar. Pois, nosso Senhor Jesus Cristo, Deus único com o Pai e o Espírito Santo, quis ornar com todos os dons e embelezar com todas as graças e privilégios o corpo assumido bem como a alma. Instituiu este admirável sacramento repleto de inúmeras maravilhas, do qual decorrem incontáveis bens. Em primeiro lugar, a manifestação do poder divino, da sua imensidade e infinita grandeza, de modo que acreditassem que aquilo que a todos os homens parecia impossível se tinha verificado já e se estava a verificar; em segundo lugar, a imensa glória que, a partir daí, foi concedida ao corpo de Cristo, a ponto de estar em tantos lugares ao mesmo tempo, e estar contido num lugar tão pequeno, e estar simultaneamente com outro corpo, e muitas outras coisas a que, se antes não atendeste, atenderás agora, quando tas desvendares; em terceiro lugar, nascem daqui para o género humano a maior graça e o maior proveito. Por intermédio deste alimento e desta bebida alcançareis a vida eterna e obtereis graça mais abundante.

Mas o Senhor falou muitas vezes disto, primeiro aos seus discípulos e

outros fiéis, muitos dos quais se afastaram dele por causa dessas afirmações, porque não podiam compreender de que modo mataria a fome e a sede aos homens com a sua carne e o seu sangue. Do mesmo modo, pois, que acreditais que o corpo de Cristo aí se encontra em presença real e não só em determinada figura, mas em verdade, assim o acrediteis firmemente e nem a pequenez do lugar se constitua para vós em impedimento. Pois, pronunciadas sobre o pão de trigo cozido, amassado com água vulgar e natural, as palavras: *Isto é o meu corpo*,<sup>[157]</sup> logo o corpo de Cristo se torna aí presente. Mas não bastam apenas essas palavras. Outras se devem antepor, de modo que se possa compreender que o sacerdote não fala na própria pessoa, mas na pessoa de Cristo, como por exemplo: Cristo Senhor tomou o pão e abençoou-o, e disse: *Isto é o meu corpo*; ou de outro modo, conforme pretenderes. E o mesmo sobre o vinho das uvas da videira enquanto líquido, seja de que cor for. Pronunciadas estas palavras: *Este é o meu sangue*<sup>[158]</sup> ou *o cálice do meu sangue*, **[fl. 113]** imediatamente se torna aí presente o sangue de Cristo. Mas só estas palavras não bastam, a menos que se anteponham algumas, pelas quais se entenda que o sacerdote fala na pessoa de Cristo. E pronuncie o latino essas palavras sobre o pão ázimo, e o grego sobre o fermentado, para que se realize sem dano próprio. Por isso é que o Senhor permitiu que os gregos celebrem com pão fermentado, para que se saiba que se pode realizar com ambos. Mas, entretanto, se o celebrante quiser realizar este sacramento sem dano seu, convirá que se observe tudo aquilo que se contém no vosso Missal e nos Rituais, quanto a lugar, tempo, paramentos, água, luz, acólito, altar, cálice. E relativamente a si, no que respeita e se relaciona com o jejum e a disposição da alma. Não ponha o sacerdote palavra nenhuma entre uma consagração e outra, nem acrescentada às que aí estão escritas pelos antepassados. Mas esse Pastor acrescentará e juntará, por devoção, os nomes de alguns santos. E o que hoje não é permitido, sê-lo-á então por decreto seu. Sejam também aquelas palavras proferidas de modo que possam ser ouvidas por quem esteja próximo, porque o sacramento é um sinal sensível.

Mas ninguém, por mais santo que seja, pode celebrá-lo ordinariamente se não for sacerdote ordenado segundo os ritos. Mas pode qualquer sacerdote, por mau, herético, cismático que seja, contanto que queira e se disponha a fazê-lo com a intenção com que foi mandado por Cristo ou de que usam os cristãos. Pois, se o sacerdote não pretendesse consagrar ou o pretendesse com outra intenção, nada faria. Requer-se, com efeito, a intenção de quem celebra qualquer sacramento, ou seja, que assim queira nesse momento ou tenha querido anteriormente sem interromper o seu propósito com um propósito contrário. Mas se aquele que baptiza não tivesse a intenção de baptizar e nem baptizasse com a intenção com que baptizam os cristãos, Deus supriria, porque essa ignorância é invencível para a pessoa baptizada e, conseqüentemente, escusa do pecado. Sabe, pois, e acredita firmemente que o homem nunca é condenado por não haver feito aquilo que não pôde fazer, ou não conseguiu saber.

E, assim, pronunciadas estas palavras, no momento ou, como dizem os vossos, no último instante que encerra todo o tempo em que as palavras eram proferidas, se torna presente aí o corpo de Cristo. Portanto, enquanto profere as palavras, ainda lá não está; proferidas as palavras, imediatamente se torna presente. A substância do pão, que nem vedes, nem saboreais, nem cheirais, nem tocais, nem ouvis, nem apreendeis por sentido algum, pronunciadas essas palavras, desaparece, deixa de aí estar. Permanecem sem sujeito algum o comprimento, a largura e a espessura que antes estavam na substância do pão. Não estão no pão nem noutra substância, mas permanecem *per se*, por acção divina. E nessa quantidade permanecem o cheiro, o gosto e a cor do pão e todos os outros acidentes que acompanhavam no pão a quantidade do pão. Só a quantidade está sem sujeito, todos os outros acidentes estão na quantidade. Escreve como te digo porque, mesmo que tu não entendas bem, ele entenderá. Escreve também aquela dúvida, se a quantidade da cor é uma coisa distinta da cor ou é a própria cor estendida às suas partes, porque entre vós defendem alguns que a quantidade é uma coisa distinta da substância e da qualidade,

enquanto outros defendem que a quantidade é a mesma coisa que aquela outra coisa de que se fala. Não pretendo tornar-te conhecida agora essa questão, nem determinar qual é a parte verdadeira. [fl. 114] Mas, no futuro, há-de ser concedida a esse Pastor graça e capacidade, de modo que há-de entender isto e muitas outras coisas em razão das quais discutis todos os dias. Pois, uma vez que todos os acidentes do pão aí se mantêm, julgais vós, seguindo o juízo dos sentidos, que também o pão aí está depois da consagração, como antes. Mas aí já não está o pão, mas com esses acidentes e no mesmo lugar com eles está simultaneamente o corpo de Cristo. Como pode, porém, isso acontecer, será esclarecido depois.

E, assim, o corpo do Senhor, elegante e belo, está todo onde depois da consagração vêis os acidentes do pão. E não julgues que esses acidentes estão no corpo de Cristo, mas subsistem *per se*, sem sujeito, coisa de que muito se admiram os vossos filósofos. E nota, caríssimo, que se o corpo do Senhor estivesse sem alma e sem sangue, então, proferidas as palavras da consagração, tornar-se-ia aí presente só a carne de Cristo sem a alma e sem o sangue. E se a divindade não estivesse unida à carne, só aí estaria a carne, de modo que, embora a divindade esteja em toda a parte, não estaria aí, contudo, em razão da consagração ou por força da união. Mas quando, como agora, a divindade se acha unida, então, mesmo se não estivesse em toda a parte, tornar-se-ia aí presente em razão dessa união. Porque, pois, a divindade está em toda a parte e em parte alguma começa ela propriamente a estar, nada mais diremos aqui sobre ela. Por força deste sacramento e da instituição do Senhor, primeiro está o corpo; se a este estiver unida a alma e estiver unido o sangue, ambos acompanharão o corpo, como agora estão ao mesmo tempo nesse sacramento. Da mesma forma, estão todos eles agora no cálice sob as espécies do vinho, mas por outra ordem. Pois, proferidas essas palavras, primeiramente se faz aí presente o sangue, o qual, se não estiver no corpo, como no momento da morte, estará aí sozinho, sem corpo e sem alma. Se, porém, estiver no corpo morto, também aí estará o corpo morto com esse sangue. Mas se estiver no corpo vivo mortal, como

na Ceia, ou imortal, como é agora, com o sangue advirá aí esse corpo com a alma. Portanto, na consagração do pão, está aí em primeiro lugar o corpo de Cristo. São concomitantes, o sangue, a alma e os acidentes de ambos. E não são só os acidentes da alma ou do sangue, mas também os do próprio corpo que aí estão por concomitância. Donde, se o corpo de Cristo não tivesse nenhum acidente, aí estaria sem qualquer acidente, ou seja, sem quantidade e sem qualidade. E embora todos os acidentes que advêm estejam aí por concomitância, entende-se que chegam primeiro os que são acidentes do próprio corpo do que os acidentes da alma e do sangue. Por outro lado, na consagração do vinho está lá, primeiro, o sangue, a seguir, o corpo e a alma e os acidentes dos três. E entre os acidentes dos três, acompanham-no primeiro os acidentes do sangue que os do corpo e da alma. Portanto, toma-se agora todo o Cristo sob cada uma das espécies dos acidentes do pão e do vinho.

Voltemos, caríssimo, ao nosso assunto, porque estou a ver-te muito admirado. Há ainda outras coisas dignas de admiração neste sacramento. Pois, o pão, despido de todos os acidentes, retirou-se nu desse lugar. Permanecem toda a sua roupagem e os seus ornamentos, só ele se afasta. Anota com cuidado, porque irá agradar muito àquele por causa de quem tudo isto se escreve. Retira-se, na verdade, no momento da **[fl. 115]** prolação integral das palavras e, depois de se afastar, no termo do seu afastamento, isto é, quando o pão já aí não está, simultaneamente então, com o não ser do pão, está aí o ser do corpo de Cristo. E é isto que, inspirados por Deus, sem saber o que afirmais, dizeis: o pão é transubstanciado na carne de Cristo. Não que algum resto de pão se tenha mantido aí ou no corpo de Cristo, mas porque o pão se retirou, não por deslocação de lugar, mas, pelo poder divino, não mais aí se encontra. Aí está o corpo de Cristo. Sem deixar o lugar inicial, começa a estar neste ou naquele lugar. Vê o prodígio, está no Céu e no altar. Sem deixar o Céu, começa a estar num altar, mais, em mil altares. E sem deixar todos esses, começa a estar noutra. Obtém novos lugares e não abandona, por isso, os

anteriores. É, pois, esta espécie de transubstanciação do pão no corpo, como bem disseram alguns dos vossos, uma transferência de substâncias, de modo que, onde e com aquelas coisas com que estava antes a substância do pão, com as mesmas esteja depois o corpo de Cristo. Dizem também e correctamente os vossos que o pão, nesta conversão, não é aniquilado, ele que, todavia, deixa absolutamente de ser. Como não é, pois, aniquilado? Aqui respondem os vossos de diferentes maneiras e não sabem sair do embaraço. Sabe-o por mim e escreve: O pão não se considera aniquilado, porque os seus acidentes se mantêm, do mesmo modo que também o ar não é aniquilado quando se converte em água, porque algo de seu, como a matéria, se mantêm. Como quer que seja, é verdade que a substância do pão deixou de existir, mas nem tudo o que era pão deixou de existir. Dir-te-ei mais, a substância do pão não é destruída, mas como que cede e dá o lugar ao corpo do Senhor. Feito isso, esta substância do pão extingue-se, porque estava nua e despida, por isso, a sua natureza não podia subsistir assim. Deixa, pois, de ser e aniquila-se quase depois da transubstanciação. Na verdade, primeiro, o pão retira-se no momento próprio, como dissemos, cedendo aos vossos filósofos. Subitamente, no instante em que termina o afastamento do pão, torna-se aí presente o corpo do Senhor e, no momento seguinte àquele instante, a substância do pão deixa de existir. E, assim sendo, não é aniquilado em razão desta mudança. Se fosse aniquilado, não se diria aniquilado, mas transubstanciado ou substancialmente transferido e, conseqüentemente, não aniquilado por força da transferência.

Compreendeste, portanto, como é que o pão não é aniquilado e percebeste como se transubstancia, e que os acidentes se acham aí sem sujeito, e que dois corpos estão aí ao mesmo tempo, e o corpo maior, ou seja, o de Cristo, está aí em simultâneo com um muito mais pequeno, ou seja, com os acidentes do pão. Portanto, não deixa de estar no Céu e começa a estar aqui, razão pela qual se encontra simultaneamente em vários lugares. E, assim, na própria hora da consagração não se abrem os Céus para que Cristo venha, visto que se não afasta do Céu. Dizem isso os vossos doutores

de um modo metafórico e místico, para mostrarem o grande poder de Deus neste sacramento, e que Cristo, que está no Céu, está aí verdadeiramente. Portanto, não o acompanham sua Mãe nem outros santos, porque este é um privilégio exclusivo de Cristo, que é o alimento verdadeiro. Como vêm com ele também os santos se ele mesmo não vem? Na verdade não vem, mas torna-se e começa a estar aí presente. Pode, todavia, dizer-se que com ele no altar estão sua Mãe e todos os bem-aventurados, porque estão consigo sempre, mas não aí. Estão juntamente com Cristo, que está no altar, mas eles mesmo não estão na hóstia ou no altar. Tem sempre, contudo, a companhia dos anjos. Não que desçam do Céu consigo, uma vez que nem ele mesmo desce num movimento corporal, mas apenas começando a estar aí, mas porque os anjos se ocupam permanentemente convosco e vos guardam e dirigem as realidades terrenas e, logo que se apercebem da presença do Senhor aqui ou ali, o adoram e estão diante dele. E a sua alma, ao permanecer aí, vê-nos, e nós vemos-lo a ele a quem, vivendo no Céu e vivendo nós na Terra convosco, não vemos. **[fl. 116]** É realmente grande o intervalo, é longa a distância. E adverte, dilectíssimo, que aquela alma vos vê a todos que estais na Igreja e na sociedade, e nem as paredes, ou outro obstáculo corporal, impedem a visão dele. Daí que, vivendo ele no Céu, vos não veja a vós que viveis aqui senão na essência de Deus. Ora, vivendo junto de vós no sacramento, vê-vos e observa-vos também fora da essência de Deus. Mas os vossos olhos corporais não podem vê-lo aí presente porque, na hóstia, ele está de modo maravilhoso, não como vós, num lugar, enchendo-o e ocupando-o, mas está aí como também nós anjos, que não somos circundados ou ocultos por qualquer corpo, estamos num lugar não o enchendo nem o ocupando. Nem os seus olhos corporais, estando aí desse modo, vos poderiam ver, nem os seus ouvidos ouvir a vossa voz se Deus não somasse um milagre a outro milagre. Milagre é um corpo estar em toda a parte não localmente, mas só presencialmente, e com outro corpo muito menor do que ele. Posto, todavia, este milagre, segue-se de imediato que aquele corpo assim existente não pode nem ser activo nem passivo,

nem tocar nem ser tocado, nem ver nem ser visto, porque todas estas coisas acontecem por intermédio do ar ou da água. E é preciso que sejam tangíveis, local e circunscritivamente, naquele meio, de modo que por ele as imagens das coisas sejam levadas aos sentidos. E uma vez que com uns olhos que assim se apresentam não podem as imagens das coisas ser-lhe levadas, não podem, por isso, senti-las. Somou a esta milagrosa presença do corpo do Senhor outro milagre porque, pelo seu poder, fez Deus que aquelas formas e a representação das coisas cheguem aos olhos e aos ouvidos do Senhor. E, assim, sob a instilação do poder de Deus, vê-vos aí e ouve a vossa voz, e, assim, vos vê com ambos os olhos, os da mente e os do corpo. Vós, porém, não podeis vê-lo sem novo milagre, que Deus geralmente não faz. Daí que, quando alguns de vós viram aí carne ou sangue ou uma criança, essa carne não é a carne de Cristo, nem esse sangue o seu sangue, nem a criança é Cristo, mas o sacramento de Cristo. Pois, assim como não é Cristo o que vós vedes, cheirais, saboreais, tocais e apalpais, mas são os acidentes do pão e do vinho sob os quais e nos quais está Cristo, assim, nem a carne que então é milagrosamente apresentada por Deus ou o sangue ou essa criança são Cristo, mas está aí onde estão a carne ou o sangue ou a criança. Assim, pois, como vós adorais aquilo que não vedes, nem sentis, e não aquilo que vedes ou sentis, assim também, nesse caso, deve acontecer que se não adore essa criança ou a carne ou esse sangue, mas a Cristo Senhor oculto neles. Apareceu, portanto, a carne ou o sangue para afastar a dúvida de alguns. Efectivamente, do mesmo modo que no lugar da hóstia vêem então a carne, no lugar do vinho o sangue, assim deveriam crer, quando a hóstia lá está, isto é, os seus acidentes, que então aí está a carne de Cristo e o seu sangue, porque então Cristo está no sacramento como que oculto sob uma espécie de roupagem. Por isso, aquele que vê a veste sob a qual está o rei, se pode dizer que viu o rei, assim também vós, ao verdes os acidentes sob os quais se oculta Cristo e ao tocá-los, mastigá-los, degluti-los e comê-los, pode dizer-se que vistes, tocastes, comestes, mastigastes ou triturastes com os dentes e engolistes a Cristo. Pode, do mesmo modo, dizer-se que o

sacerdote transporta, movimenta e levanta o corpo do Senhor que, todavia, não é por ele transportado, movido ou elevado. De facto, o Senhor fez convosco um pacto que, onde quer que puserdes e colocardes esses acidentes, [fl. 117] aí estará ele presente por si próprio, ele mesmo se transportará de vontade própria. E, às vezes, Cristo Senhor move e transfere por si próprio a hóstia com aquele movimento com que a alma moverá o corpo depois da sua glorificação, como a um dos aí presentes, da tua Ordem (e mostrava o devotíssimo Boaventura), uma vez, a hóstia trazida do altar lhe entrou na boca, movendo-a Cristo desse modo. Se perguntas o que é que entretanto se parte, o que se rompe com ruído, digo-te que é a quantidade. É próprio da quantidade dividir-se. Ora, toda a divisão ou é segundo o comprimento ou a largura ou a espessura. E aí nos acidentes estão presentes estas três coisas. Poderá, portanto, dividir-se e partir-se de três maneiras, e mais, digo-te, o mesmo pão não poderia partir-se nem dividir-se se fosse subtraída a quantidade, e a divisão pode fazer-se apenas porque se mantém a quantidade. Em vão se espantam os homens. O que é que aí se parte? Não é o pão, porque não existe. Não é o corpo do Senhor, porque é incorruptível e intangível ao estar presente aí desse modo. Que se parte então? Já te disse, partem-se os acidentes, ou segundo o comprimento, ou a largura, ou a espessura, se a hóstia fosse mais espessa e mais alta, ou se fosse consagrado pão comum, espesso e alto.

O que, portanto, se deve entender pela designação de transubstanciação já o compreendeste, porque entendemos a transferência de duas substâncias. O pão retira-se ou deixa de aí estar, e o corpo de Cristo aproxima-se, ou antes, começa a estar aí. E, deste modo, não há dificuldade alguma em entender que uma coisa se converte noutra que era anterior e que preexistia. E mais, todo o ser criado se pode converter em qualquer coisa que seja porque, onde está uma coisa, pode essa deixar de aí estar e uma outra começar a estar. Daí que, portanto, onde está água, pode deixar de aí estar e começar a estar fogo. E assim relativamente a todas as outras coisas. Mas nada pode converter-se assim em Deus, porque Deus não pode começar a

estar em qualquer parte, ele que está em toda a parte, nem Deus pode converter-se em alguma coisa, porque não pode abandonar o lugar onde está, a menos que se afirme que Deus não está presente em toda a parte, assunto sobre que te instruirei noutra ocasião. Quando, pois, uma criatura ou um lugar deixassem de existir, então Deus não estaria neles nem com eles, porque eles não existem, não porque ele se afaste. De igual modo, quando se criasse um novo lugar, Deus começaria a estar com ele e nele, não que o próprio Deus adviesse, mas porque o lugar começaria a existir.

Essa mudança, como disse, não é senão uma transferência. Donde, não deveis dizer: O pão é ou será o corpo de Cristo. Nem podeis dizer: O pão poderá ser ou tornar-se o corpo de Cristo. Nem, por consequência: O pão é, nem: torna-se, nem: tornar-se-á o corpo de Cristo. Mas podeis dizer: Do pão, ou, a partir do pão, faz-se o corpo de Cristo, entendendo deste modo: Do pão, isto é, depois do pão, aqui surge imediatamente o corpo de Cristo, do mesmo modo que do nada se faz alguma coisa, porque depois do nada, pois, primeiro não existe, depois existe; e da noite surge o dia, porque depois da noite. Podeis também dizer mais justamente: O pão converte-se ou transubstancia-se ou muda-se no corpo de Cristo, isto é, o pão cede e dá o lugar ao corpo de Cristo. Podeis falar assim. Todavia nenhuma das outras afirmações é apropriada, embora a última se aproxime mais, ou seja, o pão cede ao corpo de Cristo. Como quer que seja, são boas aquelas que referi, tomando-as no recto sentido que te mostrei, **[fl. 118]** amigo, e que o Senhor inspirará de imediato àquele que estabeleceu e nomeou para presidir à sua Igreja. Podes imaginar já quanta coisa maravilhosa e digna de admiração concorre neste tão digno sacramento. E, contudo, desvendar-te-ei ainda outras.

Os acidentes deste modo separados da substância podem produzir os mesmos efeitos que produzem quando estão ligados à substância. Daí que a cor afecte a visão, o som deles, quando se partem, afecte a audição, o odor deles actue sobre o olfacto e provoque nele a sua imagem. Isto é realmente afectar os sentidos, porque é causar nos sentidos a representação de si, a

que vós chamais aparência. Também esse sabor afecta o gosto e, se houver nesses acidentes calor, frio ou humidade, affectam o tacto. Actuam, pois, como actuavam antes, do mesmo modo que um agente natural, como o fogo ou a água, quando são lançados no estômago. A capacidade nutritiva actua nestes acidentes assim separados de toda a substância. Aos acidentes quadra, pois, pela própria natureza e capacidade, ser activos e passivos e não são o que são em razão da substância apenas. Mas a dificuldade está em como o homem se nutre destes acidentes. Pois, na nutrição obtém-se substância nova, e a matéria do alimento recebe a forma de sangue. Aí, porém, não há matéria ou forma substancial. E é verdade o que dizem os filósofos: da não substância não se cria substância. Não pode, realmente, produzir-se uma substância, se a outra não for destruída. Neste caso, de facto, nenhuma substância é destruída e, contudo, como resulta da experiência, o sangue e a carne são produzidos.

De que modo, pois, se nutre o homem dos acidentes do pão e do vinho e deles se produz o sangue e a carne, eu digo-te, ouve e atenta nas minhas palavras. Primeiramente dir-te-ei quanto tempo ou em quanto tempo o corpo de Cristo se mantém com esses acidentes. Depois, como deles se pode produzir substância. Quanto ao primeiro, fica a saber que o corpo de Cristo está neles tanto tempo quanto os acidentes se mantêm no seu vigor, isto é, enquanto são um sustento apto e um alimento apropriado para o homem. Mas quando estiverem de tal modo alterados que tenham perdido já completamente o cheiro e o sabor e o mais que faz do pão o alimento apropriado para o homem, então o corpo de Cristo deixa de aí estar, porque o alimento da alma permanece aí tanto tempo quanto tempo permanece alimento apto e apropriado para o corpo. Ora, por isso, instituiu nesta matéria o sacramento para se apresentar como alimento da vossa alma e mostrar que o alimento do corpo seria o sinal do alimento da alma, do mesmo modo que a purificação do vosso corpo significa no baptismo a purificação da alma das manchas do pecado. Cessando, porém, o signo, deixa de significar. E, se não significa, não é sacramento. E se aí já não está

o sacramento, já não estará também Cristo, que estabeleceu, desse modo, não estar aí senão em sacramento.

Também não é sacramento qualquer alimento, mas o principal e o mais habitual, que são o pão e o vinho. Daí que, se o vinho se mudasse em água, seria bebida conveniente, mas não essa. E se o pão se mudasse em carne cozida, seria alimento, mas não aquele que se requer [fl. 119] neste sacramento. Disse, de facto: “se estes acidentes são em absoluto inadequados para a alimentação humana”. Pois, se se alterarem um pouco e se afastarem não totalmente da perfeição de alimento, não deixa, contudo, de aí se manter o corpo de Cristo. Mas quando se alteram totalmente, de tal modo que não só não são alimento apropriado, mas antes desapropriado, deixa de aí estar o corpo de Cristo. Daí que, se se tornam a tal ponto velhos e estragados ou mal cheirosos que o gosto os rejeite em absoluto como absolutamente repugnantes, sabe então que Cristo não está aí, porque o pão suavíssimo que desceu do Céu não está com alimento estragado, mal cheiroso e repugnante. Chamo alimento repugnante não àquele que os doentes ou indispostos recusam, mas ao que até os bem-dispostos e os que se não debatem com um desvio animalesco evitam habitualmente. Também a excessiva dureza, que não consegue suavizar-se, torna o pão impróprio para comer, o que pode facilmente acontecer entre os gregos, que celebram com pão fermentado e mais espesso. Igualmente, se o vinho se embebe em qualquer coisa, como na madeira ou na terra, a ponto de já não poder fluir, não é bebida apropriada. Se também os acidentes do pão se tornarem tão moles que pareçam simples pasta, a ponto de serem inadequados e impróprios para comer, deixa de neles estar o corpo de Cristo. E, resumidamente, quantas vezes perdem a natureza de alimento apropriado, tantas vezes perdem a natureza de sacramento. E se aí não existe sacramento, não há também matéria de sacramento, segundo a distinção habitual.

Quando, pois, vedes vermezitos nascidos nesses acidentes, sabeis então que o corpo de Cristo aí não está, a não ser que a hóstia ou oblata seja tão grande que numa das suas partes esteja a putrefacção e a outra se mantenha

sã e incorrupta de modo que se possa separar da putrefacta e, assim separada, comer-se sem repugnância. Sob essa parte apenas estará então Cristo. Se, porém, não puder separar-se da putrefacta e, sem ela, comer-se, já não é alimento apropriado e, conseqüentemente, nem sacramento. Do mesmo modo, quando tomais os acidentes do vinho, porque logo que são tomados se misturam com outros líquidos de forma a tornarem-se inadequados a serem de novo tomados na boca como alimento, deixam imediatamente de ser sacramento. Os acidentes do pão, na verdade, não se alteram assim tão rapidamente, por isso, mantêm por mais tempo que os do vinho a natureza de sacramento.

Digo então que alguma coisa tem a natureza de alimento quando não só pode alimentar ou converter-se em alimento, porque assim os elementos líquidos que estão no estômago poderiam considerar-se alimento, mas que seja apta para que o homem a tome na boca e a leve ao estômago pela garganta. O que não é alimento assim, não pode ser sacramento da Eucaristia. E embora os homens, logo que têm o alimento na boca, evitem tomá-lo de novo, essa repugnância, todavia, não impede o sacramento, mas apenas se houvesse sido já enviado para o estômago. Daí que, estando os acidentes na boca e passando pelo esófago, conservem consigo o Senhor. Ao chegarem ao estômago, deixam, quase de imediato, de ser sacramento.

Compreendeste já quanto tempo estes acidentes conservam a natureza de sacramento e quanto tempo está Cristo com eles. Compreende agora, por outro lado, de que modo, a partir deles, se gera outra substância.

Estes acidentes podem alterar-se de dois modos. **[fl. 120]** Num, com tal alteração que perdem apenas a forma de alimento próprio não para quem quer, mas só para o homem. Esta alteração poderia algumas vezes verificar-se sem se corromper a substância do pão, se o pão estivesse presente neles. No segundo, os acidentes poderiam alterar-se com tal e tão profunda alteração que a substância do pão, se estivesse sob eles, se corromperia e se destruiria e dela se produziria alguma outra coisa. Se, portanto, ouve bem, no primeiro modo esses acidentes se alterarem a ponto de perderem a

natureza de alimento apropriado para o homem, podendo, todavia, manter-se com o pão, então Deus, no seu infinito poder, traz de novo a substância do pão que se havia retirado ou do vinho que partira, e esses acidentes produzirão de novo a substância do pão. E, assim, aí estará de novo o pão, mas não o alimento apropriado para o homem. E manter-se-á até ser corrompido por um agente natural, como aconteceria se nunca daí se tivesse afastado. Se, porém, os acidentes se alterarem nos termos do segundo modo, de tal modo que se o pão aí estivesse se corromperia em outra qualquer coisa, em tal caso, Deus não faz vir de novo a substância do pão, que deixou de existir, mas induz a substância na qual o pão se teria então convertido se aí estivesse, quer se trate de sangue, quer de carne, como acontece quando se comem, ou de fogo, como quando os acidentes são queimados, ou dos vermes, como quando apodrecem.

Mas porque é que no primeiro modo, quando os acidentes não estão tão alterados que o pão se corrompesse se sob eles estivesse a substância do pão, o pão, de que então nada seria gerado, retorna? Digo-te que isso acontece por isto, porque Deus estabeleceu definitivamente que os acidentes nunca estejam sem sujeito senão quando são sacramento do corpo e do sangue de Cristo. E porque quando então deixam de ser alimento apropriado para o homem, deixam de ser sacramento, por isso, para não estarem sem sujeito, faz Deus retornar-lhes o sujeito próprio. Quando, na realidade, se alteram de acordo com o segundo modo, nesse caso, não é preciso que o pão retorne, mas basta que aí se estabeleça a substância em que o pão se converteria se aí estivesse.

Vê e leva em conta, disse sorrindo, como eu sei mais que todos os vossos doutores!

Isso é claro para mim, anjo santíssimo, disse eu. Dou graças à divina Providência, que se apiedou de mim e de todos nós. Eu, simples e ignorante, nunca poderia entender isto sem a divina iluminação.

Ainda não estás a perceber o que quis dizer, começou o anjo a falar de novo. Alguns de vós, dos quais um foi pontífice, disse, não como pontífice,

mas como doutor, que em ambas as alterações que se verificam nos dois modos antes referidos retorna a substância do pão que se havia afastado. Mas outros, entre os quais se conta um doutor da tua Ordem, que se acha aqui pleno de santidade, porque foi o primeiro que desembainhou a espada em defesa da imaculada conceição da Virgem Mãe e Rainha nossa (e mostrava João, chamado Escoto, por quem se batem escoceses e ingleses), dizem que em ambas as alterações se induz outra substância e que a substância do pão, que deixou de existir, não retorna mais. Eu digo-te que umas vezes volta, como na primeira alteração, outras vezes não volta, como na segunda. E isto porque, na primeira alteração [fl. 121] a substância do pão é reconduzida por esta razão apenas, para que esses acidentes, que já não são sacramento, não permaneçam sem sujeito, e porque a substância deles não seria corrompida se nessas condições estivesse sob eles. É melhor, portanto, reconduzir a mesma substância do pão do que criar novamente outra, sobretudo porque não há razão pela qual convenha mais criar esta do que aquela. Portanto, Deus prefere que volte aquela, uma vez que não há razão nenhuma de retorno, a não ser que não quer que os acidentes estejam sem sujeito. Assim, pois, como a ausência do pão ou do vinho foi razão para que estes acidentes se tornassem sacramento, assim também quis que a presença do pão ou do vinho fosse a causa para que já não fossem sacramento.

Escreve, escreve isto para ele, porque nisto se irá deleitar acima de tudo. Escreve deste modo, eu digo-te. Primeiro, compreende que os acidentes se alteram profundamente a ponto de não serem mais alimento apropriado. E esta alteração faz-se no momento próprio. Segundo, compreende que, no último instante do tempo que mede a referida alteração, Deus traz de novo a substância do pão que se havia retirado e, nesse momento, esses acidentes perdem daí em diante o nome e a natureza de sacramento. E, assim, o corpo do Senhor deixa de aí estar, como quando cria uma nova substância. Primeiro, os acidentes alteram-se. No último instante, induz-se uma substância, instante em que é verdade que essa substância está aí e, assim,

com ela, está a negação do sacramento e, assim, o corpo de Cristo não está aí. Portanto, no mesmo instante chega outro corpo e o corpo do Senhor retira-se, ou, começa aquele a estar e o corpo do Senhor deixa de estar. Mas, depois, de acordo com a ordem natural, começa a estar aí outro corpo, e, antes, de acordo com a ordem natural, deixa de estar aí o corpo do Senhor. Como quando um pecador faz penitência dos seus pecados, no mesmo instante é-lhe perdoada a culpa e conferida a graça. Mas, de acordo com a ordem natural, entende-se que a culpa foi perdoada antes de a graça ser conferida, entendendo por culpa não só a privação da graça, mas algo positivo. Com efeito, não pode entender-se que uma coisa receba algo se não se entender que antes haja perdido algo, quando o que é recebido não pode estar simultaneamente com aquilo que se perde, ou por impossibilidade real, ou por disposição divina. Sabe, pois, e presta atenção e escreve diligentemente, para que o que te digo seja mais claro, que no mesmo instante em que se entende que a substância do pão se afastou, nesse mesmo instante pode Deus tornar aí presente o corpo de seu Filho. Mas, primeiro, de acordo com a ordem natural, entende-se que a substância do pão aí não esteja do que aí esteja o corpo do Senhor. Pode, também, não nesse instante mas na porção mínima de tempo próxima desse instante, para falar como falam os vossos filósofos que não aceitam que um instante seja imediato a outro nem um ponto a outro ponto, o que será revelado noutra ocasião àquele a quem outras coisas devem ser reveladas se é verdade e de que modo é verdade. Do mesmo modo, alterados os acidentes em algum tempo, no último instante desse tempo pode Deus fazer voltar a substância do pão ou outra e, nesse mesmo instante, primeiro, de acordo com a ordem natural, deixa de haver corpo de Cristo e os acidentes deixam de ser sacramento. Pode ainda Deus, e faz como lhe apraz, no último instante desse tempo fazer que os acidentes deixem de ser sacramento e o corpo do Senhor deixe de aí estar e – no tempo mais próximo desse instante, para falar segundo o hábito dos vossos filósofos, porque também eu li e compreendi as obras do vosso Aristóteles [fl. 122] antes que as escrevesse

(e ao dizer isto sorriu-se) – criar a substância do pão ou de outra coisa, conforme a alteração for feita de um modo ou de outro. E, nesse caso, por um instante estarão os acidentes sem sujeito e sem a presença do corpo do Senhor. E, assim, seria justo dizer então: os acidentes estão sem sujeito e não são sacramento por um instante, não por algum tempo. Poderia ainda Deus, no último instante da alteração, colocar aí a substância do pão ou outra e não remover, contudo, o corpo do Senhor nesse momento, mas no tempo imediato a esse instante, porque do mesmo modo que o corpo do Senhor pode estar em simultâneo com a quantidade do pão, pode também estar em simultâneo com o pão. Do mesmo modo, quando se faz a consagração, poderia o pão manter-se enquanto chega o corpo do Senhor, depois, deixar de estar. E, assim, seria justo dizer, relativamente a qualquer instante: neste sacramento os acidentes estão no sujeito. Poderia também Deus, em razão das circunstâncias e definitivamente, manter aí o pão com o corpo de Cristo. Mas, nesse caso, não poderia dizer-se: o pão transubstancia-se ou muda-se ou converte-se no corpo de Cristo. E se Deus usa de todos os modos referidos ou de apenas um deles quando se celebra este sacramento, será dito noutra ocasião àquele de quem tantas vezes falámos. E se se celebra do mesmo modo ou de modo diverso entre vós e outros, como, por exemplo, os gregos, os arménios e outros, será dado a conhecer então. Tu deves acreditar firmemente, porque é verdade, no que a tua Igreja te diz, ou seja, que o pão se transubstancia ou muda no corpo do Senhor de tal modo que, primeiro, de acordo com a ordem natural, o pão se afasta e, somente depois, de acordo com a ordem natural, o corpo do Senhor começa a estar aí e, no tempo imediato, deixa de haver pão, para que não suceda que na conversão seja aniquilado. Efectivamente não é aniquilado na conversão, mas quase depois da conversão, embora também depois da conversão não seja completamente aniquilado, já que se mantiveram os acidentes com os quais o próprio pão está apto a renascer, como se a matéria de uma qualquer coisa, por exemplo, da água, deixasse de existir, mas se mantivesse a forma. Nesse caso, essa matéria não seria

aniquilada, porque se manteria na forma em que nasceu para ser completada, como também, quando a água se altera, vós não dizeis que a forma da água foi aniquilada, porque permanece na matéria que pode completar e enformar e na qual um agente pode induzir a forma, não, todavia, aquela que foi destruída, mas outra semelhante. A diferença, pois, está em que, destruída a matéria e mantida a forma, um agente criado não pode fazer que essa forma enforme alguma matéria, mas pode bem fazê-lo Deus. De modo semelhante, destruída a substância e mantendo-se os acidentes, não pode um agente criado fazer que estes enformem aquela substância, mas pode bem fazê-lo Deus. Basta, pois, que exista nos acidentes a aptidão de enformar a substância do pão e, assim, o pão não é totalmente aniquilado, como dissemos.

Tu, de algum modo, já compreendeste como da não substância se não gera nunca a substância, e de que modo a substância do pão, destruída, retorna muitas vezes e muitas vezes aí se põe outra, ou seja, aquela que nessas circunstâncias se geraria do pão assim alterado se o pão aí estivesse. Foi, pois, conveniente agir assim, meu caro, para que de novo se produzisse ou o pão ou outra substância, a fim de que a matéria-prima, da qual tudo se gera, não desaparecesse. Pois, se o mundo houvesse de durar por longo tempo e este sacramento se celebrasse em todo o mundo, em cada dia seria destruída [fl. 123] grande parte da matéria, e em dez anos uma parte maior, e maior ainda em cem e em mil. E se a matéria destruída jamais voltasse e não se criasse outra nova, poderia, na marcha do tempo dos vindouros, faltar a matéria e, deste modo, impedir-se a geração. Por isso, o Deus sapientíssimo tudo viu e a tudo providenciou. Por isso, traz de novo tanta matéria quanta se destrui.

Meu Senhor, perguntei então, desde que neste sacramento o pão pudesse estar em simultâneo com o corpo de Cristo e fosse sinal mais eficaz do corpo de Cristo, porque o pão é alimento mais eficaz do que só os acidentes, portanto, significaria mais eficazmente o alimento da alma e não seria necessário que a matéria fosse destruída nem que fosse reparada depois de

destruída, porque se destrui, então, o pão?

Sei bem, respondeu, que é para vós muito difícil, e os filósofos o rejeitam, e se constituiu para perversos e obstinados ou orgulhosos em ensejo para não seguirem a fé de Cristo. Mas foi muito conveniente e útil aos bons e honestos homens para aguçarem seus engenhos a investigar a possibilidade de tantas maravilhas que há neste sacramento, e ainda para, dominando a inteligência própria, acumularem para si, junto de Deus, grandes méritos, porque todo o mundo considerava que isso era impossível, o que se constituiu em decepção e erro. Porém, assim como a verdade é o bem da inteligência e a sua saúde, assim também o erro é o seu mal e a sua doença. Para que, pois, Deus vos libertasse de tão grandes erros e vos iluminasse e instruisse, mostrou-vos que podia fazer todas estas coisas. E, para que acreditásseis firmemente que podia fazê-lo, quis fazê-lo para que vós acreditásseis e nós anjos comprovássemos pela experiência que isso se realizava, quando o víssemos acontecer. Muito útil nos foi também a nós ver as maravilhas que Deus pode fazer, ou seja, vê-las acontecer e vê-las feitas. Daí que, incessantemente, quando Deus faz estas coisas, isto é, em cada dia, cantemos perante o Senhor um cântico, ao vermos em cada dia tão grandes maravilhas nos abrasemos, nos inflamemos, celebremos e dêmos graças. Canto, precisamente, que te revelarei depois.

E, deste modo, Deus, para mostrar o seu poder e para vos libertar a vós homens de tanta debilidade de espírito e de tão grandes erros, e para nos mostrar a nós anjos, pela experiência, que devíamos exaltá-lo e engrandecer seu poder infinito, e para vos proporcionar ocasião de merecimento, quis conservar neste inefável sacramento os acidentes sem sujeito. E, para que soubésseis que ele também criou a matéria prima, a destrui, por isso, e a aniquila apenas neste sacramento e, por vezes, a faz voltar e, de vez em quando, cria uma semelhante. Nunca os homens acreditariam que isto era possível. Mas agora não só o crêem como o têm por verdadeiro e o afirmam, dispostos a derramar o próprio sangue por esta verdade.

Por causa disso, pois, podia Deus, sem a destruição do pão, pôr aí seu

corpo em simultâneo com o pão, mas, pelas razões referidas, quis acrescentar a este vários outros milagres para que toda a criatura pudesse exaltar e glorificar o infinito poder de Deus.

Os que dizem que Deus sem a conversão do pão não teria podido tornar aí presente o corpo de Cristo, esses, expurgados de uma ignorância, conservam outra. Crêem, de facto, que o pão não está aí, e justamente o crêem. Mas porque julgam que o corpo do Senhor não poderia aí estar de outro modo se o pão se não tivesse convertido noutra coisa, envolvem-se em outro erro. [fl. 124] Estes, na verdade, afirmam que apenas pode acontecer aquilo que a fé os impele a afirmar. Em que contribui o afastamento do pão para que o corpo do Senhor aí esteja? Não estaria então simultaneamente com o pão do mesmo modo que está presentemente com a quantidade do pão? Na verdade, repugna tanto que no mesmo lugar estejam duas substâncias como duas quantidades. E mais, uma vez que a quantidade é a razão de estar num lugar de limitadamente, toda a repugnância a que dois corpos estivessem em simultâneo provém da quantidade. É verdade que o pão não permanece no corpo do Senhor, e nem coisa alguma do pão está nesse corpo, porque esse corpo, nesta conversão, nem é aumentado, nem gerado em parte alguma de si. Se também o pão permanecesse, seria um milagre, ou seja, porque dois *quanta* existiriam em simultâneo. Com a partida do pão, acontecem vários milagres. O primeiro é que dois *quanta* estão em simultâneo; o segundo é que os acidentes se mantêm sem sujeito; o terceiro é que o pão deixa de existir a ponto de também a sua matéria ser destruída e deixar de existir. Tudo, pois, coisas dignas de admiração, que então existiriam e agora existem, e muito mais. Afastemos estes todos, deixemos os habituais. Entende-se mais facilmente um milagre do que muitos, entre os quais se situa este. Daí se vê que é mais difícil defender isto que se defende, ou seja, que o corpo do Senhor não pode aí estar a não ser que o pão se afaste, do que dizer: aí está o corpo do Senhor com o pão. Quando, pois, dizias: “se o pão aí estivesse, porque é alimento mais eficaz do que apenas os acidentes, então seria sinal

mais eficaz do alimento da alma”, digo-te, porque é verdade, que o pão alimenta melhor que os acidentes. E mais, os acidentes não alimentam, porque se não convertem no alimentado. Os acidentes, contudo, mostram-vos mais a vós, homens, a bondade do alimento, ou melhor, só por eles ajuizais e aprovais a conveniência do alimento.

Ora, os sacramentos são-vos dados a vós, não aos anjos. Foi, portanto, melhor dá-los em sinal sensível. E foi conveniente que o sacramento fosse instituído naqueles sinais que melhor manifestam a bondade do alimento, que são os acidentes do pão e do vinho. Quando dizias, pois, “o pão é alimento mais eficaz”, concedemos. E até só ele mesmo é alimento. Mas o pão não seria sinal mais eficaz da bondade do alimento, pelo contrário, não seria sinal nenhum. Bastava, portanto, instituir este sacramento naquelas matérias que melhor assinalassem a bondade do alimento, não que melhor alimentassem. O pão, por outro lado, retira-se em função das quatro razões há pouco referidas.

Disseste tu, fortíssimo Gabriel, adiantei eu, e eu ouvi-o também aos nossos, que o corpo do Senhor não está sob os acidentes senão no fim da prolação de todas as palavras. Quando, portanto, se pega no pão e se abençoa, dizendo: *Isto é o meu corpo*; igualmente no vinho: *Este é o cálice do meu sangue*; ou se se dissesse: *Este é o meu sangue*, que me indicam essas palavras: *Isto é, e, Este é?* Que mostram, pergunto? Se o corpo de Cristo, então está aí antes do fim da prolação. Se o pão, então é falsa esta afirmação que *Isto*, ou seja, o pão, seja o corpo de Cristo. Muitas vezes duvidei disto e interroguei alguns teólogos, e respondem-me de vários modos que nem recordo agora.

Mas recordo-me eu como respondem, adiantou o anjo, e não estou esquecido. Dizem alguns dos vossos que ostenta e mostra o corpo de Cristo, não que aí esteja então, mas que imediatamente irá estar. Toma-se por pronto o que de imediato deve aprontar-se e, quando pouco falta, parece nada faltar. [fl. 125]

Outros, ainda, dizem o mesmo de outro modo. *Isto é*, ou seja, este *quantum* que vês, é o meu corpo, isto é, sob ele e com ele irá estar

imediatamente. Ou *Isto*, ou seja, este ente é o meu corpo.

Outros, que não significa absolutamente nada senão no último instante de toda a prolação. Quando dizes, pois: *Isto é o meu corpo*, é este o sentido: nesse último instante, está aí o corpo de Cristo. O que tens, pois, na mão no último instante, é isso que mostras, não o que tens quando então dizes: *Isto*. Na verdade, quando dizes: *Isto é o meu corpo*, essa afirmação nem é verdadeira nem falsa, mas neutra. Pronunciadas, porém, todas estas palavras, toma-se toda a afirmação ao mesmo tempo como verdadeira. Se, portanto, não é verdadeira senão no fim de toda a prolação, e no fim de toda a prolação não é afirmação sacramental, mas antes, isto é, enquanto é proferida, segue-se que enquanto é afirmação sacramental nem é verdadeira nem falsa. Pois, enquanto se profere, é sacramental, porque realiza um sacramento, depois de proferida, então é verdadeira, mas não realiza um sacramento, porque está já realizado. Ao mesmo tempo, pois, começam esses acidentes a ser sacramento e é essa afirmação verdadeira e começa a ser verdadeira, embora, segundo a ordem natural, seja afirmação antes de ser entendida como verdadeira.

Dizem outros que essas palavras, quando estão a ser proferidas, nada mostram. Aquele que recita as palavras de outrem nada mostra ele próprio, como quando dizeis: *Disse Jesus a sua Mãe: Mulher, eis o teu filho.*<sup>[159]</sup> Apenas repetis o que Jesus mostrava a sua Mãe, ou seja, João. Vós, porém, nada mostrais. Assim, o sacerdote diz que o Senhor dissera, depois de pegar no pão e já mudado em carne: *Isto é o meu corpo*. Dizem, portanto, que quando Jesus tomou o pão e o abençoou, nessa ocasião o pão se mudou no seu corpo. Por isso, ele mesmo disse, com razão: *Isto é o meu corpo*, porque quando disse isso já o seu corpo aí estava.

As vossas inteligências são bem subtis e toda esta disputa acontece porque não sabeis como é que o Senhor consagrou, nem como vos instruiu e vos transmitiu o modo de consagrar. Os apóstolos, na verdade, não escreveram tudo e, sendo para eles por demais conhecido, não pensaram nas dúvidas dos vindouros. Presta atenção, servo de Deus, e escreve o que

te digo, porque eu assisti à Ceia do Senhor. Depois de muitas outras coisas, ele *tomou o pão em suas santas e muito veneráveis mãos e, elevando os olhos ao céu, a seu Pai Omnipotente, deu graças,*<sup>[160]</sup> como quando ressuscitou Lázaro. Disse, como então: *Dou-te graças, Pai, porque me ouviste.*<sup>[161]</sup> Depois, fixando o pão, abençoou-o com as palavras apropriadas e, de imediato, este se mudou no corpo de Cristo. E, deste modo, se tinha Cristo Senhor a si mesmo todo nas próprias mãos. Depois, partiu os acidentes do pão, comigo, com Miguel e com outros companheiros a observar e a admirar, porque também para nós são estas coisas dignas de admiração e de espanto. Víamos a Cristo sentado, víamos os acidentes do pão subsistindo separadamente, víamos o pão afastar-se dali e todo o corpo de Cristo subsistindo de um modo admirável em suas próprias mãos. Circunscrito pelo próprio lugar e circundado de ar, tinha-se todo aí incircunscrito por nenhum lugar, porque não estava uma parte de si numa parte do lugar e outra noutra, mas todo juntamente, isto é, todas as partes do seu corpo, distintas entre si, estavam indistintas em relação ao lugar. De facto, cada partícula correspondia ao mesmo lugar e à mesma parte do lugar, e mais, tinha uma relação de presença com um só lugar. Ele mesmo, passível, tinha-se a si, subsistindo aí de um modo **[fl. 126]** impassível. Pois, estando aí, não podia ser preso nem acorrentado nem flagelado ou crucificado. E podia estar aí, isto é, no sacramento, só e, por outro lado, deixar de estar e, assim, ninguém poderia nem vê-lo, nem tocá-lo ou aprisioná-lo. Mostrou, portanto, que não fugia à morte, ele que podia estar entre os inimigos e, todavia, podia não ser visto nem tocado por eles. Podia ainda tornar-se invisível de outro modo aos próprios inimigos, como fez também quando se escondeu e saiu do Templo, porque passava pelo meio deles e não o viam, eles que estavam com pedras na mão e estavam perto. E mais, tocava alguns deles e, todavia, não lhe atiraram as pedras, porque não sabiam para onde atirá-las ao não verem aquele que pretendiam lapidar.

Mas neste sacramento está invisível de outra maneira, porque aí não pode ser visto, dado o facto de aí não estar como os outros corpos. Quando,

porém, se escondeu, estava no lugar como tinha estado antes. Daí que, deslocando-se num movimento progressivo de lugar em lugar, saiu do Templo. Mas não era visto, porque não permitia que a imagem da sua cor passasse para os olhos deles.

Portanto, nosso Senhor estava na Ceia de dois modos, a saber, passível e impassível. E ele próprio, passível na realidade de ser e no modo de ser, tinha-se então, passível em si, mas de modo impassível, porque por ninguém exterior podia ser-lhe infligido mal algum. São grandes estas coisas que refiro e encham-nos de admiração a nós os supremos anjos.

Quando, portanto, para voltarmos àquilo que tínhamos começado a dizer, o Senhor partiu os acidentes do pão sob os quais estava todo, vimo-lo, então, a ele mesmo subsistir total e integralmente sob cada parcela. Os apóstolos viam o pão ou os acidentes do pão, o resto não o viam. Nós, anjos, víamos tudo. E o Senhor Jesus deu então a cada um dos discípulos uma porção dos acidentes, mas, de modo invisível, entregou-se todo a cada um. Vimo-lo, nesse momento, no seu lugar, de um modo natural, e em muitos lugares, de modo sacramental. Estar, porém, sacramentalmente num lugar não diminui a presença real, mas significa outro modo de estar que, embora seja real, é, todavia, invisível e insensível. Primeiramente disse a todos: *Tomai e comei*.<sup>[162]</sup> Depois, a cada um de per si, começando por Pedro, dizia: “Toma e come. Isto é o meu corpo”, de modo que, dizendo essas palavras, se lhes dava em comunhão conforme vós dizeis: “O corpo de nosso Senhor Jesus Cristo guarde a tua alma para a vida eterna”.<sup>[163]</sup> Concluída a comunhão, disse-lhes: *Meus filhinhos, dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros como também eu vos amei*,<sup>[164]</sup> e que o que eu fiz agora o façais vós em minha memória e minha comemoração.<sup>[165]</sup>

Como poderemos nós fazer isto, perguntou-lhe Pedro?

Fica a saber, respondeu-lhe Jesus, que nem vós nem os meus anjos (e voltou-se para nós, mas os apóstolos nesse momento não nos viam) podereis fazer isso. Eu, contudo, poderei fazê-lo sempre, como fiz agora.

Se nós, insistiu Pedro, não podemos fazer isso, porque ordenas, Mestre

Sapientíssimo, que o façamos?

Vós fareis o que podeis, respondeu-lhe Jesus, eu farei o que vós não podeis. Fareis assim, tomareis o pão em vossas mãos, vós, sacerdotes (na verdade, dizendo agora: *Fazei isto*, dei-vos autoridade para o fazerdes), tomando o pão, direis: *Nosso Senhor, na véspera da sua Paixão, tomou o pão e, elevando os olhos ao Céu, a seu Pai Omnipotente e dando-lhe graças, abençoou-o e deu-o a seus discípulos, dizendo: tomai e comei. Isto é [fl. 127] o meu corpo.*<sup>[166]</sup> Vós podeis fazer isto. E eu, imediatamente no fim da prolação dessas palavras, farei que o meu corpo se torne aí presente sem qualquer hesitação. Não basta dizer estas palavras: *Isto é o meu corpo*, mas é preciso antepor aquelas ou outras semelhantes. Tende isto como um memorial perpétuo até ao fim dos tempos. Haveis de vos recordar desta última Ceia e do meu amor pelo género humano.

Vê, pois, caríssimo, que o Senhor consagrou com umas palavras, com outras instituiu que vós consagrásseis. Ele, na realidade, usou de autoridade própria, vós, repetindo os seus gestos e as suas palavras, usais da autoridade dele. Donde, louvo e ratifico que, ao consagrar, vós deveis tomar o pão nas mãos e levar os olhos, primeiro, ao Céu, depois, sobre o pão, fixando-o, dizer as restantes palavras ou semelhantes, até aqui: *Isto é o meu corpo*. Usai também do modo que os vossos Santos Padres, inspirados pelo Espírito Santo, vos deixaram. Não quis o Senhor que vós consagrásseis com as palavras com que ele consagrou. Não é justo que o ministro use das mesmas palavras de que usou o autor principal. Do mesmo modo que foi oportuno que Cristo, que é Deus, dissesse: *Lázaro, vem cá para fora;*<sup>[167]</sup> e: *Menina, eu te ordeno, levanta-te,*<sup>[168]</sup> não o foi que João usasse das palavras do Mestre quando ressuscitou a Drusiana, mas destas: “Ressuscite-te o Senhor Jesus Cristo”. E uma vez ressuscitada por Cristo, ordenou-lhe que fosse para casa e lhe preparasse uma refeição.<sup>[169]</sup>

Anjo do Senhor, perguntei eu então, com que palavras, se me é permitido pedi-lo, consagrou o Senhor?

Porque este é um milagre incomparavelmente maior do que ter

ressuscitado Lázaro, respondeu o anjo, por isso o Senhor, para mostrar que iria fazer algo de maior, ele a quem nada é difícil, tomou o pão e levou os olhos ao Céu. Depois, fazendo uma pequena pausa, disse: *Meu Pai Omnipotente, dou-te graças porque me ouviste.*<sup>[170]</sup> De seguida, fixando o pão, disse: “Volva-se o pão terrestre em pão celeste e o alimento do corpo em alimento da alma”. E imediatamente assim se fez. Estas palavras resumiram-nas os evangelistas com aquela: *abençoou*. Que significa *abençoou*? Significa que com aquelas palavras tornou bendito o pão, como havia sido dito por Isabel a Maria: *Bendito o fruto do teu ventre.*<sup>[171]</sup> O Senhor Jesus é o pão verdadeiro, o pão vivo, o pão do Céu, o pão bendito. Mas esse que vós comeis é um pão morto e de mortos, é pão terrestre, é pão maldito, como na verdade foi dito ao primeiro homem quando pecou: *A terra será amaldiçoada por tua causa, comerás o teu pão com o suor do teu rosto.*<sup>[172]</sup> Este agora tornou-se o pão bendito.

Portanto, dando graças e proferindo essas palavras, abençoou o pão, isto é, tornou-o bendito e converteu-o em pão bendito. Depois partiu, não o pão bendito nem o outro, que já aí não estava, mas os acidentes do pão sob os quais, como disse, estava oculto o Filho de Deus. Não é verdadeira a opinião que diz que aí continua a estar, como antes, o pão, e que o Verbo de Deus assumiria esse pão como assumiu a humanidade, de tal modo que, por essa união, o pão seria Deus e Deus seria pão, e a carne seria pão e o pão carne. Pois, se o homem é Deus e Deus é pão, então o homem seria pão e o pão homem, ou então, o pão é carne, porque o Verbo, com a mediação da carne, teria assumido o pão. Podia, na verdade, ser também assim, mas não era razoável que o pão **[fl. 128]** fosse assumido tantas vezes e depois fosse abandonado. Também a suprema graça, ou seja, a da união, teria sido concedida a outra criatura que não o homem e, o que nos não foi concedido a nós anjos, seria concedido a uma criatura insensível. Crê, portanto, firmemente que a nenhuma criatura além do homem foi concedido o dom de estar unida à divindade, à sua alma e ao seu corpo.

Muito se enganam, portanto, os que dizem que o corpo do Senhor, vivo e morto, não seria o mesmo corpo. Se realmente aí fosse gerado um novo

corpo, seguir-se-ia que a divindade estaria unida a esse corpo. E, assim, a divindade estaria unida a alguma coisa que não é homem nem alma ou corpo de homem. E, assim, a graça da união, negada aos anjos, teria sido concedida a essa criatura, o que é absurdo pensar. Os que, portanto, dizem que uma coisa é o corpo sem alma, outra, com alma a vivificá-lo, esses negam os sentidos, a razão e a fé. Um corpo acabado de morrer é o mesmo que era em vida. Mas, logo que morre, começa a alterar-se e a entrar em corrupção. E, em primeiro lugar, corrompe-se a carne, depois os ossos, que resistem mais tempo. Um é o teor da carne, outro o dos ossos, outro o do coração, outro o do fígado, outro o do cérebro.

Crê, do mesmo modo, firmemente que a nenhuma outra criatura foi concedido estar neste sacramento de modo admirável senão àquele Homem assumido e àquele corpo e àquele sangue pelo qual fostes redimidos. Portanto, nunca corpo algum esteve, nem estará sob o sacramento senão esse. E, depois de haver sido instituído, não houve um dia em que esse corpo não estivesse sob o sacramento. Se, portanto, esse corpo morto fosse outro, seguir-se-ia que esse outro corpo estaria aí sacramentalmente. E, assim, esse seria o pão que desceu do Céu e, sob esses acidentes, deixaria de estar o corpo do Senhor e aí estaria outro corpo e seria o alimento das vossas almas, o que é absurdo e abominável. Portanto, nem sequer penses nisso.

Também o sangue foi o mesmo na carne e fora da carne, no corpo e fora do corpo e de novo no corpo. Daí que, neste ponto, contendam se o sangue de Cristo esteve unido à divindade. Dizem uns, que não esteve unido, nem subsistindo no corpo nem separado do corpo. Outros, que sempre esteve unido. Outros, como alguns dos vossos, disseram, quando estava no corpo, então esteve unido, quando fora do corpo, então não esteve unido, e que algum sangue ficou na terra. Aqueles outros dizem que não ficou nada. Escreve as minhas palavras assim: Não é despropositado acreditar, porque foi assim, que nesse corpo tivesse existido algum sangue supérfluo. Era realmente verdadeiro homem e quis sofrer todas as misérias humanas,

excepto a miséria do pecado, que é a verdadeira miséria. E a esse sangue, de algum modo supérfluo, nunca esteve unida a divindade. E dele ficou algum, ou melhor, todo esse sangue ficou. Ao sangue necessário a esse Homem esteve sempre unida a divindade, e reassumiu-o todo. E, enquanto viveu, nunca abandonou o sangue a que uma vez se unira. Deus, pois, remiu-vos por meio do sangue derramado e a si unido. E embora eles nunca tenham lido que Deus houvesse sido derramado sobre a terra, contudo, em razão da expressão própria da linguagem, foi Deus de algum modo derramado, quando aquele sangue precioso se derramava. Portanto, é verdade que o sangue que ficou na terra nunca esteve unido à divindade. É igualmente verdade que todo o sangue [fl. 129] unido à divindade foi reassumido. É verdade ainda que o sangue, uma vez unido à divindade, nunca se separou dela. É ainda verdade que uma porção desse sangue, a saber, a supérflua, mesmo subsistindo no corpo, nunca esteve unida à divindade. De facto, a divindade não esteve unida a tudo que existia nesse Homem, porque nem à saliva que cuspiu na terra nem aos cabelos nem aos pêlos. Esteve unida apenas à alma e ao corpo e ao sangue, porque se diz que é a sede da alma e porque foi o instrumento da vossa redenção. Efectivamente, fostes remidos pela efusão desse bendito sangue. Os vazios desse sangue estão agora repletos. Vazios, digo, de toda a verdade; repletos com a riqueza e as obras conseguidas pelo arco e pela espada do Senhor. Aquele que foi amado engordou-se no sangue do Senhor. Gordo, cheio, repleto, abandonou o Deus que o criou e retirou-se de Deus, seu Salvador.<sup>[173]</sup> E o actual pastor bebe muito do sangue do Senhor. E alcançou a dignidade primeira por causa da disputa que se esboçava, a qual disputa nada era em relação àquilo de que acabei de te falar. E mantém-no a devoção que dedica à Rainha de todos nós, de tal modo que não perecerá.<sup>[174]</sup>

Digo-te, para voltarmos àquilo de que falávamos, que nenhum corpo teve esta prerrogativa de estar deste modo em toda a parte senão o corpo de Cristo. Porque é que as vestes de Cristo e todas as coisas que envolviam o seu corpo não estavam na Eucaristia? Porque, nesse caso, as coisas

inanimadas teriam tido privilégios que a nossa Rainha não tem. Estão lá, portanto, sacramentalmente as coisas que estão unidas à divindade e quantas estão ligadas ao corpo, como os cabelos e os pêlos. As vestes não pertencem a essa categoria, pelo que, nem estão, nem nunca lá estiveram.

Meu senhor, adiantei eu, lembro-me agora de uma questão que se levanta muitas vezes, quero saber a verdade, se Cristo no momento da sua morte era homem, porque disseram alguns que homem é aquele que tem alma humana e nada mais é necessário para ser homem. Aquele que tem alma humana é homem. Cristo Senhor, ou antes, o Verbo do Pai, tinha então a mesma alma que antes esteve unida a si e, por isso, era homem, uma vez que só a alma faz o homem. Outros disseram que só a alma não faz o homem, mas a alma em conjunto com o corpo. Portanto, dado que nessa altura o Filho de Deus os tinha a ambos, foi verdadeiramente homem. Dizem outros que isso não basta se os dois não estiverem unidos entre si. Dado, pois, que nessa altura a alma estava separada do corpo, Deus, que tinha corpo e alma, não era homem?

Ninguém é homem perfeito, respondeu o anjo, se não tiver alma e corpo animado pela alma humana. Na verdade, todo o homem é composto de alma e corpo. E a alma é a mais importante e a mais nobre parte do homem. O corpo é a menos nobre e a menos importante. Como quer que seja, durante o tríduo<sup>[175]</sup>, Deus foi homem, segundo um certo modo de falar, do mesmo modo que também se diz que S. Pedro está no céu porque a sua alma está no céu. Portanto, onde está a parte mais importante do homem, aí está o homem, como onde estão os cidadãos mais importantes, aí está a cidade. E, se pode considerar-se homem tendo apenas alma, muito mais tendo alma e corpo, do mesmo modo que, ao ter madeira, pedra e o mais requerido para uma casa, se considera ter a casa. Se, porém, se requer absolutamente a mesma carne para ser o mesmo homem, declará-lo-á aquele a quem Deus dará saber e inteligência. Digo isto porque [fl. 130] a vossa carne enfraquece e gasta-se e é recuperada de novo por meio do alimento. Mas, porque é enformada e vivificada pela mesma alma,

considera-se a mesma carne. Não é, todavia, a mesma, porque não é imediatamente enformada segundo aquela forma pela qual era enformada a carne que se desgastou. Pois, a forma própria da carne é diferente da alma. Daí que também a carne morta seja carne. Olha que quase sem querer to disse. Mas voltemos.

Não te admires porque é que este sacramento é como que duplo, e Cristo está todo sob os acidentes do pão e todo sob os acidentes do vinho. Isso, digo, acontece porque este sacramento é alimento das almas e, tomando-o, as almas são livres das penas temporais, recebem a remissão dos pecados veniais, recebem igualmente também o aumento das forças, são revigoradas no bem, são defendidas dos inimigos, sobretudo dos invisíveis, tornam-se mais inclinadas ao bem, não caem assim tão rapidamente e, se caírem, levantam-se mais rápida e mais facilmente. Porque, pois, é alimento das almas, foi conveniente assemelhá-lo ao alimento do corpo, que consta de comida e de bebida. Assim como a comida e a bebida são um único, íntegro e perfeito alimento, embora comida e bebida não sejam o mesmo, assim também relativamente ao exposto, embora um sacramento não seja o outro, porque os acidentes do pão não são os acidentes do vinho, e os acidentes do pão signifiquem primariamente a presença do corpo do Senhor, secundária e concomitantemente e por acidente a presença do sangue e da alma, porque acontece a estes acidentes do pão conterem outras coisas distintas do corpo de Cristo. Do mesmo modo, é próprio dos acidentes do vinho significarem a presença do sangue do Senhor. Por isso significam outras coisas, porque estão associadas ao seu significado, como a palavra “homem” significa propriamente natureza humana, concomitantemente, porém, outras coisas que há no homem, como animal e vivente, ou nas quais há o homem, como João e Pedro. Portanto, embora um sacramento não seja o outro e pareça serem como que dois sacramentos, esses dois, todavia, são um alimento único e completo, um alimento completo pelo qual consegue a alma a visão de Deus, que é como que o alimento, e a fruição de Deus, que é como que a bebida, e com eles se forma um alimento

perfeito. Foi esta, pois, a razão para que se instituíssem dois e, todavia, fossem um único. Embora agora, portanto, de tal modo assim seja que tudo o que está sob os acidentes do pão esteja também sob os acidentes do vinho, e tudo o que está sob os acidentes do vinho estará também sob os acidentes do pão, não, todavia, na mesma ordem, nem segundo o mesmo significado, e, algumas vezes, como no tempo da morte do Senhor, estavam separados e divididos, porque sob os acidentes do pão não estava senão o corpo, e sob os acidentes do vinho não estava senão o sangue. Outra foi também a razão desta instituição. Porque, de facto, fostes remidos pela morte do corpo e pelo derramamento desse puríssimo sangue, instituiu separadamente um sacramento que significasse a morte desse corpo e separadamente significasse o derramamento do sangue.

De acordo com isso, atalhei eu então, compreendo que seja melhor receber a comunhão sob ambas as espécies, como fazem os gregos, do que sob uma só, como os latinos.

Era conveniente, respondeu o anjo, que gregos e latinos celebrassem sob as duas espécies. Não o era que comungassem sob as duas espécies, a não ser o celebrante. Mas qual seja a melhor prática, se a grega, se a latina, neste ponto é melhor a grega, porque dá ao cristão o alimento completo e a completa memória da Redenção. A latina é melhor por outra [fl. 131] razão, porque não podia distribuir-se tão frequentemente a tanta gente sem perigo de derramamento. A leigos e a clérigos não sacerdotes e, até, a sacerdotes não celebrantes bastaria comungar apenas sob as espécies do pão, sobretudo porque nelas está tudo. É suficiente recordar o dúplice modo da redenção adorando a Cristo sob as duas espécies. Os que dizem que, neste ponto, os latinos erram, esses é que erram. Nem erram gregos nem latinos. E, com certeza, o futuro Pastor ordenará que cada cristão tome, por vezes, este alimento sob ambas as espécies.

Nem é correcto que crianças pequenas, carecendo em absoluto de razão, tomem este alimento, embora também não seja crime se, por devoção, lhes fosse dado. Pecam, todavia, aqueles que dizem que convém que também as

crianças pequenas comunhem. Uma coisa é, na verdade, comungar por devoção, outra, por necessidade, como se de outro modo não pudessem salvar-se.

Portanto, os gregos estão num extremo, porque também dão a comunhão às crianças. Os latinos, no outro, porque muitas vezes tardam demais a dar a comunhão às crianças, pois que muitos aguardam pelos doze anos, no sexo feminino, e pelos catorze, no sexo masculino, o que é pior. Efectivamente, logo que as crianças podem pecar estão obrigadas a confessar-se. E do mesmo modo porque são obrigadas a confessar-se, são também obrigadas a receber a comunhão. E é melhor começar um ano antes do que comungar depois do ano devido. O discernimento não surge em todos na mesma idade.

Uns apresentam e tomam o preceito da comunhão com excessivo rigor, porque o Senhor disse: *Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue não tereis a vida em vós.*<sup>[176]</sup> Dizem, portanto, que ninguém, nem pequeno nem grande, se pode salvar sem a comunhão, do mesmo modo que sem o baptismo. E não sabem que muitos comungam Cristo sem o sacramento, pois assim como o baptismo é tríplice: de água, do espírito e de sangue, e muitos que nunca receberam o baptismo da água se salvam no sangue e no espírito e, contudo, está escrito: *A menos que alguém renasça da água e do Espírito Santo não poderá entrar no reino de Deus,*<sup>[177]</sup> aquele que pode renascer da água, se não renascer, não poderá salvar-se, porque então desprezaria a salvação; aquele que não pode não é obrigado; os que ignoram e não podem saber seriam baptizados no baptismo do espírito, pois a água sem o espírito nada vale, o espírito sem água vale; aquele que não pode saber o que Deus quer submeta-se a Deus e, na medida das suas forças, cuide de fazer a sua vontade e encaminhe para ele as suas obras e vá até onde a sua razão lhe dita; esse será baptizado no espírito, sem água. Assim, pois, como as palavras sobre o baptismo da água têm várias excepções, assim também o preceito *se não comerdes* deve ser entendido: se não comerdes tendo a possibilidade de comer na idade do discernimento e do

conhecimento, e se não comerdes espiritual ou sacramentalmente, não tereis a vida em vós. Daí que as crianças pequenas, se forem batizadas, comam o corpo de Cristo, porque estão unidas ao seu Corpo Místico, que é a Igreja. Todo aquele que tem a graça de Deus, esse permanece em Cristo e comunga Cristo. E assim como muitos comungam o sacramento e não a substância do sacramento, porque não estão unidos a Cristo pela graça, assim também muitos comungam a substância e não o sacramento. Sabe, pois, que os acidentes do pão e do vinho são sacramento porque são sinais sagrados da presença do corpo e do sangue [fl. 132] do Senhor. Por outro lado, o corpo natural do Senhor é sacramento do Corpo Místico. E também os acidentes do pão, que se faz de muitos grãos, e igualmente os acidentes do vinho, que escorre de muitos cachos, são sinal não só do corpo natural e do sangue de Cristo, mas também do Corpo Místico, que se compõe de muitos homens. Todo aquele que recebe este sacramento, recebe também a substância do sacramento, ou seja, o corpo e o sangue, seja digno, seja indigno. Mas, se for indigno, não comunga a outra realidade, isto é, o outro significado, que é o Corpo Místico. Na verdade, só recebe o Corpo Místico aquele que pela fé e pelo amor está unido ao Corpo Místico de Cristo. Portanto, comungar a substância deste sacramento é estar unido à Igreja pela graça e pelo amor. Para o entendimento deste Corpo Místico de Cristo é necessário aquele preceito: *se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue,*<sup>[178]</sup> isto é, se não estiverdes unidos ao corpo do Filho do Homem, que é a Igreja, não tereis a vida em vós, mas sereis membros amputados que, postos fora do todo, não vivem. Vê, pois, que, tanto os acidentes do vinho como os acidentes do pão indicam o mesmo Corpo Místico. Daí que sejam um no significar desta segunda realidade.

A primeira realidade deste sacramento é o corpo natural de Cristo, que os acidentes do pão significam, e o sangue, que significam os acidentes do vinho. A segunda, é o Corpo Místico, que é a Igreja. E a este significam-no os acidentes do pão e do vinho. De modo semelhante também o corpo e o sangue de Cristo significam este Corpo Místico, porque àquele que os toma

é aumentada a graça e as virtudes com as quais se une cada vez mais à Igreja e aos membros místicos de Cristo. Todavia, o corpo natural de Cristo é sinal do Corpo Místico porque, do mesmo modo que aquele é composto de puríssimos membros, assim este é composto de membros puros e unidos pelo amor. Este significado não pode estar no sangue.

Portanto, os maus tomam o sacramento e a primeira realidade, ou seja, a carne e o sangue de Cristo, mas não tomam a segunda realidade, isto é, a união dos membros da Igreja. Os bons, por seu lado, tomam não só o sacramento, mas também uma e outra realidade do sacramento e, por vezes, tomam só a segunda, não tomando nem a primeira, ou seja, a carne e o sangue de Cristo, nem o sacramento. E um toma mais dos acidentes, outro menos, segundo a quantidade dos acidentes. De modo semelhante, toma um mais do Corpo Místico, outro menos, porque um se une mais pela fé e pela graça, outro menos, segundo a disposição prévia. Mas do corpo e do sangue do Senhor toma tanto um como mil, porque cada um toma Cristo integralmente, que, todavia, se não consome, mas claramente deixa de estar sob esse modo de ser, ele que nunca deixa de estar segundo o modo natural. E, segundo a quantidade e a qualidade dos acidentes, mais e melhor se alimenta um do que outro.

O que dissemos, distingui-lo-á facilmente aquele Pastor por distinções, questões e capítulos. E porque os vossos teólogos, sobretudo este subtil (e mostrava João Escoto com o diadema dos bem-aventurados na cabeça e com a láurea dos doutores), se esforçaram por mostrar que todas as maravilhas deste sacramento eram, pelo menos, possíveis, para que os filósofos vos não censurassem porque acreditáveis não [fl. 133] só em falsidades, mas em coisas impossíveis, declaram, pois, de que modo é possível que dois corpos coexistam, e de que modo um corpo maior esteja no mesmo lugar com um menor, e de que modo um corpo esteja em vários lugares, e de que modo uma coisa pode converter-se naquilo que já é e tinha sido e é antes daquela conversão, e de que modo o pão deixa em absoluto de existir e, contudo, não é aniquilado, e de que modo os acidentes podem

existir sem sujeito, e de que modo pode o homem transportar e levantar tão facilmente corpo tão grande com dois dedos como se nele não houvesse peso algum, e de que modo os acidentes podem mudar e da não substância criar-se a substância, e de que modo pode tão rapidamente, ou seja, num instante, descer do céu, e de que modo, a partir deles, ser aí criada nova carne ou novo sangue. Tudo isto os vossos demonstram possível e é realmente possível, porque só é nada e impossível o que encerra contradição. Mas discutamos as razões deles para que também ele saiba quais são as boas e quais não são. Pois, aduzem armas, não com que ataquem, mas com que defendam aquilo em que acreditam. E toda a dificuldade consiste em os filósofos dizerem que há muita coisa impossível que os teólogos dizem que é possível, e desmontam as razões dos filósofos, mas não podem demonstrar-lhes a possibilidade dessas verdades pelo facto de os filósofos não aceitarem os princípios dos quais decorrem aquelas coisas que, todavia, são conformes com a razão. Os filósofos, de facto, negam que Deus, só, possa tudo que pode com outras causas eficientes, e negam que aja como quer e como livremente lhe agrada, e muitas coisas do género, como, que seja onipotente aquele que pudesse tudo que não encerra contradição.

Quanto, pois, à primeira maravilha, como é possível que dois corpos coexistam, digo-te, bom homem, e entende como puderes e regista fielmente, que a coexistência de dois corpos pode entender-se de dois modos.

De um modo, que um e outro estejam no mesmo lugar e em todo ele, como, no lugar em que tu estás agora, sem que tu saias, esteja outro homem igual a ti, e que esse lugar circunscreva e delimite cada um de vós e cada um de vós coincida em todos os pontos com a superfície desse lugar que o delimita e circunscreve, e esteja de forma visível no lugar de modo tal que cada um de vós possa não só ser agente activo e agente passivo, mover e ser movido. De outro modo, que um corpo esteja num lugar de modo quantitativo e palpável, coincidindo em todos os pontos com a circunferência do corpo que o delimita, enquanto outro lá esteja sem modo

quantitativo, não co-extenso às partes do lugar que o delimita, mas esteja no lugar não localmente, isto é, não ocupando lugar, mas tendo presença simples, todavia, real, do mesmo modo que a tem um anjo presente no mesmo lugar em que está outro corpo. E, de acordo com esta segunda modalidade, está aqui o corpo do Senhor com os acidentes do pão. Efectivamente, os acidentes do pão, num lugar, são extensivos às partes do lugar e localmente, porque ocupam o lugar e são circunscritos pelo lugar. Porém, o corpo do Senhor está aí sem modo quantitativo, porque não extensivo às partes do lugar, como se uma parte sua correspondesse a uma parte do lugar e outra a outra, mas estão sem relação alguma com o lugar. Não é impossível, porém, que vários corpos estejam num lugar sem coincidência com o lugar ou um ocupando o lugar, enquanto o outro o não ocupa. A razão reside em que toda [fl. 134] a incompatibilidade parece provir de que, ocupando um deles e, deste modo, enchendo o lugar, não pode o outro, nesse momento, ocupá-lo e enchê-lo. Se, por consequência, nenhum deles enche e ocupa ou se apenas um deles enche, o outro não, não há incompatibilidade alguma.

Que, além disso, possa um corpo estar sem relação alguma com o lugar, prova-se deste modo: todo o anterior a outro, separável dele, pode existir sem ele. Esta regra deve ser levada em linha de conta, porque muita coisa difícil se tornará clara, uma vez ela aceite. A verdade desta regra é evidente, pois o anterior não depende do posterior. E se é separável e distinto dele, a saber, do seu posterior, tendo uma existência distinta dele, porque não há-de poder ser separado, pelo menos, pela Primeira Potência e Suprema Força, que é Deus? Se, de facto, dele não pudesse ser separado por força nenhuma, como seria anterior a ele e dele separável? A regra, portanto, é verdadeira.

Deve agora demonstrar-se que o corpo existe antes de estar no lugar e é separável do lugar, tendo uma existência distinta da existência do lugar. O que se demonstra deste modo: Se a existência do corpo não fosse distinta da do lugar que o contém, seguir-se-ia que, surgido o corpo, se seguiria o lugar que o contém, o que é falso, porque o primeiro corpo é celeste e, no

entanto, não se segue o lugar que o contém e o delimita, porque então não seria primeiro corpo. Não é, portanto, a mesma coisa o corpo e o seu lugar, mas são duas coisas. E o corpo é uma realidade anterior ao seu lugar, isto é, a ser posto no lugar. Então, se o corpo é uma coisa distinta do lugar e é anterior ao lugar, é, portanto, separável dele. E, assim, por uma qualquer força, poderá surgir um corpo e, todavia, não surgir essa relação que é estar num lugar. Logo, o corpo do Senhor está aí desse modo, porque sem relação alguma com o lugar, porque nem é rodeado pelo lugar, nem se co-estende às partes do lugar, nem ocupa ou enche o lugar. Tem somente uma relação nova, ou seja, de presencialidade real, porque está realmente presente nos acidentes. Na verdade, tudo o que é rodeado pelo lugar, e tudo o que é co-extensivo ao lugar, e tudo o que enche e ocupa o lugar, está presente no lugar. Contudo, nem tudo o que está presente no lugar enche o lugar e é circunscrito pelo lugar, como é claro relativamente a nós anjos, que estamos presentes junto de vós e das coisas sensíveis e, todavia, não nos co-estendemos a elas. Porque, pois, a presença é anterior à ocupação e à delimitação e é uma realidade distinta, como fica claro, porque, como disse, nós estamos presentes sem delimitação, poderá, portanto, a referida presença verificar-se sem nenhuma delimitação e ocupação. E se junto ao Céu Empíreo se colocasse um corpo, aquele estar-lhe-ia presente e, contudo, não delimitaria, nem seria delimitado.

Isto, pois, faz Deus neste sacramento, dá ao seu corpo uma nova presença sem aquilo que costuma naturalmente acompanhar essa presença, como a co-extensão, a ocupação e a delimitação. Esta explicação demonstra convenientemente essa possibilidade. De facto, não vingam aquelas outras que dizem que, por isso, está aí com outro corpo, porque essa mudança se dá apenas em ordem à substância do corpo, não na quantidade desse mesmo corpo. Do mesmo modo, porém, não repugna ao corpo de Cristo estar com esses acidentes, porque essa substância, de si, não ocupa ou enche o lugar.

**[fl. 135]**

Porque, pois, a quantidade do corpo de Cristo não está aí por essa

conversão, mas só concomitantemente, por isso lhe não repugnará estar com outro corpo. Assim afirmam, mas esta explicação é claramente desmentida pelos vossos porque, de qualquer maneira que seja que ali chegue a quantidade do corpo de Cristo, ou imediata ou mediata, está aí realmente uma vez por todas. Como estará, pois, em simultâneo com outra quantidade? Não basta dizer que a quantidade não chega primeiro nem imediatamente, por isso pode estar com outra quantidade. Abandonemos esta explicação, fiquemos com aquela anterior, pela qual é claro que, da mesma maneira, poderá um corpo grande estar com um corpo pequeno. Pois, se um corpo grande não pode ser circunscrito por um pequeno nem comensurar-se com ele, pode, todavia, um corpo grande estar presente com um corpo pequeno. Portanto, o corpo de Cristo está presente naqueles acidentes, mas não lhes é co-extensivo ou comensurado por eles, isto é, que a cabeça de Cristo esteja na cabeça da hóstia, e o pé no pé, e a mão neste lado, e o peito no meio. E embora o corpo do Senhor esteja presente somente naqueles acidentes, é, contudo, maior do que eles e desigual em relação a eles.

Outros de entre vós demonstram que um corpo maior pode estar com um menor deste modo: uma parte de um corpo penetra na outra. Em suma, qualquer partícula que seja de um corpo, ainda que mínima, penetra a outra e, assim, onde está uma, estão aí todas as outras. E dado que a uma pequena parte do corpo do Senhor não repugna estar com a hóstia, e todas as suas outras partes a penetram, por isso todo o corpo estará com essa hóstia ou com esses acidentes do pão. Mas essa opinião, se a entendem de modo que uma parte do corpo esteja na outra, aniquila e destrói a elegantíssima figura do corpo e não esclarece como pode uma parte penetrar a outra. E, assim, o nó da dificuldade não é desatado. Mas, se se entender que as partes do corpo são distintas e uma fora da outra, de modo que a aparência do corpo se não destrua, ainda que todas as partes do corpo digam simultaneamente respeito ao mesmo lugar, de tal forma que todas as outras partes se relacionem com aquele lugar com que se relaciona uma pequena parte do

corpo do Senhor, de modo que as partes sejam entre si distintas, mas indistintas em relação ao lugar, de forma que, assim como dois corpos podem estar simultaneamente, assim também estejam em simultâneo duas e até três e todas as partes desse corpo, aceite isto, pergunto, ou pretendem que todas as partes estejam circunscritas pelo mesmo lugar e no mesmo lugar existam sensivelmente, ou pretendem que nenhuma lá esteja sensivelmente nem por delimitação, mas estejam lá segundo o modo não quantitativo ou co-extensivo. E se entendem desta segunda maneira, então dizem o mesmo que nós dizemos, que o corpo do Senhor está lá todo presente naqueles acidentes, mas não co-extensivo com eles. Se, porém, entendem da primeira maneira, enganam-se, porque nenhuma parte do corpo do Senhor aí está sensivelmente ou circunscrita.

Mas falta esclarecer se isto é possível, que dois corpos estejam no mesmo lugar, cada um deles de modo quantitativo porque cada um co-extensivo e circunscrito e localmente presente no lugar, que é o mesmo, como os vossos defendem do corpo [fl. 136] glorioso que penetrará e coexistirá com um corpo não glorioso igual a si, não menor. E, neste ponto, a dificuldade parece mais manifesta, que dois corpos estejam sensivelmente em simultâneo, cada um co-extensivo às partes do lugar. Isso, todavia, parece possível também aos vossos. Embora a vossa imaginação o recuse, mostra-o claramente a razão, se quiserdes pensar.

O que é realmente estar num lugar? Estar num lugar é, de facto, estar delimitado pelo lugar e co-estender-se ao lugar e às suas partes. O delimitar-se e, do mesmo modo, o co-estender-se é, realmente, uma certa relação que advém ao corpo. Primeiro, registai isto. Depois, atendei a que um estar limitado não é contrário ou oposto a outro, porque são da mesma espécie. Não se opõem, portanto, como o branco e o preto. Pensai, em terceiro lugar, que, quando se diz que dois corpos estão em simultâneo, não se diz que as duas delimitações estejam no corpo e, assim, que as duas são incompatíveis, não entre si, mas em razão do sujeito, porque não podem existir no mesmo sujeito, do mesmo modo que duas brancuras não podem existir na mesma

superfície. Esta dificuldade é afastada porque aí não há dois onde ou dois delimitar-se ou dois co-estender-se num sujeito, mas uma co-extensão está num corpo, outra noutro. Não há, portanto, incompatibilidade nestas duas co-extensões ou delimitações, nem em razão delas mesmas, em si, porque são da mesma natureza, nem em razão do sujeito, porque não estão ambas num só sujeito. Que resta, pois? Atendei, em quarto lugar, a que, naturalmente falando, um circunscrever-se se termina junto a um lugar circunscrevente, e um co-estender-se, junto ao lugar a que se co-estende, e outro circunscrever-se e outro co-estender-se se terminam junto a outro lugar circunscrevente e co-extensivo. Pois se dois circunscrever-se ou dois circunscritos podem terminar-se junto a um lugar circunscrevente, então poderiam dois corpos estar ao mesmo tempo no mesmo lugar, isto é, poderiam dois corpos ser circunscritos pelo mesmo circunscrevente.

Vejam os que é isto que estamos a dizer. É este o sentido: duas relações ou duas delimitações existentes em dois corpos não podem terminar-se junto do mesmo limite. Isto afigura-se ser falso, porque duas semelhanças existentes em duas brancuras, e duas igualdades existentes em duas quantidades terminam-se junto da mesma brancura e de uma e da mesma quantidade. Porém, dois são iguais a um terceiro e dois são iguais a um outro terceiro. Isto equivale, pois, a dizer: dois corpos estão num único lugar. O que é dizer: duas delimitações terminam-se junto a um terceiro. Isto capta-o a razão e, conseqüentemente, abrange também aquilo. E, assim, o que para a imaginação humana era extremamente difícil, mostra-se fácil à razão. Pode isto traduzir-se também de outro modo, aceite esta regra: é possível multiplicar-se o segundo que seja uma realidade distinta, sem multiplicar o primeiro, mas mantendo-se o mesmo. Esta regra é conforme à razão, porque não há inconveniência em que também a quantidade, com muitas qualidades (sabor, gosto, cor), seja uma substância, pelo contrário, é [fl. 137] realmente assim. Do mesmo modo, não há inconveniência, mas é possível que exista uma brancura com muitas semelhanças. Pois, a brancura existe primeiro que a semelhança e é distinta da semelhança. Poderá, portanto,

acontecer que haja muitas semelhanças e uma brancura ou substância, conforme dizem os filósofos, que põem numa brancura tantas semelhanças quantas existem fora dela. A regra é evidente e não pode ser negada senão por aqueles que dizem que dois acidentes da mesma espécie não podem estar ao mesmo tempo no mesmo sujeito. Esta opinião foi completamente rejeitada pelos vossos.

Digamos então, a superfície côncava existe antes de circunscrever o corpo e é distinta do corpo circunscrito. É claro que os corpos circunscritos vêm e vão, enquanto a superfície de qualquer recipiente se mantém a mesma. Se, portanto, a superfície de qualquer vaso existe antes de rodear e encerrar um determinado corpo e é distinta desse corpo e desse contorno, porque não podemos entender que haja uma superfície e duas delimitações baseadas nela e terminadas junto a dois corpos circunscritos? E é isto que é estarem dois corpos em simultâneo no mesmo lugar, que é ter uma superfície várias delimitações relativamente a dois corpos circunscritos. Se estas razões provam suficientemente, deixo-o ao juízo desse Pastor, nesse tempo. É certo que, se estarem dois corpos em simultâneo não fosse senão haver duas relações na mesma superfície, como conclui este segundo raciocínio, ou fosse este raciocínio: que duas relações existentes em dois corpos se terminam junto da mesma superfície continente, isso entender-se-ia facilmente. Ma há outra dificuldade a que eles fogem e nem a querem enfrentar, porque não sabem resolvê-la, e é esta: se nada existisse entre os lados de um vaso receptor, então entre esses lados existiria o vazio. Logo, o corpo colocado entre os lados faz que entre os lados haja um pleno e não o vazio. Portanto, o corpo circunscrito faz que os lados do vaso receptor estejam afastados e enche-os, tocando-os totalmente em todos os pontos. E esse corpo enche completamente e faz que os lados distem completamente um do outro. Se, portanto, no mesmo espaço se pusesse outro corpo, também esse encheria totalmente e faria que os lados do vaso receptor distassem um do outro. Isto, porém, é impossível e envolve contradição. Pois, se um corpo ocupa totalmente um lugar e totalmente o

enche, de modo nenhum poderá outro enchê-lo ou ocupá-lo porque, se fosse colocado, também o outro corpo encheria o lugar. Logo, ou o encherá totalmente ou em parte. Se totalmente, logo, o corpo que enchia totalmente de modo nenhum enche. Portanto, saiu do lugar ou, se aí se mantém e de modo nenhum enche e de parte alguma ocupa, segue-se que, ao mesmo tempo, ocupará totalmente e de parte nenhuma ocupará. Aí se vê uma clara contradição. Mas se se puser esse outro corpo a encher em parte o lugar, lugar que está já cheio com outro corpo, então o primeiro corpo não enchia totalmente e, assim, haverá uma absoluta contradição. Portanto, se um corpo não encher, pode outro, simultaneamente, encher, a menos que este encha uma parte, aquele a outra. Mas estar num lugar localmente e de modo quantitativo é encher e ocupar o lugar [fl. 138] e fazer que os seus lados distem, tocando-os de todos os pontos. E, assim, dois corpos não podem estar simultaneamente num lugar, porque então um e outro enchê-lo-iam totalmente e, deste modo, nem um nem outro encheria. Mas não há inconveniente em que um e outro estejam no lugar sem encher o lugar e de modo não quantitativo porque não co-estendendo as suas partes às partes do lugar. E também nenhum inconveniente há se um estiver no lugar de modo natural e quantitativo e outro não localmente, e até muitos outros simultaneamente com ele não localmente. De facto, um corpo está presente antes de se co-estender e antes de encher ou ocupar. E a presença do corpo é como que a causa dessa implecção, comensuração e ocupação.

Portanto, Deus pode manter a presença de um corpo num lugar sem essa implecção, como pode manter o calor sem calefação, mesmo existindo e estando próxima a fonte do aquecimento, como fez na fornalha ardente dos três jovens.<sup>[179]</sup> Se, pois, um corpo glorioso estiver com outro corpo, será imperioso que um deles aí esteja não localmente. Poder um corpo glorioso, pelo dom da subtilidade, tornar-se presente num lugar em que outro corpo está, será devido ao poder de Deus, não de qualquer qualidade criada, como alguns sonham. É este o dedo de Deus. Os que, porém, afirmaram que o dom da subtilidade retira a densidade ao corpo andaram

bem, entendendo, deste modo, que Deus concede ao corpo que assim tem os méritos dessa alma que, quando quiser, possa estar com um corpo não glorioso sem modo quantitativo. Isto é retirar a densidade, ou seja, fazer que o próprio *quantum* exista sem modo quantitativo. Mas alguém que está conosco, da mesma Ordem, argumenta contra aquele da sua Ordem que disse que o dom da subtilidade retira a densidade ao corpo glorioso. E argumenta deste modo: Onde está um corpo glorioso, aí está um corpo sensível. E onde está um corpo sensível, aí está um lugar cheio, porque é insensato dizer que o lugar em que está um corpo sensível esteja vazio. Portanto, se o lugar está cheio, segue-se que um corpo glorioso enche um lugar e tem densidade, porque de outro modo não encheria, nem ocuparia o lugar.

Nós, que por muitos anos nos entregámos ao estudo da teologia (e ao dizer isto sorriu-se), respondemos deste modo: um corpo glorioso é um corpo sensível. Nem sempre, contudo, é sentido. Daí que, quando está com outro corpo não quantitativamente, então não é sentido, mas noutras ocasiões é sentido. Atende ao que digo e escreve: um corpo glorioso é um corpo sensível e, quando está num lugar impletivamente, então, naturalmente, pode ser sentido, porque pode transferir a imagem da sua cor para os sentidos circunstantes. Quando, porém, está num lugar não impletivamente, então, naturalmente, não pode ser sentido porque, ao estar desse modo, não pode transferir a imagem da sua cor através do meio para os olhos circunstantes, porque não está nesse meio como num lugar a que se estenda. Pela sua virtude, pode Deus, todavia, fazer que essas imagens passem encadeadamente para os olhos dos circunstantes e, assim, aquele corpo poderá ser visto. Mas se, momentaneamente, os corpos gloriosos não fossem vistos, **[fl. 139]** a saber, quando estão com outros corpos? Efectivamente, no Céu Empíreo serão vistos e estarão em seus distintos lugares e não com outro corpo, como te disse quando te falei deste Céu. Um corpo glorioso, portanto, não carece, em si, de densidade, mas quando está com outro corpo comporta-se como não tendo densidade, pelo que

não enche o lugar. Quando, pois, Cristo nasceu, ao sair do útero, para não abrir a clausura do útero virginal (na verdade saiu pela porta fechada), esteve em simultâneo com a carne da Virgem Mãe. Mas, enquanto estava no útero, esteve no lugar de modo quantitativo e, ao sair, até chegar à saída virginal, estava sempre no lugar, como as outras crianças, e saía por acção da mesma força e era dado à luz pelo mesmo lugar que as outras crianças. Mas, quando esteve em simultâneo com a carne da Mãe, a sua alma moveu então aquele corpo com um movimento que não é orgânico, do mesmo modo que pode mover-se por si mesmo no sacramento e até pode mover também o próprio sacramento. Portanto, a Mãe fê-lo sair por acção própria até esse lugar. Quando estava no lugar não localmente, então, pelo concurso de especial virtude de Deus e da alma desse Menino, derramou no mundo a Luz Eterna, Jesus Cristo, nosso Senhor. Fica a saber também que Deus concede ao corpo glorioso poder ser reduzido a qualquer figura e quantidade que não seja incompatível com um corpo orgânico. E essa figura ou quantidade não é causada num corpo por qualquer excessiva perturbação, como o rarefazer-se pelo excessivo calor e o condensar-se pelo frio excessivo, mas pela acção divina. Daí, poderem esses corpos passar por lugares muito mais apertados do que os vossos corpos. E isto pode ser concedido a qualquer corpo, mesmo não glorioso.

Discutamos agora como pode um corpo estar em vários lugares. E há uma explicação daqueles que dizem que isto pode acontecer quando alguma coisa se converte num dado corpo de modo diferente do que sucede neste sacramento em que o pão se converte no corpo do Senhor. Esta explicação não colhe porque, como já te disse, nada do pão se converte no corpo do Senhor. De que serve então o poder de Deus para que possa com esta conversão, não possa sem esta conversão? Acaso a presença do pão impede o seu poder e a ausência do pão o favorece e lho confere? Não, certamente. Assim, pois, como o corpo do Senhor começa a estar com os acidentes do pão, por acção divina, assim também por essa mesma acção pode estar e

começar a estar com o próprio pão. Daí que deva conceder-se em absoluto que, por acção divina, possa um corpo estar simultaneamente em vários lugares não só de modo quantitativo como não quantitativo, mantendo-se a verdade da regra acima formulada, a saber, que uma coisa anterior, que seja distinta de uma coisa posterior, possa manter-se a mesma, multiplicada e plurificada a coisa posterior. Mas o corpo, em si, é uma realidade anterior ao estar presente nesse lugar e ao encher o lugar. É manifesto que não estaria presente nem encheria se não se entendesse que primeiro existia e é uma realidade distinta. É manifesto que, mantendo-se essa realidade, essa presença e implecção pode perder-se. Segue-se que Deus pode fazer que, mantendo-se o mesmo corpo, se multiplique a sua presença e a sua implecção. Quando, pois, enche, está então no lugar natural e sensivelmente. Quando apenas está presente, como no sacramento, então está no lugar não local nem sensivelmente. Nem tornar um corpo presente em vários lugares sensivelmente tem mais clara dificuldade do que torná-lo presente em vários lugares insensivelmente, pelo contrário, este segundo afigura-se mais difícil ao pensamento do que se estivesse em vários lugares e não localmente. Aqui, na verdade, há duas dificuldades, isto é, estar em vários lugares e, segunda, **[fl. 140]** estar num lugar não localmente. Num caso há apenas uma dificuldade, ou seja, estar em vários lugares. Podeis, não sem razão, admirar-vos como alguns sábios concedem que um corpo possa estar em vários lugares não localmente e não possa estar em vários lugares localmente. E todas as suas razões e todos os inconvenientes que aduzem podem facilmente desmontar-se, e estão desmontados, e até poderiam concluir contra a pluralidade dos lugares em que se põe o corpo do Senhor não localmente. Com esta restrição, que, ao existir dessa maneira, não está no lugar localmente. Contudo, as suas presenças são multiplicadas. E uma vez que os vossos discutiram muito isto, passo à frente, porque aquele em favor de quem fazemos estas coisas as encontrará também nos vossos livros.

No que se refere à quarta dificuldade, mostrámos atrás suficientemente o que seja essa conversão. Bem entendido isso, nenhuma dificuldade há em

compreender que algo possa converter-se em alguma coisa preexistente. Mas há que ver aqui uma coisa, se, evidentemente, se poderia manter aquela convicção que assim proclama esta conversão. Diz, na verdade, que Deus pode agir sobre a matéria-prima, enquanto é anterior a toda a forma, de modo a atingi-la em si, despida de acidentes. E isto é claro. Diz, depois, que a matéria, tomada assim despida, é absolutamente distinta em si. Diz, em terceiro lugar, que, assim como Deus pode fazer voltar a mesma matéria à forma destruída, pode também fazer voltar a mesma forma a uma qualquer matéria, por exemplo, pode fazer voltar, neste caso, a alma de Cristo à matéria deste, daquele e de qualquer outro pão, sem a fazer sair do seu corpo. E, assim, a alma do Senhor poderá enformar várias matérias ao mesmo tempo. Diz, em quarto lugar, que ao mesmo número de formas se segue o mesmo número de matérias, isto é, naquilo em que existe uma forma, aí existe uma matéria, porque as matérias distinguem-se pelas formas. Mas a alma de Cristo é uma em razão da forma e está na matéria do seu corpo e na matéria do pão. E, assim, estas matérias são uma única matéria. Onde, portanto, há uma forma e uma matéria, há um corpo.

Mas esta opinião foi rejeitada pelos vossos, e bem, porque a matéria do pão, tomada mesmo nuamente, é uma porção de matéria distinta da que está no corpo de Cristo e da que está em outro pão. Por esta razão, se se introduzir a mesma forma na matéria nua do pão, esta porção de matéria não será, por isso, a outra porção. E, deste modo, este corpo não será em absoluto aquele corpo. Além disso, não basta que a alma se una a esta matéria, mas é necessário que associe a si a forma da carne, dos ossos e dos nervos. Na verdade, a alma não é a forma que imediatamente aperfeiçoa a matéria, mas pressupõe outras formas perfectíveis por intermédio daquela que é a forma do corpo orgânico que tende para a vida, não que se afaste da vida, porque naturalmente acontece que nunca o corpo orgânico que tende para a vida permanece sem alma por algum tempo. Quando, contudo, se afasta da vida, então o corpo orgânico permanece por tempo limitado sem alma. Se também a matéria do pão permanece, como poderá dizer-se

que todo o pão foi transubstanciado, uma vez que algo da sua substância se manteve? E como se poderá salvar que a alma de Cristo não foi mudada, ela que começou a ser a forma desta matéria que antes não enformava? E como se salvará que do pão nada ficou no corpo do Senhor? E, se se disser que essa matéria é absolutamente a mesma com a matéria do corpo de Cristo, então a alma de Cristo não é induzida nela, porque foi já induzida. **[fl. 141]** Uma vez, pois, que foi induzida há muito tempo, induz-se agora naquilo em que já está? Isto não é compreensível.

Ouve, pois, e escreve que esta transubstanciação não é senão, como te disse, a transferência de substâncias pelo divino poder, para que o corpo de Cristo, alimento da alma, esteja onde estava o pão, alimento do corpo, visto que o corpo de Cristo é também pão, porque pelo nome de pão se pode entender todo o alimento. Porque, pois, o corpo de Cristo é alimento, é, por isso, também pão. E porque é alimento da alma, é, por isso, pão espiritual. E dado que pela virtude deste pão se chega ao reino celeste, é, por isso, pão celeste. E visto que está ligado ao Filho do Pai que está no Céu, é, por isso, o pão que desceu do Céu. E uma vez que está unido àquele que é o único que vive eternamente e, pela sua recepção, vivifica os homens pela graça para a glória, é, por isso, o pão vivo, como ele mesmo dizia: *Quem comer deste pão viverá para sempre.*<sup>[180]</sup> E porque alimenta, não como o pão do corpo para a vida mortal, mas para a imortal, e não aumenta o ventre, mas o espírito, é, por isso, pão verdadeiro. De facto, aquilo que conforta por um instante, não conforta verdadeiramente. Conforta, por outro lado, verdadeiramente, aquilo que conforta para sempre.

Sobre o quinto, a saber, de que modo o pão não é aniquilado, foi dito o suficiente. E podem aduzir-se três razões. A primeira é que, quando a alguma coisa sucede algo melhor, não se considera que haja sido destruída, como também dizem os vossos filósofos quando da água se faz ar, que, nesse caso, há geração e não corrupção. Quando, realmente, do ar se faz terra ou água, então há corrupção. Assim, neste caso, se onde deixa de estar o corpo de Cristo começasse a lá estar o pão, nesse caso o corpo de Cristo

teria sido aniquilado, porque lhe teria sucedido não uma coisa melhor, mas o pior. Assim, neste caso, uma vez que ao pão sucede o melhor, o pão não é destruído. Não porque alguma coisa dele permaneceu, mas porque lhe sucedeu uma melhor. E segundo este modo de falar, para que alguma coisa seja aniquilada não basta que nada de si permaneça, mas exige-se que lhe não suceda nada de melhor. A segunda razão é que este pão não foi aniquilado, porque se mantiveram os seus acidentes, pelos quais era enformado e está apto a ser enformado. A terceira razão é que, mesmo se o pão deixasse totalmente de existir a ponto de também os acidentes deixarem de existir juntamente consigo, não deixaria, contudo, de existir a razão desta conversão, como dissemos.

Vejamos algo sobre a sexta maravilha, como podem os acidentes existir sem sujeito algum. Alguns dos teólogos que conosco fruem de Deus acreditaram que os acidentes teriam o mesmo ser que tem o seu sujeito, e não consideravam que a essência ou natureza de alguma coisa não é mais do que o seu ser. E o ser de uma coisa não é mais do que a natureza da própria coisa, de tal modo que o ser não acrescenta ao homem ou à natureza humana senão a relação com a causa, isto é, que apenas dizemos que existe aquilo que foi produzido nessa coisa, ou melhor, diz-se que existe aquela natureza cuja essência está fora da causa e fora do intelecto. [fl. 142] Daí que o ser do homem não seja senão este corpo unir-se a esta forma. Esta união dá-se fora do intelecto e fora da causa. De facto, diz-se que uma coisa está na sua causa como o filho nos rins de seu pai e na mente, por semelhança de si. Portanto, quando está fora da mente e fora da causa, diz-se que tem o ser simples e absolutamente. Se, pois, fosse o mesmo o ser do sujeito, isto é, da substância, e o do acidente, seguir-se-ia que seria a mesma a essência e a natureza da substância e a do acidente, o que é falso. Dizem, por isso, alguns que, destruída a substância se destrui o seu ser e, deste modo, se destrui também o ser do acidente. Daí que o ser da totalidade da substância seja de algum modo o ser do acidente, porque o ser da substância não convém aos acidentes primariamente, mas por consequência. Destruída,

portanto, a substância, deveria destruir-se o acidente. Mas este não se destrui, porque Deus dá ao acidente um novo ser por intermédio do qual está então sem substância. E porque foi um amigo nosso que afirmou estas coisas, poderiam elas também ser expostas para sua honra. Todavia, aquele que isto avançou, a quem a nossa Rainha muito ama, porque foi o primeiro que com denodo publicamente a defendeu, acrescentou apenas aquilo que podia ser censurado, não aquilo que pode ser recomendado. E não sem razão. Na verdade, as boas razões sacrificam-se, enquanto boas, as más ou menos boas retomam-se para serem ultrapassadas. Porém, esse doutor, também devoto da Virgem, que algumas vezes dela disse e sentiu o mesmo em seu coração, embora com receio, não fosse acaso chocar com a fé aquilo que não chocava, ele que presentemente se não alegra menos com a vitória dela, e até desejou sempre essa vitória, aduz outras razões, de que modo seja possível que os acidentes se mantenham sem a substância. E é esta a sua explicação: que quanto pode fazer a causa segunda ou a primeira por intermédio da segunda, pode fazê-lo a primeira sozinha. E se alguns filósofos vierem a negar isto, é, todavia, verdadeiro e por muitos concedido, e, acredita em mim, deve por todos ser concedido, porque a primeira causa não necessita da virtude da causa segunda. Pois, a ser assim, Deus não seria a Suma e Perfeitíssima Realidade *in se*, se necessitasse de outra realidade diferente de si. Se, portanto, os acidentes persistem conservando-os essa substância criada, porque não poderão manter-se conservando-os só Deus que, só, pode tudo o que pode outro ou ele com outro? E esta explicação basta, naquela parte em que se diz que os acidentes são conservados pela substância ou dimanam dela. Enquanto, porém, a substância é sujeito e causa material dos acidentes, ainda não há impossibilidade alguma de que estejam sem substância. Isto é manifesto, pressuposta a regra acima referida: “Todo o anterior a outro, se é uma realidade distinta dele, pode conservar-se sem ele”. Mas o acidente, como a brancura ou a superfície, é algo em si antes de aderir ao sujeito. Na verdade, não se pode entender que adira e que não se conceba previamente aquilo que adere. E a brancura é uma coisa

distinta da adesão, porque a brancura é qualidade, aderir é relação. Poderá, portanto, a brancura ser também uma linha e, contudo, não aderir a qualquer substância, e isto por aquela Força a quem nada é impossível.

O acidente, como provámos, pode existir sem sujeito. Aqueles, pois, que dizem que Deus dá aos acidentes uma espécie de força sobrenatural pela qual podem existir *per se* e separadamente, se pensam numa qualquer força, ou seja, numa forma sobrenatural neles impressa, não ajuízam bem porque, assim como se não pode dar à substância forma alguma para que [fl. 143] adira ao sujeito, assim também se não dá ao acidente para que subsista *per se* ou para que seja substância. Se, porém, entendem que ao acidente se conceda, por uma força sobrenatural de Deus, a possibilidade de existir sem sujeito, não que seja substância, mas que exista separado dela, está certo e falam correctamente.

Sobre a sétima maravilha foi suficientemente afirmado que vós não moveis nem elevais o corpo do Senhor, mas se move por força do próprio Cristo, em função de um pacto, isto é, porque fez convosco uma aliança para que, onde quer que puserdes os acidentes, aí lhes fará ele presente o seu corpo e o seu sangue. Daí que vós não o moveis *per se* nem propriamente *per accidens*, mas muito impropriamente *per accidens*, porque apenas pelo beneplácito da vontade divina se transfere deste modo.

Muito, e quanto baste, foi dito antes também sobre a oitava maravilha. E rejeitem-se os que expõem de outro modo.

Relativamente à nona, é claro que não passa pelo meio, nem perde o lugar natural e adquire outro não local. De modo semelhante, permanecendo com estes acidentes, começa a ser com outros. Plurificam-se as presenças, mantendo-se o mesmo corpo.

Diz-se sobre a décima que, por vezes, para consolação dos homens, Deus converte os acidentes em carne, que está no lugar localmente do mesmo modo que estavam os acidentes, e por vezes em sangue. E, todavia, essa carne não é a carne de Cristo, nem esse sangue o sangue de Cristo. Mas foi dito como destes acidentes se cria a substância. E não deve dizer-se que

aparece aí a carne e não é carne, porque em muitos locais, entre vós, essa carne e esse sangue permanecem e ainda são mostrados. Nunca, contudo, criou ou formou um menino que fosse realmente um menino da espécie humana.

Tudo, pois, que se afigura e é digno de admiração, é possível e muito fácil ao poder divino. Nada lhe é difícil nem, por consequência, mais difícil. Muitas são neste sacramento as maravilhas que nós, anjos, olhamos também com admiração. Glorifiquemos a Deus todo-poderoso.

E enquanto Gabriel me expunha tudo isto, ouvi de repente a voz de muitos anjos que, perante Deus, entoavam este cântico, assim começando Miguel, o príncipe:

Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?

Apareceste-nos grande quando do nada tudo criaste,

Foi imensa aquela força que fez carne o Verbo de Deus.

É grande, ó Deus, o teu poder, é infinita a tua sabedoria.

Louvamos-te e exaltamos-te, glorificamos-te e enaltecemos-te.

Bem-aventurados nós que te amámos e as sugestões de Lúcifer desprezámos,

Adoramos-te para sempre, glorificamos-te eternamente.

Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?

Que, pelo homem, assumiste a humanidade e, por ele, a depuseste;

Que sempre os teus amaste e, no fim, inexcedível amor lhes manifestaste.

Preparaste lautíssima Ceia e mostraste-nos coisas admiráveis,

Na qual, com os apóstolos, também nós participámos e teu poder contemplámos.

[fl. 144] Vimos coisas maravilhosas e ignoradas e exaltámos-te a ti, nosso Deus,

Louvamos-te sem cessar e glorificamos-te para sempre.

Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?

Estava sentado com seus discípulos, nas mãos veneráveis segurava o pão,

Aos céus elevava os olhos, ao Pai onipotente graças dava,  
Depois fixou o pão e em voz alta disse:  
“Torne-se o pão terrestre em pão do céu, em alimento espiritual o  
alimento do corpo.

Mude-se o pão do suor e da maldição em pão de sossego e bênção”.  
Ele ordenou e tudo foi criado. Então disse e fez-se.  
Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?  
Pronunciadas essas palavras, isto vimos em nossas mentes,  
O pão a afastar-se dali, aproximar-se sem movimento o corpo do Senhor,  
O pão a deixar de ser, todos os acidentes a íntegros se manterem.  
Desatou-se o forte vínculo, rompeu-se a admirável ligação.  
Vimos a um tempo o Cristo total com aqueles acidentes  
Vestido, sentava-se o ínclito Rei e, sem vestes, se tinha a si mesmo nas  
mãos.

Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?  
Estava nos acidentes todo presente e nem o lugar o escondia.  
Com o pequeno permanecia o Grande e não era co-extensivo ao lugar.  
Assistíamos e admirávamos, estávamos maravilhados e venerávamos.  
Partia aqueles acidentes, estava todo em cada partícula,  
A cada um se dava todo e pela própria mão se oferecia.  
“Toma e come” a cada um dizia, “isto é o meu corpo” afirmava.  
Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?  
Tomou o cálice do vinho com água, nas veneráveis mãos o estreitou,  
Elevou os olhos ao alto, ao Pai onipotente deu de novo graças.  
Logo fixou o cálice e, em voz alta, disse:  
“Mude-se o vinho da videira terrestre no sangue da videira celeste,  
A bebida que alegra o coração, na bebida que vivifica a alma”.  
Disse e fez-se, mandou e converteu-se.  
Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?  
Proferidas aquelas palavras, logo foi presente o sangue todo de Deus.  
Segurou o corpo em que estava e a alma não abandonou o seu lugar.

Mas primeiro retirou-se o vinho, logo o sangue chegou.  
O vinho deixou de ser, íntegro se manteve o seu acidente.  
Estava aí o Cristo todo e o acidente do vinho permaneceu.  
Os acidentes do vinho aí estavam e a nenhuma substância se ligavam.  
Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?  
Dos acidentes tomava mais um do que outro, mas a si todo o Cristo levava.

Dava a cada um do cálice, a todos assim dizia:

“Toma e bebe, este é o cálice do meu sangue, vê,

Está agora no cálice e no corpo, já por vós se derramará.

Dos pecados, o perdão recebereis, e em toda a virtude crescereis.

Dará forças para que vós não caiais e, caindo, mais depressa ressurgais”.

[fl. 145] Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti.

Da flor do trigo alimentaste os homens, saciaste-os com o pão dos anjos.

Fizeste os discípulos sacerdotes, quando assim lhes falaste:

“Isto que eu agora fiz, em minha memória o fareis”.

Ouvimos Pedro dizer: isto os homens não podem fazer.

Respondeste-lhe tu e disseste que criatura alguma o pode fazer.

Só Deus fazer pôde essa maravilha, nenhuma criatura o pôde algum dia.

Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?

Na presença de todos a Pedro instruíste, mas primeiro sua pergunta aguardaste:

“Se nós não podemos isto fazer, porque ordenas, sapiente mestre, que o façamos?”

Respondeste: “Mas vós fareis o que podeis. O que vós não puderdes eu completarei,

Em vossas mãos, o pão tomareis e, tomado o pão, assim direis:

‘Na véspera da sua paixão, o Senhor tomou o pão e ao Céu levou os olhos,

Deu graças ao Pai’, direis, ‘quanto disse e fiz, fareis’.”

Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?

No peito de cada um, víamos claramente todo o Cristo de Deus Filho.

Os acidentes a alterarem-se contemplávamos, gerar-se deles o sangue observávamos.

Vimos o sangue separado e sob os acidentes vimos o corpo morto,

Vimos o sangue outra vez associar-se e ao corpo glorioso unir-se,

Vimos o sangue de novo pela alma ser ornado e de toda a honra e glória ser decorado.

Deve isto ser admirado e com toda a veneração continuado.

Quem, como o nosso Deus? Quem pode, ó Deus, ser igual a ti?

Vimos o admirável e o ignorado, exaltamos-te a ti nosso Deus.

Louvamos-te e exaltamos-te, proclamamos-te e glorificamos-te.

Bem-aventurados nós que te amámos e as sugestões de Lúcifer desprezámos.

Bem-aventurados nós que obedecemos, porque estaremos sempre em exultação.

Adoramos-te pelos séculos, Deus onipotente, glorificamos-te para sempre.

Por direito servos, a ti nos submetemos, a ti confiamos o homem, nosso concidadão.

Concluído este cântico agradabilíssimo aos meus ouvidos, de novo Gabriel se abeirou de mim, pois também ele cantava com Miguel e os outros, e disse-me: Tu ouviste este cântico digno de admiração em que se encontram quase todos os principais e mais admiráveis mistérios deste sacramento. E embora dos nossos louvores nada acresça a Deus, porque ele é para si bem sufficientíssimo, acresce-nos a nós, todavia, que em tudo dele precisamos. Louvemos, pois, a Deus, recitando, narrando e cantando à nossa maneira as suas obras admiráveis. Elas, na verdade, contribuem para a nossa alegria. Mas a nenhuma alegria deve ser comparada a alegria que procede da sua visão e da sua fruição. Quando glorificamos a Deus, é-lhe grato, não para se ufanar ou envaidecer, orgulhar e exaltar, mas para nos

ufanarmos a nós de virtudes, nos envaidecermos em seus dons, exaltarmos com seus benefícios. Não digo isto, caríssimo, como se as virtudes, os dons e as bem-aventuranças fossem em vós uma coisa, e outra os hábitos, como pensaram alguns homens, mesmo daqueles que presentemente são conosco bem-aventurados, mas porque o mesmo hábito nesse grau é apenas virtude, no grau mais elevado é dom e no mais elevado ainda é bem-aventurança ou fruto do Espírito. Como quer que seja, o hábito, em qualquer grau que seja, é sempre virtude. Por consequência, todos os hábitos são hábitos **[fl. 146]** de virtudes. Deste modo, pois, nós exaltamos e glorificamos a Deus em razão de todas as maravilhas que ele fez. E estas coisas foram-te reveladas para que as escrevas a fim de que todos os homens glorifiquem ao nosso Deus com os mesmos salmos, hinos e cânticos com que nós anjos o glorificamos e glorificaremos para sempre. Mas são bem mais agradáveis na nossa que na vossa língua. E também na vossa se hão-de tornar mais agradáveis naquele feliz tempo, quando aparecer o bom Pastor, que dividirá todos estes cânticos em salmos e hinos e ordenará quando se devem cantar. Hão-de chegar realmente as Núpcias do Cordeiro, em que exultareis de inenarrável alegria. Eis que ouviste todas as maravilhas que Deus fez neste altíssimo sacramento que é, sem comparação, mais excelente que todos os outros. O primeiro e máximo mistério é o da Incarnação. O segundo é este, e com toda a verdade. Nele ocorrem também tão grandes maravilhas que parece igual às maravilhas da Incarnação. Foi bem que solenemente se celebrasse na quinta-feira depois da oitava de Pentecostes,<sup>[181]</sup> uma vez que, por causa da Paixão do Senhor, não podia ser solenemente celebrado no seu dia. O terceiro mistério foi o da Ressurreição do Senhor. Então, de facto, a alma foi reunida ao corpo e o sangue unido ao corpo e a divindade unida à humanidade. Então Deus, de novo feito homem, penetrou no sepulcro, ornou o seu corpo com os dotes da bem-aventurança. O quarto lugar entre os mistérios da fé cristã tem-no a Ascensão do Senhor. Elevou-se, então, de facto, acima de todos os céus e levou a sua humanidade para uma região longínqua. Região que, como antes

te declarei, é apropriadíssima para o vosso corpo. Assim a ordenou o Deus sublime e bendito pelos séculos. O quinto lugar pertence ao mistério da Natividade do Senhor, de que falámos antes. Mas vós celebrai-lo com maior veneração porque, actualmente, reduzis a Encarnação do Filho de Deus a um pensamento. Vós tendes opinião sobre o que é evidente, não sobre o oculto. Para vós a Encarnação foi oculta, a Natividade foi manifesta. Por isso, na segunda Natividade, manifesta, recordais também a primeira, não manifesta. Mas para nós anjos tão manifesta foi a Encarnação como a Natividade. Recordai estes mistérios, fazei tudo isto para comemoração de Cristo Senhor. Não podia presentear-vos com algo maior do que ele mesmo. Ele é o doador e também o dom. Dai graças ao Deus Trino e Uno que a tal ponto amou a vossa raça, tão diligentemente cuidou da vossa salvação, tão admiravelmente vos dignificou e exaltou.

Tu, agora, retorna ao lugar de onde foste arrebatado e toma o alimento corporal, porque ainda não chegou o tempo da tua dissolução. Mas, escrito e reduzido a livro tudo o que Deus dispôs revelar-te, o teu pó retornará à sua terra e o espírito retornará a Deus, que o fez. Adora a Deus e a **[fl. 147]** sua Mãe. A toda esta Assembleia há-de manifestar reverência, porque todos te amam e te desejam bem. Adeus, homem de Deus.

E, enquanto estava em adoração, deixei de ver o anjo. E, de repente, vi que estava na minha celazinha e na gruta. Abri a porta. Apareceram os irmãos, porque era Domingo da Ressurreição do Senhor, e chamaram-me para o refeitório para uma refeição mais farta que o habitual, e levaram-me ainda meio atónito e mergulhado em êxtase.

Fim deste Rapto Sexto. Louvor a Deus. Ámen.

## Raptus Septimus<sup>1</sup>

Octava resurrectionis Domini nostri Iesu Christi, dum feruenter<sup>2</sup> orarem in cauerna mea Deum meum, raptus fui<sup>3</sup> in spiritu et uidi Dominum sedentem super solium excelsum et eleuatum. Et uidebam in eodem loco tres personas, uidelicet Patrem, Filium et Spiritum Sanctum ita quod non tenebat Pater Filium in sinu aut<sup>4</sup> gremio neque a dextris aut a sinistris<sup>5</sup>, sed ubi erat Pater ibi et<sup>6</sup> Filius atque Spiritus Sanctus pariter erant. Quod<sup>7</sup> a nobis intelligi potest, figurari et<sup>8</sup> pingi non potest. Nos enim ipsas personas pingimus separatas loco. Illi<sup>9</sup> autem, quamuis in nullo loco<sup>10</sup> sint circumscriptione<sup>11</sup>, tamen in omni<sup>12</sup> loco sunt presentialiter. Et ideo ubi est Pater ibi est<sup>13</sup> Filius ac Spiritus Sanctus.<sup>14</sup> Erant autem in circuitu troni duo Seraphin<sup>15</sup>. Et erant sex ale uni et sex ale<sup>16</sup> alteri. Duabus<sup>17</sup> caput uelabant, duabus<sup>18</sup> pedes et tibias, duas<sup>19</sup> quasi ad uolandum extensas habebant. Et uoce magna clamabant: "Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus, Deus Sabaoth". Et erant illi<sup>20</sup> duo Seraphin<sup>21</sup> Vriel et Barchiel. Stabam itaque stupefactus, sentiens tamen non paruam consolationem intus<sup>22</sup> in anima mea.

Tunc accessit ad me Gabriel Angelus dixitque mihi: "Hec uisio ideo<sup>23</sup> tibi monstrata est ut hominibus tua scriptura notum facias misterium absconditum Sanctissime Trinitatis ut pastor futurus sciat determinare quid<sup>24</sup> et<sup>25</sup> qualiter tenendum atque credendum sit et que uestrarum opinionum uera sit, que falsa, ut remoueantur a uobis

---

<sup>1</sup> De Trinitate *add. I*

<sup>2</sup> feruenter *IJMNOQ*, frequenter *V*

<sup>3</sup> fui *IJMOPQV*, sum *N*

<sup>4</sup> in *add. NQ*

<sup>5</sup> aut a sinistris *add. O (sup.lin.)*

<sup>6</sup> et *IJMNOQV*, erat *P*

<sup>7</sup> quod *IJMNOQ*, quia *V*

<sup>8</sup> et *IJMOPV*, aut *NQ*

<sup>9</sup> Illi *IJMPV*, Ille *NOQ*

<sup>10</sup> loco *om. V*

<sup>11</sup> circumscriptione *IJMNOQV*, circumscriptione *P*

<sup>12</sup> in omni *IJMNOQ*, communi *V*

<sup>13</sup> est *IJMNPQV*, esset *O*

<sup>14</sup> Et ita uidebam tres distinctas inter se quia unus non erat alius sed quoad locum erant indistincti quasi ubi erat unus ibi erat alius ita quod omnes tres in una sede uidebantur sedere modo mirabili. *add.M (in marg.a. m)*

Et ita uidebam tres distinctas inter se quia unus non erat alius sed quoad locum erant indistincti quasi quia ubi erat unus ibi et alius ita quod omnes tres in una sede uidebantur sedere modo mirabili. *add.NOQ*

<sup>15</sup> Seraphin *IMOQV*, Seraphini *NP*

<sup>16</sup> ale *om. M*

<sup>17</sup> duabus *IJMOQV*, duobus *P*

<sup>18</sup> *idem*

<sup>19</sup> duas *IJMOPQ*, duabus *V*

<sup>20</sup> illi *IJMOPV*, ibi *Q*

<sup>21</sup> Seraphin *IJMQV*, Seraphini *P*

Et erant sex ale uni et sex ale alteri. Duabus caput uelabant, duabus pedes et tibias, duas quasi ad uolandum extensas habebant et uoce magna clamabant: "Sanctus, Sanctus, Sanctus. Dominus Deus Sabaoth". Et erant illi duo Seraphin *om. N*

<sup>22</sup> intus *om. P*

<sup>23</sup> ideo *IJMNOQ*, Deo *V*

<sup>24</sup> quid *IJMOPV*, quomodo *OQ*

<sup>25</sup> et *IMNOPQV*, est *J*

altercationes<sup>26</sup> et schismata et uarietas<sup>27</sup> opinionum. Et in hac die Deus hec<sup>28</sup> tibi reuelare uoluit in qua apud uos in missa legitur: "Tres sunt qui testimonium dant in celo: Pater, Verbum et Spiritus Sanctus<sup>29</sup>, et hi tres unum sunt". Firmiter itaque credendum est et nullo modo dubitandum quod<sup>30</sup>, sicut uidisti, Deus omnino unus est et in sua deitate nullo modo diuisus<sup>31</sup> aut plurificatus. Tamen ipsa summa unitas deitatis stat<sup>32</sup>, immo necessario<sup>33</sup> coniuncta est trinitati<sup>34</sup> personarum. Tres sunt persone et omnino unica<sup>35</sup> deitas. Et quia<sup>36</sup> Deum esse et unum Deum<sup>37</sup> esse<sup>38</sup> satis apud uos notum est neque in hoc est altercatio<sup>39</sup>, nil tibi<sup>40</sup> de hoc dico<sup>41</sup>. Dicam illud in quo uestri confligunt et decertant<sup>42</sup> de unitate deitatis. Postea tibi declarabo magnum misterium Trinitatis.

Dico tibi magnam altercationem inter uestros<sup>43</sup> theologos esse quomodo [148] Deus sit omnino<sup>44</sup> una res in se<sup>45</sup> et tamen<sup>46</sup> in ipso ponitur ueritas, bonitas, sapientia, eternitas, immensitas et plura<sup>47</sup> huiusmodi. Quomodo hec omnia, hec et tot et tanta que dicuntur de Deo possunt esse una res omnino, indistincta<sup>48</sup> omnino, unica omnino<sup>49</sup>?

Aliqui ex<sup>50</sup> hominibus dixerunt illa esse plura nomina idem omnino significantia, sicut apud latinos idem est dictu<sup>51</sup> abditum, absconditum<sup>52</sup> et celatum<sup>53</sup>. Que opinio falsa est quia, tali opinione<sup>54</sup> stante, sequeretur quod quando dicitur "Deus est bonus, sapiens, eternus, immensus", nihil aliud diceretur quam "Deus est Deus". Quod absurdum est, quia tunc non fuisset facta tanta inuestigatio eorum que attribuuntur Deo et que non, quia omnia nomina possunt Deo imponi ut dicantur<sup>55</sup> de illo et significant illum. Sed non potest fieri ut omnis res dicatur<sup>56</sup> de Deo. Si ergo illa nomina solum<sup>57</sup> fuissent<sup>58</sup> imposita ad significandum idem quod significat hoc nomen "Deus", ita

<sup>26</sup> altercationes *IJMNO PQ*, alterationes *V*

<sup>27</sup> uarietas *IJMNP*, uarietates *OQ*, ueritas *V*

<sup>28</sup> hec *om. Q*

<sup>29</sup> Sanctus *om. Q*

<sup>30</sup> quod *IJNO PQV*, quia *M*

<sup>31</sup> est *add. V*

<sup>32</sup> Tamen ipsa summa unitas deitatis stat *IMNOP*, Tamen ipse summa unitas et deitas stant *Q*, Tamen ipsa summa unitas deitas stat *JV*

<sup>33</sup> necessario *IJMNO PV*, necessaria et *Q*

<sup>34</sup> trinitati *IJMOP QV*, deitati *N*

<sup>35</sup> unica *IJMNO PV*, una *Q*

<sup>36</sup> quia *om. V*

<sup>37</sup> Deum *om. N*

<sup>38</sup> et unum Deum esse *om. PQ*

<sup>39</sup> altercatio *IJMNO PQ*, alteratio *V*

<sup>40</sup> tibi *om. N*

<sup>41</sup> dico *IJMNO PV*, dicam *Q*

<sup>42</sup> decertant *IJMNO PV*, certant *Q*

<sup>43</sup> uestros *IMNO PV*, uos *JQ*

<sup>44</sup> omnino *om. Q*

<sup>45</sup> in se *om. Q*

<sup>46</sup> tamen *om. V*

<sup>47</sup> alia *add. Q*

<sup>48</sup> indistincta *IJMNO PQ*, distincta *V*

<sup>49</sup> unica omnino *om. V*

<sup>50</sup> uestris *add. PQ*

<sup>51</sup> dictu *MNOQ*, dictum *IJPV*

<sup>52</sup> absconditum *om. Q*

<sup>53</sup> celatum *IJMNO PQ*, colatum *V*

<sup>54</sup> opinione *IJMNO PQ*, opinioni *V*

<sup>55</sup> dicantur *IJMNO QV*, dicant *P*

<sup>56</sup> omnis res dicatur *JMNO PV*, omnes res dicantur *OQ*

<sup>57</sup> solum *IJMNO QV*, solummodo *P*

<sup>58</sup> fuissent *IJMNO PQ*, fuisset *V*

potuisset imponi Deo hoc nomen "lapis", hoc nomen<sup>59</sup> "ferrum" et hoc nomen<sup>60</sup> "formica" et ita de omnibus aliis. Non sunt ergo illa solum nomina eiusdem rei<sup>61</sup> omnino, quia tunc nulla ratio esset quod<sup>62</sup> illa potius dicerentur<sup>63</sup> de Deo<sup>64</sup> quam alia nomina, nisi quis diceret illa fuisse<sup>65</sup> imposita Deo<sup>66</sup>, alia non. Ideo illa dicuntur, alia non. Hoc autem dicere omnino<sup>67</sup> falsum est, quia tunc non magis diceretur sapientia de Deo quam lapis<sup>68</sup>. Si ergo uellem imponere<sup>69</sup> illud nomen Deo et sic<sup>70</sup>, ut supra dixi, idem esset dicere "Deus est sapiens" et<sup>71</sup> "Deus est lapis" quod<sup>72</sup> est dicere "Deus est Deus", et sic dicendo "est sapiens" nihil aliud dicitur<sup>73</sup> nisi "Deus est Deus", frustra ergo<sup>74</sup> tot libri fuissent<sup>75</sup> confecti<sup>76</sup> de attributis Dei et sequeretur absurdus<sup>77</sup>, quia tunc idem esset dicere "Deus uult" et "Deus intelligit" et "Deus erat" et "Deus potest" et "Deus generat<sup>78</sup>" et "Deus spirat quod spirat<sup>79</sup>", quod est dicere "Deus est Deus". Illa ergo opinio est<sup>80</sup> obmittenda<sup>81</sup> que tamen postmodum quomodo possit esse uera declarabitur<sup>82</sup>.

Alii dixerunt illa<sup>83</sup> omnino<sup>84</sup> esse unam rem omnino<sup>85</sup>, sed differre ratione<sup>86</sup> inter se. Et sic<sup>87</sup> illa uocabula dicunt<sup>88</sup> non esse sinonima<sup>89</sup> siue idem significantia, quia alia<sup>90</sup> est ratio deitatis<sup>91</sup>, alia bonitatis, alia sapientie, alia immensitatis et eternitatis. Sed dicunt quod iste rationes sunt uel in uestro intellectu considerante uel in diuino. Que opinio etiam falsa est et bene a uestris improbata. Nam tenendo illam opinionem, sequeretur quod bonitas et sapientia non essent<sup>92</sup> aliquid in Deo, sed tantum in mente Dei uel in mente<sup>93</sup> angelica aut humana sicut logici dicunt entia rationis dici solum de rebus

<sup>59</sup> nomen *om. Q*

<sup>60</sup> hoc nomen *om. Q*

<sup>61</sup> rei *IJMNO PQ, Dei V*

<sup>62</sup> quod *INOPV, quam M, quare Q*

<sup>63</sup> dicerentur *IJMNPQ, dicentur O, diceretur V*

<sup>64</sup> de Deo *om. IV*

<sup>65</sup> fuisse *IMNOPQV, fuisset J*

<sup>66</sup> imposita Deo *IJMNO PV, posita a Deo Q*

<sup>67</sup> omnino *om. Q*

<sup>68</sup> lapis *IJMNO PV, de lapide Q*

<sup>69</sup> uellem imponere *IJMNO PV, ponerem et uellem Q*

<sup>70</sup> sic *om. P*

<sup>71</sup> et *IJMNO P, om. Q, ut V*

<sup>72</sup> quod *IJMNO PQ, qui V*

<sup>73</sup> dicitur *IJMNO PV, diceretur Q*

<sup>74</sup> ergo *om. V*

<sup>75</sup> fuissent *IJNO PQ, essent MV*

<sup>76</sup> confecti *IJMNO PV, scripti Q*

<sup>77</sup> absurdus *IJMNO PQ, absurdum V*

<sup>78</sup> generat *IJMNO PV, gubernat Q*

<sup>79</sup> quod spirat *add. O (sup.lin.), om. Q*

<sup>80</sup> est *om. V*

<sup>81</sup> obmittenda *IJMNO P, admittenda Q, dimittenda V*

<sup>82</sup> declarabitur *IJMNO PQ, declarabit V*

<sup>83</sup> illa *IJMNO PQ, ille V*

<sup>84</sup> omnino *IJMNO PQ, omnia O*

<sup>85</sup> omnino *IJMNO PV, om. N, numero Q*

<sup>86</sup> ratione *IMNO PQ, rationem JV*

<sup>87</sup> sic *om. P*

<sup>88</sup> dicunt *IJMNO QV, dicuntur P*

<sup>89</sup> sinonima *IJMNO PQ, sine nomina V*

<sup>90</sup> alia *IJMNO PV, illa Q*

<sup>91</sup> et alia est *add. Q*

<sup>92</sup> essent *IJMNO QV, erant N*

<sup>93</sup> uel in mente *om. Q*

cognitis et prout habent<sup>94</sup> esse cognitum, non autem<sup>95</sup> prout habent esse reale.

Vnde dicunt et bene<sup>96</sup>: Quando dicitur "homo est sapiens", illud non est<sup>97</sup> uerum prout homo est res quedam existens in suis<sup>98</sup> indiuiduis<sup>99</sup>, immo quando<sup>100</sup> dicitur "Plato<sup>101</sup> est homo", tunc homo non est species. Similiter quando dicitur "homo est animal", tunc neque homo est species<sup>102</sup> neque animal ge 149 nus.

Animal ergo, ut seorsum cognoscitur et consideratur, genus est. Et homo, in quantum consideratur, species est<sup>103</sup>. Sic, a simili, si Deo sapientia conueniat et intellectus et uoluntas solum secundum considerationem, tunc quando dicitur<sup>104</sup> "Deus est<sup>105</sup> spiritus<sup>106</sup>" uel "Pater est Deus<sup>107</sup>", Deo non competit sapientia aut bonitas aut intellectus aut uoluntas, quia entia rationis<sup>108</sup> non conueniunt rebus sumptis<sup>109</sup> secundum esse reale, sed secundum esse consideratum quod esse<sup>110</sup> habent<sup>111</sup> in mente considerantis<sup>112</sup>. Et sic Deus re ipsa non esset sapiens neque intelligens neque uidens aut<sup>113</sup> uolens uel fruens, sed solummodo secundum considerationem. Et ita, remota consideratione, non esset sapiens neque uolens uel, si esset, tunc illa essent sinonima, idem omnino significantia, ut prior<sup>114</sup> opinio dicebat. Singularis ratio est contra illos qui dicunt intellectum diuinum conficere ista entia rationis, et hanc distinctionem rationis fieri per intellectum diuinum. Nam quero a te: aut<sup>115</sup> ista pluralitas rationum et distinctionum est in natura<sup>116</sup> diuina aut non est in natura, sed in intellectu diuino. Si ista pluralitas est in ipsa<sup>117</sup> natura Dei<sup>118</sup>, tunc non est secundum<sup>119</sup> considerationem, sed secundum rem, quod est contra opinionem tuam. Si autem ista pluralitas est in ipso intellectu considerante et non in re, sequitur quod intellectus iam intelligitur distinctus a natura ex quo ipse facit pluralitatem, non autem eam facit natura et confirmatur. Nam hec pluralitas presupponit considerationem, consideratio<sup>120</sup> presupponit intellectum. Ergo intellectus iam est ibi distinctus a natura<sup>121</sup> si ante considerationem intelligatur<sup>122</sup>

---

<sup>94</sup> habent *IJMNOPIV*, habet *Q*

<sup>95</sup> autem *om. V*

<sup>96</sup> etiam *add. Q*

<sup>97</sup> est *IJMNPQV*, esse *O*

<sup>98</sup> rebus *add. N*

<sup>99</sup> indiuiduis *JMNOPQ*, diuiduis *IV*

<sup>100</sup> etiam *add. Q*

<sup>101</sup> Plato *IJMNOPIQ*, prolatio *V*

<sup>102</sup> Similiter quando dicitur "Homo est animal". Tunc neque homo est species *om. P*

<sup>103</sup> est *IJMNOPIQ*, eius *V*

<sup>104</sup> dicitur *JMNOPQV*, dicitis *I*

<sup>105</sup> est *om. V*

<sup>106</sup> spiritus *JMNO*, sapiens *PQ*, species *IV*

<sup>107</sup> Pater est Deus *IJMNOPIV*, Deus est bonus *Q*

<sup>108</sup> entia rationis *IJMNOPIQ*, etiam rationes *V*

<sup>109</sup> sumptis *om. Q*

<sup>110</sup> quod esse *om. V*

<sup>111</sup> habent *IJMNOPIQ*, habet *V*

<sup>112</sup> considerantis *JMNOPQ*, considerationis *IV*

<sup>113</sup> uidens aut *om. Q*

intelligens neque uidens aut *om. N*

<sup>114</sup> illa *add. N*

<sup>115</sup> aut *IJMNPV*, an *Q*

<sup>116</sup> natura *JMNOPQ*, materia *IV*

<sup>117</sup> ipsa *om. Q*

<sup>118</sup> sed in intellectu diuino? Si ista pluralitas est in ipsa natura Dei *om. O*

<sup>119</sup> eam *add. I*

<sup>120</sup> consideratio *IJMNOQ*, considerati *V*

<sup>121</sup> et confirmatur. Nam hec pluralitas presupponit considerationem, Consideratio presupponit intellectum. Ergo intellectus iam est ibi distinctus a natura *om. P*

ibi esse. Nam si in illo priori ante considerationem est iam<sup>123</sup> ibi intellectus<sup>124</sup>, sequitur quod non est ibi per considerationem solam. Si autem ante considerationem non sit ibi intellectus<sup>125</sup> ullo modo, sed tantum natura, tunc natura<sup>126</sup> erit<sup>127</sup> illa qua hec distinguuntur et plurificabuntur<sup>128</sup>. Si ergo pluralitas rationum fiat ibi per solam considerationem intellectus et non per naturam, sequitur quod ibi iam est pluralitas ante considerationem. Et sic est contradictio<sup>129</sup> dicere: "Per<sup>130</sup> solam considerationem in Deo est pluralitas". Quia si ante considerationem est ibi intellectus<sup>131</sup>, sequitur ergo<sup>132</sup> ante considerationem est ibi<sup>133</sup> pluralitas<sup>134</sup>.

Alii dicunt<sup>135</sup> quod sapientia est aliquid in Deo ante omnem considerationem cuiuscumque intellectus ita quod in re sapientia est alia entitas a natura et intellectus alia et uoluntas alia. Sed hec omnia sunt una res omnino. Nam natura diuina<sup>136</sup> omnia illa sibi perfecte unit<sup>137</sup> et<sup>138</sup> coniungit ita<sup>139</sup> quod sine illis esse non potest. Omnia ergo sunt una res, sed non omnia una entitas siue formalitas siue realitas, ut utar eorum uocabulis. Neque unum illorum<sup>140</sup> perficit aliud neque perficitur neque informat neque informatur neque ex illis aliquid componitur aut constituitur, quod sic declarant<sup>141</sup>: "Sapientia in creaturis perficit<sup>142</sup> naturam et inheret ei tamquam subiecto<sup>143</sup>, et subiectum<sup>144</sup> perficitur et informat et ex illis fit unum aggregatum per accidens, ut "homo sapiens". [150] Et ultra hec omnia, sapientia denominat hominem uel angelum quando dicitur "angelus est sapiens" uel "homo est<sup>145</sup> sapiens". Dicunt ergo et bene: "Quecumque attribuntur Deo, resecatis omnibus imperfectionibus, debent in eo poni". Et quia inherere et informare et perficere notant imperfectionem, similiter perfici et informari et aggregari et componi, eodem modo denominare uero et denominari nullam imperfectionem dicunt, remoueantur<sup>146</sup> ergo a sapientia et ab aliis que de Deo dicuntur omnia que imperfectionem significant, remaneant illa que perfectionem dicunt. Sapientia erit in Deo solum denominans, non componens neque perficiens. Dicunt hi<sup>147</sup> quod<sup>148</sup> sapientia

---

<sup>122</sup> intelligatur *IJMN*, intelligitur *OPQ*

<sup>123</sup> iam *om. Q*

<sup>124</sup> et confirmatur *add. P*

<sup>125</sup> sequitur quod non est ibi per considerationem solam. Si autem ante considerationem non sit ibi intellectus *om. Q*

<sup>126</sup> tunc natura *add. M (in marg.a.m.)*

<sup>127</sup> erit *om. Q*

<sup>128</sup> plurificabuntur *JNOP*, purificabuntur *IMV*, plurificantur *Q*

<sup>129</sup> contradictio *add.P (in marg.)*

<sup>130</sup> dicere: "Per *IJMNO**PV*, dicere quod per *Q*

<sup>131</sup> si ante considerationem est ibi intellectus *om.IV, add.M (in marg.)*

<sup>132</sup> ergo *IJMNO**PV*, quod *Q*

<sup>133</sup> ibi *om. Q*

<sup>134</sup> Quia si ante considerationem est ibi intellectus, sequitur ergo ante considerationem est ibi pluralitas *om. I*

<sup>135</sup> Alii dicunt *IJMNO**PV*, Aliqui aiunt *Q*

<sup>136</sup> diuina *om. Q*

<sup>137</sup> unit *om. IV*

<sup>138</sup> eum *add. V*

<sup>139</sup> ita *om. Q*

<sup>140</sup> unum ilorum *IJMOP**QV*, ullum eorum *N*

<sup>141</sup> declarant *IJMNO**PV*, declaratur *Q*

<sup>142</sup> perficit *IJMNO**PQ*, perficitur *V*

<sup>143</sup> subiecto *NOPQ*, subiecta *IJM**V*

<sup>144</sup> subiectum *IJMNO**QV*, solummodo *P*

<sup>145</sup> est *add. M (sup. lin ), om. V*

<sup>146</sup> Remoueantur *IJMNO**PQ*, Remoueant *V*

<sup>147</sup> hi *IJMNO**PV*, ii *Q*

<sup>148</sup> quod *IJMNO**PQ*, qui *V*

Dei et natura non sunt omnino idem ex parte rei<sup>149</sup>, sed aliquantula inter ea est distinctio<sup>150</sup> et differentia. Sed<sup>151</sup> hec opinio contrariatur simplicitati Dei ac etiam ex ea sequeretur quod nulla entitas sit in Deo perfectissima<sup>152</sup> formaliter, sed solum quod omnes simul iuncte complent<sup>153</sup> unam rem<sup>154</sup> perfectissimam. Et ita natura diuina non erit per se sumpta<sup>155</sup> pellagus infinite perfectionis. Neque oportet dicere ut<sup>156</sup> ipsa prout distinguitur ab attributis contineat omnia attributa eminenter, quia tunc non oporteret ea continere formaliter. Qui<sup>157</sup> enim habet aliquid eminenter<sup>158</sup>, non oportet ut illud habeat formaliter. Sed superfluum est illud haberi<sup>159</sup> alio modo.<sup>160</sup> Deinde si sapientia Dei formaliter sumpta sit infinita, ipsa non poterit in alio contineri eminenter, quia tunc nobiliori modo esset in alio quam in se ipsa. Et ita etiam non esset infinita in se ipsa, ex quo exceditur et excellentius in alio haberetur<sup>161</sup>.

Tunc ego dixi: Domine mi, ego numquam audiui theologiam neque didici. Tamen omnia que de sacramento illo maximo et excelentissimo<sup>162</sup> dixisti intellexi, quia<sup>163</sup> intus<sup>164</sup> et extra simul doceor<sup>165</sup>. Nunc etiam que dicis percipio, sed miror quid<sup>166</sup> finaliter dices<sup>167</sup>. Si enim in Deo non est tantum pluralitas nominum sed significatorum, ergo illa significata aliquo modo distinguuntur et non realiter ita quod sint plures res, quia hoc et falsum est et nemo dixit tantam fatuitatem. Ergo distinguuntur aut ratione, uidelicet<sup>168</sup> secundum considerationem intellectus aut ratione quidditatiua<sup>169</sup> et formali. Et tu<sup>170</sup> utramque opinionem<sup>171</sup> improbasti<sup>172</sup> et aliud dici non potest, ut mihi uidetur. Nullus<sup>173</sup> enim alius dicendi modus restat.

Angelus subridens ait: Et ego theologiam diu est<sup>174</sup> didici et alium modum dicendi bene noui. Intellige nunc, homo Dei, et arrige<sup>175</sup> aures. Natura Dei, intellectus, uoluntas,

<sup>149</sup> rei *IJMNO*PV, Dei *Q*

<sup>150</sup> inter ea est distinctio *IMNO*PV, est in eis distinctio *Q*

<sup>151</sup> Sed *IMNO*PQV, Si *J*

<sup>152</sup> perfectissima *IJMNO*PQ, perfectissime *V*

<sup>153</sup> complent *IJMNO*PV, complerent *Q*

<sup>154</sup> rem *IJMNO*PV, rationem *Q*

<sup>155</sup> per se sumpta *MNO*PQ, perfecte sumpta *IJ*, perfecte unita *V*

<sup>156</sup> ut *IJMNO*PV, quod *Q*

<sup>157</sup> Qui *IJMNO*PV, Quod *Q*

<sup>158</sup> quia tunc non oporteret ea continere formaliter. Qui enim habet aliquid eminenter *add.O* (*in marg.a.m.*)

<sup>159</sup> haberi *IJMNO*PV, habere *Q*

<sup>160</sup> Quando tamen haberet aliquid uirtualiter tunc non est inconueniens illud haberi formaliter sicut graue habet motum deorsum primo uirtualiter deinde formaliter. Aliud enim est habere aliquid eminenter aliud uirtualiter. Qui enim habet aliquid uirtualiter, potest illud producere et potest illud quandoque percipi formaliter. Qui uero habet eminenter, habet illud excelentiori modo quam si haberet illud formaliter. Et melius est sic habere quam formaliter. *add.M* (*in marg. a. m.*) *NOPQ*

Et melius est sic habere quam formaliter. *om. Q*

<sup>161</sup> haberetur *IJM*V, habetur *NOPQ*

<sup>162</sup> et excelentissimo *om. Q*

<sup>163</sup> quia *IJMNO*PQ, quare *V*

<sup>164</sup> intus *IJMNO*PQ, inter *V*

<sup>165</sup> doceor *IJMNO*PQ, doctor *V*

<sup>166</sup> quid *IJMNO*PV, quod *Q*

<sup>167</sup> dices *IJMNO*PV, dicis *Q*

<sup>168</sup> uidelicet *IJNO*PV, uel *MQ*

<sup>169</sup> quidditatiua *JNO*PQ, quidditatiue *IMV*

<sup>170</sup> tu *er. O*

<sup>171</sup> opinionem *IJMOP*QV, rationem *N*

<sup>172</sup> improbasti *IJMNO*PV, probasti *Q*

<sup>173</sup> Nullus *IJMNO*PQ, Nullius *V*

<sup>174</sup> diu est *JMNO*, omnem *P*, diu est quod *Q*, diu etiam *IV*

<sup>175</sup> arrige *JMNO*Q, erige *P*, errige *IV*

sapientia et reliqua omnia que dicuntur de Deo et que uestri attributa uocant<sup>176</sup>, sunt omnino<sup>177</sup> unica<sup>178</sup> res, unica realitas, unica formalitas, unica entitas, simplicissima entitas<sup>179</sup>. Nos uidemus Deum et nullam pluralitatem nisi personarum intuemur. Et hoc est<sup>180</sup> uerum. Noli ergo credere plures entitates quasi simul conexas et colligatas esse in Deo, sed omnino<sup>181</sup> unicam<sup>182</sup> entitatem. Quando ergo dicitis [151] deitas, sapientia,<sup>183</sup> uoluntas, intellectus Dei, eandem<sup>184</sup> entitatem dicitis omnino, non aliam et aliam. Scito tamen et animaduerte unam entitatem posse equiuale pluribus." Et hec<sup>185</sup> dicens, uocauit Thomam Aquinatem et Ioannem Scotum qui ante me simul cum angelo in medio eorum stante steterunt. Repetiit angelus uerba sua dicens: "Scito unicam<sup>186</sup> entitatem posse equiuale pluribus, quod et<sup>187</sup> uos docuistis", dixit<sup>188</sup> ad illos. "Nam uterque uestrum posuit elementa non esse formaliter in mixto, sed quod forma mixti sit equiuale formis elementorum. Tamen uos nunc scitis, tunc nesciebatis, istam ueritatem. Sunt enim forme elementorum in mixto formaliter, quod sensus et experientia docet. Nam mixta resoluuntur in elementa et mirabilis est mixtio illa, mirabilior<sup>189</sup> illa quam uos in uestris electuariis facitis<sup>190</sup>. Ad propositum sufficit hoc quod res una potest equiuale rebus multis. Quod autem elementa remaneant aliquialiter secundum naturam propriam, Petrus Aureolus inter alios apertius probat. Videat pastor rationes eius, quia alique illarum ostendunt<sup>191</sup> aperte propositum. Similiter uterque<sup>192</sup> uestrum posuit in homine unicam<sup>193</sup> animam, tamen equiualem tribus uel duabus aliis, uidelicet uigetatiue, sensitiue et, secundum locum, motiue. Ecce<sup>194</sup> una res equiuale pluribus, de quo etiam, si uerum sit, discutiet ipse<sup>195</sup> pastor tempore suo, uidelicet an sit unica anima in corpore humano. Non sunt<sup>196</sup> omnia simul aperienda ut et illa tempora gaudere possint reuelationibus propriis. Intellectus denique qui in nobis est angelis, immo et in anima uestra<sup>197</sup>, unicus est<sup>198</sup>, qui tamen equiuale<sup>199</sup> omni sensui<sup>200</sup>. Nos enim in<sup>201</sup> intellectu uidemus<sup>202</sup> colores, in<sup>203</sup> intellectu audimus<sup>204</sup> sonos, in intellectu olfacimus<sup>205</sup>

<sup>176</sup> uocant *IJMNOQV*, nominant *Q*

<sup>177</sup> omnino *IJNOQV*, omnia *MV*

<sup>178</sup> unica *IJNOQV*, una *M*

<sup>179</sup> entitas *om. Q*

<sup>180</sup> est *om. V*

<sup>181</sup> omnino *IJMNOQV*, omnia *P*

<sup>182</sup> unicam *IJMNOQV*, unam *V*

<sup>183</sup> bonitas *add. Q*

<sup>184</sup> eandem *IJMNOQV*, eadem *V*

<sup>185</sup> hec *IJMNOQV*, hoc *V*

<sup>186</sup> unicam *IJMNOQV*, unam *Q*

<sup>187</sup> quod et *IJMNOQV*, hec *Q*

<sup>188</sup> dixit *IJMNOQV*, ait *Q*

<sup>189</sup> quam *add. N*

<sup>190</sup> facitis *IMNOQV*, factis *J*

<sup>191</sup> illarum ostendunt *IJMNOQV*, earum probant *Q*

<sup>192</sup> uterque *IMNOQV*, utroque *J*

<sup>193</sup> unicam *IJMNOQV*, unam *Q*

<sup>194</sup> Ecce *IJMNOQV*, Esse *Q*

<sup>195</sup> ipse *IMNOQV*, ille *P*, *om. Q*

<sup>196</sup> sunt *om. V*

<sup>197</sup> uestra *IMNOQV*, nostra *O (er. uestra)*

<sup>198</sup> Intellectus denique qui in nobis est angelis immo et in anima uestra unicus est *IJMNOQV*, Intellectus denique qui nobis angelis immo etiam in humano corpore uestro unicus est *Q*

<sup>199</sup> equiuale *IJMNOQV*, ualet *V*

<sup>200</sup> sensui *JMNOQV*, sensu *I*

<sup>201</sup> in *om. OPQ*

<sup>202</sup> uidemus *IJMNOQV*, uidimus *V*

<sup>203</sup> in *om. NO*

odores<sup>206</sup>, in intellectu gustamus sapes, in intellectu tangimus primas<sup>207</sup> qualitates. Ecce unica res equialet multis rebus, et tanti ualet<sup>208</sup> nobis intellectus noster quanti<sup>209</sup> uobis omnes sensus simul cum intellectu uestro in ista uita tenebris inuoluto. Nonne etiam aureus unus equialet pluribus nummis communibus<sup>210</sup>? Et tantum est bonum habere illum unum quantum omnes illos, immo et melius quam habere omnes illos<sup>211</sup> nummos.

Deitas est talis res que omnibus perfectionibus equialet, immo melior est ualde et incomparabiliter illa unica res quam si ponerentur<sup>212</sup> omnia<sup>213</sup> bona et omnes perfectiones simul non sic unite. Illa deitas equialet intellectui, equialet uoluntati, equialet sapientie, scientie, arti et prudentie, immensitati, eternitati et omnibus talibus. Tantum ergo potest Deus unica re illa quantum creature possunt illis multis, immo multo<sup>214</sup> amplius. Vnde et uos dicitis: "Que sunt sparsa in inferioribus sunt unita<sup>215</sup> in superioribus".

Accipe talem regulam que numquam excidat a corde tuo: Quando aliquid omnino unum in se perfecte<sup>216</sup> equialet pluribus, tantum illud unum potest quantum et illa plura possent<sup>217</sup>, immo plus et melius.

Hec regula non potest negari, quia si<sup>218</sup> non potest tantum<sup>219</sup> quantum illa plura, ergo non perfecte equialet illis pluribus. Addidi, immo et plus<sup>220</sup> et melius [152], quia uirtus unita perfectior<sup>221</sup> est seipsa<sup>222</sup> dispersa.

Hoc de Deo dicite quod nunc doceo, hoc scribe<sup>223</sup>, hoc predicate. Vterque uestrum, dixit<sup>224</sup> Thome et Scoto, hoc dicere uoluit, sed exprimere tunc non potuit. Tu<sup>225</sup> enim, Thoma<sup>226</sup>, dixisti unicum omnino et simplicissimum Deum esse et si aliqua distinctio sit inter illa, illa<sup>227</sup> erit per considerationem<sup>228</sup>, non in re, quia in re<sup>229</sup> illa nulla pluralitas<sup>230</sup> entitatum est. Sed dicere debuisti: Illa tamen res in se, ante omnem considerationem cuiusque intellectus, est equalens omnibus illis que de illa uere<sup>231</sup>

---

<sup>204</sup> audimus *INOPQ*, audiuius *JM*

<sup>205</sup> olfacimus *INOQ*, olfamur *JMP*

colores, in intellectu audimus sonos, in intellectu olfacimus *om. IV*

<sup>206</sup> in intellectu olfacimus odores *IJMOP*, intellectu nostri potestate olfacimus olores *Q*

<sup>207</sup> primas *IJMNOQV*, proprias *P*

<sup>208</sup> et tanti ualet *IJMNOQV*, tamen ualet *Q*

<sup>209</sup> quanti *IJMNPV*, quantum *OQ*

<sup>210</sup> communibus *IJMNOQV*, usualibus *Q*

<sup>211</sup> illos *om. P*

<sup>212</sup> ponerentur *IJMNOQ*, poneretur *V*

<sup>213</sup> alia *add. P*

<sup>214</sup> multo *om. IV*

<sup>215</sup> unita *IJMNOQ*, unica *V*

<sup>216</sup> perfecte *IJMNOQ*, perfectum *V*

<sup>217</sup> possent *IJMNOQV*, possunt *Q*

<sup>218</sup> si *om. P*

<sup>219</sup> tantum *om. Q*

<sup>220</sup> Addidi "immo et plus *IJMNOQV*, Adde et plus *Q*

<sup>221</sup> perfectior *IJMNOQ*, perfectiorem *V*

<sup>222</sup> seipsa *IJMNOQV*, sapientia *M*

<sup>223</sup> scribe *IJM*, scribite *NOP*, hoc tu conscribe *Q*

<sup>224</sup> dixit *IJMNOQV*, ait *Q*

<sup>225</sup> Tu *IJMNOQ*, Tamen *V*

<sup>226</sup> Thoma *JMNOP*, dixit Thome *Q*, Thoma, Thoma *IV*

<sup>227</sup> illa *om. Q*

<sup>228</sup> intellectus *add. Q*

<sup>229</sup> quia in re *om. IV*

<sup>230</sup> pluralitas *JMV*, pluralitas *INOPQ*

<sup>231</sup> uere *IJMNOQV*, uera *M*

dicuntur.

Tu quoque, Ioannes, idem dixisti, uidelicet illam rem omnino unam<sup>232</sup> esse et illa plura non esse eadem ex natura rei neque eadem formaliter. Sed non declarasti quid esset intelligendum per illam distinctionem. Sunt plura ex natura rei uel sunt in Deo plura formaliter? Non enim est intelligendum quod ibi in re illa sint plures entitates in se distincte et ad inuicem quasi conexe uel colligate, sed quod illa unica res omnino est equiuolenter<sup>233</sup> illa plura<sup>234</sup>. Nam duplex est equiuolentia, una uoluntaria, alia naturalis. Exemplum prioris: aureus ualet<sup>235</sup> tot nummos communes. Hoc sancitum<sup>236</sup> est uoluntate legislatoris. Exemplum posterioris: intellectus angelicus equiuolet omnibus potentiis cognitiuis que sunt in homine<sup>237</sup> naturaliter, non uoluntate aut statuto uel decreto cuiusquam<sup>238</sup>. Igitur dicere uoluisti illa esse plura ex natura rei, hoc est, illam<sup>239</sup> unam<sup>240</sup> rem equiuolere pluribus, non uoluntate alicuius aut statuto, sed ex natura rei, hoc est, naturaliter, ita quod, semota consideratione cuiuscumque intellectus, sic est in re, quod illa res<sup>241</sup> ualet<sup>242</sup> tot et tantis rebus. Et intellectus, considerando<sup>243</sup>, potest illam rem unicam distinguere in multa ex quo<sup>244</sup> ipsa ualet quantum illa multa. Ideo, illa re ostensa, uerum est dicere: hec res est sapientia et bonitas et immensitas et paternitas. Similiter dici potest: hec sapientia est hec bonitas et hec paternitas<sup>245</sup>, immo et hec res<sup>246</sup> paternitas est<sup>247</sup> res que est filiatio. Et hac re est Prima Persona et Secunda et Tertia. Similiter illi qui dixerunt illa omnia nomina esse sinonima<sup>248</sup> possent bene intelligi quia omnia illa eandem significant<sup>249</sup>, sed nunc huic nunc illi equiuolentem. Sed quomodo Pater non sit Filius statim declarabimus.

Vsque huc<sup>250</sup> ostendimus quomodo Deus noster est<sup>251</sup> unica res et omnino simplex. Nunc uideamus<sup>252</sup> quomodo cum tanta unitate possit stare et intelligi realis distinctio personarum. Si enim omnia que sunt in Patre sunt<sup>253</sup> omnino una<sup>254</sup> res, immo illa<sup>255</sup> unica res que deitas dicitur et nulla alia, similiter si omnia que sunt in Filio et que sunt in Spiritu Sancto sunt omnino<sup>256</sup> illa<sup>257</sup> deitas et nihil aliud sunt nisi illa<sup>258</sup> deitas,

---

<sup>232</sup> unam *om. I*

<sup>233</sup> equiuolenter *IJMNOP*, equiuolens *QV*

<sup>234</sup> illa plura *IJMNPV*, pluribus illis *OQ*

Non enim est intelligendum, quod ibi in re illa sint plures entitates. *add. V*

<sup>235</sup> ualet *IJMNOVPV*, habet *Q*

<sup>236</sup> sancitum *IJMNOPOQ*, factum *V*

<sup>237</sup> hoc *add. Q*

<sup>238</sup> cuiusquam *IMNOPV*, cuius *J*, cuiusque *Q*

<sup>239</sup> rem *add. V*

<sup>240</sup> unam *IJNOPQV*, unicam *M*

<sup>241</sup> res *om. V*

<sup>242</sup> ualet *IJMOPV*, ualeat *Q*

<sup>243</sup> non *add. P*

<sup>244</sup> res *add. Q*

<sup>245</sup> Similiter dici potest: hec sapientia est, hec bonitas et hec paternitas *om. V*

<sup>246</sup> que est *add. Q*

<sup>247</sup> hec *add. Q*

<sup>248</sup> sinonima *IJMNOPOQ*, seminomina *V*

<sup>249</sup> essentiam *add. J(M in marg. a.m.)NO*

<sup>250</sup> huc *add. P (sup.lin. )*

<sup>251</sup> noster est *om. V*

<sup>252</sup> uideamus *IJMNOQV*, uideamus *P*

<sup>253</sup> in Patre sunt *om. Q*

<sup>254</sup> una *IJMNPQV*, unica *O*

<sup>255</sup> una res immo illa *om. Q*

<sup>256</sup> omnino *om. Q*

<sup>257</sup> unica *add. Q*

<sup>258</sup> una *add. Q*

quomodo illi tres distinguntur realiter? Nam eodem omnino conuenire et eodem omnino<sup>259</sup> differre est impossibile. Vt igitur ista perfecte intelligas<sup>260</sup>, animaduerte<sup>261</sup> ad ea que tibi clare quantum fieri potest propono. Ponamus, dilectissime<sup>262</sup>, quod deitas siue natura diuina sit<sup>263</sup> una res uel una realitas distincta ab omni alia realitate que de ipsa dicitur. Ponamus [153] deinde quod alia res uel<sup>264</sup> alia realitas illi adiungatur<sup>265</sup> tamquam differentia quedam contrahens ipsam. Illa diceretur constituta ex illis duabus rebus uel realitatibus sicut homo est constitutus ex anima et corpore uel<sup>266</sup> ex animalitate et rationalitate. Tunc nulla difficultas esset intelligere quod persona una ab alia realiter<sup>267</sup> distinguatur, quia prima persona esset constituta ex deitate et illa alia re contrahente, et secunda persona esset constituta<sup>268</sup> similiter ex deitate et illa alia realitate iterum contrahente. Similiter tertia persona esset constituta ex deitate et tertia realitate contrahente sicut hic homo conuenit cum alio homine quia uterque homo est et unus differt ab alio aliqua differentia. Si ita esset inter personas diuinas, tunc nullas angustias mens uestra pateretur. Sed neque nunc patiemini<sup>269</sup> angustias si ad uerba mea tu nunc animaduertes<sup>270</sup> et ea fideliter conscripseris. Accipe regulam tibi iam datam: "Quandocumque<sup>271</sup> aliquid perfecte equialet pluribus, quicquid illis pluribus facere posset<sup>272</sup> etiam seipso facere potest<sup>273</sup>". Si ergo deitas perfecte equialeret<sup>274</sup> ex natura rei differentie ipsam a quocumque alio distinguenti, et ex alia parte conueniret cum aliis prout equialet enti,<sup>275</sup> sic eadem re omnino conueniret et differret prout illa equialeret duabus realitatibus. Vnde illa regula falsa est. Impossibile<sup>276</sup> est aliqua conuenire et differre eodem. Falsa, dico, est<sup>277</sup> quando illud unum equialet perfecte duobus. Sed utrum<sup>278</sup> Deus et creatura conueniant<sup>279</sup> in ente uel in re tamquam quodam<sup>280</sup> utrique communi ex parte rei<sup>281</sup> et non solum ratione uidebitur tempore illo<sup>282</sup>.

Nunc illud premitto et deuenio ad ostendendum quomodo tres persone diuine

<sup>259</sup> conuenire et eodem omnino *om. V*  
eodem omnino *om. Q*

<sup>260</sup> omnia *add. M*

<sup>261</sup> animaduerte *IJNPQV*, aduerte *MO*

<sup>262</sup> dilectissime *IJMNOQV*, carissime *Q*

<sup>263</sup> sit *IMNOPQV*, sint *J*

<sup>264</sup> uel *IJMNOQV*, seu *P*

<sup>265</sup> adiungatur *IJMNOQV*, adueniat *Q*

<sup>266</sup> uel *IJMNOQV*, et *Q*

<sup>267</sup> realiter *IJMNOQV*, reali *V*

<sup>268</sup> ex deitate et illa alia re contrahente, et secunda persona esset constituta *om. V*

<sup>269</sup> Sed neque nunc patiemini *IJMNOQV*, Sed nunc etiam nullas pateremini *Q*

<sup>270</sup> animaduertes *IJMNPV*, aduerteris *OQ*

<sup>271</sup> Quandocumque *JMNOQV*, Quando *I*

<sup>272</sup> facere posset *IJMPV*, facere potest *N*, fieri posset *O*, fieri potest *Q*

<sup>273</sup> facere potest *IJMNPV*, fieri potest *OQ*

<sup>274</sup> equialeret *M*, equialet *IJPQV*, equialeat *NO*

<sup>275</sup> Si ergo deitas perfecte equialet (equialeret *M*) ex natura rei differentie ipsam a quocumque alio distinguenti et ex alia parte conueniret cum aliis prout equialet enti, *IJMNOQV*,

Si ergo deitas ex nature rei perfecte equialet et differentie ipsam a quocumque alio distinguente, et ex alia parte est eadem natura rei perfecti equialeret enti ipsam cum alio conuenienti seu nature eius ipsa cum alio conuenit et est una, *Q*

<sup>276</sup> falsa est. Impossibile *IJMNOQV*, falsa est uidelicet impossibile *Q*

<sup>277</sup> Falsa, dico, est quando *IJMNOQV*, Falsa dico quando *Q*

<sup>278</sup> utrum *IJMNOQV*, uidelicet *Q*

<sup>279</sup> conueniant *IJMNOQV*, conueniat *V*

<sup>280</sup> quodam *IJNOQV*, quedam *M*, *om. OP*

<sup>281</sup> rei *MNOQV*, re *IJV*

<sup>282</sup> illo *IJMNOQV*, suo *Q*

realiter distinguuntur<sup>283</sup> et tamen in omnibus tribus personis non est alia realitas quam deitas<sup>284</sup> ita quod in Patre est tantum<sup>285</sup> una res omnino<sup>286</sup> simplex, in Filio est una res, uidelicet eadem deitas<sup>287</sup> omnino simplex et<sup>288</sup> in Spiritu Sancto est eadem res omnino simplex<sup>289</sup> et non alia quam eadem deitas. Neque tamen Pater est Filius neque Filius<sup>290</sup> Pater et neuter ipsorum est Spiritus Sanctus<sup>291</sup>. Similiter neque Spiritus Sanctus est Pater aut Filius. Hec sunt admiranda, hec uobis aperienda. Sed hoc ideo est quia illa unica res equiualeat tribus realitatibus quibus subsistit. Nam prima persona includit<sup>292</sup> in se illam solam rem que deitas est que tamen equiualeat entitati incommunicabili. Et in quantum illi equiualeat quasi adiungeretur nature diuine, facit eam subsistere incommunicabilem et ita personam<sup>293</sup>. Si enim perfecte deitas sit natura et perfecte equiualeat<sup>294</sup> entitati incommunicabili, persona illa subsistet<sup>295</sup> illa re et incommunicabilis erit. Et sic habemus primam personam constitutam ex una re<sup>296</sup> duabus rebus equiualeante<sup>297</sup>. Cogita ulterius quod hec res que deitas<sup>298</sup> dicitur et qua<sup>299</sup> prima subsistit<sup>300</sup> prout equiualeat entitati incommunicabili habet equiualeenter<sup>301</sup> principium productiuum<sup>302</sup> per modum nature. Et ita producit aliquid per modum nature<sup>303</sup>. Et quia<sup>304</sup> illud principium productiuum<sup>305</sup> immensam uirtutem habet, producit aliquod immensum. Non [154] accidens, quia tale nil est in Deo. Neque etiam immensum accidens<sup>306</sup> esse potest. Producit ergo substantiam infinitam. Et nulla substantia preter Deum est infinita<sup>307</sup>. Producit ergo Deum. Et quia non est nisi Deus unus, persona producta erit<sup>308</sup> idem Deus. Et quia deitas equiualeat illi entitati, quia sic productum<sup>309</sup> subsistit, ideo illa persona producta deitate, prout illi entitati equiualeat, subsistit.<sup>310</sup> Sicut enim si alia entitate subsisteret prima persona improducta<sup>311</sup>, alia secunda producta,<sup>312</sup> manifeste ibi

<sup>283</sup> distinguuntur *IJMNOVP*, distinguantur *Q*

<sup>284</sup> deitas *JQV*, deitatis *IMNOQ*

<sup>285</sup> est tantum *IJMNOVP*, est deitas tantum *Q*

<sup>286</sup> omnino *om. P*

<sup>287</sup> uidelicet eadem deitas *om. Q*

<sup>288</sup> in Filio est una res uidelicet eadem deitas omnino simplex et *om. I*

<sup>289</sup> et in Spiritu Sancto est eadem res omnino simplex *om. Q*

<sup>290</sup> est *add. NOPQ*

<sup>291</sup> et neuter ipsorum est Spiritus Sanctus *om. Q*

<sup>292</sup> includit *JMNOPQ*, inducitur *I*, inducit *V*

<sup>293</sup> personam *IJMNOVP*, persona *Q*

<sup>294</sup> equiualeat *JMOQV*, equiualeat *INP*

<sup>295</sup> subsistet *IJMNOVP*, subsistit *Q*

<sup>296</sup> una re *IJMNOVP*, natura rei *Q*

<sup>297</sup> equiualeante *INOP*, equiualentem *JMV*, equiualeenter *Q*

<sup>298</sup> deitas *om. J*

<sup>299</sup> qua *IJMNOPO*, que *V*

<sup>300</sup> persona *add. M (in marg. a. m.) OQ*

<sup>301</sup> equiualeenter *add. O (in marg.)*

<sup>302</sup> productiuum *IJMNOPO*, productum *V*

<sup>303</sup> Et ita producit aliquid per modum nature *om. G, add. (M in marg. a. m.) O*

<sup>304</sup> ita producit aliquid per modum nature. Et quia *om. Q*

<sup>305</sup> productiuum *IJMNOPO*, productum *V*

<sup>306</sup> accidens *IJMNOPO*, ac *V*

<sup>307</sup> Et nulla substantia preter Deum est infinita. *IJMOPV*, et nulla est preter Deum substantia, potest esse infinita. *Q*

<sup>308</sup> erit *IJMNPQ*, est *O (add. sup. lin., er. erit)*, erat *V*

<sup>309</sup> productam *M*, productum *IJNOPQV*

<sup>310</sup> ideo illa persona, producta deitate, prout illi entitati equiualeat, subsistit. *IJMNOVP*, ideo illa persona producta subsistit deitate prout illi entitati equiualeante. *Q*

<sup>311</sup> improducta *JMNOPQV*, producta *I*

<sup>312</sup> Sicut enim si alia entitate subsisteret prima persona improducta, alia secunda producta, *IJMNOPOV*, Sicut enim si equalia entitate subsisteret prima persona producta, alia secunda etiam producta, *G*

essent due subsistentie<sup>313</sup> et due persone distincte et sic etiam erunt<sup>314</sup> eadem re duabus rebus perfecte equiualete due subsistentie<sup>315</sup> et due persone distincte<sup>316</sup>. Et quia hec res in his<sup>317</sup> duabus personis existens<sup>318</sup> perfecte equiualete principio productiuo per modum doni et libere, iccirco he due persone producunt libere<sup>319</sup> ipsa deitate<sup>320</sup> prout tali principio equiualete<sup>321</sup> aliquid. Et quia producunt principio infinito, oportet ut<sup>322</sup> productum sit infinitum. Et quia nil est infinitum in entitate nisi Deus, producunt Deum<sup>323</sup>. Et quia Deus non est nisi unus, producunt eundem Deum. Et<sup>324</sup> producens<sup>325</sup> et productum realiter distinguntur<sup>326</sup>. Ideo<sup>327</sup> alia subsistentia<sup>328</sup> et alia persona erit producta ab illis duabus producentibus. Et quia Deus simplex est, non erit alia re quam deitate distincta prout tamen illa perfecte<sup>329</sup> equiualete alie<sup>330</sup> rei. Sicut<sup>331</sup> ergo si essent tres res<sup>332</sup> distinguentes tres personas manifestum esset personas esse tria subsistentia<sup>333</sup> distincta<sup>334</sup> ita quia una<sup>335</sup> res perfecte equiualete tribus, fit ipsa unica quod fieret tribus. Aliter si non posset fieri illa unica<sup>336</sup> re illud quod fieret illis tribus<sup>337</sup>, illa unica<sup>338</sup> non perfecte equiualeret illis tribus. Recte ergo dicunt<sup>339</sup> ita<sup>340</sup> unamquamque personam esse simplicem sicut et deitas<sup>341</sup> est simplex. Vnaqueque enim persona illam solam rem habet que est deitas. Sed illa una<sup>342</sup> persona equiualete alicui rei cui non equiualete prout alia persona est<sup>343</sup>.

Et hec<sup>344</sup> dicendo, uocauit Augustinum et dixit ad Thomam et Scotum: Ecce doctor a quo precipue ista<sup>345</sup> accepistis. Et ibi resident multi alii.

Et ostendebat Ambrosium, Ieronimum, Gregorium, Anselmum, Boetium, Ricardum,

<sup>313</sup> subsistentie *IJMNO*, substantie *PQV*

<sup>314</sup> erant *IJV*, erunt *G* (*M add. sup.lin. a.m. erant*) *NPQ*

<sup>315</sup> subsistentie *IJMNO*, substantie *QV*

<sup>316</sup> Et sic etiam erunt eadem re duabus rebus perfecte equiualete due substantie et due persone distincte.

*add.O (in marg.a.m.)*

<sup>317</sup> his *IMNOPV*, iis *Q*

<sup>318</sup> existens *JMNOPQV*, existent *I*

<sup>319</sup> libere *add.O (sup.lin.)*

<sup>320</sup> ipsa deitate *IJMOPQV*, ipsam deitatem *GN*

<sup>321</sup> equiualete *JMNOPQ*, equiualete *IV*

<sup>322</sup> ut *IJMNO*, quod *Q*

<sup>323</sup> producunt Deum *add. O (sup lin.)*

<sup>324</sup> quia *add. Q*

<sup>325</sup> producens *IJMNO*, producent *V*

<sup>326</sup> distinguntur *JMNOPQ*, distinguitur *IV*

<sup>327</sup> ideo *IJMNO*, de *V*

<sup>328</sup> subsistentia *IJMNO*, substantia *QV*

<sup>329</sup> perfecte *om. Q*

<sup>330</sup> alie *IJMNO*, alii *GN*, ali *Q*

<sup>331</sup> Sicut *IJMNO*, Sic *V*

<sup>332</sup> res *om. Q*

<sup>333</sup> subsistentia *IJMNO*, substantia *V*

<sup>334</sup> manifestum esset personas esse tria subsistentia distincta *IJMNO*, manifestum esset tres esse personas, trina subsistentia distincta *Q*

<sup>335</sup> una *IJMNO*, nunc *V*

<sup>336</sup> unica *IJMNO*, una *O*

<sup>337</sup> illud quod fieret illis tribus *IJMNO*, quod potest fieri tribus *Q*

<sup>338</sup> re illud quod fieret illis tribus, illa unica *om. V*

<sup>339</sup> dicunt *JNO*, dicuntur *IMP*, diceretur *Q*

<sup>340</sup> ita *om. V*

<sup>341</sup> deitas *IJMNO*, Deus *V*

<sup>342</sup> sed illa una *IJN*, sed una *M*, sed illa in una *OPQ*, si illa unica *V*

<sup>343</sup> alia persona est *IJMPV*, in alia persona est *NO*, in illa persona est *Q*

<sup>344</sup> hec *MPV*, hoc *IJNO*

<sup>345</sup> ista *IJMNO*, illa *Q*

Hilarius<sup>346</sup>. Ex una parte doctores latinos. Et ibi sunt alii in<sup>347</sup> alia parte<sup>348</sup>. Et ostendebat Basilium, Gregorium Nazanzenum<sup>349</sup>, Chrisostomum et alios doctores grecos, Didimum, Attanasium et alios<sup>350</sup>. Sed, ut dixi, ab isto Augustino plura habetis. Ipse uero dixit<sup>351</sup>: "Non eo est Deus, immo neque eo est<sup>352</sup> quo Pater est ille est". Et ostendebat Deum<sup>353</sup> Patrem. "Neque ille", ostendebat Filium, "eodem est Deus et Filius.<sup>354</sup> Neque ille", ostendebat Spiritum Sanctum, "eodem est Deus et Spiritus Sanctus. Sed alio Deus, alio<sup>355</sup> persona". Hoc dictum tuum repugnat eis que ego<sup>356</sup> nunc doceo. Docui enim deitate<sup>357</sup>, re unica<sup>358</sup>, omnia esse et distingui.<sup>359</sup>

Respondit Augustinus<sup>360</sup>: Fateor, angele sancte, me tunc non ita clare ista accepisse. Numquam tamen intellexi ut in persona sint due res, sed tamen quod aliqua duo sint dixi, quia aliter non poteram capere personarum distinctionem inter quas<sup>361</sup> nulla differentia esset. Nunc tamen scio, quia<sup>362</sup> uideo ita esse, quod in una [155] persona non est alia res nisi eadem omnino que<sup>363</sup> in alia<sup>364</sup>, sed tamen est alia et alia<sup>365</sup> per equiualentiam. Ideo potest dici ut alio sit<sup>366</sup> et alio sit persona distincta, quia eodem alteri equiualente<sup>367</sup>.

Ex his<sup>368</sup>, inquit angelus, manifesta erit omnibus simplicitas diuine nature, quia omnia attributa erunt una res omnino. Manifesta etiam erit simplicitas personarum, quia in qualibet erit una et eadem res. Manifesta etiam erit personarum<sup>369</sup> distinctio<sup>370</sup>, quia illa unica<sup>371</sup> res, prout equiualet uni rei<sup>372</sup>, constituit unam personam et, prout equiualet alii rei, constituit aliam personam<sup>373</sup>. Vbi uide quod aliquid potest constitui ex uno uicem duorum habente siue<sup>374</sup> duobus equiualente. Et uide quod aliquid<sup>375</sup> constitutum

<sup>346</sup> Et ibi resident multi alii." Et ostendebat Ambrosium, Hieronimum, Gregorium, Anselmum, Boetium, Ricardum, Hilarium. *IJMNOQV*, Et ibi resident multi alii." Ambrosius, Hieronimus, Gregorius, Anselmus, Boetius, Ricardus, Hilarius. *P*

<sup>347</sup> in *MOPV*, ex *IJNQ*

<sup>348</sup> Et ibi sunt alii ex alia parte *IJMOPQV*, Et ibi sunt in alia parte *N*

<sup>349</sup> Nazanzenum *IJMNOQV*, Nazianzenum *Q*

<sup>350</sup> Attanasium et alios *MV*, cum Attanasio et aliis *IJNOPQ*

<sup>351</sup> Ipse uero dixit *add. O* (in *marg.a.m.*)

<sup>352</sup> est *IJMNOQ*, in *V*

<sup>353</sup> Deum *om. Q*

<sup>354</sup> "Neque ille", ostendebat Filium, "eodem est Deus et Filius. *om. V*

<sup>355</sup> alio *IJMNOQ*, alia *V*

<sup>356</sup> ego *om. OPQV*

<sup>357</sup> deitate *IJMOPQV*, deitatem *N*

<sup>358</sup> id est *add. V*

<sup>359</sup> re unica omnia esse et distingui *IJMNOQ*, re unica omnia ex se distingui *P*, re unica, idest, omnia esse et distingui *V*

<sup>360</sup> Augustinus *om. V*

<sup>361</sup> quas *IJMNOQ*, quos *V*

<sup>362</sup> quia *IJMNOQ*, quod *V*

<sup>363</sup> que *IJMNOQ*, quod *V*

<sup>364</sup> persona *add. Q*

<sup>365</sup> alia et alia *JMNOQ*, aliter alia *IV*

<sup>366</sup> sit *IJMNOQ*, sint *V*

<sup>367</sup> equiualente *MNOP*, equiualentem *IJV*, equiualenti *Q*

<sup>368</sup> his *IJMNOQV*, iis *Q*

<sup>369</sup> quia in qualibet erit una et eadem res, manifesta etiam erit personarum *om. V*

<sup>370</sup> Manifesta etiam erit personarum distinctio *JMNOQ*, Manifesta etiam erit una et eadem distinctio *P*

<sup>371</sup> unica *IJMNOQV*, una *Q*

<sup>372</sup> uni rei *IJMNOQV*, uniri *V*

<sup>373</sup> et, prout equiualet alii rei, constituit aliam personam *add. O* (in *marg.*)

<sup>374</sup> siue *JMNOQ*, sine *IV*

<sup>375</sup> aliquid *IJMNOQV*, aliquid *P*

est ita simplex sicut<sup>376</sup> et constituens. Et potest dici: "Hoc constitutum est<sup>377</sup> omnino simplex, quia in plures entitates inresolubile, sed non ita simplex ut pluribus non equiualeat<sup>378</sup>". Si ergo resolutio in plura equiualeter intelligatur, quanto aliquid est perfectius tanto est resolubilius in plura et quanto aliquid est imperfectius<sup>379</sup> tanto est paucioribus equiualeter et simplicius. Et hoc modo Deus est summe resolubilis in plura et materia prima simplicissima et<sup>380</sup> forma elementi uel ens<sup>381</sup> rationis. Si autem resolutio intelligatur in plura distincta inter se tamquam<sup>382</sup> plura entia, tunc Deus est omnino irresolubilis et incompositus, sine ulla<sup>383</sup> constitutione. Similiter et quelibet persona diuina<sup>384</sup>. Vbi etiam uide et diligenter conscribere quod ens perfectissimum est maxime resolubile et maxime constitutum per equipotentiam et minime, immo<sup>385</sup> nullo modo per pluralitatem entium. Ens uero imperfectissimum<sup>386</sup>, siue illud sit materia prima siue forma elementi siue accidens aliquod<sup>387</sup>, est<sup>388</sup> irresolubile<sup>389</sup> in plura utroque modo. Non enim resoluitur<sup>390</sup> in plura equiualeter, quia nulli equiualeter, neque in plura entia distincta inter se. Omnia uero alia entia que sunt inter<sup>391</sup> summum et infinitum ens sunt altero<sup>392</sup> illorum modorum constituta<sup>393</sup>. Nam aut<sup>394</sup> pluribus equiualeter aut plura distincta in se includunt. Melius est plura includere equiualeter<sup>395</sup>, ceteris paribus<sup>396</sup>, uidelicet loquendo de eisdem inclusis, quam plura inter se distincta. Et melius est esse constitutum ex pluribus distinctis quam nullo modo constitutum esse neque equiualeter neque ex pluribus.

Hec tibi subtilia sunt. Ea tamen conscribere ut tempora illa felicia oblectentur in bonis animi, quia remittetur delectatio carnis et erunt iterum<sup>397</sup> homines docibiles Dei.

Audi nunc, homo Dei, aliqui ex doctoribus uestris dixerunt personas diuinas constitui relationibus, aliqui aliquibus rebus absolutis. Et tu dicito et conscribere personas constitui sola deitate, que res absoluta est. Nulla ibi relatio est que non sit ipsa deitas, nullum est ibi attributum quod non sit ipse Deus. Quicquid<sup>398</sup> est in Deo, Deus est, quia una<sup>399</sup> res omnino multis equiualeter. Tamen prout equiualeter uni non equiualeter alteri sicut et anima uestra intellectiua prout<sup>400</sup> equiualeter sensitue non equiualeter uegetatiue.

---

<sup>376</sup> sicut *IJNOPQV*, sic *M*

<sup>377</sup> est *om. Q*

<sup>378</sup> equiualeat *MNOPQ*, equiualeter *IJV*

<sup>379</sup> imperfectius *JMNOPQ*, perfectius *IV*

<sup>380</sup> similiter *add. Q*

<sup>381</sup> ens *IJMNOQ*, eius *V*

<sup>382</sup> in *add. N*

<sup>383</sup> compositione et *add. Q*

<sup>384</sup> similiter et quelibet persona diuina *IJMNOQV*, similiter equiualeter persona diuina *Q*

<sup>385</sup> immo *IJMNOQV*, et *Q*

<sup>386</sup> imperfectissimum *JMNOP*, perfectissimum *IV*

Ens uero imperfectissimum *om. Q*

<sup>387</sup> aliquod *IJMOPQ*, aliquid *NV*

<sup>388</sup> est *om. Q*

<sup>389</sup> irresolubile *JMNOPQV*, resolubile *I*

<sup>390</sup> resoluitur *IJMNOQV*, resoluuntur *Q*

<sup>391</sup> se *add. M*

<sup>392</sup> altero *IJMNOQ*, alterum *V*

<sup>393</sup> constituta *IJMNOQV*, constitutum *P*

<sup>394</sup> aut *IJMNOQ*, autem *V*

<sup>395</sup> equiualeter *om. P*

<sup>396</sup> paribus *IJMNOQ*, partibus *V*

<sup>397</sup> iterum *IJMNOQ*, *om. Q*, inter *V*

<sup>398</sup> quicquid *IJMNOQV*, quod *Q*

<sup>399</sup> una *IMNOPQV*. nulla *J*

<sup>400</sup> prout *IJMNOQV*, que *P*

Hoc nunc<sup>401</sup> tibi dico quod<sup>402</sup> si diuine persone constituerentur ipsa essentia in qua conueniunt et<sup>403</sup> aliqua alia re in qua distinguntur, illa alia res non posset esse relatio, ut patebit tempore pastoris cuius temporibus hoc declarabitur, quia persone ille que summe existunt, quarum existentie nulla existentia est similis<sup>404</sup>, non habent<sup>405</sup> esse per relationes<sup>406</sup>, que uel nil sunt aliud a fundamentis, ut aliqui<sup>407</sup> ex uestris dixerunt, uel si sint ali [156] quid<sup>408</sup> a fundamentis<sup>409</sup> minime entitatis sunt et forsitan omnis relatio est tantum in mente et nulla in re. Videatur tempore illo felici etiam hoc cum aliis multis. Nolo nunc omnia propalare et omnia<sup>410</sup> declarare.

Mirum est quare maior pars hominum qui docent et<sup>411</sup> scribunt<sup>412</sup>, omnes dixerunt personas diuinas subsistere<sup>413</sup> relationibus, quod non est aliud dicere nisi quod accidentia sunt illa quibus persone diuine subsistunt. Accipe hanc regulam: "Impossibile est perfectam et maximam substantiam accidente<sup>414</sup> esse substantiam<sup>415</sup>". Immo dico tibi quod essentia diuina, prout equiualeat relationi, non constituit personam, sed prout equiualeat rei absolute. Vnde essentia diuina<sup>416</sup> primum debet intelligi ipsa natura Dei in se. Deinde illa<sup>417</sup> equiualeat enti<sup>418</sup> quo Deus a quolibet alio quod non sit Deus distinguitur et etiam equiualeat<sup>419</sup> omnibus attributis. Tertio loco illa<sup>420</sup> equiualeat enti a<sup>421</sup> quo prima persana constituitur. Quarto<sup>422</sup>, equiualeat principio productiuo per modum nature siue memorie perfecte<sup>423</sup>. Quinto<sup>424</sup>, equiualeat ipsi productioni<sup>425</sup> seu genito. Sexto, equiualeat ipsi productioni siue generationi actiue qua prima persona dicitur generare, et passiuue qua secunda persona dicitur generari. Septimo, equiualeat duabus relationibus: paternitati, que fundatur in<sup>426</sup> prima persona ex eo quia genuit, et filiationi, que fundatur in secunda persona ex eo quia genita est. Octauo, equiualeat principio productiuo per modum doni cui<sup>427</sup> et si secundo loco equiualebat, quia illud principium est uoluntas habens obiectum sibi presens<sup>428</sup> quo Deus amat se, tamen in octauo signo<sup>429</sup>

<sup>401</sup> nunc *IJMNOQV*, omnino *P*

<sup>402</sup> quod *IJMNOQV*, quia *P*

<sup>403</sup> et *IMNOPQV*, in *J*

<sup>404</sup> quarum existentie nulla existentia est similis *IJMNOQV*, et quarum existentia est similis *P*

<sup>405</sup> habent *JMNOPQ*, habet *IV*

<sup>406</sup> relationes *IJMNOQV*, relationem *V*

<sup>407</sup> aliqui *IJMNOQV*, quidam *Q*

<sup>408</sup> aliquid *IJMNPV*, aliud *OQ*

<sup>409</sup> ut aliqui ex uestris dixerunt, uel si sint ali 156/ quid a fundamentis *add. O (in marg.)*

<sup>410</sup> omnia *om. Q*

<sup>411</sup> qui *add. INO*

<sup>412</sup> scribunt *IJMNOQV*, conscribunt *P*

<sup>413</sup> subsistere *IJMOPV*, consistere *NQ*

<sup>414</sup> accidente *IJMNOQV*, accidentis *Q*

<sup>415</sup> substantiam *IJM (O add.sup.lin., er. subiectum) PQV*, subiectum *N*

<sup>416</sup> diuina *om. P*

<sup>417</sup> illa *om. Q*

<sup>418</sup> quo prima persona constituitur et *add. Q*

<sup>419</sup> equiualeat *MNOQ*, quilibet *IJPV*

<sup>420</sup> illa *om. V*

<sup>421</sup> a *M (er.)*, *om. OP*

<sup>422</sup> Tertio loco illa equiualeat enti a quo prima persana constituitur. Quarto *om. Q*

<sup>423</sup> perfecte *JMNOPQ*, persone *IV*

<sup>424</sup> Quinto *om. Q*

<sup>425</sup> productioni *IJMNPV*, producto *OQ*

<sup>426</sup> in *om. V*

<sup>427</sup> cui *IJMNOQV*, que *Q*

<sup>428</sup> habens obiectum sibi presens *IJMNOQV*, habens obiectum, obiectum sibi presens *V*

<sup>429</sup> signo *IOJMNOQV*, significato *P*

ipse<sup>430</sup> tali principio producit. Ideo in hoc signo equiuale<sup>431</sup> sibi ut iam productiuo, quia hoc principium<sup>432</sup> non producit<sup>433</sup> nisi memoria intelligatur produxisse. Sicut enim uoluntas non fertur nisi in precognitum neque fugit aut contemnit nisi cognitum ita neque producit nisi<sup>434</sup> produxisse intelligatur intellectus. Talis enim est ordo ipsarum potentiarum. Nono, essentia diuina equiuale<sup>435</sup> persone per modum doni et uoluntate producte, et illi<sup>435</sup> rei qua distinguitur a producente. Decimo, equiuale<sup>436</sup> ipsi spirationi actiue qua prima<sup>436</sup> et secunda persona dicuntur spirare, et passiuue qua tertia persona dicitur spirari, hoc est, uoluntate produci. Vndecimo, equiuale<sup>437</sup> duabus relationibus apud uos<sup>437</sup> innominatis, quarum una fundatur in duabus personis ex eo quia spirauerunt, et altera<sup>438</sup> in<sup>439</sup> tertia ex eo quia spirata est. Que due relationes ita in suo conceptu differunt a spirare<sup>440</sup> et spirari sicut paternitas et filiatio a generare et generari. Et possetis illas nominare sicut illa<sup>441</sup> que est in spirantibus dicatur donatio actiua et illa que est in persona spirata dicatur donatio<sup>442</sup> passiuua. Sed melius est ut ipsam productionem uocetis donationem sicut alteram uocatis generationem, et illas<sup>443</sup> relationes que insurgunt uocetis<sup>444</sup> spirationem actiuam et passiuam. Vnde sicut persona genita dicitur Filius sic persona donata dicitur Spiritus quasi spiratus et Spiritus<sup>445</sup> Sanctus, quia casta et sancta totaque<sup>446</sup> benigna uoluntate producit. Vnde accipiendo [157] Spiritum pro persona spirata, Pater non est Spiritus<sup>447</sup> neque Filius est Spiritus<sup>448</sup>, sed sola persona donata est Spiritus. Accipiendo autem spiritum pro substantia incorporea et immateriali<sup>449</sup>, sic<sup>450</sup> Pater est spiritus et Filius est spiritus et Spiritus, id est, Persona Spirata est spiritus, quia Deus est spiritus.<sup>451</sup> Duodecimo, diuina natura

<sup>430</sup> ipse *IJMNOV*, ipso *OP*

<sup>431</sup> equiuale<sup>431</sup> *IJMNOV*, equiualebat *Q*

<sup>432</sup> principium *IJMNOV*, prius *Q*

<sup>433</sup> Ideo in hoc signo equiuale<sup>433</sup> sibi ut iam productiuo quia hoc principium non producit *om. P*  
non producit *om. V*

<sup>434</sup> nisi *IJMNOV*, antequam *Q*

<sup>435</sup> illi *IJMNOV*, ali *Q*

<sup>436</sup> persona *add. P*

<sup>437</sup> uos *add. M (in marg. a.m.)*

<sup>438</sup> fundatur solum *add. M (sup lin a. m) OQ*

<sup>439</sup> in *om. I*

<sup>440</sup> a spirare *IJMNOQ*, et spirare *P*, aspirare *V*

<sup>441</sup> illas nominare sicut illa *IJMNOV*, illas numerare sic atque etiam nominare et illas *Q*

<sup>442</sup> actiua et illa que est in persona spirata dicatur donatio *om. I*

<sup>443</sup> illas *IJMNOV*, ille *Q*

<sup>444</sup> uocetis *IMNOPV*, uocatis *J*, possetis uocare *Q*

<sup>445</sup> quasi spiratus et Spiritus *om. Q*

<sup>446</sup> diuina et *add. Q*

<sup>447</sup> Pater non est Spiritus *IJMNOV*, Pater non est Filius *Q*

<sup>448</sup> Sanctus *add. Q*

<sup>449</sup> immateriali *JMNOQ*, immortalali *IPV*

<sup>450</sup> sic *om. Q*

<sup>451</sup> et Spiritus, idest, Persona Spirata est spiritus quia Deus est Spiritus. *IMNOPV*, et similiter Spiritus Sanctus. Persona donata est Spiritus Sanctus quia Deus est Spiritus *Q*

Vocamus autem illam productionem donationem quia uoluntas tribuitur et communicatur liberaliter illi persone. Omnis perfectio quia productio illa libera est et persona illa tertia potest dici donum uel datum seu donatum quia uoluntate libere productum, non quia hominibus datum uel donatum. Ab eterno ergo illa persona est donum, ab eterno est donata quia uoluntate libere producta. Vestri hoc bene non perceperunt, referentes illa nomina ad creaturas. Verum est enim quod uobis et nobis datus est Spiritus. Sed si numquam creature fuisset datus, ipse tamen est datum et donatum ab eterno, hoc est, libere productum. *add. M (in marg. a.m.) O*

Vocamus autem illam productionem donationem quia uoluntas tribuitur et comunicatur liberaliter illi persone omnis perfectio quia productio illa est libera et persona illa tertia potest dici donum uel datum seu donatum quia uoluntate libere productum, non quia hominibus datum uel donatum. Ab eterno ergo illa

equialet tribus relationibus fundatis in Patre ad Filium et tribus fundatis in Filio ad Patrem<sup>452</sup>. Pater enim est idem Filio in natura et substantia et<sup>453</sup> equalis in uirtute et omni perfectione<sup>454</sup> et similis in omni qualitate. Similiter et Filius est idem et equalis et similis Patri suo. Et hoc poterat poni octauo signo<sup>455</sup>. Hic tamen ponitur simul<sup>456</sup> quia in hoc signo<sup>457</sup> equialet idemptitati, equalitati<sup>458</sup> et similitudini fundatis in Patre ad Spiritum Sanctum et in Filio ad Spiritum Sanctum et in Spiritu Sancto ad Patrem et in eodem Spiritu Sancto ad Filium<sup>459</sup>. Similitudines autem plures intelliguntur in eadem persona<sup>460</sup> eandem<sup>461</sup> secundum quod plura concipiuntur in quibus assimilantur, ut ueritas, bonitas, sapientia et alia huiusmodi. Que omnia sunt in qualibet persona, quia diuina essentia que est in qualibet persona equialet omnibus illis et sic<sup>462</sup> equialet et<sup>463</sup> omnibus similitudinibus. Similiter in omni perfectione et uirtute sunt equales, diuina natura equialente omnibus perfectionibus et omnibus uirtutibus.

Idemptitas autem dicitur de personis secundum substantie unitatem. Vbi uide quod in Patre sunt tres relationes, quas communes appellatis, ad Filium et tres ad Spiritum Sanctum. Et hoc loquendo generaliter. Sex ergo sunt in Patre generaliter<sup>464</sup> loquendo<sup>465</sup>. Nam in speciali tot sunt similitudines in Patre ad Filium et ad Spiritum Sanctum quot sunt<sup>466</sup> illa in quibus<sup>467</sup> assimilari potest<sup>468</sup>. Similiter tot sunt equalitates quot sunt illa in quibus equalitas esse potest. Similiter in Filio sunt sex in communi, tres ad Patrem et tres ad Spiritum Sanctum et tot in speciali ad utrumque quot et in Patre. Similiter sex sunt in Spiritu Sancto in communi, tres ad Patrem et tres ad Filium et tot in speciali quot

---

persona est donum, ab eterno est donata quia uoluntate libere producta. Vestri hoc non bene perceperunt, referentes illa nomina ad creaturas. *add. N*

Vocamus autem illam productionem donationem quia uoluntate tribuitur et communicatur liberaliter illi persone omnis perfectio. Et quia productio illa libera est et persona illa tertia potest dici donum uel datum seu donatum quia uoluntate libere productum, non quia hominibus datum uel donatum. Ab eterno ergo illa persona est donum, ab eterno est donata quia uoluntate libere producta. Vestri hoc bene non perceperunt, referentes illa nomina ad creaturas. Verum est enim quod nobis et uobis datus est Spiritus Sanctus. Sed si numquam creature fuisset datus, ipse tamen fuisset. Est datus et donatum ab eterno, hoc est, libere productum. *add. P*

Vocamus autem illam productionem donationem quia uoluntati tribuitur et communicatur liberaliter illi persone omnis perfectio quia productio illa libera est et persona illa tertia potest dici donum, non quia hominibus datum uel donatum quia a uoluntate libera productum. Ab eterno illa persona est donum, ab eterno est donata quia uoluntate libera producta. Vestri hoc non percepiunt, referentes illa nomina ad creaturas. Verum est enim quia nobis et uobis datus est Spiritus sed si numquam creaturis fuisset datus, ipse tamen est datum et donum ab eterno, hoc est, libere productum. *add. Q*

<sup>452</sup> ad Patrem *OPQV*, a Patre *IJMN*

<sup>453</sup> et *MNQV*, est *IJOP*

<sup>454</sup> in uirtute et omni perfectione *IJMNOPV*, in omni uirtute et perfectione *Q*

<sup>455</sup> signo *IJMNOQV*, significato *P*

<sup>456</sup> simul *IMNPV*, similis *O*, similiter *Q*

<sup>457</sup> signo *IMNOQV*, significato *P*

<sup>458</sup> equalitati *IMNOPQV*, equialenti *J*

<sup>459</sup> in Patre ad Spiritum Sanctum et in Filio ad Spiritum Sanctum et in Spiritu Sancto ad Patrem et in eodem Spiritu Sancto ad Filium. *IJMNOPV*, in Patrem et Spiritum Sanctum et in Spiritu Sancto ad Patrem et Filium. *Q*

<sup>460</sup> ad *add. M (sup.lin.a.m.) OQ*

<sup>461</sup> eandem *IJMOQV*, eadem *N*, eadem *P*

<sup>462</sup> et sic *IJMNOQV*, secundo *P*

<sup>463</sup> et *IJNPV*, in *MQ*, om. *O*

<sup>464</sup> generaliter om. *IJ*, *add.M (in marg. a.m.)*

<sup>465</sup> generaliter loquendo om. *P*

<sup>466</sup> in *add. M*

<sup>467</sup> eis *add. Q*

<sup>468</sup> quot sunt illa in quibus assimilari potest *IJMNPNV*, quot sunt ille in quibus assimilari (*er. possunt, add. sup.lin. non possunt*) *O*, quot sunt illa in quibus eis assimilari potest *Q*

in altero ipsorum. Quam multa sunt hec et tamen unica re<sup>469</sup> omnino<sup>470</sup> sunt omnia<sup>471</sup> ista. Per diuinam igitur naturam persona est similis et equalis prout illa equiualeat perfectionibus diuinis que<sup>472</sup> dicuntur quantitates<sup>473</sup> et qualitatibus diuinis<sup>474</sup>.

Natura itaque diuina ut in Patre est, primo equiualeat rei qua<sup>475</sup> constituitur in esse distincto ab illis<sup>476</sup>. Secundo equiualeat principio productiuo per modum nature. Tertio equiualeat ipsi generare uel ipsi<sup>477</sup> generationi actiue. Quarto equiualeat relationi paternitatis. Quinto equiualeat principio per modum doni productiuo. Sexto equiualeat donationi actiue. Septimo equiualeat relationi<sup>478</sup> spirationis actiue quam habet eo quia donauit. Octauo equiualeat sex relationibus communibus in generali. Nono equiualeat multis relationibus communibus in speciali.

Natura diuina prout est in Filio<sup>479</sup>, primo equiualeat<sup>480</sup> illi<sup>481</sup> rei per quam<sup>482</sup> distinguitur a Patre et Sipitu Sancto<sup>483</sup> et constituitur in esse personali<sup>484</sup>. Secundo equiualeat ipsi potentie<sup>485</sup> passiuue secundum quam<sup>486</sup> potest dici producibilis et generabilis<sup>487</sup>. Tertio equiualeat ipsi generari uel generationi passiuue.<sup>488</sup> Quarto equiualeat relationi filiationis<sup>489</sup>. Quinto equiualeat<sup>490</sup> principio [158] per modum doni<sup>491</sup> productiuo. Sexto equiualeat donationi actiue que in ipso est ita perfecte sicut in Patre, quamuis eam<sup>492</sup> habeat<sup>493</sup> a Patre. Septimo equiualeat relationi spirationis actiue quam habet<sup>494</sup> eo quod Spiritum Sanctum<sup>495</sup> donauit, hoc est, per modum donationis seu libere productionis produxit. Octauo equiualeat sex<sup>496</sup> relationibus communibus in generali. Nono equiualeat multis relationibus communibus<sup>497</sup> in speciali.<sup>498</sup>

---

<sup>469</sup> unica re *IJMNPV*, unica res *OQ*

<sup>470</sup> omnino *om. N*

<sup>471</sup> omnia *add. M(sup.lin.a.m.)*

<sup>472</sup> que *IJMNOQ*, quam *V*

<sup>473</sup> quantitates *IJMNOQV*, qualitates *P*

ut imensitas, eternitas, uirtus seu potentia *add. M(in marg.a.m.)NOPO*

<sup>474</sup> bonitatis et sapientie *add. M ( in marg. a. m.) NO*

ut bonitati et sapientie *add.*

ut bonitas et sapientia *add. Q*

<sup>475</sup> qua *IJMNOQ*, quia *V*

<sup>476</sup> illis *IJMNPQV*, aliis *O*

<sup>477</sup> ipsi *om. NQ*

<sup>478</sup> relatio *JMNOPQV*, relationi *I*

<sup>479</sup> Filio *JMNOPQV*, Spiritu Sancto *I*

<sup>480</sup> equiualeat *IJMNOQV*, equipollet *P*

<sup>481</sup> illi *om.*

<sup>482</sup> per quam *IJMNOV*, qua *Q*

<sup>483</sup> et Spiritu Sancto *om. I*

<sup>484</sup> in esse personali *om. I*

et Sipitu Sancto et constituitur in esse personali *om. V*

<sup>485</sup> potentie *IJMNOQV*, persone *P*

<sup>486</sup> quam *IJMNOQ*, quod *V*

<sup>487</sup> producibilis et generabilis *om. V*

<sup>488</sup> Tertio equiualeat ipsi generari *add. V*

<sup>489</sup> filiationis *om. V*

<sup>490</sup> equiualeat *om. Q*

<sup>491</sup> perfectissimi *add. Q*

<sup>492</sup> eam *IJMNOQ*, non *V*

<sup>493</sup> habeat *IJMNOV*, habet *Q*

<sup>494</sup> quam habet *om. I*

<sup>495</sup> Spiritum Sanctum *JMNOPQV*, Spiritus Sanctus *I*

<sup>496</sup> sex *JMNOPQ*, multis *IV*

<sup>497</sup> communibus *IJMNOV*, omnibus *V*

<sup>498</sup> Nono equiualeat multis relationibus communibus in speciali. *om. Q*

Natura diuina prout est in Spiritu Sancto, primo equialet rei qua<sup>499</sup> Spiritus Sanctus distinguitur a Patre et Filio. Secundo equialet ipsi potentie<sup>500</sup> passiuæ secundum quam potest dici donabilis a Patre. Tertio equialet ipsi potentie<sup>501</sup> passiuæ secundum quam potest dici donabilis a Filio. Quarto equialet ipsi donari<sup>502</sup> a Patre. Quinto equialet ipsi donari<sup>503</sup> a Filio. Sexto equialet ipsi relationi<sup>504</sup> spirationis passiuæ prout refertur ad primam personam<sup>505</sup> spirantem. Septimo equialet relationi spirationis passiuæ<sup>506</sup> secundum quam<sup>507</sup> refertur ad secundam personam spirantem, que est Filius, quamuis non referatur ad ipsum filiatione, sed alia<sup>508</sup>. Octauo equialet essentia diuina prout est in Spiritu Sancto sex relationibus communibus in genere<sup>509</sup>. Nono equialet<sup>510</sup> relationibus communibus in specie<sup>511</sup>. Vbi uide<sup>512</sup> tot notionalia et propria esse in persona una quot in alia<sup>513</sup>, quod<sup>514</sup> neque Alexander neque Bonauentura<sup>515</sup> neque Thomas neque Scotus, quos hic uides, cogitauerunt dum in carne uiuerent. Et nullus doctorum posuit plus quam quinque notionalia, connumerando ingenitum, de quo nihil adhuc diximus. Sine illo posuerunt quattuor notionalia, uidelicet generare, generari, spirare, spirari. Reliqua omnia pretermiserunt.

Hec theologia est, ut uides, enucleata. Conscribe omnia ut dico, quia hec uenient in manus illorum qui melius quam tu illa intelligent. Tu uero uidisti qualiter in qualibet persona sunt nouem<sup>516</sup> notionalia que<sup>517</sup> simul collecta complent numerum<sup>518</sup> uigesimum septimum<sup>519</sup>. Et in octauo notionali continentur tria notionalia<sup>520</sup>, uidelicet idemptitas, equalitas, similitudo, que triplicando<sup>521</sup> erunt sex, quia una trium tacta<sup>522</sup> est et erunt triginta tria<sup>523</sup>. Et ultra hoc<sup>524</sup>, tot<sup>525</sup> sunt in qualibet persona similitudines quot

<sup>499</sup> qua *JMNOPQ*, quia *IV*

<sup>500</sup> potentie *IJMNOQV*, persone *P*

<sup>501</sup> *idem*

<sup>502</sup> donari *IJMNOQV*, donanti *V*

<sup>503</sup> donari *IJMNOQV*, donanti *V*

<sup>504</sup> relationi *om. IV*

<sup>505</sup> personam *om. V*

<sup>506</sup> prout refertur ad primam personam spirantem. Septimo equialet relationi spirationis passiuæ *add. O* (*in marg.*)

<sup>507</sup> secundum quam *IJMOPQV*, prout *N*

<sup>508</sup> ad ipsum filiatione sed alia *MNOP*, ad ipsam filiationem sed alia *IJ*, ad ipsam filiationem secundum alia *Q*, ad ipsum filiationem sed alia *V*

<sup>509</sup> genere *IJMNOQV*, generali *P*

<sup>510</sup> sex *add. P*

<sup>511</sup> specie *IJNV*, speciali *MNOQ*

Sed quia unica est donatio et spiratio actiua in Patre et Filio, unica est etiam donatio et spiratio passiuæ in Spiritu Sancto ad utrumque. Et ita non erunt omnino tot propria in una quot in alia persona. *add. M* (*in marg. a.m.*) *NOQ*

<sup>512</sup> uide *om. V*

<sup>513</sup> quot in alia *IJMNOQV*, in diuinis personis *Q*

in persona una quot in alia *add. O* (*in marg. a.m., er. in personis diuinis*)

<sup>514</sup> quod *IJMNPQV*, que *O*

<sup>515</sup> neque Bonauentura *om. J, add. M* (*in marg. a.m.*)

<sup>516</sup> nouem *IJMNPV*, multa *OQ*

<sup>517</sup> que *IJNOPQV*, qua *M*

<sup>518</sup> longe maiorem quinario *add. M* (*in marg. a.m.*) *NO*

<sup>519</sup> uigesimum septimum *add. O* (*in marg. a.m.*)

<sup>520</sup> complent numerum uigesimum septimum. Et in octauo notionali continentur tria notionalia *IJMNOQV*, complent numerum longe maiorem quinario uidelicet uigesimum septimum, et octauo notionali continentur. Tria notionalia *Q*

<sup>521</sup> que triplicando *JMNOPQV*, quatriplicando *I*

<sup>522</sup> tacta *IJMOPQV*, facta *N*

<sup>523</sup> triginta tria *IMNQRV*, adhuc plura *AO*, triginta *HJP*

<sup>524</sup> hoc *EGMQV*, hec *IJNOP*

sunt in ea equalitates<sup>526</sup> et tot equalitates<sup>527</sup> quot sunt illa secundum que aliquis potest dici alii equalis, que longum esset connumerare<sup>528</sup> nunc. Qui ergo arguunt diuinas relationes nullam perfectionem dicere, ex<sup>529</sup> eo quia tunc plures essent perfectiones in Patre quam in Spiritu Sancto, non bene arguunt quia, ut uidisti, in omnibus sunt nouem. Sed bene argueretur sic: Si<sup>530</sup> diuine relationes dicunt perfectionem, ergo omnis persona caret<sup>531</sup> aliqua perfectione, quia in qualibet est aliquod<sup>532</sup> notionale<sup>533</sup> quod non est in alia. De quo postmodum dicitur.<sup>534</sup>

Tota hec multitudo est unica<sup>535</sup> res omnino, equiualens<sup>536</sup> tamen omnibus istis. Sicut ergo<sup>537</sup> qui habet talentum auri habet multa milia aureorum, ita qui habet essentiam<sup>538</sup> diuinam habet multa entia<sup>539</sup> equipollenter. His omnibus preintellectis<sup>540</sup> in duodecim signis, hec deinde addantur.<sup>541</sup>

Tertiodecimo, diuina essentia equiualeat principio productiuo<sup>542</sup> rerum aliarum<sup>543</sup> a Deo quoad cognosci. Nam, in hoc signo existens, offert intellectui [159] diuino omnia creabilia<sup>544</sup> et factibilia. Nam essentia diuina pro unoquoque creabili<sup>545</sup> et factibili correspondet<sup>546</sup> intellectui suo, hoc est, sibi prout equiualeat intellectui ac si ibi esset<sup>547</sup> in seipso illud<sup>548</sup> creabile et factibile uel in<sup>549</sup> sui similitudine. Essentia enim diuina est similitudo perfecta omnium intelligibilium. Et ita ibi sunt tot similitudines equiualeter quot<sup>550</sup> intelligibilia. Alia ergo ratione intelliguntur<sup>551</sup> equus, alia bos<sup>552</sup>, quia<sup>553</sup> essentia diuina alii et alii equiualete, ideo aliqui dixerunt una ratione essentie intelligi<sup>554</sup> omnia,

<sup>525</sup> tot *om. V*

<sup>526</sup> in ea equalitates *EHPQ*, in ea qualitates *AGJM NOS*, inequalitates *IRV*

<sup>527</sup> equalitates *IJMNO PQS*, inequalitates *V*

<sup>528</sup> connumerare *JMPV*, enumerare *INOQ*

<sup>529</sup> ex *om. P*

<sup>530</sup> argueretur sic: "Si *IJMNO PQ*, arguunt se in *V*

<sup>531</sup> caret *IJMOPQ*, careat *V*

<sup>532</sup> aliquod *IJMNOQV*, aliud *P*

<sup>533</sup> notionale *IJMNO PQ*, notionabile *V*

<sup>534</sup> Qui ergo arguunt diuinas relationes nullam perfectionem dicere, ex eo quia tunc plures essent perfectiones in Patre quam in Spiritu Sancto, non bene arguunt quia, ut uidisti, in omnibus sunt nouem. Sed bene argueretur sic: "Si diuine relationes dicunt perfectionem, ergo omnis persona caret aliqua perfectione quia in qualibet est aliquod<sup>534</sup> notionale quod non est in alia. De quo postmodum dicitur. *add. O (in .marg.a.m.)*

<sup>535</sup> unica *IMNO PQ*, una *V*

<sup>536</sup> equiualens *IMNO PQV*, equalis *J (sup. lin. equales)*

<sup>537</sup> Sicut ergo *IJMNO PV*, Sciret ergo *Q*

<sup>538</sup> essentiam *IJMNO PQ*, scientiam *V*

<sup>539</sup> entia *IJMNO PQ*, etiam *V*

<sup>540</sup> preintellectis *IJMOPQV*, intellectis *N*

<sup>541</sup> habet multa entia equipollenter. His omnibus preintellectis in duodecim signis hec deinde addantur. *IJMNO PQ*, habet multa etiam equipollenter his omnibus preintellectis in duodecim signis. Hec deinde addantur *V*

<sup>542</sup> omnium *add. Q*

<sup>543</sup> aliarum *IJNO PQV*, aliorum *M*

<sup>544</sup> creabilia *IJNO PV*, credibilia *MQ*

<sup>545</sup> creabili *IJMNO PV*, credibili *Q*

<sup>546</sup> correspondet *IJNO PQV*, correspondent *M*

<sup>547</sup> intellectui *add. Q*

<sup>548</sup> illud creabile *IJMNO PV*, ad credibile *Q*

<sup>549</sup> in *om. Q*

<sup>550</sup> sunt *add. Q*

<sup>551</sup> intelliguntur *IJMNO PV*, intelligitur *Q*

<sup>552</sup> et prima *add. Q*

<sup>553</sup> ipsa *add. Q*

<sup>554</sup> intelligi *IJMNP*, intelligi a Deo *OQ*, intellexi *V*

alii diuersis rationibus. Vtrique recte dicebant, sed non perfecte intelligebant. Vna enim essentia intelligit omnia Deus neque opus est ut sint<sup>555</sup> in ea relationes ulle ad intelligibilia precedentes eorum intellectionem<sup>556</sup> neque ulle rationes distincte, sed sufficit essentia sola prout equiualeat rationibus omnium. Non ergo sola omnino<sup>557</sup>, sed sola prout tamen equiualeat multis. Verum est quidem quod intellectus, considerans essentiam equiualentem tot et tantis<sup>558</sup> et intus et extra potest in ea sic considerata facere multa entia rationis, ut sapientie et bonitatis<sup>559</sup> quo ad intra, et similitudinem<sup>560</sup> lapidis et ferri quo ad extra<sup>561</sup>. Neque tamen talis consideratio et fabricatio est necessaria ac si bonitas non esset in Deo neque sapientia nisi Deus uel alius aliquis cogitaret. Similiter talis fabricatio entium rationis non est<sup>562</sup> necessaria ad hoc ut dicatur in Deo similitudo et ideo<sup>563</sup> lapidis uel ligni. Similitudines itaque<sup>564</sup> rerum sunt in essentia Dei in priori signo quam intelligantur a Deo<sup>565</sup>? Sunt<sup>566</sup>, dico, equiualeat, non aliquo modo distincte et ratione fabricata ab intellectu. Et hoc modo hic doctor acutus intellexit, et ostendebat Scotum. Non quod<sup>567</sup> non sint<sup>568</sup> equiualeat, sed quod non sunt<sup>569</sup> distincte ratione, ut hic alius<sup>570</sup>, ostendebat Thomam, dicere uidebatur<sup>571</sup>. Immo dico tibi quod priori signo Deus intellexit lapidem quam fabricauerat<sup>572</sup> in essentia sua, considerata distinctione<sup>573</sup> similitudinum. In primo enim signo, essentia equiualeat similitudini lapidis et ligni<sup>574</sup>, in secundo Deus lapidem et lignum intelligit<sup>575</sup>, in tertio potest distinguere in essentia sua similitudinem lapidis a similitudine ligni.

Quarto decimo<sup>576</sup> ergo signo diuina essentia equiualeat cognitioni omnium creabilium et factibilium, immo et cognitioni omnium<sup>577</sup> non<sup>578</sup> entium et impossibilium eo modo quo non ens et impossibile<sup>579</sup> potest cognosci. Non ens quidem cognosci non potest tamquam<sup>580</sup> quid sit, ponendo aliquid, quia tunc non esset<sup>581</sup> non<sup>582</sup> ens, sed ens. Sed potest cognosci quid non est<sup>583</sup>, negando omnia entia ut sit sensus: per non ens concipio

<sup>555</sup> sint *om. Q*

<sup>556</sup> intellectionem *IJMNO PV*, intellectiones *Q*

<sup>557</sup> Non ergo sola omnino *om. V*

<sup>558</sup> et tantis *IJMNO PV*, entitates *Q*

<sup>559</sup> bonitatis *IJMNO PQ*, bonitas *V*

<sup>560</sup> similitudinem *IJMNO PQ*, similitudines *V*

<sup>561</sup> sic considerata *add. Q*

<sup>562</sup> est *IJ (M add. sup. lin. a. m. dicitur) NP V*, dicitur *OQ*

<sup>563</sup> ideo *IJM V*, idea *OPQ*

<sup>564</sup> itaque *IJMOP*, enim *Q*, ita *V*

<sup>565</sup> quam intelligantur a Deo *IJMNO PV*, quando intelliguntur a Deo *Q*

<sup>566</sup> in essentia Dei in priori signo quam intelligantur a Deo. Sunt *om. V*

<sup>567</sup> quod *IJMNO PV*, quia *Q*

<sup>568</sup> in priori signo *add. M. (sup. lin. a. m.) O*

*in add. P*

<sup>569</sup> sunt *IJMNOQV*, sint *P*

<sup>570</sup> alius *IJMNOQV*, alter doctor *P*

<sup>571</sup> uidebatur *IJMNO PV*, uideatur *Q*

<sup>572</sup> fabricauerat *IMOV*, fabricauerunt *J*, fabricauerit *NP*, fabricauit *Q*

<sup>573</sup> distinctione *NOPQ*, distinctionem *IJM V*

<sup>574</sup> et cetera *add. Q*

<sup>575</sup> intelligit *IJMNO PV*, intellexit *Q*

<sup>576</sup> Quarto decimo *IJMNO PV*, Quarto *Q*

<sup>577</sup> creabilium et factibilium immo et cognitioni omnium *om. P*

<sup>578</sup> non *om. QV*

<sup>579</sup> et impossibile *om. Q*

<sup>580</sup> sit *add. V*

<sup>581</sup> quia tunc non esset *om. I*

<sup>582</sup> esset non *om. JM*

<sup>583</sup> quid non est *IJMNO PV*, quod non est ens *Q*

neque substantiam<sup>584</sup> neque accidens neque Deum neque creaturam. Et tamen uos homines dicitis: "Illud est non ens<sup>585</sup> quod neque substantia ulla<sup>586</sup> neque accidens ullum<sup>587</sup> est." Et<sup>588</sup> uidemini illud facere ens, dicendo "illud<sup>589</sup>". Sicut etiam dicitis: "extra celum nihil est" ac si locus esset extra celum. Et dicendo: "extra celum<sup>590</sup> nihil est"<sup>591</sup>, uidemini ponere extra celum<sup>592</sup> aliquid, quia locum<sup>593</sup>. Nam intus et extra sunt<sup>594</sup> differentie<sup>595</sup> loci. Tales sermones intelligendi sunt negatiue non positue. Vel est positio imaginaria solum, quod<sup>596</sup> certe non<sup>597</sup> celum<sup>598</sup> nec intra celum. Ni [160] hil est<sup>599</sup> illa dictio<sup>600</sup> quod uidetur aliquid ponere. Neque aliter loqui potestis. Et imaginatio apprehendit non ens tamquam ens, ideo dicitis quod non ens est ens et non intelligibile intelligibile. Quicquid autem concipitis ut impossibile, concipitis aliquid ex partibus repugnantibus coniunctum, ut hircum-ceruum<sup>601</sup> et hominem-bouem<sup>602</sup>.

Quintodecimo signo essentia Dei equialet amoris quo omnia talia placent Deo, quia in omnibus est participatio bonitatis sue, immo omnia sunt ipsa<sup>603</sup> participatio bonitatis Dei, ne uideamini distinguere inter participans et participatum. Tota enim creatura est quedam participatio diuine bonitatis.<sup>604</sup> Vnde participans et quod participatur<sup>605</sup> idem sunt in re omnino. Complacet sibi Deus in omnibus.

Sexto decimo signo essentia diuina equialet uolitioni aliquorum que Deus non solum amat amore<sup>606</sup> simplici<sup>607</sup> sed etiam efficaci, quia uult ea esse pro aliquo tempore. Equialet et cognitioni, quia cognoscit ea esse<sup>608</sup> pro tali tempore<sup>609</sup>. Et ulterius aliquibus uult gratiam et gloriam, ut alias<sup>610</sup> diximus quando de prescientia<sup>611</sup> Dei et predestinatione<sup>612</sup> sermonem haberemus<sup>613</sup>. Pretermitto hec<sup>614</sup>.

<sup>584</sup> substantiam *MNOPQ*, substantia *IJ*, substantia ulla *V*

<sup>585</sup> ens *IJMNO**PV*, est *Q*

<sup>586</sup> ulla *om. Q*

<sup>587</sup> ullum *IJMNO**PV*, nullum *Q*

<sup>588</sup> quia *add. Q*

<sup>589</sup> esse *add. Q*

<sup>590</sup> nihil est" ac si locus esset extra celum. Et dicendo "extra celum *add. O (in marg. a.m.)*

<sup>591</sup> ac si locus esset extra celum. Et dicendo "extra celum nihil est" *om. NQ*

<sup>592</sup> Et dicendo "extra celum nihil est" uidemini ponere extra celum *add. P (in marg. a.m.)*

<sup>593</sup> locum *JMNOPQ*, locus *IV*

<sup>594</sup> sunt *om. V*

<sup>595</sup> differentie *IJMNO**PV*, differentia *Q*

<sup>596</sup> quod *IJMNO**PV*, quia *Q*

<sup>597</sup> est *add. NOPQ*

<sup>598</sup> neque extra celum *add. N*

<sup>599</sup> est *om. V*

<sup>600</sup> non est celum nec intra celum. Nihil est illa dictio *IMNO**PV*, quod certe non est celum nec intra celum nihil. Illa dictio quod *J*, non est locus neque ultra celum nihil est, illa dictio *Q*

<sup>601</sup> hircum-ceruum *IMNO**QV*, hircum coruum *J*, hircoceruum *P*

<sup>602</sup> hominem *om. V*

<sup>603</sup> ipsa *om. Q*

<sup>604</sup> quia creatura pars quedam est bonitatis diuine quia longe minor illa et ab illa *add. (M in marg. a.m.) NOQV*

<sup>605</sup> quod participatur *IJMNO**PV*, participatum *Q*

<sup>606</sup> amore *om. V*

<sup>607</sup> non solum amat amore simplici *IJMNO**PV*, uult non solum amore simplici *Q*

<sup>608</sup> esse *IJMNO**PQ*, etiam *V*

<sup>609</sup> equialet et cognitioni quia cognoscit ea etiam pro tali tempore *add. V*

<sup>610</sup> alias *IJMNO**PQ*, aliis *V*

<sup>611</sup> prescientia *IJNO**PQV*, sapientia *M*

<sup>612</sup> predestinatione *IJMNO**PV*, predestinatio *Q*

<sup>613</sup> haberemus *IJNPV*, habebamus *MO*, faceremus *Q*

<sup>614</sup> hec *JMNOP*, hoc *IQV*

Intellexisti qualiter non est aliud in Deo quam deitas<sup>615</sup> et qualiter equiualeat sibi pro tot et tantis rebus et perfectionibus. Que enim sparsa sunt in inferioribus, collecta sunt omnia in natura diuina<sup>616</sup> et ipsa sola fiunt omnia ac si essent ibi multa realiter distincta. Nunc audi<sup>617</sup> quedam de hac notione que ponitur in prima persona et dicitur ingenitum. Illa dictio potest quattuor denotare.

Primo negationem geniti et illo modo multa sunt ingenita, uidelicet omnia illa que non sunt genita. Omnia igitur<sup>618</sup> creata sunt ingenita<sup>619</sup>. Et Spiritus Sanctus, qui<sup>620</sup> non est genitus, dici poterit<sup>621</sup> ingenitus. Et ita non solus<sup>622</sup> Pater est ingenitus.

Alio modo potest denotare negationem productionis actualis sic ut<sup>623</sup> ingenitum sit idem quod improductum. Et illo modo creata non sunt<sup>624</sup> ingenita, quia sunt producta. Neque Spiritus Sanctus est ingenitus, quia et ipse productus<sup>625</sup>. Tamen etiam illud quod<sup>626</sup> non est nec fuit nec erit, ingenitum dici potest, quia improductum, ut aliqua rosa que numquam fuit aut erit producta tamen producibilis est. Et hoc modo ingenitum non conuenit Deo<sup>627</sup> Patri, quia ipse improductus et improducibilis est.

Tertio modo ingenitum potest denotare<sup>628</sup> negationem productionis actualis et aptitudinalis sic ut<sup>629</sup> non sit productum<sup>630</sup> neque producibile<sup>631</sup> et hoc absolute. Et isto modo impossibilia, ut hircus-ceruus<sup>632</sup>, sunt ingenita, non solum<sup>633</sup> Deus Pater.

Quarto modo ingenitum dicit negationem productionis cuiuscumque et actualis et aptitudinalis cum respectu<sup>634</sup> quod illud tale sit ens, sic intelligendo ingenitum, hoc est, ens uel suppositum improductum uel improducibile. Et ita<sup>635</sup> conuenit soli<sup>636</sup> Deo Patri. Ipse enim solus est et<sup>637</sup> non est ab alio. Vbi<sup>638</sup> dico tibi quod ratio illa que ponit quod prius competit<sup>639</sup> illi persone esse ingenitum quam generare, uera est et bene concludit. Nam, si prima persona esset ab [161] alia, prius respiceret illam personam a qua esset quam illam que ab ipsa est<sup>640</sup>. Ita ex quo non est<sup>641</sup> ab alio prius sibi competit negatio illa "non esse ab alio" quam affirmatio ista "aliquid esse ab illa", quia pro quocumque signo affirmatio<sup>642</sup> uera esset. Si non esset<sup>643</sup>, pro illo eodem erit uera negatio si

<sup>615</sup> deitas *IJMNOQV*, Deus *P*

<sup>616</sup> diuina *IJMNOQV*, Dei *Q*

<sup>617</sup> audi *IJMNOQV*, audio *V*

<sup>618</sup> Omnia igitur *IJMNOQV*, Et sic omnia *Q*

<sup>619</sup> uidelicet omnia illa que non sunt genita. Omnia igitur creata sunt ingenita. *om. N*

<sup>620</sup> qui *om. Q*

<sup>621</sup> poterit *IJMNOQV*, potest *Q*

<sup>622</sup> solus *JNOPV*, solum *IMQ*

<sup>623</sup> ut *IJMNOQV*, quod *Q*

<sup>624</sup> sunt *om. V*

<sup>625</sup> est *add. Q*

<sup>626</sup> Tamen etiam illud quod *IJMNOQV*, Tamen isto modo quod *Q*

<sup>627</sup> Deo *om. Q*

<sup>628</sup> denotare *IJMNOQV*, notare *P*

<sup>629</sup> ut *IJMNOQV*, quod *Q*

<sup>630</sup> actualis et aptitudinalis sic ut non sit productum *add. V*

<sup>631</sup> producibile *IJMNOQV*, producibilis *V*

<sup>632</sup> hircus-ceruus *IJNOQV*, hircoceruus *P*, hirco-coruus *M*

<sup>633</sup> solum *IJMNOQV*, solus *O*

<sup>634</sup> cum respectu *IJMNOQV*, cum intellectu *P*

<sup>635</sup> ita *IJMNOQV*, sic *Q*

<sup>636</sup> soli *IJMNOQV*, solo *V*

<sup>637</sup> et *IJMNOQV*, qui *P*

<sup>638</sup> Vbi *IJMNOQV*, Qui *Q*

<sup>639</sup> competit *IJMNOQV*, conuenit *Q*

<sup>640</sup> est *IJMNOQV*, esset *P*

<sup>641</sup> est *om. Q*

<sup>642</sup> affirmatio *IJMNOQV*, affirmatio *V*

affirmatio pro illo<sup>644</sup> falsa sit<sup>645</sup>. Et ille qui, contra hoc arguendo, dicit<sup>646</sup> negationem non posse alicui<sup>647</sup> ante omnem affirmationem competere, bene arguit<sup>648</sup>, quia primum quo Pater subsistit et est persona non potest esse negatio. Non tamen bene concludit quod generare sit prius in Patre<sup>649</sup> quam ingenitum<sup>650</sup>. Sed bene concludit<sup>651</sup> quod aliquid<sup>652</sup> posituum prius competit Patri<sup>653</sup> quam illa negatio. Et ideo essentia diuina non prout equialet ipsi generationi uel paternitati constituit personam illam, sed prout equialet entitati hipostatice que est entitas absoluta non relatiua<sup>654</sup>.

Persone diuine sunt in se absolute et referuntur<sup>655</sup> relationibus superadditis. Neque tamen constitute sunt ex<sup>656</sup> duabus rebus uel<sup>657</sup> entitatibus neque ex deitate et relatione tamquam alia re superueniente, sed ex deitate sola et unica re omnibus his<sup>658</sup> equialente. Relatio igitur superaddita non est nisi essentia diuina equialens relationi. Constituitur itaque persona diuina. Multa ei superadduntur et tamen simplicissima est neque habet plura entia in se<sup>659</sup> sed tantum unum ens quod est dietas. Ridemus<sup>660</sup> nos angeli, ut loquar<sup>661</sup> modo humano, quando audimus<sup>662</sup> uos homines disputantes et dicentes<sup>663</sup> quod persone constituuntur ex relatione originis<sup>664</sup> et distinguntur per illas prout differunt ratione absentia<sup>665</sup>. Et hoc ideo quia nomina personis imposita sunt relatiua et<sup>666</sup> quia Christus dixit: "In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti". Et non aduertunt quod nomina imponuntur a proprietatibus, quod et ipsi alias dicunt, et quia proprium Prime Persone est generare et ita Patrem esse. Nomen sibi impositum est a sua proprietate sicut nomen illius rei que ledit pedem dicitur lapis. Quamuis ergo illud nomen a proprietate accipiatur<sup>667</sup>, illi tamen persone imponuntur<sup>668</sup> sicut et<sup>669</sup> nomen lapis non lesionem pedis significat, sed rem illam. Vnde istud<sup>670</sup> nomen "Pater" est nomen<sup>671</sup> proprium Prime<sup>672</sup> Persone. Non sic est quando aliquem hominem patrem

---

<sup>643</sup> non esset *IJMNO*PV, inhesset *Q*

<sup>644</sup> illo *IMP*, illis *V*

<sup>645</sup> si affirmatio pro illo falsa sit *IJMNO*PV, et tamen pro aliquo signo negatio possit esse uera etiam si pro illo esset falsa affirmatio, et hoc sine aliquo inconuenienti *Q*

<sup>646</sup> dicit *IJMNO*PV, dixit *Q*

<sup>647</sup> non posse alicui *om. P*

<sup>648</sup> arguit *IJMNO*PV, dicit *Q*

<sup>649</sup> Patre *MNO*PQ, Patrem *IJV*

<sup>650</sup> ingenitum *IJMNO*PV, ingenito *Q*

<sup>651</sup> quod generare sit prius in Patre quam ingenitum. Sed bene concludit *add. M (in marg. a.m.)*

<sup>652</sup> aliquid *IJMNO*V, aliquod *PQ*

<sup>653</sup> Patri *om. V*

<sup>654</sup> relatiua *IJMNP*V, respectiua *O (add. in marg. a.m. alias relatiua) Q*

<sup>655</sup> referuntur *IJMNO*V, referunt *PQ*

<sup>656</sup> ex *IJMNO*P, in *V*

<sup>657</sup> ex duabus rebus uel *IJMNO*PV, ex duobus relationibus, rebus et *Q*

<sup>658</sup> his *om. Q*

<sup>659</sup> entia in se *JMNO*PQV, etiam in re *I*

<sup>660</sup> Ridemus *MN (O sup. ras.) Q*, Redeamus *IPV*

<sup>661</sup> loquar *IJMNO*V, loquamur *PQ*

<sup>662</sup> audimus *JMNO*Q, audiuius *IPV*

<sup>663</sup> et dicentes *om. V*

<sup>664</sup> ex relatione originis *IJMNP*, per relationes originis *OQ*, per relationes *V*

<sup>665</sup> absentia *IJM*V, ab essentia *NOPQ*

<sup>666</sup> et *IJMNO*PQ, eo *V*

<sup>667</sup> accipiatur *IJMNO*PV, recipiatur *Q*

<sup>668</sup> imponuntur *IJMNO*PV, imponitur *Q*

<sup>669</sup> et *IJMNO*P, illud *Q*, est *V*

<sup>670</sup> istud *IJMNO*PV, illud *M*, id *Q*

<sup>671</sup> nomen *om. V*

<sup>672</sup> prime *IJMNO*PQ, proprie *V*

uocatis. Quando enim dicitis: hic homo est pater<sup>673</sup>, dicitis nomen commune et accidens de illo in quo est. Quando autem dicitis: hic est Pater<sup>674</sup>, ostensa Prima Persona, non dicitis accidens de subiecto, sed sicut si<sup>675</sup> diceretis<sup>676</sup>: iste est Ioannes, ostenso filio Zacharie uel Zebedei<sup>677</sup>. Est ergo nomen proprium et substantiuum. Ex quo ergo nulli<sup>678</sup> alii est tale nomen proprium, iustum est ut quandocumque nominatur uel profertur<sup>679</sup> "Pater" sine alia additione<sup>680</sup> intelligatur Prima Persona diuina. Quod nomen prout significat personam illam, ut dixi, est substantiuum, prout uero significat relationem in concreto, que significat ipsum referri ad filium, tunc illud nomen accipitur quasi adiectiue, quia significat relationem illam et illum<sup>681</sup> concernit in quo est.

Similiter nomen Secunde Persone impositum est illi a proprietate sua que est generari<sup>682</sup>, et a relatione filiationis que<sup>683</sup> consequitur talem generationem et est nomen proprium Secunde Persone. Vnde quando propheta dicit: "Filius<sup>684</sup> datus est nobis", stat ibi filius pro Secunda Persona, que carnem assumpsit. Ideo sequitur<sup>685</sup>: "Vocabitur nomen eius<sup>686</sup> Deus", ac si diceret: "Filius qui datus est nobis Deus est". Est ergo "Filius" nomen proprium<sup>687</sup> Secunde Persone et nomen<sup>688</sup> substantiuum. Quando uero significat relationem illam qua persona illa refertur ad Patrem, tunc est quasi adiectiuum et nomen commune, ut ibi: "Quid<sup>689</sup> nomen filii eius, si nosti? Ac si diceret: "Filii Dei nomen<sup>690</sup> si nosti agnosces, aliud non esse<sup>691</sup> reperies quam hoc nomen Filius<sup>692</sup>". Vnde [162] dicendo: "Filius est filius", potest intelligi in subiecto pro<sup>693</sup> persona et ut est nomen proprium, et in predicato<sup>694</sup> pro filio prout<sup>695</sup> est nomen commune, sicut<sup>696</sup> diceretur<sup>697</sup>: "Ioannes<sup>698</sup> est filius". Sic etiam dicendo "Pater est pater", potest intelligi sic: "Prima Persona est Pater, quia genuit". Et alio modo:<sup>699</sup> "prima Persona est Prima Persona". Vnde Christus dixit: "Confiteor tibi, Pater<sup>700</sup>". Vocauit eum nomine communi

<sup>673</sup> "Hic homo est pater" *IJMNPV*, "hic apud uos, hoc est, pater" *O* (*sup. ras.* hic apud uos, hic homo est pater) *Q*

<sup>674</sup> de illo in quo est. Quando autem dicitis: "Hic est Pater" *JMOQ*, de illo in quo cum dicitis: "Hic est Pater" *INP*, de illo in quocumque dicitis: "Hic est Pater" *V*

<sup>675</sup> sicut si *M*(*add. si sup.lin.a.m.*)*NO PQ*, sicut *IJ*, sic *V*

<sup>676</sup> diceretis *IJMNO PQ*, diceritis *V*

<sup>677</sup> uel Zebedei *om. V*

<sup>678</sup> nulli *JMNOPQV*, multi *I*

<sup>679</sup> hoc nomen *add. Q*

<sup>680</sup> sine alia additione *IJMNO PV*, sine alio adiuncto *Q*

<sup>681</sup> illum *JMNOPV*, illam *I*, illud *Q*

<sup>682</sup> generari *IJMNO PQ*, ingenerari *V*

<sup>683</sup> que *IJMNO P*, qui *Q*, qua *V*

<sup>684</sup> qui *add. P*

<sup>685</sup> sequitur *IJMNO V*, semper *P*, dicitur *Q*

<sup>686</sup> eius *om. IJ*

<sup>687</sup> proprium *om. Q*

<sup>688</sup> proprium *add. M* (*in marg. a.m.*) *OP*

<sup>689</sup> Quid *IJMNO PV*, Quod *Q*

<sup>690</sup> nomen *add. V*

<sup>691</sup> aliud non esse *IJMNO PV*, neque aliud nomen *Q*

<sup>692</sup> Filius *IJMNO PQV*, Filii *O*

<sup>693</sup> pro *om. V*

<sup>694</sup> predicato *IJMNO PQ*, producato *V*

<sup>695</sup> prout *IJMNO PQ*, pro *V*

<sup>696</sup> sicut *IJ* (*M add. sup.lin.a.m. si*) *NOP*, sicut si *Q*, sic *V*

<sup>697</sup> diceretur *IJMNO PV*, si diceret *Q*

<sup>698</sup> Ioannes *om. V*

<sup>699</sup> "Prima persona est Pater quia genuit". Et alio modo: *om. Q*

<sup>700</sup> celi et terre *add. P*

ac si dixisset<sup>701</sup>: "Confiteor tibi quia<sup>702</sup> me genuisti et es<sup>703</sup> mihi Pater, aliorum uero omnium Dominus<sup>704</sup>". Ideo subiunxit: "Domine celi et terre et omnium que in eis sunt". Quando postmodum dixit: "Nemo nouit Filium nisi Pater neque<sup>705</sup> Patrem quis nouit nisi Filius et cui uoluerit Filius reuelare", tunc nomen filii et patris accepit<sup>706</sup> substantiue non adiectiue, quia quando capitur adiectiue, tunc est nomen commune et stat<sup>707</sup> indifferenter pro hoc patre uel illo, pro hoc filio uel illo<sup>708</sup>. Ibi<sup>709</sup> autem in uerbis Domini<sup>710</sup> est talis sensus: "Nemo nouit Secundam Personam nisi Prima et ipsamet Secunda<sup>711</sup> et<sup>712</sup> Spiritus Sanctus, qui etiam est Deus, neque Primam Personam<sup>713</sup> quis nouit nisi Filius et<sup>714</sup> ipsamet Prima Persona et Spiritus Sanctus<sup>715</sup>." Non excludebat ergo personas<sup>716</sup> a cognitione tali, sed creaturas omnes que nequeunt Deum noscere<sup>717</sup> nisi ipse uoluerit. Vnde sequitur: "et cui uoluerit Filius reuelare". Qui tamen illud<sup>718</sup> numquam reuelat sine<sup>719</sup> Patre et Spiritu Sancto.

Similiter<sup>720</sup> nomen "Spiritus Sanctus" impositum est Tertiæ Personæ a proprietate sibi propria que est spirari seu uoluntate produci. Que uoluntas benigna et sancta est. Ideo<sup>721</sup> nomen illius Personæ recte uocatum est Spiritus Sanctus, cui omnia dona et omnis gratia<sup>722</sup> attribuuntur<sup>723</sup>. Nihil in mundo est ipso benignius, nihil dulcius<sup>724</sup>, nihil suauius. Neque tamen suauior est<sup>725</sup> Patre et Filio, quia suauitas una est in tribus.

Vidisti ergo qualiter illa<sup>726</sup> dictio "pater" nunc significat suppositum diuinum, nunc proprietatem eius, et interdum accipitur equiuoce pro Creatore. Et sic<sup>727</sup> omnes tres Personæ sunt unus Pater omnium creaturarum. Immo interdum accipitur pro sanctificatore et sic est<sup>728</sup> in speciali Pater angelorum et hominum tota Trinitas. Hec itaque tria nomina sunt magne uirtutis. Vnumquodque<sup>729</sup> enim significat personam

<sup>701</sup> dixisset *IJMNO PV*, diceret *Q*

<sup>702</sup> quia *INOPV*, qui *JMQ*

<sup>703</sup> es *om. V*

<sup>704</sup> Dominus *IJMNO PQ*, Dominum *V*

<sup>705</sup> neque *IJMOPQV*, uel *N*

<sup>706</sup> accepit *IJMNO PQ*, accipit *V*

<sup>707</sup> quia (quando capitur adiectiue *add. M. in marg. a. m.*) tunc est nomen commune et stat *MO*,

quia tunc est nomen commune et stat *IJP*,

quia tunc non est nomen commune et stat *N*,

quia quando accipitur adiectiue stat *Q*,

quia quando accepit adiectiue tunc est nomen commune et stat *V*

<sup>708</sup> pro hoc patre uel illo, pro hoc filio uel illo *IJMNO PV*, pro hoc uel ideo patre, pro hoc uel ideo filio *Q*

<sup>709</sup> Ibi *IJMNO PV*, Ideo *Q*

<sup>710</sup> Domini *om. V*

<sup>711</sup> persona *add. NQ*

<sup>712</sup> et *IJMNO PQ*, est *V*

<sup>713</sup> Primam Personam *IJMNO P*, Primam *Q*, Prima Persona *V*

<sup>714</sup> et *IJMNO PQ*, ea *V*

<sup>715</sup> Sanctus *om. IJNV*

<sup>716</sup> personas *IJMNO PQ*, personam *V*

<sup>717</sup> noscere *IJPQ*, nosse *N (MV nosce)*

<sup>718</sup> illud *om. I*

<sup>719</sup> sine *IJMNOQV*, nisi *P*

<sup>720</sup> hoc *add. M (sup. lin. a. m.) OQ*

<sup>721</sup> Ideo *IJMNO PV*, Immo *Q*

<sup>722</sup> omnis gratia *IJMOPV*, omnes gratie *NQ*

<sup>723</sup> attribuuntur *IJMNO P*, tribuuntur *Q*, attribuitur *V*

<sup>724</sup> nil dulcius *om. Q*

<sup>725</sup> suauior est *om. Q*

<sup>726</sup> illa *IJNO PQV*, alia *M*

<sup>727</sup> sic *om. P*

<sup>728</sup> est *om. P*

<sup>729</sup> Vnumquodque *IJMNO PQV*, Vtrumque *O (add. sup. lin. a. m. Vnumquodque)*

diuinam sub propria ratione, quamuis persone<sup>730</sup> a uobis<sup>731</sup> non intelligantur<sup>732</sup> sub<sup>733</sup> propria ratione. Ille qui tamen dixit: "Baptizantes eos in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti", bene cognoscebat personas illas sub ratione propria. Nec licet dicere: "in nomine Ingeniti<sup>734</sup> aut<sup>735</sup> Verbi aut<sup>736</sup> Amoris Spirati", neque "in nomine Genitoris uel utriusque Spiratoris", quia alia<sup>737</sup> non significant personas sub ratione propria. Vnde, quamuis proprietates Verbi et Filii non sint due proprietates, sed una, et solum dicunt rationem<sup>738</sup>, tamen baptizando ac etiam inuocando Sanctam Trinitatem non congrue dicitur: "in nomine Patris et Verbi". Dicitur autem Verbum in quantum producit memoria Patris, Filius in quantum gignitur de substantia gignentis<sup>739</sup> in natura intellectuali, ut diximus.

In primo itaque signo intelligitur Persona Prima<sup>740</sup> constituta ex deitate, ut natura est, et deitate, ut<sup>741</sup> equiualens est rei absolute qua<sup>742</sup> persona constituitur et distinguitur. In secundo signo intelligitur generare. In tertio Pater, ut diximus. An tamen genuisse dictat<sup>743</sup> relationem paternitatis uel eam<sup>744</sup> precedit<sup>745</sup>, declarabit<sup>746</sup> suo tempore ille qui electus est ad hoc officium. Nam quidam ex uestris putant nil aliud esse Patrem quam hoc quod est genuisse<sup>747</sup>, et Filium hoc quod<sup>748</sup> est esse genitum. Et quia illum qui genuit impossibile est non<sup>749</sup> genuisse, similiter et Genitum impossibile est [163] non esse genitum, ideo qui<sup>750</sup> Pater semel est, semper<sup>751</sup> est, et qui Filius semel est, semper Filius est. Et ita Maria numquam desiit esse mater Dei. Et hoc modo non esset<sup>752</sup> in Patre deitas equiualens generationi seorsum et paternitati seorsum<sup>753</sup>, prout superius diximus. Similiter non esset aliud deitatem equiualetere generari uel genito quam equiualetere<sup>754</sup> filiationi. Neque in Spiritu Sancto<sup>755</sup> esset alia ratio ipsius donari uel produci libere et alia relationis<sup>756</sup> quam spirationem passiuam nominauimus superius. Et eodem modo nomen Patris et Gignentis uel Genitoris idem omnino significarent<sup>757</sup>. Similiter et nomen Geniti atque Filii quod an sit uerum discutiet pastor ille. Pro nunc

<sup>730</sup> persone *IJMNO*PV, perfecte *Q*

<sup>731</sup> uobis *IJMNO*P, nobis *Q*V

<sup>732</sup> intelligantur *IJMNO*PV, intelligatur *Q*

<sup>733</sup> illa *add. V*

<sup>734</sup> Ingeniti *MNO*PQ, Geniti *I*JV

<sup>735</sup> aut *IJMNO*PV, et *Q*

<sup>736</sup> *idem*

<sup>737</sup> alia *IJMNO*PV, talia *Q*

<sup>738</sup> dicunt rationem *JMN*V, differunt ratione *OP*, distant ratione *Q*

<sup>739</sup> de substantia gignentis *IJMNO*PV, substantia genitoris *Q*

<sup>740</sup> distincta et *add. Q*

<sup>741</sup> ut *NOP*Q, et *I*JMV

<sup>742</sup> qua *JO*, quia *IMNP*V, quod *Q*

<sup>743</sup> dictat *I*JV, dicat *MNO*PQ

<sup>744</sup> eam *IJMNO*PQ, ea *V*

<sup>745</sup> precedit *IJMNO*V, precedat *PQ*

<sup>746</sup> declarabit *MNO*P, declarabitur *I*JQV

<sup>747</sup> quam hoc quod est genuisse *IJMNO*PV, quam genuisse Filium *Q*

<sup>748</sup> et Filium hoc quod est *I*JOP, et Filium, hoc est, quod *MV*, et Filium hoc esse quod *N*, et Filium nihil aliud esse quam hoc quod *Q*

<sup>749</sup> non *JMNOP*Q, omnino *IV*

<sup>750</sup> qui *JMNOP*Q, quia *IV*

<sup>751</sup> Pater *add. Q*

<sup>752</sup> esset *IJMNO*PQ, esse *V*

<sup>753</sup> et paternitati seorsum *om. JP*

<sup>754</sup> equiualetere *IJMNO*QV, equiualens *P*

<sup>755</sup> Sancto *om. IMV*

<sup>756</sup> relationis *IJMNO*QV, relatio *P*

<sup>757</sup> significarent *I*J(*M add. sup.lin. significant*) *NPV*, significant *OQ*

sequimini quod te superius docui, uidelicet aliam rationem esse<sup>758</sup> generationis actiue et passiuę, aliam paternitatis et filiationis.

Tunc ego<sup>759</sup> interrogauit quomodo una persona non sit maior alia, et quare una persona non careat aliqua perfectione, quia<sup>760</sup> in<sup>761</sup> una sunt alia propria quam in alia, et quare non sunt ibi plures productiones quam due.

Sic me interrogante, angelus ita loqui cepit: "Iam uidendum est quomodo non est<sup>762</sup> maior una persona quam alia. Et aduerte. Sicut duo numeri<sup>763</sup> in quibus est par multitudo unitatum<sup>764</sup> non dicitur maior alio, quamuis alie sint unitates in uno quam in alio; sicut non est maior quinquarius manus dextre quam sinistre licet alii digiti sint in dextra quam in sinistra, sic quia in personis diuinis tot sunt proprietates in una quot sunt in alia<sup>765</sup>, ut superius ostendimus<sup>766</sup>, licet non sint eadem<sup>767</sup> in una que sunt in alia, ideo una non est maior alia.<sup>768</sup> Sed accipiendo maius pro eo quod est dignius et nobilius, possetis mirari quare Pater non sit<sup>769</sup> maior Filio ex quo est dignior. Nam generare et ex se habere<sup>770</sup> omnia dignius est quam generari et ab alio accipere omnia et similiter<sup>771</sup>, quia<sup>772</sup> beatius est et excellentius<sup>773</sup> dare quam accipere. Sed Pater generat et habet<sup>774</sup> omnia ex se et Filio dat omnia. Filius uero generatur et omnia habet ab alio et omnia accipit<sup>775</sup> a Patre. Ergo dignior est<sup>776</sup> Pater Filio et uterque Spiritu Sancto. Quoniam ergo non potest negari quin sit<sup>777</sup> dignius dare secundum suam rationem quam accipere, ideo ea ratione non est<sup>778</sup> inconueniens Patrem<sup>779</sup> putare<sup>780</sup> digniorem, non quod sit

---

<sup>758</sup> esse om. V

<sup>759</sup> ego om. O

<sup>760</sup> quia IJMNOV, ex quo Q

<sup>761</sup> in om. I

<sup>762</sup> est IJMOPV, sit NQ

<sup>763</sup> numeri MNO, nummi P, numerum IV

<sup>764</sup> duo numeri in quibus est par multitudo unitatum add. O (in marg.a.m., er. unus numerus)

<sup>765</sup> alia IJNOP, altera MV

<sup>766</sup> ostendimus IJMNV, diximus P

ut superius ostendimus add. O (sup.lin.a.m.)

<sup>767</sup> eadem IJV, eedem MP

<sup>768</sup> Sicut duo numeri in quibus est par multitudo unitatum non dicitur maior alio quamuis alie sint unitates in uno quam in alio, sicut non est maior quinquarius manus dextre quam sinistre licet alii digiti sint in dextra quam in sinistra, sic quia in personis diuinis tot sunt proprietates in una quot sunt in altera, ut superius ostendimus, licet non sint eedem in una que sunt in alia, ideo una non est maior alia. IMNPV,

Sicut duo numeri in quibus est par multitudo unitatum non dicitur maior alio quando in eis est par multitudo unitatum, quamuis alie sint unitates in uno quam in alio, sicut non est maior quinquarius manus dextre quam sinistre sed alii digiti sint in dextra quam in sinistra, sic in personis diuinis tot essent proprietates in una quot in alia, ut superius ostendimus, licet non essent eedem in una que sunt in alia, ideo una non esset maior alia O

Sicut unus numerus non est maior quinquarius quoniam in eis est par multitudo unitatum quamuis alie sint unitates in uno quam in alio, ut puta, non est maior quinquarius manus dextre quam sinistre licet alii sint digiti in dextra quam in sinistra, sic in personis diuinis tot sunt proprietates in una quam in alia, ut superius diximus, et non sint eedem in una quam in alia sunt. Ideo una non est maior alia Q

<sup>769</sup> sit IJMNOV, est Q

<sup>770</sup> Nam generare et ex se habere JMNOQ, Nam generare et se habere I, Nam generare est et ex se habere P, generare et se habere V

<sup>771</sup> similiter IJMNOV, simpliciter Q

<sup>772</sup> quia om. Q

<sup>773</sup> et excellentius om. J, add. M (in marg.a.m.)

<sup>774</sup> et habet IJMNOQV, hec P

<sup>775</sup> accipit JMNOQ, accepit IV

<sup>776</sup> est IJMNPV, uidetur OQ

<sup>777</sup> Quoniam ergo non potest negari quin sit IJMNPV, Sic ergo cum sit OQ

<sup>778</sup> est IJMNPV, erit OQ

dignior in deitate, sed in largitione deitatis. Vnde aliqui ex uestris<sup>781</sup> illum<sup>782</sup> uocauerunt auctoritatem, dicentes: "In Patre est auctoritas, in Filio subauctoritas". Vnde et logici dicunt paternitatem<sup>783</sup> esse relationem superpositionis et filiationem<sup>784</sup> suppositionis<sup>785</sup>.

Habet ergo illam auctoritatem, sed non est<sup>786</sup> maior propter id nisi ualde improprie, intelligendo pro<sup>787</sup> maius idem quod<sup>788</sup> dignius uel habens auctoritatem<sup>789</sup>. Vnde quidam<sup>790</sup> ex<sup>791</sup> hic stantibus", et ostendebat<sup>792</sup> Hillarium Pictauiensem<sup>793</sup>, "dixit: Pater est maior Filio neque tamen Filius est minor<sup>794</sup> Patre". Quod sic intelligendum est: Pater, secundum quid<sup>795</sup>, est maior Filio. Filius tamen simpliciter loquendo non est minor<sup>796</sup> Patre. Si tamen Pater aliquo modo est maior Filio<sup>797</sup>, Filius aliquo modo est minor<sup>798</sup> Patre. Sed neque Pater est maior Filio simpliciter<sup>799</sup> neque Filius est<sup>800</sup> minor<sup>801</sup> Patre simpliciter<sup>802</sup>. Adde quod Pater non est<sup>803</sup> maior Filio quia et generare<sup>804</sup> atque dare est deitas<sup>805</sup>, similiter generari atque dari. Si ergo alia res esset generare alia generari, Pater posset dici aliquo modo dignior Filio. Sed quia deitas est ita generari sicut generare et deitas<sup>806</sup> est in Patre et in Filio<sup>807</sup>, sequitur quod cum eadem<sup>808</sup> res sit in uno omnino que in alio<sup>809</sup>, unus non potest dici nobilior alio. Immo res illa que est generare est in Filio, quia deitas<sup>810</sup>. Quamuis deitas non equialet<sup>811</sup> ipsi<sup>812</sup> ge [164] nerare prout est in Filio, ipsa tamen est in Filio<sup>813</sup>. Nam Filius est illa res que est

<sup>779</sup> Patrem *om. P*

<sup>780</sup> putare *add. M (in marg. a.m.)*

<sup>781</sup> aliqui ex uestris *IJMOPQV*, aliqui uestrum *N (er. ex uestris)*

<sup>782</sup> illum *MNPV*, illud *IJO, om. Q*

<sup>783</sup> paternitatem *IJMNOQV*, Patrem *P*

<sup>784</sup> filiationem *IJMNOV*, filiationis *QV*

<sup>785</sup> suppositionis *IMNOPQV*, superpositionis *J*

<sup>786</sup> est *om. V*

<sup>787</sup> pro *IJMOPQV*, per *N*

<sup>788</sup> idem quod *INOPQV*, idem que *M*, idemque *J*

<sup>789</sup> pro maius idem quod dignius uel habens auctoritatem *IJMNOV*, pro maius et dignius idem quod habens auctoritatem *Q*

<sup>790</sup> quidam *IJMNOV*, quando *Q*

<sup>791</sup> ex *IJMNOV*, de *V*

<sup>792</sup> ostendebat *IJMNOQV*, ostendit *P*

<sup>793</sup> Pictauiensem *IJNOQV*, Pictauiensem *MP*

<sup>794</sup> minor *IMNOPQ*, maior *JV*

<sup>795</sup> quid *MNOPQ*, quod *IJV*

<sup>796</sup> minor *IMNOPQ*, maior *JV*

<sup>797</sup> simpliciter *add. P*

<sup>798</sup> minor *IMNOPQ*, maior *JV*

<sup>799</sup> simpliciter *om. Q*

<sup>800</sup> est *om. NP*

<sup>801</sup> minor *IJMNOV*, maior *V*

<sup>802</sup> loquendo non est minor Patre. Si tamen Pater aliquo modo est maior Filio, Filius aliquo modo est minor Patre. Sed neque Pater est maior Filio simpliciter neque Filius est minor Patre simpliciter *add. in marg. a.m. K*

<sup>803</sup> est *add. M (sup lin. a.m.), om. JV*

<sup>804</sup> generare *IJMNOV*, generatur *V*

<sup>805</sup> deitas *IJMNPQV*, deitatis *O*

<sup>806</sup> deitas *IJMNPQV*, deitatis *O (add. sup. lin. a.m. deitas)*

<sup>807</sup> eandem confitentur *add. M (in marg. a.m.) O*

et deitas est in Patre et in Filio *IJMNOV*, et deitatem eandem in Patre et Filio confitemur *Q*

<sup>808</sup> eadem *IJMOPQV*, una *N*

<sup>809</sup> sit in uno omnino que in alio *JMNOV*, sit in uno quam in alio *IPQ*

<sup>810</sup> generare est in Filio quia deitas *IJMNOV*, ut puta deitas, est in Filio *Q*

<sup>811</sup> equialet *IJ (M add sup. lin. equialet) V*, equialet *NOPQ*,

<sup>812</sup> ipsi *om. Q*

<sup>813</sup> ipsa tamen est in Filio *om. IV*

generare<sup>814</sup> et Pater est<sup>815</sup> que est generari<sup>816</sup>. Quicquid ergo habet Pater formaliter,<sup>817</sup> habet et Filius et Spiritus Sanctus<sup>818</sup> uel formaliter uel realiter<sup>819</sup> aut<sup>820</sup> idemptice. Et quicquid habet Filius formaliter, habet et Pater et Spiritus Sanctus uel formaliter uel realiter seu idemptice. Et quicquid habet Spiritus Sanctus formaliter, habet<sup>821</sup> Pater et Filius uel formaliter uel realiter seu idemptice.<sup>822</sup> Illa ergo eadem sunt in omnibus personis, sed non eadem<sup>823</sup> eodem modo sunt in omnibus personis<sup>824</sup>. Non ergo maior est una<sup>825</sup> quam alia, quia tot sunt in una quot<sup>826</sup> in alia. Deinde quia illa eadem, quamuis alio modo, sunt in una quam in alia<sup>827</sup>, Deus est omnia in omnibus illis<sup>828</sup>.

Nunc uidendum est ex quo totum quod est in una persona sit<sup>829</sup> deitas, et totum quod<sup>830</sup> est in alia sit<sup>831</sup> deitas, et deitas sit<sup>832</sup> una res, an possint dici tres persone tres res. Et dico tibi, carissime, quod uos iam confitemini tres res<sup>833</sup> et negare non potestis, quia iste dixit", et ostendebat Augustinum, "et uestri ita<sup>834</sup> confitentur. Non tamen illi tres<sup>835</sup> proprie<sup>836</sup> sunt tres res, sed unica res omnino. Tres enim sunt uere et proprie, sed non proprie tres res, sed<sup>837</sup> unica. Ideo<sup>838</sup> dictum est: "Et hi<sup>839</sup> tres unum sunt", id est, sunt una<sup>840</sup> res omnino. Eadem enim re conueniunt et distinguuntur, ut ostensum est. Vna ergo res sunt, quia totum quod est in qualibet persona deitas est. Tamen, ut dictum huius, et ostendebat Augustinum, quod accepistis<sup>841</sup> uerum sit<sup>842</sup>, sic declaro illud:

<sup>814</sup> generare *IJMNOV*, generari *PQ*

<sup>815</sup> illa res *add. M (sup. lin.a.m.) OQ*

<sup>816</sup> generari *IJMNOV*, generare *P(sup. ras.) Q*

<sup>817</sup> illa *add. O*

<sup>818</sup> et Spiritus Sanctus *om. N*

<sup>819</sup> uel realiter *om. Q*

<sup>820</sup> aut *IJMOPQV*, seu *N*

<sup>821</sup> habet *om. P*

<sup>822</sup> Et quicquid habet Spiritus Sanctus formaliter, habet Pater et Filius uel formaliter uel realiter seu idemptice. *IJMNOV*, et similiter dicendum est de Spiritu Sancto circa illud quod formaliter habet, est formaliter in Patre et Filio *Q*

<sup>823</sup> eadem *om. OV*

et *add. JMP*

<sup>824</sup> sed non eadem et eodem modo sunt in omnibus personis. *om. Q*

<sup>825</sup> persona *add. Q*

<sup>826</sup> quot *IJM*, que et *O*, quam *PV*

<sup>827</sup> Deinde quia illa eadem, quamuis alio modo, sunt in una quam in alia *om. V*

<sup>828</sup> Non ergo maior est una quam alia quia tot sunt in una quam in alia. Deinde quia illa eadem, quamuis alio modo, sunt in una quam in alia, Deus est omnia in omnibus illis. *IJMNPV*

Non ergo maior est una quam alia quia tot illa eadem sunt in una que et in alia, quamuis alio modo. Deus est omnia in omnibus illis. *O*

Non ergo maior est una persona quam alia quia illa omnia sunt in unaquaque sed non eodem modo in omnibus personis. Deus enim est omnia in omnibus illis quamuis alio modo. *Q*

<sup>829</sup> sit *IJMNOV*, est *Q*

<sup>830</sup> quod *IJMNOVQ*, qui *V*

<sup>831</sup> sit *IJMNOV*, est *Q*

<sup>832</sup> sit *IJMNOV*, est *Q*

<sup>833</sup> tres res *IMNOV*, tres persone *J*, quod tres presone sunt tres res *Q*

<sup>834</sup> ita *IJMNOV*, iam *Q*

<sup>835</sup> tres *om. P*

<sup>836</sup> illi tres proprie *IJMNOV*, ille tres persone *Q*

<sup>837</sup> omnino *add. Q*

<sup>838</sup> Ideo *IJMNOVQ*, Eo modo *P*

<sup>839</sup> hi *JJNOVQ*, hic *M*

<sup>840</sup> sunt una *IJMNOV*, unica *Q*

<sup>841</sup> quod accepistis *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>842</sup> sit *IJMNOV*, esset *Q*

deitas, prout equialet tribus rebus uel entitatibus, distinguit personas. Ideo possunt dici tres res, quia re<sup>843</sup> una tribus equiualete sunt distincte. Vnde subiunxit ipse, uidelicet Augustinus: "Et hi<sup>844</sup> tres sunt<sup>845</sup> una quedam<sup>846</sup> res summa", hoc est<sup>847</sup>, hi, quos dixi esse tres<sup>848</sup>, sunt una<sup>849</sup> res summa per cuius equipollentiam tribus rebus dicti sunt hi tres res<sup>850</sup>. Ecce habes quomodo<sup>851</sup> sunt una res et quomodo<sup>852</sup> sunt tres res per equiualentiam<sup>853</sup> unius rei tribus rebus. Vna ergo sunt res<sup>854</sup> summa<sup>855</sup>, quia illa res maxima diuine essentie est ratio trium rerum<sup>856</sup> personalium<sup>857</sup>.

Quando<sup>858</sup> ergo dicitur "tres sunt", si queratur quid tres, hoc est,<sup>859</sup> tu dicis esse tres, expone et adde substantium illi adiectiuo "tres". Quid? Tres homines uel tres dii? Vel quid tres? Noli respondere "tres dii" ne uideatur deitas in ipsis distincta, quamuis posset<sup>860</sup> dici tres dii, hoc est, tres habentes deitatem. Tamen dicendo tres dii, illa dictio "tres" uidetur determinare deitatem. Illa uero determinatio est quedam multiplicatio et plurificatio et sic uidetur deitas multiplicata et plurificata. Sed si plurificaretur illud quod illa dictio "dii" concernit, omnino<sup>861</sup> esset uera: Tres sunt dii, hoc est, tres sunt habentes deitatem. Et illo modo dictum est: "In principio creauit Deus<sup>862</sup> celum et terram". Et dicendo "hi sunt<sup>863</sup>", ostensis<sup>864</sup> personis, locutio est minus incongrua quam dicendo "tres dii", quia ista est uera absolute: "Hi sunt dii", id est, habentes deitatem. Sed ista: "Hi sunt tres dii" est suspecta<sup>865</sup>, quia illa<sup>866</sup> dictio "tres" uidetur cadere super significatum illius substantiuo "dii" et non super<sup>867</sup> illud quod concernit, uidelicet super illam dictionem "habentes". Nam si caderet super eam, oratio<sup>868</sup> esset uera. Noli ergo respondere quod sint tres dii nisi in sensu illo neque respondeas quod sint<sup>869</sup> tres res, quia uidereris<sup>870</sup> concedere pluralitatem rei qua sunt persone et qua existunt. Tamen

---

<sup>843</sup> re *INOPQ*, res *JMV*

<sup>844</sup> hi *IJNOPQV*, his *M*

<sup>845</sup> sunt *om. Q*

<sup>846</sup> quedam *om. OQ*

<sup>847</sup> hoc est *IJMNO PV*, uidelicet *Q*

<sup>848</sup> res *add. O*

<sup>849</sup> quedam *add. JNQ*

<sup>850</sup> res *om. O*

<sup>851</sup> quomodo *IJMNO PV*, quando *Q*

<sup>852</sup> quomodo *IJMNO PV*, quando *Q*

<sup>853</sup> equiualentiam *IJMNO PV*, equipollentiam *Q*

<sup>854</sup> res *IJNOQV*, tres *M*

<sup>855</sup> hoc est, hi quos dixi esse tres sunt una res summa per cuius equipollentiam tribus rebus dicti sunt hi tres res. Ecce habes quomodo sunt una res et quomodo sunt tres res per equiualentiam unius rei tribus rebus. Vna ergo sunt res summa *om. P*

<sup>856</sup> rerum *om. N*

<sup>857</sup> illa res maxima diuine essentie est ratio trium rerum personalium. *IJMNO PV*, est res magna diuine essentie et ratio trium rerum personalium. *Q*

<sup>858</sup> Quando *IJMNO PQ*, Quomodo *V*

<sup>859</sup> quid *add. Q*

<sup>860</sup> posset *IMNOV*, possent *PQ*

<sup>861</sup> omnino *IJMNOQ*, oratio *PV*

<sup>862</sup> Deus *IJMNOQV*, Dii *P*

<sup>863</sup> sunt *om. O*

dii *add. Q*

<sup>864</sup> tribus *add. Q*

<sup>865</sup> suspecta *IJMNO PQ*, sumpta *V*

<sup>866</sup> illa *om. O*

<sup>867</sup> super *IJMNO PQ*, semper *V*

<sup>868</sup> oratio *IJMNO PV*, omnino *Q*

<sup>869</sup> sint *IJMNO PV*, sunt *Q*

<sup>870</sup> uidereris *IJMNO PQ*, uideretis *V*

possunt<sup>871</sup> dici tres res<sup>872</sup> illo modo quo declarauimus. Sed respondeas<sup>873</sup>: sunt tres persone siue tres subsistentie<sup>874</sup> seu hypostasis, non tres substantie, quia substantia [165] idem est quod ussia<sup>875</sup> siue<sup>876</sup> essentia uel natura diuina. Si tamen nomine substantie intelligatur subsistentia<sup>877</sup> uel persona quasi per se una, potest dici quod sunt<sup>878</sup> tres substantie sicut greci solent dicere quando dicunt: sunt tres hypostases. Sed melius est<sup>879</sup> nomen hypostasis uocare subsistentiam<sup>880</sup> quam substantiam. Sunt<sup>881</sup> etiam tres existentes, sed non tres existentie, quia deitas ipsa est existentia<sup>882</sup> qua ipsi tres existunt. Et nota quod ratio illa quam posuit iste", ostendebat Scotum, "bona est, uidelicet, quia<sup>883</sup> ideo possumus dicere tres sunt creantes et tres<sup>884</sup> existentes, non tres creatores neque tres existentie. Quia dicendo "tres creantes<sup>885</sup>", ponuntur duo nomina adiectiua quorum neutrum<sup>886</sup> alterum determinat sicut neutrum ab altero dependet<sup>887</sup>, sed utrumque determinat<sup>888</sup> substantium subintellectum sicut utrumque illorum ad ipsum<sup>889</sup> dependet. Illud autem<sup>890</sup> substantium quod determinat illam dictionem "tres"<sup>891</sup> non est Deus, ut diximus, neque proprie res, sed persona, subsistentia<sup>892</sup> seu hypostasis. Est ergo sensus: Tres creantes uel tres existentes, hoc est, tres persone existentes uel creantes. Dicendo autem tres creatores, illa dictio "tres" cadit super significatum ipsius creationis et plurificat eam. Et quia<sup>893</sup> ipsa uis creatiua et creatio est una in tribus<sup>894</sup>, dicendo tres, plurificatur<sup>895</sup>. Et sic oratio fit falsa.

Tunc<sup>896</sup> interrogauit: Domine mi, quamuis<sup>897</sup> non omnia perfecte capiam, hoc tamen intellexi quod in diuina persona nil est quod non sit deitas et etiam quod persona est Deus et Deus est persona. Quomodo ergo sunt tres persone et non tres dii?

Respondit angelus: Augustinus hic existens ualde de hoc dubitauit. Et<sup>898</sup> cum angelus hoc diceret, Augustinus suspirauit<sup>899</sup> quasi compatiens uiatoribus qui<sup>900</sup> ista non ualent

<sup>871</sup> possunt *IJMNO*PV, potest *Q*

<sup>872</sup> res *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>873</sup> sunt tres *add. IV*

<sup>874</sup> subsistentie *IJ(M sup. ras.) NOPQ*, substantie *V*

<sup>875</sup> ussia *IJMNO*P, ussia *V*

<sup>876</sup> ussia siue *om. Q*

<sup>877</sup> subsistentia *MNO*PQ, subsistentia *I*, substantia *JV*

<sup>878</sup> sunt *om. Q*

<sup>879</sup> est *om. V*

<sup>880</sup> subsistentiam *IJMNO*PQ, substantia *V*

<sup>881</sup> Sunt *INO*PQV, Sed *JM*

<sup>882</sup> existentia *IJMNO*PV, existens *Q*

<sup>883</sup> quia *I*MPV, quod *NQ*, *om. O*

<sup>884</sup> sunt *add. P*

<sup>885</sup> creantes *IJMNO*PV, creatores *Q*

<sup>886</sup> neutrum *om. O*

<sup>887</sup> dependet *IMNO*PQV, respondet *J*

<sup>888</sup> sicut neutrum ab altero dependet sed utrumque determinat *om. IV*

<sup>889</sup> ad ipsum *IJMNO*PV, ad utrumque *N*, ab ipso *Q*

<sup>890</sup> huiusmodi *add. Q*

<sup>891</sup> utrumque illorum ad ipsum dependet. Illud autem substantium quod determinat illam dictionem "tres" *om. O*

<sup>892</sup> subsistentia *IJMNO*PQ, substantia *V*

<sup>893</sup> quia *om. V*

<sup>894</sup> in tribus *om. O*

<sup>895</sup> plurificatur *IJMNO*P, plurificatur *Q*, plurificant *V*

<sup>896</sup> ergo *add. NO*

<sup>897</sup> ergo *add. N*

<sup>898</sup> Et *IJMNO*PQV, Sed *P*

<sup>899</sup> suspirauit *IMNO*PQ, suspirans *V*

intelligere perfecte.

Dixitque angelus: Necessesse est ut<sup>901</sup> huic adiectiuo "tres" correspondeat aliquod substantiuum<sup>902</sup>. Non tantum<sup>903</sup> propter hereticos interrogantes "quid tres", sed propter rei ueritatem. Nam persona notat et significat aliquid subsistens et incommunicabile in natura intellectuali. Oportet igitur in persona esse duo: naturam intellectualem et aliam rem uel entitatem<sup>904</sup> per quam subsistat incommunicabiliter<sup>905</sup> et distinguatur<sup>906</sup> ab alio in tali natura subsistente<sup>907</sup>. Si ergo in Patre esset talis res<sup>908</sup> alia ab essentia, tunc manifestum esset a quo sumeretur ratio persone. Sed nunc quoque ponendo personas simplices et in eis solam deitatem, idem erit<sup>909</sup> quia diuina essentia est natura intellectualis et perfecte supplet uicem illius rei per quam persona subsistit et distinguitur. Totus ergo Pater est persona et duo in se includit<sup>910</sup>: naturam et rem per quam est persona. Non quidem<sup>911</sup> tamquam duo<sup>912</sup> distincta, sed unum duobus perfecte equiualens includit. Quia<sup>913</sup> tamen ratio persone ab illa re que distinguit sumitur<sup>914</sup>, quia per illam habet esse incommunicabile, ideo alia est ratio nature, alia persone. Non quia sola illa res sit persona, sicut homo non dicit solam rationem, sed etiam sensum, tamen esse hominis<sup>915</sup> ratione sumitur. In proposito tamen illa alia res qua persona distinguitur non est alia res ab essentia diuina, sed essentia supplet uicem illius rei perfecte ac si ibi poneretur tamquam distincta ab ipsa. Totum ergo quod est in Patre est Deus et deitas<sup>916</sup>. Nam et<sup>917</sup> quo Pater Deus est et<sup>918</sup> quo absolute est, deitas est.<sup>919</sup> Et quo persona est, non est alia res a deitate, sed est<sup>920</sup> ipsa deitas prout equialet tali rei et supplet uicem eius<sup>921</sup>. [166] Tres sunt ergo persone, quia tres subsistentes, tres per se existentes. Sed non sunt tres dii, sed bene tres deitatem habentes. Et quia distinctio trium non est per deitatem ut dietas et essentia est, sed est<sup>922</sup> per deitatem prout supplet uicem trium rerum, ideo plurificando personas non plurificamus deitatem. Quando ergo una res duabus perfecte equialet, non sequitur<sup>923</sup> ratione qua equialet uni plurificetur<sup>924</sup>, ergo et ratione qua equialet alii<sup>925</sup> plurificabitur<sup>926</sup>. Sicut ergo eadem re conueniunt persone

---

<sup>900</sup> qui *IJMNOQV*, quod *P*

<sup>901</sup> ut *IJMNOQV*, quod *Q*

<sup>902</sup> substantiuum *MNOPQ*, substantiuo *IJV*

<sup>903</sup> tantum *IJMNOQV*, tamen *P*

<sup>904</sup> naturam intellectualem et aliam rem uel entitatem *MNOPQ*, naturam et intellectualem ualentitatem *I*, naturam intellectualem et aliam rem ualentitatem *J*, naturam et intellectualem uoluntatem *V*

<sup>905</sup> incommunicabiliter *IJMNOQV*, in communi causabiliter *V*

<sup>906</sup> distinguatur *IJMNOQV*, distinguitur *Q*

<sup>907</sup> subsistente *IJMNOQV*, existens *Q*

<sup>908</sup> res *om. Q*

<sup>909</sup> erit *IJMNOQV*, esset *Q*

<sup>910</sup> includit *IJMNOQV*, concludit *IV*

<sup>911</sup> quidem *MNOPQ*, quod *IJV*

<sup>912</sup> duo *om. O*

<sup>913</sup> quia *IJMNOQV*, que *Q*

<sup>914</sup> sumitur *IJMNOQV*, similiter *V*

<sup>915</sup> a *add. OQ*

<sup>916</sup> et deitas *om. P*

<sup>917</sup> et *IJ (M add. sup. lin.a.m. ex) NOP*, et ex *Q*, ex *V*

<sup>918</sup> ex *add. O*

<sup>919</sup> Nam et quo Pater Deus est et quo absolute est, deitas est. *IJMNOQV*, Nam et ex quo Pater Deus est et absolute est, deitas est *Q*, Nam ex quo Pater Deus est et absolute deitas est. *V*

<sup>920</sup> est *IJMNOV*, etiam *P*, et *Q*

<sup>921</sup> prout equialet tali rei et supplet uicem eius. *om. Q*

<sup>922</sup> est *om. NQ*

<sup>923</sup> quod *Q*

<sup>924</sup> plurificetur *IJMNOQV*, plurificentur *V*

<sup>925</sup> alii *IMNOP*, alteri *Q*, aliis *IJV*

et differunt, ita eadem re plurificantur et unificantur<sup>927</sup> prout illa una equiualeat pluribus. Vnde non est contra primum principium quia, sicut tu saluas, dixit Thome, ibi non esse contradictionem propter pluralitatem entium rationis, et tu, dixit Scoto, propter non idemptitatem illorum formalem uel ex natura rei, ita ego<sup>928</sup> tertius theologus de utroque<sup>929</sup> uestrum sapiens, utrumque declarans et utrumque concilians<sup>930</sup>, saluabo<sup>931</sup> non esse contradictionem ibi ullam<sup>932</sup> propter equiualentiam deitatis pluribus rebus. Eadem ergo res manet una et plurificatur quia deitas, ut<sup>933</sup> natura et ut deitas est, manet una et ipsa eadem prout equipollet<sup>934</sup> tribus rebus hypostaticis plurificatur. Alia ergo ratione manet, alia plurificatur. Vnde ipsamet prout equiualeat rationi paternitatis uel rationi qua hec persona est persona differt a seipsa et non<sup>935</sup> est eadem secum, sed alia a se prout est ratio alii persone ut sit<sup>936</sup> alia persona et prout equiualeat rationi filiationis. Vnde sicut paternitas non est filiatio, ita neque deitas prout equiualeat paternitati est deitas prout equiualeat filiationi. Ideo<sup>937</sup> dicitur quod<sup>938</sup> paternitas, ut comparata ad essentiam, transit<sup>939</sup>, ut comparata ad suppositum<sup>940</sup>, manet. Semper tamen manet et semper transit<sup>941</sup>, ut iste Scotus dixit<sup>942</sup>: "Proprietas hypostatica comparata ad aliam uidetur manere distincta ab illa, comparata ad naturam transit<sup>943</sup> in illam<sup>944</sup>". Tamen nota quod, ostendendo diuinam naturam seu deitatem, hec oratio est uera: "Hoc est paternitas et hoc est filiatio". Non tamen<sup>945</sup> "paternitas est<sup>946</sup> filiatio" conceditur. Et hoc ideo quia deitas bene potest dici paternitas<sup>947</sup>, quia equiualeat ei. Similiter potest dici filiatio, quia equiualeat<sup>948</sup> ei. Sed<sup>949</sup> non potest dici "paternitas est filiatio", quia nullo modo est neque formaliter<sup>950</sup> neque equiualeat. Paternitas enim non equiualeat filiationi neque filiatio paternitati. Quando ergo dicuntur duo de<sup>951</sup> tertio quod<sup>952</sup> utrique illorum equiualeat et neutrum illorum alteri equiualeat<sup>953</sup>, tunc illa duo non propter hoc dicuntur<sup>954</sup>

<sup>926</sup> plurificabitur *IJOPQV*, plurificatur *M* (*sup. ras.*) *N*

<sup>927</sup> unificantur *IMNOPQ*, uiuificantur *JV*

<sup>928</sup> ego *IJNOPQV*, ergo *M*

<sup>929</sup> utroque *IJMNPQV*, unoquoque *O*

<sup>930</sup> utrumque declarans et utrumque concilians *om. O*

<sup>931</sup> saluabo *IMNOPQV*, saluando *J*

<sup>932</sup> ullam *JMNOPQV*, nullam *I*

<sup>933</sup> ut *JMNOPQ*, et *IV*

<sup>934</sup> equipollet *IJMNOP*, equiualeat *QV*

<sup>935</sup> non *om. V*

<sup>936</sup> ut sit *IJMNOV*, et sic *Q*

<sup>937</sup> Ideo *IJMNOQ*, Idem *V*

<sup>938</sup> quod *om. N*

<sup>939</sup> transit *IJMNOP*, transiit *QV*

ut iste Scotus dixit *add. P*

<sup>940</sup> suppositum *NQ*, oppositum *IJMOPV*

<sup>941</sup> transit *IJMNOP*, transiit *QV*

<sup>942</sup> ut iste Scotus dixit *IJMNOQ*, ut idem dixit *P*, ut iste sanctus dixit *V*

<sup>943</sup> transit *IJMNOP*, transiit *QV*

<sup>944</sup> illam *IJMNOQ*, aliam *V*

<sup>945</sup> hec *add. Q*

<sup>946</sup> est *om. IJMOV*, *add. N* (*sup. lin.*)

<sup>947</sup> quia deitas bene potest dici paternitas *IJMNOV*, quia paternitas bene potest dici deitas et est deitas *Q*

<sup>948</sup> equiualeat *NOPQV*, equipollet *IJM*

<sup>949</sup> potest dici paternitas quia equiualeat ei. Similiter potest dici filiatio quia equiualeat ei. Sed *om. O*

<sup>950</sup> neque formaliter *add. P* (*in marg. a. m.*)

<sup>951</sup> de *IJMNOQ*, et *V*

<sup>952</sup> quod *IJMNOQ*, quia *V*

<sup>953</sup> et neutrum illorum alteri equiualeat *om. P*

<sup>954</sup> esse inuicem *add. Q*

inter<sup>955</sup> se nisi sic: "paternitas est illa res que est filiatio uel que equiualeat filiationi". Vnde<sup>956</sup> non est omnino hoc dicere falsum: "paternitas est filiatio".<sup>957</sup> Non quod ratio paternitatis sit ratio filiationis<sup>958</sup>, sed quod<sup>959</sup> res illa que est paternitas, ipsa<sup>960</sup> eadem<sup>961</sup> est filiatio.

Aduerte melius quare hec ratio conceditur. Deitas est sapientia, et deitas<sup>962</sup> est bonitas, ergo bonitas est sapientia. Et tamen deitas equiualeat<sup>963</sup> et sapientie<sup>964</sup> et bonitati, non autem sapientia bonitati aut econtra. Hoc autem non<sup>965</sup> conceditur absolute. Deitas est paternitas et deitas est filiatio, ergo paternitas est filiatio, non sequitur. Quare hoc non sequitur et ibi sequitur? Dico tibi hoc ideo esse<sup>966</sup> quia sapientia et bonitas se habent ad deitatem conuertibiliter, quia sunt secum in omni<sup>967</sup> persona. Deitas enim in [167] qualibet persona<sup>968</sup> equiualeat<sup>969</sup> sapientie et bonitati. Paternitas autem et filiatio et alie proprietates personarum<sup>970</sup> se habent ad deitatem sicut quasi contrahens ad quasi contractum. Quando ergo una res illimitata<sup>971</sup> ad duas equiualeat illis duabus, tunc quamuis utraque illarum<sup>972</sup> dicatur uere de illa, non tamen propter id<sup>973</sup> una illarum dicitur de alia, sicut due differentie dicuntur<sup>974</sup> de animali, puta rationale<sup>975</sup> et irrationale<sup>976</sup>. Neque tamen rationale est irrationale<sup>977</sup>. Vnde si animal equiualeat rationali et irrationali<sup>978</sup>, non sequitur<sup>979</sup> ex<sup>980</sup> affirmatione utriusque illorum de animale<sup>981</sup> affirmatio<sup>982</sup> eorum inter se. Hec ergo est causa quare paternitas non<sup>983</sup> est filiatio, cum utraque sit deitas et non illa quam posuistis uos", dixit Scoto et Thome. "Vos enim a<sup>984</sup> rationibus hypostaticis remouistis omnem perfectionem et dixistis eas abstrahere<sup>985</sup> a finito et infinito. Et hoc fecistis quia, aliter tenendo, sequeretur quod aliqua perfectio esset in persona una qua careret<sup>986</sup> alia. Sed nos iam ostendimus nihil

<sup>955</sup> inter *IJMNOQV*, intra *P*

<sup>956</sup> Vnde *om. Q*

<sup>957</sup> Vnde non est omnino hoc dicere falsum: "paternitas est filiatio". *om. P*

<sup>958</sup> Non quod ratio paternitatis sit ratio filiationis *IJMNOQV*, Non quod paternitas sit ratio filiationis *P*

<sup>959</sup> quod *IJMOPV*, quia *NQ*

<sup>960</sup> ipsa *om. P*

<sup>961</sup> ipsa eadem *om. Q*

<sup>962</sup> deitas *IJNOPQV*, Deus *M*

<sup>963</sup> Et tamen deitas equiualeat *IJMNOPIV*, Cum tamen deitas equiualeat *Q*

<sup>964</sup> sapientie *IMNOPQV*, sapientia *J*

<sup>965</sup> non *IJMNOPIV*, nullo modo *Q*

<sup>966</sup> esse *om. Q*

<sup>967</sup> in omni *JMNOPQ*, in omne *I*, et omne *V*

<sup>968</sup> in qualibet persona *om. J*

<sup>969</sup> persona *add. J*

<sup>970</sup> personarum *IJMNOPIV*, personales *Q*

<sup>971</sup> illimitata *IJMNOPIV*, limitata *Q*

<sup>972</sup> illarum *IJNOPQV*, illa *M*

<sup>973</sup> id *IJMNOPIV*, ea *Q*

<sup>974</sup> dicuntur *om. V*

<sup>975</sup> rationale *IJMNOPI*, rationabile *QV*

<sup>976</sup> irrationale *IJMNOPI*, irrationabile *Q*, irrationali *V*

<sup>977</sup> rationale est irrationale *IJMNP*, rationabile est irrationabile *Q*

Neque tamen rationale est irrationale. *om. IO*

<sup>978</sup> Neque tamen rationale est irrationale. Vnde si animal equiualeat rationali et irrationali *om. V*

<sup>979</sup> non sequitur *IJMNPV*, non sequeretur *OQ*

<sup>980</sup> ex *IJMNOPIV*, ei *V*

<sup>981</sup> animale *IJMNP*, animali *OPQ*, *om. V*

<sup>982</sup> affirmatio *IJMNOPIV*, affirmatio *V*

<sup>983</sup> non *add. J (sup. lin.)*

<sup>984</sup> a *om. O*

<sup>985</sup> abstrahere *IJMOPQV*, distrahere *N*

<sup>986</sup> careret *JMNPQ*, caret *IOV*

esse in persona una quod realiter et idemptice non sit in alia, quia deitas est res una cum illis<sup>987</sup> et illud sufficit propter<sup>988</sup> summam perfectionem persone ut in ea sit deitas que equiualeat<sup>989</sup> omni perfectioni<sup>990</sup> etiamsi non equiualeat<sup>991</sup> prout in ipsa est. Satis est persone habere illud quod in se continet omnem perfectionem<sup>992</sup>. Relationes certe diuine si res sint et<sup>993</sup> entia<sup>994</sup> non solum erunt<sup>995</sup> ens in communi sed tale ens et tale unum et tale uerum et tale bonum<sup>996</sup>. Si enim non abstrahunt<sup>997</sup> a bonitate et ueritate<sup>998</sup> etiam non abstrahunt a perfectione. Et si<sup>999</sup> non abstrahunt ab unitate<sup>1000</sup> que, secundum te, dixit ad Scotum<sup>1001</sup>, posterior est quam quantitas<sup>1002</sup> uirtutis, quomodo uis ut abstrahant<sup>1003</sup> ab ipsa quantitate? Nonne quantitas illa est modus intrinsecus? Nonne modus intrinsecus<sup>1004</sup> uel est de quidditate uel propinquissimus quidditati? Vnitas, ueritas, bonitas, passionis sunt et<sup>1005</sup> posteriores quantitate uirtutis. Ens in communi abstrahit ab omni gradu ex sui natura. Ens sub illo contentum abstrahere non potest a gradu et non abstrahere ab unitate, ueritate et bonitate quia, includens posteriora, includit et illorum priora. Quod si<sup>1006</sup> quantitas uirtutis non sit prius unitate, tunc diuisio per unum<sup>1007</sup> et multa esset prior quam<sup>1008</sup> diuisio per quantum et non quantum uel per finitum uel infinitum, quod esset pro Thoma, hic contra te et tuos. Idem ergo<sup>1009</sup> dicendum est de proprietatibus diuinarum personarum quod et de essentialibus, quod nullis<sup>1010</sup> earum repugnat perfectio. Si enim alicui ex sua ratione formali et natura propria repugnaret perfectio, illi etiam repugnaret uniri et copulari realiter<sup>1011</sup> illi quod est perfectum. Et cui non repugnat esse rem perfectionis infinite, non repugnat<sup>1012</sup> etiam nature sue perfectio.<sup>1013</sup> Si quoque non quantitas<sup>1014</sup> per se includeretur in natura relationum

<sup>987</sup> illis *IJMNOQ*, aliis *V*

<sup>988</sup> propter *IJMNOV*, ad *Q*

<sup>989</sup> equiualeat *IJMNOV*, equialet *Q*

<sup>990</sup> perfectioni *IMNOQV*, perfectione *J*

<sup>991</sup> equiualeat *JNOQV*, equialeret *M*

<sup>992</sup> omnem perfectionem *IJMNOQ*, perfectiones *V*

<sup>993</sup> et *IMNOQV*, in *J*

<sup>994</sup> entia *JMNOQ*, etiam *IV*

<sup>995</sup> erunt *om. O*

<sup>996</sup> bonum *IJMNOQ*, donum *V*

<sup>997</sup> abstrahunt *IJMNOV*, abstrahant *Q*

<sup>998</sup> et ueritate *om. V*

et unitate *add. Q*

<sup>999</sup> si *om. V*

<sup>1000</sup> ab unitate *IJMNOV*, a bonitate *PQ*

<sup>1001</sup> ad Scotum *IJMOPV*, Scoto *NQ*

<sup>1002</sup> quam quantitas *IJMNOV*, quantitate *Q*

<sup>1003</sup> abstrahant *JNOQV*, abstrahunt *M*

<sup>1004</sup> intrinsecus *om. IV*

<sup>1005</sup> et *IJMNOQ*, in *V*

<sup>1006</sup> Quod si *JMNOQ*, Quia si *IV*

<sup>1007</sup> unum *IJMNOQ*, unam *V*

<sup>1008</sup> prior quam *om. Q*

<sup>1009</sup> ergo *IJMNOV*, quoque *O*

<sup>1010</sup> quod nullis *JMNOV*, quod nullus *I*, quod nulli *O*, quia nulla *Q*

<sup>1011</sup> realiter *MNOQV*, uel aliter *IJ*

<sup>1012</sup> repugnat *om. V*

<sup>1013</sup> Si enim alicui ex sua ratione formali et natura propria repugnaret perfectio, illi etiam repugnaret uniri et copulari illi quod est perfectum. Et cui non repugnat esse rem perfectionis infinite, non repugnat etiam nature sue perfectio. *IJMNOV*, Illi etiam repugnaret uniri et copulari realiter illi quod est perfectum et eum repugnat esse rem perfectionis infinite. Si alicui ex sua ratione formali et natura propria repugnaret perfectio non etiam repugnat nature sue perfectio. *Q*

<sup>1014</sup> eis competeret *add. Q*

diuinarum, nullo modo quantitas eis<sup>1015</sup> competere posset per regulam uestram que dicit: "Quando aliquid competit alicui<sup>1016</sup> per se, oppositum illius nec per se nec per accidens potest illi competere". Deitas ergo non potest supplere uicem rei<sup>1017</sup> illius cui omnis perfectio repugnaret, siqua talis esset. Nulla tamen talis est. Et quia non est<sup>1018</sup> alia entitas deitas et alia perfectio eius infinita<sup>1019</sup> neque alia sapientia, alia perfectio sapientie, sed deitas est omnia, non est<sup>1020</sup> opus inquirere an<sup>1021</sup> sapientia Dei sit formaliter infinita, quia deitas ipsa<sup>1022</sup>, prout equiualeat omnibus illis, est pelagus perfectionis infinite. Et ipsa solum ut natura considerata non est pelagus.[168] Ipsa ergo unica est pelagus ex eo quia omnino<sup>1023</sup> unica res existens equiualeat omnibus. Neque oportet dicere<sup>1024</sup> quod ipsa deitas, ab omnibus attributis et proprietatibus abstracta, est pelagus, quia<sup>1025</sup> omnia illa in se continet<sup>1026</sup> eminenter<sup>1027</sup>. Non est ita dicendum quia tunc esset bis pelagus per duplicem<sup>1028</sup> continentiam, primo eminentialem, deinde formalem. Et tunc iterum possemus querere<sup>1029</sup> utrum ipsa deitas ut<sup>1030</sup> abstrahit ab omni continentia eminentiali et formali sit pelagus. Deinde deitas non continet illa formaliter tamquam entitates distinctas<sup>1031</sup>, sed est unica et simplicissima entitas in se, equiualeat tamen omnibus illis<sup>1032</sup> ratione cuius equiualentie est pelagus. Nullum<sup>1033</sup> ergo illorum quibus equiualeat ipsa<sup>1034</sup> est pelagus, quia nullum aliorum equiualeat omnibus. Nam illa res deitas est illud quod habet esse suum et equiualeat essentiis omnium aliorum.

Ecce uidetis<sup>1035</sup> quid<sup>1036</sup> sit sentiendum de relationibus diuinis et rationibus hypostaticis, et quare paternitas non sit<sup>1037</sup> filiatio, tamen est id quod filiatio, et quare sapientia est bonitas et etiam id quod<sup>1038</sup> bonitas, et quod<sup>1039</sup> quicquid est in persona una est aliquo modo in alia.<sup>1040</sup>

Nunc autem considerandum est quare neque Pater neque Filius possunt<sup>1041</sup> gignere alium Filium aut Spiritum Sanctum spirare, et quare Spiritus Sanctus neque generat neque spirat.

<sup>1015</sup> per se includeretur in natura relationum diuinarum, nullo modo quantitas eis *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>1016</sup> alicui *IJMNOQV*, uni *P*

<sup>1017</sup> rei *om. Q*

<sup>1018</sup> est *om. V*

<sup>1019</sup> Et quia non est alia entitas, deitas et alia perfectio eius infinita *om. Q*

<sup>1020</sup> est *om. IV*

<sup>1021</sup> an *JMNOPQV*, in *I*

<sup>1022</sup> ipsa *IJMOPQV*, illa *N*

<sup>1023</sup> omnino *om. P*

<sup>1024</sup> oportet dicere *JMNOPQ*, opus *IV*

<sup>1025</sup> aliter *add. Q*

<sup>1026</sup> continet *IJMNPQ*, continent *OV*

<sup>1027</sup> eminenter *add. P (in marg.)*

<sup>1028</sup> duplicem *IJMNPQV*, ampliorem *O*

<sup>1029</sup> possemus querere *IJMNOQV*, posset queri *Q*

<sup>1030</sup> ut *IJMNOQV*, prout *Q*

<sup>1031</sup> entitates distinctas *IJMNOQV*, entitas distincta *V*

<sup>1032</sup> illis *om. O*

<sup>1033</sup> Nullum *JMNOPQ*, Nullus *IV*

<sup>1034</sup> ipsa *om. P*

<sup>1035</sup> uidetis *IJMNOQV*, uidistis *Q*

<sup>1036</sup> quid *IJMNOQV*, quod *V*

<sup>1037</sup> sit *IJMNOQV*, est *Q*

<sup>1038</sup> est *add. Q*

<sup>1039</sup> quod *om. P*

<sup>1040</sup> Vos aliquomodo consueuistis abnegare istum: Paternitas est filiatio et iam bonitas est sapientia concedere. Omnia tamen illa sunt unica res. *add. P*

<sup>1041</sup> possunt *IJMNOQV*, possint *P*

De hoc tu", dixit ad Ioannem<sup>1042</sup> Scotum, "satis acute scripsisti. Nam generatio Dei, sicut et Deus et omnia diuina, est de se hec<sup>1043</sup>. Omne autem de se singulare est implurificabile.<sup>1044</sup> Vnica ergo est generatio,<sup>1045</sup> unica<sup>1046</sup> spiratio. Nam si possent esse plures, possent esse infinite. Et ita essent de facto infiniti Filii et infiniti Spiritus Sancti, nam in eternis omne quod potest esse iam est. Et ita essent persone infinite, quod recte respuistis, et non solum esset multitudo infinita finitorum, sed infinitorum. Accidit<sup>1047</sup> ad rem nostram et propositum nostrum quia Pater generat uigore infinito et eterno et Genitum est<sup>1048</sup> eternum et infinitum et semper terminat generationem Patris, quia generatio illa non transit in preteritum. Ipso autem<sup>1049</sup> terminante complete et adequate<sup>1050</sup>, nil aliud eam terminare potest. Similiter Spiritus Sanctus totaliter et adequate<sup>1051</sup> ac semper terminat spirationem Patris et Filii. Ideo nulla alia persona potest eam terminare. Sed ratio prior est euidentior quia generatio est de se hec<sup>1052</sup> et singularis, similiter et spiratio. Ideo plurificari non potest, quia omne quod pluribus communicari potest etiam infinitis communicari poterit<sup>1053</sup>. Et si<sup>1054</sup> hoc potest esse, in diuinis iam est. Scito tamen quod principium gignendi, uidelicet<sup>1055</sup> memoria perfecta et<sup>1056</sup> uoluntas perfecta est in omnibus tribus personis, quia<sup>1057</sup> deitas illis<sup>1058</sup> perfecte equiualens. Sed quia in memoria non potest fundari nisi unica generatio, que iam in ipsa fundatur prout in Patre existit, ideo prout memoria in alia persona existit non fundatur generatio in ea. Similiter quia spiratio unica potest fundari in uoluntate perfecta et illa fundatur in ipsa prout in Patre et Filio est<sup>1059</sup> ideo prout in Spiritu Sancto est non fundatur in illa. Vnde Filius et Spiritus Sanctus habent<sup>1060</sup> principium generandi<sup>1061</sup>, hoc est, quo Filius generatur. Habent<sup>1062</sup> enim memoriam fecundam, que<sup>1063</sup> est principium<sup>1064</sup> ex sui<sup>1065</sup> natura, tamen non est<sup>1066</sup> principium generandi, sicut Spiritus Sanctus habet uoluntatem perfectam, que est prin [169] cipium spirandi<sup>1067</sup>, sed non est ei principium spirandi. Voluntas que est in ipso spirat, sed non prout in ipso est

<sup>1042</sup> Ioannem *om. N*

<sup>1043</sup> hec *IJMNO PQ*, hoc *V*

<sup>1044</sup> Omne autem de se singulare est implurificabile. *IJMNO PV*, Quod autem de se est singulare et implurificabile *Q*

<sup>1045</sup> unica est generatio et *add. Q*

<sup>1046</sup> est *add. N*

<sup>1047</sup> Accidit *IJNV*, Accedit *MOPQ*

<sup>1048</sup> est *om. Q*

<sup>1049</sup> eandem *add. Q*

<sup>1050</sup> adequate *NO PQ*, ad equale *IJMV*

<sup>1051</sup> nil aliud eam terminare potest. Similiter Spiritus Sanctus totaliter et adequate *om. I* adequate *IJMNO PQ*, ad equale *V*

<sup>1052</sup> hec *IJNO PQ*, hoc *M, om. V*

<sup>1053</sup> poterit *IJMOPQV*, potest *N*

<sup>1054</sup> si *om. P*

<sup>1055</sup> uidelicet *IMOQV*, hoc est *NP*

<sup>1056</sup> et *IMNO PQ*, ut *V*

<sup>1057</sup> in eis est *add. Q*

<sup>1058</sup> illis *IMOPQV*, eis *N*

<sup>1059</sup> fundatur in ipsa prout in Patre et Filio est *IJMNO PV*, fundatur prout in ipsa, in Patre et Filio est *Q*

<sup>1060</sup> habent *MNO PQ*, habet *IJV*

<sup>1061</sup> generandi *IJMNO PV*, gignendi *Q*

<sup>1062</sup> habent *JMNO PQ*, habet *IV*

<sup>1063</sup> que *IJMNO PQ*, quo *V*

<sup>1064</sup> Habent enim memoriam fecundam que est principium *IJMNO PV*, Habent enim memoriam que cum sit fecunda est principium *Q*

<sup>1065</sup> sui *IJMOPQV*, boni *N*

<sup>1066</sup> in eis *add. OQ*

<sup>1067</sup> spirandi *IJMNO PV*, operandi *Q*

spirat.<sup>1068</sup>

Quecumque ergo potest Pater, potest Filius et Spiritus Sanctus quia eandem potentiam omnino habent, quamvis productio in uno ipsorum fundetur et ad alium ipsorum terminetur<sup>1069</sup>. Et sic productio in persona<sup>1070</sup> ad quam terminatur non fundatur. Sic illa persona in qua fundatur productio non terminat productionem<sup>1071</sup>. Ex his uidere potes<sup>1072</sup> numerum personarum diuinarum et quomodo plures esse non possunt, et quod ratio persone est deitas prout equiualeat rei hypostatice et quasi contrahenti<sup>1073</sup>. Et ita persona notat aliquid reale. Potest tamen<sup>1074</sup> deinde comparari ad naturam diuinam. Que nantura diuina uel qui Deus uidetur se habere ad Patrem et Filium et Spiritum Sanctum sicut quasi homo ad Petrum, Paulum<sup>1075</sup> et Ioannem qui<sup>1076</sup>, ex<sup>1077</sup> eo quia subsunt<sup>1078</sup> omnibus, dicuntur supposita et persone, quia quilibet illorum est hoc aliquid et per se unus. Sic quia Pater et Filius et Spiritus Sanctus uidentur respectu Dei ita se habere, dicuntur<sup>1079</sup> supposita et persone per translationem et methaphorice. Non est igitur mirum si aliqui dixerunt personam in diuinis<sup>1080</sup> significare secundam<sup>1081</sup> intentionem et esse secundam<sup>1082</sup> intentionem, non quia constitutum personarum non sit aliqua res, hoc est, essentia, ut<sup>1083</sup> equiualeat rei tali<sup>1084</sup>, sed quia illa tria possunt comparari<sup>1085</sup> ad essentiam Dei et illis potest attribui talis intentio qualis, ut diximus, Petro, Paulo<sup>1086</sup> et Ioanni respectu hominis. In hoc tamen differunt, quia Petrus, Paulus<sup>1087</sup> et Ioannes comparantur ad naturam humanam tamquam indiuidua ad naturam que non est una numero. In diuinis<sup>1088</sup> uero, tres<sup>1089</sup> persone comparantur ad hanc naturam diuinam, ut hec est<sup>1090</sup>, quia tres persone<sup>1091</sup> sunt unus Deus numero. Illi uero non sunt unus homo numero, sed tres homines.

Bene intellexisti quomodo persona est ens reale et quomodo est ens rationis. Sed restat declarare unum uidelicet quando dicimus<sup>1092</sup> "Tres sunt persone", quid ibi plurificatur? Essentia non, neque proprietas, quia proprietates<sup>1093</sup> sunt unice et incommunicabiles. Aut ergo plurificatur sola intentio secunda ut sit sensus "tres

---

<sup>1068</sup> sed non prout in ipso est spirat. *om. Q*

<sup>1069</sup> omnino habent quamvis productio in uno ipsorum fundetur et ad alium ipsorum terminetur *om. I*

<sup>1070</sup> persona *IJMNOQV*, personam *P*

<sup>1071</sup> illam *add. M (sup. lin.) OPQ*.

<sup>1072</sup> uidere potes *IJMNOV*, uidere poteris *Q*, uidetur potens *V*

<sup>1073</sup> contrahenti *IJMNOVQ*, contrahendi *V*

<sup>1074</sup> tamen *om. N*

<sup>1075</sup> Paulum *om. Q*

<sup>1076</sup> qui *IJMNOV*, que *P*, quia *Q*

<sup>1077</sup> ex *IJMNOVQ*, ei *V*

<sup>1078</sup> subsunt *IJMNOVQ*, subsistunt *N*

<sup>1079</sup> dicuntur *INOPQ*, dicunt *JMV*

<sup>1080</sup> in diuinis *IJMNOVQ*, diuinam *O*, indiuisibilis *V*

<sup>1081</sup> secundam *IJNPQV*, secundum *OM*

<sup>1082</sup> secundam *IJNOQV*, secundum *M*

et esse secundam intentionem *add. P (in marg.a.m.)*

<sup>1083</sup> ut *IJMNOQV*, et *P*

<sup>1084</sup> rei tali *IJMNOVQ*, realitati et realitati *Q*

<sup>1085</sup> comparari *IJMNOVQ*, esse comparata *Q*

<sup>1086</sup> Paulo *om. Q*

<sup>1087</sup> Paulus *om. Q*

<sup>1088</sup> in diuinis *IJMNOVQ*, indiuisibilis *V*

<sup>1089</sup> ille *add. Q*

<sup>1090</sup> est *om. P*

<sup>1091</sup> diuine *add. P*

<sup>1092</sup> dicimus *IJMNOVQ*, diximus *Q*

<sup>1093</sup> proprietates *IMNOVQ*, proprietates *JV*

persone", hoc est, tres<sup>1094</sup> quorum<sup>1095</sup> quilibet est per se unus, aut negatio communicabilitatis ut sit sensus "tres persone", hoc est, tria incommunicabilia<sup>1096</sup>. Et certum est his<sup>1097</sup> duobus modis esse tres personas<sup>1098</sup> et nomen persone abstrahere ab illis tribus ut persona in communi notet per se unum uel incommunicabile et sub illo communi intentionali uel negatiuo sit hoc<sup>1099</sup> et illud per se unum et hoc uel illud incommunicabile. Sed an<sup>1100</sup> tribus rationibus personalibus in re possit abstrahi aliquid<sup>1101</sup> commune reale ita quod sicut Pater est persona per A<sup>1102</sup> et Filius per B<sup>1103</sup> et Spiritus Sanctus per C<sup>1104</sup>, hoc est, per<sup>1105</sup> tria realia, ita omnes tres sint persona per aliquid<sup>1106</sup> commune reale<sup>1107</sup> ipsi A et B et C. Vtor his literis, quia uos caretis nominibus illarum proprietatum. Ad hanc dubitationem ita<sup>1108</sup> dicendum est et ita tu conscribe<sup>1109</sup>: Ex quo illa tria entia A et B et C sunt<sup>1110</sup> ultimo<sup>1111</sup> personarum distinctiua<sup>1112</sup>, nullum reale est ipsis<sup>1113</sup> tribus entibus<sup>1114</sup> omnino etiam<sup>1115</sup> secundum equiualentiam simplicibus commune, quia illa tria entia non sunt aliud quam deitas<sup>1116</sup> ipsis tribus equiualens. Et si ipsa tria<sup>1117</sup> essent alia a deitate adhuc tamen essent simplicia omnino et non constituta, quia sunt ultima distinctiua. Non ergo ipsa<sup>1118</sup> ulterius [170] distinguuntur, quod fieret si<sup>1119</sup> ab ipsis posset abstrahi aliquid<sup>1120</sup> commune in quid<sup>1121</sup>. Nam in illo conuenirent et per aliqua alia<sup>1122</sup> distinguerentur et esset aliquid commune solis diuinis personis quod se haberet<sup>1123</sup> ad illas<sup>1124</sup> tamquam species ad indiuidua, quod neuter uestrum", dixit ad Thomam et Scotum, "posuit<sup>1125</sup>. Vterque enim uestrum remouit genus<sup>1126</sup> et speciem<sup>1127</sup> a diuinis. De quo pastor

<sup>1094</sup> tres *om. V*

<sup>1095</sup> quorum *IJMNOQV, quarum P*

<sup>1096</sup> incommunicabilia *IJMNOQ, communicabilia V*

<sup>1097</sup> his *IJMNOQ, hic V*

<sup>1098</sup> personas *IJMNOQ, persone V*

<sup>1099</sup> sit hoc *om. O*

<sup>1100</sup> a *add. Q*

*ea add. N*

<sup>1101</sup> aliquid *IJMNOQV, aliquod P*

<sup>1102</sup> per A *IJMNOQ, prima V*

<sup>1103</sup> per B *IJMNOQ, persona secunda V*

<sup>1104</sup> per C *IJMNOQ, persona tertia V*

<sup>1105</sup> per *IJMNOQ, persona V*

<sup>1106</sup> aliquid *IMOQV, aliquod JNP*

<sup>1107</sup> commune reale *IJMNOQV, communicabile Q*

<sup>1108</sup> proprietatum ad hanc dubitationem. Ita *IMV, proprietatum. Ad hanc dubitationem ita JNOQ*

<sup>1109</sup> conscribe *IJMNOQ, scribe V*

<sup>1110</sup> sunt *IJMNOQV, sint P*

<sup>1111</sup> ultimo *IJMNOQV, ultima Q*

<sup>1112</sup> distinctiua *IJMOPQ, distincta NV*

<sup>1113</sup> ipsis *IJMOPQV, illis N*

<sup>1114</sup> entibus *om. Q*

<sup>1115</sup> etiam *IJMNOQ, esse V*

<sup>1116</sup> in *add. P*

<sup>1117</sup> tria *om. P*

<sup>1118</sup> ipsa *IJMOPQ, illa N, ipse V*

<sup>1119</sup> si *om. V*

<sup>1120</sup> aliquid *IJMNOQV, aliquod P*

<sup>1121</sup> quid *IJMNOQ, quod QV*

<sup>1122</sup> alia *om. Q*

<sup>1123</sup> haberet *IJMNOQ, haberent V*

<sup>1124</sup> illas *IJMNOQ, alias V*

et esset aliquid commune solis diuinis personis, quod se haberet ad illas *add. O (in marg. a. m)*

<sup>1125</sup> posuit *IJMNOQV, dixit Q*

<sup>1126</sup> genus *IJMNOQ, agens V*

iudicabit utrum uos uel nominales<sup>1128</sup> in hoc<sup>1129</sup> melius<sup>1130</sup> dixeritis. Et uos iam scitis et uidetis, sed nolo illud nunc<sup>1131</sup> scribi<sup>1132</sup>. Multa enim illi futuro reseruantur. Neque potest bene<sup>1133</sup> dici ut<sup>1134</sup> conueniant<sup>1135</sup> in persona tamquam in proprietate communi, non tamquam in specie uel genere, nam proprietates diuine essentie non plurificantur et proprietates personales non communicantur neque ab ipsis potest abstrahi commune, ex quo sunt omnino simplices.

Tunc ego: Vtrum subsistentia<sup>1136</sup>, res nature<sup>1137</sup> et suppositum et hypostasis siue substantia<sup>1138</sup> sint idem.

Angelus subrisit dicendo: Vis quod<sup>1139</sup> te doceam uocabula? Quando<sup>1140</sup> res constat, quid<sup>1141</sup> curas de uocabulis? Apud uestros philosophos substantia<sup>1142</sup> uno modo est omnis natura et omnis<sup>1143</sup> essentia, quia substat non semper accidentibus, sed semper aliquibus quasi circumstantibus naturam. Substantia<sup>1144</sup> igitur rei non sunt eius proprietates aut ea circumstantia<sup>1145</sup>, sed ipsa natura rei. Et ita omnes species etiam accidentium sunt substantie, et Deus est substantia. Et hoc modo etiam quod alii circumstat dici potest substantia, non quia circumstat aliud, sed quia alia circumstant ipsum<sup>1146</sup>, sicut dicunt: substantia coloris uel lucis in quantum lux uel color<sup>1147</sup> intelliguntur nature habentes<sup>1148</sup> aliquas proprietates, conditionem<sup>1149</sup> et accidentia. Alio modo<sup>1150</sup>, substantia dicitur illa essentia quam omnia circumstant et ipsa nihil circumstat. Et ita nullum accidens est substantia, neque attributa Dei ut sapientia et potentia sunt substantia. Et hoc modo distingunt philosophi uestri substantiam ab accidente<sup>1151</sup>. Et quando natura non solum substat aliquibus circumstantibus<sup>1152</sup>, sed etiam accidentibus, sic ab istis, id est, Thoma et Scoto, ponitur predicamentum distinctum et remouetur a tali substantia Deus. Quando uero solum natura substat<sup>1153</sup> quibusdam<sup>1154</sup> eam<sup>1155</sup> circumstantibus que sunt una res secum et non accidentibus, tunc etiam potest dici

---

<sup>1127</sup> speciem *IJMNOP*, species *QV*

<sup>1128</sup> nominales *IJMNO PQ*, moniales *V*

<sup>1129</sup> in hoc *om. Q*

<sup>1130</sup> melius *om. V*

<sup>1131</sup> nunc *IJMNO PQ*, nec *V*

<sup>1132</sup> sed nolo illud nunc scribi *IJMNO PV*, sed illum nunc scribe *Q*

<sup>1133</sup> bene *om. OQ*

<sup>1134</sup> ut *IJMNO PV*, quod *Q*

<sup>1135</sup> conueniant *IJMNO QV*, conueniat *P*

<sup>1136</sup> subsistentia *IJMNO PV*, substantia *Q*

<sup>1137</sup> res nature *IJMNO V*, res, natura *PQ*

<sup>1138</sup> substantia *IJMNO PV*, subsistentia *Q*

<sup>1139</sup> Vis quod *IJMNO QV*, iubes *O*

<sup>1140</sup> Quando *IJMNO PV*, Quomodo *Q*

<sup>1141</sup> quid *JMNO PQ*, quod *IV*

<sup>1142</sup> uel subsistentia *add. Q*

<sup>1143</sup> omnis *om. Q*

<sup>1144</sup> Substantia *IJMNO PV*, Substantie *N* (*add. sup.lin. subiecta*) *O*

<sup>1145</sup> ea circumstantia *IJMNO Q*, eam circumstantiam *MOV*

<sup>1146</sup> ipsum *IJMNO QV*, ipsam *P*

<sup>1147</sup> color *om. Q*

<sup>1148</sup> habentes *IMPNO QV*, habentis *NOQ*

<sup>1149</sup> conditionem *JMV*, conditione *I*, conditiones *NOPQ*

<sup>1150</sup> dicitur *add. I*

<sup>1151</sup> ab accidente *IJMNO V*, ab accidentis *PQ*

<sup>1152</sup> aliquibus circumstantibus *IJMNO PV*, quibusdam eam circumstantibus *Q*

<sup>1153</sup> a *add. V*

<sup>1154</sup> solum natura substat quibusdam *IJMNO PV*, natura non solum substat quibusdam *Q*

<sup>1155</sup> eam *IJMNO PQ*, esse *V*

substantia. Et eo modo etiam Deus est substantia. Substantia uero plus notat<sup>1156</sup>, quia substantiam incommunicabilem. Omne enim subsistens est substantia et non omnis substantia est subsistens. Et quando tale subsistens est in natura intellectuali, dicitur persona a uestris, quia uocabula sunt ad placitum. Quando uero tale subsistens est in aliis naturis non solet uocari persona, sed suppositum. Hipostasis autem<sup>1157</sup> nunc pro persona nunc pro quolibet supposito accipitur. Et prout persona uel suppositum seu subsistentia<sup>1158</sup> respicit naturam cuius est suppositum dicitur res nature. Ecce linguam tuam te doceo, nam in<sup>1159</sup> lingua mea aliis uocabulis utimur<sup>1160</sup> in quibus nulla est equiuocatio, nulla amphibologia aut dubitatio, sed omnium rerum<sup>1161</sup> sunt<sup>1162</sup> propria nomina et accomodata uocabula. Ecce uidisti quid persone nomine sit intelligendum et quod tres sunt persone<sup>1163</sup>. Vnde ibi est trinitas personarum, uidelicet numerus ternarius, non quaternarius, non quinarius.

Hec autem Sanctissima Trinitas est unus Deus cuius imaginem nos<sup>1164</sup> angeli et uestre anime gerunt. In eo enim quia habemus intellectum cum obiecto qui memoria dicitur et est uerbi productiua<sup>1165</sup>, et in eo quia<sup>1166</sup> habemus uoluntatem fecundam amoris productiuam representamus Deum Patrem qui est principium Verbi uel Filii sui et Spiritus Sancti [171] qui amor dicitur<sup>1167</sup>. In eo uero quod<sup>1168</sup> habemus intellectum sub actu intelligendi<sup>1169</sup>, representamus Deum Filium. In eo uero quod<sup>1170</sup> habemus uoluntatem cum actu<sup>1171</sup> amoris representamus Deum<sup>1172</sup> Spiritum Sanctum. Que tria in nobis ratione actuum distinguuntur realiter. Alius est enim actus memorie siue mentis, hoc est, intellectus cum obiecto et uoluntatis perfecte, alia res est notitia, alia amor. Et hec eadem<sup>1173</sup> tria sunt in nobis consubstantialia<sup>1174</sup> ratione potentiarum. Intellectus namque et uoluntas non sunt<sup>1175</sup> alia res ab anima<sup>1176</sup>, ut hic dixit, ostendebat Scotum. "Neque<sup>1177</sup> Thomas iste alius<sup>1178</sup> aliter<sup>1179</sup> sensit<sup>1180</sup>. Et quando dixit potentias esse alias res ab anima, intellexit quod non sunt sola<sup>1181</sup> entitas anime<sup>1182</sup>, sed aliqua sibi superaddita que dicitur distingui ab anima realiter. Non quia<sup>1183</sup> alia existentia sit

<sup>1156</sup> notat *IJMNO**PV*, pernotat *Q*

<sup>1157</sup> nature *add. Q*

<sup>1158</sup> subsistentia *IJMNO**PQ*, substantia *V*

<sup>1159</sup> in *add. M (sup.lin.a.m.), om.IV*

<sup>1160</sup> utimur *MNO (P sup.ras.) Q*, utitur *IJV*

<sup>1161</sup> rerum *IJMOP**QV*, nominum *N*

<sup>1162</sup> sunt *om. O*

<sup>1163</sup> et quod tres sunt persone *IJMOPV*, et quod sunt persone *N*, et quid persone sint *Q*

<sup>1164</sup> nos *IJMNO**PQ*, non *V*

<sup>1165</sup> et est uerbi productiua *IJMNO**PV*, est que uerbi productiua *Q*

<sup>1166</sup> quia *IJMNO**PV*, quod *Q*

<sup>1167</sup> qui amor dicitur *IJMNO**PV*, qui est amor *Q*

<sup>1168</sup> quod *IJMOP**QV*, quia *N*

<sup>1169</sup> intelligendi *IJMNO**QV*, intellectiuo *P*

<sup>1170</sup> quod *om. V*

<sup>1171</sup> cum actu *om. P*

<sup>1172</sup> Deum *om. I*

<sup>1173</sup> eadem *om. Q*

<sup>1174</sup> consubstantialia *JMNO**PQV*, et substantialia *I*

<sup>1175</sup> sunt *om. IV*

<sup>1176</sup> alia res ab anima *om. Q*

<sup>1177</sup> neque *JMNO**PQ*, teque *IV*

<sup>1178</sup> alius *IMNOV*, alter *PQ*

<sup>1179</sup> aliter *om. Q*

<sup>1180</sup> Neque Thomas iste alius aliter sensit *IMNO**PQV*, teque Thomas. Iste alius aliter sensit *J*

<sup>1181</sup> etiam *add. V*

<sup>1182</sup> sola entitas anime *IJMN (O add. sup.lin.a.m anime) PV*, alia entitas *Q*

<sup>1183</sup> quia *IJMNO**PV*, quod *Q*

potentiarum<sup>1184</sup> et alia anime, sed quia ita est in re etiam nullo considerante quod anima est una entitas, alia potentia<sup>1185</sup>. Que tamen due entitates sunt una res, quia<sup>1186</sup> unam habent existentiam<sup>1187</sup> et una sine alia esse non potest. Non est<sup>1188</sup> anima unquam sine intellectu et uoluntate neque intellectus et uoluntas ab anima aut<sup>1189</sup> substantia uestra separari potest. Et sicut ex Patre nascitur Filius,<sup>1190</sup> in nobis de memoria nascitur notitia et de uoluntate, iam nata notitia, procedit amor. Sicut ex Patre, nato Filio, procedit Spiritus Sanctus et productio Spiritus Sancti<sup>1191</sup> communicatur Filio, non sic proprie<sup>1192</sup> productio amoris communicatur notitie uestre<sup>1193</sup>. Hoc tamen uerum est quod, quia uoluntas amorem producere non potest nisi notitia illius rei que amatur precedente, ideo notitia est aliquo modo causa amoris. Et sicut Filius naturaliter et Spiritus Sanctus libere producit<sup>1194</sup>, ita notitia nostra<sup>1195</sup> a memoria naturaliter nascitur, amor uero a uoluntate libere producit. Hec igitur est quantulacumque Trinitatis illius in nobis imago. Vestigium quoque Trinitatis est in omni creatura. Omne enim creatum est<sup>1196</sup> unum, uerum, bonum. Vnitatem Patrem<sup>1197</sup>, qui est unicum<sup>1198</sup> principium omnium et a quo omnium enim<sup>1199</sup> entium multitudo deriuatur<sup>1200</sup> et procedit, denotant, ueritate<sup>1201</sup> Filium, qui est sapientia Patris, bonitate Spiritum<sup>1202</sup>, qui uoluntate producit<sup>1203</sup> cui bonum pro obiecto conceditur. Omnia quoque<sup>1204</sup> diuina arte facta sunt et unitatem et speciem et ordinem in se ostendunt. Species et pulchritudo rerum est<sup>1205</sup> ueritas<sup>1206</sup> earum qua<sup>1207</sup> redduntur<sup>1208</sup> intelligibilia et suimet manifestatiua. Et ordo uero in ultimum finem bonum denotat. Nil enim bonum est nisi finis et que ordinantur in<sup>1209</sup> finem. Et ita hec assignatio uestigii est similis illi priori, secundum hanc nouam expositionem que melior est quam illa ualde difficilis<sup>1210</sup> quam dedit hic noster frater etiam tempore illo eruditus, et ostendebat Sanctum<sup>1211</sup> Augustinum.

Omnia quoque Deus creauit in numero, pondere et mensura. Vnumquodque enim

<sup>1184</sup> potentiarum *IJMNOPIV*, potentie *Q*

<sup>1185</sup> quod anima est una entitas, alia potentia *IJMNOPIV*, quia anima est unica entitas alia a potentia *OQ*

<sup>1186</sup> quia *IJMOPQV*, que *N*

<sup>1187</sup> existentiam *JMNOPIV*, essentiam *I*

<sup>1188</sup> est *om. Q*

<sup>1189</sup> a *add. N*

<sup>1190</sup> sic *add. OQ*

<sup>1191</sup> Spiritus Sancti *IJMNOPI*, illius *Q*  
et productio Spiritus Sancti *om. V*

<sup>1192</sup> proprie *om. O*

<sup>1193</sup> uestre *MOQV*, nostre *IJNP*

<sup>1194</sup> producit *IJMNOPIQ*, producit *V*

<sup>1195</sup> nostra *IJNOPIV*, uestra *MQ*

<sup>1196</sup> est *om. V*

<sup>1197</sup> Patrem *IJMNOPIQ*, Patris *V*

<sup>1198</sup> unicum *IJMNOPIQ*, unum *V*

<sup>1199</sup> enim *MNOPIV*, est *IJ*

<sup>1200</sup> deriuatur *IMNOPIV*, deriuatum *J*

<sup>1201</sup> ueritate *JMNOPI*, ueritatem *IV*

<sup>1202</sup> Spiritum *JMNO*, Spiritum Sanctum *PQ*, Spirituum *IV*

<sup>1203</sup> producit *JMNOPIQ*, proceditur *IV*

<sup>1204</sup> que *add. NOQ*

<sup>1205</sup> est *IJMNOPIQ*, et *V*

<sup>1206</sup> ueritas *IJMNOPIV*, unitas *Q*

<sup>1207</sup> qua *IJMNOPIV*, que *Q*

<sup>1208</sup> redduntur *IJMNOPIQ*, redundat *V*

<sup>1209</sup> in *IJMNOPIV*, ad *Q*

<sup>1210</sup> quam illa ualde difficilis *IJMNOPIV*, illa ualde difficili *Q*

<sup>1211</sup> Sanctum *om. Q*

additum alteri facit numerum. Ergo unumquodque est unum<sup>1212</sup> et unumquodque mensuratur per accessum ad primum bonum uel per recessum ab eo, quod non fit sine cognitione. Et unumquodque inclinatur<sup>1213</sup> in bonum et in suam perfectionem.<sup>1214</sup> Que inclinatio est amor naturalis. Vnitas, ut presens<sup>1215</sup>, Patrem, mensura, que cum ratione<sup>1216</sup> intelligitur, Filium, pondus, hoc est, inclinatio seu amor Spiritum Sanctum denotat<sup>1217</sup> et significat. Hec tria dicuntur uestigium et non imago, quia<sup>1218</sup> uestigium est signum partis<sup>1219</sup>. Sic ista non dicunt nisi partem<sup>1220</sup> Trinitatis et imaginis. Imago enim est similitudo totius, significat enim distinctionem personarum, consubstantialitatem earum et originem. Vnum, uerum, bonum significant non<sup>1221</sup> omnia hec, sed partem eorum<sup>1222</sup>. Notant [172] enim consubstantialitatem, sed non distinctionem neque originem. Mens itaque notitia et amor uel memoria, intelligentia et uoluntas cum amore<sup>1223</sup> simul est imago, quia ibi est consubstantialitas ratione potentiarum, et distinctio propter<sup>1224</sup> actus qui sunt distincti realiter, et origo quia notitia producitur a memoria et amor a uoluntate perfecta et aliquo modo a notitia. Et hic deficit ualde imago a Trinitate perfecta<sup>1225</sup>. Nomine autem mentis et memorie intelligitur utrumque principium productiuum.

Sed arrige<sup>1226</sup> aures et audi qualiter angeli iugiter<sup>1227</sup> laudant et magnificent<sup>1228</sup> Sanctissimam Trinitatem. Et audi cantum triplici<sup>1229</sup> lingua inchoatum, sed<sup>1230</sup> latina deinde continuatum.

Michael hebraice inchoauit:

Kados, Kados, Kados<sup>1231</sup>. Adonay et Sabaoth

Gabriel grece<sup>1232</sup> idem<sup>1233</sup> dixit:

Agios, Agios, Agios. Kyrios o<sup>1234</sup> Theos ton Stration<sup>1235</sup>

Raphael latine idem reiterauit<sup>1236</sup>:

<sup>1212</sup> additum alteri facit numerum. Ergo unumquodque est unum *om. J*

<sup>1213</sup> inclinatur *JMNOPQ*, inclinatur *IV*

<sup>1214</sup> Ergo unumquodque est unum et unumquodque mensuratur per accessum ad primum bonum uel per recessum ab eo, quod non fit sine cognitione. Et unumquodque inclinatur in bonum et in suam perfectionem. *IJMOPV*, Et unumquodque est unum et unumquodque mensuratur per accessum ad primum unum et unumquodque mensuratur per accessum ad suum bonum et unumquodque inclinatur in bonum et in suam perfectionem. *Q*

<sup>1215</sup> presens *IJMNPV*, prius *OQ*

<sup>1216</sup> que cum ratione *IJMNPV*, quecumque *Q*

<sup>1217</sup> denotat *om. J*, *add. M* (in marg. a. m.)

<sup>1218</sup> sicut *add. O*

<sup>1219</sup> partis *NOPQ*, Patris *IJMV*

<sup>1220</sup> partem *M* (sup. ras) *NOPQ*, patrem *IJV*

<sup>1221</sup> significant non *IJMNPQ*, significat omnino *V*

<sup>1222</sup> eorum *IJMNPQV*, horum *O*

<sup>1223</sup> amore *IJMNPV*, omne *Q*

<sup>1224</sup> propter *IJMNPQ*, per *V*

<sup>1225</sup> et aliquo modo a notitia. Et hic deficit ualde imago a Trinitate perfecta *om. I*

<sup>1226</sup> arrige *JMNOPQV*, erige *I*

<sup>1227</sup> iugiter *om. Q*

<sup>1228</sup> magnificent *IJMNPV*, significant *Q*

<sup>1229</sup> triplici *IJMNPQ*, tripliciter *V*

<sup>1230</sup> sed *IJMNOQV*, scilicet *P*

<sup>1231</sup> Kados, Kados, Kados *add. P*,

Rados, Rados, Rados *IJ ?*

<sup>1232</sup> grece *IMOPQ*, greco *JNV*

<sup>1233</sup> idem *om. Q*

<sup>1234</sup> o *om. IJN*

<sup>1235</sup> Stration *om. P*

Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus militiarum.

Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu. Laudemus et magnificemus eum in secula.

Deinde nunc Michael nunc alii prosequebantur<sup>1237</sup> omnia latine uel ad hoc ut ego<sup>1238</sup> melius intelligerem uel ut ostenderent Deum plus laudari in<sup>1239</sup> lingua latina hodie quam in<sup>1240</sup> aliis. Michael itaque<sup>1241</sup> prosecutus est hec que sequuntur<sup>1242</sup>, que coniungantur<sup>1243</sup> cum superiori<sup>1244</sup> sententia sicut<sup>1245</sup> quando uos<sup>1246</sup>, dixit angelus, hec nostra cantica cantaueritis<sup>1247</sup>. Continue<sup>1248</sup> illa.<sup>1249</sup>

In<sup>1250</sup> solio excelso et eleuato<sup>1251</sup> tres omnino similes uideo  
Equales illi sunt undique<sup>1252</sup>, in nullo inter se differentes  
Non est<sup>1253</sup> unus ante, alius retro, neque unus<sup>1254</sup> sursum, alius deorsum  
Inter se sunt uere distincti, sed quoad locum et solium omnino<sup>1255</sup> indistincti<sup>1256</sup>  
Vnusquisque trium in eadem sede que<sup>1257</sup> residebat<sup>1258</sup>  
Non est a dextris unus, a sinistris<sup>1259</sup> alius, sed quilibet est in quolibet<sup>1260</sup>  
Nomen primi<sup>1261</sup> proprium Pater est, ipse namque solus genuit  
Nomen secundi est Filius, solus etenim<sup>1262</sup> genitus est  
Nomen tertii Spiritus Sanctus<sup>1263</sup> est<sup>1264</sup>, ipse<sup>1265</sup> solus spiratus est  
Multa sunt ipsorum agnomina, uaria certo cognomina  
Ingenitus est innascibilisque Pater<sup>1266</sup>, improductus et a nullo procedens  
Memoria, unitas et potentia, soli sibi attribuuntur  
Filio splendor, species, ueritas, mensura et sapientia, ars<sup>1267</sup> plena omnium

---

<sup>1236</sup> reiterauit *IJMNPV*, recitauit *Q*

<sup>1237</sup> prosequebantur *IJMNPQ*, prosecuere *V*

<sup>1238</sup> ego *om. V*

<sup>1239</sup> in *om. Q*

<sup>1240</sup> in *om. Q*

<sup>1241</sup> itaque *IJMOPQV*, igitur *N*

<sup>1242</sup> sequuntur *IJNOPQV*, prosecuntur *M*

<sup>1243</sup> coniungantur *IJMNOPV*, coniunguntur *Q*

<sup>1244</sup> cum superiori *IJNOPQ*, supeiori *M*, cum superiorum *V*

<sup>1245</sup> ut *add. J*

<sup>1246</sup> uos *om. V*

<sup>1247</sup> cantaueritis *IJMNOPV*, cantatis *Q*

<sup>1248</sup> continue *MNOQ*, continuare *IJPV*

<sup>1249</sup> Canticum angelorum *add. V*

<sup>1250</sup> ex *add. V*

<sup>1251</sup> et eleuato *om. Q*

<sup>1252</sup> undique *om. N*

<sup>1253</sup> est *om. JV*

<sup>1254</sup> unus *JMNOQ*, alius *IV*

<sup>1255</sup> omnino *om. Q*

<sup>1256</sup> indistincti *JMNOQ*, distincti *IV*

<sup>1257</sup> que *IJMPV*, *om. N*, eque *OQ*

<sup>1258</sup> residebat *IJMNOQ*, residebant *V*

<sup>1259</sup> sinistris *IJMNOV*, dextris *P*

<sup>1260</sup> Non est a dextris unus, a sinistris alius sed quilibet est in quolibet *om. Q*

<sup>1261</sup> primi *IJMNOQ*, primus *V*

<sup>1262</sup> etenim *IJMNOQV*, eterni *I*

<sup>1263</sup> Sanctus *om. P*

<sup>1264</sup> est *om. N*

<sup>1265</sup> namque *add. OQ*

<sup>1266</sup> innascibilisque Pater *IJMNOV*, innascibilis *Q*, et innascibilis quia Pater *P*

<sup>1267</sup> ars *IJMNOQV*, res *P*

rationum<sup>1268</sup> uiuentium  
 Spiritui Sancto bonitas, ordo<sup>1269</sup>, pondus et suauitas<sup>1270</sup>, gratia, caritas et benignitas  
 Solus Filius Verbum est, quia de memoria solus productus  
 Solus Spiritus Sanctus<sup>1271</sup> amor spiratus, solus donum proprie nuncupatus  
 Sed unumquodque illorum trium nominum<sup>1272</sup> suam personam<sup>1273</sup> sub ratione  
 propria significat  
 In his latet<sup>1274</sup> magnum sacramentum, in his magna uirtus abscondita est  
 In ipsis hominum uita et salus consistit, in ipsis omnis gratia et peccatorum expiatio  
 existit<sup>1275</sup>  
 [173] Nomen tetragramaton utile erat antiquis, sed hec<sup>1276</sup> utiliora sunt modernis  
 Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et magnificemus  
 eos<sup>1277</sup> in secula  
 Simillimos<sup>1278</sup> eos in tantum uidemus quod<sup>1279</sup> unum ab alio non discernimus<sup>1280</sup>  
 Quecumque<sup>1281</sup> uidemus<sup>1282</sup> aut aspiciamus, eandem rem omnino iudicamus  
 Et quia nihil est in<sup>1283</sup> aliquo ipsorum nisi Deus, quemcumque<sup>1284</sup> uidemus<sup>1285</sup> Deum  
 solum uidemus<sup>1286</sup>  
 Deus est quo conueniunt et quo differunt, Deus est omnia in ipsis omnibus  
 Maximus et simplicissimus est omnipotens noster Deus  
 Nulla tamen bonitas est aut perfectio quam ipse non contineat  
 Simplicissima est natura diuina, sola tamen ad omnia ualet  
 Ipsa est Deo nostro loco<sup>1287</sup> potentiarum et operationum et omnium<sup>1288</sup> aliorum que  
 de ipso dicuntur  
 Que in rebus creatis<sup>1289</sup> sunt sparsa et diuisa, in Deo<sup>1290</sup> sunt collecta et unita<sup>1291</sup>  
 Que homines per multa instrumenta conficiunt, unica re in Deo peraguntur  
 Quando unum pluribus equipollet, que pluribus fierent et illo uno fient<sup>1292</sup>  
 Immo et<sup>1293</sup> perfectius illo uno fient<sup>1294</sup>, quia uirtus unica<sup>1295</sup> est potentior<sup>1296</sup>

<sup>1268</sup> rationum *IJMNPV*, ratione *Q*

<sup>1269</sup> ordo *om. Q*

<sup>1270</sup> suauitas *IJMNOQV*, sanitas *V*

<sup>1271</sup> Solus Spiritus Sanctus *IJ(M add. Sanctus sup.lin.a.m.)NPV*, Solus Spiritus est *O*, Solus Spiritus Sanctus est *Q*

<sup>1272</sup> trium nominum *om. Q*

<sup>1273</sup> suam personam *IJMNOQV*, sua propria *Q*

<sup>1274</sup> latet *IJMNOQV*, iacet *P*

<sup>1275</sup> existit *IJMNOQV*, est *Q*

Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et magnificemus eum in secula *add. V*

<sup>1276</sup> hec *om. Q*

<sup>1277</sup> eos *IJMNOQ*, *om. Q*, eum *V*

<sup>1278</sup> Simillimos *IJMNOQV*, Similes *V*

<sup>1279</sup> quod *IJNOPQV*, quoniam *M*

<sup>1280</sup> discernimus *JNOQ*, discernamus *IMPV*

<sup>1281</sup> Quecumque *IMNOPQV*, Quemcumque *J*

<sup>1282</sup> uidemus *IJNOPV*, uidimus *MQ*

<sup>1283</sup> in *JNOPQ*, enim *M*, ante *IV*

<sup>1284</sup> quemcumque *IMNOP*, quocumque *J*, quodcumque *Q*, quecumque *V*

<sup>1285</sup> uidemus *IJMNOQV*, uidimus *Q*

<sup>1286</sup> uidemus *IJMNOQV*, uidimus *QV*

<sup>1287</sup> loco *om. V*

<sup>1288</sup> omnium *IJNOPQV*, omnia *M*

<sup>1289</sup> creatis *IJMNP*, diuinis *O*, creatis et humanis *Q*, certis *V*

<sup>1290</sup> Deo *IJMNOQV*, uno *P*

<sup>1291</sup> et unita *om. Q*

<sup>1292</sup> fient *IJMP*, fiunt *NOQ*, fierent *V*

<sup>1293</sup> et *IJMNOQV*, est *V*

Singulis ipsorum simplex est et quilibet constitutus<sup>1297</sup>  
 Simplex, quia non nisi Deus, constitutus quia Deus<sup>1298</sup> pluribus equialet<sup>1299</sup>  
 Qui producit<sup>1300</sup> et quo producit eque<sup>1301</sup> est Deus cum<sup>1302</sup> producto  
 Natura non generat neque spirat, non generatur neque spiratur  
 Ipsa tamen est generatio<sup>1303</sup>, ipsa generari et spirari<sup>1304</sup>  
 Vna summa quedam<sup>1305</sup> res est Deus, omni bonitate in se fretus<sup>1306</sup>  
 Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et magnificemus eum  
 in secula  
 Vim quandam<sup>1307</sup> uidemus in Patre per modum<sup>1308</sup> nature productiuam  
 Vis illa est Deus et Deus est ipsa uis productiua  
 Intellectus est cum essentia que solet<sup>1309</sup> appellari memoria  
 In rebus profecto eternis in quibus est uis omnino immutabilis<sup>1310</sup>  
 Quia non distat esse<sup>1311</sup> a posse, quod<sup>1312</sup> potest esse, necesse est esse  
 Quicquid<sup>1313</sup> ergo est productiuum<sup>1314</sup> et producens actu erit  
 Constat nobis accidens in Deo esse non posse, quod producit substantia erit  
 Vis producens est infinita<sup>1315</sup>, productum infinitum erit  
 Infinitum nihil est nisi Deus, productum<sup>1316</sup> ergo Deus erit<sup>1317</sup>  
 Nequit<sup>1318</sup> esse nisi unus Deus, idem cum gignente Deus erit  
 Impossibile est aliquem seipsum gignere, genitum alia persona erit  
 Ex quo memoria producit, productum<sup>1319</sup> uerbum erit  
 Quia<sup>1320</sup> de substantia gignentis natura intellectuali oritur, filius certe erit  
 Quia gignenti simillimus, imago perfecta erit  
 Generatio una<sup>1321</sup> est et incommunicabilis<sup>1322</sup>, unicus Filius erit<sup>1323</sup>

<sup>1294</sup> fient *IJMPV*, fiunt *N*

<sup>1295</sup> unica *IJMNV*, unita *OP*

<sup>1296</sup> potentior *JMNOP*, perfectior *IV*

Immo et perfectius illo uno fient, quia uirtus unica est potentior *om. Q*

<sup>1297</sup> constitutus *JMNPO*, consistit *IV*

<sup>1298</sup> Deus *om. Q*

<sup>1299</sup> equialet *IJMNOV*, equipollet *Q*

<sup>1300</sup> producit *MNOQ*, produci *IJPV*

<sup>1301</sup> eque *IMNPQ*, et que *OV*

<sup>1302</sup> cum *JMNOPQV*, omne *I*

<sup>1303</sup> et spiratio *add. OQ*

<sup>1304</sup> spirari *IJMNPQV*, spirans *O*

<sup>1305</sup> quedam *JMNOPQV*, quidem *I*

<sup>1306</sup> fretus *IJMNOV*, refertus *Q*

<sup>1307</sup> quandam *IJMNOV*, quam *Q*

<sup>1308</sup> modum *IJMOPQV*, nomen *N*

<sup>1309</sup> solet *IJMNOQ*, solent *V*

<sup>1310</sup> In rebus profecto eternis in quibus est uis omnino immutabilis *om. Q*

<sup>1311</sup> esse *om. V*

<sup>1312</sup> quod *IJMOQV*, quid *NP*

<sup>1313</sup> Quicquid *IJMNOQ*, Quid *V*

<sup>1314</sup> productiuum *IJMNOV*, productum *Q*

<sup>1315</sup> infinita *IJMNOV*, infinitum *P*

<sup>1316</sup> productum *IJMNOV*, productus *P*

<sup>1317</sup> Constat nobis accidens in Deo esse non posse, quod producit substantia erit

Vis producens est infinita, productum infinitum erit

Infinitum nihil est nisi Deus, productum ergo Deus erit *om. Q*

<sup>1318</sup> Nequit *IJMNOQ*, Nequid *V*

<sup>1319</sup> productum *IJMNOQ*, productam *V*

<sup>1320</sup> Quia *IJMNOV*, Qui *Q*

<sup>1321</sup> una *IJMNPQV*, unica *O*

<sup>1322</sup> incommunicabilis *IJMO*, incommutabilis *NPV*

Benedicamus iam<sup>1324</sup> Patrem et Filium et qui<sup>1325</sup> ab eis procedit Spiritum Sanctum<sup>1326</sup>  
 Quomodo autem procedit nos uidemus<sup>1327</sup>, propter uos homines ita canimus  
 Vt<sup>1328</sup> aliquo modo audiat que in ciuitate nobis communi<sup>1329</sup> uidebitis  
 Est in Patre et eius Filio et alia uis<sup>1330</sup> productiua  
 Non<sup>1331</sup> quidem per modum nature et intellectus, sed per modum doni et uoluntatis  
 Est namque in Deo perfecta uoluntas, est et eius obiectum infinita bonitas<sup>1332</sup>  
 Quicquid autem in Deo potest esse, illud necesse est esse  
 Producitur itaque non gignitur, quia uoluntate non natura procedit  
 Ideo neque Filius neque Verbum est, imago aliquo modo dici potest  
 Substantia est immensa atque Deus et tamen a producentibus alius  
 Alia est ab ipsis persona, quia mens non capit ut aliquid seipsum producat<sup>1333</sup>  
 Donum ipse est uerum et amor uere spiratus<sup>1334</sup> [174]  
 Non a Patre solum sed etiam a Filio, sicut latini recte canunt  
 Vis enim hec presupponit priorem et iam in Filio esse<sup>1335</sup> quando producit<sup>1336</sup>  
 Neque tamen ueri<sup>1337</sup> greci errant qui ipsum ex Patre non ex Filio dicunt<sup>1338</sup>  
 Qui ipsum ex Patre procedere et in Filium dicunt permanere  
 Non est certe ex Filio tamquam ex fonte ipsum ex se effundente<sup>1339</sup>  
 Neque est ex Patre et Filio tamquam ex duobus principiis, sed tamquam ex uno<sup>1340</sup>  
 Ex Patre procedit per Filium<sup>1341</sup> et in Filio quiescit<sup>1342</sup> talis processio  
 A Patre namque talem<sup>1343</sup> processionem accipit<sup>1344</sup> Filius neque ipsam<sup>1345</sup> ulli<sup>1346</sup> alii  
 communicat<sup>1347</sup>  
 Sed quia non minus est a Filio quam a Patre, ab utroque<sup>1348</sup> procedere bene dicitur<sup>1349</sup>  
 Verba trahenda sunt ad sensum, non sensus ad uerba

---

<sup>1323</sup> Quia gignenti simillimus, imago perfecta erit

Generatio una est et incommunicabilis, unicus Filius erit *om. Q*

<sup>1324</sup> iam *om. Q*

<sup>1325</sup> qui *om. IV*

<sup>1326</sup> Spiritum Sanctum *IJMNPQ*, Spiritus Sanctus *V*

<sup>1327</sup> uidemus *IJMNOQ*, uidimus *QV*

<sup>1328</sup> Vt *IJMNOQ*, Vult *V*

<sup>1329</sup> nobis communi *JMNOQV*, uobis communi *I*, nobiscum *P*

<sup>1330</sup> uis *IJMNOQ*, nisi *V*

<sup>1331</sup> solum *add. Q*

<sup>1332</sup> est et eius obiectum infinita bonitas *IJMN*, est et eius subiectum infinita bonitas *O*, est etiam obiectum infinita bonitas *PQ*, est in eius obiecta et infinita bonitas *V*

<sup>1333</sup> producat *IJMNOQV*, producit *P*

<sup>1334</sup> spiratus *IJMNOQ*, spiritus *V*

<sup>1335</sup> esse *IJM*, est *NOP*

<sup>1336</sup> Vis enim hec presupponit priorem et iam in Filio esse quando producit *om. Q*

<sup>1337</sup> ueri *IJMNOV*, uere *Q*

<sup>1338</sup> Neque tamen ueri greci errant, qui ipsum ex Patre non ex Filio dicunt *om. P*  
dicunt *IJMNOV*, aiunt *Q*

<sup>1339</sup> effundente *JMNOQV*, effundere *I*

<sup>1340</sup> Non est certe ex Filio tamquam ex fonte ipsum ex se effundente

Neque est ex Patre et Filio tamquam ex duobus principiis sed tamquam ex uno *om. Q*

<sup>1341</sup> per Filium *JMNOQ*, Filium *I*, Filius *V*

<sup>1342</sup> quiescit *NOPQ*, que fit *IJM*

<sup>1343</sup> talem *om. Q*

<sup>1344</sup> accipit *IJMNOV*, accepit *PQ*

<sup>1345</sup> ipsam *JOQ*, ipsa *IMNPV*

<sup>1346</sup> ulli *IJMNOQ*, nulli *V*

<sup>1347</sup> communicat *JMNOQ*, communicare *IV*

<sup>1348</sup> coniunctim *add. O*

<sup>1349</sup> procedere bene dicitur *IJMNPV*, coniunctim procedit *Q*

Hic labor est hominum<sup>1350</sup> mortalium, nobis angelis hec omnia ex se patent  
 Nulla apud nos est equiuocatio, nulla amphibologia  
 Ecce ingenitus<sup>1351</sup> generat et ipsemet etiam spirat  
 Sed generare consequitur ingenitum, non ingenitum generare  
 Pro illo signo inest<sup>1352</sup> negatio, pro quo inesset<sup>1353</sup> eius affirmatio  
 Sed si generans esset ab alio<sup>1354</sup> pro priori signo, esset ab alio qui generaret<sup>1355</sup>  
 Negatio tamen<sup>1356</sup> semper oportet ut aliquam affirmationem comitetur<sup>1357</sup>  
 Est<sup>1358</sup> itaque in ipso generante ens uerum ad quod<sup>1359</sup> ingenitum et generare  
 consequitur  
 Quia<sup>1360</sup> ergo genuit, Pater est et quia Dominum<sup>1361</sup>, idem, similis et equalis est  
 genito  
 Idem est in essentia, equalis in uirtute et potentia  
 Similis est in sapientia et bonitate et omni alia qualitate  
 Hec tamen tam uaria non sunt nisi sua essentia  
 Spirat uel potius donat cum suo caro Filio illum qui amor est et donum<sup>1362</sup>  
 Ille Filius est genitus et<sup>1363</sup> sua entitate constitutus  
 Entitas constitutua<sup>1364</sup> in ipso correspondet entitati<sup>1365</sup> constitutiue Patris  
 Esse ab alio correspondet ingenito, genitum uero generanti  
 Filiatio paternitati, idemptitas idemptitati  
 Similitudo similitudini, equalitas uero equalitati<sup>1366</sup>  
 Tot sunt in uno quot<sup>1367</sup> in alio, communis est utrique donatio<sup>1368</sup>  
 Spiratus Spiritus<sup>1369</sup> et ipse habet entitatem qua constituitur in suo esse  
 Ab alio est, ut patet, non genitus, sed donatus  
 Quod Patri est paternitas et Filio filiatio<sup>1370</sup>, hoc sibi est<sup>1371</sup> spiratio  
 Idem est Patri et equalis, immo et in omnibus similis  
 Idem est Filio et equalis<sup>1372</sup> eique in nullo difformis  
 Tot sunt<sup>1373</sup> similitudines et equalitates<sup>1374</sup> in uno quot<sup>1375</sup> et in alio

<sup>1350</sup> hominum *IJMNOV*, omnium *PQ*

<sup>1351</sup> ingenitus *IJMNOQ*, genitus *V*

<sup>1352</sup> inest *IJMNOQV*, non est *P*

<sup>1353</sup> inesset *IJMNOV*, inest *QV*

<sup>1354</sup> pro *add. MO*

<sup>1355</sup> generaret *MN*, generet *JP*, generat *IV*

Sed si generans esset ab alio pro priori signo, esset ab alio qui generaret *om. Q*

<sup>1356</sup> tamen *om. V*

<sup>1357</sup> comitetur *IJMNOQV*, amittetur *P*

<sup>1358</sup> Est *IJNOQ*, Et *MPV*

<sup>1359</sup> quod *IJMNOQV*, quid *P*

<sup>1360</sup> Quia *IJMNOV*, Qui *Q*

<sup>1361</sup> Dominum *IJMN*, Deum *O*, Dominus *PQV*

<sup>1362</sup> Spirat uel potius donat cum suo caro Filio illum qui amor est et donum *om. Q*

<sup>1363</sup> et *IJMNOQ*, in *V*

<sup>1364</sup> constitutua *IJMNOQ*, constituita *V*

<sup>1365</sup> entitati *IJMNOV*, enti *Q*

<sup>1366</sup> equalitas uero equalitati *om. Q*

<sup>1367</sup> sunt *add. PQ*

<sup>1368</sup> Similitudo similitudini, equalitas uero equalitati

Tot sunt in uno quot<sup>1368</sup> in alio, communis est utrique donatio *om. O*

<sup>1369</sup> Spiratus Spiritus *IJNPV*, Spiritus Sanctus *MOQ*

<sup>1370</sup> filiatio *IJMOPV*, donatio *Q*

<sup>1371</sup> illa *add. O*

<sup>1372</sup> immo et in omnibus similis / Idem est Filio et equalis *om. Q*

<sup>1373</sup> sunt *om. Q*

<sup>1374</sup> equalitates *JMNPQ*, qualitates *IOV*

Deus tamen est omnia in personis omnibus  
Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et magnificemus eum  
in secula<sup>1376</sup>

Huius imago est in omnibus, que relucet etiam in hominibus<sup>1377</sup>

Mens, notitia, amor seu<sup>1378</sup> memoria, intelligentia et uoluntas

In his est consubstantialitas gratia potentiarum, distinctio<sup>1379</sup> gratia operationum<sup>1380</sup>

Ex mente seu memoria procedit notitia, ex utroque oritur<sup>1381</sup> amor

Mens siue memoria utramque uim productiuam designat<sup>1382</sup>

---

<sup>1375</sup> quot *JMNOPIV*, quam *Q*

<sup>1376</sup> In unoquoque trium sunt proprie notiones et aliquae sunt duobus communes

In Patre est ratio persone constitutiuam, ingenitum ac generare necnon et ipsa paternitas

In Filio est suum constitutiuum, generari quoque ac filiatio

In Spiritu Sancto est lux principio equiualens, constitutio est spirari ac relatio doni

Est spirare et donatio unica et eadem in Patre et Filio

Filiatio non est paternitas nisi per identitatem sicut autem solum sapientia est caritas

Deus certo producit Deum sed non eundem nec alium

Duo sunt spirantes, non duo spiratores. Tres creates, non tres creatores

Adiectiuum non determinat adiectiuum sed utrumque declarant substantiuum

Quamuis Filius sit sapientia et ars Patris, Filius tamen sapere sapientia ingenita rectius affirmatur

Spiritus Sanctus est uirtus et amor qui tamen potius amat se roducentibus

Est quedam affinitas Verbi cum notitia et/est uicinitas doni cum amore

Filius naturaliter, Spiritus Sanctus libere uterque tamen necessario precedit

Quo Filius et quouis persona specialiter constituitur, illo a quocumque alio potissime distinguitur

Qui ordinem et personarum negat productionem, et tertium a secundo negabit

Cui attribuitur (aliquid/*Q*) sine metaphora, ab illo remoueri nequit ipsius uerum (uerbi/*Q*) superius

Contingens pressupponit necessarium, creatura et (autem est/*Q*) incognosci omnes personas consequitur

Quando (Qui/*Q*) unum equiualeat perfecte multis, presupponit et consequitur seipsum prout stat pro illis

Vna persona est uere in alia, ut diximus, ratione solum aut perfecte essentie presentie sed etiam

complete continentie. (Vna persona est uere in alia, non solum ratione essentie aut perfecte presentie sed perfecte continentie. *Q*)

Quecumque sunt in uno formaliter, sunt in aliis per identitatem et realiter

Quod est Patri potentia generandi et utrumque (utrique/*Q*) spirandi, est in omnibus, non tamen est eo modo in ipsis omnibus

Nihil est in uno quod non sit in aliis, iccirco unus non est maior aliis

Omni perfectione spoliatus, imperfectius est quantulacumque uestito

Si Pater ille esset maior suo naturali Filio, Filius ipse, cuius sunt omnia Patris, non esset minor eo

Deus qui nec genus est, species nec ullum proprie singulare, in nullo genere diuiditur

(Deus qui nec genus nec species est neque ullum improprium singulare, in nullo genere diuiditur *Q*)

Deus ultime speciei quamuis dissimilior sit, assimilatur tres persone tribus particularibus (*om. Q*)

Idem est unus alii (uni ali *Q*) in essentia et similis in qualitate, (equalis *add. Q*) in magnitudine, eternitate et potentia.

Identitas similis est et equalis, equalitas eadem et similis, similitudo eadem et equalis

Persona negationem in genere denotat, intentionem et rem ueram designat

Relatiuum persona cum nonnullis aliis neque essentiale est neque notionale

Numerus (Nec *N*) numeratus in diuinis sunt tres persone, numerus quo numerantur (quoque numeratus *N*) est in ipsis

Illi duntaxat mittuntur qui in ligno (signo *Q*) sensibili producti manifestantur

Omnes tamen ut mittant illos oportet quia omnes illo tales manifestantur (*om. Q*)

Omnes ad nos ueniunt er nobis (cum *add. Q*) dantur omnesque id efficiunt

*add.M(in a.f.a.m.) NOQ*

<sup>1377</sup> Huius imago est in omnibus, que relucet etiam in hominibus *INPV*

Huius imago est in angelis et hominibus et in creaturis inferioribus *add. M (sup ras.)*

Huius imago est in angelis et hominibus et non in creaturis inferioribus *O*

Huius imago est in angelis ac hominibus, non in creaturis inferioribus *Q*

<sup>1378</sup> seu *IN*, siue *O*, iure *M*, sua *P*, sue *IIV*, *om. Q*

<sup>1379</sup> distinctio *IJNOPQV*, distinctio *M*

<sup>1380</sup> distinctio, gratia operationum *IJMNOPIV*, distinctio gratie operationum *Q*

<sup>1381</sup> oritur amor *IJMNPV*, amor progreditur *O*, procedit amor *Q*

Quarum uirium utraque<sup>1383</sup> in Patre<sup>1384</sup>, altera tantum in Filio  
 Ambe representant solum Patrem, intelligentia sola Filium  
 Voluntas Spiritum Sanctum, non ipsa sola, sed amor<sup>1385</sup> coniuncta representat  
 Sole namque potentie aut soli earum actus<sup>1386</sup> non sunt imago Trinitatis  
 Potentie coniuncte actibus pro modulo suo Trinitatem Sanctam ostendunt  
 Mens seu memoria, notitia<sup>1387</sup> seu intelligentia, amor seu uoluntas cum amore  
 Si in Deum ipsum tendant, sunt Trinitatis perfecta imago [175]  
 Si tendant in seipsum uel similia a ratione perfecte imaginis decidunt  
 Si ad inferiora seipsis, ratio Tinitatis<sup>1388</sup> imperfection<sup>1389</sup> erit in illis  
 Et quanto<sup>1390</sup> ad imperfectiora<sup>1391</sup> protendetur<sup>1392</sup>, tanto magis diminuetur  
 Aliqui mortalium dixere imaginem Trinitatis in corpore pollere  
 Linea, inquiunt<sup>1393</sup>, est Pater, superficies Filius, altitudo Spiritus Sanctus  
 Linea in se ducta superficiem producit<sup>1394</sup>, utraque in se ducta corpus facit<sup>1395</sup>  
 Omnia sunt ualde dissimilia et tante maiestati<sup>1396</sup> difformia  
 Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, lademus et magnificemus eum in  
 secula  
 Vestigium Trinitatis est in omnibus, quod notum est etiam hominibus  
 Quicquid factum est, unitatem<sup>1397</sup>, speciem<sup>1398</sup> et ordinem in se ostendit  
 Quecumque creata sunt, in numero, pondere et mensura facta sunt  
 Omne ens ostensum est unum, uerum et bonum  
 Vnitate<sup>1399</sup> Patri similatur<sup>1400</sup>, specie, mensura et ueritate ipsi Filio  
 Ordine in ultimum finem, pondere ac bonitate conformatur producto<sup>1401</sup> uoluntate  
 In his non est origo neque realis distinctio, ideo secundum partem est representatio  
 Non ergo imago, que totius est<sup>1402</sup>, dicitur, sed quia partim<sup>1403</sup> assimilatur, uestigium  
 appellatur<sup>1404</sup>  
 Vestigium admodum singulare refulgebit in singulari pastore<sup>1405</sup>  
 Ipse erit uerus<sup>1406</sup> Trismegistus<sup>1407</sup>, ter, inquam, maximus  
 Dominus erit atque rex potentissimus, pontifex omnium maximus<sup>1408</sup>

<sup>1382</sup> designat *IJMNOQV*, designant *P*

<sup>1383</sup> est *add. MP*

<sup>1384</sup> Patre *IJMNOQV*, parte *P*

<sup>1385</sup> amor *JMNOPQV*, amor *I*

<sup>1386</sup> actus *om. V*

<sup>1387</sup> notitia *IJMNOQV*, iustitie *Q*

<sup>1388</sup> Trinitatis *IJMNOQV*, Trinitas *P*

<sup>1389</sup> imperfection *JNOQ*, imperfectio *IMPV*

<sup>1390</sup> quanto *IJMNOQ*, quando *V*

<sup>1391</sup> imperfectiora *IJMNOQV*, inferiora *Q*

<sup>1392</sup> protendetur *IJMNOQ*, procedetur *V*

<sup>1393</sup> inquiunt *IJMNOQV*, aiunt *Q*

<sup>1394</sup> producit *IJMNOQ*, ducit *V*

<sup>1395</sup> facit *om. Q*

<sup>1396</sup> ualde *add. N*

<sup>1397</sup> est, unitatem *IJMNOQ*, est in unitate *V*

<sup>1398</sup> speciem *IJMNOQ*, species *V*

<sup>1399</sup> Vnitate *IJMNOQ*, Vnitati *V*

<sup>1400</sup> similatur *IJMNOQ*, similitatur *Q*, similiter *V*

<sup>1401</sup> conformatur producto *JMNPO*, confirmatur productio *IOV*

<sup>1402</sup> est *om. Q*

<sup>1403</sup> partim *IJMPV*, parti *NOQ*

<sup>1404</sup> appellatur *IJMNOQV*, applicatur *Q*

<sup>1405</sup> pastore *IJMNOQV*, pastori *Q*

<sup>1406</sup> uerus *IJMNOQV*, uirtute *Q*

<sup>1407</sup> Trismegistus *IJMNOQ*, tris magister *V*

Omnia possidebit et ius in omnibus habebit  
 Dominus ergo erit, quia rebus ut<sup>1409</sup> suis potiri ualebit  
 Omnia gubernabit, reget et pascet, maximus ergo rex erit  
 Veri namque reges non sunt nisi populorum pastores  
 Consecrabit<sup>1410</sup>, benedicet et sanctificabit et pontifex benedictus et<sup>1411</sup> sanctus erit  
     Dominii<sup>1412</sup> dignitate Patri, ex quo sunt omnia, assimilari ualebit  
 Sapientis est regere regia dignitate, sapientiam Patris<sup>1413</sup> demonstrabit  
 Omnis benedictio et omne donum Spiritui Sancto est iure attributum  
 Pastor sapientia sibi celitus concessa lupos arcebit, auctoritate sibi dimissa<sup>1414</sup>  
 Arietes gregis cornibus se petentes<sup>1415</sup> mitigabit atque in bonum conciliabit  
 Conflictus ipsorum ualde diros in dracones et scorpiones<sup>1416</sup> conuertet  
 Omnes feras ui<sup>1417</sup> accurabit<sup>1418</sup>, omnia animalia ouibus<sup>1419</sup> assimilabit  
 Ex omnibus fiet unum ouile sub uno coadunatum pastore  
 Agnus qui tollit peccata mundi regnabit in eternum et in seculum seculi  
 Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et magnificemus eum  
 in secula<sup>1420</sup>  
 Pater non est nisi Deus, Filius similiter ac Spiritus Sanctus  
 Vnus non est alius, id tamen quod<sup>1421</sup> est unus est et alius  
 Secundus oritur<sup>1422</sup> a primo, tertius ab utroque egreditur  
 Vnusquisque tamen trium in unoquoque ipsorum esse constituitur<sup>1423</sup>  
 Duo sunt spirantes, non tamen duo spiratores  
 Tres etiam recte creantes confitemur neque tamen tres creatores  
 Tres sunt in omnibus adiectiue, non tres, sed unus substantiue<sup>1424</sup>  
 Hec omnia dicimus<sup>1425</sup> ut hunc hominem doceamus  
 Adiectiuum non determinat adiectiuum, sed utrumque declarat substantiuum  
 Duo ergo et tres non actione, sed determinant ipsas personas<sup>1426</sup>  
 Sed nos ad nostra<sup>1427</sup> redeamus et nostrum canticum resumamus<sup>1428</sup>  
 Kados, Kados, Kados<sup>1429</sup>. Adonay et Sabaoth

<sup>1408</sup> Dominus erit atque rex potentissimus, pontifex omnium maximus *om. P*

<sup>1409</sup> ut *add. N (sup.lin.)*

*om. Q*

<sup>1410</sup> Consecrabit *M (sup.ras) NOPQ*, Conseruabit *IIV*

<sup>1411</sup> benedictus et *om. Q*

<sup>1412</sup> Domini *IJMNOQ*, Donum *P*, Domini *V*

<sup>1413</sup> Patris *IJMOPQV*, Filii *N*

<sup>1414</sup> lupos arcebit auctoritate sibi dimissa *IJMNOQV*, lupos arcebit. Auctoritate sibi commissa *Q*

<sup>1415</sup> se petentes *IJMNOQV*, serpentes *P*

<sup>1416</sup> scorpiones *IJMNOQV*, serpentes *V*

<sup>1417</sup> ui *JMNQ*, *om. P*, enim *IV*

<sup>1418</sup> ui accurabit *JMO*, enim curabit *IV*, ui curabit *N*, citarabit *P*, accubabit *Q*

<sup>1419</sup> ouibus *om. IV*

<sup>1420</sup> laudemus et magnificemus eum in secula *IJMOPQV*, et cetera *N*

<sup>1421</sup> quod *om. V*

<sup>1422</sup> oritur *IJNOPQV*, erit *M*

<sup>1423</sup> constituitur *IJMNPV*, conspicitur *OQ*

<sup>1424</sup> Tres sunt in omnibus adiectiue, non tres sed unus substantiue *om. Q*

<sup>1425</sup> dicimus *JMNOPQ*, diximus *IV*

<sup>1426</sup> Duo ergo et tres non actione sed determinant ipsas personas *IJNPV*

Duo ergo et tres non actiones sed determinant ipsas personas *M*

Duo ergo et tres non actionem sed determinant ipsas personas *O*

Duo ergo et tres non actionem determinant ad ipsas personas *Q*

<sup>1427</sup> nostra *IMNOPQ*, nostram *V*

<sup>1428</sup> resumamus *IMNOPQV*, reassumamus *J*

<sup>1429</sup> Rados....

Agios, Agios, Agios. Kyrios o Theos ton Stration<sup>1430</sup>  
Sanctus, Sanctus, Sanctus. Dominus Deus militiarum  
Benedicamus Patrem et Filium cum Sancto Spiritu, laudemus et benedicemus eum in  
secula.<sup>1431</sup>

[176] His dictis<sup>1432</sup>, dixit angelus: Audisti canticum nostrum quod nunc coram te in  
lingua tua cecinimus<sup>1433</sup> ut omnia pene secreta Sanctissime Trinitatis saltem ex parte  
degustares et pro captu ingenii uestri intelligeres. Conscribe illud et<sup>1434</sup> pastor cito  
uenturus, qui iam uenit, sed nondum est pastor, ex illo psalmos et hymnos eliciet et  
faciet<sup>1435</sup>. Stilum in aliquibus mutabit, tempora decantandi<sup>1436</sup> ordinabit et multa  
auctoritate sibi tradita addet illis. Sed post paucos menses hinc discedes<sup>1437</sup>,  
Mediolanum adibis<sup>1438</sup>, ibique in Domino obdormies et canticum istud<sup>1439</sup> in lingua  
nostra<sup>1440</sup> audies et intelliges. Et uidebis inter istud et illud tantam differentiam esse  
quanta est inter diem et noctem, inter lucem et tenebras, inter corpus et umbram  
corporis. Vita enim uestra mors est, scientia uestra ignorantia est, lumen uestrum  
obscuritas est. Age melius ut potes quousque animus tuus uires suas adeptus fuerit.  
Declina a malo et fac bonum. Deum time et mandata eius serua. Deum adora, Genitrici  
sue reuerentiam exhibe. Toti collegio hic assistentium te commenda et reuertere ad  
speluncam tuam et confirma in obedientia sancta<sup>1441</sup> fratres tuos.

Quibus dictis subito ut adorauit et reuerentiam exhibuit et me commendauit, inuentus  
sum in spelunca mea. Exceptus sum cum honore et amore a fratribus meis et pluribus  
diebus absque raptu steti.

Finis septimi raptus.<sup>1442</sup>

---

<sup>1430</sup> Kyrios o Theos ton Stration *IMO*, Kyrios ton Stration *N*, Kyrios Theos ton Stration *JP*, Kyrios Theos  
Theou Stration *Q*, Kyrios Theos Stration *V*

<sup>1431</sup> Amen *add. IJOP*

<sup>1432</sup> dictis *IJMNPV*, peractis *OQ*

<sup>1433</sup> tua cecinimus *JMNOPQ*, nostra cecinimus *I*, uestra cantauimus *V*

<sup>1434</sup> et *IJNOPV*, ut *MQ*

<sup>1435</sup> et faciet *om. P*

<sup>1436</sup> tempora decantandi *IJMNOQV*, ipsa decantanda *P*

<sup>1437</sup> discedes *IJMNOQ*, discedens *P, om. V*

<sup>1438</sup> adibis *IJMNOQ*, ibis *V*

<sup>1439</sup> istud *JMNOPQ*, nostrum *IV*

<sup>1440</sup> in lingua nostra *om. Q*

<sup>1441</sup> obedientia sancta *IJMNOQ*, obedientiam sanctam *V*

<sup>1442</sup> Finis septimi raptus *om. OQ*

Sequitur raptus octauus et ultimus *add. N*

## SÉTIMO ARREBATAMENTO

Na oitava da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto na minha gruta orava fervorosamente ao meu Deus, fui arrebatado em espírito e vi o Senhor sentado sobre um nobre e elevado trono. E via no mesmo lugar três Pessoas, a saber, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, de tal modo que o Pai não tinha o Filho no seio ou ao colo nem à direita nem à esquerda, mas onde estava o Pai estavam igualmente o Filho e o Espírito Santo. O que pode por nós ser compreendido, não pode figurar-se, nem pintar-se. Nós, de facto, pintamos as mesmas Pessoas separadas no lugar. Estas, porém, embora não estejam em lugar nenhum circunscritivamente, estão, todavia, em todo o lugar presencialmente. E, por isso, onde está o Pai, aí está o Filho e o Espírito Santo. *E à volta do trono estavam dois Serafins. E tinham seis asas um e seis asas o outro. Com duas velavam a cabeça, com duas, os pés e as pernas, tinham duas abertas como para voar e, com voz forte, clamavam: Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos Exércitos.*<sup>[182]</sup> E esses dois Serafins eram Uriel e Barquiel.

Estava, pois, estupefacto, sentindo, contudo, não pequena consolação no íntimo da minha alma. Aproximou-se então de mim o anjo Gabriel e disse-me: Esta visão foi-te mostrada com o intuito de, pela tua escrita, dares a conhecer aos homens o oculto mistério da Santíssima Trindade, para que o Pastor futuro saiba determinar o que se deve e como se deve acreditar e crer, e qual das vossas opiniões é a verdadeira, qual é a falsa, para que se afastem de vós disputas, cismas e a diversidade de opiniões. Quis Deus revelar-te estas coisas neste dia em que entre vós se lê na missa: *São três os que dão testemunho no Céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e estes três são um só.*<sup>[183]</sup> E assim deve crer-se firmemente e de modo nenhum duvidar-se de que,

como viste, Deus é absolutamente uno e de modo nenhum dividido ou plurificado na sua divindade. Todavia, essa suma unidade da divindade permanece, melhor, está necessariamente unida à trindade das Pessoas. São três as Pessoas e apenas uma única divindade. E dado que a existência de Deus e a existência de um único Deus são suficientemente conhecidas entre vós, e sobre este ponto não há disputa, nada te vou dizer sobre isso. Falarei da unidade da divindade, assunto em que os vossos se digladiam e se combatem. Depois revelar-te-ei o magno mistério da Trindade.

Digo-te que há entre os vossos teólogos uma importante disputa quanto ao modo como [fl. 148] Deus é, em si, absolutamente uma única substância e, todavia, nele se considera a verdade, a bondade, a sabedoria, a eternidade, a imensidade e várias outras coisas da mesma natureza; como tudo isto, estas e tantas e tão grandes coisas que se afirmam de Deus, pode ser uma substância apenas, absolutamente indistinta, absolutamente única.

Disseram alguns homens que essas coisas são nomes vários, que significam absolutamente o mesmo, assim como entre os latinos vale o mesmo dizer-se escondido, abscondito, oculto.

Esta opinião é falsa porque, a manter-se, seguir-se-ia que, quando se diz “Deus é bom, sábio, eterno, imenso”, não se diria senão que “Deus é Deus”. O que é absurdo, porque então não se teria feito tão profunda investigação daquilo que se atribui e do que se não atribui a Deus, porque todos os nomes se podem aplicar a Deus para que dele se prediquem e o signifiquem. Mas não pode acontecer que tudo se afirme de Deus. Se, pois, esses nomes fossem atribuídos apenas para significarem o mesmo que significa a palavra Deus, poder-se-ia, certamente, aplicar a Deus este nome “pedra”, este nome “ferro” e este “formiga”, e assim em relação a todos os outros. Portanto, aqueles não são só e apenas nomes da mesma substância, porque então nenhuma razão haveria para que se afirmassem de Deus aqueles nomes mais do que outros, a não ser que se dissesse que esses foram atribuídos a Deus, os outros não, por isso se afirmam esses, os outros não. Mas dizer isto é redondamente falso, porque então de Deus não se afirmaria mais a

sabedoria do que a pedra. Se, portanto, se quisesse atribuir esse nome a Deus e assim, como antes referi, fosse o mesmo dizer, Deus é sábio, e, Deus é pedra, que é dizer, Deus é Deus, e, assim, dizendo: é sábio, não se diz senão Deus é Deus, em vão, pois, tantos livros teriam sido escritos sobre os atributos de Deus e resultaria mais absurdo porque, então, seria o mesmo dizer: Deus quer, e, Deus compreende, e, Deus estava, e, Deus pode, e, Deus gera, e, Deus espira o que espira, que dizer: Deus é Deus.

Deve, pois, essa opinião ser passada em silêncio, ela que, contudo, mais tarde se esclarecerá de que modo pode ser verdadeira.

Disseram outros que esses eram unicamente uma coisa apenas, mas diferiam entre si do ponto de vista da razão. E, assim, dizem que esses nomes não são sinónimos ou não significam o mesmo, porque uma é a razão da divindade, outra a da bondade, outra a da sabedoria, outra a da imensidade e da eternidade. Mas dizem que estas razões existem ou no vosso intelecto pensante ou no divino.

Também esta opinião é falsa e completamente rejeitada pelos vossos. Pois, mantendo esta opinião, seguir-se-ia que bondade e sabedoria não seriam alguma coisa em Deus, mas apenas na mente de Deus ou na mente angélica ou na humana, conforme afirmam os lógicos, que entes da razão são consideradas apenas as coisas conhecidas enquanto têm ser conhecido e não enquanto têm ser real. Daí que digam e digam bem: quando se diz: “o homem é sábio”, isso não é verdadeiro enquanto homem é uma certa substância que existe nos seus indivíduos; mais ainda, quando se diz: “Platão é homem”, então homem não é espécie. Do mesmo modo, quando se diz: “o homem é animal”, então nem homem é espécie, nem animal é **[fl. 149]** género.

Animal, pois, enquanto se conhece e se considera separadamente, é género. E homem, enquanto se considera separadamente, é espécie. Assim, semelhantemente, se sabedoria ou bondade, inteligência ou vontade convêm a Deus apenas em função da consideração, então quando se diz: “Deus é espírito”, ou: “o Pai é Deus”, sabedoria ou bondade ou inteligência

ou vontade não se atribuem a Deus, porque os entes da razão não convêm às coisas tomadas segundo o ser real, mas segundo o ser considerado, que tem ser na mente do considerante. E, assim, Deus, na realidade, não seria sábio nem inteligente, nem ser que vê ou quer ou frui, mas unicamente o seria segundo a consideração. E, assim, afastada a consideração, não seria nem sapiente nem dotado de vontade ou, se fosse, então os dois termos seriam sinónimos, significando absolutamente o mesmo, como afirmava a primeira opinião. A razão singular está contra aqueles que dizem que o intelecto divino produz estes entes da razão e que esta distinção da razão se faz por meio do intelecto divino. Com efeito, pergunto-te: ou esta pluralidade de razões e distinções existe na natureza divina, ou não existe na natureza divina, mas no intelecto divino. Se esta pluralidade existe na própria natureza de Deus, então não existe segundo a consideração, mas segundo a substância, o que está contra a tua opinião. Se, pelo contrário, esta pluralidade existe no próprio intelecto considerante e não na substância, segue-se que o intelecto se reconhece já distinto da natureza, pelo que ele mesmo cria a pluralidade, não a cria nem a confirma a natureza. Pois esta pluralidade pressupõe a consideração, a consideração pressupõe o intelecto. Logo, o intelecto já existe distinto da natureza se se entender que existe antes da consideração. Pois, se no primeiro o intelecto existe já antes da consideração, segue-se que não existe apenas por meio da consideração. Mas se antes da consideração não existe de modo nenhum o intelecto, mas apenas existe a natureza, então será a natureza aquela pela qual estas coisas serão distintas e plurificadas. Se, pois, a pluralidade das razões existe apenas pela consideração do intelecto e não pela natureza, segue-se que a pluralidade existe antes da consideração. E, assim, é contraditório afirmar: só pela consideração existe em Deus pluralidade. Pois que, se o intelecto existe antes da consideração, segue-se, portanto, que a pluralidade existe antes da consideração.

Dizem outros que a sabedoria é uma coisa em Deus antes de toda a consideração de qualquer intelecto, de tal modo que, na realidade, a

sabedoria é uma entidade distinta da natureza, e o intelecto, outra, e a vontade, outra. Mas todas estas coisas são absolutamente uma única substância. Pois a natureza divina une-as e associa-as todas a si de um modo perfeito, a ponto de sem elas não poder existir. São todas, pois, uma única substância, mas não são todas uma única entidade, ou forma, ou realidade, para usar das palavras deles. E nenhuma delas aperfeiçoa a outra nem é aperfeiçoada, nem estrutura nem é estruturada, nem a partir delas se compõe ou constitui coisa alguma, pois que assim afirmam: a sabedoria nas criaturas aperfeiçoa a natureza e a ela adere como a um sujeito, e o sujeito é aperfeiçoado e estruturado, e deles se constitui por acidente um agregado, como “homem sábio”. [fl. 150] E, além de todas estas coisas, a sabedoria caracteriza o homem ou o anjo, quando se diz: “o anjo é sábio”, ou, “o homem é sábio”. Dizem, pois, e correctamente: tudo quanto se atribui a Deus, suprimidas todas as imperfeições, deve nele ser considerado. E uma vez que aderir, estruturar e aperfeiçoar indicam imperfeição; igualmente ser aperfeiçoado e ser estruturado e ser agregado e ser constituído; do mesmo modo, designar e ser designado não afirmam imperfeição nenhuma; remova-se, portanto, da sabedoria e daquilo que se afirma de Deus tudo quanto significa imperfeição; permaneçam aquelas coisas que significam perfeição. A sabedoria será em Deus apenas designante, não constituente nem aperfeiçoante. Dizem estes que a sabedoria e a natureza de Deus não são, de modo nenhum, o mesmo, do ponto de vista da substância, mas há entre elas alguma pequena distinção e alguma diferença. Mas esta opinião opõe-se à simplicidade de Deus e dela seguir-se-ia também que nenhuma entidade é em Deus formalmente perfeitíssima, mas apenas que todas simultaneamente juntas realizam uma substância perfeitíssima. E, deste modo, a natureza divina não será, tomada em si, o pélago da infinita perfeição. Nem é preciso dizer que ela própria, na medida em que se distingue dos atributos, os contém a todos de modo eminente, porque então não seria preciso contê-los formalmente. De facto, quem tem de modo eminente alguma coisa, não é preciso que a tenha formalmente, mas é

supérfluo que ela seja tida de outro modo. Todavia, tendo alguma coisa de modo virtual, então não é incompatível que ela fosse tida de modo formal, do mesmo modo que o que é pesado tem um movimento para baixo, de modo virtual primeiro, depois de modo formal. Efectivamente, uma coisa é ter algo de modo eminente, outra, de modo virtual. Quem de facto tem alguma coisa de modo virtual, pode manifestá-la e, por seu intermédio, pode às vezes completar-se de modo formal. Mas quem a tem de modo eminente, tem-na de forma mais excelente do que se a tivesse de modo formal. E é melhor tê-la deste modo do que formalmente. Depois, se a sabedoria de Deus formalmente tomada é infinita, não poderá ela mesma ser contida noutra de modo eminente porque, então, estaria de um modo mais nobre em outro do que em si mesma. E, deste modo, também não seria infinita em si mesma, visto que se excede e se acha de modo mais elevado em outro.

Meu senhor, afirmei então, nunca estudei, nem nunca aprendi teologia. Todavia compreendi tudo o que disseste desse máximo e supremo mistério, porque estou a ser ensinado ao mesmo tempo por dentro e por fora. Capto também o que estás a dizer agora, mas causa-me admiração o que vais dizer por fim. Se, com efeito, em Deus não há apenas pluralidade de nomes mas de significados, então esses significados distinguem-se de qualquer modo e não realmente de modo a serem várias as substâncias, porque isto não só é falso como ninguém terá dito tanta tolice. Portanto, distinguem-se ou pela razão, a saber, segundo a consideração do intelecto, ou pela razão quididativa e formal. Mas tu rejeitaste ambas as opiniões e, segundo me parece, não se pode dizer outra coisa. Não resta, de facto, nenhum outro modo de dizer.

Mas eu, disse o anjo a sorrir, há muito que aprendi teologia e conheço bem outro modo de dizer. Aprende agora, homem de Deus, e presta atenção. A natureza de Deus, a inteligência, a vontade, a sabedoria, e tudo o resto que de Deus se afirma e a que os vossos chamam atributos, são apenas uma única substância, uma única realidade, uma única forma, uma

única entidade, entidade simplicíssima. Nós vemos a Deus e não intuimos nenhuma pluralidade senão a das Pessoas. E isto é a verdade. Não acredites, pois, que em Deus haja várias entidades como que simultaneamente conexas e coligadas, mas apenas uma única entidade. Quando, pois, dizeis [fl.151] divindade, sabedoria, vontade, inteligência de Deus, afirmais absolutamente a mesma entidade, não várias. Sabe, todavia, e adverte que uma entidade pode equivaler a várias.

E, ao dizer isto, chamou Tomás de Aquino e João Escoto que, juntamente com o anjo, de pé no meio deles, pararam à minha frente. O anjo repetiu as suas palavras, dizendo: Sabe que essa única entidade pode equivaler a muitas, o que também vós ensinastes, disse-lhes. Pois, cada um de vós defendeu que os elementos não estão de modo formal no composto, mas que a forma do composto é equivalente às formas dos elementos. Todavia vós agora conheceis esta verdade, antes ignorávei-la. As formas dos elementos estão, de facto, de modo formal no composto, coisa que os sentidos e a experiência ensinam. Efectivamente, os compostos desdobram-se nos elementos e é maravilhosa essa mistura, mais admirável do que aquela que vós fazeis nos vossos electuários. Para essa finalidade basta o facto de uma substância poder equivaler a muitas substâncias. Que, porém, os elementos se mantêm de outra qualquer maneira, segundo a própria natureza, prova-o muito claramente Pedro Aureolo,<sup>[184]</sup> entre outros. Que o Pastor preste atenção às razões dele, porque algumas delas mostram claramente o objectivo. De modo semelhante, cada um de vós defendeu uma única alma no homem, equivalente, contudo, a três ou a duas outras, a saber, vegetativa, sensitiva e, segundo o lugar, movente.

Vê, uma coisa equivale a várias. Também sobre isso, se é verdadeiro, discutirá o próprio Pastor em seu tempo, a saber, se no corpo humano há uma alma única. Nem tudo deve ser desvendado ao mesmo tempo, para que também aqueles tempos possam alegrar-se com revelações próprias.

Por fim, a inteligência que há em nós anjos, e mesmo também na vossa alma, é única e, no entanto, equivale a todos os sentidos. Na verdade, no

nosso intelecto, vemos nós as cores, no nosso intelecto ouvimos os sons, no intelecto sentimos os odores, no intelecto experimentamos os sabores, no intelecto atingimos as primeiras qualidades. Vê, uma única coisa equivale a muitas coisas e vale tanto em nós a nossa inteligência quanto em vós todos os sentidos em conjunto com a vossa inteligência envolvida em trevas nesta vida. Não equivale também um soldo de ouro a várias moedas comuns? E vale tanto ter só esse como todas as outras, e mais ainda e melhor que ter todas as outras moedas.

A divindade é essa substância que equivale a todas as perfeições, e mais ainda, essa única realidade é até muito melhor e incomparavelmente melhor do que se todos os bens e todas as perfeições se pusessem em conjunto, mas não desta maneira. Esta divindade equivale à inteligência, equivale à vontade, equivale à sabedoria, ao conhecimento, à arte e à prudência, à imensidade, à eternidade e a todas as coisas idênticas. Logo, pode tanto Deus com essa única substância quanto podem as criaturas com a multiplicidade de todas as outras, e pode até muito mais. É por isso que vós dizeis: o que nos seres inferiores está disperso, está unido nos superiores.

Ouve esta regra, que nunca saia do teu coração: Quando alguma coisa absolutamente única em si equivale perfeitamente a várias, pode tanto essa única quanto poderiam todas as outras, e até mais e melhor.

Esta regra não pode ser negada porque, se não puder tanto quanto aquelas todas, logicamente não equivale perfeitamente a todas elas e, acrescento, até mais e melhor, [fl. 152] porque a força unida é mais eficaz do que ela mesma dispersa.

Afirmar de Deus isto que estou agora a ensinar, escrevei-o, pregai-o. Quisestes um e outro, disse a Tomás e a Escoto, afirmar isto, mas nesse tempo não o conseguistes exprimir. Tu, na verdade, Tomás, disseste que Deus é uma substância absolutamente única e simplicíssima e, se alguma distinção existe entre essas substâncias, essa existirá na razão, não *in re*, porque nessa substância não há pluralidade de entidades. Mas deverias ter dito: todavia, em si, essa substância, antes da reflexão de qualquer intelecto,

é equivalente a todas aquelas que dela verdadeiramente se afirmam. Também tu, João, disseste o mesmo, a saber, que essa substância é absolutamente una e que as várias outras não são o mesmo pela natureza da coisa, nem são o mesmo formalmente. Mas não deste a conhecer o que se deve entender por essa distinção. São várias pela natureza da coisa ou são várias formalmente em Deus? Não deve, na verdade, entender-se que aí, nessa substância, haja várias entidades distintas em si e reciprocamente como que conexas ou coligadas, mas que essa única substância é absolutamente todas as outras de forma equivalente. Efectivamente há duas equivalências, voluntária uma, a outra natural. Exemplo da primeira: uma moeda de ouro vale tantas moedas comuns. Isto é prescrito pela vontade do legislador. Exemplo da segunda: a inteligência dos anjos equivale a todas as potências cognitivas que há no homem, naturalmente, não por vontade, decisão ou decreto de quem quer que seja. Quiseste, portanto, dizer que eram várias pela natureza da coisa, isto é, que essa única substância equivale a várias, não por vontade ou decisão de alguém, mas pela natureza da coisa, isto é, naturalmente, de tal modo que, removida a consideração de qualquer intelecto, assim é na realidade, que essa substância vale tantas e tão importantes substâncias. E o intelecto, reflectindo, pode separar essa única substância em muitas, uma vez que ela vale quanto valem todas essas. Por isso, apresentada essa substância, é verdadeiro dizer-se: esta substância é sabedoria, e bondade, e imensidade, e paternidade. Pode igualmente dizer-se: esta sabedoria é esta bondade e esta paternidade, e mais, esta substância paternidade é a substância que é filiação, e nesta substância está a Primeira Pessoa e a Segunda e a Terceira. Do mesmo modo, aqueles que disseram que todos esses nomes são sinónimos poderiam ser perfeitamente compreendidos, porque todos esses nomes significam a mesma essência, mas equivalente ora a este ora àquele. Mas iremos de imediato mostrar de que modo o Pai não é o Filho.

Mostrámos até agora de que modo o nosso Deus é uma substância única e absolutamente simples. Vejamos agora como a real distinção de Pessoas

pode coexistir com tão grande unidade e ser compreendida. Se realmente todas as substâncias que estão no Pai são uma substância apenas, sim, aquela única substância que se designa divindade, e nenhuma outra; se igualmente todas as substâncias que estão no Filho e que estão no Espírito Santo são apenas essa divindade e nada mais são que essa divindade, como se distinguem realmente os três? Efectivamente, é impossível convergir absolutamente e absolutamente divergir em relação ao mesmo. Portanto, para poderes entender perfeitamente estas coisas, atenta naquilo que com tanta clareza quanta é possível te vou expor.

Admitamos, dilectíssimo, que a divindade ou natureza divina seja uma substância ou uma realidade distinta de toda outra realidade que dela se afirma. Admitamos, **[fl. 153]** depois, que se lhe acrescente outra substância ou outra realidade como uma espécie de diferença que a restringe. Considerar-se-ia esta constituída por aquelas duas substâncias ou realidades do mesmo modo que o homem é constituído de alma e de corpo ou de animalidade e racionalidade. Nenhuma dificuldade haveria então em entender que uma Pessoa se distinga realmente da outra, porque a Primeira Pessoa seria constituída de divindade e dessa outra substância restritiva; e a Segunda Pessoa seria constituída, de modo semelhante, de divindade e dessa outra realidade por sua vez restritiva; igualmente a Terceira Pessoa seria constituída de divindade e da terceira realidade restritiva, como este homem convergiria com outro homem porque um e outro são homens e um difere do outro por uma pequena diferença. Se assim acontecesse entre as Pessoas divinas, a vossa inteligência não se acharia em dificuldades. Mas nem agora vós tereis dificuldades se tu deres atenção às minhas palavras e as escreveres fielmente. Ouve a regra que já te foi dada: “Sempre que uma coisa equivale perfeitamente a várias, o que quer que possa fazer com essas, pode fazê-lo também por si própria.” Se, pois, a divindade equivalesse perfeitamente, pela natureza da coisa, à diferença que a distingue de uma outra coisa e, por outro lado, convergisse com outras coisas enquanto equivale ao ente, convergiria, assim, e divergiria absolutamente da mesma coisa, na medida

em que ela equivaleria a duas realidades. Daí ser falsa esta regra. É impossível que uma coisa convirja e divirja em relação ao mesmo. É falsa, digo, quando esse um equivale perfeitamente a dois. Mas se Deus e a criatura convergem no ente ou na substância como em algo comum a ambos por parte da coisa e não só pela razão, ver-se-á naquele tempo.

Agora, passo isso à frente e encaminho-me a mostrar como as três Pessoas divinas se distinguem realmente e, contudo, não há nas três Pessoas outra coisa que não seja a divindade, de tal modo que no Pai há somente uma substância absolutamente simples, no Filho há uma substância, a saber, a mesma divindade, absolutamente simples, e no Espírito Santo há a mesma substância absolutamente simples e não outra que não seja a divindade. Como quer que seja, nem o Pai é o Filho, nem o Filho é o Pai e nenhum deles é o Espírito Santo; de igual modo, nem o Espírito Santo é o Pai ou o Filho. São estas as coisas que devem ser admiradas, estas as coisas que devem ser-vos desvendadas. Mas isto é porque essa única substância equivale às três realidades pelas quais subsiste. Com efeito, a Primeira Pessoa inclui em si aquela substância única que é a divindade, que, contudo, equivale à entidade incomunicável. E, na medida em que lhe equivale, como se acrescesse à natureza divina, fá-la subsistir incomunicável e, deste modo, Pessoa. Se, de facto, a divindade é totalmente natureza e totalmente equivale à entidade incomunicável, essa Pessoa subsistirá por essa substância e será incomunicável. E, deste modo, temos a Primeira Pessoa constituída de uma coisa equivalente a duas coisas. Pondera, de seguida, que esta substância que se designa divindade e pela qual a Primeira subsiste, enquanto equivale à entidade incomunicável, tem equivalentemente um princípio produtivo *per modum naturae*. E, assim, produz alguma coisa *per modum naturae*. E uma vez que esse princípio produtivo tem uma força imensa, produz alguma coisa imensa. [fl. 154] Não um acidente, porque em Deus não há nada disso, nem um acidente pode também ser imenso. Portanto, produz uma substância infinita. E nenhuma substância além de Deus é infinita. Por consequência, produz Deus. E dado que não existe senão um Deus único, a Pessoa

produzida será o próprio Deus. E uma vez que a divindade equivale a essa entidade, porque o que assim é produzido subsiste, por isso aquela Pessoa produzida pela divindade, na medida em que equivale a essa entidade, subsiste. Pois, assim como se por uma entidade subsistisse a Primeira Pessoa, que não é produzida, e por outra a Segunda, que é produzida, claramente haveria aí duas substâncias e duas Pessoas distintas, assim também serão duas substâncias e duas Pessoas distintas em razão de uma substância que equivale perfeitamente a duas substâncias. E uma vez que esta substância existente nestas duas Pessoas equivale perfeitamente ao princípio produtivo *per modum doni* e livremente, por essa razão estas duas Pessoas produzem livremente pela divindade, na medida em que a este princípio equivale alguma coisa. E dado que produzem segundo um princípio infinito, é inevitável que o produto seja infinito. E porque nada é infinito em entidade senão Deus, produzem Deus. E visto que somente Deus é uno, produzem o mesmo Deus. E o que produz e o que é produzido distinguem-se realmente. Por isso, serão produzidas por esses dois produtores outra substância e outra Pessoa. E visto Deus ser simples, não será distinta por outra coisa que não seja a divindade, conforme, todavia, ela perfeitamente equivale a outra substância. Do mesmo modo, pois, que se fossem três substâncias a distinguir três Pessoas seria claro que as Pessoas seriam três em razão da distinta substância, assim, dado que uma substância equivale perfeitamente a três, acontece com essa única o que aconteceria com as três. De outro modo, se não pudesse fazer-se com essa única substância o que se faria com aquelas três, essa única não equivaleria perfeitamente àquelas três. Consequentemente, dizem assim, e bem, que cada Pessoa é simples como também a divindade é simples. Na verdade, cada Pessoa tem essa única substância que é a divindade. Mas essa equivale numa Pessoa a alguma coisa a que não equivale enquanto é outra Pessoa.

E ao dizer isto, chamou Agostinho e disse a Tomás e a Escoto: Eis o doutor de quem sobretudo recebestes estas coisas. E aí estão muitos outros doutores latinos, de um lado (e mostrava Ambrósio, Jerónimo, Gregório,

Anselmo, Boécio, Ricardo, Hilário). E outros aí estão, do outro lado (e mostrava Basílio, Gregório Nazianzeno, Crisóstomo e outros doutores gregos, Dídimo, Atanásio e outros). Mas, como disse, é deste Agostinho que mais coisas tendes. Este, porém, disse: “Não é Deus, e nem sequer é por aquilo por que é Pai”(e mostrava Deus Pai). Nem aquele (mostrava o Filho) é Deus e Filho pela mesma coisa. Nem ele (mostrava o Espírito Santo) é Deus e Espírito Santo pela mesma coisa, mas por uma é Deus, por outra é Pessoa.

Esta tua afirmação colide com o que estou agora a ensinar. Ensinei, de facto, que tudo existe e se distingue na divindade por uma única substância.

Confesso, anjo santo, que eu então não captei tão claramente estas coisas, respondeu Agostinho. Nunca, porém, entendi que na Pessoa houvesse duas substâncias, mas afirmei que algumas coisas são duas porque, de outro modo, não podia compreender a distinção de Pessoas entre as quais nenhuma diferença houvesse. Agora, contudo, sei, porque vejo que assim é, que numa [fl. 155] Pessoa não há senão a mesma substância que há na outra, mas cada uma é o que é por equivalência. Por isso se pode dizer que por uma coisa existe e por outra é Pessoa distinta, porque pelo mesmo equivalente ao outro.

A partir disto, diz o anjo, será para todos clara a simplicidade da natureza divina, porque todos os atributos serão uma substância apenas. Manifesta será também a simplicidade das Pessoas, porque em cada uma será uma e a mesma a substância. Será clara também a distinção das Pessoas, porque essa única substância, enquanto equivale a uma coisa, constitui uma Pessoa e, enquanto equivale a outra coisa, constitui outra Pessoa. Vê, portanto, que uma coisa pode ser constituída por um que faz as vezes de dois ou que equivale a dois. E vê que um constituído é tão simples como o constituinte. Pode também dizer-se: este constituído é absolutamente simples porque irresolúvel em várias entidades, mas não tão simples que não equivalha a várias coisas. Se, pois, a resolução em várias coisas for entendida de modo equivalente, quanto mais perfeita uma coisa é, tanto mais resolúvel é em

várias coisas; e quanto mais imperfeita é uma coisa, tanto mais equivalente é a poucas coisas e mais simples. E, deste modo, Deus é sumamente resolúvel em várias coisas, e matéria-prima simplicíssima, e forma do elemento ou ente da razão. Se, porém, a resolução for entendida em várias coisas distintas entre si, como vários entes, então Deus é absolutamente irresolúvel e incomposito, sem nenhuma constituição; igualmente também cada Pessoa divina. Vê, pois, também, e escreve cuidadosamente, que o Ente mais Perfeito é maximamente resolúvel e maximamente constituído por equivalência e minimamente, melhor, de modo nenhum pela pluralidade de entes. Mas o ente mais imperfeito, quer ele seja matéria-prima, quer forma de elemento ou algum acidente, é irresolúvel em várias coisas de um e de outro modo. Não se resolve de facto em coisas várias de modo equivalente porque não equivale a nenhuma, nem em vários entes distintos entre si. Mas todos os outros entes que estão entre o Sumo e Infinito Ente são constituídos de acordo com o segundo daqueles modos, pois ou equivalem a vários ou incluem em si vários distintos. É preferível incluir vários de modo equivalente, incluídos os outros iguais, falando, é claro, dos mesmos, do que vários distintos entre si. E é preferível ser constituído de muitos distintos do que não ser de modo nenhum constituído, nem de modo equivalente nem de vários.

Estas coisas são para ti subtis. Escreve-as, contudo, a fim de que esses felizes tempos se deleitem nos bens do espírito, porque o prazer da carne será abandonado e os homens serão de novo instruídos por Deus.

Ouve agora, homem de Deus, disseram alguns dos vossos doutores que as Pessoas divinas são constituídas pelas relações; outros, por algumas coisas absolutas. E tu diz e escreve que as Pessoas divinas são constituídas só pela divindade, que é uma substância absoluta. Não ocorre aí relação nenhuma que não seja a própria divindade, não há aí atributo nenhum que não seja o próprio Deus. O que quer que haja em Deus é Deus, porque é uma substância que equivale absolutamente a muitas. Todavia, na medida em que equivale a uma não equivale a outra, como também a vossa alma

intelectiva, na medida em que equivale à sensitiva não equivale à vegetativa. Digo-te agora isto, que, se as Pessoas divinas fossem constituídas pela própria essência em que convergem e por outra coisa qualquer em que se distinguem, essa outra coisa não poderia ser a relação, como ficará claro no tempo do Pastor, em cujos tempos isto será dado a conhecer, porque essas Pessoas que têm a existência no grau máximo, a cuja existência nenhuma existência é igual, não têm o ser baseado nas relações que, ou não são distintas dos fundamentos, como disseram alguns dos vossos, ou, a serem [fl. 156] distintas dos fundamentos, não são de modo nenhum próprias da entidade e, talvez, toda a relação exista apenas na mente e não na realidade. Veja-se isto com muitas outras coisas nesse feliz tempo. Não vou divulgar nem dar a conhecer tudo agora.

É surpreendente porque é que a maior parte dos homens que ensina e escreve disse que as Pessoas divinas subsistem pelas relações, o que não é senão dizer que os acidentes são aquilo por que subsistem as Pessoas divinas. Atende a esta regra: “É impossível que a Substância Perfeita e Máxima Substância seja substância pelo acidente”. Bem pelo contrário, digo-te que a essência divina não constitui a Pessoa na medida em que equivale à relação, mas na medida em que absolutamente equivale à substância. Daí que, primeiro, a essência divina deva entender-se a própria natureza de Deus em si. Depois, ela equivale ao ente pelo qual Deus se distingue de qualquer outro que não seja Deus, e equivale também a todos os atributos. Em terceiro lugar, ela equivale ao ente pelo qual a Primeira Pessoa é constituída. Em quarto, equivale ao princípio produtivo *per modum naturae* ou memória perfeita. Em quinto, equivale à própria produção ou ao Filho. Em sexto, equivale à própria produção ou à geração activa, pela qual se diz que a Primeira Pessoa gera, e passiva, pela qual se diz que a Segunda Pessoa é gerada. Em sétimo, equivale a duas relações: à paternidade, que se funda na Primeira Pessoa pelo facto de haver gerado; à filiação, que se funda na Segunda Pessoa pelo facto de haver sido gerada. Em oitavo, equivale ao princípio produtivo *per modum doni*, ao qual embora equivalha no segundo

ponto, porque este princípio consiste em a vontade ter presente a si o objecto pelo qual Deus se ama, no oitavo, contudo, ele produz segundo esse princípio. Por isso, neste ponto equivale a si como já produtivo, porque este princípio não produz se não se entender que a memória produziu. Assim como a vontade não é atraída senão para o previamente conhecido, nem foge ou despreza senão o conhecido, assim também não produz se não se entender que a inteligência produz. É esta, na verdade, a ordem das próprias potências. Em nono, a essência divina equivale à Pessoa *per modum doni* e produzida pela vontade, e àquela substância pela qual se distingue de quem a produziu. Em décimo, equivale à própria espiração activa, pela qual se diz que a Primeira e a Segunda Pessoas espiram, e passiva, pela qual se diz que a Terceira Pessoa é espirada, isto é, produzida pela vontade. Em undécimo, equivale às duas relações entre vós inominadas, uma das quais se funda nas duas Pessoas pelo facto de haverem espirado, e a outra se funda na Terceira porque é espirada. Assim, estas duas relações no seu conceito diferem de espirar e ser espirado, como paternidade e filiação diferem de gerar e ser gerado. E poderíeis designá-las como aquela que se encontra naqueles que espiram se designa doação activa e aquela que reside na Pessoa Espirada se designa doação passiva. Mas é melhor que à própria produção chameis doação, como à segunda chamais geração e àquelas relações que surgem chamais espiração activa e passiva. Daí que, [fl. 157] assim como a Pessoa gerada se diz Filho, assim a Pessoa dada se diz Espírito, sob o pretexto de ser espirada, e Espírito Santo, porque é produzida por uma vontade casta e santa e totalmente fecunda. Por essa razão, tomando Espírito pela Pessoa espirada, o Pai não é Espírito, nem o Filho é Espírito, mas só a Pessoa dada é Espírito. Tomando, porém, espírito pela substância incorpórea e imaterial, assim o Pai é espírito e o Filho é espírito e o Espírito, isto é, a Pessoa Espirada, é espírito, porque Deus é espírito. Em duodécimo, a natureza divina equivale às três relações fundadas no Pai relativamente ao Filho, e às três fundadas no Filho relativamente ao Pai. O Pai, na verdade, é idêntico ao Filho em natureza e em substância, e igual em virtude e em toda a

perfeição, e semelhante em todas as qualidades. De igual modo, também o Filho é idêntico e igual e semelhante a seu Pai. E isto podia situar-se no ponto oitavo. Põe-se, contudo, simultaneamente aqui porque neste ponto equivale à identidade, à igualdade e à semelhança fundadas no Pai em relação ao Espírito Santo, e no Filho em relação ao Espírito Santo, e no Espírito Santo em relação ao Pai, e no mesmo Espírito Santo em relação ao Filho. As semelhanças, porém, reconhecem-se várias, a mesma na mesma Pessoa, segundo se entendem como várias naquilo em que se assemelham, como verdade, bondade, sabedoria e outras da mesma natureza. Todas estas estão em cada Pessoa, porque a essência divina que existe em cada Pessoa equivale a todas elas e, deste modo, equivale também a todas as semelhanças. De um modo semelhante, são iguais em toda a perfeição e virtude, visto que a natureza divina equivale a todas as perfeições e a todas as virtudes.

A identidade, porém, afirma-se das Pessoas de acordo com a unidade da substância. Vê, por isso, que no Pai são três as relações a que chamais comuns, relativamente ao Filho, e três relativamente ao Espírito Santo. E isto falando de um modo geral. Portanto, falando de um modo geral, no Pai há seis. De facto, em especial são tantas as semelhanças no Pai com o Filho e o Espírito Santo quantos os aspectos em que se pode assemelhar. De modo semelhante, são tantas as igualdades quantos são os aspectos em que pode haver igualdade. Igualmente no Filho são seis em comum, três para com o Pai e três para com o Espírito Santo, e são tantas em relação a cada um quantas são no Pai.

De modo semelhante, há seis em comum no Espírito Santo, três em relação ao Pai e três em relação ao Filho, e tantas em especial quantas em cada um deles. Quão numerosas elas são e, contudo, todas elas existem numa única substância! Portanto, pela natureza divina é a Pessoa semelhante e igual, na medida em que equivale às perfeições divinas que se designam quantidades, como imensidade, eternidade, força ou potência, e às qualidades divinas.

Também a natureza divina tal como existe no Pai equivale, primeiro, à

substância pela qual se constitui em ser distinto daqueles. Segundo, equivale ao princípio produtivo *per modum naturae*. Terceiro, equivale ao próprio gerar ou à própria geração activa. Quarto, equivale à relação de paternidade. Quinto, equivale ao princípio produtivo *per modum doni*. Sexto, equivale à doação activa. Sétimo, equivale à relação de espiração activa, que tem pelo facto de haver dado. Oitavo, equivale às seis relações comuns em geral. Nono, equivale a muitas relações comuns em especial.

A natureza divina conforme existe no Filho equivale, primeiro, àquela substância pela qual se distingue do Pai e do Espírito Santo e se constitui em ser pessoal. Segundo, equivale à própria potência passiva segundo a qual se pode considerar produzível e gerável. Terceiro, equivale a ser gerado ou à geração passiva. Quarto, equivale à relação de filiação. Quinto, equivale ao princípio [fl. 158] produtivo *per modum doni*. Sexto, equivale à doação activa, que existe nele tão perfeita como no Pai, embora a tenha do Pai. Sétimo, equivale à relação de espiração activa, que tem pelo facto de haver dado o Espírito Santo, isto é, que produziu *per modum doni* ou de livre produção. Oitavo, equivale às seis relações comuns em geral. Nono, equivale a muitas relações comuns em especial.

A natureza divina conforme existe no Espírito Santo equivale, primeiro, à substância pela qual o Espírito Santo se distingue do Pai e do Filho. Segundo, equivale à própria potência passiva segundo a qual se pode considerar passível de ser dado pelo Pai. Terceiro, equivale à própria potência passiva segundo a qual se pode considerar passível de ser dado pelo Filho. Quarto, equivale a ser dado pelo Pai. Quinto, equivale a ser dado pelo Filho. Sexto, equivale à própria relação de espiração passiva conforme se refere à primeira Pessoa que espira. Sétimo, equivale à relação de espiração passiva segundo a qual se refere à Segunda Pessoa que espira, que é o Filho, embora se lhe não refira em razão da filiação, mas por outra relação. Oitavo, a essência divina conforme existe no Espírito Santo equivale às seis relações comuns em geral. Nono, equivale às relações comuns em especial.

Vê, pois, que pertencem a uma Pessoa tantos conceitos quantos pertencem a outra, o que não pensaram nem aqui Alexandre, nem Boaventura, nem Tomás, nem Escoto enquanto viveram na carne. E nenhum doutor avançou mais de cinco conceitos, contando o conceito de ingénito, de que nada dissemos ainda. Sem esse, avançaram quatro conceitos, a saber, gerar, ser gerado, espirar, ser espirado. Deixaram de lado todos os restantes.

Esta teologia foi, como vês, profundamente explanada. Escreve tudo como digo porque estas coisas vão passar à mão daqueles que as entendem melhor do que tu. Tu, de facto, viste de que modo, em cada Pessoa, são nove os conceitos, que, somados, completam o número de vinte e sete. E no oitavo contêm-se três, a saber, identidade, igualdade, semelhança, os quais, ao serem triplicados, serão seis, porque um dos três é retirado, e serão trinta e três. E, além destes, são tantas em cada Pessoa as semelhanças quantas são as qualidades em cada uma, e tantas as igualdades quantas aquelas coisas segundo as quais pode alguém ser considerado igual a outro, o que seria longo enumerar agora.

Portanto, os que argumentam que as relações divinas não indicam nenhuma perfeição, porque então haveria mais perfeições no Pai que no Espírito Santo, não argumentam bem, porque, como viste, são nove em todas. Mas argumentar-se-ia bem deste modo: se as relações divinas indicam perfeição, então cada Pessoa carece de alguma perfeição porque em cada Pessoa há algum conceito que não há na outra. Disto falaremos depois.

Toda esta grande quantidade é absolutamente uma só substância, equivalendo, contudo, a todas essas. Assim, pois, como aquele que possui um talento de ouro possui muitos milhares de moedas de ouro, assim aquele que tem a essência divina tem, de modo equivalente, muitos entes. A todas essas coisas previstas nos doze conceitos acrescentem-se ainda estas.

Décimo terceiro, a essência divina equivale ao princípio produtivo das coisas distintas de Deus relativamente a ser conhecido. Com efeito, ao existir neste conceito, proporciona ao intelecto **[fl. 159]** divino tudo quanto

é susceptível de ser criado e feito. Pois, relativamente a cada coisa criável e factível, a essência divina corresponde ao seu intelecto, isto é, a si enquanto equivale ao intelecto, como se nele estivesse realmente ou na sua imagem aquilo que é susceptível de ser criado e feito. Com efeito, a essência divina é a semelhança perfeita de todos os inteligíveis. E, deste modo, estão lá equivalentemente tantas semelhanças, quantos os inteligíveis. Portanto, por uma razão se reconhece o cavalo, por outra, o boi, porque, equivalendo a essência divina a um e a outro, por isso, uns disseram que tudo era reconhecido por uma razão da essência, outros por diversas. Uns e outros tinham razão, mas não perfeita compreensão. Na verdade, Deus tudo compreende numa única essência, e não seria preciso que nela houvesse algumas relações respeitantes aos inteligíveis que precedessem a compreensão deles, nem algumas razões distintas, mas basta apenas a essência, na medida em que equivale às razões de todas. Portanto, não absolutamente só, mas só todavia, enquanto equivale a muitos. É sem dúvida verdade que o intelecto ao considerar a essência equivalente a tantas e tão grandes coisas, interna e externamente, pode nela assim considerada suscitar muitos entes da razão, como a semelhança da sabedoria e da bondade, no que respeita *ad intra*, e a semelhança da pedra e do ferro, no que respeita *ad extra*. E, todavia, esse olhar e esse produzir não são necessários, como se nem a bondade nem a sabedoria existissem em Deus se Deus ou qualquer outro as não pensasse. Nem, de igual modo, é necessária essa fabricação dos entes da razão para que se afirme em Deus a semelhança e, conseqüentemente, a semelhança da pedra ou da madeira. Portanto, as semelhanças das coisas estão na essência de Deus, no primeiro conceito, antes de serem pensadas por Deus. Estão, afirmo, de modo equivalente, não de qualquer outro modo, distintamente e por uma razão fabricada pelo intelecto. E foi deste modo que aqui o Doutor Subtil entendeu (e apontava Escoto). Não que não estejam de modo equivalente, mas porque não estão distintamente na razão, como estoutro (apontava Tomás) parecia dizer. E até te digo que, no primeiro conceito, Deus

reconheceu na sua essência a pedra que produzira, levada em conta a distinção das semelhanças. Mas, no primeiro conceito, a essência equivale à semelhança da pedra e da madeira. No segundo, Deus reconhece a pedra e a madeira. No terceiro, pode distinguir na sua essência a semelhança da pedra da semelhança da madeira.

Décimo quarto conceito, portanto a essência divina equivale ao conhecimento de todos os criáveis e factíveis e, até, ao conhecimento de todos os não ente e impossíveis, na medida em que o não ente e o impossível podem ser conhecidos. O não ente, com efeito, não pode ser conhecido como algo existente, representando alguma coisa, porque então não seria não ente, mas ente. Mas pode-se conhecer o que não é negando todos os entes, neste sentido: “Por não ente concebo não a substância, nem o acidente, nem Deus, nem a criatura”. E, todavia, vós, homens, dizeis: “É não-ente aquilo que não é nem substância alguma nem acidente algum”. E parece que o tornais ente ao dizerdes “aquilo”. Como também dizeis: “Fora do céu nada existe”, como se fora do céu existisse um lugar. E ao dizerdes: “Fora do céu nada existe”, parece que pondeis alguma coisa fora do céu, porque pondeis um lugar. Com efeito, dentro e fora são diferenças de lugar. Essas expressões devem entender-se negativa, não positivamente, ou é apenas uma localização imaginária, porque, seguramente, nem céu nem dentro do céu. [fl. 160] Essa afirmação é o nada que parece afirmar alguma coisa. E não podeis expressar-vos de outra maneira. E a imaginação apreende o não ente como ente, por isso dizeis que o não ente é ente e o não inteligível, inteligível. O que quer que concebais como impossível, concebei-lo como algo formado de partes contraditórias, como bode-viado e homem-boi.

Décimo quinto conceito, a essência de Deus equivale ao amor pelo qual todas essas coisas agradam a Deus, porque em todas há a participação da sua bondade, e mais, todas são a própria participação da bondade de Deus, de modo a não parecer que distinguis entre participante e participado. Com efeito, a criatura no seu todo é uma certa participação da bondade divina.

Daí que participante e o que é participado sejam, na realidade, absolutamente o mesmo. Em tudo Deus se compraz consigo.

Décimo sexto conceito, a essência divina equivale à volição de algumas coisas que Deus ama não só com um amor simples, mas também eficaz, porque quer que elas existam por algum tempo. Equivale também ao conhecimento, porque conhece que elas existem por esse tempo. E, além disso, quer para algumas graça e glória, como dissemos quando falávamos da presciência de Deus e da predestinação. Passo adiante.

Entendeste como em Deus não há senão divindade e como ela equivale nele a tantas e tão grandes coisas e perfeições? Na verdade, as coisas que se acham dispersas nos seres inferiores, estão todas concentradas na natureza divina, e elas sós tornam-se tudo como se lá estivessem muitas realmente distintas. Ouve agora algumas coisas acerca deste conceito que se atribui à Primeira Pessoa e se designa *ingénito*. Essa palavra pode denotar quatro coisas.

Primeiro, a negação de gerado – *geniti*. E desse modo são muitas as coisas *ingénitas*, a saber, todas aquelas que não são geradas – *genita*. Portanto, todas as coisas criadas são *ingénitas*. Também o Espírito Santo, que não é gerado, poderá considerar-se *ingénito*. E, deste modo, nem só o Pai é *ingénito*.

Pode, de outro modo, denotar a negação da produção actual, de tal modo que *ingénito* seja o mesmo que não produzido – *improductum*. E, deste modo, as coisas criadas não são *ingénitas*, porque são produzidas. E nem o Espírito Santo é *ingénito*, porque também ele é produzido. Também o que não existe, nem existiu, nem virá a existir se pode considerar *ingénito*, porque não produzido, como uma rosa que nunca foi ou será produzida, contudo, é produzível. E, deste modo, *ingénito* não convém a Deus Pai, porque é improduzido e improduzível.

De acordo com a terceira modalidade, *ingénito* pode denotar a negação da produção actual e aptitudinal, de tal modo que não seja produzido nem produzível, e isto de uma forma absoluta. E, deste modo, os impossíveis, como bode-boi, são *ingénitos*, não só Deus Pai.

No quarto modo, ingénito exprime a negação de qualquer produção, não só actual, como aptitudinal, tendo em conta que esse mesmo seja ente, entendendo ingénito desta forma, isto é, ente ou sujeito improduzido ou improduzível. E, assim, convém apenas a Deus Pai. Ele, realmente, é único e não depende de outrem. Por isso te digo que a razão que sustenta que a esta Pessoa compete antes ser ingénita do que gerar é verdadeira e conclui correctamente. Pois, se a Primeira Pessoa [fl. 161] dependesse de outra, relacionar-se-ia antes com a Pessoa de quem dependesse do que com aquela que dela depende. Assim, visto que não depende de outrem, cabe-lhe mais esta negação: “e não depende de outrem”, do que aquela afirmação: “algo depende dela”, porque a afirmação seria verdadeira relativamente a qualquer conceito. Se o não fosse, a negação seria verdadeira em relação a ele se a afirmação em relação a ele fosse falsa. E aquele que, argumentando contra isto, afirma que a negação não pode competir a ninguém antes de toda a afirmação, argumenta correctamente, porque a negação não pode existir antes daquilo pelo qual o Pai subsiste e é Pessoa. Não conclui correctamente, contudo, que, no Pai, o gerar seja anterior a ser ingénito. Mas conclui correctamente que ao Pai compete antes algo de positivo do que aquela negação. E, por esta razão, a essência divina, enquanto equivale à própria geração ou à paternidade, não constitui esta Pessoa, mas enquanto equivale à entidade hipostática, que é entidade absoluta e não relativa.

As Pessoas divinas são, em si, absolutas e relacionam-se na base das relações supervenientes. E não são também constituídas por duas substâncias ou entidades, nem de divindade e relação, como alguma coisa superveniente, mas só da divindade e da única substância que equivale a todas estas. Portanto, a relação superveniente não é mais do que a essência divina que equivale à relação. Constitui-se, portanto, como Pessoa divina. Muita coisa lhe é acrescentada e, todavia, é simplicíssima. Nem tem vários entes em si, mas apenas um ente, que é a divindade. Nós anjos, para falar ao modo humano, rimo-nos quando vos ouvimos a vós homens disputar e dizer que as Pessoas são constituídas pelas relações de origem e por elas se

distinguem, na medida em que se distinguem em razão da ausência. E isto também porque os nomes impostos às Pessoas são relativos e porque Cristo disse: *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*. E não advertem que os nomes são impostos em função das propriedades, o que aliás também eles dizem, e que o que é próprio da Primeira Pessoa é gerar e, por isso, ser Pai. Foi-lhe imposto o nome em função da sua propriedade, do mesmo modo que o nome daquela coisa que fere o pé se chama pedra. Embora, pois, o nome se receba da propriedade, os nomes impõem-se à Pessoa, do mesmo modo que também o nome pedra não significa lesão do pé, mas aquela realidade. Daí que este nome “Pai” seja o nome próprio da Primeira Pessoa. Não é assim quando chamais pai a um qualquer homem. Na verdade, quando dizeis: “este homem é pai”, enunciais um nome comum e um acidente daquele em quem se encontra. Mas quando dizeis: “este é o Pai”, mostrando a Primeira Pessoa, não afirmais um acidente acerca de um sujeito, mas é como se dissésseis: “este é João”, apontando o filho de Zacarias ou de Zebedeu. É, pois, nome próprio e substantivo. Dado que nenhum outro tem este nome próprio, é justo que todas as vezes que se diga ou se profira “pai”, sem nenhum adjectivo, se entenda a Primeira Pessoa divina. Enquanto significa essa Pessoa, como referi, este nome é substantivo, mas enquanto significa uma relação em concreto, que significa o próprio referir-se ao filho, então esse nome toma-se quase adjectivamente, porque significa essa relação e respeita àquele em quem está.

Semelhantemente o nome da Segunda Pessoa é-lhe imposto em função da sua propriedade, que é ser gerado, e da relação de filiação pela qual se obtém essa geração, e é nome próprio da Segunda Pessoa. Daí que, quando o profeta diz *Um filho nos foi dado*,<sup>[185]</sup> filho esteja aí pela Segunda Pessoa, que assumiu a carne. Por isso se segue *Chamar-se-á Deus*, como se dissesse “O filho que nos foi dado é Deus”. Filho é, portanto, nome próprio da Segunda Pessoa e nome substantivo. Mas quando significa a relação pela qual esta Pessoa se refere ao Pai, então está como adjectivo e nome comum, como neste passo: *Qual é o nome de seu filho, se é que o sabes?*<sup>[186]</sup> Como se

dissesse: Se sabes, reconhecerás o nome do Filho de Deus, descobrirás que não há outro nome senão este nome “Filho”. Daí que, [fl. 162] dizendo “O Filho é filho”, se possa reconhecer, no sujeito, como Pessoa e na medida em que é nome próprio, e no predicado, como filho, isto é, nome comum, como se dissesse “João é filho”. Assim também dizendo: “O Pai é pai”, se pode entender deste modo: “a Primeira Pessoa é pai porque gerou”. E de outra maneira: “A primeira pessoa é a Primeira Pessoa”. Daí que Cristo haja dito: *Eu te bendigo, Pai!*<sup>[187]</sup> Invocou-o pelo nome comum, como se dissesse: “Bendigo-te porque me geraste e és para mim pai, para todos os outros, porém, és Senhor”. Por isso acrescentou: *Senhor do céu e da terra e de tudo o que neles existe.*<sup>[188]</sup> Quando, a seguir, disse: *Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e a quem o Filho o quiser revelar,*<sup>[189]</sup> tomou então substantiva e não adjectivamente os nomes Filho e Pai porque, quando se tomam adjectivamente, são então nomes comuns e estão indiferentemente por este ou aquele pai, por este ou aquele filho. Neste passo, as palavras do Senhor têm este sentido: “Ninguém conhece a Segunda Pessoa senão a Primeira e a própria Segunda Pessoa e o Espírito Santo, que também é Deus, e ninguém conhece a Primeira Pessoa senão o Filho e a própria Primeira Pessoa e o Espírito Santo”. Portanto, não excluía deste conhecimento as Pessoas, mas todas as criaturas que não podem reconhecer a Deus a não ser que ele queira. Daí que se siga: *e a quem o Filho o quiser revelar.* Filho que, contudo, nunca o revela sem o Pai e sem o Espírito Santo.

De modo semelhante, o nome Espírito Santo é atribuído à Terceira Pessoa em razão do atributo que lhe é próprio, que é ser espirado ou ser produzido pela vontade. Vontade que é benigna e santa. Por isso, o nome desta Pessoa justamente se chama Espírito Santo, a quem são atribuídos todos os dons e toda a graça. Nada há no mundo mais benigno, nada mais amável, nada mais suave. E, contudo, não é mais suave do que o Pai e o Filho, porque reside nos três a mesma suavidade.

Viste, portanto, de que modo a palavra Pai ora significa sujeito divino,

ora a sua propriedade e, às vezes, se toma equivocadamente por Criador. E, deste modo, as três Pessoas são o único Pai de todas as criaturas. Mais, às vezes se toma por Santificador e, deste modo, toda a Trindade é, em especial, Pai dos anjos e dos homens. E, assim, estes três nomes são de grande poder. Cada um, na verdade, significa a Pessoa divina sob razão própria, embora as Pessoas não sejam por vós entendidas sob razão própria. Mas aquele que disse: *Baptizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*,<sup>[190]</sup> conhecia bem estas Pessoas sob razão própria. E não se pode dizer “Em nome do Ingénito, ou do Verbo, ou do Amor Espirado”, nem “Em nome do Gerador ou dos dois Espiradores”, porque estoutros não significam as Pessoas sob razão própria. Daí que, embora a propriedade de Verbo e de Filho não sejam duas propriedades, mas uma, e apenas afirmem a razão, ao baptizar, contudo, e também ao invocar a Santíssima Trindade se não diga apropriadamente “em nome do Pai e do Verbo”. Mas diz-se Verbo na medida em que é produzido pela memória do Pai; Filho, na medida em que é gerado da substância do que o gera na natureza intelectual, como dissemos.

No primeiro conceito, portanto, apreende-se a Primeira Pessoa constituída de divindade, enquanto é natureza, e pela divindade, enquanto é equivalente à substância absoluta pela qual a Pessoa se constitui e se distingue. No segundo conceito apreende-se o gerar. No terceiro, o Pai, como dissemos. Mas se o ter gerado exprime a relação de paternidade ou a precede, declará-lo-á em seu tempo aquele que foi eleito para esta tarefa. Pois, alguns de vós consideram que Pai não é senão o ter gerado, e Filho, o ser gerado. E porque é impossível que aquele que gerou não tenha gerado, de modo semelhante é impossível que o Filho **[fl. 163]** não tivesse sido gerado, por isso aquele que é Pai uma vez é sempre Pai, e o que uma vez é Filho é Filho sempre. E, assim, Maria nunca deixou de ser a Mãe de Deus. E, deste modo, não haveria no Pai a divindade a equivaler isoladamente à geração e isoladamente à paternidade, como dissemos atrás. De modo semelhante, seria o mesmo a divindade equivaler a ser gerado ou a Filho que equivaler a filiação. Nem no Espírito Santo seria uma a razão do próprio

ser dado ou livremente produzido, e outra, a da relação que atrás chamámos expiração passiva. E, do mesmo modo, significariam exactamente o mesmo os nomes de Pai e Progenitor ou Criador. E o mesmo também o nome de Génito e de Filho, o que aquele Pastor discutirá se é verdade. De momento, segui o que te ensinei antes, a saber, que uma é a razão da geração activa e passiva, outra a da paternidade e filiação.

Perguntei então de que modo uma Pessoa não é maior do que a outra, e porque não carece uma Pessoa de nenhuma perfeição, porque numa existem coisas próprias que não existem na outra, e porque não há aí mais de duas produções.

Há que ver já, começou deste modo a responder o anjo, quando assim o interrogava, de que modo uma Pessoa não é maior que outra. Presta atenção. Assim como dois números em que é a mesma a quantidade das unidades se não considera um maior que outro, embora sejam distintas as unidades de um das unidades do outro; assim como não é maior o número cinco da mão direita que o da mão esquerda, embora sejam uns os dedos da mão direita e outros os da esquerda; assim, porque nas Pessoas divinas são tantas as propriedades numa como na outra, como demonstrámos antes, embora não sejam as mesmas numa que são na outra; por isso não é uma maior que a outra. Mas, tomando maior por aquilo que é mais digno e mais nobre, poderíeis admirar-vos porque é que o Pai não é maior que o Filho, em relação ao qual é mais digno, pois gerar e ter de si tudo é mais digno do que ser gerado e tudo receber de outrem e, igualmente, porque *há mais felicidade e é mais nobre dar do que receber.*<sup>[191]</sup> Ora, o Pai gera e tem tudo de si e tudo dá ao Filho. O Filho é gerado e tem tudo de outrem e tudo recebe do Pai. Portanto, o Pai é mais digno que o Filho, e ambos mais dignos que o Espírito Santo. Porque, pois, não pode negar-se que seja mais digno dar, segundo a sua natureza, do que receber, por isso, de acordo com esta razão, não é inconveniente considerar o Pai mais digno. Não que seja mais digno em divindade, mas na repartição a divindade. Daí que alguns de vós o tenham chamado autoridade, dizendo: A autoridade está no Pai, no Filho a

sub-autoridade. Daí também que os lógicos digam que a paternidade é a relação de superposição e a filiação, de sub-posição. Tem, pois, essa autoridade, mas não é maior por isso senão muito impropriamente, entendendo por maior o mesmo que mais digno ou o que tem autoridade. Daí que um dos que aqui estão (e apontava Hilário de Poitiers) tenha dito: “O Pai é maior que o Filho e nem por isso o Filho é menor que o Pai”. O que deve ser assim entendido: O Pai, sob certo aspecto, é maior que o Filho. Todavia, o Filho, simplesmente falando, não é menor que o Pai. Se, contudo, o Pai é, de algum modo, maior que o Filho, o Filho é, de algum modo, menor que o Pai. Mas nem o Pai é, simplesmente, maior que o Filho, nem o Filho é, simplesmente, menor que o Pai. Acresce que o Pai não é maior que o Filho porque o gerar e o dar é divindade ao mesmo título que ser gerado e ser dado. Se, pois, gerar fosse uma coisa e outra ser gerado, poderia o Pai considerar-se de algum modo mais digno que o Filho. Mas porque a divindade está tanto em ser gerado como em gerar, e a divindade está no Pai e no Filho, segue-se que, havendo num absolutamente a mesma substância que há no outro, não pode um ser considerado mais nobre que o outro. E mais, a substância que é gerar existe no Filho, porque é divindade. Embora a divindade conforme existe no Filho não equivalha ao próprio **[fl. 164]** gerar, ela, contudo, existe no Filho. Pois, o Filho é a substância que é gerar e o Pai é a que é ser gerado. Portanto, o que quer que o Pai tenha formalmente, tem-no também o Filho e o Espírito Santo, ou formal, ou realmente, ou de modo idêntico. E o que quer que tenha o Filho formalmente, tem-no também o Pai e o Espírito Santo, ou formal, ou realmente, ou de modo idêntico. E o que quer que tenha o Espírito Santo formalmente, tem-no o Pai e o Filho, ou formal, ou realmente, ou de modo idêntico. Essas coisas são as mesmas em todas as Pessoas, mas não são as mesmas do mesmo modo em todas as Pessoas. Portanto, não é maior uma do que a outra, porque tantas há numa como na outra. Depois, porque elas são as mesmas, embora de outro modo, numa como na outra. Deus é tudo em todas elas.

Agora temos de ver, uma vez que tudo quanto há numa Pessoa é divindade e tudo quanto há noutra é divindade e a divindade é uma substância, se as três Pessoas podem ser consideradas três substâncias. E digo-te, caríssimo, que vós reconheceis já três substâncias, e não podeis negar visto que este o afirmou (e mostrava Agostinho) e os vossos assim o confessam. Todavia, os três não são propriamente três substâncias, mas uma única substância apenas. São, de facto, real e propriamente três, mas não propriamente três substâncias, mas uma única. Por isso foi dito: *E estes três são um só*, isto é, são absolutamente uma única substância. Na mesma substância, de facto, convergem e se distinguem, como foi mostrado. São, pois, uma substância, porque tudo quanto há em cada Pessoa é divindade. Todavia, para que a afirmação deste, que vós recebestes (e mostrava Agostinho), seja verdadeira, formulo-a deste modo: “A divindade, na medida em que equivale a três substâncias ou entidades, distingue as Pessoas”. Por Isso, podem considerar-se três substâncias, porque se distinguem por uma substância que equivale a três. Daí que ele, ou seja, Agostinho, tenha acrescentado “E estes três são uma espécie de substância suprema”, isto é, estes, que eu disse serem três, são uma substância suprema por cuja equivalência a três substâncias são eles considerados três substâncias.

Aí tens de que modo são uma substância, e de que modo são três substâncias por equivalência de uma substância a três substâncias. São, pois, em conjunto, a substância suma, porque essa substância máxima da divina essência é a razão das três substâncias das Pessoas.

Quando, pois, se diz “São três”, se se pergunta, que três, isto é, o que é que tu dizes que são três, explica e acrescenta um substantivo a esse adjectivo “três”. O quê? Três homens ou três deuses? Ou que três? Não respondas “três deuses”, para não parecer distinta neles a divindade, embora possa considerar-se “três deuses”, isto é, três que têm divindade. Contudo, dizendo “três deuses”, parece que essa palavra “três” determina a divindade. Mas essa determinação é uma espécie de multiplicação e

plurificação e, deste modo, parece que a divindade foi multiplicada e plurificada. Mas se se plurificasse aquilo a que essa palavra “deuses” respeita, seria absolutamente verdadeira: “São três Deuses”, isto é, três que têm a divindade. E desse modo foi dito: *No princípio Deus criou o céu e a terra.*<sup>[192]</sup> E dizendo “estes são”, mostradas as Pessoas, é menos incongruente a afirmação do que dizer “três deuses”, porque esta é absolutamente verdadeira: “Estes são deuses”, isto é, que têm a divindade. Mas esta: “Estes são três Deuses” é suspeita, porque essa palavra “três” parece recair sobre o significado daquele substantivo “deuses” e não sobre aquilo a que respeita, a saber, sobre a expressão “que têm”. Pois, se recaísse sobre esta, a afirmação seria verdadeira. Não respondas, pois, que são três deuses, a não ser naquele sentido. E nem respondas que são três substâncias, porque pareceria que concedes a pluralidade à substância pela qual são Pessoas e pela qual existem. Podem-se, contudo, considerar três substâncias, de acordo com o modo como declarámos. Mas deverias responder: “São três Pessoas”, ou três subsistências ou hipóstases, não, “três substâncias”, porque a substância [fl. 165] é o mesmo que *ussia*, ou essência, ou natureza divina. Se, porém, pelo nome de substância se entender subsistência ou pessoa una como que *per se*, pode dizer-se que são três substâncias, do mesmo modo que os gregos costumam dizer quando dizem: “São três hipóstases”. Mas é melhor designar como subsistência o nome hipóstase do que como substância.

São também três os que existem, mas não três existências, porque a própria divindade é a existência pela qual os mesmos três existem. E nota que a razão que este apresentou (apontava Escoto) é boa, a saber, que, por isso, podemos dizer que são três os que criam e três os que existem, não três os criadores, nem três as existências. Porque ao dizer “três os que criam”, avançam-se dois nomes adjectivos, nenhum dos quais determina o outro, assim como nenhum depende do outro, mas um e outro determinam o substantivo subentendido, do mesmo modo que ambos estão dependentes em relação a ele. Todavia, esse substantivo que determina a

palavra “três” não é Deus, como dissemos, nem propriamente “substância”, mas pessoa, subsistência ou hipóstase.

Portanto, o sentido é: três os que criam ou três os que existem, isto é, três Pessoas que existem ou que criam. Dizendo, porém, “três criadores”, a palavra “três” recai sobre o significado da própria criação e plurifica-a. E dado que a força criativa e a criação é única nos três, ao dizer “três”, plurifica-se. E, deste modo, a frase torna-se falsa.

Meu senhor, perguntei então, embora não tenha apreendido perfeitamente tudo, isto, porém, compreendi, que na Pessoa divina não há nada que não seja divindade e, também, que Pessoa é Deus e Deus é Pessoa. Como são, pois, três Pessoas e não três Deuses?

Aqui Agostinho duvidou bastante disso, afirmou o anjo.

Quando o anjo disse isto, Agostinho suspirou como que se compadecendo dos que ainda peregrinam, que não conseguem entender perfeitamente isto.

É necessário, disse o anjo, que a este adjectivo “três” corresponda um substantivo. Não apenas por causa dos heréticos, que perguntam “que três”, mas por causa da verdade de facto. Pois, pessoa indica e significa algo subsistente e incomunicável na natureza intelectual. Portanto, é preciso que na pessoa haja duas coisas, natureza intelectual e outra coisa ou entidade pela qual subsista de modo incomunicável e se distinga de outro subsistente nessa natureza. Se, pois, no Pai existisse essa entidade distinta da essência, seria então claro de onde tiraria a razão de pessoa. Mas, olhando agora também as Pessoas individualmente e nelas apenas a divindade, será o mesmo, porque a essência divina é, por natureza, intelectual e substitui perfeitamente aquela coisa pela qual a pessoa subsiste e se distingue. O Pai é, pois, integralmente pessoa e inclui em si duas coisas: a natureza e a entidade pela qual é pessoa. Não certamente como duas coisas distintas, mas inclui uma que equivale perfeitamente a duas. Mas porque a razão de pessoa se tira daquela entidade que distingue, porque por ela tem o ser incomunicável, por isso, uma é a razão de natureza, outra a de pessoa. Não

que apenas essa entidade seja pessoa, do mesmo modo que homem não consta só de razão mas também de sentimento, contudo o ser do homem tira-se da razão. Também, na mesma linha, aquela outra entidade pela qual a pessoa se distingue não é distinta da essência divina, mas a essência supre perfeitamente a vez dessa entidade, como se fosse aí posta como distinta dela. Portanto, tudo quanto há no Pai é Deus e divindade. Pois, por aquilo por que o Pai é Deus, e por aquilo por que é absolutamente é divindade. E por aquilo por que é pessoa não é uma entidade distinta da divindade, mas é a própria divindade enquanto equivale a essa entidade e supre a sua vez. [fl. 166] São, portanto, três Pessoas, porque três os que subsistem, três os que existem *per se*. Mas não são três deuses, mas somente três que têm a divindade. E porque a distinção dos três se não faz pela divindade enquanto a divindade é também essência, mas se faz pela divindade na medida em que supre a vez das três entidades, por isso, plurificando as Pessoas, não plurificamos a divindade. Quando, pois, uma coisa equivale perfeitamente a duas, não se segue que, se se plurifica pela razão por que equivale a uma, logo se plurificará pela razão por que equivale à outra. Assim, pois, como as Pessoas convergem e divergem em razão da mesma substância, assim também pela mesma se plurificam e se unificam na medida em que essa única equivale a várias. Daí que não seja contra o primeiro princípio porque, como tu ressalvas, disse a Tomás, que aí não há contradição por causa da pluralidade dos entes da razão, e tu, disse a Escoto, por causa da sua não identidade formal ou pela natureza da coisa, assim eu, o terceiro teólogo sábio graças a vós, clarificando um e outro e um e outro conciliando, mantereí que não há aí contradição nenhuma em razão da equivalência da divindade a várias substâncias. A mesma substância, pois, mantém-se una e plurifica-se porque a divindade, enquanto é natureza e enquanto é divindade, se mantém una, e ela mesma, na medida em que equivale a três substâncias hipostáticas, se plurifica. Mantém-se, pois, por uma razão, plurifica-se por outra. Daí que ela mesma, na medida em que equivale à razão de paternidade ou à razão pela qual esta Pessoa é pessoa, difira de si mesma; e

não é a mesma consigo, mas distinta de si, na medida em que serve de razão a outra Pessoa para ser outra pessoa e na medida em que equivale à razão de filiação. Por isso, assim como paternidade não é filiação, assim também divindade, na medida em que equivale a paternidade, não é divindade na medida em que equivale a filiação. Por isso se diz que paternidade, quando relacionada com essência, transita, quando comparada com sujeito, mantém-se. Mantém-se, contudo, sempre e sempre se transfere, como disse aqui Escoto: “A propriedade hipostática associada a outra parece manter-se distinta dela; associada à natureza, transfere-se para ela”. Nota, contudo, que, apontando para a natureza divina ou para a divindade, é verdadeira esta afirmação: “por uma coisa é paternidade e por outra é filiação”. Não se concede, contudo: “paternidade é filiação”. E isso por esta razão, porque a divindade pode perfeitamente considerar-se paternidade, porque lhe equivale. Pode igualmente considerar-se filiação, porque lhe equivale. Mas não pode dizer-se “paternidade é filiação”, porque o não é de modo nenhum, nem formal, nem equivalentemente. Paternidade, de facto, não equivale a filiação, nem filiação a paternidade. Portanto, quando duas coisas se afirmam de uma terceira que equivale a cada uma delas e nenhuma delas equivale à outra, então, por causa disso, essas duas não se afirmam entre si senão deste modo: “paternidade é aquela coisa que é filiação ou que equivale a filiação”. Daí que não seja completamente falso afirmar isto: paternidade é filiação. Não que a razão de paternidade seja a razão de filiação, mas porque a substância que é paternidade é ela mesma filiação. Atenta melhor porque é que se concede este raciocínio:

Divindade é sabedoria, e divindade é bondade, logo, bondade é sabedoria. E, todavia, divindade equivale a sabedoria e a bondade, mas não sabedoria a bondade, ou vice-versa. Isto, porém, não se concede de forma absoluta. Divindade é paternidade, e divindade é filiação, logo, paternidade é filiação. Não tem coerência. Porque não tem coerência este e tem coerência aquele? Digo-te que isto é assim porque sabedoria e bondade se posicionam relativamente a divindade conversivelmente, porque estão

consigo em cada Pessoa. Divindade, de facto, [fl. 167] equivale em cada Pessoa a sabedoria e a bondade. Mas paternidade e filiação e outras propriedades das Pessoas posicionam-se relativamente a divindade como uma espécie de contraente perante uma espécie de contrato. Quando, pois, uma coisa ilimitada a duas equivale a essas duas, então, embora cada uma delas se afirme realmente dessa, nem, contudo, por causa disso uma delas se afirma da outra, do mesmo modo que duas diferenças se afirmam de um animal, por exemplo, racional e irracional. E, no entanto, racional não é irracional. Por isso, equivalendo animal a racional e irracional, nem por isso se segue da afirmação de ambos acerca de animal a afirmação deles entre si.

É, portanto, esta a causa por que paternidade não é filiação, embora uma e outra sejam divindade, e não essa que vós avançastes, disse a Escoto e a Tomás. Efectivamente vós removestes das razões hipostáticas toda a perfeição e dissestes que elas se diferenciavam de finito e infinito. E fizestes isso porque, defendendo outra posição, seguir-se-ia que haveria numa Pessoa alguma perfeição de que outra careceria. Mas nós já mostrámos que nada há numa Pessoa que real e identicamente não haja na outra, porque a divindade é uma substância única com elas e isso basta, por causa da suma perfeição da Pessoa, para que nela esteja a divindade que equivalha a toda a perfeição, embora não equivalha conforme nela existe. Basta à Pessoa ter aquilo que em si contém toda a perfeição. As relações divinas, sem dúvida, se são substâncias e entes, não serão apenas entes em geral, mas este ente, e este um, e esta verdade, e este bem. Se, de facto, não diferenciam de bondade e de verdade, também não diferenciam de perfeição. E se não diferenciam de unidade que, segundo tu, disse a Escoto, é posterior à quantidade da virtude, como queres que diferenciem da própria quantidade? Não é esta quantidade uma medida intrínseca? Não é a medida intrínseca relativa à quiddidade ou muito próxima da quiddidade? Unidade, verdade, bondade são afecções (*passiones*) da quantidade da virtude e são-lhe posteriores. O ente em geral, de sua natureza, diferencia de todo o grau. O ente sob ele contido não pode diferenciar de grau e não diferenciar de

unidade, verdade e bondade porque, incluindo o que está depois, inclui também o que está antes deles. Pois, se a quantidade da virtude não estiver antes da unidade, então a divisão por um e por muitos estaria primeiro que a divisão por *quantum* e não *quantum*, ou por finito e infinito, o que seria favorável a Tomás, contra ti e os teus, neste ponto. Deve, pois, dizer-se das propriedades das Pessoas divinas o mesmo que se diz também dos essenciais, que a nenhuma delas repugna a perfeição. Se, na verdade, a alguma, de sua razão formal ou da própria natureza, repugnasse a perfeição, repugnar-lhe-ia também unir-se e associar-se realmente àquilo que é perfeito. E a quem não repugna ser objecto de perfeição infinita, também não repugna a perfeição à sua natureza. Se também a não quantidade se incluísse *per se* na natureza das relações divinas, de modo nenhum poderia a quantidade competir-lhes pela vossa regra, que diz: “Quando alguma coisa compete *per se* a outra, o seu oposto não pode competir-lhe nem *per se* nem *per accidens*”. Portanto, a divindade não pode suprir o lugar daquela substância a que repugnasse toda a perfeição, se alguma substância assim existisse. E nenhuma assim existe. E dado que não existe uma entidade divindade e uma perfeição sua infinita, nem uma sabedoria, uma perfeição da sabedoria, mas a divindade é todas as coisas, não é necessário indagar se a sabedoria de Deus é formalmente infinita, porque a própria divindade, na medida em que equivale a todas elas, é pélogo de perfeição infinita. E ela, considerada só como natureza, não é pélogo. [fl. 168] Portanto, ela sozinha é pélogo, uma vez que, absolutamente única substância existente, equivale a todas as substâncias. Nem é preciso dizer que a própria divindade, separada de todos os atributos e propriedades, é pélogo, porque contém em si todas essas coisas de um modo eminente. Nem deve assim dizer-se porque, então, por causa do duplo conter, eminente primeiro, depois formal, seria duas vezes pélogo. E então poderíamos perguntar de novo se a própria divindade, enquanto separa de todo o conter eminente e formal, é pélogo. Depois, a divindade não contém essas substâncias formalmente, enquanto entidade distinta, mas é em si entidade única e simplicíssima, equivalendo, contudo,

a todas elas, em razão de cuja equivalência é pélago. Por consequência, nada daquilo a que ela equivale é pélago, porque nenhuma dessas coisas equivale a tudo. Pois, essa substância divindade é aquilo que tem o ser como seu e equivale às essências de todas as outras coisas.

Aí tendes o que se deve pensar das relações divinas e das razões hipostáticas, e porque é que paternidade não é filiação, ainda que seja o que é filiação, e porque é que sabedoria é bondade, e também aquilo que é bondade, e que tudo o que existe numa Pessoa existe de algum modo na outra. Mas agora deve ver-se porque é que nem o Pai pode gerar outro Filho, nem o Pai e o Filho podem espirar outro Espírito Santo, e porque é que o Espírito Santo nem gera, nem espira.

Sobre isto, disse a João Escoto, escreveste tu com muita subtileza. Pois, a geração de Deus, como também Deus e tudo o que é divino, é, de si, isto. E tudo o que, de si, é singular, é implurificável. Por isso, a geração é única, única é a espiração. Pois, se pudessem ser várias, poderiam ser infinitas. E, assim, seriam, de facto, infinitos os Filhos e infinitos os Espíritos Santos, pois, *in aeternis*, tudo o que pode ser já é. E, assim, seriam infinitas as Pessoas, coisa que rejeitastes e bem, e não seria infinita apenas a multidão dos finitos, mas também a dos infinitos. Acresce ao nosso tema e ao nosso propósito que o Pai gera com energia infinita e eterna, e o Filho é eterno e infinito e encerra uma vez por todas a geração do Pai, porque essa geração não se transpõe para o passado. Terminando ela completa e adequadamente, nenhuma outra coisa a pode encerrar. De igual modo, o Espírito Santo encerra total e adequadamente e de uma vez por todas a espiração do Pai e do Filho. Por isso a não pode encerrar nenhuma outra Pessoa. Mas a primeira razão é mais clara, porque a geração é, de si, esta espiração, que é de igual modo singular. Por isso se não pode plurificar porque, tudo o que pode comunicar-se a vários, poderá também comunicar-se a infinitos. E se isto pode acontecer, *in diuinis* já aconteceu. Fica também a saber que o princípio de geração, a saber, a memória perfeita e a vontade perfeita, existe nas três Pessoas, porque a divindade é-lhes perfeitamente equivalente. Mas, porque

não pode fundar-se na memória senão uma única geração, que nela se funda já enquanto existe no Pai, por isso, na medida em que a memória exista noutra Pessoa não se funda nela a geração. De modo semelhante, porque a única espiração se pode fundar na vontade perfeita e nela se funda conforme existe no Pai e no Filho, por isso se não funda nela enquanto existe no Espírito Santo. Daí que o Filho e o Espírito Santo tenham o princípio de geração, isto é, pelo qual o Filho é gerado. É um facto que têm a memória fecunda, que é princípio próprio da sua natureza, mas não é princípio de geração, assim como o Espírito Santo tem a vontade perfeita, que é princípio [fl.169] de espiração, mas lhe não pertence como princípio de espiração. A vontade, que nele reside, espira, mas não espira conforme nele reside. Portanto, tudo quanto pode o Pai podem o Filho e o Espírito Santo porque têm absolutamente o mesmo poder, embora a produção se funde num deles e se termine no outro. E, deste modo, a produção não se funda na Pessoa em que se termina. Por esta razão, a Pessoa na qual se funda a produção não termina a produção.

A partir disto, podes aperceber-te do número das Pessoas divinas, e como não podem ser várias, e que a razão de Pessoa é a divindade, na medida em que equivale à substância hipostática e, de algum modo, ao contraente. E, assim, Pessoa assinala algo real. Pode, enfim, comparar-se depois à natureza divina. Esta natureza divina, ou este Deus, parece estar para Pai, Filho e Espírito Santo quase como homem está para Pedro, Paulo e João, os quais, dado o facto de serem suporte de tudo, se designam sujeitos e pessoas, porque cada um deles é esse algo e esse uno *per se*. Deste modo, porque parece que Pai, Filho e Espírito Santo assim estão para Deus, designam-se Sujeitos e Pessoas por transposição e metaforicamente. Não é, pois, de estranhar se alguns disseram que Pessoa *in divinis* significa segunda intenção e é segunda intenção, não que o constituto das Pessoas não seja uma determinada substância, isto é, essência, enquanto é equivalente a essa substância, mas porque as três se podem comparar à essência de Deus e se lhes pode atribuir a mesma intenção, como dissemos, que a Pedro, Paulo e

João relativamente a homem. Diferem, contudo, nisto, em que Pedro, Paulo e João são comparados à natureza humana como indivíduos a uma natureza que não é uma quantitativamente. Mas *in divinis* as três Pessoas são comparadas a esta natureza divina, como é esta, porque as três Pessoas são, em número, um único Deus. Aqueles não são um, em número, mas três homens.

Entendeste perfeitamente de que modo Pessoa é ente real e de que modo é ente da razão. Mas falta esclarecer uma coisa, a saber, quando dizemos “São três Pessoas”, o que é que aí se plurifica? Não é a essência nem as propriedades, porque as propriedades são únicas e incomunicáveis. Portanto, ou se plurifica apenas a intenção segunda, para que o sentido seja “três Pessoas”, isto é, três, cada uma das quais é *per se* única; ou a negação da comunicabilidade, para que o sentido seja “três Pessoas”, isto é, três incomunicáveis. E é seguro que nestes dois modos são três as Pessoas, e que o nome pessoa se separa desses três a fim de que Pessoa, em geral, exprima *per se* o uno ou o incomunicável, e debaixo desse intencional comum ou negativo esteja uma coisa ou outra *per se*, e uma coisa ou outra incomunicável. Mas, se das três razões pessoais em concreto se pode retirar algum real comum, de forma que, assim como o Pai é Pessoa por A e o Filho por B e o Espírito Santo por C, isto é, por três reais, assim também os três sejam Pessoa por algum real comum ao próprio A e ao B e ao C. Sirvo-me destas letras porque vos faltam os nomes dessas propriedades.

Em relação a esta dúvida, deve assim dizer-se e tu assim escreve: A partir do momento em que esses três entes A, B e C são, enfim, distintivos das Pessoas, não há absolutamente nenhum real comum a esses três entes, mesmo segundo a equivalência com os simples, porque esses três entes não são senão a divindade equivalendo a esses três. E se esses três fossem distintos da divindade, seriam, todavia, ainda absolutamente simples e não compostos, porque são os últimos susceptíveis de estabelecerem a distinção. Eles mesmos, por consequência, não se distinguem, [fl. 170] o que aconteceria se deles pudesse retirar-se alguma coisa comum em qualquer

aspecto. Pois nisso convergiram, e distinguir-se-iam por qualquer outra coisa, e haveria alguma coisa comum apenas às Pessoas divinas que se comportaria relativamente a elas como a espécie relativamente aos indivíduos, o que nenhum de vós, disse a Tomás e a Escoto, afirmou. Na verdade, ambos removestes da divindade género e espécie. Sobre isso o Pastor ajuizará se tereis andado melhor vós ou os nominalistas. E vós já sabeis e já vedes, mas não quero que seja escrito agora. Efectivamente muita coisa está reservada a esse que há-de vir. Nem se pode seguramente dizer que convergem na pessoa como numa propriedade comum, não como na espécie ou no género, pois as propriedades da essência divina não se plurificam, e as propriedades pessoais não se comunicam e nem delas se pode retirar algo que seja comum, uma vez que são absolutamente simples.

Perguntei então se substância, natureza e sujeito, e hipóstase ou substância são o mesmo.

Queres que te esclareça sobre as palavras, sorriu-se o anjo ao responder? Quando a realidade se patenteia, porque te preocupas com as palavras? Para os vossos filósofos substância é, de algum modo, toda a natureza e toda a essência, porque subestão, nem sempre, aos acidentes, mas sempre a alguma coisa que parece rodear a natureza. A substância de uma coisa, portanto, não são as suas propriedades ou as coisas que a rodeiam, mas a própria natureza da coisa. E, assim, todas as espécies, mesmo as dos acidentes, são substâncias, e Deus é substância. E, deste modo, também o que rodeia alguma coisa se pode considerar substância, não porque rodeia outro, mas porque outros o rodeiam, como dizem: Substância da cor ou da luz, enquanto luz ou cor, entendem-se as naturezas que têm algumas propriedades, condição e acidentes.

Por outro lado, designa-se substância aquela essência que é rodeada por tudo e ela não rodeia coisa nenhuma. E, assim, nenhum acidente é substância, nem os atributos de Deus, como sabedoria e poder, são substância. E deste modo distinguem os vossos filósofos substância de acidente. E quando a natureza não só subestá a alguns circunstantes, mas

também aos acidentes, nestas circunstâncias é estabelecida por estes, isto é, Tomás e Escoto, uma categoria distinta e remove-se Deus dessa substância. Mas quando a natureza subestá apenas a certas coisas que a rodeiam, que constituem consigo uma substância única, e não aos acidentes, ainda então se pode considerar substância. E, nessa medida, também Deus é substância. Mas substância abrange mais, porque abrange a substância incomunicável. Todo o subsistente é, de facto, substância, e nem toda a substância é subsistente. E quando esse subsistente existe na natureza intelectual, é pelos vossos considerado pessoa, porque os vocábulos são arbitrários. Mas, quando esse subsistente se encontra noutra natureza, não se costuma chamar pessoa, mas sujeito. Hipóstase, porém, ora se toma por pessoa, ora por um qualquer sujeito. E, na medida em que pessoa, ou sujeito, ou substância diz respeito à natureza de que é sujeito, considera-se natureza. Vê que te estou a ensinar a tua língua, pois na minha usamos de outros termos, em que não há equívoco algum, nenhuma anfibologia ou dúvida, mas os nomes são próprios de cada coisa e os termos apropriados.

Viste o que se deve entender pelo nome de pessoa e que são Três as Pessoas. Por isso, aí se encontra trindade de Pessoas, o número ternário, bem entendido, não o quaternário nem o quinário. Esta Trindade Santíssima é um Deus único, cuja imagem ostentamos nós anjos e as vossas almas. No facto de termos inteligência com objecto, que se designa memória e é produtora da palavra, e no facto de termos vontade fecunda, produtora do amor, representamos a Deus Pai, que é o princípio do Verbo ou seu Filho e do Espírito Santo, [fl. 171] que se designa amor. No facto de termos inteligência, sob o acto de entender representamos a Deus Filho. No facto de termos vontade, com acto de amor representamos a Deus Espírito Santo. Estas três faculdades em nós distinguem-se realmente em razão dos actos. Um é, de facto, o acto da memória ou da mente, isto é, do intelecto com objecto e da vontade perfeita, outra coisa é o conhecimento, outra, o amor. E estas mesmas três coisas são em nós consubstanciais, em razão das potências. E, de facto, a inteligência e a vontade não são distintas da alma,

como este disse (apontava Escoto) e nem estoutro, Tomás, entendeu de modo diferente. E, quando disse que as potências são coisa distinta da alma, entendeu que não são apenas a entidade da alma, mas alguma coisa a si acrescentada que se considera distinguir-se realmente da alma. Não que seja uma a existência das potências e outra a da alma, mas porque assim é de facto, mesmo sem que se considere que a alma é uma entidade, outra a potência. Todavia, estas duas entidades são uma única substância, porque têm uma única existência, e uma não pode existir sem a outra. Não há, de modo nenhum, alma sem inteligência e sem vontade, nem a inteligência e a vontade se podem separar da alma ou da vossa substância. E, assim como do Pai nasce o Filho, nasce em nós da memória o conhecimento, e da vontade, nascido já o conhecimento, procede o amor. Assim como do Pai, nascido já o Filho, procede o Espírito Santo, e a produção do Espírito Santo se comunica ao Filho, não se comunica propriamente assim ao vosso conhecimento a produção do amor. Isto, contudo, é verdade porque, uma vez que a vontade não pode produzir o amor senão precedendo o conhecimento daquilo que se ama, por isso, o conhecimento é de alguma forma a causa do amor. E, assim como o Filho produz naturalmente, e o Espírito Santo livremente, assim também o nosso conhecimento nasce naturalmente da memória, mas o amor procede livremente da vontade. Esta é, pois, a difusa imagem desta Trindade em nós.

O vestígio da Trindade existe também em toda a criatura. De facto, todo o criado é uno, verdadeiro e bom. Pela unidade indica-se o Pai, que é o único princípio de tudo e de quem deriva e procede a multidão de todos os seres; pela verdade, o Filho, que é a sabedoria do Pai; pela bondade, o Espírito, que é produzido pela vontade, à qual se atribui o bem por objecto. Tudo foi igualmente feito pelo divino talento e em si ostenta unidade, beleza e ordem. A forma e a beleza das coisas são a sua verdade, pela qual se tornam inteligíveis e reveladoras de si mesmas. Mas também a ordem mostra o bem para o fim último. Nada, de facto, é bom senão o fim e o que se ordena para o fim. E, assim, esta demarcação do vestígio é semelhante

àquela primeira, de acordo com esta nova exposição, que é melhor do que aquela bem difícil que fez este nosso irmão, erudito também naquele tempo (e apontava Santo Agostinho).

Deus tudo criou também com conta, peso e medida. De facto, cada coisa somada a outra faz um número. Por isso, cada coisa é una e cada coisa é medida pela aproximação ao primeiro bem ou pelo afastamento dele, o que não acontece sem o conhecimento. E cada coisa se inclina para o bem e para a sua perfeição. Esta inclinação é o amor natural. A unidade, enquanto presente, mostra e significa o Pai; a medida, que se atinge com a razão, o Filho; o peso, isto é, a inclinação ou amor, o Espírito Santo. Estas três coisas designam-se vestígio e não imagem, porque vestígio é sinal de parte. Deste modo, estes não indicam senão parte da Trindade e da imagem. Imagem, com efeito, é semelhança do todo, significa, na verdade, a distinção das Pessoas, a sua consubstancialidade e origem. Uno, verdadeiro, bom significam não todas estas coisas, mas parte delas. Indicam, [fl. 172] de facto, consubstancialidade, mas não distinção nem origem. E assim, ‘mente, conhecimento e amor’ ou ‘memória, inteligência e vontade com o amor’ são imagem, porque aí reside a consubstancialidade, em razão das potências, e distinção, por causa dos actos que são realmente distintos, e origem, porque o conhecimento é produzido pela memória e o amor pela vontade perfeita e, de algum modo, pelo conhecimento. E, neste ponto, a imagem afasta-se muito da Trindade perfeita. Além disso, pelo nome de razão e de memória entende-se ambos os princípios produtivos.

Mas presta atenção e ouve como os anjos insistentemente louvam e glorificam a Santíssima Trindade. Ouve o cântico iniciado em três línguas, mas continuado depois na latina.

Miguel começou em hebraico:

*Kados, Kados, Kados. Adonai et Sabaoth.*

Gabriel repetiu em grego:

*Agios, Agios, Agios. Kyrios o Theos ton Stration.*

Rafael repetiu o mesmo em latim:

*Sanctus, Sanctus, Sanctus. Dominus Deus militiarum.*

Bendigamos o Pai e o Filho com o Espírito Santo. Louvemo-lo e exaltemo-lo para sempre.

Depois, ora Miguel, ora os outros prosseguiam tudo em latim, quer para que eu melhor entendesse, quer para mostrarem que Deus se louva hoje melhor na língua latina do que nas outras. E Miguel continuou isto que segue, que deve ligar-se com a frase anterior, como quando vós, disse o anjo, cantardes estes nossos cânticos. Continuai-os:

Num nobre e elevado trono vejo três em tudo semelhantes.

Eles são iguais em tudo, em nada entre si diferindo.

Não está um à frente e outro atrás, nem um em cima e outro em baixo.

São realmente entre si distintos, mas de todo indistintos quanto ao lugar e ao trono.

Sentava-se cada um dos três no mesmo lugar, justamente.

Não está um à direita outro à esquerda, mas quem quer em qualquer lugar.

Pai é nome próprio do primeiro, pois só ele gera.

Do segundo o nome é Filho, porquanto só ele é gerado.

Espírito Santo é do terceiro o nome, apenas ele é espirado.

São muitos os seus apelidos, vários, certamente, os sobrenomes.

Ingénito e inascível é o Pai, improduzido e de ninguém procedente.

Memória, unidade e poder só a si se atribuem.

Ao Filho, esplendor, harmonia, verdade, medida e sabedoria, arte repleta das razões de todos os vivente.

Ao Espírito Santo, bondade, ordem, ponderação e suavidade, graça, amor e benignidade.

Palavra é só o Filho, porque é o único produto da memória.

Só o Espírito Santo é amor espirado, único propriamente designado dom.

Mas cada um destes três nomes significa sua Pessoa sob razão própria.  
Neles se oculta magno sacramento, ocultou-se neles magno poder.  
Neles se firma a vida e a salvação dos homens, reside neles toda a graça  
e a expiação dos pecados

[fl. 173] Aos antigos era útil o nome tetragrama, mas aos modernos são  
mais úteis estes.

Bendigamos Pai, Filho e Espírito Santo, louvemo-los e exaltemo-los para  
sempre.

A tal ponto os vemos semelhantes, que não distinguimos um do outro,  
Quanto vemos ou olhamos, o mesmo em absoluto consideramos.

E porque em cada um nada há senão Deus, vejamos quem vimos, só a  
Deus vemos.

É Deus onde convergem e de onde divergem, Deus é tudo em todos  
eles.

Máximo e simplicíssimo, é omnipotente o nosso Deus,

Não há beleza ou perfeição que ele não contenha,

É simplicíssima a natureza divina, sozinha, porém, por tudo vale.

Tem-na Deus em vez das potências, das operações e de tudo quanto dele  
se afirma.

O que nas criaturas disperso está e dividido, unido está em Deus e  
associado.

O que por instrumentos vários realizam os homens, em Deus se conclui  
numa acção única.

Quando um equivale a muitos, o que por muitos seria feito, sê-lo-á por  
esse só.

Mais perfeitamente será, até, só por um feito, porque a força única é mais  
potente.

É simples cada um deles e cada um deles é composto.

Simplex, porque apenas Deus, composto, porque, Deus, equivale a  
muitos.

O que produz e por meio de quem produz são o mesmo Deus com o

produzido.

A natureza não gera nem espira, não é gerada nem espirada.

Ela, contudo, é geração, ela é ser gerado e ser espirado.

Deus é uma espécie de substância suprema, cheio em si de toda a bondade.

Bendigamos o Pai e o Filho e o Espírito Santo, louvemo-lo e exaltemo-lo para sempre.

Vemos no Pai determinada força, que produz *per modum naturae*.

Essa força é Deus e Deus é a própria força produtiva.

A inteligência está com a essência, que costuma chamar-se memória,

Nas coisas verdadeiramente eternas em que está a força absolutamente imutável.

Porque não dista o ser do poder, o que pode ser é forçoso que seja,

*Pois o que quer que seja produtivo, em acto será produtor.*

Sabemos que acidente em Deus não pode existir, o que é produzido será substância.

Infinita é a força produtora, infinito será o produto.

Nada é infinito senão Deus, Deus será, pois, o produto.

Não pode haver senão um só Deus, Deus será o mesmo com o Progenitor.

É impossível que alguém se gere a si próprio, o gerado será outra Pessoa.

Porque se produz da memória, o produto será a Palavra,

Porque nasce da substância do Progenitor na ordem intelectual, será seguramente Filho,

Porque absolutamente ao Progenitor semelhante, será imagem perfeita.

Una e incomutável é a geração, único será o Filho.

Bendigamos já o Pai e o Filho e o que deles procede, o Espírito Santo.

Como procede, nós vemos; por vós, homens, assim cantamos,

Para que de algum modo ouçais o que na cidade que nos é comum vereis.

Há no Pai e em seu Filho outra força também produtiva,

Não certamente *per modum naturae* e da inteligência, mas *per modum doni* e

da vontade.

Pois que em Deus há vontade perfeita, é seu objecto a bondade infinita.

O que quer que em Deus possa existir é necessário que exista.

É produzido, pois, não é gerado, porque da vontade procede, não da natureza.

Por isso, não é Filho nem é Verbo, de algum modo Imagem se pode dizer.

É substância imensa e é também Deus e, todavia, distinto dos produtores.

É Pessoa distinta deles, pois que a razão não concebe que algo a si se produza.

Ele é dom verdadeiro e amor verdadeiramente espirado, [fl. 174]

Não só pelo Pai, mas também pelo Filho, como com verdade cantam os latinos.

Mas esta força pressupõe a primeira e já existe no Filho quando produz.

E não erram os verdadeiros gregos, que do Pai o dizem que não do Filho,

Eles que dizem que procede do Pai e no Filho permanece.

Não sai certamente do Filho como da fonte que de si o derrama,

Nem do Pai sai e do Filho como de dois princípios, mas como de um só.

Procede do Pai pelo Filho e no Filho repousa essa processão,

Pois, do Pai recebe o Filho essa processão e a nenhum outro ele a comunica.

Mas, porque não é menos do Filho do que é do Pai, diz-se, e bem, que dos dois procede.

Devem as palavras ser puxadas ao sentido, não o sentido às palavras.

É isto labor de homens mortais, todas estas coisas são de si claras para nós, os anjos.

Não há entre nós equívoco algum, nenhuma anfibologia.

Vê, o Ingénito gera e ele mesmo espira também,

Mas gerar segue-se a ingénito, não ingénito a gerar.

Está a negação por aquele conceito pelo qual estaria a sua afirmação.

Mas se aquele que gera estivesse pelo primeiro conceito, estaria por

aquele que gera.

É preciso sempre que a negação acompanhe alguma afirmação.

Naquele que gera há, pois, o ente verdadeiro, a quem acompanham gerar e ingénito.

Porque gerou, logo é Pai e, porque é Senhor, é o mesmo, semelhante e igual ao gerado.

É o mesmo em essência, igual em poder e em força,

É semelhante em sabedoria e bondade e em outra qualquer qualidade.

Tão variadas, contudo, estas coisas não são senão sua essência.

Espira, ou melhor, dá com seu querido Filho aquele que é amor.

Esse Filho é gerado e em sua essência constituído,

Nele a entidade constitutiva corresponde à entidade constitutiva do Pai.

Ter de outrem o ser corresponde a ingénito, mas gerado, a progenitor,

Filiação a paternidade, a identidade, identidade,

Semelhança, a semelhança, mas igualdade, a igualdade.

São tantas em um, quantas são no outro, comum a ambos é a doação.

O espirado Espírito também ele tem a entidade com que em seu ser se constitui,

Tem de outro o ser, como fica expresso, gerado não é, mas é dado.

Porque o Pai tem a paternidade e o Filho a filiação, ele tem a espiração.

É idêntico ao Pai e é também igual, e até, em tudo semelhante também.

É o mesmo que o Filho e também igual e em nada é dele dissemelhante.

Semelhanças e igualdades são tantas em um, quantas no outro também.

Deus, porém, é tudo nas Pessoas todas.

Bendigamos o Pai e o Filho com o Espírito Santo, louvemo-lo pelos séculos e exaltemo-lo.

Em todos existe a imagem deste, que nos homens brilha também.

‘Mente, conhecimento, amor’ ou ‘memória, inteligência e vontade’,

Neles existe consubstancialidade em razão das propriedades, distinção em razão das operações.

Da mente ou da memória procede o conhecimento, de ambos procede

o amor.

Mente ou memória, as duas indicam a força produtiva.

Ambas essas forças existem no Pai, no Filho existe somente a segunda.

Ambas representam apenas o Pai, só a inteligência representa o Filho.

A vontade, não ela sozinha, mas ao amor unida, representa o Espírito Santo,

Pois só as potências ou delas os actos não são da Trindade a imagem.

Unidas aos actos, segundo seu ritmo, as potências mostram a Trindade Santa.

Mente ou memória, conhecimento ou inteligência, amor ou vontade com amor,

Se para Deus tendem, da Trindade são imagem perfeita, [fl. 175]

Se para si mesmos ou para iguais, fogem da razão de imagem perfeita,

Se para os a si inferiores, nelas há-de ser bem mais imperfeita a razão da Trindade.

E quanto mais para os inferiores se encaminha, tanto mais se diminuirá.

Dos mortais disseram alguns que a imagem da Trindade no corpo se afirma,

A linha, dizem, representa o Pai, a superfície o Filho, profundidade o Espírito Santo.

A linha sobre si dobrada gera a superfície, ambas sobre si dobradas produzem o corpo.

São as coisas todas muito diferentes, e de tão grande majestade dissemelhantes.

Bendigamos o Pai e o Filho com o Espírito Santo, louvemo-lo e exaltemo-lo pelos séculos.

Em tudo existe da Trindade a marca, que dos homens é também conhecida.

Tudo quanto é feito em si manifesta beleza, unidade e ordem.

Quanto é criado, tudo feito foi com conta, peso e medida.

Todo o ente conhecido é uno, verdadeiro e bom.

Pela unidade ao Pai se assemelha, assemelha-se ao Filho pela proporção,  
verdade e beleza,

Pela ordenação para o último fim, pelo peso e pela bondade conforma-se ao que é produzido pela vontade.

Não há nestes origem nem real distinção, por isso, segundo a parte é a representação.

Não se diz, pois, imagem, que do todo é, chama-se vestígio por à parte se assemelhar.

Vestígio todo singular há-de refulgir no singular Pastor.

Ele mesmo será vero Trismegisto, sim, o três vezes grande,

Ele será Senhor e Rei todo-poderoso, de todos será Sumo Pontífice,

De tudo ele será possuidor e sobre todos exercerá o direito.

Será, pois, Senhor, porque como suas conseguirá dominar as coisas.

Dirigirá tudo, tudo regerá e apascentará, será, pois, Supremo Rei.

Pois reis verdadeiros não são senão os Pastores dos povos.

Ele consagrará, abençoará e santificará, e Bendito e Santo Pontífice será.

Pela dignidade do senhorio, ele conseguirá assemelhar-se ao Pai, de quem tudo vem.

Reger ao sábio pertence, pela dignidade régia há-de demonstrar a sabedoria do Pai.

Toda a bênção e todo o dom, por direito, atributo são do Espírito Santo.

Pela sabedoria a si concedida por favor do Céu, o Pastor conterà os lobos,

Pela autoridade a si confiada dominará e harmonizará os carneiros do rebanho que com os chifres procurarão atingi-lo.

Em dragões e escorpiões converterá seus bem cruéis conflitos.

Cuidará pela força de todas as feras, a ovelhas assemelhará os animais todos.

De todos fará um rebanho só, reunido sob um só Pastor.

O Cordeiro que tira do mundo o pecado reinará para sempre e pelos séculos.

Bendigamos o Pai e o Filho com o Espírito Santo, louvemo-lo e

exaltemo-lo pelos séculos.

O Pai não é senão Deus, igualmente o Filho e o Espírito Santo.

Um não é o outro, contudo, aquilo que é um é também o outro.

Gera-se o Segundo a partir do Primeiro, de ambos eles procede o Terceiro.

Mas cada um dos Três estabelece o ser em cada um deles.

São dois os que espiram, não são, porém, dois os espiradores.

Confessamos, e bem, que três são também os que criam, e não são, contudo, três os criadores.

Em tudo são três adjectivamente, não são três, mas um, substantivamente.

Tudo isto afirmamos, para este homem ensinar.

Adjectivo não determina adjectivo, mas cada um deles aclara o substantivo.

São, pois, dois e três, não pela acção, mas determinam as próprias Pessoas.

Mas voltemos nós ao que nos ocupa e retomemos o nosso cântico:

*Kados, Kados Adonai et Sabaoth.*

*Agios, Agios, Agios Kyrios o Theos ton Stration.*

*Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus militiarum.*

Bendigamos o Pai e o Filho com o Espírito Santo, louvemo-los e bendigamo-los pelos séculos.

[fl. 176] Depois disto dizer, afirmou o anjo: Ouviste o nosso cântico que na tua presença acabámos de cantar na tua língua para saboreares, pelo menos em parte, e compreenderes, na medida da capacidade do vosso engenho, quase todos os segredos da Santíssima Trindade. Escreve-o. E o Pastor que em breve há-de vir, que já veio, mas ainda não é Pastor, dele retirará e a partir dele comporá salmos e hinos. Nalguns alterará o estilo, determinará o tempo de os cantar e, pela autoridade que lhe foi conferida,

acrescentar-lhe-á muita coisa. Mas, poucos meses depois, ir-te-ás daqui embora, dirigir-te-ás a Milão e aí dormirás no Senhor. E ouvirás este cântico na nossa língua e verás que entre um e outro há tanta diferença quanta existe entre o dia e a noite, entre a luz e as trevas, entre um corpo e a sua sombra. A vossa vida é morte, o vosso conhecimento é ignorância, a vossa luz é obscuridade. Age o melhor que puderes enquanto o teu espírito for senhor das suas forças. *Afasta-te do mal e pratica o bem.*<sup>[193]</sup> *Teme a Deus e observa os seus preceitos.*<sup>[194]</sup> Adora a Deus, venera sua Mãe. Encomenda-te a todo o colégio dos que estão aqui presentes e volta à tua gruta e confirma os teus irmãos na santa obediência.

Ditas estas coisas, depois de adorar, prestar reverência e me encomendar, encontrei-me na minha gruta. Fui recebido pelos meus irmãos com honra e amor e permaneci sem arrebatamento por vários dias.

Fim do Sétimo Arrebatamento.

## Octauus Raptus<sup>1</sup>

Vltimus raptus meus postquam cito in Domino me obdormire oportebat, secundum quod angelus sanctus mihi reuelauerat, fuit die<sup>2</sup> triduo<sup>3</sup> ante Ascensionem Domini, die Lune diluculo. Me itaque in cauerna mea deuotius solito orante, in excessu<sup>4</sup> mentis mee<sup>5</sup> in rotam illam iterum raptus fui<sup>6</sup>. Et Deum cum Regina atque solita societate, immo et ampliori uidi. Et omnes uidebantur, cum adorarem<sup>7</sup>, mihi arridere quasi dicentes:

Bene ueneris, quia cito huc uenies et foras ulterius non egredieris.

Cantabant uero angeli et coram Dei Genitrice Maria laudes longe plures solito canebant, ipsam adorantes atque magnificantes. Et omnes sancti idem faciebant. Et quia nullus mihi loquebatur et illa cantica illaque adoratio diu durabat,<sup>8</sup> in meipso ualde admirabar<sup>9</sup> atque obstupebam<sup>10</sup> cur tam diu Virginem adorarent.<sup>11</sup> Illico affuit<sup>12</sup> Gabriel meque confortauit, hec uerba dicens:

Nihil quasi de Maria euangeliste scripserunt quia satis tunc<sup>13</sup> erat promulgari ea<sup>14</sup> que ad Redemptorem, Filium eius, Christum Dominum<sup>15</sup> pertinebant, ne uideretur<sup>16</sup> superflua dicere et feminam quamdam predicare atque extollere. Qui sexus<sup>17</sup> hominibus uilis uidetur et abiectus. Quia ergo salus hominum in Christo consistebat, satis eis<sup>18</sup> uidebatur Christum hominibus annuntiare. Sed fide<sup>19</sup> iam per totum mundum et bono Christi odore sparso<sup>20</sup>, Dominus uoluit sanctos suos laudibus Matris sue insistere et circa illas occupari. Et eo modo paulatim innotuit hominibus qualiter totius corporis quod est Ecclesia, cuius caput est Christus, Maria collum extitit<sup>21</sup> ita quod nullum bonum, nullum donum, nulla gratia, nullum priuilegium a capite illo in corpus nisi per hoc mirabile collum, quod est Virgo Dei Genitrix Maria, descendit. Innotuit conceptio eius im [177] maculata, innotuit ipsius<sup>22</sup> sapientia et dum<sup>23</sup> in hac uita paruula uiueret<sup>24</sup> et dum in matris sue utero moraretur<sup>25</sup>. Nunc autem, quia Dominus<sup>26</sup> in breui precibus

---

<sup>1</sup> Octauus Raptus *JOQV*, Raptus Octauus et Vltimus *IMNP*

<sup>2</sup> die *om. Q*

<sup>3</sup> triduo *IJMNO PQ*, tertio *V*

<sup>4</sup> excessu *IJMNO PV*, extasi *Q*

<sup>5</sup> mox *add. Q*

<sup>6</sup> fui *IJMNO PV*, sum *Q*

<sup>7</sup> uidebantur, cum adorarem *JMNO PQ*, uidebamur eum adorare *I*, uidebamur, cum adorarem *V*

<sup>8</sup> et illa cantica illaque adoratio diu durabat *om. Q*

<sup>9</sup> admirabar *IJMNO PV*, mirabar *Q*

<sup>10</sup> obstupebam *IJMNO PV*, stupebam *Q*

<sup>11</sup> atque obstupebam<sup>11</sup> cur tam diu Virginem adorarent *add. in marg. a.m.K*

<sup>12</sup> affuit *IJMNO PQ*, fuit *V*

<sup>13</sup> tunc *om. Q*

<sup>14</sup> ea *IJMNO PQ*, et *V*

<sup>15</sup> Christum Dominum *om. Q*

<sup>16</sup> uideretur *IJMNO PV*, uiderentur *OQ*

<sup>17</sup> sexus *BHIJMNO PQ*, sensus *R*, secus *V*

<sup>18</sup> eis *IJMNO PV*, est *Q*

<sup>19</sup> fide *IJMNO PV*, fidem *Q*

<sup>20</sup> sparso *IJMNO PV*, asperso *Q*

<sup>21</sup> extitit *IMOPV*, existit *JNQ*

<sup>22</sup> ipsius *IJMNO PV*, eius *NOQ*

<sup>23</sup> dum *IJMNO PV*, ut *Q*

<sup>24</sup> et dum in hac uita paruula uiueret *add. KP (in marg. a.m.)*

<sup>25</sup> moraretur *IJMNO PQ*, moreretur *V*

<sup>26</sup> Dominus *IJMNO PV*, Deus *Q*

eiusdem sue Genitricis totum mundum ad cultum suum est reducturus<sup>27</sup> et colla omnium fidei iugo est subiecturus<sup>28</sup>, uult ut huius Virginis puritas, sanctitas, gratia, decus<sup>29</sup>, splendor atque magnificentia innotescat. Ideo, dilectissime, te huc aduenire uoluit ut ea que tibi dixero describas<sup>30</sup> cunctisque hominibus manifestentur a pastore qui uiuit, sed nondum regnat. Regnabit tamen<sup>31</sup>, ut tibi antequam hinc<sup>32</sup> recedas ostendatur. Et quia de ipsa Virgine multa inepte scribuntur que uera non sunt, et multa uera<sup>33</sup> pretermittuntur, tu nunc<sup>34</sup> iterum nota et<sup>35</sup> que dico de illa animaduerte. Ideo enim nunc omnes eam adoramus<sup>36</sup>, quia Deus uult eius gloriam palam facere omnibus hominibus ut eius meritis et precibus cuncti salutem et uitam sortiantur eternam. Que alio tempore dixi nunc ex parte<sup>37</sup> repetam<sup>38</sup> et quedam noua, maxime de eius assumptione in celum aperiam, excludendo multos et uulgatos errores.<sup>39</sup>

Firmiter credendum est ipsam quam Deus supra<sup>40</sup> omnes, etiam<sup>41</sup> angelos, elegit in gratia et gloria, et quam primam<sup>42</sup> post se in regno suo<sup>43</sup> esse uoluit, et per quam omne bonum et omne<sup>44</sup> donum in<sup>45</sup> homines transfundere<sup>46</sup> statuit, et quam in suam matrem elegit, numquam fuisse filiam<sup>47</sup> ire, numquam fuisse<sup>48</sup> aliquo peccato<sup>49</sup> maculatam<sup>50</sup>, numquam<sup>51</sup> neque<sup>52</sup> dum<sup>53</sup> existeret neque antequam existeret et in mente diuina uisione apprehenderetur<sup>54</sup> fuit apprehensa tamquam inimica aut gratia carens, sic quod gratia<sup>55</sup> Dei pro suo tempore quo existeret<sup>56</sup> non esset sibi concedenda. Quandocumque ergo Deus eam uidit, semper autem<sup>57</sup> uidit, numquam eam et pro nullo tempore ut inimicam<sup>58</sup> apprehendit, quod de nullo aliorum<sup>59</sup> filiorum<sup>60</sup> Ade est credendum. Et si forsitan aliqui

<sup>27</sup> reducturus *IJMNPV*, rediturus *OQ*

<sup>28</sup> subiecturus *IJNOPV*, subiugaturus *MQ*

<sup>29</sup> decus *add. M. (in marg. a. m.), om. N*

<sup>30</sup> describas *IJMNPV*, ascribas *Q*

<sup>31</sup> tamen *IJMNOQ*, idem *V*

<sup>32</sup> hinc *IJMNPV*, hic *Q*

<sup>33</sup> que *add. V*

<sup>34</sup> nunc *IJMNOQ*, autem *V*

<sup>35</sup> et *IJMPQ*, *om. N*, ut *V*

<sup>36</sup> nunc omnes eam adoramus *M (add. sup. lin. a. m. adorabamus)*, nunc omnes eam adorabamus *BIJNOPRV*, omnes adorant *Q*

<sup>37</sup> ex parte *MNOPQV*, experte *J*

<sup>38</sup> repetam *om. IV*

<sup>39</sup> De Assumptione Virginis Marie *add. V*

<sup>40</sup> supra *IJMNPV*, super *OQ*

<sup>41</sup> etiam *om. OQ*

<sup>42</sup> primam *IJMNOQ*, prima *P*, primum *V*

<sup>43</sup> suo *om. Q*

<sup>44</sup> omne *om. Q*

<sup>45</sup> omnes *add. Q*

<sup>46</sup> uoluit et *add. Q*

<sup>47</sup> fuisse filiam *JMNOPQ*, fuisse filia *I*, fuisset filia *V*

<sup>48</sup> in *add. J*

<sup>49</sup> penitus *add. Q*

<sup>50</sup> fuisse...maculatam *JMNOPQ*, fuisse...filia *I*, fuisset...maculata *V*

<sup>51</sup> numquam *om. V*

<sup>52</sup> neque *IJMNPV*, ne *Q*

<sup>53</sup> dum *add. P (in marg. a. m.)*

<sup>54</sup> apprehenderetur *IJMNOQ*, apprehenderet *V*

<sup>55</sup> sic quod gratia *OQ*, si quod summa *IJRV*, sed quod scientia *B*, si quidem sententia *H*, sic quod sententia *M*, ita quod scientia *N*, sic quod scientia *P*

<sup>56</sup> quo existeret *IJMNPV*, coexisteret *Q*

<sup>57</sup> eam *add. N*

<sup>58</sup> eam *add. V*

<sup>59</sup> aliorum *add. K (in marg. a. m.)*

concepti sint<sup>61</sup> amici et parum<sup>62</sup> ante conceptionem<sup>63</sup> purgati, ut diximus de Ioanne Baptista, nullus tamen est ex filiis Adam quem pro aliquo tempore Deus non uiderit<sup>64</sup> ut inimicum pro tunc. Aliqui ergo<sup>65</sup>, antequam orti essent, in utero erant inimici, sed in ortu et post numquam fuerunt inimici. Aliqui uero ante ortum et in ortu<sup>66</sup> et post, semper inimici permanserunt, ut qui numquam a peccato originali fuerunt purgati. Aliqui uero non solum inimici permanserunt inimicitia prima, sed etiam propria actione facti sunt inimici, addentes inimicitiam inimicitie. Aliqui item a prima inimicitia purgati fuerunt sed, in nouam incidentes, in ea<sup>67</sup> perseuerauerunt. Alii<sup>68</sup> a prima et secunda purgati, tandem<sup>69</sup> amici<sup>70</sup> ex ista uita uestra migrauerunt. Sola<sup>71</sup> Dei Genitrix pro nullo umquam<sup>72</sup> tempore inimica fuit<sup>73</sup>, sed semper amica, Deo nolente sibi<sup>74</sup> umquam iram<sup>75</sup> et semper uolente gratiam et gloriam, que tamen in quantum<sup>76</sup> filia talis patris merebatur iram<sup>77</sup> sicut et alii eius liberi.

Firmiter credendum est animam Virginis Marie creatam cum omnibus scientiis et rerum similitudinibus, sicut et nos<sup>78</sup> angelos<sup>79</sup>, et a principio sui ortus Deum cognouisse et amauisse, sed non notitia intuitiua neque uisionis, quia hoc proprium est beatorum. Ipsa tamen quandoque ipsum Deum et frequenter, dum uiueret, uidit, sed in tali uisione non perseuerauit. Tantam ergo cognitionem a principio [178] habuit quantam et nos angeli. Habuit et eo clariorem<sup>80</sup> quo Deus ipsam plus quam nos angelos diligebat.

Firmiter credendum est Mariam omnium gentium litteras et linguas et artes liberales et illiberales nouisse. Similiter<sup>81</sup> scientias speculatiuas et practicas tam actiuas quam factiuas<sup>82</sup>.

Firmiter credendum est Mariam gratia<sup>83</sup> maiori quocumque angelo uel homine<sup>84</sup> ornatam fuisse et omnibus uirtutibus supra<sup>85</sup> omnes post Filium<sup>86</sup> decoratam extitisse<sup>87</sup>,

---

<sup>60</sup> nullo aliorum filiorum *IJMNO PQ*, nulla aliarum filiarum *V*

<sup>61</sup> sint *IJMNO PV*, sunt, *Q*  
id est, nati *add. Q*

<sup>62</sup> parum *IJMNO PQ*, ipsarum *V*

<sup>63</sup> hoc est, natiuitatem *add. Q*

<sup>64</sup> uiderit *IJMNO PV*, uideret *Q*

<sup>65</sup> ut inimicum pro tunc. Aliqui ergo *IJMNPV*, ut inimicum. Aliqui ergo pro tunc *Q*, ut inimicum. Pro tunc ergo aliqui *O*

<sup>66</sup> et in ortu *om. V*

<sup>67</sup> ea *IJMNO PQ*, eam *V*

<sup>68</sup> Alii *IJMNO PQ*, Aliqui *V*

<sup>69</sup> tandem *IJMNO PV*, tamquam *Q*

<sup>70</sup> amici *IJMNO PV*, inimici *Q*

<sup>71</sup> Sola *IJMNO PQ*, Scala *V*

<sup>72</sup> umquam *IJMNO PQ*, numquam *V*

<sup>73</sup> sed semper amica Deo inimica fuit *add. V*

<sup>74</sup> sibi *om. N*

<sup>75</sup> iram *MNOQV*, ira *IJP*

<sup>76</sup> in quantum *IJMOPV*, ut *Q*

<sup>77</sup> et semper uolente gratiam et gloriam, que tamen in quantum filia talis patris merebatur iram *om. N*  
que tamen in quantum filia talis patris merebatur iram *om. IV*

<sup>78</sup> nos *om. V*

<sup>79</sup> angelos *om. N*

<sup>80</sup> Habuit et eo clariorem *IJMNPV*, Et adeo clariorem *OQ*

<sup>81</sup> Similiter *IJMNO PV*, Et etiam *Q*

<sup>82</sup> factiuas *JMNO (P sup ras. a.m.)Q*, passiuas *IV*

<sup>83</sup> gratia *IJNO PQV*, gratiam *M*

<sup>84</sup> homine *INOPQV*, hominem *JM*

<sup>85</sup> supra *IJMNO PV*, super *OQ*

<sup>86</sup> suum *add. Q*

<sup>87</sup> extitisse *IJMOPV*, fuisse *N*, stetitisse *Q*

immo plures habuit uirtutes<sup>88</sup> quam suus Filius. Habuit namque<sup>89</sup> fidem et spem quibus Christus, tamquam ab initio beatus, caruit.

Firmiter credendum est corpus Marie optime complexionis fuisse ita quod, nisi Deus uoluisset eam glorificare et complexionem non<sup>90</sup> impediisset, longe amplius quam uixit uixisset. Membra ipsius<sup>91</sup> omnia que uiro<sup>92</sup> et mulieri sunt communia erant simillima membris Christi ita ut caro unius uideretur esse<sup>93</sup> caro alterius. Fuit pulcherrima mulierum et in omnibus optime<sup>94</sup> disposita. Qualiter in trienio<sup>95</sup> in Templo Domini presentata est, qualiter ibi uixit, qualiter desponsata fuit<sup>96</sup>, qualiter ab angelo, hoc est,<sup>97</sup> me Gabriele salutata Verbum Dei concepit<sup>98</sup>, qualiter Elisabeth uisitauit et tandem<sup>99</sup> Iesum peperit<sup>100</sup>, qualiter educauit et in Templo disputantem una<sup>101</sup> cum uiro suo Ioseph inuenit, qualiter cum Ioseph aliquo tempore postea uixit, dicta sunt. Omnem statum in se habuit<sup>102</sup>. Fuit enim innupta puella, fuit<sup>103</sup> deinde nupta, fuit postmodum<sup>104</sup> uidua, fuit uirgo, fuit<sup>105</sup> et mater. Postquam autem Iesus disputauit anno duodecimo, aliqui dixerunt Ioseph defunctum et Mariam intrasse in Templum Domini et locum tenuisse<sup>106</sup> Anne prophetisse, Iesum uero ascendisse in celum et cum Patre et Spiritu Sancto usque ad quintum decimum annum<sup>107</sup> Tiberii<sup>108</sup> Cesaris superius mansisse et ciuitatem beatorum construxisse<sup>109</sup>. Vnde ipse dixit<sup>110</sup>: “Nemo ascendit in celum nisi qui<sup>111</sup> descendit de celo<sup>112</sup>”. Et ita credunt<sup>113</sup> Christum Dominum<sup>114</sup> bis in<sup>115</sup> celum<sup>116</sup> ascendisse. Sed firmiter credendum est Christum Dominum<sup>117</sup> in celum<sup>118</sup> corpore non ascendisse umquam<sup>119</sup> nisi die quadragessimo post resurrectionem suam. Ipse tamen dicitur descendisse de celo, quia deitate ubique est et in celo precipue, quia ibi se ostendit hominibus per gloriam. Descendit autem per effectum, quia carnem assumpsit

---

<sup>88</sup> uirtutes *add. P (in marg. a.m.)*

<sup>89</sup> namque *IJMNO PV*, quidem *Q*

<sup>90</sup> non *om. V*

<sup>91</sup> ipsius *IJMNO PV*, eius *Q*

<sup>92</sup> omnia que uiro *JMNOPQ*, omni uiro *IV*

<sup>93</sup> esse *om. Q*

<sup>94</sup> optime *IJMNO PV*, bene *Q*

ex tunc *add. P*

<sup>95</sup> in trienio *IJMNO PV*, post trienium *Q*

<sup>96</sup> fuit *om. Q*

<sup>97</sup> ab angelo, hoc est *om. Q*

<sup>98</sup> concepit *IJQNV*, conceperit *MOP*

<sup>99</sup> Elisabeth uisitauit et tandem *om. Q*

<sup>100</sup> qualiter Elisabeth uisitauit et tandem Iesum peperit *add. O (in marg. a.m.)*

<sup>101</sup> una *om. Q*

<sup>102</sup> in se habuit *IJMNO PQ*, inhabit *V*

<sup>103</sup> fuit *om. Q*

<sup>104</sup> postmodum *IJMNPQV*, postremo *O*

<sup>105</sup> fuit *om. MN*

<sup>106</sup> et locum tenuisse *IJMNO PV*, loco *Q*

<sup>107</sup> annum *om. V*

<sup>108</sup> Tiberii *IJMNO PQ*, Tiberis *V*

<sup>109</sup> construxisse *IJMNO PQ*, constituisse *V*

<sup>110</sup> dixit *IJMNO PV*, ait *Q*

<sup>111</sup> qui *om. I*

<sup>112</sup> Filius Hominis qui est in celo *add. Q*

<sup>113</sup> credunt *IJMNPV*, crediderunt *O*, credere *Q*

<sup>114</sup> Dominum *om. Q*

<sup>115</sup> in *IJMNO PV*, ad *Q*

<sup>116</sup> celum *IJMOPQV*, celos *N*

<sup>117</sup> Dominum *om. Q*

<sup>118</sup> celum *om. P*

<sup>119</sup> umquam *om. Q*

et seipsum exinaniuit et humiliavit<sup>120</sup>. Ascendit uero, quia corpus suum illuc in gloriam<sup>121</sup> transuexit. Vnde sequitur: “Filius Hominis qui est in celo”. Semper enim erat<sup>122</sup> in celo qui de loco<sup>123</sup> non transit<sup>124</sup> ad locum. Et ille idem<sup>125</sup> descendit, quia humanatus est. Deinde ascendit in corpore a se assumpto. Tamen Dominus Iesus illo tempore mystice fuit in celo, quia apud solum<sup>126</sup> Patrem pro uobis<sup>127</sup> operabatur<sup>128</sup> et merebatur<sup>129</sup> et opera eius atque merita non agnoscebantur apud homines sicut postea fuerunt agnita quando publice predicabat,<sup>130</sup> miracula<sup>131</sup> faciebat et se Deum publicabat<sup>132</sup>. Semper ergo ipse ciuitatem supernam pro uobis hominibus<sup>133</sup> construebat meritis suis preclarissimis. Et Maria mater eius erat secum ut plurimum.

Neque uerum<sup>134</sup> est ut<sup>135</sup> Anna prophetissa usque ad illud tempus uixisset neque quod<sup>136</sup> Ioseph tunc<sup>137</sup> mortuus esset<sup>138</sup>, sed custodiuit Mariam usque ad baptismum Christi et conuersionem ac familiaritatem Marie<sup>139</sup> Magdalene et Marthe sororis sue<sup>140</sup>, quibus Dominus [179] matrem suam comendauit iam existentem uiduam, quia ille<sup>141</sup> status<sup>142</sup> sibi deficiebat. Et in illo statu orbata est filio suo ita quod<sup>143</sup> inuenta est simul sine marito et sine filio et antea pupilla<sup>144</sup> fuerat<sup>145</sup> et orphana.

Ioseph ergo senex annorum circiter septuaginta sex migravit et appositus est plenus sanctitate et iustitia et omni uirtute et gratia<sup>146</sup> ad patres suos quibus annuntiauit<sup>147</sup> qualiter factum erat uerbum Domini super Ioannem, Zacharie filium, in deserto et predicabat baptismum penitentiae in remissionem peccatorum et qualiter Christus Dominus ab eo baptizari uoluit et ipse quoque predicare<sup>148</sup> ceperat et iam discipulos<sup>149</sup> congregabat et multa miracula faciebat. Tunc omnes sancti Patres et sancte Matres ualde exultauerunt et letati<sup>150</sup> sunt in Deum Viuum<sup>151</sup> et ipsi Ioseph, tamquam nutricio Domini maritoque Genitricis Dei et custodi, locum dederunt ipsumque non solum Adam, Seth,

<sup>120</sup> et humiliavit *IJMNO PV*, humiliando *Q*

<sup>121</sup> gloriam *JMQV*, gloria *INOP*

<sup>122</sup> enim erat *IJMNO PV*, erit *Q*

<sup>123</sup> loco *IJMNO P*, celo *QV*

<sup>124</sup> transit *IJMNO P*, transuexit *Q*, transiit *V*

<sup>125</sup> idem *IJMNO PV*, inde *Q*

<sup>126</sup> solum *JJMNO PV*, suum *Q*

<sup>127</sup> uobis *JMNO PQV*, nobis *I*

<sup>128</sup> operabatur *JM (N add. sup. lin.) OPQ*, cooperabatur *I*, comprobatur *V*

<sup>129</sup> merebatur *IJMNO QV*, morabatur *P*

<sup>130</sup> docebat *add. M (sup. lin. a. m.) OQ*

<sup>131</sup> miracula *JJMNO PV*, miranda *Q*

<sup>132</sup> publicabat *IJMNO QV*, predicabat *P*

<sup>133</sup> hominibus *om. Q*

<sup>134</sup> uerum *om. IV*

<sup>135</sup> ut *IJMNO V*, quod *PQ*

<sup>136</sup> quod *om. Q*

<sup>137</sup> tunc *om. IQ*

<sup>138</sup> esset *IJMNO PV*, fuisset *Q*

<sup>139</sup> Marie *om. IV*

<sup>140</sup> sue *IJMNO PV*, eius *Q*

<sup>141</sup> ille *IJMNO PV*, iste *Q*

<sup>142</sup> status *IJMNO QV*, statim *P*

<sup>143</sup> ita quod *IJMNO PV*, itaque *Q*

<sup>144</sup> pupilla *IJMNO PV*, puella *Q*

<sup>145</sup> fuerat *IJMNO PQ*, fuit *V*

<sup>146</sup> et iustitia et omni uirtute et gratia *add. M (in marg. a. m.)*

<sup>147</sup> quibus annuntiauit *IJMOP QV*, qui annuntiauit patribus suis *N*

<sup>148</sup> uoluit et *add. Q*

<sup>149</sup> suos *add. P*

<sup>150</sup> letati *IJMNO QV*, letate *P*

<sup>151</sup> Deum Viuum *JMNO PQ*, Deum unum *I*, Dominum unum *V*

Abel et Noe<sup>152</sup>, sed ipse Abraham, Moyses ac Dauid<sup>153</sup> uenerabantur. Magnus est apud Deum nostrum<sup>154</sup> Ioseph ille. Tota celestis curia ipsum tamquam thesauri Christi Domini custodem<sup>155</sup> et ministrum fidelissimum honorat, colit et ueneratur. Oportet ut et uos eum honoretis et officium eius<sup>156</sup> solemnitus celebretis<sup>157</sup>. Et hic pontifex, qui nunc est, incipiet. Sed ille qui postea sedebit et nunc inter uos simpliciter incognitus ambulat perficiet et complebit. Ioseph ergo ablatus fuit eo tempore ad hoc ut Maria Virgo uidua remaneret et fructum non solum trigessimum<sup>158</sup>, sed etiam sexagesimum<sup>159</sup> afferret et toti Ecclesie mereretur et omnem statum honoraret et uirginalem et matrimonialem et uidualem et esset caput<sup>160</sup> et spes atque unicum refugium uirginum, nuptiarum et uiduarum. Sed ante obitum sanctissimi Ioseph<sup>161</sup>, singulis annis et festis, Maria cum Iesu, Iosephque committante, in Ierusalem ascendebant, doctores et sacerdotes qui credebant confortantes et exhortantes. Sed nolebat<sup>162</sup> Dominus<sup>163</sup> Iesus aperte predicare sicut postea fecit, quia omnia secundum dispositionem Prouidentie Diuine et secundum<sup>164</sup> prophetarum oracula et testimonia faciebat et exercebat et in etate condecens<sup>165</sup> ut etiam posteris<sup>166</sup> exemplum preberet.

Maria ergo<sup>167</sup> interfuit nuptiis Ioannis Euangeliste et deinde assidue conuersabatur cum sororibus Lazari, defuncto Ioseph, et manebat ut plurimum in Bethania. Et de passione Christi futura, quam preuidebat<sup>168</sup>, semper doluit. Sed tanto magis dolebat quanto eam<sup>169</sup> propinquiorem<sup>170</sup> inspiciebat<sup>171</sup>. Et quando eius dolores, hoc est, unigeniti Filii<sup>172</sup> sui<sup>173</sup> uidit et aspexit et obprobria et ignominias, ualde tristabatur et de malo Filii et de nimia ingratitude et ignorantia et impietate atque crudelitate hominum et de damnatione ipsorum. Multa ergo dolorem eius augebant sicut et Filii sui, non obstante quod salutem humani generis ualde cuperet et desideraret<sup>174</sup>. Sed illud non diminuere dolorem quando cogitabat etiam sine tali passione humanum genus redimi<sup>175</sup> posse<sup>176</sup>. Immo uidebat sufficere ad hoc promptam uoluntatem Filii sui se offerentis absque ulla executione. Videbat quoque illos mala [180] intentione penam Filio suo inferre. Valde

<sup>152</sup> non solum Adam, Abel, Seth et Noe *IJMNO*, non solum Adam sed Abel et Noe *PQ*, non solum Adam sed etiam et Noe *V*

<sup>153</sup> ualde *add. Q*

<sup>154</sup> Deum nostrum *IJNOPQ*, Deum Viuum *M*, Dominum nostrum *V*

<sup>155</sup> thesauri Christi Domini custodem *IJMNOPIV*, thesaurum Domini nostri Christi Jesu custodem *Q*

<sup>156</sup> Oportet ut et uos eum honoretis et officium eius *IJMNOPIV*, Oportet uos eum honorare et oportet ut uos officium eius *Q*

<sup>157</sup> solemnitus celebretis *IJMNOQV*, solemniter decantetis *P*

<sup>158</sup> et centesimum *add.M (in marg. a. m.) O*

<sup>159</sup> sed etiam sexagesimum *om. Q*

<sup>160</sup> et esset caput *add.P (in marg. a. m.)*

<sup>161</sup> sanctissimi Ioseph *IJMNOPIQ*, sanctissimum, Ioseph *V*

<sup>162</sup> nolebat *IJMNOQV*, uolebat *P*

<sup>163</sup> Dominus *om. N*

<sup>164</sup> secundum *om. IV*

<sup>165</sup> condecens *IMNOPQV*, condecens *J*

<sup>166</sup> posteris *JMNOPQ*, pastoris *IV*

<sup>167</sup> ergo *om. Q*

<sup>168</sup> Et de passione Christi futura, quam preuidebat *IJMNOPIV*, Et de passione futura preuidebat *Q*

<sup>169</sup> eam *IJMNOQV*, postea *P*

<sup>170</sup> propinquiorem *IJMNOPIQ*, propinquare *V*

<sup>171</sup> inspiciebat *IJMNOPIV*, cernebat *Q*

<sup>172</sup> Filii *om. V*

<sup>173</sup> Et quando eius dolores, hoc est, unigeniti Filii sui *IJMNOPIV*, Et quando dolores unigeniti Filii sui *Q*

<sup>174</sup> desideraret *IJMNOPIQ*, desiderabat *V*

<sup>175</sup> redimi *IJMNOQV*, redemi *P*

<sup>176</sup> posse *IJNOQ*, posset *MPV*

itaque doluit de tam atroci, ignominiosa et iniqua Filii sui passione. Sed in eius quoque<sup>177</sup> resurrectione<sup>178</sup> exultauit supra<sup>179</sup> omnes.

Firmiter namque tenendum est Christum Dominum ante omnes alios matri sue apparuisse ipsamque confortasse atque gaudio et exultatione summa impleuisse<sup>180</sup> et antequam ad celos ascenderet, quod<sup>181</sup> eam secum non duceret se excusasse quia oportebat eam in uita mortali remanere et secreta sue conceptionis et natiuitatis Paulo, Luce, Dionisio, Ignatio multisque aliis reuelare et manifestare et pusilanimes confortare et discipulos aliosque credentes admonere et uiam Dei<sup>182</sup> docere.

Dixitque Dominus matri sue quando ad celos ascendere uolebat: “Ecce, mater mea dulcissima, Filium tuum Iesum uides extra omnem dolorem et<sup>183</sup> laborem<sup>184</sup>, extra omnem miseriam et calamitatem. Ecce ipsum cernis letissimum et iucundissimum, uiuum uita immortalis, impassibili et gloriosa. Data est mihi, Genitrix mea, omnis potestas in celo et in terra. Factus sum Dominus uniuersorum. Angeli omnes et Archangeli, Principatus et Potestates, Virtutes et Dominationes, Troni, Cherubin et Seraphin subiciuntur mihi. Et tu eris ante omnes iuxta me et iuxta solium Sanctissime Trinitatis sicuti quando me concepisti et peperisti, suauissima mater, uidisti et audisti et experta es. Et mihi, Filio tuo, summe<sup>185</sup> placeret ut in<sup>186</sup> regnum istud nostrum simul intrarem, simul illud possideremus, simul regnarem. Sed propter apostolos et alios discipulos presentes et futuros Prouidentia Diuina decreuit ut tu in ista uita adhuc<sup>187</sup> remaneas propter consolationem fidelium. Veniet ad fidem Paulus, ueniet areopagita Dionisius, uenient plurimi alii quos tu confortabis et corroborabis. Et Luce et Ignatio et aliis, prout oportuerit, que de me nosti reuelabis. Et pro tepidis fidelibus multa merita accumulabis.<sup>188</sup> Ego te numquam deseram diuinitate, tecum assidue ero in isto sacramento panis et uini. Et meum corpus<sup>189</sup> atque me totum ibi oculis tue mentis sepissime et quotiens placuerit et opus fuerit offeram et ostendam. Videbis me Filium tuum etiam corpore presentem tibi et numquam te derelinquentem. Commendo tibi fratres meos apostolos et Magdalenam teque ipsis committo<sup>190</sup>. Ascendo ecce ad Patrem meum et Patrem uestrum, Deum meum et Deum uestrum.<sup>191</sup>

Ioannes, accede huc. Magdalena, appropinqua<sup>192</sup> ad me. Matrem meam uobis committo, Genitricem meam carissimam<sup>193</sup> uobis commendo. Seruite sibi et obsequia prestate opportuna, nam et ipsa mihi tanto tempore seruiuit meque cum tanto amore et diligentia educauit, in Egiptum et de Egipto associauit et quasi in omni itinere<sup>194</sup> comitata est. Multa pro me pertulit. Vos etiam pro ipsa<sup>195</sup> mei gratia et sui

<sup>177</sup> quoque *IJMOPQV*, etiam *N*

<sup>178</sup> resurrectione *IJMNOPIV*, resurrectionem *Q*

<sup>179</sup> supra *IJNOPV*, super *MQ*

<sup>180</sup> ipsamque confortasse atque gaudio et exultatione summa impleuisse. *om. Q*

<sup>181</sup> quod *IJMNOPIQ*, quia *V*

<sup>182</sup> Dei *IJMNOPIV*, Domini *Q*

<sup>183</sup> dolorem et *om. Q*

<sup>184</sup> extra omnem dolorem *om. V*

laborem *add. M (sup. lin. a.m.), om. IN*

<sup>185</sup> summe *IJMNOPIV*, ualde *Q*

<sup>186</sup> in *om. N*

<sup>187</sup> adhuc *om. Q*

<sup>188</sup> Et pro tepidis fidelibus multa merita accumulabis. *om. Q*

<sup>189</sup> diuinitate tecum assidue ero in isto sacramento panis et uini. Et meum corpus *IJMNOPIV*, diuinitate tecum semper ero, in isto sacramento panis et uini meum corpus *Q*

<sup>190</sup> committo *IJMNOPIV*, commendo *Q*

<sup>191</sup> Iesus ad Ioannem et Magdalenam *add. Q*

<sup>192</sup> huc *add. N*

<sup>193</sup> carissimam *om. N*

<sup>194</sup> in omni itinere *IJMNV*, in omnia itinera *P*, in omni meo itinere *OQ*

amore perferre uelitis<sup>196</sup>. Eam curam<sup>197</sup> de ipsa habetote qualem ipsa de me habuit. Veneramini<sup>198</sup> et obseruate eam. Mater Domini uestri est et Saluatoris, Genitrix Dei est<sup>199</sup> omnium plasmatoris.”

Et coram omnibus com [181] plexans<sup>200</sup> eam brachiis uenerabilibus et sancta labia ori suo imprimens, cunctis qui aderant pre deuotione et gaudio<sup>201</sup> lacrimas<sup>202</sup> effundentibus<sup>203</sup>, dixit:

Regina celorum<sup>204</sup> et Domina angelorum et omnium hominum es<sup>205</sup>. Letare. Ego enim sum Iesus ille Filius tuus quem concepisti et in<sup>206</sup> sancto utero portasti, tam delicate et<sup>207</sup> diligenter educasti et supra<sup>208</sup> omnes semper amasti, quem afflictum, sputis deturpatum<sup>209</sup> et proprio sanguine<sup>210</sup> uidisti, quem flagellis cesum, spinis coronatum<sup>211</sup>, clauis confixum aspexisti. Hec est caro tua, hec<sup>212</sup> ossa tua<sup>213</sup>, hic sanguis tuus. Vale, mater sanctissima atque pientissima<sup>214</sup>.

Tunc Maria dixit: Cor meum et caro mea exultauerunt in Deum Viuum<sup>215</sup>. Anima mea te Deum meum<sup>216</sup> magnificat<sup>217</sup>. Spiritus meus in te<sup>218</sup> Deo salutari<sup>219</sup> meo gaudet nimium<sup>220</sup> et letatur. Cuperem et ego, carissime fili, tecum iam assidue uiuere, morari et conuersari et in gloria celesti lumen incircumscriptionis uidere. Nullum tamen recuso laborem, fiat uoluntas tua. Remanebo, curam omnium habere conabor, docebo quos<sup>221</sup> oportuerit, secreta tua reuelabo quibus et quando et quantum opus fuerit. Ioannem ut<sup>222</sup> Filium, Magdalenam ut<sup>223</sup> sororem complectar<sup>224</sup>. Mandata tua non preteribo, custodiam omnia et adimplebo, pro toto populo Dei orabo laudesque Domino<sup>225</sup> pro omnibus decantabo. Confortabo<sup>226</sup> presentes apostolos<sup>227</sup>, Petrum uicarium tuum et reliquos

---

<sup>195</sup> pro ipsa *om. V*

<sup>196</sup> uelitis *IJMNO PV*, ualetis *Q*

<sup>197</sup> Eam curam *IJMNO PQ*, Et cura *V*

<sup>198</sup> Veneramini *IJMNO PQ*, Veneremini *V*

<sup>199</sup> est *IJMNO QV*, et *P*

<sup>200</sup> complexans *JMNP*, complexens *I*, amplexans *OQ*, complectens *V*

<sup>201</sup> pre deuotione et gaudio *IJMNO PV*, deuotionis gaudio *Q*

<sup>202</sup> lacrimas *IJMNO PQ*, lacrimis *V*

<sup>203</sup> effundentibus *IJMNO PV*, fundentibus *Q*

<sup>204</sup> es *add. IMNO*

<sup>205</sup> es *om. Q*

<sup>206</sup> in *om. Q*

<sup>207</sup> delicate et *om. Q*

<sup>208</sup> supra *IJMNPV*, super *OQ*

<sup>209</sup> deturpatum *IJMNO PQ*, deturbatum *V*

<sup>210</sup> et proprio sanguine *om. Q*

<sup>211</sup> flagellis cesum, spinis coronatum *IJMNO PQ*, flagellis cum spinis coronatum *V*

<sup>212</sup> sunt *add. V*

<sup>213</sup> hec ossa tua *om. Q*

<sup>214</sup> pientissima *IJMNO P*, sapientissima *QV*

<sup>215</sup> Viuum *IJMNO PV*, meum *Q*

<sup>216</sup> meum *om. Q*

<sup>217</sup> magnificat *IJMNO P*, glorificat *V*

<sup>218</sup> te *om. IV*

<sup>219</sup> salutari *om. N*

<sup>220</sup> nimium *om. Q*

<sup>221</sup> quos *NO PQV*, quo *I*, que *JM*

<sup>222</sup> ut *IJMNO P*, in *Q*, *om. V*

<sup>223</sup> ut *IJMNO PV*, in *Q*

<sup>224</sup> complectar *IJMNO PQ*, complector *V*

<sup>225</sup> Domino *IJMOP QV*, Deo *N*

<sup>226</sup> omnes *add. Q*

<sup>227</sup> tuos *add. N*

omnes et eos similiter<sup>228</sup> qui postea uenturi sunt. Gratias ago quia me etiam presentia corporali non derelinquis. Videbo te namque in sacramento, ubi manes modo corporeis oculis<sup>229</sup> inuisibili<sup>230</sup>, sed oculo mentis manifestus et uisibilis. Abscedes a me neque tamen discedes a me.<sup>231</sup> Ad Patrem ibis et mecum iugiter manebis. Celos celorum penetrabis<sup>232</sup> et mecum terrenum hunc globum inhabitabis<sup>233</sup>. Benedic mihi, Deus meus, benedic mihi, Domine meus<sup>234</sup>, benedic mihi suauissime fili mi<sup>235</sup>.

Ad quam Dominus: Diu est quod tibi<sup>236</sup> Pater meus benedixit simul cum Verbo suo et Spiritu Paraclito. Semper enim<sup>237</sup> benedicta fuisti et nulli umquam maledictioni subiecta extitisti<sup>238</sup>. Omnem gratiam que Dei matrem habere decet habuisti. Nil tibi aliud quam beatitudo eterna conferri potest et corporis immortalitas<sup>239</sup> cum aliis dotibus. Benedicta sis sicut et es mater mea omni benedictione<sup>240</sup>. Sed et tu mihi Filio tuo benedicas, Genitrix<sup>241</sup> dulcissima.

Maria dixit: Deus es. Ad te benedicere spectat. In quantum tamen Filius meus es, minor me aliquo modo<sup>242</sup> es. Ideo, ut aliquo modo<sup>243</sup> maior, tibi benedico, fili mi, hoc est, benedictum predico omnibus et benedictionem tuam annuntio uniuersis<sup>244</sup> uiuentibus presentibus et futuris, quia non est benedictio ulla sine te<sup>245</sup>, Salvatore et Redemptore omnium hominum<sup>246</sup>, sed meo<sup>247</sup> precipue. Nullum enim magis saluasti neque magis redemisti quam me. Te igitur sicut Deum meum, Redemptorem meum, Salvatorem meum benedico et in eternum<sup>248</sup> magnifico.

Tunc accersito Petro, dixit Dominus Iesus: Petre<sup>249</sup>, diu est quod tibi claues regni celorum tradere promisi. Due sunt, non una. Vtramque tibi nuper dedi, utramque iterum coram his<sup>250</sup> omnibus discipulis meis et fratribus meis<sup>251</sup> tibi tribuo ut possis scire, cognoscere [182] et examinare ac etiam sententiam dare, decidere ac declarare. Esto princeps fratrum tuorum. Incuruentur ante te filii matris tue. Gregem meum<sup>252</sup> tibi

---

<sup>228</sup> similiter *om. Q*

<sup>229</sup> oculis *IJMPQV*, omnibus *N*

<sup>230</sup> inuisibili *IJMNO P*, inuisibilis *QV*

<sup>231</sup> Abscedes a me neque tamen discedes a me. *om. Q*

<sup>232</sup> penetrabis *IMOPQ*, inhabitabis *N*

<sup>233</sup> Celos celorum penetrabis et mecum terrenum hunc globum inhabitabis. *add. M (in marg. a. m.), om. IJV*

<sup>234</sup> Benedic mihi, Deus meus, benedic mihi, Domine meus *add. P (in marg. a. m.)*

benedic mihi, Domine meus *om. KQ*

<sup>235</sup> suauissime fili mi *V*, suauissime fili meus *IJMO (P sup. ras.)*, suauissime filius meus *N*, *om. Q*

benedic mihi suauissime fili meus *add. K (in marg. a. m.)*

<sup>236</sup> tibi *om. V*

<sup>237</sup> et pro semper *add. M (in marg. a. m.) NOQ*

<sup>238</sup> extitisti *IJMOPV*, fuisti *N*, stetisti *Q*

<sup>239</sup> immortalitas *IJMNO PQ*, mortalitas *V*

<sup>240</sup> plena *add. I*

<sup>241</sup> sanctissima et *add. V*

<sup>242</sup> aliquo modo *om. V*

<sup>243</sup> aliquo modo *IJMNO PV*, in aliquo *Q*

<sup>244</sup> uniuersis *IJMNO PV*, omnis *Q*

<sup>245</sup> te *om. Q*

<sup>246</sup> hominum *om. Q*

<sup>247</sup> meo *IJMNO PQ*, modo *OV*

<sup>248</sup> in eternum *IJMNO PQ*, maximum *V*

<sup>249</sup> Dominus Iesus: "Petre *IJMNO QV*, Dominus Iesus Petro *P*

<sup>250</sup> utramque iterum coram his *JMO*, utramque iterum tibi coram his *HN*, utramque tibi coram his *PQ*, utramque iterum coram tibi his *IV*

<sup>251</sup> et fratribus meis *om. V*

<sup>252</sup> meum *IJMNO QV*, tuum *P*

committo, oues meas tibi do et commendo. Tue sint<sup>253</sup>. Esto earum dominus. Pasce omnes agnos meos medio aliorum, hoc est, ouium<sup>254</sup>. Pasce agnos<sup>255</sup> tu absque medio, pasce etiam oues meas. Oues enim sunt doctores, predicatorum, prelati et omnes episcopi regesque ac principes qui lacte scientie et lacte exemplaris<sup>256</sup> uite agnos pascunt et nutriunt. Agni sunt qui solum docentur et nutriuntur<sup>257</sup>. Tu itaque pasces<sup>258</sup> agnos medio ouium tuarum quas<sup>259</sup> institues ad pascendum gregem. Pasce nihilominus et tu agnos tuos sine tali medio. Quecumque enim ipse oues facere possunt<sup>260</sup> et tu<sup>261</sup> facere poteris. Pasce tandem<sup>262</sup> et ipsas oues. Quia ergo pastor es, uere rex es. Nil enim aliud est regere homines nisi eos<sup>263</sup> pascere. Et pascere est regere. Pastor ergo rex est et rex est pastor<sup>264</sup>. Et ueri reges nil aliud sunt quam pastores. Tu ergo non solum dominus propter oues proprias eris, sed etiam rex eris. Et quia quecumque super terram solueris aut ligaueris etiam in celo<sup>265</sup> erit solutus aut ligatus, cuicumque benedixeris erit benedictus, cui<sup>266</sup> maledixeris erit maledictus, consecrabis, benedices, sanctificabis et eos qui hec<sup>267</sup> sub te facient<sup>268</sup> institues et ordinabis. Et ideo summus sacerdos et maximus pontifex eris. Peccatores, Petre, tibi commendo, pro quibus reducendis, sanctificandis<sup>269</sup> et saluandis multa perpressus sum. Recordare, Petre, quia et tu multotiens peccasti. Compatere peccator peccatori, homo homini, cinis cineri, puluis pulueri. Nullum a penitentia excludas, nulli uiam reconciliationis precludas<sup>270</sup>. Mansuetus et modestus atque mitis esto peccatoribus. Nullum spernas<sup>271</sup>, nullum abhorreas<sup>272</sup>, nullum abiicias<sup>273</sup>. Te pastorem ouium<sup>274</sup> tamquam firmiorem, solidiorem, feruentiorem et humaniorem<sup>275</sup> et tamquam illum qui infirmis<sup>276</sup> compati poteris, quia<sup>277</sup> et ipse infirmus fuisti, instituo. Discretionem et circumspectionem<sup>278</sup> gubernabis omnia, confortabis, monebis, hortaberis, argues, reprehendes, corripies et castigabis. Virtutes atque merita ouium tuarum et agnorum tuorum considerabis et equa lancee<sup>279</sup> ponderabis<sup>280</sup>. Cetera te cito uenturus Spiritus Sanctus docebit pariter cum omnibus his<sup>281</sup>.

<sup>253</sup> sint *IJMNO PV*, sunt *Q*

<sup>254</sup> medio aliorum, hoc est, ouium *om. Q*

<sup>255</sup> meos *add. V*

<sup>256</sup> exemplaris *IJMNO PV*, exemplorum *Q*

<sup>257</sup> et nutriuntur *om. V*

<sup>258</sup> pasces *IJMNO P*, pasce *QV*

<sup>259</sup> quas *IJMNO PQ*, quarum *V*

<sup>260</sup> possunt *IJMOPQV*, poterunt *N*

<sup>261</sup> tu *om. I*

<sup>262</sup> tandem *IJMNO PV*, tamen *Q*

<sup>263</sup> eos *IJMNO PV*, filios *Q*

<sup>264</sup> est *add. J*

et rex est pastor *om. Q*

<sup>265</sup> celo *IJMOPV*, celis *N*, celum *Q*

<sup>266</sup> cui *IJMOPQV*, cuicumque *N*

<sup>267</sup> hec *om. IV*

<sup>268</sup> facient *IJMNO PV*, faciant *Q*

<sup>269</sup> sanctificandis *om. IV*

<sup>270</sup> precludas *IJMNO PQ*, precludes *V*

<sup>271</sup> spernas *IJMNO PV*, aspernas *Q*

<sup>272</sup> nullum abhorreas *om. Q*

<sup>273</sup> abiicias *NOPV*, abhitas *IJM*, eiicias *Q*

<sup>274</sup> ouium *IJMNOQV*, omnium *P*

<sup>275</sup> humaniorem *IJMNPQV*, humiliorem *O*

<sup>276</sup> infirmis *IJMNO PV*, infirmos *Q*

<sup>277</sup> quia *IJMNPQV*, quod *O*

<sup>278</sup> Discretionem et circumspectionem *IJMNO P*, Discretionem et circumspectionem *Q*, Discretionem et circumspectionem *V*

<sup>279</sup> lancee *IJMNO V*, lancee *PQ*

Et hec<sup>282</sup> dicendo<sup>283</sup>, Petrum coram se genuflexum amplexatus atque osculatus, Ioannem uocauit sibi que matrem iterum<sup>284</sup> commendauit. Andream et Iacobum utrumque cum<sup>285</sup> Thoma, Simone, Thadeo, Philipo, Matheo, Bartholomeo<sup>286</sup> similiter allocutus<sup>287</sup> est. Et que super eos uentura erant annuntiauit. Similiter et discipulos alios, presertim Lucam et Marcum et Barnabam, quem cum Paulo assumpturus erat<sup>288</sup> ad apostolatam, conuocauit<sup>289</sup>. Omnibus futura super eos denuntiauit<sup>290</sup> et quid facturi et quid passuri forent<sup>291</sup> intimauit. Omnes singillatim<sup>292</sup> amplexatus est atque osculatus omnibusque benedicebat.

Erant ibi multe mulieres que ipsum secute [183] fuerant, sed precipue Maria Salome et Maria Alpei a marito siue Iacobi a filio. Nam Maria Salome fuit uxor Zebedei et numquam nominatur a marito, sed tantum a patre. Maria Alpei nominatur a marito<sup>293</sup>. Illa<sup>294</sup> eadem<sup>295</sup> uocatur Maria Iacobi uidelicet<sup>296</sup> Minoris qui fuit filius suus. Illa eadem appellatur<sup>297</sup> Maria Cleophe a patre. Omnes he mulieres et plures<sup>298</sup> alie ibi<sup>299</sup> aderant, inter quas erant due Marie, ambe Magdalene, ambe Domini Iesu untrices<sup>300</sup>. Sed una fuerat peccatrix in ciuitate, altera obsessa a septem spiritibus malignis. Vtramque Dominus diligebat, sed illam<sup>301</sup> sororem Lazari super<sup>302</sup> omnes. Erat enim feruentissima zelatrix Christi Domini et omnium operum eius. Ipsaque cum Martha, sorore sua, ultra omnes de facultatibus suis ministrabat<sup>303</sup> Christo<sup>304</sup> Domino et matri eius et omnibus discipulis. Omnibus ergo etiam mulieribus benedicens, has duas Marias untrices<sup>305</sup> suas aduocauit et qualiter longo tempore de ipsis duabus in Ecclesia Christi foret decertatio indicauit an fuerint<sup>306</sup> due mulieres uel una solum<sup>307</sup>. Et tandem tempore illo felici pastoris felicissimi hec<sup>308</sup> ueritas ostendetur et quod fuerunt<sup>309</sup> due declarabitur et

---

<sup>280</sup> ouium tuarum et agnorum tuorum considerabis et equa lancee ponderabis *IJMNOPIV*, ouium tuarum considerabis similiter et agnorum tuorum equa lancee ponderabis. *Q*

<sup>281</sup> his *IJMNOPIV*, iis *Q*

<sup>282</sup> hec *IJMNPQV*, hoc *O*

<sup>283</sup> dicendo *IJMNOPI*, dicens *QV*

<sup>284</sup> iterum *om. V*

<sup>285</sup> cum *om. V*

<sup>286</sup> cum Thoma, Simone, Thadeo, Philipo, Matheo, Bartholomeo *IJMNPV*, Thomam, Simonem, Thadeum, Philipum, Mattheum, Bartholomeum *OQ*

<sup>287</sup> allocutus *IJMNOPIV*, locutus *Q*

<sup>288</sup> erat *om. P*

<sup>289</sup> conuocauit *IJMNOPIQ*, uocauit *V*

<sup>290</sup> denuntiauit *IJMPIV*, annuntiauit *NOQ*

<sup>291</sup> forent *IJMOPV*, erant *N*, fore *Q*

<sup>292</sup> singillatim *IJMNPQV*, singulatim *O*

<sup>293</sup> siue Iacobi a filio *add. Q*

<sup>294</sup> namque *add. Q*

<sup>295</sup> eadem *IJMNOQV*, etiam *P*

<sup>296</sup> uidelicet *om. Q*

<sup>297</sup> appellatur *IJMNOPIV*, uocatur *Q*

<sup>298</sup> plures *om. Q*

<sup>299</sup> alie ibi *add. K (in marg. a.m.)*

<sup>300</sup> untrices *IJMNOPIQ*, nutrices *V*

<sup>301</sup> illam *IJMNOPIQ*, illa *V*

<sup>302</sup> super *IJMNOV*, supra *P*

<sup>303</sup> ministrabat *IJMNPQV*, ministrabant *O*

<sup>304</sup> Christo *om. V*

<sup>305</sup> untrices *IJMNOPIQ*, nutrices *V*

<sup>306</sup> fuerint *JMNOPIQ*, fuerunt *IV*

<sup>307</sup> foret decertatio indicauit, an fuerint due mulieres uel una solum. *IJMNOPIV*, fuerit decertatio an uel una uel due fuerint, indicauit *Q*

<sup>308</sup> hec *MNOP*, *om. Q*, huius *IIV*

<sup>309</sup> fuerunt *IJMNOPIV*, fuerint *Q*

quod una peccatrix in ciuitate, altera a demonibus obsessa, nullo tamen uitio notabili subiecta. De hac alias tibi multa dixi.

Christus itaque Dominus utramque Magdalenam uocauit et utrique benedixit, utramque confortauit et sorori Lazari Mariam matrem suam similiter et Marthe atque Lazaro commendauit. Non quia indigeret eorum auxilio, sed ut ipsi, sibi<sup>310</sup> ministrantes et obsequentes, merita accumularent et ut eam associarent et eius exempla sequerentur. O quantum profuit ipsi Ioseph uiro suo conuersatio Marie! Quamuis enim esset iustus et bonus, propter tamen conuersationem Marie factus est perfectus et in omni uirtute excellens. Maria enim erat omnibus cum ea conuenientibus<sup>311</sup> tamquam quidam ignis acutus, penetrans diuino amore corda omnium<sup>312</sup>, inflamans et incendens, purificans et abstergens, illuminans, omnia mala consumans<sup>313</sup> et omnia in<sup>314</sup> Deum aliquo modo conuertens. O quantum profuit Magdalene, Marthe et Lazaro, Luce et Ignatio atque beato<sup>315</sup> Dionisio et omnibus qui cum ea conuersabantur. Ignitum erat eloquium eius uehementer<sup>316</sup>, sermo pretiosus erat<sup>317</sup> in ore suo. Imitabilem<sup>318</sup> se prebebat omnibus, speculum nitidum erat in quo cuncti se inspiciebant<sup>319</sup>. Vox eius dulcis<sup>320</sup> super mel et fauum, pedes<sup>321</sup> graues et omnino gressus<sup>322</sup> eius modesti, gestus maturi<sup>323</sup>, nil reprehensibile, omnia diuina erant. Commendauit<sup>324</sup> ergo Dominus<sup>325</sup> ipsis matrem suam ut uestigiis eius inhererent et eius exempla sequerentur et, pauca tribuentes, plurima reciperent<sup>326</sup>.

Tandem congregati sunt cum Maria Domini<sup>327</sup> Genitrice omnes apostoli et discipuli et sancte mulieres in monte Oliueti, die quadragesima post Domini resurrectionem, hora quasi sexta. [184] Erat dies Iouis, ut uos dicitis, et quinta dies<sup>328</sup> mensis<sup>329</sup> Maii. Et tunc Dominus Iesus talia coram ipsis locutus est antequam ascenderet:

Tanta cura semper fuit Deo de hominibus ut nihil aliud umquam<sup>330</sup> curasse putari<sup>331</sup> posset. Primo<sup>332</sup> enim uoluit me, Verbum suum, hominem fieri et naturam humanam assumere ut Deus homo et homo Deus esset. Deinde uoluit hominem illum, qui ego sum, ac etiam matrem eius, que est Maria Virgo hic presens coram uobis existens, super omnes angelos exaltare, cuius causa magnus numerus angelorum cum Lucifero de celo celorum cecidit, abhorrentes tantam seruitutem tantamque subiectionem et, credentes se liberos esse, serui facti sunt. Vos autem alios socios et simul cum angelis suis, filii

---

<sup>310</sup> sibi *om.* *Q*

<sup>311</sup> conuenientibus *IMNOPV*, conuersantibus *J*, conuiuentibus *Q*

<sup>312</sup> hominum *add.* *Q*

<sup>313</sup> consumans *JMPV*, consumens *INO*, consummens *Q*

<sup>314</sup> in *IJMNOPV*, ad *Q*

<sup>315</sup> beato *om.* *Q*

<sup>316</sup> uehementer *om.* *Q*

<sup>317</sup> erat *om.* *Q*

<sup>318</sup> imitabilem *IMNO*, imitabile *JP*, et mirabilem *Q*, immutabile *V*

<sup>319</sup> inspiciebant *IJMOPQ*, prebebant *V*

<sup>320</sup> erat *add.* *Q*

<sup>321</sup> eius *add.* *N*

<sup>322</sup> gestus *IJMOPQV*, gressus *N*

<sup>323</sup> maturi *IJMNOPV*, maturus *Q*

<sup>324</sup> Commendauit *IJMOPQV*, Commendat *N*

<sup>325</sup> ergo Dominus *IJMNOPV*, igitur Deus *Q*

<sup>326</sup> et eius exempla sequerentur *add.* *Q*

<sup>327</sup> Domini *om.* *Q*

<sup>328</sup> dies *IJMNOPV*, die *Q*

<sup>329</sup> mensis *om.* *N*

<sup>330</sup> umquam *IJMNOQ*, numquam *V*

<sup>331</sup> putari *IJMNOV*, putare *Q*

<sup>332</sup> Primo *IJMNOV*, Pater *P*, Primum *Q*

innocentibus qui numquam peccauerunt, ciues celestis Ierusalem facere decreuit si usque in finem perseueraueritis. Misit tot patriarchas, tot prophetas et doctores ut genus humanum conseruarent et in uiam salutis dirigerent<sup>333</sup> et angelos custodes adiuuarent<sup>334</sup>. Nouissime misit me filium suum qui quanta passus sim<sup>335</sup> mater mea et uos experte<sup>336</sup> testes<sup>337</sup> esse potestis<sup>338</sup>. Ecce iam resurrexi. Genitrici mee primum, deinde huic feruentissime Magdalene apparui et aliis hic presentibus Mariis<sup>339</sup> quarum uerba tamquam deliramenta uobis uidebantur. Apparui Petro, apparui Cleophe et Luce, apparui omnibus simul. Et semper tardi corde fuistis ad credendum. Nimia cordis durtia in uobis fuit. Valde increduli<sup>340</sup> fuistis. Cornea et saxea<sup>341</sup> corda sunt in uobis. Sed, me ascendente et Spiritu Consolatore adueniente, super ceram mollificabuntur et dabuntur<sup>342</sup> uobis corda mollia et carnea et docebimini<sup>343</sup> omnem<sup>344</sup> ueritatem<sup>345</sup>. Manebitis omnes unanimiter in oratione in Cenaculo ciuitatis Ierosolimitane<sup>346</sup> cum Genitrice mea et his sanctis mulieribus donec induamini uirtute ex alto. Qua<sup>347</sup> induti, uolo ut prius iudeis ouibus que perierunt<sup>348</sup>, incipientes ab Ierosolima, annuntietis uerba mea et opera mea omnia<sup>349</sup> que feci et operatus sum in populo iudeorum. Et quecumque uos et alios docui predicabitis<sup>350</sup> ipsis. Deinde<sup>351</sup> euntes in uniuersum mundum, predicate Euangelium omni creature, annuntiate pacem omnibus gentibus. Pro omnibus ueni, quamuis ad solos iudeos tamquam eis promissus et ex eorum patribus ortus<sup>352</sup> uenerim. Docete ergo seruare ea que precepi uobis omnes gentes, baptizantes eos in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti sicut antea docui uos. Qui crediderit in me et doctrinam Euangelii receperit et baptizatus fuerit saluus erit. Qui uero uobis predicantibus non crediderit condemnabitur. Et quia<sup>353</sup> sine signis, que nemo alius quam Deus facere potest, ad credendum non compellerentur, uos omnia que ego feci facietis et maiora horum facietis. Et ne<sup>354</sup> credant uos aliqua arte illa facere signa, uolo ut et ipsi<sup>355</sup> eadem signa faciant. Et tunc agno [185] scent<sup>356</sup> ea<sup>357</sup> nulla fieri arte, sed potestate diuina. Signa ergo eos qui crediderint. Hec sequentur<sup>358</sup>: In nomine meo demonia eicient, linguis loquentur nouis, serpentes tollent et, si mortiferum quid

<sup>333</sup> dirigerent *IJMNO PV*, diligenter *Q*

<sup>334</sup> et in uiam salutis dirigerent et angelos custodes adiuuarent *add. M (in marg. a. m.)*

<sup>335</sup> sim *IJMPV*, sum *NOQ*

<sup>336</sup> experte *JMOPQV*, ex parte *IN*

<sup>337</sup> testes *IJOPQ*, testis *MNV*

<sup>338</sup> potestis *IJMNPQV*, possetis *O*

<sup>339</sup> Mariis *IJMNO PQ*, mulieribus *V*

<sup>340</sup> increduli *JMNO PQV*, incredibiles *I*

<sup>341</sup> Cornea et saxea *IJNOP*, Carnea et saxea *MV*, non carnea sed saxea *Q*

<sup>342</sup> dabuntur *IJMNO P*, aguntur *Q*, dabunt *V*

<sup>343</sup> docebimini *IJMNO PV*, docemini *Q*

<sup>344</sup> omnem *IJNO PQV*, omni *M*

<sup>345</sup> ueritatem *IJMNPQV*, uirtutem *O*

<sup>346</sup> Ierosolimitane *IJMNO PV*, Ierusalem *Q*

<sup>347</sup> uos *add. Q*

<sup>348</sup> perierunt *IJMNPV*, perierant *OQ*

<sup>349</sup> omnia *om. V*

<sup>350</sup> predicabitis *IJMNO PQ*, predicationibus *V*

<sup>351</sup> uos *add. Q*

<sup>352</sup> ortus *om. M*

<sup>353</sup> quia *NOQ*, qui *IJ (M add. sup.lin. quia) PV*

<sup>354</sup> ne *om. V*

<sup>355</sup> ipsi *IJMNO PV*, ipsa *Q*

<sup>356</sup> agnoscent *JMOQ*, cognoscent *NP*, cognoscant *IV*

<sup>357</sup> ea *IJMNO PV*, illa *Q*

<sup>358</sup> hec sequentur *IJMNO PV*, exequentur *Q*

biberint, non eis nocebit, super egros manus imponent et bene habebunt. Et omnia illa<sup>359</sup> que ego feci et ipsi facere poterunt et maiora illorum facient nulla adhibita arte, sed solo nomine meo uel nomine<sup>360</sup> Trinitatis, que Deus est, inuocato. Manete in ciuitate donec ueniat ad uos Spiritus Consolator. Ego in celum cum his<sup>361</sup> omnibus nunc conscendam.

Erant<sup>362</sup> autem cum eo<sup>363</sup> Adam et Eua, Abel iustus et Seth, frater<sup>364</sup> suus, cum multis aliis fratribus et sororibus de quibus apud uos nulla mentio est quia non oportuit omnes describere<sup>365</sup>, sed per genealogiam ad sancta sanctorum deuenire<sup>366</sup>. Erat ibi Noe cum sui<sup>367</sup> generis iustis utriusque sexus<sup>368</sup>. Erat Thare, Heber et Abraham, uir<sup>369</sup> ille coram Deo<sup>370</sup> magnus, cum omnibus sui generis iustis<sup>371</sup>. Erat excellens ille uertex Antiqui Testamenti Moyses cum Aaron et reliquis<sup>372</sup> sui generis iustis.<sup>373</sup> Erat<sup>374</sup> et eximius omnium<sup>375</sup> prophetarum Daud cum Salomone et omnibus sui generis iustis<sup>376</sup>. Erant alii<sup>377</sup> prophete et Machabei. Erant secum<sup>378</sup> anime iustorum innumerabiles<sup>379</sup> etiam gentilium, non solum ipsius<sup>380</sup> Iob, nominatissimi uiri, sed etiam plurimorum philosophorum etiam, quorum opera in magno pretio habetis: egiptiorum, caldeorum, grecorum et latinorum qui unum Deum<sup>381</sup> celi colebant et in ipso sperabant, ipsum<sup>382</sup> omnium bonorum remuneratorem existimantes. Erant ergo cum Christo omnes anime quas de limbo et<sup>383</sup> de purgatorio liberauerat. Liberauit<sup>384</sup> autem omnes qui inuenti sunt tempore descensus ipsius<sup>385</sup> ad inferos. Hoc enim decebat<sup>386</sup> tam inuictum tamque nobilem triumphatorem ut sanguine illo pretioso recenter effuso omnes adiuuantur

<sup>359</sup> illa *JMPV*, alia *INOQ*

<sup>360</sup> Sancte *add. Q*

<sup>361</sup> his *IJMNOPIV*, iis *Q*

<sup>362</sup> Erant *IJMNOPIQ*, Erat *V*

<sup>363</sup> eo *IJMNOPIV*, illo *Q*

<sup>364</sup> frater *IJMOPQV*, filius *N*

<sup>365</sup> describere *MNOQ*, scribere *IJPV*

<sup>366</sup> ad sancta sanctorum deuenire. *IJMNOPI*, ad sanctos sanctum deuenire *Q*, ad sanctam sanctorum deuenire *V*

<sup>367</sup> sui *IJMNOPIQ*, suis *V*

<sup>368</sup> utriusque sexus *om. Q*

<sup>369</sup> uir *om. Q*

<sup>370</sup> Deo *IJMNOPIV*, Domino *Q*

<sup>371</sup> iustis *IJMNOPIQ*, iustus *V*

<sup>372</sup> reliquis *IJNP*, reliqui *M*, reliquis aliis *O*

<sup>373</sup> Erat excelens ille uertex Antiqui Testamenti Moyses cum Aaron et reliquis sui generis iustis. *om. QV*.  
Erat et Elias, alius uertex prophetarum, confirmator et zelator summus legis. *add. M (in marg. a. m.) N*  
Et Elias, alius uertex prophetarum, confirmator et zelator summus legis. *add. O*

<sup>374</sup> Erat *JMNOPIQV*, etiam *I*

<sup>375</sup> omnium *om. Q*

<sup>376</sup> iustis *IJMN (O add. in marg. a. m.) P*, iustus *V*

Erat excellens ille uertex Antiqui Testamenti Moyses cum Aaron et reliquis sui generis iustis. Erat et eximius omnium prophetarum Daud cum Salomone et omnibus sui generis iustis *add. K (in marg. a. m.)*  
Et heliaco, alius uertex prophetarum, confirmator et zelator summus legis *add. K*  
Erat Elias, confirmator et zelator summus legis *add. Q*

<sup>377</sup> alii *IJMOPQV*, autem *N*

<sup>378</sup> secum *om. Q*

<sup>379</sup> iustorum innumerabiles *IJMOPQV*, immortales *N*

<sup>380</sup> ipsius *IJMNOPIV*, illius *Q*

<sup>381</sup> Deum *JNOPQV*, Dei *IM*

<sup>382</sup> ipsum *om. Q*

<sup>383</sup> quas *add. O*

<sup>384</sup> Liberauit *IJMNOPIV*, Liberauerat *Q*

<sup>385</sup> descensus ipsius *IJMOPV*, descensus eius *N*, descensionis illius *Q*

<sup>386</sup> decebat *IJMNOPIQ*, dicebat *V*

amici. Congruebat ut de tam glorioso triumpho amici omnes consolarentur. Quomodo enim tam piissimus et clementissimus princeps, ad amicos suos afflictos cum triumpho ueniens, potuisset eos relinquere in tormentis? Decebat carceres aperiri et amicos refocilari et satisfactionem longam in breuem<sup>387</sup> commutare<sup>388</sup>.

“Ego in celum<sup>389</sup> cum his omnibus conscendam”<sup>390</sup>. Et nos angeli omnes<sup>391</sup> astabamus<sup>392</sup>. Et hortatus est eos ad perseuerantiam fractionis panis benedicti, dicens: “Ascendo ad Patrem meum et Patrem uestrum, Deum meum et Deum uestrum. Et tamen ecce ego in sacramento illo<sup>393</sup> sum uobiscum et ero cum omnibus fidelibus meis omnibus diebus usque ad consumationem seculi.” Et uale dicens Genitrici sue et apostolis, Magdalene ceterisque omnibus, Dominus Iesus postquam ea que tibi reuelauit locutus est, cepit paulatim, recta statura, eleuatis manibus, remoueri<sup>394</sup> a terra et ire uersus celum. Et in circuitu eius<sup>395</sup> erant omnes anime iustorum quarum<sup>396</sup> numerus erat quasi infinitus. Et tota regio aeris erat plena illis. Que<sup>397</sup> omnes, antequam discederent, Regine celi tamquam Domine reuerentiam exhibuerunt. Et propinquissime<sup>398</sup> Christo<sup>399</sup> erant<sup>400</sup> Ioannes Baptista<sup>401</sup>, Abraham, Ioseph uir Marie matris Domini<sup>402</sup> et Moyses atque Dauid<sup>403</sup>, Isaias ac Jeremias. Et uidebantur eque appropinquantes. Et sic eos sequebantur alii prophete et Anna ac Simeon iustus et Anna prophetissa, Eua, Adam et alii in ordine suo. Vidisses [186] ibi Adam et Euam, Abraham et omnes patriarchas atque prophetas, Annam, Saram et Rachel et Ruth et Hester et Iudith singillatim benedicere et adorare Mariam Dei nostri<sup>404</sup> Genitricem et omnes ante eam suo<sup>405</sup> modo procedere atque dicere: “Ascendat ante nos Regina nostra, precedat nos<sup>406</sup> Domina nostra. Non est dignum, non est<sup>407</sup> equum ut nos ante ipsam celos ascendamus<sup>408</sup>”. Sed cognita causa dilationis<sup>409</sup>, omnes uota sua diuine submiserunt uoluntati. Virtute itaque<sup>410</sup> diuina, immo et<sup>411</sup> uirtute anime gloriose quam a Deo acceperat, Dominus Iesus quoad corpus suum paulatim ferebatur in celum, Matre<sup>412</sup> et apostolis et multis

---

<sup>387</sup> breuem *JMNOP*, breue *IV*

<sup>388</sup> commutare *IJOPV*, committare *MN*

et satisfactionem longam in breuem commutare *om. Q*

<sup>389</sup> celum *IJMNO*, celo *PV*

<sup>390</sup> "Ego in celum cum his omnibus conscendam" *IJMNOPIV*, In celum ergo cum iis omnibus conscendit

*Q*

<sup>391</sup> omnes *om. V*

<sup>392</sup> astabamus *IJMNOPIQ*, astamus *V*

<sup>393</sup> illo *om. Q*

<sup>394</sup> remoueri *add. N (sup. lin. er. eleuare)*

<sup>395</sup> eius *om. V*

<sup>396</sup> quarum *IJMNOPIV*, quorum *Q*

<sup>397</sup> Que *IJMNOPIV*, Qui *Q*

<sup>398</sup> propinquissime *IJMNPQV*, propinquissimi *O*

<sup>399</sup> Domino *add. Q*

<sup>400</sup> erant *IJMNOPIQ*, erat *V*

<sup>401</sup> Baptista *om. Q*

<sup>402</sup> et Saluatoris nostri *add. Q*

<sup>403</sup> Dauid *JMNOPQ*, Daniel *IV*

<sup>404</sup> nostri *om. IV*

<sup>405</sup> suo *IJMNOPIV*, summo *Q*

<sup>406</sup> nos *om. V*

<sup>407</sup> est *om. V*

<sup>408</sup> ascendamus *JNQV*, scandamus *IMOP*

<sup>409</sup> dilationis *IJMNOPIQ*, dilectionis *V*

<sup>410</sup> uoluntati. Virtute itaque *JPOQ*, uirtute atque *I*, uoluntati. Virtute ita *M*, uoluntati. Virtute ergo *N*, uoluntati, uirtuti atque *V*

<sup>411</sup> et *JMNOPQ*, ex *IV*

<sup>412</sup> Matre *IJMNOPIQ*, Marthe *V*

aliis in monte illo congregatis cum gaudio et exultatione atque admiratione intuentibus, omnibus angelis atque innumerabilibus iustis ipsum committantibus. Et ex una parte nos angeli canebamus et ex alia anime iuste<sup>413</sup>, et quasi chorus choro respondebat. Et interdum pars angelorum cum parte iustorum unum chorum faciebat<sup>414</sup>. Et alia pars angelorum cum alia parte iustorum<sup>415</sup> tamquam alius chorus respondebat. Psalmus uero talis erat<sup>416</sup>

Ascendit Deus in iubilatione et Dominus<sup>417</sup> in uoce tube  
Ascendit unicus<sup>418</sup> Deus noster neque<sup>419</sup> extimabitur<sup>420</sup> a nobis alius ad illum<sup>421</sup>  
Descendit propter nos de celis et nunc recedit de nostris terris  
Ascendit in iubilatione Deus noster<sup>422</sup> quia<sup>423</sup> angelis sola mente canentibus  
conscendit<sup>424</sup>  
Ascendit etiam<sup>425</sup> in uoce tube quia animabus etiam per<sup>426</sup> corporea organa  
quandoque canentibus sursum iuit<sup>427</sup>  
Nos angeli sola mente canimus<sup>428</sup> et quandoque in aere nobis extraneo<sup>429</sup> uoces  
formamus  
Nos anime que corpora informare possumus, corpore ipso tamquam tuba<sup>430</sup> utimur  
Ascendit ergo Deus angelis iubilantibus et iustis tamquam tubicen<sup>431</sup> canentibus<sup>432</sup>  
Omnes gentes plaudite manibus, iubilate Deo<sup>433</sup> in uoce exultationis  
Psallite Deo nostro, psallite<sup>434</sup>, psallite regi nostro, psallite  
Quoniam rex omnis terre Deus, psallite sapienter  
Tu Dominus Altissimus super omnem terram, nimis exaltatus es<sup>435</sup> super omnes  
Deos  
Psallite Domino<sup>436</sup> in cithara, in cithara<sup>437</sup> et uoce psalmi, in tubis ductilibus et uoce  
tube cornee  
Cantate Domino canticum nouum quia mirabilia fecit  
Dominus in Syon magnus et<sup>438</sup> excelsus super omnes Deos  
Dominus in celo parauit sedem suam et regnum ipsius omnibus dominabitur

---

<sup>413</sup> iuste *om. V*

<sup>414</sup> faciebat *JMNOP*, faciebant *IQV*

<sup>415</sup> unum chorum faciebat. Et alia pars angelorum cum alia parte iustorum *add. KO (in marg.a.m.)*

<sup>416</sup> Psalmus in Ascensione Domini *add. Q*

<sup>417</sup> noster *add. JNP*

<sup>418</sup> unicus *NOQ*, unitas *I (M sup.ras.)*, unitus *JPV*

<sup>419</sup> neque *IJMNOQV*, non *P*

<sup>420</sup> extimabitur *IJMNOQV*, stimabitur *Q*

<sup>421</sup> ad illum *om. Q*

<sup>422</sup> noster *om. Q*

<sup>423</sup> quia *IJMNOQV*, qui *Q*

<sup>424</sup> conscendit *IJMNPV*, ascendit *OQ*

<sup>425</sup> etiam *om. Q*

<sup>426</sup> per *om. N*

<sup>427</sup> sursum iuit *JJNOPQ*, sursum iniuit *M*, surrexit inuie *V*

<sup>428</sup> canimus *JMNOPQ*, canamus *IV*

<sup>429</sup> extraneo *NOPQ*, extraneos *J*, extraneas *IMV*

<sup>430</sup> tuba *JMNOPQ*, tale *IV*

<sup>431</sup> tubicen *IJMNOQV*, tibicinem *Q*

<sup>432</sup> suauiter *add. Q*

<sup>433</sup> Deo *om. V*

<sup>434</sup> psallite *om. Q*

<sup>435</sup> es *om. Q*

<sup>436</sup> Domino *IJMNPV*, Deo nostro *OQ*

<sup>437</sup> in cithara *om. P*

<sup>438</sup> rex *add. V*

Cantate Domino et benedicite nomini eius, annuntiate de die in diem salutare eius  
 Ascendens, in altum captiuam duxit captiuitatem, dedit dona hominibus  
 Qui nunc ascendit, ipse primum descendit in inferiores partes terre  
 Mors fuit humane mortis, morsus fuit ipsius inferni  
 Spoliauit infernum, expectantes diu inde extraxit  
 Eduxit populum suum<sup>439</sup> in exultatione et electos<sup>440</sup> suos in letitia  
 Eduxit eos de<sup>441</sup> lacu in quo non erat aqua<sup>442</sup> et transtulit in regnum suum  
 Alios eduxit de tribulatione et multorum supplicia abreuiauit  
 Omnes amicos qui decesserant<sup>443</sup>, secum in gloriam transuexit eternam  
 Petro Ecclesiam suam commisit omnibusque abscedens<sup>444</sup> benedixit  
 Matrem suam in mundo dimisit et tamquam anchoram fidei sue reliquit  
 Paulatim eleuatis manibus corpus ab anima ferebatur in celum<sup>445</sup> [187]  
 Non erat motus ille<sup>446</sup> progressiuus<sup>447</sup>, sed alius quo tunc anima utetur<sup>448</sup>  
 Omnes sancti eius comitabantur eum et angeli benedicebant ei<sup>449</sup>  
 “Quis est iste qui uenit de Edon tinctis uestibus de Bosra” canebant<sup>450</sup>  
 Non ignorantes dicebant, sed maiestatem tantam<sup>451</sup> admiratione ampliabant  
 “Dominus fortis est et potens, Dominus est potens in prelio<sup>452</sup>  
 Quis est iste rex glorie? Dominus uirtutum ipse est rex glorie  
 Formosus ualde progreditur, stola maiestatis indutus”  
 Antequam tamen<sup>453</sup> Dominus<sup>454</sup> ascendit, omnibus clara uoce dixit  
 “Perseuerate in fractione panis benedicti, ibi sum uobiscum semper<sup>455</sup> usque in finem  
 seculi  
 Mater mea<sup>456</sup> excelentissima in sacramento illo<sup>457</sup> sicut et alias<sup>458</sup> uidebit  
 Alii me fide propria intuebuntur, ex quo non parum<sup>459</sup> consolabuntur”  
 Ascendit ad Patrem suum ex cuius sinu numquam descendit  
 Descendit tamen de celis quia<sup>460</sup> humanitatem sibi coniunxit  
 Cum matre et suis<sup>461</sup> remansit et tamen<sup>462</sup> eos relinquendo ad celos<sup>463</sup> ascendit

<sup>439</sup> suum *om. V*

<sup>440</sup> electos *IJMOPQV*, populos *N*

<sup>441</sup> de *IJMNO PQ*, a *V*

<sup>442</sup> non erat aqua *IJMNO PQ*, erant *V*

<sup>443</sup> decesserant *INPQ*, decesserunt *JMOV*

<sup>444</sup> abscedens *JJMNO PV*, ascendens *Q*

<sup>445</sup> celum *IJMNO PQ*, celis *V*

<sup>446</sup> ille *IJMNO PV*, iste *Q*

<sup>447</sup> progressiuus *IJMNO PQ*, progressum *V*

<sup>448</sup> utetur *IJMNO PV*, utebatur *Q*

<sup>449</sup> ei *om. Q*

<sup>450</sup> canebant *IJMNO PV*, cantabant *Q*

<sup>451</sup> tantam *IJMNO QV*, tanta *P*

<sup>452</sup> Dominus fortis est et potens, Dominus est potens in prelio *IJMNO PV*, Quia Dominus fortis et potens in prelio *Q*

<sup>453</sup> tamen *om. QV*

<sup>454</sup> Dominus *IJMNO PV*, Deus *Q*

<sup>455</sup> semper *IJMNO PQ*, frater *V*

<sup>456</sup> mea *om. V*

<sup>457</sup> illo *om. Q*

<sup>458</sup> me *add. NQ*

<sup>459</sup> parum *IJMNO QV*, solum *P*

<sup>460</sup> quia *IJMNO PQ*, qui *V*

<sup>461</sup> et suis *IJMNO PV*, eius *Q*

<sup>462</sup> tamen *om. Q*

<sup>463</sup> ad celos *om. Q*

Descenderat uno modo, quia perfectum<sup>464</sup>, ascendit alio modo per corpus assumptum

Qui tamen descendit et ascendit numquam a suo Patre discessit

Ille<sup>465</sup> solus ascendit qui descendit<sup>466</sup>, qui tamen<sup>467</sup> semper in celo quieuit

Remouebatur paulatim ab oculis eorum et appropinquabat<sup>468</sup> polis<sup>469</sup> celorum

Quando nullus ipsorum<sup>470</sup> eum<sup>471</sup> ulterius uidere potuit, tunc celerius ualde<sup>472</sup> conscendit

Genitrix post omnes eum in aere uidit et, ab eo benedicta, ipsum adorauit

Quo<sup>473</sup> digniores inter eos erant<sup>474</sup> eo<sup>475</sup> ulterius prospiciebant

Vnumquemque<sup>476</sup> in termino<sup>477</sup> uisionis Dominus respexit et unicuique ipsorum<sup>478</sup> benedixit

Et, iam non uidentes eum, stupidi stabant et oculos ad celum dirigebant

Quousque duo angeli eis dicerent ut in propria et Ierusalem redirent

Quia Dominus omnes celos ascenderat, Spiritum daturus<sup>479</sup> quem promiserat

Sic eum descensurum crederent sicut ascendisse uiderent<sup>480</sup>

Benedicamus Verbo<sup>481</sup> Domini quo firmati sunt celi

Benedicamus Spiritui<sup>482</sup> oris eius quo consistit omnis uirtus eorum

Benedicamus Ingenito<sup>483</sup> cum Genito et magno Spiritui Paraclito. Amen<sup>484</sup>

Tunc Angelus dixit: Conscribe hunc psalmum ut pastor Ecclesie ex illo et psalmos et hymnos conficiat. Auctoritate enim qua potietur poterit<sup>485</sup> multa et huic misterio Ascensionis ac etiam<sup>486</sup> Resurrectionis atque aliis plura addere ut<sup>487</sup> omnes particule cuiuscumque<sup>488</sup> misterii particulariter decantentur et sit laus Dei semper in ore uestro.

Dominus ergo celos ascendit et sedet ille Homo in potestate maxima et maiestate que post Deum potest intelligi et hoc est eum<sup>489</sup> sedere in dextra<sup>490</sup> Dei. Omnes quidem

---

<sup>464</sup> perfectum *I* (*M add. sup.lin e*) *V*, per effectum *JNOPQ*

<sup>465</sup> Ille *IJMNO**PV*, Ipse *Q*

<sup>466</sup> qui descendit *om. NPV*

numquam a suo Patre discessit / Ille solus ascendit *om. PV*

<sup>467</sup> tamen *om. Q*

<sup>468</sup> appropinquabat *JMNO**PQ*, appropinquat *IV*

<sup>469</sup> polis *IJMNO**PV*, poli *Q*

<sup>470</sup> ipsorum *IJMOP*, eorum *NV*, illorum *Q*

<sup>471</sup> eum *om. NV*

<sup>472</sup> ualde *om. Q*

<sup>473</sup> Quo *IJMNO**QV*, Qui *P*

<sup>474</sup> erant *IJMNO**PQ*, erat *V*

<sup>475</sup> eo *IJMNO**QV*, et *P*

<sup>476</sup> Vnumquemque *IJMNO**QV*, Vnde quemque *P*

<sup>477</sup> in termino *IJMNO**PV*, in terminum *Q*

<sup>478</sup> ipsorum *om. Q*

<sup>479</sup> Spiritum daturus *IJMNO**PQ*, Spiritus Sanctus *V*

<sup>480</sup> uiderent *IJMOP*, uident *N*, uiderunt *Q*, uiderant *V*

<sup>481</sup> Verbo *IJMNO**PV*, Verbum *Q*

<sup>482</sup> Spiritui *IJMNO**PV*, Spiritum *Q*

<sup>483</sup> Ingenito *IJMNO**PV*, Ingenitum *Q*

<sup>484</sup> Amen *IJMNO**PQ*, finem *V*

<sup>485</sup> potietur, poterit *JMNO**PQ*, potius poterat *IV*

<sup>486</sup> etiam *om. OQ*

<sup>487</sup> ut *IJMNO**QV*, et *P*

<sup>488</sup> cuiuscumque *IJMNPV*, uniuscuiuscumque *OQ*

<sup>489</sup> eum *IJMNO**PQ*, Deum *V*

<sup>490</sup> in dextra *IJMNO**PV*, ad dextram *Q*

electi sunt in dextris prout dextra distinguitur a sinistra, sed non prout dextra<sup>491</sup> per quamdam excellentiam intelligitur. Sic<sup>492</sup> enim solus Homo ille in dextra Dei sedet. Christus in quantum homo non mediocre gaudium ex talis<sup>493</sup> loci adeptione<sup>494</sup> assecutus est.

Maria uero cum omnibus illis perseuerabat in oratione et omnes confortabat et corroborabat ut se<sup>495</sup> diligenter ad Spiritus Sancti susceptionem prepararent, quem decima die ab Ascensione<sup>496</sup> Filii<sup>497</sup> sui<sup>498</sup> omnes<sup>499</sup> susceperunt.

Ecce loqui uolentes<sup>500</sup> de obitu et assumptione ad celum<sup>501</sup> Genitricis<sup>502</sup> Dei<sup>503</sup> ut<sup>504</sup> ostenderemus ex parte totam uitam suam, ascensionem Christi Domini interseruimus.<sup>505</sup> Maria, in Cenaculo existens cum apostolis et discipulis [188] pulis perseuerabat in fractione panis benedicti et Dominum Christum<sup>506</sup>, filium suum, ipsa etiam in humanitate<sup>507</sup> cernebat oculo<sup>508</sup> mentis sue. Et alii solum credebant sicut uiatores credunt et tanto firmiter quanto illud multis miraculis ratificatum iam uidissent. Et post aduentum Spiritus Sancti Maria numquam in habitaculo suo sine hoc sacramento manebat, et ita Filium suum quotiens desiderabat uidere poterat et uidebat, eumque angelica lingua alloquebatur et responsa eadem lingua ab ipso<sup>509</sup> accipiebat. Solum non tangebatur eum. Tamen etiam sepius diuinitatem eius uidebat.<sup>510</sup> Quandoque etiam non sacramentaliter sibi presens erat et tunc<sup>511</sup> eum amplexabatur et corporeis oculis uidebat. Accidentia panis sumebat et ex illis sanguis generabatur et caro, non ut caro Marie accidentia pro subiecto forme haberet<sup>512</sup>, ut nonnulli etiam ex his qui nobiscum sunt putauerunt, sancti quidem, sed in hoc multum simplices. Oportet enim ut<sup>513</sup> uel substantia panis<sup>514</sup> redeat<sup>515</sup> uel substantia noua creetur<sup>516</sup> miraculo antiquo. Sic enim statuit Deus a

---

<sup>491</sup> distinguitur a sinistra, sed non prout dextra *om. V*

<sup>492</sup> Sic *JNOPQV*, Sicut *IM*

<sup>493</sup> talis *INOQ*, tali *JMPV*

<sup>494</sup> ex talis loci adeptione *IJNOP*, ex tali loco adeptione *M*, ex illa talis loci adeptione *Q*, ex tali loco adoptione *V*

<sup>495</sup> se *IJNOPQV*, sic *M*

<sup>496</sup> ab Ascensione *IJMNOVP*, Ascensionis *Q*

<sup>497</sup> Filii *IJMOPQV*, Domini *N*

<sup>498</sup> sui *om. Q*

<sup>499</sup> omnes *om. P*

<sup>500</sup> uolentes *IJMNOPO*, uolens *V*

<sup>501</sup> de obitu et assumptione ad celum *IJMNOVP*, de obitu et ascensione ad celum uel assumptione, ut melius loquar *Q*

<sup>502</sup> Genitricis *IJMNOPO*, Genitrix *V*

<sup>503</sup> Dei *IJMNOVP*, Domini *Q*

<sup>504</sup> ut *IJMNOVP*, et *Q*

<sup>505</sup> Ascensionem Christi Domini interseruimus *IMNOV*, Ascensionem Christi Domini interserimus *J*, Ascensione Christi Domini interfuimus *P*, Ascensionem Domini intexuerimus *Q*

<sup>506</sup> Christum *om. N*

<sup>507</sup> humanitate *IJMNOPO*, humilitate *V*

<sup>508</sup> oculo *IJMNOVP*, oculis *Q*

<sup>509</sup> ipso *IJMOPV*, eo *NQ*

<sup>510</sup> Tamen etiam sepius diuinitatem eius uidebat. *add. KO (in marg. a.m.)*

<sup>511</sup> tunc *om. M*

<sup>512</sup> sanguis generabatur et caro. Non ut caro Marie accidentia pro subiecto forme haberet *BHIJNQRV*, sanguis generabatur et caro. Non ut caro Maria accidentia pro subiecto forme haberet *MO*, sanguis generabatur. Et caro non ut caro Marie, accidentia persone forma haberet *P*

<sup>513</sup> ut *om. Q*

<sup>514</sup> panis *add. M (sup. lin.), om. JQ*

<sup>515</sup> redeat *INOPQV*, recedat *JM*

<sup>516</sup> creetur *IJMNOPO*, creatur *V*

principio. Si enim substantia neque rediret<sup>517</sup> neque noua crearetur, quomodo illud componeretur? Quomodo accidens forme<sup>518</sup> substantiali substaret<sup>519</sup>? Quomodo materia prima paulatim non deficeret tota? Quomodo caro uel animal sic componi posset? Repugnat forme subici sue materie<sup>520</sup>, repugnat materie informare, repugnat accidenti esse materiam substantialis forme<sup>521</sup>.

Opinio illa est risu digna<sup>522</sup> et contradictionem includit. Maria hec omnia perfecte sciebat. Et, apostolis predicantibus, ipsa domi orabat, legebat, docebat et in lege Domini assidue meditabatur. Magdalena, soror Lazari, assistebat ei, et Maria Salome, mater filiorum Zebedei, et Maria, mater Ioseph Iusti et Iacobi Minoris et Simonis et Thadei<sup>523</sup> apostolorum, que illa eadem<sup>524</sup> nuncupatur<sup>525</sup> Maria Cleophe a patre et Maria Alpei a uiro<sup>526</sup>, et ille Marie uidelicet<sup>527</sup> Cleophe et Salome fuerunt sorores Virginis Marie, non tamen filie Anne, ut apud uos hodie dicitur.

Anna solet dici tres concepisse Marias. Non est id<sup>528</sup> uerum. Anna quippe non habuit nisi unam filiam, et hoc dono Dei, quia ex sui<sup>529</sup> natura sterilis erat. Et, genita illa magna filia, matre<sup>530</sup> Dei, sterilis permansit. Illa non habuit<sup>531</sup> nisi unam filiam<sup>532</sup> et Virgo Maria unicum filium. Hec fuit semper uirgo, illa et ante et post sterilis semper<sup>533</sup>. Non decebat certe ut, genita matre Dei, ipsa Anna nuberet ad procreandum<sup>534</sup> filias alias. Quomodo etiam fingunt ut<sup>535</sup>, orta Virgine Maria, statim Ioachim moreretur? Et si statim mortuus fuisset, non tamen statim Anna sanctissima alteri nupsisset uiro et, luctu prioris manente, nuptias secundas<sup>536</sup> fecisset<sup>537</sup> cum gaudio. Que non est conditio bone et sancte matrone. Deinde etiam si nuptias secundas ita effrenate celebrasset, adhuc per unum annum natiuitatem secunde filie expectasset. Qua orta, subito pater huius secunde<sup>538</sup> sicut et prioris mortuus fuisset. Turpe [189] tunc fuisset<sup>539</sup> statim tertias nuptias celebrare et luctum secundi mariti gaudio tertii<sup>540</sup> subito expellere, et nullam uerecundiam mulierem sanctam habere<sup>541</sup> neque moralem uitam et ciuilem tenere<sup>542</sup>. Fictio ergo est ut<sup>543</sup>, orta<sup>544</sup> prima filia, mox pater<sup>545</sup> mortuus sit<sup>546</sup>. Fictio est ut, mortuo

<sup>517</sup> rediret *IJMNOPIV*, redderet *Q*

<sup>518</sup> forme *add. M (sup. lin. a. m.)*

<sup>519</sup> substaret *IJMOPQV*, subesset (*add. sup. lin. substaret*) *N*

<sup>520</sup> subici sue materie *IJMNOQV*, substantie siue materie *P*

<sup>521</sup> repugnat accidenti esse materiam substantialis forme *om. Q*

<sup>522</sup> risu digna *IJMNOQV*, res digna *P*

<sup>523</sup> Domini *add. Q*

<sup>524</sup> eadem *om. Q*

<sup>525</sup> nuncupatur *IJMPOQV*, appellatur *N*

<sup>526</sup> uiro *IJMOPV*, marito *NQ*

<sup>527</sup> uidelicet *om. Q*

<sup>528</sup> id *IJMNOPIV*, hoc *Q*

<sup>529</sup> sui *IJMNOPIV*, sua *Q*

<sup>530</sup> matre *INOPQ*, mater *JMV*

<sup>531</sup> non habuit *om. V*

<sup>532</sup> et hoc dono Dei quia ex sui natura sterilis erat. Et genita illa magna filia matre Dei, sterilis permansit.

Illa non habuit nisi unam filiam *om. N*

<sup>533</sup> semper *om. OQ*

<sup>534</sup> ad procreandum *IJMNOPIV*, ad procreandas *Q*

<sup>535</sup> ut *IJMOPQV*, quod *N*

<sup>536</sup> secundas *om. N*

<sup>537</sup> fecisset *om. V*

<sup>538</sup> filie *add. V*

<sup>539</sup> fuisset *IJMNOPIV*, esset *Q*

<sup>540</sup> tertii *IJMNOV*, *om. P*, tertio *Q*

<sup>541</sup> mulierem sanctam habere *IJMNOPIQ*, mulier sancta haberet *V*

<sup>542</sup> tenere *IJMNOPIQ*, teneret *V*

<sup>543</sup> ut *JNOQ*, *om. IMV*, quod *P*

primo marito, mox secundo nupserit. Similiter fictio est ut, orta secunda filia, mox pater illius mortuus est<sup>547</sup> et quod, mortuo illo, mox Anna tertio nupsit uiro. Tamen etiam admittendo has<sup>548</sup> fictiones, que derogant sanctitati Anne et dignitati matris Dei ut ex tam incontinenti matre nata sit, immo<sup>549</sup> non decebat ut uterus ille post Reginam omnium alias femellas<sup>550</sup> foueret. Tamen oportuit ut<sup>551</sup>, quando tertia Maria orta<sup>552</sup> est, Virgo Maria tunc haberet ad minus<sup>553</sup> quattuor annos uel circiter et iam<sup>554</sup> in Templo presentata esset. Et ulterius ipsa primo<sup>555</sup> nupta est per quattuor annos uel tres ante sorores suas. Et ipsa<sup>556</sup> primo anno desponsationis sue peperit Saluatorem. Forsan secunda et tertia non ita primo anno desponsationis sue<sup>557</sup> concepissent, quia hoc rarum<sup>558</sup> est. Deinde, dato quod omnes tres primo anno conceperint<sup>559</sup>, tamen secunda Maria quattuor filios habuit: Iacobum Minorem, Simonem<sup>560</sup> et Thadeum et Ioseph Iustum. Et unum peperit ad minus per annum<sup>561</sup> post alium. Valde ergo ipsos iuenculos Dominus uocauisset<sup>562</sup> et domum suam pueris impleuisset.

Cleophas ergo non fuit maritus<sup>563</sup> Anne neque Salome, sed fratres<sup>564</sup> eius et Hismerie<sup>565</sup>, matris Elisabeth que Ioannem Baptistam genuit. Ioachim ergo et Anna Mariam Virginem uirgini Ioseph, miraculo cogente, in uxorem dederunt. Cleophas suam filiam Alpheo dedit, et Salome suam Zebedeo, et Hismeria<sup>566</sup> suam Zacharie. Et quia Anna sterilis fuit, prius nata est<sup>567</sup> Elizabeth<sup>568</sup> pluribus annis<sup>569</sup> quam Virgo Maria. Similiter nata est prius Maria Cleophe et Maria Salome et prius fuerunt<sup>570</sup> nupte quam Maria mater Dei. Et prius natus est Simon et Thadeus et uterque Iacob quam Dominus Christus<sup>571</sup>. Sed Ioannes Euangelista tredecim annis minor<sup>572</sup> erat Christo<sup>573</sup>.

---

<sup>544</sup> orta *IJMNO*PV, mortua Q

<sup>545</sup> eius *add.* Q

<sup>546</sup> sit *IMNO*PV, est J, fuerit Q

<sup>547</sup> est *IJMNOQ*V, sit P

<sup>548</sup> has *IJMNO*PV, illas Q

<sup>549</sup> ut ex tam incontinenti matre nata sit immo *om.* Q

<sup>550</sup> femellas *IJMNO*P, feminas Q, feminellas V

<sup>551</sup> ut *IJMNO*PV, quod Q

<sup>552</sup> orta *IJMNO*PV, nata Q

<sup>553</sup> ad minus *om.* Q

<sup>554</sup> iam *om.* V

<sup>555</sup> primo *NOP*Q, prima *JM*, *om.* IV

<sup>556</sup> ipsa *IJMNO*PV, ipso Q

<sup>557</sup> sue *om.* *IJO*Q

<sup>558</sup> rarum *IJMNO*PQ, uerum V

<sup>559</sup> conceperint *IJMNO*PV, concepissent Q

<sup>560</sup> Simonem *IJMNO*PQ, Simeonem V

<sup>561</sup> per annum *om.* N

<sup>562</sup> uocauisset *IJMOP*V, uocasset *NQ*

<sup>563</sup> maritus *om.* V

<sup>564</sup> fratres *IJMNO*PV, frater Q

<sup>565</sup> Hismerie *IJMNO*PQ, his Marie V

<sup>566</sup> Hismeria *IJMNOQ*V, Hismeriam P

<sup>567</sup> est *IJMNO*PV, fuit Q

<sup>568</sup> sterilis *add.* Q

<sup>569</sup> pluribus annis *om.* Q

<sup>570</sup> fuerunt *om.* Q

<sup>571</sup> Christus *IJMPQ*V, Iesus N

<sup>572</sup> minor *MNQ*, iunior *IJOP*V

<sup>573</sup> Hismeria erat primogenita, Salome frater sequitur eam, Anna ipsum et Cleophas ipsam. Anno Hismeria decimo sexto, generat Elisabeth, Anna tunc habente annum undecimum. Et quando peperit matrem Domini quadagesimum quartum agebat. *add.* P

Elisabeth ergo fuit soror Marie, quia nata ex sorore matris. Sed Elisabeth ex Hismeria fecunda<sup>574</sup> cito nata est, Maria ex Anna sterili post illam uigesimo<sup>575</sup> quinto anno nata est. Quo tempore Elisabeth iam<sup>576</sup> erat nupta Zacharie. Ex fecunda Hismeria nata est Elisabeth sterilis et ex sterili Anna nata est Maria fecundissima, quia<sup>577</sup> peperit Salvatore[m] uestrum et Regem omnium.<sup>578</sup>

Elisabeth itaque defuncta<sup>579</sup> diu ante, Maria Cleophe et Maria Salome Marie Genitrici Dei inseruiebant eamque comitabantur et ut<sup>580</sup> plurimum in domo Magdalene et Marthe morabantur. Virgo illa electissima uerbis atque litteris suis apostolos confortabat et alios credentes. Que, ut accepit Paulum, uas electionis<sup>581</sup>, ad ipsum Lu [190] cam misit. Qui<sup>582</sup>, antequam iuisset in Arabiam, uoluit Dei Genitricem uidere, quam cum sapientissime Filii sui misteria<sup>583</sup> propalantem audiret<sup>584</sup> et Veteris Testamenti omniumque dubiorum nodos dissoluere uideret, prostratus in terram Christum Dominum et matrem eius adorauit. Dixitque:

Vsque nunc, a die<sup>585</sup> conuersionis mee, Christum Filium Dei credidi. Nunc ex diuinitate<sup>586</sup> matris deitatem Filii clare cognoui. Benedictus sit Dominus Iesus Christus qui me, minas sibi spirantem, illuminauit et ad se cor meum auersum<sup>587</sup> attraxit. Benedicta sis tu, mater Domini Dei<sup>588</sup> mei et Regis omnium, quia in te omnes thesauros<sup>589</sup> sapientie ac scientie Dei reconditos uideo.

Instructus ergo ab ea de omnibus secretis abiit in Arabiam. Diuini amoris flamma totus<sup>590</sup> ardens et totus<sup>591</sup> succensus<sup>592</sup> incendebat omnes. Et plus fructus ipse solus laboribus suis Ecclesie Christi attulit quam quicumque<sup>593</sup> alius apostolorum. Et hoc est quod ipse de se ait: “Plus omnibus laboraui”. Non quidem omnibus simul collectis, sed plus quocumque aliorum seorsum sumpto. Et dum conuertisset Dionisium, philosophum egregium, et ei iam bene credenti secreta que a matre Christi audierat reserasset, ille, permotus<sup>594</sup> desiderio eam uidendi, licentia a Paulo obtenta, tandem ad ipsam peruenit. Et illico ut uidit faciem eius immutatum est atque exhilaratum cor eius et, gaudio atque exultatione plenus, in hec uerba prorupit:

<sup>574</sup> fecunda *MNPQ*, secunda *IJOV*

<sup>575</sup> trigesimo *add. (M sup. ras.) NQ*

<sup>576</sup> diu *add. OQ*

<sup>577</sup> quia *IJMNO PV*, que *Q*

<sup>578</sup> Hismeria erat primogenita. Salome frater sequitur eam, Anna ipsum et Cleophas ipsam. Anno Hismeria (Hismerie *N*) sexto decimo generat Elisabeth, Anna tunc agente annum decimum. Et quando parit (peperit *Q*) matrem Domini (annum *N*) quadragesimum quintum agebat. *add. (M in marg. a.m.) NOQ*

<sup>579</sup> est *add. Q*

<sup>580</sup> ut *om. Q*

<sup>581</sup> factum Christi discipulum *add. (M in marg. a.m.) OPQ*

<sup>582</sup> Qui *IJMNPQV*, quod *O*

Paulus *add. OPQ*

<sup>583</sup> misteria *IJMNO P*, misterium *Q*, materia *V*

<sup>584</sup> audiret *IJMNO PV*, audiuit *Q*

<sup>585</sup> a die *IJMNO PV*, hodie *Q*

<sup>586</sup> ex diuinitate *IJMNO PV*, diuinitatis *Q*

<sup>587</sup> auersum *IJMNO PV*, conuersum *Q*

<sup>588</sup> Dei *om. N*

<sup>589</sup> omnes thesauros *IJMNO PV*, omnis thesaurus *Q*

<sup>590</sup> flamma totus *JMNO PQ*, flammatus *IV*

<sup>591</sup> totus *om. V*

<sup>592</sup> succensus *IJMNO PV*, accensus *Q*

<sup>593</sup> quam quicumque *IJMNO PQ*, quoque *V*

<sup>594</sup> permotus *IJMNO QV*, promotus *P*

Vere Dei Genitrix es, Maria, quia tota diuinitate plena es. Si te uidere tantum bonum est tamque res iucunda est, quid erit uidere ipsum Deum, bonum omnis boni?

Et prostratus in terram dixit: Deum Trinum et Vnum quem me Paulus docuit, in te, o Virgo purissima, adoro et te tamquam ueram<sup>595</sup> Dei Genitricem colo.

Tunc ait Maria: Antequam Paulus tibi predicaret, uidi te et uocem tuam audiui quando dixisti<sup>596</sup>, Sole obtenebrato preter cursum nature: “Aut Deus totius nature conditor<sup>597</sup> patitur aut machina mundi dissoluitur”. Et altare etiam a uobis ignoto Deo constructum uidi neque tamen<sup>598</sup> corpore umquam in Grecia fui.” Et locuta est secum disertissime lingua greca ita ut stupore et admiratione nimia repleretur. Et post longam et Trinitatis Sanctissime et Filii sui incarnationis et aliorum misteriorum instructionem, remisit<sup>599</sup> eum ad Paulum, perfectum in fide perfectumque non solum in humana, cuius partem et ante conuersionem habuerat, sapientia sed etiam diuina. Ignatius quoque, feruentissimus zelator euangelice legis et precipuus Ioannis Euangeliste discipulus, nimio desiderio accensus fuit uidere Genitricem Dei Mariam, ad quam pluries<sup>600</sup> scripsit et ab eadem<sup>601</sup> plures epistulas accepit que sunt cum magna ueneratione<sup>602</sup> legende. Latet in eis<sup>603</sup> diuine<sup>604</sup> uirtutis operatio. Ioannes ad eam frequenter ueniebat et Ignatius eum comitabatur quia<sup>605</sup> non poterat aliud cogitare quam Iesum, Filium Dei et Marie, ita ut in corde eius sculptum Iesu nomen repertum fuit. Vir erat sanctissimus et matri<sup>606</sup> Dei Marie acceptissimus<sup>607</sup> doctorque et eruditor plebis Dei nominatissimus qui gloriosa morte martir<sup>608</sup> seu testis meruit fieri [191] ineffabilis ueritatis<sup>609</sup>.

Ad Virginem ergo Dei Genitricem et apostoli sepius ueniebant et discipuli eorum et ab ea ignotis dubiis docebantur<sup>610</sup>, in dubiis certi reddebantur, in certis firmiores et certiores et solidiores agnoscebantur<sup>611</sup>. Multum profuit apostolis<sup>612</sup> et aliis credentibus uita matris Dei prolixior. Multum<sup>613</sup> profuit toti Ecclesie merito. Tenebat autem sacramentum corporis Filii sui cum maxima<sup>614</sup> ueneratione et ipsum interdum mentis oculo<sup>615</sup> ibi uidebat et aliquando, diuina uirtute similitudines<sup>616</sup> ipsius corporis ad oculos Marie transferente, uidebat eum<sup>617</sup> oculo corporeo. Manebat in Bethania in domo Marthe, manebat in Magdalo in domo Magdalene, sed rarius, manebat<sup>618</sup> in domo

---

<sup>595</sup> ueram *om. V*

<sup>596</sup> quando dixisti *add. K (in marg. a.m.)*

<sup>597</sup> conditor *add. K (in marg. a.m.), O (sup.lin.)*

<sup>598</sup> in *add. P*

<sup>599</sup> remisit *IJMNO PV*, misit *Q*

<sup>600</sup> pluries *J (M add. sup.lin) NOV*, plures *IMPQ*

<sup>601</sup> eadem *IJMNPV*, ea *OQ*

<sup>602</sup> ueneratione *IJMNV*, admiratione *OQ*, deuotione *P*

<sup>603</sup> eis *JMNOPQ*, his *IV*

<sup>604</sup> diuine *IJMNO PV*, magne *Q*

<sup>605</sup> quia *IJMNPQV*, qui *O*

<sup>606</sup> matri *IJMNO P*, nostri *V*

<sup>607</sup> et matri Dei Marie acceptissimus *om. Q*

<sup>608</sup> martir *IJMNO PQ*, matri *V*

<sup>609</sup> ineffabilis ueritatis *JNO PQ*, infalibilis uirtutis *M*, infalibilis ueritas *IV*

<sup>610</sup> ab ea ignotis dubiis docebantur *IJMNPV*, ab ea in ignotis docebantur *O*, ab ea ignotis et dubiis docebantur *P*, ab ea que Dei et notis dubiis docebantur *Q*

<sup>611</sup> agnoscebantur *JMNOPQ*, cognoscebantur *IV*

<sup>612</sup> et discipulis *add. (M sup. lin.) O*

<sup>613</sup> ergo *add. M*

<sup>614</sup> maxima *IJMNO PV*, magna *Q*

<sup>615</sup> oculo *IJMNO PV*, oculis *Q*

<sup>616</sup> similitudines *IJMNO PV*, similitudinem *Q*

<sup>617</sup> eum *om. Q*

<sup>618</sup> manebat *om. Q*

Lazari iuxta montem Syon frequentius. Et omnia loca, presertim notabiliora<sup>619</sup>, Filii sui circuibat<sup>620</sup> aliquando, sicut locum ubi Cenam fecerat et maximum sacramentum instituerat<sup>621</sup>, ubi<sup>622</sup> orauerat et guttas sudoris adustas et rubeas<sup>623</sup> ut sanguis guttatim<sup>624</sup> in terram cadere uideretur emiserat, ubi captus et ligatus, derisus, consputus, flagellatus, spinis coronatus fuerat, ubi sibi occurrerat et sincopim passa est<sup>625</sup>, ubi cruci affixus<sup>626</sup>, ubi sepultus<sup>627</sup> et ubi tandem ultimo<sup>628</sup> omnibus<sup>629</sup> apparuit et in celum ascendit.

Vixit autem post passionem Domini annis<sup>630</sup> circiter quindecim et quindecim antequam filius eius nasceretur, quem anno quarto decimo conceperat, qui simul iuncti sunt anni triginta. Et triginta tres<sup>631</sup> uixit cum Filio nato. Et sic annos sexaginta tres in uita mortali stetit. Cum Christo tamen antequam nasceretur,<sup>632</sup> gestando ipsum in utero, uixit menses nouem ample<sup>633</sup>, et postquam natus est secum annis triginta tribus et circiter tribus mensibus, quantum uidelicet est interualum inter XXV Decembris et XXV Martii, qui fuerunt dies octoginta nouem, qui tres menses iuncti illis nouem conficiunt menses duodecim.<sup>634</sup> Et ita a conceptione Christi usque ad passionem<sup>635</sup> fluxerunt anni triginta quattuor. Eadem die Dominus conceptus est et mortuus<sup>636</sup>. Tamen in media nocte conceptus, in meridie mortuus.<sup>637</sup> Maria itaque quartodecimo anno et mense septimo concepit Christum.<sup>638</sup> Cum eo<sup>639</sup> in utero et extra uterum existente uixit annis<sup>640</sup> triginta quattuor. Et post ipsum uixit annis quattuordecim, mensibus circiter quinque<sup>641</sup>, qui omnes simul iuncti conficiunt annos sexaginta tres, non tamen completos. Pauci enim dies<sup>642</sup> deficiebant qui non impediunt quin<sup>643</sup> uere possit<sup>644</sup> dici

<sup>619</sup> notabiliora *IJMNO PV*, nobiliora *Q*

<sup>620</sup> circuibat *IJMNO PQ*, circueibat *V*

<sup>621</sup> maximum sacramentum instituerat *om. Q*

<sup>622</sup> ubi *IJMNO PQ*, ibi *V*

<sup>623</sup> rubeas *JMNOPQV*, rubeis *I*

<sup>624</sup> sanguis guttatim *IJMNO PV*, sanguinis guttam *Q*

<sup>625</sup> consputus, flagellatus, spinis coronatus fuerat. Vbi sibi occurrerat et sincopim passa est *om. Q*

<sup>626</sup> cruci affixus *IJMNPQV*, crucifixus *O*

<sup>627</sup> est *add. N*

<sup>628</sup> tandem ultimo *om. Q*

<sup>629</sup> omnibus *IJMOPQV*, omnium *N*

<sup>630</sup> annis *IJMNO PV*, annos *Q*

<sup>631</sup> et triginta tres *om. V*

<sup>632</sup> quem anno quarto decimo conceperat. Qui simul iuncti sunt anni triginta. Et triginta tres uixit cum filio nato. Et sic annos sexaginta tres in uita mortali stetit. Cum Christo tamen antequam nasceretur, *om. Q*

<sup>633</sup> quia diebus CC septuaginta sex inclusive *add. M (in marg.) NO*

<sup>634</sup> gestando ipsum in utero, uixit menses nouem ample. Et postquam natus est secum annis triginta tribus et circiter tribus mensibus, quantum uidelicet est interualum inter XXV Decembris et XXV Martii qui fuerunt dies octoginta nouem. Qui tres menses iuncti illis nouem conficiunt menses duodecim. *IJMNO PV*, gestando eum in utero, uixit menses nouem quia diebus ducentis septuaginta tribus et tribus mensibus circiter, quantum uidelicet est interualum inter uigesimum diem Decembris et uigesimum quintum Marti, que fuerunt die septuaginta nouem, qui tres menses iuncti illi nouem faciunt menses duodecim. *Q*

<sup>635</sup> eius *add. V*

<sup>636</sup> est *add. QV*

<sup>637</sup> Tamen in media nocte conceptus, in meridie mortuus. *om. N*

<sup>638</sup> Habebat quippe tunc dies centum nonaginta nouem super quattuordecim annos, quantum uidelicet est a die octauo Septembris usque ad diem XXV Martii, includendo extrema. *add. M(in marg.)NOP*

<sup>639</sup> eo *IJMNO PV*, Christo *Q*

<sup>640</sup> annis *IJMNO PV*, annos *Q*

<sup>641</sup> quia diebus centum quadraginta duobus, quantum uidelicet est a die uigesima quinta (quinta *om. Q*) Marti exclusiue usque ad diem decimum quintum (quartum *NO*) Augusti inclusiue. *add. M(in marg.a.m.) NOQ*

<sup>642</sup> dies *om. P*

<sup>643</sup> quin *JMNOPQV*, quia *I*

<sup>644</sup> possit *IJMNO PV*, posset *Q*

tot annos uixisse.<sup>645</sup> Sed quid dico uixisse<sup>646</sup>? Immo obcubuisse.<sup>647</sup> Tunc enim assidue moriebatur. Ex tunc autem uiuere cepit.

Ecce uides uitam mortalem<sup>648</sup> Marie<sup>649</sup> nostre<sup>650</sup> Regine. Antequam ergo a uobis migraret, ego Gabriel attuli ramum palme de paradiso Dei uirentibus foliis in signum eius uictorie. Que palma ferri debebat ante feretrum eius. Et eam tunc salutauit ut gauderet, quia ad infinitum gaudium<sup>651</sup> transferenda erat, quod et ipsa bene nouerat. Sed illud quod apud uos legitur Mariam interrogasse angelum ut sibi suum nomen reuelaret, falsum et fictum est. Ipsa enim me optime cognoscebat neque alios angelos ignorabat. Quod etiam apud uos<sup>652</sup> legitur ipsam ro [192] gasse ne in suo exitu ullum<sup>653</sup> spiritum teterrimum uideret, falsum est<sup>654</sup> et derrogat tante maiestati. Non enim timebat ipsa<sup>655</sup> spiritus immundos super quos potestatem acceperat et, egrediendo, magis accipiebat. Illud ex illis tribus solum uerum est quod Maria tunc<sup>656</sup>, gaudio plena, dixit coram me, non me<sup>657</sup> rogando ut rogarem<sup>658</sup>, quia potentior omnibus angelis erat, sed ad Christum locuta est:

Fili mi Iesu, cuperem ut<sup>659</sup> adessent omnes apostoli tui qui supersunt et anima Iacobi fratris mei nuper ab Herode decollati utque uideatur ab apostolis presentim Ioanne fratre suo. Hoc rogo. Adsint et alii discipuli qui supersunt<sup>660</sup>. Et non solum adsint apostoli qui tecum in uita mortali fuerunt, sed etiam quos Spiritu Sancto etiam postmodum elegisti et segregasti, Paulus uidelicet et Barnabas, quos docui omnia secreta<sup>661</sup> tua.

Apostoli tempore illo non discesserant totaliter a Iudea, immo sepius congregabantur in Ierusalem, nam plures synodos seu plura concilia fecerunt in ciuitate illa. Et Ioannes sepiissime cum Ignatio ad Genitricem Dei ueniebat<sup>662</sup>. Et alii eam<sup>663</sup> quandoque uisitabant. Ioannes etiam tunc primus affuit. Qui Hyerosolimis erant accesserunt. Qui remotiores erant, angelis eos ducentibus<sup>664</sup>, peruenerunt ita quod una die, una hora, omnes simul ibi<sup>665</sup> affuerunt<sup>666</sup> et agnouerunt Genitricis Domini<sup>667</sup> felicissimum

---

<sup>645</sup> Habebat namque annos sexaginta duos, menses XI, dies octo. Et in utero sue matris, plena gratia et scientia, uixerat mensibus nouem, quantum uidelicet est ab octaua (octauo *Q*) die Decembris usque ad octauam Septembris. Et sic inuenitur uere uixisse annos sexaginta tres, menses octo, dies octo. *add. (M in marg. a. m.) NOQ*

<sup>646</sup> uixisse *om. M*

<sup>647</sup> Immo obcubuisse *om. Q*

<sup>648</sup> mortalem *IJMNO PV*, mirabilem *Q*

<sup>649</sup> Marie *IJMNO QV*, matris Dei *P*

<sup>650</sup> nostre *IJMNO PQ*, matre *V*

<sup>651</sup> etiam corporis non solum anime *add. OQ*

<sup>652</sup> apud uos *om. J*, *add. M (in marg. a. m.)*

<sup>653</sup> ullum *JMNP*, illum *OQ*, nullum *V*

<sup>654</sup> et ridiculum *add. Q*

<sup>655</sup> ipsa *IJMNO PV*, illa *Q*

<sup>656</sup> tunc *IJMNO QV*, tanto *P*

<sup>657</sup> non me *om. I*

<sup>658</sup> rogarem *IJMNO PV*, rogaret *Q*

<sup>659</sup> ut *IJMNO PV*, quod *Q*

<sup>660</sup> qui supersunt *om. Q*

<sup>661</sup> secreta *IJMNO PV*, sacramenta *Q*

<sup>662</sup> ueniebat *IJMNPQ*, ueniebant *OV*

<sup>663</sup> eam *IJMNO PV*, etiam *Q*

<sup>664</sup> ducentibus *IJMNO PV*, docentibus *Q*

<sup>665</sup> ibi *om. Q*

<sup>666</sup> affuerunt *IJMNO PQ*, fuerunt *V*

<sup>667</sup> Domini *IJNPQV*, Dei *MO*

transitum. Affuit<sup>668</sup> autem cum Paulo etiam Dionisius. Aderat et magna angelorum multitudo.

Petrus itaque coram omnibus aperiens os suum, laudes Virginis dicere cepit hoc modo:

Scio, fratres mei, notum esse uobis omnibus quante dignitatis sit hec quam coram cernimus Virgo, in qua et si omnes collecte sint<sup>669</sup> uirtutes et omnia collecta dona, feruor tamen diuini honoris<sup>670</sup> et zelus diuine uenerationis in ea super omnia effulsit. Quia<sup>671</sup> et si uere Deo nil maius sit aut esse possit, homines tamen etiam<sup>672</sup> sancti, quadam familiaritate Dei<sup>673</sup> assueti, ipsum tamquam amicum quemdam et familiarem existimant et non tanti faciunt quanti ipse<sup>674</sup> est. Sed hec, quamuis semper gratiam Dei habuerit et Deum<sup>675</sup> ipsum uiderit et ab eo super omnes exaltata fuerit, semper tamen quadam<sup>676</sup> ineffabili humilitate se quotidie minorem<sup>677</sup>, Deum uero quo<sup>678</sup> magis ei<sup>679</sup> appropinquabat remotiorem a se extimabat. Remotiorem dico, quia semper ipsum digniorem iudicabat. Hec est illa que, dum eligeretur in matrem Dei, dixit: “Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum uerbum tuum”. Hec est illa que, iam electa<sup>680</sup> in matrem, concepto iam Filio, dicebat: “Respexit Deus humilitatem ancille sue”. Quo ergo magis crescebat eo se minorem censebat. Et quo minor erat in oculis suis<sup>681</sup> eo maior coram Deo efficiebatur. Et recte id egit quia omne bonum sibi collatum donum Dei fuit et nihil habebat quod non acceperat. Omnia in ea sunt laude digna. Sed omnia mihi, uobis fratribus meis me peritioribus cetera relinquens, non sunt recensenda. Et quia Magister noster Christus dixit: “Qui se humiliat<sup>682</sup> exaltabitur”, et: “Qui plus se humiliauerit maior erit in regno celorum”, quia ergo Domina nostra Dei Genitrix Maria<sup>683</sup> nemo humilior fuit, iustum est ut in regno celorum nemo sit maior aut sublimior ea<sup>684</sup>. Nos igitur, fratres carissimi, humilitatem sectemur Marie, imitemur quo [193] ad possumus uestigia eius ut ille qui eam super omnes sublimauit, nos quoque tante glorie ac sublimitatis<sup>685</sup> participes efficiat. Qui cum Patre suo<sup>686</sup> et Spiritu Sancto uiuit et regnat<sup>687</sup> in secula seculorum. Amen.

Post ipsum Ioannes ita<sup>688</sup> locutus est:

Ego, patres atque fratres mei, quid de tanta maiestate dicere potero, qui sicut etate ita et scientia minor sum uobis omnibus<sup>689</sup>? Ex quo tamen cum Petro et Iacobo, fratre

---

<sup>668</sup> Affuit *IJMNO PV*, Aufuit *Q*

<sup>669</sup> collecte sint *JOQV*, collocate sint *IMN*, collocate sunt *P*

<sup>670</sup> honoris *IJMNO PV*, amoris *Q*

<sup>671</sup> Quia *IJMNO PV*, Quod *Q*

<sup>672</sup> etiam *IJMNO PV*, *om. O*, Dei *Q*

<sup>673</sup> quadam familiaritate Dei *IJMNO P*, quandam illius familiaritate *Q*, quadam familiaritate *V*

<sup>674</sup> ipse *IJMNO PV*, ipsa *Q*

<sup>675</sup> Deum *IJMNO PQ*, Deus *V*

<sup>676</sup> quadam *IJMNO PQ*, quamdam *V*

<sup>677</sup> minorem *IJMNO PV*, moneret *Q*

<sup>678</sup> quo *om. IV*

<sup>679</sup> ei *om. V*

<sup>680</sup> electa *IJMNO PQ*, collecta *V*

<sup>681</sup> suis *om. Q*

<sup>682</sup> humiliat *IJMNO PV*, humiliauerit *Q*

<sup>683</sup> Maria *om. P*

<sup>684</sup> ea *om. Q*

<sup>685</sup> ac sublimitatis *om. Q*

<sup>686</sup> suo *om. NO*

<sup>687</sup> et regnat *om. Q*

<sup>688</sup> ita *IJMNO PQ*, ista *V*

<sup>689</sup> uobis omnibus *om. Q*

meo<sup>690</sup> decollato, cuius anima<sup>691</sup> ecce<sup>692</sup> hic est, (et tunc omnes eam uiderunt), quem alia uita<sup>693</sup> iam uiuentem<sup>694</sup> loqui<sup>695</sup> mortali lingua non decet<sup>696</sup>, Dominus ad fidei sue splendorem elegit et ut<sup>697</sup> uos in quibus<sup>698</sup> modo nulla inuidia<sup>699</sup> est, quia in gratia confirmati estis et de bono meo tamquam de bono communi gaudetis, mihi hunc locum dedistis, loquar<sup>700</sup> et<sup>701</sup> laudibus huius Virginis non cessabo. Est enim omni laude dignissima. Et quamuis omnia sint<sup>702</sup> in ea laude digna, omnia splendida, omnia pulchra, omnia decora, id tamen pro nunc, cetera uobis<sup>703</sup> relinquens, in ea commendabo quod digna fuit<sup>704</sup> esse<sup>705</sup> Mater Dei Genitrixque Verbi Diuini appellari. Permagni<sup>706</sup> puto seruum Dei appellari. Qui enim Deo seruit, regnat. Sed plus est amicum Dei nuncupari, plus certe filium. Sed hec omnia nihil sunt respectu huius<sup>707</sup> quod est matrem Dei appellari et esse. Ioseph quidem pater Dei appellatus est, sed non fuit nisi putatiue. Hec uero uere<sup>708</sup> mater Dei est. Verum enim Deum concepit, uerum<sup>709</sup> peperit. Sed in ipsa conceptione mater est facta, quia<sup>710</sup> non solum hominem<sup>711</sup> purum, ut alie matres<sup>712</sup>, sed Deum carni humane unitum genuit. Et primo concepit, quamuis et ipsa conceptio sit generatio. Formata carne illa<sup>713</sup> et omnibus membris distincta, in eodem ictu oculi et anima creata et infusa fuit et diuinitas humanitati unita, hoc est, illi rei que<sup>714</sup> homo dicitur que<sup>715</sup> non solum est anima aut corpus, sed ex eis est<sup>716</sup> illa res. Tu, o Genitrix Dei nostri<sup>717</sup>, hec que ad fratres meos apostolos, discipulos et has sanctas mulieres que hic sunt loquor<sup>718</sup> melius nosti. Nosti profecto te<sup>719</sup> Filio tuo unico, Domino et Saluatori nostro, totam<sup>720</sup> ut alie matres<sup>721</sup> ministrasse, de qua caro illa pretiosa formaretur, materiam et omnem operationem habuisse quam et alie matres habent in proles suas<sup>722</sup>. Et nosti quod, te operante et Spiritu Sancto superueniente,

<sup>690</sup> meo *om. V*

<sup>691</sup> anima *IJMNOQV, animam P*

<sup>692</sup> ecce *om. V*

<sup>693</sup> uita *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>694</sup> uiuentem *IJMNOQV, uiuente Q*

<sup>695</sup> loqui *add.M (sup.lin.), om. IJV*

<sup>696</sup> me *add. Q*

<sup>697</sup> ut *om. OQ*

<sup>698</sup> in quibus *IJMNOQ, quidem V*

<sup>699</sup> inuidia *IJMNOQ, inobedientia V*

<sup>700</sup> loquar *IJMNOQ, loqui P, loquere V*

<sup>701</sup> a *add.NOQ, de add.P,*

<sup>702</sup> sint *JMNOQV, sunt I*

<sup>703</sup> uobis *om. V*

<sup>704</sup> fuit *IJMV, fuerit NOPQ*

<sup>705</sup> esse *om. Q*

<sup>706</sup> Permagni *IJMNOV, Permagnum PQ*

<sup>707</sup> huius *IJMNOQV, eius P*

<sup>708</sup> uere *IJMNOQV, uera Q*

<sup>709</sup> Deum *add. Q*

<sup>710</sup> quia *om. Q*

<sup>711</sup> aliquem *add. Q*

<sup>712</sup> matres *IJMNOQV, mulieres Q*

<sup>713</sup> illa *om. Q*

<sup>714</sup> que *IJMNOQV, qua P*

<sup>715</sup> que *IJMNOQV, quia Q*

<sup>716</sup> est *om. V*

<sup>717</sup> nostri *IJMNOQ, mater V*

<sup>718</sup> loquor *om. P*

<sup>719</sup> te *IJMNOQ, tu M, et V*

<sup>720</sup> totam *IJMNOQV, totum NOP*

<sup>721</sup> matres *IJMNOQV, mulieres OQ*

<sup>722</sup> proles suas *IJMNOQV, partus suos P*

antequam humanitas illa<sup>723</sup> in se staret, a Verbo Dei Filioque eius<sup>724</sup> ante secula a Patre genito assumpta fuit<sup>725</sup> ut non in seipsa, sed in ipso Verbo staret et a Verbo sustentaretur. Iccirco uere Dei nostri<sup>726</sup> Genitrix et non alicuius<sup>727</sup> puri<sup>728</sup> hominis mater dici, nominari<sup>729</sup> et predicari per totum mundum poteris. Multi mirabuntur<sup>730</sup> quomodo Deus, qui semper est et ab eterno est, concipi potuit<sup>731</sup>. Et non considerant<sup>732</sup> quomodo unus homo alterius<sup>733</sup> filius<sup>734</sup> dici possit<sup>735</sup> et unus homo ab alio genitus esse. Ratio admirationis erit similis. Nam homo per animam est homo. Corpus aliquid facit ad esse hominem, sed anima dat completum esse. Tamen quia<sup>736</sup> illa anima a Deo creata<sup>737</sup> in eodem ictu oculi<sup>738</sup> corpori infunditur in quo corpus a parentibus plasmat, ideo<sup>739</sup> hominem totum et non solum<sup>740</sup> carnem genuisse dicuntur<sup>741</sup>, sic et tu, o dignissima Dei nostri Genitrix, Spiritu Sancto tibi uirtutem<sup>742</sup> tribuente, quam et habebas, sed [194] non ut<sup>743</sup> sola posses, et tecum concurrente et modum ut secum talia exercere posses prestante, quia et esse carneum et esse humanum Deo tribuisti, uere Deum concepisti, uere genuisti. Quod nomen et res nominis<sup>744</sup> ualde<sup>745</sup> te, o Domina et Regina nostra, dignificat. Dignare tu, o celorum et angelorum omnium Regina et Domina, nos et omnes qui nos<sup>746</sup> in hac confessione sequuntur<sup>747</sup> adiuuare et saluare. Et me quem in filium uoce a cruce delata accepisti et ego uirtute uerborum Christi Domini similiter te ex tunc meam accepi in matrem, non derelinquas, sed me filium tuum indignum, qui seruus magis tue maiestatis dici debeo, habebas in omnibus aduersitatibus<sup>748</sup> commendatum utque<sup>749</sup> omnes alios hic existentes<sup>750</sup> et qui sequuntur<sup>751</sup> pro filiis saltem adoptiuis habebas rogo,<sup>752</sup> qui tuam credent<sup>753</sup> et ore confitebuntur<sup>754</sup> maternitatem. O mater Dei, o mater Dei, o mater Dei ..., conticeo, sileo, dicere non audeo, o mater mea,

---

<sup>723</sup> illa *om.* *Q*

<sup>724</sup> eius *IJMNOV*, etiam *P*, *om.* *Q*

<sup>725</sup> fuit *om.* *IV*

<sup>726</sup> nostri *om.* *IV*

<sup>727</sup> alicuius *IJMNOV*, alterius *Q*

<sup>728</sup> puri *IJNOPQV*, pueri *M*

<sup>729</sup> nominari *om.* *Q*

<sup>730</sup> mirabuntur *IJMNPQV*, mirabantur *O*

<sup>731</sup> potuit *IJMNPV*, possit *O*, posset *Q*

<sup>732</sup> considerant *IJMNPQV*, considerabatur *O*

<sup>733</sup> hominis *add.* *N*

<sup>734</sup> Dei *add.* *Q*

<sup>735</sup> possit *IJMNOV*, potest *Q*

<sup>736</sup> quia *IJMNOV*, quamuis *Q*

<sup>737</sup> est *add.* *Q*

<sup>738</sup> a Deo *add.* *Q*

<sup>739</sup> ideo *IJMNOV*, nihilominus *Q*

<sup>740</sup> solum *IJMOPV*, solam *NQ*

<sup>741</sup> dicuntur *IJMNPQV*, dicitur *O*

<sup>742</sup> uirtutem *NOPQ*, uirtute *IJMV*

<sup>743</sup> ut *om.* *V*

<sup>744</sup> nominis *IJMNOVQ*, hominis *V*

<sup>745</sup> ualde *IJNOPQV*, ualet *M*

<sup>746</sup> nos *om.* *IV*

<sup>747</sup> sequuntur *IJMOP*, sequuntur *NQV*

<sup>748</sup> omnibus aduersitatibus *IJMNOV*, omni aduersitate *Q*

<sup>749</sup> utque *IJMOP*, et *Q*, atque *V*

<sup>750</sup> existentes *IJMNOV*, astantes *Q*

<sup>751</sup> sequuntur *IJMNPV*, sequuntur *OQ*

<sup>752</sup> ut *add.* *V*

<sup>753</sup> credent *IJMNOVQ*, credunt *V*

<sup>754</sup> confitebuntur *IJMNOVQ*, confitentur *V*

quia et, si<sup>755</sup> iam te accepi in meam, timeo tamen dicere meam, quia tunc meipsum<sup>756</sup> facerem fratrem Domini<sup>757</sup> Iesu<sup>758</sup> Filii tui omnino ueri<sup>759</sup> fratremque ipsius Dei. Mater tamen etiam mea es peculiari modo. Non<sup>760</sup> tamen illo modo quo es mater Filii Dei neque illo modo quo es mater omnium hominum, sed quodam medio modo. Sum enim filius tuus magis quam alii, sed longe minus quam ille quem cuncti colimus, ueneramur et adoramus.

Accedit<sup>761</sup> post hunc Andreas apostolus et laudes Virginis Gloriose ita decantare cepit:

Pulchra es et ualde decora, Genitrix ueri<sup>762</sup> Dei nostri. Tuamque<sup>763</sup> pulchritudinem Sol et Luna et cuncta sydera, immo et omnes uirtutes celorum admirantur. Iustum et<sup>764</sup> rationabile fuit ut mater Dei tanta puritate splenderet et tanta pulchritudine fulgeret ut sub Dei nostri pulchritudine nulla in terris aut in celis maior cogitari posset. Tota enim pulchra es, nulla macula est in te, nil in te horridum<sup>765</sup>, nil tetrum, omnia splendent, omnia rutilant, omnia radiant.<sup>766</sup> Quia ergo Ioannes, frater meus et filius tuus licet illi primogenito tuo longe impar, de maternitate tua tamquam filius multa preclare<sup>767</sup> attulit, et Petrus, nouus ouium pastor, tamquam omnium nostrum humillimus<sup>768</sup> tuam humilitatem quemadmodum in te<sup>769</sup> Deo complacuit extulit, ego germanus<sup>770</sup> ipsius<sup>771</sup> qui decoris nomen gero, de tuo decore, de tua speciositate et<sup>772</sup> formositate<sup>773</sup> et pulchritudine aliquid<sup>774</sup> coram his maioribus fratribus meis dicere curabo. Maxime quia tu sola ita electa es ut numquam salus tua, beatitudo tua felicitasque tua fuit<sup>775</sup> in dubio etiam quando angelis mandata dabantur cum conditione, si ea seruarent<sup>776</sup> beatitudinem obtinerent. Quando totum humanum genus damnatum erat, totum perierat, totum hereditate priuatum fuerat, tu sola ab uniuersali omnium damnatione<sup>777</sup> preseruata fuisti. Electa enim eras in Genitricem Dei et omnium Reginam ita ut, si homo non peccasset, tu inter omnes post Filium tuum prima in regno [195] Dei esses. Peccante uero homine, iam remedium, si peccaret, paratum erat, labores, inquam, et dolores Iesu Christi Filii tui et Domini nostri. Sicque<sup>778</sup> decreto eterno firmatum erat ut passio illius super omnes tibi prodesset, quamuis nondum exhibita esset, que tantum ualuit quantum a Deo

<sup>755</sup> quia et si *IJMNO PV*, quasi *Q*

<sup>756</sup> meipsum *IJMOV*, meipse *NP*, me *P*

<sup>757</sup> mei *add. Q*

<sup>758</sup> Christi *add. Q*

<sup>759</sup> ueri *IJMNO PQ*, uteri *V*

<sup>760</sup> Non *om. Q*

<sup>761</sup> accedit *IJMNO PV*, ascendit *Q*

<sup>762</sup> ueri *om. Q*

<sup>763</sup> Tuamque *IJMNO PV*, Tua ergo *Q*

<sup>764</sup> et *IJMNO QV*, ut *P*

<sup>765</sup> horridum *IJMNO QV*, sordidum *P*

<sup>766</sup> omnia radiant *om. V*

<sup>767</sup> preclare *IJNO V*, preclara *MPQ*

<sup>768</sup> humillimus *IJMNO QV*, humillimam *P*

<sup>769</sup> te *om. QV*

<sup>770</sup> germanus *IJMNO QV*, germani *P*

<sup>771</sup> ipsius *IJMNO PV*, illius *Q*

<sup>772</sup> speciositate et *om. Q*

<sup>773</sup> et formositate *IJMNO QV*, conformositate *P*

<sup>774</sup> loquar *add. Q*

<sup>775</sup> fuit *IJMOP QV*, fuerit *N*

<sup>776</sup> ea seruarent *IJMNO PV*, obseruarent *Q*

<sup>777</sup> damnatione *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>778</sup> sicque *IJMNO PQ*, sic quod *V*

accepta fuit. Non ergo tu mortua in Adam fuisti, quamuis ratione propaginis<sup>779</sup> tue, quia sicut et alii ex utroque parente nata es,<sup>780</sup> mortua fuisses, quamuis uterque illorum parentum sanctissimus fuisset. Vnica es columba sine felle, unica immaculata. Recessisti a peccato quocumque, recedere tam longe a peccato nemo potuit. De te propheta recte locutus est: “Egredietur uirga de radice Iesse, tota gracilis, recta tota, erecta non curua, sine nodo<sup>781</sup> et sine cortice”. O Maria<sup>782</sup> Dei Genitrix et Virgo perpetua, recte cecinisti: “Ecce<sup>783</sup> ex hoc beatam me dicent omnes generationes<sup>784</sup>”. Laudabunt et preconia tue puritatis tandem omnes agnoscent. Plerique de tua uirginitate dubitabunt et credent<sup>785</sup> te alios Filios quam Dominum nostrum habuisse. Alii dubitabunt de tua maternitate et credent te esse matrem unius hominis et non prorsus Dei. Et si Dei, non tamen ueri Dei. Alii ueri<sup>786</sup> Dei te putabunt matrem, sed illum non distiguent<sup>787</sup> a suo Patre, sed credent Patrem eundem esse qui et Filius est. Propter quod sepius rogauit ut talia fieri non sineret Altissimus. Et dictum est mihi<sup>788</sup>: “Sufficit tibi quod tibi datur. Noli sapientior esse Deo”. Sed scio quod, exclusis de tua puritate aliis opinionibus falsis<sup>789</sup>, ultimo hec quoque falsitas a<sup>790</sup> tota Ecclesia excludetur.

De pulchritudine et de maximo decore tuo, o Domina nostra, loqui uolens, tetigi tantum principium pulchritudinis tue que nihil aliud est quam donum Dei. Et de tuo ingenti<sup>791</sup> decore et uirtutum omnium tuarum splendore Thomas, Iacob, Philippus, Mattheus et hi astantes altiori ingenio altiora dicent. Nos omnes peccatores<sup>792</sup> sumus et fuimus. Tu<sup>793</sup> que<sup>794</sup> peccatorum omnium Redemptorem uirgo concepisti<sup>795</sup>, uirgo peperisti, inuiolata<sup>796</sup> semper fuisti, tibi et Filio tuo unico<sup>797</sup> commendatos nos facere uelis ut, que<sup>798</sup> sine peccato semper fuisti,<sup>799</sup> nos et posteros peccatores tua caritate et dilectione complecti<sup>800</sup> digneris. Mihique si prolixior fuerim, senes quippe abundantius quando incipiunt loqui consueuerunt, ignosce Domina, ignosce Regina, ignosce<sup>801</sup> Dei nostri mater suauissima.

Post hunc Simon apostolus, accitus a Simone Petro ut uerbum proponeret, in hunc modum loqui cepit:

<sup>779</sup> propaginis *JMNOPQ*, propagationis *IV*

<sup>780</sup> ita et *add. P*

<sup>781</sup> tota gracilis, recta tota, erecta non curua, sine nodo *IJMNOQV*, tota gracilis et recta, tota erecta, sine nodo *Q*

<sup>782</sup> O Maria *IJMNOQV*, Omnia *V*

<sup>783</sup> enim *add. Q*

<sup>784</sup> generationes *IJMNOQV*, gentes *O*

Omnes gentes te *add. Q*

<sup>785</sup> credent *IJMNOQV*, reddent *V*

<sup>786</sup> ueri *IJMNOQV*, uero *P*

<sup>787</sup> distiguent *IJMNOV*, distinguunt *PQ*,

<sup>788</sup> dictum est *IJMOPQV*, dixit *N*

<sup>789</sup> falsis *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>790</sup> a *IJMNOQV*, et *V*

<sup>791</sup> ingenti *IJMNOQV*, ingenii *P*

<sup>792</sup> peccatores *JMNOPQ*, predicatorum *IV*

<sup>793</sup> uero *add. Q*

<sup>794</sup> que *IJMNOQV*, quoque *V*

<sup>795</sup> concepisti *IJMNPV*, genuisti *OQ*

<sup>796</sup> inuiolata *IJMNOV*, immaculata *QV*

<sup>797</sup> unico *om. V*

<sup>798</sup> ut, que *JMNOP*, ut quia *I*, et quia *V*

<sup>799</sup> tibi et Filio tuo unico comendatos nos facere uelis ut, que sine peccato semper fuisti *om. Q*

<sup>800</sup> complecti *IJMNOQV*, compleri *Q*

<sup>801</sup> rogo *add. Q*

Quamuis plurima<sup>802</sup> sint<sup>803</sup> iam dicta de laudibus Regine celi, nil tamen dignum tanta maiestate. In ea namque omnia pulchra, omnia magna, omnia excelsa. Quemadmodum enim Saluator noster<sup>804</sup>, Christus Dominus, factus est obediens usque ad mortem, mortem autem crucis et Deus<sup>805</sup> propter obedientiam ipsius exaltauit illum et donauit illi nomen quod est super omne nomen, nam omnis lingua sibi confitebitur<sup>806</sup> et data est ei omnis<sup>807</sup> potestas in celo et in terra, ita certo quia Genitrix eius Maria, Domina nostra, et ipsa obediens fuit usque ad mortem, [196] mortem autem crucis quam in mente passa est et cooperata est<sup>808</sup> cruci<sup>809</sup> Filii sui<sup>810</sup> ad redemptionem humani generis, nam Simeonis uaticinium in ipsa<sup>811</sup> fuit impletum quando dixit sibi<sup>812</sup>: “Et tuam ipsius animam<sup>813</sup> pertransibit gladius”, mortuo Filio, commortua est et mater et quantum potuit redemptioni nostre auxiliata est et martirii gloriam adepta est<sup>814</sup>. Ad uitam hanc<sup>815</sup>, milite<sup>816</sup> lancea latus Domini<sup>817</sup> perforante, reuersa est ut<sup>818</sup> iterum nobiscum existens, nobis et toti Ecclesie prodesset, sicut certe et profuit ut omnes nouimus omnesque experti sumus. Quia<sup>819</sup> ergo cum uehementi dolore mortua est et<sup>820</sup> Christum<sup>821</sup> Dominum in doloribus suis<sup>822</sup> associauit<sup>823</sup>, nunc non decet ut ullo dolore afficiatur, sed cum gaudio et letitia anima sua a corpore separetur<sup>824</sup>, quia oportet ut legem pro omnibus statutam, a qua non fuit excepta, quia non oportebat eam eximi, seruaret<sup>825</sup> publice et pro se. Tunc enim pro nobis et pro martirii gloria defuncta est. Nunc est solutura debitum commune et ad tempus breue corpus exanime remanebit. Et propter obedientiam factam<sup>826</sup>, que omnes uirtutes complectitur, exaltabitur super omnes choros angelorum et super omnem potestatem et uirtutem. De qua re et ipsi angeli gaudent et gratias agunt Deo<sup>827</sup>, quorum plurimi hic sunt nobiscum, presertim ille magnus Gabriel, unus de septem et secundus inter primos septem. Nos itaque, fratres, obedientie iugo colla nostra submittamus et<sup>828</sup> uestigia Domini et matris eius cum puritate cordis sectantes ut<sup>829</sup> post Reginam nostram nos, serui eius<sup>830</sup>, illuc quo<sup>831</sup> ipsa properat

<sup>802</sup> plurima *IJMNO PQ*, pulchra *V*

<sup>803</sup> sint *IJMNO PV*, sunt *Q*

<sup>804</sup> noster *om. Q*

<sup>805</sup> Deus *om. V*

<sup>806</sup> confitebitur *IJMNPQ*, confitetur *OV*

<sup>807</sup> omnis *om. IO*

<sup>808</sup> est *om. N*

<sup>809</sup> cruci *IJMNO PV*, Christi *Q*

<sup>810</sup> sui *om. P*

<sup>811</sup> ipsa *IJMOPQV*, ea *N*

<sup>812</sup> sibi *om. Q*

quando dixit sibi *om. N*

<sup>813</sup> doloris *add. N*

<sup>814</sup> est *IJMNO PV*, fuit *Q*

<sup>815</sup> hanc *IJMNOQV*, sane *P*

<sup>816</sup> milite *BIJMNPV*, militie *H*, militis *OQ*

<sup>817</sup> latus Domini *IJMNO PQ*, Deum *V*

<sup>818</sup> ut *IJMNO PV*, et *Q*

<sup>819</sup> Quia *IJMNOV*, Que *P*, Qui *Q*

<sup>820</sup> et *IJNOQ*, ut *MPV*

<sup>821</sup> Christum *IJMNO PQ*, ipsum *V*

<sup>822</sup> suis *om. P*

<sup>823</sup> associauit *IJMNO PV*, associaret *Q*

<sup>824</sup> separetur *IMONPQ*, separaretur *J*, separet *V*

<sup>825</sup> seruaret *IJMNO PV*, seruare *Q*

<sup>826</sup> factam *IJMNV*, perfectam *OPQ*

<sup>827</sup> Deo *om. Q*

<sup>828</sup> et *NOPQ*, ut *IJMV*

<sup>829</sup> ut *om. Q*

scandere possimus<sup>832</sup>, quod facile erit ipsa pro nobis interueniente, cui nos omnes<sup>833</sup> omneque genus humanum humiliter commendamus.

Post hunc uocatur<sup>834</sup> Thomas apostolus ut laudes Virginis ad consolationem astantium<sup>835</sup> commemoret<sup>836</sup>. Ita ergo loqui cepit:

Abyssus abyssum inuocat. Petrus, noster princeps, propter<sup>837</sup> humilitatem exaltatus, de humilitate multa dixit. Ioannes, filius, de maternitate. Andreas, uirilil<sup>838</sup>, Dei uirtutem<sup>839</sup> Mariam Reginam nostram ab omni labe preseruantis<sup>840</sup> proclamauit et, decorus<sup>841</sup>, ipsius pulchritudinem summam post Deum ostendit. Simon uero, iuxta sui nominis interpretationem, de obedientia et de cruce atque morte ex<sup>842</sup> compassione<sup>843</sup> pleraque<sup>844</sup> attulit. Ego quoque alludam nomini meo. Abyssum enim me uocatis. Et ideo de abyssu diuine predestinationis, qua Genitricem suam super omnes elegit et preelegit, quedam afferam coram uobis.

Mirantur homines et adhuc mirabuntur cur Deus ipsam Mariam potius elegit<sup>845</sup> in matrem et ad tantam beatitudinem preordinauerit<sup>846</sup> quam<sup>847</sup> quamcumque aliam mulierem aut creaturam. Et non cogitant quod, si aliam filiam Ade in genitricem elegisset, eadem admiratio de illa quoque fuisset. Vnam oportebat esse, unius munus illud erat, perfectissimam<sup>848</sup> et anima et corpore illam et in naturalibus atque accidentalibus<sup>849</sup> optime dispositam esse decebat. Congruebat quoque ut, quemadmodum homo ille a Deo assumptus plenus fuit et est et erit gratie et ueritatis et<sup>850</sup> esset super omnes creaturas, ita<sup>851</sup> post ipsum Genitrix sua superaret [197] omnes in gratia et beatitudine<sup>852</sup>. Donum maternitatis consequitur donum beatitudinis. Et si<sup>853</sup> sibi et Filio suo unico<sup>854</sup>, Domino nostro, absolute uoluit beatitudinem, deinde merita siue<sup>855</sup> media, non tamen uoluit utrique<sup>856</sup> tantam beatitudinem<sup>857</sup> nisi ratione

---

<sup>830</sup> eius *IJMNO PV*, illius *Q*

<sup>831</sup> quo *add. M (sup. lin.)*, *om. IJV*

<sup>832</sup> possimus *IMNO PQ*, possemus *J*, possumus *V*

<sup>833</sup> omnes *om. P*

<sup>834</sup> uocatur *IJMNO PQ*, uocatus *V*

<sup>835</sup> astantium *om. V*

<sup>836</sup> commemoret *IJMNP*, commemoraret *OQ*, commemorare *V*

<sup>837</sup> propter *om. Q*

<sup>838</sup> uirilil *IJMNO QV*, uilis *P*

<sup>839</sup> Dei uirtutem *IJMNO PV*, de uirtute *Q*

<sup>840</sup> preseruantis *IJMNO P*, preseruata *QV*

<sup>841</sup> decorus, ipsius *IJMNO V*, decorans *P*, decoris eius *Q*

<sup>842</sup> ex *IJMNO V*, et *OP*

<sup>843</sup> atque morte ex compassione *om. Q*

<sup>844</sup> pleraque *IJMNO PV*, pulchra *Q*

<sup>845</sup> et preelegit, quedam afferam coram uobis. Mirantur homines et adhuc mirabuntur cur Deus ipsam Mariam potius elegit *om. Q*

<sup>846</sup> preordinauerit *BHIJMOP*, preordinauit *NQV*

<sup>847</sup> quam *om. V*

<sup>848</sup> illud erat, perfectissimam *IJMNO P*, illud erat, perfectissima *Q*, illud erat perfectissimum *V*

<sup>849</sup> accidentalibus *IJMNO QV*, accidentibus *O*

<sup>850</sup> ueritatis et *IJMNO PV*, uirtutis ut *Q*

<sup>851</sup> ut *add. Q*

<sup>852</sup> sua superaret omnes in gratia et beatitudine *IJMNO PV*, super omnes creaturas superaret in gratia et beatitudine *Q*

<sup>853</sup> si *om. P*

<sup>854</sup> unico *IJMNO PV*, immo *OQ*

<sup>855</sup> siue *IJMNO QV*, sint *P*

<sup>856</sup> utrique *JMNO PQ*, utraque *IV*

<sup>857</sup> beatitudinem *om. Q*

assumptionis humanitatis ex<sup>858</sup> tali uirgine. Voluit ab eterno et in initio uiarum suarum, quia generatio Filii a Patre eterna uia est qua Deus<sup>859</sup> exiuit a Deo Patre, eterna ab utroque est<sup>860</sup> processio Spiritus Sancti quam tamen Filius a Patre accepit<sup>861</sup> et illa quoque processio uia eterna ad eternum terminum<sup>862</sup> est, eterna est cognitio omnium creaturarum que quoque<sup>863</sup> uia quedam est<sup>864</sup>, in tribus enim personis, Patre uidelicet Filio ac Spiritu Sancto, simul<sup>865</sup> cognitio existens, ad omnes creaturas terminatur, uolito preterea in tribus ipsis unica existens in initio, ad ipsos duos, Filium uidelicet et matrem, terminata est precipue, et supra alios omnes uoluit hominem deificatum et matrem in qua humanitas copularetur diuinitati, in initio itaque uiarum suarum Deus, antequam quicquam faceret, immo facere disponderet, quodammodo loquendi, quia<sup>866</sup> omnia hec sunt eterna tamen quemdam ordinem in se tenent, uoluit humanitatem plenam gratia, plenam beatitudine assumere ita ut<sup>867</sup> sic assumptam simul et beatam faceret et Genitrici sue maximam post ipsum<sup>868</sup> gratiam prestaret<sup>869</sup>.

O Maria, quam felix es, quam fortunata, que ab initio et ante secula et in initio uiarum Dei<sup>870</sup> ab ipso electa fuisti et, Ade peccato preuiso, non fuisti cum aliis omnibus condemnata, sed uoluit ut merita Filii tui tibi<sup>871</sup> super omnes prodessent. Teque pro minimo momento noluit inimicam, sed semper amicam carissimam. Alios omnes beatos cum conditione facere uoluit si uidelicet mandata seruarent. Verum est tamen quod<sup>872</sup> et<sup>873</sup> alios plures, antequam quicquam<sup>874</sup> boni uel mali egissent, elegit et uocauit et sanctificauit. Sed cur non omnes ita sanctificauerit<sup>875</sup>? Hic<sup>876</sup> est et altitudo<sup>877</sup> et profunditas et abyssus scientie et sapientie Dei. Aliquos<sup>878</sup> enim ita predestinauit et omnino sanctificauit ut nullo modo damnare uellet. Et aliquos reliquit in manu consilii sui usque ad extremum uite diem et quales eos ibi uidit tales<sup>879</sup> ab eterno et in eternum iudicauit. Nullus tamen est ex filiis Ade quem aliquando non habuerit pro inimico preter te, o Maria. Nullum punit nisi peccatis precedentibus, multos premio<sup>880</sup> dignos ipse<sup>881</sup> facit, nulli<sup>882</sup> debitor est.

---

<sup>858</sup> ex *IJMNO PQ*, et *V*

<sup>859</sup> Deus *om. Q*

<sup>860</sup> est *om. Q*

<sup>861</sup> processio Spiritus Sancti quam tamen Filius a Patre accepit *IJMNO PV*, Spiritus Sancti et tamen Filius a Patre procedit et quam tamen Filius a Patre accepit *Q*

<sup>862</sup> terminum *IJMNO PQ*, eternum *V*

<sup>863</sup> que quoque *OPQ*, quecumque *IJMNV*

<sup>864</sup> est *om. Q*

<sup>865</sup> simul *IJMNO QV*, similis *P*

<sup>866</sup> quia *IJMNO QV*, quare *P*

<sup>867</sup> ipsam *add. INO*

<sup>868</sup> ipsum *JMNOP QV*, ipsam *I*

<sup>869</sup> prestaret *IJMOP Q*, speraret *N*, apprestaret *V*

<sup>870</sup> Dei *om. Q*

<sup>871</sup> tui tibi *om. IV*

<sup>872</sup> quod *om. N*

<sup>873</sup> et *IJMNO PQ*, in *V*

<sup>874</sup> quicquam *IJMNO PV*, quidquid *Q*

<sup>875</sup> sanctificauerit *IJMOP V*, sanctificauit *NQ*

<sup>876</sup> Hic *INOP Q*, Hec *JMV*

<sup>877</sup> et altitudo *om. V*

<sup>878</sup> Aliquos *IJMNO PV*, Alios *Q*

<sup>879</sup> tales *om. Q*

<sup>880</sup> in se *add. Q*

<sup>881</sup> ipse *IJMOP V*, ipso *NQ*

<sup>882</sup> nulli *IJMNO PV*, nullus *Q*

Punire etiam nullo crimine precedente posset, sed<sup>883</sup> numquam sine crimine proprio<sup>884</sup> creature eam punit. Neque<sup>885</sup> propter peccatum Ade solum quemquam ullo<sup>886</sup> supplicio aut pena in alia uita afficit<sup>887</sup> aut dolore seu quauis<sup>888</sup> tristitia plectit, sed solum beatitudine supernaturali priuat. Sic tamen quod et si tales habeant damnum, numquam tamen tristantur de tali damno, sed sunt sua sorte contenti, ignorantes talem<sup>889</sup> priuationem eis accidisse<sup>890</sup>. Magnus es<sup>891</sup>, Deus noster, et iudicia<sup>892</sup> tua<sup>893</sup> abyssus multa. Te adiuuante, te patrociniū afferente, o Maria, plurimi saluabuntur. Obstinati in malo et in peccatis damnabuntur quorum ideo pena eterna, quia et uita sempiterna. De hoc abisso plurima dicere possem, quia uere abyssus abyssum et difficultas inuocat difficultatem. Sed satis est dixisse de precipua et preuia aliis omnibus creaturis electione Marie, Domine nostre, et de bonitate Dei [198] quod tantum tamque magnum bonum contulit creature, sua uoluntate<sup>894</sup>, sua bonitate<sup>895</sup>, nil inde sperans accipere<sup>896</sup> quia bonorum nostrorum<sup>897</sup> non eget. Est enim sibi in seipso bonum sufficientissimum<sup>898</sup>. Satis est etiam ostendisse quod nulli iniuriam facit, quia et nulli debitor est. Et nullum affligit<sup>899</sup> eternaliter propter peccatum alterius et unumquemque<sup>900</sup> beatificare quantum in ipso est non postponit. Et quod soli obstinati in peccatis<sup>901</sup> damnentur<sup>902</sup>, sperandum est igitur in Deo et omnia nostra sibi committenda, quod<sup>903</sup> tu, o Dei Genitrix Maria, nos facere docuisti. Nos igitur adiuuabis tuoque Filio commendabis ut et nos post te in odorem unguentorum ipsius currere possimus.<sup>904</sup>

Postmodum uocatur<sup>905</sup> Philipus ut ipse quoque et ea<sup>906</sup> que sibi uidentur<sup>907</sup> aperiret. Sic igitur exorsus est:

Equos quibus<sup>908</sup> Sol iste corporeus et inter corpora pretiosissimus<sup>909</sup> uehitur multos esse greci, fingentes nomina, tradunt. Et ueritas ex multis eorum uanitatibus colligenda est. Non enim sequimur<sup>910</sup> indoctas fabulas, sed ueritatem quantum<sup>911</sup> possumus

<sup>883</sup> Punire etiam nullo crimine precedente posset sed *om. Q*

<sup>884</sup> proprio *om. Q*

<sup>885</sup> neque *IJMNO PQ*, nisi *V*

<sup>886</sup> ullo *IJMNO PQ*, illo *V*

<sup>887</sup> afficit *IJMNO PQ*, affuit *V*

<sup>888</sup> quauis *IJMNO QV*, queuis *P*

<sup>889</sup> talem *IJMNO PV*, tamen *Q*

<sup>890</sup> accidisse *IJMNO PQ*, accedisse *V*

uel de illa non dolentes *add. M(in marg.a.m.)NOQ*

<sup>891</sup> es *IJMNO QV*, est *P*

<sup>892</sup> iudicia *JMOP QV*, iustitia *IN*

<sup>893</sup> tua *IJMNO QV*, sua *P*

<sup>894</sup> sua uoluntate *om. P*

<sup>895</sup> sua bonitate *om. Q*

<sup>896</sup> accipere *IJNOP QV*, recipere *M*

<sup>897</sup> bonorum nostrorum *IJMNO PQ*, bonum nostrum *V*

<sup>898</sup> sufficientissimum *JMNO PQ*, sapientissimum *IV*

<sup>899</sup> affligit *IJMNO V*, afflixit *PQ*

<sup>900</sup> unumquemque *IJMNO PQ*, numquam *V*

<sup>901</sup> peccatis *IJMNO PV*, peccato *Q*

<sup>902</sup> damnentur *JMN PQ*, damnantur *IOV*

<sup>903</sup> Quod *IJMNO QV*, Que *P*

<sup>904</sup> Amen *add. Q*

<sup>905</sup> uocatur *IJMNO V*, uocatus *PQ*

<sup>906</sup> ea *om. V*

<sup>907</sup> uidentur *IJMNO PV*, uiderentur *Q*

<sup>908</sup> quibus *om. V*

<sup>909</sup> pretiosissimus *IJMNO P*, pretiosissima *QV*

<sup>910</sup> sequimur *IJMNO QV*, sequemur *P*

complectimur<sup>912</sup>. Sol est Christus Dominus noster. Ecce hic stellam<sup>913</sup> ex<sup>914</sup> qua Sol prodiit uidetis Mariam. Et tamen<sup>915</sup> et<sup>916</sup> ipsa Sol est non cessans moueri, sed semper proficiscens et numquam deficiens neque sibi neque aliis<sup>917</sup>, amorem in altari<sup>918</sup> cordis sui tamquam ignem indeficientem iugiter portans. Sol est non solum ipsa Regina nostra que nobis Solem<sup>919</sup> protulit, sed omnis anima supernam<sup>920</sup> querens beatitudinem et Deum suum ex toto corde diligens et proximum<sup>921</sup> sicut se ipsum.

Sol habet equos quibus uehitur qui nihil aliud sunt quam uirtutes infuse et<sup>922</sup> acquisite. Supernaturales primum, deinde et naturales, intellectuales et ille que in appetitu consistunt. Primus, ualidissimus et fortissimus equus est caritas quo<sup>923</sup> mouemur in dilectionem<sup>924</sup> Dei<sup>925</sup> et proximi ac nostri in ipso Deo. Respicit solum Deum in se et cuncta<sup>926</sup> alia in ipsum refert. Non cupit<sup>927</sup> aliquid sibi, sed omnia cupit Deo<sup>928</sup>. Non prestolatur retributionem, non munera, sed summo bono summe afficitur<sup>929</sup>. Alius equus est spes ipsa qua cupimus Deum nobis, uolumus eum<sup>930</sup> tamquam bonum nostrum. Tertius equus est fortior secundo<sup>931</sup>, debilior primo, fides qua credimus, que est substantia et fundamentum huius Ecclesie cui preest Petrus, Christi Domini<sup>932</sup> locum tenens, cui succedent<sup>933</sup> perpetuo pastores et<sup>934</sup> uicarii Christi<sup>935</sup>, non in hac ciuitate, sed alia quam suo martirio consecrabit<sup>936</sup>. Vbi nunc homines regnant, ibi Agnus regnabit. Deficere uidebitur, sed uires perpetuas assumet et conseruabit.

Multi alii sunt equi in mente hominum. Inter alios est<sup>937</sup> prudentia, que est uirtutum moralium regula, ut iustitie, fortitudinis et temperantie, sub quibus relique uirtutes collocantur. Et unaqueque homini equus<sup>938</sup> quidam est currendi<sup>939</sup>, ad brauium celeste suscipiendum prebens uires. Horum equorum amator<sup>940</sup> uir bonus est, Deo carus est<sup>941</sup>. Qui ipsis uehitur cadere non poterit. Quadrate figure manens perpetuo stabilis firmusque

---

<sup>911</sup> quantum *IJMPQV*, in quantum *NO*

<sup>912</sup> complectimur *IJMNOQV*, amplectimur *Q*

<sup>913</sup> stellam *IJMNP*, stella *QOV*

<sup>914</sup> ex *IJMNOQV*, de *Q*

<sup>915</sup> Et tamen *om. Q*

<sup>916</sup> et *IJNOMP*, in *Q*, ex *V*

<sup>917</sup> non cessans moueri sed semper proficiscens et numquam deficiens neque sibi neque aliis *om. Q*

<sup>918</sup> altari *IJMNOQV*, altaris *V*

<sup>919</sup> Solem *IJMNOQV*, Regem *P*

<sup>920</sup> supernam *IJMNOQV*, superna *V*

<sup>921</sup> et per omnia *add. Q*

<sup>922</sup> supernaturales *add. O*

<sup>923</sup> quo *IJMNOQV*, qua *Q*

<sup>924</sup> dilectionem *IJMNOQV*, dilectione *Q*

<sup>925</sup> et Christi *add. Q*

<sup>926</sup> cuncta *IJMNOQV*, omnia *Q*, contra *V*

<sup>927</sup> cupit *IJMNOQV*, accepit *Q*

<sup>928</sup> Deo *IJMNOQV*, Dei *IV*

<sup>929</sup> afficitur *IJNOP*, conficitur *M*, efficitur *QV*

<sup>930</sup> eum *IJMNOQV*, tamen *P*

<sup>931</sup> modo *add. P*

<sup>932</sup> Domini *om. Q*

<sup>933</sup> succedent *IJMNOQV*, succedunt *Q*

<sup>934</sup> et *IJMNOQV*, ut *V*

<sup>935</sup> Domini *add. Q*

<sup>936</sup> consecrabit *IJMNOQV*, consecrabit *V*

<sup>937</sup> est *om. I*

<sup>938</sup> equus *om. V*

<sup>939</sup> currendi *IJMNOQV*, currendo *Q*

<sup>940</sup> amator *IJMNOQV*, armatorum *V*

<sup>941</sup> Deo carus est *om. NP*

manebit. Mundi huius rectores equos habent in quibus confidunt, animalia bruta<sup>942</sup>, irrationabilia. Nos his utamur equis, his uehamur, his conducamur et perire nullatenus poterimus. Videte, fratres mei apostoli, inspiciate, discipuli Domini<sup>943</sup>, conside [199] rate<sup>944</sup>, o sancte mulieres<sup>945</sup> carissime, Reginam nostram quam potentissimam, quam fortissimam. Omnes ei insunt uirtutes perfecte et loco imperfectarum successerunt uirtutes<sup>946</sup> perfectissime. Non amplius sperat sed tenet, non desiderat sed amat, non exspectat<sup>947</sup> sed habet<sup>948</sup>, non credit sed uidet. Videndo, tenet et fruitur, fruendo, gaudet et letatur<sup>949</sup> in Deo salutari suo in quo et nos gaudebimus<sup>950</sup>. Modicum tamen oportebit<sup>951</sup> prius contristari<sup>952</sup>, sed hec tristitia in summum gaudium uertetur<sup>953</sup> quando post tenebras deducemur ad lucem inaccessibilem humanis uiribus, receptibilem<sup>954</sup> tamen, Deo uolente, a<sup>955</sup> nostris mentibus. Quod facile<sup>956</sup> meritis et precibus Regine nostre assequemur<sup>957</sup>, cuius gratia et nomen diffunditur<sup>958</sup> in omnes gentes.

Post hunc uocatur Iacob Minor et huiusmodi uerba proponit<sup>959</sup>

Subplantari<sup>960</sup> ab inimicis nostris, fauore prediti<sup>961</sup> Marie Dei nostri et magistri Genitricis, non poterimus. Ipsa enim contriuit caput uenenosi serpentis, ipsa uicit<sup>962</sup> mundum. Victoria eius talis fuit quod cunctas hereses interemit. Hec est mons ille de quo abscisus est lapis<sup>963</sup> sine manibus qui impleuit sua magnitudine totam terram, qui<sup>964</sup> cito predicabitur in toto orbe<sup>965</sup>. Sed bestia insurget, cuius uox implebit terram et durabit quousque adimpleatur uoluntas Altissimi. Et iterum emerget<sup>966</sup> quasi submersa<sup>967</sup> fides et regnabit Agnus in toto orbe terrarum. Quod fiet precibus et assiduis intercessionibus<sup>968</sup> huius gloriose Virginis quam pronno uertice<sup>969</sup> omnes ueneramur. Supplantauit et uicit diabolom, uicit Luciferum, principem huius mundi eiecit foras. Iterum et continue eicietur<sup>970</sup> et illo tempore perfecte eicietur<sup>971</sup>, qui<sup>972</sup> parentes nostros

<sup>942</sup> bruta *om. Q*

<sup>943</sup> Domini *om. V*

<sup>944</sup> considerate *IJMOPQV*, inspiciate *N*

<sup>945</sup> sorores *add. M (sup. lin.a.m.) Q*

<sup>946</sup> perfecte et loco imperfectarum successerunt uirtutes *om. Q*

<sup>947</sup> exspectat *IJNOPQ*, spectat *M*, sperat *V*

<sup>948</sup> omnia *add. Q*

<sup>949</sup> letatur *IJMNOQV*, delectatur *P*

<sup>950</sup> gaudebimus *IJMNOQV*, congaudebimus *Q*

<sup>951</sup> oportebit *IJMNOQV*, oportet *Q*

<sup>952</sup> contristari *IJMNOQV*, tristari *Q*

<sup>953</sup> uertetur *IJMNOQV*, conuertetur *P*

<sup>954</sup> receptibilem *om. Q*

<sup>955</sup> a *IJNOPV*, et *M*

<sup>956</sup> mentibus. Quod facile *om. Q*

<sup>957</sup> assequemur *IJMNOQV*, assequamur *QV*

<sup>958</sup> diffunditur *IJMNOQV*, diffundetur *O*, effunditur *Q*

<sup>959</sup> huiusmodi uerba proponit *IJNP*, eiusdem uerba proponit *M*, huiusmodi uerba protulit *OQ*, eiusmodi proponit *V*

<sup>960</sup> Subplantari *IJMNOQV*, Supplantati *V*

<sup>961</sup> prediti *IJMNOQV*, predictus *P*, predicti *V*

<sup>962</sup> uicit *IJMNOQV*, uixit *P*

<sup>963</sup> ille *add. Q*

<sup>964</sup> qui *IJMNOQV*, que *Q*

<sup>965</sup> orbe *om. V*

<sup>966</sup> emerget *IJMNOQV*, demerget *Q*

<sup>967</sup> submersa *IJMNOQV*, subuersa *V*

<sup>968</sup> et assiduis intercessionibus *om. O*

<sup>969</sup> pronno uertice *om. Q*

<sup>970</sup> eicietur *IJMNOQV*, eicitur *P*

ex<sup>973</sup> paradiso uoluptatis eiciet. Qui tunc eos supplantauit, a filiis ipsorum<sup>974</sup> supplantabitur, sed precipue ab hac<sup>975</sup> filia sancta et immaculata, perfecta et in omni bonitate, sanctitate, ueritate<sup>976</sup> et sinceritate plena, in qua sunt reconditi thesauri omnes sapientie et scientie Dei. Accidet<sup>977</sup> Lucifero ut sicut per arborem Euam supplantauit et per Euam Adam ita et ipse per arborem seu lignum crucis Christi, quod exterius erat, et per lignum crucis Marie, quod interius gerebat, fuit supplantatus. Et qui matrem superauit et supplantauit et uicit<sup>978</sup> a filia eius superaretur et supplantaretur et uinceretur<sup>979</sup>. Multe certe et alie filie congregauerunt sibi diuitias, sed Maria supergressa est uniuersas. Hec est illa mulier fortis de qua scriptum<sup>980</sup> est: “Mulierem fortem quis inueniet? Procul et de ultimis finibus pretium eius.”<sup>981</sup> O fortissima mulierum<sup>982</sup>, o sanctissima omnium creaturarum, o constantissima omnium hominum, fac nos quoque ueros inimicorum nostrorum supplantatores, ueros rectores, ueros superatores ut uincamus diabolum, superemus mundum et uincamus proprios contra rationem insurgentes<sup>983</sup> appetitus. Ecce in<sup>984</sup> continuo prelio sumus, hostes nos<sup>985</sup> numquam deserunt, inimici nostri intra<sup>986</sup> nos sunt. Si prelium non esset neque uictoria esset. Bonum est prelium quando illud consequitur uictoria. Bonum est malum quod uertitur in bonum. Bonus est dolor cui succedit gaudium. Bona<sup>987</sup> infirmitas quam perpetua consequitur<sup>988</sup> sanitas. Diligentibus autem Deum [200] omnia in bonum conuertuntur. Ex omnibus tam bonis quam malis, bonum oritur bonis.<sup>989</sup> Et sicut mundis<sup>990</sup> omnia sunt<sup>991</sup> munda, ita et bonis omnia bona. Exteriora quidem bona<sup>992</sup> in bonum corporis, bona corporis in bona<sup>993</sup> anime diriguntur et illa in summam beatitudinem et ipsum Deum. Certamen<sup>994</sup> itaque et prelium<sup>995</sup> et assidua militia data est homini in uita ista ut ex ea boni<sup>996</sup> ueluti aurum in fornace probentur<sup>997</sup>, ut stipule, fenum et palea et

---

iterum et continue eicietur *add. V*

<sup>971</sup> et illo tempore perfecte eicietur *IJMNOVP*, et precipue illo tempore *Q*

<sup>972</sup> qui *BH (M ras. quo) NOP*, quia *Q*, quo *IJRV*

<sup>973</sup> ex *IJMNOVP*, de *Q*

<sup>974</sup> ipsorum *IJMOPV*, eorum *NQ*

<sup>975</sup> hac *om. IV*

<sup>976</sup> ueritate *IJMNOVP*, uirtute *Q*

<sup>977</sup> Accidet *JMNOP*, Accidit *IQV*

<sup>978</sup> et uicit *om. Q*

<sup>979</sup> superaretur et supplantaretur et uinceretur *IJMNOVP*, fuit supplantatus et uictus *Q*

<sup>980</sup> scriptum *IJMNOVP*, dictum *Q*

<sup>981</sup> O formosissima *add. P*

<sup>982</sup> mulierum *IJMNOQ*, mulier *V*

<sup>983</sup> inimicos *add. Q*

<sup>984</sup> in *om. IQ*

<sup>985</sup> nos *om. V*

<sup>986</sup> intra *IJMNOQ*, contra *V*

<sup>987</sup> est *add. MQ*

<sup>988</sup> quam...consequitur *IMNO*, per quam...consequitur *V*, quam...sequitur *P*, ut consequitur *Q*

<sup>989</sup> Ex omnibus tam bonis quam malis, bonum oritur bonis. *NOQV*, Et omnibus tam bonis quam malis, bonum erit bonis. *M*, Ex omnibus tam bonis quam malis, bonum erit bonis. *IJP*

<sup>990</sup> mundis *IJMNOQ*, mundus *V*

<sup>991</sup> sunt *om. M*

<sup>992</sup> bona *om. QV*

<sup>993</sup> bona *IJNOQ*, bonum *MV*

<sup>994</sup> ipsum Deum. Certamen *IJMOPQ*, ipsum Deum creatorem *V*

<sup>995</sup> et prelium *om. Q*

<sup>996</sup> boni *IJMNOQV*, bonus *P*

<sup>997</sup> probentur *JMNOQ*, probetur *IPV*

et mali *add. NQ*

lignum<sup>998</sup> comburantur, et diligentes Deum tamquam Sol fulgeant et tamquam lapides pretiosi<sup>999</sup> rutilent. Tu ergo, o mater Dei et Domina nostra, succurre, opem fer, presidio esto, esto nobis turris fortitudinis a facie inimici ut ipsum supplantare et procul a nobis<sup>1000</sup> pellere et Deo nostro cumulatoribus<sup>1001</sup> meritis adherere possimus.

Vocatur post ipsum<sup>1002</sup> Matheus apostolus et euangelista, cuius sermo talis fuit:

Dono Christi Domini, o Regina angelorum<sup>1003</sup> et hominum, cum festinatione uocatus fui cum publicanus essem et negotiis atque curis huius<sup>1004</sup> uite implicitus<sup>1005</sup>. Donatoremque<sup>1006</sup> consilii euangelici<sup>1007</sup> secutus sum, qui me deinde in apostolum elegit et euangelistam. Genti mee<sup>1008</sup> mea lingua cripsi, predicavi. Sed ipsi, dura ceruice ut soliti sunt, renuerunt me et Euangelium sacrum, ut tu, Domina, nosti et hi fratres mei maiores non ignorant. Transiuimus et iterum transibimus ad gentes annuntiari immensa dona a Donatore omnium tibi, o Maria, collata.

Euam<sup>1009</sup> legimus et audiuimus de costa Ade plasmata, nobilissimam et delicatissimam complexionisque optime fuisse et ipsi uiro<sup>1010</sup>, de quo sumpta<sup>1011</sup> erat, simillime<sup>1012</sup>. Sed te nobiliorem et meliorem<sup>1013</sup> in cunctis membris, humoribus et corporis partibus in utero felicissime Anne incomparabiliter plasmavit et in omnibus corpori Filii tui, quod per donum Spiritus Sancti, te quoque coadiuuante<sup>1014</sup> ut matre<sup>1015</sup>, optimum et perfectissimum plasmatum est, simillimam<sup>1016</sup> reddidit. Ipse est speciosus forma pre filiis hominum. Tu similiter post ipsum et ualde parum distans ab ipso, pulcherrima mulierum es et supra<sup>1017</sup> omnes pulchra et decora. Congruum quippe erat ut mater gratie, ueritatis et misericordie Genitrixque Dei, dignioris complexionis esset quam<sup>1018</sup> mater carnalis omnium uiuentium. Iustum certe erat ut illa dignior esset etiam in corpore omnibus aliis, ex cuius purissimo sanguineo<sup>1019</sup> humore plasmandum<sup>1020</sup> erat dignissimum corpus Redemptoris omnium. Annuntiabimus et anime tue, o Maria, preclarissimas uirtutes. Nulla tibi scientia, nulla cognitio deest. Tu nosti et eterna et temporalia, mortalia et immortalia, corporea et incorporea, que sunt extra nos et que in nobis, que Deus, que natura, que intellectus fabricauit. Nil te latet, nil fugit, nil<sup>1021</sup> abscondit Deus, qui seipsum tibi aperte ostendit. Et postquam Christo commortua fuisti,

---

<sup>998</sup> et lignum *om. Q*

<sup>999</sup> fulgeant et *add. Q*

<sup>1000</sup> nobis *IJMNOQV*, uobis *P*

<sup>1001</sup> cumulatoribus *INOPQ*, cumulatoribus *JMV*

<sup>1002</sup> Vocatur post ipsum *IJMNOQV*, Vocatus est post eum *Q*

<sup>1003</sup> angelorum *IJMNOQV*, celorum *Q*

<sup>1004</sup> seculi *add. IV*

<sup>1005</sup> implicitus *IJMNPQ*, implicatus *OV*

<sup>1006</sup> Donatoremque *IJMNOQV*, denuntiatoremque *Q*

<sup>1007</sup> consilii euangelici *JMNPQ*, consilii Euangelii *IO*, consilis Euangelii *V*

<sup>1008</sup> et euangelistam. Genti mee *IJMOQV*, et euangelium genti mee *NP*

<sup>1009</sup> Euam *IJMNOQV*, quam *V*

<sup>1010</sup> uiro *om. Q*

<sup>1011</sup> sumpta *IJMNOQV*, superbia *V*

<sup>1012</sup> simillime *IJMNOQV*, simillimam *P*

<sup>1013</sup> Deus *add. Q*

<sup>1014</sup> coadiuuante *JMNOQV*, adiuuante *IQ*

<sup>1015</sup> matre *MNOQV*, matrem *IJP*

<sup>1016</sup> simillimam *NOQV*, simillima *IJM*

<sup>1017</sup> supra *IMNPV*, super *JOQ*

<sup>1018</sup> quam *IJMNOQV*, qui *Q*

<sup>1019</sup> sanguineo *IJMNOQV*, sanguine *M*

<sup>1020</sup> plasmandum *IJMNOQV*, plasmatum *Q*

<sup>1021</sup> a te *add. OQ*

in carne adhuc mortali beatam uitam duxisti sicut et ducis. Beata es, beatitudinem<sup>1022</sup> mors ista breuis tibi subripere non poterit. Recessitata<sup>1023</sup> cito, corpus gloriosum in sempiternum habebis.<sup>1024</sup> Omnes tibi insunt uirtutes, quamuis non credas neque [201] speres, quia uides et possides. Niuei<sup>1025</sup> candoris es, o Maria immaculata. Scirpus es nodo carens. Penas corporales ob<sup>1026</sup> peccatum primi parentis in posteritatem deriuatas, pro parte et<sup>1027</sup> tu, tamquam<sup>1028</sup> carne corruptibili obtenta<sup>1029</sup>, substulisti<sup>1030</sup>. Penas anime, que obsunt et non prosunt, non habuisti. Non ergo alicui ignorantie subiecta fuisti. Ingenio et industria, uirtute et bonitate semper uiguisti. Semper integra fuisti. Magna sunt<sup>1031</sup> dona tua, ingentia munera tua, que lingua humana exprimi non possunt, mente cogitari uel apprehendi uix possunt. Neque mirum, nam Spiritus Sanctus, qui est eternum donum, te sanctificauit, preseruauit, purgauit<sup>1032</sup>, illuminauit et singularibus priuilegiis decorauit. Ista dona non statim omnibus<sup>1033</sup> propalabuntur<sup>1034</sup>, non statim omnibus<sup>1035</sup> manifestabuntur. Sed in uariis temporibus, prout Donator Magni Consilii ordinauit<sup>1036</sup>, nunc hec nunc illa reuelabuntur. Et tandem postquam uenerit discessio<sup>1037</sup>, que per multa secula durabit et tandem consumabitur<sup>1038</sup>, et desiuncti coniungentur<sup>1039</sup>, miserebitur Dominus<sup>1040</sup> populo suo et mittet nouum<sup>1041</sup> Agnum<sup>1042</sup> qui docebit secreta fidei omnes gentes et tua dona uniuersa narrabit, conscribet et annuntiabit. Multiplicabuntur solemnitates tue, augebuntur festa tua et declarabitur<sup>1043</sup> martyrrium tuum<sup>1044</sup> et compassio tua et dolores tui et mors tua occulta, quando mortua fuisti simul cum Christo. De quibus<sup>1045</sup> tunc mirabuntur secula illa tamquam de ignotis et que in opinione hominum non fuerunt usque ad tempora illa felicia. Hec autem omnia Filius tuus Iesus Christus Dominus noster<sup>1046</sup> faciet intercessionibus tuis<sup>1047</sup> et meritis tuis quem<sup>1048</sup>, ut pro nobis quoque, maxime pro me peccatore et publicano, o aduocata peccatorum, depreceris, cuncti hic astantes rogamus et ego pro me, suplex et flexis genibus, oro.

---

<sup>1022</sup> tuam *add.* *Q*

<sup>1023</sup> Recessitata *IJNOPV*, Recessita *M*

<sup>1024</sup> Recessitata cito, corpus gloriosum in sempiternum habebis. *om.* *Q*

<sup>1025</sup> Niuei *IJMNOQV*, Huius *P*

<sup>1026</sup> ob *IJMNPQV*, propter *O*

<sup>1027</sup> Scirpus es nodo carens. Penas corporales ob peccatum primi parentis in posteritatem deriuatas pro parte et *om.* *Q*

<sup>1028</sup> tamquam *IJMNOV*, numquam *Q*

<sup>1029</sup> obtenta *IJMNV*, contempta *O*, obiecta *P*, obiecta *Q*

<sup>1030</sup> substulisti *IJMNOV*, sustinuisti *Q*

<sup>1031</sup> sunt *IJMNOV*, fuerunt *Q*

<sup>1032</sup> purgauit *om.* *N*

<sup>1033</sup> omnibus *om.* *V*

<sup>1034</sup> non statim omnibus propalabuntur *om.* *Q*

<sup>1035</sup> propalabuntur, non statim omnibus *om.* *O*

<sup>1036</sup> ordinauit *IJMNOV*, ordinauerit *Q*

<sup>1037</sup> discessio *IJMOV*, discessio *N*, dissensio *P*, decessio *Q*

<sup>1038</sup> consumabitur *IJMNOV*, conseruabitur *V*

<sup>1039</sup> et tandem consumabitur et desiuncti coniungentur *om.* *Q*

<sup>1040</sup> Dominus *IMNOV*, Domino *J*, Deus *Q*

<sup>1041</sup> nouum *IJMNOV*, nobis *Q*

<sup>1042</sup> Agnum *BHIJ* (*M add. sub lin. uidelicet Angelum*) *PRV*, Angelum *ANOQST*

<sup>1043</sup> declarabitur *IJMNV*, celebrabitur *NOP*

<sup>1044</sup> tuum *om.* *V*

<sup>1045</sup> cum Christo. De quibus *IJMNO*, cum Christo, quibus *PQV*

<sup>1046</sup> Dominus noster *om.* *OQ*

<sup>1047</sup> tuis *om.* *JQ*

<sup>1048</sup> quem *IMNOQV*, que *J*

Matheo cum magna gratia omnium explente dicta superiora<sup>1049</sup>, uocatur Bartholomeus apostolus. Sicque loqui cepit<sup>1050</sup>:

Filius<sup>1051</sup> suspendentis aquas uocor ego. Coram illis loquor qui melius me que loquor nouerunt<sup>1052</sup>. Ecce Dei Genitricem, Deum assidue iam uidentem postquam commortua fuit<sup>1053</sup>, ante oculos nostros aspiciamus. In quo uiso<sup>1054</sup> uidet omnia etiam nos ipsos quos oculis presentes cernit. Non solum agnoscit que dicturus sum, sed mentem ipsam<sup>1055</sup> et cogitationem<sup>1056</sup> meam uidet, immo antequam cogitarem cogitaturum sic omnino sicut cogito me preuidit. Nouit<sup>1057</sup> enim omnia<sup>1058</sup>, preterita et futura. De presentibus nihil dico, quia illud<sup>1059</sup> manifestius<sup>1060</sup> est.

Que sunt aque<sup>1061</sup> suspense? Ille sunt que super celos sunt<sup>1062</sup>, que super firmamentum<sup>1063</sup> sunt, non<sup>1064</sup> sub celo. Quis eas suspendit nisi qui diuisit aquas ab aquis? Quis est ille? Deus est, Pater, Filius et Spiritus Sanctus. Qui<sup>1065</sup> etiam Spiritus Sanctus ferebatur super aquas ex quibus facte sunt he et ille aque<sup>1066</sup>. Ipse quidem specialiter<sup>1067</sup> ferebatur, quia diuina uoluntas, una in tribus, [202] ferebatur. Volebat enim ex aquis<sup>1068</sup> illis producere omnia corpora preter primum corpus quod celum empyrium uocabitur<sup>1069</sup>. Illud enim solum simplex est, cetera composita<sup>1070</sup>. Nam et ipsa elementa composita corpora<sup>1071</sup> sunt, quamuis simplicia respectu mixtorum dicantur. Non sum tamen eo modo filius<sup>1072</sup> suspendentis et conseruantis aquas illas sicut apud nos dicuntur filii natura<sup>1073</sup>.

He aque per<sup>1074</sup> similitudinem quamdam dicte sunt aque. Sunt enim lucide et fluide, non quia fluant<sup>1075</sup>, sed quia cum summa et indicibili mouentur<sup>1076</sup> uelocitate. Et secum trahunt<sup>1077</sup> inferiora corpora sicut aqua currens trahit secum reliqua corpora<sup>1078</sup> in ipsa

---

<sup>1049</sup> dicta superiora *om. O*

<sup>1050</sup> Sicque loqui cepit *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>1051</sup> Filius *IJMNO PQ*, Filii *V*

<sup>1052</sup> nouerunt *IMNOQV*, norunt *P*

<sup>1053</sup> fuit *IJMNO PV*, est *Q*

<sup>1054</sup> uiso *IJMNO P*, uisu *Q*, uisio *V*

<sup>1055</sup> ipsam *IJMNO PV*, meam *Q*

<sup>1056</sup> cogitationem *IJMNO PQ*, cognitionem *V*

<sup>1057</sup> Nouit *IJMNO PV*, Noscit *Q*

<sup>1058</sup> omnia *om. Q*

<sup>1059</sup> illud *om. N*

<sup>1060</sup> manifestius *IJMNO PQ*, manifestum *V*

<sup>1061</sup> aque *IJMNO P*, que *Q*, atque *V*

<sup>1062</sup> que super celos sunt *om. P*

<sup>1063</sup> firmamentum *IJMNO PV*, fundamentum *Q*

<sup>1064</sup> que *add. NOP*

<sup>1065</sup> Qui *IJMNO PQ*, Que *V*

<sup>1066</sup> aque *IJMNO PQ*, atque *V*

<sup>1067</sup> specialiter *IJMNO PV*, spiritaliter *Q*

<sup>1068</sup> ex aquis *IMNO PQV*, ex aliquis *J*

<sup>1069</sup> uocabitur *IJMNO PV*, uocatur *Q*

<sup>1070</sup> corpora *add. Q*

preter primum corpus quod celum empyrium uocabitur. Illud enim solum simplex est, cetera composita. *add. O (in marg. a.m.)*

<sup>1071</sup> corpora *IJMNOQV*, corporea *P*

<sup>1072</sup> Non sum tamen eo modo filius *IJMNOQV*, Non solum tamen ego eo modo filius *P*

<sup>1073</sup> natura *IJMNO PV*, nature *OQ*

<sup>1074</sup> per *IJMNO PQ*, semper *V*

<sup>1075</sup> fluant *IJMNOQV*, fluunt *N*

<sup>1076</sup> mouentur *IJMNO PV*, moueantur *OQ*

<sup>1077</sup> trahunt *IJMNO PV*, trahant *Q*

<sup>1078</sup> sicut qua currens trahit secum reliqua corpora *om. V*

posita. Non tamen celum illud aqueum ui<sup>1079</sup> trahit alios celos, sed angelus, mouens illud, mouet simul omnes celos inferiores quos alii angeli singuli uidelicet singulos circulos<sup>1080</sup> celorum in oppositum<sup>1081</sup> uel alio motu mouent. Habet celum illud pleraque<sup>1082</sup> similia aquis, iccirco aqueum<sup>1083</sup> uocatum est. Non ergo natura<sup>1084</sup> sed gratia adoptionis filius aquas ab aquis diuidentis uocatus sum. Sed omnes nos eo modo filios<sup>1085</sup> illius aquas suspendentis<sup>1086</sup> esse censeo. Sed mihi uni nomen illud, quo me indignum puto, inter hic existentes<sup>1087</sup> impositum est.

Aque denique multe, populi multi quos suspensos tenet Deus ne cadant. Si namque ipse non conseruaret creaturas suas, deciderent subito et in nihilum<sup>1088</sup> omnino<sup>1089</sup> reuerterentur non solum in puluerem aut cinerem, sed nullo modo esse haberent. Nil omnino essent sicut erant antequam quicquam factum<sup>1090</sup> fuisset. Populi sunt aque ob sui uolubilitatem et<sup>1091</sup> frigiditatem<sup>1092</sup>. Immo creatura omnis ex se frigida est, quod est in animalibus signum mortis et interitus, ex se non habet<sup>1093</sup> esse neque<sup>1094</sup> umquam illud haberet<sup>1095</sup> nisi datum sibi esset<sup>1096</sup>. Et postquam illud habuit, stare non posset, ruinam<sup>1097</sup> semper minatur<sup>1098</sup> et casum<sup>1099</sup>, nisi Deus conseruaret et suspensam<sup>1100</sup> teneret. Quod etiam ipsis angelis et uirtutibus celestibus quotidie et assidue accideret. Quando Deus<sup>1101</sup> non suspendit, non<sup>1102</sup> conseruat, res decedit uel tota uel secundum partem, prout non conseruat<sup>1103</sup> Deus. Radius Solis est omnis creatura<sup>1104</sup>.

Aque quoque<sup>1105</sup> dicuntur tribulationes et anxietates, iuxta illud: “Torrentem pertransiuit anima nostra. Forsitan pertransisset anima nostra<sup>1106</sup> aquam intolerabilem.” Has Deus suspendit quia tolerabiles reddit, quia diminuit, quia omnino tollit. Nam et inimicorum suorum penas et damnatorum tormenta, quamuis eterna, sua misericordia suspendit et leuius quam merentur<sup>1107</sup> punit e quibus aliquos iam eruit et nonnullos

<sup>1079</sup> ui *om. Q*

<sup>1080</sup> circulos *IJMNO PQ*, circulo *V*

<sup>1081</sup> in oppositum *IJMNO PQ*, impositum *V*

<sup>1082</sup> pleraque *JMNO PQ*, pleraque *I*, plura *V*

<sup>1083</sup> aqueum *IJM Q*, aqua *NOP V*

<sup>1084</sup> ergo natura *IJMNO PQ*, ego *V*

<sup>1085</sup> filios *IJMNO QV*, filii *P*

<sup>1086</sup> filios illius aquas suspendentis *IJMOP QV*, filios aquas ab aquis suspendentis *N*

<sup>1087</sup> hic existentes *IJMNP V*, hos assistentes *O*, hic assistentes *Q*

<sup>1088</sup> nihilum *IJMNO PV*, nihilo *Q*

<sup>1089</sup> omnino *om. Q*

<sup>1090</sup> quicquam factum *IJMNP V*, creature *Q*

sicut erant antequam quicquam factum *add. O (in marg, post ras.)*

<sup>1091</sup> uolubilitatem et *om. Q*

<sup>1092</sup> frigiditatem *IJMNO PQ*, fragilitatem *V*

<sup>1093</sup> habet *IMNO PV*, habent *Q*

<sup>1094</sup> neque *IMNO PV*, ne *Q*

<sup>1095</sup> haberet *IMNO PV*, haberent *Q*

<sup>1096</sup> esset *IMNP V*, fuisset *OQ*

<sup>1097</sup> ruinam *INOP Q*, ruina *MV*

<sup>1098</sup> minatur *IMNO PV*, minaretur *Q*

<sup>1099</sup> et casum *om. Q*

<sup>1100</sup> suspensam *IMN (O add. sup. lin.a.m. suspensam, er. in manus suas) PV*, in manus suas *Q*

<sup>1101</sup> Deus *IJMNP V*, uero *OQ*

<sup>1102</sup> non *IJMNO PV*, neque *Q*

<sup>1103</sup> conseruat *IMNO PQV*, obseruat *J*

<sup>1104</sup> Radius Solis est omnis creatura *JOQ*, Radius solis et omnis creatura *I*, Radios Solis et omnis creatura *M*, Radius Solis et omni creature *NPV*

<sup>1105</sup> quoque *JMNO Q*, ergo *P*, que *IV*

<sup>1106</sup> nostra *IJMNO PV*, mea *Q*

<sup>1107</sup> merentur *JMNO V*, mereantur *PQ*

eripiet, excipiendo eos<sup>1108</sup> a generali sententia. Et omnes quidem eripere posset, sed lex extat<sup>1109</sup> sua. Tamen decretum suum<sup>1110</sup> non alicuius ipso superioris positum ut<sup>1111</sup> post iudicium illi in supplicium eternum, iusti uero eant<sup>1112</sup> in uitam eternam. Quam Dominum nostrum, tuum<sup>1113</sup> uero<sup>1114</sup>, Maria, primogenitum et unicum Filium, nobis quoque qui relinquimus omnia et secuti sumus ipsum, nobis<sup>1115</sup> daturum<sup>1116</sup> speramus.

Placuit et hic sermo sicut et reliqui omnibus astantibus

Vocatur Thadeus qui facta pro more<sup>1117</sup> reuerentia Petro [203] tamquam uicario et Marie que<sup>1118</sup> ratione corporis nondum glorificati in uia erat et ea ratione ouis Petri dici poterat et ita loquitur:

Principium<sup>1119</sup> omnium creaturarum, Christum Dominum, omnia enim per ipsum facta sunt et nulla res facta est sine ipso<sup>1120</sup>, apprehendi<sup>1121</sup>, tenui eum nec dimittam, confessus sum, laudauit et glorificaui, corde quasi apprehendi quia uoluntate, que cordis nomine accipitur, et amore prosecutus<sup>1122</sup> sum. Sicuti enim a corde tamquam a principio et fonte uite progreditur uita ad reliquos corporis artus, ad alia membra<sup>1123</sup> et ad alias partes, sic a uoluntate bonum et malum omnium aliarum potentiarum que laude aut uituperio digne sunt profluit. Prima laus, primum uituperium uoluntas est aliarum potentiarum solum in quantum iussa bona uel mala uoluntatis exequentur.<sup>1124</sup> Ipsius est fugere et<sup>1125</sup> prosequi, ipsius nolle et uelle. Et nil fugit nisi quia aliquid diligit. Diligit autem ob aliud, diligit<sup>1126</sup> etiam non propter aliud, sed<sup>1127</sup> quia res talis ex sui<sup>1128</sup> natura est uel ex eius<sup>1129</sup> beneplacito propter se diligitur<sup>1130</sup>. Dilectio est primum bonum opus. Ipsa similiter est primum prauum<sup>1131</sup> opus.<sup>1132</sup> Respuere et nolle sicut non est primum opus<sup>1133</sup>, ita neque primum bonum<sup>1134</sup> aut primum malum<sup>1135</sup> opus. Dilectio

<sup>1108</sup> eos *IJMNOPIV*, illos *Q*

<sup>1109</sup> extat *IJMNOPIV*, stat *Q*

<sup>1110</sup> suum *IJMNOPIV*, iuris *Q*

<sup>1111</sup> ut *IJMNOPIV*, aut *Q*

<sup>1112</sup> eant *IJMNOPIQ*, erant *V*

<sup>1113</sup> tuum *IJMNOQ*, tuo *P*, Tunc *V*

<sup>1114</sup> Domina *add. V*

<sup>1115</sup> nobis *om. P*

<sup>1116</sup> daturum *IJMOPQV*, daturus *N*

<sup>1117</sup> more *IJMNOPIQ*, amore *V*

<sup>1118</sup> que *IJMOPV*, quia *Q*

<sup>1119</sup> Principium *IMOQV*, Principem *NP*

<sup>1120</sup> et nulla res facta est sine ipso *om. Q*

<sup>1121</sup> apprehendi *IMNOPQV*, apprehendit

<sup>1122</sup> prosecutus *IMNOPQ*, perfectus *V*

<sup>1123</sup> ad alia membra *om. Q*

<sup>1124</sup> Prima laus, primum uituperium uoluntas est aliarum potentiarum solum in quantum iussa bona uel mala uoluntatis (uoluntas *I*, uoluntate *MN*) exequentur. *IJMNPV*, ...uoluntate sequuntur *BH*, Prima laus, primum uituperium uoluntatis est. Aliarum potentiarum solum in quantum iussa bona uel mala uoluntatis exequentur. *O*, Prima laus, primum uituperium aliarum potentiarum uoluntas est, solum in quantum iussa bona uel mala uoluntate exequentur. *Q*

<sup>1125</sup> et *IJMNOPIV*, uel *Q*

<sup>1126</sup> diligit *IJMOP*, diligitur *NV*

<sup>1127</sup> diligit etiam non propter aliud sed *om. Q*

<sup>1128</sup> sui *IJMNPV*, sua *OQ*

<sup>1129</sup> eius *IJMOPQV*, sui *N*

<sup>1130</sup> diligitur *IJMNOPIV*, diligit *Q*

<sup>1131</sup> prauum *NOQ*, paruam *IJMV*

<sup>1132</sup> Dilectio est primum bonum opus. Ipsa similiter est primum prauum opus. *om. P*

<sup>1133</sup> opus *om. I*

<sup>1134</sup> opus *add. P (sup.lin.)*

<sup>1135</sup> est *add. Q*

quoque ob aliud presupponit<sup>1136</sup> dilectionem propter se. Primum ergo bonum opus est dilectio propter se et primum malum<sup>1137</sup> dilectio propter se<sup>1138</sup>. Si Deum diligamus propter ipsum, optima, perfectissima ex sui natura dilectio bona est. Si aliud ab eo propter se, in ipsum non referendo<sup>1139</sup>, diligatur, dilectio prava<sup>1140</sup> et mala est. Si denique Deus propter creaturam<sup>1141</sup> diligatur ita quod creatura sit finis et Deus ad finem in creatura sistendo<sup>1142</sup>, pessima operatio est. Pessima utique<sup>1143</sup> dilectio<sup>1144</sup> Deum ob aliud diligere, in illo<sup>1145</sup> alio sistendo<sup>1146</sup>. Dico autem sapientibus et perfectius me omnia cognoscentibus loquor, sistendo<sup>1147</sup> in illo alio. Nam si quis diligeret Deum propter retributionem et<sup>1148</sup> tamquam<sup>1149</sup> bonum sui ipsius, hoc est, diligentis<sup>1150</sup> neque tamen ibi figeret<sup>1151</sup> dilectionem, sed ulterius tenderet dilectionem<sup>1152</sup> in Deum ita ut, si nulla retributio esset nullumque premium sequeretur, adhuc diligeret ipsum tamquam bonum<sup>1153</sup> immensum, dignum prima et dignissima<sup>1154</sup> dilectione, talis dilectio Dei tamquam boni proprii bona esset. Vnde preter<sup>1155</sup> fidem sunt in nobis due alie uirtutes a Deo nobis date: spes, qua<sup>1156</sup> diligimus Deum tamquam bonum nostrum, et caritas, qua diligimus eum in seipso et propter seipsum. Caritas donum est hominibus concessum et a Deo infusum quo nullum<sup>1157</sup> dignius. Per hoc enim<sup>1158</sup> precipue Deus, Caritas increata, et Spiritus Sanctus, cui caritas precipue attribuitur, habitat in cordibus nostris. Per hanc templum Dei sumus, per hanc Deo grati et accepti reddimur,<sup>1159</sup> per hanc opera nostra grata et accepta sunt Deo. Quicquid enim suo instinctu fit, illud Deus premio eterno dignum<sup>1160</sup> iudicat. Nulla actio nostra digna est uita eterna nisi uoluntaria fuerit et ab ipsa caritate infusa eliciatur et a Deo tamquam digna uita eterna acceptetur. Ipse uero Deus ab eterno decreuit omnem talem actionem pro tanto acceptaturum<sup>1161</sup>. Quantum ergo acceptat<sup>1162</sup> tantum ipsa operatio ualet et tantum operanti confert [204] premium quantum operationem ipsius<sup>1163</sup> acceptauit, non plus aut minus. Verum quidem est quod

<sup>1136</sup> presupponit *IJMNO PV*, supponit *Q*

<sup>1137</sup> opus *add. Q*

est *add. P (sup.lin.)*

<sup>1138</sup> Primum ergo bonum opus est dilectio propter se, et primum malum dilectio propter se. *om. IV*

<sup>1139</sup> referendo *IJMNO PV*, referatur et *Q*

<sup>1140</sup> prava *IJMNO PV*, proterua *Q*

<sup>1141</sup> creaturam *IJMNO PV*, creaturas *Q*

<sup>1142</sup> sistendo *IJMNO PQ*, insistendo *V*

<sup>1143</sup> utique *NOPQ*, ubique *IJM*

<sup>1144</sup> est *add. Q*

<sup>1145</sup> illo *om. Q*

<sup>1146</sup> sistendo *IJMNPQV*, insistendo *O*

<sup>1147</sup> pessima operatio est. Pessima utique dilectio Deum ob aliud diligere in illo alio sistendo. Dico autem sapientibus et perfectius me omnia cognoscentibus loquor, sistendo *om. V*

<sup>1148</sup> et *om. Q*

<sup>1149</sup> in *add. Q*

<sup>1150</sup> diligentis *JMNQ* diligentius *IP*, diligentibus *OV*

<sup>1151</sup> figeret *IJMNO PV*, fingeret *Q*

<sup>1152</sup> dilectionem *JNOPQV*, dilectione *IM*

<sup>1153</sup> bonum *om. V*

<sup>1154</sup> et dignissima *om. P*

<sup>1155</sup> preter *IJMNO PV*, propter *Q*

<sup>1156</sup> qua *IJMNO PV*, quam *Q*

<sup>1157</sup> nullum *IJMNPQV*, nullus *Q*

<sup>1158</sup> Per hoc enim *om. Q*

<sup>1159</sup> per hanc Deo grati et accepti reddimur *om. Q*

<sup>1160</sup> dignum *om. NPQV*

<sup>1161</sup> acceptaturum *IJMNO PV*, accepturum *Q*

<sup>1162</sup> acceptat *IJMNO PV*, accepta *Q*

<sup>1163</sup> ipsus *IJMNOQV*, eius *P*

Altissimus Deus maius nobis premium confert quam ipsa operatio a uoluntate et gratia seu caritate emanans<sup>1164</sup> ex sui natura mereretur<sup>1165</sup>, sed non<sup>1166</sup> maius quam acceptauerit<sup>1167</sup>. Neque uoluntas neque caritas seu gratia compellunt<sup>1168</sup> Deum opera nostra ad uitam eternam acceptare. Sed ipsa<sup>1169</sup> sua clementia talia opera eo modo facta seu elicita semper sic et<sup>1170</sup> pro tanto acceptare disposuit. Et sicut disposuit uoluntarie ita et acceptat uoluntarie. Hec uirtus sola nullum crimen compatitur, hec dum quis sanctificatur, dum<sup>1171</sup> iustificatur<sup>1172</sup>, infunditur. Hec, quotiens quis contra legem Dei uoluntarie preuaricatur, aufertur, quotiens in Deum redit sibi redditur<sup>1173</sup>. Hec ut bona opera reuiuiscant<sup>1174</sup> facit. Hac uirtute supra<sup>1175</sup> alias Regina nostra et angelorum pollet. Hec a Deo est et<sup>1176</sup> Deus est. Cetera quidem a Deo sunt, non Deus. Hec uero Deus est et a Deo angelis et hominibus conceditur. Nulla alia uirtus digna<sup>1177</sup> facit premio eterno opera sua<sup>1178</sup>. Actionesque suas<sup>1179</sup> hec sola et ex ipsa profluentem operationem et ex aliis uirtutibus emanantes facit premio superno dignas<sup>1180</sup>, hec<sup>1181</sup> uero<sup>1182</sup> non ulla<sup>1183</sup> nature necessitate, sed benignissima Dei nostri pietate<sup>1184</sup>.

Hanc ut nobis adaugeat<sup>1185</sup> Deus, cuius culmen post Filium tu possides, o Maria, Domina mea<sup>1186</sup> et soror matris mee, (tu enim ex Anna, Simon, Iacob, Ioseph iustus et ego<sup>1187</sup> ex Maria Cleophe, fratris<sup>1188</sup> Anne felicissime sterilis orti sumus), tu rogabis, tu impetrabis ut omnes curramus post te in odorem ungentorum tuorum.

Vocatur Mathias apostolus cuius uerba hec fuerunt:

Donatus Domino<sup>1189</sup>, dona<sup>1190</sup> ipsius in Genitrice<sup>1191</sup> Domini<sup>1192</sup> Dei et Saluatoris nostri Iesu Christi<sup>1193</sup> laudare et commendare teneor. Sed ex una parte cogito quid<sup>1194</sup>

<sup>1164</sup> si *add. M (sup. lin.)*

<sup>1165</sup> mereretur *IJMOP*, meretur *NQV*

<sup>1166</sup> non *IJMNO PQ*, modo *V*

<sup>1167</sup> acceptauerit *IJMNO PV*, acceptauit *Q*

<sup>1168</sup> compellunt *IJMNO PV*, compellit *Q*

<sup>1169</sup> ipsa *IJMPV*, ipse *NOQ*

<sup>1170</sup> semper sic et *om. Q*

<sup>1171</sup> sanctificatur, dum *om. Q*

<sup>1172</sup> dum iustificatur *om. V*

<sup>1173</sup> in Deum redit sibi redditur *IJMNO PV*, in Deum uenit, reuertitur et redditur *Q*

<sup>1174</sup> reuiuiscant *IJMNO P*, conuiuiscant *Q*, reuiuiscunt *V*

<sup>1175</sup> supra *IJMNPV*, super *OQ*

<sup>1176</sup> et *IJMNO PQ*, ut *V*

<sup>1177</sup> digna *IJMNO V*, dignas *P*

<sup>1178</sup> opera sua *om. P*

<sup>1179</sup> Hec uero Deus est et a Deo angelis et hominibus conceditur. Nulla alia uirtus digna facit premio eterno opera sua actionesque suas, *om. Q*

<sup>1180</sup> hec sola et ex ipsa profluentem operationem et ex aliis uirtutibus emanantes facit premio superno dignas, *JNOP*, hec sola et ex ipsa profluentem operationem et ex aliis uirtutibus emanantes facit premio superno dignas *I*, Hec sola et ex seipsa profluentem operationem et ex aliis uirtutibus emanantes facit premio superno dignas *M*, Hec sola ex seipsa profluentem et ex aliis uirtutibus manantem operationem seu operationes facit premio superno dignas *Q*, Hec sola et ex ipsa profulgente operationem et ex aliis uirtutibus emanantes facit premio superno dignas. *V*

<sup>1181</sup> Hec *IJMNO PV*, Hoc *Q*

<sup>1182</sup> est *add. OQ*

<sup>1183</sup> non ulla *IJMNPQ*, nulla *O*, non nulla *V*

<sup>1184</sup> pietate *IJMNO PV*, bonitate *Q*

<sup>1185</sup> adaugeat *IJMNO PV*, augeat *Q*

<sup>1186</sup> mea *IJMNO PV*, nostra *Q*

<sup>1187</sup> et ego *om. Q*

<sup>1188</sup> fratris *IJN (O sup. lin. a. m., er. sorore) PQV*, sororis *M*

<sup>1189</sup> Domino *IJ (M add sup. lin. a. m. dono) NOPV*, dono *Q*

<sup>1190</sup> dona *IJMOPQV*, Domina *N*

supra ea que uicarius Christi Petrus, noster nouus pastor, de humilitate humiliter attulit, Ioannes de maternitatis dignitate, aliique fratres mei de aliis innumeris, ut Andreas primo uocatus a Domino, ut Simon cum Iacobo et Thadeo fratribus Domini, ut Thomas et si non natiuitate tamen similitudine geminus Saluatoris, et Philipus ille omnium amator uirtutum, Mattheus mihi nomine pene similis, officio maior, et Bartholomeus animo et sanguine admirandus, quid supra, ego ultimus duodecim apostolorum, qui non fui<sup>1195</sup> a Domino in apostolatum electus, sed in loco illius qui cecidit ab apostolatu et cuius episcopatum<sup>1196</sup> ego, vobis sortes<sup>1197</sup> ad<sup>1198</sup> Domini uoluntatem mittentibus, accepi, dicere potero aut audebo<sup>1199</sup>? Verum quia a<sup>1200</sup> Domini uoluntate et dono Domini assumptus fui in apostolatum, cuius officium etiam exercere cepi. Audebo et ego dona Genitricis Dei nostri, quam omnes ueneramur ut<sup>1201</sup> Dominam et Reginam nostram, ore<sup>1202</sup> licet indigno commendare et laudare? Laudes enim eius honores diuini<sup>1203</sup> sunt. Nihil namque habet<sup>1204</sup> quod non accepit<sup>1205</sup> et profecto ita est quia ex se nihil prorsus habet<sup>1206</sup>. Eam itaque laudando<sup>1207</sup>, diuina dona, diuinas gratias, munera<sup>1208</sup> sponte a Supremo Largitore concessa [205] magnificamus<sup>1209</sup>. Neque credo fas esse ullam creaturam extollere si<sup>1210</sup> illa nihil boni ex<sup>1211</sup> se habet<sup>1212</sup>. Sed in ipsa creatura extollenda est clementia Dei, magnificanda sunt munera Dei. Immo dico<sup>1213</sup> uobis, scientibus enim diuina misteria loquor<sup>1214</sup>, nullus minor<sup>1215</sup> dignus laude uidetur homine illo a diuinitate assumpto. Et post illum, nullus minori<sup>1216</sup> commendatione dignus hac<sup>1217</sup> ipsius Domini nostri Genitrice Maria. Ille enim absque ullis meritis precedentibus et diuinitati<sup>1218</sup> hipostatice unicus et beatitudine summa et qua maior creari nequit affectus fuit. Ipso nil agente, ipso nil cooperante Deus factus est<sup>1219</sup>. Plenitudinem<sup>1220</sup> omnium<sup>1221</sup>

<sup>1191</sup> Genitrice *IJMOPQV*, Genitricem *N*

<sup>1192</sup> Domini *om. O*

<sup>1193</sup> Iesu Christi *om.P*

<sup>1194</sup> quid *JMNOP*, quod *INV*

<sup>1195</sup> fui *om. V*

<sup>1196</sup> episcopatum *IJMNOPIV*, apostolatum *Q*

<sup>1197</sup> sortes *JMNO*, sortem *PQ*, sorte *IV*

<sup>1198</sup> ad *JMNOPIV*, ob *Q*

<sup>1199</sup> audebo *IJMNOQV*, uidebo *P*

<sup>1200</sup> a *om. NO*

<sup>1201</sup> ut *IJMNOPIV*, in *Q*

<sup>1202</sup> ore *JMNOPQV*, orem *I*

<sup>1203</sup> diuini *IJMNOV*, Domini *PQ*

<sup>1204</sup> Nihil namque habet *IJMNOPIV*, Nihil omnium que habet *Q*

<sup>1205</sup> accepit *IJMNOPIV*, accipit *V*

<sup>1206</sup> nil prorsus habet *IJMNOPIV*, homo nil habet *Q*

<sup>1207</sup> laudando *IJMNOPIV*, laudabo *Q*

<sup>1208</sup> munera *IJMOPQV*, innumera bona *N*

<sup>1209</sup> magnificamus *IJMNOQV*, magnificabimus *N*, magnificamus *P*

<sup>1210</sup> si *IJMNOPIV*, cum *Q*

<sup>1211</sup> ex *IJMNOPIV*, in *QV*

<sup>1212</sup> habet *IJMNOQV*, haberet *N*, habeat *O*

<sup>1213</sup> dico *om. V*

<sup>1214</sup> loquor *IJMNOQV*, loquar *PV*

<sup>1215</sup> minor *IJ* (*M add. in marg. a.m. maior*) *OPV*, minore *Q*, maior *N*

<sup>1216</sup> minori *IJ* (*M add. in marg. a.m. maiori*) *OPV*, minore *Q*, maiori *N*

<sup>1217</sup> hac *NOP*, ac *IJMNOQV*

<sup>1218</sup> diuinitati *JMNQ*, diuinitate *OPV*

<sup>1219</sup> est *om. Q*

Ipso nil agente, ipso nil cooperante, Deus factus est *add.O* (*in marg. a.m.*)

<sup>1220</sup> plenitudinem *IJNPV*, plenitudo *M*, plenitudine *Q*

<sup>1221</sup> affectus fuit. Ipso nil agente, ipso nil cooperante, Deus factus est plenitudinem omnium *IJMNOQV*, affectus fuit. Ipso nihil agente, ipso nihil cooperante, Deus factus et plenitudine omnium *Q*

gratiarum<sup>1222</sup>, omnium donorum, omnium uirtutum ac ipsius beatitudinis<sup>1223</sup> accepit. Alii, ut angeli sancti et beati, et ipsi probati sunt<sup>1224</sup> et cooperati sunt, temptati sunt.<sup>1225</sup> Potuerunt transgredi, non erant confirmati ut peccare nequirent. Virgo quoque quibus meritis precedentibus, quibus operibus preuenientibus<sup>1226</sup> a peccato omni preseruata fuit? Nullis<sup>1227</sup>, inquam<sup>1228</sup>! Antequam esset, non solum ipsa sed celum et terra et ipsa natura angelica, iam electa erat, iam<sup>1229</sup>, si alii<sup>1230</sup> caderent<sup>1231</sup>, in uno patre prouisum fuit remedium alios<sup>1232</sup> releuandi<sup>1233</sup>, ipsam uero omnino dono Dei et remedio passionis Filii sui preseruandi. Et ordinatum fuit ut, dono Dei et diuina acceptatione, passio preuisa plus sibi proficeret quam aliis<sup>1234</sup> exhibita, quibus meritis preuiis<sup>1235</sup> in peccato<sup>1236</sup> non fuit concepta. Omni gratia et omni scientia et arte fuit impleta<sup>1237</sup>. Nullum donum creature conueniens fuit sibi denegatum. In ipsius<sup>1238</sup> ergo laudibus potius uidetur magnificari Deus<sup>1239</sup> quam in aliorum laudibus<sup>1240</sup>, nam<sup>1241</sup> in ea solus<sup>1242</sup> Deus magnificatur. Non enim in eo<sup>1243</sup> quod recipimus proprie laudamur, sed in eo quod agimus et operamur. Enimuero non est dubitandum Mariam Dominam<sup>1244</sup> cooperatam fuisse talibus donis. Sicut et alii suis donis cooperati fuerunt, sic et<sup>1245</sup> Filius eius ut homo. Sed preuenti fuerunt dono Dei et data<sup>1246</sup> fuerunt eis talia dona sine ullis operibus, sine ullis petitionibus, sine ullis motibus<sup>1247</sup> et desideriis precedentibus ad que<sup>1248</sup> cooperati fuissent si preuenti non extitissent<sup>1249</sup>. Non itaque minori commendatione digni sunt qui maiora dona sine ulla cooperatione<sup>1250</sup>, sine ullo actu uoluntatis preuio perceperunt, dummodo, si preuenti non fuissent, cooperati fuissent. Voluit autem Deus aliquos ita extollere, ita exaltare,<sup>1251</sup> ita sublimare ut nil in eis nisi prorsus gratia, nisi clementia, nisi misericordia Dei reluceret. Laudemus, immo

<sup>1222</sup> plenitudinem omnium gratiarum *er. O*

<sup>1223</sup> ac ipsius beatitudinis *IJMNOQ*, ac ipsius beatitudines *OP*, ac ipsi beatitudinis *V*

<sup>1224</sup> probati sunt *om. P*

<sup>1225</sup> Alii, ut angeli, sancti et beati et ipsi probati sunt<sup>1225</sup> et cooperati sunt, temptati sunt. *IJMNPV*, Cuncti angeli, sancti et beati et ipsi operati sunt, probati sunt, tentati sunt. *O*, Cuncti angeli, sancti et beati operati sunt, probati sunt, temptati sunt *Q*

<sup>1226</sup> quibus operibus preuenientibus *IJMNOQV*, et operibus *Q*

<sup>1227</sup> Nullis *MNOPQV*, Nullos *IJ*

<sup>1228</sup> inquam *IJMNOQV*, unquam *Q*

<sup>1229</sup> iam *IJMNPV*, idcirco *OQ*

<sup>1230</sup> alii *IJMOPQV*, aliqui *N*

<sup>1231</sup> caderent *JMNOPQ*, crederent *IV*

<sup>1232</sup> alios *IJMNOQV*, aliquos *Q*

<sup>1233</sup> releuandi *IJMNOQV*, reuelandi *V*

<sup>1234</sup> aliis *IJMNOQV*, alia *V*

<sup>1235</sup> preuiis *IJMNOQV*, preuisis *Q*

<sup>1236</sup> omnino *add. P*

<sup>1237</sup> impleta *IJMNPV*, predita *OQ*

<sup>1238</sup> ipsius *JMNOPQV*, ipsa *IJ*

<sup>1239</sup> potius uidetur magnificari Deus *IJMNOQV*, potius noster magnificatur Deus *P*

<sup>1240</sup> laudibus *om. Q*

<sup>1241</sup> quam aliorum laudibus, nam in ea *IJMNPV*, quam aliorum quia in ea *OQ*

<sup>1242</sup> solus *om. Q*

<sup>1243</sup> eo *IJMNOQ*, ea *PV*

<sup>1244</sup> nostram *add. N*

<sup>1245</sup> Sic et *IJMNOQV*, similiter *Q*

<sup>1246</sup> data *IJMNPQV*, donata *O*

<sup>1247</sup> motibus *IJMNOQV*, motiuis *Q*

<sup>1248</sup> ad que *IMNOP*, Ade que *JV*

<sup>1249</sup> extitissent *IJMOP*, fuissent *N*, extitissent *V*

si preuenti non extitissent *om. Q*

<sup>1250</sup> cooperatione *IJMNOQV*, operatione *Q*

<sup>1251</sup> ita exaltare *om. Q*

magnificemus, immo glorificemus Dominum Deum nostrum in omnibus uis, in omnibus operationibus, in omnibus donis, in omnibus muneribus sue Genitrici datis, exhibitis ac sponte concessis utque nostra in nobis<sup>1252</sup> dona<sup>1253</sup> conseruet augeatque ipsius meritis et precibus supplices deprecemur<sup>1254</sup>.

Expletis laudibus iam tibi recitatis, Petrus apostolus dixit, [206] congregatis nobis coram Genitrice Domini nostri:

Viri<sup>1255</sup> fratres, notum est iam uobis qualiter, excluso impio Iuda a societate nostra, loco ipsius annumerauimus nobis hunc qui ultimo<sup>1256</sup> nunc locutus est, Mathiam. Deinde, Spiritu Sancto mandante<sup>1257</sup>, electi fuerunt in apostolatam Paulus, hic existens, et Barnabas, qui ualde utiles extiterunt fidei nostre et Ecclesie. Et uere hic Paulus a Christo Domino uas electionis nominatus<sup>1258</sup> est.

Hic sumus coram Regina et Domina nostra. Iustum et congruum existimo ut ei tribuatur locus inter nos et dignus locus, nam ipse scientia atque eloquentia dignus et excelsus est et gratia Dei est<sup>1259</sup> in ipso et<sup>1260</sup> abundans donum<sup>1261</sup> Spiritus Sancti. Nunc ergo considerate quem locum inter nos mereatur et ille<sup>1262</sup> sibi detur sententia communi omnium nostrum<sup>1263</sup> ut, sicut a Domino est electus, etiam<sup>1264</sup> a nobis non sit<sup>1265</sup> neglectus.

Tunc Andreas apostolus ait<sup>1266</sup>: Dominus noster nos instruxit, dicens: “Qui maior est inter uos, erit<sup>1267</sup> minister uester”, quia dignitas et presidentia nostra ministerium est et seruitus. Nos undecim iterum sumus<sup>1268</sup>. Iacob enim Herodis gladio decollatus est, cuius anima hic, ut uidistis, adest. Paulus erit<sup>1269</sup> unus de duodecim. Et mihi non uidetur ut alicuius nostrum locum accipiat, sed illius qui ad patres suos appositus est. Tribuatur sibi locus Iacobi, fratris Ioannis, ut sicut Dominus Petrum et Iacobum et Ioannem intimiores habebat ita post Petrum uicarium Paulus et Ioannes digniores inter nos existant. Et priores sint in proponendo, respondendo et decidendo<sup>1270</sup>. Hoc mihi uidetur<sup>1271</sup>, si Regine nostre non displicet et hi fratres mei sint contenti.

Virgo mater commendauit Andree apostoli sententiam que omnibus summopere placuit. Vocauit ergo Petrus, licentia a matre Dei<sup>1272</sup> accepta, Paulum ad se et eum cum Ioanne iuxta se sedere iussit. Placuit namque unanimiter omnibus sententia et

---

<sup>1252</sup> nobis *IJMNOQV*, uobis *P*

<sup>1253</sup> concessa *add. Q*

<sup>1254</sup> deprecemur *IJ (M er. deprecemur) NOQ*, deprecemur *PV*

<sup>1255</sup> Viri *IJMNOQV*, Veri *Q*

<sup>1256</sup> ultimo *IJMNOQV*, ultimum *Q*

<sup>1257</sup> mandante *IJMNOQV*, mandato *V*

<sup>1258</sup> nominatus *IJMNOQV*, uocatus *Q*

<sup>1259</sup> est *om. Q*

<sup>1260</sup> et *om. Q*

<sup>1261</sup> donum *IJMNOV*, donis *P*, dono *Q*

<sup>1262</sup> ille *om. V*

<sup>1263</sup> nostrum *NOQV*, uestrum *IJMP*

<sup>1264</sup> etiam *IJMOPQV*, ita *N*

<sup>1265</sup> sit *JMNOQV*, sic *P*

<sup>1266</sup> ait *IJMOPQV*, dixit *N*

<sup>1267</sup> erit *IJMNOQV*, sit *Q*

<sup>1268</sup> iterum sumus *IJMNOQV*, intersumus *V*

<sup>1269</sup> Paulus erit *IJMNOQV*, qui prius erat *V*

<sup>1270</sup> et dicendo *add.M (in marg.a.m.) Q*

<sup>1271</sup> uidetur *IJMNOQV*, uideretur *MV*

<sup>1272</sup> Dei *IJMOPQV*, Domini *N*

iudicium<sup>1273</sup> apostoli Andree. Barnabas uero adiunctus est ut esset post Mathiam<sup>1274</sup> tertius decimus apostolus, Lucas post illum et Marcus, quorum laus est in Euangelio.

Quo facto, dixit Petrus: Paule frater, apostole dignissime, tu quoque aliquid ad propositum pertinens, gratia Dei docente, dices. Deinde Barnabas, Lucas et Marcus dicent et ipsi unusquisque secundum gratiam a Domino<sup>1275</sup> sibi collatam<sup>1276</sup>

Paulus itaque ita<sup>1277</sup> uerba sua in medio fratrum proposuit:

Numquam ego, Genitrix inclita Dei nostri<sup>1278</sup>, et tu, Petre, cui claues regni celorum specialiter date sunt, uosque<sup>1279</sup> apostoli dignissimi Domini nostri Iesu Christi, in hunc locum conscendissem, nisi me uerba Andree apostoli constantissimi et sapientissimi<sup>1280</sup>, immo uerba ipsius Sapientie, Christi Domini, mouissent, dicentis: “Qui maior est uestrum, erit minor et minister uester<sup>1281</sup>”. Non enim<sup>1282</sup> inter nos debet esse prout in curiis<sup>1283</sup> et domibus regum huius seculi. Maiorem itaque me faciendo, minorem me<sup>1284</sup> fecistis. [207] Enitar ergo tanto<sup>1285</sup> humilior esse in<sup>1286</sup> omnibus quanto me maiorem fecistis, quia hec maioritas seruitus est Iesu Christi. Ille utique maior est qui Deo se magis humiliat, ille dignior est qui se indigniorem putat, ille sanctior<sup>1287</sup> qui se iniustio<sup>1288</sup>rem credit, cuius rei<sup>1289</sup> exemplum ecce coram nobis habemus in Virgine humillima<sup>1290</sup>, cuius humilitatem supra omnia alia respexit Deus. Quamuis enim ipsa sit decora mente et corpore et nulla uirtus sibi defficiat, tamen Altissimus<sup>1291</sup>, qui in excelsis<sup>1292</sup> habitat, humilia respicit in celo et in terra, humilitatem eius respexisse<sup>1293</sup> dicitur. Superbum<sup>1294</sup> Luciferum de celis<sup>1295</sup> ad ima detrusit<sup>1296</sup> et Mariam<sup>1297</sup> humillimam super omnes coros angelorum sublimauit, de cuius ingenti gloria et inenarrabili gaudio in sempiternum<sup>1298</sup> duraturo et de celestis curie dispositione, tamquam ille qui raptus fui<sup>1299</sup> usque ad tertium celum, quedam coram uobis, ego minimus apostolorum, dicam.

---

<sup>1273</sup> beati *add. IJV*

<sup>1274</sup> Mathiam *IJMNO PQ*, Mariam *V*

<sup>1275</sup> nostro *add. Q*

<sup>1276</sup> collatam *MNO PQ*, datam *IJV*

<sup>1277</sup> ita *IJMNO PV*, ista *Q*

<sup>1278</sup> nostri *om. N*

<sup>1279</sup> uosque *IJMNO P*, uos qui *Q*, uos quoque *V*

<sup>1280</sup> sapientissimi *IJMNO PV*, dignissimi *Q*

<sup>1281</sup> uester *IJNO Q*, uestri *MPV*

<sup>1282</sup> enim *om. Q*

<sup>1283</sup> curiis *IJMNO PQ*, curis *V*

<sup>1284</sup> me *om. NOQ*

<sup>1285</sup> minor et *add. Q*

<sup>1286</sup> in *om. V*

<sup>1287</sup> sanctior *IJMNO PQ*, sanctiorem *V*

<sup>1288</sup> iniustio<sup>1288</sup>rem *IJMNO PQ*, iniustum *V*

<sup>1289</sup> rei *om. IMV*

<sup>1290</sup> in Virgine humillima *IJMNO QV*, Maria Virginem humillimam *P*

<sup>1291</sup> Altissimus *IJMNO PV*, Excelsus *Q*

<sup>1292</sup> excelsis *IJMOP Q*, altis *NV*

<sup>1293</sup> respexisse *IJMNO PV*, non despexisse *Q*

<sup>1294</sup> illum *add. OQ*

<sup>1295</sup> celis *IJMOP QV*, celo *N*

<sup>1296</sup> detrusit *JMNO P*, destruxit *IQV*

<sup>1297</sup> Mariam *IJMNO QV*, ancillam *P*

<sup>1298</sup> sempiternum *IJMNO PV*, sempiterno *Q*

<sup>1299</sup> fui *IJMNO PQ*, fuit *V*

Celi ad quos Maria nunc properat, ut oculis mentis mee<sup>1300</sup> clare conspexi, septem sunt, quorum unumquodque unam lucem<sup>1301</sup> tantum gerit. Primum quidem Lunam, secundum Mercurium, tertium Venerem, quartum Solem, quintum Martem, sextum Iouem, septimum Saturnum. Deinde<sup>1302</sup> est octauum celum in quo<sup>1303</sup> sunt omnes alie<sup>1304</sup> stelle quas uidemus<sup>1305</sup>. Et plurime sunt quas uidere non possumus. Omnes tamen sunt in celo illo in<sup>1306</sup> quo etiam sunt duodecim signa: Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo, Libra, Scorpius, Sagittarius, Capricornus, Aquarius, Pisces<sup>1307</sup>. Super<sup>1308</sup> illud<sup>1309</sup> est nonum celum in quo nulla stella est, sed ipsum motu diurno iugiter mouetur, cuius motus unicus et uelocissimus est<sup>1310</sup> et miro modo secum ducit omnes celos inferiores. Qui<sup>1311</sup> celi etiam alio modo mouentur et motu contrario. Nam et si uelocissime moueantur<sup>1312</sup> ab Oriente in Occidentem, tamen mixtim et cum mirabili proportione mouentur tardius ab Occidente in Orientem. In quolibet enim minuto uel momento, magna portio celi inferioris ab Oriente in Occidentem fluit. Et fluendo<sup>1313</sup> illa magna portione, parua et pene imperceptibilis portio eiusdem reuertitur. Quam reuersionem Luna citissime consumit<sup>1314</sup>, Mercurius, Venus atque Sol pene in tempore equali, (cursus autem Solis sub<sup>1315</sup> circulo zodiaco notus est omnibus), Mars in sex annis, Iupiter in tredecim, Saturnus in triginta, Celum stellatum in centum annis gradu uno. Super<sup>1316</sup> omnes celos istos mobiles est celum immobile in quo tamquam in loco omnia mouentur. Locus autem ipse manet immobilis. Vnde omne aliud<sup>1317</sup> continens, ut contentum continet et, prout ratione illius continet, immobiliter continet<sup>1318</sup>. Vnde omnes de loco tractantes ipsum immobilem<sup>1319</sup> dixerunt. Et uerum est<sup>1320</sup> quia et si immediate continens<sup>1321</sup> ut aqua uel aer fluat, non tamen continens ultimum fluit, ratione cuius firmitatis et immobilitatis locus dicitur immobilis. Et res, nunc existens in uno continente [208] proximo, nunc in alio, non dicitur locum mutare, quia ad primum continens eundem respectum habet. Si illud celum non esset, nihil proprie<sup>1322</sup> locum haberet.

Illud autem celum est mira arte confectum<sup>1323</sup> ut non solum spiritibus, sed etiam corporibus humanis sit habitaculum aptissimum et gratissimum. Ibi, prima post Deum,

<sup>1300</sup> mentis mee *om. V*

<sup>1301</sup> lucem *IJMNO PQ*, legem *V*

<sup>1302</sup> Deinde *IJMNPV*, Demum *OQ*

<sup>1303</sup> in quo *IJMOPQV*, ubi *N*

<sup>1304</sup> alie *IJMNO PV*, ille *Q*

<sup>1305</sup> uidemus *IJMNO PQ*, uidimus *V*

<sup>1306</sup> in *om. N*

<sup>1307</sup> Pisces *IJMNO V*, Piscis *PQ*

<sup>1308</sup> Super *IJMNPQV*, Supra *O*

<sup>1309</sup> illud *om. V*

<sup>1310</sup> est *om. Q*

<sup>1311</sup> Qui *IJMNOQV*, Quod *P*

<sup>1312</sup> moueantur *om. V*

<sup>1313</sup> fluendo *IJMNO PV*, fluente *Q*

<sup>1314</sup> consumit *IJMNO PQ*, consumitur *V*

<sup>1315</sup> sub *IJMNO PV*, in *Q*

<sup>1316</sup> Super *IJMNPQV*, Supra *O*

<sup>1317</sup> aliud *IJMNOQV*, illud *P*

<sup>1318</sup> continet *JMNOP*, *om. Q*, contenti *IV*

<sup>1319</sup> immobilem *IJMNO PV*, immobile *Q*

<sup>1320</sup> uerum est *IJMNO PV*, uere ita est *Q*

<sup>1321</sup> ultimum *add. OQ*

<sup>1322</sup> proprie *IJMNOQV*, prope *P*

<sup>1323</sup> confectum *IJMNO PV*, factum *Q*

erit<sup>1324</sup> anima Christi Domini Filii tui, o Maria suauiissima<sup>1325</sup>, que ab ipsa Trinitate purgatur, illuminatur et perficitur. Tu uero ab illa purgaberis, illuminaberis et perficeris<sup>1326</sup>, Michael abs te, a Michaele Gabriel<sup>1327</sup> et ita ulterius, iuxta quod Dionisius meus hic existens<sup>1328</sup> iam litteris committere cepit.

Scio te, o Maria, nil horum que ego hodie loquor fugere. Loquor tamen ut probes coram<sup>1329</sup> fratribus meis uerba mea. Merces tua, ut ipsa nosti, est magna nimis, omnium certe mercedem et beatitudinem superans<sup>1330</sup>. Tui sumus famuli, tui omnes serui. Memor<sup>1331</sup> esto<sup>1332</sup> nostri, Summi Regis Mater, ut uota nostra persoluentes digni efficiamur promissionibus Christi cum quo ecce uiuere et regnare feliciter pergis, qui cum Patre et Spiritu Sancto uiuit et regnat per infinita<sup>1333</sup> secula seculorum. Amen

Barnabas post Paulum, licentia accepta, ita locutus est:

“Consolationes tue, inquit propheta, letificauerunt animam meam”. Barnabas sum, filius consolationis est nomen meum. Dulce est tibi super omnes matres<sup>1334</sup>, o altissima Maria, nomen filii<sup>1335</sup>. Illud namque nomen est proprium nomen Verbi Dei et Filii tui. Tu certo<sup>1336</sup> mater es illius qui ab eterno fuit filius. Et ille sempiternus Filius, tuus ex tempore cepit esse filius.<sup>1337</sup> Quod nomen si, ut dicitur, aliquid in homine ponat tunc, perempta humanitate, perimitur<sup>1338</sup> filiatio atque maternitas<sup>1339</sup>. Et ita tempore mortis Christi maternitatem amisisti et ea de re ualde doluisti. Nunc quoque ad eterna gaudia tibi properanti nil mali nilque sinistri<sup>1340</sup> accidere posse uideo nisi hoc solum quia, morte interueniente, maternitatem tuam iterum amissura es. Quod an uerum sit difficile est cognitu et nouissimis diebus, ut audio, declarabitur. Si statutum non fuisset semel omnem hominem mortem subire, bonum esset ut te Deus de uita ista transferret ad uitam illam ne nomen tante dignitatis in te extingueretur ad tempus. Quid<sup>1341</sup> tamen, etiam si re non eris Dei mater, eris in mente ipsius et nostra et, citissime<sup>1342</sup> resurgendo, re ipsa nomen illud recuperabis. Et quod parumper interrumpitur, non interruptum, sed continuum censendum est.<sup>1343</sup> Consolare itaque, Maria, in Filio, consolare in maternitatis nomine. Maximas consolationes citissime experieris, Deo unione perpetua copulaberis<sup>1344</sup>, Filii tui amplexibus<sup>1345</sup> indissolubilibus astringeris,

---

<sup>1324</sup> erit *IJMOPQV*, est *N*

<sup>1325</sup> o Maria suauiissima *IJPQV*, o Maria, suauiissimi *MNO*

<sup>1326</sup> perficeris *IMNOPQV*, proficeris *J*

<sup>1327</sup> Michael abs te, a Michaele Gabriel *JMNOPQV*, Gabriel, Michael Raphael abs te *I*

<sup>1328</sup> qui *add. Q*

<sup>1329</sup> coram *om. N*

<sup>1330</sup> superans *IJMNPV*, superas *OQ*

<sup>1331</sup> Memor *JNOQ*, Memores *IMPV*

<sup>1332</sup> esto *om. V*

<sup>1333</sup> per infinita *IJMNOV*, in *Q*

<sup>1334</sup> Barnabas sum, filius consolationis est nomen meum. Dulce est tibi super omnes matres *IJMNOQV*,

Barnabas sum filius consolationis et nomen meum dulce est tibi supra omnes matres. *P*

<sup>1335</sup> tui *add. OQ*

<sup>1336</sup> certo *IJMNOQ*, ecce *V*

<sup>1337</sup> Et ille sempiternus Filius tuus ex tempore cepit esse filius. *om. IV, add. O (in marg. a.m.)*

<sup>1338</sup> perimitur *IJMNPV*, permittitur *O*, peremitur *Q*

<sup>1339</sup> maternitas *IJMNOV*, natiuitas *Q*

<sup>1340</sup> nilque sinistri *om. Q*

<sup>1341</sup> quid *IJMNOV*, quod *QV*

<sup>1342</sup> citissime *IJMNOV*, certo *Q*

<sup>1343</sup> Et quod parumper interrumpitur, non interruptum sed continuum censendum est *om. Q*

<sup>1344</sup> copulaberis *BHIJMOPQRV*, copulabis *N*

<sup>1345</sup> iucundissimus *add. Q*

omnibus bonis afflues<sup>1346</sup>, nihil tibi umquam deficiet. Proxima<sup>1347</sup> solio Sanctissime Trinitatis assistes<sup>1348</sup>, sessione propinquissima Deo Trino et Vno eris. Illi nos commendatos facito. Abscedens, non abscedas<sup>1349</sup> a nobis<sup>1350</sup>. Opitulare<sup>1351</sup> nobis in hac uita mortali. Et, ut ad gaudia illa et nos peruenire [209] ualeamus, exora<sup>1352</sup>.

Post hunc, accepta licentia, Lucas ita loqui cepit<sup>1353</sup>:

Plurima iam ab<sup>1354</sup> his<sup>1355</sup> patribus allata<sup>1356</sup> sunt in medium. Mihi, ceteris pretermisissis, tua uirginitas, o mater Dei Maria<sup>1357</sup>, est laudanda.<sup>1358</sup> Tu namque sola ante partum et in partu et post partum uirgo fuisti, sola sine corruptione grauida, sine uiolatione fecunda, sine pudore genitrix fuisti. Virginitas heroica uirtus est, quam donat Deus his<sup>1359</sup> quos omnino spirituales<sup>1360</sup> esse decernit<sup>1361</sup>. In carne enim uiuere et carnis<sup>1362</sup> incitamenta non sentire diuinum<sup>1363</sup> est. Sensus habere et preter sensum<sup>1364</sup> uiuere, angelicum<sup>1365</sup>. Virginitas non est uirtus uulgaris, sed singularis, non popularis, sed<sup>1366</sup> specialis. Crescendum est enim et semen afferendum et populus Deo seruiens augendus<sup>1367</sup> et modo naturali non supernaturali<sup>1368</sup> ut non auferantur<sup>1369</sup> a causis creatis actiones earum.<sup>1370</sup> Non licet unicuique uirginem esse. Nam digna res est liberorum secundum Deum procreatio. Vnde precepta nature obseruanda sunt. In aliquibus<sup>1371</sup> congruum fuit uirginitatem reperiri, sed non fuit congruum in omnibus. Sed tu sola utrumque, o mater<sup>1372</sup> Dei nostri, complexa es et uirginitatem et maternitatem. Et preceptum Dei de crescendo et consilium uirginitatis sola obseruasti. Excellens donum, sublimis corona, alta uirtus est ipsa<sup>1373</sup> uirginitas et potius datur ad decorem quam ad necessitatem salutis. Nam coniugalis continentia in multis preferenda est uirginitati

<sup>1346</sup> afflues *IJMNO*, affluens *PQV*

<sup>1347</sup> Proxima *IJMNOQV*, Proximo *Q*

<sup>1348</sup> assistes *IJMNPV*, assistens *OQ*

<sup>1349</sup> abscedas *IJMNOQV*, abscedes *V*

<sup>1350</sup> nobis *IJMNOQV*, uerbis *V*

<sup>1351</sup> Opitulare *IJMNOQV*, Opitulari *Q*

<sup>1352</sup> exora *om. Q*

<sup>1353</sup> loqui cepit *IJMNPV*, loquitur *OQ*

<sup>1354</sup> ab *IJMNOQV*, de *V*

<sup>1355</sup> his *IJMNOQV*, iis *Q*

<sup>1356</sup> allata *IJMNOQV*, illata *V*

<sup>1357</sup> Maria *om. N*

<sup>1358</sup> Plurima iam ab his patribus allata sunt in medium. Mihi, ceteris pretermisissis, tua uirginitas, o mater Dei Maria, est laudanda. *IJMNOQV*,

Plurima iam ab istis patribus allata sunt in memoriam. Mihi, ceteris pretermisissis, uidetur tua uirginitas, o mater Dei Maria, quod sit laude dignissima et omni preconio celebranda. *P*

<sup>1359</sup> his *IJMNOQV*, illis *Q*

<sup>1360</sup> et diuinos *add. M (in marg.a.m.) OQ*

<sup>1361</sup> decernit *MNOQV*, decreuit *IJQ*

<sup>1362</sup> carnis *om. V*

<sup>1363</sup> diuinum *IJMNOQV*, diuina *V*

<sup>1364</sup> sensum *IJMNOQV*, sensus *Q*

<sup>1365</sup> est *add. M (sup.lin.a.m.) NQ*

<sup>1366</sup> non popularis sed *om. Q*

<sup>1367</sup> est *add. OQ*

<sup>1368</sup> supernaturali *IMNOQV*, supernaturalis *J*

<sup>1369</sup> auferantur *MNOQ*, auferatur *IJPV*

<sup>1370</sup> earum *om. O*

Eo modo *add. M(in marg.a.m.)NOQ*

<sup>1371</sup> aliquibus *IJMNOQV*, in quibus *P*

<sup>1372</sup> mater *JMNOQV*, Maria *IV*

<sup>1373</sup> ipsa *om. QV*

aliquorum<sup>1374</sup>. Vnde et Dominus ipse Christus te matrem suam ex coniugio sanctissimo nasci uoluit et omnes suos auos<sup>1375</sup> omnesque suas auias<sup>1376</sup> ex coniugio procreari uoluit. In te sola potentie sue magnitudinem ostendit ut sine uiro conciperes, ut sicut fuerat uir ex nullo, mulier ex solo uiro, alii omnes ex uiro et<sup>1377</sup> muliere, ita ipse esset ex<sup>1378</sup> muliere sine uiro.

Bonum ergo est coniugium, digna res est liberorum naturalis procreatio<sup>1379</sup>, admirabilior<sup>1380</sup> Filii Dei ex uirgine conceptio. Sic oportebat, sic congruum erat ut illa<sup>1381</sup> que omnibus angelis dominaretur<sup>1382</sup>, nulli uiro<sup>1383</sup> subiceretur, non dico desponsatione, sed<sup>1384</sup> carnali copulatione. Hoc te non decebat, matrem Dei, Reginam angelorum et a peccato originali liberam. Hoc enim dictum est Eue in penam: “Sub uiri potestate eris et ipse dominabitur tui”. Quia ergo illo peccato gratia Dei caruisti, iustum erat ut in uiri potestatem<sup>1385</sup> non transmittereris<sup>1386</sup>, quia subiectio illa uilis est et apud homines obprobriosa<sup>1387</sup>. Nihil honoris, nihil uenerationis, nihil dignitatis tibi<sup>1388</sup> Filius tuus deesse uoluit, qui<sup>1389</sup> te perfectam undique creauit. Ad ipsum igitur nunc accedens cum ipso ex tunc<sup>1390</sup> perpetuo mansura, nostri quoque miserere, nobis ueniam impetrare digneris ut et<sup>1391</sup> ipsi<sup>1392</sup> tuis precibus ad uisionem Dei Trini qui unus est<sup>1393</sup>, peruenire ualeamus.

Marchus Euangelista, sicut breuis in scribendo sic et in loquendo, hec dixit:

[210] Recessure a nobis corporali presentia matri<sup>1394</sup> Domini<sup>1395</sup> et ad ethereum thalamum accessure omnes nos commendamus<sup>1396</sup>. Laudatissimam Virginem omnes ample laudastis<sup>1397</sup> omnesque procul dubio a laude defecistis. Si namque omnia grana arene maris, omnia folia herbarum et arborum, omnes gutte maris, omnes stelle celi, omnia lilia, rose et alii flores,<sup>1398</sup> omnia animalia, artus et partes eorum, omnes angelorum exercitus et quecumque<sup>1399</sup> alia<sup>1400</sup> excogitari possunt in linguas conuerterentur et mille annis loquerentur, quanta et qualis sit hec Virgo quam laudamus

<sup>1374</sup> aliquorum *IJ* (*M* add. in marg. .a.m. aliquomodo) *NOPV*, aliquomodo *Q*

<sup>1375</sup> auos *IJMNOQV*, amicos *P*

<sup>1376</sup> auias *NPQ*, auas *IJM* (*O* sup. lin. auias) *V*

<sup>1377</sup> ex add. *J*

<sup>1378</sup> ex *IJMNOPV*, de *Q*

<sup>1379</sup> procreatio *IJMNOQV*, propagatio *P*

<sup>1380</sup> admirabilior *IJMOPV*, sed admirabilior est *NQ*

<sup>1381</sup> illa om. *I*

<sup>1382</sup> dominaretur *IJMNOPV*, dominabitur *Q*

<sup>1383</sup> uiro *IJMNOQV*, uero *P*

<sup>1384</sup> de add. *Q*

<sup>1385</sup> potestatem *IJMNOPV*, potestate *Q*

<sup>1386</sup> transmittereris *IMNOPQV*, transmitteris *J*

<sup>1387</sup> obprobriosa *IJMNOPV*, obprobriosa *Q*

<sup>1388</sup> tibi om. *Q*

<sup>1389</sup> qui *IJMNPV*, quare *OQ*

<sup>1390</sup> tunc *IJMNOPV*, nunc *Q*

<sup>1391</sup> nos add. *M* (sup. lin. a.m.)

<sup>1392</sup> ipsi *IJMNOQV*, ipsis *P*

<sup>1393</sup> qui unus est *IJMNOQV*, et uni *P*

<sup>1394</sup> matri *MN* (*O* add. sup. lin. a.m. matre) *PQ*, matre *IJV*

<sup>1395</sup> Domini *IJMNPV*, Dei *OQ*

<sup>1396</sup> commendamus *IJ* (*M* add. sup. lin. a.m. commendemus) *V*, commendemus *NOPQ*

<sup>1397</sup> omnes ample laudastis om. *P*

<sup>1398</sup> omnia lilia, rose et alii flores *IJMNOPV*, omnes flores, lilia et rose *Q*

<sup>1399</sup> quecumque *IJMNOPV*, queque *Q*

<sup>1400</sup> alia *JMNOPQ*, alii *IV*

numquam exprimere possent. Laudauimus non quantum debuimus, quia id<sup>1401</sup> impossibile est, sed quantum potuimus.

Tu quoque nos Filio tuo, o piissima<sup>1402</sup> Genitrix, et si non quantum potes saltem plus<sup>1403</sup> quam meremur commendabis ut<sup>1404</sup> una tecum tempore suo gaudia eterna possidere ualeamus, prestante illud tuis obsecrationibus, Patre et Filio et Spiritu Sancto, unico Deo cui sit honor et gloria in secla seclorum. Amen.

Dionisius et Ignatius et multi aliorum discipulorum genu flexi<sup>1405</sup> breui eloquio Virginem laudauerunt et ei cetum discipulorum<sup>1406</sup> et totum humanum genus commendauerunt.

Post hec, Marie spiritus exultauit in gaudio et, eleuatis oculis in celum atque extensis<sup>1407</sup> manibus, decantauit suum mirabile canticum quod in domo Zacharie alias decantauerat.<sup>1408</sup> Addiditque hos uersiculos:

Ad te uenio, ecce, Deus meus. Ad te accedo<sup>1409</sup>, Fili<sup>1410</sup>, Pater et Deus<sup>1411</sup>

Ascendo ad Deum meum et Dominum meum, ad Filium meum et Creatorem meum<sup>1412</sup>

Ad Genitorem Genitrix pergo, a uobis, filii mei, hodie discedo

Corpore uos nunc dimitto, corde et animo non relinquo

Panem sanctum pariter frangamus, carnem Filii mei simul comedamus

Tu, Petre, pastor Christi<sup>1413</sup> ouium, benedices hoc<sup>1414</sup> sanctum<sup>1415</sup> edulium

Gratias agamus omnes Deo Trino, benedicamus cuncti uni Domino

His<sup>1416</sup> dictis, Petrus accepit panem et benedixit, similiter et calicem. Non enim licebat<sup>1417</sup> unum sacramentum sine alio conficere et conficientem oportebat primum sumere<sup>1418</sup>. Et cum particulam unam accepisset et Marie dare uellet, illa uoce aliquantulum eleuata et in feruore spiritus, dixit:

Ecce uideo Filium meum, ecce intueor<sup>1419</sup> Deum meum.

Bene adueniat Deus meus, bene ueniat Dominus<sup>1420</sup> Saluator meus.

Vt ad te citius ueniam, ad me uenis, qui a beatis numquam recedis.

---

<sup>1401</sup> id *om. Q*

<sup>1402</sup> Dei *add. P*

<sup>1403</sup> plus *om. Q*

<sup>1404</sup> ut *IJMNO PV*, et *Q*

<sup>1405</sup> genu flexi *om. P*

<sup>1406</sup> discipulorum *IMNO PV*, apostolorum *Q*

<sup>1407</sup> extensis *JMNOP Q*, expansis *V*

<sup>1408</sup> uidelicet Magnificat anima mea Dominum *add. I*

<sup>1409</sup> accedo *IJMNPQ V*, uenio *O*

<sup>1410</sup> Fili *IJMNO PQ*, Filii *V*

<sup>1411</sup> meus *add. Q*

Deus *IJMNPQ V*, Dominus meus *O*

<sup>1412</sup> Ascendo ad Deum meum et Dominum meum, ad Filium meum et Creatorem meum *IJMNP V*, Accedo (*Ascendo O*) ad Deum meum et Deum uestrum, ad natum meum et Creatorem uestrum *OQ*

<sup>1413</sup> Christi *om. P*

<sup>1414</sup> hoc *IJMNO Q*, primo *P*, hunc *V*

<sup>1415</sup> sanctum *IJMNO PV*, sacrum *Q*

<sup>1416</sup> His *IJMNOQ V*, Hic *P*

<sup>1417</sup> licebat *IJMNO PV*, decebat *Q*

<sup>1418</sup> primum sumere *IJMNO PV*, primo consumere *Q*

<sup>1419</sup> Filium meum, ecce intueor *om. V*

<sup>1420</sup> Dominus *IJMOV*, Deus *P, om. NQ*

Accedis ut hinc recedam neque a<sup>1421</sup> te umquam amplius<sup>1422</sup> recedam<sup>1423</sup>.

Deinde dixit Petro: Particulam istam repone, comunione omnibus his<sup>1424</sup> prius dabis. Ego ultima<sup>1425</sup> sumam et<sup>1426</sup> uiaticum integrum mecum deferam.

Accepto itaque corpore et sanguine Domini<sup>1427</sup> ab omnibus, Maria iterum loqui cepit:

Ecce cibum uite accepistis, non<sup>1428</sup> esurietis neque sitietis quousque me sepelieritis et in celum con [211] scendere uideritis<sup>1429</sup>. In domo mea alios cibos non habetis neque<sup>1430</sup> uidetis.

Et omnes erant comunione<sup>1431</sup> illa confortati et corroborati ac si cibaria queque delicatissima sumpsissent<sup>1432</sup>.

Dixit igitur Maria: Constantes<sup>1433</sup> estote, firmi et fortes, quia multas<sup>1434</sup> persecutiones pro nomine Domini<sup>1435</sup> Iesu<sup>1436</sup> oportet uos pati et tandem, corpore soluti, et gloria<sup>1437</sup> paradisi potiri<sup>1438</sup>. Tu, Petre, cum omnibus his Christum per passiones multas sequeris. Et hoc est quod ad te Dominus<sup>1439</sup> Iesus, Filius meus, dixit: “Sequere me per mortem et passionem”. Et tu, conuersus, uidisti Ioannem et interrogasti: “Domine, hic autem quid”? Et ille: “Si ego<sup>1440</sup> uolo eum manere sic uiuum<sup>1441</sup>, quid<sup>1442</sup> ad te? Tu me sequere.” Et hi<sup>1443</sup> circumstantes crediderunt quod Ioannes numquam<sup>1444</sup> moreretur<sup>1445</sup>. Sed non dixit Dominus Iesus quod numquam moriretur<sup>1446</sup>. Sed dixit: “Si ego uolo ut uiuat<sup>1447</sup> donec ueniam ad iudicium, quid ad te”? Morietur ergo et ipse, sed tarde. Viuet enim cum Enoch et Elia translatus inuisibiliter ab angelis in paradysum terrestrem<sup>1448</sup> et iterum ueniet in mundum ad perhibendum testimonium ueritati<sup>1449</sup>. Decet ut trium testimonio fides Trinitatis iterum fulciatur et de quolibet statu testis adsit ueritatis. Dixit ergo Dominus: “Si<sup>1450</sup> eum uolo manere sic donec ueniam, quid ad te”? Accipitur ibi

---

<sup>1421</sup> a *IJNOPQV*, ad *M*

<sup>1422</sup> amplius *om. Q*

<sup>1423</sup> recedam *IJMNOQV*, discedam *Q*

<sup>1424</sup> his *IJMNOQV*, iis *Q*

<sup>1425</sup> ultima *JMNOPV*, ultimam *I*, ultimo *Q*

<sup>1426</sup> et *IJMNOQ*, ut *V*

<sup>1427</sup> Domini *om. Q*

<sup>1428</sup> amplius *add. N*

<sup>1429</sup> uideritis *IJMNPQV*, uidebitis *O*

<sup>1430</sup> neque *IJMNPQV*, ut *O*

<sup>1431</sup> comunione *IJMNOQV*, coram *Q*

<sup>1432</sup> sumpsissent *IJMNOQV*, comedissent *Q*

<sup>1433</sup> cibaria sumpsissent. Dixit igitur Maria: "Constantes *add. P* (*in marg. a.m.*)

<sup>1434</sup> multas *IJMNOQV*, multe *Q*

<sup>1435</sup> Domini *om. P*

uestri *add. Q*

<sup>1436</sup> Christi *add. Q*

<sup>1437</sup> gloria *IJMNOQ*, gloriam *V*

<sup>1438</sup> potiri *IJMNOQV*, potiti *P*

<sup>1439</sup> Dominus *IJMNOV*, Christus *P*, Dominus noster *Q*

<sup>1440</sup> Si ego *IJMOPV*, Si *N*, Sic *Q*

<sup>1441</sup> uiuum *om. V*

<sup>1442</sup> quid *IJMNOQ*, numquid *V*

<sup>1443</sup> hi *IJMNOQV*, hic *Q*

<sup>1444</sup> numquam *IJMNOQV*, non *Q*

<sup>1445</sup> moreretur *IJMNOQ*, moriretur *V*

<sup>1446</sup> Sed non dixit Dominus Iesus quod numquam moreretur *JMNOV*, Sed non dixit Dominus Iesus quod numquam morietur, *om. P*, Sed non dixit hoc Dominus Iesus *Q*

<sup>1447</sup> Si ego uolo ut uiuat *JMOPV*, Si eum uolo manere ut uiuat *N*, Sic eum uolo ut uiuat *Q*

<sup>1448</sup> terrestrem *IJMNOQV*, terrestre *Q*

<sup>1449</sup> ueritati *IJMNOQ*, ueritatis *V*

<sup>1450</sup> Si *IJMNOQV*, Sic *Q*

“si<sup>1451</sup> uolo” pro “quia uolo”. Filius meus Iesus<sup>1452</sup> a uobis discedens seipsum uobis usque ad consumationem seculi in hoc sacramento reliquit<sup>1453</sup>, quod nulli alii corpori congruit. Ipse enim est solus<sup>1454</sup> panis et cibus, uinum et potus animarum. Notum facio uobis, filioli mei”, et quando dicebat “filioli<sup>1455</sup>”, uolebat se ad iuniores; quando uero<sup>1456</sup> dicebat “patres”, uolebat se ad antiquiores presertim ad Petrum; quando dicebat “fratres”, uolebat se<sup>1457</sup> indifferenter ad omnes. Dixit ergo:

Notum facio uobis quod gratia Domini mei<sup>1458</sup> Iesu Christi etiam ego corpore ero uobiscum usque ad consumationem seculi. Non quidem in sacramento, quia id non licet, sed in imaginibus pictis et sculptis. Et quomodo hoc<sup>1459</sup> scietis quod<sup>1460</sup> ego sum presens illi<sup>1461</sup> imagini? Tunc certe<sup>1462</sup> quando ibi miracula fieri uidebitis<sup>1463</sup>.

Deinde dixit: Preceptum Domini et mandatum unicum est ut diligatis inuicem propter ipsum, omnem dilectionem uestram referentes in ipsum. Meum corpus in uallis Iosaphat<sup>1464</sup> medio sepelite, ubi est lapis et sepulcrum lapideum et nouum in quo nullus adhuc positus est. Neque inde recedite<sup>1465</sup> quousque anima mea iterum uniatur corpori meo.

Monuit quoque et sorores Magdalenam et Martham et alias sanctas mulieres que<sup>1466</sup> aderant ut in uia mandatorum Domini<sup>1467</sup> perseuerarent et uerborum Domini Iesu recordarentur, presertim Magdalena et Martha quia "beatius est dare quam accipere". Ipse autem multa ministrauerant, sed maiora et longe preclariora erant ministrata<sup>1468</sup> eis secus ipse beatiores fuissent sententia Domini.

Dixit ergo Maria: Multa in me, sorores, contulistis [212] beneficia sed, me interueniente, centuplum accipietis et mille pro uno. Benedicat uobis omnibus<sup>1469</sup> Deus Pater, benedicat<sup>1470</sup> Deus Filius, benedicat<sup>1471</sup> uos Deus Spiritus Sanctus. Vale, Petre, pastor etiam meus, quia et ego Christi Domini ouicula sum. Vale, Paule, uas electionis. Porta nomen Domini coram gentibus et regibus et filiis Israel. Vale, Ioannes, fili<sup>1472</sup> et frater mi. Annuntia diuinitatem Christi<sup>1473</sup> et<sup>1474</sup> prophetare ante translationem et postea. Vale, Andrea, qui primo et ante omnes secutus es Iesum. Nec premio eris posterior. Vale, Philippe, et flamma supernorum accensus, Scythis<sup>1475</sup> Christum<sup>1476</sup> predica. Vale,

---

<sup>1451</sup> si *IJMNO*PV, sic *Q*

<sup>1452</sup> Iesus *om. P*

<sup>1453</sup> reliquit *IJMNO*PQ, relinquitur *V*

<sup>1454</sup> solus *om. Q*

<sup>1455</sup> mei *add. OQ*

<sup>1456</sup> uero *om. Q*

<sup>1457</sup> uolebat se *om. Q*

<sup>1458</sup> mei *IJMNO*PV, nostri *Q*

<sup>1459</sup> quomodo hoc *IJMNO*QV, tunc *P*

<sup>1460</sup> quod *IJMNO*PV, quia *Q*

<sup>1461</sup> illi *IJMNO*PV, ipsi *Q*

<sup>1462</sup> Tunc certe *om. P*

<sup>1463</sup> uidebitis *IJMNO*PV, uideritis *Q*

<sup>1464</sup> Iosaphat *IJNO*PQV, Iosaph *M*

<sup>1465</sup> recedite *IJMNO*PV, recedatis *Q*

<sup>1466</sup> ibi *add. Q*

<sup>1467</sup> Domini *IJMNO*PV, suorum *Q*

<sup>1468</sup> ministrata *IJMNO*PQ, ministeria *V*

<sup>1469</sup> omnibus *om V*

<sup>1470</sup> benedicat *om. Q*

<sup>1471</sup> *idem*

<sup>1472</sup> fili *IJNO*PQV, filii *M*

<sup>1473</sup> diuinitatem Christi *IJMNO*PV, humanitatem *Q*

<sup>1474</sup> illam *add. Q*

<sup>1475</sup> Scythis *IJMNO*P, Syris *Q, om. V*

<sup>1476</sup> Dominum *add. Q*

Simon Zelotes, quia Dei amore feruens, cum Thadeo<sup>1477</sup> atque Iacobo, fratribus tuis et meis, et Ioseph Iusto qui et si non sit<sup>1478</sup> apostolus nomine est tamen merito<sup>1479</sup>. Vale, Mathee publicane, prius notus<sup>1480</sup> infame<sup>1481</sup> arte, nunc publice testis uerbis et factis Filii Dei Viui. Vale, Thoma, sancte et prudens Dydime, et meum cinctorium, quod tibi ascendens porrigam, suscipe. Et gentem utriusque Indie in<sup>1482</sup> aqua et igne baptiza. Vale, Bartholomee, et prestolare tribulationum tuarum suspensionem atque mentis in Deum eleuationem iugiter habeto. Vale, Mathia et donatus, dona Dei<sup>1483</sup> conserua. Vale, Barnaba, et considerata futura consolatione, labores perpetim non formides. Vale, Luca mi carissime, et secreta que tibi reseraui<sup>1484</sup> conscripta aliis porrige et reseruanda<sup>1485</sup> futuro seculo reserua<sup>1486</sup> et, ut cepisti, in bono perseuera. Vale, Marche, pastoris nostri discipule carissime. Et Euangelii tui uerba longe lateque diffunde. Vale, Dionisi eruditissime<sup>1487</sup>, et ea que a Paulo accepisti diligenter<sup>1488</sup> conscripta conserua. Vale, Ignatii<sup>1489</sup> feruentissime, et mei Iesu nomen in tuo corde sculptum perseueret.” Et subito ad uerba illa sculptum<sup>1490</sup> fuit. Et in omnibus<sup>1491</sup> amor et feruor mirabilis remansit. “Valete, omnes discipuli Domini, et maioribus uestris obedite et iuxta<sup>1492</sup> eorum precepta incedite. Valete, sorores mee carne<sup>1493</sup>, Cleophe et Salome. Valete et uos, sorores mee spiritu, Magdalena et Martha. Retribuat uobis Deus pro uniuersis<sup>1494</sup> beneficiis uestris. Valete, omnes sancte mulieres. Valete, uniuersi. Et Mariam in uobis<sup>1495</sup> clementissimam numquam uos aut genus uestrum<sup>1496</sup> obliuioni tradituram<sup>1497</sup> pro certo agnoscatis. Ecce mox ut corpus Filii mei sumpsero, anima mea a<sup>1498</sup> corpore meo egredietur et tam diu sacramentaliter erit mecum Dominus meus<sup>1499</sup> Iesus quam diu naturaliter apparuerit<sup>1500</sup>. Ecce hic inter uos anima fratris mei Iacobi Zebedei est, que nihil locuta est quia aliud est commercium illud, aliud istud. Non<sup>1501</sup> licet conuersionem illam facere istam.

Da mihi, Petre, pastor ouium Domini<sup>1502</sup> Iesu<sup>1503</sup>, particulam repositam ubi stat et manet Iesus totus, Filius meus dilectus.”

<sup>1477</sup> Dei amore feruens, cum Thadeo *IJMNOPIV*, Dei amore seruis cum Thadeo *Q*

<sup>1478</sup> sit *om. N*

<sup>1479</sup> suo *add. Q*

<sup>1480</sup> notus *IJMNPQV*, notatus *O*

<sup>1481</sup> infame *IJMNOPIV*, infamis *Q*

<sup>1482</sup> in *om. Q*

<sup>1483</sup> Dei *om. Q*

<sup>1484</sup> reseraui *IMNOQV*, reseruauit *JP*

<sup>1485</sup> reseruanda *IJMOPQV*, reseraui *N*

<sup>1486</sup> reserua *IJMOPQV*, conserua *N*

<sup>1487</sup> eruditissime *IJMNOPIV*, eruditissimi *Q*

<sup>1488</sup> diligenter *om. V*

<sup>1489</sup> Ignatii *IJMOPV*, Ignati *NQ*

<sup>1490</sup> perseueret.” Et subito ad uerba illa sculptum *om. Q*

sculptum *IJMNOPI*, sculpta *V*

<sup>1491</sup> omnibus *MNOPIQ*, orationibus *IIV*

<sup>1492</sup> iuxta *IJMNOPIQ*, iusta *V*

<sup>1493</sup> carne *IJMNOPIQ*, carissime *V*

<sup>1494</sup> uniuersis *IJMNOPIV*, omnibus *Q*

<sup>1495</sup> in uobis *IMNPQ*, in uos *O*, uobis *V*

<sup>1496</sup> uestrum *IJMNOPIV*, humanum *Q*

<sup>1497</sup> obliuioni tradituram *IJMOPQV*, oblituram *N*

<sup>1498</sup> a *JPOQV*, e *MN*

<sup>1499</sup> meus *om. IO*

<sup>1500</sup> apparuerit *IJMNOPIQ*, apparuit *V*

<sup>1501</sup> Non *IJMNOPIV*, Neque *Q*

<sup>1502</sup> Domini *om. P*

mei *add. Q*

Tunc Petrus suscipiens particulam illam obtulit cum timore et reuerentia sanctissimo ori eius. Et ipsa deuotissime uaticum suscepit. Et, eo suscepto, illico hec uerba dixit:

Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum<sup>1504</sup>.

Cantabo et psallam in [213] gloria<sup>1505</sup> mea.

Et usque ad finem compleuit. Dominus autem in sacramento corporaliter sibi presens animam ipsius<sup>1506</sup> a corpore suo miro modo, absque ullo dolore et langore, separauit, astante angelorum multitudine et adueniente magno animarum sanctarum<sup>1507</sup> exercitu. Que quidem anima, a corpore separata gratia Filii sui cum anima Ioannis Baptiste, Ioseph, Anne, Ioachim, Iacob<sup>1508</sup>, Abraham et aliorum patriarcharum et prophetarum ad<sup>1509</sup> purgatorium descendit et omnes animas amicorum suorum causa uictorie et noui regni eripuit et secum in uallem<sup>1510</sup> Iosaphat, ubi corpus sepultum erat, deduxit. Quando autem anima a corpore fuit separata erat circiter tertia hora noctis. Et tribus horis stetit cum animabus illis in loco illo et iuxta locum illum ubi est purgatorium. Deinde iuit in paradisum terrestrem et confortauit Eliam et Enoch et narrauit eis<sup>1511</sup> qualiter illuc uenturus esset tertius testis, Ioannes Zebedeus. Reuersa<sup>1512</sup> tandem in aurora est anima illa in uallem Iosaphat. Et tunc Christus Dominus modo naturali et uisibili descendit, relinquendo habitaculum celeste, cum omnibus angelis.

Sed<sup>1513</sup> animaduerte<sup>1514</sup> quod, egressa de corpore anima illa felicissima, omnes apostoli et discipuli et sancte mulieres que aderant uiderunt eam pulcherrimam et formosissimam. Et corpus eius non fuit lotum, quia nulla immunditia in illo<sup>1515</sup> erat. Sed detulerunt illud cum illis cerimoniis que apud uos iam scripte<sup>1516</sup> sunt, neque oportet eas iterare<sup>1517</sup>, cum miraculis illis que scribuntur de temeritate iudeorum.

Et primo cantauerunt: “In exitu Israel de Egipto, domus Iacob de populo barbaro”, sicut scribitur in psalmis<sup>1518</sup>. Deinde<sup>1519</sup>, illud exponendo<sup>1520</sup>, ita canere<sup>1521</sup> ceperunt:<sup>1522</sup>

In exitu Deum uidentis<sup>1523</sup> de tenebris, in exitu domus Dei de populis barbaris  
Facta est, laudans Deum, sanctificatio<sup>1524</sup> eius, Deum uidens, potestas eius  
Amaritudo omnis aufugit, fluuius<sup>1525</sup> iudicantis<sup>1526</sup> conuersus est retrorsum

---

<sup>1503</sup> Christi *add. Q*

<sup>1504</sup> eius ancille tue *add. Q*

<sup>1505</sup> psalam in gloria *IJMNOQV*, psalam tibi gloria *P*

<sup>1506</sup> ipius *IMNOPV*, ipsam *Q*

<sup>1507</sup> sanctarum *IJMNOQV*, sanctorum *V*

<sup>1508</sup> Iacob *om. V*

<sup>1509</sup> ad *IJMNOQV*, in *Q*

<sup>1510</sup> uallem *IJMNOQV*, ualle *Q*

<sup>1511</sup> eis *IJMNPQV*, illis *O*

<sup>1512</sup> Reuersa *IJMNOQV*, Versa *Q*

<sup>1513</sup> tu *add. Q*

<sup>1514</sup> animaduerte *IJMNOQV*, aduerte *O*, animaduertere *P*

<sup>1515</sup> illo *IJMNOQV*, eo *QV*

<sup>1516</sup> scripte *IMOPQV*, conscripte *JN*

<sup>1517</sup> neque oportet eas iterare *om. Q*

<sup>1518</sup> domus Iacob de populo barbaro", sicut scribitur in psalmis (in psalmo *I*) *JMNOQV*, et cetera *Q*

<sup>1519</sup> Deinde *IJMNPQV*, Denique *O*

quasi *add. IJNP*

qualibet *add. V*

<sup>1520</sup> exponendo *IJMNOQV*, disponendo *Q*

<sup>1521</sup> canere *IJMNOQV*, cantare *Q*

<sup>1522</sup> Psalmus discipulorum *add. V*

<sup>1523</sup> uidentis *IJMNOQV*, uidentes *P*

<sup>1524</sup> sanctificatio *IJMNOQV*, significatio *Q*

Angeli ecce ut arietes exultant, sancti gaudent sicut agni ouium  
 Quare tu<sup>1527</sup>, mare, fugisti? Quare<sup>1528</sup>, Iordanis, retro conuerteris<sup>1529</sup>  
 Quia<sup>1530</sup> transeuntes in terram promissionis de Egipto, opus est omnem  
 amaritudinem relinquere  
 Et qui<sup>1531</sup> per humilitatem descendit, Dei benignitate ascendit  
 Angeli ecce ut arietes exultant et sancti gaudent sicut agni ouium  
 A facie Domini<sup>1532</sup> mota est uirginea terra, a facie, inquam, Dei diabolum  
 subplantantis  
 Qui ex se uirtutibus sicca<sup>1533</sup> conuertit in gratiarum stagna<sup>1534</sup> et arida in fontes  
 gratiarum<sup>1535</sup>  
 Nihil est enim boni in<sup>1536</sup> nobis quasi a nobis, sed omne<sup>1537</sup> donum est a Dei  
 gloria<sup>1538</sup>  
 Ex nobis omnes sicci et aridi sumus<sup>1539</sup>, humectatio<sup>1540</sup> a Deo tribuitur<sup>1541</sup>  
 Super hoc corpus<sup>1542</sup> misericordie tue et ueritatis tue, nunc respice, Deus  
 Nequando perfidi<sup>1543</sup>, illudentes ei, dicant: "Vbi est Deus Christianorum?"  
 Deus certe noster est altus et sublimis sicut et alia que uult etiam hoc nunc<sup>1544</sup> faciet  
 Simulacra hominum non sunt hec<sup>1545</sup> neque opus manuum hominum  
 Illi enim<sup>1546</sup> ex<sup>1547</sup> argento et auro conficiunt<sup>1548</sup>, Deus ex solis uirtutibus  
 Hec nostra sine ore<sup>1549</sup> loquuntur, sine oculis optime uident  
 Sine auribus audient<sup>1550</sup>, sine naribus odorabunt  
 Sine manibus palpabunt, sine pedibus ambulabunt, sine gutture clamabunt<sup>1551</sup>  
 Simulacra uero ipsorum omnia instrumenta sine actionibus habent  
 Similes<sup>1552</sup> illis fient<sup>1553</sup> qui faciunt ea et qui confidunt in eis [214]

<sup>1525</sup> fluuius *IMNOPQV*, fluminis *J*

<sup>1526</sup> iudicantis *IJMOPV*, indicantis *N*, iocundantis *Q*

<sup>1527</sup> tu *om. Q*

<sup>1528</sup> tu *add. Q*

<sup>1529</sup> conuerteris *IJMNOQV*, conuertens *V*

<sup>1530</sup> Quia *JMOV*, Omnia *I*, Quare *NPQ*

<sup>1531</sup> qui *IJMNOQV*, quia *Q*

<sup>1532</sup> Domini *IMNOPQV*, Dei *J*

<sup>1533</sup> sicca *add. M (sup. lin.a.m.), om. IJPV*

<sup>1534</sup> stagna *IJMNOQV*, statuta *V*

<sup>1535</sup> Qui ex se uirtutibus sicca conuertit in gratiarum stagna et arida in fontes gratiarum *om. Q*  
 gratiarum *IJMNP*, aquarum *OV*

<sup>1536</sup> in *IJMNOQV*, a *P*

<sup>1537</sup> omne *IJMNOQV*, omnia *Q*

<sup>1538</sup> a Dei gloria *IJMNOQV*, a Deo in gloria *V*

<sup>1539</sup> parati *add. Q*

<sup>1540</sup> humectatio *IJMNOQV*, auumentatio *V*

<sup>1541</sup> humectatio a Deo tribuitur *om. Q*

<sup>1542</sup> corpus *IJMNOQV*, opus *Q*

<sup>1543</sup> iudei *add. V*

<sup>1544</sup> nunc *om. N*

<sup>1545</sup> hec *JMNOPQV*, hoc *I*

<sup>1546</sup> ea *add. IJNOP*

<sup>1547</sup> ex *om. P*

<sup>1548</sup> conficiunt *IJMNOQV*, concipiunt *Q*, confidunt *V*

<sup>1549</sup> ore *IJMNOQV*, ordine *P*

<sup>1550</sup> audient *IJMNOQV*, audiunt *Q*

<sup>1551</sup> sine pedibus ambulabunt, sine gutture clamabunt *om. Q*

<sup>1552</sup> uero ipsorum omnia instrumenta sine actionibus habent

Similes *om. I*

<sup>1553</sup> fient *IMNOPQV*, fiant *J, om. V*

Domus hec Deum uidens semper sperauit in Domino, adiutor eius et protector eius est

Domus hec fortitudinis sperauit in Domino, adiutor eius et protector eius est<sup>1554</sup>

Semper timens Dominum sperauit in Domino, adiutor eius et protector eius est<sup>1555</sup>

Dominus noster semper fuit memor nostri, semperque benedixit nobis

Benedicat nunc huic domui sue eum uidentis<sup>1556</sup>, benedicat domui sue fortitudinis

Benedicat et nobis<sup>1557</sup> qui timemus Dominum, discipulis<sup>1558</sup> cum<sup>1559</sup> apostolis

Adiiciat Dominus benedictionem super in eum credentes et super discipulos eius

Benedicti uos hodie a<sup>1560</sup> Domino, qui fecit celum et terram

Celum omnium celorum est habitaculum<sup>1561</sup> Domini spirituum, terra uero corpora filiorum hominum excipiet

Non mortui Deo<sup>1562</sup> laudabunt Deum neque ullus sectans hec mundana

Sed qui gratia uiuunt etiam si corpore<sup>1563</sup> sint mortui, benedicunt Dominum ex hoc nunc et usque in seculum.

Detulerunt itaque cum hymnis et canticis corpus Marie in uallem Iosaphat, confusis<sup>1564</sup> iudeis incredulis et omnibus discipulis Domini atque nobis angelis exultantibus<sup>1565</sup> et cum ipsis in uia pariter cantantibus<sup>1566</sup>. Numquam ego eam reliqui, comitatus magno exercitu angelorum. Tamen<sup>1567</sup> ego animam<sup>1568</sup> associavi, Vriel, frater meus, corpus in sepulcro. Et<sup>1569</sup> cum ipsa anima<sup>1570</sup>, spoliato<sup>1571</sup> purgatorio, uersus<sup>1572</sup> sum in aurora eiusdem noctis in uallem<sup>1573</sup> Iosaphat. Et animam illam septies fulgentiorem Sole<sup>1574</sup> in ultima maiestate sua, tunc omnes apostoli<sup>1575</sup> uiderunt eam<sup>1576</sup> beatam.

Subito enim ut<sup>1577</sup> corpore egressa est, Deum uidere cepit uisione umquam<sup>1578</sup> amplius interrumpenda. In egressu<sup>1579</sup> uero uidebat<sup>1580</sup> Christum Hominem<sup>1581</sup> in uiatico

---

<sup>1554</sup> sperauit in Domino, adiutor eius et protector eius est *om. Q*

<sup>1555</sup> domus hec fortitudinis *add. Q*

Semper timens Dominum sperauit in Domino, adiutor eius et protector eius est *om. NP*

<sup>1556</sup> uidentis *IJMNV*, uidenti *OPQ*

<sup>1557</sup> omnibus *add. OQ*

<sup>1558</sup> discipulis *IJMNOVP*, discipuli *Q*

<sup>1559</sup> omnibus *add. P*

<sup>1560</sup> a *om. IMNOV*

<sup>1561</sup> est habitaculum *IJMNOVP*, habitaculi *Q*

<sup>1562</sup> Deo *MNOPO*, te *IJV*

<sup>1563</sup> corpore *IJNOPQV*, corpora *M*

<sup>1564</sup> confusis *JMNOVP*, confusi *I*, confusio *Q*

<sup>1565</sup> et cum ipsis in uia pariter exultantibus *add. N*

<sup>1566</sup> cantantibus *IJMNOV*, comitantibus *P*, canentibus *Q*

<sup>1567</sup> Tamen *MNOPO*, Tunc *IJV*

<sup>1568</sup> animam *IJMNOVP*, eam *Q*

<sup>1569</sup> ego *add. Q*

<sup>1570</sup> anima *om. V*

<sup>1571</sup> spoliato *IJMNOQV*, spogliato *O*

<sup>1572</sup> uersus *MNOV*, reuersus *IJPQ*

<sup>1573</sup> in uallem *IJMNOV*, in ualle *P*, *om. Q*

<sup>1574</sup> fulgentiorem Sole *IJMNOVP*, Sole fulgenti *Q*

<sup>1575</sup> apostoli *IJMNOQV*, angeli *P*

<sup>1576</sup> eam *om. Q*

<sup>1577</sup> a *add. Q*

<sup>1578</sup> umquam *IJMV*, numquam *NOPQ*

<sup>1579</sup> In egressu *IJMNOQ*, In gressu *PV*

<sup>1580</sup> uidebat *om. V*

<sup>1581</sup> Hominem *IJMOPV*, Dominum *NQ*

quod in armariolo<sup>1582</sup> sui pectoris<sup>1583</sup> tamquam in pixide quadam reseruatum<sup>1584</sup> ferebat. Stans<sup>1585</sup> autem in purgatorio et paradiso terrestri Deum, qui ubique totus est, uidebat, sed non Christi humanitatem. Reuersa uero anima eius ad corpus, uidit in pectore sui corporis adhuc Christum integrum existentem. Stabat itaque anima illa<sup>1586</sup> beata comitata<sup>1587</sup> me et exercitu angelorum et animabus sanctorum multorum. Et post se duxerat magnam multitudinem animarum<sup>1588</sup> quas ex purgatorio extraxerat, ubi erant multi concentus<sup>1589</sup> angelorum, animarum sanctarum<sup>1590</sup>, animarum<sup>1591</sup> de purgatorio liberatarum et apostolorum atque aliorum discipulorum adhuc in uita mortali existentium. Neque anima Marie celos ascendit ante resurrectionem sed, ut dixi, uictrix reuersa est in uallem Iosaphat. Et ibi longo spatio<sup>1592</sup> allocuta est a postolos et sanctas mulieres<sup>1593</sup> qui etiam ibi coram ipsa, Petro missam more illius temporis celebrante, communicati sunt corpore et sanguine Domini Iesu Christi. Neque alio cibo illis diebus usi sunt. Sufficiebat eis<sup>1594</sup> esca et ille panis uiuus. Stetit itaque corpus Marie in sepulcro decem horis et mortuum quindecim horis<sup>1595</sup>. Circa<sup>1596</sup> igitur meridiem illius diei, Dominus Iesus Christus, dimisso celo empireo et celesti habitaculo, descendit de celis comitante eum Michaelae principe cum omnibus angelis et<sup>1597</sup> cum omnibus quotquot<sup>1598</sup> erant in patria celesti cum hymnis et canticis. Et omnes uiderunt Dominum Christum<sup>1599</sup> qui adueniens dixit astantibus: “Pax uobis omnibus<sup>1600</sup>”. Et respiciens animam Virginis uultu iucundissimo, dixit: “Estne tibi melius sine corpore<sup>1601</sup> et an magis uelles esse in<sup>1602</sup> corpore”? Respondit anima illa lingua angelica et Christus eam interrogauerat<sup>1603</sup> lingua humana, sic dicens:

Gratia tua<sup>1604</sup> mihi semper bene fuit et numquam male. Sed nunc, quia fruor<sup>1605</sup> assidue tua diuinitate, optimam partem obtinui [215] et numquam mihi melius fuit. Quia tamen parti extra suum totum existenti non est omnimoda consolatio, libenter illud<sup>1606</sup> informarem, si tibi placeret, et in illo existens libentius tua diuinitate fruerer<sup>1607</sup>. Non quia fruitio intensior esset, sed quia frui in natura perfecta melius et optabilius est.”

<sup>1582</sup> armariolo *IJMNO*PV, armario *Q*

<sup>1583</sup> pectoris *IJNOPQ*V, corporis *M*

<sup>1584</sup> reseruatum *IJMNO*P, reseruaturum *Q*, seruatum *V*

<sup>1585</sup> Stans *IJMNOQ*V, Stante *P*

<sup>1586</sup> illa *JMNOPQ*V, eius *I*

<sup>1587</sup> comitata *IJMNO*PV, comitante *Q*

<sup>1588</sup> animarum *IJMN* (*O sup. lin.a.m., er. angelorum*) *Q*V, angelorum (*add. in marg. a.m. et animarum*) *P*

<sup>1589</sup> concentus *IJMNO*P, conuentus *Q*, contentus *V*

<sup>1590</sup> sanctarum *JMNO*PQ, sanctorum *IV*

<sup>1591</sup> animarum *rasit O, om. Q*

<sup>1592</sup> dixi, uictrix reuersa est in uallem Iosaphat. Et ibi longo spatio *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>1593</sup> apostolos et sanctas mulieres *IJMNO*PV, sanctis mulieribus primusque apostolis *Q*

<sup>1594</sup> eis *IJMNO*V, illis *PQ*

illa *add. MOQ*

<sup>1595</sup> horis *om. NQ*

<sup>1596</sup> Circa *IJMNO*PV, Circiter *Q*

<sup>1597</sup> cum omnibus agelis et *om.P*

<sup>1598</sup> quotquot *IJMNO*PV, quicumque *Q*

<sup>1599</sup> Christum *IJMOP*QV, Iesum *N*

<sup>1600</sup> omnibus *om. N*

<sup>1601</sup> esse *add. M (O sup. lin.) Q*

<sup>1602</sup> in *IJMNO*PV, cum *Q*

<sup>1603</sup> interrogauerat *IJMNO*PQ, interrogauit *V*

<sup>1604</sup> tua *om. V*

<sup>1605</sup> Sed nunc quia fruor *JMNO*PQ, Sed nunc quia fauor *I*, Sed quod fauor *V*

<sup>1606</sup> illud *om. IV*

<sup>1607</sup> fruerer *IJNO*P, frueror *M*, frueret *Q*, frueretur *V*

Tunc ait Dominus: “Ego te cunctis muneribus decorauit et nihil eorum que fieri possent circa te et corpus tuum pretermisi nisi hoc quod a<sup>1608</sup> corpore separata es. Poteram certe te glorificare nulla morte interueniente. Id tamen nolui quia decretum firmum<sup>1609</sup> est et, multo magis, ne isti fratres mei mortem timerent aut alii de resurrectione dubitarent. Tamen sic a<sup>1610</sup> corpore separata es quod non uideberis fuisse separata”. Et conuersus ad discipulos dixit iterum: “Pax uobis”.

Et ipsi responderunt: Bene aduenerit Dominus noster<sup>1611</sup> et Magister noster.

Et pre gaudio ceperunt omnes flere, presertim Petrus. Dicebant ergo: Gratias agimus tibi, Magister et Domine, qui facis<sup>1612</sup> tot et tanta mirabilia solus<sup>1613</sup>.

Tunc Petrus dixit: Ecce omnes congregati iterum sumus neque quisquam deest ex nobis preter filium perditionis. Et Iacobus Zebedei adest in<sup>1614</sup> anima, alii sumus sicut prius mortales, sed in gratia tua<sup>1615</sup> confirmati. Ecce adsunt et multi qui tunc non erant. Ecce Paulum, quem de celo uocasti et uas uere<sup>1616</sup> electionis nuncupasti<sup>1617</sup>. Ecce Barnabam, quem Spiritu tuo<sup>1618</sup> segregasti. Ecce Ignatium qui te semper in corde gerit. Ecce Dionisium, quem theologum futuri seculi elegisti. Ecce multos alios quos tu melius nosti. Sciebas eos prout erant in te, non sciebas prout erant in se nisi nunc<sup>1619</sup>. Tu es Rex noster, tu Magister, tu Princeps. Da nobis uirtutem contra hostes tuos, fac ut te perpetuo laudare possimus.

Iesus autem dixit eis: Noui omnia que pro me sustinuistis et adhuc maiora sustinebitis. Sed ad magna premia peruenietis per magnos labores. Non deterrebit uos ullus labor si perspexeritis<sup>1620</sup> premium inenarrabile laborum uestrorum. Vos estis fratres mei, eritis heredes regni Patris mei. Durate<sup>1621</sup>, usque in finem perseuerate. Petrum uicarium meum agnoscite<sup>1622</sup> et unusquisque in loco sibi deputato agat uiriliter et presideat humiliter<sup>1623</sup>. Semper docui uos, semper dixi uobis<sup>1624</sup>: “Discite a me quia mitis sum et humilis corde”. Benignus<sup>1625</sup> sum, benigni estote quia non est seruus maior domino suo neque discipulus maior magistro suo dum eius<sup>1626</sup> magister est. Qui mitior et humilior et benignior fuerit, hic toti Ecclesie quandoque<sup>1627</sup> presidebit. Totum mundum enim ad me conuertentis. Deinde ueniet filius iniquitatis et bestia uorax ab Oriente, cuius uox usque ad gentes punicas protendetur et auferet magnam partem regni mei<sup>1628</sup>. Sed paulatim, non subito propter peccata populi, regnum meum dilatabitur. Et Hiberi<sup>1629</sup> auersi conuersi alios quoque<sup>1630</sup>, unito regno eorum, ad me conuertent et

---

<sup>1608</sup> a om. V

<sup>1609</sup> firmum om. V

<sup>1610</sup> a om. V

<sup>1611</sup> Bene aduenerit Dominus noster *IJMNOPIV*, Venias bene, Domine, et Q

<sup>1612</sup> facis *IJMNOPIV*, fecisti Q

<sup>1613</sup> mirabilia solus *IJMNOPIQ*, mirabilia. Solus V

<sup>1614</sup> in om. Q

<sup>1615</sup> tua om. V

<sup>1616</sup> uere om. V

<sup>1617</sup> nuncupasti *IJMNOPIV*, fecisti Q

<sup>1618</sup> spiritu tuo *IJMNOQIV*, Spiritu Sancto P

<sup>1619</sup> nunc *IJMNOPIQ*, tunc V

<sup>1620</sup> perspexeritis *IJMNOV*, prospexeritis *NPQ*

<sup>1621</sup> Durate om. Q

<sup>1622</sup> agnoscite *JMNOPIQ*, cognoscite *IV*

<sup>1623</sup> ut semper docui *add. Q*

<sup>1624</sup> semper dixi uobis om. Q

<sup>1625</sup> Benignus *IMNOPQIV*, Benignus *J*

<sup>1626</sup> eius *IJMNOQIV*, etiam P

<sup>1627</sup> quandoque om. Q

<sup>1628</sup> maumethanus *add. in marg. O*

<sup>1629</sup> Hiberi *IJMNOPIQ*, liberi V

omnes spurcitas eliminabunt et abominationem stantem<sup>1631</sup> in loco sancto dissipabunt. Et iterum Euangelium predicabitur in uniuerso mundo. Et uicarium reformantem omnia transmittam<sup>1632</sup>, humilem, mitem, benignum et clementem. Et tunc uidebitur fructus labiorum<sup>1633</sup> uestrorum.

Tunc uocauit Paulum [216] et dixit ei: Quando spirabas ut taurus minas per nares tuas et gladium contra me ferebas euaginatam, quid tibi uidebaris? Emulator maximus eras paternarum tuarum<sup>1634</sup> traditionum. Et credebas<sup>1635</sup>, contra me agendo, pro me agere. Ideo, ignorans, fecisti, ideo<sup>1636</sup> dignus uenia fuisti, ideo te de celo in meridie uocaui et apostolum elegi. Ecce Stephanum, uide<sup>1637</sup>, gloriosum, quem lapidari tam uehementer optasti, cuius precibus<sup>1638</sup> alleuiatum<sup>1639</sup> est peccatum ignorantie tue. Esto constans, Paule, ut cepisti. Reposui enim tibi coronam iustitie quam tibi reddam tamquam<sup>1640</sup> iustus iudex. Et tu, Barnaba, docebis et annuntiabis populis tuis et aliis omnibus qui mecum et antea<sup>1641</sup> fuisti, sed ex discipulis<sup>1642</sup> te post ascensionem meam ad apostolatam assumpsi. Antea te uidi ut discipulum, nunc cerno ut dignum meum<sup>1643</sup> apostolum. Et tu, Ignati, accede ad me. Ego enim sum amor tuus qui crucifixus quondam fui, sed nunc regnabo in eternum. Et tu cum tuo amore uiues<sup>1644</sup> in secula. Et tu, Dionisi, ala celi, celestia<sup>1645</sup> conscribes et ad celos tandem ad me<sup>1646</sup> conscendes cum palma martirii.

Et omnes pariter suauiissimis uerbis allocutus<sup>1647</sup> est. Dixitque<sup>1648</sup>: Quid uobis uidetur de anima illa felici que hac nocte a suo corpore separata fuit?

Responderunt omnes: Surrexisti tu, Domine. Surgat et Archa sanctificationis tue. Mortem non merebatur, ab omni peccato immunis. Iustum saltem est ut caro illa, que tua est, in aliam naturam non uertatur<sup>1649</sup>.

Tunc ait Dominus Michaeli et mihi: Associate cum his aliis<sup>1650</sup> animam istam quousque iuxta corpus suum fuerit<sup>1651</sup>.

Et subito ipse dixit: Reuniatur corpori innocenti innocens anima. Viuatque in eternum dulcissima mater mea.

Et illico anima corpori, Dei uirtute, unita est. Et corpus dotibus glorie<sup>1652</sup> decoratum est. Et de monumento diuina uirtute exiuit. Et nos mausoleum aperuimus, quod uacuum

---

<sup>1630</sup> alios quoque *IJMNOQV*, aliosque *O*, aliosque quoque *P*

<sup>1631</sup> stantem *om*, *Q*

<sup>1632</sup> transmittam *IJMNOQV*, transmittent *Q*

<sup>1633</sup> labiorum *IJMOPV*, laborum *NQ*

<sup>1634</sup> tuarum *om*. *Q*

<sup>1635</sup> te *add*. *OQ*

<sup>1636</sup> ideo *IJMNOQV*, propter quod *Q*

<sup>1637</sup> uide *IJNPQV*, uides *M* (*sup. lin.*) *O*

<sup>1638</sup> precibus *IJMNOQV*, orationibus *V*

<sup>1639</sup> alleuiatum *IJMNOQV*, illuminatum *Q*

<sup>1640</sup> tamquam *om*. *V*

<sup>1641</sup> et antea *IJMNPV*, ante *OQ*

<sup>1642</sup> meis *add*. *P*

<sup>1643</sup> meum *om*. *V*

<sup>1644</sup> uiues *IJMNOQV*, uiuis *Q*

<sup>1645</sup> celestia *IMNOQV*, celestis *V*

<sup>1646</sup> tu *add*. *Q*

<sup>1647</sup> allocutus *IMNOQV*, locutus *V*

<sup>1648</sup> Dixitque *add*. *M*

<sup>1649</sup> naturam non uertatur *IJMNOQV*, materiam non conuertatur *Q*

<sup>1650</sup> aliis *om*. *V*

<sup>1651</sup> fuerit *IJNPQV*, fuerint *M*

<sup>1652</sup> glorie *IJMNOQV*, gratie *P*

omnibus apparuit. Maria uero tota gloriosa et fulgida iuxta Christum Dominum<sup>1653</sup> stetit uestita stola claritatis et eterne immortalitatis<sup>1654</sup>. Et subito ut anima corpori unita est, Dominus clamauit: “Veni ad me, Mater mea electa, ueni ad Filium tuum, Genitrix predilecta<sup>1655</sup>, ueni, coronaberis.” Et tunc Michael mecum<sup>1656</sup> et cum aliis omnibus Matrem Dei<sup>1657</sup> adorauimus et ei tamquam Regine nostre perpetuam obedientiam dedimus<sup>1658</sup>, ita Michael pro omnibus nobis dicente.<sup>1659</sup>

Quod ante mundum sensibilem Deo promisimus, hoc tibi, Maria, hodie reddimus  
Quod tempore conceptionis Dei exhibuimus, illud<sup>1660</sup> nunc ratificamus<sup>1661</sup>  
Te Mariam in nostram Reginam acceptamus et nos tue maiestati<sup>1662</sup> submittimus  
Te Reginam celorum<sup>1663</sup> appellamus, te Dominam angelorum<sup>1664</sup> iugiter predicamus  
Tibi omnes angeli et archangeli, tibi uirtutes et uniuerse potestates  
Tibi principatus et dominationes infinitis diebus deseruiet et<sup>1665</sup> obsequentur  
Tibi Throni et Cherubin atque Seraphin humili uoce confitentur  
Omnes te nostram superiorem agnoscimus, omnes Dei nostri Genitricem adoramus

Ex alia parte omnes Patres Testamenti Veteris, Abraham, Moyses ac Dauid annuentibus, clamare ceperunt:[217]<sup>1666</sup>

Tu gloria Ierusalem, tu, Maria, letitia Israel, tu honorificentia populi nostri  
O<sup>1667</sup> beati nos qui talem filiam habere meruimus, quam Deus in matrem sibi<sup>1668</sup>  
elegit

O felices nos et ualde fortunatos qui in Maria nostra<sup>1669</sup> nos uidemus<sup>1670</sup> sublimatos  
Sicut lilium inter spinas sic Maria inter filias nostras<sup>1671</sup>  
Sicut malus<sup>1672</sup> inter ligna siluarum sic Iesus inter hominum filios  
Speciosus est<sup>1673</sup> forma pre filiis hominum, diffusa est gratia in labiis suis<sup>1674</sup>  
Sub umbra illius quem desideramus<sup>1675</sup> sedimus et fructus eius dulcis gutturi  
nostro<sup>1676</sup>

---

<sup>1653</sup> Dominum *om.* *O*

<sup>1654</sup> immortalitatis *IJMOPQV*, immortalitate *N*

<sup>1655</sup> predilecta *IJNPV*, preelecta *M*(*add. sup.lin.a.m.predilecta*)*OQ*

<sup>1656</sup> mecum *IJMNOVPV*, et ego *Q*

<sup>1657</sup> denuo *add. M*(*add. inf.lin.a.m.*)*OQ*

<sup>1658</sup> obedientiam dedimus *IJMNPV*, obedientiam exhibuimus *O*, reuerentiam exhibuimus *Q*

<sup>1659</sup> Canticum Michaelis in laudem Virginis *add. V*

<sup>1660</sup> illud *IJMOPQV*, hoc *N*

<sup>1661</sup> ratificamus *IJMNOVPV*, retificamus *Q*

<sup>1662</sup> maiestati *MNOPQ*, maiestatis *IJV*

<sup>1663</sup> Te Reginam celorum *IJMNOVPV*, Te Reginam angelorum celorumque *Q*

<sup>1664</sup> angelorum *IJMNOVPV*, nostram *Q*

<sup>1665</sup> deseruiet et *om.* *Q*

<sup>1666</sup> Patres ueteris testamenti laudant *add. V*

<sup>1667</sup> *O om.* *Q*

<sup>1668</sup> sibi *om.* *Q*

<sup>1669</sup> in Maria nostra *IJ* (*M add. sup.lin.a.m.filia*) *NPV*, in filia nostra *O*, in filiam nostram *Q*

<sup>1670</sup> uidemus *MNOPOQ*, uidimus *JV*

<sup>1671</sup> nostras *JNOQV*, uestras *MP*

<sup>1672</sup> malus *JMNOPOQV*, malum *I*

<sup>1673</sup> est *om.* *PV*

<sup>1674</sup> suis *JJMNOQ*, tuis *PV*

<sup>1675</sup> desideramus *IJNPV*, desiderauimus *MO*, desiderabamus *Q*

<sup>1676</sup> et fructus eius dulcis gutturi nostro *om.* *Q*

Ioannes Baptista cum Iacobo decollato et Ioseph uiro Marie, Anna et Ioachim, Simeone et Anna prophetissa<sup>1677</sup>, Staphano, primo martyre, et sanctis pueris innocentibus atque aliis qui post ortum Domini Iesu occubuerunt<sup>1678</sup>, ut Zacharia et Elizabeth, dicebant<sup>1679</sup>

Ecce genus nostrum et caro nostra, ecce Domina et Regina nostra  
Ecce scandit ad ethera<sup>1680</sup> in eternum<sup>1681</sup> regnatura  
Ipsa est gloria nostra, ipsa magnificentia nostre ciuitatis  
Prosequamur eam laudibus, comitemur cantilenis dulcibus  
Pulchre sunt gene eius sicut turturis, collum eius sicut monilia<sup>1682</sup>  
Murenulas aureas faciemus ei uermiculatas argento  
Ecce tu pulchra es, Maria, et oculi tui columbarum

Postea Petrus pro omnibus mortalibus locutus est:

Oleum effusum est, o Iesu, nomen tuum, ideo adolescentule te dilexerunt  
Introducis<sup>1683</sup> ecce, o rex, Mariam in cellaria tua, exultabit et letabitur in te  
Inuenit quem diligit<sup>1684</sup> anima eius, tenet neque umquam dimittet  
Introduxit<sup>1685</sup> enim eum in domum matris et in cubiculum genitricis  
Inspicite regem Christum<sup>1686</sup> in diademate suo<sup>1687</sup>, coronauit eum mater sua  
Fulciamus eam floribus, stipemus malis, quia amore Filii languet  
Trahe nos quoque, Maria, post te, curremus in odorem unguentorum tuorum.

Omnes itaque apostoli et discipuli et fideles et sancte mulieres atque uirgines in obsequium matris Dei deputate, uidentes<sup>1688</sup> Mariam in tanta gloria et maiestate, ipsam adorauerunt. Et omnibus Iesus<sup>1689</sup> Filius eius atque ipsa<sup>1690</sup> benedicebant<sup>1691</sup>. Erat in cordibus singulorum letitia ingens. Ex omni parte augebatur gaudium.

Tunc Iesus, uolens ut omnes conscenderent in montem Oliueti,<sup>1692</sup> quasi precedens et iter ostendens<sup>1693</sup> matri sue, sic ad eam loqui cepit:<sup>1694</sup>

Veni de Libano, sponsa mea, ueni de Libano, ueni<sup>1695</sup>

---

<sup>1677</sup> Anna prophetissa *IMNOPQV*, Anne prophetisse *J*

<sup>1678</sup> occubuerunt *IJMNPV*, occubuerant *OQ*

<sup>1679</sup> dicebant *om. QV*

Canticum Ioannis Baptiste aliisque multis *add. V*

<sup>1680</sup> ethera *IJNOPQV*, etherea *M*

Virgo Mater *add. M (sup. lin.a.m.) O*

<sup>1681</sup> in eternum *IJMNPV*, Virgo Mater *Q*

<sup>1682</sup> turris eburnee *add. M (a.m.) OQ*

<sup>1683</sup> introducis *IJNOM*, introduces *PQV*

<sup>1684</sup> diligit *IJMNPV*, dilexit *Q*

<sup>1685</sup> Introduxit *IJMNPQV*, Introduxerat *O*

<sup>1686</sup> Christum *IJMOPQV*, Dominum *N*

<sup>1687</sup> suo *om. Q*

quo *add. PQ*

<sup>1688</sup> uidentes *IJMNPV*, uiderunt *Q*

<sup>1689</sup> Iesus *om. P*

<sup>1690</sup> ipsa *JMNPQV*, ipsam *I*

<sup>1691</sup> benedicebant *IJMNOV*, benedicebat *PQ*

<sup>1692</sup> ipse *add. MOQ*

<sup>1693</sup> et iter ostendens *om. Q*

<sup>1694</sup> Christus ad matrem *add. V*

<sup>1695</sup> coronaberis *add. Q*

Surge, propera, amica mea et columba mea, propera, formosa mea, et ueni  
 Iam hiems transiit, imber abiit et recessit<sup>1696</sup>  
 Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis aduenit  
 Surge, propera, amica mea, propera, columba speciosa, et ueni<sup>1697</sup>  
 Ostende faciem tuam decoram populo meo, sonet uox tua dulcis in auribus eius<sup>1698</sup>  
 Multe sunt mihi regine, multe concubine<sup>1699</sup>, puellarum non est numerus  
 Vna<sup>1700</sup> tu es, columba mea, perfecta mea, una Genitrici Trinitati electa<sup>1701</sup>  
 Vident<sup>1702</sup> te filie Syon et beatissimam predicant<sup>1703</sup>, omnes undique collaudant

[218] Et quasi totum septimum capitulum<sup>1704</sup> Canticorum Dominus direxit in matrem suam. Nam et Salomon in spiritu preuiderat et illum librum conscripsit<sup>1705</sup> non solum propter coniunctionem anime sancte cum Deo neque solum propter coniunctionem<sup>1706</sup> capitis Christi<sup>1707</sup> cum Ecclesia, sed ultra hoc et precipue propter coniunctionem Filii Dei<sup>1708</sup> cum Maria sua Genitrice<sup>1709</sup> dulcissima, quam preuiderat futuram presertim<sup>1710</sup> in hac die sue assumptionis<sup>1711</sup>. Dominus ergo multa de Libro Canticorum induxit, loquens<sup>1712</sup> ad Mariam. Et ipsa ex eodem Libro locuta est<sup>1713</sup> respondendo sibi<sup>1714</sup>, que facile a uobis inueniri possunt, et pastor ille<sup>1715</sup> inueniet et hymnos atque psalmos et cantica compilabit<sup>1716</sup>. Progrediebatur<sup>1717</sup> itaque Dominus per aera et Maria innixa<sup>1718</sup> supra dilectum suum procedebat<sup>1719</sup>. Nos angeli secundum gradus hierarchias<sup>1720</sup> et choros nostros in circuitu<sup>1721</sup> assistebamus. Anime sanctorum et iustorum similiter per aera sequebantur Regem et Reginam. Apostoli adhuc mortales et alii progrediebantur more humano, sed sine ulla lassitudine, sine ullo<sup>1722</sup> labore. In uia uero nunc nos angeli, nunc anime beatorum, nunc ipsi apostoli, ex eodem Libro Canticorum uerba<sup>1723</sup>

<sup>1696</sup> et recessit *IJNPV*, ecce omnino recessit *MOQ*

<sup>1697</sup> Surge, propera, amica mea, propera, columba speciosa, et ueni *om. O*

<sup>1698</sup> eius *IJMNPV*, meis *OQ*

<sup>1699</sup> concubine *IJMNOQV*, columbine *V*

<sup>1700</sup> Vna *IJMNPV*, Vnica *OQ*

<sup>1701</sup> una Genitrici Trinitati electa *BIJMNRV*, una Genitrix Trinitati electa *HP*, ueni, Genitrix, absolute electa *OQ*

<sup>1702</sup> uident *JMNOQV*, uiderunt *IV*

<sup>1703</sup> predicant *IJMNOQV*, predicauerunt *V*

<sup>1704</sup> capitulum *IJMOPV*, canticum *N*, caput *Q*

<sup>1705</sup> conscripsit *IJMNOQV*, scripsit *Q*

<sup>1706</sup> neque solum propter coniunctionem *om. Q*

<sup>1707</sup> Christi *om. N*

<sup>1708</sup> Dei *om. N*

<sup>1709</sup> Genitrice *IJMNOQV*, Genitrici *V*

<sup>1710</sup> cum Maria sua Genitrice dulcissima, quam preuiderat facturam presertim *add. M (in marg. a.m.)*

<sup>1711</sup> in hac die sue assumptionis *IJMNOQ*, in hac die assumptionis *P*, in hac die et sue conceptionis *V*

<sup>1712</sup> loquens *IJMNOQV*, loquendo *P*

<sup>1713</sup> Dominus ergo multa de Libro Canticorum induxit loquens ad Mariam. Et ipsa ex eodem Libro locuta est *IJMNPQV*, Dominus ergo multa de Libro (*in marg. a.m. Canticorum et ipsa de eodem locuta est*) locutue est *O*

<sup>1714</sup> respondendo sibi *IJMNP*, respondendo et alloquendo *O*, respondens sibi et alloquens *Q*, respondendo *V*

<sup>1715</sup> ille *om. V*

<sup>1716</sup> compilabit *IJMNOQV*, recompilabit *Q*

<sup>1717</sup> Progrediebatur *IJMNOQV*, progrediatur *Q*

<sup>1718</sup> innixa *IJMNOQV*, enixa *Q*

<sup>1719</sup> procedebat *IJMNOQV*, precedebat *Q*

<sup>1720</sup> nostras *add. P*

<sup>1721</sup> in circuitu *om. Q*

<sup>1722</sup> sine ullo *IJMNOQV*, uel *Q*

<sup>1723</sup> uerba *om. P*

sumentes, dicebant: “Que est ista que ascendit per desertum”? Quia de ualle Iosaphat ad montem Oliueti. Non enim adhuc ascendebat in celum. Nam postea, ascendendo in celum, dicebant: “Que est ista que ascendit de deserto et de uita mortalium sicut uirgula fumi ex aromatibus myrrhe et thuris et uniuersi pulueris pigmentarii”?

Alii dicebant: En<sup>1724</sup> lectulum Salomonis, id est,<sup>1725</sup> Mariam matrem ueri Salomonis<sup>1726</sup>, Christi. Sexaginta fortes<sup>1727</sup>, hoc est, perfectissimi fortes<sup>1728</sup>, quia ibi denarius<sup>1729</sup> ducitur<sup>1730</sup> per senarium, qui<sup>1731</sup> est numerus primus perfectus, ut<sup>1732</sup> homines scribunt. Sexaginta igitur fortes lectulum Salomonis ambiunt ex fortissimis Israel, quia nos primi et fortissimi omnium creaturarum aderamus in defensionem Virginis et in uita et in morte et dum ad sepulchrum deportaretur<sup>1733</sup>, omnes tenentes gladios et ad bella doctissimi. Dimicauimus enim<sup>1734</sup> contra Luciferum a principio et contra demones et malos homines sepissime. Vniuscuiusque ensis super femur suum, quia uirtus et fortitudo data est unicuique nostrum, maior et minor secundum diuersitatem naturarum nostrarum propter timores nocturnos, hoc est, ad repellendum ab amicis Dei<sup>1735</sup> et filiis lucis timores qui concitantur a noctibus principibus<sup>1736</sup> tenebrarum.

Alii dicebant: Que est ista que progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis ut castrorum acies ordinata?

Alii dicebant: Egredimini<sup>1737</sup>, filie Syon, et uidete regem Salomonem in diademate quo coronauit eum mater sua.

Et inter alios Thomas, non dubius tunc sed fidelis, clamauit ad Dominam dicens: Tu ad felicia regna, o mater Dei, progredieris. Relinque aliquid pro<sup>1738</sup> signo amoris tuis fidelibus<sup>1739</sup>.

Maria dixit: Annulum meum quo me desponsauit Ioseph, uir meus, cum omnibus uestimentis<sup>1740</sup> meis et parte capillorum meorum ob deuotionem fidelium reliqui. Magdalena<sup>1741</sup> de lacte quo Deum nutriui et de sanguine<sup>1742</sup> Filii mei quem pariter collegimus<sup>1743</sup> et<sup>1744</sup> preputium, id est, pelliculam circuncisam<sup>1745</sup> et pelliculam in qua natus est Filius meus<sup>1746</sup> Iesus apud se conseruat<sup>1747</sup>. Et tu, Thoma, accipe cinctorium<sup>1748</sup>

---

<sup>1724</sup> En *IJMNOQV*, Ea P

<sup>1725</sup> id est *om. IJQ*

<sup>1726</sup> id est, Mariam matrem ueri Salomonis *om. P*

<sup>1727</sup> fortes *om. Q*

ambiant *add. M (in marg. a.m.)*

<sup>1728</sup> ambiunt *add. Q*

<sup>1729</sup> denarius *MNOPQV*, denarii *IJ*

<sup>1730</sup> ducitur *M (sup.lin.a.m) NPV, om.IJ, dicitur OQ*

<sup>1731</sup> qui *IJMNOQV, et P*

<sup>1732</sup> uestri *add. Q*

<sup>1733</sup> deportaretur *IJMOPQV, portaretur N*

<sup>1734</sup> etiam *add. Q*

<sup>1735</sup> ab amicis Dei *I(M add. sup. lin. inimicis) NP, ab amicis (sup. ras.diei) O, ab inimicis Dei JQV*

<sup>1736</sup> a noctibus principibus *IJMNV, a noctibus et principibus O, a noctibus id est a principibus P, a principibus Q*

<sup>1737</sup> Egredimini *IMNOPQV, Egrediemini J*

<sup>1738</sup> pro *IJMOPQV, de N*

<sup>1739</sup> amoris tuis fidelibus *IJMOQV, amoris tui fidelibus NP*

<sup>1740</sup> uestimentis *IJMOPQV, uestis N*

<sup>1741</sup> reliqui. Magdalena *IJMNOQV, reliqui Magdalene OP*

<sup>1742</sup> de sanguine *IJMNOQV, sanguinem Q*

<sup>1743</sup> collegimus *IJMNOQV, colligimus V*

<sup>1744</sup> et *IJMNPQV, in O*

<sup>1745</sup> preputii *add. Q*

<sup>1746</sup> Filius meus *om. Q*

<sup>1747</sup> apud se conseruat *om. Q*

renum meorum. Ecce illud<sup>1749</sup> mecum ex industria detuli ut tu, qui dubius uocaberis, fidem Domini plus aliis credens, usque in<sup>1750</sup> superiorem Indiam amplius et augmentes. [219]

Et accedente illo in montem Oliueti, Maria suis propriis manibus cingulum porrexit Thome et dimisit ei pleno gaudio et gratiarum actione.

Dominus itaque Iesus in aere satis uicino terris<sup>1751</sup> cum Maria matre in medio angelorum et sanctarum animarum stans, Petrum et unumquemque apostolorum allocutus<sup>1752</sup> est sicut et in die Ascensionis sue. Et Maria eodem modo. Et uale dicentes omnibus mortalibus, paulatim ascendebant in celum, apostolis et uirginibus, discipulis<sup>1753</sup> atque sanctis mulieribus cum gaudio<sup>1754</sup> insipientibus<sup>1755</sup> et pre nimia letitia flentibus et lacrimantibus, nobis autem angelis psallentibus et cantantibus<sup>1756</sup>. Et postquam paulatim procedendo, ad altissimam aeris partem ultra quam ab apostolis uideri non poteramus, applicuimus<sup>1757</sup> citissime. Deinde transiuimus omnes celos et ad empyrium celum peruenimus ubi Christus Dominus cum sua Genitrice<sup>1758</sup> uiuit et regnat<sup>1759</sup> in secula seculorum. Amen.

Nunc, dilectissime, poteris intelligere<sup>1760</sup> et conscribere matris Domini assumptionem et errores euitare. Noluit Dominus resurrectionem Marie differre, sicut suam<sup>1761</sup>, in tertium diem, quia non oportebat probare<sup>1762</sup> ueritatem mortis eius neque resurrectionis neque prophetie Ione adimpletionis. Mansit ergo in sepulcro corpus eius horis decem, mortuum uero horis<sup>1763</sup> quindecim,<sup>1764</sup> quas horas pro diebus aliqui computant, ut uos in reuelationibus beate Brigide deuotissimis<sup>1765</sup> habetis. Scito sibi fuisse reuelatum hoc eodem modo, sed ille qui scripsit cogitauit intra se quomodo ipsa citius Christo surrexisset<sup>1766</sup> et dixit: “Debent esse quindecim dies, non quindecim hore”. Et rationem apposuit. Corrigatur itaque in ea parte reuelatio sanctissime<sup>1767</sup> Christi sponse Brigide. Causa erroris non fuit ipsa, sed confessor eius qui uoluit plus sapere quam oportuit, credens eam male intellexisse. Similiter corrigatur reuelatio<sup>1768</sup> alterius<sup>1769</sup> deuotissime uidue sancte Elisabeth, de tertio ordine patris tui, cuius etiam confessor in numero dierum, pie credens eam male intellexisse, errauit. Ipsa enim dixit Mariam resurrexisse hora quartadecima<sup>1770</sup> cum dimidia et plus. Et<sup>1771</sup> ipse dixit ex suo sensu quod fuerunt

---

<sup>1748</sup> meum *add. Q*

<sup>1749</sup> illud *IJMNPQV*, illum *O*

<sup>1750</sup> in *IJMNOV*, ad *Q*

<sup>1751</sup> terris *IJMNOV*, terre *Q*

<sup>1752</sup> allocutus *IJMNOVQ*, locutus *V*

<sup>1753</sup> paulatim ascendebat in celum, apostolis et uirginibus, discipulis *add.M (in marg. a.m.)*

<sup>1754</sup> cum gaudio *om. N*

<sup>1755</sup> insipientibus *IJMNOV*, incipientibus *Q*

<sup>1756</sup> cantantibus *IJMOPV*, canebantibus *NQ*

<sup>1757</sup> applicuimus *IJMNPQV*, applicauimus *O*

<sup>1758</sup> Maria *add. NO*

<sup>1759</sup> super omnem creaturam *add. NO*

<sup>1760</sup> considerare *add. P*

<sup>1761</sup> sicut suam *om. Q*

<sup>1762</sup> probare *IJMNOV*, probari *Q*

<sup>1763</sup> horis *om. Q*

<sup>1764</sup> is *add. I*

<sup>1765</sup> deuotissimis *IJMNOV*, deuotissime *QV*

<sup>1766</sup> surrexisset *IJMNO*, resurrexisset *PQ*, surrexisse *V*

<sup>1767</sup> sanctissime *IJMOPV*, deuotissime *N, om.Q*

<sup>1768</sup> reuelatio *add.M (in marg.), om. V*

<sup>1769</sup> reuelatio alterius *IJMOPQV*, alia reuelatio *N*

<sup>1770</sup> una *add. IMV*

dies quadraginta. Qui tamen confessores non perierunt tamen aliquantulum uapulauerunt. Neque anima Beate Virginis ante resurrectionem eius ascendit in celum. Eadem die a<sup>1772</sup> corpore separata, eadem etiam die<sup>1773</sup> corpori unita fuit. Quod<sup>1774</sup> etiam confessor beate Elisabeth scribit, Mariam<sup>1775</sup> anno integro et tot diebus quot ab ascensione Domini usque ad eius assumptionem fluxerunt superuixisse, male scribitur quia sic ei reuelatum fuit annis integris et tot diebus<sup>1776</sup> de quibus annis iam tibi indicaui.

Apostoli uero pleni<sup>1777</sup> gaudio et letitia reuersi sunt in Ierusalem cum mulieribus sanctis, sed non cum Maria matre Iesu et esurire ceperunt et in domo Lazari in Ierusalem pariter cenauerunt et uerbo Domini insistebant. Et facta ultima synodo, et multis questionibus absolutis circa ritus gentilium et circa cerimonias et onera Legis, et ostenso quod gentes non erant subiciende<sup>1778</sup> dictis oneribus Legis<sup>1779</sup> et postea, dum apostoli diuiderentur per totum orbem terrarum<sup>1780</sup>, afflati<sup>1781</sup> Spiritu Sancto promulgauerunt et declarauerunt nulli ex tunc hominum neque iudeo neque greco licitum esse cir [220] cuncidi aut legalia seruare<sup>1782</sup>, quia illa<sup>1783</sup> figura erant Noue Legis et umbra<sup>1784</sup> que, adueniente rerum ueritate, euanescere debebant.<sup>1785</sup>

Firmiter igitur tenendum<sup>1786</sup> est et nullo modo dubitandum circuncisionem<sup>1787</sup> et alias cerimonias iudaicas perniciosas esse omni homini, iudeo primum<sup>1788</sup> ac greco. Conuersis tamen ex iudeis in principio illud illicitum non fuit neque prohibitum, sed tandem<sup>1789</sup>, Spiritu Sancto instigante, etiam iudeis illud fuit omnino prohibitum. Apostolis namque tamquam<sup>1790</sup> iudeis proprios<sup>1791</sup> ritus dimittere<sup>1792</sup> nefas uidebatur. Sed instructi<sup>1793</sup> Spiritu Sancto, tandem<sup>1794</sup> in ultima ipsorum diuisione omnes apostoli simul<sup>1795</sup> decreuerunt et ita determinauerunt<sup>1796</sup> quod nulli esset ex tunc licitum circuncidi aut legem cerimoniarum sub precepto obseruare<sup>1797</sup> aut<sup>1798</sup> ullam<sup>1799</sup> spem in

---

<sup>1771</sup> plus *add. N*

<sup>1772</sup> a *om. V*

<sup>1773</sup> die *om. Q*

<sup>1774</sup> Quod *IJMOPQV*, Et *N*

<sup>1775</sup> Mariam *om. Q*

<sup>1776</sup> quot ab ascensione Domini usque ad eius assumptionem fluxerunt superuixisse, male scribitur quia sic ei reuelatum fuit annis integris et tot diebus *om. N*

<sup>1777</sup> pleni *IJMNOPIV*, pleno *Q*

<sup>1778</sup> subiciende *IJNOQV*, subiciendo *M*

<sup>1779</sup> et ostenso quod gentes non erant subiciende dictis oneribus legis *om. P*

<sup>1780</sup> orbem terrarum *IJMOPQV*, mundum *N*

<sup>1781</sup> afflati *IMNOPQV*, affati *J*

<sup>1782</sup> seruare *IJMNOPIQ*, obseruare *V*

<sup>1783</sup> in *add. M (sup. lin.a.m.) Q*

<sup>1784</sup> Noue Legis et umbra *om. Q*

<sup>1785</sup> debebant *IJMNOPIQ*, debebat *V*

<sup>1786</sup> tenendum *IJMNPV*, credendum *Q*

<sup>1787</sup> circuncisionem *IJMNOPIQ*, circuncisionis *V*

<sup>1788</sup> primum *IJMNOQV*, pariter *P*

<sup>1789</sup> tandem *IJMNOPIV*, tamen *Q*

<sup>1790</sup> tamquam *om. Q*

<sup>1791</sup> proprios *IJMNPQV*, propriis *O*

<sup>1792</sup> tamquam *add. P*

<sup>1793</sup> instructi *IJMNOPIV*, instruite *Q*

<sup>1794</sup> tandem *IJMNOPIV*, tamen deinde *Q*

<sup>1795</sup> simul *om. Q*

<sup>1796</sup> et ita determinauerunt *om. Q*

<sup>1797</sup> obseruare *IJMNOPI*, obseruari *V*

<sup>1798</sup> legem cerimoniarum sub precepto obseruare aut *om. Q*

<sup>1799</sup> omnino *add. Q*

sacramentis Legis Veteris ponere. Exinde diuisi sunt<sup>1800</sup> apostoli per uniuersas prouincias orbis<sup>1801</sup>. Et quilibet in sua prouincia occubuit, nisi quod Ioannes ab Effeso fuit translatus in paradisum<sup>1802</sup> et Petrus ac Paulus simul Rome interfecti sunt una die. Petrus<sup>1803</sup> quidem in ipso<sup>1804</sup> loco ubi<sup>1805</sup> tu oras<sup>1806</sup>. Prope illum, ut notum est, fuit cruci capite deorsum affixus. Paulus uero eadem die, in loco quem uos<sup>1807</sup> Tres Fontes dicitis, fuit decollatus. Et uerum<sup>1808</sup> est quod caput eius abscisum tres saltus fecit<sup>1809</sup> clamando “Iesus”, prout uestri scribunt. Locum illum pro electo atque deuotissimo habeatis. Paulus enim est uas electionis diuine et lumen fidei christiane. In signum trium saltuum et exclamantium tres fontes sunt<sup>1810</sup> uerum indicium.<sup>1811</sup>

Tunc ego, qui diu tacueram, dixi: Domine mi, quod canticum<sup>1812</sup> cantabatis<sup>1813</sup> Maria simul in celum ascendente cum dilecto Filio suo?

Et ille respondit: Scribe illud et conserua. Tale fuit<sup>1814</sup>

Egressa est uirga de radice Iesse, et flos de radice eius conscendit<sup>1815</sup>  
 Ecce ipsamet iterum progreditur sicut uirgula fumi myrrhe et thuris<sup>1816</sup>  
 Hec est Maria, omni odore plena, sola semper benedicta  
 Hec est unica Mater<sup>1817</sup> Verbi Dei, Genitrix omnium plasmatoris<sup>1818</sup>  
 Hec post Filium in terris remansit et merita meritis auxit  
 Plus omnibus ipsa sola meruit, plus omnibus generi suo profuit<sup>1819</sup>  
 Multi congregauerunt meritorum diuitias, ipsa supergressa est uniuersas<sup>1820</sup>  
 Ecce quilibet angelorum chorus mille millia<sup>1821</sup> defert<sup>1822</sup> cados  
 Thesaurus est magnus et incomparabilis<sup>1823</sup>, ingens et inexhauribilis<sup>1824</sup>  
 Agnouit hoc<sup>1825</sup> et letata est Syon et filie Iude exultauerunt  
 Meritis igitur innumeris iam peractis<sup>1826</sup>, appropinquauit hora<sup>1827</sup> sue mortis

<sup>1800</sup> omnes *add. Q*

<sup>1801</sup> per uniuersas prouincias orbis *IJMNOPIV*, per mundum in prouincias orbis *Q*

<sup>1802</sup> terrestrem *add. V*

<sup>1803</sup> Petrus *om. V*

<sup>1804</sup> ipso *IMOPV*, isto *JNQ*

<sup>1805</sup> ubi *IJMNOPIV*, in quo *Q*

<sup>1806</sup> uel *add. M(sup.lin.a.m.)Q*

<sup>1807</sup> hodie *add. JQ*

<sup>1808</sup> uerum *om. Q*

<sup>1809</sup> fecit *IJMOPV*, dedit *Q*

<sup>1810</sup> sunt *IJMNOPIV*, satis *Q*

<sup>1811</sup> Paulus enim est uas electionis diuine et lumen fidei Christiane. In signum trium saltuum et exclamantium tres fontes sunt uerum indicium. *JMOQ*, Paulus enim est uas electionis diuine et lumen fidei Christiane insigne. Trium saltuum et exclamantium tres fontes sunt uerum iudicium. *INPIV*

<sup>1812</sup> canticum *om. V*

<sup>1813</sup> quando *add. V*

<sup>1814</sup> Canticum angelorum Maria ascendente *add. V*

<sup>1815</sup> conscendit *IJMNOPIV*, ascendit *Q*, ascendit *V*

<sup>1816</sup> thuris *NOPQ*, thure *IIMV*

<sup>1817</sup> mater *JMNPV*, parens *OQ*

<sup>1818</sup> plasmatoris *IJMNOPIV*, plasmatorum *Q*

<sup>1819</sup> profuit *IJMNPQV*, placuit *O*

<sup>1820</sup> uniuersas *IJNOPIV*, uniuersis *M*

<sup>1821</sup> mille millia *IJNOPIV*, millia millium *M*, mille millium *Q*

<sup>1822</sup> defert *JMNOPIV*, deferre *I*

<sup>1823</sup> et incomparabilis *om. Q*

<sup>1824</sup> inexhauribilis *IJMNOPIV*, inextimabilis *V*

<sup>1825</sup> hoc *om. V*

<sup>1826</sup> peractis *IMNQ*, partis *JOP*, paratis *V*

<sup>1827</sup> hora *om. IV*

Conuenerunt<sup>1828</sup> omnes apostoli, palmam<sup>1829</sup> de paradiso ego Gabriel attuli  
 Omnes eam commendabant et singillatim eius uirtutes recitabant  
 Paulus positus in loco Iacobi, cuius tamen anima erat ibi  
 Gratias omnibus egit, unicuique seorsum<sup>1830</sup> uale dixit  
 In lectulum suum<sup>1831</sup> ipsa sospes<sup>1832</sup> conscendit, Dei uirtute anima a corpore recessit  
 Non solum dolore caruit, sed etiam<sup>1833</sup> in<sup>1834</sup> gaudio exultauit  
 In paradiso Enoch et Heliam uisitauit et eos qui erant in penis liberauit [221]  
 Corpus suum apostoli simul cum angelis ferebant cum hymnis et canticis  
 Gens perfida eos temere aggreditur et tamquam ceca<sup>1835</sup> in terra<sup>1836</sup> prosternitur  
 Sola communione uiuunt credentes neque esuriunt aut sunt sitientes  
 Corpus syndone inuoluitur et sepulcro nouo clauditur  
 Diluculo felix anima reuertitur, ab angelis et iam captiuis associatur  
 Verbum Homo de celo<sup>1837</sup> descendit, omnes beatos secum duxit  
 Animam sanctam<sup>1838</sup> alloquitur, pax consueta iterum proponitur<sup>1839</sup>  
 Exultant omnes uiso Domino, iubilant in Deo Salutari<sup>1840</sup> suo  
 Decem iam horis iacuerat et quindecim anima sine corpore fuerat  
 Intrat cum angelis in monumentum, illico factum est magnum portentum<sup>1841</sup>  
 Corpori felix anima unitur et corpus subito glorificatur  
 Ex<sup>1842</sup> sepulcro leta egreditur, ab omnibus Maria immortalis cernitur  
 Adorant eam omnes angeli, uenerantur omnes apostoli  
 De ualle ad montem deducitur, leta nimis progreditur  
 Per aera Dominus procedebat<sup>1843</sup>, Maria sibi innixa pergebat  
 Nos angeli<sup>1844</sup> assistebamus et hec omnia uidebamus  
 Obedientiam proni Marie<sup>1845</sup> dedimus eique seruire in eternum promissimus<sup>1846</sup>  
 Ecce nunc iubilando ascendimus, apostolos in terris relinquimus  
 Omnes in nos suspiciunt, omnes ecce in celum prospiciunt  
 Benedicamus Patri et Filio, benedicamus<sup>1847</sup> et Spiritui Sancto  
 Laudemus Deum trinum et unum, glorificemus eum in eternum

<sup>1828</sup> conuenerunt *JMNOPQV*, connumerauerunt *I*

<sup>1829</sup> palmam *IJNOPQ*, palma *MV*

<sup>1830</sup> seorsum *om. Q*

<sup>1831</sup> suum *om. Q*

<sup>1832</sup> sospes *IJMNOPIV*, hospes *Q*

<sup>1833</sup> etiam *om. N*

<sup>1834</sup> etiam in *om. Q*

<sup>1835</sup> ceca *IJMNOQV*, cera *P*

<sup>1836</sup> terra *IJMNPV*, terram *OQ*

<sup>1837</sup> celo *MNOPV*, celis *IJQ*

<sup>1838</sup> sanctam *IJMOPQV*, letam *N*

<sup>1839</sup> Diluculo felix anima reuertitur ab angelis et iam captiuis associatur

Verbum homo de celo descendit, omnes beatos secum duxit

Animam sanctam alloquitur, pax consueta iterum proponitur *add. O (in marg.a.m.)*

<sup>1840</sup> Salutari *IJMNOQV*, Saluatori *P*

<sup>1841</sup> in monumentum, illico factum est magnum portentum *IJMOPQV*, in monimento et subito factum est magnum portentum *N*

<sup>1842</sup> Ex *IJMNOPIV*, De *Q*

<sup>1843</sup> procedebat *IJMNOPIV*, precedebat *Q*

<sup>1844</sup> illis *add. Q*

<sup>1845</sup> Marie *om. V*

<sup>1846</sup> Obedientiam proni Marie dedimus eique seruire in eternum promissimus *om. Q*

<sup>1847</sup> benedicamus *om. Q*

Dixit angelus: Quotidiane<sup>1848</sup> et indefesse sunt uoces nostre et cantus nostri.<sup>1849</sup> Maria est gloria humani generis et magnum decus angelorum et omnium creaturarum honor et<sup>1850</sup> splendor.

Tunc ego<sup>1851</sup>: Mi Domine, quem situm seruat Mater et ex qua parte assistit Filio suo?

Respondit angelus: Maria non proprie stat a dextris aut sinistris Filii sui, sed ante ipsum ita quod semper<sup>1852</sup> sese mutuo inspiciunt<sup>1853</sup>. Caputque Domini paulo altius est capite Marie et illo modo etiam ascendebant de ualle in montem et de monte in celum. Sicque incedunt per empyrium celum ut numquam uultum suum<sup>1854</sup> uultu matris Dominus auertat<sup>1855</sup>.

Dixi iterum: Euangelium promiseras olim Luce te de hac assumptione mihi reuelaturum.

Respondit: Recte dicis. Tunc fuit conscriptum, sed non fuit<sup>1856</sup> tempus tunc predicandi gloriam Matris quando uix suaderi poterat gloria Filii<sup>1857</sup>. Euangelium uero tale est, secundum Lucam:

Impleti sunt dies Marie ut transiret de<sup>1858</sup> hoc mundo ad Filium suum<sup>1859</sup> unigenitum. Et missus est ad eam cum palma uictorie ante feretrum deferenda Gabriel angelus. Que cum non sibi ignota neque ingrata audiisset, turbata nullo modo est<sup>1860</sup>. Desiderabat enim relinquere mundum et semper esse cum unigenito Filio. Affuit statim<sup>1861</sup> discipulus ille quem diligebat Iesus et cui<sup>1862</sup> de cruce dixerat: “Ecce mater tua”. Affuit et Petrus cum omnibus apostolis et potioribus discipulis. Erant ibi quoque Maria Magdalene et Maria Iacobi et mater filiorum Zebedei. Aderant et plures uirgines atque sancte mulieres. Vnusquisque uerba sua protulit et in laudem Virginis matris<sup>1863</sup> direxit. Et unicuique ipsorum humiliter respondit Maria et omnibus pariter [222] benedixit. In lectulum coram omnibus conscendit et anima cum ingenti gaudio a corpore suo<sup>1864</sup> discessit. Ad inferos et paradisum<sup>1865</sup> adueniens<sup>1866</sup>, quotquot amicos in penis uiderat eripuit. Corpus in uallem<sup>1867</sup> Iosaphat delatum est et, syndone munda inuolutum, positum<sup>1868</sup> est in monumento nouo in quo nondum quisquam positus fuerat<sup>1869</sup>. Diluculo anima reuersa est ad apostolos. Tunc Dominus Iesus cum omni militia celestis exercitus in maiestate sua uenit. Dixit omnibus: “Pax uobis”. Gauisi sunt ualde

---

<sup>1848</sup> Quotidiane *IJMNOP*, quotidie *V*

<sup>1849</sup> Quotidiane et indefesse sunt uoces nostre et cantus nostri. *IJMNOPIV*, Quotidiani et indefessi sunt cantus nostri *Q*

<sup>1850</sup> honor et *om.* *Q*

<sup>1851</sup> Tunc ego *om.* *Q*

<sup>1852</sup> semper *om.* *V*

<sup>1853</sup> inspiciunt *IJMNOPIV*, aspiciunt *Q*

<sup>1854</sup> a *add.* *I*

<sup>1855</sup> auertat *IJMNP*, auertit *OQV*

<sup>1856</sup> fuit *IJMNOPIQ*, erat *V*

<sup>1857</sup> sui *add.* *Q*

<sup>1858</sup> de *JMPV*, ex *INOQ*

<sup>1859</sup> suum *om.* *V*

<sup>1860</sup> est *IJMNOPIQ*, esset *V*

<sup>1861</sup> statim *IJMNOPIV*, tamen *Q*

<sup>1862</sup> cui *om.* *V*

<sup>1863</sup> matris *om.* *V*

<sup>1864</sup> a corpore suo *om.* *V*

<sup>1865</sup> paradisum *rasit N*

<sup>1866</sup> adueniens *IJMOPQV*, deueniens *N*

<sup>1867</sup> uallem *IJMNOV*, ualle *P*, *om.* *Q*

<sup>1868</sup> positum *IJMOPQV*, depositum *N*

<sup>1869</sup> positum est in monumento nouo in quo nondum quisquam positus fuerat. *om.* *Q*

discipuli<sup>1870</sup>, uiso desiderato Domino. Felicem animam alloquitur omnibusque discipulis benedixit, animam<sup>1871</sup> corpori iterum<sup>1872</sup> coniungi iussit. Surgit<sup>1873</sup> uere Maria et prodiit<sup>1874</sup> de monumento tota decora nimis, progreditur cum Domino per aera ad Montem Oliuarum<sup>1875</sup>, comitantibus angelis et animabus iustis. Thome baltheum dimittit et omnibus suspicientibus in celum ante faciem Filii sui assumitur. Et sedet in gloria maiestatis. Regressi<sup>1876</sup> sunt Ierosolimam apostoli cum discipulis et sanctis mulieribus gratias agentes<sup>1877</sup> de omnibus que audierant et uiderant, annuntiantes magnalia Dei in omnes gentes. Finis<sup>1878</sup>

Ecce audisti et uidisti misteria magna fidei christiane que, adueniente pastore nouo, renouabitur sicut aquila et reuiuenscet<sup>1879</sup> et renouabitur adueniente pastore illo de quo<sup>1880</sup> sepius locutus sum<sup>1881</sup>. Tunc implebitur illud Apocalypsis: “Vidi ciuitatem sanctam, Ierusalem Nouam descendentem de celo a Deo<sup>1882</sup>.” Hec Ierusalem Noua<sup>1883</sup> est ipsa Roma ad quam Deus transtulit regnum suum et sacerdotium, que iterum diebus istis renouabitur et toti mundo presidebit.<sup>1884</sup> Et pastor iste assimilabitur Daudid regi quia, sicut ipse renouauit ipsam Ierusalem et in ea fecit arcem et ciuitatem suam, ita iste reformabit nouam Ierusalem<sup>1885</sup>, hoc est, Romam et Ecclesiam. Et sicut Daudid nutritus est in illa<sup>1886</sup> antiqua Ierusalem, sic et iste in hac noua Ierusalem. Et erit uerus filius Ecclesie et pastor omnibus acceptus, Deo et hominibus. Dabit ei Dominus gratiam et prudentiam et soluet uinculum labiorum eius et lingue et loquetur Dei magnalia aperte et uocem eius<sup>1887</sup> audient uniuersi.<sup>1888</sup> Vniet<sup>1889</sup> occidentalem Ecclesiam cum

---

<sup>1870</sup> discipuli *IJMNO PV*, discipulos *Q*

<sup>1871</sup> animam *IJMNO QV*, anima *OP*

<sup>1872</sup> iterum *om. V*

<sup>1873</sup> Surgit *IJMNO PV*, Surge *Q*

<sup>1874</sup> prodiit *MNQ*, procedit *I*, prodit *JOP*, *om. V*

<sup>1875</sup> Oliuarum *IJMNO PV*, Oliueti *Q*

<sup>1876</sup> Regressi *MOP*, Reuersi *NQ*, Egressi *IJV*

<sup>1877</sup> Domino *add. N*

<sup>1878</sup> Finis *om. NQ*

Epilogatio adimplendorum ante et tempore pastoris *add. V*

<sup>1879</sup> reuiuenscet *JNOQ*, reuiuiscet *H*, reuiuenscet *MPR*, reuiuenscet *I* (*add. in marg. a.m. reuiuiscat*) *V*

<sup>1880</sup> tibi *add. HJNO PR*

<sup>1881</sup> locutus sum *HIJMNO PRV*, tibi dixi *Q*

<sup>1882</sup> paratam sicut sponsam *add. P*

<sup>1883</sup> Ierusalem noua *add. O (sup.lin.a.m.)*

<sup>1884</sup> Tempus alias intellexisti. Post istum ueniet remissus, non displicebit et sequetur ardens set potius ad malum. Sequetur ouis et quasi non sequetur. Sequentis autem uox cum rugitu sequente per totum audietur, longe lateque dilatabitur. Superna miseratione caliginem tetram et nigras nubes instigabit. Hoc est initium annorum felicium. *add. in marg.a.m.M*

Tempus alias intellexisti. Post istum ueniet remissus neque displicebit. Sequetur ardens sed potius ad mala. Sequetur ouis et quasi non sequetur. Sequentis autem uox per totum audietur, longe lateque dilatabitur, superna miseratione caliginem tetram et nigras nubes effugabit. Hic est initium annorum felicium *add. O*

Tempus alias intellexisti. Post istud ueniet remissus, neque displicebit, sequetur ardens set potius ad malum. Sequetur ouis quasi non sequetur. Sequentis autem uox cum rugitu sequente per totum audietur longe lateque dilatabitur. Superna miseratio caliginem tetram et nigras nubes effugabit *add. Q*

<sup>1885</sup> quia sicut ipse renouauit ipsam Ierusalem et in ea fecit arcem et ciuitatem suam, ita iste reformabit nouam Ierusalem *JMNO PV*, quia sicut ipse renouabit Ierusalem et in ea faciet arcem et ciuitatem *Q*, et in ea fecit arcem et ciuitatem suam, ita iste reformabit nouam Ierusalem *om. R*

<sup>1886</sup> illa *IJMNO PQR*, uilla *V*

<sup>1887</sup> eius *om. V*

<sup>1888</sup> Tempus alias intellexisti. Post istum ueniet remissus, non displicebit, sequetur ardens sed potius ad malum. Sequitur ouis et quasi non sequatur. Sequentis autem uox cum rugitu sequente per totum mundum

orientali<sup>1890</sup> unione perpetua. Decem cardinales ex orientalibus faciet et duos<sup>1891</sup> magnos patriarchatus<sup>1892</sup> in occidente. Inter alios<sup>1893</sup> assistent ei septem uiri et prelati<sup>1894</sup> dignissimi sicut septem angeli coram Deo astant. Mittet legatos per orbem ut curam habeant ouium Dei. Ipse uacabit<sup>1895</sup> diuinis. Constituet unum ex cardinalibus qui curam habebit<sup>1896</sup> temporalium. Redibit pax uniuersalis et reformatio<sup>1897</sup>.

Adherebunt ei Veneti et tota Italia iuuabuntque et classem preparabunt. Et pacato<sup>1898</sup> mundo, promulgabit omnibus uoluntatem Dei et uiuent in puritate fidei et timore Dei cunctis<sup>1899</sup> temporibus.

Florentini electum pastorem amabunt et suscipient et eius monitiones et precepta super alios<sup>1900</sup> seruabunt et auxiliabuntur ei in omni<sup>1901</sup> suo bono<sup>1902</sup> proposito. Et iuuabunt ad faciendam<sup>1903</sup> conuersionem infidelium. Peccata multa<sup>1904</sup> in quibus [223] diu uixerunt dimittent et in fide omnium infidelium<sup>1905</sup> letabuntur, quia fides Domini in toto mundo erit. Sed ipsi, id est<sup>1906</sup>, Florentini ante hec omnia et cito, quia diebus tuis quorum peccata grauissima multis elemosinis et bonis operibus occultantur, multas habebunt perturbationes et ad inuicem insidias machinabuntur. Et non transibit tempus<sup>1907</sup> multum quod proditio eorum qui contra ciues maiores insurgent<sup>1908</sup> manifestabitur, tamen cum damno utriusque partis<sup>1909</sup>. Et propter hanc rem magnos et potentes habebunt contra se et innumerabilia<sup>1910</sup> sustinebunt<sup>1911</sup> et<sup>1912</sup> uinent.

Antea<sup>1913</sup> quoque Veneti quam tempora felicia adueniant<sup>1914</sup> confederabuntur<sup>1915</sup>, timebunt, suspicabuntur et non sine dolo amicos habebunt. Sed prudenter se gerent et

---

audietur, longe lateque dilatabitur. Superna miseratur. Caliginem tetram et nigras nubes effugabit. Hoc est initium annorum felicium *add. N*

<sup>1889</sup> iste nouus et sanctus pastor *add. N*

<sup>1890</sup> cum orientali *IJMNOPRV*, et orientalem *Q*

<sup>1891</sup> duos *IMNOQV*, duobus *J*

<sup>1892</sup> patriarchatus *IJMNOPRV*, patriarchas *Q*

<sup>1893</sup> Inter alios *om. P*

<sup>1894</sup> prelati *HIJMNOQR*, preclari *V*

<sup>1895</sup> uacabit *IJMOPQRV*, uocabit *H*, uocabitur *N*

<sup>1896</sup> habebit *IJMNOV*, habeat *Q*

<sup>1897</sup> reformatio *IJMNOQR*, renouatio *V*

<sup>1898</sup> pacato *JMNOPQ*, placato *IRV*

<sup>1899</sup> cunctis *IJMNOV*, illis *P*, multis *Q*

<sup>1900</sup> alios *IJMNOQR*, omnes *V*

<sup>1901</sup> omni *om. V*

<sup>1902</sup> bono *om. Q*

<sup>1903</sup> faciendam *IJQOV*, faciendum *HMNPR*

<sup>1904</sup> multa *om. V*

<sup>1905</sup> infidelium *IJMNOV*, fidelium *Q*

<sup>1906</sup> id est *om. Q*

<sup>1907</sup> tempus *om. N*

<sup>1908</sup> qui contra ciues maiores insurgent *HIJMNRV*, qui contra maiores insurgunt *O*, que contra ciues maiores insurgent *P*, qui contra ciues maiores insurgunt *Q*

<sup>1909</sup> fuit et factio contra domum de Medicis anno 1478, uiuente Amadeo *add. O (in marg.)*

<sup>1910</sup> innumerabilia *IJMOPQRV*, innumerabiliora *N*

damna *add. M(in marg.a.m.)NOQ*

<sup>1911</sup> ampliabuntur *add. HIJMOR*

amplificabuntur *add. V*

<sup>1912</sup> et *IJMNOV*, sed *Q*

<sup>1913</sup> Antea *IJMNOQR*, Ante *V*

<sup>1914</sup> adueniant *IJMNOV*, ueniant *P*, uenient *Q*

<sup>1915</sup> Antea quoque Veneti quam tempora felicia adueniant confederabuntur *IJMNOV*, Antea quoque felicia tempora uenient. Veneti confederabuntur *Q*

pro futura liberatione<sup>1916</sup> reseruabuntur<sup>1917</sup>. Acquirent et amittent. Tandemque desiderata et diu cogitata obtinebunt.

Anglia in grandi angulo posita est. Ledi poterit et sepius ledetur a seipsa.

Scotia sibi emula quandoque reddetur tremula. Ferient pacem, sed labiis non corde, usque ad felicia tempora.

Hesperia<sup>1918</sup> ex multis regnis unum efficiet. Mulier circumdabit uirum. Nouam gentem Domino subiugabunt<sup>1919</sup>, federa rumpent, bellabunt et preliabuntur. Reges longo tempore discordes concordabuntur<sup>1920</sup>. Conabuntur noui pharisei<sup>1921</sup> discordiam intromittere neque poterunt quia non est sapientia neque consilium<sup>1922</sup> contra Dominum. Ante aduentum pastoris non fiet uera expugnatio infidelium.

Neque in Panonia neque in regnis sibi propinquis spes est uobis ponenda. Mouebuntur<sup>1923</sup> ad motum aliorum.

Germanie inobedientia et principum eius ineptia<sup>1924</sup> atque lasciuia prolongabit tempora felicia.

Cum magno pastore surget rex magnus<sup>1925</sup> et uoluntas Dei<sup>1926</sup> tempore illo<sup>1927</sup> perfecte adimplebitur.

Hec secreta non sunt dicenda omnibus, sed publicabit<sup>1928</sup> ea electus pastor benedictus quem Deus, ut audisti, cito missurus est pro consolatione fidelium et conuersione gentilium<sup>1929</sup>. Ab illo enim incipiet promulgatio libri et per illum Deus omnia que dixi perficiet. Tu uero ad aliam ciuitatem ibis et tuos oculos ibi<sup>1930</sup> cum gratia Dei claudes et letaberis in Deo salutari tuo.

Et sic uisio disparuit. Ad honorem et gloriam hec sint Domini nostri Iesu Christi, Marie Virginis<sup>1931</sup> Filii Vnigeniti<sup>1932</sup>. Amen<sup>1933</sup>

---

<sup>1916</sup> liberatione *IJMNOPRV*, deliberatione *Q*

<sup>1917</sup> Veneti de quibus etiam in fine libri *add. O (in marg.)*

<sup>1918</sup> Hesperia *IJM (O Hispania in marg.) PR*, Hesperia *NQV*

<sup>1919</sup> subiugabunt *IJMNOPRV*, subiugabit *Q*

<sup>1920</sup> federa rumpent, bellabunt et preliabuntur. Reges longo tempore discordes concordabuntur *om. R*

<sup>1921</sup> nouam *add. P*

<sup>1922</sup> consilium *IJMNOQR*, prudentia *V*

<sup>1923</sup> Mouebuntur *IJMNOPIV*, Mouebantur *Q*

<sup>1924</sup> ineptia *JMNPQ*, inertia *IORV*

<sup>1925</sup> qui regnum noue ciuitatis obtinebit et in Africa et postea in Europa infideles percutiet et fidem

Domini augebit et gratus erit omnibus quia grata erunt obsequia eius *add. Q*

<sup>1926</sup> in *add. N*

<sup>1927</sup> tempore illo *om. P*

<sup>1928</sup> publicabit *IJMNOPRV*, promulgabit *Q*

<sup>1929</sup> gentilium *IJMNOIV*, infidelium *P*, gentium *Q*

<sup>1930</sup> ibi *om. QV*

<sup>1931</sup> Genitricis eiusdem *add. OQ*

<sup>1932</sup> Vnigeniti *IJMNOPI*, tui *V*

Domini et Saluatoris nostri *add. O*

Dei atque Saluatoris et Redemptoris nostri *add. Q*

<sup>1933</sup> Finis octauus Raptus *J*, Finis omnium raptuum *add. O*

## OITAVO ARREBATAMENTO

O meu último arrebatamento, desde que se tornara certo que eu rapidamente descansaria no Senhor, segundo o que o santo anjo me havia revelado, aconteceu três dias antes da Ascensão do Senhor, segunda-feira, ao romper do dia. E, assim, enquanto na minha gruta orava mais devotamente do que o habitual, fui arrebatado em êxtase até àquela Assembleia. E vi a Deus com a Rainha e a habitual companhia, e mais alargada até. E enquanto fazia a minha adoração, parecia que todos se sorriam para mim como que a dizer: Que tenhas chegado bem, porque depressa para cá virás e não mais sairás.

Ora os anjos cantavam e, diante de Maria, Mãe de Deus, entoavam louvores mais prolongados que habitualmente, adorando-a e glorificando-a. E todos os santos faziam o mesmo. E dado que nenhum me dirigia a palavra e aqueles cânticos e aquela adoração se prolongavam muito, admirava-me e estranhava muito porque é que tão longamente estariam a adorar a Virgem. Apareceu ali Gabriel e confortou-me, dizendo estas palavras: Sobre Maria quase nada escreveram os evangelistas, porque então bastava dar a conhecer o que dizia respeito ao Redentor, seu Filho, Cristo Senhor, não fosse parecer que se anunciavam extravagâncias e se elogiava e exaltava uma mulher. Este sexo é considerado pelos homens como vil e desprezível. Uma vez que a salvação do homem radicava em Cristo, parecia-lhes suficiente anunciar Cristo aos homens. Mas, dispersa a fé e o odor de Cristo pelo mundo inteiro, quis o Senhor que os seus santos se entregassem aos louvores de sua Mãe e deles se ocupassem. E, assim, paulatinamente se foi tornando claro para os homens de que modo Maria se apresenta como

o pescoço de todo o corpo que é a Igreja, cuja cabeça é Cristo, de tal modo que nenhum bem, nenhum dom, nenhuma graça, nenhum privilégio desce da cabeça para o corpo senão por este admirável pescoço que é a Virgem Maria, Mãe de Deus. Tornou-se conhecida a sua concepção [fl. 177] imaculada, tornou-se manifesta a sua sapiência, não só enquanto vivia como criança nesta vida, como enquanto residia no útero de sua mãe. Agora, porém, que em breve o Senhor, pelas preces desta mesma sua Mãe, vai reconduzir ao seu culto o mundo inteiro e vai submeter ao jugo da fé a cerviz de todos, quer que a pureza, a santidade, a graça, a honra, o esplendor e a magnificência desta Virgem se tornem conhecidos. Por isso, dilectíssimo, quis que tu viesses até aqui para escreveres aquilo que te vou dizer, e a todos os homens seja dado a conhecer pelo Pastor que vive mas ainda não reina. Reinará, todavia, como te será dado ver antes de ires daqui embora.

E uma vez que muitas coisas se têm inabilmente escrito da Virgem que não são verdade, e muitas verdades se têm omitido, regista tu agora, de novo, e dá atenção ao que sobre ela digo. Pois, por isso, todos presentemente a adoramos, porque Deus quis revelar a todos os homens a sua glória a fim de que pelos seus méritos e preces todos obtenham a salvação e a vida eterna. O que disse noutra ocasião vou em parte repeti-lo agora e vou revelar algumas coisas novas, mormente sobre a sua assunção ao céu, excluindo muitos e divulgados erros.

Deve-se firmemente crer que aquela a quem Deus acima de todos, mesmo dos anjos, distinguiu em graça e glória, e a quem quis que, depois de si, fosse a primeira no seu reino, e por meio de quem estabeleceu comunicar aos homens todo o bem e todo o dom, e a quem escolheu para sua Mãe, nunca fosse filha da ira, nunca fosse manchada por pecado algum, nunca, nem enquanto existiu, nem antes de existir e ser vista em visão pela mente divina, foi apreendida como inimiga ou carecida de graça, se quanto a isso a suma graça de Deus lhe não devesse ser concedida durante o tempo em que existisse. Todas as vezes que Deus a viu (de facto, sempre a viu), nunca e em tempo algum a apreendeu como inimiga, o que de nenhum

outro dos filho de Adão se deve crer. Embora talvez alguns tenham sido concebidos como amigos e tenham sido purificados pouco antes da concepção, como dissemos de João Baptista, não há, todavia, nenhum filho de Adão a quem por algum tempo Deus não tenha visto então como inimigo. Portanto, alguns, antes de haverem nascido, eram no útero inimigos, mas, ao nascerem e depois, nunca foram inimigos. Mas outros, como aqueles que nunca foram purificados do pecado original, sempre permaneceram inimigos antes do nascimento, no nascimento e depois. Outros, ainda, não só se mantiveram inimigos em razão da primeira inimizade, mas tornaram-se inimigos também em razão da acção própria, somando inimizade a inimizade. E outros foram purificados da primeira inimizade, mas, ao incidirem em nova, persistiram nela. Outros, purificados da primeira e da segunda, partiram finalmente desta vossa vida como amigos. A Mãe de Deus foi a única que nunca e em tempo algum foi inimiga, mas sempre amiga, não querendo Deus nunca para ela a ira e querendo sempre a graça e a glória, ela que, todavia, enquanto filha de tal pai, merecia a ira como todos os outros filhos dele.

Deve-se firmemente acreditar que a alma da Virgem Maria foi criada com todos os conhecimentos e com as imagens das coisas, como também nós anjos, e que conheceu e amou a Deus desde o início do seu nascimento, mas não com o conhecimento intuitivo nem de visão, porque esse é próprio dos bem-aventurados. Ela, porém, enquanto viveu, viu às vezes e frequentemente o próprio Deus, mas não persistiu nessa visão. Teve, pois, desde o princípio, **[fl. 178]** tão grande conhecimento como nós anjos. Teve-o tanto mais distinto quanto Deus a amava mais do que a nós anjos.

Deve-se firmemente acreditar que Maria conheceu a literatura e as línguas e as artes liberais e os ofícios de todos os povos. Conheceu igualmente as ciências especulativas e práticas, tanto as de concepção como as de realização.

Deve-se firmemente acreditar que Maria foi ornada com maior graça do que qualquer homem ou anjo, e se mostrou ornada de todas as virtudes

acima de todos, depois de seu Filho. E até teve mais virtudes que seu Filho, pois teve fé e esperança, de que seu Filho, enquanto bem-aventurado desde o princípio, foi privado.

Deve-se firmemente acreditar que o corpo de Maria teve óptima constituição, de tal modo que, se Deus a não tivesse querido glorificar e não tivesse posto um limite a essa constituição, teria vivido muito mais do que viveu. Todos os seus membros que são comuns ao homem e à mulher eram exactamente semelhantes aos membros de Cristo, de tal modo que a carne de um parecia ser a carne do outro. Foi a mais bela das mulheres e em tudo perfeitissimamente constituída.

Foi dito de que modo foi apresentada no Templo do Senhor aos três anos, como aí viveu, como foi desposada, como, saudada pelo anjo, isto é, por mim Gabriel, concebeu o Verbo de Deus, como visitou Isabel e, por fim, como deu Jesus à luz, como o educou e, na companhia de José, seu marido, o encontrou no Templo enquanto discutia, como depois viveu com José por algum tempo. Reuniu em si todos os estados. Com efeito, foi donzela virgem, foi depois casada, foi a seguir viúva; foi virgem, foi também mãe. Depois de Jesus aos doze anos haver discutido no Templo, disseram alguns que José teria morrido e Maria teria entrado no Templo do Senhor e ocupado o lugar da profetiza Ana, e que Jesus teria subido ao céu e teria permanecido nas alturas com o Pai e o Espírito Santo até ao décimo quinto ano do reinado de Tibério César, e que teria construído a cidade dos bem-aventurados. Daí que tenha dito: *Ninguém sobe ao céu senão aquele que desceu do céu.*<sup>[195]</sup> E, assim, crêem que Cristo Senhor subiu ao céu por duas vezes. Mas deve-se crer firmemente que Cristo Senhor nunca subiu ao céu em corpo senão no quadragésimo dia depois da sua ressurreição. Todavia, diz-se que ele desceu do céu porque em divindade está em toda a parte e no céu principalmente porque aí se mostra aos homens pela sua glória. Mas desceu de facto, porque assumiu a carne e se aniquilou e humilhou a si mesmo. Subiu realmente, porque para ali transportou o seu corpo para a glória. Daí seguir-se: *o Filho do Homem que está no céu.*<sup>[196]</sup> Na verdade, estava sempre no

céu aquele que não passou do céu para um lugar. E ele mesmo desceu porque se fez homem. Depois subiu no corpo por si assumido. Todavia, o Senhor Jesus, nesse tempo, esteve misticamente no céu, porque trabalhava e merecia por vós apenas junto do Pai, e as suas obras e os seus méritos não eram conhecidos junto dos homens como foram conhecidos depois quando pregava publicamente, fazia milagres e anunciava que era Deus. Portanto, sempre ele por seus preclaríssimos méritos construía para vós homens a cidade celeste. E Maria, sua Mãe, estava habitualmente com ele.

E não é verdade que a profetiza Ana tivesse vivido até àquela data, nem que José tivesse então morrido, mas protegeu Maria até ao baptismo de Cristo e à convivência e familiaridade de Maria Madalena e de Marta, sua irmã, às quais o Senhor [fl.179] confiou sua Mãe já viúva, porque lhe faltava aquele estado. E nesse estado perdeu seu filho, de modo que se achou ao mesmo tempo sem marido e sem filho e, antes, tinha sido menina do Templo e órfã.

Portanto, José partiu desta vida com cerca de setenta e seis anos de idade e, cheio de santidade e justiça e de toda a virtude e graça, foi juntar-se aos seus antepassados, a quem anunciou de que modo a palavra do Senhor fora comunicada no deserto a João, filho de Zacarias, e como este pregava o baptismo de penitência para a remissão dos pecados, e como Cristo Senhor quis ser por ele baptizado e também ele começara a pregar e reunia já discípulos e fazia muitos milagres. Todos os Santos Pais e as Santas Mães exultaram então e se alegraram no Deus Vivo. E concederam um lugar ao próprio José, na qualidade de quem criou o Senhor e de marido da própria Mãe de Deus. E não só Adão, Seth, Abel e Noé, mas também Abraão, Moisés e David o veneravam. É grande perante o nosso Deus esse José! Toda a corte celeste o honra, o respeita e o venera enquanto protector e servidor fidelíssimo do tesouro que é Cristo Senhor. É conveniente que também vós o honreis e celebreis o seu officio com maior solenidade. E este pontífice, o que hoje governa, será o primeiro a começar. Mas aquele que depois tomará o seu lugar e anda agora simplesmente incógnito no meio de

vós levará a tarefa a cabo e completá-la-á. Portanto, José foi levado nessa altura para que Maria ficasse viúva e produzisse fruto, não só trinta por um, mas também sessenta, e merecesse para toda a Igreja e honrasse cada estado, o de virgem, o de casada e o de viúva, e fosse a cabeça e a esperança e o único refúgio de virgens, casadas e viúvas. Mas antes da morte do muito santo José, todos os anos e em todas as festas, Maria com Jesus e na companhia de José subiam a Jerusalém, confortavam e exortavam os doutores e os sacerdotes que criam. Mas o Senhor Jesus não queria pregar abertamente, como fez depois, porque tudo fazia e tudo executava segundo a disposição da Providência Divina e segundo os oráculos e os testemunhos dos profetas e na idade própria, para dar também o exemplo aos vindouros.

Maria esteve, pois, presente nas bodas de João Evangelista e, depois, morto José, convivia assiduamente com as irmãs de Lázaro e ficava em Betânia muitas vezes. E sempre sentiu a dor da futura Paixão de Cristo, que previa. Mas a sua dor era tanto maior quanto mais próxima a via. E quando viu e presenciou suas dores, isto é, de seu Filho Unigénito, o seu opróbrio e ignomínias, mais se entristecia, não só por causa do mal do Filho, mas da desmesurada ingratidão, da ignorância e da impiedade e crueldade do homem e da sua condenação. Muitas eram, pois, as coisas que atormentavam a sua dor assim como a de seu Filho, não obstante desejar muito e aspirar pela salvação da raça humana. Mas isso não diminuía a dor, quando pensava que a raça humana podia ser redimida também sem essa Paixão. Pelo contrário, via que para isso bastava a pronta vontade de seu Filho, que se oferecia, sem qualquer execução. Via também que eles infligiam a seu Filho o castigo por intenção **[fl. 180]** malévola. E, deste modo, muito sofreu por causa da Paixão de seu Filho, tão atroz, ignominiosa e iníqua. Mas na sua Ressurreição exultou mais que todos.

Deve, pois, seguramente afirmar-se que Cristo Senhor apareceu a sua Mãe antes de todos e a confortou e a encheu do maior gozo e da máxima alegria e, antes de subir ao céu, uma vez que a não levava consigo, se escusou, porque convinha que ela permanecesse na vida mortal e revelasse e

expusesse os segredos da sua concepção e do seu nascimento a Paulo, a Lucas, a Dionísio, a Inácio e a muitos outros, confortasse os fracos, exortasse os discípulos e os outros crentes e ensinasse o caminho de Deus.

Quando pretendia subir ao céu, disse o Senhor a sua Mãe: Minha dulcíssima Mãe, eis que vês teu Filho acima de toda a dor e de todo o trabalho, acima de toda a miséria e de toda a desgraça. Eis que o vês alegre e feliz, vivo de vida imortal, impassível e glorioso. Foi-me dado, minha Mãe, todo o poder no Céu e na Terra. Tornei-me o Senhor de todas as coisas. Todos os Anjos e Arcanjos, Principados e Potestades, Virtudes e Dominações, Tronos, Querubins e Serafins me estão subordinados. Mas antes de todos estarás tu junto a mim e junto ao trono da Santíssima Trindade, como quando me concebeste e me deste à luz, suavíssima Mãe, me viste e me ouviste e me tocaste. E seria para mim, teu Filho, sumamente agradável que entrássemos ao mesmo tempo neste nosso reino, o possuíssemos em comum, em comum reinássemos. Mas determinou a Providência Divina, por causa dos apóstolos e outros discípulos presentes e futuros, que tu permanecesses ainda nesta vida para consolação dos fiéis. À fé virá Paulo, virá o areopagita Dionísio, virão muitos outros, a quem tu confortarás e tornarás mais fortes. E revelarás a Lucas e a Inácio e outros, conforme for preciso, as coisas que sabes a meu respeito. E acumularás muitos méritos a favor dos fiéis tíbios. Enquanto Deus, nunca te abandonarei, estarei contigo assiduamente no sacramento do pão e do vinho. E nele exporei e mostrarei, todas as vezes e sempre que for conveniente e necessário, aos olhos da tua mente o meu corpo em toda a plenitude. Ver-me-ás a mim, teu Filho, presente junto a ti, mesmo em corpo, sem nunca te abandonar. Confio-te os meus irmãos apóstolos e Madalena, a eles te entrego. *Eis que subo para junto de meu e vosso Pai, de meu e vosso Deus.*<sup>[197]</sup>

João, vem cá! Madalena, aproxima-te de mim! Entrego-vos minha Mãe, confio-vos aquela que me gerou. Servi-a, prestai-lhe o apoio de que carecer, pois também ela me serviu por tanto tempo, me educou com tanto amor e tanto zelo, fez-me companhia no caminho para o Egito e no regresso do

Egipto, acompanhou-me em quase todos os caminhos. Por mim suportou muita coisa. Queirais vós sofrer também por ela, por causa de mim e por amor dela. Tende em relação a ela a preocupação que ela teve em relação a mim. Venerai-a e respeitai-a, é a Mãe do vosso Senhor e Salvador, é a Mãe de Deus, Criador de todas as coisas.

E estreitando-a [fl. 181] em seus muito veneráveis braços, na presença de todos, e imprimindo seus santos lábios na face dela enquanto todos os presentes derramavam lágrimas por devoção e alegria, disse: Alegra-te, és Rainha do Céu e Senhora dos anjos e de todos os homens. Eu sou Jesus, o filho que tu concebeste e trouxeste em teu santo ventre, tão afectuosa e diligentemente amamentaste e mais que todos sempre amaste, a quem viste atormentado, desfigurado pelos escarros e pelo próprio sangue, a quem contempleste flagelado, coroado de espinhos, trespassado pelos cravos. Esta é a tua carne, estes os teus ossos, este o teu sangue. Adeus, santíssima e piíssima Mãe.

*O meu coração e a minha carne*, disse então Maria, *exultam de alegria no Deus Vivo.*<sup>[198]</sup> A minha alma glorifica-te a ti, Deus meu. O meu espírito rejubila e se alegra em ti, Deus, meu Salvador.<sup>[199]</sup> Também eu gostaria, meu muito querido Filho, de viver, morar e habitar já contigo indefinidamente e ver na glória celeste a luz sem limites. Não recuso, contudo, nenhum trabalho, faça-se a tua vontade. Ficarei, tentarei cuidar de todos, ensinarei aqueles que for preciso, revelarei os teus segredos a quantos for preciso, quando for preciso e quanto for preciso. Receberei João como filho e Madalena como irmã. Não esquecerei os teus mandamentos, guardá-los-ei e cumpri-los-ei a todos, hei-de orar por todo o povo de Deus, por todos cantarei louvores ao Senhor. Darei força aos apóstolos presentes, a Pedro, o teu vigário, e a todos os outros e igualmente aos que hão-de vir depois. Dou graças porque me não abandonas, mesmo com a presença corporal, pois vou ver-te no sacramento, onde permanecerás de modo invisível aos olhos do corpo, mas evidente e visível aos olhos da mente. Ausentas-te de mim, mas não partes de junto de mim. Irás para o Pai, mas ficarás permanentemente comigo.

Penetrarás no mais alto dos céus e habitarás comigo este globo terrestre. Abençoa-me, Deus meu, abençoa-me, meu Senhor, abençoa-me meu suavíssimo Filho.

Há muito, respondeu-lhe o Senhor, que meu Pai juntamente com seu Verbo e o Espírito Paráclito te abençoaram. De facto, sempre e desde sempre foste abençoada e nunca estiveste sujeita a maldição alguma. Tiveste toda a graça que à Mãe de Deus convém ter. Nada mais que a bem-aventurança eterna e a imortalidade do corpo com outros dotes te pode ser atribuído. Sê bendita com toda a espécie de bênçãos como de facto és minha Mãe. Mas abençoa-me tu também a mim, teu Filho, Mãe dulcíssima.

És Deus, disse Maria. A ti cabe abençoar. Todavia, na medida em que és meu filho, és de algum modo inferior a mim. Nessa medida, como de algum modo superior, te abençoo, meu Filho, isto é, te proclamo bendito perante todos e anuncio a todos os viventes presentes e futuros a tua bênção, porque sem ti, Salvador e Redentor de todos os homens, mas principalmente meu, não há bênção nenhuma. Na verdade, ninguém salvaste nem redimiste mais do que a mim. Por isso te bendigo como meu Deus, meu Redentor, meu Salvador, e eternamente te glorifico.

Chamado então Pedro, disse o Senhor Jesus: Pedro, há muito que prometi entregar-te as chaves do Reino dos céus. São duas, não uma. Não há muito que tas dei, entrego-tas novamente perante todos estes meus discípulos e meus irmãos para que possas saber, **[fl. 182]** conhecer e examinar e também sentenciar, decidir e explicitar. Sê o primeiro entre os teus irmãos. Que se curvem perante ti os filhos de tua mãe.<sup>[200]</sup> Entrego-te o meu rebanho, dou-te e confio-te as minhas ovelhas. Que elas sejam tuas. Sê o senhor delas. Apascenta todos os meus cordeiros por intermédio dos outros, isto é, das ovelhas. Apascenta os cordeiros sem mediação, apascenta também as minhas ovelhas. As ovelhas são os doutores, os pregadores, os prelados e todos os bispos e reis e príncipes que com o leite da ciência e o leite de uma vida exemplar apascentam os cordeiros e os alimentam. Os cordeiros são aqueles que apenas são ensinados e alimentados. Tu

apascentarás os cordeiros por intermédio das tuas ovelhas, a quem instruirás para apascentarem o rebanho. Apascenta, contudo, tu também os cordeiros sem essa mediação, pois, quanto podem fazer as próprias ovelhas, poderás também tu fazer. Apascenta, por fim, também as próprias ovelhas. Pois, porque és Pastor, és verdadeiramente rei. Reger os homens não é senão apascentá-los. E apascentar é reger. Portanto, o Pastor é rei, e o rei é Pastor. E os verdadeiros reis não são senão Pastores. Em razão das ovelhas próprias, não serás, pois, apenas senhor, mas serás também rei. E uma vez que tudo quanto desligares ou ligares na terra será desligado ou ligado no céu, quem abençoares será bendito, quem amaldiçoares será maldito, hás-de consagrar, abençoar, santificar e instruirás e ordenarás aqueles que sob a tua ordem isto hão-de fazer e, por isso, serás Sumo Sacerdote e Pontífice Máximo. Entrego-te, Pedro, os pecadores, por cuja conversão, santificação e salvação muito sofri. Lembra-te, Pedro, que também tu pecaste muitas vezes. Pecador, tem compaixão do pecador; homem, do homem; cinza, da cinza; pó, do pó. Ninguém excludas da penitência, a ninguém feches a via da reconciliação. Sê afável, comedido e misericordioso para com os pecadores. Não desprezes nenhum, a nenhum evites, a nenhum enjeites. Estabeleço-te Pastor das ovelhas como o mais firme, o mais sólido, o mais ardente e humano, e como aquele que poderás compadecer-te dos fracos, porque também tu foste fraco. Tudo governarás com discrição e ponderação, confortarás, advertirás, instigarás, arguirás, repreenderás, corrigirás e castigarás. Olharás com atenção virtudes e méritos das tuas ovelhas e dos teus cordeiros e pesá-los-ás em justa balança. O resto, juntamente com tudo isto, ensinar-to-á o Espírito Santo, que em breve há-de vir.

E, dizendo isto, abraçou e beijou Pedro ajoelhado à sua frente, chamou João e entregou-lhe de novo a Mãe. Confortou igualmente André e os dois Tiagos com Tomé, Simão, Tadeu, Filipe, Mateus, Bartolomeu, e anunciou o que estava para lhes sobrevir. Chamou também os outros discípulos, sobretudo Lucas, Marcos e Barnabé a quem com Paulo havia de assumir para o apostolado. A todos anunciou o que estava para lhes acontecer e a

todos expôs o que haviam de fazer e o que haviam de sofrer. A todos abraçou e beijou individualmente e a todos abençoava.

Estavam lá muitas mulheres que o tinham **[fl. 183]** seguido, mas sobretudo Maria Salomé e Maria de Alfeu, pelo marido, ou de Tiago, pelo filho. Pois Maria Salomé foi mulher de Zebedeu e nunca é designada pelo nome do marido, mas apenas pelo do pai. E Maria de Alfeu é designada pelo do marido. Esta mesma é chamada Maria de Tiago, a saber, do Menor, que foi seu filho. Chama-se esta mesma Maria de Cléofas, pelo pai. Todas estas mulheres e muitas outras lá estavam. Entre elas estavam duas Marias, ambas Madalena, ambas haviam ungido o Senhor. Mas uma havia sido pecadora na cidade, a outra possuída por sete espíritos malignos. O Senhor amava-as a ambas, mas a irmã de Lázaro acima de todas. Era realmente uma fervorosíssima zeladora de Cristo Senhor e de todas as suas obras. E ela mesma com Marta, sua irmã, servia mais que todas com seus bens a Cristo Senhor e a sua Mãe e a todos os discípulos. Abraçando-os, pois, a todos e também às mulheres, chamou estas duas Marias, que o haviam ungido, e anunciou como durante muito tempo na Igreja de Cristo haveria controvérsia relativamente a ambas, se foram duas mulheres ou uma só. E, por fim, nesse feliz tempo do mais feliz dos Pastores, será esta verdade dada a conhecer e será tornado claro que foram duas e que uma era pecadora na cidade, a outra possuída pelos demónios, não sujeita, contudo, a nenhum vício censurável. Desta, muita coisa te disse já noutra lugar.

E, assim, Cristo Senhor chamou as duas Madalenas, abençoou-as a ambas e a ambas encorajou, e confiou Maria, sua Mãe, à irmã de Lázaro e igualmente a Marta e a Lázaro. Não que precisasse do auxílio deles, mas para que eles, servindo-a e obsequiando-a, acumulassem méritos, a ela se associassem e seguissem o seu exemplo. Oh! quão proveitoso foi ao próprio José, seu marido, a convivência de Maria! Embora fosse justo e bom, todavia, em razão da convivência com Maria, tornou-se perfeito e eminente em toda a espécie de virtudes. Maria era, realmente, para com todos que com ela conviviam como uma espécie de fogo vivo, penetrando com divino

amor os corações de todos, inflamando e incendiando, purificando e limpando, iluminando, consumindo todos os males e tudo de algum modo convertendo a Deus. Quão proveitosa foi a Madalena, a Marta e a Lázaro, a Lucas e a Inácio e também ao bem-aventurado Dionísio e a todos que com ela conviviam! *Vivamente ardente era a sua conversação,*<sup>[201]</sup> a palavra era preciosa em sua boca. Apresentava-se a todos como modelo, era um espelho transparente em que todos se descobriam. *A sua voz era mais doce que o mel e o favo,*<sup>[202]</sup> os passos graves, e comedido o seu andar, os gestos dignos. Nada era repreensível, tudo era divino. Confiou-lhes, pois, o Senhor sua Mãe para que se mantivessem ligados a seus passos e seguissem os seus exemplos e, tendo de dar pouco, recebessem muitíssimo.

Por fim, todos os apóstolos e discípulos e as santas mulheres se reuniram com Maria, Mãe do Senhor, no Monte das Oliveiras, no quadragésimo dia depois da Ressurreição do Senhor, por volta da hora sexta. **[fl. 184]** Era quinta-feira, como vós dizeis, e o quinto dia do mês de Maio. E, então, o Senhor Jesus, antes de subir, disse perante eles isto: Tão grande preocupação teve sempre Deus com os homens que poderia considerar-se que nunca se preocupou com outra coisa. Realmente, primeiro, quis que eu, o seu Verbo, me tornasse homem e assumisse a natureza humana para que Deus fosse homem e o homem fosse Deus. Quis, depois, exaltar acima de todos os anjos esse Homem, que sou eu, e também sua Mãe, que é a Virgem Maria que está aqui presente perante vós, por causa de quem um grande número de anjos caiu do mais alto dos céus juntamente com Lúcifer ao rejeitar tão magna servidão e tão nobre sujeição. E acreditando serem livres tornaram-se escravos. A vós, porém, outros companheiros e, em simultâneo com os seus anjos, filhos inocentes que nunca pecaram, decidi tornar-vos cidadãos da Jerusalém Celeste se perseverardes até ao fim. Enviou todos os patriarcas, todos os profetas e doutores para defenderem o género humano e o dirigirem na via da salvação e ajudarem os anjos da guarda. Por último, enviou-me a mim, seu Filho, de cujo sofrimento podeis ser testemunhas vós e minha Mãe. Eis que ressuscitei já. Primeiro, apareci a minha Mãe, depois,

a esta fervorosíssima Madalena e às outras Marias aqui presentes cujas palavras vos pareceram como que delírios. Apareci a Pedro, apareci a Cléofas e a Lucas, apareci a todos ao mesmo tempo. *E fostes sempre lentos de coração em acreditar.*<sup>[203]</sup> Foi grande em vós a dureza de coração. Fostes demasiado incrédulos. Há em vós córneos e pétreos corações, mas, quando eu subir ao céu e vier o Espírito Consolador, tornar-se-ão mais moles que a cera e ser-vos-ão dados corações mansos e de carne, e sereis ensinados em toda a verdade. Permanecereis todos, unanimemente, em oração no Cenáculo da cidade Jerosolimitana com minha Mãe e estas santas mulheres até *serdes revestidos pela força do alto.*<sup>[204]</sup> Dela revestidos, quero que, primeiro, anuncieis a minha palavra e todas as minhas obras que fiz e realizei entre o povo judeu, *às ovelhas judias que pereceram,*<sup>[205]</sup> começando por Jerusalém. E quanto vos ensinei a vós e aos outro pregar-lho-eis. Depois, *indo pelo mundo todo, pregai o Evangelho a toda a criatura,*<sup>[206]</sup> anunciai a paz a todos os povos. Vim para todos, embora tenha vindo só até aos judeus, como a eles prometido e dos seus pais nascido. Ensinaí, pois, todos os povos a guardar aquilo que vos ordenei, *baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo,*<sup>[207]</sup> como antes vos ensinei a vós. *Aquele que acreditar em mim e receber a doutrina do Evangelho e for baptizado será salvo. Mas aquele que, pregando vós, não acreditar será condenado.*<sup>[208]</sup> E uma vez que sem milagres, que ninguém além de Deus pode fazer, não serão levados a crer, fareis vós tudo o que eu fiz, e fareis coisas maiores do que estas. E para que não creiam que vós realizais esses milagres por alguma arte, quero que também eles realizem os mesmos milagres. E então hão-de **[fl. 185]** reconhecer que, por nenhuma arte, mas pelo poder divino são eles realizados. Àqueles que acreditarem acompanhá-los-ão estes sinais: *Em meu nome expulsarão demónios, falarão línguas novas, pegarão em serpentes e, se beberem algo mortífero, não os prejudicará. Imporão as mãos sobre os doentes, e estes terão melboras.*<sup>[209]</sup> E tudo aquilo que eu fiz, também eles poderão fazê-lo, e farão coisas maiores do que essas sem usarem de qualquer arte, mas pela invocação apenas do meu nome ou do nome da Trindade, que é Deus. Permaneci na cidade até que venha até vós o

Espírito Consolador. Eu vou agora subir ao céu com todos estes.

Estavam com ele Adão e Eva, o justo Abel e Seth, seu irmão, com muitos outros irmãos e irmãs de quem não há entre vós menção alguma, porque não foi necessário descrevê-los a todos, mas, pela genealogia, chegar ao Santo dos Santos. Estava lá Noé com os justos de ambos os sexos da sua família. Estavam Taré, Héber e Abraão, homem este grande diante de Deus, com todos os justos da sua família. Estava aquele eminente vértice do Antigo Testamento, Moisés, com Aarão e os restantes justos da sua família.

Estava o maior de todos os profetas, David, com Salomão e todos os justos da sua família. Estavam os outros profetas e os Macabeus. Estavam consigo inumeráveis almas de justos e até de gentios, não só a do próprio Job, varão ilustríssimo, mas também as de vários filósofos, e até as daqueles cujas obras tendes em grande apreço: egípcios, caldeus, gregos e latinos, que veneravam um único Deus do céu e nele esperavam, o consideravam o Retribuidor de todos os bens. Portanto, estavam com Cristo todas as almas que libertara do Limbo e do Purgatório. Libertou, com efeito, todos os que foram encontrados ao tempo da sua descida aos infernos. Na verdade, convinha a tão invencível e a tão nobre triunfador que pelo seu precioso sangue acabado de derramar todos os amigos fossem beneficiados. Era natural que todos os amigos fossem consolados em razão de tão grande triunfo. De facto, como poderia príncipe tão piedoso e clemente, ao chegar triunfante junto de seus amigos em situação desesperada, deixá-los em tormentos? Seria justo que os cárceres fossem abertos e que os amigos fossem reconfortados e abreviada a longa justificação.

“Eu subirei ao céu com todos estes”, e estávamos presentes nós, os anjos todos. E exortou-os à perseverança na fracção do pão bendito, dizendo: *Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.*<sup>[210]</sup> E, todavia, eis que eu estou convosco neste sacramento e estarei com todos os meus fiéis todos os dias até à consumação do mundo.

E dizendo adeus a sua Mãe e aos apóstolos, a Madalena e a todos os outros, depois de haver dito o que te revelei, o Senhor Jesus, erecto, com as

mãos erguidas, começou paulatinamente a afastar-se da terra, de pé, e a dirigir-se para o Céu. E em volta dele estavam todas as almas dos justos cujo número era quase infinito. E toda a linha do horizonte estava cheia delas. Todas elas, antes de partirem, reverenciaram como Senhora a Rainha do Céu. E mais próximo de Cristo estavam João Baptista, Abraão, José, marido de Maria, a Mãe do Senhor, e Moisés e David, Isaías e Jeremias. E parecia aproximarem-se indistintamente. E seguiam-se, deste modo, os outros profetas: Ana e o justo Simeão, e Ana, a profetiza, Eva, Adão e os outros, segundo a sua ordem. Ter-se-ia podido ver [fl. 186] lá Adão e Eva, Abraão e todos os patriarcas e profetas, Ana, Sara e Raquel e Rute e Ester e Judite a adorarem e a bendizerem individualmente Maria, Mãe de nosso Deus, e todos, cada um a seu modo, a desfilarem diante dela e a dizerem: Que antes de nós suba a nossa Rainha, que nos preceda a Senhora nossa. Não é digno, não é justo que nós subamos ao céu antes dela. Mas, depois de conhecida a razão do adiamento, todos subordinaram os seus desejos à vontade divina. Pela divina força e também pela força da alma gloriosa que de Deus recebera, o Senhor Jesus elevava-se em seu corpo para o céu enquanto Maria e os apóstolos e muitos outros reunidos naquele monte contemplavam com alegria e exultavam de admiração, e todos os anjos e inumeráveis justos o acompanhavam. E de um lado cantávamos nós os anjos, e do outro as almas justas, e como que um coro respondia a outro. E, entretanto, uma parte dos anjos com uma parte dos justos formava um coro, e a outra parte dos anjos com a outra parte dos justos respondia como outro coro. Era este o salmo:

*Deus sobe por entre aclamações, e o Senhor ao som de trombetas.*<sup>[211]</sup>

Sobe o nosso Deus, Deus único, e além dele não temos outro.

Por nós desceu dos céus e agora afasta-se da nossa terra.

Sobe o nosso Deus por entre aclamações, porque se eleva cantando os anjos com a mente apenas.

Sobe também ao som das trombetas, porque se encaminha para o alto,

cantando as almas também com os órgãos do corpo

Nós, anjos, cantamos com a mente apenas e, por vezes, no ar, que nos é estranho, formamos vozes.

Nós, as almas que aos corpos podemos dar forma, usamos o corpo como trombeta.

Sobe Deus, portanto, aclamando-o os anjos e cantando os justos como trombetas.

*Povos todos, batei palmas, aclamai o Senhor ao som da exultação,*<sup>[212]</sup>

*Salmodiai ao nosso Deus, salmodiai, salmodiai ao nosso rei, salmodiai,*

*Porque Deus é o Rei de toda a terra, salmodiai sabiamente.*<sup>[213]</sup>

Tu, o Senhor Altíssimo sobre toda a terra, maior que todos os deuses.<sup>[214]</sup>

*Salmodiai ao Senhor ao som da cítara, ao som da cítara e do salmo, com as tubas curvas e o som do corno.*<sup>[215]</sup>

*Cantai ao Senhor um cântico novo, porque ele fez maravilhas.*<sup>[216]</sup>

O Senhor é grande em Sião e excelso acima de todos os deuses.<sup>[217]</sup>

O Senhor preparou no céu o seu trono, e o seu reino a todos dominará.<sup>[218]</sup>

Cantai ao Senhor e bendizei o seu nome, anunciai de dia para dia a sua salvação.<sup>[219]</sup>

Subindo ao céu, levou cativo o nosso cativo, presenteou os homens com dons.

O que agora sobe, primeiro desceu às partes inferiores da terra.<sup>[220]</sup>

Foi a morte da humana morte, foi o aguilhão do próprio inferno.<sup>[221]</sup>

Espoliou o inferno, de lá retirou os que há muito esperavam.

*Conduziu seu povo por entre aclamações e seus eleitos na alegria.*<sup>[222]</sup>

Arrancou-os do lago que não tinha água e transferiu-os para o seu reino.

Arrancou outros da tribulação e abreviou o suplício de muitos.

Fez passar consigo para a glória eterna todos os seus amigos que haviam morrido.

Entregou a Pedro a sua Igreja e, ao partir, a todos abençoou.

Deixou sua Mãe no mundo e como âncora da sua fé a deixou.

E aos poucos, de mãos erguidas para o alto, pela alma era o corpo levado ao céu.

[fl. 187] Não era progressivo aquele movimento, mas outro, de que um dia se serviria a alma.

Todos os seus santos o acompanhavam e os anjos o louvavam.

*Quem é este que vem de Édon com vestes de Bosra tintas,*<sup>[223]</sup> cantavam.

Não falavam sem saber, mas com o espanto aumentavam tão grande majestade.

*O Senhor é forte e poderoso, o Senhor é poderoso no combate.*<sup>[224]</sup>

*Quem é este Rei da Glória? O Senhor do Poder, esse é o Rei da Glória.*<sup>[225]</sup>

Avança cheio de beleza, envolto na estola da majestade.

Antes, contudo, de o Senhor subir, a todos em voz alta disse:

“Perseverai na fracção do pão bendito, aí estou sempre convosco até ao fim dos tempos.

Nesse sacramento, como de outras formas, me há-de ver minha nobre Mãe.

Outros me verão com a própria fé, de que não pouco se consolarão”.

Sobe para seu Pai, de cujo seio nunca se afastou.

Sim, desceu do céu porque a humanidade a si ajuntou,

Ficou com a Mãe e os seus e, contudo, deixando-os, subiu ao céu,

Descera de um modo, porque era perfeito, sobe de outro modo, pelo corpo assumido.

Ele que desce e sobe, nunca do Pai se afastou.

Apenas sobe aquele que, contudo, sempre no céu se manteve.

Dos olhos deles se afastava aos poucos e aproximava-se do alto dos céus.

Quando deles já nenhum o podia ver, subiu mais depressa então.

Depois de todos, a Mãe o viu no ar e, abençoada por ele, o adorou.

Quanto mais dignos entre eles eram, tanto mais longe o contemplavam.

A cada um deles, ao fim da visão, o Senhor olhou e a cada um abençoou.

E, não o vendo já, estupefactos estavam e os olhos ao céu dirigiam,

Até que dois anjos lhes viessem dizer para a casa tornarem e a Jerusalém,

Porque o Senhor aos céus subira, para dar o Espírito que lhes prometera.  
Assim acreditassem que havia de descer como o tinham visto subir  
Bendigamos o Verbo do Senhor, por quem os céus foram firmados,  
Bendigamos o Espírito de sua boca, em quem reside toda a nossa força,  
Bendigamos o Ingénito com o Gerado e o Grande Espírito Paráclito.  
Ámen.

Escreve este salmo, disse então o anjo, a fim de que o Pastor da Igreja a partir dele componha salmos e hinos. Em função da autoridade de que gozará, muita coisa poderá acrescentar a este mistério da Ascensão e também ao da Ressurreição e a outros, para que todos os pormenores de qualquer mistério sejam celebrados e esteja sempre em vossa boca o louvor de Deus.

Portanto, o Senhor subiu aos céus e aquele Homem senta-se no máximo poder e majestade que depois de Deus se pode conceber, e é isto que é sentar-se ele à direita de Deus. Sem dúvida que todos os eleitos estão à direita, na medida em que a direita se distingue da esquerda, mas não na medida em que a direita se toma por uma certa excelência. Deste modo, pois, só aquele Homem se senta à direita de Deus. Cristo, enquanto Homem, alcançou não pequena alegria pela consecução desse lugar. E Maria perseverava com todos eles em oração e a todos confortava e revigorava para se prepararem diligentemente para receber o Espírito Santo, que todos receberam no décimo dia depois do Ascensão de seu Filho.

Vê que, ao querermos falar da morte e assunção ao céu da Mãe de Deus, para mostrarmos em parte toda a sua vida, inserimos a ascensão de seu Filho. Maria, estando no Cenáculo com os apóstolos e os discípulos, **[fl. 188]** perseverava na fracção do pão bendito e, em vida humana ainda, via na visão da sua mente a Cristo Senhor, seu Filho. E os outros acreditavam apenas como acreditam os que peregrinam, e tanto mais firmemente quanto o tinham já visto confirmado por muitos milagres. E depois da vinda do Espírito Santo, nunca Maria ficava na sua morada sem esse sacramento. E,

deste modo, todas as vezes que desejava, podia ver e via a seu Filho, falava com ele na língua dos anjos e dele recebia as respostas na mesma língua. Apenas o não tocava. Via, contudo, muitas vezes também, a sua divindade. Às vezes estava também com ela de modo não sacramental e, então, abraçava-o e via-o com os olhos do corpo. Tomava os acidentes do pão e deles gerava-se o sangue e a carne, embora a carne de Maria não tivesse os acidentes como suporte da forma, como julgaram alguns, mesmo entre aqueles que estão connosco, santos sem dúvida, mas, neste ponto, muito ingênuos. Efectivamente, é necessário que ou a substância do pão retorne ou seja criada uma substância nova por um milagre antigo. Assim, de facto, o decidiu Deus desde o princípio. Se realmente a substância não retornasse, nem fosse criada uma nova, como se organizaria isso? Como substaria o acidente à forma substancial? Como se não extinguiria gradualmente toda a matéria-prima? Como poderia a carne ou o animal organizar-se assim? À forma repugna sujeitar-se à sua matéria, à matéria repugna enformar, repugna ao acidente ser matéria da forma substancial. Essa opinião é ridícula e encerra contradição.

Maria conhecia perfeitamente todas estas coisas. E, enquanto os apóstolos pregavam, em casa ela rezava, lia, ensinava e meditava continuamente na Lei do Senhor. Madalena, a irmã de Lázaro, prestava-lhe assistência. E Maria Salomé, a mãe dos filhos de Zebedeu, e Maria, mãe de José, o justo, e dos apóstolos Tiago Menor, Simão e Tadeu, aquela que se chama Maria Cléofas, pelo pai, e Maria Alfeu, pelo marido, e estas Marias, ou seja, Cléofas e Salomé, foram irmãs da Virgem Maria, ainda que não filhas de Ana como hoje se diz entre vós.

É hábito dizer-se que Ana concebeu as três Marias. Isso não é verdade. Ana, verdadeiramente, não teve senão uma única filha, e isso por dom de Deus, porque de sua natureza era estéril. E, nascida essa ilustre filha, a Mãe de Deus, permaneceu estéril. Ela não teve senão uma única filha, e a Virgem Maria um único filho. Esta foi sempre virgem, ela sempre estéril, antes e depois. Não ficaria bem, com certeza, que, nascida a Mãe de Deus, Ana se

casasse para procriar outras filhas. Como inventam também que, nascida a Mãe de Deus, Joaquim teria logo morrido. E se tivesse morrido logo, Ana santíssima certamente não se teria casado logo com outro homem e não realizaria em alegria segundas núpcias enquanto vigorava o luto do primeiro. Esta não é condição de uma boa e santa matrona. Depois, mesmo se celebrasse assim tão desenfreadamente as segundas núpcias, haveria ainda de esperar por um ano o nascimento da segunda filha. Nascida esta, teria morrido o pai da segunda do mesmo modo que o da primeira. Teria sido então vergonhoso [fl. 189] celebrar logo as terceiras núpcias e aliviar o luto do segundo marido com a alegria do terceiro, e que uma santa mulher não tivesse vergonha nenhuma não levando uma vida moral e digna.

É, pois, uma invenção que, nascida a primeira filha, logo o pai tenha morrido. É invenção que, morto o primeiro marido, logo desposasse o segundo. É igualmente invenção que, nascida a segunda filha, logo o seu pai tivesse morrido, e que, morto este, logo Ana desposasse o terceiro marido. Todavia, mesmo aceitando estas duas invenções, que diminuem a santidade de Ana e a dignidade da Mãe de Deus, dado haver nascido de tão incontente mãe, não era justo, mesmo assim, que aquele útero, depois da Rainha Universal, desse a vida a outras filhas. Fora também necessário que, quando a terceira Maria nasceu, a Virgem Maria tivesse então pelo menos cerca de quatro anos e tivesse sido já apresentada no Templo. E, além disso, ela casou-se primeiro, três ou quatro anos antes de suas irmãs. E, no primeiro ano do seu casamento, deu à luz o Salvador. Talvez que a segunda e a terceira não tivessem, deste modo, concebido no primeiro ano de seu casamento, visto ser isso raro. Depois, admitindo que as três tenham concebido no primeiro ano, a segunda Maria, porém, teve quatro filhos, Tiago Menor, Simão e Tadeu, e José, o justo. E deu à luz um a seguir ao outro com o intervalo de pelo menos um ano. Muito jovens, pois, os teria chamado o Senhor e teria enchido a sua casa de crianças. Portanto, nem Cléofas nem Salomé foram maridos de Ana, mas seus irmãos, nem de Hisméria, a mãe de Isabel que gerou João Baptista.

Assim, pois, Joaquim e Ana, por força do milagre, deram por esposa a José, que era virgem, a Virgem Maria. Cléofas deu sua filha a Alfeu, e Salomé a sua a Zebedeu, e Hisméria deu a sua a Zacarias. E uma vez que Ana era estéril, Isabel nasceu vários anos antes da Virgem Maria. De qualquer modo, Maria Cléofas e Maria Salomé nasceram primeiro e primeiro se casaram que Maria, Mãe de Deus. E, antes de Cristo Senhor, nasceram Simão e Tadeu e os dois Tiagos. Mas João Evangelista era treze anos mais novo que Cristo.

Isabel foi, pois, irmã de Maria porque nascida da irmã de sua mãe. Mas Isabel nasceu prontamente da fecunda Hisméria, Maria nasceu de Ana, que era estéril, vinte e cinco anos depois daquela. Nesse tempo já Isabel estava casada com Zacarias. Da fecunda Hisméria nasceu a estéril Isabel, e da estéril Ana nasceu a fecundíssima Maria, porque deu à luz o vosso Salvador e Rei Universal.

E, assim, falecida Isabel muito tempo antes, Maria Cléofas e Maria Salomé serviam Maria, Mãe de Deus, e acompanhavam-na e, muitas vezes, demoravam-se em casa de Madalena e Marta. Aquela Virgem eleita confortava por palavras e com as suas cartas os apóstolos e outros crentes. Esta, logo que soube de Paulo, o vaso de eleição, enviou-lhe Lucas. **[fl. 190]** Aquele, antes de partir para a Arábia, quis conhecer a Mãe de Deus. Ao ouvi-la proclamar com tanta sapiência os mistérios de seu Filho e ao vê-la resolver as dificuldades de todas as dúvidas do Antigo Testamento, prostrado em terra, adorou a Cristo Senhor e sua Mãe. E disse: Até hoje, desde o dia da minha conversão, acreditei em Cristo, Filho de Deus. Agora, pela divindade da Mãe conheço claramente a divindade do Filho. Bendito seja o Senhor Jesus Cristo que me iluminou a mim que respirava ameaças e atraiu a si o meu coração transviado. Bendita sejas tu, Mãe do Senhor, meu Deus e Rei Universal, porque vejo encerrados em ti todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento de Deus.

Instruído, pois, por Maria acerca de todos os segredos, partiu para a Arábia. Todo a arder e todo inflamado pela chama do amor divino, a todos

incendiava. E, pelos seus trabalhos, trouxe ele só à Igreja de Cristo mais frutos do que qualquer outro apóstolo. E é isto o que ele diz de si: *Trabalhei mais que todos.*<sup>[226]</sup> Não certamente que todos tomados em conjunto, mas mais que cada um deles individualmente tomado. E enquanto convertia Dionísio, filósofo egrégio, e lhe desvendava, a ele já consumado na fé, os segredos que ouvira da Mãe de Cristo, movido este pelo desejo de a ver, obtida autorização de Paulo, chegou por fim junto dela. E logo que viu sua face, alterou-se e alegrou-se o seu coração e, cheio de exultação e alegria, prorrompeu nestas palavras: “És realmente a Mãe de Deus, Maria, porque estás toda cheia da divindade. Se é tão bom e coisa tão delectável ver-te, que será ver o próprio Deus, o Bem de todo o bem!?” E prostrado por terra disse: “Adoro em ti, ó Virgem puríssima, o Deus Trino e Uno que Paulo me deu a conhecer, e venero-te como Mãe verdadeira de Deus.”

Vi-te, disse então Maria, antes de Paulo te haver pregado e ouvi a tua voz quando

, tendo-se obnubilado o Sol contrariamente ao seu curso natural, disseste: “Ou o Deus Criador da natureza sofre, ou a máquina do mundo se desagrega”. E vi também o altar por vós erigido ao Deus desconhecido e, contudo, nunca estive fisicamente na Grécia. E falou com ele fluentemente na língua grega a ponto de ele se encher de espanto e de uma admiração sem limites. E depois de longos ensinamentos, não só sobre a Santíssima Trindade, mas também sobre a encarnação de seu Filho e outros mistérios, reenviou-o a Paulo consumado na fé e consumado no conhecimento não só humano, de que tivera parte mesmo antes da conversão, mas também no divino.

Também Inácio, defensor fervorosíssimo da Lei Evangélica e principal discípulo de João Evangelista, ardeu no inexcedível desejo de ver Maria, Mãe de Deus, a quem escreveu muitas vezes e de quem recebeu cartas várias, que devem ser lidas com grande veneração. Nelas se esconde a acção do poder divino.

Também João vinha até ela frequentemente, e Inácio acompanhava-o,

porque não conseguia pensar noutra coisa que não fosse em Jesus, Filho de Deus e de Maria, de tal modo que foi encontrado esculpido em seu coração o nome de Jesus. Era um varão santíssimo, muito estimado de Maria, Mãe de Deus, e famosíssimo doutor e mestre do povo de Deus, que mereceu, por uma morte gloriosa, tornar-se mártir ou testemunha [fl. 191] da Inefável Verdade.

Também os apóstolos e seus discípulos vinham muitas vezes até junto da Virgem Mãe de Deus e eram por ela ensinados sobre obscuras dúvidas, tornavam-se seguros nas incertezas, mais firmes relativamente às certezas e reconheciam-se mais seguros e mais fortes. Foi muito proveitosa aos apóstolos, e a outros crentes, uma vida mais longa da Mãe de Deus. Aproveitou muito a toda a Igreja.

Guardava também o sacramento do corpo de seu Filho com a máxima veneração e via-o aí durante esse tempo com os olhos da mente e, algumas vezes, transferindo o poder divino as imagens do próprio corpo para os olhos de Maria, via-o com os olhos do corpo. Ficava em Betânia, em casa de Marta; ficava em Magdala, em casa de Madalena, mas raramente; ficava mais frequentemente em casa de Lázaro, junto ao Monte Sião. E, algumas vezes, percorria todos os lugares de seu Filho, sobretudo os mais importantes, como o lugar onde celebrara a Ceia e instituíra o maior sacramento, onde orara e deixara cair as abrasadas e rubras gotas de suor, a ponto de parecer que o sangue gotejava sobre a terra, onde fora preso e amarrado, escarnecido, cuspidado, flagelado, coroado de espinhos, onde ela viera ao seu encontro e desmaiara, onde ele fora crucificado, sepultado e onde, por fim, apareceu a todos e subiu ao céu.

Depois da Paixão do Senhor, Maria viveu aproximadamente quinze anos, e quinze anos antes que o seu Filho, a quem concebera aos catorze, nascesse, os quais, juntos, perfazem trinta anos. E viveu trinta e três na companhia de seu Filho. E, assim, permaneceu na vida mortal sessenta e três anos. Viveu, entretanto, com Cristo, antes de ele nascer, transportando-o em seu ventre, nove meses completos. E depois de nascer viveu consigo

trinta e três anos e cerca de três meses, ou seja, o intervalo que vai de vinte e cinco de Dezembro a vinte e cinco de Março, que foram oitenta e nove dias, três meses que, juntos àqueles nove, perfazem doze meses. E, deste modo, desde a concepção até à Paixão de Cristo decorreram trinta e quatro anos. O Senhor foi concebido e morto no mesmo dia. Mas foi concebido à meia-noite e morreu ao meio-dia. E, assim, Maria concebeu Cristo aos catorze anos e sete meses. Com ele, estando ele no útero e fora do útero, viveu trinta e quatro anos. E depois dele, viveu catorze anos, cerca de cinco meses que, todos juntos, perfazem sessenta e três anos, mas não completos. Faltavam de facto poucos dias, que não impedem que se possa dizer que viveu tantos anos. Mas porque digo que viveu? Pelo contrário, sucumbiu. De facto, morria então incessantemente. Mas a partir de então começou a viver.

Aqui tens a vida mortal de Maria, Rainha nossa. Antes, porém, de ela partir de junto de vós, trouxe eu, Gabriel, do Paraíso de Deus, um ramo de palma, de folhas verdes, em sinal da sua vitória. Palma que devia ser levada à frente do seu féretro. Saudei-a então, dizendo-lhe que se alegrasse porque devia ser transladada para uma infinita alegria, coisa que ela bem sabia. Mas o que se lê entre vós, que Maria havia interrogado o anjo para que lhe revelasse o seu nome, é falso e mentiroso.<sup>[227]</sup> Ela conhecia-me muito bem e não desconhecia os outros anjos. O que também se lê entre vós, que Maria havia pedido **[fl. 192]** para não ver na sua partida nenhum desses hediondíssimos espíritos, é falso e ofensivo de tão grande majestade. Pois ela não temia os espíritos imundos, sobre os quais havia recebido poder e mais recebia ao partir. Dessas três coisas, é verdade apenas aquela que Maria, cheia de alegria, disse então perante mim, não a solicitar-me para que eu pedisse, porque era mais forte que todos os anjos, mas falou a Cristo: Jesus, meu Filho, desejaria que estivessem presentes todos os teus apóstolos vivos e a alma de Tiago, meu irmão, recentemente degolado por Herodes, e que fosse vista pelos apóstolos, sobretudo por seu irmão João. Isto te peço. Estejam presentes também os outros discípulos vivos, e não estejam

presentes apenas os apóstolos que contigo estiveram na vida mortal, mas também aqueles que escolheste e segregaste depois pelo Espírito Santo, a saber, Paulo e Barnabé, a quem ensinei todos os teus segredos.

Nessa altura os apóstolos não se tinham afastado totalmente da Judeia, pelo contrário, reuniam-se muitas vezes em Jerusalém, pois realizaram Sínodos vários e vários Concílios naquela cidade. E João vinha muitíssimas vezes com Inácio até junto da Mãe de Deus, e os outros visitavam-na às vezes. João, também então, foi o primeiro a chegar. Chegaram os que estavam em Jerusalém. Os que estavam mais longe chegaram, trazidos pelos anjos, de tal modo que num dia, numa hora, todos aí chegaram ao mesmo tempo e tomaram conhecimento do felicíssimo transito da Mãe de Deus. Dionísio também estava com Paulo. Estava também uma grande multidão de anjos.

Pedro, pois, tomando a palavra diante de todos, começou a proclamar os louvores da Virgem, deste modo: Sei, meus irmãos, que todos vós conheceis quão grande seja a dignidade desta Virgem que vemos perante nós, em quem, mesmo que estejam reunidas todas as virtudes e associados todos os dons, nela, contudo, brilharam acima de tudo o fervor da divina honra e o zelo da divina veneração. Pois que, embora realmente nada seja ou possa ser maior que Deus, os homens, contudo, mesmo os santos, acostumados a alguma familiaridade com Deus, consideram-no como um amigo e um familiar e não se esforçam tanto quanto ele merece. Mas esta, embora sempre tenha tido a graça de Deus e sempre tenha visto o próprio Deus e tenha por ele sido exaltada acima de todos, sempre, contudo, por uma inefável humildade, se julgava a si cada dia menor, e a Deus, quanto mais dele se aproximava, mais afastado o considerava de si. Digo mais afastado porque sempre o considerava mais digno. Esta é aquela que, antes de ser escolhida para Mãe de Deus, disse: *Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.*<sup>[228]</sup> Esta é aquela que, escolhida já para Mãe, tendo já concebido o Filho, dizia: *Deus olhou para a humildade da sua serva.*<sup>[229]</sup> Pois, quanto mais crescia, tanto menor se julgava. E quanto menor era a seus olhos, tanto

maior se tornava perante Deus. E agiu sabiamente, porque todo o bem a si concedido foi dádiva de Deus e nada tinha que não tivesse recebido. Tudo nela é digno de louvor.

Mas não devo eu enumerar tudo, deixando-vos o restante a vós, irmãos meus, mais versados do que eu. E visto que Cristo, nosso Mestre, disse: *Quem se humilha será exaltado,*<sup>[230]</sup> e, *quem mais se humilhar maior será no reino dos céus,*<sup>[231]</sup> e, porque ninguém foi mais humilde que Maria, Mãe de Deus e Senhora nossa, é justo que no reino dos céus ninguém seja maior ou mais sublime do que ela. Sigamos, pois, irmãos caríssimos, a humildade de Maria, imitemos até **[fl. 193]** onde pudermos os seus passos, a fim de que aquele que a sublimou acima de todos nos torne a nós também partícipes de tão grande glória e de tanta grandeza. Ele que com seu Pai e o Espírito Santo vive e reina pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

Depois dele, assim falou João: Que poderei eu dizer, pais e irmãos meus, de tão grande majestade, eu que em idade e saber sou inferior a todos vós? Todavia, desde que com Pedro e Tiago, meu irmão, que foi degolado, cuja alma, como vedes, está aqui (e todos então a viram), a quem, vivendo já na outra vida, não é possível falar a língua mortal, o Senhor escolheu para esplendor da sua fé, e desde que vós, em quem agora nenhuma inveja existe porque fostes confirmados na graça e vos alegrais do meu bem como do bem comum, me destes este lugar, proclamarei incessantemente os louvores desta Virgem. É, de facto, sumamente digna de todo o louvor. E embora nela tudo seja digno de louvor, tudo resplandecente, tudo belo, tudo harmonioso, de momento, contudo, deixando-vos todas as outras coisas, nela invocarei isto, a saber, o facto de ter sido digna de ser a Mãe de Deus e ser chamada Progenitora do Verbo Divino. Considero sumamente importante ser chamado servo de Deus, pois quem serve a Deus, reina. Mas é maior ser chamado amigo de Deus e, mais ainda, seguramente, filho. Mas todas estas coisas nada são em comparação com esta que é chamar-se e ser Mãe de Deus. Sem dúvida que José foi chamado pai de Deus, mas foi-o apenas putativamente. Mas esta é verdadeiramente Mãe de Deus. Concebeu,

de facto, o Deus verdadeiro, deu à luz o verdadeiro Deus. Mas tornou-se mãe na própria concepção porque gerou não apenas um simples homem, como as outras mães, mas gerou a Deus unido à carne humana. Mas, primeiro, concebeu, embora a própria concepção seja geração. Formada aquela carne e organizada em todos os membros, no mesmo pestanejar de olhos foi criada e infundida a alma e a divindade unida à humanidade, isto é, àquela realidade que se designa homem, a qual não é só alma ou corpo, mas aquela realidade que resulta de ambos.

Melhor conheces tu, ó Mãe de Deus, as coisas que digo aos meus irmãos apóstolos, discípulos e a estas santas mulheres que aqui estão. Sabes sem dúvida que tu, como as outras mães, proporcionaste a teu Filho único, Senhor e Salvador nosso, toda a matéria da qual seria formada aquela carne preciosa e todo o trabalho que as outras mães têm para com seus filhos. E sabes que, operando tu e o Espírito Santo em ti, antes de aquela humanidade existir em si, foi assumida pelo Verbo de Deus e seu Filho, gerado pelo Pai antes dos séculos, para que não existisse em si mesma, mas no próprio Verbo e pelo Verbo fosse sustentada. Por isso poderás verdadeiramente ser considerada, chamada e proclamada por todo o mundo Progenitora do nosso Deus e não mãe de um simples homem. Muitos se hão-de admirar como pôde ser concebido Deus, que existe sempre e desde toda a eternidade. E não atentam no modo como pode um homem considerar-se filho de outro, e ser um homem gerado por outro. A razão da admiração será semelhante. Pois o homem é homem pela alma. O corpo contribui alguma coisa para o ser homem, mas a alma dá o ser completo. Como quer que seja, já que aquela alma criada por Deus é infundida no corpo no mesmo instante em que o corpo é plasmado pelos pais, diz-se, por isso, que geraram o homem todo e não apenas a carne. Assim também tu, ó digníssima Mãe do nosso Deus, concedendo-te o Espírito Santo a virtude, que também já tinhas, mas **[fl. 194]** não para poderes sozinha, e contigo concorrendo e assegurando-te o modo para com ele poderes realizar tão grandes coisas, porque deste a Deus não só o ser carnal, mas

também o ser humano, concebeste verdadeiramente e verdadeiramente geraste a Deus. Esse nome e a substância do nome muito te dignificam, ó Senhora e Rainha nossa. Digna-te tu, ó Rainha e Senhora dos Céus e de todos os anjos, auxiliar-nos e salvar-nos a nós e a todos aqueles que nos hão-de seguir nesta confissão. E a mim, a quem pela voz vinda da cruz recebeste como filho, e eu, pelo poder das palavras de Cristo Senhor, do mesmo modo te recebi desde então como minha mãe, não me abandones, mas me protejas em todas as adversidades, a mim, teu filho indigno, que mais devo ser considerado servo da tua majestade. E peço-te que tenhas todos estes aqui presentes e os que se hão-de seguir pelo menos como filhos adoptivos, eles que hão-de crer e confessar a tua maternidade. Ó Mãe de Deus..., ó Mãe de Deus..., ó Mãe de Deus..., emudeço, calo-me, não ousou dizer, ó minha Mãe, porque, embora te tenha já recebido em minha casa, tenho, todavia, medo de dizer minha, porque então far-me-ia irmão do Senhor Jesus, teu verdadeiro Filho, realmente, e irmão do próprio Deus. És também minha Mãe de um modo especial. Não, todavia, do modo como és Mãe do Filho de Deus, nem do modo como és Mãe de todos os homens, mas de um certo modo intermédio. Sou realmente mais teu filho que os outros, mas muito menos do que aquele a quem todos honramos, veneramos e adoramos.

Depois deste, aproximou-se o apóstolo André e começou desta maneira a enaltecer os louvores da Virgem: És formosa e verdadeiramente bela, ó Mãe do nosso verdadeiro Deus. Sol, Lua e todos os astros e todas as forças celestes admiram a tua formosura. Foi justo, foi racional que a Mãe de Deus brilhasse com tão grande pureza, resplandecesse com tão grande beleza que, abaixo da beleza do nosso Deus, nenhuma pudesse ser pensada maior na terra ou no céu. Toda és formosa, em ti não há mancha alguma, nada em ti é sombra, nada é escuridão. Tudo reluz, tudo brilha, tudo é resplandecente. Uma vez, porém, que João, meu irmão e teu filho, embora muito inferior àquele que é o teu Primogénito, na qualidade de teu filho muita coisa brilhantemente aduziu sobre a tua maternidade; e Pedro, o novo Pastor das

ovelhas, como o mais humilde de todos nós exaltou a tua humildade segundo o modo como Deus se comprouve em ti; eu, irmão dele, que tenho o nome de perfeito, procurarei perante estes meus irmãos mais velhos dizer alguma coisa sobre a tua perfeição, a tua graça, a tua formosura e a tua beleza. Sobretudo porque só tu foste de tal modo escolhida que nunca a tua salvação, a tua bem-aventurança e a tua felicidade estiveram em dúvida, mesmo quando aos anjos eram dados os mandamentos sob condição: se os observassem, obteriam a bem-aventurança. Quando toda a raça humana havia sido condenada, havia decaído toda, toda havia sido privada da herança, só tu foste preservada da universal condenação. Havia sido escolhida para Mãe de Deus e Rainha de todas as coisas de tal modo que, se o homem não tivesse pecado, tu serias, depois de teu Filho, a primeira entre todos a estar no Reino [fl. 195] de Deus. Vindo o homem a pecar, estava preparado já, se pecasse, o remédio, ou seja, os trabalhos e as dores de Jesus Cristo, teu Filho e Senhor nosso. Havia, assim, sido firmado por decreto eterno que a sua Paixão te aproveitasse a ti mais que a todos, apesar de se não haver verificado ainda, ela que teve tanto valor quanto foi por Deus aceite. Tu, portanto, não morreste em Adão, embora, em razão da tua filiação, uma vez que, como os outros, nasceste de dois progenitores, tivesses morrido, apesar de muito santos serem ambos esses pais. És a única que é pomba sem fel, a única imaculada. Tu distanciaste-te de todo o pecado, ninguém pôde distanciar-se tanto do pecado. De ti falou justamente o profeta: “*Uma vergôntea sairá da raiz de Jessé,*<sup>[232]</sup> toda grácil, toda bela, erecta, não inclinada, sem nó e sem casca.” Ó Maria, Mãe de Deus e sempre Virgem, sabiamente cantaste: *De hoje em diante, todas as gerações me proclamarão bem-aventurada.*<sup>[233]</sup> Todos hão-de louvar e, por fim, reconhecer o encómio da tua pureza. Muitos duvidarão da tua virgindade e acreditarão que tiveste outros filhos além de nosso Senhor. Outros duvidarão da tua maternidade e acreditarão que tu és mãe de um simples homem e de modo nenhum de Deus. E, se Mãe de Deus, não, todavia, do Deus verdadeiro. Outros considerar-te-ão Mãe do verdadeiro Deus, mas não o distinguirão de seu

Pai, acreditando que o Pai é o mesmo que o Filho. Por isso, muitas vezes pedi que o Altíssimo não consentisse que tal acontecesse. E foi-me dito: “Basta-te o que se te dá, não queiras ser mais sábio que Deus”. Mas sei que, arredadas algumas falsas opiniões sobre a tua pureza, por fim, também esta falsidade será erradicada de toda a Igreja.

Querendo falar, ó Senhora nossa, da tua beleza e da tua inexcelsível perfeição, toquei apenas o princípio da tua beleza, que não é mais que um dom de Deus. E da tua ingente perfeição e da magnificência de todas as tuas virtudes dirão com mais profundo engenho coisas mais profundas Tomé, Tiago, Filipe, Mateus e os presentes. Todos nós somos e fomos pecadores. Queiras tu que, sendo virgem, concebeste o Redentor de todos os pecados, virgem o deste à luz, que sempre foste inviolada, encomendar-nos a ti e a teu Filho único a fim de que tu, que sempre foste sem pecado, te dignes proteger-nos a nós e aos futuros pecadores com o teu amor e a tua afeição. E a mim, se tiver sido longo, perdoa-me, Senhora, pois os velhos, quando começam, têm o hábito de falar demais.<sup>[234]</sup> Perdoa, Rainha, perdoa, suavíssima Mãe do nosso Deus.

Depois deste, chamado por Simão Pedro para se pronunciar, o apóstolo Simão começou a falar nestes termos: Apesar de muito se haver dito já sobre os méritos da Rainha do Céu, nada, contudo, foi dito digno tão grande majestade. Nela, na verdade, tudo é belo, tudo é grande, tudo é sublime. Realmente, assim como o nosso Salvador, Cristo Senhor, *se fez obediente até à morte, e morte de cruz, e Deus, em razão da sua obediência, o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo o nome,*<sup>[235]</sup> pois toda a língua o confessará, e lhe foi dado todo o poder no céu e na terra, assim, visto que Maria, sua Mãe, Senhora nossa, também ela foi obediente até à morte, **[fl. 196]** e morte de cruz, que sofreu em seu espírito, e cooperou com a cruz de seu Filho para a redenção do género humano, pois cumpriu-se nela o vaticínio de Simeão, quando lhe disse: *e uma espada trespassará a tua alma,*<sup>[236]</sup> morto o Filho, foi igualmente morta a Mãe, e auxiliou, na medida do possível, à nossa redenção e alcançou a glória do martírio. Voltou a esta vida quando a lança do soldado trespassou

o lado do Senhor para, vivendo de novo connosco, nos auxiliar a nós e a toda a Igreja, como seguramente nos auxiliou, como todos sabemos e experimentámos. Porque foi morta com lancinante dor e em suas dores se associou a Cristo, não é justo agora que seja afectada por qualquer dor, mas a sua alma se separe do corpo com gozo e alegria, porque é preciso que publicamente e em relação a si se cumpra a lei estatuída para todos, da qual não foi exceptuada porque não era preciso livrá-la. De facto, morreu então por nós e para glória do martírio. Agora há-de ser liberta dessa dívida universal, e o corpo permanecerá sem vida por tempo reduzido. E por causa da consumada obediência, que contém todas as virtudes, será exaltada acima de todos os Coros dos anjos e acima de todas as Potestades e Virtudes. Deste facto até os anjos, a maioria dos quais está aqui connosco, sobretudo o grande Gabriel, um dos sete e o segundo entre os sete primeiros, se alegram e dão graças a Deus. Submetamos nós também, irmãos, a nossa cerviz ao jugo da obediência e, seguindo com pureza de coração os passos do Senhor e de sua Mãe, a fim de podermos, nós seus servos, subir depois da nossa Rainha àquele lugar aonde ela se dirige, o que será fácil com a sua intervenção a nosso favor, a quem humildemente nos encomendamos e a todo o género humano.

Depois deste, é chamado a reavivar os louvores da Virgem, para consolação de todos os presentes, o apóstolo Tomé. Começou, pois, a falar deste modo: *Abismo atrai abismo.*<sup>[237]</sup> Pedro, nosso príncipe, exaltado por causa da humildade, muito disse sobre a humildade. João, filho, sobre a maternidade. André, corajoso, enalteceu o poder de Deus que preservou Maria, Rainha nossa, de toda a mancha; perfeito, mostrou a perfeição de Maria, a maior depois de Deus. E Simão, segundo a interpretação de seu nome, aduziu muita coisa sobre a obediência, a cruz e a morte, em razão da partilha da Paixão. Também eu farei referência ao meu nome. Com efeito, chamais-me abismo. E, por isso, trarei perante vós alguma coisa sobre o abismo da predestinação divina, em razão da qual escolheu e preferiu acima de todas as outras a sua Progenitora.

Admiram-se e admirar-se-ão ainda os homens porque é que Deus preferiu Maria a qualquer outra mulher ou criatura para sua mãe e a predestinou para tão grande glória. E não pensam que se tivesse escolhido para mãe outra filha de Adão haveria em relação a ela a mesma admiração. Era necessário que fosse uma, a função era de uma só mulher, e convinha que essa fosse perfeitíssima não só na alma como no corpo, e sumamente dotada de todas as qualidades naturais e acessórias. Era também conveniente que, do mesmo modo que aquele homem assumido por Deus foi, é e será cheio de graça e de verdade, e estivesse acima de todas as criaturas, assim também sua Mãe a todos depois dele superasse [fl. 197] em graça e bem-aventurança. O dom da bem-aventurança é consequência do dom da maternidade. E se quis de modo absoluto para si e para seu Filho único, nosso Senhor, a bem-aventurança, depois os méritos, ou seja, os meios, não quis, contudo, para ambos uma tão grande bem-aventurança senão em razão da assunção da humanidade a partir desta Virgem. Quis desde a eternidade e no início do seu percurso, porque a geração do Filho pelo Pai é a eterna via pela qual, sendo Deus, saiu de Deus Pai; eterna é a partir de ambos a processão do Espírito Santo que, contudo, o Filho recebeu do Pai e também essa processão é a eterna via para o fim eterno; eterno é o conhecimento de todas as criaturas, que é também uma espécie de caminho; de facto, existindo o conhecimento simultaneamente nas três Pessoas, ou seja, no Pai, no Filho e no Espírito Santo, tem como seu termo todas as criaturas; existindo, ademais, nos mesmos três uma única volição no início, tem seu termo particularmente nos dois, ou seja, no Filho e na Mãe; sobretudo e acima de todos os outros quis o Homem deificado e a Mãe, na qual a humanidade se ligaria à divindade; portanto, no início de seu percurso, Deus, antes de fazer, e até, antes de se dispor a fazer fosse o que fosse, segundo um determinado modo de falar, porque todas estas coisas são eternas e encerram em si determinada ordem, quis assumir a humanidade cheia de graça, cheia de bem-aventurança de modo a torná-la, assim assumida, simultaneamente bem-aventurada e dar a sua Mãe a graça

máxima depois dele.

Ó Marial quão feliz, quão afortunada és, tu que desde o princípio, e antes do tempo, e no início dos caminhos de Deus, foste por ele escolhida e, na previsão do pecado de Adão, não foste condenada com todos os outros, mas quis que os méritos de teu Filho te aproveitassem a ti mais que a todos. Não te quis, nem por um instante, como inimiga, mas sempre como amiga muito querida. Quis que todos os outros se tornassem bem-aventurados sob condição, isto é, se guardassem os mandamentos. É verdade que escolheu e chamou e santificou também muitos outros antes de praticarem qualquer bem ou qualquer mal. Mas porque é que não santificou deste modo a todos? Aqui reside não só a sublimidade, mas também a profundidade e o abismo do conhecimento e do saber de Deus. De tal modo predestinou e a tal ponto santificou alguns que de modo nenhum os haveria de querer condenar. E deixou outros entregues ao seu arbítrio até ao derradeiro dia de vida e desde sempre e para sempre os julgou conforme os viu então. Não há, todavia, entre os filhos de Adão nenhum, além de ti, ó Maria, a quem um dia não haja tido por inimigo. A nenhum pune sem antes haver pecado, a muitos torna-os ele dignos de prémio, não é devedor de ninguém. Também poderia punir sem qualquer crime prévio, mas sem crime próprio da criatura nunca a pune. Nem exclusivamente por causa do pecado de Adão condena qualquer um ao suplício ou à pena na outra vida, ou o castiga com dor ou qualquer tristeza que seja, mas apenas o priva da bem-aventurança sobrenatural. Como quer que seja, ainda que esses sofram tal dano, nunca, contudo, se entristecem em razão desse dano, mas contentam-se com sua sorte, desconhecendo que essa privação lhes sobreveio.

És grande, Deus nosso, e os teus juízos, abismos sem fim. Com o teu auxílio, sob o teu patrocínio, ó Maria, muitos se salvarão. Condenar-se-ão os obstinados no mal e no pecado, cuja pena, por isso, será eterna porque também a vida é sempiterna. Sobre este abismo poderia dizer muitíssimo mais, porque realmente “abismo atrai abismo” e dificuldade, dificuldade.

Mas basta que tivesse falado da eleição de Maria, Senhora nossa, notável e anterior à de todas as criaturas, e da bondade de Deus, [fl. 198] porque na sua vontade e na sua bondade confiou à criatura tão importante e tão grande bem, nada esperando receber dela, porque não precisava dos nossos bens. Tem realmente em si o bem sufficientíssimo. Basta que tivesse mostrado que não comete injúria contra ninguém, porque não é devedor de ninguém, e a ninguém atormenta eternamente por causa do pecado alheio, e, quanto dele depende, não desdenha tornar alguém bem-aventurado, e que apenas os obstinados no pecado se condenam. Deve, pois, esperar-se em Deus e confiar-lhe quanto é nosso, o que tu, Maria, Mãe de Deus, nos ensinaste a fazer. Auxiliar-nos-ás, pois, e confiar-nos-ás a teu Filho para que também nós possamos, depois de ti, correr para o odor dos seus perfumes.

Logo depois foi chamado Filipe, para que também ele desse a conhecer a sua visão das coisas. Assim começou, pois: Dizem os gregos, inventando os nomes, que são muitos os cavalos pelos quais este Sol corpóreo e o mais precioso entre todos os corpos é transportado. E das suas múltiplas mentiras deve ser colhida a verdade. Não corremos, de facto, atrás de histórias grosseiras, mas, até onde podemos, amamos a verdade. O Sol é Cristo, Senhor nosso. Eis que vedes aqui Maria, a estrela da qual brotou o Sol. E, contudo, também ela é Sol que não cessa de se movimentar, mas está sempre em acção e nunca se põe nem para si nem para os outros, transportando incessantemente no altar de seu coração, como fogo que se não extingue, o amor. Sol é, não apenas a nossa própria Rainha, que nos ofertou o Sol, mas toda a alma que busca a bem-aventurança eterna e ama a seu Deus de todo o coração e o próximo como a si mesmo.

O Sol tem os cavalos com que é transportado, que não são senão as virtudes infusas e adquiridas. Primeiro, as sobrenaturais, depois, também as naturais, as intelectuais e aquelas que se firmam no apetite. O primeiro, o mais vigoroso e mais forte cavalo é a caridade, pelo qual somos impelidos para o amor de Deus e do próximo e de nós mesmos no próprio Deus, vendo o próprio Deus em si, e tudo o mais a ele referindo. Não deseja para

si coisa alguma, mas tudo deseja para Deus. Não espera retribuição nem benefícios, mas é sumamente compensado pelo Sumo Bem. O segundo cavalo é a própria esperança, pela qual desejamos a Deus para nós e o queremos como nosso bem. O terceiro cavalo, mais forte que o segundo, mais fraco que o primeiro, é a fé, pela qual acreditamos, que é a substância e o fundamento desta Igreja a que preside Pedro, que mantém o lugar de Cristo Senhor, a quem continuamente hão-de suceder, não nesta cidade, mas noutra que consagrará com o seu martírio, Pastores e vigários de Cristo. Onde hoje reinam os homens, aí reinará o Cordeiro. Parecerá sucumbir, mas retornará e manterá forças perpétuas.

Muitos outros são os cavalos na mente dos homens. Entre eles está a prudência, que é a regra das virtudes morais, como a justiça, a fortaleza, a temperança, abaixo das quais estão as outras virtudes colocadas. Constitui-se cada uma para o homem como uma espécie de cavalo de corrida, fornecendo forças para alcançar o prémio eterno. Aquele que ama estes cavalos é um homem de bem, é querido de Deus. Aquele que por eles é conduzido não poderá cair, agarrando-se continuamente com firmeza a essa imagem quadrada das quatro virtudes, e manter-se-á inabalável. Os senhores deste mundo têm cavalos em que confiam, animais brutos, irracionais. Sirvamo-nos nós daqueles cavalos, sejamos por eles levados, por eles conduzidos, e de modo nenhum poderemos perecer.

Vede, apóstolos, meus irmãos, considerai, [fl. 199] discípulos do Senhor, prestai atenção, santas mulheres caríssimas, como é poderosa, como é forte a nossa Rainha. Nela residem todas as virtudes perfeitas, e as mais perfeitas virtudes tomam o lugar das imperfeitas. Não espera, mas tem; não deseja, mas ama; não aguarda, mas possui; não crê, mas vê. Vendo, tem e desfruta; desfrutando, regozija-se e alegra-se em Deus seu Salvador, no qual também nós nos regozijaremos. Será, todavia, necessário que antes nos contristemos um pouco, mas esta tristeza volver-se-á em sumo gozo quando, depois das trevas, houvermos de ser conduzidos à luz inacessível às forças humanas, susceptível, contudo, de ser recebida, querendo Deus, pelas nossas mentes.

O que facilmente alcançaremos pelos méritos e preces da nossa Rainha, cuja graça e cujo nome irradiam por todos os povos.

Depois deste, é chamado Tiago Menor e profere as seguintes palavras: Protegidos pelo apoio de Maria, Mãe do nosso Deus e Mestre, não poderemos ser suplantados pelos nossos inimigos. Ela, de facto, esmagou a cabeça da serpente venenosa, ela venceu o mundo. A vitória dela foi tal que destruiu todas as heresias. Esta é aquele monte de que se desprendeu, sem acção de mãos, a pedra que encheu com sua grandeza toda a Terra, que rapidamente será pregado em toda o orbe. Mas levantar-se-á a Besta cuja voz encherá a Terra e manter-se-á até que se cumpra a vontade do Altíssimo. E a fé, quase submersa, emergirá de novo, e o Cordeiro reinará em todo o globo terrestre. O que acontecerá pelas preces e permanentes intercessões desta gloriosa Virgem a quem todos, de cabeça inclinada, veneramos. Suplantou e venceu o diabo, venceu Lúcifer, expulsou o príncipe deste mundo. Será de novo e sempre expulso e, naquele tempo, será definitivamente expulso, ele que expulsou os nossos Pais do Paraíso Terreal. Ele que então os suplantou, será suplantado pelos filhos deles, mas sobretudo por esta filha santa e imaculada, perfeita e cheia de toda a bondade, santidade, verdade e sinceridade, em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento de Deus. Acontecerá a Lúcifer que, assim como pela árvore suplantou Eva e, por Eva, suplantou Adão, assim também, pela árvore ou lenho da Cruz de Cristo, que era exterior, e pelo lenho da cruz de Maria, que trazia dentro de si, foi ele suplantado. E o que superou e suplantou e venceu a mãe, será superado e suplantado e vencido pela Filha dela. Certamente muitas outras filhas acumularam para si riquezas, mas Maria ultrapassou-as a todas.<sup>[238]</sup> Esta é aquela mulher forte de quem está escrito: *Uma mulher forte, quem a achará? O seu valor é maior que tudo o que pode vir de longe e dos últimos confins da Terra.*<sup>[239]</sup>

Ó mais forte de todas as mulheres, ó mais santa de todas as criaturas, ó mais constante de todos os homens, torna-nos também verdadeiros suplantadores dos nossos inimigos, verdadeiros guias, verdadeiros

vencedores, para vencermos o diabo, superarmos o mundo e vencermos os apetites próprios que se insurgem contra a razão! Eis que estamos em luta permanente, os adversários não nos largam nunca, os nossos inimigos estão dentro de nós. Se não houvesse luta, também não haveria vitória. É bom o combate quando o segue a vitória. É bom o mal que se volve em bem. Boa é a dor a que se segue a alegria. É boa a doença a que se segue uma saúde permanente. Tudo se volve em bem [fl. 200] para aqueles que amam a Deus.<sup>[240]</sup> De tudo, quer do bem quer do mal, surge o bem para os bons. E do mesmo modo que *tudo é puro para os puros*,<sup>[241]</sup> assim também para os bons tudo é bem. Na verdade, os bens exteriores encaminham-se para o bem do corpo, os bens do corpo, para o bem da alma, e estes para a bem-aventurança suma e o próprio Deus. E, assim, tem o homem o combate e a luta e a milícia contínua nesta vida para que depois dela sejam os bons provados como o ouro na fornalha, ardam como o colmo, o feno e a palha e a madeira, e os que amam a Deus resplandeçam como o Sol e brilhem como pedras preciosas.<sup>[242]</sup>

Tu, pois, ó Mãe e Senhora nossa, socorre-nos, vem em nosso auxílio, sê nossa protecção, sê *o bastião da resistência perante o inimigo*<sup>[243]</sup> para podermos vencê-lo e afastá-lo para longe de nós e ligar-nos ao nosso Deus com maior abundância de méritos.

Depois deste, é chamado o apóstolo e evangelista Mateus, cujo sermão foi o seguinte: Sendo publicano e mergulhado nos assuntos e preocupações desta vida, ó Rainha dos anjos e dos homens, fui, por dom de Cristo Senhor, imprevistamente chamado. Segui o Dispensador dos Preceitos Evangélicos que, depois, me escolheu para apóstolo e evangelista. Na minha língua, escrevi, preguei à minha gente. Mas eles, de cerviz dura como costumam ser, rejeitaram-me a mim e ao sagrado Evangelho, como tu, Senhora, sabes e estes meus irmãos mais velhos não ignoram. Passámos e passaremos outra vez a anunciar aos povos, ó Maria, os incontáveis dons a ti conferidos pelo Dispensador de todas as coisas.

Lemos e ouvimos dizer que Eva foi formada da costela de Adão. Muito

nobre e delicada, tinha um óptimo aspecto, semelhante ao do próprio homem de quem havia sido tirada. Mas a ti formou-te incomparavelmente mais nobre e mais perfeita em todos os membros, humores e partes do corpo, no útero da felicíssima Ana, e formou-te em tudo sumamente semelhante ao corpo de teu Filho que, por dom do Espírito Santo, colaborando tu como mãe, foi formado excelente e perfeitíssimo. *Ele é o mais belo entre os filhos dos homens.*<sup>[244]</sup> De modo semelhante, depois dele, e dele distando muito pouco, tu és a mais bela das mulheres e mais que todas bela e formosa. Era, com efeito, justo que a Mãe da Graça, da Verdade e da Misericórdia e Mãe de Deus tivesse uma aparência mais digna do que a mãe carnal de todos os viventes. Era seguramente justo que fosse mais digna que todas as outras, até no corpo, de cujo puríssimo humor sanguíneo devia ser formado o digníssimo corpo do Redentor de todas as coisas.

Anunciaremos também, Maria, as preclaríssimas virtudes da tua alma. Não careces de nenhum saber, de nenhum conhecimento. Tu conheces o eterno e o temporal, o mortal e o imortal, o corpóreo e o incorpóreo, o que existe fora de nós e em nós, o que fez Deus, o que fez a natureza, o que fez a inteligência. Nada te escapa, nada te foge, nada te esconde o Deus que a si mesmo se te mostrou abertamente. E depois de haveres morrido com Cristo, ainda na carne mortal, levaste, como ainda levas, vida bem-aventurada. És bem-aventurada, e esta curta morte não poderá roubar-te a bem-aventurança. Logo ressuscitada, terás para sempre um corpo glorioso. Encerras em ti todas as virtudes, embora não creias, nem **[fl. 201]** esperes, porque vês e possuis. Tens a alvura da neve, ó Maria Imaculada. És tronco sem nó. Também tu, como alcançada da carne corruptível, sofreste em parte as penas corporais caídas sobre a posteridade por causa do pecado dos primeiros pais. Não sofreste as penas da alma, que causam dano e não aproveitam. Não foste, portanto, sujeita a nenhuma ignorância. Sempre gozaste de talento e zelo, força e bondade. Foste sempre intacta. São grandes os teus dons, incontáveis os favores, que não podem ser expressos pela língua humana, dificilmente podem ser pensados ou apreendidos pela

mente. E não é de admirar, pois o Espírito Santo, que é eterno dom, santificou-te, preservou-te, purificou-te, iluminou-te e ornou-te com privilégios singulares.

Estes dons não serão divulgados imediatamente a todos, não serão de imediato dados a conhecer a todos. Mas, conforme ordenou o Dispensador do Grande Conselho, serão em diferentes tempos revelados ora uns ora outros. E, por fim, depois de haver chegado a divisão, que se manterá por muitos séculos e finalmente há-de terminar, e os desunidos se unirem, o Senhor apiedar-se-á do seu povo e enviará o novo Cordeiro que ensinará a todos os povos os segredos da fé e exporá, registará e proclamará a universalidade dos teus dons. Serão multiplicadas as tuas solenidades, as tuas festas serão solenizadas, celebrar-se-á o teu martírio e a tua partilhada Paixão e a tua secreta morte, quando foste morta juntamente com Cristo, de que aqueles tempos se admirarão como de algo desconhecido e que esteve afastado da crença humana até àqueles felizes tempos.

Tudo isto fará teu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor, por teus méritos e intercessões, a quem, ó advogada dos pecadores, rogamos todos os presentes e eu, suplicante e de joelhos em terra, peço que rogues por nós também e, sobretudo, por mim, pecador e publicano.

Acabando Mateus, com muito agrado de todos, a exposição anterior, é chamado o apóstolo Bartolomeu. Começou a falar deste modo: Chamame filho do que suspende as águas. Falo perante aqueles que melhor do que eu conhecem as coisas de que falo. Aqui temos perante os nossos olhos a Mãe de Deus, que frequentemente vê a Deus, depois de com ele haver morrido. Nessa visão vê todas as coisas e também a nós que, estando presentes, vê com seus olhos. Não só tem conhecimento do que estou para dizer, mas vê a minha própria mente e o meu pensamento, e até, antes de eu pensar o que estou para pensar, assim me vê absolutamente como penso. Conhece, pois, todas as coisas passadas e futuras. Das presentes nada digo porque isso é mais evidente.

Quais são as águas suspensas? São as que estão sobre o céu, as que estão

sobre o firmamento, não debaixo do céu. Quem as suspendeu senão aquele que dividiu as águas das águas? Quem é esse? É Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Espírito Santo *que pairava sobre as águas*<sup>[245]</sup> de que resultaram essas águas e as outras. Mas pairava especialmente ele porque pairava a vontade divina, una nos três. [fl. 202] Pretendia, de facto, produzir daquelas águas todos os corpos, com excepção do primeiro corpo que se chamará Céu Empíreo. Na verdade, apenas este é simples, todos os outros são compostos. Pois também os próprios elementos compostos são corpos, embora se considerem mais simples relativamente aos mistos.

Não sou, todavia, filho do que suspende e conserva essas águas do mesmo modo que entre nós se designam os filhos segundo a natureza. Estas águas designam-se águas por uma espécie de semelhança. São realmente transparentes e fluidas, não porque corram, mas porque se movem com grande e indizível velocidade e arrastam consigo os corpos inferiores do mesmo modo que a água corrente consigo arrasta os restantes corpos nela imersos. Todavia esse Céu Aquoso não arrasta os outros Céus pela força, mas um anjo, ao movê-lo, move simultaneamente todos os céus inferiores, ou seja, cada círculo celeste que outros anjos individualmente movem em sentido oposto ou com outro movimento. Tem esse céu várias coisas semelhantes à água, por isso se designa aquoso.

Não é pela natureza, portanto, que sou chamado filho do que divide as águas, mas pela graça da adopção. Mas penso que todos nós somos desse modo filhos do que divide as águas. Mas a mim somente, de entre todos os presentes, foi imposto esse nome, de que me considero indigno. As muitas águas, em suma, são os muitos povos que Deus tem suspensos para não caírem. Porque, se ele não mantivesse as suas criaturas, imediatamente cairiam e tornariam absolutamente ao nada, não só ao pó e às cinzas, mas de maneira nenhuma teriam ser. Seriam absolutamente nada como eram antes de haverem sido alguma coisa. Os povos são as águas em razão da sua volubilidade e frigidez. E mais, toda a criatura, de si, é frígida, o que nos animais é sinal de morte e destruição; de si, não tem ser, nem alguma vez o

teria se lhe não fosse dado. E, depois de o ter, não poderia manter-se, ameaça incessantemente ruína e queda se Deus a não conservasse e a não mantivesse suspensa. O que aconteceria também cada dia e incessantemente aos próprios anjos e às potências celestes. Quando Deus não suspende, não conserva, a realidade sucumbe, ou toda, ou em parte, conforme a não conserva Deus. Toda a criatura é um raio do Sol.

Também as tribulações e as angústias são consideradas águas, segundo aquele passo: *A nossa alma atravessou a torrente. Talvez que a nossa alma tivesse atravessado uma torrente impetuosa.*<sup>[246]</sup> Deus suspendeu-as porque as tornou suportáveis, porque as diminuiu, porque totalmente as juntou. Pois a sua misericórdia suspende não só as penas dos seus inimigos, mas também os tormentos, ainda que eternos, dos condenados, dos quais libertou já alguns e libertará alguns outros, eximindo-os à sentença universal, e pune-os de um modo mais ligeiro do que merecem. E poderia, sem dúvida, libertá-los a todos, mas a sua lei subsiste. Foi, contudo, estabelecido o decreto, que é seu, não de nenhum outro superior a si, que vão para o suplício eterno depois do julgamento aqueles, e os justos para a vida eterna. Esta, esperamos que nosso Senhor, mas teu Filho Primogénito e Único, ó Maria, no-la dê também a nós que deixámos tudo e o seguimos.

A todos os presentes agradou este bem como os restantes sermões.

É chamado Tadeu que, de acordo com o costume, fez uma reverência a Pedro, [fl. 203] como vigário, e a Maria que, em razão do corpo ainda não glorificado, peregrinava e, por esse motivo, se poderia considerar ovelha de Pedro, e assim falou: A Cristo Senhor, princípio de todas as criaturas, tudo, de facto, foi feito por ele e sem ele nenhuma coisa foi feita, *agarrei-o, retive-o e não o abandonarei,*<sup>[247]</sup> exaltei-o, louvei-o e glorifiquei-o, como que o retive no coração, porque o segui com a vontade, que recebe o nome de coração, e com o amor. Pois, assim como do coração, como do princípio e fonte da vida, promana a vida para os restantes órgãos do corpo, para os outros membros e as outras partes, assim dimana da vontade o bem e o mal de todas as outras faculdades que são merecedoras de louvor ou de reprovação.

A vontade é a primeira causa de louvor, a primeira causa de vitupério das outras faculdades, apenas na medida em que as suas boas ou as más determinações são seguidas. A ela cabe fugir ou evitar, a ela cabe querer e não querer. E nada evita senão porque ama alguma coisa. Ama, porém, por causa de outra coisa, ama também, não por causa de outra coisa, mas porque tal coisa é assim por sua natureza ou, por beneplácito seu, é amada por causa de si. O amor é a primeira boa acção. Ele é igualmente a primeira má acção. Recusar e não querer, assim como não é a primeira acção, também não é a primeira boa acção ou a primeira acção má. Também o amor por causa de outra coisa pressupõe o amor por causa de si. A primeira boa acção, pois, é o amor por causa de si, e a primeira acção má é o amor por causa de si. Se amamos a Deus por si mesmo, o amor, por sua natureza, é bom, óptimo, perfeitíssimo. Se se ama outra coisa distinta dele em razão de si mesma sem a referir a ele, o amor é perverso e mau. Se, por fim, Deus é amado por causa da criatura, de tal modo que a criatura seja o fim e Deus o caminho para o fim, parando na criatura, é uma obra péssima. Em qualquer caso é amor péssimo amar a Deus por causa de outra coisa, parando nessa outra coisa. Digo, porém, a sábios e falo a quem tudo conhece de um modo mais perfeito do que eu, parando nessa outra coisa. Pois, se alguém amasse a Deus por causa da retribuição e enquanto bem de si mesmo, isto é, daquele que ama, e nela não fixasse o amor, mas dirigisse o amor para além, para Deus, de tal modo que, se nenhuma retribuição existisse e nenhum prémio se seguisse ainda o amasse como a um bem imenso, digno do primeiro e mais digníssimo amor, esse amor de Deus como de um bem próprio seria bom. Daí que, além da fé, haja em nós duas outras virtudes a nós concedidas por Deus: a esperança, pela qual amamos a Deus como a um bem nosso; e a caridade, pela qual o amamos em si e por causa de si mesmo. A caridade é o dom, concedido ao homem e por Deus infundido, mais digno do que o qual não há outro. Por ele, sobretudo, Deus, Caridade incriada, e o Espírito Santo, a quem especialmente se atribui a caridade, habitam em nossos corações. Por ela somos o templo de Deus,

por ela tornamo-nos agradáveis e aceites por Deus, por ela as nossas obras são agradáveis a Deus e por ele aceites. Na verdade, o que quer que aconteça por inspiração sua julga-o Deus merecedor de eterno prémio. Nenhuma acção nossa é digna da vida eterna se não for voluntária e não for motivada pela própria caridade infusa e aceite por Deus como digna da vida eterna. Ora o próprio Deus decretou desde sempre que aceitaria nessa medida toda a acção. Na medida, pois, em que a aceita, assim vale a própria obra, e ao agente confere [fl. 204] o prémio na medida em que aceitou a sua obra. Nem mais nem menos. É, sem dúvida, verdade que o Deus Altíssimo nos concede um prémio maior do que, por sua natureza, mereceria a própria acção procedente da vontade e da graça ou caridade, mas não maior do que ele poderia aceitar. Nem a vontade nem a caridade ou graça forçam Deus a aceitar as nossas obras para a vida eterna. Mas ele mesmo, em sua clemência, decidiu aceitar assim sempre e nessa medida essas obras feitas ou motivadas desse modo. E assim como o dispôs voluntariamente, assim também voluntariamente o aceita.

Esta é a única virtude que não é compatível com nenhuma falta. É infundida enquanto alguém se santifica, enquanto se justifica. É retirada todas as vezes que alguém voluntariamente se afasta da lei de Deus, é-lhe restituída todas as vezes que a Deus retorna. Ela faz que as boas obras renasçam. Nesta virtude, mais que nas outras, avulta a Rainha nossa e dos anjos. Ela vem de Deus e é Deus. As outras vêm de Deus, não são Deus. Mas esta é Deus e por Deus é concedida a anjos e aos homens. Nenhuma outra virtude torna dignas de eterno prémio as suas obras e as suas acções, só esta torna dignas do prémio do alto a obra que dela nasce e as acções que emanam das outras virtudes. Mas isto, não por qualquer imposição da natureza, mas pela benigníssima piedade do nosso Deus.

Que Deus nos aumente esta, cujo cúmulo, depois de teu Filho, tu deténs, ó Maria, Senhora minha e irmã de minha mãe; tu, de facto, nasceste de Ana; Simão, Tiago, José, o justo, e eu nascemos de Maria Cléofas, irmã de Ana, a felicíssima estéril; tu rogarás, tu impetrarás para que todos corramos após

ti no odor dos teus perfumes.

É chamado o apóstolo Matias, cujas palavras foram estas: Dado ao Senhor, sou impelido a louvar e a encarecer seus dons na Mãe de nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo. Mas, por um lado, penso no que poderei ou ousarei dizer além do que Pedro, vigário de Cristo, nosso novo Pastor, humildemente expôs sobre a humildade; João, sobre a dignidade da maternidade; e os outros irmãos meus, sobre tantas outras coisas, como André, primeiro a ser chamado pelo Senhor, como Simão com Tiago e Tadeu, irmãos do Senhor; como Tomé, gêmeo do Senhor se não pelo nascimento, pelo menos pela semelhança, e Filipe, esse amante de todas as virtudes, Mateus, só no nome semelhante a mim, maior na função, e Bartolomeu, digno de admiração pelo espírito e pela linhagem; que mais, eu, o último dos doze apóstolos, que não fui escolhido pelo Senhor para o apostolado, mas no lugar daquele que decaiu do apostolado e cujo episcopado eu, perscrutando vós a vontade do Senhor, aceitei? Mas, porque foi por vontade e por dom do Senhor que fui elevado ao apostolado, cuja função comecei já a exercer, ousarei eu também, embora em linguagem humilde, enaltecer e louvar os dons da Mãe do nosso Deus, que todos veneramos como Senhora e Rainha nossa. Os seus títulos de louvor são, efectivamente, honras divinas. Pois nada tem que não recebesse e, na verdade, assim é, porque, de si, nada inteiramente tem. E, assim, louvando-a, exaltamos os divinos dons, as graças divinas, os dons livremente concedidos **[fl. 205]** pelo Supremo Dispensador. E nem creio que seja legítimo elogiar criatura alguma se ela, de si, nada tem de bom. Mas na própria criatura deve realçar-se a clemência de Deus, devem engrandecer-se os dons de Deus. E até vos digo mais, falo, de facto, a quem conhece os mistérios divinos, ninguém parece menos digno de louvor do que aquele homem assumido pela divindade e, a seguir a ele, ninguém digno de menos apreço do que a própria Maria, Mãe do mesmo Senhor nosso. Ele, de facto, sem quaisquer méritos prévios e unido hipostaticamente à divindade, foi dotado da bem-aventurança suprema, maior do que a qual não é possível

criar outra. Foi feito Deus sem ele nada fazer, sem ele em nada cooperar. Recebeu a plenitude de todas as graças, de todos os dons, de todas as virtudes e da própria bem-aventurança. Outros, como os anjos, os santos e os bem-aventurados, foram postos à prova e colaboraram, foram tentados. Puderam transgredir, não haviam sido fortificados de modo a poderem não pecar. Também a Virgem, com que méritos precedentes, com que obras prévias foi preservada de todo o pecado? Nenhunas, afirmo. Antes de existirem não só ela, mas o céu e a terra e a própria natureza angélica, já ela havia sido escolhida; já, se outros caíssem, havia sido previsto no pai comum o remédio que livrasse os outros e a ela a preservasse de modo absoluto pelo dom de Deus e pelo remédio da Paixão de seu Filho. E foi disposto que, por dom de Deus e aceitação divina, lhe aproveitasse mais a ela a Paixão, enquanto prevista, do que aos outros, já realizada, por cujos méritos prévios não foi concebida em pecado. Foi cheia de toda a graça e de todo o conhecimento e saber. Nenhum dom próprio da criatura lhe foi negado. Nos seus louvores, pois, parece que é Deus mais exaltado do que nos louvores dos outros, pois nela só Deus é exaltado. De facto, não somos louvados propriamente por aquilo que recebemos, mas por aquilo que fazemos e realizamos. Efectivamente, não se deve duvidar de que Maria, Senhora nossa, tivesse colaborado com tais dons. Assim como outros colaboraram com seus dons, assim também seu Filho, enquanto homem. Mas por dom de Deus foram acautelados e foram-lhes concedidos esses dons sem nenhuma obra, sem preces nenhuma, sem nenhuns movimentos e desejos prévios relativamente aos quais tivessem colaborado se não houvessem sido acautelados. Não são dignos de menor apreço aqueles que maiores dons receberam sem qualquer colaboração, sem qualquer prévio acto de vontade, desde que tivessem colaborado, se não houvessem sido acautelados. Deus, porém, quis elevar, exaltar e sublimar alguns de tal modo que neles não brilhasse senão, sobretudo, a graça, a clemência, a misericórdia de Deus. Louvemos, mais, exaltemos, mais, glorifiquemos ao Senhor nosso Deus em todas as vias, em todas as obras,

em todos os dons, em todas as graças a sua Mãe dadas, proporcionadas e livremente concedidas, e oremos suplicantes que, por seus méritos e preces, conserve e aumente em nós os dons.

Concluídos os louvores que já te foram expostos, [fl. 206] reunidos nós perante a Mãe do nosso Deus, disse o apóstolo Pedro: Homens irmãos, sabeis já como, afastado o ímpio Judas da nossa convivência, acrescentámos ao nosso número, no lugar dele, este que agora falou em último lugar, Matias. Depois, por inspiração do Espírito Santo, foram escolhidos para o apostolado Paulo, que aqui vedes, e Barnabé, os quais muito úteis se mostraram à nossa fé e à Igreja. E com razão foi Paulo designado por Cristo Senhor vaso de eleição. Estamos aqui na presença da nossa Rainha e Senhora. Considero justo e conveniente que lhe seja atribuído um lugar, e um lugar digno, entre nós, pois ele é digno e grande em saber e eloquência, e nele está a graça de Deus e o abundante dom do Espírito Santo. Considerai agora que lugar merece entre nós e seja-lhe ele atribuído por decisão comum de todos nós para que, assim como foi escolhido pelo Senhor, não seja por nós esquecido.

Nosso Senhor, disse então o apóstolo André, instruiu-nos, dizendo: *Quem entre vós for o maior, será vosso servo,*<sup>[248]</sup> porque a dignidade e o mando são, em nós, serviço e sujeição. Nós somos, outra vez, onze. Pois Tiago, cuja alma, como vistes, está presente, foi degolado pela espada de Herodes. Paulo será um dos doze. E não me parece que deva receber o lugar de nenhum de nós, mas o daquele que se juntou a seus pais. Atribua-se-lhe o lugar de Tiago, irmão de João, para que, do mesmo modo que o Senhor tinha Pedro, Tiago e João como mais íntimos, assim, depois de Pedro, o vigário, sejam Paulo e João os de maior dignidade entre nós. E sejam os primeiros a propor, a responder e a decidir. Isto me parece, se não desagrade à nossa Rainha e estes meus irmãos estiverem de acordo.

A Virgem Mãe elogiou a opinião do apóstolo André, que sobremaneira agradou a todos. Pedro, tendo recebido o assentimento da Mãe de Deus, chamou, pois, Paulo para junto de si e mandou-o sentar, com João, a seu

lado. A todos, unanimemente agradou a opinião e o alvedrio do apóstolo André. Foi ainda associado Barnabé para ser, depois de Matias, o décimo terceiro apóstolo; depois dele, Lucas e Marcos, *cujos títulos de louvor residem no Evangelho.*<sup>[249]</sup>

Feito isto, disse Pedro: Irmão Paulo, apóstolo digníssimo, também tu, instruindo-te a graça de Deus, dirás alguma coisa relativa a este assunto. Depois Barnabé, Lucas e Marcos, também eles falarão, cada um segundo a graça a si concedida por Deus.

E, no meio de seus irmãos, Paulo expressou-se deste modo: Nunca, ínclita Mãe do nosso Deus, e tu, Pedro, a quem foram especialmente dadas as chaves do reino dos céus, e vós, apóstolos digníssimos de nosso Senhor Jesus Cristo, nunca eu subiria a este lugar se me não tivessem movido as palavras de André, apóstolo inquebrantabilíssimo e sapientíssimo, ou melhor, as palavras da própria Sabedoria, Cristo Senhor, que disse: aquele que entre vós é o maior, será o menor e vosso servo.<sup>[250]</sup> Efectivamente, entre nós não deve ser como nas cortes e nos palácios dos reis deste mundo. Por essa razão, ao fazerdes-me grande, tornastes-me mais pequeno. **[fl. 207]** Procurarei eu, pois, ser tanto mais humilde em tudo, quanto maior me fizestes, porque ser maior é serviço de Jesus Cristo. Na verdade, é maior quem mais se humilha perante Deus, mais digno é quem mais indigno se julga, mais santo, quem mais injusto se crê, de cuja verdade temos perante nós o exemplo na muito humilde Virgem, cuja humildade mais que todas as coisas olhou Deus. Embora, efectivamente, ela seja formosa de espírito e de corpo e nenhuma virtude lhe falte, diz-se, todavia, que o Altíssimo, que nas alturas mora, *olha o que é humilde no céu e na terra,*<sup>[251]</sup> olhou para a sua humildade. Precipitou do céu no abismo o soberbo Lúcifer e elevou a muito humilde Maria acima de todos os Coros dos anjos, de cuja ingente gloria e inenarrável alegria, que para sempre durará, e da disposição da corte celeste, eu, o menor dos apóstolos, como aquele que fui arrebatado até ao terceiro céu, exporei perante vós alguma coisa. Os céus para que Maria se encaminha agora, conforme claramente vi com os olhos da minha mente,

são sete, cada um dos quais leva consigo uma luz apenas. O primeiro é, sem dúvida, a Lua, o segundo Mercúrio, o terceiro Vénus, o quarto o Sol, o quinto Marte, o sexto Júpiter, o sétimo Saturno. Depois, está o oitavo céu, no qual estão todas as outras estrelas que vemos e muitas são as que não podemos ver. Todas, porém, estão naquele céu em que estão também os doze signos: Carneiro, Touro, Gémeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Acima deste está o nono Céu, em que nenhuma estrela existe, mas se move continuamente num movimento constante, movimento que é único e muito veloz e consigo arrasta de um modo admirável todos os Céus inferiores. Estes Céus movem-se também de outro modo e com movimento contrário. Pois, embora se movam muitíssimo velozmente de oriente para ocidente, movem-se também ao mesmo tempo e com admirável proporção de ocidente para oriente mais lentamente. De facto, em cada minuto ou momento, grande parte do Céu inferior corre de oriente para ocidente. E enquanto aquela enorme porção corre, uma pequena e quase imperceptível porção do mesmo retorna. Reversão que a Lua esgota muito celeremente, Mercúrio, Vénus e Sol quase em tempo igual (o curso do Sol abaixo do círculo do Zodíaco é de todos conhecido), Marte em seis anos, Júpiter em treze, Saturno em trinta, Céu Estrelado, com passo uniforme, em cem anos. Acima de todos estes Céus móveis está o Céu Imóvel, no qual todas as coisas se movem como num lugar. Esse lugar, porém, permanece imóvel. Daí que, contendo tudo o resto, contém como contido e, na medida em que contém em razão daquele, contém de modo imóvel. Por isso, todos quantos trataram do lugar, o consideraram imóvel. E é verdade porque, embora o que imediatamente contém flua como a água e o ar, o último continente, contudo, não flui, em razão de cuja firmeza e imobilidade o lugar é designado imóvel. E a coisa que ora se encontra num continente [fl. 208] próximo, ora noutra, não se considera que mudou de lugar, porque mantém a mesma relação relativamente ao primeiro continente. Se aquele Céu não existisse, nada teria particularmente um lugar. Aquele Céu é feito com tal

arte que é habitação apropriadíssima e agradabilíssima não só para os espíritos, mas também para os corpos humanos. Lá estará como primeira depois de Deus, ó Maria suavíssima, a alma de Cristo Senhor, teu Filho, a qual é purificada, iluminada e aperfeiçoada pela própria Trindade. E tu serás por ela purificada, iluminada e aperfeiçoada; depois de ti, Miguel; depois de Miguel, Gabriel, e assim sucessivamente, conforme o meu amigo Dionísio, aqui presente, começou já a escrever. Sei, Maria, que nada do que digo agora te é desconhecido. Falo, contudo, para que diante dos meus irmãos aprove as minhas palavras. A tua recompensa, como tu própria sabes, é muito grande, superando incontestavelmente a recompensa e a bem-aventurança de todos. Somos todos teus criados, somos todos teus servos. Lembra-te de nós, Mãe do Supremo Rei, a fim de que, cumprindo as nossas promessas, nos tornemos dignos das promessas de Cristo, com quem te preparas para viver e reinar em felicidade, ele que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo por infinitos séculos dos séculos. Ámen.

A seguir a Paulo, depois de haver recebido autorização, assim falou Barnabé: *As tuas consolações*, diz o profeta, *alegraram a minha alma.*<sup>[252]</sup> Sou Barnabé, Filho da Consolação é o meu nome. É doce para ti, ó sublime Maria, mais que para todas as mães, a palavra filho. Pois essa palavra é o nome próprio do Verbo de Deus, teu Filho. Tu, sem dúvida, és Mãe daquele que desde sempre foi Filho. E esse Filho sempiterno começou no tempo a ser teu Filho. Pois se, como se diz, o nome acrescenta alguma coisa ao homem, então, desaparecida a humanidade, desaparece a filiação e a maternidade. E, assim, ao tempo da morte de Cristo perdeste a maternidade e, por essa razão, sofreste muito. Também agora vejo que a ti, que te apressas para a eterna glória, nada de mal ou desfavorável te pode acontecer, a não ser apenas isto: que, sobrevivendo a morte, de novo perderás a tua maternidade. O que é difícil saber se é verdade, e será esclarecido, segundo ouço dizer, nos últimos dias. Se não tivesse sido determinado que todo o homem sofresse a morte uma vez, seria bom que Deus te transferisse desta vida para a outra, para que título de tanta dignidade em ti se não extinguisse

momentaneamente. O que, contudo, ainda que não sejas de facto Mãe de Deus, serás em espírito nossa e dele e, ressuscitando de imediato, recuperarás, de facto, esse título. E, o que por pouco tempo é interrompido, deve considerar-se não interrompido, mas continuado. E, assim, Maria, conforta-te em teu Filho, conforta-te no título da maternidade. Muito brevemente experimentarás as consolações supremas, ligar-te-ás a Deus em união perpétua, serás estreitada pelos indissolúveis abraços de teu Filho, abundarás em todos os bens, nada te faltará jamais. Estarás próxima do trono da Santíssima Trindade, terás assento muito próximo do Deus Trino e Uno. A ele nos encomenda. Partindo, não te afastes de nós. Socorre-nos nesta vida mortal. E roga para que também nós consigamos alcançar **[fl. 209]** esses gozos.

Depois deste, recebida autorização, começou Lucas a falar deste modo: Muitas foram já as coisas dadas a conhecer por estes Padres. Devo eu, ó Maria, Mãe de Deus, deixando de lado tudo o resto, louvar a tua virgindade. Pois só tu foste virgem antes do parto, no parto e depois do parto, foste a única grávida sem corrupção, fecunda sem profanação, mãe sem desonra. A virgindade é uma virtude heróica que Deus concede àqueles a quem determina que sejam em absoluto espirituais. Viver na carne e não sentir as pulsões carnis é divino. Ter sentidos e viver para lá dos sentidos, angélico. A virgindade não é uma virtude comum, mas rara; não é popular, mas especial. Deve-se crescer e produzir frutos, e o povo que serve a Deus deve ser aumentado, e de um modo natural, não sobrenatural, para que se não retirem às causas criadas as acções próprias. Não cabe a cada um ser virgem. Pois a procriação de filhos segundo Deus é coisa digna. Daí que se devam observar os ditames da natureza. Encontrar a virgindade em alguns é ajustado, não é ajustado em todos. Mas só tu, ó Mãe do nosso Deus, associaste uma e outra, a virgindade e a maternidade. Só tu respeitaste não só o preceito de Deus relativo ao crescimento, mas também o conselho da virgindade. Excelso dom, sublime coroa, nobre virtude é a própria virgindade, e mais se concede para ornamento do que em razão da

necessidade de salvação. Pois a continência conjugal em muitos é preferível à virgindade em alguns. Por isso quis o próprio Cristo Senhor que tu, sua Mãe, nasceste de um casamento santíssimo, e quis que todos os seus avós e as suas avós fossem procriados de um casamento. Só em ti mostrou a grandeza do seu poder, para que concebesses sem a intervenção de homem, a fim de que, assim como o homem fora criado do nada, e a mulher somente do homem, todos os outros do homem e da mulher, assim fosse ele próprio criado da mulher sem a intervenção do homem. Bom é, pois, o casamento, é coisa digna a procriação natural dos filhos, mais admirável a concepção do Filho de Deus a partir de uma virgem. Assim convinha, assim era adequado que aquela que dominaria sobre todos os anjos se não sujeitasse a nenhum homem, não digo no casamento, mas na relação carnal. Essa condição não se adequava a ti, Mãe de Deus, rainha dos anjos e isenta do pecado original. A Eva foi isto dito como castigo: *Estarás sob o poder do marido e ele te dominará.*<sup>[253]</sup> Dado, pois, que pela graça de Deus foste isenta desse pecado, era justo que te não sujeitasses ao poder do homem porque essa sujeição é vil e é infamante entre os homens. Não quis o teu Filho que te faltasse honra alguma, nenhuma veneração, nenhuma dignidade, ele que te criou perfeita em tudo. Dirigindo-te agora, pois, para junto dele para, desde esse momento, com ele permaneceres para sempre, tem compaixão de nós também, digna-te obter para nós o perdão a fim de que também nós, pelas tuas preces, consigamos alcançar a visão de Deus Trino, que é também Uno.

O evangelista Marcos, breve na fala como foi na escrita, disse o seguinte: **[fl. 210]** Todos nos encomendamos à Mãe do Senhor, que vai afastar-se de nós segundo a presença corporal e abeirar-se do tálamo etéreo. Todos louvastes dignamente a eternamente louvada Virgem e todos sem dúvida falhastes no louvor. Pois, se todos os grãos da areia do mar, todas as folhas das ervas e das árvores, todas as gotas da água do mar, todas as estrelas do céu, todos os lírios, rosas e outras flores, todos os animais, seus membros e suas partes, todos os exércitos dos anjos e tudo quanto pode ser pensado se tornassem línguas e por mil anos falassem, nunca poderiam exprimir a

grandeza e a importância desta Virgem a quem louvamos. Louvamos, não quanto devemos, porque isso é impossível, mas quanto pudemos. Também tu, ó piíssima Mãe, nos encomendarás a teu Filho, se não quanto podes, pelo menos mais do que merecemos, a fim de que juntamente contigo consigamos possuir no tempo oportuno as alegrias eternas que o Pai e o Filho e o Espírito Santo, Deus Único, a quem seja dada honra e glória pelos séculos dos séculos, não-de conceder por tuas preces.

Dionísio e Inácio e muitos outros discípulos, de joelhos, em curto discurso louvaram a Virgem e recomendaram-lhe a multidão dos discípulos e todo o género humano.

Depois disso, o espírito de Maria exultou de alegria e, de olhos elevados ao céu e mãos estendidas, entoou o admirável cântico que cantara em casa de Zacarias. Acrescentou-lhe estes versículos:

Eis que venho a ti, Deus meu. De ti me abeiro, Filho, Pai e Deus.

Subo para junto do meu Deus e meu Senhor, para junto do meu Filho e meu Criador.

Mãe, encaminho-me para junto do Filho, de vós me afasto hoje, filhos meus.

Deixo-vos agora corporalmente, não vos abandono no coração e em espírito.

Procedamos juntos à fracção do Pão Santo, comamos juntos a carne de meu Filho.

Abençoarás tu, Pedro, Pastor das ovelhas de Cristo, este santo edúlio.

Demos todos graças ao Deus Trino, bendigamos todos o Deus Uno.

Dito isto, Pedro pegou no pão e abençoou-o e fez o mesmo com o cálice. Não era lícito celebrar um sacramento sem o outro, e ao celebrante cabia tomá-lo primeiro. E tendo pegado numa partícula e querendo dá-la a Maria, de voz um tanto elevada e no fervor de seu espírito, disse ela:

Eis que vejo o meu Filho, eis que contemplo o meu Deus.

Chegue em boa hora o meu Deus, venha em boa hora o Senhor, meu Salvador.

Para mais rapidamente ir a ti, vens a mim tu, que nunca te afastas dos bem-aventurados.

Vens, para que eu parta daqui e de ti me não afaste mais.

Volta a guardar esta partícula, disse depois a Pedro, vais dar a comunhão primeiro a todos estes. Eu serei a última a comungar e levarei comigo o viático intacto.

Assim, recebido por todos o corpo e o sangue do Senhor, começou Maria novamente a dizer: Eis que recebestes o alimento da vida, não tereis fome nem sede até me sepultardes e me [fl. 211] verdes subir ao céu. Não tendes nem vedes em minha casa outro alimento. E todos estavam confortados e robustecidos por aquela comunhão como se tivessem tomado quaisquer finíssimas iguarias.

Sede perseverantes, firmes e fortes, disse então Maria, porque é preciso que sofrai muitas perseguições pelo nome do Senhor Jesus e, finalmente, libertos do corpo, alcanceis a glória do Paraíso. Tu, Pedro, por meio de muitos sofrimentos seguirás a Cristo com todos estes. E é isto o que o Senhor Jesus, meu Filho, te disse: *Segue-me na morte e na paixão*. E tu, voltando-te, viste João e perguntaste: *Senhor, e deste, que será?* E ele: *Se eu quero que ele fique assim vivo, que tens tu com isso? Tu, segue-me.*<sup>[254]</sup> E estes que estavam presentes acreditaram que João nunca morreria. Mas o Senhor Jesus não disse que nunca morreria. Mas disse: *Se eu quero que viva até que eu venha para julgar, que tens a ver com isso?* Também ele morrerá, pois, mas mais tarde. Viverá certamente com Henoch e Elias invisivelmente trasladado pelos anjos para o Paraíso Terrestre, e virá novamente a este mundo para dar testemunho da verdade. Convém que a fé na Trindade seja de novo sustentada por tríplice testemunho e de cada situação haja uma testemunha da verdade. Disse, portanto, o Senhor: *Se quero que fique assim até que eu venha,*

*que tens com isso? Toma-se aí o se quero por porque quero.* O meu Filho Jesus, partindo de junto de vós, deixou-se a si mesmo a vós neste sacramento até à consumação do mundo, o que se não coaduna com nenhum outro corpo. Só ele é pão e alimento, vinho e bebida das almas. Faço-vos saber, meus filhinhos (e quando dizia filhinhos voltava-se para os mais novos; mas quando dizia pais, voltava-se para os mais velhos, sobretudo para Pedro; quando dizia irmãos, voltava-se indiferentemente para todos), faço-vos saber, disse pois, que pela graça do meu Senhor Jesus Cristo também eu estarei corporalmente convosco até à consumação do mundo. Não certamente no sacramento, porque isso não é possível, mas em imagens pintadas e esculpidas. E como sabereis isto, que eu estou presente naquela imagem? Seguramente então, quando virdes que aí se fazem milagres.

O preceito do Senhor, disse depois, e o mandamento único é que vos ameis uns aos outros por causa dele, a ele referindo todo o vosso amor. Sepultai o meu corpo no meio do vale de Josafat, onde há uma rocha e um sepulcro novo, em pedra, no qual ainda ninguém foi sepultado. E não vos afasteis daí até que a minha alma se una de novo ao meu corpo.

Exortou também as irmãs Madalena e Marta e as outras santas mulheres que lá estavam a que perseverassem na via dos mandamentos do Senhor e se recordassem das palavras do Senhor Jesus, sobretudo Madalena e Marta, pois que *a felicidade está mais em dar do que em receber.*<sup>[255]</sup> Ora elas haviam dado muito, mas maiores coisas e coisas muito mais importantes lhes foram dadas a elas. De outro modo, não teriam elas sido tão bem-aventuradas, segundo as palavras do Senhor.

Muitas mercês, irmãs, – disse Maria – me dispensastes, **[fl. 212]** mas com a minha intervenção receberéis o cêntuplo e mil por um. Que a todos vos abençoe Deus Pai, abençoe-vos Deus Filho, abençoe-vos Deus Espírito Santo. Adeus, Pedro, Pastor meu também, porque também eu sou ovelhinha de Cristo Senhor. Adeus, Paulo, vaso de eleição. Leva o nome do Senhor aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel. Adeus, João, meu filho e meu irmão. Anuncia a divindade de Cristo e profetiza antes e depois da

transladação. Adeus, André, que a Jesus seguiste primeiro e antes de todos. E no prêmio não serás segundo. Adeus, Filipe, incendiado pela chama do alto, prega Cristo aos Cintas. Adeus, Simão Zelote, tu que és fervoroso no amor de Deus, com Tadeu e Tiago, irmãos teus e meus, e José, o justo, que, embora não seja apóstolo de nome, o é, contudo, no mérito. Adeus, Mateus publicano, conhecido, primeiro, pela infamante função, és agora pública testemunha das palavras e das obras do Filho de Deus Vivo. Adeus, Tomé, santo e sábio Dídimo, aceita também a minha faixa, que te entregarei quando subir ao céu. E baptiza na água e no fogo o povo de ambas as Índias. Adeus, Bartolomeu, e aguarda a suspensão das tuas tribulações e mantém constante a elevação da tua mente para Deus. Adeus, Matias, tu que és dado, conserva os dons de Deus. Adeus, Barnabé, e, tendo em conta a consolação futura, não temas as constantes fadigas. Adeus, meu caríssimo Lucas, e transmite por escrito aos outros os segredos que te desvendei, e guarda para os tempos futuros as coisas que devem ser guardadas, e persevera no bem, como começaste. Adeus, Marcos, discípulo muito caro ao nosso Pastor. E leva muito longe as palavras do teu Evangelho. Adeus, eruditíssimo Dionísio, e conserva por escrito diligentemente as coisas que de Paulo recebeste. Adeus, fervorosíssimo Inácio, e que o nome do meu Jesus se mantenha gravado em teu coração (e, a estas palavras, foi imediatamente esculpido; e em todos se manteve um amor e um fervor admiráveis). Adeus, discípulos todos do Senhor, e obedeci aos vossos maiores e andai segundo os seus preceitos. Adeus, minhas irmãs segundo a carne, Cléofas e Salomé, a vós também, minhas irmãs segundo o espírito, Madalena e Marta. Que Deus vos dê a paga por todas as vossas mercês. Adeus, todas as santas mulheres. Adeus a todos. E reconheceréis como certo que Maria, para vós tão clemente, nunca vos esquecerá a vós ou à vossa descendência. Eis que, depois de tomar o corpo de meu Filho, a minha alma sairá de meu corpo, e o meu Senhor Jesus estará sacramentalmente comigo tanto tempo quanto for naturalmente visível. Eis que a alma do meu irmão Tiago Zebedeu está entre vós, ela nada disse porque uma é a convivência lá, outra aqui. Não

pode tornar aquela nesta. Pedro, Pastor das ovelhas do Senhor Jesus, dá-me a partícula que guardaste onde está e se mantém integralmente Jesus, o meu Filho dilecto.

Pedro então, tomando a partícula, apresentou-a com temor e reverência à sua santíssima boca e Maria recebeu devotissimamente o Viático. E tendo-o recebido, prorrompeu imediatamente nestas palavras:

Firme está o meu coração, ó Deus, o meu coração está firme.

Vou cantar e entoar salmos<sup>[256]</sup> **[fl. 213]** em minha glória.

E recitou o salmo até ao fim. E depois, o Senhor em si presente corporalmente no sacramento separou de um modo admirável, sem qualquer dor ou fadiga, a sua alma de seu corpo, estando presente uma multidão de anjos, enquanto se aproximava um grande exército de santas almas. Entretanto, esta alma, separada do corpo pelo favor de seu Filho, desceu ao Purgatório com a alma de João Baptista, José, Ana, Joaquim, Tiago, Abraão e dos outros patriarcas e profetas. Em razão da vitória e do novo reino libertou todas as almas de seus amigos e levou-as consigo para o vale de Josafat onde o seu corpo estava sepultado. Era cerca da terceira hora da noite quando a alma foi separada do corpo. E ficou três horas com estas almas naquele lugar e junto ao lugar onde está o Purgatório. De seguida, foi ao Paraíso Terrestre e confortou Elias e Henoc e contou-lhes o modo como haveria de ali chegar a terceira testemunha, João Zebedeu. Por fim, esta nobre alma retornou ao vale de Josafat, ao nascer do dia.

E então, de um modo natural e visível, deixando a habitação celeste, desceu Cristo Senhor com todos os anjos.

Mas nota que, saída aquela felicíssima alma do corpo, todos os apóstolos e os discípulos e as santas mulheres que estavam presentes a viram muito bela e muito formosa. E o seu corpo não foi purificado porque nele não havia impureza alguma. Mas levaram-no, com aqueles rituais que já são entre vós conhecidos e não importa repetir, com os milagres que estão escritos sobre a temeridade dos judeus. E em primeiro lugar cantaram: *Quando Israel saiu do Egipto, a Casa de Jacob do meio de um povo bárbara,*<sup>[257]</sup> como

está escrito nos salmos. De seguida, a modos de glosa, começaram a cantar assim:

Quando o que vê a Deus saiu das trevas, quando a casa do Senhor saiu das nações bárbaras,

Fez-se, louvando a Deus, a sua santificação, vendo a Deus, o seu poder, Toda a amargura fugiu, o rio da condenação retrocedeu.

*Vê, os anjos rejubilam como carneiros, os santos saltam de alegria como cordeiros.*

Porque fugiste tu, ó mar? Porque retrocedeste, Jordão?<sup>[258]</sup>

Pois os que do Egipto passam à Terra da Promissão é preciso que deixem toda a amargura,

E o que pela humildade desceu, sobe pela bondade de Deus.

Vê, os anjos saltam de prazer como carneiros, e os santos alegram-se como cordeiros.<sup>[259]</sup>

Diante do Senhor comoveu-se a terra virgem, sim, diante de Deus que venceu o diabo,

Que converte em lagos de graça o que, de si, é seco de virtudes, e em fontes de graças o deserto.

Nada há de bom em nós enquanto nosso, mas todo o dom existe pela glória de Deus.

Por nós, somos todos secos e áridos, a irrigação é dada por Deus.

Sobre este corpo da tua misericórdia e da tua verdade vela, Deus, agora,

*Não vão os pérfidos, zombando dele, dizerem.*<sup>[260]</sup> Onde está o Deus dos cristãos!

Alto e sublime é o nosso Deus, fará isto agora como faz tudo o que quer.

Estas coisas não são imagens de homens nem obra das mãos dos homens.<sup>[261]</sup>

De ouro e prata as fabricam eles, Deus de virtudes só.

Sem boca, estas nossas falam, sem olhos vêem muito bem,

Sem ouvidos ouvem, cheiram sem nariz,

Apalpam sem mãos, sem pés andarão, sem garganta clamam.

Mas sem acção têm as imagens deles os recursos todos.

Sejam a elas semelhantes os que as fabricam e os que nelas confiam<sup>[262]</sup>  
[fl. 214]

Esta Casa que a Deus vê sempre esperou no Senhor, ele é seu amparo e protector.

Esta Casa, a casa da fortaleza, esperou no Senhor, é ele seu amparo e protector.<sup>[263]</sup>

Sempre o que teme o Senhor esperou no Senhor, ele é seu amparo e protector.

Sempre de nós se lembrou o Senhor nosso, sempre nos abençoou.<sup>[264]</sup>

Abençoe agora esta sua Casa que o vê, abençoe a casa da sua Fortaleza.

Abençoe-nos também a nós, que o Senhor tememos, seus discípulos e apóstolos.

Multiplique o Senhor a bênção sobre aqueles que nele confiam e sobre os seus discípulos.

Sede hoje benditos, vós, pelo Senhor, que fez o Céu e a Terra.

*O Céu de todos os Céus é habitação do Senhor dos espíritos, mas a terra há-de receber os corpos dos filhos dos homens.*<sup>[265]</sup>

Não são os mortos para Deus que a Deus louvarão, nem nenhum dos que seguem as coisas do mundo.

Mas os que em graça vivem, mesmo se no corpo mortos, bendizem o Senhor desde agora e para sempre.<sup>[266]</sup>

E assim, entre cânticos e hinos, levaram o corpo de Maria para o vale de Josafat, estando os incrédulos judeus perturbados, e saltando de alegria todos os discípulos do Senhor e nós anjos, e cantando juntamente com eles pelo caminho. Acompanhado por um grande exército de anjos, nunca eu a deixei. Eu acompanhei a alma, Uriel, meu irmão, acompanhou o corpo no sepulcro. E, depois de o Purgatório haver sido espoliado, voltei ao vale de Josafat na manhã da mesma noite. E todos os apóstolos viram então aquela bem-aventurada alma sete vezes mais brilhante que o Sol no auge do seu brilho.

Logo que saiu do corpo, começou a ver a Deus numa visão que jamais deve ser interrompida. Mas, no percurso, via a Cristo-Homem no viático que levava guardado no sacrário do seu peito como numa espécie de píxide. Porém, enquanto se manteve no Purgatório e no Paraíso Terrestre, via a Deus, que está em todo o lado, mas não via a humanidade de Cristo. Mas quando a sua alma voltou ao corpo, no peito de seu corpo viu a Cristo, que ainda se mantinha intacto.

Estava, portanto, aquela bem-aventurada alma acompanhada por mim e por um exército de anjos e pelas almas de muitos santos. E tinha trazido atrás de si uma grande multidão de almas que libertara do Purgatório, onde estavam muitos coros de anjos, de santas almas, das almas libertadas do purgatório e os apóstolos e outros discípulos que viviam ainda nesta vida mortal. Nem a alma de Maria subiu ao céu antes de ressuscitar, mas, como disse, retornou vitoriosa ao vale de Josafat. E aí confortou por longo tempo os apóstolos e as santas mulheres, que na sua presença, tendo Pedro celebrado Missa segundo o ritual daquele tempo, comungaram o corpo e o sangue do Senhor Jesus Cristo. E durante aqueles dias não se serviram de outro alimento. Bastava-lhes como alimento aquele Pão Vivo.

Portanto, o corpo de Maria permaneceu no sepulcro durante dez horas, e morto durante quinze. Cerca, pois, do meio dia daquele dia, o Senhor Jesus Cristo, tendo deixado o Céu Empíreo e a habitação celeste, desceu do Céu acompanhado pelo príncipe Miguel, com todos os anjos e com todos quantos estavam na pátria celeste, com hinos e cânticos. E todos viram a Cristo Senhor que, ao chegar, disse aos presentes: *A paz esteja convosco.*

E, olhando com ar felicíssimo a alma da Virgem, disse: Estás melhor sem o corpo ou preferias estar no corpo?

Aquela nobre alma respondeu na língua dos anjos, e Cristo tinha-a interrogado na língua humana, assim dizendo: Por graça tua, estive sempre bem e nunca mal. Mas, agora que fruo assiduamente da tua divindade, alcancei a melhor parte, [fl. 215] e nunca estive tão bem. Porque, contudo, não há consolação perfeita para a parte que está fora do seu todo,<sup>[267]</sup> de boa

vontade o enformaria, se fosse do teu agrado, e, vivendo nele, com mais gosto fruiria da tua divindade. Não que a fruição fosse mais intensa, mas porque é melhor e mais desejável fruir na natureza perfeita.

Eu, diz então o Senhor, ornei-te com todos os dons e nada omiti daquilo que pudesse ser feito relativamente a ti e ao teu corpo, a não ser isto, o facto de estares separada do corpo. Podia certamente glorificar-te sem a intervenção de morte alguma. Mas não quis isso porque o decreto está firmado e, muito mais, para que estes irmãos meus não temessem a morte ou duvidassem os outros da ressurreição. Todavia, foste de tal forma separada do corpo que não parece que hajas sido separada. E voltando-se para os discípulos, disse de novo: *A paz esteja convosco.*

E eles responderam: Seja bem-vindo nosso Senhor e o nosso Mestre.

E todos, sobretudo Pedro, começaram a chorar de alegria. Diziam, pois: Damos-te graças, Mestre e Senhor, que, sozinho, fazes tantas e tão grandes maravilhas.

Eis que estamos todos novamente reunidos, disse então Pedro, e, com excepção do filho da perdição, nenhum de nós falta. E Tiago, filho de Zebedeu, está presente em espírito, os outros estamos vivos como antes, mas confirmados na tua graça. Estão ainda muitos que então não estavam. Eis Paulo, a quem do Céu chamaste e designaste vaso de verdadeira eleição. Eis Barnabé, a quem pelo teu Espírito segregaste. Eis Inácio, que te tem sempre no coração. Eis Dionísio, a quem escolheste como teólogo da geração futura. Eis muitos outros, a quem tu melhor conheces. Conhecia-los como eram em ti, não os conhecias como eram em si, a não ser agora. Tu és o nosso Rei, tu o nosso Mestre, tu o nosso Príncipe. Infunde em nós coragem contra os teus inimigos, faz que sempre te possamos louvar.

Sei tudo o que por mim sofrestes, disse-lhes Jesus, e suportareis coisas maiores ainda. Mas, por meio dos maiores trabalhos, alcançareis os maiores prémios. Nenhum trabalho vos assustará, se tiverdes em mente o inenarrável prémio dos vossos trabalhos. Vós sois meus irmãos, sereis herdeiros do Reino de meu Pai. Resisti, perseverai até ao fim. Reconheci a

Pedro como meu vigário e, no lugar que lhe for destinado, aja cada um corajosamente e administre com humildade. Sempre vos ensinei, sempre vos disse: *Aprende de mim que sou manso e humilde de coração.*<sup>[268]</sup> Sou indulgente, sede indulgentes, porque o servo não é maior que o seu senhor, nem o discípulo maior que o seu mestre enquanto é seu mestre. O que for mais pacífico, mais humilde e mais indulgente, esse presidirá um dia a toda a Igreja. A mim convertereis o mundo todo. Depois, virá do Oriente o Filho da Iniquidade e a Besta Voraz cujo bramido se propagará até aos povos cartagineses e arrebatá-me-á uma grande parte do meu reino. Mas paulatinamente e não de repente, por causa dos pecados do povo, o meu reino será dilatado. E os desviados iberos,<sup>[269]</sup> uma vez convertidos, depois de unido o seu reino, a mim converterão também os outros e eliminarão todos os dissolutos costumes e banirão a abominação que reina no Lugar Santo. E, de novo, o Evangelho será pregado em todo o mundo. E enviarei um vigário humilde, pacífico, benigno e clemente que reformará todas as coisas. E então se verá o fruto dos vossos lábios.

Chamou então Paulo **[fl. 216]** e disse-lhe: Quando, como um touro, espiravas ameaças pelas narinas e levavas contra mim a espada desembainhada, qual era a tua ideia? Eras o émulo máximo das tradições de teus pais. E acreditavas agir em meu favor, quando contra mim agias. Actuaste, por isso, ignorando, foste, por isso, merecedor de perdão, por isso te chamei do Céu em pleno meio-dia e te escolhi para apóstolo. Olha, vê Estêvão, glorioso, a quem tão violentamente decidiste que fosse lapidado, por cujas preces foi o pecado da tua ignorância tornado mais leve. Sê constante como começaste, Paulo. Reservei-te realmente a coroa de justiça que como justo juiz te darei.

E tu, Barnabé, ensinarás e anunciarás aos teus e a todos os outros povos, tu que também comigo estiveste antes, mas que depois da minha ascensão te assumi de entre os discípulos para o apostolado. Antes, vi-te como discípulo, agora, olho-te como meu digno apóstolo.

E tu, Inácio, vem junto de mim. Eu sou realmente o teu amor, eu que

um dia fui crucificado, mas reinarei agora eternamente e tu, com o teu amor, viverás para sempre.

E tu, Dionísio, pena do céu, escreverás coisas celestes e, por fim, subirás ao céu, para junto de mim, com a palma do martírio.

E falou a todos do mesmo modo com palavras de muito afecto. E disse: Que pensais desta feliz alma que esta noite se separou do corpo?

Ressuscitaste tu, Senhor, responderam todos. Ressuscite também a Arca da tua santificação. Imune a todo o pecado, não merecia a morte. É justo até que essa carne, que é a tua, se não mude noutra natureza.

Com esses outros, diz então o Senhor a Miguel e a mim, associai-vos a esta alma enquanto não estiver junta a seu corpo.

Reúna-se a irrepreensível alma ao irrepreensível corpo, disse subitamente. Viva para sempre a minha dulcíssima Mãe.

E imediatamente, pelo poder de Deus, a alma se uniu ao corpo. E o corpo foi ornado com os dotes gloriosos e, pelo poder de Deus, saiu do túmulo. E nós abrimos o mausoléu, que a todos se mostrou vazio. Ora Maria, toda gloriosa e refulgente, ficou junto a Cristo revestida com a estola da claridade e da eterna imortalidade. E logo que a alma se uniu ao corpo, o Senhor exclamou: Vem a mim, Mãe, minha eleita, vem a teu Filho, predilecta, vem, serás coroada.<sup>[270]</sup>

E então Miguel comigo e com todos os outros adorámos a Mãe de Deus e prestámos-lhe obediência perpétua como nossa Rainha, dizendo Miguel em nome de todos nós:

O que a Deus prometemos antes do mundo sensível, isso te rendemos hoje a ti, Maria.

O que manifestámos no momento da concepção de Deus, aqui o ratificamos agora.

Aceitamos-te a ti, Maria, como Rainha nossa, à tua majestade nos submetemos.

A ti, todos os Anjos e Arcanjos, a ti, Virtudes e todas as Potestades.

A ti, Principados e Dominações te servirão e te obedecerão por infinitos dias

A ti, Tronos e Querubins mais Serafins te confessarão com voz melodiosa.

Todos te reconhecemos superior a nós, todos adoramos a Mãe do nosso Deus.

Do outro lado, todos os Padres do Antigo Testamento, com a anuência de Abraão, Moisés e David, começaram a proclamar: **[fl. 217]**

Tu, glória de Jerusalém, tu, Maria, a alegria de Israel, tu, a honra do nosso povo.<sup>[271]</sup>

Ó bem-aventurados nós que tal filha merecemos ter, a quem Deus escolheu para sua Mãe.

Ó felizes nós e tão afortunados que em Maria, que é nossa, nos vemos tão exaltados.

Como a açucena entre os espinhos, assim é Maria entre as nossas filhas.

Como a macieira entre as árvores do bosque, assim é Jesus entre os filhos dos homens.<sup>[272]</sup>

Belo de aparência entre os filhos dos homens, em seus lábios se difundiu a graça.<sup>[273]</sup>

*Sentámo-nos à sombra daquele a quem tínhamos desejado, e o seu fruto é doce à nossa boca.*<sup>[274]</sup>

João Baptista, com Tiago degolado e José, marido de Maria, Ana e Joaquim, Simeão e a profetiza Ana, Estêvão, proto-mártir, e os santos meninos inocentes e outros que morreram depois do nascimento de Jesus, como Zacarias e Isabel, diziam:

Eis a nossa raça e a nossa carne, eis a Senhora e Rainha nossa.

Eis que sobe aos céus para reinar para sempre.

Ela é a nossa glória, ela a magnificência da nossa cidade.

Sigamo-la com louvores, acompanhemo-la com suaves cânticos.

*As suas faces têm a beleza da rola, seu pescoço a dos mais ricos colares.*

Nós lhe faremos gargantilhas de ouro com embutidos de prata.<sup>[275]</sup>

Como és formosa, Maria, e os teus olhos são pombas.<sup>[276]</sup>

Depois falou Pedro por todos os vivos:

É teu nome, ó Jesus, como um perfume derramado, por isso as jovens te amaram.

Eis que introduzes, ó Rei, Maria em teus aposentos, em ti exultará e se alegrará.<sup>[277]</sup>

Encontrou aquele que sua alma ama, segura-o e não o deixará.

Introduziu-o, pois, em casa de sua mãe e no quarto da que a gerou.<sup>[278]</sup>

Contemplai a Cristo Rei no seu diadema, sua mãe o coroou.<sup>[279]</sup>

Confortemo-la com flores, robusteçamo-la com frutos, porque desfalece com o amor do Filho.<sup>[280]</sup>

Leva-nos também contigo, Maria, correremos atrás das fragrâncias de teus perfumes.<sup>[281]</sup>

E, assim, todos os apóstolos, e discípulos, e fiéis, e santas mulheres e virgens escolhidas para honrarem a Mãe de Deus, ao verem Maria em tão grande glória e majestade, adoraram-na. E a todos abençoavam Jesus, seu Filho, e ela própria. No coração de cada um reinava uma grande alegria. O gozo aumentava de todo o lado.

Então Jesus, querendo que todos subissem ao Monte das Oliveiras, como que indo à frente a mostrar o caminho a sua Mãe, começou a falar-lhe deste modo:

*Vem do Líbano, esposa minha, vem do Líbano, vem.*<sup>[282]</sup>

*Levanta-te, apressa-te, amiga minha e minha pomba. Apressa-te, formosa minha, e*

*vem.*

*O Inverno passou já, a chuva cessou e foi-se.*

*Apareceram as flores na nossa terra, chegou o tempo da poda.*

*Levanta-te, apressa-te, amiga minha, apressa-te, pomba graciosa, e vem.*

*Mostra a meu povo tua graciosa face, soe tua doce voz aos meus ouvidos.<sup>[283]</sup>*

*São minhas muitas rainhas, tenho muitas concubinas, as donzelas não têm conta.*

*Tu és única, pomba minha, perfeita minha, única escolhida pela Geradora Trindade.*

*Vêem-te as filhas de Sião e proclamam-te bem-aventurada, por todo o lado te louvam todas.<sup>[284]</sup>*

[fl. 218] E dirigiu a sua Mãe quase todo o capítulo sétimo do Cântico dos Cânticos. Pois também Salomão havia previsto em espírito e escreveu este Livro não só por causa da ligação da alma santa com Deus, nem só por causa da ligação da cabeça, que é Cristo, com a Igreja, mas, mais do que isso e sobretudo, por causa da ligação do Filho de Deus com Maria, sua Mãe dulcíssima, que previra aconteceria sobretudo neste dia da sua assunção. Muita coisa do Livro dos Cânticos, portanto, usou o Senhor falando a Maria. E ela, respondendo-lhe, serviu-se também do mesmo Livro, o que pode ser por vós facilmente encontrado e aquele Pastor encontrará e comporá, não só hinos e salmos, mas também cânticos.

E assim avançava o Senhor pelos ares e Maria progredia apoiada sobre o seu dilecto. Nós, anjos, acompanhávamos, rodeando-os segundo as categorias, as hierarquias e os nossos Coros. As almas dos santos e dos justos seguiam igualmente pelos ares o Rei e a Rainha. Os apóstolos ainda vivos, e outros, avançavam ao modo humano, mas sem nenhum cansaço, sem qualquer esforço. E, no percurso, ora nós anjos, ora as almas dos bem-aventurados, ora os próprios apóstolos, tirando as palavras do mesmo Livro dos Cânticos, dizíamos: *Quem é esta que sobe pelo deserto?* Porque vinha do vale de Josafat para o Monte Oliveti. De facto ainda não subia ao Céu. Pois a seguir, quando subia ao Céu, diziam uns: *Quem é esta que sobe do deserto e da vida dos homens como suave coluna de fumo de aromas de mirra e de incenso e de todos*

*os perfumes dos mercadores?* <sup>[285]</sup>

Outros diziam: *Eis a liteira de Salomão*, isto é, Maria, a mãe do verdadeiro Salomão, Cristo. *Sessenta valentes* (isto é, valentes fortíssimos, porque aí o número dez multiplica-se pelo número seis, que é o número primo perfeito, como escrevem os homens; portanto) *sessenta valentes dos mais fortes de Israel escoltam a liteira de Salomão* (porque nós, as primeiras e as mais fortes de todas as criaturas, estávamos presentes para defender a Virgem não só em vida como também na morte e até ser levada ao sepulcro), *todos munidos de espadas e exercitados no combate.* <sup>[286]</sup> (Lutámos, de facto, contra Lúcifer, no princípio, e contra os demónios e os maus homens, muitíssimas vezes). *A espada de cada um sobre sua coxa* (porque a coragem e a força foram dadas a cada um de nós, mais ou menos, segundo a diversidade das nossas naturezas), *por causa dos perigos nocturnos* (isto é, para afastar dos amigos de Deus e dos filhos da luz os perigos que são causados de noite pelos príncipes das trevas).

*Quem é esta*, diziam outros, *que avança como a aurora que surge, bela como a Lua, brilhante como o Sol, temível como um exército formado para a batalha?* <sup>[287]</sup>

*Sai, filhas de Sião*, diziam outros, *e vede o rei Salomão com o diadema com que o coroou sua mãe.* <sup>[288]</sup>

E, entre outros, Tomé, não incrédulo então, mas fiel, chamou por Maria dizendo: Tu, Mãe de Deus, encaminhas-te para os reinos da felicidade. Deixa alguma coisa a teus fiéis como sinal de amor.

Por causa da devoção dos fiéis, disse Maria, deixei o anel com que José, meu marido, me desposou, com todos os meus vestidos e com parte dos meus cabelos. Madalena guarda consigo do leite com que alimentei a Deus e do sangue de meu Filho, que colhemos juntas, e o prepúcio, isto é, a porção da pele da circuncisão, e a película em que o meu Filho Jesus nasceu. E tu, Tomé, recebe a faixa com que me cinjo. Trouxe-a propositadamente comigo para que tu, que serás chamado incrédulo, ao acreditares mais que os outros, alargues e aumentes a fé do Senhor até à Índia Superior. **[fl. 219]**

E ao chegar ao Monte Oliveti, Maria entregou a Tomé com suas próprias mãos a faixa e deixou-o pleno de felicidade e de acção de graças.

E, assim, estando Jesus com sua Mãe entre os anjos e as santas almas um pouco elevado acima da Terra, confortou Pedro e cada um dos apóstolos, como no dia da sua Ascensão. E Maria fez o mesmo. E dizendo adeus a todos os vivos, subiam paulatinamente ao céu enquanto apóstolos e virgens, discípulos e santas mulheres olhavam e choravam e derramavam lágrimas de muita alegria, e nós anjos salmodiávamos e cantávamos. E depois de avançarmos paulatinamente, aproximámo-nos muito rapidamente do ponto mais alto do Céu, para lá do qual não podíamos ser vistos pelos apóstolos. Depois, atravessámos todos os Céus e chegámos ao Céu Empíreo, onde Cristo Senhor vive e reina pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

Agora, dilectíssimo, poderás compreender e descrever a Assunção da Mãe do Senhor e evitar erros. Não quis o Senhor adiar para o terceiro dia a ressurreição de Maria, como adiou a sua, porque não era preciso provar a verdade da sua morte e da sua ressurreição nem o cumprimento da profecia de Jonas. O seu corpo permaneceu, pois, no sepulcro dez horas, mas morto permaneceu quinze, horas que alguns contaram por dias, como tendes nas devotíssimas revelações da bem-aventurada Brígida. Fica a saber que deste mesmo modo lhe foi revelado, mas aquele que escreveu pensou consigo como teria ela ressuscitado mais depressa do que Cristo, e disse: “Devem ser quinze dias, não quinze horas.” E acrescentou razões. Corrija-se, por isso, neste ponto a revelação da santíssima esposa de Cristo, Brígida. Não foi ela a causa do erro, mas o seu confessor, que pretendeu saber mais do que convinha, crendo que ela havia entendido mal.<sup>[289]</sup> Corrija-se do mesmo modo a revelação de outra devotíssima viúva, santa Isabel, da Ordem Terceira de teu Pai, cujo confessor, crendo também piedosamente que ela entendeu mal, errou no número de dias. Ela disse, de facto, que Maria havia ressuscitado à décima quarta hora e mais meia. E ele disse, por raciocínio seu, que foram quarenta dias. Estes confessores, contudo, não morreram, mas de algum modo foram castigados.

Nem a alma da bem-aventurada Virgem subiu ao céu antes da sua ressurreição. Separada do corpo num dia, foi também nesse mesmo dia

unida ao corpo. Também o que escreve o confessor da bem-aventurada Isabel, que Maria sobreviveu um ano inteiro e tantos dias quantos decorreram da Ascensão do Senhor até à sua Assunção, está erradamente escrito, porque assim lhe foi revelado por anos inteiros e tantos dias, anos de que já te falei.

Os apóstolos, então, cheios de contentamento e alegria voltaram a Jerusalém com as santas mulheres, mas não com Maria, Mãe de Jesus. E começaram a sentir fome e jantaram juntos em Jerusalém, em casa de Lázaro, e persistiam na palavra do Senhor. E concluído o último Sínodo, e solucionadas muitas questões relativas aos ritos dos gentios e às práticas religiosas e às obrigações legais, e dado a conhecer que os gentios não deviam ser submetidos às referidas obrigações da Lei e depois, enquanto os apóstolos se não distribuía por todo o orbe da Terra, inspirados pelo Espírito Santo, promulgaram e tornaram conhecido que, desde então, a nenhum homem, nem grego nem judeu, seria lícito ser **[fl. 220]** circuncidado ou observar os preceitos legais, porque esses eram figura da Nova Lei e sombra que, com a chegada da verdade das coisas, deviam desaparecer.

Deve, pois, ter-se por seguro e de modo nenhum se deve duvidar de que a circuncisão e outras práticas religiosas judaicas são funestas para todo o homem, para o judeu, primeiro, e também para o grego. No princípio, contudo, isso não foi ilícito nem proibido aos judeus convertidos, mas, por fim, sob a acção do Espírito Santo, foi isso totalmente proibido, mesmo aos judeus. Na verdade, aos apóstolos, enquanto judeus, afigurava-se impiedade abandonarem as práticas religiosas próprias. Mas, instruídos pelo Espírito Santo, por fim, na sua última separação, todos os apóstolos em uníssono decidiram e determinaram que, a partir de então, a ninguém seria lícito circuncidar-se ou observar sob preceito a norma ritual, ou depositar esperança alguma nos mandamentos da Velha Lei. Desde então os apóstolos dividiram-se por todas as províncias do orbe. E cada um repousou na sua província, menos João, que foi trasladado de Éfeso para

o Paraíso, e Pedro e Paulo, que foram mortos em Roma no mesmo dia. Sim, Pedro, no lugar em que tu oras. Perto dele, como é sabido, foi preso à cruz de cabeça para baixo. E Paulo foi degolado no mesmo dia, no lugar a que chamais Três Fontes. E é verdade que a sua cabeça cortada deu três saltos clamando “Jesus”, conforme escrevem os vossos. Tende esse lugar como lugar de exceção e de muita devoção. Paulo, na verdade, é vaso de eleição divina e facho da fé cristã. As três fontes são a prova verdadeira em sinal dos três saltos e das exclamações.

Meu senhor, disse então eu que me havia mantido calado por muito tempo, que cântico cantáveis quando Maria subia ao Céu juntamente com seu dilecto Filho?

Escreve-o e guarda-o, respondeu ele. Foi este:

Do tronco de Jessé surgiu um rebento, de sua raiz brotou uma flor.<sup>[290]</sup>

Eis que ela de novo avança como suave coluna de fumo de mirra e incenso.<sup>[291]</sup>

Esta é Maria, cadinho de todo o perfume, única sempre bendita.

Esta é Mãe única do Verbo de Deus, Progenitora do Criador de todas as coisas.

Esta permaneceu na Terra depois do Filho e com méritos aumentou os méritos.

Mereceu só ela mais que todos, mais que todos foi proveitosa a seu povo.

Muitos acumularam riquezas de merecimentos, ela superou-as a todas.<sup>[292]</sup>

Eis que cada Coro de anjos leva mil milhares de presentes.

É grande e incomparável esse tesouro, incomensurável e inexaurível.

*Sião soube disso e alegrou-se, exultaram as filhas de Judá.*<sup>[293]</sup>

Consumados, pois, os incontáveis méritos, aproximou-se a hora da sua morte,

Convergiram todos os apóstolos, do Paraíso trouxe eu, Gabriel, a palma,

Todos a elogiavam e um a um suas virtudes enumeravam.

Paulo foi posto no lugar de Tiago, cuja alma, contudo, estava lá.

A todos agradeceu, a cada um individualmente disse adeus.

Feliz, subiu ela a seu leito, pelo poder de Deus a alma do corpo se separou.

Não foi só isenta de dor, mas exultou também de alegria.

Henoc e Elías no Paraíso visitou, libertou os que em penas estavam. [fl. 221]

Entre hinos e cânticos os apóstolos e os anjos seu corpo levavam.

Gente pérfida ousadamente os ataca e como cega é prostrada por terra.

Só da comunhão vivem os crentes e não têm fome ou estão sequiosos.

Em fina mortalha é o corpo envolto e em sepulcro novo é depositado.

Pela manhã, feliz torna a alma, pelos anjos e já pelos cativos é acompanhada.

Desce do Céu o Verbo-Homem, traz consigo todos os bem-aventurados.

A alma santa saúda, de novo deseja a paz costumada.

Todos exultam com a visão do Senhor, jubilam em Deus, seu Salvador.

Tinha jazido por dez horas já, e a alma por quinze estivera sem corpo.

Entra com os anjos no monumento, logo acontece grande portento.

Ao corpo se une a alma bendita e logo o corpo se glorifica.

Do sepulcro sai alegremente, por todos Maria é vista imortal.

Todos os anjos a adoram, veneram-na os apóstolos todos.

Do vale é levada ao Monte, avança sumamente alegre.

Pelo ar progredia o Senhor, em si apoiada prossegue Maria.

Nós, os anjos, assistíamos e todas estas coisa víamos.

Prostrados, prestámos obediência a Maria, prometemos para sempre servi-la.

Eis que agora subimos em júbilo, os apóstolos na Terra deixámos.

Todos olham de baixo para nós, todos perscrutam o céu.

Bendigamos o Pai e o Filho, bendigamos o Espírito Santo,

Louvemos a Deus Trino e Uno, glorifiquemo-lo para sempre.

Quotidianas e indefectíveis são as nossas vozes e os nossos cânticos,

disse o anjo. Maria é glória da raça humana e grande ornamento dos anjos e honra e esplendor de todas as criaturas.

Meu senhor, perguntei eu então, que lugar ocupa a Mãe e de que lado está de seu Filho?

Maria, respondeu o anjo, não está propriamente à direita ou à esquerda de seu Filho, mas diante dele, de tal modo que se vêem sempre mutuamente. A cabeça do Senhor está um pouco mais alta que a de Maria e, desse modo, subiam também do vale ao monte e do monte ao Céu. Assim andam pelo Céu Empíreo, de modo que nunca o Senhor desvia sua face da face da Mãe.

No passado, disse eu de novo, havias prometido a Lucas que me revelarias um Evangelho sobre esta assunção.

Dizes bem, respondeu. Foi então escrito, mas não foi então o tempo para anunciar a glória da Mãe, quando mal podia defender-se a glória do Filho. Ora o Evangelho segundo Lucas é este: Completaram-se os dias de Maria passar deste mundo para junto de seu Filho Primogénito. E foi enviado até ela o anjo Gabriel com a palma da vitória que devia ser levada à frente do féretro. Ouvindo estas coisas, que lhe não eram desconhecidas nem desagradáveis, não se perturbou nada. Desejava, de facto, deixar o mundo e estar sempre com seu Filho Unigénito. Chegou imediatamente aquele discípulo que Jesus amava e a quem, da cruz, dissera: *Eis a tua Mãe!* Chegou também Pedro com todos os apóstolos e os discípulos mais importantes. Estavam lá também Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e a mãe dos filhos de Zebedeu. Estavam também muitas virgens e santas mulheres. Expressou cada um a sua opinião e orientou-a para os louvores da Virgem Mãe. E a cada um deles respondeu Maria com humildade e a todos igualmente [fl. 222] abençoou. Subiu na presença de todos a seu leito e, com grande alegria, a alma saiu de seu corpo. Ao chegar aos infernos e ao Paraíso, libertou quantos amigos tinha visto em penas. O corpo foi levado para o vale de Josafat e, envolvido num lençol por estrear, foi depositado num túmulo novo onde ninguém havia sido depositado ainda. Pela manhãzinha, a alma voltou para junto dos apóstolos. Veio então o

Senhor Jesus na sua majestade com toda a milícia do exército celeste. *A paz esteja convosco*, disse a todos. Os discípulos ficaram cheios de muita alegria ao verem o Senhor, que era esperado. Saudou a feliz alma e abençoou todos os discípulos e ordenou que a alma se unisse de novo ao corpo. Maria ergueu-se e, extremamente bela, saiu do túmulo, pelo ar avançou com o Senhor em direcção ao Monte das Oliveiras, sendo acompanhada pelos anjos e pelas almas santas. Entregou a Tomé a faixa e, à vista de todos, é levada ao Céu diante de seu Filho e senta-se na glória da majestade. Os apóstolos com os discípulos e com as santas mulheres regressaram a Jerusalém dando graças por tudo quanto ouviram e viram, anunciando no meio de todos os povos as grandezas do Senhor. Fim.

Olha que ouviste e viste os grandes mistérios da fé cristã, fé que, com o advento do novo Pastor, se renovará como a águia e se rejuvenescerá, e com a chegada daquele Pastor de quem muitas vezes falei se renovará. Então será cumprida aquela passagem do Apocalipse: *Vi a Cidade Santa, a Nova Jerusalém, que descia do Céu, de junto de Deus.*<sup>[294]</sup>

Esta Nova Jerusalém é a própria Roma, para a qual transferiu Deus o seu reino e o sacerdócio, a qual por estes dias será outra vez renovada e presidirá a todo o mundo. E este Pastor assemelhar-se-á ao rei David porque, assim como ele renovou a própria Jerusalém e nela estabeleceu a sua cidadela e a sua cidade, assim este reformará a nova Jerusalém, isto é, Roma e a Igreja. E assim como David se criou naquela antiga Jerusalém, assim também este nesta nova Jerusalém. E será o verdadeiro filho da Igreja e o Pastor por todos aceite, por Deus e pelos homens. Dar-lhe-á o Senhor a graça e a prudência e desatará o nó dos seus lábios e da sua língua e terá sempre claramente em sua boca as grandes obras do Senhor e todos ouvirão a sua voz. Unirá em união perpétua a Igreja ocidental com a oriental. Criará de entre os orientais dez cardeais, e dois grandes patriarcados no ocidente. Assisti-lo-ão, entre outros, sete varões e prelados muito dignos, do mesmo modo que perante Deus estão sete anjos. Enviará legados por toda a Terra para velarem pelas ovelhas de Deus. Ele entregar-se-á às coisas divinas.

Estabelecerá um dos cardeais que se ocupará das temporais. A paz universal e a reforma voltarão.

Os venezianos e a Itália inteira unir-se-ão a ele e ajudá-lo-ão e prepararão uma frota. E, pacificado o mundo, a todos ensinará a vontade de Deus, e viverão na pureza da fé e no temor de Deus durante todo o tempo.

Os florentinos amarão e aceitarão o Pastor eleito e cumprirão suas admoestações e preceitos mais que os outros e auxiliá-lo-ão em todo o seu bom propósito. E auxiliarão na conversão que deve ser feita dos infiéis. Abandonarão os muitos pecados em que [fl. 223] por muito tempo viveram e alegrar-se-ão na fé de todos os infiéis, porque a fé do Senhor estará em todo o mundo. Mas estes, isto é, os florentinos, antes de tudo isto e rapidamente, porque em tua vida os seus gravíssimos pecados estão ocultos por muitas esmolas e boas obras, sofrerão muitos tumultos e maquirarão muitas traições entre si. E não passará muito tempo sem que a traição daqueles que se levantam contra os cidadãos mais importantes se manifeste, com prejuízo de ambas as partes, contudo. E, por essa razão, terão contra si os grandes e poderosos e suportarão incontáveis danos e vencerão.

E, antes de chegarem os tempos felizes, os venezianos unir-se-ão, recearão, suspeitarão e, não sem fraude, terão amigos. Comportar-se-ão com prudência e guardar-se-ão para uma futura libertação. Ganharão e perderão. E, por fim, obterão aquilo que desejam e há tanto tempo sonharam.

A Inglaterra está lá num ponto muito retirado. Poderá ser afectada, mas mais vezes se prejudica a si própria.

A Escócia, sua rival, agitar-se-á algumas vezes. Até esses felizes tempos assinarão a paz, mas com palavras, não de coração.

A Hespéria de muitos reinos formará um só. *A mulber rodeará o homem.*<sup>[295]</sup> Submeterão ao Senhor nova gente, rasgarão os tratados, combaterão e lutarão. Os reis, desavindos por muito tempo, viverão em harmonia. Novos fariseus tentarão insinuar a discórdia e não o conseguirão, porque contra o Senhor não há sabedoria nem conselho. Antes de chegar o Pastor não se

verificará a verdadeira sujeição dos infieis.

Não deveis depositar confiança nem na Panónia nem nos reinos que lhe são próximos. Andarão ao sabor dos outros.

A desobediência da Germânia e a inépcia e intemperança dos seus príncipes prolongarão o tempo de felicidade.

Com o grande Pastor surgirá o grande Rei e, nesse tempo, a vontade de Deus será cumprida.

Estes segredos não devem dar-se a conhecer a todos, mas publicá-los-á o bendito Pastor escolhido que Deus, como ouviste, há-de enviar brevemente para consolação dos fiéis e conversão dos gentios. Por ele será iniciada, de facto, a promulgação do Livro e, por seu intermédio, realizará Deus tudo quanto eu disse. Mas tu irás para outra cidade e lá, com a graça de Deus, fecharás teus olhos e alegrar-te-ás em Deus, teu Salvador.

E deste modo desapareceu a visão.

Sejam todas estas coisas para honra e glória de nosso Senhor Jesus Cristo, Filho Unigénito da Virgem Maria.

Ámen!

## NOTAS À TRADUÇÃO

[<sup>1</sup>] 1 Cor 1:27

[<sup>2</sup>] Apoc 19:7

[<sup>3</sup>] Jo 16:22

[<sup>4</sup>] Hab 2:3

[<sup>5</sup>] Sl 39:18

[<sup>6</sup>] Lc 21:28

[<sup>7</sup>] Apoc 7:9

[<sup>8</sup>] Mt 19:28

[<sup>9</sup>] Mt 19:27

[<sup>10</sup>] Gn 1:1

[<sup>11</sup>] Eccli 1:2

[<sup>12</sup>] Job 38:4.7,

[<sup>13</sup>] Gn 1:3-4.

[<sup>14</sup>] Sl 144:4,

[<sup>15</sup>] Gn 1:16

[<sup>16</sup>] Ecos de Ovídio, *Metam.* VII, 21 – “*Video meliora proboque, deteriora sequor*”; ou de S. Paulo, *Rom* 7:15. – “*non enim quod uolo bonum, hoc ago, sed quod odi malum, illud facio*”.

[<sup>17</sup>] *Gn* 1:3.

[<sup>18</sup>] *Gn* 2:26,

[<sup>19</sup>] *Gn* 1:26.

[<sup>20</sup>] Por isso vos proibiu, *é conclusão de apenas M (in marg.) NO (sup lin.)*

[<sup>21</sup>] *Gn* 2:17

[<sup>22</sup>] *Gn* 3:5.

[<sup>23</sup>] Sl 48:13.

[<sup>24</sup>] *Gn* 3:19.

[<sup>25</sup>] *Gn* 3:16.

[<sup>26</sup>] Act 1:7.

[<sup>27</sup>] *Gn* 2:17.

[<sup>28</sup>] *Gn* 1:27.

[<sup>29</sup>] *Gn* 1:30-31.

[<sup>30</sup>] *Gn* 1:27.

[<sup>31</sup>] *Gn* 1:30.

[<sup>32</sup>] ou seja, Moisés.

[<sup>33</sup>] Eccli 1:2.

[<sup>34</sup>] *Gn* 3:22,

[<sup>35</sup>] *Gn* 1:26,

[<sup>36</sup>] O texto latino é pouco claro. Obedeceu-se menos à coerência dos manuscritos do que à lógica do pensamento.

[<sup>37</sup>] *Gn* 3:5.

[38] Sl 50:7,

[39] Ez 18:2.

[40] Séneca, *Cartas a Lucílio*, carta XXIV.

[41] Gn 27:28.

[42] Apoc 14:4,

[43] Mt 3: 9; Lc 3: 8.

[44] Sl 44:10.

[45] Lc 1:47.

[46] Tit 1:15.

[47] mens sana in corpore sano.

[48] Jo 1:12.

[49] Prov 31:30,

[50] Prov 9:10.

[51] Sl 83:11,

[52] Sl 83:10,

[53] Sl 92:5,

[54] Sl 131:14.

[55] ]Sl 117:23.

[56] Gn 1:22,

[57] Jer 31:22,

[58] Is 7:14

[59] Sl 44: 3.

[60] Ex 33:11,

[61] Jdt 15:10,

[62] Bar 3:24.

[63] 63Derivação do verbo *celare*, ocultar.

[64] Sl 41:6.

[65] Mc 7:28.

[66] 1 Cor 2: 9; (Is 64:3).

[67] O Monte Gargano, que circunda o Golfo de Manfredónia, a norte de Bari, na Itália do sul, albergava desde o séc. IV, como o Mont-Saint-Michel, na Normandia, haveria de albergar a partir do séc. XI, um santuário em honra de S. Miguel, que eram centros de peregrinação.

[68] Is 12:3.

[69] Lc 7:47-49.

[70] Jo 20:11,

[71] Lc 7:36,

[72] Mt 26:13.

[73] Lc 15:31,

[74] Mt 20:13,

[75] Mt 20:15

[76] 2 Tim 4:6.

- [77] Ex 33:11.  
[78] Sl 127:1,  
[79] Sl 71:8,  
[80] Sl 71:11,  
[81] Sl 71:10,  
[82] Sl 71:5,  
[83] Sl 71:17,  
[84] Sl 71:19,  
[85] Dan 7:9.  
[86] Is 11:1.  
[87] Lc 1:28.  
[88] Sl 8:2.  
[89] Gn 2:24.  
[90] Lc 1:38.  
[91] Sl 117:24.  
[92] Sl 115: 2,  
[93] Jo 1:14,  
[94] Jo 1:14,  
[95] Jo 10:11,  
[96] Jo 10:15,  
[97] Mt 18:20.  
[98] Mc 14:34,  
[99] Lc 22:42,  
[100] Is 63:1,  
[101] Ef 3:10.  
[102] Lc 1:26,  
[103] Jo 1:1.  
[104] Sl 50:19.  
[105] Mt 1:25  
[106] Lc 1:60.  
[107] Lc 1:42,  
[108] Lc 1:42,  
[109] Lc 1:46-47.  
[110] Sl 103:2.  
[111] Apócrifos da Infância.  
[112] Referência crítica aos Apócrifos da Infância.  
[113] Sl 146:5.  
[114] Gn 22:16,17.  
[115] Sl 147:9.  
[116] Is 9:6,  
[117] Dn 2:44  
[118] Sl 117:22; Mt 21:42; Mc 12:19; Lc 20:17.

[119] Ag 2:7,10

[120] Gn 49:10.

[121] Is 9:6

[122] Mal 3:1

[123] Miq 5:2

[124] Is 7:14

[125] Is 11:6,8

[126] Is 2:2

[127] Is 2:2

[128] Is 2:2

[129] Gn 49:10

[130] Ag 2:8.

[131] Dan 9:24-26.

[132] Sl 47:4

[133] Sl 47:4.

[134] Quaesierunt igitur adolescentulam speciosam in omnibus finibus Israel et inuenerunt Abisag Sunamitin et aduxerunt eam ad regem. 1 Reg 1:3.

[135] Factus est igitur sermo Domini ad Heliam Thesbiten... 1Reg 21:17.

[136] Jer 23:5

[137] Is 7:14

[138] Is 62:2

[139] Sl 97:3

[140] Lc 1:47.

[141] Sl 88:27, 28

[142] Jer 31:22

[143] Is 7:14

[144] Is 11:5

[145] Lc 10:19.

[146] Rm 9:25 (Os 2:25).

[147] Dan 9:27

[148] Sl 79:15,16

[149] Sl 79.

[150] Ex 21:24

[151] Jo 15:24.

[152] “Alguns, respondeu, opinam que Cristo Senhor, logo depois da referida disputa, tendo obtido autorização de sua Mãe, depois de a deixar no Templo, terá subido ao Céu e aí permanecido até ao baptismo de João. E aduzem o próprio Senhor, ao falar de si: *Ninguém sobe ao Céu a não ser aquele que do Céu descen.* E noutro lugar escreve-se: *Quem é da Terra, fala da Terra, mas quem veio do Céu, está acima de todos.*” Assim resumem esta passagem os manuscritos que a suprimem.

[153] Jo 14:2

[154] Jo 3:31

[155] Jo 3:13.

[156] Fil 2:9.

[157] Mt 26:26; Mc 14:22; Lc 22:19.

[158] Mt 26:28; Mc 14:24.

[159] Jo 19:26

[160] do Cânon da Missa

[161] Jo 11:14.

[162] Mt 26:26,

[163] do Ordinário da Missa,

[164] Jo 13:34,

[165] Jo 13:15.

[166] Cânon da Consagração,

[167] Jo 11:43,

[168] Lc 7:14,

[169] L.A. IX,91,

[170] Jo 11:14,

[171] Lc 1:42,

[172] Gen 3:17.

[173] Dt 32:15

[174] Foi na definição dos privilégios de Maria, conceição imaculada e assunção, que Sisto IV teve papel decisivo.

[175] O período durante o qual o corpo de Cristo esteve no sepulcro, o designado tríduo pascal.

[176] Jo 6:54

[177] Jo 3:5

[178] Jo 6:54.

[179] Dn 3:8-30.

[180] Jo 6:52

[181] É a Festa do Corpo de Deus.

[182] Is 6:23

[183] 1 Jo 5:7.

[184] Petrus Aureoli ou Aureolus, *doctor facundus*, †1322, franciscano, era mestre de teologia em Paris e arcebispo de Aix-en-Provence. Opôs-se a S. Tomás e a Escoto, defendendo uma doutrina considerada precursora da de Occam.

[185] Is 9:6

[186] Prov 30:4

[187] Mt 11:25; Lc 10:21

[188] Mt 11:25; Lc 10:21

[189] Mt 11:27.

[190] Mt 28:19

[191] Act 20:35.

[192] Gn 1:1.

- [193] Sl 36:27  
[194] Ecl 12:13  
[195] Jo 3:13  
[196] Jo 3:13.  
[197] Jo 20:17  
[198] Sl 83:3  
[199] Lc 1:46,47  
[200] Gn 27:29.  
[201] Sl 118:140  
[202] Sl 18:11  
[203] Lc 24:25  
[204] Lc 24:49  
[205] Mt 15:24  
[206] Mc 16:15  
[207] Mt 28:19  
[208] Mc 16:16.  
[209] Mc 16:17,18  
[210] Jo 20:17  
[211] Sl 46:6  
[212] Sl 46:2  
[213] Sl 46:7,8  
[214] Sl 96:6  
[215] Sl 97:5,6  
[216] Sl 97:1  
[217] Sl 98:2  
[218] Sl 102:19  
[219] Sl 95:2  
[220] Ef 4:8,9  
[221] Os 13:14.  
[222] Sl 104:43  
[223] Is 63:1  
[224] Sl 23:8  
[225] Sl 23:10  
[226] 1Cor 15:10.  
[227] Apócrifos Assumpcionistas.  
[228] Lc 1:38  
[229] Lc 1:48  
[230] Lc 14:11  
[231] Mt 18:14.  
[232] Is 11:1  
[233] Lc 1:48  
[234] Cícero, *De senectute* XVI, 55

[235] Fl 2:8.  
[236] Lc 2:35  
[237] Sl 41:8  
[238] Prov 31:29  
[239] Prov 31:10  
[240] Rm 8:28, 241  
[241] Ti 1:15  
[242] Jz 5:31  
[243] Jz 5:31  
[244] Sl 44:3  
[245] Gn 1:2.  
[246] Sl 123:5  
[247] Cant 3:4.  
[248] Mt 23:11  
[249] 2 Co 8:18  
[250] Mt 23:11; Mc 10:43  
[251] Sl 112:6.  
[252] Sl 93:19.  
[253] Gn 3:16  
[254] Jo 21:21,22  
[255] Act 20:35  
[256] Sl 56:8  
[257] Sl 113:1  
[258] Sl 113:4,5  
[259] Sl 113:4  
[260] Sl 113:10  
[261] Sl 113:12  
[262] Sl 113:16  
[263] Sl 113:17  
[264] Sl 113:20  
[265] Sl 113:22,24  
[266] Sl 113:26.

[267] “Nulla autem pars perfecta est a suo toto separata.” Summa Theologiae, Prima Pars, Quaestio LXI, *De productione angelorum in se naturae*, art. 3.

[268] Mt 11:29  
[269] Presumivelmente Constantinopla acabada de cair em mãos turcas.  
[270] Cant 4:8  
[271] Jdt 15:10  
[272] Cant 2:2  
[273] Sl 44:3  
[274] Cant 2:3  
[275] Cant 1:9,10

[276] Cant 1:14

[277] Cant 1:2,3

[278] Cant 3:4

[279] Cant 3:11

[280] Cant 2:5

[281] Cant 11:3

[282] Cant 4: 8

[283] Cant 2:10,14

[284] Cant 6:7,8

[285] Cant 3: 6

[286] Cant 3:7, 8.

[287] Cant 6:9

[288] Cant 3:11

[289] Cum essem in valle Iosaphat, ad sepulchrum gloriose virginis orans, apparuit michi eadem virgo, choruscans splendore nimio dicens: 2 “Attende, filia! Ego, postquam filius meus ascendit ad celos, vixi in mundo per XV annos et tanto tempore plus, quantum est de festo Ascensionis eiusdem filii mei vsque ad mortem meam. 3 Et tunc mortua iacui in isto sepulchro per XV dies. Deinde fui assumpta in celo cum infinito honore et gaudio. S. BIRGITTA OF SWEDEN, *Revelationes*, Book VII, Chapter 26, Edited, Birger Bergh. [http:// WWW.umilta.net/bk.html](http://WWW.umilta.net/bk.html).

[290] Is 1:1.

[291] Cant 3:6.

[292] Prov 31:29

[293] Sl 96:8.

[294] Apoc 21:2.

[295] Jer 31:22.

## APÊNDICES

### 1 - Apêndice do *Código 402* da Biblioteca Trivulzio, Comuna de Milão – *M*

Georgius Benignus 1502

Et quia iugiter in mente sua Genitricem Dei Marie gerit, quicquid voluerit ab ea impetrabit et hec cum multis aliis que nunc scribere nequeo legimus. Et sunt verba eius quasi per ordinem dicta: letare, mi notissime, nunc est dies Veneris, dies passionis et turbationis. Cito veniet auxilio de sancto ne dubites. Fiet unio, fiet concordia. Fiet unum ovile et unus pastor. Et Florentia quandoque ter nominat aperte, sedabit rixas pacataque perseverabit, rebus longe amplioribus potita durabit.

Vale felix, nequeo plura. Die 25 Junii 1502.

La prophetia de sancta Brigida que *vulgariter reperitur* non ho troppo gran pratica pure la vederò per vestro amore. Ma costui parla chiaro e narra più presto como evangelista che propheta. Breviter gran parte de queste prophetie s'acorda con quelle.

Vale felix. Die 6 Augusti. Benignus.

\*

Voi mi confortate a preparatione evangelica e fate bene c/io mi sforzarò di farlo pro posse come etiam fa el Rev.mo Cardinale Sancte Croce e lo vescovo compagno mio et io suo in questa impresa, ma non per che habi quella fantasia anche nui (?) habia la sorte et la preordinatione divina cadere sopra di me. Ma per che mi basta di vedere tanto triumpho che in verità non solo essere quello ma pure di vederlo no mi pare essere degno. Potrebe bene advenire quello che io fossi in numero di quelli deci. Sia quello che piace a Dio pure che *veniat desideratus novus*.

Racomandatime a quello che bene dico a tutti gli amici nostri. Fate moto al mio paradiso et dite loro che questa è la terza volta che io ho cantato la messa sopra l'altare dove fu sepulta la nostra madre sancta Brigida con gran consolatione, dove è ancora una gran parte delle sua sancte reliquie. A voi mi aricomando.

Romae die 13 Augusti 1502. Benignus  
Data a Roma a di 15 de Agosto. De di 20 di decto 1502

\*

Ma *dico tibi et crede mihi* che, non obstante el confino a me fato, io amo più voi che nisuno sia di fori et più la cità in generale che loro. Et quanto a me non vorei altro che ognuno sistesse in casa sua se possibile fusse. Et questo volere più presto per bene commune che particolare. Et quando io vedesse ch'el bene commune fusse anulato como havesse andare melio per commune senza ben particolari, tanto amore porto a la cità in se che no solo loro, ma voi che siati unum mecum et io medesimo più presto havesimo tutta la vita nostra essere exuli che la cità perdesse come fa et fussi male assiectata.

Nota che qui non dice dela prophetia dela communità. Ma io ve dico che al'ultimo nel 1515, nel principio o nel fine sarà vero in tutta perfectione. Et questo si sa e per questo libro et altri con gran favore della patria che altramente non si debe desiderare ne fare. [...] Ma che la cità e cittadini habiano a fiorire nel 1514 o cossi intorno non dubito. [...] Dice in uno loco *quod hec secreta sunt publicanda post electionem illius benedicti pastoris quem Deus missurus est ad consolationem fidelium et conuersionem gentilium. Et quamuis ea antea elctionem in aperitione libri cognoscat et sciat, antea tamen non promulgabit, ut opus Domini ab illo incipiat et per illum in alios transeat.* [...]

Quando non avesse a essere altro, io sono contento dela consolatione che nel quiete mi sento per la mutatione dela vita mia senza però simulatione et hypocrisia.

Ubertine felix. Rome die 20 Augusti 1502  
Benedictio da Roma ad primo di Settembre de di 27 Agosto 1502  
Data a Roma a di primo de Octobre 1502.

\*

Ubertino mio caro, chredetimi che libro originale non lo ha lecto homo che viva, excepto el vescovo mio compagno e poi lo Cardinale Sancta Croce. Et hora nisuno lo pò legere, excepto la sua Signoria et io in camera sua stando et non altramente, che di fora portare non si pò. E sua camereri non lo possono più vedere, lo tiene in la casseta incluso la chiave porta lui. Quando io volio me la presta *tociens quotiens*, per che gli pare non lo dovere negare a me, el quale prima che lui lo lecto tutto. E anche gli pare ch'io qualche cossa ho a essere, almeno uno de quelli cadinali orientali. Immo più vi dico che non vole si dica che labia lui per che ... gli direbe molestia. Più quando alchuno de gran maestro le domanda se la lecto *et quid est intus*, lui mostra di non stimare. E più volte dice che credete, sono cosse de frati certe (?) loro devotioni e loro meditatione. E con questa cautella mitiga la loro bramosa voglia siché M Franciscus non la ne avuto ne veduto ni se exemplato da quello in quelle cosse vo scripto, siché io

ogni settimana ne posso cavare qualche particola, ma dare el libro a uno scriptore non si pò.

Vi contenterò in questo modo scrivendo questi sermoni in prima, dove sono cosse belle.

Ubertino mio, et multa [...] Voi ne adirereti mecho che non vi scrivo però nulla. Sapiate che ele cavato del libro io non ho più. Solo ho cavato el sermone di Sancto Johanne Baptista ad Herodem, ma non lo mando per che ne voglio copia apressa a me.

El libro è tanto divulgato che è venuto a le orecchie del papa. E in primo el Mo. S. nostro lo tene più oculto e vole ch'il se dica che non la. *Et despicit librum coram aliis*, dicendo: sono *somnia fratrum*, per levarsi le baie dintorno. Mandarovi quello sermone che veramente è cossa divina poi començarò dal principio del libro più necessari per che non si possino. Se *de uerbo ad uerbum* non si scriveno pure da sabato *tamen* la vi mandarò el principio e scriverò quanto potrò e più serà a me possibile per consolarvi. [...] *Et uidebis et afflues et mirabitur et dilatabitur cor tuum. Sed timeo Dei secreta propalare.*

*Inuenimus mirabile quid extra librum* nella grotta del detto Amadio, cossa mareveliosa, quasi tutte le cosse da *per se* del futuro pastore et depingelo in habito di frate minore et quasi lo nomina. E lo nome sarebe molto per uno nostro. El Cardinale disse: in verità questa effigie è del tale. Ma io certamente per questo più me aumilio et mancho stimo sia di colui et [...]. Ma duna cossa mi rendo lo spirito certo, che noi saremo amici di colui et coadiutori, che non è pocho. Immo e dona inestimabile. Vederò di averne et fare se potrò cautamente ritrare quella figura. Non vi posso più scrivere per hora, perdonatime. Lego una lectione di Scoto a dua doctori theologi in secreto. [...]

*Vale felix mi, Ubertine suavissime. Rome, Kalendis Octobris, 1502. Benignus*

\*

Ubertino! Non vi posso scriverne *archana ingentia nuper reperta que confirmant omnia quondam prophetis dicta. O quantum cuperem ut ea videretis, magna, magnalia, secreta mirabilia que cito, cito, cito operabitur Deus in Italia et in Ecclesia sua.*

Vale felix. 1502 a di 27 de Mazo. Benignus

\*

Ubertino, voi mi scriveti vi debia notificare le prophetie qui novamente trovate. Havete inteso nominare uno frate nostro chiamato beato Amadio, fondatore duna regolare observantia e più anni sono ho desiderato che sua frati havesino uno loco apresso a Firenze, faresti bene a praticare questo, sed *de hoc alias.*

Costui ha fatto uno libro grande como Augustino *De Civitate Dei*, elquale comandò si tenesse in custodia in fino che idio mandasse uno a chi tocava ad aprirlo e brevemente certi frati circha a tre volte tentarono daprirlo, in infra pochi di, subito amalati, morirno.

Costui mori al tempo de Sixto.

Questo libro lo tiene Sixto, tenelo poi *etiam* Innocentio, ma nesuno di loro fu ardito ad aprirlo per casi intervenuti aquelli frati.

Ora el Cardinale di Sancta Croce, homo doctissimo in ogni bon costumi, da alchuni pregato, essendo protectore dela dita Congregatione, ordinò con el nostro generale, homo de vita optima e sancta, questo libro doversi aprire e finalmente conclusino che a niuno questo si poteva comettere melio che a me, fumi dito. Io in vero hebe non pocha paura. *Tandem* uno vescovo del'ordine nostro che sta con lo Cardinale di Sancta Croce cominciomi a confortare et promise di volere esse primo ad aprirlo. Et cossi, die statuto, andamo in S. Piero in Montorio elo vescovo canto la messa. *Post secreta, liber in altari coram Generali et iussu eius a nobis apertus et nobis duobus ad legendum traditus est. In quo refoformatio Ecclesie et conversio infidelium omnium et electio mirabilis noui pastoris, regni Christi pacatum purumque ac nitidum diebus his fore predixit; multissimi passi dela Sacra Scriptura, de creatione mundi, angelorum, Ade et Eue mirabiliter declarat non ipse, sed Gabriel Angelus.* Vera costi el nostro generale fateli vezi *quare ipse est pontifex futurus.*

*Vale felix, et me commenda amicis. Doleo infortuniis presentibus et futuris usque ad paruum tempus civitatis mee, florebit cito et liberabitur.*

Roma die 18 Junii, 1502. Benignus

*Nemini dixeritis*

\*

Ubertino mio. Dopo quelle due insieme ho avuto un'altra vestra, eri mi fu presentata da uno servitore del Cardinale. Comparsimi che fussi stata aperta. Scriveti cossi li dirò io che non li mandano qui in casa. Ma io o vero o mandarò per essi e non vorei costoro sapissino che io vi revelassi tali secreti, che il Cardinale tiene questo libro per uno oraculo e asse securato a legerlo lui medesimo *ita et taliter* che noi non lo possiamo vedere più, ma che io ho cavato parecchi passi *de verbo ad verbum* e so a mente tutte le materie de loquale tracta.

Quello che scriveti di me doversi adimpire, a me anche è passata qualche fantasia per la mente propter tria:

Primo per che disse: *nunc est Rome. Verum est.* Immo più volte andai per vederlo e fomi mostro la crota dove stava tal volta cinque di solo chiuso con uno pane e uno pocho daqua;

Secundo per che disse: costui a la lingua uno pocho impedita e che allora *Deus soluet vinculum labiorum eius et loquetur aperte et omnes audient vocem eius;*

*Tertio quia dixit quod Deus purgabit eum a (pro) multis peccatis, quia erit deuotus Genitricis sue et semper habebit eam in corde et in ore suo.*

Arente dimeno, io in verità non penso questo, ne *credo neque uideo modum. Sed hoc bene credo* che havendo costui a creare x cardinali orientali, e proprie dite cossi orientali e non dici ne greci ne altri, siché forse potrei capare infra tanti. Quatro siamo aperitori del libro, ognuno di loro crede per si stesso. Io credo per uno di loro, maxime per quello vero gia scripto. *Fiat uoluntas Dei*, ho di summa gratia solo essere consio di tanti misterii e servitii e di vedere la conversion deli infideli e unione deli orientali e occidentali insieme.

Data a Roma a di 20 de Iulio, 1502. De di 16 di decto.

\*

Queste litere sono copia dele litere che scrisse maestro Zorzo Benigno *re et nomine* amico di Dio e dela nostre Virgine, greco dela provintia de Valechia dela terra nominata Argentina, Ragosa

Lequale litere scrisse lui con soe mane a Ubertino, cittadino di Firenze de risaliti quando fu aperto lo divino libro del Beato Amadio intitolato *Apocalypsis Nona*. Laqual apertura fu fata per lui, como si contiene inquesto principio de queste litere. E avegna che non si possa opponere niente di meno, io, frate Michele da Trecha, dela povera familia del beato e sancto Amadio, intendo *etiam* narrare e testificare a corroboratione di questo *qualiter* frate Ysaia da Varese mi disse a Milano, in Sancto Angelo, nel 1513, a di 8 di Marzo, como quando fu aperto lo libro del beato Amadio fu nel anno del Signore 1502, tra la Pascha et Lascensa.

Et io anchora ho per própria bocha del benecto Benigno, arcivesco de Nazareto, dito *intra et extra, sed alias* maestro Zorzo Benigno, como fu aperto la septimana da po la octava dela resurrectione del Signore, laqual fui a di 26 de Marzo. Como maestro Egidio, Generale del Ordine di Sancto Francesco, comando per sancta obedientia a maestro Zorzo, greco, etiam lui de lordine, ut supra, et a monsignore nominato da Morlion, anchora lui de lordine e vescovo spagnolo, el quale in questo caso renuntio et si submisce *nouiter* in la volunta del reverendo Padre Generale el quale comando ad ambi dui dovesino aprire questo sancto libro et vedere quello li era dentro, bene o male, in loquale a li homini di Dio facilmente si pò iudicare quanto sia lo bene che in quello si contiene et non alchuno male.

\*

Et a questa apertura si ritrovareno solamente questi cinque frati, *videlicet*, prima, el Reverendo Generale maestro Egidio da Melia; secundo, lo vesco Morlion, el quale canto la messa del Spiritu Sancto. E li ministri furono questi,

como *etiam* essi mi hano narrato: el diacono, frate Bernardo, da Milano; el subdiacono, frate Tito, da Roma; el terzo fo maestro Zorzo Benigno, el quale fu vero aperitore di questo libro e per obedientia lo aperse dicendo lui *etiam* sapesse di morire: per obedientia lo volio aprire. E questa fu la auctorita grande la quale exclude ogni presumptione; el quarto fu el Pe. fr. Ysaia e lui fui che poso la messa, porto el libro in gresia; el quinto fu il Pe. frate Bernardino de Antignato el quale anchora lui ma narrato questo facto dicendomi che in secreto non era contento si aprisse per non offendere Dio.

In quelli di fu fato frate Ysaia de custodo ministro dal generale sopraditto. Dui anni steti custode e lo terzo ministro.

\*

*Item* memoria como lo libro del beato Amadio fu scripto tutto *de uerbo ad uerbum* per bocha de esso beato como lui diceva a misere Francesco Biondo da Modona e questo fu el suo primo scriptore. E fu scripto esso libro in la crotta grande, per che dua crotte erano in quello monte in speciale e la dove era la mazore e dove è al presente la gresia nova laquale ha fato fare lo re di Spagna eli in quella crotta el beato predisse al suo scriptore predito como qui sarebe una volta una bella gresia como si vede per experientia. Et fu lo libro scripto tutto in uno anno vel circha, excepto poche cosse nela fine per non trovarse in quelli tempi lui a Roma. E quello anno che fu scripto, el beato Amadio ando a Milano eli con la gratia di Dio fini el corso dela vita sua. E questo fu nel 1482, a di 10 de Augusto.

E queste io ho avuto dal preditto misere Francesco Biondo, homo degno di fede, a di 10 de Junio nel 1515, con molte altre cosse che no li scrivo per breuità

\*

*Item* memoria como a di 16 de Zenaro, nel 1516, narro monsignore maestro Zorzo Benigno, arcivesco di Nazareth, al padre frate Gregorio da Lode et a mi, frate Michele da Trecha, como siando a Roma e venendo una volta di santo Pietro inverso Transtevere e lo Beato padre nostro Amadio andava inverso santo Pietro et incontrandosi per la via e lo Beato Amadio abbracio maestro Zorzo et feceli di molte careze dicendo e questo quello fiute cossidotto. Siché credo che per spirito divino lo cognoscessi in parte quello che Dio voleva fare de lui.

Anchora ne disse che venendo lui de Gallia dal studio et arivando in Milano li fu dito como era morto uno sancto homo frate et padre de li poveri frati di Sancta Maria dela Pace da Milano et che in quello di che fu sepulto, siando nela gresia in lo cadelecto che lui, cioe, el Beato Amadio si levava e

pareva che volesse usire delo cadelecto con grande alegrezza e iubilo. Siché è de credere aquelli però che ano qualche cognitione de le cose secrete revelate da Dio. Che Dio facessi questi segni in lo Beato Amadio da poi la morte in quello ponto et hora che maestro Zorzo Benigno intrava in Milano per le cose future da lui predicta...

Io intendo(?) anchora di scrivere alchune prophetie del Beato Amadio secundo che ho audito narrare da qualchi nostri patri vechii più volte. E prima *qualiter* siando il Beato Amadio a Cremona, a Sancta Maria de le Gratie, nostro loco, e tenendo lo capitulo e avengna che allora li fussi pochi frati, *tamen* in quelli pochi si erano anchora el padre frate Hieremia di Vismari, da Milano, e lo padre frate Ysaia da Varese, li quali frati erano zotici et in predicamento di essere boni frati. Una volta, siando alchuni frati in compagnia com lo Beato Amadio, fu più uno frate che laudava molto li preditti frati dinanci al padre frate Amadio unde el padre, quasi agitando el capo, disse:

Tengo fide che per causa de li preditti frati la congregatione haverà di grande tribulatione a ciaschun di loro. E che nisuno di loro morirebe in la Congregatione. E cossi è stato per che lo padre frate Hieremia è morto a l'ospitale grande de Milano e frate Ysaia è morto a Sancto Angelo. Siché s'è verificato lo dito de lo sancto homo di Dio Beato Amadio.

De la tribulatione che ha avuto la Congregatione per causa di frate Hieremia in quelli di ch'io stava per essere vestito dal beato frate Lorenzo da Bagna Cavallo, io intese qualche cosa e cossi da poi, ma pure io non posso dire alchuna cosa per non havere inteso el fundamento *quia, ignoratis principiis, ignotrantur et ea que secuntur*.

Circha a quella tribulatione del padre frate Ysaia, per esse io stato in la Congregatione ne posso dire qualche pocho. Frate Ysaia, a quello che lui è stato molto honorato in la congregatione asai volte, è quasi de continuo guardiano a Roma e a Milano et è stato commissario e poi ministro e molto honorato e reverito e acharezato tanto che si pò dire lui essere stato ingrato, ingrato e ingratissimo a la Congregatione a c'io non dica ingrato a Dio. Per lui la Congregatione ha perso lo loco di Civita ducale. Da lui non è restato che la povera Congregatione non sia stata destructa, aderendosi lui com tale desiderio e speranza a li frati de la familia, pensando pur lui di havere li frati nostri a suo comando, ma la bontà di Dio li ha provisto che lamio di frati sono tutti voltati contra di lui, contra la sua volunta e bene merito a tanto homo ingrato.

Anchora per lui la povera congregatione ha perso lo gran thesoro del libro del Beato Amadio, lo quale libro frate Ysaia lo mando uno sabbato da matina per tempo al Cardinale di Sancta Croce da frate Theodoro da Ro in una sacheta.

## 2 - Apêndice do *Códice A 190* – Biblioteca Comunale, Bolonha.

Fr. Hieronimus Victurinus Venetus, Ordinis Predicatorum, theologus publicus, in Gymnasio Patauino professor ac vicarius generalis vicarie S. Dominici

Lectori

Rome dum negotia quedam pro vicaria nostra S. Dominici de mandato Rev. Vicarii Generalis tunc temporis F. Sixti Medicei, theologi eminentissimi, in Curia tractarem, crebro domi conueniebam Ambrosium Catherinum, episcopum, doctorem magni nominis multeque apud Julium III tunc temporis Pontificem auctoritatis et existimationis, a quo semel huiusce auctoris cum inter loquendum mentio inter eruditos aliquot qui aderant facta esset, hec de illius gestis et uita deprompta tamquam certa prorsus et explorata fuerunt. Querebatur enim ab eo censura de Amadei scriptis.

Fuit, inquit, Amadeus natione lusitanus, gente ac familia nobili. In seculo seruiuit regine cuidam, cuius amore cum captus esset, in illam usque ad insaniam deperibat, que, cum eius intemperiem sepius increpando coercere non potuisset, addidit postremo loco minas et necem eius se molituram etiam iuramento affirmauit. Quam ob causam, desperans se compotem insani uoti umquam futurum, religionem Sancti Francisci Senis, ni fallor, ingressus est. Vocarique uoluit frater Amator. Sed in anno probationis, meliori consilio suscepto, totum se in Domini famulatum tradidit, reiecto quamuis alio affectu, et sub professionis diem, publice coram fratribus causam sui in religionem ingressus prodidit ueniam postulans, meliora in dies de se multis pollicitis promittens, mutarique sibi nomen rursum uoluit et uocari non amplius Fr. Amator, sed Fr. Amadeus.

Emissoque religionis uoto, adeo intra paucos annos integritate et honesta conuersatione profuit ut ad magnates et prefecturas honestissimas pro meritis a patribus Ordinis istius [accensurum?].

Vir tamen idiota erat et litterarum prorsus ignarus, presertim theologiarum et philosophicarum. Sciebat tamen legere, sed non scribere, et fortasse nullam latini sermonis cognitionem habebat.

Narrauitque mihi notarius illius qui eius raptus et sermones Ioanis Baptiste et Domini Iesu eius mandato scripsit quod dictabat omnia tenens breuiarium apertum in manibus, aspiciens illud ueluti legeret, et ipse notarius interim scribebat. Quem notarium ego Florentius ita opinor quod mihi dixit [mihi dixisse] semel in hanc gratiam adiui et de illo fratre Amadeo diligenter percuntatus sum, qui ita esse sicuti narraui affirmabat et iurabat. Quod, si

uerum est, magnum est argumentum quod a Spiritu Sancto hec habuit que scripsit.

Hec Ambrosius Catherinus.

Ego tamen ex diuo Paulo didici probandos esse spiritus, et angelum Satana interdum transfigurare se in angelum lucis non ut doceat, sed ut fallat, non ut saluet, sed ut perdat, ut diuus inquit Ambrosius. Ea propter, ex fructibus, hoc est, ex operibus non que fecit, quoniam de illis non habeo certum et constat testimonium, sed que scripsit siue per se siue per alium iuxta mandatum Domini a fratribus eorum, et illud: "ex ore tuo te iudico", et "ex uerbis tuis iustificaberis", et Platonis in Theeteto: "Fac ut te uideamus » uidere mihi uideor hunc hominem eruditum sane fuisse et acutum, quod eius scripta etiam stupidis lectoribus probant, multumque temporis impendisse in lectione ueterum Patrum et scholasticorum. Sed tamen uanum, subdolum, hypocritam et mendacem,

Vanum quidem mihi uidetur quoniam multa noua tam in doctrina quam et circa euentus futuros sine probatione frequenter adducit neglectim aut etiam spretis antiquioribus Patribus, quos tamquam Dei organa Ecclesia ueneratur.

Subdoluus quoniam scoticis deliriis ubi commode potest hoc sanctitatis fucio et pretexto mirum quomodo fere uibique fauet.

Hypocrita quoniam fingit speluncas, celos, raptus. Nam nemo Patrum talem scribendi modum preter prophetas obseruauit, quod est ualde expendendum, nec stilus nec phrasis aliud quam iactantiam sui et aliorum contemptum aut certe neglectum redolat.

Mendax etiam mihi uidetur in Ecclesie dogmata, ut patet de anima Christi quam uult Verbum fuisse in illo animam, que fuit heresis Apollinarii et quamquam uideatur referre fictitius ille Gabriel Ecclesie deffensor, tamen mirum quam frigide quamque parum honorifice in certas prophetias, nam de Pastore illo Angelico dicit se eum uidisse iuuenem et tamen ab eius obitu effluerunt paulo minus nonaginta annis et adhuc frustra exspectamus. Quare doctrinis uariis et peregrinis nolite abduci.

Notandum hic est quod stans illa per annos 1000 circiter, multos eruditos atque etiam pios uiros protulit, sed tamen multi ex illis prophetie donum se habuisse profitebant, ut diuus Vicentius, diua Brigita, diuus Angelus de Concordia, diua Catheria de Senis, fr. Manfredus, diuus Bernardinus de Senis, fr. Amadeus, de quo supra, fr. Hieronimus Savonarola et ille qui iudicium futurum sub annum Domini sexque milesimum trigesimum tertium, cuius nomen non recordor, qui omnes et alii, Deo ita uolente, in multis lapsis et decepti sunt, ut fidamus, tandem uerbo Domini et Ecclesie doctrina.

### 3 - Apêndice do *Manuscrito 1818*, Barcelona – C

Aprobaciones deste libro de las Revelaciones de Santo Amadeo

Yo el doctor Francisco de Bargas por la presente doy testimonio como este libro supra scripto fue traydo a la examination del R.º Sr.º Cardenal Don Alonso Manrique, Arçobispo de Sevilla y Inquisidor Mayor de España y por su R.ª S.ª me fue mandado que lo vise e examinase. El qual visto yo di en escrito a su S.ª R.ª lo que del me parecia, al qual scripto ahora también me remito. Pero digo que a lo que mi memoria ahora puede alcanzar en el dicho, fue mi parecer que non allava en el cosa herética ni repugnante a nuestra fe Católica. Y digo así mismo que después vi una carta del dicho Sr. R.º Cardenal scripta al Pe. fr. Antonio Ortiz en la qual su S.ª R.ª dice que el mando ver este libro ya dicho a ciertos theologos y non estavan escandalizados de lo en el contenido. Y posque esto es así verdad, en testimonio dello di esta firmada de mi nombre.

Fecha en Sevilla a 22 de Agosto de 1539

El doctor Francisco de Bargas

\*

En el Castillo de Triana, Jueves, a 21 dias del mes de Agosto del año de 1539 el R.º Sr.º Doctor Pe. Dias de la Plaça, Inquisidor apostólica contra la herética pravedad y apostasía en esta ciudad de Sevilla y su arçobispado con el obispado de Cádiz dio y entrego al R.mo e devoto Padre fr. Antonio Fermín, de la Orden de S. Francisco, de la Provincia de San Gabriel, que estava presente, un libro scripto de mano que se intitulava del Beato Amadeo, llamado *Apocalypsis Noua*, el qual dicho libro Su R.ª dixo lo depositava y lo deposito en el para que lo tenga asta tanto que le sea pedido e demandado, y le mando en ermín de santa obediencia no le dexe ni consienta trasladar a persona alguna, ni imprimir, ni lo dexe leer a persona de pocas letras. El qual dicho libro el Padre fr. Antonio Ortiz lo recibió en si y se comprometio a lo así cumplir. Y para que conste ser así, yo el notario infra scripto firme esta de mandado del Sr. Inquisidor dicho día, mes y año.

Pasó ante de mi, Fermín García, notario del Secreto.

\*

Yo fr. Pedro de Alcántara, de la Orden de S. Francisco, de la Provincia de S. Gabriel, doy testimonio como vi trasladar el libro supra scripto del Beato Amadeo a fray Antonio Ortiz de otro libro que traxo prestado de la Provincia de los Ángeles, el qual desia avia trahido a aquella Provincia, de Roma, el Cardenal de S.ta Cruz D. fray Francisco de Quiñónez antes que fuesse Cardenal, el qual libro traslado fray Antonio Ortiz ella casa de S. Francisco de

Beluiz de la Provincia de San Gabriel. Iendo al Capitulo General de Nissa por *custos custodum* de la Provincia del Sto. Evangelio, que es en las indias de Castilla, y de ay a un año fue este Padre Antonio Ortiz recibido por morador en la Provincia de S. Gabriel, en un Capitulo que se tubo en S. Gabriel de Badaxos, de la dicha Provincia, por una carta que el escribió volviendo de Roma de Capitulo General rogando que le recibiesen. Y con consentimiento y gran alegría de todos fue recibido y en el mismo Capitulo, estando el ausente, fue electo en ministro Provincial de la dicha Provincia. Pos que algunos de conversación y los mas de vida le conocían ser hombre de antigua edad en la religión y bien experimentado y aprobado en otras prelacías, y religioso de gran virtud, y muy devoto y buen Predicador. Y siendo Provincial le oy loar mucho este libro del Beato Amadeo y le oy desir que a todo lo que el alcanzaba era cathólico y que no tenía cosa que repugnase a nuestra fe cathólica, y que siendo provincial envió ese libro con dos frayles al R.º Sr. Cardenal Arçobispo de Sevilla, Don Alonso Manrique, Inquisidor Mayor de España, y el dicho Sr. Arçobispo le escribió dende algunos días al dicho fray Antonio Ortiz, en que desia que el avía mandado leer aquel libro del Beato Amadeo, y dele con cuidado a algunos theólogos y que non estavan escandalizados de lo en el contenido. La qual carta del Sr. Arçobispo se leyó en la Casa de la Madre de Dios de Albuquerque estando allí aiustados los guardianes y discretos de la Provincia a celebrar Capitulo Provincial. Y leyose en presencia de todos. Y siendo yo provincial en la dicha Provincia de San Gabriel que sucedí al dicho fr. Antonio Ortiz y fui electo en este Capitulo de Alburquerque embié a Sevilla al dicho fr. Antonio a ciertos negocios y para que truxesse el libro que el dicho S. Arçobispo avía dicho que lo enviaría. Y de aquel camino le truxo con un testimonio del Doctor Bargas, el qual yo vi e ley muchas vezes. Y ese que estava arriba scripto es sacado del *de uerbo ad uerbum*. Y porque es verdad lo arriba contenido lo firme de mi nombre.

Echa en Azeyton a 21 de Hebrero de 1543  
frater Petrus de Alcantara

\*

Eu, o d Aveiro B, faço saber aos que este lerem que eu mandei buscar este livro atrás scripto e o ouve por ua carta do Geral fr. João Calvo em que o mandou pedir a esse Padre frei António Ortiz para o ver ei lo tornar a mandar. O qual libro o fice desencadernar e tresladar a quatro pessoas por ser feito com mais brevedade, o qual está tresladado en 304 follas e **asitte** per estas dous scriptes destes inquisidores de Castella. E mais donesse mon hafé que vi una carta dito fr. António Ortiz que escreveu ao Pe. Geral em que diz que elle deu o dito ao Cardeal Arçobispo de Sevilla que a esse tempo era inquisidor e que a cabo de três anos lo tornaraon cao diligença conteuda na certidão a cima

scripta, e que o Arçobispo lle escrivio o que a cima se conten, o a si fice escrivir para se saver que en dito libro he visto dos Inquisidores de Castella, por largo tempo examinado, e segundo o que parece naon echaraon nelle causa porque o naun deve de tornar a seu dono, segun lo se acima conten. Acavose a 13 de Nom.e de 1542. E no fice tarladar se mo Pe. que o deu ser savidor que o trasladara por naon encorrer na culpa de ir contra o queche mandaron.

O Duque

\*

Eu, frei Miguel dos Santos, religioso dela Orden de Sto Augostino dos Eremitas en esta Província de Portugal e pregador da muito descarecida princesa, a Rainha Dona Catherina de Áustria, nostra S.<sup>a</sup>, deu mon afé e certifico com os assignados supra scriptos doutro libro que ouve às manos, o qual me emprestou a illus.ma S.<sup>a</sup> dona Anna de Arragon, dama da dita R.ma n.ra S.<sup>a</sup>, a qual dona Anna o ouve por industria do doctor Mestre <sup>a</sup>.no secreto de S.<sup>a</sup>, e no fice trasladar todo per minha mão, na minha cella, neste convento de Santa Maria de Graça da sobredita Orden, na cidade de Lisboa. E cabei de os escrivir dia do St. Benodato António de Pádua pola manhan, a 13 de Junio de 1577 ano. Et tendo passado e todo lido com atençon, não che causa alguna queu achei qui me offendese ne parecese contrária a nosa santa fee cathólica ne a os bonos costumes, antes me parece muy pio e devoto e dino de ser llido para glória de nosso Senhor e consolaçaoion de quem o lere.

fr. Miguel de los Santos

\*

El cardenal Infante don Enrique, Inquisidor General en los reynos de Portugal mandou en Lisboa recoger esse libro y darle a los Señores inquisidores para ser visto y examinado, y yo le lleve a la mesa del Sancto Officio y me le tubieron alla mas de dies años, y al cabo desse tiempo el Padre Maestro fray Bartolome Ferrara reveedo de libros y examinado general por el dicho Sancto Officio me el bolvio sin condicion ni limitacion alguna, y me le embió a A. Madrigal, a donde me fue dado a 14 de Março deste año de 1590

fray Miguel de los Santos

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fortunato de  
*História da Igreja em Portugal*, Nova Edição, preparada e dirigida por Damião Peres, Porto-Lisboa, Livraria Civilização-Editora, 1968
- ALVES, Herculano  
*Símbolos na Bíblia*, Fátima, Difusora Bíblica, 2001
- BARBOSA MACHADO  
*Bibliotheca Lusitana*, Coimbra, Atlântica Editora, 1965-1966
- BOEHNER, Philotheus / GILSON, Etienne  
*História da Filosofia Cristã*, Petrópolis, Editorial Vozes, 1985
- BRIGIDA DA SUÉCIA (Santa)  
*Revelaciones*, ed. Birger Bergh, <http://WWW.umilta.net/bk7.html>
- CARVALHO, Joaquim de  
Obra Completa II, *História da Cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1948-1955
- CHADWICK, Owen,  
*História da Igreja: 3, A Reforma*, Lisboa, Ulisseia, 1964
- CHÉLINI, Jean, BRANTHOMME, Henry  
*Les chemins de Dieu, Histoire des Pèlerinages Chrétiens, des Origines à nos Jours*, Paris, Hachette, 1982
- CÍCERO, Marco Túlio  
*De Senectute*, Quinta Edición Revisada, Madrid, Editorial Gredos, 1986
- CIDADE, Hernani  
*Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, 4.<sup>a</sup> Edição, Coimbra, Coimbra Editora, 1959
- COHN, Norman  
*Na Senda do Milénio*, Lisboa, Editorial Presença, 1981

CORDEIRO FERREIRA, M.E.

*Dicionário de História de Portugal*, dir. J. Serrão, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1963, s.u. "Távora"; "Ourém, 3.º conde".

COTHENET, Edouard

*Dictionnaire des Religions*, Paris, PUF, 1984, s.u. "Millénarisme"

CURTIUS, Ernest Robert

*Literatura Europea y Edad Media latina*, Madrid, FCE, 1984

DANIÉLOU, Jean

*Théologie du Judéo-Christianisme*, Segunda edição, Paris, Desclée/Cerf, 1991

DELUMEAU, Jean

- *Mil Anos de Felicidade*, Lisboa, Terramar, 1997

- *Uma Ideia do Paraíso*, Lisboa, Terramar, 1994

DIAS Y DIAS, M.C. et alii

*Hislampa, Autores Latinos Peninsulares da Época dos Descobrimentos, 1350/1560*, Lisboa, INCM, 1993

D. EDUARTE, Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta

*Leal Conselheiro*, Edição crítica e anotada, organizada por Joseph M. Piel, Lisboa, Livraria Bertrand, 1942

EUSÉBIO DE CESAREIA

*Historia Ecclesiastica*, texto, version española, introduccion y notas  
Argemiro Velasco-Delgado O.P., Madrid, Bac, 2002

HILAIRE, Yves-Marie (Dir.)

*Histoire de la Papauté*, Éditions Tallandier, 2003

IACOPO DA VARAZZE

*Legenda Aurea*, Edizione critica a cura di Giovanni Paolo Maggioni, Seconda Edizione Rivista Dall'Autore, Sismel, Firenze, Edizione del Galluzzo, 1998

KANNENGIESSER, Ch

*Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Petrópolis, Editorial Vozes e Paulus, 2002, s.u. "Apolinário de Laodicéia (apolinarismo)"

KNOWLES, D. / OBOLENSKY, D.

*Nova História da Igreja – II, A Idade Média*, Petrópolis, Editorial Vozes, 1983

KÜNG, Hans

*O Cristianismo, Essência e História*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002

LABANDE, E. R.

*L'Italie de la Renaissance*, Paris, Payot, 1954

LE GOFF, J.

*Dictionaire du Moyen Âge*, Paris, A. Michel, 1997, s. u. "Louis XI, roi de France"

LUBAC, H. de

*La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore*, Paris, P. Lethielleux, 1987

MACEDO, Jorge de

*Enciclopédia Verbo*, s.u. "Aveiro (Duques de)"

MARA, M.G.

*Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Petrópolis, Editorial Vozes e Paulus, 2002, s.u. "Apócrifos"

MARCOS DE LISBOA, Fr.

*Tercera Parte de las Chronicas de la Orden de los Frayles Menores del Seraphico Padre S. Francisco*, Lisboa, 1615

MARIANO DE FIRENZA, Fra

*Vita del Beato Amaddio*, ed. Paolo Maria Sevesi, Firenze, 1911

MARTINS, Mário

- "*Santa Beatriz da Silva no Teatro Espanhol do séc. XVII*", Separata de *Didaskalia*, vol. VI, 1976

- "*A Imaculada Conceição na Espiritualidade Portuguesa*", *Brotéria*, XLIII, 1946, 557-569

MATTOSO, A. G.

*Enciclopédia Verbo*, s.u. "Luis XII"

MAURÍCIO, Domingos

*"A Lenda Amorosa do Beato Amadeu"*, *Brotéria* XVII, 1933, 186-197

MIGNE, J.P.  
*Patrologiae Cursus Completus, Turnholti* (Belgium), Typographi Brepols Editores Pontificii

MORA, José Ferrater  
*Diccionario de Filosofia*, Marid, Alianza Editorial, 1981

NASCIMENTO, Aires A.  
"As Livrarias dos Príncipes de Avis", *Biblos*, Vol.LXIX, 1993 (Separata)

OVÍDIO, Públio ... Nazão  
*Metamorphoseon*, Paris, Les Belles Lettres, 1961

OTERO, Aurelio de  
*Los Evangelios Apocrifos*, Edición Critica bilingüe. Madrid, BAC, MCMXCIII

PICHON, René  
*Histoire de la Littérature Latine*, Paris, Librairie Hachette et C.ie, 1903

PINA, Rui de  
*Crónica do Senhor Rey D. Duarte*, Porto, Lello & Irmão-Editores, 1977

RANK, Leopold von  
*Historia de los Papas en la Época Moderna*, 6ª reimp. México, FCE, 1993

REBELO, Luis de Sousa  
*A Conceção do Poder em Fernão Lopes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1983

RIGAUX, Béda / RENAUD, Bernard  
*Vocabulário de Teologia Bíblica*, Petrópolis, Editorial Vozes, 1992, s.u. "Revelação"

ROPS, Daniel  
*História da Igreja de Cristo IV – 1º, A Reforma Protestante*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1962

SARAIVA, António José  
*O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, 4.ª Edição, Lisboa, Gradiva, 1995.

SÉNECA, Lúcio Aneu  
*Epistulae ad Lucilium*, Paris, Classiques Garnier, 1945

SOUSA COSTA, António Domingues de  
- *Studio Critico e documenti inediti sulla vita del Beato Amadeo da Silva nel Quinto Centenario della morte*. Estratto.

Romae, Pontificium Athenaeum Antonianum, 1985

- "Aproximação da espiritualidade de Santa Beatriz da Silva e seu irmão Beato Amadeu com os frades do Santo Evangelho e Capuchos, evangelizadores de África, América e Índia."

*Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época, Actas*, V volume, 1989

TACITUS, Cornelius

*Annales*, Paris, Librairie Hachette et Cie, 1902

TUYA, Manuel de / SALGUERO, José

*Introduccion a la Biblia*, Madrid, BAC, MCMLXVII

VIEIRA, António

- *Cartas*, coord.de J. Lúcio de Azevedo, Lisboa, INCM, 1997

- *Clavis Prophetarum*, Liber Tertius, Edição Crítica de Arnaldo do Esp. Santo, Lisboa, BNL, 2000

WALDENFELS, H. / WIESSNER, G.

*Léxico das Religiões*, Petrópolis, Editorial Vozes, 1998, s.u. "Revelação"

ZURARA, Gomes Eanes

*Crónica da Tomada de Ceuta, Introdução e Notas de Reis Brasil*, Lisboa, Europa-América, 1992